AS CRÔNICAS DE NÁRNIA

C. S. LEWIS

C. S. LEWIS

AS CRÔNICAS DE NÁRNIA

O Sobrinho Do Mago

Tradução
Paulo Mendes Campos

Martins Fontes

As **Crônicas de Nárnia** são constituídas por:

Vol. I – *O Sobrinho do Mago*

Vol. II – *O Leão, o Feiticeiro e o Guarda-Roupa*

Vol. III – *O Cavalo e seu Menino*

Vol. IV – *Príncipe Caspian*

Vol. V – *A Viagem do Peregrino da Alvorada*

Vol. VI – *A Cadeira de Prata*

Vol. VII– *A Última Batalha*

Para a família Kilmer

1
A PORTA ERRADA

O que aqui se conta aconteceu há muitos anos, quando vovô ainda era menino. É uma história da maior importância, pois explica como começaram as idas e vindas entre o nosso mundo e a terra de Nárnia.

Naqueles tempos, Sherlock Holmes ainda vivia em Londres e as escolas eram ainda piores que as de hoje. Mas os doces e os salgadinhos eram muito melhores e mais baratos; só não conto para não dar água na boca de ninguém.

Naquela época vivia em Londres uma garota que se chamava Polly. Morava numa daquelas casas que ficam coladas umas nas outras, formando uma enorme fileira.

Uma bela manhã ela estava no quintal quando viu surgir por cima do muro vizinho o rosto de um garoto. Polly ficou muito espantada, pois até então não havia crianças naquela casa, apenas os irmãos André e Letícia Ketterley, dois solteirões que moravam juntos.

Por isso mesmo, arregalou os olhos, muito curiosa. O rosto do menino estava todo encardido. Não poderia estar mais encardido, mesmo que ele tivesse esfregado as mãos na terra, depois chorado muito e então enxugado as lágrimas com as mãos sujas. Aliás, era mais ou menos isso que havia acontecido.

– Oi – disse Polly.

– Oi – respondeu o menino. – Qual é o seu nome?

– Polly. E o seu? – Digory.

– Puxa, que nome sem graça! – disse ela. – Acho Polly muito mais sem graça.

– Não é, não. – É, sim.

– Bom, pelo menos eu lavo o rosto – disse Polly. – É o que você deveria fazer, principalmente depois... – e parou. Ia dizer: “Principalmente depois de ter chorado por aí”, mas achou que isso não seria muito delicado.

– Está bem, chorei mesmo – disse Digory, bem alto. Sentia-se tão infeliz que nem se incomodava que soubessem que andara chorando. – Você também choraria, se tivesse vivido a vida inteira no campo, e tivesse tido um pônei, e um rio no fundo do quintal, e de repente viesse morar nesta droga de buraco...

– Londres não é um buraco – reclamou Polly, indignada. Mas o menino estava tão aborrecido que nem prestou atenção, continuando a falar:

–...e se seu pai estivesse na Índia e você tivesse de viver com uma tia e um tio louco (quem ia gostar?), e isso porque eles têm de tomar conta de sua mãe... e se sua mãe estivesse doente e fosse... e fosse... morrer...

Aí o rosto de Digory ficou esquisito, como se ele estivesse fazendo força para não chorar. Polly falou com doçura:

– Desculpe. Eu não sabia de nada. – E, como não tinha mais o que dizer, ou querendo animar o garoto, perguntou:

– Seu tio é mesmo doido?

– Ou é doido ou então há um mistério nisso. Ele tem um estúdio no último andar e tia Leta nunca me deixa ir lá. Isso não me cheira bem. Tem mais: sempre que ele quer me falar alguma coisa na hora do jantar, ela não deixa, dizendo: “Não aborreça o menino, André.” Ou então: “Digory não está nada interessado nisso.” Ou: “Digory, acho melhor você ir brincar no quintal.”

– Mas que tipo de coisas ele tenta lhe dizer? – perguntou a menina.

– Não tenho a menor idéia. Ela nunca deixa ele continuar. Tem outra coisa: ontem à noite, eu estava passando perto da escada do sótão, indo para a cama, quando ouvi um grito.

– Quem sabe ele não tem uma mulher louca que ele esconde lá dentro? – sugeriu a menina. – já pensei nisso.

– Quem sabe ele faz dinheiro falso...

– Também pode ter sido um pirata e agora anda escondido dos antigos companheiros. – Sensacional! – exclamou Polly. – Jamais podia

imaginar que sua casa fosse tão interessante.

– Você diz isso porque nunca dormiu lá. Não é nada agradável acordar no meio da noite ouvindo as passadas do tio André no corredor, vindo na direção do seu quarto. E os olhos dele são de dar medo!

Foi assim que Polly e Digory se conheceram. Era no início das férias de verão e, como nenhum deles iria viajar para a praia, passaram a encontrar-se quase todos os dias.

As aventuras começaram principalmente por um motivo: era um daqueles verões muito úmidos e quentes, de modo que, em vez de brincar ao ar livre, eles preferiam fazer incursões dentro de casa. É impressionante quantas explorações a gente pode fazer num casarão, com um toco de vela na mão.

Algum tempo atrás, Polly havia descoberto que uma portinha no sótão de sua casa dava para uma caixa-d'água e um lugar escuro. O lugar escuro parecia um túnel comprido com uma parede de tijolos de um lado e um telhado inclinado do outro. Não tinha assoalho no túnel: era preciso andar de viga em viga, pois entre elas havia somente massa, na qual não se podia pisar, sob o risco de se cair do teto no aposento de baixo. Polly utilizava um pedacinho do túnel, perto da caixa, como uma caverna de contrabandista. Levara para lá tábuas de caixotes, assentos de cadeiras quebradas, coisas que ia espalhando entre as vigas, para fazer uma espécie de assoalho. Também guardava ali uma caixa contendo vários tesouros, uma história que andava escrevendo e maçãs. Era ali também que costumava beber tranqüilamente sua garrafa de soda: as garrafas vazias ajudavam a fazer o ambiente.

Digory gostou muito da caverna (ela não lhe mostrou a história), mas estava mais interessado em prosseguir nas explorações.

– Olhe aqui – disse ele. – Até onde vai este túnel? Ele pára onde termina a sua casa?

– Não, continua. Só não sei até onde.

– Quer dizer, então, que poderíamos andar por cima de todas as casas do quarteirão.

– Poderíamos, não, podemos.

– Hein?

– Podemos até entrar numa outra casa.

– Ah, é? E acabar na cadeia como ladrão! Não conte comigo.

– Não seja tão espertinho. Eu só estava pensando na casa depois da sua.

– Que tem a casa depois da minha?

– Está vazia. Papai disse que está vazia desde que mudamos para cá.

– Vamos dar uma olhada – disse Digory. Estava bem mais entusiasmado do que demonstrava. Naturalmente pôs-se a imaginar por que a casa estava vazia há tanto tempo. Polly se perguntava a mesma coisa. Mas nenhum deles disse a palavra “mal-assombrada”. E ambos sentiram que agora seria uma fraqueza não ir adiante e descobrir o mistério.

– Que tal se a gente fosse agora mesmo? – indagou Digory.

– Está bem – respondeu Polly. – Não precisa ir, se não quiser.

– Se você topa, eu também topo.

– Como a gente vai saber que está em cima da casa vizinha?

Resolveram descer e contar quantos passos havia em toda a extensão da casa e, depois, contaram os passos entre uma viga e outra, para saber quantas vigas existiam sobre a casa. Então, multiplicaram esse número por dois; o resultado obtido corresponderia ao fim da casa de Digory; dali para frente, só poderiam estar no sótão da casa vazia.

– Mas não acho que ela esteja mesmo vazia! – disse Digory.

– Como assim?

– Acho que alguém mora lá, escondido, saindo e entrando tarde da noite, com uma lanterna abafada. Acho que vamos descobrir um bando de assassinos e ganhar uma recompensa. É besteira acreditar que uma casa fique vazia esse tempo todo, a não ser que exista algum mistério.

– Papai acha que é por causa do mau estado do encanamento – observou Polly.

– Encanamento! Gente grande tem a mania de dar explicações sem graça! – disse Digory. Agora, que conversavam à luz do dia, não parecia

muito provável que a casa estivesse mal-assombrada.

Não estavam muito seguros sobre as medições e os cálculos no papel, mas, de qualquer maneira, não havia tempo a perder.

– Não podemos fazer o menor barulho – disse Polly quando subiram e se encontraram perto da caixa-d'água. Cada um levava consigo uma vela (coisa que não faltava na caverna de Polly).

Estava muito escuro e empoeirado. Iam pisando de viga em viga, sem dizer palavra, exceto quando cochichavam um para o outro: "Já devemos estar na metade do caminho" – ou coisa parecida. Ninguém tropeçou. As chamas das velas agüentaram firme.

Por fim descobriram uma portinha encaixada na parede de tijolos, à direita. Não havia maçaneta desse lado, mas havia um pegador, como se vê às vezes na parte interna da porta de um armário. – Abro? – perguntou Digory.

– Se você topar, eu topo – respondeu Polly.

A coisa estava começando a ficar séria, mas ninguém ia dar para trás. Digory empurrou o pegador com dificuldade. A porta abriu-se toda e a súbita luz do dia doeu-lhes nos olhos. Então, com grande espanto, viram que estavam olhando não para um sótão vazio, mas para um quarto mobiliado.

Não parecia ter ninguém. O silêncio era tumular. A curiosidade de Polly resolveu a indecisão: soprando a chama da vela, ela entrou no quarto estranho, quietinha como um camundongo.

O local tinha naturalmente a forma de sótão, mas estava arrumado como uma sala de estar. Não havia canto de parede sem estantes, e não havia canto de estante que não estivesse atulhado de livros. O fogo crepitava na lareira; era um verão muito frio, como você se lembra. Diante do fogo estava uma poltrona alta. Entre a poltrona e Polly, enchendo quase a metade da sala, havia uma mesa enorme, repleta de objetos – livros, cadernos grossos, vidros de tinta, canetas, um microscópio. Mas o que Polly notou em primeiro lugar foi uma bandeja de madeira contendo um certo número de anéis. Os anéis estavam colocados em pares – um amarelo e um verde juntos, um pequeno espaço, depois outro anel amarelo com um anel

verde. Não eram maiores do que os anéis comuns, e era impossível deixar de olhar para eles, pois eram muito brilhantes e bonitos.

A sala estava tão quieta que se percebia logo de entrada o tique-taque do relógio. Mas, notava-se agora, não era tão quieta assim. Havia no ar um ligeiro, um muito ligeiro zumbido. Se os aspiradores de pó já tivessem sido inventados, Polly imaginaria que se tratava do ruído de um aspirador de pó funcionando lá longe, bem longe. O som era mais agradável do que o de aspirador, mais musical, mas era tão leve que mal se podia ouvir.

– Tudo bem – disse Polly –, não tem ninguém aqui. – Ela passou a cochichar. Digory também entrou, piscando o olho, sujo pra valer... Polly também não estava nada limpa.

– Não estou gostando disso – falou Digory. – Não é uma casa vazia coisa nenhuma. É melhor a gente cair fora antes que chegue alguém.

– Que é isso? – perguntou Polly, apontando para os anéis.

– Deixe para lá. O melhor é a gente cair...

Não chegou ao fim. A poltrona na frente do fogo moveu-se de repente e dela surgiu, como um diabo de comédia pulando de um alçapão, a figura amedrontadora do tio André. Não estavam mesmo na casa vazia: estavam na casa de Digory! No estúdio proibido!

– Minha nossa! – exclamaram as duas crianças. Tio André era altíssimo e muito magro. Tinha uma cara comprida, com um nariz pontudo, olhos faiscantes e uma moita de cabelos grisalhos.

Digory estava mudo, pois tio André parecia mil vezes mais apavorante do que antes. Polly ainda não estava tão amedrontada. Mas não demorou muito, pois a primeira coisa que tio André fez foi cruzar a sala e trancar a porta. Voltou-se, fixou as crianças com seus olhos faiscantes e sorriu, mostrando todos os dentes.

– Ah! Agora a louca da minha irmã não pode mais nos perturbar!

Era terrível, muito diferente de tudo o que se pode esperar de um adulto! Polly tinha o coração na boca. Ela e Digory começaram a caminhar na direção da portinhola por onde haviam entrado. Tio André foi mais ligeiro, fechando também essa passagem. Depois esfregou as mãos, estalando os nós dos longos dedos muito brancos.

– Encantado em vê-los – disse. – Duas crianças! Exatamente o que eu mais queria neste momento! – Por favor, Sr. André – disse Polly –, está quase na hora do jantar e tenho de ir para casa. Quer deixar a gente sair, por favor?

– Ainda não – respondeu tio André. – A oportunidade é boa demais para eu perdê-la. Estou em plena fase de uma experiência importantíssima. Utilizei um porquinho-da-índia e parece que deu certo. Mas o que pode um porquinho-da-índia relatar? Impossível explicar para ele como voltar.

– Escute aqui, tio André – disse Digory –, está mesmo na hora do jantar, e daqui a pouco estarão chamando por nós. Melhor o senhor deixar a gente ir embora.

– Melhor... por quê?

Digory e Polly trocaram olhares aflitos. Não ousavam dizer coisa alguma, mas os olhares significavam o seguinte: “Que coisa pavorosa!” E também: “Vamos ver se damos um jeito.”

– Se o senhor permitir que a gente vá jantar – falou Polly –, voltaremos mais tarde.

– Como posso saber que voltarão realmente? – perguntou tio André, com um sorriso astuto. Pareceu, no entanto, mudar de idéia.

– Muito bem, se precisam mesmo ir, que hei de fazer? Não deve ser divertido para dois jovens como vocês conversar com um velhote. – Deu um suspiro e continuou: – Vocês não podem imaginar como me sinto sozinho às vezes! Podem ir jantar, meus filhos. Mas antes quero lhes dar um presente. Não é todo dia que encontro uma moça neste meu velho estúdio, principalmente uma senhorita tão bela como você.

Polly já começava a achar que ele não era tão louco, afinal de contas.

– Quer um anel, meu bem? – perguntou tio André.

– Um daqueles verdes? Quero, sim!

– Um verde, não! – replicou tio André. – Lamento muito não poder dispor dos anéis verdes. Mas terei o maior prazer em presenteá-la com um dos amarelos: de todo o coração. Experimente um.

Polly já havia superado o medo e estava convencida de que o velho não era louco. E os anéis eram de fato atraentes. Caminhou para a bandeja.

– Estranho! O zumbido aqui é mais forte. Parece que vem dos anéis.

– Você está imaginando coisas, cara menina – disse o velho, com uma risada. Parecia uma risada comum, mas Digory percebera uma expressão quase de gula na face do tio.

– Polly, não banque a idiota! – gritou ele. – Não toque nos anéis!

Era tarde demais. Polly já tinha pegado um anel. E imediatamente, sem barulho, sem um clarão, sem nenhum aviso, já não existia Polly. Digory e tio André estavam agora sozinhos na sala.

2
UM DIÁLOGO ESTRANHO

Foi tão repentino, tão horrível, tão diferente de tudo o que já havia acontecido a Digory, mesmo em pesadelos, que ele deu um grito. Instantaneamente a mão de tio André tapou-lhe a boca.

– Nada disso! Sua mãe pode ouvir, e você sabe muito bem que ela não deve levar sustos.

Nada podia ser mais desagradável, disse Digory mais tarde, do que lidar com um sujeito naquelas condições. Mas não gritou de novo.

– Melhor assim – disse tio André. – Reconheço que é chocante quando vemos pela primeira vez uma pessoa sumir. É fato: até eu fiquei arrepiado quando vi outro dia o porquinho-da-índia desaparecer.

– Foi naquele dia que o senhor deu um berro? – Ah, você ouviu? Espero que não ande me espionando.

– Não fiz isso – disse Digory, indignado –, mas quero saber o que aconteceu com a Polly.

– Pode me dar os parabéns – replicou tio André, esfregando as mãos. – Minha experiência deu certo. A menina se foi, sumiu deste mundo!

– O que o senhor fez com ela?

– Enviei a menina para um outro lugar. – Que história é essa?

Tio André sentou-se e respondeu:

– Bem, vou contar-lhe tudo. Já ouviu falar de dona Lenir?

-Não é uma tia-avó ou qualquer coisa parecida? – Não é exatamente isso; era a minha madrinha. Aquela ali na parede.

Digory olhou e viu uma fotografia amarelada, mostrando uma velha com um chapéu antigo. Lembrava-se agora de que já vira uma foto dela numa velha gaveta. Tinha perguntado à mãe quem era, mas esta preferira não tocar no assunto. Não era uma figura simpática – pensou Digory –, mas a gente nunca tem certeza quando se trata dessas fotografias antigas.

– Havia alguma coisa... algo errado com ela, tio André? – perguntou o menino.

– Bom – respondeu o tio, estalando os dedos –, isso depende do que você chama de errado. As pessoas são tão quadradas! Sem dúvida, ficou bastante esquisita nos seus últimos tempos. Não tinha muito juízo. Foi por isso que a prenderam.

– Num hospício?

– Não! Que é isso?! De maneira nenhuma! Só na cadeia.

– Ah, sim.. Por quê?

– Ah, coitadinha – respondeu tio André –, andou agindo mal. Tanta coisa! Mas não vamos falar nisso. Sempre foi muito boazinha para mim!

– Escute, tio, que tem a ver uma coisa com a outra? Quero saber se Polly...

– Tudo a seu tempo, rapaz. Eu era uma das poucas pessoas que minha madrinha gostava de ver quando adoeceu gravemente. Ela não se dava com as pessoas comuns, ignorantes, entende? Também eu sou assim. Mas ambos nos interessávamos pelas mesmas coisas. Poucos dias antes de morrer, ela me disse para ir buscar em sua casa uma pequena caixa, que ela guardava numa velha escrivaninha. No momento em que toquei na caixa já senti, pelo formigamento dos meus dedos, que tinha nas mãos um vasto segredo. Deu-me a caixa e tive de fazer-lhe uma promessa: logo que ela morresse, tinha de queimar tudo, sem abrir, depois de certas cerimônias. Não cumpri minha promessa.

– Não diga! Foi muito feio de sua parte! – exclamou Digory.

– Feio? – perguntou tio André, muito admirado. – Ah, estou entendendo. Está querendo dizer que os meninos devem cumprir suas promessas. Muito bem, estou gostando de ver. Mas também deve admitir que essas regras morais, embora excelentes para as crianças... e para a

criadagem... e para as mulheres... e para as pessoas em geral... não podem ser aplicadas aos grandes estudiosos, aos grandes sábios, aos grandes pensadores. Não, Digory! Homens como eu, conhecedores da sabedoria oculta, não estão amarrados a essas regras vulgares... do mesmo modo como estamos distanciados dos prazeres vulgares. Nosso destino, meu filho, é solitário, mas está acima de tudo.

Suspirou e assumiu uma expressão tão grave, tão nobre, tão misteriosa, que por um instante Digory chegou a pensar que ele dissera alguma coisa muito profunda. Lembrou-se porém da cara feia do tio um momento antes de Polly sumir, e as palavras perderam a eloqüência. Pensou: “Ele está querendo dizer é que pode fazer tudo o que quiser para obter tudo o que desejar.”

– Naturalmente – prosseguiu tio André –, durante muito tempo não ousei abrir a caixa. Sabia que devia estar guardando algo extremamente perigoso, pois a minha madrinha era de fato uma mulher fora do comum. Para dizer a verdade, era uma das últimas criaturas mortais, neste país, que ainda tinha nas veias sangue de fada. (Uma vez me disse que havia mais duas no tempo dela: uma duquesa e uma arrumadeira.) Sério, Digory, você está agora conversando com o último homem (muito provavelmente) que teve realmente uma fada madrinha. Que tal? É uma coisa de que você poderá se lembrar com orgulho quando tiver a minha idade.

“Aposto que era mais uma bruxa do que uma fada”, pensou Digory, acrescentando em voz alta: – Quero é saber de Polly.

– Que mania de bater sempre na mesma tecla! – exclamou tio André. – Como se isso fosse a coisa importante! Minha primeira iniciativa foi, naturalmente, estudar a própria caixa. Era muito antiga. já bem sabia que não era grega, nem egípcia, nem babilônica, nem hitita, nem chinesa. Era mais antiga do que essas nações. Ah, que dia fabuloso quando descobri, afinal, a verdade! A caixa viera da Atlântida, quer dizer, era séculos mais velha do que essas coisas da Idade da Pedra que costumam desenterrar aí na Europa. Não era uma coisa rústica como aquelas outras. Pois já na aurora do tempo a Atlântida era uma grande cidade, com palácios, templos e homens cultos.

Fez uma pausa como se esperasse algum comentário de Digory. Mas este, que de minuto a minuto estava gostando menos do tio, não disse nada.

Tio André retomou a palavra:

– Enquanto isso, eu estava aprendendo um bocado sobre magia em geral (não seria conveniente contar isso a uma criança). Enfim, cheguei a ter uma boa noção das coisas que podiam existir dentro da caixa. Depois a de vários estudos, fui apertando o cerco. E claro: tive de conhecer algumas... bem... algumas pessoas, digamos, à margem da sociedade... Passei por algumas experiências muito, muito desagradáveis. Foi por isso que fiquei de cabelos brancos. Mas ninguém pode virar feiticeiro sem pagar um preço. Acabei perdendo a saúde. Mas melhorei. E acabei conhecendo o segredo.

Embora não houvesse a menor possibilidade de que alguém pudesse escutá-los, tio André inclinou-se e cochichou:

– A caixa da Atlântida continha certa coisa que fora trazida de outro mundo, quando o nosso mundo mal começava!...

– Que coisa? – perguntou Digory, que mesmo sem querer já estava curioso.

– Pó. Pó fininho, pó seco. Nada de entusiasmar. Nada que valesse tanto trabalho – é o que você deve estar achando. Ah, mas quando vi aquele pó (tive o cuidado de não tocar nele) e pensei que cada grãozinho ali já estivera em outro mundo... Não estou falando de outro planeta, pois os planetas fazem parte do nosso mundo... Estou falando de outro mundo mesmo – uma outra natureza, um outro universo –, um lugar onde você jamais chegaria, mesmo que viajasse eternamente através do espaço deste nosso universo... Um mundo que só poderia ser alcançado através da magia! Bem...

A essa altura tio André esfregava tanto as mãos que seus dedos estalavam como fogos de artifício. E prosseguiu:

– Sabia que, se fizesse direito, aquele pó nos levaria ao lugar de onde viera. A dificuldade era esta: como fazer? Minhas primeiras experiências foram grandes fracassos. Usei porquinhos-da-índia. Alguns apenas morreram. Outros explodiram feito bombas...

– Que maldade! – exclamou Digory, que ia tinha tido um porquinho-da-índia.

– Como você teima em fugir do assunto! É para isso que as criaturas existem. Paguei com o meu dinheiro! Onde é mesmo que eu estava? Ah,

sim. Afinal acabei conseguindo fazer os anéis: os amarelos. Surgiu então uma nova dificuldade. Estava convencido de que um anel amarelo remeteria ao outro mundo qualquer criatura que tocasse nele. Mas de que valeria isso, se a criatura não podia voltar para dizer o que havia visto por lá?

– E a própria criatura? – perguntou Digory. – Não podendo voltar, ficaria numa enrascada!

– Você sempre olha as coisas de um ponto de vista negativo – replicou tio André, com impaciência. – Não passa pela sua cabeça que se tratava de uma experiência magna? Só remetemos uma pessoa a outro lugar quando desejamos saber como é esse outro lugar. Certo?

– Bem, e por que o senhor mesmo não foi? Digory jamais vira alguém tão surpreso e ofendido quanto o tio, por causa de uma simples pergunta:

– Eu?! Eu?! Esse menino deve estar maluco! Um homem da minha idade, nas minhas condições de saúde, correr o risco do impacto e dos perigos de um universo diferente?! Nunca ouvi nada tão disparatado em toda a minha vida! Você sabe o que está dizendo? Pense bem: trata-se de um outro mundo, onde podemos encontrar tudo... tudo.

– E foi para lá que o senhor enviou a Polly?! – As bochechas de Digory estavam vermelhas de raiva. – Só tenho uma coisa a dizer: o senhor pode ser meu tio, mas procedeu como um covarde, mandando uma menina para um lugar aonde o senhor não tem coragem de ir.

– Bico calado! – ordenou tio André, dando um tapa na mesa. – Não admito que um fedelho fale comigo dessa maneira. Você não entende nada. Eu sou o grande mestre, o mago, o iniciado, o que está realizando a experiência. É claro que preciso de material para executá-la. Daqui a pouco você vai me dizer que deveria ter pedido licença aos porquinhos-da-índia antes de usá-los. Nenhuma alta sabedoria pode ser atingida sem uma dose de sacrifício. Mas a idéia de que o sacrificado deva ser eu mesmo é completamente ridícula. É como pedir a um general para lutar como um soldado raso. Suponhamos que eu morresse... Que seria do trabalho de toda a minha vida?

– Olhe, é melhor acabar com esse papo – interrompeu Digory. – O senhor vai trazer Polly de volta?

– Já ia dizer-lhe, quando você me interrompeu com os seus maus modos, que descobri afinal a maneira de fazer a viagem de volta. Os anéis verdes são capazes disso.

– Mas Polly não levou nenhum anel verde.

– É, não levou – disse tio André, com um sorriso maldoso.

– Se não levou, não poderá voltar! – gritou Digory. – É como se o senhor a tivesse assassinado. – Poderá voltar se alguém for buscá-la, usando também um anel amarelo e levando consigo dois anéis verdes, um para si, outro para ela.

Digory percebeu que tinha caído numa armadilha. Ficou olhando para o tio André, estarrecido, boquiaberto. As bochechas passaram do vermelho ao pálido. Tio André continuou, agora num tom forte e alto, como se fosse um tio perfeito que tivesse dado ao sobrinho um dinheirinho e um bom conselho:

– Espero, Digory, que você não acene agora a bandeira branca. Ficaria muito triste se uma pessoa de nossa família não tivesse a honra e a nobreza de socorrer uma dama em... em perigo.

– Oh, cale a boca! – gritou Digory. – Se o senhor tivesse um pingo de honra, iria o senhor mesmo. Mas sei que não tem. Está bem. Já vi que tenho de ir. Só que o senhor é um monstro. Tudo, tudo cruelmente planejado: ela foi sem saber de nada, e agora tenho de ir buscá-la.

– É claro – comentou tio André, com seu odioso sorriso.

– Pois muito bem: eu vou. Mas tem uma coisa que faço questão de dizer antes de ir: até hoje não acreditava em magia. Agora sei que existe. Sendo assim, acho que os velhos contos de fada são todos mais ou menos verdadeiros. E o senhor não passa de um bruxo cruel como os que existem nos contos. Escute então: nunca soube de um bruxo que não acabasse pagando por sua maldade no final da história. É só.

De todas as coisas ditas por Digory, foi esta a única que teve endereço certo. Sobressaltado, tio André revelou tanto horror na face que, apesar de sua monstruosidade, era quase possível ter pena dele. Um segundo depois recompôs-se, dizendo com um sorriso forçado:

– Bem, bem, é natural que uma criança pense dessa maneira, uma criança criada entre mulheres, como você. Não precisa preocupar-se com os meus perigos, Digory. Não seria melhor preocupar-se com os perigos por que passa a sua amiguinha? Já há algum tempo que ela foi embora. Se algum perigo existir lá... bem... seria uma pena chegar um pouquinho atrasado.

– Até parece que o senhor se importa muito com isso! – disse Digory, impetuosamente. – Já estou cheio desse papo. Que devo fazer?

– Antes de mais nada, aprender a controlar os seus nervos, meu filho – respondeu o tio André, com frieza. – Do contrário vai acabar como a sua tia. Vamos.

Levantou-se, calçou um par de luvas e dirigiu-se para a bandeja de anéis.

– Eles só funcionam quando estão de fato em contato com a pele. Com luvas posso pegá-los à vontade, assim. Se levar um no bolso nada acontecerá. Mas tenha muito cuidado para não colocar a mão no bolso por distração. No momento em que tocar um anel amarelo, sumirá deste mundo. Quando estiver no outro lugar, espero que – isso ainda não foi testado, naturalmente, mas sempre espero –, ao tocar no anel verde, você desapareça de lá e reapareça aqui. Bem. Pego estes dois verdes e deixo que eles caiam dentro do seu bolso esquerdo. Não se esqueça do bolso em que estão os verdes. V para verde e E para esquerdo. V.E., preste atenção, as primeiras duas letras de verde. Um para você, outro para a garota. Agora pegue um amarelo. Eu – se fosse você – colocaria o anel no dedo, pois assim é mais difícil perdê-lo.

Digory já estava para agarrar o anel amarelo quando se lembrou de algo importante:

– Espere um pouco: e mamãe? Se ela perguntar onde eu estou?

– Quanto mais depressa for, mais depressa estará de volta – disse o tio André, tentando ser animador. – Mas o senhor nem mesmo sabe se eu vou voltar.

Tio André sacudiu os ombros, deu uns passos, abriu a porta e disse:

– Pois muito bem. Como quiser. Desça para jantar. Deixe que as feras devorem a garota. Ou que ela se afogue. Ou que morra de fome. Ou que se

perca no outro mundo. Se é o que prefere. Para mim dá no mesmo. Talvez fosse bom que, antes do chá, você avisasse à mãe dela que nunca mais verá a filha... Só porque você tem medo de colocar um anel no dedo.

– Ai, ai – gemeu Digory –, queria tanto ser grande para lhe dar um murro na cara!

Abotoou o casaco, respirou fundo e pegou o anel. Pensando, como sempre pensou mais tarde, que não havia para ele outra maneira de proceder com dignidade.

3

UM BOSQUE ENTRE DOIS MUNDOS

Tio André e o estúdio sumiram imediatamente. Por um momento tudo ficou turvo. Digory conseguiu ver uma suave luz verde vindo de cima e a escuridão embaixo. Não parecia estar apoiado em coisa alguma. Nada lhe tocava, aparentemente. “Acho que estou dentro d’água” – pensou. “Ou debaixo d’água.” Levou um susto, mas percebeu em seguida que estava sendo levado para cima. De súbito viu que tinha chegado ao ar livre e que se arrastava para a relva da margem de um pequeno lago.

Quando se firmou nos pés, notou que não estava pingando, nem respirando sem fôlego, como é de esperar que aconteça com quem tenha estado dentro d’água. Suas roupas continuavam sequinhas.

Estava à beira de um pequeno lago com uns três metros de largura, cercado por um bosque. As árvores ficavam tão próximas umas das outras que não podia ver o céu. A luz existente era a luz verde coando-se através das folhas. O sol em cima devia ser muito brilhante, pois essa luz verde era intensa e cálida.

Não é possível imaginar bosque mais calmo. Não havia pássaros, nem insetos, nem bichos, nem vento. Quase se podia sentir as árvores crescendo. O lago de onde acabara de sair não era o único. Eram muitos, todos bem próximos uns dos outros. Tinha-se a impressão de ouvir as árvores bebendo água com suas raízes. Mais tarde, sempre que tentava descrever esse bosque, Digory dizia: “Era um lugar rico: rico como um panetone.”

O mais estranho de tudo era que Digory tinha praticamente se esquecido de como viera parar ali. De qualquer modo, não se lembrava de Polly, de tio André ou mesmo de sua mãe. Não estava assustado, excitado ou curioso. Se alguém lhe tivesse perguntado: “De onde você veio?”, provavelmente teria respondido: “Nunca saí daqui.” Ou, como disse depois: “Não era um lugar onde as coisas acontecem. As árvores vão crescendo, só isso.”

Depois de contemplar o bosque por um longo tempo, Digory notou que havia uma menina deitada ao pé de uma árvore, ali pertinho. Seus olhos estavam semicerrados, como se estivesse entre a vigília e o sono. Olhou-a por um bom tempo e nada disse, até que ela falou, com uma voz sonhadora e satisfeita:

– Acho que já vi você antes.

– Também acho que já vi você – replicou Digory. – Está aqui há muito tempo?

– Oh, sempre estive aqui – respondeu a menina. – Pelo menos... não sei.... estou aqui há muito tempo.

– Eu também.

– Não, você não. Acabei de ver você saindo daquele lago.

– É, acho que você tem razão – disse Digory com ar espantado. – Tinha me esquecido.

Ficaram em silêncio por muito tempo.

– Escute – disse depois a garota. – Será que já não nos encontramos antes? Tenho a impressão... é como se fosse um quadro na minha cabeça... de um menino e de uma menina iguaizinhos a nós dois... vivendo num lugar muito diferente daqui... Talvez não passe de um sonho.

– Também acho que sonhei a mesma coisa – afirmou Digory. – Sonhei com uma menina e um menino, vizinhos... e tem também umas vigas por onde os dois caminham. Lembro que a menina esta com o rosto sujo.

– Não está confundindo? No meu sonho é o menino que está com o rosto sujo.

– Não consigo me lembrar do rosto do menino – respondeu Digory. E perguntou: – Que é aquilo?

– Ora, um porquinho-da-índia. E era mesmo, um porquinho-da-índia gordinho, farejando a relva. Bem no meio do animalzinho havia uma fita e, preso a ela, um reluzente anel amarelo.

– Olhe, olhe! – gritou Digory. – O anel! E olhe aqui: você também está com um anel amarelo. E eu também.

A menina sentou-se,

interessada pela primeira vez. Ficaram olhando um para o outro, de olhos muito arregalados, tentando captar alguma lembrança. E acabaram gritando ao mesmo tempo:

– O Sr. André!

– Tio André!

Logo se deram conta de quem eram e começaram a relembrar o resto da história, depois de alguns minutos de animada conversa.

Então Digory contou a Polly de que maneira torpe tio André os levara até ali.

– Que vamos fazer agora? – perguntou a menina. – Pegar o porquinho e ir para casa?

– Não temos pressa – respondeu Digory, com um grande bocejo.

– Acho que temos. Este lugar é calmo demais... É tão... tão feito sonho. Você está quase dormindo. Se a gente se entrega, cai por aqui mesmo e passa a vida toda cochilando.

– Pois estou gostando muito daqui – disse Digory.

– Eu também, mas precisamos ir embora. – Polly levantou-se e começou a caminhar cautelosamente na direção do porquinho-da-índia. Porém mudou de idéia. – Acho que devemos deixar o porquinho. Está todo feliz; se a gente levar o bichinho de volta, seu tio vai fazer algo horrível com ele.

– Aposto que sim, pelo jeito que nos tratou! Aliás, como é que vamos voltar para casa?

– Mergulhando outra vez no lago, eu acho. Foram os dois para a beira do lago e puseram-se a olhar as águas calmas, que refletiam com profusão os ramos verdes e folhudos. Parecia um lago muito fundo.

– Não temos roupas de banho – disse Polly.

– Deixe de ser boba, não precisamos de roupas de banho – replicou Digory. – Podemos pular assim mesmo; já esqueceu que a gente não se molha? – Sabe nadar?

– Um pouquinho. E você? – Bem... mais ou menos.

– Acho que não vai ser preciso nadar – disse Digory. – Nós queremos é ir para baixo, não é? Nenhum deles achava muito simpática a idéia de pular no lago, mas ninguém disse nada. Deram-se as mãos e contaram: “Um... dois... três... já” – e pularam.

Foi aquela pancada na água. Quando abriram os olhos viram que ainda se encontravam, de mãos dadas, no bosque verde, com a água dando nos calcanhares. Parecia que o lago não tinha mais do que um palmo de fundura. Os dois saíram outra vez para a terra seca.

– Que é que está errado, ora essa?! – disse Polly com a voz assustada, mas não muito, pois era praticamente impossível sentir medo naquele mundo demasiadamente calmo.

– Ah, já sei – disse Digory. – É claro que não podia dar certo. Ainda estamos usando os nossos anéis amarelos, que só valem para a viagem de vinda. É o verde que leva para casa. Precisamos trocar de anéis. Tem bolso? Ótimo. Ponha seu anel amarelo no bolso direito. Tenho dois verdes. Olhe aqui um para você.

Com os anéis nos dedos, voltaram para o lago. Mas antes que tentassem novo mergulho, Digory deu um suspiro que não acabava nunca: “O... o... o... oh!”

– Que está acontecendo agora?

– Acabei de ter uma idéia genial. E os outros lagos?

– Não estou entendendo...

– Escute: se podemos voltar ao nosso mundo mergulhando aqui, não é lógico que a gente deva ir para outro lugar pulando em outro lago? Imagine se há um mundo diferente no fundo de cada lago!

– Mas eu pensei que a gente já estivesse no Outro Mundo do seu tio, ou no Outro Lugar, seja lá o que for. Você não disse...

– Não me chateie com o tio André, ora bolas! Acho que ele não entende nada deste lugar, pois nunca teve peito para vir por conta própria. Só falou de um Outro Mundo. Suponhamos que haja dezenas...

– Quer dizer, este bosque é apenas um dos mundos?

– Não! Acho que este bosque nem chega a ser um mundo. Não deve ser mais do que um lugar de passagem.

Polly olhava, intrigada.

– Não está vendo? Lembre-se do túnel; não pertence a nenhuma das casas, mas você pode andar por ele e entrar em qualquer uma delas. Não será este bosque uma coisa parecida?... Um lugar que não pertence a nenhum dos mundos, mas que dá acesso a todos os mundos?

– Bem... ainda que... – começou a dizer Polly, mas o amigo nem parecia ouvi-la.

– Isso explica tudo – continuou Digory. – Por isso aqui é tão calmo e sonolento. Nada acontece, nunca. Como no túnel. É dentro das casas que as pessoas conversam e fazem as coisas e comem. Nada existe nos lugares de passagem, atrás das paredes, em cima dos tetos ou debaixo do assoalho. Mas do nosso túnel podemos passar para todas as casas do quarteirão. Acho que daqui poderemos ir a um lugar fabuloso.

– Qual?

– Qualquer um. Não precisamos mergulhar no mesmo lago por onde chegamos. Pelo menos não por enquanto.

– O Bosque entre Dois Mundos – disse Polly, com olhar sonhador. – Bonito!

– Vamos logo. Que lago você prefere?

– Preste atenção: eu é que não vou experimentar nenhum lago novo antes de ter certeza de poder voltar pelo lago antigo. Ainda nem sabemos se vai dar certo.

– Perfeito! Voltar para ser agarrado por tio André, que vai tomar os nossos anéis antes de a brincadeira ter começado! Isso não!

– A gente não podia ir pelo menos metade do caminho no nosso lago – apelou Polly –, só para ver se funciona? Se funcionar, trocaremos de anéis e subiremos de novo antes de voltar ao estúdio do seu tio. Levamos bem pouco tempo para subir até aqui; acho que não vai demorar nada para voltar.

Digory chegou a se atrapalhar um pouco antes de concordar com isso, mas não teve outro jeito, porque Polly se recusava a novas explorações em novos mundos, caso não tivesse a certeza de poder voltar ao antigo. Em se

tratando de muitos perigos, era quase tão valente quanto ele (marimbondos, por exemplo), mas não estava interessada em descobrir coisas das quais nunca ninguém jamais ouvira falar. Digory era do tipo que gostava de conhecer tudo e, quando cresceu, tornou-se o famoso professor Kirke, que aparece em outros livros.

Depois de muita discussão, concordaram que deviam colocar os anéis (“Os verdes, por segurança”, disse Digory, “pois assim a gente não vai esquecer qual é qual”) e mergulhar de mãos dadas. No entanto, quando calculassem estar de volta ao estúdio de tio André, Polly deveria dar um grito – “Trocar!” –, e então tirariam os verdes e colocariam os amarelos. Polly fez questão de ter o comando dessa operação, contrariando Digory.

Colocaram os anéis verdes, deram-se as mãos e, mais uma vez, contaram com voz firme: “Um... dois... três... já!”

Dessa vez deu certo. É difícil contar como foi, pois tudo aconteceu com uma rapidez extraordinária. Primeiro houve luzes brilhantes num céu escuro; Digory sempre achou que eram astros, jurando que chegou a ver Júpiter pertinho, a ponto de distinguir as luas do planeta. Mas quase instantaneamente começaram a surgir fileiras e mais fileiras de tetos, e puderam ver a catedral de São Paulo. Era Londres lá embaixo. Mas enxergavam também através das paredes de todas as casas. Viram o tio André, a princípio sombrio e fora de foco, mas ficando cada vez mais nítido. Antes que ele se tornasse de fato uma realidade, Polly gritou: “Trocar!” – e trocaram os anéis. O nosso mundo foi se apagando mais uma vez, como num sonho, e a luz verde do alto ficou mais intensa, até que as cabeças apontaram fora d’água e ganharam a margem do lago. A operação toda não durou mais do que um minuto.

– Pronto! – exclamou Digory. – Tudo certo. Agora, vamos à exploração. Qualquer lago serve. Vamos experimentar este aqui.

– Um momento! Não vamos fazer uma marca neste lago?

Ficaram pálidos e de olhos arregalados quando perceberam a extensão da loucura que Digory esteve por cometer. Pois existiam inúmeros lagos no bosque, todos iguais, e iguais também eram as árvores. Se não assinalassem o lago que conduzia ao nosso mundo, as possibilidades de encontrá-lo novamente seriam mínimas.

A mão de Digory tremia quando abriu o canivete e cortou uma boa braçada de relva na beira do lago. A terra, que cheirava deliciosamente, era de um vivo castanho-avermelhado, que se distinguia contra o verde.

– Ainda bem que um de nós tem um pouco de juízo – disse Polly.

– Não fique aí contando prosa; vamos logo ver o que há num desses lagos.

Polly deu-lhe uma resposta ferina e ele respondeu com palavras ainda mais indelicadas. A briga durou vários minutos, mas seria aborrecido contar tudo aqui. Vamos saltar para o instante em que ambos, com o coração aos pulos e caretas de medo, puseram-se à beira do lago desconhecido, com os anéis amarelos nos dedos e de mãos dadas.

– Um... dois... três... já!

Splash! Mais uma vez não funcionou. Esse lago, também, parecia ser somente uma poça. Em vez de alcançar um mundo novo, só conseguiram molhar os pés e as pernas pela segunda vez aquela manhã (se é que era manhã: o tempo parece ser sempre o mesmo no Bosque entre Dois Mundos).

– Que droga! – exclamou Digory. – O que está errado agora? Não pusemos os anéis amarelos? Ele não falou amarelos para as viagens para fora?

Acontecia o seguinte: o tio André, que não entendia coisa nenhuma do Bosque entre Dois Mundos, tinha uma idéia errada sobre os anéis. Os amarelos não eram anéis para ir “para fora” e os verdes não eram para ir “para casa”. Pelo menos, não como ele pensava. A matéria-prima de que eram feitos ambos provinha do bosque. O material dos anéis amarelos tinha o poder de conduzir ao bosque; era matéria querendo retornar às origens. Mas a matéria dos anéis verdes, pelo contrário, estava querendo evadir, sair de seu próprio mundo; assim, um anel verde levava do bosque para um mundo qualquer.

Tio André, entenda, estava trabalhando com coisas que ele próprio não conhecia muito bem; acontece isso com a maioria dos feiticeiros. Digory, naturalmente, também não percebeu isso com clareza, a não ser mais tarde. Mas, depois de muita troca de idéias, os dois decidiram

experimentar os anéis verdes, no mesmo lago desconhecido, só para ver no que dava.

– Se você topar, eu topo – disse Polly.

Mas disse isso só por estar convencida, lá no fundo do coração, de que anel nenhum iria funcionar no poço novo; só havia um acidente a temer, o baque dentro d’água.

Não sei com certeza se Digory estava pressentindo a mesma coisa. De qualquer maneira, quando colocaram os verdes e voltaram à beira do lago de mãos dadas, estavam bem mais animados e menos solenes do que da primeira vez.

– Um... dois... três... já!

4
O SINO E O MARTELO

Não pôde haver dúvida sobre a magia dessa vez. Lá se foram eles aos emboléus, primeiramente através da escuridão e, depois, através de um turbilhão de formas em movimento, formas que podiam ser quase tudo que se pode imaginar. Foi ficando mais claro. De repente sentiram que estavam em cima de algo sólido. Um instante mais e as coisas ficaram em foco; já podiam distingui-las.

– Que lugar mais estranho! – exclamou Digory. – Não estou gostando nada daqui! – disse Polly, com um tremor.

Antes de tudo, chamou-lhes a atenção a luz. Não era nada parecida com a luz do sol. E não era como a luz elétrica, ou de lampiões, ou de velas, ou qualquer outra luz que já tivessem visto. Era uma luz tristonha, meio avermelhada, nada comunicativa. Uma luz parada.

Estavam numa superfície plana e pavimentada, com grandes edifícios ao redor; era uma espécie

de pátio. O céu era de uma escuridão fora do comum, de um azul quase preto.

– Que clima mais engraçado – disse Digory. – Será que chegamos na horinha de uma tempestade? Ou de um eclipse?

– Não estou gostando nem um pouquinho – repetiu Polly.

Estavam cochichando, mesmo sem saber por quê. E continuavam de mãos dadas, também sem saber o motivo.

As paredes ao redor do pátio eram muito altas, com janelões sem vidraças. Arcos sobre colunas abriam bocas escuras como túneis de estradas de ferro. Fazia um friozinho.

A pedra das construções parecia vermelha, mas devia ser o reflexo da luz esquisita. Evidentemente era um lugar muito antigo. Muitas das pedras que pavimentavam o pátio estavam rachadas, e nenhuma delas se ajustava bem à outra. Um dos pórticos em arco estava atulhado de destroços.

As crianças deram várias voltas, examinando os recantos do pátio. Tinham medo de que alguém – ou alguma coisa – as espreitasse enquanto estivessem de costas.

– Acha que existe alguém aqui? – murmurou Digory, tomando coragem.

– Acho que não. Está tudo em ruínas. Não ouvimos nem um barulhinho até agora.

– Vamos ficar quietos e prestar atenção – sugeriu Digory.

Apuraram os ouvidos, mas a única coisa que ouviram foi o bate-bate do coração. O lugar era no mínimo tão silencioso como o silencioso Bosque entre Dois Mundos. Mas era um silêncio diferente. A calma do bosque era cálida e cheia de vida (quase que se podia ouvir as árvores crescendo); ali, ao contrário, era um silêncio morto, gelado e vazio. Não dava para imaginar uma planta crescendo.

– Vamos para casa – disse Polly.

– Mas ainda não vimos nada! – protestou Digory. – já que estamos aqui, vamos dar uma espiada. – Aposto que não há nada que interesse neste lugar.

– Ora, bolas! Que graça tem encontrar um anel mágico, que leva a gente a outros mundos, se você tem medo quando chega lá e quer dar para trás?

– Quem está falando em dar para trás? – protestou Polly, largando a mão de Digory.

– Só quis dizer que você não parece muito entusiasmada.

– Pois fique sabendo que vou aonde você for.

– Além do mais, a gente pode cair fora quando quiser. Vamos pôr os anéis verdes no bolso esquerdo. Não podemos é esquecer que os amarelos estão no bolso direito. Pode ficar com a mão pertinho do bolso, mas não meta o dedo lá dentro: é tocar no amarelo e sumir.

Fizeram assim e caminharam para um pórtico enorme, que dava para o interior de um dos edifícios. Quando chegaram perto, viram que lá dentro não era tão escuro quanto tinham pensado. A vasta sala apenumbrada estava vazia, mas, no lado mais distante, erguia-se uma fileira de colunas com arcos interligados. Dos arcos jorrava a mesma luz fatigante. Atravessaram o salão com muito cuidado, temendo encontrar no chão um buraco ou coisa pior. Quando afinal chegaram ao outro lado, cruzaram os arcos e se viram em outro pátio ainda maior.

– Aquilo ali não parece muito seguro – disse Polly, apontando para um lugar onde a parede fazia uma barriga, como se estivesse pronta para desabar no pátio. Em certo ponto faltava uma coluna entre dois arcos. Era evidente que o lugar estava abandonado há centenas, talvez milhares de anos.

– Se agüentou até agora, acho que agüenta mais um pouco – disse Digory. – Mas o jeito é não fazer barulho. Você sabe que um barulhinho pode causar um desabamento... como as avalanches de neve nos Alpes.

Passaram do pátio a outro pórtico, de lá a uma escadaria, desta a uma fileira de salões, uns depois dos outros, até que se sentiram tontos, tão vastas eram as dimensões de tudo. Estavam sempre imaginando que iriam encontrar ar livre, na esperança de ver, afinal, que espécie de região circundava o enorme palácio. Mas só encontravam pátio depois de pátio.

Devia ter sido uma beleza de lugar quando as pessoas ali viviam. Num dos pátios havia um chafariz, com um grande monstro de pedra de asas abertas e boca escancarada. Embaixo, a larga bacia de pedra, que em outros tempos devia aparar a água, estava mais seca do que um osso ao sol.

Em outros lugares restavam galhos secos de uma espécie de trepadeira que se enroscara pelas colunas e chegara a derrubar algumas. Mas as trepadeiras estavam mortas há muito tempo. Não viram formigas, nem aranhas, nem nenhuma dessas criaturinhas que costumam viver nas ruínas, e, entre as fendas das lajes partidas, nada de capim, nem musgo.

Era tudo tão lúgubre e monótono, que também Digory começou a pensar que talvez fosse melhor colocar o anel amarelo e partir de volta para a verde e cálida floresta do lugar intermediário. Foi quando chegaram a uma enorme porta de folhas duplas, feita de um metal que poderia ser ouro.

Entreaberta, era um convite a uma olhadela. Os dois olharam e recuaram para tomar fôlego, pois ali finalmente havia algo digno de ser visto.

Por um instante acharam que o salão estivesse cheio de gente, centenas de pessoas, todas sentadas e impecavelmente imóveis. Digory e Polly também ficaram impecavelmente imóveis por um bom tempo, de olhos fixos lá dentro. Por fim chegaram à conclusão de que as criaturas que estavam contemplando não eram reais. Não passava entre elas o menor sopro de vida. Pareciam estátuas de cera, as mais perfeitas que já existiram.

Dessa vez Polly tomou a dianteira. Havia na sala uma coisa muito mais interessante para ela do que para Digory: as figuras usavam roupas deslumbrantes. Quem gostasse de roupagens bonitas não podia resistir à tentação de chegar mais perto. E o resplendor daquelas cores tornava a sala não propriamente animada ou animadora, mas de certo modo suntuosa e majestosa, depois do vazio e do pó das outras salas. Contava com um número maior de janelas e era bem mais clara.

Mal posso descrever as roupagens. Todas as figuras envergavam mantos e usavam coroas. Os mantos eram rubros e cinza-prateado, ou purpúreos com vívidos tons verdes, bordados com desenhos de flores e de estranhos animais. Pedras preciosas de tamanhos aberrantes refulgiam nas coroas, nos colares, nos cintos.

– Não entendo é como esses tecidos não apodreceram há muito tempo – disse Polly.

– Magia – murmurou Digory. – Não está sentindo o encantamento? Percebi logo que entrei.

– O mais barato desses vestidos custaria um dinheirão em Londres!

Mas Digory estava mais interessado nas fisionomias, que eram mesmo dignas de ser olhadas. As figuras estavam sentadas em cadeiras de pedra nos dois lados da sala, deixando livre o espaço do meio. – Parece boa gente – falou Digory.

Polly assentiu com a cabeça. As feições eram simpáticas. Homens e mulheres pareciam bondosos e inteligentes. Deviam descender de uma raça bonita. Mas, à medida que as crianças deram alguns passos na sala, aproximaram-se de faces bem diferentes. Rostos solenes. Para falar com aquelas figuras seria indispensável caprichar na gramática. Quando

avançaram um pouco mais, encontraram-se diante de faces das quais não gostaram nada. Eram rostos de expressão forte e orgulhosa, porém cruéis. Mais adiante as feições pareciam ainda mais perversas. Um pouquinho mais e depararam com expressões mais terríveis ainda, e nem um pouco felizes. Rostos quase desesperados, como se as pessoas às quais pertencessem tivessem cometido, e também sofrido, coisas pavorosas.

A última figura era a mais interessante: uma mulher muito alta (de fato, todas as figuras do salão eram mais altas do que as pessoas do nosso mundo), vestida mais ricamente do que as outras, e com um olhar tão aterrador e soberbo que quase tirava o fôlego.

Apesar disso, era bela. Muitos anos depois, já velho, Digory chegou a dizer que nunca vira mulher mais bela em toda a sua vida. É preciso dizer, no entanto, que Polly, por sua vez, sempre afirmou não ter visto nela nada de especialmente bonito.

Depois da mulher, havia uma porção de cadeiras vazias, como se o salão tivesse sido projetado para um número bem maior de imagens.

– Daria um doce para saber a história que está por trás disso – falou Digory. – Vamos dar uma espiada naquela coisa no meio da sala.

A coisa não era propriamente uma mesa. Era uma coluna quadrada com um metro de altura; em cima ficava um pequeno arco dourado do qual pendia um pequeno sino de ouro; ao lado encontrava-se um martelinho de ouro.

– Estou pensando... estou pensando... – disse Digory.

– Acho que tem alguma coisa escrita aqui – interrompeu Polly, agachando-se e olhando para um canto da coluna.

– Puxa, é mesmo. Mas a gente não sabe ler a língua deles...

– Será que não? Tenho minhas dúvidas. Ambos olharam com todos os olhos. Eram de fato estranhos os caracteres sulcados na pedra, mas então o inesperado aconteceu: embora o talhe dos caracteres não se alterasse, os dois perceberam que aos poucos, à medida que olhavam, iam tornando-se capazes de entendê-los. O encantamento começava a agir. Logo já sabiam o que estava escrito na coluna.

O estilo devia ser melhor, mas o sentido dos dizeres era o seguinte:

Ousado aventureiro, decida de uma vez: Faça o sino vibrar e aguarde o perigo Ou acabe louco de tanto pensar:

“Se eu tivesse tocado, o que teria acontecido?” – Eu é que não entro nessa – disse Polly. – Não quero ver perigo nenhum.

– Não adianta, Polly, não está vendo que agora é tarde demais? já caímos na coisa. A gente vai passar a vida pensando o que teria acontecido se tivesse tocado o sino. Eu é que não quero ficar louco, pensando a vida inteira nisso. Eu, não!

– Não seja tão bobo. Que interesse pode ter o que teria acontecido?

– Quem chegou até este ponto, não tem mais saída: ou toca o sino ou fica maluco. É este o encantamento, você não entende? já estou ficando empolgado... encantado...

– Não estou sentindo nada – disse Polly, meio zangada. – E nem acredito na sua empolgação. É fita sua.

– É porque você é mulher. Mulher só quer saber de intriga e de fofoca sobre namoros.

– Você ficou igualzinho a seu tio quando disse isso.

– Por que está fugindo do assunto? Estávamos falando sobre...

– Você está falando igualzinho a um homem! – disse Polly, num tom de gente adulta. E acrescentou vivamente, no seu próprio tom: – E não vá dizer que eu também falo como uma mulher. Não vá bancar relógio de repetição.

– Nunca me passaria pela cabeça chamar de mulher uma garotinha como você – disse Digory com arrogância.

– Ah, quer dizer que eu sou uma garotinha?! – Polly agora estava mesmo furiosa. – Pois já não precisa se incomodar em acompanhar uma garotinha. Chega! Estou cheia deste lugar! E estou farta de você também... seu bestalhão... seu teimoso... burro!

– Nada disso! – gritou Digory, num tom ainda mais rude do que pretendia, pois acabara de ver Polly enfiando a mão no bolso para agarrar o anel amarelo.

De maneira nenhuma vou desculpar o que ele fez em seguida; só posso dizer que Digory se arrependeu muito depois. Antes que a mão de Polly chegasse ao bolso, ele agarrou-lhe o pulso, dando-lhe uma torcida. Defendendo-se da outra mão da menina com o cotovelo, pegou o martelinho e deu no sino de ouro uma bonita martelada. Depois soltou a pobre Polly e ficaram um olhando para o outro, respirando com dificuldade. Polly já começava a chorar, não de medo, nem mesmo de dor, mas de pura e forte raiva. Dentro de dois segundos, no entanto, os acontecimentos iam varrer de seus corações quaisquer ressentimentos.

Logo ao ser golpeado, o sino dera uma nota, a doce nota que se podia esperar de um sino de ouro. Mas o som, em vez de ir morrendo, continuou, e continuou mais forte. No fim de um minuto era duas vezes mais alto do que no início. Daí a pouco estava tão alto que eles (se, em vez de permanecerem de boca aberta, tivessem falado alguma coisa) não poderiam conversar. E o som foi ficando mais forte, mais forte, sempre a mesma nota, ao mesmo tempo suave e terrível. Por fim todo o ar contido no salão vibrava com o som, e podiam perceber que as pedras tremiam sob seus pés. Em seguida, um outro som entrou na sala, um barulho confuso e desastroso, como um trem ao longe, a princípio, depois como o baque de uma árvore caindo. Finalmente, com estardalhaço, uma boa parte do teto despencou no fim do salão; grandes blocos de alvenaria desmoronaram em volta deles; as paredes tremeram.

O ruído do sino parou. As nuvens de poeira sumiram. Tudo voltou à antiga quietude.

Nunca se descobriu se o desabamento do teto era devido a feitiçaria ou se o insuportável som do sino estava acima dos limites toleráveis por aquelas paredes vacilantes.

– Que tal?! Acho que agora você está satisfeito! – disse Polly, arquejante. – Bom... de qualquer jeito, já acabou.

E pensaram que tinha acabado mesmo; mas nunca estiveram tão enganados em toda a sua vida.

5
A PALAVRA EXECRÁVEL

As crianças ficaram se entreolhando por cima da coluna. O sino, mesmo sem som, ainda vibrava. De repente ouviram um ruído ligeiro no canto da sala ainda intacto. Viraram-se como dois relâmpagos. Uma das figuras, a mais distante, a mulher que Digory achava tão bela, estava levantando-se da cadeira de pedra. Quando se pôs em pé, verificaram que era ainda mais alta. Via-se logo, não apenas por causa da coroa e da roupagem, mas pelo fulgor de seus olhos e pela curva de seus lábios, que se tratava de uma grande rainha. Olhou em torno, viu os estragos da sala, viu as crianças; não era possível ler em seu rosto a menor reação. Avançou com passadas longas e ligeiras.

– Quem me acordou? Quem quebrou o encanto?

– Acho que fui eu – respondeu Digory.

– Você! – disse a rainha, colocando no ombro do menino sua linda mão alva. Seus dedos, no entanto, eram mais fortes do que pinças de aço. – Você? Mas não passa de uma criança, uma criança comum! Qualquer pessoa vê logo que não tem nas veias uma só gotinha de sangue nobre. Como uma pessoa assim ousou penetrar nesta casa?

– Viemos de outro mundo, por meio de magia – disse Polly, achando que já era tempo de a rainha dar-lhe alguma atenção.

– Isso é verdade ou mentira? – perguntou a rainha olhando ainda para Digory, sem sequer espiar Polly com o canto do olho.

– É verdade – disse ele.

A rainha, com a outra mão, levantou o queixo do menino, a fim de melhor observá-lo. Digory tentou encará-la também, mas não resistiu e

baixou os olhos. Havia nos olhos dela alguma coisa que o sobrepujava. Depois que o examinou durante um minuto, soltou-lhe o queixo e disse:

– Não tem nada de feiticeiro. Não tem a marca. Só pode ser servo de um feiticeiro. Só por intermédio de feitiçaria alheia conseguiu viajar até aqui.

– Foi o tio André que me enviou para cá – disse Digory.

Nesse momento, não propriamente no salão, mas de algum lugar bem próximo, chegou um ribombar, depois um grande estalido e, em seguida, o estardalhaço de alvenaria desabando.

– Estamos correndo grande perigo – disse a rainha. – O palácio todo está prestes a ruir. Temos de sair logo para não ficar enterrados nas ruínas.

Falou com a maior calma, como se estivesse apenas comentando o tempo. “Vamos”, acrescentou, dando as mãos às crianças. Polly, que não estava gostando nem um pouquinho da rainha, não lhe teria dado a mão, caso pudesse opor alguma resistência. Apesar da fala morosa, os movimentos da rainha eram mais ligeiros que o pensamento.

“Que mulher mais desagradável”, pensou a menina. “Com uma torcidinha é capaz de quebrar o meu braço. E agora que ela me agarrou, não posso mais alcançar o anel amarelo. Se eu esticar o braço até o bolso, vai perguntar o que estou fazendo. Aconteça o que acontecer, não podemos revelar nada sobre os anéis. Espero que Digory tenha também o bom senso de manter o bico calado. Seria ótimo se eu pudesse falar com ele a sós durante um segundo.

A rainha os conduziu por um comprido corredor, passando depois por um labirinto de salas, escadarias e pátios. Com freqüência ainda ouviam pedaços do palácio desabando, às vezes pertinho deles. Um arco enorme despencou com estrépito logo depois que haviam passado por baixo dele. Tinham de apertar o passo para acompanhar a rainha, mas ela não mostrava o menor sinal de medo. Digory ia pensando: “Que mulher mais corajosa! E como é forte! É isso que eu chamo de uma rainha! Tomara que ela nos conte a história deste lugar.”

Enquanto andavam (ou corriam), ela ia dando algumas informações: “Esta é a entrada do calabouço”, “Esta passagem conduz à principal câmara de torturas”, “Este é um antigo salão de banquetes, onde meu bisavô

recebeu setecentos convidados e matou a todos, antes que terminassem de beber. Tinham idéias subversivas".

Chegaram por fim a um salão mais amplo e mais grandioso do que os demais. Pelas suas dimensões e portas enormes, Digory achou que finalmente haviam atingido a entrada principal – no que estava completamente certo. As portas eram negras de doer, de ébano ou de algum metal preto que não existe em nosso mundo. Estavam trancadas com barras enormes, muitas tão altas que não podiam ser alcançadas, e todas pesadas demais para ser erguidas. A rainha soltou a mão do menino e ergueu o braço. As portas altas e pesadíssimas tremeram por um instante, como se fossem de seda, e esboroaram-se no chão, onde só ficou um monte de pó.

– Fiu-fiu! – assobiou Digory.

– Terá o mestre feiticeiro, seu tio, poder igual ao meu? – perguntou a rainha, segurando outra vez com energia a mão de Digory. – Vou apurar isso mais tarde. Mas não se esqueçam do que viram. É o que acontece às pessoas que barram meu caminho.

Uma luz, muito intensa para aquele mundo, invadia o pórtico sem porta. Não se sentiram nada surpresos quando foram conduzidos para o ar livre. O vento era frio, mas, ainda assim, tinha algo de rançoso. Encontravam-se em um alto terraço, do qual se avistava uma vasta e extensa paisagem lá embaixo. Na linha do horizonte pousava um enorme sol vermelho, muito maior do que o nosso. Digory percebeu também que era bem mais velho que o nosso, um sol no fim da vida, já cansado de olhar para aquele mundo. À esquerda do sol, mais ao alto, havia uma única estrela, enorme e reluzente. Eram as duas coisas visíveis no céu escuro e desolado.

Na terra, em todas as direções, estendia-se uma grande cidade, onde não se via coisa viva. Os templos todos, as torres, os palácios, as pirâmides, as pontes projetavam sombras longas e lúgubres à luz daquele sol murcho. Um grande rio percorrera a cidade em tempos idos, mas a água desaparecera há muito, deixando no leito uma poeira cinzenta.

– Olhem bem, que jamais outros olhos verão este cenário – disse a rainha. – Aqui foi Charn, a metrópole, a cidade do Rei dos Reis, o assombro do mundo, de todos os mundos, talvez. Seu tio governa uma cidade grandiosa como esta, menino?

– Não – respondeu Digory. Já ia explicar que seu tio não governava coisa nenhuma, mas a rainha prosseguiu:

– Está em silêncio agora. Mas aqui estive quando o ar vibrava com o estrépito de Charn; o soar dos pés, o ranger das rodas, o estalido dos chicotes, os gemidos dos escravos, o fragor das carruagens, os tambores dos ritos de sacrifício ressoando nos templos... Aqui estive (mas já era o princípio do fim) quando o troar da batalha invadia as ruas e o rio de Charn corria vermelho.

Fez uma pausa e acrescentou:

– No lampejo de um instante, uma mulher fez a cidade desaparecer para sempre.

– Quem? – perguntou Digory, com a voz sumida, já imaginando a resposta.

– Eu! – respondeu a rainha. – Eu, Jadis, a última rainha, mas a rainha do mundo!

As duas crianças ficaram caladas, tiritando no vento frio.

– Foi culpa de minha irmã – prosseguiu a rainha. – Levou-me a isso. Que a maldição de todos os poderes repouse sobre ela eternamente! Eu estava decidida a fazer a paz a qualquer momento... Sim, e estava também decidida a poupar-lhe a vida, desde que me entregasse o trono. Mas ela não quis. Seu orgulho destruiu o mundo todo. Mesmo depois de ter começado a guerra, firmou-se o juramento solene de que ninguém se utilizaria de magia. Quando ela quebrou o juramento, que me restava fazer? Desvairada! Como se ignorasse que eu possuía mais poderes do que ela! E não ignorava também que eu possuía o segredo da Palavra Execrável! Teria pensado – sempre foi uma fraca de espírito – que eu não usaria o meu poder final? – Qual era? – perguntou Digory.

– O segredo de todos os segredos. Sempre foi do conhecimento dos grandes reis da nossa raça que existia uma palavra, a qual, se pronunciada com as cerimônias adequadas, destruiria todas as coisas vivas, menos a pessoa que a pronunciasse. Os antigos reis, entretanto, eram débeis ou compassivos e comprometeram a si mesmos, e a todos que os sucederam, com grandes juramentos, de jamais nem mesmo buscarem a ciência dessa palavra. Mas eu tomei ciência dela num lugar secreto e paguei terrível preço

por isso. Não a usei até que fui forçada a fazê-lo. Lutei desesperadamente para substituí-la por todos os outros meios. Derramei como água o sangue dos meus exércitos...

– Monstro! – resmungou Polly, baixinho.

– A última grande batalha – continuou a rainha – raivou por três dias aqui, no coração de Charn. Durante três dias eu a contemplei deste mesmo local. Só me utilizei da solução final depois que tombaram meus últimos soldados, quando a mulher maldita, minha irmã, à testa dos rebeldes, já subia aquelas imensas escadarias que vão do centro da cidade ao terraço. Esperei que estivéssemos bem próximas e pudéssemos distinguir nossas fisionomias. Faiscando seus horríveis olhos perversos em cima de mim, disse-me ela: “Vitória!”. “Sim”, disse-lhe eu, “vitória, mas não sua.” Então pronunciei a Palavra Execrável. Um momento depois era eu, sob o sol, a única criatura viva.

– E o povo? – perguntou Digory, sem ar. – Que povo, garoto?

– O povo, ora, o povo que anda na rua, que nunca iria fazer-lhe mal. E as mulheres, as crianças, os bichos?

– Você não está entendendo. Escute, eu era a rainha; eles todos eram os meus súditos; logo, só viviam para fazer a minha vontade.

– Coitados! – disse Digory.

– Por um momento me esqueci de que você não passa de um menino plebeu. Como iria entender razões de Estado? Precisa aprender uma coisa, criança: o que talvez seja errado para você, ou para qualquer pessoa comum, não é errado para uma rainha como eu. A responsabilidade do mundo pesa sobre os nossos ombros. Precisamos estar livres de todas as normas. Nosso destino é grandioso e solitário.

Digory então lembrou-se de que tio André pronunciara aquelas mesmas palavras. Só que ditas pela rainha Jadis soavam muito mais imponentes, talvez porque seu tio não tivesse dois metros de altura e nem fosse estonteantemente belo.

– Que fez a senhora depois? – perguntou.

– Já havia lançado intensas magias na sala onde se assentam as imagens de meus antepassados. E a força desse encantamento era que eu

deveria dormir entre eles, como uma estátua, sem precisar de alimento ou calor, ainda que passassem mil anos, até que chegasse alguém, tocasse o sino e me acordasse.

– Foi a Palavra Execrável que botou o sol desse jeito? – perguntou Digory.

– De que jeito?

– Tão grande, tão vermelho, tão frio.

– Sempre foi assim. Pelo menos, há algumas centenas de milhares de anos. Vocês acaso possuem um sol diferente?

– É, o nosso é menor e mais amarelado. E produz muito mais calor.

– A... a... ah! O... o... oh! – exclamou a rainha. Digory viu em sua face aquele olhar esfomeado e cobiçoso que reparara em tio André. – Ah, quer dizer que seu mundo é mais jovem!

Olhou por mais algum tempo para a cidade vazia (se estava arrependida pelo que fizera, não o demonstrou) e disse:

– Agora, vamos partir. Está fazendo frio aqui, no fim de todas as eras.

– Partir para onde? – perguntaram as duas crianças.

– Para onde? – repetiu Jadis, com real surpresa. – Para o mundo de vocês, é claro.

Polly e Digory se entreolharam, estupefatos.

Polly sentira antipatia pela Rainha à primeira vista; e o próprio Digory, que agora sabia de tudo, já estava farto dela. Não era, em absoluto, o tipo de pessoa que nos dê prazer convidar à nossa casa. E, mesmo que o quisessem, não tinham a menor idéia de como fazê-lo.

Queriam mesmo era partir dali, mas Polly não podia pegar seu anel e, naturalmente, Digory não iria sem ela. Muito corado, o menino gaguejou:

– Oh... oh... nosso mundo. Não... não sabia que a senhora desejava ir lá.

– Ora, vocês só podem ter sido despachados para cá a fim de levar-me para lá.

– Sou capaz de jurar que a senhora não vai gostar nem um pouco do nosso mundo – replicou Digory. – Não é um lugar para ela, não acha, Polly? É monótono! Não tem nada para se ver, não tem mesmo!

– Terá muita coisa para se ver depois que eu assumir o governo – foi o comentário da rainha.

– Oh, mas não dá! – disse Digory. – Também não é assim. Eles não vão deixar a senhora entrar, sabe? A rainha sorriu, com desprezo:

– Grandes reis, inúmeros, pensaram que poderiam enfrentar a Casa de Charn. Caíram todos e até seus nomes foram esquecidos. Jovem insensato! Não percebe que, com a minha beleza e a minha magia, terei todo o seu mundo a meus pés antes de um ano? Prepare seu encantamento e leve-me imediatamente para lá.

– Essa é de lascar – disse Digory a Polly.

– Talvez receie por seu tio – disse Jadis. – Mas, caso ele me preste as honras devidas, poderá conservar a vida e o trono. Não vou para destruí-lo. Deve ser um grande feiticeiro, já que descobriu como enviá-lo até aqui. Ele é rei do mundo todo ou só de uma parte?

– Não é rei de coisa nenhuma! – respondeu Digory.

– Mentira sua! A magia e o sangue real andam sempre juntos. Alguém já ouviu falar de gente comum que conhecesse feitiçaria? Não adianta mentir para mim; eu posso ver a verdade. Seu tio é o grande rei e o grande mago de seu mundo. Graças à sua arte, viu a sombra de meu rosto em algum espelho mágico ou num lago encantado. E, por amor à minha beleza, manipulou um feitiço que abalou as bases do mundo e o levou através do abismo entre dois mundos, para que rogasse da minha graça a concessão de ir até ele. Responda: foi ou não foi assim?

– Não foi bem assim – respondeu Digory.

– Não foi bem assim? – gritou Polly. – Isso é uma besteira do princípio ao fim.

– Porcariazinha! – gritou por sua vez a rainha, virando-se furiosa para Polly e agarrando-lhe os cabelos bem no alto da cabeça, onde dói mais. Mas, ao fazer isso, soltou as mãos de ambos.

– Agora! – gritou Digory. – Já! – gritou Polly.

Enfiaram as mãos direitas nos bolsos. Nem precisaram colocar os anéis. Foi só tocá-los e o mundo aterrador desapareceu. Deslizaram para cima, e uma cálida luz verde foi-se tornando mais intensa.

6

COMEÇAM AS COMPLICAÇÕES DE TIO ANDRÉ

– Me solte! Me solte! – berrava Polly.

– Não estou segurando você! – respondia Digory. Suas cabeças em seguida surgiram do poço e, mais uma vez, a luminosa quietude do Bosque entre Dois Mundos os envolveu. Parecia ainda mais cheio de vida, mais cálido e mais tranqüilo depois dos destroços deteriorados de Charn. Se lhes fosse dada a oportunidade, decerto teriam se esquecido de quem eram, de onde vieram, teriam se estendido no chão, deleitando-se, meio adormecidos, a escutar o crescimento das árvores. Dessa vez, porém, uma coisa os manteve mais acordados do que nunca: logo que pisaram a relva descobriram que não se achavam sós. A rainha, ou feiticeira, tinha viajado com eles, agarrada aos cabelos de Polly. Por isso esta gritava “me solte”.

Isso vinha a provar uma outra coisa sobre os anéis; tio André nada informara a respeito para Digory porque também ignorava o fenômeno. Para mudar de um mundo para outro, trazido pelo anel, não era preciso usá-lo ou tocá-lo; bastava tocar a pessoa que estivesse em contato com ele. O anel funcionava como um imã; se você agarrar um alfinete com um ímã, pode puxar outros alfinetes em contato com o primeiro.

Mas no bosque a rainha Jadis não era a mesma. Para começar, estava muito mais pálida; tão pálida que mal lhe sobrava alguma beleza. Curvada, parecia ter a respiração opressa, como se o ar local a sufocasse. Já não dava medo às crianças.

– Solte o meu cabelo! Solte o meu cabelo! – esbravejou Polly.

– Solte logo o cabelo dela! – gritou Digory. Ambos caíram em cima da rainha e livraram os cabelos de Polly em poucos segundos. Estavam

agora mais fortes do que ela, que tinha uma expressão de terror nos olhos.

– Depressa, Digory – disse Polly. – Vamos trocar os anéis e mergulhar no lago que nos leva para casa. – Socorro! Socorro! Tenham pena de mim! – suplicou a feiticeira, com uma voz fraca, enquanto cambaleava, ofegante, na direção deles. – Levem-me também. Se me deixarem aqui será uma crueldade, um crime de morte.

– Trata-se de uma razão de Estado – falou Polly com menoscabo. – A mesma razão pela qual você assassinou aquela gente toda lá no seu mundo. Depressa, Digory.

Colocaram os anéis verdes, mas Digory disse: – Que maçada! O que vamos fazer? – Mesmo sem querer, sentia uma certa pena da rainha.

– Não banque o idiota – disse Polly. – Aposto dez contra um que ela está fingindo. Venha logo. Os dois pularam no lago. Polly ainda pensou: "Que idéia genial ter marcado o lugar!" Mal tinha saltado, Digory sentiu que dois grandes e gélidos dedos haviam pinçado sua orelha. À medida que afundavam e as confusas formas do nosso mundo começavam a surgir, a garra dos dedos apertava mais. Pelo jeito, a feiticeira estava recuperando as forças. Deu tapas e chutes, mas não adiantou nada: já se achavam no estúdio de tio André, que lá estava, olhando boquiaberto a estranha criatura que Digory trouxera de além-mundo.

E era mesmo de abrir a boca. A feiticeira vencera a languidez do Bosque entre Dois Mundos. No nosso mundo, com as coisas de sempre ao redor, a rainha era impressionante. Em Charn já parecera alarmante; em Londres, era de meter medo. Só agora faziam uma idéia exata do tamanho da mulher. "Nem chega a ser humana" – pensou Digory, olhando para ela. E devia estar certo, pois se diz que há sangue de gigante na família real de Charn.

No entanto, a altura da rainha não era nada comparada à sua beleza, impetuosidade e selvageria. Parecia dez vezes mais cheia de vida do que a grande parte das pessoas que a gente encontra em Londres. Tio André, inclinando a cabeça, esfregando as mãos e abrindo os olhos, parecia um coelho acuado. Melhor: ao lado da feiticeira, mais parecia um camarão. Pois, apesar de tudo, como Polly observou mais tarde, havia qualquer semelhança entre ela e ele, qualquer coisa na expressão do rosto. Era o olhar dos bruxos, a marca que Jadis não encontrou na face de Digory.

Pelo menos uma vantagem havia em ver os dois reunidos: não se podia mais ter medo de tio André, assim como não se tem mais medo de minhoca depois de se topar com uma cascavel, ou medo de uma vaca depois de se topar com um touro bravo.

– Bah! – disse Digory para si mesmo. – Feiticeiro, ele! Não dá nem para enganar. Ela, sim, é pra valer!

Tio André continuava a esfregar as mãos e a curvar a cabeça. Procurava uma coisa bem delicada para dizer, mas a boca estava seca como o chafariz de Charn; não conseguia falar. Seu “experimento” com os anéis, como dizia ele, estava sendo um sucesso acima do desejável. Apesar de estar metido em magia há anos, sempre reservara as missões perigosas para outras pessoas. Nada parecido lhe acontecera até então.

Jadis falou. Não muito alto, mas alguma coisa na sua voz fez a sala estremecer.

– Onde está o feiticeiro que me convocou a este mundo?

-Ah... ah... minha senhora – arquejou tio André –,

é uma honra... excelsa... eu... um... encantador prazer... de acolher... se ao menos este seu humílimo servo fosse antes avisado de vossa real chegada... eu... eu...

– Onde está o feiticeiro, idiota? – perguntou Jadis.

– Ah... ah... minha senhora. Espero que a senhora tenha perdoado... hum... quaisquer liberdades que porventura estas crianças levadas tenham tomado diante de tão augusta presença. Posso assegurar-lhe...

– Você, ainda? – disse a rainha, numa voz ainda mais aterradora. Com uma passada, cruzou a sala, apanhou um punhado do cabelo cinzento de tio André e empurrou a cabeça dele para trás. Examinou-lhe o rosto demoradamente, enquanto o velho piscava os olhos e molhava os lábios o tempo todo. Por fim, soltou-o tão abruptamente que ele rodopiou de encontro à parede.

– Sei que tipo de feiticeiro é você – disse a rainha com desprezo. – Fique firme, animal, e pare de rebolar como se estivesse falando com gente de sua laia. Como aprendeu magia? Sangue real posso jurar que você não tem.

– Bem... realmente... real, no estrito senso da palavra, não tenho – voltou a gaguejar tio André. – Não precisamente real, senhora. Os Ketterley, contudo, pertencem a uma velha família... a uma tradicional família...

– Basta – disse a feiticeira. – Já sei o que você é. Não passa de um feiticeiro de meia-tigela, que só opera por meio de livros e fórmulas. Não há um pingo de magia verdadeira em seu sangue. Gente de seu tipo foi varrida do meu mundo há mais de mil anos. Aqui, entretanto, concedo que você seja o meu servo.

– Será uma honra... uma grande ventura, senhora, poder prestar-lhe qualquer serviço, um de-de-deleite que...

– Já chega. Você fala demais. Preste atenção em sua primeira tarefa. Estamos numa grande cidade, estou vendo. Vá buscar-me uma carruagem triunfal ou um tapete voador ou um dragão em boa forma... Ou qualquer coisa habitualmente usada pelos nobres de sua terra. Leve-me depois a lugares onde eu possa obter vestidos e jóias e escravos dignos da minha alta posição. Amanhã começarei a conquistar o mundo.

– Eu... eu... vou correndo buscar um cabriolé – disse o ofegante tio André.

– Espere – disse a feiticeira. – Que a sombra da traição nem passe pela sua cabeça. Meus olhos enxergam através das paredes e dentro do espírito dos homens, e estarão dentro de você em todos os lugares. Ao primeiro sinal de desobediência, rogo-lhe esta praga: onde se sentar, será como o ferro em brasa; quando se deitar, invisíveis blocos de gelo pousarão em cima de seus pés. Agora, vá!

O velho saiu como um cachorro com o rabo entre as pernas.

As crianças temiam agora que Jadis quisesse ajustar as contas pelo que ocorrera no bosque. No entanto, a rainha nunca mais mencionou o assunto. Eu acho (e Digory também) que a mente dela era de um tipo que jamais se lembraria daquele lugar calmo. Você poderia levá-la para lá várias vezes, e deixá-la por um longo tempo, que ela continuaria sem lembrança nenhuma.

Agora que ela estava sozinha com as crianças, nem notava a presença delas. Ela era assim mesmo. Em Charn, queria usar Digory e não deu a

mínima atenção a Polly; agora, que tinha tio André nas mãos, pouco se importava com Digory. As bruxas em geral são assim. Não estão jamais interessadas nas coisas ou nas pessoas, mas na utilidade eventual destas. São de um espírito prático implacável.

Fez-se silêncio na sala por um ou dois minutos, mas, pelas pancadas do pé de Jadis no chão, via-se que sua impaciência crescia. Por fim falou, como para si mesma:

– Que andará fazendo aquele velho maluco? Devia ter trazido um chicote. – E, sem olhar para as crianças, saiu, como um pavão, à procura de tio André.

– Opa! – exclamou Polly, respirando aliviada. – Tenho de ir já para casa. É tarde pra burro.

– Está bem, mas volte o mais cedo que puder – disse Digory. – Não pode haver nada mais medonho do que ter esta mulher aqui em casa. Temos de combinar um plano.

– O problema é de seu tio. Foi ele quem começou a confusão toda.

– Está certo... mas você volta? Não vá me deixar sozinho numa enrascada destas.

– Vou para casa pelo túnel – disse Polly, com bastante frieza. – É o caminho mais rápido. Se quer mesmo que eu volte, não acha que está na hora de pedir desculpa?

– Desculpa? Mulher é fogo! Que é que eu fiz? – Oh, nada, é claro! – respondeu Polly, com sarcasmo. – Só torceu o meu pulso como um saca-rolha! Só deu uma martelada no sino como um imbecil de fivela! Só bancou o bestalhão, deixando que ela agarrasse em você lá no bosque! Só isso!

– Oh! – exclamou Digory, muito surpreso. – Muito bem, muito bem, desculpe, desculpe. Reconheço a culpa de tudo. Já disse: desculpe! Mas, por favor, volte. Estarei frito se não voltar.

– Não vejo o que poderá acontecer com você... Acho que é o seu tio André quem vai sentar-se nas cadeiras quentes.

– Não é isso, Polly. Estou preocupado com mamãe. Imagine só se aquela coisa aparece no quarto dela; a mamãe morre, na certa.

– Ah, agora estou entendendo – disse Polly, em outro tom de voz. – Perfeito. Pazes feitas! Volto... se puder. Só que tenho mesmo de ir.

E esgueirou-se pelo túnel. O lugar escuro, que fora uma aventura poucas horas antes, parecia agora um lugar manso e doméstico.

Voltemos ao tio André. Seu velho coração ia tuque-tuque-tuque quando ele desceu os degraus do sótão, dando pancadinhas na testa com um lenço. Chegando ao próprio quarto, no andar de baixo, trancou-se. A primeira providência que tomou foi buscar no guarda-roupa uma garrafa e um cálice, mantidos ali fora da vista policialesca da tia Leta. Serviu-se de uma dose heróica da heróica bebida e bebeu de um gole igualmente heróico. Depois respirou profundamente.

– Palavra! – falou para si mesmo. – Estou inteiramente... Que coisa louca! Na minha idade! Bebeu de um gole outro cálice de heroísmo e começou a mudar de roupa: um colarinho muito alto, muito reluzente e muito duro, desses que mantinham o queixo erguido o tempo todo; um colete branco todo trabalhado, a corrente do relógio de ouro atravessando de lado a lado; uma sobrecasaca, que ele usava somente em casamentos e enterros; a cartola muito bem escovada. Apanhou uma flor no vaso (colocado ali por tia Leta), prendendo-a à lapela. Procurou um lenço limpo (um lenço excelente, impossível de se encontrar hoje em dia), deixando cair nele algumas gotas do que se chamava frasco de cheiro. Atarraxou o monóculo de fita preta diante do olho e foi olhar-se no espelho.

As crianças são bobas de um jeito, os adultos de outro. Naquele momento tio André estava começando a ficar bobo ao jeito dos adultos. Como a feiticeira não estivesse com ele na mesma sala, já se esquecera do quanto ficara aterrorizado, passando a pensar no quanto ela era deslumbrantemente bonita. Ficou repetindo para si mesmo: “Que mulher! Que mulher! Que criatura impressionante!”

Também tratara de esquecer que foram as crianças que trouxeram a “criatura impressionante”: sentia-se como se ele próprio, por sua força mágica, tivesse trazido a mulher de um mundo desconhecido. Mirando-se no espelho, disse:

– André, garoto, você está diabolicamente conservado para a sua idade. Um homem de aparência muito distinta, cavalheiro.

Veja você: o tonto do velhote estava de fato começando a imaginar que a feiticeira ficaria apaixonada por ele. Provavelmente os dois goles ajudavam a sustentar essa opinião, e as melhores roupas também. Mas, enfim, sempre fora vaidoso como um pavão; foi só por isso que se fez feiticeiro.

Abriu a porta, desceu as escadas e mandou a empregada procurar um cabriolé (todo o mundo podia ter uma porção de empregadas naquele tempo). Na sala de visitas, como esperava, encontrou tia Leta. Estava ajoelhada, muito entretida em remendar um colchão.

– Ah, minha irmãzinha querida – disse tio André –, eu... ham... hum... tenho de sair. Só queria que me emprestasse umas cinco libras, por aí...

– Não, meu caro André – respondeu tia Leta com sua voz inflexível, sem erguer os olhos do trabalho. – Já disse a você inúmeras vezes que não lhe empresto dinheiro.

– Por favor, mana, não complique; é de uma importância transcendente. Ficarei numa situação terrivelmente embaraçosa se...

– André – disse tia Leta, fitando-o –, você não tem vergonha de me pedir dinheiro emprestado?

Escondia-se toda uma comprida e aborrecida história de gente grande atrás daquelas palavras. Basta você saber o seguinte: tio André “zelava pelos negócios de tia Leta”. Como nunca trabalhou e gastava muito com charutos e conhaque (os quais a irmã sempre pagava), conseguiu deixá-la mais pobre do que era trinta anos antes.

– Minha querida, você não está entendendo. O caso é que eu tenho umas despesas extraordinárias hoje. Sou forçado a levar a passear... uma...

– Levar a passear quem, André?

– Uma... uma estrangeira que acabou de chegar... da mais alta distinção.

– Da mais alta asnice! Há uma hora que a campainha não toca.

Nesse momento a porta escancarou-se. Tia Lera virou-se e, com o maior assombro, viu ali parada uma imensa mulher, esplendorosamente vestida, de braços nus e olhos chamejantes. Era a feiticeira.

7
O QUE ACONTECEU NA RUA

– Escravo, por quanto tempo terei de esperar pela minha carruagem? – bradou a feiticeira.

Tio André encolheu-se todo. Agora, na presença dela, os pensamentos bobos que tivera ao espelho foram desaparecendo. Tia Lera levantou-se logo e foi para o meio da sala.

– André, quem é esta jovem, se e que tenho o direito de saber? – perguntou, em tom glacial.

– Uma distintíssima estrangeira... mu... muito im... im... importante.

– Asneira! – disse tia Lera, virando-se depois para a feiticeira. – Saia desta casa imediatamente, sua sirigaita! Ou eu chamo a polícia! – Achava que a feiticeira era artista de circo e, além disso, não consentia braços nus.

– Quem é esta mulher? – perguntou Jadis. – Ajoelhe-se, sua ordinária, antes que eu a desmonte. – Cuidado com as palavras que usa na minha casa, senhorita! – disse tia Lera.

Nesse momento, tio André teve a impressão de que a rainha ficara ainda mais alta. Seus olhos faiscavam. Estendeu o braço e pronunciou umas palavras de som assustador, como fizera para destruir o portal de Charn. Nada aconteceu; tia Lera, pensando que aquelas palavras horríveis fossem um inglês malfalado, disse:

– Já estou entendendo. A mulher está bêbada. Completamente bêbada! Nem pode falar direito. Deve ter sido horrível para a feiticeira perceber que o seu poder de reduzir pessoas a pó não funcionava em nosso mundo. Mas só perdeu a compostura durante um segundo. Sem gastar tempo com palavras, agarrou tia Lera pelo pescoço e pelos joelhos, levantou-a acima da cabeça como se fosse uma boneca de pano, e fez o

lançamento... Enquanto tia Lera rodopiava no ar, a empregada (que estava tendo um dia de maravilhosa animação), enfiou a cabeça na porta e disse:

– O cabriolé chegou.

– Vamos, escravo – disse a feiticeira para tio André.

Ele tentou resmungar qualquer coisa como “uma lamentável violência”, mas ficou mudo ao erguer os olhos para a rainha, que o conduziu para fora da casa. Digory veio correndo pelas escadas e chegou a tempo de ver a porta da rua sendo fechada.

– Puxa! Agora ela está solta em Londres. E com tio André! Pode acontecer tudo neste mundo. – Oh, seu Digory – disse a empregada (que estava vivendo um dia maravilhoso) –, acho que dona Letícia está um pouco machucada.

Ambos correram para a sala de estar.

Se tia Lera tivesse caído na madeira do assoalho ou mesmo no tapete, teria decerto quebrado todos os ossos. Por pura sorte, havia caído no colchão. Era uma velha dura, como costumavam ser as tias solteironas daquele tempo. Depois que cheirou seus sais, descansou por alguns minutos e disse que não era nada: apenas algumas manchas roxas. Não demorou a comandar a situação, falando à empregada:

– Sara, vá imediatamente à delegacia dizer que há uma doida solta por aí. Eu mesma levo o almoço de dona Mabel.

Dona Mabel era a mãe de Digory. Depois de almoçar com a tia, o menino pôs-se a pensar profundamente.

O problema era o seguinte: como enviar a feiticeira para o mundo dela, ou pelo menos expulsá-la do nosso o mais cedo possível? O importante, fosse como fosse, era impedir que ela continuasse a tumultuar a casa. Não podia de maneira nenhuma ser vista por sua mãe. Igualmente, se possível, não deveria tumultuar a cidade de Londres. Digory não estava na sala de estar quando ela tentou “desmontar” tia Lera, mas tinha assistido ao “desmonte” do portal de Charn. Não sabia que ela perdera seus medonhos poderes em nosso mundo, mas sabia que pretendia conquistar a Inglaterra e o resto. Naquele momento só podia estar desmontando o Palácio de Buckingham ou o Parlamento. Muitos policiais já deviam estar reduzidos a pó. Haveria alguma coisa que pudesse fazer?

“Os anéis funcionam como ímãs”, pensava ele. “Se eu tocar nela e agarrar o amarelo, iremos para o Bosque entre Dois Mundos. Será que ela perderá suas forças de novo ao chegar lá? Ou foi apenas o choque da primeira experiência? Tenho de arriscar. E como é que vou encontrar aquela imbecil aqui em Londres? Aliás, acho que tia Lera não me deixará sair se eu não disser aonde vou. E o dinheiro que tenho não dá nem para a condução. Nem sei onde começar a procurar. Será que tio André ainda está com ela?”

Por fim, concluiu que só podia fazer uma coisa: esperar que tio André e a feiticeira voltassem. Se voltassem, agarraria a feiticeira; colocaria o anel amarelo antes que ela entrasse em casa. Tinha de ficar observando da porta da rua como um gato de olho num rato. Foi para a sala de jantar e amassou o rosto contra a vidraça. Podia ver os degraus da entrada e a rua, e ficou imaginando o que Polly estaria fazendo.

A primeira meia hora escorreu lentamente. Polly havia chegado tarde para o jantar, com as meias e os sapatos muito molhados. Quando lhe perguntaram onde estivera e o que andara fazendo, respondeu que tinha saído com Digory Kirke. Havia molhado os pés numa poça. A poça estava num bosque. Onde era o bosque, não sabia. Em algum parque da cidade? Parecia com um parque.

A mãe de Polly achou então que a filha havia ido, sem dizer nada a ninguém, a um lugar de Londres que não conhecia, brincando aí de chapinhar em poças. Resultado: tinha sido uma menina muito levada, e estaria proibida de brincar com “o tal de Digory” se aquilo acontecesse de novo. Não ganhou sobremesa e não devia sair do quarto durante duas horas. Acontecia isso com muita freqüência naquele tempo.

Assim, enquanto Digory estava de olho na janela da sala de jantar, Polly estava estendida na cama, pensando ambos como o tempo custa a passar.

Acho que a situação de Digory era pior. Polly tinha apenas de esperar que as duas horas passassem, enquanto ele, ao ouvir qualquer barulho de rodas na rua, logo se sobressaltava, pensando “São eles”, para em seguida verificar que estava enganado. Entre esses falsos alarmes, o relógio continuava soando e uma mosca esvoaçava na vidraça, fora do alcance da mão. Era uma dessas casas que ficam muito quietinhas e aborrecidas durante a tarde e que sempre cheiram à carne de carneiro.

Um pequeno fato aconteceu durante a longa espera: uma senhora chegou à porta trazendo umas uvas para a mãe de Digory. Tia Leta foi recebê-la e Digory não pôde deixar de ouvir a conversa entre ambas.

– Que uvas maravilhosas! – disse a tia. – Ela vai gostar tanto! Mas, coitada da minha Mabelzinha, acho que agora só uma fruta da Terra da Eterna juventude poderia fazer bem a ela. Frutas deste mundo já não resolvem, infelizmente.

As duas começaram a falar baixo e ele não pôde escutar mais. Caso Digory ouvisse sobre a Terra da Eterna Juventude uns dias antes, teria pensado que tia Leta falava de algo sem nenhum sentido verdadeiro ou especial, como é costume entre as pessoas grandes. Mas de repente ocorreu ao menino que sabia agora que os outros mundos existiam de fato, e já estivera em um deles. Assim, tinha de existir em algum lugar a Terra da Eterna Juventude. Quase tudo devia existir. Devia existir num outro mundo alguma fruta que realmente curasse sua mãe! E oh...

Sabemos o que acontece quando uma pessoa tem a esperança de obter uma coisa desesperadamente desejada; parece bom demais para ser verdade. Mas tinha de ser verdade. Tantas coisas estranhas já haviam acontecido. E possuía os anéis. Poderia explorar, um por um, todos os lagos do bosque. E depois... mamãe vai ficar boa. Tudo certinho de novo. Chegou a esquecer-se da feiticeira. A mão já estava quase segurando o anel amarelo, quando ouviu um galope de cavalo. “Que será? Algum carro de bombeiro? Onde será o incêndio? Ih!, está vindo para cá. Ó não! É ela!”

O cabriolé foi o primeiro a surgir. Não havia ninguém na boléia. No teto do cabriolé (não sentada, mas em pé), gingando com um equilíbrio magnífico, surgiu da esquina, com uma roda no ar e a toda velocidade, a rainha Jadis, o terror de Charn. Seus dentes estavam à mostra; seus olhos relampejavam; seus compridos cabelos, caídos nas costas, brilhavam como a cauda de um cometa. Castigava o cavalo sem pena. As ventas do animal estavam dilatadas e vermelhas. Espumando, o cavalo galopou feito um doido até a porta de entrada e ergueu-se sobre as patas traseiras. O cabriolé bateu contra o poste, espalhando-se em pedaços por todos os lados. Com um salto acrobático, a feiticeira esquivou-se a tempo do choque e foi aterrissar no dorso do animal. Ajeitou-se na montaria e inclinou-se para a frente, dizendo coisas ao ouvido do cavalo. Não eram certamente coisas para acalmá-lo, mas para excitá-lo ainda mais. Outra vez ele ergueu-se

sobre as patas traseiras e começou a relinchar como se berrasse. Era todo olhos e patas e dentes. Só um exímio cavaleiro se agüentaria em cima dele.

Antes que Digory tomasse fôlego, novas coisas começaram a acontecer. Outro cabriolé parou aos pinotes atrás do primeiro: dele saltaram um homem gordo vestindo sobrecasaca e um policial. Chegou depois mais um cabriolé com dois policiais. Umas vinte pessoas (na maioria meninos que não têm nada a fazer) apareceram em bicicletas, fazendo soar as campainhas, dando vivas e vaias. Por fim surgiu um bando de gente a pé, rostos afogueados com a corrida, divertindo-se a valer. Janelas abriam-se em todas as casas da rua, e empregadas e mordomos surgiam em todas as portas. Queriam apreciar a bagunça.

Enquanto isso, um velho senhor tentava desvencilhar-se dos restos do primeiro cabriolé. Muitos correram para ajudá-lo, uns puxando-o para um lado, outros para o outro. Digory imaginou que só podia ser tio André, mas não conseguia ver-lhe o rosto, tapado e tampado pelo chapéu. O menino saiu correndo e juntou-se à multidão.

– É esta a mulher, é esta a mulher – gritava o homem gordo, apontando para Jadis. – Cumpra o seu dever, seu guarda! Levou coisas valiosíssimas da minha loja. Veja só o cordão de pérolas no pescoço dela. É meu. E além disso me deixou de olho roxo. – Puxa! – disse alguém na multidão. – Que belo trabalho ela fez nesse olho, hein?! A mulher é forte mesmo!

– Coloque um pedaço de carne crua no olho, senhor – recomendou um açougueiro. – É tiro e queda.

– Um momento! – falou o chefe de polícia. – Que confusão é esta aqui?

– Foi o seguinte: ela... – mas o gordo foi interrompido.

– Não deixe o cara do cabriolé fugir.

O senhor de idade, que só podia ser tio André, tinha conseguido colocar-se em pé e esfregava suas escoriações. O policial virou-se para ele: – Afinal, o que está acontecendo aqui?

– Onf... punf... ronf... – Era a voz do tio André de dentro da cartola.

– Pare com essa palhaçada – disse o policial, com a voz severa. – Não é hora de brincar. Tire logo essa cartola.

Era mais fácil falar do que fazer. Dois policiais pegaram a cartola pela aba e arrancaram-na à força.

– Muito grato, muito grato – disse tio André num fio de voz. – Nossa! Estou todo batido. Se alguém fizesse a fineza de me dar um pouco de conhaque...

– Preste atenção, por favor – disse o guarda, tirando do bolso um enorme caderno de anotações e um toco de lápis muito curto. – É o senhor o responsável por essa jovem?

– Cuidado! – gritaram várias vozes, e o policial deu um pulo para trás, na horinha. O cavalo tinha armado um coice para ele, provavelmente mortal.

A feiticeira manobrou o cavalo de maneira que pudesse encarar a multidão; com um facão reluzente, libertara o animal dos destroços do cabriolé.

Durante esse tempo todo, Digory procurava um jeito de tocar na feiticeira. Não era fácil: de um lado, havia a multidão; para chegar ao outro lado, teria de passar perto das patas do cavalo. Assim, de dentes cerrados, o menino aguardava um momento favorável.

Um homem de carão vermelho e chapéu~ coco tinha conseguido chegar à frente do ajuntamento.

– Ei, seu guarda! O cavalo que ela está montando é meu; o cabriolé que virou lenha também é meu.

– Um de cada vez, um de cada vez – disse o policial.

– Mas a gente não tem tempo – replicou o cocheiro. – Conheço bem este cavalo. Não é igual aos outros. O pai dele foi da cavalaria. Se essa mulher continuar espicaçando ele, vai ter assassinato aqui. Deixe eu segurar ele.

O policial só podia ficar satisfeito de ter um motivo para afastar-se do cavalo. O cocheiro deu mais um passo, olhou para Jadis e disse, com uma voz até amável:

– Eu seguro ele, a senhorita apeia. Afinal, a senhora é uma dama, e não vai querer que esses desordeiros partam para cima da senhora. Melhor ir para casa direitinho e tomar um bom chá.

Ao mesmo tempo, estendeu a mão para a cabeça do animal, dizendo:

– Quieto, Morango, quieto, companheiro!

Aí, pela primeira vez, a feiticeira falou, dominando tudo:

– Seu porco! Tire esta mão suja daí! Eu sou Jadis, a Imperatriz!

8
A BRIGA

– Vamos ver se ela é mesmo uma imperatriz – gritou uma voz.

– Três vivas à Imperatriz de Tiririca da Lagoa do Bode!

Uma onda ruborizada banhou o rosto da feiticeira, que chegou a agradecer com uma leve inclinação de cabeça. Mas os vivas acabaram em explosões de gargalhadas e ela percebeu que era tudo zombaria. Sua expressão mudou e ela passou o facão para a mão esquerda. Em seguida, sem aviso prévio, fez uma coisa terrível de se ver. Com um leve toque, como se fosse a coisa mais fácil deste mundo, estendeu o braço e arrancou uma das pesadas barras do poste da rua. Se perdera os poderes mágicos em nosso mundo, não perdera a força bruta. Era ainda capaz de partir uma barra de ferro como se fosse uma bisnaga de pão. Lançou para o alto sua nova arma, segurou-a na queda, brandiu no ar a pesada massa e fez o cavalo ir em frente.

"É a minha vez", pensou Digory. Disparou entre o cavalo e as grades. Se o animal ficasse quieto um pouquinho, poderia agarrar o calcanhar da feiticeira. Enquanto corria, ouviu um barulho de coisa esmagada e um baque. A feiticeira havia descido a barra de ferro em cima do capacete do chefe de polícia. O homem caiu como um pino de boliche.

– Depressa, Digory, temos de acabar com isto – disse uma voz a seu lado. Era Polly, que viera correndo depois de acabado o castigo.

– Puxa, você! Segure em mim com força. Tem de colocar o anel. O amarelo, hein! Mas só quando eu gritar.

Mais um capacete esfacelado e outro policial caindo como um pacote. A multidão berrava: – Jogue ela no chão. Vamos pegar as pedras do calçamento. Chamem o exército.

Mas quase todos fugiam para tão longe quanto possível. O cocheiro, no entanto, sem dúvida o mais valente e gentil entre os presentes, mantinha-se perto do cavalo, saltando para cá e para lá a fim de evitar os golpes da barra, mas sempre procurando agarrar a cabeça de Morango.

A multidão apupava e rugia novamente. Uma pedra passou assoviando pela orelha de Digory. Foi quando soou a voz da feiticeira, clara como um toque de sino e mostrando que, naquele momento pelo menos, ela estava próxima da felicidade.

– Canalhas! Hão de pagar muito caro por isso quando eu tiver conquistado este mundo. Não deixarei pedra sobre pedra nesta cidade. Vou fazer como fiz com Charn, com Felinda, com Sorlois, com Bramandin.

Por fim Digory agarrou-lhe o tornozelo. A feiticeira deu-lhe um chute de calcanhar, atingindo-lhe a boca. Com a dor, lábio cortado, a boca cheia de sangue, Digory soltou o pé de Jadis. De algum lugar próximo chegou-lhe o grito tremido de tio André:

– Minha senhora... minha boa senhora... por favor... por favor... comporte-se.

Digory deitou a mão outra vez no calcanhar e mais uma vez foi chutado para trás. Outros homens iam sendo atingidos pela barra de ferro. Digory fez a terceira tentativa; segurou o calcanhar, dessa vez para valer, berrando para Polly: “Agora!” Aí...

Graças a Deus. As caras iradas e apavoradas sumiram. As vozes raivosas e tremidas fizeram silêncio. Menos a de tio André. Perto de Digory na escuridão, a voz do tio choramingava:

– Oh, oh, devo estar delirando... só pode ser a morte... não agüento mais... não está direito. Nunca na minha vida quis ser feiticeiro. Foi tudo um mal-entendido. Tudo culpa da madrinha. Eu protesto. E nas minhas condições de saúde! Eu, de uma família tão tradicional!

– Que droga! – disse Digory. – A gente não queria trazer o velho. Que atrapalhada, puxa vida! Você está aí, Polly?

– Estou. Pare de empurrar. – Não estou empurrando.

Não teve tempo de dizer mais nada. Haviam surgido na cálida e esverdeada luminosidade do bosque. Polly já gritava ao pisar fora do lago:

– Não é possível! Trouxemos também o cavalo! E até o Sr. André. E o cocheiro! Que confusão! Quando a feiticeira percebeu que se encontrava de novo no bosque, ficou muito pálida, vergando-se até sua face tocar a crina do cavalo. Estava passando mal. Tio André tremia feito vara verde. Mas Morango sacudiu a cabeça e relinchou, muito contente; parecia sentir-se melhor. Era a primeira vez que Digory via o cavalo tranqüilo. As orelhas, que antes estavam caídas, voltaram à posição normal; os olhos brilharam de novo.

– Está tudo bem, companheiro – disse o cocheiro, dando uns tapinhas no pescoço do cavalo. É só ter cuidado.

Morango fez a coisa mais natural do mundo. Morrendo de sede (o que não era de espantar), andou tranqüilamente até o lago mais próximo para beber água. Digory ainda segurava o calcanhar da feiticeira, e Polly, a mão de Digory. Uma das mãos do cocheiro pousava em Morango; a outra estava na mão de tio André, que ainda tremelicava.

– Rápido! – disse Polly, dando um olhar inteligente para Digory. – Verdes!

O coitado do cavalo nem chegou a beber. O bando todo viu-se de novo mergulhado na escuridão. Morango deu um relincho; tio André soltou um gemido. Digory exclamou:

– Que sorte!

Uma pausa. Depois ouviu-se a voz de Polly: – A gente já não devia estar perto?

– Parece que chegamos a algum lugar – respondeu Digory. – Pelo menos estou em cima de algo sólido.

– É verdade – disse Polly. – Agora é que estou percebendo. Mas por que esta escuridão? Quer dizer, será que entramos no poço errado?

– Talvez estejamos em Charn – disse Digory. – Só que voltamos durante a noite.

– Aqui não é Charn. – Era a voz da feiticeira. – Aqui é um mundo vazio. Aqui é Nada.

E, de fato, parecia mesmo Nada. Não havia uma única estrela. Era tão escuro que não se enxergavam; tanto fazia ficar de olhos abertos ou

fechados. Sob seus pés havia uma coisa fria e plana, que podia ser chão, mas que não era relva nem madeira. O ar era seco e frio e não havia vento.

– Chegou a hora do meu destino – disse a feiticeira, com uma voz horrivelmente calma.

– Não diga isso, por favor – balbuciou tio André. – Minha boa senhora, por obséquio, não diga uma coisa dessas. Cocheiro... meu amigo... por acaso não tem aí uma garrafinha? Estou precisando de uma dosezinha.

– Calma, muita calma – disse o cocheiro, com uma voz firme e animadora. – Ninguém quebrou nada? Ótimo. Só por isso devemos ficar agradecidos; afinal, foi um tombo daqueles. Escutem: se caímos num buraco... desses da construção do metrô – alguém vai aparecer e tirar a gente daqui. E se a gente morreu – pode ter acontecido –, tinha mesmo de morrer um dia. Quem levou uma vida direita, não precisa ter medo, é ou não é? Se querem saber minha opinião, o jeito agora, para passar o tempo, é cantar um hino de igreja.

E começou a cantar. Escolheu de saída um hino de ação de graças, falando em “boa colheita”. Não eram palavras muito adequadas ao local, onde planta nenhuma parecia ter brotado desde o princípio dos tempos. Mas era a letra que ele sabia melhor. Tinha uma voz bonita. As crianças fizeram coro com ele. Ajudava a afastar o medo. Tio André e a feiticeira não cantaram.

No fim do hino Digory sentiu que alguém lhe agarrava o cotovelo. Pelo cheiro de conhaque e de charuto, só podia ser tio André. Este, muito cautelosamente, puxava o sobrinho para longe dos outros. Quando estavam a uma certa distância, o velho pôs a boca tão perto da orelha do menino que fez cócegas.

– Agora, meu caro. Pegue o anel. Vamos cair fora.

Mas a feiticeira tinha ouvido fino. Saltando do cavalo, gritou:

– Idiota! Já se esqueceu de que posso ouvir o pensamento dos humanos? Solte o menino. Se tentar trair-me de novo, vou arranjar-lhe uma vingança de que ainda não se ouviu falar desde que os mundos são mundos.

Digory, por sua vez, acrescentou:

– E se o senhor acha que sou um monstrinho nojento capaz de ir embora, deixando Polly... e o cocheiro... e o cavalo... num lugar como este, está redondamente enganado.

– Você não passa de um menino muito malcriado e atrevido – disse tio André.

– Silêncio! – bradou o cocheiro.

No escuro, finalmente, alguma coisa começava a acontecer. Uma voz cantava. Muito longe. Nem mesmo era possível precisar a direção de onde vinha. Parecia vir de todas as direções, e Digory chegou a pensar que vinha do fundo da terra. Certas notas pareciam a voz da própria terra. O canto não tinha palavras. Nem chegava a ser um canto. De qualquer forma, era o mais belo som que ele já ouvira. Tão bonito que chegava a ser quase insuportável. O cavalo também parecia estar gostando muito, pois relinchou como faria um cavalo de carga se, depois de anos e anos de duro trabalho, se encontrasse livre na mesma campina onde correra quando jovem e, de repente, visse um velho amigo cruzando a relva e trazendo-lhe um torrão de açúcar.

– Meu Deus! – exclamou o cocheiro. – Não é uma beleza?

E duas coisas maravilhosas aconteceram ao mesmo tempo.

Uma: outras vozes reuniram-se à primeira, e era impossível contá-las. Vozes harmonizadas à primeira, mais agudas, vibrantes, argênteas.

Outra: a escuridão em cima cintilava de estrelas. Elas não chegaram devagar, uma por uma, como fazem nas noites de verão. Um momento antes, nada havia lá em cima, só a escuridão; num segundo, milhares e milhares de pontos de luz saltaram, estrelas isoladas, constelações, planetas, muito mais reluzentes e maiores do que em nosso mundo. Não havia nuvens. As novas estrelas e as novas vozes surgiram exatamente ao mesmo tempo. Se você tivesse visto e ouvido aquilo, tal como Digory, teria tido a certeza de que eram as estrelas que estavam cantando e que fora a Primeira Voz, a voz profunda, que as fizera aparecer e cantar.

– Louvado seja! – disse o cocheiro. – Se eu soubesse que existiam coisas assim, teria sido um homem muito melhor.

A Voz na terra estava agora mais alta e triunfante, mas as vozes no céu, depois de entoar com ela por algum tempo, tornaram-se mais suaves.

Longe, perto da linha do horizonte, o céu se acinzentava. Movia-se uma aragem leve e refrescante. O céu naquele ponto tornava-se gradualmente mais pálido. Já se viam formas de colinas recortadas contra ele. E a Voz continuava a cantar.

A luminosidade agora já era suficiente para que se vissem. O cocheiro e as crianças estavam de boca aberta e olhos acesos: bebiam o som, o som que parecia lembrar-lhes alguma coisa. Também a boca de tio André estava aberta, mas não de júbilo. Parecia mais que o queixo dele tinha se separado do resto do rosto. Seus ombros estavam caídos, e os joelhos tremiam. Não estava gostando da Voz. Se houvesse ali um buraco de rato, já teria sumido por ele. Mas a feiticeira olhava como se, de algum modo, entendesse mais daquela música do que ninguém. De boca fechada, lábios contraídos, punhos cerrados, desde que a canção começara, sentia que aquele mundo se enchia de uma magia diferente da sua, e mais forte. E ela a detestava. Teria, se pudesse, esmagado aquele mundo, todos os mundos, só para interromper o canto. O cavalo permanecia de orelhas atentas, pisoteando às vezes o solo. Já não era um cavalo de tração velho e cansado; já se podia até acreditar que seu pai estivera mesmo na guerra.

O céu do oriente passou de branco para rosa, e de rosa para dourado. A voz subiu, subiu, até que todo o ar vibrou com ela. E quando atingiu o mais potente e glorioso som que já havia produzido, o sol nasceu.

Digory nunca tinha visto um sol daqueles. O sol sobre as ruínas de Charn parecera mais velho do que o nosso, mas este parecia mais jovem. Tinha-se a impressão de que ele ria de alegria enquanto ia subindo. E, quando seus raios cobriram a terra, os viajantes puderam verificar em que lugar estavam. Tratava-se de um vale através do qual serpenteava um grande e caudaloso rio, que corria para o leste, na direção do sol. Ao norte, colinas suaves; ao sul, montanhas altas. Mas era um vale apenas de terra, rocha e água; não havia uma única árvore, arbusto ou folhinha de capim.

A terra tinha muitas cores – cores novas, quentes e brilhantes, que faziam a gente exaltar... Até que se visse o próprio Cantor. Então, todo o resto seria esquecido.

Era um Leão. Enorme, peludo e luminoso, ele estava de frente para o sol que nascia. Com a boca aberta em pleno canto, ali estava ele, a menos de trezentos metros de distância.

– Que mundo medonho! – exclamou a feiticeira. – Temos de fugir imediatamente. Prepare a magia. – Estou perfeitamente de acordo, madame! – falou tio André. – Que lugar mais desagradável! Sem qualquer civilização! Se pelo menos eu fosse um pouco mais moço e tivesse uma espingarda... – O senhor – disse o cocheiro – não está achando que ia poder matar... ele... ou está?

– E quem poderia? – perguntou Polly.

– Prepare a magia, imbecil – retornou Jadis.

– Perfeitamente, ,madame – replicou tio André, com ar astuto. – É preciso que ambas as crianças me toquem. Ponha o anel que nos levará para casa, Digory.

Estava pretendendo cair fora sem a feiticeira. – Ah, anéis! Então é isso? – disse Jadis.

Antes que se pudesse dizer faca, ela teria metido a mão no bolso de Digory; mas este segurou Polly e gritou:

– Cuidado! Se algum de vocês chegar um centímetro que seja mais para cá, nós dois desapareceremos, e aí é que eu quero ver! É verdade: aqui no meu bolso tem um anel que me levará para casa com Polly. E, olhem, minha mão já está aqui, prontinha. Por isso, fiquem longe. Sinto pelo senhor (olhou para o cocheiro) e pelo cavalo, mas não posso fazer nada. Quanto a vocês (olhou para tio André e para a rainha), os dois são feiticeiros e acho que merecem ficar juntos.

– Bico calado, todo o mundo! – clamou o cocheiro. – Quero ouvir a música.

Pois a canção agora era outra.

9
A CRIAÇÃO DE NÁRNIA

O Leão andava de um lado para o outro na terra nua, cantando a nova canção. Era mais suave e ritmada do que a canção com a qual convocara as estrelas e o sol; uma canção doce, sussurrante. A medida que caminhava e cantava, o vale ia ficando verde de capim. O capim se espalhava desde onde estava o Leão, como uma força, e subia pelas encostas dos pequenos montes como uma onda. Em poucos minutos deslizava pelas vertentes mais baixas das montanhas distantes, suavizando cada vez mais aquele mundo novo. Podia-se ouvir a brisa encrespando a relva.

E surgiam outras coisas além da relva. As mais altas encostas iam ficando escuras de urzes. Manchas de um verde mais intenso apareciam no vale. Digory não sabia ainda o que eram, até que surgiu uma pertinho dele: uma coisinha espigada que ia lançando braços para os lados, e os braços se cobriam de verde e iam ficando maiores a uma grande velocidade. Havia muitas dessas coisas à sua volta agora. Quando ficaram quase do seu tamanho, viu o que era:

– São árvores! – exclamou.

O único problema, como Polly observou mais tarde, é que não se podia ter um só momento de paz para olhar bem. Mal Digory dissera “árvores”, teve de saltar, pois tio André já vinha para roubar-lhe o anel do bolso. Não teria sido grande vantagem para o tio, caso o tivesse conseguido, pois visou o bolso esquerdo, pensando ainda que eram os anéis verdes que levariam para casa. Mas Digory não queria perder nenhum dos dois.

– Pare! – gritou a feiticeira. – Volte. Mais longe. Se alguém chegar a dez passos de distância das crianças, estouro-lhe os miolos. – Ela tinha nas mãos aquela barra de ferro que arrancara do poste e dava mostras de que cumpriria sua palavra... E acrescentou: – Então, você está querendo partir com o menino para o seu mundo, deixando-me aqui!

Dessa vez, a revolta de tio André levou a melhor sobre o seu terror:

– Sim, minha senhora, estou! Sem dúvida alguma! É um direito que me assiste. Fui vergonhosa, abominavelmente tratado. Fiz o que pude para mostrar-lhe certas normas de civilidade. E qual foi a minha recompensa? A senhora assaltou – repito a palavra –, assaltou um distintíssimo joalheiro. Levou-me a obsequiá-la com um almoço excessivamente oneroso, para não dizer luxuoso, embora para isso eu tivesse de empenhar meu relógio. E, fique sabendo, minha senhora, nossa família não peca pelo hábito de freqüentar casas de penhor, a não ser meu primo Eduardo, quando serviu como voluntário da Cavalaria. Durante aquela indigesta refeição, seu comportamento e sua conversação atraíram a desfavorável atenção de todas as pessoas presentes. Sinto que estou socialmente arruinado. jamais poderei mostrar o meu rosto outra vez naquele restaurante. A senhora agrediu a polícia. A senhora roubou...

– Oh, pare com isso, distinto, pare com isso – disse o cocheiro. – É hora de ver e ouvir, não de falar.

Havia mesmo muito para ver e ouvir. A árvore que Digory notara em primeiro lugar já se tornara adulta, com os galhos balançando levemente, e eles pisavam agora numa relva macia, salpicada de margaridas e botões-de-ouro. Mais adiante, ao longo da margem do rio, cresciam salgueiros. Do outro lado, fechavam-se sobre eles emaranhados de arbustos de groselha floridos, lilases, rosas silvestres e azaléias. O cavalo fartava-se de relva nova.

Todo esse tempo, prosseguiam a canção do Leão e seu majestoso caminhar, de um lado para outro, para a frente e para trás. Aproximava-se mais e mais, o que era meio alarmante. Polly achava a canção cada vez mais interessante, pois começara a perceber uma ligação entre a música e as coisas que iam acontecendo. Quando uma fileira de abetos saltou a uns cem metros dali, sentiu que os mesmos estavam ligados a uma série de notas profundas e longas que o Leão cantara um segundo antes. Quando ele entoou uma seqüência de notas rápidas e mais altas, não ficou nada surpresa ao ver primaveras surgindo por todos os cantos. Com um indescritível frêmito, teve quase certeza de que todas as coisas (como disse mais tarde) “saíam da cabeça do Leão”. Ouvir a canção era ouvir as coisas que ele estava criando: olhava-se em volta, e elas estavam lá. Era tão emocionante que Polly nem teve tempo de sentir medo. Mas Digory e o cocheiro ficaram

um tanto nervosos com a aproximação do Leão. Quanto ao tio André, seus dentes estalejavam, mas, como seus joelhos tremiam demais, não saiu do lugar.

De repente a feiticeira caminhou ostensivamente na direção do Leão. Este se aproximava, sempre cantando, com passos lentos e pesados. Estava a menos de dez metros. Ela ergueu o braço e arremeteu a barra de ferro bem na sua cabeça.

Ninguém (muito menos Jadis) erraria àquela distancia. A barra acertou o Leão bem entre os olhos e caiu na relva. O Leão continuou a caminhar: seu passo não era nem mais lento nem mais apressado do que antes. Nem mesmo era possível afirmar que fora atingido. Embora não fizesse barulho ao andar, dava para sentir o seu peso, enquanto se aproximava.

A feiticeira deu um berro e correu, desaparecendo entre as árvores. Tio André quis fazer o mesmo, mas tropeçou numa raiz e caiu de cara num riacho. As crianças não se moveram. Não podiam. Nem sabiam se queriam. O Leão não lhes deu atenção. Sua boca imensa estava aberta, mas para cantar, não para rosnar. Passou tão perto que poderiam ter tocado em sua juba. Temiam que se voltasse para o lado e desse com eles; mas, apesar do medo, desejavam que isso acontecesse. Era, no entanto, como se fossem invisíveis e inodoros. Depois de dar alguns passos, o Leão voltou-se, passou novamente por eles, continuando o seu caminho na direção do oriente.

Tio André, tossindo e respingando, saiu do riacho.

– Temos de ficar livres dessa mulher, Digory! A fera já se foi. Dê-me a mão e pegue logo o anel.

– Longe daqui! – gritou Digory, afastando-se. – Cuidado com ele, Polly; venha aqui ao meu lado. Vou lhe dizer uma coisa, tio André: nem mais um passo, senão a gente some.

– Faça o que eu lhe falei, rapaz – disse o tio. – Você é muito desobediente, um jovenzinho muito malcomportado.

– Calma! – disse Digory. – Queremos ficar e ver o que vai acontecer. Pensei que o senhor gostasse de conhecer outros mundos. Não gosta mais?

– Gostar?! – pulou tio André. – Olhe o estado em que estou! A minha melhor roupa!

Estava mesmo uma coisa! Quanto mais elegante está uma pessoa, pior fica depois de embolar-se num cabriolé em frangalhos e cair dentro de um córrego:

– Não estou dizendo que o lugar não seja interessante – acrescentou o tio. – Se eu fosse mais moço, talvez arranjasse um bom companheiro para voltar aqui. Um desses caçadores destemidos. O lugar não é nada desprezível. O clima, por exemplo, é uma delícia. Nunca respirei um ar assim. Acho que me teria feito bem à saúde, se as condições não fossem tão desfavoráveis. Se tivéssemos ao menos uma espingarda!

– Que espingarda que nada! – falou o cocheiro. – É melhor eu ir ver se consigo dar uma limpada no Morango. Olhe, esse cavalo tem mais juízo que certa gente que eu conheço...

Andou até o animal e começou a fazer os barulhinhos que fazem os tratadores de cavalos.

– O senhor acha que aquele leão pode morrer com um tiro? – perguntou Digory. – Ele nem ligou para a barra de ferro!

– Apesar de tudo, aquela moça é valente. Era preciso coragem para fazer aquilo. – E o tio começou a esfregar as mãos e a estalar os dedos, como se mais uma vez se esquecesse do medo que tinha da feiticeira.

– Foi uma covardia – interveio Polly. – Que mal ele fez a ela?

– Ei, o que é aquilo? – gritou Digory, ao avistar algo a uns metros de distância. – Polly, venha correndo.

Tio André também foi, não porque estivesse curioso, mas por querer ficar perto das crianças, à espera de uma oportunidade de apoderar-se dos anéis. Ao ver do que se tratava, acabou interessado. Era um poste de luz, dos antigos, perfeito, com uns poucos palmos de altura, mas que foi crescendo à medida que olhavam, como as árvores haviam crescido.

– Está vivo também... quer dizer, está aceso – exclamou Digory.

Era verdade. A claridade do sol, naturalmente, tornava difícil ver a pequena chama dentro do lampião, a não ser quando uma sombra se projetava nele.

– Notável, notabilíssimo! – murmurou tio André. – Nem mesmo eu poderia imaginar magia como esta. Estamos num mundo onde as coisas

todas, mesmo os postes, nascem e crescem. Não posso atinar com o tipo de semente que dá poste de iluminação.

– Não está vendo? – perguntou Digory. – É o lugar onde caiu a barra de ferro... a barra que ela arrancou do poste de Londres. Está virando um postezinho.

Mas já não era tão pequeno assim, pois enquanto ele falava isso o poste alcançava a sua altura.

– Fantástico, fantástico! – exclamava tio André, esfregando as mãos com mais energia do que nunca. – Ah, ah! Eles se riam das minhas magias. Aquela louca da minha irmã me considera um lunático. Quero ver o que vão dizer agora! Descobri um mundo onde tudo explode de vitalidade e cresce. Colombo, falam muito de Colombo. Que é a América, comparada a isto? As possibilidades comerciais deste país são ilimitadas. É só trazer uns pedacinhos de ferro velho para cá, enterrá-los, e eles crescerão como locomotivas, como navios de guerra, o que se quiser. O preço de custo é nada, e eu posso vendê-los aos preços do mercado inglês. Desta vez fico milionário. Sem falar no clima! Já estou me sentindo vinte anos mais jovem. Posso fazer disto aqui um lugar de tratamento. Uma boa clínica aqui não pode valer menos do que vinte milhões por ano. É claro que algumas poucas pessoas têm de ser iniciadas no meu segredo. A primeira coisa a fazer é liquidar aquela fera.

– O senhor é igual à feiticeira, sem tirar nem pôr – disse Polly. – Só pensa em matar.

– E, quanto a mim – continuava o tio num sonho feliz –, e imprevisível por quanto tempo poderei viver enquanto estiver aqui. Isso é uma coisa de capital importância quando já se chegou aos sessenta anos. Não ficaria nada espantado se eu não envelhecesse nem um dia a mais nesta terra! Fantástico! A terra da eterna juventude!

– Oh! – exclamou Digory. – A terra da eterna juventude! Acha que é isso realmente? – Lembrou-se do que dissera tia Lera à senhora das uvas, e doces esperanças o animaram outra vez. – Tio André, acha que alguma coisa por aqui poderia curar a mamãe?

– Que história é esta, menino? Isto não é farmácia. Mas eu estava dizendo...

– O senhor não dá a mínima importância a ela – proferiu Digory, irritado. – Pois acho que está errado; afinal, trata-se de sua irmã também. Bem, deixe para lá. Vou perguntar diretamente ao Leão se ele pode me ajudar.

Virou-se e saiu bruscamente. Polly esperou um instante e foi atrás.

– Epa! Espere! Volte aqui! Esse menino ficou doido...

Tio André seguiu as crianças, com a maior cautela: não queria nem ficar longe demais dos anéis, nem perto demais do Leão.

Em poucos minutos Digory atingiu a orla do bosque. O Leão continuava a cantar, mas a canção era de novo diferente, mais agreste do que as outras. Fazia a gente querer correr, pular, subir nas árvores, gritar, ir ao encontro dos outros para abraçá-los ou esmurrá-los.

Digory ficou com o rosto quente, vermelho. Nem tio André escapou aos efeitos da música, pois Digory o ouviu dizer: “Moça valente! Que pena o temperamento dela! Mas que mulher, que mulher danada!”

No entanto, o que a canção provocava nos seres humanos não era nada, se comparado com o que estava acontecendo ao resto daquele mundo.

Você é capaz de imaginar um monte de terra relvosa a borbulhar como água na chaleira? Não pode haver melhor descrição do que estava acontecendo. Por todos os lados a terra se inchava em corcovas. Eram montes de tamanhos diversos,

alguns do tamanho de um formigueiro, outros do tamanho de um barril, outros do tamanho de uma cabana. E as corcovas mexiam-se e ficavam inchadas até estourarem: aí, a terra se derramava e de cada monte surgia um bicho. As toupeiras iam aparecendo, e também os cachorros, latindo no momento em que livravam a cabeça, do mesmo modo como fazem para atravessar uma passagem estreita na cerca. Os mais divertidos eram os veados, pois os galhos dos chifres surgiam muito antes do resto, dando a impressão de árvores. As rãs iam logo, coaxando, coaxando, dar um mergulho no rio. Panteras, leopardos e os bichos desse gênero punham-se logo a limpar as patas traseiras e as garras dianteiras. Borboletas esvoaçavam. Abelhas começavam imediatamente a trabalhar com as flores como se não tivessem um segundo a perder. Mas o grande momento, o maior de todos, foi quando o maior dos montes de terra partiu-se como um

pequeno terremoto e de lá surgiram o vasto costado, o carão ajuizado e as quatro colunas que servem de pernas ao elefante. Já mal se escutava o canto do Leão: era um mugir, um crocitar, um uivar, um bramir, um relinchar, um latir, um trinar, as vozes todas dos animais.

Mas Digory ainda podia ver o Leão. Estava tão grande e tão brilhante que era impossível tirar os olhos dele. Os outros animais não mostravam o menor medo. Digory ouviu naquele instante um som de cascos. Um momento depois o velho cavalo do cabriolé passou a trote e foi reunir-se aos outros animais. (O ar fizera-lhe bem, como fizera bem a tio André; já não parecia nem um pouco com o pobre e velho escravo das ruas de Londres; pisava firme, de cabeça erguida.)

Pela primeira vez, o Leão ficou em total silêncio, indo e vindo entre os animais. Aqui e ali aproximava-se de dois deles (sempre dois de cada vez) e tocava-lhes os focinhos com o seu. Escolhia dois castores dentre todos os castores; dois leopardos dentre todos os outros; e deixava os demais. Algumas espécies não foram tocadas. Os pares tocados imediatamente abandonavam os outros e seguiam o Leão. Este finalmente ficou imóvel. Todas as criaturas tocadas por ele aproximaram-se e formaram um círculo ao seu redor. Os outros começaram a dispersar-se. Os bichos eleitos ficaram em completo silêncio, todos com os olhos fixos no Leão. Só os felinos uma vez ou outra davam uma rabanada.

Pela primeira vez naquele dia havia silêncio absoluto, exceto pelo barulho da água corrente. O coração de Digory batia desordenadamente: sentia que algo muito solene estava para acontecer. Não se esquecera de sua mãe, mas também sabia que, nem mesmo em nome dela, poderia interromper a solenidade.

O Leão, cujos olhos jamais piscavam, olhava para os animais com dureza, como se fosse incendiá-los com o olhar. Uma transformação gradativa começou a ocorrer neles. Os menorzinhos – os coelhos, as toupeiras e outros do tipo – ficaram um pouco maiores. Os grandões ficaram um pouco menores. Muitos animais estavam sentados nas patas traseiras. Muitos viravam a cabeça de lado como se quisessem entender. O Leão abriu a boca, mas não produziu nenhum som: estava soprando, um sopro prolongado e cálido. O sopro parecia balançar os animais todos, como o vento balança uma fileira de árvores. Lá em cima, além do véu de céu azul que as esconde, as estrelas cantaram novamente: uma música pura,

gelada, difícil. Depois, vindo do céu ou do próprio Leão, surgiu um clarão feito fogo (mas que não queimou nada). As duas crianças sentiram o sangue gelar-lhes nas veias. A voz mais profunda e selvagem que jamais haviam escutado estava dizendo:

– Nárnia, Nárnia, desperte! Ame! Pense! Fale! Que as árvores caminhem! Que os animais falem! Que as águas sejam divinas!

10
A PRIMEIRA PIADA

Era decerto a voz do Leão. As crianças já haviam adivinhado que ele falava. Mesmo assim, quando falou, foi um choque para elas, ao mesmo tempo agradável e terrível.

Das árvores surgiram criaturas selvagens, deuses e deusas da floresta; chegaram com eles os faunos, os sátiros e os anões. Das águas saíram o deus do rio com suas filhas, as náiades. E todos eles e todos os animais, com suas vozes diversas, graves ou estridentes, roucas ou claras, replicaram:

– Salve, Aslam! Ouvimos e obedecemos. Estamos despertos. Amamos. Pensamos. Falamos. Sabemos.

– Mas, com licença, ainda não sabemos muito – falou uma voz nasal e bufante. As crianças levaram um susto, pois fora o próprio Morango que falara.

– Formidável! O velho Morango! – exclamou Polly. – Estou feliz de saber que ele também foi escolhido para ser um animal falante.

E o cocheiro, que estava então ao lado das crianças, disse:

– Macacos me mordam! Sempre falei que aquele cavalo tinha muita inteligência, sempre.

A voz forte e feliz de Aslam ressoou:

– Criaturas, eu lhes dou a si mesmas. Dou-lhes para sempre esta terra de Nárnia. Entrego-lhes as matas, os frutos e os rios. Entrego-lhes as estrelas e entrego-lhes a mim mesmo. Seus também são os animais mudos. Cuidem deles com bondade, mas não lhes sigam os caminhos, sob pena de perder a fala. Pois deles foram gerados e a eles poderão retornar. Não o façam.

– Não o faremos, Aslam, não o faremos – disseram todos.

Mas uma gralha atrevida acrescentou em voz alta: “Deixe conosco!”, quando todas as outras vozes já haviam cessado; as palavras soaram claramente no solene silêncio. A gralha ficou tão encabulada que escondeu a cabeça sob as asas como se quisesse dormir. E todos os outros animais passaram a fazer barulhos engraçados, jamais ouvidos em nosso mundo: é assim que eles riem. Tentaram a princípio conter o riso, mas Aslam lhes disse:

– Riam sem temor, criaturas. Agora, que perderam a mudez e ganharam o espírito, não são obrigados a manter sempre a gravidade. Pois também o humor, e não só a justiça, mora na palavra. Assim sendo, riram-se todos a valer. E foi a maior festa quando a própria gralha retomou coragem, subiu à cabeça de Morango, ruflou as asas e disse:

– Aslam! Aslam! Sou eu a autora da primeira piada? Todas as gerações serão informadas de que fui eu a fazer a primeira piada.

– Não, minha amiga – respondeu o Leão. – Não foi você que fez a primeira piada: você apenas foi a primeira piada.

Aí é que a turma se riu às bandeiras despregadas. A gralha não se agastou; pelo contrário, começou também a rir alto, até que o cavalo sacudiu a cabeça e ela perdeu o equilíbrio e caiu; mas antes de bater no chão lembrou-se das asas (novinhas em folha).

– Nárnia está fundada – disse Aslam. – Zelemos por mantê-la livre. Convocarei alguns para o meu Conselho. Cheguem até mim o chefe Anão, o Deus do rio, o Carvalho, o Sr. Coruja, o casal Corvo e o Sr. Elefante. Devemos parlamentar. Pois, apesar de o mundo não ter mais que cinco horas de idade, o mal já penetrou nele.

As criaturas nomeadas adiantaram-se e seguiram o Leão. Os outros começaram a conversar, dizendo coisas assim: “– Que é que penetrou no mundo? – O nau – Que é o nau? – Não, ele disse o vau. – Mas o que é o vau?”

– Olhe, Polly – disse Digory –, tenho de ir atrás de Aslam, quer dizer, do Leão. Preciso falar com ele de qualquer jeito.

– Você acha que a gente pode? Tenho os meus receios.

– Não tenho outra saída: é por causa da mamãe. Acho que só ele poderá me dar alguma coisa que faça bem a ela.

– Vou com você – disse o cocheiro. – Gostei do jeitão dele. E quero também trocar umas idéias com o Morango.

Os três avançaram intrepidamente – tão intrepidamente quanto possível – na direção da assembléia dos bichos. Encontravam-se estes tão ocupados em falar uns com os outros e fazer amigos, que só perceberam os três humanos quando estes se achavam bem perto. Também não ouviram tio André, que, tremendo à distância, gritava sem muita vontade de fazer barulho:

– Volte, Digory! Obedeça-me! Volte logo! Quando por fim os três chegaram ao círculo dos bichos, estes calaram a boca e olharam para eles. Falou o Sr. Castor, finalmente:

– Bem, em nome de Aslam, quem são vocês?

– Por favor... – mal Digory disse isto, sem fôlego, um coelho interrompeu:

– Só pode ser uma espécie de alface graúda.

– Não somos alface, sinceramente, não somos – protestou Polly com toda a pressa necessária. – Não somos de ser comidos.

– Taí – falou a toupeira. – Eles falam. Quem já ouviu dizer de uma alface que falasse?

– Quem sabe não são a segunda piada? – sugeriu a gralha.

Uma pantera que lavava a cara deteve-se para comentar:

– Se isso é uma piada, gostei mais da primeira.

Não acho graça nenhuma nessa aí – e, bocejando, voltou a lavar-se. Digory continuou:

– Por favor, não tenho tempo a perder. Preciso falar com o Leão.

Enquanto isso, o cocheiro tentava encontrar Morango; até que por fim deu com ele:

– Morango, companheiro velho de guerra. Não se lembra de mim? Ou vai dizer que não me conhece? – O que é esta Coisa conversando com

você, cavalo? – perguntaram.

– Bom – começou a responder Morango, com a maior lentidão –, não sei precisamente. Acho que nenhum de nós sabe muito a respeito de qualquer coisa assim. Tenho uma vaga idéia de já ter visto antes uma coisa assim. Tenho a impressão de já ter vivido em outro lugar – ou de ter sido uma outra coisa – antes que Aslam nos despertasse há poucos minutos. Está tudo muito confuso na minha mente. Parece um sonho. Mas no sonho aparecem coisas como estas três aqui.

– Hein? – exclamou o cocheiro. – Não me reconhece mais? Logo eu que lhe dava, quando podia, uma comidinha especial? Eu, que esfregava você! Eu, que cobria você com um cobertor velho no tempo do frio! Não esperava isso de você, Morango, francamente!

– Estou começando a me lembrar – falou Morango, pensativamente. – Ah, é. Deixe-me pensar um pouco mais. Isso mesmo: você costumava amarrar nas minhas costas uma coisa escura, horrível... Costumava bater em mim para que eu corresse... Eu corria, corria, mas aquela coisa escura não saía de cima de mim.

– Morango, cá para nós: a gente tinha de ganhar a vida, é ou não é? A sua e a minha. Sem trabalhar, sem chicote, como é que podia haver estábulo, feno, ração? Não vai negar que de vez em quando pegava a sua raçãozinha?

– Ração? – disse o cavalo, levantando as orelhas. – Sim, tenho uma ligeira idéia a respeito. Ah, estou me lembrando: você ficava sempre sentado atrás de mim, e eu ia correndo na frente, puxando você e a coisa escura. Era eu que fazia o trabalho todo.

– No verão, no verão, Morango. Trabalho duro para você e eu ali atrás na frescata. Mas, companheiro, e quando chegava o inverno? No inverno era você quem ficava quentinho, e eu lá atrás, gelado como um sorvete, com o nariz no vento, com as mãos duras, que quase nem dava para segurar as rédeas. Era ou não era?

– É uma história dura e cruel – disse Morango. – Não havia relva no caminho: tudo pedra.

– Verdade, pura verdade, companheiro! Que mundo duro aquele! Sempre falei que aqueles pedregulhos eram de matar o meu cavalo.

Londres. Londres é dura. Eu também não gostava nem um pouco. Você era um cavalo do campo e eu também era um homem do campo. Eu até cantava no coro da igreja! Mas como é que eu ia ganhar a vida lá na roça?

– Por favor, por favor – pediu Digory. – Será que não podemos ir em frente? O Leão está cada vez mais longe. E eu tenho de falar com ele de qualquer jeito!

– Olhe aqui, Morango – disse o cocheiro –, este jovem tem uma coisa para conversar com o Leão, o tal de Aslam. Será que você não podia levar ele nas costas? Ele monta com jeito, é claro. Eu e a menina seguimos vocês.

– Montar? – perguntou Morango. – Estou me lembrando. Nas minhas costas... Já levei algumas vezes um pequenino de duas pernas, há muito, muito tempo. Ele costumava me dar uns quadradinhos brancos. Eram... oh, gostosíssimos, mais doce do que grama.

– É açúcar – informou o cocheiro.

– Por favor, Morango – implorou Digory –, leve-me para falar com Aslam.

– Está bem – respondeu o cavalo. – Uma vez ou outra, eu não me importo. Pode montar.

– Bom Morango! – disse o cocheiro. – Espera aí, rapaz, eu dou uma ajuda.

Digory, que já havia montado em pêlo em seu próprio pônei, sentiu-se muito à vontade.

– Toque, Morango – disse o menino ao cavalo.

– Por acaso teria aí um quadradinho branco? – perguntou o animal.

– Lamento muito, não tenho – respondeu o menino.

– Que se há de fazer! – disse Morango, partindo. Nesse momento, um enorme buldogue que andara farejando ruidosamente, disse:

– Olhem. Aquilo ali não é uma outra dessas criaturas esquisitas? Lá, na beira do rio, debaixo da árvore?

Os animais todos olharam e viram tio André muito quietinho entre os rododentros, esperando não ser descoberto.

– Vamos lá. Vamos ver o que é.

Assim, enquanto Morango trotava numa direção com Digory, acompanhado de Polly e do cocheiro, grande parte das criaturas corria para tio André, com rugidos, latidos, grunhidos e outros ruídos animados.

Precisamos voltar um pouco para explicar como a cena toda parecera a tio André. A impressão que ele teve foi muito diferente daquela das crianças e do cocheiro. Pois o que você ouve e vê depende do lugar em que se coloca, como depende também de quem você é.

Desde que os bichos apareceram, tio André foi se encolhendo cada vez mais na moita – e, é claro, não conseguiu ver muito bem. Mas ele não estava de fato interessado no que presenciava: sua única preocupação era que não corressem na direção dele. Como a feiticeira, era um homem incrivelmente prático. Nem chegou a reparar que Aslam escolhera um par de cada espécie de animal. Tudo o que viu, ou pensou que viu, foi um bando de animais selvagens rondando por ali. E não entendia por que os bichos não fugiam do Leão.

Quando chegou o momento solene e os bichos falaram, não percebeu nada, e por uma razão bem interessante. Assim que o Leão começou a cantar, ainda em meio à escuridão, tio André percebeu que o barulho era uma canção, e não gostou nada.

A canção fazia com que sentisse e pensasse coisas que não queria sentir nem pensar. Quando o sol nasceu e viu que o cantor era um leão (“um mero leão”, como disse para si mesmo), fez tudo para convencer-se de que não havia canto algum, mas apenas rugidos, como fazem os leões em nosso mundo. “Devo ter imaginado que o Leão cantava; é porque estou com os nervos descontrolados. Alguém já ouviu um leão cantar?” Quanto mais belo o canto, mais tio André imaginava ouvir rugidos. O negócio é este: quando a gente quer se fazer de tolo, quase sempre consegue. Tio André conseguiu. Passou a ouvir apenas rugidos na canção de Aslam. Mesmo que quisesse voltar atrás, já era tarde. Quando afinal o Leão falou e disse “Nárnia, desperte”, o tio não ouviu palavras; ouviu somente um rosnado. Quando os bichos responderam, ouviu latidos, uivos, zurros, miados. Quando caíram na risada... bem, você pode imaginar. Esse foi o pior momento para tio André. Aquela zoeira infernal de feras sanguinárias e esfomeadas! Depois,

para arrematar-lhe a raiva e o terror, viu os outros três seres humanos se encontrarem, na maior calma, com os outros animais.

“Imbecis!”, falou para si mesmo. “As feras vão comer os anéis junto com as crianças, e nunca mais poderei voltar para casa. Mas que menino egoísta este Digory! E os outros são da mesma laia. Se querem morrer, o problema é deles. Mas... e eu? Será que não pensam nisso? Ninguém se lembra de mim.”

Por fim, quando um bando de bichos veio correndo para o lado dele, tio André virou as costas e também saiu em disparada. E agora podemos todos verificar que de fato o ar do mundo jovem fizera muito bem ao velho. Em Londres, já era velho demais para dar uma corridinha; em Nárnia, correu a uma velocidade que daria para bater todos os recordes de corridas de cem metros. Era de ver a aba do casacão revoando ao vento. É claro que a velocidade de nada lhe valia. Muitos dos animais eram mais rápidos; pela primeira vez na vida corriam e estavam doidos para exercitar os músculos. “Corre! Corre!”, gritavam. “Deve ser o vau! Vamos cercar o vau! Depressa! Agarra!”

Em poucos instantes alguns lhe tomaram a dianteira, fechando-lhe o caminho. Outros o acuaram pela retaguarda. Por todos os lados tio André via o terror. Chifres de enormes alces e o carão imenso de um elefante sobrepunham-se à frente. Ursos muito sérios rugiam atrás. Leopardos de olhar frio e panteras de feições sarcásticas (como imaginou) miravam-no, agitando as caudas. O que mais o abatia era o grande número de bocas escancaradas. Os animais ofegavam; para ele, no entanto, era fome.

Tio André pôs-se a tremer. jamais gostara de animais, dos quais em geral sentia medo. Além disso, anos de experiências cruéis com os bichos só fizeram com que mais os temesse e odiasse.

– Bem, Sr. Coisa – disse o buldogue, com seu jeito de homem de negócios –, responda-me: você é animal, vegetal ou mineral?

Foi o que ele disse, na realidade; mas o que tio André ouviu foi:

– GRRR!

11
DIGORY E O TIO EM APUROS

Pode parecer que os animais eram muito burros, por não perceberem logo que tio André era uma criatura da mesma espécie das crianças e do cocheiro. Mas devemos lembrar que os animais nada sabiam a respeito de roupas. Pensaram que a saia de Polly, o terninho de Digory e o chapéu-coco do cocheiro fossem partes de cada um, como as peles e as penas dos bichos. Nem poderiam saber que os três eram da mesma espécie, se não tivessem falado com eles. Mas tio André era bem mais alto do que as crianças e bem mais magro que o cocheiro. Vestia-se de preto de alto a baixo, com exceção do colete branco (já não muito branco) e da juba de seus cabelos (muito desgrenhada, agora); não se assemelhava a nada do que haviam reparado nos outros humanos. É natural que estivessem atrapalhados. Para agravar tudo, tio André parecia não ter o dom da fala.

É verdade que ele tentara dizer algo. Quando o buldogue falou com ele (ou, como pensava, rosnou para ele), o velhote estendeu a mão e arquejou:

– Totó...

Mas os bichos também não eram capazes de compreendê-lo. Não ouviram palavras, mas um ruído sibilante. Talvez tenha sido até bom, pois nenhum cão do meu conhecimento (muito menos um cão falante de Nárnia) gosta de ser tratado de Totó.

Tio André teve um desmaio profundo.

– Está vendo – disse um javali –, não passa de uma árvore. Sempre achei isso. (Lembremo-nos de que ainda não haviam visto uma queda ou um desmaio.)

O buldogue, após farejar tio André por todos os lados, ergueu a cabeça e concluiu:

– É um bicho, um bicho. Sem dúvida. E muito provavelmente do mesmo tipo dos outros três.

– Não concordo – disse um dos ursos. – Um animal não rola desse jeito. Somos animais e não rolamos desse jeito. Ficamos em pé. Assim. – Ficou em pé nas pernas traseiras, deu um passo para trás, tropeçou num galho traseiro e caiu de costas. – A terceira piada, a terceira piada! – gritou a gralha, excitada.

– Pois ainda acho que é uma árvore – disse o javali.

– Se é árvore – disse o outro urso –, deve ter casa de abelhas.

– Tenho a absoluta certeza de que não é uma árvore – opinou o texugo. – Tive a impressão de que ele tentou falar antes de desabar.

– Foi o vento – disse o javali.

– Você não está querendo dizer – disse a gralha ao texugo – que se trata de um animal falante! Ele não disse nada!

– Seja como for – disse á Sra. Elefanta –, deve ser algum tipo de animal. Aquela bola esbranquiçada não é de certo modo uma cara? E aqueles buraquinhos não podem ser olhos e boca? Nariz não tem, é claro... mas quem não tem vistas estreitas sabe muito bem que poucos animais dispõem do que se pode chamar, com propriedade, um Nariz. – E ela espichou a tromba toda, com perdoável orgulho.

– Tenho sérias objeções a fazer com respeito a essa observação – protestou o buldogue.

– Dou meu apoio irrestrito à Sra. Elefanta – afirmou a anta.

– Pois vou dizer uma coisa: talvez seja um animal que não sabe falar, mas pensa que sabe. – O autor dessa opinião brilhante foi o burro.

– Será que ele não pode ficar em pé? – falou a elefanta, pensativamente. Apanhou do chão a massa bamba do tio André, com delicadeza, colocando a “coisa” em posição vertical, mas de cabeça para baixo. Azar. As moedas que sobraram do almoço com a feiticeira rolaram pelo chão. Tio André teve outro desmaio.

– Não disse? – falaram várias vozes. – Não é animal coisa nenhuma. Não tem vida.

– Já disse para vocês que é um animal – disse o buldogue. – Cheirem por si mesmos.

– Cheirar não é tudo – redargüiu a Sra. Elefanta. – Essa é boa! – replicou o buldogue. – Se um sujeito não pode confiar no seu nariz, vai confiar em quê?

– Na cabeça, talvez – disse a Elefanta, com doçura.

– Não aceito de modo algum essa observação – disse o buldogue.

– Enfim, precisamos fazer alguma coisa – respondeu a Sra. Elefanta. – Pois pode tratar-se do vau, e o vau tem de ser mostrado a Aslam. O que acha a maioria? Trata-se de um animal? Ou será alguma coisa feito árvore?

– Árvore! Árvore! – disseram dezenas de vozes. – Muito bem! – falou a Sra. Elefanta. – Já que é árvore, está pedindo para ser plantada. Vamos fazer uma cova.

As toupeiras encarregaram-se dessa parte com presteza. Discutiu-se depois de que lado tio André deveria ser enfiado na cova, e por um triz não foi colocado de cabeça. Diversos animais disseram que as pernas deviam ser galhos e, assim sendo, a coisa cinzenta e fofa (a cabeça) devia ser a raiz. Mas outros opinaram que a forquilha do outro lado estava mais enlameada e era mais longa: deviam ser as raízes. Foi desse modo que o tio André foi plantado de cabeça para cima. Quando terminaram, a terra lhe dava pelos joelhos.

– Está tão murcho! – observou o burro.

– Precisa ser regado – disse a Sra. Elefanta. – Sem querer ofender qualquer um dos presentes, acho que, para essa tarefa, o meu nariz...

– Protesto! – replicou o buldogue.

A elefanta andou com tranqüilidade até o rio, encheu a tromba e voltou a tio André. O sagaz animal lançou litros de água no velho. A água escorria pelas abas da casaca, como se o homem tivesse tomado banho com roupa. Por fim, ele voltou a si. Que despertar indescritível! Mas deixemos que ele medite sobre seus malfeitos (se é que seria capaz de ser tão sensato) e tratemos de coisas mais importantes.

Morango seguiu trotando até encontrar Aslam e os conselheiros. Digory bem sabia que não poderia interromper reunião tão solene, mas não

teve necessidade disso. A uma palavra de Aslam, o elefante, os corvos e os outros afastaram-se um pouco. Digory apeou do cavalo e achou-se face a face com Aslam, que era maior, mais belo, mais reluzentemente dourado e ainda mais terrível do que pensara. Não ousou fitá-lo nos olhos.

– Por favor, Sr. Leão... Aslam... Senhor, será que podia... posso eu... por favor... o senhor me daria um fruto desta terra... mágico... que curasse a minha mãe?

Esperava desesperadamente que o Leão dissesse "Sim"; seria pavoroso se dissesse "Não". Mas, para seu espanto, não foi uma coisa nem outra.

– É este o rapaz – disse Aslam, olhando não para Digory, mas para os conselheiros. – O rapaz que fez isso.

– Oh, e agora? Que será que eu fiz?

– Filho de Adão – falou Aslam –, há uma feiticeira na minha nova terra de Nárnia. Diga a estes bichos como ela chegou aqui.

Dez coisas diferentes passaram como um relâmpago pela cabeça de Digory, que teve o juízo de contar estritamente a verdade.

– Fui eu que a trouxe, Aslam – respondeu, com a voz fraca.

– Com que objetivo?

– Queria que ela saísse do meu próprio mundo e fosse para o dela. Pensei que estivesse no caminho certo.

– Mas como ela foi parar em seu mundo, Filho de Adão?

– Por magia.

O Leão nada disse e Digory sentiu que ainda não dera todas as informações.

– Foi meu tio, Aslam: ele nos enviou para fora do nosso mundo por meio de uns anéis mágicos; eu tinha mesmo de ir, porque Polly foi mandada na frente; aí encontramos a feiticeira num lugar chamado Charn, e ela agarrou-se em nós quando...

– Você encontrou-se com a feiticeira? – perguntou Aslam com uma voz soturna, que encerrava a ameaça de um rosnado.

– Ela despertou – informou Digory com o coração em frangalhos. Ficou branco, branco, e acrescentou: – Quer dizer, eu despertei ela. Queria saber o que aconteceria se eu tocasse o sino. Polly não queria. Não foi culpa dela. Eu... eu briguei com ela. Sei que errei. Acho que fiquei um pouco enfeitiçado pelas palavras escritas debaixo do sino.

– Enfeitiçado? – perguntou o Leão, na mesma voz soturna.

– Não, agora eu sei que não estava enfeitiçado. Estava só fingindo.

Seguiu-se uma longa pausa. O menino pensava o tempo todo: “Estraguei tudo! Agora não arranjo mais nada para mamãe.”

O Leão voltou a falar, mas não para Digory. – Vejam só, companheiros: antes que o mundo limpo e novo que lhes dei tivesse sete horas de vida, a força do Mal já o invadiu; despertada e trazida até aqui por este Filho de Adão.

Os bichos, até mesmo Morango, olharam todos para Digory, e nesse momento ele desejou que a terra se abrisse e o devorasse. Aslam continuou a falar para os animais:

– Mas não se deixem abater. O mal virá desse mal, mas temos ainda uma longa jornada, e cuidarei para que o pior caia em cima de mim. Por enquanto, providenciemos para que, por muitas centenas de anos, seja esta uma terra de júbilo em um mundo jubiloso. E, como a raça de Adão trouxe a ferida, que a raça de Adão trabalhe para saná-la. Aproximem-se mais os outros dois.

As últimas palavras foram dirigidas a Polly e ao cocheiro, que acabavam de chegar. Polly, olhos e boca, contemplava Aslam, apertando a mão do cocheiro com certa força. Este deu uma olhada para o Leão e tirou a cartolinha; era a primeira vez que o viam sem ela. Sem chapéu, parecia mais jovem e simpático, mais um camponês do que um londrino.

– Meu filho – disse Aslam para o cocheiro. – Há muito tempo que o conheço. Você me conhece?

– Bem, senhor, não – respondeu o cocheiro. – Pelo menos, não no sentido comum. No entanto, se me permite dizer, sinto que o conheço de algum lugar.

– Está certo. Conhece mais do que pensa, e viverá para conhecer-me ainda melhor. Gosta deste lugar?

– Excelente, senhor.

– Gostaria de viver aqui para sempre?

– Bem, o senhor sabe, sou um homem casado, tenho minhas obrigações. Mas se minha mulher estivesse aqui, ó, a gente não voltava nunca mais para Londres. Somos do campo, senhor.

Aslam sacudiu a cabeça felpuda, abriu a boca e proferiu uma única nota longa; não muito alta, mas cheia de poder. O coração de Polly deu um salto; só podia ser um chamado, e, fosse quem fosse que o ouvisse, desejaria obedecer-lhe e (mais ainda) encontraria meios para atendê-lo, não importando quantos mundos se interpusessem.

Assim, apesar de maravilhada, não ficou realmente espantada ou chocada quando de súbito uma jovem senhora, com uma cara boa e honesta, desceu de lugar nenhum e colocou-se a seu lado. Percebeu logo que se tratava da mulher do cocheiro, trazida de nosso mundo não pela força fatigante de um anel mágico, mas de maneira mais veloz, simples e suave, como um pássaro que voa para o ninho. A jovem senhora, pelo jeito, devia estar lavando roupa quando foi chamada, pois usava um avental, as mangas do vestido estavam arregaçadas até os cotovelos, e ela tinha bolhas de sabão nas mãos. Se tivesse tido tempo de colocar a roupa de domingo (e seu chapéu com imitações de cerejas!), sua aparência seria de doer: daquele jeito, chegava a ser elegante.

Pensou que estivesse sonhando. Só por isso não foi correndo perguntar ao marido o que havia acontecido. Quando viu o Leão, começou a duvidar de que era um sonho, mas, surpreendentemente, não demonstrava muito medo. Fez uma reverência pela metade, como as camponesas ainda sabiam fazer naqueles tempos. Depois, foi dar a mão ao cocheiro e ficou olhando em volta com certa candura.

– Meus filhos – disse Aslam, fixando os olhos no casal –, vocês serão os primeiros rei e rainha de Nárnia.

O cocheiro abriu a boca, aparvalhado; a mulher ficou muito vermelha.

– Reinarão sobre estas criaturas e a elas darão nomes, e farão justiça, e as protegerão dos inimigos quando os inimigos vierem. E eles virão, pois há uma feiticeira do mal neste mundo.

O cocheiro engoliu em seco duas ou três vezes e limpou a garganta:

– Com seu perdão, senhor. Muito obrigado, muito obrigado (em meu nome e no de minha esposa)... Mas não sou o sujeito para essa posição. Infelizmente, não tive ensino para isso.

– Bem – disse Aslam –, sabe usar uma pá e uma enxada e arrancar alimento do fundo da terra?

– Isso eu sei, senhor; nasci fazendo isso.

– Pode governar estas criaturas com espírito de bondade e justiça, lembrando-se de que não são escravas, como os bichos mudos do mundo em que nasceram, mas animais falantes e súditos livres?

– Acho que sim – respondeu o cocheiro. – Posso tentar.

– E ensinará seus filhos e netos a procederem do mesmo modo?

– Farei o que puder, senhor, o melhor possível, e ela também, não é, Nelita?

– E não escolherão privilegiados, nem entre os seus próprios filhos, nem entre as outras criaturas, nem deixarão que uns oprimam os outros?

– Nunca poderia tolerar isso, senhor; isso eu sei como fazer – disse o cocheiro. (Enquanto dialogavam, sua voz ia ficando mais pausada e mais rica de inflexões, mais parecida com a voz camponesa do seu tempo de garoto e menos estridente e embolada do que a voz dos trabalhadores da cidade.)

– E se inimigos vierem combater a terra (pois eles virão), será você o primeiro a atacar e o último a bater em retirada?

– Bom, senhor... Um sujeito só pode saber as coisas depois que as experimenta. Até hoje só briguei com os meus próprios punhos. Eu espero... quer dizer... eu tentarei fazer a minha parte.

– Se o fizer, terá feito tudo o que um rei deve fazer. A coroação terá lugar em pouco tempo. Você e seus filhos e seus netos serão abençoados; uns serão reis de Nárnia e outros serão reis das terras que se encontram nas

Montanhas do Sul. E você, minha filhinha (virando-se para Polly), seja bem-vinda. Já perdoou o rapaz por seus modos violentos na sala de imagens do palácio maldito de Charn? – já fizemos as pazes, Aslam.

– Muito bem. Quero agora conversar com o rapaz.

12
A AVENTURA DE MORANGO

Digory fechou a boca e apertou os lábios. Seu mal-estar aumentava. Tinha a esperança de que, acontecesse o que acontecesse, não choramingaria, nem faria nada ridículo.

– Filho de Adão, está disposto a desfazer o mal que fez ao meu manso país de Nárnia no dia de seu próprio nascimento?

– Só não sei o que posso fazer. Como o senhor sabe, a rainha fugiu e...

– Perguntei se está disposto? – disse o Leão. – Estou.

Passara-lhe um segundo pela cabeça a tentação boba de responder: “Estou disposto, se o senhor prometer-me ajudar minha mãe.” Mas percebeu a tempo que o Leão não era criatura com a qual se podia fazer barganhas. Porém, quando disse “Estou”, pensou na mãe, nas grandes esperanças que tivera, e em como agora elas estavam para morrer. Sentiu um nó na garganta e lágrimas nos olhos. Deixou escapar, no entanto:

– Mas, por favor, por favor... o senhor não podia me dar qualquer coisa que salvasse minha mãe?

Até aquele instante, só olhara para as patas do

Leão; agora, com o desespero, olhou-o nos olhos. O que viu o surpreendeu mais do que qualquer outra coisa. Pois a face castanha estava inclinada perto do seu próprio rosto e (maravilha das maravilhas) grandes lágrimas brilhavam nos olhos do Leão. Eram lágrimas tão grandes e tão brilhantes, comparadas às de Digory, que por um instante sentiu que o Leão sofria por sua mãe mais do que ele próprio.

– Meu filho, meu filho, eu sei. A dor é grande. Só você e eu nesta terra sabemos disso. Sejamos compassivos um com o outro. Mas tenho de

pensar em centenas de anos da vida de Nárnia. A feiticeira que trouxe para este mundo ainda voltará a Nárnia. Mas não precisa ser já. É meu desejo plantar em Nárnia uma árvore da qual ela não ousará aproximar-se durante anos e anos. Assim, esta terra conhecerá uma longa e luminosa manhã antes que qualquer nuvem obscureça o sol. E você deverá trazer-me a semente dessa árvore.

– Sim, senhor. – Digory não sabia o que iria fazer, mas naquele momento teve a certeza de que, fosse como fosse, seria capaz de fazê-lo. O Leão respirou fundo, inclinou ainda mais a cabeça e deu-lhe um beijo de Leão. O menino sentiu instantaneamente que havia conquistado uma nova força e uma nova coragem.

– Meu filho, vou dizer-lhe o que deverá fazer. Olhe para o oeste e diga-me o que vê.

– Vejo montanhas enormes, Aslam. Vejo este rio caindo através de penhascos, numa grande cachoeira. E além há colinas verdes e florestas. E ainda mais além há altíssimas cordilheiras que parecem negras. E mais longe, muito mais longe, há colossais montanhas cobertas de neve. E além delas não há mais nada, só o céu.

– Enxerga bem. Escute: a terra de Nárnia termina onde está a cachoeira; lá em cima, ia estará fora de Nárnia, em pleno Ermo ocidental. Deverá atravessar aquelas montanhas até encontrar um vale verde com um lago azul, cercado de montanhas de gelo. No fim do lago há um monte verde e escarpado. No cume desse monte há um jardim. No centro do jardim há uma árvore. Apanhe uma maçã dessa árvore e traga a fruta para mim.

– Sim, senhor. – Digory não tinha a menor idéia de como subir até a cachoeira e achar o caminho entre aquelas montanhas todas; mas, se revelasse isso, poderia parecer desculpa para não ir. Disse apenas o seguinte:

– Espero, Aslam, que não esteja com muita pressa. Levarei algum tempo para ir e voltar.

– Filho de Adão, você terá ajuda. – Aslam voltou-se para o cavalo, que durante esse tempo ouvira a conversa com um ar de quem não está entendendo muito.

– Meu amigo – disse Aslam ao cavalo –, gostaria de ser um cavalo alado?

Você precisava ter visto o cavalo sacudindo a crina, com as ventas infladas, dando uma boa pata da no chão. É claro que ele gostaria de ser um cavalo alado! Mas disse apenas:

– Se quiser, Aslam... se quiser mesmo... mas não sei por que seria eu... não sou um cavalo muito inteligente.

– Seja alado. Seja você o pai de todos os cavalos voadores – rugiu Aslam, com uma voz que sacudiu a terra. – Seu nome é Pluma.

O cavalo passarinhou, como já devia ter passarinhado nos infelizes tempos do cabriolé. Ergueu-se e esticou o pescoço para trás, como se um inseto picasse seus ombros. Depois, assim como os bichos brotaram da terra, dos ombros de Pluma brotaram asas, que se estenderam e cresceram, maiores que asas de cisnes, de águias, maiores que asas de anjos nos vitrais das igrejas. As penas eram castanhas e acobreadas. Pluma deu um grande salto e subiu. Dez metros acima, bufou, relinchou e curveteou. Depois de dar uma volta em círculo, pousou na terra, as quatro patas de uma vez, parecendo muito espantado, mas muito contente.

– Gostou, Pluma? – perguntou Aslam. – Bom, muito bom, Aslam.

– Levaria este Filho de Adão nas costas às montanhas de que falei?

– Agora? Imediatamente? – perguntou Morango... ou Pluma. – Ora essa! Venha, pequeno. Já tive coisas como você nas minhas costas. Há muito, muito tempo. Quando havia pastos verdes, e açúcar.

– Que estão as duas Filhas de Eva cochichando aí? – perguntou Aslam, voltando-se subitamente para Polly e para a mulher do cocheiro, que ia eram muito amigas.

– Se o senhor permite – disse a rainha Helena (assim se chamava agora a mulher do cocheiro) –, acho que a menina adoraria ir também, se não criar problema.

– O que acha, Pluma? – indagou o Leão.

– Oh, não me importo de levar dois, quando são pequeninos. Só espero que o elefante também não queira ir conosco.

Não era essa a vontade do elefante, e o novo rei de Nárnia ajudou as duas crianças a montar, quer dizer, deu um bom impulso em Digory e colocou Polly na garupa com toda a delicadeza, como se fosse feita de porcelana.

– Tudo certo, Morango... quer dizer, Pluma.

– Não voe alto demais – advertiu Aslam. – Não

tente passar por cima dos cumes das montanhas geladas. Busque os vales verdes. Sempre há um modo de atravessar a cordilheira. Partam com a minha bênção.

– Oh, Pluma! – exclamou Digory, inclinando-se para dar um tapinha carinhoso no pescoço lustroso do cavalo. – Que coisa fabulosa! Segure firme em mim, Polly.

No instante seguinte, a terra começou a distanciar-se deles, enquanto Pluma, como um imenso pombo, circulava duas vezes para tomar altura, antes de partir em vôo direto para o oeste. Polly mal podia enxergar lá embaixo o rei e a rainha; o próprio Aslam não passava de uma mancha brilhante na relva verde. O vento golpeava-lhes o rosto, e as asas de Pluma começaram a bater cadenciadamente.

Já de cima podiam ver Nárnia inteira, com suas campinas de muitas cores, seus rochedos, prados e árvores, seu rio deslizando como uma fita de mercúrio. Em poucos instantes já sobrevoavam os cumes das colinas baixas. À esquerda, as montanhas eram bem mais altas, mas sempre podiam ver, através de brechas, as terras azuladas do sul.

– Olhe lá na frente! – disse Digory.

Uma grande muralha de penhascos levantava-se diante deles. A luz do sol dançando na grande cachoeira quase os ofuscava. Já voavam tão alto que o roncar das quedas d’água parecia um leve ruído, mas ainda não tinham alcançado os penhascos.

– Temos de fazer alguns ziguezagues – disse Pluma. – Segurem firme.

O ar ia ficando mais frio e podiam ouvir os gritos das águias embaixo.

– Olhe para trás, olhe! – disse Polly.

Lá estava todo o vale de Nárnia, estendendo-se até onde se podia distinguir o brilho do mar. Já estavam tão altos que podiam avistar as montanhas denteadas surgindo além das charnecas do norte e, ao sul, planícies que pareciam de areia.

– Gostaria que alguém pudesse dizer-nos que lugares são esses – falou Digory.

– Acho que eles ainda não são – comentou Polly –, quer dizer, não há ninguém neles, nada aconteceu ainda. O mundo começou hoje.

– Pois é, mas as pessoas chegarão lá, e aí virão as histórias, entende?

– Bem, para mim, acho ótimo que ainda não tenham chegado. Ninguém tem de aprender o que ainda não aconteceu... batalhas, datas... essa chatice toda.

Estavam acima dos penhascos e, em poucos minutos, o vale de Nárnia sumiu atrás deles. Voavam sobre um país selvagem, de montes escarpados e florestas escuras, seguindo ainda o curso do rio. Mas o sol agora feria-lhes os olhos e já não podiam ver com nitidez naquela direção. O sol descambou lentamente, até que o céu do ocidente parecia uma fornalha de ouro derretido. Por fim escondeu-se por trás de um pico que se recortava no fulgor como uma figura de papelão.

– Não está muito quentinho aqui em cima – disse Polly.

– E as minhas asas estão começando a doer – disse Pluma. – Não vejo nenhum sinal do vale com o lago. Que tal se baixássemos e procurássemos um bom lugar para passar a noite? Não é necessário atingir o lugar esta noite.

– Certo – concordou Digory. – Além do mais, não está na hora do jantar?

Pluma foi descendo, descendo. O ar tornava-se mais quente. Depois de tantas horas sem ouvir nada, a não ser as batidas das asas de Pluma, era agradável ouvir de novo os ruídos familiares e terrestres – o marulhar do rio no leito pedrento e o ranger das árvores ao vento suave. Um cheiro cálido de terra cozida pelo sol e de relvados e flores chegou até eles. Pluma afinal aterrissou. Digory ajudou Polly a desmontar. Era um prazer esticar as pernas.

O vale onde haviam descido estava no âmago das montanhas; cumes nevados, um deles de aspecto róseo pelo reflexo do sol poente, erguiam-se à frente.

– Que fome! – exclamou Digory.

– É só servir-se – falou Pluma, dando uma boa dentada na relva. Levantou a cabeça, ainda mastigando, e acrescentou: – Venham logo. Não façam cerimônia. Dá e sobra para todos.

– Acontece uma coisa, Pluma: nós não comemos capim.

– Hum, hum – murmurou Pluma, falando de boca cheia. – Não sei então o que vai ser. Excelente capim!

Digory e Polly olharam um para o outro, desanimados.

– Francamente, acho que alguém devia ter providenciado a nossa comida.

– Tenho certeza de que Aslam teria feito isso... se vocês tivessem pedido.

– Ele não saberia sem que a gente pedisse?

– Claro – respondeu o cavalo. – Mas acho que gosta que peçam.

– Que vamos fazer?

– Só sei que não sei – respondeu Pluma, ainda de boca cheia. – A não ser que vocês experimentem esta relvazinha. Talvez gostem mais do que imaginam.

– Oh, não banque o bobo – falou Polly, batendo com o pé. – Gente humana não pode comer relva, assim como você não pode comer costeletas.

– Por favor, Polly, não fale em costeletas – disse Digory – ; a coisa fica ainda pior.

Digory acabou achando que o melhor a fazer era o seguinte: Polly usaria o anel para ir até em casa e traria de lá alguma coisa. Ele não podia, pois prometera a Aslam desincumbir-se da missão. Polly respondeu que não o deixaria, e Digory concordou que era uma atitude muito digna da parte dela.

– Ah, acabei de lembrar que ainda tenho aquele saco de puxa-puxas no bolso. É melhor do que nada.

– Muito melhor! Mas tenha cuidado: não vá tocar no anel.

Foi uma tarefa difícil e delicada, mas acabaram conseguindo realizá-la. O saco de papel estava todo grudento: era mais difícil tirar o saco de papel dos puxa-puxas do que tirar os puxa-puxas do saco de papel. Certos adultos preferem não comer nada a comer puxa-puxas como aqueles.

Eram nove ao todo. Digory teve a brilhante idéia de comerem quatro cada um e plantar o nono.

– Se a barra de ferro virou poste, por que isso não pode virar um pé de puxa-puxa?

Fizeram uma pequena cova na relva e enterraram um pedaço do puxa-puxa. Comeram então os outros, o mais lentamente que a fome lhes permitia. Foi uma refeição pobre, mesmo contando todo o papel que tiveram de engolir.

Pluma deitou-se após terminar seu excelente jantar. Os meninos estenderam-se de encontro a seu corpo quente, um de cada lado, e ficaram bem agasalhados sob suas asas. As estrelas jovens do

novo mundo iam surgindo enquanto eles conversavam sobre tudo o que acontecera. Digory contou sobre as suas esperanças de obter algo para a sua mãe e como, em vez disso, fora enviado àquela missão... Repetiram um para o outro todos os sinais pelos quais reconheceriam o local que buscavam: o lago azul e a colina com o jardim. A conversa já começava a esfriar, quando Polly subitamente se sentou, completamente acordada, e disse: “Quieto!”

Todos ficaram atentos.

– Deve ser o vento nas árvores – disse Digory. – Não tenho certeza – disse Pluma. – Ouçam de novo. Por Aslam, é alguma coisa.

O cavalo levantou-se nas patas com uma barulhada convulsa. As crianças também puseram-se de pé. Pluma andou para cá e para lá, bufando e relinchando. Os outros dois, nas pontas dos pés, olharam atrás de todas as moitas e árvores. Começaram a pensar que haviam imaginado coisas. Polly chegou a ter certeza de ter visto uma forma alta e escura, deslizando

depressa no sentido oeste. Nada descobriram. Pluma deitou-se de novo e agasalhou as crianças sob as asas. Dormiram. Pluma permaneceu acordado por muito mais tempo, mexendo com as orelhas no escuro, dando às vezes um repelão no pêlo como se houvesse moscas. Por fim, acabou também adormecendo.

13
UM ENCONTRO INESPERADO

– Acorde, Digory; acorde, Pluma – chamou a voz de Polly. – O puxa-puxa virou árvore. E a manhã não podia ser mais linda.

O sol matinal jorrava sobre a floresta; a relva estava cinza de orvalho; as teias de aranha pareciam de prata. Bem debaixo destas, estava uma arvorezinha de madeira escura, do tamanho de uma macieira. As folhas eram esbranquiçadas e pareciam artificiais; estava carregadinha de frutas, que lembravam um pouquinho as tâmaras.

– Oba! – gritou Digory. – Mas vou dar um mergulho primeiro. – E saiu a toda a velocidade, atravessando as moitas floridas, até a beira do rio. Você já tomou banho em rio de montanha? Em rio que corre em cachoeiras sobre pedras vermelhas, azuis, amarelas? E o sol em cima? É tão bom quanto o mar; chega a ser quase melhor.

Digory teve de vestir-se novamente sem se enxugar, mas valeu a pena. Quando ele voltou, Polly foi ao rio e tomou seu banho; pelo menos, foi o que disse ter feito, mas, não tendo sido nunca boa nadadora, é possível... Vamos deixar isso para lá. Pluma também visitou o rio: bebeu água, sacudiu a crina e relinchou com vontade várias vezes.

Depois as crianças deram atenção à árvore de puxa-puxa. A fruta era uma delícia. Não tinha exatamente o gosto de puxa-puxa; era mais ma cia, com mais caldo, mas o sabor lembrava o de puxa-puxa.

Pluma também fez uma boa refeição matinal; provou um puxa-puxa e gostou, mas (disse), àquela hora da manhã, capim era melhor. Com alguma dificuldade, as crianças montaram e a jornada recomeçou.

Foi até melhor que no dia anterior. Em parte, porque todos se sentiam muito bem, em parte

porque o sol nascente estava às suas costas, e tudo fica mais bonito quando o sol está atrás da gente. Foi uma cavalgada maravilhosa. As grandes montanhas brancas erguiam-se em todas as direções. Os vales eram tão verdes, os riachos que tombavam das geleiras para os rios maiores eram tão azuis... Parecia que sobrevoavam jóias gigantescas. Teriam preferido que essa parte da aventura se prolongasse. Daí a pouco, entretanto, estavam farejando o vento e perguntando “Que é isso?”, “Estão sentindo esse cheiro?” “De onde está vindo?”. Pois um aroma celestial, cálido e dourado, como se viesse das mais gostosas frutas e das mais belas flores do mundo, chegava até eles, proveniente de algum lugar mais adiante.

– O perfume vem do vale do lago – afirmou Pluma.

– É isso – disse Digory. – Olhe ali uma colina verde no finzinho do lago. E repare como a água é azul.

– Só pode ser o lugar.

Pluma foi descendo em círculos largos. Os cumes gelados elevavam-se cada vez mais altos. O ar ficou mais suave e morno, tão leve que trazia lágrimas aos olhos. Pluma agora planava com as asas estendidas, sem movimento, os cascos prontos para a aterrissagem. A colina verde aproximava-se a grande velocidade. Pouco depois, aterrava na encosta, com certa dificuldade. As crianças pularam fora, caindo sem se machucar na relva gostosa e levantando-se ofegantes.

Não faltava muito para que chegassem ao topo da colina. Começaram a escalada. Pluma equilibrava-se com o auxílio das asas, esvoaçando um pouco aqui e ali. No alto da montanha havia um muro de relva. No centro, cresciam árvores. As folhas não eram apenas verdes, mas também azuis e prateadas quando o vento as agitava. Os viajantes alcançaram o topo e foram seguindo o muro de relva; estavam quase completando a volta quando encontraram os portões: altos portões de ouro, fechados, virados para o oriente.

Até aquele momento, creio que Pluma e Polly esperavam poder entrar lá dentro com Digory. Mas já não pensavam assim. Não poderia haver outro lugar tão evidentemente privado quanto aquele. Logo se via que pertencia a outra pessoa. A menos que tivesse alguma missão muito especial, ninguém entraria ali, a não ser um tolo. Compreendendo que os outros deveriam ficar do lado de fora, Digory avançou sozinho para os portões.

Ao se aproximar, verificou que havia algo escrito ali, com letras de prata sobre ouro. Os dizeres eram mais ou menos os seguintes:

Entre pelos portões de ouro ou não, Apanhe o meu fruto para outro ou não. Aquele que roubar ou escalar os meus muros, Encontrará desespero, junto com o desejo do seu coração.

“Apanhe o meu fruto para outro”, disse Digory para si mesmo. “É isso que vou fazer. Significa que eu mesmo não posso comer o fruto, acho. Só não sei o que significam as linhas de baixo. Entre pelos portões de ouro. Ora, quem iria escalar um muro, podendo entrar pelo portão! Mas como se abre o portão?” Colocou a mão na placa de ouro e instantaneamente o portão se abriu, sem um ruído.

O lugar lá dentro era ainda muito mais privado do que parecia pelo lado de fora. Caminhou com solenidade, olhando para os lados. Tudo es tava quieto. Mesmo o ruído da fonte no centro do pomar era mínimo. O perfume o rodeava: era um lugar feliz, mas muito grave.

Reconheceu logo a árvore que procurava, por encontrar-se no centro do jardim e também porque as grandes maçãs de prata projetavam uma luz própria nos lugares sombrios não atingidos pela luz solar. Caminhou em linha reta até a árvore, apanhou uma maçã e colocou-a no bolso. Não sem olhar para ela e cheirá-la antes de guardá-la.

Foi um erro. Uma sede e uma fome terríveis apoderaram-se dele, uma vontade alucinante de provar do fruto. Havia grande quantidade de maçãs. Faria mal comer uma? Afinal de contas, o aviso no portão podia não ser precisamente uma ordem; podia ser somente um conselho. E quem liga para conselhos? E, mesmo que fosse uma ordem, seria uma desobediência comer uma maçã? Já observara a primeira ordem: “para outro”.

Olhou através dos galhos para o alto da árvore. Acima de sua cabeça, um pássaro maravilhoso estava empoleirado. Digo “empoleirado” porque parecia quase adormecido. Só uma frestinha de um olho estava aberta. Era maior do que uma águia, com o peito cor-de-açafrão, a crista escarlate, a cauda púrpura.

Mais tarde, ao contar a história, ele costumava dizer: “O pássaro estava mostrando que todo o cuidado é pouco em lugares encantados. Nunca se sabe quem está observando.”

Creio eu, no entanto, que Digory não teria de modo algum colhido a maçã para si mesmo. Coisas como NÃO FURTAR eram naquele tempo mui to mais entranhadas nas cabeças dos meninos do que hoje. Mas, quem pode ter certeza?

Estava para voltar ao portão quando parou para dar uma olhada em torno. Foi um choque terrível. Não estava só. A poucos metros dali, avistou a feiticeira. Acabara de atirar fora o miolo de um fruto que havia comido. O suco da maçã era mais forte do que se podia esperar e marcara com medonha mancha a boca da feiticeira. “Entrou pulando o muro”, pensou logo Digory. E concluiu que era verdade o que estava escrito quanto a encontrar, junto com o desejo do coração, o desespero. Pois a feiticeira parecia mais poderosa, mais orgulhosa, mais vitoriosa, mas a sua face era de uma brancura mortal, branca como o sal.

Digory pensou tudo isso num relâmpago. Virou nos calcanhares e saiu correndo a caminho do portão. A feiticeira seguiu-o. Quando ele passou, o portão fechou-se imediatamente, sozinho. Foi a oportunidade de ganhar a corrida, mas não por muito tempo. Logo que chegou perto dos outros, gritando “Depressa, Polly, Pluma!”, a feiticeira já galgara o muro, ou o pulara, e estava bem atrás dele novamente.

– Fique onde está! – gritou Digory, voltando-se para encará-la. – Ou vamos desaparecer. Não se aproxime mais um dedo.

– Não seja bobo! – disse a feiticeira. – Por que está fugindo de mim? Não quero fazer-lhe mal. Se não quiser ouvir-me, deixará de aprender uma coisa que o fará feliz para o resto da vida.

– Muito obrigado, não quero ouvir coisa nenhuma.

Mas ouviu.

– Sei a missão que o trouxe aqui – continuou a feiticeira. – Era eu que estava perto de vocês na noite passada, ouvindo tudo. Você colheu o fruto do jardim. Está no seu bolso. E vai levá-lo, sem provar dele, para o Leão: para que ele coma o fruto; para que ele use o fruto. Simplório! Sabe que fruto é este? É a maçã da eterna juventude. Sei por ter provado, e também já sei que jamais ficarei velha ou morrerei. Coma a maçã, rapaz, coma a maçã... e viveremos os dois eternamente e seremos reis deste mundo... ou do seu próprio mundo, se resolver voltar para lá.

– Muito obrigado. Acho que não vou querer ficar vivo depois que os outros todos que conheço já tiverem ido. Prefiro viver o tempo normal, morrer e ir para o céu.

– Mas... e a sua mamãe, que você diz adorar? – Que tem minha mãe com isto?

– Não está vendo, bobo, que uma mordida nessa maçã pode curar a sua mãe? Está no seu bolso. Aqui estamos por nossa conta. O Leão está muito longe. Use seu poder mágico e volte para o seu mundo. Daqui a um minuto poderá estar ao lado de sua mãe, dando-lhe a maçã. Cinco minutos depois, ela ganhará novas cores no rosto. Dirá para você que a dor passou. Depois dirá que se sente mais forte. E adormecerá. Pense nisso. Horas de sono natural, sem dor, sem drogas. No dia seguinte todos falarão no milagre da cura. Tudo ficará perfeito outra vez. Terá novamente um lar feliz. E você poderá ser como os outros rapazes.

– Oh! – balbuciou Digory, colocando a mão na testa como se estivesse ferido. Sabia que tinha de fazer uma escolha terrível.

– Que fez o Leão por você? Tem de ser escravo dele? O que ele poderá fazer quando você estiver no seu mundo? E o que irá pensar sua mãe se souber que teve nas mãos o poder que a salvaria? E o que daria vida ao coração partido de seu pai? Vai preferir, então, executar missões para um animal selvagem em um mundo estranho, um mundo com o qual nada tem a ver?

– Eu... eu não acho que ele seja um animal selvagem – respondeu Digory, com a voz ressequida. – Ele é... bem, não sei...

– Então ele é uma coisa ainda pior. Olhe o que já fez de você! Um rapaz sem coração! E o que faz a todos os outros que o atendem. Que rapaz mau! Prefere deixar a mãe morrer do que...

– Oh, cale a boca! – pediu o infeliz, com a mesma voz. – Acha que eu não sinto? Mas é que prometi...

– Mas não sabia o que estava prometendo!

– Nem mamãe – disse ele, achando as palavras com dificuldade – iria gostar... faz questão de que eu cumpra as minhas promessas... isso tu do... não furtar... tudo. Se ela estivesse aqui, não deixaria...

– Mas ela nem precisa saber! – falou a feiticeira, com uma doçura impossível de se imaginar em alguém com aquela face. – Não é preciso dizer como obteve a maçã! Seu pai também não precisa saber. Ninguém no seu mundo precisa saber de nada. Você nem precisa levar a menina de volta!

Foi o erro fatal da feiticeira. Digory sabia perfeitamente que Polly poderia voltar sozinha, com seu próprio anel. Mas, pelo jeito, a feiticeira não estava a par disso. A mesquinharia da sugestão – deixar Polly sozinha – mostrava que as outras palavras eram falsas e vazias. E, mesmo do fundo de sua infelicidade, sua mente ficou clara e ele disse, em voz firme e alta:

– Escute: o que é que há? Por que está agora tão preocupada com a minha mãe? Que armadilha é esta?

– Boa! – sussurrou-lhe Polly ao ouvido. – Rápido! Vamos partir imediatamente. – Só ficara calada todo aquele tempo porque não era a sua mãe que estava morrendo.

– Monte – disse Digory, colocando-a na garupa de Pluma e pulando também para cima do cavalo, que abriu logo as asas.

– Vá! Vá! – bradou a feiticeira. – Mas lembre-se de mim, criança, quando for um velhinho moribundo. Lembre-se de que jogou fora o dom da eterna juventude!

Já estavam tão alto que mal a escutavam. Também a feiticeira não perdeu mais tempo: foi vista partindo na direção norte.

Queriam chegar a Nárnia antes do anoitecer. Digory não disse palavra durante o vôo, e os outros se sentiram meio sem jeito de falar com ele. Parecia triste e não estava muito seguro de ter feito a coisa certa. Só teve certeza quando se lembrou das lágrimas nos olhos de Aslam.

Pluma voou o dia todo, no mesmo ritmo e sem descansar. Seguiu o curso do rio, cruzou as montanhas, sobrevoou as colinas arborizadas e a grande queda d’água, até onde as florestas de Nárnia eram sombreadas pelo colossal penhasco. Quando o céu se avermelhava ao pôr-do-sol, viram um lugar com muitas criaturas reunidas à beira de um rio. Não demoraram a descobrir o próprio Aslam no meio delas. Pluma planou, esticou as quatro patas, fechou as asas e aterrou a meio galope.

As crianças saltaram. Todos os animais, anões, sátiros, ninfas abriram caminho para que Digory passasse. O menino caminhou diretamente para Aslam, estendeu-lhe a fruta e disse:

– Aqui está a maçã que o senhor queria.

14
PLANTA-SE UMA ÁRVORE

– Agiu bem – disse Aslam, sacudindo a terra com a vibração de sua voz.

Todos os narmanos ouviram aquelas palavras, e Digory percebeu que aquela história seria transmitida de pai a filho por centenas de anos e talvez para sempre. Mas não corria o risco de sentir-se presunçoso por isso, pois estava frente a frente com Aslam. Podia agora olhar nos olhos do Leão. Esquecera seus problemas e sentia-se feliz.

– Agiu bem, Filho de Adão – disse o Leão outra vez. – Para obter este fruto, passou fome e sede e derramou lágrimas. Só a sua mão lançará a semente da árvore que protegerá Nárnia. Semeie a maçã perto do rio, onde a terra é macia.

Digory assim fez. Estavam todos tão quietos que se pôde ouvir o baque da maçã no barro.

– Está lançada – disse Aslam. – Passemos à coroação do rei Franco de Nárnia e da rainha Helena.

Só então as crianças notaram o casal. Vestiam belas e estranhas roupagens. Quatro anões seguravam o manto do rei, e quatro ninfas, o manto da rainha. Traziam as cabeças descobertas, mas Helena soltara os cabelos e tinha agora uma aparência muito melhor. Mas não eram os cabelos e as vestimentas que os tornavam tão diferentes. As fisionomias apresentavam uma expressão diferente, principalmente a do rei. Sumira de seu rosto a rispidez e a astúcia adquiridas nas duras ruas de Londres. O que se via era a coragem e a bondade que sempre possuíra. A causa disso talvez fosse a atmosfera do mundo novo, ou a convivência com Aslam, ou as duas coisas.

– Palavra – disse o cavalo para Polly –, meu velho patrão mudou quase tanto quanto eu! Agora é mesmo um patrão de verdade.

– Está certo – falou Polly –, mas não precisa zumbir no meu ouvido; faz cócegas.

Aslam disse:

– Desfaçam o emaranhado que vocês fizeram com aquelas árvores.

Só então Digory percebeu que quatro árvores tinham sido amarradas, a fim de formar uma espécie de jaula. Os dois elefantes e alguns anões desfizeram os laços. Havia três coisas lá dentro: a primeira era uma pequena árvore que parecia de ouro; a segunda era uma árvore nova que parecia de prata; mas a terceira era uma coisa lamentável, de roupas enlameadas, toda arqueada entre as duas. Digory exclamou:

– Puxa! É o tio André!

Temos de voltar um pouco atrás para explicar o que se passou. Os bichos, como sabemos, tinham tentado plantá-lo e regá-lo. Quando voltou a si, tio André se viu empapado, atolado na terra até os quadris e cercado de animais selvagens. Não é de espantar que tenha começado a berrar e uivar. Foi de certo modo uma boa coisa, pois isso afinal convenceu a todos (principalmente o javali) de que estava vivo. Então, eles o desenterraram (suas calças estavam daquele jeito!). Logo que livrou as pernas, tio André tentou fugir, mas uma rápida trombada do elefante enlaçou-lhe a cintura. Decidiram todos que deveria ser posto a salvo em algum lugar até o retorno de Aslam. E foi assim que fizeram uma espécie de gaiola ou cesto em torno dele. E ofereceram-lhe alimentos.

O burro juntou grandes montes de cardos, atirando-os lá dentro; tio André pareceu indiferente aos cardos. Os esquilos fizeram um bombardeio de nozes, mas o tio, cobrindo a cabeça com as mãos, evitou as nozes. Vários pássaros atiraram-lhe minhocas. O urso foi o mais gentil. Tendo encontrado antes uma colméia de abelhas, em vez de servir-se, o que faria com grande contentamento, trouxe-a para tio André. Foi o pior da festa; a colméia bateu na cara do homem (nem todas as abelhas estavam mortas). O urso, que pouco se importaria com uma colméia na cara, não podia entender por que tio André recuou tão depressa e se jogou ao chão. Azar: caiu em cima dos cardos. “De qualquer forma – como disse o javali –, um bom bocado de mel

entrou na boca da criatura, e isso deverá fazer-lhe algum bem.” já estavam gostando do bicho estranho e esperavam que Aslam lhes permitisse ficar com ele. Alguns mais inteligentes já achavam que os ruídos que saíam de sua boca, pelo menos alguns, tinham sentido. E deram-lhe o nome de Conhaque, pois era esta a palavra que saía com mais freqüência da boca de tio André.

Por fim, à noite, tiveram de deixá-lo. Aslam passou o dia todo atarefado, instruindo o rei e a rainha, sem poder ocupar-se do “pobre e velho Conhaque”. Fome ele não passou, com aquelas nozes todas e com as bananas e maçãs atiradas aos montes; mas não se pode dizer que tenha tido uma noite agradável.

– Tragam aquela criatura – disse Aslam.

Um dos elefantes levantou tio André com a tromba e o colocou aos pés do Leão. O homem estava apavorado demais para mover-se.

– Por favor, Aslam – falou Polly –, poderia dizer uma coisa que... desapavorasse ele? E depois poderia dizer algo que o impedisse de voltar a este lugar?

– E acha que ele ainda quer voltar? – indagou Aslam.

– O caso é que ele quer mandar outra pessoa; está muito entusiasmado com a barra de ferro que virou poste e acha...

– O que ele está pensando é uma grande tolice – interrompeu Aslam. – Este mundo só estará explodindo de vida por poucos dias, pois a canção com que o chamei à vida ainda vibra no ar e retumba na terra. Não será por muito tempo. Mas não posso dizer isso a este velho pecador, como também não posso consolá-lo; ele mesmo se colocou fora do alcance da minha voz. Se eu lhe falasse, ouviria apenas rosnados e rugidos. Oh, Filhos de Adão, com que esperteza vocês se defendem daquilo que lhes pode fazer o bem! Mas eu lhe ofertarei a única dádiva que é capaz de receber.

Inclinou a grande cabeça, quase com tristeza, e soprou no rosto aterrorizado do feiticeiro.

– Durma. Afaste-se por algumas horas de todos os tormentos que forjou para si mesmo.

Tio André caiu embolado, já de olhos cerrados, e começou a ressonar tranqüilamente.

– Levem-no e deixem que durma em paz. Agora, anões, mostrem que são bons joalheiros: quero que façam duas coroas reais.

Um bando inimaginável de anões correu na direção da Árvore Dourada. Antes que se pudesse dizer faca, arrancaram as folhas e alguns galhos. Só então as crianças perceberam que a árvore era realmente de ouro, e do melhor. Só poderia ter nascido das moedas caídas do bolso de tio André. Como por milagre foram surgindo montes de lenha seca, uma pequena bigorna, martelos, foles e tenazes. Como os anões gostavam desse trabalho! Num instante o fogo crepitava, os foles sopravam, o ouro derretia-se, os martelos retiniam. Duas toupeiras trouxeram um monte de pedras preciosas. Em pouco tempo, duas coroas tomavam forma nas mãos dos hábeis joalheiros. Não coisas pesadonas e feias como as coroas modernas, mas aros leves, delicados e bem torneados, que podiam ser de fato usados com elegância. A coroa do rei era adornada de rubis; a da rainha, de esmeraldas.

Depois de esfriadas as coroas no rio, Aslam ordenou que Franco e Helena se ajoelhassem diante dele. Colocou-lhes as coroas na cabeça e disse:

– Levantem, rei e rainha de Nárnia, pai e mãe de numerosos reis de Nárnia e das Ilhas e de Arquelândia.

Todos fizeram o que podiam: deram vivas, relincharam, ladraram, bateram palmas com as asas... O casal permaneceu em pé com toda a solenidade, demonstrando uma certa timidez que os fazia mais nobres. E Digory, que continuava aplaudindo, ouviu a voz profunda de Aslam:

– Vejam!

Toda a multidão virou a cabeça e respirou fundo, jubilosamente. Adiante viram uma árvore que não se encontrava ali um momento antes. Devia ter crescido em silêncio, mas com a rapidez de uma bandeira que se desfralda. De seus ramos parecia projetar-se luz e não sombra. Maçãs de prata repontavam de todas as folhas, como estrelas. Mas era o perfume, mais que a luz, que provocava suspiros. Tão intenso era que, por um momento, ninguém conseguiu pensar em nada.

– Filho de Adão – falou Aslam –, você fez um bom trabalho. E vocês, narnianos, cuidem, antes de tudo, desta árvore, que é o seu escudo. A feiticeira de que lhes falei fugiu para o norte do mundo. Lá viverá e ficará mais forte em magia negra. No entanto, enquanto esta árvore florir, jamais voltará a Nárnia. Não ousará aproximar-se cem quilômetros da árvore, pois seu perfume, que é alegria, vida e saúde para vocês, é morte, horror e desespero para ela.

Todos contemplavam solenemente a árvore, quando Aslam se virou subitamente para as crianças, lançando fulgores dourados da juba:

– O que foi, crianças? – Havia percebido que Polly e Digory cochichavam.

Digory, vermelho como um pimentão, respondeu:

– Oh, Aslam, esqueci de contar. A feiticeira já comeu uma destas maçãs, da mesma espécie. Polly contou o resto:

– Assim, Aslam – concluiu ela –, achamos que deve haver algum engano, e que o perfume da árvore não vai fazer mal a ela.

– Por quê, Filha de Eva?

– Bem, ela comeu uma fruta.

– Filha, é por isso mesmo que agora a feiticeira tem pavor das outras frutas. É o que acontece aos que colhem e comem frutos fora do tempo e sem boa intenção.

– Ah, estou entendendo – disse Polly. – Como ela comeu a maçã sem boa intenção, não ficará sempre jovem e tudo...

Aslam sacudiu a cabeça:

– Infelizmente, ficará sempre jovem e tudo o mais. As coisas funcionam de acordo com o que são. Ela possui o poder e a perenidade de uma deusa. Mas a eternidade com um coração mau é a perenidade da desgraça. Todos conquistam o que desejam, mas nem sempre se satisfazem com isso.

– Eu mesmo... quase comi uma maçã – disse Digory.

– O fruto sempre age, filho, mas não age no sentido da felicidade para aqueles que o arrancam em causa própria. Se um narniano roubasse um

fruto e aqui o plantasse, protegeria Nárnia, mas transformaria este país em um império poderoso e cruel como Charn. E a feiticeira procurou tentá-lo de outro modo, não é, meu filho?

– Sim, Aslam. Queria que eu levasse uma fruta para minha mãe.

– Você a teria curado, se o fizesse; mas não teria conquistado a alegria, nem a sua, nem a dela. Chegaria o tempo em que se arrependeriam.

Digory ficou mudo, pois as lágrimas o agitavam, desfeitas as esperanças de salvar a mãe. No entanto, ao mesmo tempo, sabia que o Leão sabia o que teria acontecido, e que deviam existir coisas mais pavorosas do que a morte de quem se ama. Aslam falava agora quase em murmúrios:

– É o que teria acontecido com o fruto roubado, meu filho. Mas não é o que acontecerá. O que lhe darei agora há de trazer-lhe a alegria. Em seu mundo, o fruto não trará a vida eterna, mas terá o poder de curar. Vá. Colha um fruto da árvore.

Por um segundo Digory não entendeu nada. Era como se o mundo estivesse virado pelo avesso. Depois, como se sonhasse, caminhou para a árvore. O rei e a rainha e as criaturas todas o aplaudiam. Colheu a maçã e guardou-a no bolso. Depois, voltou até Aslam.

– Por favor, posso ir para casa agora? Esquecera-se de dizer “obrigado”, mas Aslam compreendeu que ele estava agradecido.

15
FIM DESTA HISTÓRIA E COMEÇO DE TODAS AS OUTRAS

– Não precisam de anéis quando estou com vocês – falou a voz de Aslam.

As crianças piscaram e olharam em volta. Estavam novamente no Bosque entre Dois Mundos. Tio André, estendido no chão, continuava a dormir. Aslam, ao lado, dizia:

– Devem voltar agora, mas há duas coisas a que devem prestar atenção: um aviso e uma ordem. Olhem.

Viram um pequeno vazio na relva.

– Quando aqui estiveram da última vez, esse vazio era um lago; quando mergulharam nele, chegaram a um mundo onde um sol moribundo iluminava as ruínas de Charn. Já não há lago. Aquele mundo acabou, como se jamais tivesse existido. Que a raça de Adão e Eva receba esse aviso.

– Mas a gente é tão ruim como as pessoas de Charn? – indagou Polly.

– Ainda não, Filha de Eva. Ainda não. Mas estão caminhando para isso. Não é impossível que um homem perverso de sua raça descubra um segredo tão pavoroso quanto o da Palavra Execrável, e use esse segredo para destruir todas as coisas vivas. Breve, muito breve, antes que envelheçam, grandes nações em seu mundo serão governadas por tiranos parecidos com a imperatriz Jadis: indiferentes à alegria, à justiça e ao perdão. Avisem seu mundo deste grande perigo. E a ordem é esta: logo que puderem, tomem do tio os anéis mágicos e os enterrem, para que ninguém volte a usá-los.

As crianças olhavam para a face do Leão enquanto ele pronunciava essas palavras. De repente (nunca souberam como aconteceu), foi como se a face de Aslam se tornasse um mar de ouro no qual flutuavam; inexprimível

força e ternura passavam por eles e por dentro deles; e sentiram que jamais na vida haviam sido realmente felizes, bons ou sábios, nem mesmo vivos e despertos, até aquele momento. A lembrança desse instante permaneceu com eles para sempre; enquanto viveram, se alguma vez se sentiam tristes, amedrontados ou irados, a lembrança daquela bondade dourada retornava, dando-lhes a certeza de que tudo estava bem. E sabiam que podiam encontrá-la ali perto, numa esquina ou atrás de uma porta.

Um minuto depois, os três (tio André já acordado) despencaram no barulho e no cheiro forte de Londres.

Achavam-se na calçada, diante da casa dos Ketterley. Tudo como antes, menos a feiticeira, o cavalo e o cocheiro. Faltava a barra no poste; lá estavam os restos do cabriolé; e lá também estava a multidão. Todos falavam, e pessoas ajoelhavam-se diante do policial ferido, perguntando: “Como está?”, “Sente-se melhor?”, “A ambulância estará aqui num instantinho”.

– Puxa! – disse Digory para si mesmo. – Parece que a aventura toda aconteceu num abrir e fechar de olhos.

Muitos procuravam Jadis e o cavalo. Ninguém tomou conhecimento das crianças, pois ninguém percebeu que tinham ido e voltado. Quanto a tio André, pelo estado de suas roupas e pela cara cheia de mel, não poderia ter sido reconhecido por ninguém. Felizmente a porta da frente estava aberta e a empregada continuava lá, apreciando a confusão (que dia fabuloso teve a moça!), e assim as crianças não tiveram dificuldade de empurrar tio André para dentro, antes que fizessem qualquer pergunta.

Ele correu pelas escadas, à frente; as crianças temeram que demandasse o sótão para esconder os anéis restantes. Mas não precisavam preocupar-se. Tio André procurava uma garrafa escondida no guarda-roupa. Saiu de roupão e foi direto para o banheiro.

Digory perguntou a Polly:

– Será que você pode apanhar os outros anéis? Quero ver mamãe.

– Perfeito. A gente se vê mais tarde. – E Polly subiu para o sótão.

Digory respirou fundo e, na ponta dos pés, dirigiu-se ao quarto da mãe. Muitas vezes a vira naquela mesma atitude, afundada nos travesseiros,

o rosto pálido e magro de trazer lágrimas aos olhos. O menino tirou do bolso a Maçã da Vida.

Assim como a feiticeira parecia diferente em nosso mundo, também o fruto do jardim da montanha parecia diferente. Havia muitas coisas coloridas no quarto, é claro: a colcha, o papel de parede, a luz do sol na vidraça, e a bonita blusa azul da mãe do menino. Mas, quando Digory retirou a maçã do bolso, essas coisas todas nem pareciam ter cor. Até a luz do sol parecia mortiça. O fulgor da maçã lançava estranhas luzes no teto. Nada mais merecia ser olhado, e nem era mesmo possível olhar para outra coisa. E o perfume da maçã era como se a janela daquele quarto desse para o paraíso.

– Oh, meu querido, que linda!

– Quer comer a maçã agora, por favor?

– Será que o médico vai aprovar? – indagou ela. – Pensando bem, acho que ele não vai se importar. O menino descascou a fruta e deu à mãe em pequenos pedaços. Antes que ela terminasse, sorriu, mergulhou a cabeça nos travesseiros e adormeceu. Um sono natural e bom, sem necessidade daquelas drogas medonhas, era (Digory o sabia) o que a mãe mais queria no mundo.

Certo de que ela já se achava melhor, beijou-a no rosto de leve, saiu do quarto com o coração aos pinotes, levando o miolo da maçã. Durante o resto do dia, ao olhar para as coisas, todas tão comuns e sem magia, não chegou a ter grandes esperanças. Esta, a esperança, só veio quando se lembrou dos olhos de Aslam.

À tarde, enterrou o miolo da maçã no quintal. No dia seguinte, quando o médico chegou para a visita diária, Digory inclinou-se no balaústre da escada para ouvir. O doutor dizia para tia Leta:

– Minha senhora, é o caso mais extraordinário de toda a minha carreira. Parece até um milagre. Não diga nada ao menino por enquanto; não é bom criar falsas esperanças. Mas, na minha opinião... – e a voz do médico ficou muito baixa para ser ouvida.

Digory foi ao quintal e assobiou para Polly o sinal secreto (ela não pudera aparecer no dia anterior).

– E a sua mãe? – perguntou logo a menina, de cima do muro.

– Acho... acho que vai dar tudo certo. Mas, desculpe, prefiro não tocar no assunto por enquanto. E os anéis?

– Peguei todos. Olhe, não há perigo, estou usando luvas. Vamos enterrá-los.

– Vamos. Marquei o lugar onde enterrei ontem o miolo da maçã.

Polly desceu do muro e foram até o lugar. A marca seria desnecessária: já alguma coisa nascia da terra. Não tão rapidamente como em Nárnia, é claro.

Arranjaram uma colher de pedreiro e enterraram os anéis, inclusive os que usaram, num círculo em torno do broto.

Uma semana depois, sem dúvida nenhuma, a mãe de Digory achava-se melhor. Mais duas semanas, já podia sentar-se no jardim. Um mês mais tarde, toda a casa estava mudada. Tia Lera fez tudo o que a convalescente pediu: janelas foram abertas, reposteiros foram recolhidos para aclarar os quartos, havia flores por todos os cantos, coisas mais gostosas para comer, e a mãe voltou a cantar ao piano. Às vezes brincava de tal jeito com as crianças, que tia Lera dizia:

– Você, Mabel, é mais criança do que as crianças.

Quando as coisas vão mal, parece que vão de mal a pior durante certo tempo; mas quando começam a ir bem, parecem cada vez melhores.

Depois de seis semanas dessa vida feliz, chegou da índia uma carta do pai do Digory. O já velho tio-avô Kirke havia morrido; pelo jeito, o pai agora estava riquíssimo. Iria aposentar-se e deixar a índia para sempre. Morariam na grande casa de campo, da qual Digory ouvira falar a vida inteira mas na qual jamais pusera os olhos: o casarão com armaduras, estábulos, canis, bosques, parreiras e montanhas lá no fundo. Digory sentiu que seriam para sempre felizes. Mas devo contar para você mais duas coisas.

Polly e Digory continuaram grandes amigos e encontravam-se quase todas as férias na casa de campo. Foi aí que ela aprendeu a montar, a nadar, a tirar leite, a fazer bolo e a subir em montanhas.

Em Nárnia, os bichos viveram em grande tranqüilidade: a feiticeira não apareceu para perturbar a paz, nem nenhum outro inimigo, durante

centenas de anos. O rei Franco, a rainha Helena e os filhos viveram felizes em Nárnia. Os meninos casaram-se com ninfas e as meninas com deuses da floresta e do rio. O poste que a feiticeira plantara sem querer brilhava noite e dia na floresta narniana; o lugar passou a chamar-se Ermo do Lampião. Quando, anos mais tarde, outra criança de nosso mundo chegou a Nárnia, numa noite de neve, a luz ainda estava acesa. Essa aventura está de certo modo ligada às outras que estou acabando de contar.

Foi assim: o miolo da maçã plantado por Digory no quintal transformou-se numa linda árvore. Crescendo no solo de nosso mundo, muito longe da voz de Aslam e do ar novo de Nárnia, não deu frutos que fizessem reviver uma pessoa doente, como aconteceu com a mãe de Digory, embora suas maçãs fossem mais belas do que todas as outras da Inglaterra, incrivelmente salutares, mas não de todo mágicas.

Mas dentro dela, na sua própria seiva, a árvore (por assim dizer) nunca se esqueceu da árvore de Nárnia à qual pertencera. Às vezes balançava-se misteriosamente, quando não havia vento soprando. Creio que nesses instantes havia altos ventos em Nárnia.

De qualquer forma, viu-se mais tarde que a árvore guardava magia em sua madeira. Pois quando Digory era um homem de meia-idade (um famoso professor, dado a grandes viagens), já proprietário da mansão dos Ketterley no campo, uma grande tempestade derrubou a árvore. Como não lhe agradasse a idéia de cortá-la e aproveitar a lenha na lareira, o professor utilizou parte da madeira para fazer um guarda-roupa, que foi levado para a casa de campo.

Apesar de ele próprio não ter descoberto as propriedades mágicas do guarda-roupa, outra pessoa o fez. Foi esse o começo de todas as idas e vindas entre Nárnia e o nosso mundo, que estão contadas em outros livros.

Quando Digory e seus pais foram morar na grande casa de campo, levaram tio André. Pois o pai do menino dissera: “Devemos evitar que o velho faça alguma bobagem, e não é direito que a coitada da tia Lera carregue-o sempre nas costas.”

Tio André nunca mais na vida se meteu em feitiçarias. Tinha aprendido sua lição. Com o correr dos anos, passou a ser mais simpático e menos egoísta. Mas sempre gostou de levar as visitas à sala para contar-lhes

secretas histórias de uma dama misteriosa, pertencente a uma família real estrangeira, com quem ele andara às voltas pela cidade de Londres.

– Um demônio de temperamento – dizia ele. – Mas que mulher, meu amigo, que mulher!

Fim

C. S. LEWIS

O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa

Tradução
Paulo Mendes Campos

Para Lucy Barfield

MINHA QUERIDA LUCY,

Comecei a escrever esta história para você, sem lembrar-me de que as meninas crescem mais depressa do que os livros. Resultado: agora você está muito grande para ler contos de fadas; quando o livro estiver impresso e encadernado, mais crescida estará. Mas um dia virá em que, muito mais velha, você voltará a ler histórias de fadas. Irá buscar este livro em alguma prateleira distante e sacudir-lhe o pó. Aí me dará sua opinião. É provável que, a essa altura, eu já esteja surdo demais para poder ouvi-la, ou velho demais para compreender o que você disser. Mas ainda serei o seu padrinho, muito amigo

C. S. LEWIS

1
UMA ESTRANHA DESCOBERTA

Era uma vez duas meninas e dois meninos: Susana, Lúcia, Pedro e Edmundo. Esta história nos conta algo que lhes aconteceu durante a guerra, quando tiveram de sair de Londres, por causa dos ataques aéreos. Foram os quatro levados para a casa de um velho professor, em pleno campo, a quinze quilômetros de distância da estrada de ferro e a mais de três quilômetros da agência de correios mais próxima.

O professor era solteiro e morava numa casa muito grande, com D. Marta, a governanta, e três criadas, Eva, Margarida e Isabel, que não aparecem muito na história.

O professor era um velho de cabelo desgrenhado e branco, que lhe encobria a maior parte do rosto, além da cabeça.

As crianças gostaram dele quase imediatamente. Mas, na primeira noite, quando ele veio recebê-las, na porta principal, tinha uma aparência tão estranha, que Lúcia, a mais novinha, teve medo dele, e Edmundo (que era o segundo mais novo) quase começou a rir e, para disfarçar, teve de fingir que estava assoando o nariz.

Naquela noite, depois de se despedirem do professor, os meninos foram para o quarto das meninas, onde trocaram impressões:

– Tudo perfeito – disse Pedro. – Vai ser formidável. O velhinho deixa a gente fazer o que quiser.

– É bem simpático – disse Susana.

– Acabem com isso! – falou Edmundo, com muito sono, mas fingindo que não, o que o tornava sempre mal-humorado. – Não fiquem falando desse jeito!

– Que jeito? – perguntou Susana. – Além do mais, já era hora de você estar dormindo.

– Querendo falar feito mamãe – disse Edmundo. — Que direito você tem de me mandar dormir? Vá dormir você, se quiser.

– É melhor irmos todos para a cama – disse Lúcia. – Vai haver confusão, se ouvirem a nossa conversa.

– Não vai, não – disse Pedro. – Este é o tipo de casa em que a gente pode fazer o que quer. E, além do mais, ninguém está nos ouvindo. É preciso andar quase dez minutos daqui até a sala de jantar, e há uma porção de escadas e corredores pelo caminho.

– Que barulho é esse? – perguntou Lúcia de repente.

Era a maior casa que ela já tinha visto. A idéia de corredores compridos e fileiras de portas que vão dar em salas vazias começava agora a lhe dar arrepios.

– Foi um passarinho, sua boba – disse Edmundo.

– Foi uma coruja – disse Pedro. – Este lugar deve ser uma beleza para passarinhos. E agora pra cama! Amanhã vamos explorar tudo. Repararam nas montanhas do caminho? E os bosques?

Aqui deve ter águia. Até veado. E falcão, com certeza.

– E raposas! – disse Edmundo.

– E coelhos! – disse Susana.

Mas, quando amanheceu, caía uma chuva enjoada, tão grossa que, da janela, quase não se viam as montanhas, nem os bosques, nem sequer o riacho do quintal.

– Tinha certeza de que ia chover! – disse Edmundo.

Haviam acabado de tomar café com o professor e estavam na sala que lhes fora destinada, um aposento grande e sombrio, com quatro janelas.

– Não fique reclamando e resmungando o tempo todo – disse Susana para Edmundo. – Aposto que, daqui a uma hora, o tempo melhora. Enquanto isso, temos um rádio e livros à vontade.

– Isso não me interessa – disse Pedro. – Vou é explorar a casa.

Todos concordaram, e foi assim que começaram as aventuras. Era o tipo da casa que parece não ter fim, cheia de lugares surpreendentes. As primeiras portas que entreabriram davam para quartos desabitados, como aliás já esperavam. Mas não demoraram a encontrar um salão cheio de quadros, onde também acharam uma coleção de armaduras. Havia a seguir uma sala forrada de verde, com uma harpa encostada a um canto. Depois de terem descido três degraus e subido cinco, chegaram a um pequeno saguão com uma porta, que dava para uma varanda, e ainda para uma série de salas, todas cobertas de livros de alto a baixo. Os livros eram quase todos muito antigos e enormes.

Pouco depois, espiavam uma sala onde só existia um imenso guarda-roupa, daqueles que têm um espelho na porta. Nada mais na sala, a não ser uma mosca morta no peitoril da janela.

– Aqui não tem nada! – disse Pedro, e saíram todos da sala.

Todos menos Lúcia. Para ela, valia a pena tentar abrir a porta do guarda-roupa, mesmo tendo quase certeza de que estava fechada à chave. Ficou assim muito admirada ao ver que se abriu facilmente, deixando cair duas bolinhas de naftalina.

Lá dentro viu dependurados compridos casacos de peles. Lúcia gostava muito do cheiro e do contato das peles. Pulou para dentro e se meteu entre os casacos, deixando que eles lhe afagassem o rosto. Não fechou a porta, naturalmente: sabia muito bem que seria uma tolice fechar-se dentro de um guarda-roupa. Foi avançando cada vez mais e descobriu que havia uma segunda fila de casacos pendurada atrás da primeira. Ali já estava meio escuro, e ela estendia os braços, para não bater com a cara no fundo do móvel. Deu mais uns passos, esperando sempre tocar no fundo com as pontas dos dedos. Mas nada encontrava.

“Deve ser um guarda-roupa colossal!”, pensou Lúcia, avançando ainda mais. De repente notou que estava pisando qualquer coisa que se desfazia debaixo de seus pés. Seriam outras bolinhas de naftalina? Abaixou-se para examinar com as mãos. Em vez de achar o fundo liso e duro do guarda-roupa, encontrou uma coisa macia e fria, que se esfarelava nos dedos. “É muito estranho”, pensou, e deu mais um ou dois passos.

O que agora lhe roçava o rosto e as mãos não eram mais as peles macias, mas algo duro, áspero e que espetava.

– Ora essa! Parecem ramos de árvores!

Só então viu que havia uma luz em frente, não a dois palmos do nariz, onde deveria estar o fundo do guarda-roupa, mas lá longe. Caía-lhe em cima uma coisa leve e macia. Um minuto depois, percebeu que estava num bosque, à noite, e que havia neve sob os seus pés, enquanto outros flocos tombavam do ar.

Sentiu-se um pouco assustada, mas, ao mesmo tempo, excitada e cheia de curiosidade. Olhando para trás, lá no fundo, por entre os troncos sombrios das árvores, viu ainda a porta aberta do guarda-roupa e também distinguiu a sala vazia de onde havia saído. Naturalmente, deixara a porta aberta, porque bem sabia que é uma estupidez uma pessoa fechar-se num guarda-roupa. Lá longe ainda parecia divisar a luz do dia.

– Se alguma coisa não correr bem, posso perfeitamente voltar.

E ela começou a avançar devagar sobre a neve, na direção da luz distante.

Dez minutos depois, chegou lá e viu que se tratava de um lampião. O que estaria fazendo um lampião no meio de um bosque? Lúcia pensava no que deveria fazer, quando ouviu uns pulinhos ligeiros e leves que vinham na sua direção. De repente, à luz do lampião, surgiu um tipo muito estranho.

Era um pouquinho mais alto do que Lúcia e levava uma sombrinha branca. Da cintura para cima parecia um homem, mas as pernas eram de bode (com pêlos pretos e acetinados) e, em vez de pés, tinha cascos de bode. Tinha também cauda, mas a princípio Lúcia não notou, pois aquela descansava elegantemente sobre o braço que segurava a sombrinha, para não se arrastar pela neve.

Trazia um cachecol vermelho de lã enrolado no pescoço. Sua pele também era meio avermelhada. A cara era estranha, mas simpática, com uma barbicha pontuda e cabelos frisados, de onde lhe saíam dois chifres, um de cada lado da testa. Na outra mão carregava vários embrulhos de papel pardo. Com todos aqueles pacotes e coberto de neve, parecia que acabava de fazer suas compras de Natal.

Era um fauno. Quando viu Lúcia, ficou tão espantado que deixou cair os embrulhos.

– Ora bolas! – exclamou o fauno.

2
O QUE LÚCIA ENCONTROU

– Boa noite – disse Lúcia. Mas o fauno estava tão ocupado em apanhar os embrulhos que nem respondeu. Quando terminou, fez-lhe uma ligeira reverência:

– Boa noite, boa noite. Desculpe, não quero bancar o intrometido, mas você é uma Filha de Eva?

Ou estou enganado?

– Meu nome é Lúcia – disse ela, sem entender direito.

– Mas você é, desculpe, o que chamam de menina?

– Claro que sou uma menina – respondeu Lúcia.

– Então é de fato humana?

– Evidente que sou humana! – disse Lúcia, bastante admirada.

– É claro, é claro – disse o fauno. – Que besteira a minha! Mas eu nunca tinha visto um Filho de Adão ou uma Filha de Eva. Estou encantado. Isto é... – e aí parou, como se fosse dizer alguma coisa que não devia. – Encantado, encantado – continuou. – Meu nome é Tumnus.

– Muito prazer, Sr. Tumnus.

– Posso perguntar, Lúcia, Filha de Eva, como é que veio parar aqui em Nárnia?

– Nárnia? Que é isso?

– Aqui é a terra de Nárnia: tudo que está entre o lampião e o grande castelo de Cair Paravel, nos mares orientais. Você veio dos Bosques do Ocidente?

– Eu entrei pelo guarda-roupa da sala vazia.

– Ah! – disse o Sr. Tumnus, numa voz um tanto melancólica. – Se eu tivesse estudado mais geografia quando era um faunozinho, saberia alguma coisa sobre esses países estrangeiros. Agora é tarde.

– Mas não são países coisa nenhuma – disse Lúcia, quase desandando a rir. – É logo ali atrás, acho... não tenho certeza. Lá é verão.

– Mas em Nárnia é sempre inverno, e há muito tempo. Aliás, vamos apanhar um resfriado se ficarmos aqui conversando debaixo da neve. Filha de Eva das terras longínquas de Sala Vazia, onde reina o verão eterno da bela cidade de Guarda-Roupa, que tal se a gente tomasse uma xícara de chá?

– Muito obrigada, Sr. Tumnus, mas eu estava querendo voltar pra casa.

– É ali, virando aquela esquina – disse o fauno –, e lá tem uma lareira acesa, torradas, sardinha, bolo...

– É muita bondade de sua parte. Só que não posso demorar muito.

– Segure no meu braço, Filha de Eva. Assim a sombrinha dá para dois. O caminho é por aqui.

Foi assim que Lúcia começou a andar pelo bosque, de braço dado com aquela estranha criatura, como se fossem velhos amigos.

Ainda não tinham andado muito quando chegaram a um lugar em que o chão era mais áspero, e havia rochas por toda parte e pequenas colinas para subir e descer. Ao chegarem ao fundo de um valezinho, o Sr. Tumnus voltou-se de repente para o lado, indo direto ao encontro de uma rocha colossal. No último instante, Lúcia percebeu que ele a conduzia para a entrada de uma caverna.

Mal se acharam lá dentro, ela começou a piscar à vista de uma bela lareira acesa. O Sr. Tumnus tirou do fogo um tição e acendeu um fogareiro.

– Não demora – disse, pondo a chaleira no fogo.

Lúcia nunca estivera num lugar tão agradável. Era uma caverna quentinha e limpa, aberta numa rocha de tons avermelhados, com um tapete no chão e duas cadeirinhas. (“Uma para mim e outra para um amigo” – disse o Sr. Tumnus.) Havia ainda uma mesa, uma prateleira e uma chaminé

por cima da lareira; e, dominando tudo, o retrato de um velho fauno de barba grisalha.

Num canto, uma porta. “O quarto do Sr. Tumnus”, pensou Lúcia. Encostada à parede, uma estante cheia de livros, que ela ficou examinando enquanto ele preparava o chá. Os títulos eram esquisitos: *A vida e as cartas de Sileno*; *As ninfas e as suas artes*; *Homens, monges e guardas do bosque*; *Estudo da lenda popular*; *É o homem um mito?*

– Vamos, Filha de Eva.

Foi de fato um chá maravilhoso. Um ovo mal cozido para cada um, sardinhas fritas, torradas com manteiga, torradas com mel em seguida, e depois um bolo todo coberto de açúcar.

Quando Lúcia já não podia comer mais, o fauno começou a falar. Sabia histórias maravilhosas da vida na floresta. Falou das danças da meia-noite; contou como as ninfas, que vivem nas fontes, e as dríades, que vivem nos bosques, aparecem para dançar com os faunos. Falou das intermináveis caçadas ao Veado Branco, branco como leite, que, se for apanhado, permite que a pessoa realize todos os desejos. E dos banquetes, e dos bravos Anões Vermelhos procurando tesouros nas minas profundas e nas grutas. Depois falou do verão, quando os bosques eram verdes e o velho Sileno vinha visitá-los num jumento enorme, e, algumas vezes, até o próprio Baco. Então corria vinho nos riachos, em vez de água, e toda a floresta ficava em festa durante semanas.

– Infelizmente agora é sempre inverno – acrescentou o fauno, tristemente.

E, para distrair-se, tirou de uma caixinha uma flauta pequena e esquisita, que parecia feita de palha, e começou a tocar. A melodia dava a Lúcia vontade de rir e chorar, de dançar e dormir, tudo ao mesmo tempo. Passaram-se horas talvez, até que ela deu por si e exclamou, sobressaltada:

– Oh, Sr. Tumnus! Sinto muito ter de interrompê-lo... Além disso, gosto tanto dessa música! Mas, francamente, tenho de ir para casa. Não podia demorar mais do que uns minutinhos.

– Agora já não é possível – disse o fauno, deixando a flauta e abanando tristemente a cabeça.

– Não é possível?! – disse Lúcia dando um salto, toda assustada. – Por quê? Os outros devem estar preocupados. Tenho de ir para casa imediatamente.

Mas no instante seguinte ela perguntou:

– Que aconteceu, Sr. Tumnus? – pois os olhos castanhos do fauno estavam cheios de lágrimas, que começaram a correr-lhe pelo rosto até a ponta do nariz. Depois ele cobriu a cara com as mãos e começou a soluçar.

– Sr. Tumnus, Sr. Tumnus! – disse Lúcia, muito aflita. – Não chore. Que foi que aconteceu? Não se sente bem? Diga o que é.

Mas o fauno continuava a soluçar, como se tivesse o coração partido. E mesmo quando Lúcia lhe deu um abraço e lhe emprestou o lenço, ele não parou de soluçar. Depois, torceu com as mãos o lenço todo encharcado. Em poucos minutos, Lúcia quase que andava dentro d'água.

– Sr. Tumnus! – disse-lhe ao ouvido, fazendo-o estremecer. – Acabe com isso. Logo! Devia ter vergonha de estar fazendo esse papel: um fauno tão grande, tão bonito! Por que está chorando desse jeito?

– Oh! Oh! Estou chorando porque sou um fauno muito ruim.

– Não acho nada disso. Penso até que é um fauno muito bonzinho, o fauno mais simpático que já encontrei.

– Oh! Oh! Você não diria isso, se soubesse de tudo! Não, sou um fauno mau. Acho que nunca existiu um fauno tão ruim desde o começo do mundo.

– Mas, então, que foi que você fez?

– Estou pensando no meu velho pai – disse o Sr. Tumnus. – Aquele do retrato em cima da lareira.

Ele nunca teria feito uma coisas dessas.

– Mas que coisa?

– A coisa que eu fiz! Trabalhar para a Feiticeira Branca. E o que eu faço! Estou a serviço da Feiticeira Branca.

– Mas quem é a Feiticeira Branca?

– Ora, é ela quem manda na terra de Nárnia. Por causa dela, aqui é sempre inverno. Sempre inverno e nunca Natal. Imagine só!

– Que horror! – exclamou Lúcia. – E que serviço você presta a ela?

– Aí é que está o pior de tudo – disse Tumnus, com um profundo suspiro. – Por causa dela, roubo crianças. É o que eu sou: ladrão de crianças! Olhe para mim, Filha de Eva: acredita que eu seja capaz de encontrar no bosque uma pobre criança inocente, que nunca fez mal a ninguém, fingir que sou muito amigo dela, convidá-la para vir à minha gruta, e depois fazer com que ela adormeça, para entregá-la à Feiticeira Branca?

– Não! Tenho a certeza de que o senhor nunca seria capaz de fazer isso.

– Pois eu faço, sim, senhora!

– Bem – disse Lúcia, devagarinho (porque ela queria ser justa, mas, ao mesmo tempo, não queria ferir muito o fauno) –, bem, isso foi muito malfeito. Mas, já que está arrependido, tenho a certeza de que não fará de novo.

– Filha de Eva, não está entendendo? Ainda não fiz! Estou fazendo agora!

– O quê?! – gritou Lúcia, pálida.

– A criança é você. A ordem da Feiticeira Branca foi esta: se alguma vez eu visse um Filho de Adão ou uma Filha de Eva no bosque, deveria atraí-los e entregar para ela. Você foi a primeira que eu encontrei. Fingi que era muito seu amigo, convidei-a para tomar chá, esperando que você adormecesse; aí, eu iria contar para ela...

– Oh, não faça uma coisa dessas, Sr. Tumnus! Não! O senhor nunca deve fazer isso.

– Mas, nesse caso – e ele recomeçou a chorar –, ela vai descobrir tudo. E vai mandar que me cor tem a cauda, serrem meus chifres, arranquem minha barba. Com a vara de condão é capaz de transformar meus bonitos cascos fendidos em horrendos cascos de cavalo. Mas, se estiver zangada mesmo, é capaz de me transformar em estátua de fauno.

Vou ficar naquela casa horrível, até que os quatro tronos de Cair Paravel sejam ocupados... Sabe-se lá quando isso vai acontecer.

– Tenho muita pena, Sr. Tumnus, mas, por favor, deixe-me ir pra casa.

– Claro que sim. Tenho mesmo de deixar. Agora percebo. Não sabia como eram os humanos até encontrar você. Não iria entregá-la à feiticeira, principalmente agora, que a conheço. Vou acompanhá-la até o lampião. Você tem de achar o caminho até Sala Vazia e Guarda-Roupa.

– É claro que eu acho!

– Temos de ir bem caladinhos e escondidos. O bosque está cheio de espiões. Existem até árvores do lado dela!

O Sr. Tumnus abriu a sombrinha, deu o braço a Lúcia, e lá se foram pela neve. O caminho de volta não foi o mesmo que os levara à caverna do fauno; deslizaram silenciosamente, o mais depressa possível, sem dizerem nada, enquanto Tumnus escolhia sempre lugares mais escuros. Lúcia sentiu um alívio quando chegaram outra vez ao lampião.

– E agora, Filha de Eva, já sabe o caminho?

Lúcia olhou atentamente entre as árvores e conseguiu distinguir, à distância, um raio de luz que parecia ser a luz do dia.

– Sei; estou vendo o guarda-roupa.

– Então, já para casa. Espero que me perdoe por aquilo que eu desejava fazer...

– Está perdoado – disse Lúcia, apertando-lhe a mão com afeto. – Só espero que não lhe aconteça nada de mal por minha causa.

– Adeus, Filha de Eva. Posso ficar com o lenço?

– Pode, é claro.

E Lúcia correu na direção do distante raio de luz. E logo, em vez de ramos ásperos, passou a sentir os casacos e, em vez da neve desfazendo-se debaixo de seus pés, encontrou o chão de madeira. Depois, deu um salto para fora do guarda-roupa e se viu na mesma sala vazia do início de toda aquela aventura. Fechou bem a porta e olhou em redor, toda ofegante. Chovia ainda, e ela ouviu as vozes dos outros no corredor.

– Estou aqui! – gritou ela. – Estou aqui de volta! Tudo bem.

3

EDMUNDO E O GUARDA-ROUPA

Lúcia saiu correndo da sala vazia e achou os três no corredor.

– Tudo bem; já voltei.

– Do que você está falando, Lúcia? – perguntou Susana.

– O quê! – disse Lúcia, admirada. – Mas vocês não ficaram preocupados?

– Então, você andou escondida, hein? – disse Pedro. – Coitada da Lúcia! Ficou escondida e ninguém reparou! Você tem de ficar escondida mais tempo, se quiser que alguém se lembre de ir procurá-la.

– Mas eu estive fora muitas horas – disse Lúcia.

Os outros se entreolharam.

– Sua boba! – disse Edmundo, batendo de leve na cabeça. – Completamente boba!

– O que você está querendo dizer, Lu? – perguntou Pedro.

– Exatamente o que eu disse. Entrei no guarda-roupa logo depois do café. Fiquei fora muito tempo, tomei chá... Aconteceram muitas outras coisas.

– Não fique bancando a boboca, Lúcia – disse Susana. – Saímos da sala agora mesmo e você ainda estava lá.

– Ela não está bancando a boboca – disse Pedro. – Está imaginando uma história para se divertir, não é, Lúcia?

– Não é não, Pedro. É... é um guarda-roupa mágico. Lá dentro tem um bosque e está nevando. Tem um fauno e uma feiticeira. O nome da terra é Nárnia. Se quiserem, vamos ver.

Os outros não sabiam o que pensar, mas Lúcia estava tão agitada que todos a acompanharam à sala. Ela correu à frente, abriu a porta do guarda-roupa e gritou:

– Vamos, entrem, vejam com os seus próprios olhos!

– Mas que pateta! – disse Susana, metendo a cabeça lá dentro e afastando os casacos. – É um guarda-roupa comum. Olhem: lá está o fundo.

Olharam todos, depois de afastarem os casacos, e viram – Lúcia também – um guarda-roupa muito comum. Não havia bosque, nem neve, apenas o interior de um guarda-roupa, com os cabides pendurados. Pedro entrou e bateu com os dedos, certificando-se da solidez da peça.

– Boa brincadeira, Lúcia – disse ao sair. – Você nos pregou uma boa peça. Quase acreditamos.

– Mas não é mentira coisa nenhuma! Palavra de honra! Há um minuto estava tudo diferente. Palavra que estava!

– Vamos, Lu – disse Pedro. – Você está exagerando; já se divertiu muito. É melhor acabar com a brincadeira.

Lúcia ficou vermelha até a raiz dos cabelos. Quis murmurar qualquer coisa e desandou a chorar.

Durante alguns dias, sentiu-se muito infeliz. Podia resolver a questão num instante, bastando declarar que tinha inventado aquela história. Mas Lúcia gostava de falar a verdade, e tinha certeza de que não estava enganada. Os outros, pensando que era tudo mentira, e mentira boba, davam-lhe um grande desgosto. Os dois mais velhos faziam isso sem querer, mas Edmundo costumava bancar o mau, e estava sendo mau daquela vez. Zombava de Lúcia, chateando-a o tempo todo, perguntando se ela não tinha achado outras terras misteriosas nos numerosos armários que existiam por toda a casa.

O pior é que esses dias eram para ter sido esplêndidos. O tempo estava lindo, passeavam lá fora da manhã até a noite, tomavam banho de riacho, pescavam, subiam nas árvores, deitavam-se no bosque... Mas Lúcia não se divertia de verdade. E assim foram correndo as coisas até que chegou um novo dia de chuva.

Naquela tarde, como o tempo continuasse ruim, resolveram brincar de esconder. Susana era *o pegador* e, mal se dispersaram para se esconder, Lúcia dirigiu-se à sala do guarda-roupa. Não queria esconder-se lá dentro, pois isso certamente faria com que os outros voltassem a se lembrar daquele assunto desagradável. Mas queria pelo menos dar uma espiada, porque, naquela altura, ela própria já começava a se perguntar se Nárnia e o fauno não passavam de um sonho. A casa era tão grande e complicada, tão cheia de esconderijos, que ela pensou que teria tempo de dar uma espiada e se esconder em outro lugar. Mas, mal tinha se aproximado, ouviu passos no corredor, e não teve outro remédio: pulou para dentro do guarda-roupa e segurou a porta, pois sabia muito bem que era uma idiotice alguém fechar-se num guarda-roupa, mesmo num guarda-roupa mágico. Eram os passos de Edmundo, que entrou na sala ainda a tempo de ver Lúcia sumir dentro do móvel. Sem hesitar, resolveu entrar também – não porque o considerasse um bom esconderijo, mas porque tinha vontade de continuar a chateá-la com o seu mundo imaginário. Abriu a porta. Os casacos estavam dependurados como sempre, cheirando a naftalina; tudo era escuridão e silêncio, e não havia vestígios de Lúcia. “Ela pensa que sou a Susana e que vim pegá-la, por isso está quietinha lá no fundo” – pensou Edmundo.

Ele pulou para dentro e fechou a porta, esquecendo-se de que estava fazendo uma grande bobagem. Começou a procurar Lúcia no escuro. Ficou muito admirado quando não a encontrou. Resolveu abrir de novo a porta para deixar entrar luz. Mas também não foi capaz de dar com a porta. Nada satisfeito, começou a andar desnorteado, às apalpadelas, em todas as direções. Chegou a gritar: “Lúcia! Lu! Onde você está? Sei que está aí, sua boba!”

Mas ficou sem resposta. Notou até que a própria voz tinha um som curioso – não o som que é de esperar dentro de um armário, mas um som ao ar livre. Observou também que de repente estava sentindo frio; depois viu uma luz.

– Graças a Deus! A porta se abriu sozinha.

Esquecendo-se completamente de Lúcia, começou a andar em direção à luz, julgando ser a porta do guarda-roupa. Mas, em vez de dar na sala vazia, ficou espantado ao passar da sombra de umas árvores grossas para uma clareira no meio de um bosque. Sentia sob os pés a neve dura, e havia neve também nos ramos. O céu era azul-pálido, céu de uma bela manhã de

inverno. Na frente dele, entre os troncos, o sol nascia, vermelho e brilhante. Pairava uma calma enorme, como se ele fosse o único ser vivo naquela terra desconhecida. Nem sequer um passarinho ou um esquilo por entre as árvores. E o bosque estendia-se a perder de vista em todas as direções. Edmundo tiritava de frio. Lembrou-se então de que andava à procura de Lúcia. Lembrou-se também de que a tratara mal por causa desse país imaginário, que de imaginário nada tinha. Talvez ela estivesse ali por perto. Começou a gritar:

– Lúcia! Lúcia! Estou aqui também, o Edmundo!

Mas ficou sem resposta. “Deve estar zangada comigo” – pensou. E embora não lhe agradasse muito reconhecer que procedera mal, também não lhe agradava nada estar sozinho naquele lugar estranho, deserto e frio. Gritou de novo:

– Lu! Estou arrependido por não ter acreditado. Você tinha razão. Pode aparecer. Vamos fazer as pazes.

Mas para si mesmo dizia: “Isso é mesmo coisa de menina. Embirrada num canto por aí, não querendo aceitar minhas desculpas.” Olhou mais uma vez em volta e concluiu que o lugar não lhe despertava muita simpatia. Quase decidido a voltar, ouviu lá longe, no bosque, um tilintar de sinetas. Escutou com atenção. O som ia se aproximando cada vez mais, até que surgiu um trenó, puxado por duas renas.

As renas eram do tamanho de um cavalinho, de pêlo tão branco quanto a neve. Os chifres eram dourados e brilhavam ao sol. Os arreios, de couro escarlate, estavam cheios de sinetas. Conduzindo as renas, sentado no trenó, ia um anão forte que, em pé, não devia ter nem um metro de altura. Vestia peles de urso polar e trazia um capuz vermelho, de cuja ponta pendia uma grande borla dourada; uma comprida barba cobria-lhe os joelhos, servindo-lhe de manta. Atrás dele, em lugar muito mais importante, no meio do trenó, ia sentada uma criatura muitíssimo diferente: uma grande dama, a maior mulher que Edmundo já vira. Estava também envolta em peles brancas até o pescoço, e trazia, na mão direita, uma longa varinha dourada, e uma coroa de ouro na cabeça. Seu rosto era branco (não apenas claro), branco como a neve, como papel, como açúcar. A boca se destacava, vermelhíssima. Era, apesar de tudo, um belo rosto, mas orgulhoso, frio, duro...

Como era bonito o trenó aproximando-se, as sinetas tilintando, o anão estalando o chicote, a neve saltando dos lados!

– Alto! – disse a dama, e o anão deu um puxão tão forte que as renas quase caíram sentadas. Depois ficaram mordendo os freios, arquejantes. No ar gelado, o bafo que lhes saía das narinas parecia fumaça.

– Ei, você! O que é você? – perguntou a dama, cravando os olhos em Edmundo.

– Eu... eu... meu nome é Edmundo — respondeu ele, meio atrapalhado. Não estava gostando nada do jeito dela. A dama franziu as sobrancelhas:

– É assim que você fala a uma rainha?

– Perdão, Majestade, mas eu não sabia.

– Não conhece a rainha de Nárnia!? – exclamou ela, mais severa. – Pois vai passar a me conhecer daqui por diante. Repito: o que é você?

– Queira desculpar, Majestade. Não estou sabendo o que a senhora quer dizer. Eu ainda estou na escola... pelo menos estava... agora estou de férias.

4
MANJAR TURCO

– Mas o que é você? – tornou a rainha. – Por acaso um anão que cresceu demais e resolveu cortar a barba?

– Não, Majestade; eu nunca tive barba, sou ainda um menino.

– Um menino! Quer dizer, um Filho de Adão?

Edmundo ficou parado, sem dizer nada. Já se sentia todo confuso.

– Seja lá o que for, acho que se trata também de um débil mental. Responda logo, se não quer que eu perca a paciência. Você é humano?

– Sou, sim, Real Senhora.

– E como conseguiu entrar nos meus domínios?

Quero saber!

– Por um guarda-roupa, Majestade.

– Por um guarda-roupa? Que história é essa?

– Abri a porta e de repente estava aqui.

– Ah! – disse a rainha, falando mais para si própria do que para ele. – Uma porta! Uma porta no mundo dos homens! Já ouvi falar de coisas parecidas. Pode ser o princípio do fim. Mas ele é um só, e resolverei isso com facilidade.

Levantou-se e fitou Edmundo com olhos afogueados; no mesmo instante, ergueu a varinha. Edmundo sentiu que ela ia fazer qualquer coisa de terrível, mas não foi capaz de dar um passo. Já se considerava perdido, quando ela pareceu mudar de opinião.

– Meu menininho – disse ela, com uma voz muito diferente. – Está gelado! Sente-se aqui no trenó, perto de mim; cubra-se com a minha manta.

Vamos conversar um pouco.

Edmundo não gostou muito do convite, mas não teve coragem de desobedecer. Pulou para o trenó, sentando-se aos pés da rainha, que colocou uma dobra da manta em torno dele.

– Que tal uma bebidinha quente? Seria bom, não seria?

– Seria, Majestade – respondeu Edmundo, batendo o queixo.

Lá de dentro dos agasalhos, a rainha tirou uma garrafinha que parecia de cobre. Levantando o braço, deixou cair uma gota na neve. Edmundo viu a gota brilhar, como um diamante, durante um segundo no ar. Mas, no momento em que tocou na neve, produziu um som sibilante, e logo surgiu um copo cheio de um líquido fumegante. Imediatamente, o anão o apanhou, passando-o a Edmundo com uma reverência e um sorriso afável. Depois de ter começado a beber, Edmundo sentiu-se muito melhor. Era uma bebida que nunca tinha provado, muito doce e espumante, ao mesmo tempo espessa, que o aqueceu da cabeça aos pés.

– Beber sem comer é triste, Filho de Adão – disse a rainha. – Que deseja comer?

– Manjar turco, Majestade, por favor – disse Edmundo.

A rainha deixou cair sobre a neve outra gota da garrafa; no mesmo instante, apareceu uma caixa redonda, atada com uma fita de seda verde, que, ao se abrir, revelou alguns quilos do melhor manjar turco. Edmundo nunca tinha saboreado coisa mais deliciosa, tão gostosa e tão leve. Sentiu-se aquecido e bem disposto.

Enquanto ele comia, a rainha não cessava de fazer-lhe perguntas. A princípio, lembrou-se de que é feio falar com a boca cheia, mas logo se esqueceu, absorto na idéia de devorar a maior quantidade possível de manjar turco. E quanto mais comia, mais tinha vontade de comer. Nem quis saber por que razão a rainha era tão curiosa. Aos poucos, ela foi-lhe arrancando tudo: tinha um irmão e duas irmãs; uma das irmãs já conhecia Nárnia e tinha encontrado um fauno; ninguém mais a não ser ele, o irmão e as irmãs sabiam da existência de Nárnia. Ela parecia especialmente interessada no fato de eles serem quatro, voltando sempre ao assunto.

– Tem certeza de que são só quatro? Dois Filhos de Adão e duas Filhas de Eva, nem mais, nem menos?

Edmundo abriu a boca cheia de manjar turco, repetindo:

– É isso mesmo, já disse – esquecendo-se do “Majestade”.

Por fim, acabou-se o que era doce, e Edmundo olhava fixamente para a caixa vazia, louco para que a rainha lhe perguntasse se ainda queria mais. Sabia ela muito bem o que ele estava pensando. E, melhor ainda, sabia que o manjar turco estava encantado: quem o provasse, ficaria querendo sempre mais e chegaria a comer, a comer, até estourar. Mas a rainha, em vez de oferecer mais, disse:

– Filho de Adão, gostaria muito de conhecer seu irmão e suas irmãs. Você é capaz de trazê-los aqui para uma visita?

– Posso tentar – disse Edmundo, olhando ainda para a caixa vazia.

– Porque, se voltar aqui e trouxer seus irmãos, vou dar-lhe mais manjar turco. Agora é impossível, porque o poder mágico só tem efeito uma vez. Se fosse em minha casa, seria diferente.

– E por que não vamos logo para a sua casa?

A princípio, quando subiu no trenó, ficou apavorado com a idéia de que ela o levasse para algum lugar desconhecido, de onde não pudesse voltar nunca mais; agora já nem se lembrava disso.

– Minha casa? Ah, é um lugar maravilhoso! Você iria gostar muito de lá, tenho certeza. Há salas e salas cheias de manjar turco. E, imagine só, eu não tenho filhos! Quem me dera ter um menino para educar como príncipe, e que fosse, depois da minha morte, rei de Nárnia. Enquanto fosse príncipe, havia de usar uma coroa de ouro e comer manjar turco o dia inteirinho. Nunca vi um menino tão inteligente e bonito como você. Sou capaz de fazê-lo príncipe, um dia, quando conseguir que os outros me façam uma visita.

– E por que não pode ser agora? – perguntou Edmundo.

Estava muito corado, com a boca e os dedos melados, e (fosse qual fosse a opinião da rainha) não parecia nem bonito, nem inteligente.

– Ora, se eu o levasse agora, nunca mais você veria seus irmãos. Tenho grande vontade de conhecer todos. Porque você vai ser príncipe e, mais tarde, rei. Já está resolvido. Mas vou precisar também de nobres. Seu irmão será duque, e suas irmãs, duquesas.

– Mas eles não têm nada de mais! – exclamou Edmundo. – De qualquer maneira, eu poderia buscá-los mais tarde.

– É. Mas, depois de entrar em minha casa, poderia esquecê-los. Gostaria tanto, que não mais se lembraria de buscá-los. Agora, escute: vá para a sua terra e volte outro dia; mas com eles, entendeu? Sem eles, não precisa aparecer mais.

– Mas eu nem sei como voltar!

– É muito fácil. Está vendo aquela luz?

Ela apontou com a varinha, e Edmundo viu o lampião junto ao qual Lúcia havia encontrado o fauno.

– É por ali, em linha reta, o caminho do mundo dos homens. Olhe agora para o outro lado – e apontou na direção oposta – e me diga: está vendo aquelas duas colinas lá longe?

– Acho que estou.

– Pois a minha casa fica entre aquelas duas colinas. Quando voltar aqui e achar o lampião, olhe para as colinas e vá andando pelo bosque, até chegar à minha casa. Mas tem de trazer os outros! Vou ficar muito zangada se você vier sozinho!

– Vou fazer o possível – falou Edmundo.

– E outra coisa: nada de falar de mim. Vai ser muito mais engraçado se for um segredo entre nós dois. Não acha? Vamos fazer uma surpresa para eles. Um rapaz inteligente como você vai achar um jeito de trazê-los até a colina; ao passar em frente da casa, pode dizer: “Vamos ver quem mora aqui”, ou qualquer coisa parecida. Será melhor assim. Se sua irmã encontrou um fauno, é possível que tenha ouvido contar histórias estranhas a meu respeito, histórias desagradáveis; pode ter medo de vir aqui. Os faunos falam o que lhes passa pela cabeça, bem sabe disso, e...

– Por favor, Majestade – interrompeu Edmundo de repente –, por favor, não pode me arranjar nem mais um pouquinho de manjar turco para a viagem de volta?

– Não, não – disse a rainha com uma risada. – Você tem de esperar pela próxima vez.

Fez sinal ao anão para avançar, acenando para Edmundo à medida que o trenó se afastava, e gritando-lhe:

– Na próxima vez! Não se esqueça! Volte logo!

Edmundo estava ainda olhando para o trenó, quando ouviu alguém chamá-lo pelo nome. Lúcia corria para ele, vindo do outro lado do bosque.

– Ó Edmundo, você também entrou aqui? Não é formidável?

– Pois é, vejo que você tinha razão: afinal o guarda-roupa é mesmo mágico. Desculpe. Mas onde esteve esse tempo todo?

– Se eu soubesse que você tinha entrado aqui, teria esperado – disse Lúcia, que estava ainda muito agitada e contente para reparar na aspereza com que Edmundo falava. – Estive almoçando com o meu bom amigo, Sr. Tumnus, o fauno. Está muito bem, e a Feiticeira Branca não lhe fez nenhum mal por me ter deixado partir. Talvez ela não tenha desconfiado de nada; afinal de contas, pode dar tudo certo.

– Quem é a Feiticeira Branca?

– Uma pessoa horrorosa. Diz que é a rainha de Nárnia, embora não tenha o direito de ser rainha. E odiada por todos os faunos e dríades e náiades e anões e animais... Pelo menos, pelos que são bons. É capaz de transformar as pessoas em pedra e de fazer mil coisas horríveis. É por causa de um encantamento dela que é sempre inverno em Nárnia, sempre inverno, mas o Natal nunca chega. Ela anda num trenó puxado por duas renas, tem uma varinha na mão e uma coroa na cabeça.

Edmundo, já meio incomodado por ter comido tanto manjar turco, sentiu-se ainda pior ao ouvir dizer que a dama da qual se tornara amigo era uma perigosa feiticeira. Mas, lá no fundo, o que mais desejava era voltar para fartar-se daquele maravilhoso manjar.

– Mas quem é que lhe contou essa história toda?

– O Sr. Tumnus, o fauno.

– Fique sabendo que a gente não deve acreditar em tudo o que dizem os faunos – falou Edmundo, querendo mostrar que sabia muito mais do que Lúcia a respeito de faunos.

– Quem foi que disse?

– Todo o mundo sabe disso; pergunte a quem quiser. Mas o que não está nada bom é este frio. Vamos pra casa.

– Pois vamos. Estou feliz por você ter vindo. Agora eles têm de acreditar. Vai ser engraçado...

Edmundo achou que não seria tão engraçado para ele. Teria de confessar, perante os outros, que Lúcia estava certa, e é claro que Pedro e Susana tomariam logo o partido dos faunos e dos animais. E ele estava quase inteiramente do lado da feiticeira. Além disso, não sabia o que havia de dizer ou como guardar segredo, quando todos estivessem falando de Nárnia.

Já tinham andado muito. De repente sentiram-se rodeados de casacos, em vez de ramos de árvores. Daí a pouco estavam na sala vazia.

– Você está com uma cara horrível, Edmundo – disse Lúcia. – Está passando mal?

– Estou me sentindo muito bem.

Não era verdade. Estava mesmo passando mal. – Vamos ver onde estão Pedro e Susana. Temos muita coisa para contar...

5
OUTRA VEZ DO LADO DE CÁ

Como estivessem ainda brincando de esconder, levou tempo para que Edmundo e Lúcia encontrassem Pedro e Susana. Depois de reunidos todos na sala das armaduras, Lúcia falou:

– Pedro! Susana! É tudo verdade! Edmundo também viu. Há um país fantástico que a gente alcança pelo guarda-roupa. Edmundo e eu estivemos lá. Demos um com o outro no meio do bosque. Conte, Edmundo, conte tudo para eles.

– Que história é essa, Edmundo? – perguntou Pedro.

E agora chegamos a um dos pontos mais terríveis desta história. Até aquele instante, Edmundo tinha-se sentido mal disposto, mal-humorado, aborrecido com Lúcia, porque ela estava certa: mas não tinha resolvido o que fazer. Porém, diante da pergunta de Pedro, decidiu fazer a coisa mais mesquinha e mais ordinária de que se poderia ter lembrado. Decidiu humilhar Lúcia.

– Conta, Edmundo – disse Susana.

Edmundo tomou um ar de grande superioridade, como se fosse muito mais velho do que Lúcia (a diferença era só de um ano), e disse com um risinho de deboche:

– Ah, é mesmo! Eu e Lúcia estivemos brincando, imaginando que era verdade tudo aquilo do país maravilhoso dentro do guarda-roupa. Mas só de brincadeira, é claro. Não existe nada lá.

A coitada da Lúcia olhou para Edmundo e saiu correndo para fora da sala. Ele, que a cada momento se tornava mais maldoso, achou que tinha conseguido uma grande vitória.

– Lá vai ela outra vez. Que há com essa garota? Este é o problema com as crianças pequenas... estão sempre a...

– Cale o bico! – disse Pedro, furioso. – Você está sendo muito malvado com a Lu, desde que ela apareceu com a loucura do guarda-roupa. Você está abusando, querendo humilhá-la por causa disso. E por pura maldade.

– Mas tudo isso é um absurdo! – exclamou Edmundo, um pouco ressentido.

– Pois é isso que está me preocupando. Lu estava muito bem quando saiu de casa. Desde que chegou aqui, parece que não anda muito boa da cabeça. Ou, então, está virando uma grande mentirosa. Seja lá o que for, não adianta você estar sempre zombando dela, chateando-a num dia, para dizer no outro que ela tinha razão.

– Eu acho... eu acho – disse Edmundo, mas não lhe saiu mais nada da boca.

– Não acha nada – disse Pedro. – É maldade sua. Você sempre gostou de portar-se como um cavalo com os mais novos: no colégio você já era impossível.

– Vamos parar com isso – disse Susana. – Não resolve nada ficar discutindo. Vamos procurar a Lúcia.

Estava na cara que Lúcia andara chorando. Nada conseguia consolá-la. Estava absolutamente convencida da verdade da história:

– Não me interessa o que vocês pensam, nem o que vocês dizem. Podem contar tudo ao professor ou escrever para a mamãe. Façam o que quiserem. Tenho a certeza de que encontrei um fauno, e de via ter ficado lá para sempre, porque vocês são uns bestas...

Não foi uma noite nada agradável: Lúcia infeliz; Edmundo sentindo que o seu plano não estava saindo tão bem quanto imaginara. Os dois mais velhos começavam a convencer-se de que Lúcia não estava em seu perfeito juízo. Depois que a irmã foi dormir, ficaram os dois durante muito tempo no corredor, falando em segredo sobre o caso.

Na manhã seguinte, resolveram contar tudo ao professor.

– Depois escreveremos a papai, se o professor achar que Lúcia não está boa da cabeça; não podemos fazer mais do que isso.

– Entrem – disse o professor, ao ouvir as pancadas na porta.

Ofereceu-lhes cadeiras e disse que estava às ordens. Escutou-os com toda a atenção, dedos cruzados, sem interrompê-los até o fim da história. Ficou calado durante muito tempo. Tossiu para limpar a garganta. E disse a coisa que eles menos podiam esperar:

– E quem disse que a história não é verdadeira?

– Oh, mas acontece... – começou Susana; e parou por aí. Via-se pela cara do velho que ele estava mesmo falando sério. Susana tomou coragem e disse:

– Mas Edmundo confessou que eles estavam fingindo.

– Ora, aí está uma coisa – tornou o professor – que precisa ser considerada: e com muitíssima atenção. Por exemplo, se me desculpam a pergunta: qual deles, pela experiência de vocês, é mais digno de crédito, o irmão ou a irmã? Isto é, quem fala sempre a verdade?

– Isto é que é gozado, professor – respondeu Pedro. – Até agora, eu só posso dizer que é a Lúcia.

– E que acha você, minha querida Susana?

– Bem, em casos comuns, penso igual ao Pedro, mas aquela história do bosque e do fauno não pode ser verdade.

– É o que a gente nunca sabe – disse o professor. – Não se deve acusar de mentirosa uma pessoa que sempre falou a verdade; é mesmo uma coisa séria, muito séria.

– Mas o nosso medo não é que ela esteja mentindo – replicou Susana. – Chegamos a pensar se ela não está doente da cabeça...

– Acham que ela está louca? – perguntou, calmamente, o professor. – Podem ficar descansados: basta olhar para ela, ouvi-la um instante para ver que não está louca.

– Mas, então... – disse Susana, e calou-se. Nunca tinha pensado que uma pessoa grande falasse como o professor, e não sabia bem o que havia de pensar de tudo aquilo.

– Lógica! – disse o professor para si mesmo. – Por que não ensinam mais lógica nas escolas? – E dirigindo-se aos meninos declarou: – Só há três possibilidades: ou Lúcia está mentindo; ou está louca; ou está falando a verdade. Ora, vocês sabem que ela não costuma mentir, e é evidente que não está louca. Por isso, enquanto não houver provas em contrário, temos de admitir que está falando a verdade.

Susana olhou para ele muito séria: o professor não estava brincando.

– Mas como é que pode ser verdade, professor?

– E por que você duvida?

– Bem – disse Pedro –, então, se é verdade, por que não encontramos sempre o tal país fantástico ao abrir a porta do guarda-roupa? Não havia nada lá quando olhamos; nem Lúcia teve coragem de fingir que havia.

– E isso prova o quê? – perguntou o professor.

– Ora, ora, se as coisas são verdadeiras, estão sempre onde devem estar.

– Tem certeza, Pedro?

Ele não foi capaz de responder.

– Mas ela não teve tempo! – disse Susana. – Mesmo que esse país existisse, Lúcia não teve tempo de ir lá. Veio correndo atrás de nós, logo que saímos da sala. Demorou menos de um minuto, e ela diz que passou *horas* lá.

– Pois é exatamente isso que me faz acreditar na história – disse o professor. – Se, de fato, existe nesta casa uma porta aberta para um outro mundo (e devo dizer que esta casa é muito estranha, e eu mesmo mal a conheço), e se Lúcia conseguiu chegar a esse mundo, não ficaria nada admirado se ela houvesse encontrado lá um tempo diferente; assim, podia muito bem acontecer que, embora ela ficasse muito tempo lá, a gente não percebesse isso no tempo do nosso mundo. Lúcia, na idade dela, não deve saber disso. Logo, se estivesse fingindo, deveria ficar escondida durante mais tempo, para depois contar a mentira.

– Mas, professor, acha mesmo que pode existir outro mundo, em qualquer lugar, tão pertinho?

Será possível?

– É muito possível – disse o professor, tirando os óculos para limpá-los. – Eu gostaria de saber o que estas crianças aprendem na escola! – murmurou para si mesmo.

– Mas o que devemos fazer no momento? – perguntou Susana, que sentia a conversa sair dos eixos.

– Minha querida Susana – disse o professor, fitando ambos com um olhar penetrante –, há um plano ainda não sugerido por ninguém, e que talvez valha a pena experimentar.

– Qual?

– Cada um trate de sua própria vida.

E assim terminou a conversa. Daí por diante, Lúcia sentiu que o ambiente melhorava. Pedro via-se na obrigação de impedir as zombarias de Edmundo. E ninguém tinha vontade de tocar no assunto do guarda-roupa.

Durante algum tempo foi como se as aventuras tivessem chegado a um fim. Mas não foi o que aconteceu.

A casa do professor – da qual ele mesmo tão pouco sabia – era tão antiga e famosa que vinha gente de toda parte para visitá-la. Era dessas que estão indicadas nos guias turísticos e até nos livros de História. E havia motivo para isso, pois corriam sobre ela muitas lendas, algumas mais estranhas do que o caso que estou contando. Quando apareciam turistas, o professor dava licença para verem a casa, e D. Marta, a governanta, servia-lhes de guia, contando o que sabia dos quadros, das armaduras e dos livros raros da biblioteca. A governanta não gostava de crianças, e não admitia que a interrompessem enquanto falava como um papagaio aos visitantes. Logo no primeiro dia (juntamente com muitas outras instruções), tinha dito para Susana e Pedro:

– ...E lembrem-se bem: saiam do caminho quando eu estiver mostrando a casa!

– Como se a gente fosse perder tempo andando atrás dum bando de gente grande! – resmungou Edmundo.

Foi assim que as aventuras começaram outra vez.

Alguns dias depois, estavam Pedro e Edmundo contemplando as armaduras, doidos para desmontá-las, quando as duas meninas entraram na

sala como um vendaval:

– Atenção! Aí vem a governanta com um batalhão atrás dela!

– Ordinário, marche! – comandou Pedro. E fugiram pela porta do fundo. Mal tinham penetra do na sala verde, e depois na biblioteca, ouviram vozes mais adiante, pois a governanta havia conduzido os turistas pela escada dos fundos. Assim, ou porque já estivessem meio avoados, ou porque D. Marta estivesse de pé atrás deles, ou ainda por alguma força mágica que os impelia para Nárnia – o certo é que se sentiram perseguidos em toda parte, e Susana exclamou:

– Ora! Vamos para a sala do guarda-roupa até eles passarem. Lá não vai ninguém.

Mal tinham acabado de entrar, ouviram vozes no corredor, e viram a maçaneta da porta mover-se.

– Depressa! – disse Pedro. – Não temos outro lugar. – E abriu de repente o guarda-roupa. Amontoaram-se os quatro lá dentro, sentando-se ofegantes no escuro. Pedro segurou a porta encostada, mas não a fechou completamente: como todas as pessoas de juízo, sabia muito bem que nunca devemos nos fechar dentro de um guarda-roupa.

6
NA FLORESTA

– Deus permita que a governanta despache logo aquela gente! – falou Susana. – Estou toda encolhidinha!

– Que cheiro horrível de cânfora! – exclamou Edmundo.

– Deve ser dos bolsos dos casacos, cheios de naftalina, para espantar traças – disse Susana.

– Tem um troço aqui me picando nas costas – disse Pedro.

– Não está ficando frio? – perguntou Susana.

– E muito – disse Pedro. – E que umidade! Que diabo de lugar é este? Estou sentado em cima de uma coisa molhada. E está cada vez mais úmido.

Foi com dificuldade que Pedro conseguiu erguer-se. Edmundo disse:

– Vamos sair, eles já foram embora.

– Oh! Oh! – gritou Susana de repente. Todos perguntaram o que tinha acontecido.

– Estou encostada numa árvore – disse ela. – Olhem! Lá longe está clareando.

– Puxa vida, é mesmo! – disse Pedro. – E olhem pra lá... e pra lá... tudo cheio de árvores! E esta coisa molhada é neve. Agora acredito que esta mos no bosque da Lúcia.

Já não podia haver a menor dúvida. Ficaram os quatro, imóveis, piscando na luz fria da manhã de inverno. Atrás deles, os casacos dependurados nos cabides, e, na frente, as árvores cobertas de neve. Pedro virou-se para Lúcia:

– Desculpe se eu não acreditei. Quer fazer as pazes?

– É claro.

– E agora, que vamos fazer? – perguntou Susana.

– Ora, vamos explorar o bosque – disse Pedro.

– Ufa! – exclamou Susana, batendo com os pés no chão. – Está um frio de doer. E se a gente vestisse estes casacos? Não acham uma boa idéia?

– Não são nossos!... – disse Pedro, temeroso.

– Ninguém vai ligar – replicou Susana. – Além disso, não vamos levar os casacos para fora de casa: eles nem vão sair do guarda-roupa!

– Não pensei nisso – falou Pedro.

– É mesmo, assim não vai haver problema. Ninguém vai dizer que pegamos os casacos se eles continuam no guarda-roupa; pois a minha impressão é que o país fantástico está dentro do guarda-roupa.

E logo puseram em prática a sensata sugestão de Susana. Os casacos eram enormes para eles, chegando aos calcanhares, e pareciam mais imponentes mantos reais do que simples casacos. O importante é que se sentiam mais quentinhos, e cada um achava o outro muito elegante.

– Vamos fazer de conta que somos exploradores polares.

– Nem é preciso – disse Pedro. – Mesmo sem fazer de conta, a coisa vai ser muito divertida.

Foram andando na direção da floresta. No céu juntavam-se nuvens escuras, e tudo levava a crer que cairia mais neve antes do anoitecer.

– Escutem – disse Edmundo –, não acham que devemos cortar um pouco à esquerda, para irmos diretamente ao lampião?

Havia esquecido que o seu papel era continuar fingindo que não conhecia o bosque. Os outros pararam e ficaram olhando para ele. Pedro assobiou.

– Ah, então, você já esteve aqui! Você disse que era mentira da Lu!

Fez-se um silêncio mortal.

– Se há uma coisa que eu odeio... – disse Pedro, mas logo se calou, encolhendo os ombros. De fato, nada mais havia a dizer. E de novo

puseram-se a caminho. Edmundo ia resmungando para si mesmo: “Cambada de gente pretensiosa! Um dia, vocês me pagam!”

– Aonde vamos? – perguntou Susana, ansiosa para mudar o rumo da conversa.

– Acho que a Lúcia é quem deve nos guiar – disse Pedro. – E ela merece, depois do que acabamos de ouvir. Para onde, Lu?

– E se fôssemos visitar o Sr. Tumnus? Que acham? É aquele fauno bonito...

Concordaram todos, apertando o passo, batendo os pés no chão. Lúcia saiu-se bem na missão de guia. A princípio, não estava muito certa se encontraria o caminho, mas foi reconhecendo, aqui, uma árvore de jeito estranho, ali, um tronco no chão, até chegarem àquele lugar em que o caminho piorava; por fim, deram com a porta da caverna do Sr. Tumnus. Mas aí esperava-os uma triste surpresa.

A porta fora arrancada e partida em pedaços. Dentro da caverna, estava escuro, frio, úmido, desagradável, como se o local estivesse desabitado havia vários dias. A neve entrava pela porta e amontoava-se no chão, misturando-se com as lenhas mal queimadas e a cinza da lareira. Era como se alguém tivesse espalhado a cinza pelo chão para apagar as chamas das lenhas. A louça estava toda partida, e o retrato do pai do fauno fora esfaqueado e dilacerado.

– Bonito trabalho! – exclamou Edmundo. – Valeu a pena ter vindo aqui!

– Que é isso? – falou Pedro, ao ver um pedacinho de papel pregado no tapete.

– Tem alguma coisa escrita? – perguntou Susana.

– Acho que tem, mas não consigo ler com esta luz. Vamos para fora.

Saíram todos. Pedro leu o seguinte:

O antigo inquilino deste prédio, o fauno Tumnus, está preso, aguardando julgamento, acusado de crime de alta traição contra Sua Majestade Imperial Jadis, Rainha de Nárnia, Castelã de Cair Paravel, Imperatriz das Ilhas Solitárias, etc. É acusado outrossim de

auxílio aos inimigos da supracitada Majestade, abrigando espiões e confraternizando-se com humanos.

MAUGRIM, Comandante-Chefe da Polícia Secreta.

VIVA A RAINHA!

Os quatro meninos olharam uns para os outros.

– Esta terra não está me agradando nem um pouquinho – disse Susana.

– Quem é essa rainha, Lu? – perguntou Pedro. – Sabe alguma coisa a respeito dela?

– Não é rainha nada. É uma feiticeira horrorosa, a Feiticeira Branca. É muito odiada no bosque. Foi ela quem encantou as terras de Nárnia, para que aqui seja sempre inverno, e o Natal não chegue nunca.

– Eu... só queria saber uma coisa: de que adianta seguirmos em frente? – disse Susana. – Quer dizer... acho que não é muito seguro... e pode até não ter graça nenhuma. E depois, está ficando cada vez mais frio... e não temos nada para comer. Vamos para casa?

– Ah, isso é que não! Agora não pode ser! – disse Lúcia de repente. – Não podemos voltar de pois do que aconteceu. Foi por minha causa que o fauno se meteu nesta confusão. Foi ele que me escondeu da feiticeira e me ensinou o caminho de casa. E isto que eles querem dizer com o “auxílio aos inimigos da rainha e confraternização com humanos”. Temos de fazer tudo para salvá-lo.

– Grande coisa haveremos de fazer! – disse Edmundo. – Nem temos o que comer!

– Cale a boca – disse Pedro, ainda muito zangado com Edmundo. – Qual a sua opinião, Susana?

– Tem aqui dentro de mim uma coisa horrível dizendo que Lu está certa – disse Susana. – Mas, por mim, não dava nem mais um passo. Ah, se eu não tivesse vindo! Mas temos de fazer alguma coisa pelo fauno. Seja lá o que for.

– Também acho – disse Pedro. – O drama é não termos trazido comida. E se voltássemos para pegar algo na despensa? Mas quem nos

garante que, se a gente sair, vai poder entrar de novo neste país mágico? Acho que o melhor é continuar.

– Também acho – disseram as duas meninas ao mesmo tempo.

– Se ao menos a gente soubesse onde é que o coitado está preso! – disse Pedro.

Todos ficaram calados, imaginando o que podiam fazer, quando, de repente, Lúcia exclamou:

– Olhem aquele pintarroxo de papo vermelho. É a primeira vez que vejo um passarinho aqui. Prestem atenção! Está com uma cara de quem quer falar alguma coisa! Os passarinhos de Nárnia também serão capazes de falar?

Voltou-se para o pássaro:

– Sr. Pintarroxo, seria capaz de nos dizer para onde levaram Tumnus, o fauno? – E deu um passo na direção da avezinha, que logo levantou vôo, mas para uma árvore ali pertinho. Empoleirada lá, ficou olhando para eles, como se tivesse entendido tudo o que haviam dito. Quase sem querer, os quatro avançaram mais um passo ou dois. O pintarroxo voou de novo para a árvore mais próxima. E ficou olhando. Aliás, não é fácil encontrar um pintarroxo de papo tão vermelho e de olhos tão brilhantes como aquele!

– Sabem de uma coisa? – perguntou Lúcia. – Acho que ele quer que a gente vá atrás dele.

– É o que parece – concordou Susana. – Que acha, Pedro?

– Não se perde nada experimentando.

De fato, o pintarroxo parecia compreender tudo perfeitamente. Saltando de ramo em ramo, ia sempre uns metros à frente, para ser seguido sem dificuldade. E assim foi servindo-lhes de guia pela encosta abaixo. As nuvens se abriram e surgiu um belo sol de inverno; em volta, a neve tomou um brilho deslumbrante. Havia quase meia hora que caminhavam, as duas meninas sempre na frente, quando Edmundo disse para Pedro:

– Se por acaso você puder descer desse pedes tal para falar comigo, tenho uma coisa séria para lhe dizer.

– Que coisa? – perguntou Pedro.

– Psiu! Não fale tão alto; não vale a pena assustar as meninas. Pensou bem no que estamos fazendo?

– O quê? – disse Pedro, baixando a voz num murmúrio.

– Estamos indo atrás de um guia que não sabemos quem é. Como vamos saber de que lado está o passarinho? Quem pode dizer se ele não está levando a gente para alguma armadilha?

– Que idéia boba! Além disso, você está vendo, trata-se de um pintarroxo. Em todas as histórias que li, os pintarroxos são sempre bons sujeitos.

Ele nunca ficaria do lado errado.

– Ah, é assim? E como vamos saber qual é o lado errado? Como é que vamos saber se os faunos estão do lado certo e a rainha (sei, sei, já disseram que ela é feiticeira) está do lado errado?

A gente não conhece os faunos e não conhece a rainha!

– O fauno salvou Lúcia.

– É o que ele disse. Mas podemos mesmo saber? Outra coisa: quem é que sabe qual é o caminho de volta?

– Puxa vida! – exclamou Pedro. – Não me lembrei disso!

– E não há comida à vista! – concluiu Edmundo.

7
UM DIA COM OS CASTORES

Assim conversavam os dois meninos, em voz baixa, quando as meninas gritaram ao mesmo tempo:

– Oh! – E depois pararam.

– O pintarroxo! O pintarroxo sumiu!

– Que vamos fazer agora? – perguntou Edmundo, lançando a Pedro um olhar que significava:

“Que é que eu falei?”

– Psiu! Olhem ali! – disse Susana. – Tem uma coisa ali se mexendo, no meio das árvores. Mais para lá.

Olharam todos com atenção, meio desconfiados.

– Está lá de novo – tornou Susana.

– Ah, agora eu vi – disse Pedro. – Está ali atrás daquela árvore.

– Mas o que é? – perguntou Lúcia, fazendo grande esforço para não parecer medrosa.

– Seja lá o que for – disse Pedro –, está se escondendo de nós. Acho que não quer ser visto.

– Vamos para casa – suplicou Susana. E, embora ninguém se atrevesse a dizê-lo, todos compreenderam de repente aquilo que Edmundo segredava a Pedro no fim do capítulo anterior. Estavam irremediavelmente perdidos.

– Como é ele? – perguntou Lúcia.

– É um bicho qualquer – respondeu Susana. – Olhe, depressa! Lá está ele!

E todos o viram desta vez: focinho peludo, grandes bigodes, parecia espreitá-los por detrás das árvores. Não fugiu logo, pelo contrário, levou a pata à boca, como fazem as pessoas quando põem um dedo nos lábios para nos dizer que devemos ficar em silêncio. E desapareceu de novo. Eles mal respiravam. Um minuto depois, tornou a sair do abrigo atrás das árvores, olhou em volta, com medo de que alguém o visse, e disse:

– Silêncio!

Fez um sinal para que fossem encontrar-se com ele na parte mais cerrada do bosque, e desapareceu novamente.

– Já sei o que é – disse Pedro –, é um castor. Conheço pela cauda.

– E quer que a gente vá lá; avisou para ninguém fazer barulho – disse Susana.

– Isso eu entendi – falou Pedro. – O problema é este: vamos ou não vamos? Qual a sua opinião, Lu?

– Acho que é um bonito castor – respondeu ela, com simplicidade.

– Bem, mas como é que vamos saber... – começou Edmundo.

– Temos de correr o risco! – afirmou Susana. – Não adianta nada ficarmos aqui parados. Além disso, acho que está na hora do jantar.

Mal disse isso, o castor, atrás das árvores, já acenava para eles com certa aflição.

– Venham! – comandou Pedro. – Vamos ver no que vai dar. Mas todos juntos.

Nós podemos com ele, se for um inimigo.

As crianças seguiram muito juntas, passaram para o outro lado e chegaram perto do castor. Mas o animalzinho, atraindo-os mais para o meio da floresta, só lhes disse num sussurro rouco e gutural:

– Mais para frente, mais para frente! Aqui está bem. Ali na clareira era meio perigoso.

Estavam agora num lugar sombrio, onde cresciam quatro árvores tão juntas que os ramos se tocavam; e o chão estava coberto de agulhinhas de pinheiro, porque ali a neve não entrava. O castor falou:

– Vocês é que são os Filhos de Adão e as Filhas de Eva?

– Somos sim – respondeu Edmundo.

– Psssiu! – fez o castor. – Por favor, não fale tão alto. Nem aqui estamos muitos seguros.

– Mas... de que é que o senhor tem medo? – perguntou Pedro. – Estamos sozinhos aqui.

– E as árvores? – respondeu o castor. – Estão sempre escutando. Quase todas estão do nosso lado, mas há outras que são capazes de contar para ela. Já entenderam de quem estou falando... – E abanou a cabeça várias vezes.

– Se vamos começar a falar em partidos – observou Edmundo –, como é que vou saber se o senhor é amigo ou inimigo?

– Não queremos ofendê-lo, Sr. Castor – acrescentou Pedro. – Mas está vendo que não somos aqui da terra.

– Compreendo, compreendo. Aqui está a prova. – E mostrou-lhes uma coisa branca. Olharam todos admirados, até que Lúcia descobriu:

– Ah, é o meu lenço! O lenço que eu dei ao Sr. Tumnus, coitadinho!

– Perfeito! – confirmou o castor. – O infeliz soube da ordem de prisão com uma certa antecedência e entregou-me isso. Disse-me então que, se por acaso lhe acontecesse alguma coisa, eu deveria encontrar-me aqui com vocês, para levá-los... – e a voz do castor apagou-se de súbito. Fazendo sinais misteriosos, ele juntou as crianças num grupo apertado e acrescentou, num leve sussurro:

– Dizem que Aslam está a caminho; talvez até já tenha chegado.

E aí aconteceu uma coisa muito engraçada. As crianças ainda não tinham ouvido falar de Aslam, mas no momento em que o castor pronunciou esse nome, todos se sentiram diferentes. Talvez isso já tenha acontecido a você em sonho, quando alguém lhe diz qualquer coisa que você não entende mas que, no sonho, parece ter um profundo significado – o qual pode transformar o sonho em pesadelo ou em algo maravilhoso, tão maravilhoso que você gostaria de sonhar sempre o mesmo sonho.

Foi o que aconteceu. Ao ouvirem o nome de Aslam, os meninos sentiram que dentro deles algo vibrava intensamente. Para Edmundo, foi

uma sensação de horror e mistério. Pedro sentiu-se de repente cheio de coragem. Para Susana foi como se um aroma delicioso ou uma linda ária musical pairasse no ar. Lúcia sentiu-se como quem acorda na primeira manhã de férias ou no princípio da primavera.

– E o Sr. Tumnus, onde está ele? – perguntou Lúcia.

– Pssssiu! Aqui, não! Vamos para um lugar onde possamos conversar tranqüilamente e comer alguma coisa.

Já todos agora confiavam naturalmente no castor, exceto Edmundo, é claro; e todos também, inclusive Edmundo, ficaram contentíssimos com a palavra “comer”.

Seguiram apressados atrás do novo amigo, que, dando uns passinhos incrivelmente rápidos, foi guiando os quatro durante mais de uma hora, pelos recantos mais densos da floresta. Já se sentiam exaustos e famintos quando, de súbito, as árvores começaram a rarear, e eles a descer por uma encosta íngreme. Minutos depois, já sob um céu sem nuvem, onde o sol brilhava ainda, depararam com uma vista maravilhosa. Estavam num vale estreito, no fundo do qual corria (deveria correr, se não estivesse gelado) um rio razoavelmente grande. Bem debaixo do ponto em que se encontravam haviam construído um dique sobre o rio; e os meninos se lembraram logo de que os castores são fabulosos construtores de diques. Aquela obra – não tiveram dúvida – era do Sr. Castor. Notaram que este tomava um ar modesto... o mesmo ar que as pessoas assumem quando visitamos o jardim que fizeram ou lemos uma história que escreveram. Por isso, era da mais elementar educação que Susana dissesse:

– Que lindo dique!

E desta vez o castor não disse “silêncio!”:

– Ora, ora! Isso não é nada. Não tem a menor importância. E ainda nem está terminado.

Acima do dique havia o que deveria ter sido um lago profundo, mas que agora não passava de uma superfície rasa de gelo esverdeado e escuro. Abaixo do dique, muito mais abaixo, havia mais gelo, mas, em vez de ser liso e plano, tinha as formas ondulantes e espumantes da água, como era no momento em que tudo ficou gelado. Nos lugares em que a água tinha escorrido por cima do dique, via-se agora uma fileira de pingentes

brilhantes de gelo, como se fossem flores e grinaldas da mais imaculada brancura. No meio do dique, quase no alto, viram uma linda casinha, que mais parecia uma grande colméia de abelhas. De um buraco que havia no teto subiam nuvens de fumaça, que logo traziam a idéia (sobretudo a quem estivesse com muita fome) de um jantar excelente sendo preparado. E isso aumentou-lhes ainda mais a fome.

Edmundo reparou ainda em outra coisa; um pouco mais longe, lá embaixo, corria outro rio menor por um vale estreito. Olhando pelo vale acima, viu lá adiante duas colinas, que era capaz de jurar serem as mesmas que a feiticeira lhe apontara ao longe, quando dele se separou perto do lampião. Entre as duas colinas devia estar o palácio, a pouco mais de um quilômetro. Lembrou-se do manjar turco e da promessa de vir a ser rei. (“O que ia dizer Pedro, se soubesse!”) Começaram então a brotar-lhe no cérebro umas idéias terríveis.

– Ora, aqui estamos todos – disse o Sr. Castor. – E parece que a Sra. Castor está à nossa espera. Vou na frente para mostrar o caminho. Cuidado para não escorregarem!

A parte alta do dique era bastante larga, mas não era um bom lugar para os humanos caminharem, pois estava coberta de gelo; além disso, embora de um dos lados estivesse o lago gelado, do outro havia um abismo.

O castor conduziu-os em fila indiana até o meio do caminho, de onde podiam contemplar todo o curso do rio, de um lado e do outro. Ao chegarem ao meio, lá estava a casinha.

– Chegamos, Sra. Castor – disse o marido. – Chegaram os Filhos e as Filhas de Adão e Eva.

Logo ao entrar, a atenção de Lúcia foi despertada por um som metálico, e a primeira coisa que viu foi a Sra. Castor, uma velhinha de ar bondoso, sentada de linha na boca, trabalhando a valer na máquina de costura. Era de lá que vinha o som. Parou com o trabalho e levantou-se.

– Ah, chegaram finalmente! – disse ela, juntando as patas enrugadas. – Finalmente! E pensar que eu ainda iria viver para ver este dia! As batatas estão cozinhando! E a chaleira já está cantando! Será que o Sr. Castor poderia arranjar-nos uns peixinhos?

– Já vou – disse o Sr. Castor. Saindo de casa na companhia de Pedro, atravessou o lago até chegar a um buraquinho no gelo, aberto à machadinha.

Levava um balde na mão. Sentou-se com jeito na beira do buraco, sem ligar para o frio; olhou atentamente lá dentro, enfiou de repente a pata e, num instantinho, agarrou uma linda truta. E assim fez várias vezes, até conseguir o que se chama de uma bela pescaria.

Enquanto isso, as meninas ajudavam a Sra. Castor a encher a chaleira, arrumar a mesa, cortar o pão, pôr os pratos. Em um barril que havia num dos cantos da cozinha, encheram uma grande caneca de cerveja para o Sr. Castor e, por fim, puseram a frigideira no fogo para aquecer a gordura. Lúcia achou que os castores tinham uma casinha bem aconchegante, mas não lembrava em nada a caverna do Sr. Tumnus. Ali não existiam livros nem quadros pendurados, e, em vez de camas, havia beliches nas paredes, como nos navios. Do teto pendiam presuntos e réstias de cebola; encostados às paredes viam-se botas de borracha, oleados, machados, tesouras, pás, colheres de pedreiro, vasilhas de argamassa, caniços de pesca, redes e sacos. A toalha da mesa, embora limpa, era meio grosseira.

A frigideira começava a chiar quando Pedro e o Sr. Castor voltaram com os peixes, abertos a canivete e limpos lá fora. Imagine você agora o cheiro bom dos peixes fritando, e como as crianças, azuis de fome, esperavam ansiosamente que ficasse tudo pronto, e a fome aumentando a cada segundo!

– Está quase prontinho! – disse o Sr. Castor.

Susana preparou as batatas, enquanto Lúcia ajudava a Sra. Castor a colocar as trutas na travessa. Cada um puxou o seu banquinho (na casa dos castores só havia banquinhos de três pés, além da cadeira de balanço da Sra. Castor, junto da lareira), prontos para se fartar. Havia um jarro de leite cremoso para as crianças (o Sr. Castor, fiel a seus princípios, preferiu cerveja) e, no centro da mesa, um bom pedaço de manteiga, de que eles se serviam à vontade para passar nas batatas. Aí as crianças chegaram à conclusão – e eu concordo inteiramente com elas – de que não há nada melhor do que um peixinho de rio, que ainda há meia hora estava saltando na água, tirado da frigideira há menos de meio minuto. E, depois do peixe, a Sra. Castor tirou do forno um rocambole muito fofo, ainda fumegando, e pôs no fogo a chaleira. Depois de tomarem o chá, todos inclinaram os

banquinhos para trás, para se encostarem à parede, e deram um profundo suspiro de satisfação.

– E agora – disse o Sr. Castor, afastando a caneca de cerveja vazia e puxando a xícara para mais perto –, se não se importam de esperar um momento, até eu acender o cachimbo, vamos às coisas sérias. – E acrescentou, depois de olhar pela janela: – Está nevando outra vez. Melhor! Assim não teremos visitas. E se, por acaso, alguém estiver tentando seguilos, não vai encontrar rasto.

8
DEPOIS DO JANTAR

– E agora quer nos contar o que aconteceu ao Sr. Tumnus? – pediu Lu.

– Ah, é uma triste história – respondeu o Sr. Castor. – Muito triste mesmo. Mas não há dúvida de que foi levado pela polícia. Quem me contou foi um passarinho, que assistiu à cena.

– Mas para onde é que o levaram?

– Bem, iam em direção ao norte, quando os viram pela última vez; e, infelizmente, todos sabem o que isso significa.

– Nós não sabemos – disse Susana, enquanto a Sra. Castor balançava a cabeça com uma expressão sombria.

– Infelizmente significa que o levaram para a casa dela.

– E o que vão fazer com ele, Sr. Castor? – perguntou Lúcia, aflita.

– Bem – disse o castor –, nunca se sabe exatamente. Mas poucos podem dizer que lá entraram e de lá conseguiram sair. Estátuas! Dizem que está tudo cheio de estátuas de pedra: o pátio, a escadaria, o saguão. Seres que ela transformou... – Fez uma pausa e estremeceu. – Que transformou em estátuas de pedra.

– Mas, Sr. Castor, não podemos... quero dizer, temos de fazer tudo para salvá-lo. É terrível... por minha causa!

– Tenho a certeza de que você iria salvá-lo, se pudesse, minha menina – disse a Sra. Castor. – Mas como vai fazer para entrar naquela casa, contra a vontade dela, e sair de lá com vida?

– Mas a gente não pode dar um jeito? – perguntou Pedro. – Quer dizer, se a gente for disfarçado de... sei lá... de vendedores ambulantes ou de qual quer outra coisa... esperar que ela saia de casa... ou... Puxa vida! A

gente tem de achar um jeito. O fauno arriscou-se para salvar minha irmã, Sr. Castor! Não podemos abandoná-lo assim, deixar que façam com ele uma coisa dessas!

– Não vale a pena, Filho de Adão! – disse o castor. – Nem vale a pena experimentar. Agora que Aslam está a caminho...

– Ah, é, fale de Aslam! – disseram as crianças em coro. Pois, mais uma vez, tinham sido envolvidas por aquela estranha sensação que lembrava os primeiros sinais da primavera, e que parecia trazer notícias maravilhosas.

– Aslam?! – exclamou o Sr. Castor. – Então não sabem? Aslam é o rei. É o verdadeiro Senhor dos Bosques, embora já há muito esteja ausente. Desde o tempo do meu pai e do meu avô. Agora chegou a notícia de que vai voltar. Neste momento mesmo está em Nárnia. Ele dará um jeito na Feiticeira Branca, não se preocupem. Ele, e não vocês, meus filhos, há de salvar o Sr. Tumnus.

– E se ela transformar também ele numa estátua de pedra? – perguntou Edmundo.

– Deixe com ele, Filho de Adão. Não é tão fácil assim! – respondeu o Sr. Castor, caindo na gargalhada. – Transformar ASLAM em pedra? Se ela conseguir manter-se em pé diante dele, olhá-lo cara a cara, já é caso para dar-lhe os parabéns. Não, não. Ele vem botar tudo nos eixos. Assim diz um velho poema que costumamos cantar:

O mal será bem quando Aslam chegar,
Ao seu rugido, a dor fugirá,
Nos seus dentes, o inverno morrerá,
Na sua juba, a flor há de voltar.

– Quando vocês virem Aslam, hão de entender tudo.

– E chegaremos a vê-lo, um dia? – perguntou Susana.

– Mas é claro, Filha de Eva; foi para isso que eu os trouxe até aqui. Vou guiá-los até ele.

– E ele é um homem? – perguntou Lúcia.

– Aslam, um homem! – disse o Sr. Castor, muito sério. – Não, não. Não lhes disse eu que ele é o Rei dos Bosques, filho do grande Imperador

de Além-Mar? Então não sabem quem é o rei dos animais? Aslam é um leão... o Leão, o grande Leão!

– Ah! – exclamou Susana. – Estava achando que era um homem. E ele... é de confiança? Vou morrer de medo de ser apresentada a um leão.

– Ah, isso vai, meu anjo, sem dúvida – disse a Sra. Castor. – Porque, se alguém chegar na frente de Aslam sem sentir medo, ou é o mais valente de todos ou então é um completo tolo.

– Mas ele é tão perigoso assim? – perguntou Lúcia.

– Perigoso? – disse o Sr. Castor. – Então não ou viu o que Sra. Castor acabou de dizer? Quem foi que disse que ele não era perigoso? Claro que é, perigosíssimo. Mas acontece que é bom. Ele é REI, disse e repito.

– Estou louco para ver o rei – disse Pedro –, mesmo que tenha muito medo.

– Muito bem, Filho de Adão! – aplaudiu o Sr. Castor, batendo com a pata em cima da mesa com tal força que os pires e as xícaras tilintaram. – Vai vê-lo, pode estar certo. Recebi há pouco uma mensagem anunciando que vocês devem encontrar-se com ele amanhã, na Mesa de Pedra.

– Onde é isso? – indagou Lúcia.

– Eu lhes mostro o caminho – disse o Sr. Castor. – Ainda é uma boa jornada daqui até lá, seguindo pela margem rio abaixo. Mas eu os levo lá.

– Mas e o coitado do Sr. Tumnus? – perguntou Lúcia.

– O melhor meio para salvá-lo é procurar Aslam – disse o castor. – Enquanto ele não chegar, não podemos agir. Não é que não precisemos de vocês, longe disso. Aí vai outra das nossas velhas canções:

Quando a carne de Adão,
Quando o osso de Adão,
Em Cair Paravel,
No trono sentar,
Então há de chegar
Ao fim a aflição.

Por isso, agora que ele já chegou, e que vocês também chegaram, tudo se encaminha para o fim. Sabemos que Aslam já veio outrora a esta

região, mas há muito, muito tempo, ninguém sabe bem quando. Mas os seus, os da sua raça, estes não há lembrança de terem estado aqui.

– Mas é isso que eu não entendo, Sr. Castor – disse Pedro. – Então a feiticeira não é humana?

– É o que ela nos queria fazer crer! – respondeu o castor. – É por isso que ela se diz com direito ao trono. Mas Filha de Eva é que ela não é. Sim, descende por um lado da primeira mulher do seu pai Adão (e a este nome, o Sr. Castor fez uma peque na reverência), a que se chamava Lilith, e era da raça dos gênios. Isso, por um lado. Por outro, descende dos gigantes. Não, na feiticeira não há nem uma gota de sangue humano.

– Por isso é que ela é ruim até a raiz do cabelo – disse a Sra. Castor.

– É pura verdade – disse o marido. – Pode haver duas opiniões sobre os humanos (sem qualquer ofensa para os presentes), mas não pode haver a menor dúvida acerca de seres que parecem humanos mas não o são.

– Pois eu já encontrei anões bons – disse a Sra. Castor.

– Já que fala nisso, eu também – concordou o marido. – Mas pouquíssimos, e os melhores são até os que menos se parecem com os homens.

Porque em geral, podem acreditar, quando encontramos um ser que vai ser humano, mas ainda não é, ou que o foi no passado, e depois deixou de ser, ou que devia ser humano, mas na verdade não o é, o melhor é ter cuidado e ficar de pé atrás. E por isso que a feiticeira anda sempre à procura de humanos em Nárnia. Há muitos anos que ela procura vocês, sem parar; e se soubesse que vocês são quatro, seria então muito mais perigosa.

– Mas que tem isso de especial? – perguntou Pedro.

– É que existe uma outra profecia. Lá embaixo, em Cair Paravel, no castelo que dá para o mar, junto da foz do rio, e que devia ser a capital se tudo corresse como devia... Lá, em Cair Paravel, há quatro tronos. Uma velhíssima tradição de Nárnia já anunciava que, quando dois Filhos de Adão e duas Filhas de Eva se sentarem nos quatro tronos, então será o fim, não só do reinado da feiticeira, mas da própria feiticeira. Foi por isso que usei de tanta cautela quando viemos para cá; por que, se ela suspeitasse da chegada de vocês, eu não daria uma truta pela vida dos quatro...

Os meninos estavam tão *amarrados* nos lábios do Sr. Castor, que por muito tempo não prestaram atenção a mais nada. Mas, no silêncio que se seguiu às suas últimas palavras, Lúcia, de repente, perguntou:

– Onde está Edmundo?

Foi um silêncio terrível; depois começaram a indagar:

– Quem foi o último a vê-lo?

– Há quanto tempo desapareceu?

– Terá ido lá fora?

Correram todos para a porta. Lá fora, a neve caía lenta e firme, e o gelo esverdeado do lago já estava coberto de um espesso lençol branco. Mesmo no meio do dique, mal conseguiam avistar as margens do rio. Enterrando os tornozelos na neve recente, deram voltas em todas as direções.

– Edmundo! Edmundo! – ficaram roucos de gritar. A neve, caindo silenciosamente, parecia abafar-lhes as vozes, e nem o eco respondia.

– Que coisa pavorosa! – disse Susana, quando, por fim, resolveram voltar, já sem nenhuma esperança. – Quem me dera que eu nunca tivesse vindo!

– E que vamos fazer agora, Sr. Castor? – indagou Pedro.

– Que vamos fazer? – disse o castor, já enfiando as botas de neve. – Que vamos fazer? Precisa mos partir imediatamente. Não temos um minuto a perder.

– Não era melhor a gente seguir em quatro grupos – sugeriu Pedro –, cada um numa direção? Quem encontrar Edmundo, retorna logo à base...

– Quatro grupos, Filhos de Adão? – perguntou o Sr. Castor. – Para quê?

– Para procurar!

– Não vai adiantar nada! – disse o castor.

– Que quer dizer com isso? Ele não pode estar longe. Temos de encontrá-lo. Por que diz que não vai adiantar? – perguntou Susana.

– Não vale a pena procurá-lo, pois eu sei perfeitamente para onde ele foi! – Todos arregalaram os olhos, espantados. – Não estão entendendo? Foi encontrar-se com ela, a Feiticeira Branca. Traiu-nos a todos.

– Oh, francamente, essa não! – exclamou Susana. – Ele não faria uma coisa dessas.

– Acham que não? – perguntou o castor, olhando tão fixamente para os três, que eles perderam a vontade de falar, certos, no íntimo, de que Edmundo não tinha feito outra coisa.

– Mas como é que ele sabe o caminho? – perguntou Pedro.

– Ele já esteve alguma vez em Nárnia? Já esteve aqui sozinho?

– Já – respondeu Lúcia, quase num murmúrio. – Infelizmente, já.

– E contou o que fez aqui? Quem encontrou?

– Não, nunca! – respondeu Lúcia.

– Então, prestem atenção: ele já esteve com a Feiticeira Branca; está do lado dela; sabe muito bem onde ela mora. É triste dizer-lhes isso, porque, afinal de contas, é irmão de vocês, mas foi só olhar para ele e disse cá comigo: “Este é um traidor.” Tinha todo o ar de já ter encontrado a feiticeira e comido dos seus manjares encantados. Quem vive há muito tempo em Nárnia não se engana: dá logo com eles. Nós os conhecemos pelos olhos.

– Seja lá como for – disse Pedro, numa voz um tanto sufocada –, temos de ir atrás dele. Afinal, é nosso irmão, um pouco imbecil e mau, mas irmão. E, pensando bem, não passa de uma criança.

– E querem ir à casa da feiticeira? – perguntou a Sra. Castor. – Mas a única possibilidade de salvação, dele e de vocês, é fugirem dela, de qualquer forma.

– Não entendi – disse Lúcia.

– E isso mesmo, menina. O que ela quer é apanhar os quatro: está sempre pensando nos quatro tronos de Cair Paravel. Se insistem em ir procurá-la, só vão ajudá-la a conseguir o que quer. É chegar lá e, antes de abrirem a boca, são mais quatro estátuas de pedra acrescentadas à coleção. Mas, pelo contrário, enquanto Edmundo for o único, ela há de querê-lo vivo, para servir-se dele como isca.

– Mas não há ninguém que possa ajudar a gente?

– Só Aslam – sentenciou o Sr. Castor. – Vamos procurá-lo. É a nossa única esperança.

– Meus filhos – disse a Sra. Castor –, o importante, para mim, é saber em que momento o irmão de vocês escapuliu. Conforme o que ouviu, podemos saber o que foi contar. Vejamos: já tínhamos falado de Aslam quando ele saiu? Se não, podemos ficar tranqüilos, uma vez que ela não sabe que Aslam já está em Nárnia, ou que nós vamos encontrá-lo...

– Acho que já não estava aqui quando falamos de Aslam... – disse Pedro, logo interrompido por Lúcia.

– Estava, sim – contrariou ela, tristemente. – Não se lembra? Foi ele quem perguntou se a feiticeira não podia transformar Aslam em estátua.

– É verdade! – disse Pedro. – E é mesmo o tipo de pergunta que ele costuma fazer.

– Então estamos fritos – disse o Sr. Castor. – Mas, vejamos: ele ainda estava presente quando eu disse que o ponto de encontro com Aslam era a Mesa de Pedra?

Ninguém soube responder.

– O negócio é o seguinte: se ele estava aqui e foi contar à feiticeira – continuou o castor –, ela imediatamente vai disparar com seu trenó na direção da Mesa de Pedra e colocar-se em nosso caminho. E o que ela quer: impedir o nosso contato com Aslam.

– Está certo, mas, se a conheço bem – disse a Sra. Castor –, não é isso que ela vai fazer primeiro. Quando Edmundo disser que estamos aqui, é capaz de sair em disparada para agarrar a gente ainda esta noite; como ele já saiu há meia hora, é bem provável que ela esteja aqui dentro de uns vinte minutos.

– Tem toda a razão, Sra. Castor – disse o marido. – Temos de cair fora imediatamente. Não há tempo a perder.

9
NA CASA DA FEITICEIRA

E agora você, naturalmente, quer saber o que aconteceu a Edmundo. Jantou como os outros, mas sem gosto, pensando o tempo todo no manjar turco... E não há nada que tire tanto o gosto da boa comida caseira do que a lembrança de um mau alimento enfeitiçado. Ouviu a conversa dos outros, também sem satisfação, pois continuava pensando que não lhe davam a devida importância e que o estavam colocando à margem. Ninguém pensava assim, só ele.

Desse modo, ouvira tudo o que o Sr. Castor contara acerca de Aslam, até o momento em que tinham combinado encontrar-se com ele na Mesa de Pedra. Foi aí que, muito sorrateiramente, começou a esgueirar-se por debaixo do reposteiro que cobria a porta. Bastava o nome de Aslam para dar-lhe uma sensação misteriosa e horrível, assim como aos outros dava uma misteriosa sensação de encantamento.

No momento exato em que o Sr. Castor dizia o poema sobre a “carne de Adão e o osso de Adão”, Edmundo saiu de mansinho, fazendo girar mais de mansinho ainda a maçaneta da porta. Antes que o Sr. Castor dissesse que a Feiticeira Branca não era de fato humana, mas da raça dos gênios e dos gigantes, Edmundo estava lá fora.

Não pense que Edmundo era tão ruim a ponto de desejar ver o irmão e as irmãs transformados em estátuas de pedra. O que ele queria simplesmente era comer manjar turco, ser príncipe (e mais tarde rei) e vingar-se de Pedro, que o chamara de “cavalo”. Quanto ao que a feiticeira pudesse fazer aos irmãos, não queria que fosse coisa muito boa (sobretudo que ela não os colocasse no mesmo nível dele). Mas estava convencido (ou tentava convencer-se) de que ela não poderia ser tão má como diziam. “Porque” – pensava ele – “os que falam mal dela são os inimigos, e é provável que metade do que dizem não seja verdade. Aliás, comigo foi

bastante amável, muito mais do que qualquer um deles. Que bom se ela for a verdadeira rainha! É melhor do que aquele pavoroso Aslam!" Foi essa, pelo menos, a desculpa que Edmundo arranjou para justificar o próprio comportamento. Mas a desculpa não era lá essas coisas, pois no fundo sabia que a feiticeira era cruel.

Lá fora, a primeira coisa que percebeu quando viu a neve foi que havia esquecido o casaco na casa dos castores. Mas nem podia pensar em voltar. Viu também que o dia estava no fim. Eram três horas quando começaram a comer, e os dias de inverno são muito curtos. Não contava com isso: agora tinha de aproveitar a pouca luz que restava. Levantou a gola e lá se foi, arrastando-se sobre o dique na direção da outra margem (felizmente o dique estava muito menos escorregadio).

A coisa estava feia. Escurecia depressa e a neve dançava em flocos em torno dele. Não via um palmo adiante do nariz. Ainda por cima, não havia estrada. Afundava-se a todo instante em enormes fendas abertas na neve, patinhava em charcos gelados, tropeçava em troncos caídos, escorregando por encostas íngremes, esfolando as pernas nas pedras, até que ficou encharcado até os ossos, morto de frio e cheio de arranhões. Tinha medo do silêncio e da solidão. Estou certo de que teria abandonado o projeto e voltado para contar tudo e fazer as pazes com os outros, se, a certa altura, não dissesse com seus botões: "Quando eu for o rei, minha primeira medida vai ser mandar construir estradas decentes!" Daí, passou naturalmente a imaginar-se rei, a pensar nas mil e uma coisas que haveria de fazer. Sentiu-se até mais animado. Escolheu o tipo de palácio que mandaria construir; decidiu de quantos carros precisava; imaginou todos os pormenores de seu cinema particular; estabeleceu por onde deviam passar as principais linhas de estrada de ferro; pensou nas leis que enviaria ao Parlamento contra os castores e as drogas de seus diques... Dava os últimos retoques a algumas medidas indispensáveis para enquadrar Pedro, quando, de súbito, o tempo mudou. Primeiro, foi a neve que deixou de cair. Em seguida, veio um vento forte, acompanhado de intenso frio. Finalmente, as nuvens se afastaram, mostrando uma lua cheia, redondíssima, que, brilhando sobre a neve, deixou tudo tão claro como se fosse dia. Só as sombras faziam certa confusão.

Edmundo nunca teria dado com o caminho se a lua não tivesse surgido no momento em que ele chegou ao outro rio – você se lembra que

ele viu (quando chegaram à casa dos castores pela primeira vez) um rio menor, afluente do rio grande mais abaixo. Agora, tendo chegado ao rio menor, virou-se decidido a segui-lo. Mas o vale ao qual levava o rio era muito mais íngreme e escarpado que o primeiro, e todo coberto de arbustos. Às escuras, era difícil orientar-se nele. Mesmo assim, Edmundo ficou encharcado até os ossos, pois a todo instante tinha de abaixar-se e esgueirar-se sob os ramos, caindo-lhe sobre as costas montões de neve. Cada vez que isso acontecia, sentia redobrar nele o ódio a Pedro, como se o irmão fosse o culpado de tudo.

Ao fim de muito tempo, conseguiu chegar a um lugar mais plano, onde o vale se alargava. Do outro lado do rio, bem perto, no meio de uma planície, entre duas colinas, viu o que devia ser a casa da feiticeira. O luar estava mais belo do que nunca. A casa era de fato um pequeno castelo e parecia ser toda feita de torres de longas espirais pontiagudas, afiadas como agulhas. Faziam lembrar aqueles chapéus bicudos dos feiticeiros ou os gorros que os meninos usavam de castigo na escola. E as torres brilhavam ao luar, alongando sombras sinistras sobre a neve. Edmundo começou a sentir medo.

Mas era tarde demais para voltar. Atravessou o rio gelado, em direção ao castelo. Tudo imóvel, um silêncio absoluto. O som de seus passos morria na neve funda. Foi andando,andando,rodeou o castelo, passando por várias torres até dar com uma porta. Foi preciso dar uma volta inteira. A entrada era um arco enorme, mas os pesados portões de ferro estavam abertos.

Aproximou-se cautelosamente e olhou o pátio, onde um espetáculo inesperado quase lhe fez parar o coração. Junto dos portões, batido de luar, viu um leão imenso, agachado como se fosse pular. Com os joelhos trêmulos, Edmundo permaneceu na sombra, sem poder avançar ou recuar. Ficou tanto tempo imóvel, que seus dentes teriam começado a bater de frio, se já não batessem de medo. Não sei dizer realmente quanto tempo passou; para Edmundo pareceram horas.

A certa altura, começou a imaginar por que motivo o leão estaria tão quieto: não se mexera um centímetro desde que o vira. Chegou um pouco mais perto, tendo o cuidado, tanto quanto possível, de conservar-se na sombra. Foi aí que, pela posição do leão, concluiu que não podia ter sido visto. “E se ele virar a cabeça?” – pensou. Na realidade, o leão olhava

atento para outra pessoa, nada mais, nada menos que um anãozinho, de costas, a pouca distância.

– Ah! Quando se lançar para cima do anãozinho, eu saio correndo!

Mas o tempo passava, e o leão e o anãozinho continuavam imóveis. Até que, finalmente, Edmundo se lembrou do que ouvira dizer sobre a Feiticeira Branca, que transformava os seres vivos em estátuas de pedra. Aquele leão talvez fosse de pedra... Reparou também que o dorso e a cabeça do leão estavam cobertos de neve. Sem dúvida: era uma estátua. Nenhum ser vivo deixaria que a neve o cobrisse daquela maneira. Muito devagar, com o coração a saltar do peito, encaminhou-se para o leão, mas não ousou tocá-lo. Só depois de muito tempo, num movimento rápido, estendeu a mão e viu que era pedra fria. Tinha sentido medo de uma estátua!

Foi um alívio imenso, tanto que, apesar do frio, se sentiu envolvido por uma onda de calor, ao mesmo tempo que teve uma idéia que lhe pareceu maravilhosa: “Provavelmente... é o grande Aslam, de quem todos falam. Já foi apanhado e virou pedra. Aqui está o fim de todos os belos sonhos daqueles lá. Bacana! E ainda há quem tenha medo de Aslam!”

Ficou gozando do leão de pedra, até que fez uma grande criancice: tirou do bolso um toco de lápis, cobrindo com um bigodão preto o beiço superior do leão e desenhando-lhe um par de óculos.

– Taí, Aslam, seu grande boboca! Está gostando de ser estátua? Pensava que era muito esperto, hein?

Apesar dos rabiscos, a expressão do gigantesco animal era ainda tão terrível, tão triste, tão digna, com os olhos perdidos no luar, que Edmundo não conseguiu divertir-se com a brincadeira. Passou pelo leão e foi andando pelo pátio.

Ao chegar no centro, viu que havia dezenas de estátuas espalhadas por todos os lados, como peças num tabuleiro de xadrez, durante a partida. Havia sátiros de pedra, lobos, raposas, gatos selvagens. Havia também lindas figuras, que pareciam mulheres e que eram na verdade os espíritos que vivem nas árvores. Havia ainda a estátua enorme de um centauro, um cavalo alado e uma figura, alongada e frágil, que tomou por um dragão. Tinham todos um ar tão estranho de coisas vivas, mas imóveis, no luar branco e frio, que ele atravessou o pátio com a sensação de quem vive um

conto de fadas. Exatamente no centro, elevava-se a figura de um homem da altura de uma árvore, de expressão severa, barba em profusão, com um varapau enorme na mão direita. Mesmo sabendo que se tratava apenas de um gigante de pedra, e não de carne e osso, Edmundo estremeceu ao passar por ele.

Depois reparou na luz mortiça que vinha de uma porta, no lado mais afastado do pátio. Dirigiu-se para lá e encontrou uma escada que conduzia a uma porta aberta. Subiu. Deitado, à entrada, estava um lobo enorme.

– Não há perigo! Não há perigo! – repetia, tentando tranqüilizar-se. – É um lobo de pedra. Não pode fazer nada.

Levantou a perna para passar por cima do lobo. A criatura, monstruosamente grande, levantou-se, de pêlo eriçado, escancarou a boca rubra e rosnou:

– Quem está aí? Pare, intruso. Quem é você?

– Com licença, Sr. Lobo – começou Edmundo, tremendo tanto, que mal podia falar. – Meu nome é Edmundo, e sou o Filho de Adão que Sua Majestade a Rainha encontrou há poucos dias no bosque. Venho para contar que meu irmão e minhas irmãs estão neste momento em Nárnia... aqui pertinho, na casa dos castores. Ela... ela quer vê-los.

– Vou informar Sua Majestade – falou o lobo. – Espere aqui e não se mexa, se gosta de viver.

Desapareceu dentro da casa. Edmundo esperou em pé. Os dedos gelados doíam-lhe, o coração batia descompassadamente. Por fim, o lobo cinzento, Maugrim, chefe da polícia secreta, voltou aos saltos:

– Entre, entre, ditoso favorito da Rainha. Ditoso ou desditoso, quem sabe?

Entrou, tendo o cuidado de não pisar nas patas do chefe da polícia secreta. Viu-se logo num saguão comprido e sombrio, com muitos pilares e, como o pátio, cheio de estátuas. A que estava mais perto da porta era a de um pequeno fauno, com uma expressão muito triste. Seria o amigo de Lúcia? A pouca claridade que havia chegava de um único lampião, junto do qual estava sentada a Feiticeira Branca.

– Aqui estou, Majestade – disse Edmundo, avançando, aflito.

– Como se atreve a vir sozinho? – perguntou a feiticeira em tom de ameaça. – Não dei ordem para que trouxesse seus irmãos?

– Perdão, Majestade. Fiz o que pude. Eles estão aqui perto... na casinha que fica sobre o dique, no rio, onde vive o casal de castores.

Um sorriso cruel desenhou-se lentamente no rosto da feiticeira.

– É tudo quanto tem a dizer?

– Não, Majestade – respondeu Edmundo, apressando-se a contar tudo o que ouvira na casa dos castores.

– O quê!? Aslam! Aslam! Será possível? Se descubro que é mentira sua...

– Perdão. Estou só repetindo o que ouvi – gaguejou Edmundo.

Mas a rainha já deixara de preocupar-se com ele e batia palmas. E logo apareceu o anão que antes a acompanhava na floresta.

– Prepare o trenó – ordenou a Feiticeira Branca. – E tire os guizos dos arreios.

10

O ENCANTAMENTO COMEÇA A QUEBRAR-SE

Logo que o Sr. Castor declarou que não havia tempo a perder, começaram todos a enfiar os casacos, menos a Sra. Castor, que se pôs a apanhar sacos e a colocá-los em cima da mesa.

– Sr. Castor, passe-me aquele presunto – disse ela. – Aqui também está um pacote de chá, açúcar e fósforos. Um de vocês apanhe dois ou três pães, na arca daquele canto.

– O que a senhora está fazendo? – perguntou Susana.

– Arranjando merenda para todos, minha filha. É bom levar alguma coisa para comer, não é?

– Mas é que não temos tempo! – protestou Susana, abotoando o casaco até em cima. – Ela pode aparecer a qualquer minuto.

– É o que eu digo! – concordou o castor.

– Não sejam bobos! Ela demora uns bons quinze minutos até chegar aqui.

– Mas precisamos ganhar tempo para ver se chegamos à Mesa de Pedra antes dela – disse Pedro.

– É isso – insistiu Susana. – Quando vir que não estamos aqui, sairá atrás de nosso rasto como um foguete.

– Ah, isso vai – concordou a Sra. Castor. – Ela vai de trenó, e nós vamos a pé: nunca chegaremos antes.

– Tudo está perdido, então? – perguntou Susana.

– Deixe de aflições, minha filha, e vá buscar naquela gaveta meia dúzia de lenços. Claro que não está tudo perdido. Não chegaremos antes

dela, mas poderemos escolher um caminho diferente daquele que ela pensa. Assim talvez a gente escape.

– Muito bem, muito bem – disse o marido. – Mas a esta hora já devíamos estar a caminho.

– Ai, vida minha, não comece o senhor também a me atrapalhar. Vamos... assim... não, assim.

Aqui estão quatro saquinhos: o menorzinho para a menorzinha; é para você, minha querida! – acrescentou, voltando-se para Lúcia.

– Pelo amor de Deus, vamos – disse Lúcia.

– Estou quase pronta. – A Sra. Castor permitiu que o marido a ajudasse a calçar as botas de andar na neve. – A máquina de costura deve ser um pouco pesada para levar, não é?

– Pesada? – disse o marido. – Pesadíssima! Ou será que a senhora acha que vai ter tempo de costurar pelo caminho?

– A idéia de que aquela bruxa é capaz de mexer nela... quebrar... até roubar...

– Por favor, vamos logo? – disseram em coro os três.

Saíram finalmente. O Sr. Castor fechou a porta a chave (“Isto vai atrasá-la um pouco mais”, explicou), e começaram a andar, cada um com seu farnel às costas.

A neve cessara e a lua aparecera. Iam em fila indiana: primeiro, o Sr. Castor, depois Lúcia, Pedro, Susana e, por fim, a Sra. Castor. Atravessado o dique, seguiram ao longo do rio por uma vereda estreita, que se alongava entre as árvores. As encostas do vale alteavam-se sobre as cabeças dos viajantes, banhadas de luar.

– Ê melhor ir aqui por baixo – propôs o Sr. Castor –, pois não há trenó que desça aqui; ela terá de ir por cima.

Teria sido muito agradável estar sentado numa boa poltrona, apreciando a paisagem pela janela. Mesmo assim, Lúcia não deixou de se divertir, a princípio. Mas, pouco a pouco, com o saco pesando-lhe nas costas cada vez mais, ela imaginava se teria forças para chegar até o fim. Não reparou na superfície gelada do rio, nas quedas d’água transformadas em cascatas de gelo, nos montões de neve branca que se acumulavam no

alto das árvores, na grande lua resplandecente, no céu crivado de estrelas. Só conseguia olhar para as perninhas curtas do Sr. Castor, tope-tope, tope-tope, como se aquela caminhada pela neve não fosse terminar nunca. Lúcia estava tão cansada que quase dormiu andando. De repente percebeu que o Sr. Castor virara para a direita, afastando-se da margem do rio, levando-os por uma encosta íngreme, onde o mato era mais espesso. Despertou completamente quando o Sr. Castor desapareceu num buraco que os arbustos ocultavam. Quando deu pelo que estava acontecendo, só pôde ver a pontinha da cauda desaparecer pelo buraco.

Ela abaixou-se e começou a rastejar atrás do castor. Ouviu às costas o ruído de quem se arrasta, ofegante. Daí a pouco estavam os cinco dentro da caverna.

– Por que isso? – perguntou Pedro, numa voz que na escuridão soou cansada e pálida. (Espero que você saiba o que é uma voz pálida.)

– É um velho esconderijo dos castores, para situações de grande perigo – explicou o Sr. Castor. – É um segredo nosso. Não é muito confortável, mas aqui poderemos dormir um pouco

– Se vocês não estivessem com tanta pressa, tinha trazido umas almofadas – disse a Sra. Castor, em tom de censura.

Para Lúcia, a caverna não era tão agradável quanto a do Sr. Tumnus – na verdade, era um simples buraco –, mas pelo menos estava seca. No pequeno espaço, eles pareciam um monte de roupas. Mas se sentiam bem aconchegados. Se pelo menos o chão fosse um pouquinho mais liso! Foi aí que a Sra. Castor passou a todos, no escuro, um frasco de onde beberam qualquer coisa que fazia tossir e engasgar. Mas, uma vez bebida, a coisa dava um calor delicioso... e adormeceram instantaneamente.

Lúcia teve a impressão de que tinham passado uns poucos minutos. Na realidade, foram horas. Acordou com frio, o corpo doído, sonhando com um banho quente. Depois sentiu uns compridos bigodes que lhe faziam cócegas no rosto e viu que a luz fria da manhã já entrava pela boca da caverna. Mas estava totalmente acordada, e os outros também. Todos estavam sentados, boquiabertos e de olhos arregalados, dando toda a atenção a um som – aquele mesmo som que estavam imaginando (e que quase chegaram a escutar) durante o passeio da noite anterior. Era o tilintar de muitas sinetas.

O Sr. Castor saiu do esconderijo, rápido como uma flecha. Você pode achar, como Lúcia achou, que foi uma bobagem da parte dele. Pelo contrário, foi uma coisa muito ajuizada. Ele sabia que podia rastejar entre as moitas, sem ser visto, até o alto da montanha. Queria saber, antes de tudo, que rumo tomava o trenó da feiticeira. Os outros ficaram à espera, imaginando o que poderia ter acontecido. Esperaram cinco minutos, até que ouviram algo que os fez estremecer de pavor. Eram vozes!

– Só pode ter sido apanhado! – pensou Lúcia.

Foi grande o espanto geral quando ouviram a voz do Sr. Castor, do lado de fora da caverna:

– Não há perigo. Pode vir, Sra. Castor. Venham todos, Filhos de Adão. Tudo bem! Não é *dela*!

A gramática estava errada, mas é assim que os castores falam quando estão excitados, isto é, em Nárnia, porque em nosso mundo não abrem o bico, geralmente.

A Sra. Castor e as crianças correram para fora, piscando por causa da luz, sujas de terra, descabeladas, muito desarrumadas, esfregando os olhos de sono.

– Venham! – repetia o castor, quase dançando de alegria. – Venham só ver! Que surpresa para a feiticeira! O poder dela já está balançando.

– Que se passa, Sr. Castor? – perguntou Pedro, ofegante, subindo pela encosta íngreme.

– Não disse a vocês que, por artes dela, era sempre inverno e o Natal nunca chegava? Não disse?

Pois vejam agora!

E, de fato, lá em cima todos puderam ver.

Era um trenó puxado por duas renas, com sinetas tilintando nos arreios. Renas muito maiores que as da feiticeira, mas eram castanhas, e não brancas. No trenó estava alguém que todos reconheceram à primeira vista. Era um homem alto, vestido de vermelho-vivo como as bagas do azevinho, com um capuz forrado de pele, uma barba branca, tão comprida que lhe cobria o peito como uma queda d’água espumante. Todos o reconheceram porque, embora essas pessoas só existam em Nárnia, podemos vê-las em

gravuras e ouvir a respeito delas, mesmo em nosso mundo – o mundo que fica do lado de cá da porta do guarda-roupa. Oh! Mas quando se tem a sorte de ver essa gente em Nárnia é muito diferente! Alguns dos postais coloridos de Papai Noel que podemos ver em nosso mundo mostram um velho engraçado e bonachão. Não era bem assim para as crianças. Era tão grande, tão alegre e tão real, que ficaram paralisadas de espanto. E, apesar de todo o contentamento, sentiam também que era um momento solene.

– Aqui estou, afinal! – disse ele. – Ela me impediu de vir durante muito tempo, mas acabei chegando. Aslam está a caminho. O poder mágico da feiticeira já começou a declinar.

Lúcia sentiu-se percorrida por aquele calafrio de alegria que só sentimos nas solenidades imponentes e tranqüilas,

– E agora – prosseguiu Papai Noel – vamos aos presentes! Aqui está uma máquina de costura nova, último modelo, para a Sra. Castor. Vou deixá-la na casa, quando passar por lá.

– Queira desculpar – disse ela, fazendo uma reverência –, mas a casa está fechada.

– Fechaduras e chaves não têm a menor importância para mim – respondeu Papai Noel. – Quanto ao seu presente, Sr. Castor, quando voltar, vai encontrar o seu dique terminado, consertado em todos os pontos onde vazava água e, além disso, uma comporta novinha em folha.

O Sr. Castor ficou tão alegre que sua boca se abriu totalmente, mas então ele descobriu que não conseguia dizer uma palavra.

– Pedro, Filho de Adão – continuou Papai Noel.

– Presente! – disse Pedro.

– Presentes para você. São ferramentas, e não brinquedos. Talvez não esteja longe o dia em que precisará usá-las. Com honra!

E entregou a Pedro um escudo e uma espada. O escudo era cor de prata, com um leão rubro no centro, lustroso como um morango pronto para ser colhido. A espada tinha punho de ouro, bainha, cinto, tudo, e parecia feita sob medida. Pedro recebeu os presentes em grave silêncio, sentindo que se tratava de uma coisa muito séria.

– Susana, Filha de Eva! Isto é para você. – E Papai Noel entregou-lhe um arco, uma aljava cheia de setas e uma trompazinha de marfim. – Só deve usar o arco em grande risco, pois não quero que você tome parte ativa na luta. Raras vezes falha o alvo. Quanto à trompa, é só levá-la aos lábios e tocar: auxílio lhe virá de alguma parte.

– Lúcia, Filha de Eva! – Papai Noel estendeu-lhe uma garrafinha, que parecia de vidro (houve mais tarde quem dissesse que era de diamante) e um punhal muito pequeno. – Esta garrafa contém um tônico feito do suco de uma flor de fogo que cresce nas montanhas do sol. Se um amigo estiver ferido, bastam algumas gotas para curá-lo. O punhal é para a sua defesa, em caso de extrema necessidade. Porque você também não deve entrar na luta.

– Por que não, meu senhor? – disse Lúcia. – Acho que... bem, não sei... mas acho que eu era capaz de não ter medo!

– O problema não é esse. E que as batalhas são mais feias quando as mulheres tomam parte nelas. E agora – continuou, com uma expressão muito me nos solene –, agora aqui está para vocês todos!...

E Papai Noel apresentou-lhes (deve ter tirado do grande saco, mas a verdade é que ninguém deu por isso) uma enorme bandeja, com cinco taças de chá, com os respectivos pires, um açucareiro, uma tigelinha de creme de leite e uma grande chaleira ainda a chiar. E gritou em seguida:

– Feliz Natal! Viva o Verdadeiro Rei! – Estalou o chicote e desapareceram, ele, as renas, o trenó, tudo, antes que os outros se dessem conta de que tinham ido embora.

Pedro mostrava a espada desembainhada ao Sr. Castor quando ouviu a voz da Sra. Castor:

– Vamos deixar de conversa, que o chá esfria. Os homens, vocês sabem, são um caso sério. Vamos, ajudem-me a levar a bandeja lá para baixo e vamos ao chá. Ainda bem que não me esqueci de trazer a faca de pão.

Desceram a encosta íngreme de volta à caverna, onde o Sr. Castor, em meio ao contentamento geral, cortou o pão e o presunto para fazer sanduíches. A festa ainda estava animada quando Sr. Castor anunciou:

– Está na hora, pessoal. Vamos em frente.

11
A APROXIMAÇÃO DE ASLAM

Enquanto isso, Edmundo estava cada vez mais descontente da vida. Quando o anão desapareceu para aprontar o trenó, esperava que enfim a feiticeira voltasse a ser boazinha, como no primeiro encontro. Mas nem abriu a boca, a malvada. Edmundo juntou todas as suas energias para dizer:

– Majestade, não poderia dar-me um pouquinho de manjar turco? A senhora... a senhora disse...

Foi logo interrompido:

– Silêncio, debilóide humano!

Depois pareceu mudar de idéia e, como se falasse para si mesma, disse:

– Mas não me convém que este fedelho tenha um chilique no caminho. – E bateu palmas.

Apareceu um outro anão.

– Dê de comer e beber ao debilóide humano.

O anão voltou daí a pouco com uma tigela de ferro contendo água e um pedaço de pão seco num prato também de ferro. Exibiu um repelente sorriso de escárnio ao colocar as coisas no chão:

– Manjar turco para o principezinho! Ah! Ah! Ah!

– Tire esse troço daí! – ordenou Edmundo mal-humorado. – Nunca comi pão seco em minha vida.

Mas a feiticeira voltou-se para ele com uma cara tão terrível que o menino pediu desculpas e começou a mordiscar o pão, tão duro que mal lhe

descia pela garganta.

– E fique contente com isso, por enquanto – disse a feiticeira.

Edmundo não tinha acabado de mastigar, quando o primeiro anão veio avisar que o trenó estava pronto. A feiticeira ordenou a Edmundo que a seguisse. A neve caía de novo quando chegaram ao pátio, mas ela nem notou, obrigando Edmundo a sentar-se a seu lado no trenó. Antes da partida, chamou Maugrim, que se aproximou aos saltos, como um cão gigante.

– Escolha o mais rápido dos seus lobos e parta imediatamente com ele para a casa dos castores. Mate tudo o que encontrar por lá. Se já tiverem partido, siga para a Mesa de Pedra a toda a velocidade, sempre sem ser visto. Depois esconda-se e espere por mim. Tenho de andar muitas léguas para o poente até encontrar um lugar onde atravessar o rio. Pode ser que você encontre criaturas humanas antes de chegar à Mesa de Pedra. Nesse caso, já sabe o que fazer!

– Ouvir é obedecer, ó rainha – rosnou o lobo, desaparecendo imediatamente na escuridão, veloz como um cavalo em disparada.

Dentro de dez minutos, acompanhado de outro lobo, chegava ao dique, farejando a casa dos castores. Nada encontraram, naturalmente. Teria sido horrível para os castores e as crianças se não tivesse começado a nevar, pois os rastos estariam visíveis... e quase certamente teriam sido apanhados antes de chegar à caverna.

Enquanto isso, o anão castigava as renas. A feiticeira e Edmundo, passando por debaixo do arco, penetraram na escuridão gelada. Para Edmundo, que nem tinha casaco, foi uma viagem horrorosa. Quinze minutos depois, já estava todo coberto de neve. Desistiu até de sacudi-la, pois não adiantava nada. E sentia-se tão cansado! Estava molhado até os ossos. Como se sentia desgraçado! A feiticeira não tinha a intenção de torná-lo rei. Via agora a burrice que fora tentar convencer a si mesmo de que ela era boa pessoa e que tinha razão. Naquele momento, daria tudo para estar com os outros... até com Pedro! Só tinha um consolo: pensar que tudo não passava de um sonho, e que podia acordar de um momento para outro. A medida que as horas corriam, tudo acabou mesmo por lhe parecer um sonho.

Seria preciso muitas páginas para descrever essa viagem. Mas vou dar um grande salto e passar para o momento em que a neve cessou de cair e eles deslizavam com a luz do dia. Foram seguindo sempre, sempre, num silêncio apenas cortado pelo chiar da neve e pelo estalar dos arreios. De repente, a feiticeira exclamou:

– O que é aquilo? Parem!

Pararam.

Edmundo aguardou ansioso que ela falasse em almoço. Mas era outra coisa. A pouca distância, debaixo de uma árvore, estava um grupinho alegre, do qual faziam parte um esquilo, com a mulher e os filhos, dois sátiros, um anão e uma velha raposa. Todos sentados em banquinhos em volta de uma mesa. Edmundo não conseguiu distinguir a comida, mas o cheiro era uma delícia e pareceu-lhe ver decorações próprias da época de Natal. E não chegou a ter muita certeza se viu ou não algo parecido com um pudim de passas. Quando o trenó parou, a raposa, que era a mais velha entre os presentes, tinha acabado de levantar-se e erguia uma taça na pata dianteira, preparando-se para dizer algumas palavras. Mas, logo que os membros do grupo viram o trenó parar e compreenderam quem ia nele, a alegria sumiu. O esquilo pai deteve o garfo a meio caminho da boca; um dos sátiros parou o garfo já dentro da boca; e os esquilinhos começaram a berrar de medo.

– Que audácia é essa? – perguntou a Feiticeira Branca sem obter resposta. – Falem, seus vermes! Ou preferem que o meu anão lhes abra o bico na ponta do chicote? Que esganação é essa? Onde é que foram arranjar esses enfeites? E esse pudim de passas?

– Perdão, Majestade – disse a raposa. – São presentes que recebemos. Se Vossa Majestade permite, bebo à saúde...

– Quem deu tudo isso?

– Foi o Pa... foi o Pa... foi o Pa-pai No-el – gaguejou a raposa.

– Quem?! – rugiu a feiticeira, saltando do trenó e chegando perto dos pobres animais apavorados. – Mas ele não esteve aqui! Não pode ter estado aqui! Como se atreve... Mas, se for mentira, está perdoada...

Um dos esquilinhos perdeu então a cabeça, inteiramente:

– *Teve* aqui... *teve* aqui... *teve* aqui, sim, senhora! – E tascava a colher de madeira na mesa.

Edmundo viu a feiticeira morder os lábios com tanta força que uma manchinha de sangue pintou sua face pálida. Depois, ela levantou a vara mágica.

– Oh, não! Não! Por favor! – implorou Edmundo.

Mal disse e, onde pouco antes estivera aquela turminha alegre, viam-se agora estátuas de bichos (um deles com o garfo de pedra a meio caminho da boca de pedra), todos sentados em torno de uma mesa de pedra, sobre a qual estavam colocados pratos de pedra e um pudim feito da mesmíssima pedra.

– E você – disse a feiticeira, dando em Edmundo uma bofetada que o deixou tonto – aprenda a não pedir misericórdia para espiões e traidores. Vamos!

Edmundo, pela primeira vez desde que esta história começou, sentiu pena de alguém que não fosse ele mesmo. Pareceram-lhe tão dignas de dó aquelas figurinhas de pedra, sentadas ali, entra ano sai ano, dias de silêncio, noites de escuridão, até que o musgo as cobrisse e os séculos as desfizessem em pó!

Puseram-se a correr novamente, e então Edmundo reparou que a neve era muito mais úmida que na noite anterior. Reparou também que sentia muito menos frio e que um pouco de nevoeiro ia-se formando. E o trenó já não deslizava com tanta rapidez. Pensou a princípio que as renas estivessem cansadas, mas logo compreendeu que a verdadeira razão não era essa. O trenó balançava, sacudido por solavancos, como se estivesse batendo em pedras. E por mais que o anão as chicoteasse, as renas avançavam cada vez mais lentamente. Ao mesmo tempo, havia um ruído estranho em torno, mas o barulho da corrida e os tropeções e os gritos do anão não permitiam a Edmundo perceber o que era. Até que, de repente, o trenó ficou enterrado e não mais andou. Um momento de silêncio. E, no silêncio, o menino pôde prestar atenção ao ruído: era um som estranho, agradável, cantante, sussurrante... No fim das contas, não era assim tão estranho: tinha ouvido aquilo antes... mas não sabia dizer onde. Lembrou-se de repente. Era barulho de água corrente. Por toda parte, invisíveis, corriam fios de água – cochichando, conversando, cantando, borbulhando e até rugindo, distante. E

o coração de Edmundo deu um pulo (mesmo sem saber o motivo) quando ele verificou que não havia mais geada. Gotejava dos ramos. Ao examinar atentamente uma árvore, viu desprender-se dela uma pesada crosta de neve: era a primeira vez, desde que entrara em Nárnia, que via o tronco de um abeto. Já não teve tempo de observar, porque a feiticeira gritou:

– Não fique aí de boca aberta, seu paspalhão! Ajude-me!

Edmundo teve de obedecer. Pulou para a neve – que era uma lama líquida – e começou a ajudar o anão a puxar o trenó do buraco lamacento. Conseguiram, por fim. O anão, tratando cruelmente as renas, fez com que avançassem um pouco mais. A neve agora derretia-se pra valer; tapetes de relva começavam a surgir em todas as direções. Se você nunca viu um mundo de neve por tanto tempo, como Edmundo, não poderá compreender o alívio que eram aquelas manchas verdes, depois das grandes e brancas solidões. Mas o trenó parou de novo.

– Não há nada a fazer! – exclamou o anão. – Não podemos continuar de trenó com a neve se derretendo.

– Então vamos a pé – declarou a feiticeira.

– Não conseguiremos apanhá-los – resmungou o anão. – Estão muito na frente.

– É meu conselheiro ou meu escravo? É uma ordem: amarre as mãos do debilóide humano nas costas e segure a ponta da corda. Pegue o chicote e solte as renas, que elas hão de achar o caminho.

O anão obedeceu. Edmundo foi forçado a andar com a rapidez que as pernas lhe permitiam, com as mãos amarradas para trás. Escorregava na neve derretida, na lama, na relva úmida, e, cada vez que isso acontecia, o anão soltava uma imprecação, às vezes acompanhada de uma chicotada. Atrás, a feiticeira ia repetindo:

– Mais depressa! Mais depressa!

Os tapetes relvados iam aumentando e as extensões nevadas diminuíam. De minuto a minuto, outras árvores decidiam sacudir os mantos alvos de neve. Não tardou que, para onde quer que se olhasse, em vez de vultos brancos, surgissem o verde-escuro dos abetos e os ramos negros e espinhosos dos carvalhos, das faias, dos olmos. Depois, o nevoeiro de branco passou a dourado, até desaparecer por completo. Deliciosos raios de

sol projetavam-se sobre a floresta, enquanto, lá no alto, o céu azul olhava entre as copas das árvores. Outras coisas maravilhosas foram acontecendo. Numa clareira de plátanos prateados, o chão estava todo coberto de florzinhas amarelas; o ruído das águas, cada vez mais forte. Ali perto passava um riacho; do outro lado desabrochavam narcisos.

– Deixe as flores de lado! – repreendeu o anão, vendo que Edmundo virava a cabeça a toda hora, e deu um puxão perverso na corda.

Mas Edmundo continuava vendo. Botões de açafrão cresciam em torno de uma velha árvore, em tons de ouro, púrpura e branco. E chegou uma música ainda mais deliciosa que o murmúrio das águas. Empoleirado num ramo, um passarinho começou a chilrear. Um outro respondeu mais adiante. Como se fosse um sinal, ouviram-se trinos e gorjeios por toda parte e todos começaram a cantar ao mesmo tempo. Em poucos minutos, o bosque ressoava com a música da passarada. Eram passarinhos por todos os recantos, pousando nas margens, levantando vôo para o céu, perseguindo uns aos outros, discutindo, alisando as penas com o bico.

– Mais depressa! Mais depressa!

O céu estava todo azul; só de vez em quando umas nuvens brancas passavam, apressadas. Nas grandes clareiras havia malmequeres. A brisa leve atirava gotas de orvalho dos ramos oscilantes no rosto de Edmundo. As árvores voltavam à vida, algumas vestidas de verde, outras cobertas de dourado. Uma abelha atravessou o caminho zumbindo.

– Isso não é degelo – disse o anão, parando de repente. – É a própria primavera! E agora, que vamos fazer? O seu inverno está sendo destruído, Majestade! Não há dúvida alguma! Só pode ser obra de Aslam!

– Se alguém mencionar de novo esse nome, morre imediatamente! – esbravejou a feiticeira.

12
A PRIMEIRA BATALHA DE PEDRO

A dez quilômetros de distância da feiticeira, os castores e as três crianças caminhavam no que lhes parecia o melhor dos sonhos. Havia muito que tinham abandonado os casacos. Tinham deixado até de dizer uns aos outros:

– Um pica-pau! Que lindas campânulas! Que perfume maravilhoso! Como canta bem aquele passarinho!

Caminhavam em silêncio, passando de clareiras inundadas de sol para bosques frescos e verdejantes, voltando para planuras cheias de musgos e olmos gigantescos.

A surpresa tinha sido tão grande para eles como para Edmundo, ao verem o inverno sumir e o bosque mudar, como se o tempo tivesse dado um grande salto. Nem mesmo sabiam ao certo (ao contrário da feiticeira) que era isso mesmo que devia acontecer quando Aslam chegasse a Nárnia. Mas sabiam todos que, por encantamento dela, surgira o inverno sem fim. Quando a primavera mágica começou, todos concluíram que alguma coisa estava falhando, desastrosamente falhando, nos planos da feiticeira. Chegaram a compreender com alegria que a feiticeira já não poderia usar o trenó. Deixaram de andar tão depressa e se deram ao luxo de descansos mais freqüentes e demorados. Também já estavam cansados, exaustos não, mas cansados, meio molengas e distraídos, mas muito calmos por dentro, como acontece quando se chega ao fim de um longo dia ao ar livre. Susana tinha uma pequena bolha no pé.

Tinham deixado de seguir o rio e viraram um pouco para o sul, onde ficava a Mesa de Pedra. Mesmo que não fosse o caminho certo, teria sido impossível continuar pelo vale durante o degelo, porque, com toda a neve que derretia não demorou para que o rio transbordasse e a corrente caudalosa inundasse a vereda por onde seguiam. O sol declinava, a luz

ficava mais vermelha, as sombras alongavam-se e as flores já começavam a pensar em dormir.

– Falta pouco – disse o Sr. Castor, guiando-os encosta acima sobre o musgo macio da primavera (tão fofinho sob os pés cansados) para um lugar onde só existiam árvores muito altas e espaçadas. Estavam ofegantes quando chegaram ao topo. Eis o que viram.

Encontravam-se numa grande clareira verde, abraçada por uma floresta que se estendia a perder de vista em todas as direções, menos em frente. Porque aí, longe, no oriente, alguma coisa cintilava e fazia ondas.

– O mar! Puxa! – murmurou Pedro para Susana.

No centro da clareira estava a Mesa de Pedra. Era uma grande pedra cinzenta, bem tosca, sustentada por outras quatro. Parecia muito antiga e estava toda gravada com linhas e figuras esquisitas, caracteres talvez de uma língua desconhecida. Dava uma sensação estranha olhar para ela. Em seguida viram, a um canto, uma barraca armada, um pavilhão magnífico, sobretudo quando os raios do sol incidiam sobre ele. Estava revestido de alguma coisa que parecia seda amarela, cordões vermelhos e cavilhas de marfim; flutuando no alto de uma haste, uma flâmula com um leão rubro, agitada pela brisa do mar. Ouviram música, que vinha da direita. Voltaram-se e viram enfim o que desejavam ver.

Aslam estava em pé, cercado por uma multidão de seres, que o rodeavam em semicírculos. Havia espíritos que moram nas árvores e espíritos dos bosques e fontes (dríades e náiades, como são chamados em nosso mundo). Levavam nas mãos instrumentos de corda. Eram eles que tocavam. Viam-se também quatro grandes centauros: uma das metades lembrava um cavalo grande, enquanto a metade humana parecia um gigante de expressão séria, mas bonita. Havia ainda um unicórnio e um touro com cabeça de homem, um pelicano, uma águia e um cachorro enorme. E, ladeando Aslam, dois leopardos seguravam, um, a coroa, e outro, a insígnia.

Quanto ao próprio Aslam, nem as crianças, nem os castores souberam o que fazer ou dizer ao vê-lo. Quem nunca esteve em Nárnia há de achar que uma coisa não pode ser boa e aterrorizante ao mesmo tempo. Os meninos entenderam logo. Pois, quando tentaram olhar para Aslam de frente, só conseguiram ver de relance a juba de ouro e uns grandes olhos,

régios, soleníssimos, esmagadores. Depois, já não tiveram forças para olhar e começaram a tremer como varas verdes.

– Avante! – disse bem baixinho o Sr. Castor.

– Não! – murmurou Pedro. – Vá primeiro.

– Não! Os Filhos de Adão devem ir antes dos bichos – disse o castor, sempre baixinho.

– Susana... – sussurrou Pedro. – Que tal você?

As damas primeiro.

– Não! Você é o mais velho.

Quanto mais demoravam, mais perturbados se sentiam. Pedro acabou compreendendo que lhe cabia ser o primeiro. Levantou a espada em saudação, dizendo apressadamente aos outros:

– Venham! Não tenham medo!

Avançou para o Leão e disse:

– Estamos aqui, Aslam!

– Seja bem-vindo, Pedro, Filho de Adão – respondeu Aslam. – Bem-vindas, Susana e Lúcia, Filhas de Eva. Bem-vindos, Sr. e Sra. Castor.

A voz, profunda e generosa, teve o efeito de um calmante. Ficaram alegres e animados, não mais perturbados por estarem ali sem dizer uma palavra.

– Mas por onde anda o quarto humano? – perguntou Aslam.

– Quis traí-los e aderiu à Feiticeira Branca, Aslam – respondeu o Sr. Castor.

Num impulso, Pedro disse:

– Em parte, foi culpa minha, Aslam. Fiquei zangado com ele...

Aslam nada disse; ficou simplesmente olhando para Pedro com os seus olhos enormes.

– Por favor... Aslam – disse Lúcia –, não podemos fazer algo para salvar Edmundo?

– Faremos o que for preciso. Mas pode ser mais difícil do que você pensa.

O Leão guardou silêncio por certo tempo. Lúcia então reparou que sua expressão (apesar de imponente, régia e calma) também era triste. Mas a tristeza não demorou muito. Ele sacudiu a juba, bateu as patas (“Que terríveis patas seriam” – pensou Lúcia – “se ele não soubesse como torná-las macias!”) e disse:

– Enquanto isso, preparem o festim! Senhoras, levem para a barraca real estas Filhas de Eva e tomem conta delas.

Afastadas as meninas, Aslam pousou a pata (apesar de aveludada, muito pesada) em cima do ombro de Pedro:

– Venha, Filho de Adão; vou mostrar-lhe o palácio onde um dia será rei.

Ainda empunhando a espada desembainhada, Pedro acompanhou o Leão ao extremo leste do topo da colina. O Sol se punha por detrás deles: embaixo, estendiam-se a floresta, montanhas, vales e o rio a colear como uma serpente de prata. Além, muito além, ficava o mar; além do mar, o céu, coberto de nuvens avermelhadas pelo pôr-do-sol.

Onde o país de Nárnia se encontra com o mar – na foz do grande rio – brilhava alguma coisa no alto de uma colina. Era um castelo com todas as janelas voltadas para Pedro e para o poente, refletindo a luz do Sol. Parecia uma estrela imensa a descansar na praia.

– Aquilo, ó humano, é Cair Paravel, dos quatro tronos, num dos quais você há de sentar-se como rei. É o primeiro a vê-lo por ser o primogênito; e será o Grande Rei, acima de todos os outros.

Pedro não chegou a falar: um ruído estranho feriu o silêncio. Era como um som de clarim, só que mais impressionante.

– É sua irmã que faz soar a trompa – disse Aslam a Pedro, falando baixinho, tão baixo que parecia um rosnado, se não é falta de respeito falar assim.

Por um momento, Pedro não entendeu o que se passava. Aslam, no entanto, disse, acenando com a pata para as criaturas que avançavam:

– Para trás! Deixem que o príncipe conquiste o seu reino!

Aí compreendeu tudo e partiu correndo para o pavilhão, onde assistiu a um horroroso espetáculo.

As náiades e as dríades fugiam em todas as direções. Pálida como a neve, Lúcia corria para ele com suas perninhas curtas. Susana também corria e tentava subir a uma árvore, perseguida por um monstruoso bicho pardo. A princípio, Pedro julgou que fosse um urso; achou depois que era um pastor-alemão, se bem que fosse grande demais para ser um cachorro. Só então viu que era um lobo, que empinava, rosnava, golpeava com as patas no tronco da árvore, o pêlo todo eriçado. Susana não conseguia passar do segundo galho, com uma perna suspensa, o pé a uns dez centímetros dos dentes ferozes do polícia secreta da Feiticeira Branca. “Por que ela não sobe mais?” – pensava Pedro. – “Pelo menos, por que não se segura com mais firmeza?” Só então reparou que a pobre garota estava quase desmaiando. Se desmaiasse...

Pedro não estava sentindo uma coragem extraordinária. Verdade seja dita, estava até começando a sentir-se mal... Mas isso não o impediu de fazer o que tinha de ser feito. Correu direto ao monstro e fez menção de vibrar-lhe um golpe com a espada. O golpe não chegou ao alvo. Como um relâmpago, a fera voltou-se, os olhos em fogo, boca escancarada, uivando de raiva. Teria despedaçado o menino, se não estivesse tão raivoso. Mas foi assim. Com toda a força, Pedro enterrou a espada entre as patas do lobo, bem no coração. Seguiu-se um momento pavoroso, de tremenda confusão, como num pesadelo. Pedro lutava desesperadamente. O lobo não parecia nem vivo nem morto. Os dentes do animal bateram em sua testa. Era tudo sangue, calor, pêlos e cabelos... Um momento depois, percebeu que o monstro estava morto; desenterrou a espada, endireitou-se, limpou o suor que lhe cobria o rosto e os olhos. Estava exausto o herói!

Susana, daí a pouco, desceu da árvore. Ficaram, ela e Pedro, muito comovidos quando se encontraram. Não posso negar que houve beijos e choradeira, de parte a parte. Mas em Nárnia isso não causa má impressão em ninguém.

– Depressa! – gritou Aslam – Centauros! Águias! Há um outro lobo no bosque. Ali... bem atrás de vocês. Vão atrás dele. Deve estar à procura da dona. E a oportunidade de descobrir a feiticeira e de salvar o quarto Filho de Adão.

Num instante, com um bater de cascos e um tatalar de asas, um grupo de velozes criaturas desapareceu nas trevas.

Pedro, ainda respirando mal, viu que estava junto de Aslam.

– Esqueceu de limpar a espada – disse o Leão.

Verdade. Pedro corou ao ver a lâmina brilhante manchada de sangue e de pêlos do polícia secreta. Esfregou a espada na relva, enxugando-a depois no casaco.

– Dê-me a espada. Ajoelhe-se, Filho de Adão! – disse Aslam.

Tocou-o com a lâmina da espada e disse:

– Levante-se, rei Pedro! E, aconteça o que acontecer, nunca se esqueça de limpar a espada!

13

MAGIA PROFUNDA NA AURORA DO TEMPO

Depois de andar mais do que imaginava que alguém fosse capaz de andar, Edmundo parou; parou por ordem da feiticeira, num vale escuro. Deixou-se cair sem forças e ficou imóvel, cara no chão, nem se importando com o que pudesse acontecer, contanto que o deixassem ali deitado. Tão cansado estava que não sentia nem fome nem sede.

– Agora, Majestade, não adianta. Já devem estar na Mesa de Pedra – disse o anão desanimado.

– Talvez o lobo fareje onde estamos e nos traga notícias.

– Boas não podem ser.

– Quatro tronos em Cair Paravel. E se só três forem ocupados? A profecia não se cumprirá.

– Que importância tem isso, agora que Ele chegou? – O anão não tinha coragem de pronunciar o nome de Aslam na presença de sua senhora.

– Pode ser que não fique aqui muito tempo. E então... cairíamos em cima dos três em Cair Paravel.

– Seria melhor conservar este como refém – disse o anão, chutando Edmundo.

– Para que os outros venham salvá-lo? – replicou a feiticeira, com ar desdenhoso.

– Então o melhor é fazer logo o que se tem a fazer.

– Gostaria que fosse na Mesa de Pedra e não aqui. É o lugar adequado. Essas coisas sempre foram feitas lá.

– Longe ainda está o dia em que a Mesa de Pedra voltará a servir para o fim que lhe convém – disse o anão.

– É verdade – concordou a feiticeira. – Assim sendo, vamos à coisa...

Nesse momento, um lobo precipitou-se ao encontro deles, rosnando:

– Estão na Mesa de Pedra com *Ele*. Mataram o capitão Maugrim. Vi tudo, escondido. Foi um Filho de Adão. Fuja! Fuja!

– Fugir, isso nunca! Convoque todo o meu povo aqui. Chame os gigantes, os velhos lobos e os espíritos das árvores que estão ao nosso lado. Reúna os vampiros, os duendes, os ogres, os minotauros. Chame os vulpinos, as bruxas, os espectros, as almas dos cogumelos bravos. Vamos lutar. Ah! Não tenho ainda a minha vara? Com ela não transformei as hostes deles em estátuas de pedra? Agora vá. Tenho um trabalhinho a fazer na sua ausência.

O bruto fez um sinal com a cabeça, deu meia-volta e se foi.

– Ora, mesa não temos... Espere aí... O mais prático é atá-lo ao tronco de uma árvore.

Edmundo sentiu-se agarrado brutalmente e forçado a manter-se de pé. O anão amarrou-o fortemente a uma árvore. A vista de Edmundo, a feiticeira abriu o manto, deixando aparecer dois braços nus, aflitivamente brancos. E só os viu porque eram mesmo muito brancos, mas não distinguiu quase mais nada, tal era a escuridão que reinava.

– Prepare a vítima.

O anão desabotoou a camisa de Edmundo. Pegando o menino pelos cabelos, puxou-lhe a cabeça para trás, forçando-o a levantar o queixo. Edmundo ouviu um ruído esquisito ...zzz...zzz...zzz... A princípio não conseguiu perceber o que era, mas depois compreendeu que alguém estava afiando uma faca.

E ouviu gritos que vinham de todas as direções... um repicar de cascos, um tatalar de asas... e um grito agudo da feiticeira... Reinava em torno a maior confusão. Alguém o desatava da árvore. Vozes vibrantes e bondosas falavam com ele...

– Deitem-no... Dêem-lhe um pouco de vinho... Beba isso... Coragem!... Não é nada...

E havia outras vozes: “Quem agarrou a feiticeira?” “Pensei que você a tivesse agarrado”... “Sumiu depois que soltou o facão”... “Corri mas foi atrás do anão”... “Quer dizer que ela fugiu?”... “Ei, o que é aquilo? Ah, não é nada, apenas um tronco caído”. Foi quando Edmundo perdeu os sentidos.

Os centauros, os unicórnios, os veados e os pássaros (que formavam o batalhão enviado por Aslam no capítulo anterior) puseram-se a caminho, de regresso à Mesa de Pedra, levando consigo o menino. Mas teriam ficado se pudessem ter visto o que aconteceu em seguida naquele vale.

O silêncio era absoluto. A lua começava a brilhar. Se você estivesse lá, teria visto o luar banhar um velho tronco de árvore e uma rocha arredondada. E, se continuasse a olhar, teria pouco a pouco notado qualquer coisa de estranho no tronco e na rocha. O tronco era parecidíssimo com um homem baixo e gordo, agachado no chão. Veria o tronco caminhar ao encontro da pedra e a pedra sentar-se e começar a conversar com o tronco. Porque eram, muito simplesmente, a feiticeira e o anão. Fazia parte dos poderes da feiticeira dar às coisas a aparência daquilo que não eram. Tivera bastante presença de espírito para fazer uso desse dom no instante em que o facão lhe saltou das mãos.

Quando as crianças acordaram na manhã seguinte, tendo dormido na barraca sobre boas almofadas, ouviram a Sra. Castor dizer que Edmundo estava salvo e fora trazido ao acampamento altas horas da noite. Conversava agora com Aslam. Tomaram café e saíram todos, e viram Aslam e Edmundo passeando, lado a lado, sobre a relva úmida. Não é preciso dizer para você (e o fato é que ninguém ouviu) o que Aslam dizia. Fique sabendo que foi uma conversa da qual Edmundo jamais se esqueceu. Quando os outros se aproximaram, Aslam voltou-se e, acompanhado por Edmundo, foi ao encontro deles.

– Aqui está o quarto Filho de Adão. E... bem... não vale a pena falar do que aconteceu. O que passou, passou.

Edmundo apertou a mão de todos, repetindo: – Desculpe...

E cada um respondia:

– Deixe isso pra lá!

Todos queriam dizer alguma coisa, para que não ficasse a menor dúvida de que tudo estava bem outra vez – alguma coisa muito natural e

trivial –, mas ninguém conseguiu lembrar-se de nada para dizer. Mas não tiveram tempo de se sentir embaraçados: um dos leopardos chegou e disse para Aslam:

– Senhor, está aí um emissário inimigo que implora audiência.

– Mande-o aqui.

Daí a pouco o leopardo voltou com o anão da feiticeira.

– A que vens, Filho da Terra? – perguntou Aslam.

– A Rainha de Nárnia e Imperatriz das Ilhas Desertas deseja salvo-conduto para vos falar sobre um assunto que tanto interessa a vós como a ela – disse o anão, na ponta da língua.

– Ah! Rainha de Nárnia! – comentou o Sr. Castor. – Mas é muito cara-de-pau!...

– Calma, Castor – disse Aslam. – Todos os títulos serão restituídos a quem de direito. Não vale a pena discutir por enquanto. – E, voltando-se para o anão: – Diga a sua senhora que o salvo-conduto está concedido, sob a condição de ela deixar a vara mágica debaixo daquele grande carvalho.

Aceita a condição, dois leopardos acompanharam o anão, para ver se tudo seria feito conforme o combinado.

– E se ela transformar os leopardos em estátua de pedra? – murmurou Lúcia para Pedro.

Acho que os leopardos tiveram a mesma idéia. Estavam completamente arrepiados, de rabo em pé, como um gato na presença de um cão estranho.

– Não tenha medo – cochichou Pedro. – Ele sabe o que faz.

Pouco depois, era a própria feiticeira que aparecia no alto da colina, dirigindo-se sem hesitar para junto de Aslam. Os três, que nunca a tinham visto, sentiram um frio na barriga quando a olharam de frente. Alguns animais começaram a rosnar. Embora fizesse um sol magnífico, todos se sentiram gelados de repente. As únicas pessoas que pareciam estar absolutamente à vontade eram Aslam e a própria feiticeira. Estranho espetáculo: um rosto dourado e um rosto nevado... tão perto um do outro. Não que a feiticeira olhasse Aslam bem de frente. A Sra. Castor não deixou de reparar nisso.

– Há um traidor aqui, Aslam! – declarou a feiticeira.

Todos os presentes entenderam. Mas Edmundo, depois da conversa pela manhã e de tudo o mais, não deu bola. Continuou simplesmente a olhar para Aslam. Estava esnobando a feiticeira, e com razão.

– Não foi bem a você que ele ofendeu – disse Aslam.

– Já se esqueceu da Magia Profunda? – perguntou a feiticeira.

– Digamos que sim – replicou Aslam, solenemente. – Fale-nos da Magia Profunda.

– Falar-lhe da Magia Profunda?! Eu?! – disse a feiticeira, numa voz ainda mais aguda. – Falar-lhe do que está escrito nessa Mesa de Pedra aí ao lado? Falar-lhe do que está escrito em letras do tamanho de uma espada, cravadas nas pedras de fogo da Montanha Secreta? Falar-lhe do que está gravado no cetro do Imperador de Além-Mar? Se alguém conhece tão bem quanto eu o poder mágico a que o Imperador sujeitou Nárnia desde o princípio dos tempos, esse alguém é você. Sabe que todo traidor, pela lei, é presa minha, e que tenho direito de matá-lo!

– Ah! – disse o Sr. Castor. – Já estou entendendo por que foi que você se arvorou em rainha... Você era o carrasco-mor do Imperador!

– Calma, Castor, calma – disse Aslam, em voz baixa e arrastada.

– Portanto – continuou a feiticeira, – essa criatura humana me pertence. A vida dela me pertence. Tenho direito ao seu sangue.

– Então venha bebê-lo, se for capaz – disse o Touro que tinha cabeça de homem.

– Débil mental! – disse a feiticeira, com um riso de fúria que era quase um grunhido. – Está tão convencido assim de que o seu senhor me pode privar dos meus direitos pela força? Ele conhece bem demais a Magia Profunda para atrever-se a isso. Sabe que, a não ser que eu receba o sangue a que a lei me dá direito, toda a terra de Nárnia será subvertida e perecerá em água e fogo.

– É verdade! – disse Aslam. – Não posso negá-lo.

– Oh! Aslam! – sussurrou Susana, ao ouvido do Leão. – Não podemos nós... quer dizer, isto é, não vai acontecer nada, não é? Não se pode dar um jeito nessa Magia Profunda?

– Enfrentar o poder mágico do Imperador?

Aslam voltou-se para ela, com o rosto ligeiramente carregado. E ninguém mais tocou naquele assunto.

Edmundo fitou Aslam o tempo todo. Sentia-se sufocado e perguntava a si mesmo se devia dizer alguma coisa: compreendeu que não devia dizer coisa nenhuma, só esperar e cumprir o que lhe fosse ordenado.

– Afastem-se – disse Aslam. – Preciso falar a sós com a feiticeira.

Foram momentos terríveis de longa espera. Que estaria o Leão a combinar? Lúcia disse apenas “Oh, Edmundo!”, e começou a chorar. Pedro, de costas para os outros, olhava o mar distante. Cabisbaixos, os castores davam a mão um ao outro. Os centauros, nervosos, batiam com os cascos no chão. Por fim todos se acalmaram e foi um silêncio daqueles de ouvir zumbido de abelha, esvoaçar de passarinho e sussurrar de brisa na folhagem. E a conversa continuava.

Finalmente ouviu-se a voz de Aslam.

– Venham todos. Tudo resolvido. Ela renunciou ao direito que tinha ao sangue de Edmundo.

Pela encosta, ouviu-se um ruído, como se todos tivessem começado a respirar ao mesmo tempo. Foi um pipocar de opiniões.

A feiticeira, com uma expressão de feroz alegria, já estava se afastando quando parou e disse:

– Mas quem me garante que a promessa será cumprida?

– Raaaa-a-aarrgh! – rugiu Aslam, erguendo-se do trono. E suas fauces ficaram escancaradas. O rugido rimbombou. A feiticeira, atônita, agarrou a saia e fugiu como se tivesse a vida em perigo.

14
O TRIUNFO DA FEITICEIRA

Logo que a feiticeira desapareceu, Aslam disse:

– Temos de abandonar este lugar imediatamente, porque vai ser utilizado para outra coisa. Acamparemos esta noite na margem do Beruna.

Todos estavam ansiosos, é claro, para conhecer os termos do acordo. Mas a expressão de Aslam era tão severa, e o rugido que soltara ressoava ainda de tal modo nos ouvidos de todos, que ninguém teve coragem de interrogá-lo.

Depois de uma refeição ao ar livre, no cimo da encosta, ajudaram a desarmar a barraca real e a arrumar as coisas. Antes de duas horas estavam a caminho, rumo ao nordeste, avançando a passo moderado, pois o lugar para onde iam não era longe.

Aslam explicou a Pedro seu plano de campanha:

– Logo que termine suas tarefas por aqui, a feiticeira deve voltar para o seu castelo e preparar-se para resistir a um cerco. Talvez você possa cortar-lhe o caminho, impedindo que ela chegue lá, mas também pode ser que não.

Aslam continuou a expor dois planos diferentes de batalha: um para atacar a feiticeira e sua gente no bosque; outro para assaltar o castelo. Aconselhou Pedro sobre a melhor maneira de conduzir as operações, dizendo coisas assim: “Deve colocar os centauros em tal parte”, ou “Não esqueça suas sentinelas”.

Por fim, disse Pedro:

– Mas você ficará comigo, Aslam.

– Nada posso prometer – retrucou Aslam, e continuou a dar suas instruções.

Na segunda etapa da viagem, foram Susana e Lúcia que lhe fizeram companhia. Aslam, entretanto, quase nada falou, dando-lhes a impressão de estar muito triste.

Chegaram a um ponto onde o vale se alargava e o rio corria num leito amplo e pouco fundo. Era o Passo do Beruna. Aslam deu ordem para que acampassem do lado de cá. Pedro observou:

– Não seria melhor o lado de lá? Ela pode atacar-nos à noite.

Aslam, que parecia preocupado com outra coisa, levantou a cabeça, sacudiu a juba soberba e disse:

– Hum! Que foi?

Pedro repetiu a pergunta.

– Não! – disse Aslam, com voz indiferente, como se aquilo não tivesse a mínima importância.

– Ela não ataca esta noite. – E soltou um profundo suspiro, acrescentando em seguida:

– De qualquer modo, foi bem pensado. Só que não vale a pena.

E continuaram a armar as tendas.

Nessa noite, a tristeza de Aslam projetou-se em todos os outros. Pedro não se sentia bem ao lembrar que ia assumir sozinho a responsabilidade da batalha. Fora um grande choque o fato de Aslam não prometer estar presente. A ceia foi silenciosa, muito diferente da refeição da noite passada ou daquela mesma manhã. Era como se os dias felizes, que mal tinham começado, já chegassem ao fim.

Susana nem conseguiu dormir, inquieta. Depois de muito tempo acordada, virou-se e ouviu Lúcia suspirar.

– Você também não consegue dormir, Lu?

– Não. Achei que você estava dormindo. Tenho um pressentimento horrível, Susana, como se qual quer coisa estivesse para acontecer com a gente.

– É mesmo? Eu também.

– É alguma coisa com Aslam. Ou algo pavoroso está para acontecer com ele, ou é ele que vai fazer algo assim.

– Esteve preocupado o dia inteiro, Lúcia! Ele disse que não poderá estar conosco na batalha.

Será que está pensando em ir embora esta noite?

– Onde ele está agora? Na barraca?

– Acho que não.

– Susana! Vamos procurá-lo.

– Está bem, vamos. É melhor do que ficar acordada.

Muito de mansinho, as duas meninas foram abrindo caminho entre os que dormiam e saíram da tenda. O luar estava claro e reinava silêncio. Susana agarrou-se ao braço de Lúcia de repente:

-Lá!

No extremo oposto do acampamento, onde começavam as primeiras árvores, o Leão dirigia-se lentamente para o bosque. Sem trocar palavra, elas foram atrás.

Aslam afastou-se do vale e continuou a andar. Parecia seguir o mesmo caminho que tinham percorrido durante o dia, quando vieram da Mesa de Pedra. Foi seguindo sempre, levando-as ora para lugares escuros, ora para outros banhados de luar. Os pés das meninas estavam úmidos de orvalho. Aslam tinha uma aparência diferente. Cabeça baixa, cauda caída, caminhava devagar, como se estivesse muito cansado. Ao atravessarem uma clareira, onde não havia sombras nas quais pudessem esconder-se, as meninas viram-no parar e olhar em volta. Não adiantava fugir, então elas foram ao seu encontro.

– Crianças, por que estão me seguindo?

– Não conseguimos dormir – disse Lúcia, sentindo que não era preciso dizer mais nada.

– Por favor, deixe-nos ir com você, a qualquer lugar... – implorou Susana.

– Bem... – E Aslam pareceu refletir. – Vou gostar de ter amigos esta noite. Podem vir... desde que me prometam parar quando eu lhes disser, e me deixem depois continuar sozinho.

– Obrigada, muito... Prometemos!

A marcha prosseguiu: o Leão entre as duas meninas. Como andava devagar! A grande cabeça real ia tão baixa que o nariz quase roçava a relva. A certa altura tropeçou e deixou escapar um gemido.

– Aslam! Aslam querido! – disse Lúcia. – O que há? Por que não nos diz o que tem?

– Está doente, Aslam querido? – perguntou Susana.

– Não. Estou triste. Estou só. Ponham as mãos na minha juba, para que eu sinta que vocês estão aqui, e caminhemos assim.

Foi assim que as meninas fizeram o que, sem licença dele, jamais teriam tido a coragem de fazer; ainda que o desejassem ardentemente, desde o primeiro instante em que o viram... Enfiaram as mãos frias na juba farta, acariciando-a, e foram andando ao lado dele.

Repararam que subiam a encosta do monte sobre o qual estava a Mesa de Pedra. Chegaram à última árvore antes da clareira. Aslam parou e disse:

– Crianças, vocês ficam aqui. Aconteça o que acontecer, fiquem bem escondidas. Adeus!

As duas meninas choraram copiosamente (embora mal soubessem o motivo), agarraram-se ao Leão, deram-lhe beijos na juba, no nariz, nas patas, nos grandes olhos tristes. Depois, ele se afastou e foi sozinho para o alto da colina. Escondidas nas últimas moitas, Susana e Lúcia ficaram espiando.

Vou lhe contar o que elas viram.

Uma imensa multidão estava reunida em torno da Mesa de Pedra. Embora o luar clareasse tudo, muitos traziam tochas, que ardiam com sinistras chamas vermelhas e fumo negro.

Que bicharada! Ogres de dentes monstruosos! Lobos! Homens com cabeça de touro! Espíritos de árvores más e de plantas venenosas! Não falo de outros seres porque, se fizesse isso, as pessoas adultas não o deixariam

ler este livro: vulpinos, bruxas, íncubos, fúrias, horrores, espectros, sátiros, lobisomens... Estavam ali todos os que eram do partido da feiticeira, convocados pelo lobo. No centro, em pé junto da mesa, estava a própria feiticeira.

No momento em que viram o enorme Leão dirigir-se para elas, aquelas criaturas soltaram uivos e grunhidos de terror. Até a feiticeira pareceu por um instante paralisada de medo. Mas dominou-se e deu uma selvagem gargalhada.

– O louco! O louco está chegando! Amarrem bem o louco!

Lúcia e Susana pararam de respirar, aguardando o rugido de Aslam e o ataque ao inimigo. Mas nada! Quatro bruxas, rindo zombeteiras (a princípio, a uma certa distância, receosas de cumprir sua missão), aproximaram-se dele.

– Amarrem o louco, já disse!

As bruxas correram para ele com um uivo de triunfo, ao verem que não oferecia resistência. Anões e macacos malignos chegaram de todos os lados para ajudá-las. Deitaram o Leão de costas. Amarraram-lhe as quatro patas, gritando e dando vivas, como se tivessem cometido um ato de bravura. Claro que, se o Leão quisesse, uma patada seria a morte para eles. Mas ficou quieto, mesmo quando os inimigos rasgaram a sua carne de tanto esticarem as cordas. Depois, começaram a arrastá-lo para o centro da mesa.

– Alto! – disse a feiticeira. – Primeiro, cortem-lhe a juba!

Uma gargalhada mesquinha ressoou quando um ogre, de tesoura na mão, avançou e se pôs de cócoras junto da cabeça do leão. Zip, zip, zip – a tesoura rangia, e montes de caracóis dourados tombavam ao chão. O ogre afastou-se, e, do esconderijo, as meninas puderam ver o rosto de Aslam, pequenino e tão diferente sem a juba! Os inimigos também notaram isso:

– Vejam: não passa de um gatão!

– E é disso que a gente tinha medo?

Rodearam Aslam, zombando dele a valer:

– Miau! Miau! Coitadinho do bichano! Quantos camundongos você papou hoje? Quer um pires de leite, bichinho?

– Que audácia! – disse Lúcia, com lágrimas correndo pelo rosto. – Perversos! Malvados!

Passada a primeira impressão, a cara tosquiada de Aslam parecia-lhe ainda mais valente, mais bela e mais resignada do que nunca.

– Amordacem-no! – gritou a feiticeira. Mesmo agora, quando lhe punham a focinheira, uma dentada dele bastaria para decepar, pelo menos, as mãos de dois ou três. Ao vê-lo amordaçado e amarrado, os mais covardes ganharam ânimo. Por instantes, as meninas nem sequer conseguiram vê-lo, rodeado como estava por aquela horda infernal, que lhe batia, dava pontapés, cuspia-lhe em cima, insultava-o.

Por fim a turba ficou cansada. E o Leão, amarrado e amordaçado, foi arrastado para a Mesa de Pedra, puxado por uns, empurrado por outros. Era tão grande que, mesmo depois de o terem arrastado até lá, só com o esforço de todos foi possível içá-lo e colocá-lo em cima da mesa. Depois, amarraram-no e apertaram-lhe outra vez as cordas.

– Covardes! Covardões! – soluçava Susana. – Será possível que ainda tenham medo dele?

Logo que acabaram de amarrar Aslam à Mesa de Pedra (mas tão amarrado que mais parecia um novelo), fez-se silêncio. Quatro bruxas, aos quatro cantos da mesa, erguiam seus fachos. A feiticeira desnudou os braços, como fizera na noite anterior com Edmundo. Depois, começou a afiar o facão. Quando o brilho do facho caiu sobre ele, Susana e Lúcia acharam que o facão era de pedra e não de aço, e tinha uma forma esquisita e nada agradável.

Por fim a feiticeira aproximou-se. Parou junto da cabeça do Leão. Seu rosto vibrava e contorcia-se de ódio. O dele, sempre calmo, olhava para o céu, com uma expressão que não era nem de ira, nem de medo, um pouco triste apenas. Um momento antes de desferir o golpe, a feiticeira inclinou-se e disse, vibrando com a voz:

– Quem venceu, afinal? Louco! Pensava com isso poder redimir a traição da criatura humana?!

Vou matá-lo, no lugar do humano, como combinamos, para sossegar a Magia Profunda. Mas, quando estiver morto, poderei matá-lo também.

Quem me impedirá? Quem poderá arrancá-lo de minhas mãos? Compreenda que você me entregou Nárnia para sempre, que perdeu a própria vida sem ter salvo a vida da criatura humana. Consciente disso, desespere e morra.

As meninas não chegaram a ver exatamente este último momento. Tinham tapado os olhos.

15

MAGIA AINDA MAIS PROFUNDA DE ANTES DA AURORA DO TEMPO

Ainda cobrindo o rosto com as mãos, as meninas ouviram a voz da feiticeira:

– Sigam-me todos e acabemos com o que resta da batalha. Não será difícil esmagar o verme humano e os traidores, agora que o grande louco, o gatão, está morto.

As meninas passaram por grande perigo. Pois, com gritos selvagens e som de trombetas, aquele restolho da criação partiu em disparada do alto da colina para a encosta, passando rente ao esconderijo. Os espectros foram como um vento gelado; o chão tremeu com o galope dos minotauros. Esvoaçou sobre as cabeças das duas garotas uma grande mancha imunda de abutres e morcegos gigantes. Em outra situação, teriam tremido de medo, mas agora tinham a alma tão cheia de tristeza, vergonha e horror pela morte de Aslam que nem tempo tiveram de ter medo.

Quando tudo se acalmou, Susana e Lúcia foram para o alto descoberto da colina. Ainda era possível distinguir, apesar das nuvens delicadas que ocultavam a lua, o vulto do Leão, que jazia morto nos grilhões. Ambas se ajoelharam na relva molhada, beijaram o rosto frio de Aslam, acariciaram seu bonito pêlo – o que ainda restava dele – e choraram amargamente, até que não puderam mais. Olhando uma para a outra, deram-se as mãos, porque se sentiam sós, e choraram de novo. Depois voltaram a calar-se. Lúcia disse, por fim:

– Não suporto vê-lo com esta horrível mordaça. Conseguiremos arrancá-la?

Tentaram. Depois de muito esforço (tinham os dedos gelados e estava muito escuro) conseguiram. E ao verem o rosto de Aslam sem a focinheira, desandaram a chorar outra vez. E beijos. E carícias. Limparam-lhe o melhor que puderam o sangue e a espuma. Não tenho nem palavras para lhe contar a solidão, o desespero, a desolação daquele momento.

– Será que conseguimos também desamarrá-lo? – perguntou Susana. Mas os inimigos, só de maldade, tinham apertado tanto as cordas, que as meninas não puderam desfazer os nós.

Espero que ninguém que esteja lendo esta história alguma vez na vida tenha sido tão infeliz quanto Susana e Lúcia naquela noite. Mas se você sabe o que é isso, se já passou a noite toda acordado e chorou até acabarem as lágrimas... Então sabe que, no fim, desce sobre a gente uma grande calma. Chegamos até a ter a sensação de que nada mais nos poderá acontecer.

Pelo menos, foi isso o que as duas meninas sentiram. Passaram horas naquela calma absoluta, e nem notaram que estavam ficando regeladas. Mas Lúcia reparou em duas coisas: uma era que o céu sobre a colina estava muito mais claro do que antes, e a outra era que um movimento quase imperceptível percorria a relva a seus pés. A princípio não se importou: já nada importava agora. Mas viu que algo começava a subir pelas pedras verticais que sustentavam a Mesa de Pedra. Qualquer coisa andava agora de um lado para outro sobre o corpo de Aslam. Chegou um pouquinho mais perto. Eram umas coisinhas cinzentas.

– Que horror! – exclamou Susana. – Só faltavam estes ratos horrendos! Monstros! Sumam daqui! – E ergueu as mãos para assustá-los.

– Espere! – disse Lúcia, que os observara com mais atenção. – Repare no que estão fazendo.

Ficaram olhando, inclinadas.

– Parece que... Mas que coisa estranha! Estão roendo as cordas!

– Exatamente! Estes ratinhos são boa gente, coitadinhos... não percebem que ele está morto.

Acham que ainda podem fazer alguma coisa.

Estava bem mais claro agora, e cada uma reparou na palidez da outra, enquanto continuavam a observar os ratos a roer as cordas, dezenas, centenas mesmo, de ratinhos do campo. Por fim, uma a uma, as cordas todas estavam roídas.

O céu estava esbranquiçado no oriente e as estrelas empalideciam também. Menos uma muito grande, perto da linha do horizonte. O frio era mais intenso do que nunca. E os ratinhos desapareceram.

As meninas afastaram o que restava das cordas roídas. Sem elas, Aslam parecia outro. Seu rosto, com a luz progressiva, assumia expressão mais nobre.

No bosque, atrás delas, um passarinho fez um ensaio de gorjeio. Durante horas a fio, o silêncio tinha sido tão completo que elas se assustaram. Depois, outro pássaro respondeu. Daí a pouco as aves cantavam em toda parte.

Já era a madrugada.

– Estou morrendo de frio, Susana.

– Eu também. E se a gente andasse um pouquinho?

Foram ao extremo da colina e olharam para baixo. A grande estrela solitária desaparecera. Toda a paisagem da terra tinha um ar cinzento-escuro; mas, para além, muito longe, lá no fim do mundo, o mar brilhava, pálido. Havia tons róseos no céu. Andaram para lá e para cá, inúmeras vezes, do corpo morto de Aslam ao sopé da colina. Em certo momento, ficaram imóveis olhando para o mar e para o castelo de Cair Paravel, que só agora começaram a distinguir. E enquanto ali estavam, no lugar em que a terra se acaba e o mar começa, o vermelho tornou-se dourado, e o sol começou a surgir devagarinho. Foi quando ouviram um grande barulho, um barulho ensurdecedor de uma coisa que estala, como se um gigante acabasse de quebrar um prato gigantesco.

– Que barulho foi esse? – disse Lúcia, agarrando-se ao braço de Susana.

– Não sei. Estou com medo... estou com medo de olhar...

– Devem ter voltado... Vamos olhar! – E Lúcia virou-se, obrigando Susana a fazer o mesmo.

O sol dera a tudo uma aparência tão diferente, alterando de tal maneira as cores e as sombras, que por um momento não repararam na coisa de fato importante. Até que viram. A Mesa de Pedra estava partida em duas por uma grande fenda, que ia de lado a lado. E de Aslam, nem sombra.

– Oh! Oh! Oh! – gritaram as meninas, correndo para a mesa.

– Isso é demais! Podiam ao menos ter deixado o corpo em paz.

– Mas que coisa é essa? Ainda será magia?

– Magia, sim! – disse uma voz forte, pertinho delas. – Ainda é magia.

Olharam. Iluminado pelo sol nascente, maior do que antes, Aslam sacudia a juba (pelo visto, tinha voltado a crescer).

– Aslam! Aslam! – exclamaram as meninas, espantadas, olhando para ele, ao mesmo tempo as sustadas e felizes.

– Você não está morto?

– Agora, não.

– Mas você não é... um... um...? – Susana, trêmula, não teve a coragem de usar a palavra “fantasma”.

Aslam abaixou a cabeça dourada e lambeu-lhe a testa. O calor de seu bafo era de criatura viva.

– Pareço um fantasma?

– Não! Você está vivo! Oh, Aslam! – gritou Lúcia, e as duas meninas atiraram-se sobre ele com mil beijos.

– Mas explique tudo isso, por favor – disse Susana, ao recuperar um pouco da calma.

– Explico: a feiticeira pode conhecer a Magia Profunda, mas não sabe que há outra magia ainda mais profunda. O que ela sabe não vai além da aurora do tempo. Mas, se tivesse sido capaz de ver um pouco mais longe, de penetrar na escuridão e no silêncio que reinam antes da aurora do tempo, teria aprendido outro sortilégio. Saberia que, se uma vítima voluntária, inocente de traição, fosse executada no lugar de um traidor, a mesa estalaria e a própria morte começaria a andar para trás... E agora...

– E agora? – disse Lúcia, pulando de alegria, batendo palmas.

– Ah, crianças... Já me sinto mais forte. Vamos ver uma coisa: se vocês são capazes de me pegar!

Ficou quieto por um instante, com os olhos brilhando muito, as pernas fremindo de excitação, fustigando-se com a cauda. De um salto, passou-lhes por cima da cabeça e foi cair do outro lado da mesa. Rindo, sem saber de quê, Lúcia subiu à mesa para pegá-lo. Aslam escapou com um pulo. E começou uma corrida louca. Fugia, obrigando-as a correr pela colina, às vezes deixando que elas quase o agarrassem pela cauda. Mergulhava entre as duas, atirava-as ao ar com as patas enormes e aveludadas, para voltar a apanhá-las. Parava de repente, fazendo com que elas se amontoassem no chão, rindo alegremente, numa confusão de braços, pernas e pêlos. Foi uma algazarra daquelas, como não existe fora de Nárnia. Lúcia não sabia bem se estava brincando com um gatinho ou com um furacão. O mais engraçado é que, quando por fim se deitaram ao sol, ofegantes, as duas já não estavam nada cansadas, nem com fome, nem com sede.

– Agora – disse Aslam – vamos ao trabalho.

Acho que vou dar um rugido. Melhor taparem os ouvidos.

Foi o que fizeram. Quando Aslam abriu a boca, seu rosto ficou tão apavorante que não tiveram coragem de olhar para ele. As árvores em frente curvaram-se ao sopro do rugido, como o capim se curva ao vento.

– Temos de andar muito. O melhor é vocês subirem nas minhas costas.

O Leão abaixou-se e as crianças subiram no seu dorso morno e dourado: Susana primeiro, agarrando-se na juba com toda a força; Lúcia depois, agarrando-se firmemente em Susana. O Leão ergueu-se e partiu em disparada, descendo a colina e entrando pela floresta.

Foi talvez a coisa mais fabulosa que lhes aconteceu em Nárnia. Você já galopou num cavalo? Então, faça de conta que vai a cavalo. Elimine o barulho dos cascos, o ranger do freio; imagine as passadas quase silenciosas do Leão. Agora, em vez do dorso preto, cinza ou castanho do cavalo, imagine o pêlo macio e dourado, e a juba esvoaçando ao vento. Imagine também que está galopando duas vezes mais depressa que o mais rápido cavalo de corrida. E não se esqueça de que esta montaria não precisa ser

guiada e que nunca se cansa. Galopa, galopa, sem tropeçar, sem hesitações, abrindo caminho com grande habilidade entre as árvores, saltando arbustos, moitas e riachos, atravessando os mais largos a vau, e a nado os rios maiores. Mas não é cavalgar por uma estrada, nem num parque, nem sequer por uma encosta gramada, mas através de Nárnia, na primavera, ao longo de bosques lindíssimos inundados de sol, entre brancos pomares de cerejeiras em flor, passando por barulhentas cachoeiras, percorrendo gargantas perigosas, descendo, descendo de novo para os vales agrestes e os campos enfeitados de flores azuladas.

Era quase meio-dia quando, do alto de uma vertente escarpada, viram um castelo – parecia um castelinho de brinquedo – todo espetado de torres. Mas o Leão descia a tal velocidade que ele crescia a cada momento. E, antes de qualquer pergunta, já estavam ao pé do castelo. Já não era de brinquedo. Nenhum rosto surgiu nas ameias e os portões estavam fechados. Aslam, sem diminuir a corrida, precipitou-se para ele como uma flecha.

– E a casa da feiticeira! – gritou. – Segurem firme!

E foi como se o mundo virasse de cabeça para baixo. Foi aquele frio gelado na barriga. Pois o Leão tomava distância para o maior salto da história, galgando – voando, posso dizer, por cima da muralha do castelo. Ofegantes, mas sem um arranhão, as duas se viram no centro de um grande pátio cheio de estátuas de pedra.

16

O QUE ACONTECEU COM AS ESTÁTUAS

– Que lugar estranho! – exclamou Lúcia. – Quantos bichos de pedra! E gente também! Parece até um museu!

– Psiu! – fez Susana. – Olhe o que Aslam está fazendo.

Aslam aproximou-se do leão de pedra e soprou. Deu meia-volta, como um gato querendo agarrar o próprio rabo, e soprou também sobre o anão de pedra. Saltou sobre uma grande dríade de pedra, voltou-se rapidamente para um coelhinho petrificado à direita, correu para dois centauros.

– Susana, Susana! Olhe o leão!

Já viu alguém chegar um fósforo aceso a um pedaço de jornal num fogão de lenha? Parece no princípio que não aconteceu nada; depois, você nota uma chamazinha fraca na beirada do papel. Aconteceu uma coisa muito parecida. Durante os primeiros segundos, depois do sopro, o leão de pedra ficou igualzinho. Depois, um fio dourado, muito fraquinho, começou a andar por seu corpo branco de mármore e foi aumentando... Daí a pouco, a cor lambia as costas do leão como o fogo lambe um pedaço de jornal. Por fim, enquanto as patas traseiras continuavam de pedra, o leão sacudiu a juba, e as pesadas ondulações marmóreas que o cobriam ficaram encrespadas, já transformadas em pêlo. Escancarou então a grande boca vermelha, quente e viva, num impressionante bocejo. E já as patas traseiras voltaram à vida. Levantou uma e coçou-se. Vendo Aslam, correu para ele aos pulos de pura felicidade, lambendo o rosto do Rei.

E as estátuas voltaram à vida por todos os lados. O pátio já não parecia um museu: era um jardim zoológico. Seres de todos os tamanhos, de

todas as formas, corriam atrás de Aslam, dançando em torno dele. Desaparecera a brancura de morte: o pátio era festival de cores, com dorsos lustrosos e castanhos de centauros, chifres anilados de unicórnios, plumagens deslumbrantes, o pardo-avermelhado das raposas, cães, sátiros, meias amarelas e capuzes vermelhos de anões. E espíritos de bétulas em túnicas de prata, espíritos de faias envoltos num verde fresco e transparente, espíritos de vidoeiros vestidos de verde tão brilhante que quase parecia amarelo. Sumira o silêncio de cemitério; o pátio ressoava com um som alegre de rugidos, zurros, latidos, uivos, grunhidos, arrulhos, relinchos, gritos, canções e risos.

– Ah-ah! – gemeu Susana, num tom diferente.

– Olhe... Você acha que... que isto é seguro?...

Lúcia olhou e viu que Aslam soprava os pés de um gigante de pedra.

– Está tudo bem – gritou Aslam alegremente. – Quando os pés estão corretos, todo o resto os acompanha.

– Não era isso que eu estava querendo dizer – murmurou Susana para Lúcia.

Mas era tarde demais, mesmo que Aslam tivesse entendido. A força da vida já subia pelas pernas do gigante. Ele mexeu os pés. Levantou o cajado que tinha encostado ao ombro. Esfregou os olhos e disse:

– Que foi isso? Devo ter dormido demais! Ah!

Onde está aquela feiticeira de uma figa?

Tiveram de explicar ao grandão tudo o que havia acontecido. Levou a mão à orelha e fez com que repetissem tudo, até ouvir e entender bem. Depois, inclinou a cabeça à altura de um monte de feno e tirou o boné a Aslam, muitas vezes, com o carão a resplandecer de alegria.

Os gigantes – de todas as raças – são tão raros hoje que há poucos com boa aparência; aposto dez contra um que você nunca viu um gigante com o rosto resplandecente. Mas, pode estar certo, vale a pena ver.

– E agora é lá dentro! – disse Aslam. – Todo o mundo de olho bem aberto. Busca rigorosa em tudo! A gente nunca sabe onde pode estar escondido um pobre prisioneiro.

Foi uma correria. Durante alguns minutos, aquele horrendo castelo, velho, escuro e mofado, ressoou com o ranger das janelas que se abriam e com o eco de vozes que gritavam ao mesmo tempo:

– Não se esqueçam dos calabouços!... Quem me ajuda a arrombar esta porta?... Aqui tem outra escada de caracol... Olhem o coitado do canguru!... Chamem Aslam... Puf, que abafamento!...

Será uma porta falsa?... Tem um bando imenso aqui em cima!...

Mas o melhor de todos os momentos foi quando Lúcia subiu as escadas gritando:

– Aslam! Aslam! Achei o Sr. Tumnus! Depressa, por favor!

Daí a pouco, Lúcia e o pequeno fauno, de mãos dadas, dançavam de alegria. Apesar daquela temporada triste de estátua, ele era ainda o mesmo, muito interessado nas coisas que a menina tinha a contar.

Até que a busca na casa da feiticeira chegou ao fim. O castelo estava vazio de todo. Pelas portas e janelas abertas, entrava a luz, e o ar perfumado da primavera insinuava-se até nos cantos mais escuros e feios. A multidão de ex-estátuas voltou ao pátio. Foi aí que alguém (o Sr. Tumnus, se não me engano) se lembrou de perguntar:

– Mas como iremos sair daqui?

Aslam entrara de um salto; os portões ainda permaneciam fechados.

– Não há problema – disse ele, chamando o gigante. – Como é o seu nome?

– Sou o gigante Rumbacatamau, às suas ordens – disse ele, tirando o boné.

– Pois muito bem, Sr. Rumbacatamau; pode ajudar-nos a sair daqui?

– Com muito prazer – disse o gigante. – A miudagem (isto é, os pequeninos) que se afaste dos portões!

Então avançou para os portões e se ouviu o tan-tan-tan do cajadão. Os portões chiaram ao primeiro golpe, estalaram no segundo, estremeceram no terceiro. Depois, o gigante arremessou-se contra as torres ao lado dos portões; apertou-as e sacudiu-as tanto, durante alguns minutos, que elas, junto com pedaços de muralhas, caíram estrondosamente. Era estranho estar

naquele pátio de pedra e olhar pela abertura, e ver a relva lá fora, as árvores balançadas pelo vento, os riachos cristalinos, as montanhas azuis e o céu.

– Macacos me mordam se não estou suando em bicas! – disse o gigante, ventando como uma locomotiva das grandes. – Falta de treino é isso! Alguma das mocinhas aqui presentes terá, por acaso, aquilo a que dão o nome de lenço?

– Eu tenho – gritou Lúcia, pondo-se nas pontas dos pés e levantando o lenço o mais que pôde.

– Obrigado, menininha – disse Rumbacatamau, inclinando-se para apanhá-lo.

Lúcia levou um dos maiores sustos de sua vida ao sentir-se levantada no ar, como num elevador de obra, entre os dois dedos do gigante. Já estava para tocar no rosto dele quando o gigante deu uma freada brusca e voltou a colocá-la no chão, com muito cuidado, murmurando:

– Mil perdões! Foi engano meu; agarrei a menina pensando que era o lenço.

– Não tem importância – disse Lúcia, rindo. – Aqui está o lenço.

Desta vez, o gigante conseguiu apanhá-lo, mas o lenço era tão pequeno para ele como é para nós um chiclete... Quando a menina o viu esfregando solenemente o lenço de um lado para outro na carantonha vermelha, exclamou:

– Sinto muito... o lenço é tão pequenininho... não vale quase nada, Sr. Rumbacatamau.

– Pelo contrário, pelo contrário – respondeu o gigante, com delicadeza. – Nunca vi um lenço tão distinto... tão jeitoso... e tão... e tão... nem tenho palavras...

– Mas que gigante simpático! – disse Lúcia ao Sr. Tumnus.

– Ah, simpático ele é! – replicou o fauno. – Os Catamaus sempre foram assim. Eram uma das famílias de gigantes mais estimadas em Nárnia. Nunca foram lá muito inteligentes (pelo menos, nunca vi um), mas, sem dúvida alguma, uma das famílias mais antigas. Com muita tradição, compreende. Aliás, se não fosse isso, a feiticeira não ia se dar ao trabalho de transformar um Catamau em pedra.

Aslam bateu as patas e pediu silêncio.

– A nossa tarefa do dia ainda não acabou. Se quisermos derrotar para sempre a feiticeira antes de anoitecer, teremos de encontrar já, já o campo da batalha.

– E espero poder travá-la, senhor! – falou o centauro-maior.

– Evidente! – concordou Aslam. – Avante! Os que não podem acompanhar a marcha (crianças, anões e bichos menores) vão às costas dos outros (leões, centauros, unicórnios, cavalos, gigantes e águias). Nós, os leões, vamos na vanguarda, e os que têm o faro apurado vão conosco, ajudando a localizar o campo de batalha. Depressa, todos a postos!

Com grande alegria e bastante barulho, todos obedeceram. Mas quem estava inchado de contentamento era o outro leão, que corria de um lado para outro, fingindo-se muito atarefado, só para ter a oportunidade de repetir a cada um que encontrava:

– Ouviu o que ele disse? *Nós, os leões!* Ele e eu! Nós, os leões! Por aí você vê por que eu gosto tanto de Aslam. Não se põe lá em cima, não é de bancar o importante. *Nós, os leões!* Ele e eu!

E só parou quando Aslam colocou em cima dele três anões, uma dríade, dois coelhos e um ouriço. Aí, ficou um pouco mais calmo.

Quando estavam todos prontos (foi um grande cão de guarda que ajudou o Rei a colocá-los em forma), saíram pela abertura feita na muralha.

A princípio, os leões e os cães iam farejando em todas as direções, até que de repente um cão encontrou um rasto e soltou um latido. Não perderam mais tempo. Cães, leões, lobos e outros animais de guerra partiram a toda a velocidade, de nariz no chão, enquanto os outros, coitados, em fila quilométrica, iam seguindo como podiam.

O barulho lembrava uma caça à raposa, só que era muito maior. Rugia o leão e, mais aterrador, rugia Aslam. A velocidade aumentava à medida que o rasto se acentuava. Ao chegarem à última curva, num vale estreito e sinuoso, Lúcia ouviu um ruído que dominava os outros todos: um ruído que a fez estremecer por dentro. Eram gritos e uivos e o choque de metal contra metal.

Ao saírem do vale, viu logo do que se tratava. Pedro, Edmundo e todo o resto do exército de Aslam lutavam desesperadamente contra uma imundície de gente, seres hediondos, como os da véspera. À luz do dia, eram ainda mais estranhos, mais malignos e monstruosos. E pareciam mais numerosos.

O exército de Pedro – de costas para ela – parecia uma brincadeira. E havia estátuas espalhadas por todo o campo de luta: a feiticeira certamente usara sua varinha. Mas agora ela lutava com o grande facão de pedra. E era com Pedro que lutava, os dois com tal fúria, que Lúcia mal conseguia ver o que se passava. Só via o facão e a espada cruzarem-se com grande rapidez como se fossem três facões e três espadas. Os dois estavam no meio exato do campo de batalha. De um lado e outro, as fileiras dos combatentes. Não havia lugar onde os olhos não vissem coisas de arrepiar.

– Desçam do “cavalo”, meninas! – gritou Aslam.

Com um rugido que fez tremer a terra de Nár-nia, do lampião às praias do Mar Oriental, o gigantesco bicho atirou-se à feiticeira. Lúcia viu, por um instante, a feiticeira fitando o Leão, cheia de medo. E logo a seguir os dois rolaram pelo chão. Ao mesmo tempo, os animais guerreiros (libertados por Aslam) caíram como loucos sobre o inimigo. Os anões lutavam com machados; os cães, com os dentes; Rumbacatamau, com o seu enorme cajado (sem falar nos pés, que esmagavam dezenas de inimigos); os unicórnios, com os chifres; os centauros, com as espadas e os cascos. O exausto exército de Pedro exultou com o reforço. Os inimigos guincharam. E foi um estrépito no bosque.

17
A CAÇADA AO VEADO BRANCO

Alguns minutos depois, a batalha terminava. A maior parte do inimigo fora destroçada por Aslam e seus companheiros. Os outros, vendo a feiticeira morta, renderam-se ou fugiram em debandada. Lúcia viu, então, Pedro e Aslam apertarem-se as mãos. Inacreditável o ar que Pedro tinha agora: face pálida e grave, um ar muito mais velho.

– Foi tudo obra de Edmundo, Aslam! – disse Pedro. – Se não fosse ele, estávamos derrotados. A feiticeira ia petrificando as nossas tropas. Nada havia que a detivesse. Edmundo, lutando sempre, conseguiu abrir caminho entre os ogres e chegar ao local onde ela acabava de transformar um leopardo em pedra. Ele teve o bom senso de arrebentar a vara mágica com a espada, em vez de atacar diretamente a feiticeira, como os outros vinham fazendo, em vão. Quebrada a vara, começamos a ter alguma chance; mas já tínhamos perdido muitos dos nossos. Edmundo está muito ferido. Vamos procurá-lo.

Encontraram Edmundo num lugar um pouco afastado da linha de combate, entregue aos cuidados da Sra. Castor. Estava coberto de sangue, de boca aberta, e verde, verde.

– Depressa, Lúcia! – gritou Aslam.

Só então, pela primeira vez, Lúcia se lembrou do licor precioso que recebera de presente de Natal. Suas mãos tremiam tanto que mal conseguiu abrir o vidrinho. Tirou a rolha e deixou cair umas gotas nos lábios do irmão.

– Há outros feridos – disse Aslam, enquanto ela continuava com os olhos ansiosamente cravados no rosto pálido de Edmundo, muito desconfiada do efeito do licor.

– Sei disso – respondeu Lúcia, impaciente. – Daqui a um pouquinho eu vou.

– Filha de Eva – disse Aslam, a voz mais severa. – Tem gente morrendo. Quer que morram por causa de Edmundo?!

– Desculpe, Aslam.

Durante meia hora, os dois não tiveram mãos a medir; ela tratava dos feridos, ele restituía a vida aos mortos, isto é, às estátuas.

Edmundo, quando Lúcia pôde voltar até ele, estava de pé, não só curado dos ferimentos, mas com uma aparência bem melhor do que antes. Com uma aparência melhor até do que no tempo em que entrou para a escola e começou a seguir pelo mau caminho. Agora, não. Já podia olhar as pessoas de frente. Por isso mesmo, foi armado cavaleiro, em pleno campo de batalha.

– Edmundo sabe o que Aslam fez por ele? – perguntou Lúcia baixinho a Susana. – Sabe qual era, na verdade, o trato com a feiticeira?

– Boca fechada! Claro que não sabe de nada!

– Não é melhor contar para ele?

– É evidente que não! – respondeu Susana. – Imagine como você iria se sentir se estivesse no lugar dele.

– Mesmo assim, acho que ele deve saber – insistiu Lúcia.

Mas foram interrompidas e a conversa ficou por aí.

Passaram a noite ali mesmo. Não sei dizer onde Aslam arranjou comida para aquela gente toda. O fato é que às oito horas estavam todos sentados na relva, para uma excelente refeição.

No dia seguinte, desceram ao longo do grande rio, chegando à foz ao cair da tarde. O castelo de Cair Paravel erguia-se, altaneiro, no cimo da colina. Em frente, havia areia e pedras, pequenas poças de água salgada, algas, cheiro de mar e ondas azuis e verdes a perder de vista. E, ia-me esquecendo, o grito das gaivotas!

À noite, depois do lanche, as quatro crianças voltaram à praia e tiraram os sapatos e as meias para molhar os pés.

No dia seguinte, porém, a coisa foi muito mais solene. No grande salão de Cair Paravel – um salão formidável, com teto de marfim, uma parede coberta de penas de pavão e uma porta aberta para o mar –, na presença de todos, Aslam coroou-os com toda a cerimônia. E eles sentaram-se nos tronos, entre aclamações ensurdecedoras de “Viva o rei Pedro! Viva a rainha Susana! Viva o rei Edmundo! Viva a rainha Lúcia!”

– Quem é coroado rei ou rainha em Nárnia será para sempre rei ou rainha. Honrem a sua realeza, Filhos de Adão! Honrem a sua realeza, Filhas de Eva! – disse Aslam.

Pela porta aberta para o mar, chegavam as vozes dos tritões e das sereias, que entoavam cânticos em louvor dos novos soberanos, nadando perto da praia.

Assim, as crianças ocuparam seus tronos, empunharam seus cetros e concederam recompensas e honrarias a todos os amigos: a Tumnus, ao Sr. e Sra. Castor, ao gigante Rumbacatamau, aos leopardos, aos centauros bons, aos bons anões e ao leão.

À noite, houve grande festa em Cair Paravel. O ouro reluzia e o vinho corria. A música do mar era como um eco à música da festa, porém mais doce e penetrante.

Justamente quando a alegria estava no auge, Aslam desapareceu sem ninguém perceber. Quando souberam disso, os reis e as rainhas não fizeram comentários. O Sr. Castor já tinha avisado.

– Ele há de vir e há de ir-se. Num dia, poderão vê-lo; no outro, não. Não gosta que o prendam... e, naturalmente, há outros países que o preocupam. Mas não faz mal. Ele virá muitas vezes. O importante é não pressioná-lo, porque, como sabem, ele é selvagem. Não se trata de um leão *domesticado*.

Como você vê, a história está quase acabando. Os dois reis e as duas rainhas governaram Nárnia, e o reinado foi longo e feliz. A princípio gastaram grande parte do tempo destruindo o que restava do exército da Feiticeira Branca. Durante muito tempo ainda, chegaram notícias de que espíritos maus se escondiam nos recantos desconhecidos da floresta. Uma emboscada aqui, uma morte ali, um lobisomem que aparecia, uma bruxa que dava o ar de sua desgraça... Até que toda aquela raça imunda foi

eliminada. E os reis e as rainhas fizeram leis justas, mantiveram a paz, não permitiram que as árvores fosse derrubadas sem necessidade, libertaram os anõezinhos e os sátiros da tirania escolar. De modo geral, acabaram com todos os importunos e intrometidos... as criaturas chatas. E deram força para as pessoas comuns, que só querem viver e deixar que os outros também vivam. Expulsaram os gigantes maus (muito diferentes de Rumbacatamau) do norte de Nárnia, quando estes tiveram a audácia de atravessar a fronteira. Estabeleceram tratados de boa vizinhança e firmaram alianças com os países de além-mar. Visitaram esses países e deles receberam visitas oficiais.

E eles próprios foram crescendo e mudando à medida que o tempo passava.

Pedro ficou um homem alto e parrudo: foi chamado Pedro, o Magnífico. Susana virou uma mulher alta e esbelta, de cabelos negros que chegavam quase aos pés. Foi chamada Susana, a Gentil. Edmundo era mais grave e calado do que Pedro, muito sábio nos conselhos de Estado. E foi chamado de Edmundo, o Justo. Lúcia, esta continuou sempre com os mesmos cabelos dourados e a mesma alegria, e todos os príncipes desejavam que ela fosse a sua rainha. E foi chamada de Lúcia, a Destemida.

Assim viveram em grande alegria. Só lembravam a vida neste mundo de cá como quem se lembra de um sonho.

Um certo ano, Tumnus, já agora um fauno de meia-idade, trouxe notícias de que o Veado Branco voltara a aparecer. O Veado Branco, quando apanhado, trazia consigo a satisfação de todos os desejos.

Os dois reis e as duas rainhas, acompanhados dos principais membros da corte, partiram à caça do Veado Branco nos Bosques do Ocidente, conduzindo cães e fazendo soar as trompas. Não tinham cavalgado muito quando o avistaram. Correram em sua perseguição por montes e vales, por bosques e planícies, até deixarem para trás, cansados, os cavalos dos cortesãos. Só eles quatro continuaram a persegui-lo. Viram o veado desaparecer numa capoeira tão cerrada que os cavalos não conseguiram entrar. Então o rei Pedro disse (sendo reis e rainhas há tantos anos, usavam agora um estilo muito diferente):

– Leais consortes, desmontemos, deixando aqui os nossos corcéis, e sigamos o veado pela floresta; pois nunca meus olhos viram tão nobre

animal.

– Senhor – disseram os outros –, façamos com soante o vosso desejo.

Prenderam os cavalos às árvores e penetraram a pé na floresta cerrada. E mal tinham entrado, quando Susana disse:

– Gentis amigos, eis que vejo uma grande maravilha; parece-me uma árvore de ferro.

– Senhora – replicou Edmundo –, se olhardes bem, vereis que é um pilar de ferro, com uma lanterna em cima.

– Pela Juba do Leão! – exclamou Pedro. – Que idéia é essa, de afixar uma lanterna num local em que as árvores crescem tão juntas e tão alto, que, mesmo acesa, não daria luz a ninguém!

– Senhor – disse Lúcia –, é provável que, quando este poste e esta lâmpada aqui foram colocados, talvez fossem as árvores pequenas, ou poucas, ou nem árvores existissem. Porque este bosque é jovem e o poste é velho. – E ficaram todos olhando para ele. Disse Edmundo:

– Não sei bem o que é, mas aquela lâmpada

faz-me sentir um não sei quê. Não me sai do pensamento que já a vi em outro tempo, como se fosse em um sonho, ou no sonho de um sonho...

– Senhor – responderam todos –, o mesmo acontece a nós.

– E a mim me parece – acrescentou Lúcia – que se passarmos para além do poste e da lanterna, encontraremos estranhas aventuras, ou então haverá grandes transformações em nossas existências.

– Senhora – disse Edmundo –, o mesmo pressentimento me agita o âmago.

– Também a mim, meu excelso irmão – disse Pedro.

– E a mim – declarou Susana. – Por isso, sou de opinião que voltemos sem demora ao sítio onde deixamos os cavalos e deixemos de perseguir o inatingível Veado Branco.

– Senhora – disse Pedro –, perdoai, se vos contradigo. Porque, desde que somos reis e rainhas de Nárnia, jamais encetamos uma alta empresa (batalhas, demandas, feitos de armas e atos de justiça) para depois desistirmos. Sempre levamos a bom termo tudo quanto iniciamos.

– Minha irmã – disse Lúcia –, o nosso real irmão tem razão. Grande vexame seria para nós se, por qualquer terror ou pressentimento, deixássemos de perseguir tão nobre animal, como o que nos propusemos caçar.

– Faço minhas as vossas palavras – declarou Edmundo. – E tão grande é o meu desejo de descobrir o sentido daquele objeto, que nem pela jóia mais rica que possa existir em Nárnia, nem por todas as suas ilhas, eu voltaria atrás, por meu querer.

– Então, em nome de Aslam – disse Susana –, se o desejo de todos vós é esse, continuemos em busca da aventura que nos aguarda.

Assim, reis e rainhas entraram no bosque, e ainda não tinham dado meia dúzia de passos quando notaram que o objeto visto era um lampião. E pouco mais tinham andado quando perceberam que não seguiam entre ramagens, mas entre casacos de peles. E daí a um pouquinho saltavam todos da porta do guarda-roupa para a sala vazia. Já não eram reis e rainhas em traje de montaria, mas simplesmente Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia, nas suas roupas antigas. E era o dia e a hora em que todos tinham entrado no guarda-roupa para se esconderem. D. Marta e os visitantes falavam ainda no corredor, mas, felizmente, nunca chegaram a entrar na sala vazia, e as crianças não foram apanhadas.

E este seria o fim da história se as crianças não se sentissem na obrigação de explicar ao professor por que quatro casacos tinham desaparecido do guarda-roupa. E o professor (um sujeito de fato fora do comum) não lhes disse que deixassem de ser bobos ou de inventar histórias. Acreditou.

– Não! – disse ele. – Realmente. Não creio que valha a pena entrar pelo guarda-roupa para procurar os casacos. Por esse caminho, nunca mais irão a Nárnia. Nem os casacos serviriam para muita coisa agora. Hein? Que tem isso? É claro que um dia vocês voltarão a Nárnia. Quem é coroado rei em Nárnia, será sempre rei em Nárnia. Mas não tentem seguir o mesmo caminho duas vezes. Na verdade, vocês nem devem fazer coisa alguma para voltar a Nárnia. Nárnia acontece. Quando menos esperarem, pode acontecer. E não falem muito sobre o que aconteceu, mesmo entre vocês. Sobretudo, não digam nada aos outros. A não ser se descobrirem que eles próprios visitaram países do mesmo gênero. O quê? Como irão saber? Ora,

ora, não é nada difícil, não se incomodem. Coisas que as pessoas dizem... Até pelo olhar... e lá se foi o segredo. Abram bem os olhos! Céus! O que é que estão ensinando às crianças na escola? E chegamos ao fim das aventuras do guarda-roupa. Mas, se o professor tinha razão, as aventuras em Nárnia estavam apenas começando.

Fim

C. S. LEWIS

O Cavalo e seu Menino

Tradução
Paulo Mendes Campos

Para David e Douglas Gresham

1
SHASTA COMEÇA A VIAGEM

Conta-se aqui uma aventura que começou na Calormânia e foi acabar em Nárnia, na Idade do Ouro, quando Pedro era o Grande Rei de Nárnia e seu irmão também era rei, e rainhas suas irmãs.

Vivia naqueles tempos, numa pequena enseada bem ao sul da Calormânia, um pobre pescador chamado Arriche; com ele morava um menino que o chamava de pai. O nome do menino era Shasta. Quase todos os dias, Arriche saía de manhã para pescar e, à tarde, atrelava o burro a uma carroça e ia vender os peixes no vilarejo que ficava cerca de um quilômetro mais para o sul. Quando a venda era boa, ele voltava para casa com o humor um pouco melhor e nada dizia a Shasta. Mas quando a venda era fraca descobria defeitos no menino e às vezes até o espancava. Sempre havia motivos para achar malfeitos, pois Shasta vivia cheio de coisas para fazer: remendar ou costurar as redes, fazer a comida, limpar a cabana em que moravam...

Shasta não tinha o mínimo interesse pela vila onde o pai vendia o pescado. Nas poucas vezes em que tinha ido lá não vira nada de interessante. Só encontrara gente parecida com o pai: homens barbudos, usando mantos sujos e compridos, turbantes na cabeça e tamancos de pau de bico virado para cima, e que resmungavam entre si uma conversa mole e enjoada. Mas tudo o que existia do lado oposto, no Norte, despertava uma enorme curiosidade em Shasta, pois ninguém jamais ia para lá, e ele próprio não tinha permissão para isso. Quanto se sentava à soleira da porta, remendando as redes, costumava olhar ansiosamente para aqueles lados.

Às vezes perguntava:

- Pai, o que existe depois daquela serra?

Se o pescador estava mal-humorado, dava-lhe um sopapo no pé do ouvido e lhe mandava prestar atenção no trabalho. Se o dia era de boa paz,

Arriche respondia:

- Meu filho, não deixe o seu espírito se perder em divãgações. E como diz um dos grandes poetas: “A atenção é o caminho da prosperidade, e os que metem o nariz onde não são chamados acabam quebrando a cara no pedregulho da miséria.”

Por essa razão, Shasta imaginava que no Norte, além da serra, só podia existir um fabuloso segredo, do qual o pai queria afastá-lo. Mas o pescador nem sequer sabia onde ficava o Norte. E nem queria saber, pois era um *homem prático.*

Um dia chegou do Sul um homem nada parecido com os outros que Shasta conhecera. Montava um grande cavalo malhado, de crina esvoaçante, com estribos e freios de prata. A ponta do elmo saía do centro do seu turbante de seda, e ele usava uma cota de malha. Empunhava uma lança e trazia ao lado uma cimitarra e um escudo de bronze. Seu rosto escuro não causou a menor surpresa a Shasta, pois todos os calormanos também são escuros. Surpresa, sim, causou-lhe a ondulada barba do homem, pintada de vermelho-carmesim e besuntada de óleo perfumado. Pela pulseira de ouro que o estrangeiro usava, Arriche logo viu que se tratava de um *tarcaã,* isto é, um senhor de alta linhagem. Ajoelhando-se diante do cavaleiro, o pescador acenou a Shasta para que fizesse o mesmo.

O estrangeiro pediu pousada para a noite, coisa que Arriche jamais teria a coragem de recusar. O que tinham de melhor foi preparado para a ceia do tarcaã; coube a Shasta, como sempre acontecia quando o pescador recebia alguém, um naco de pão. Nessas ocasiões costumava dormir ao lado do burro, numa cocheira coberta de palha. Como era cedo demais para dormir, Shasta, que jamais aprendera que não se deve ouvir atrás da porta, foi sentar-se de orelha colada a uma fenda que havia na parede de madeira da cabana. Estava curioso para saber o que diziam os adultos. Eis o que ouviu:

- Agora, meu anfitrião - disse o tarcaã -, quero dizer-lhe que estou pensando em comprar-lhe esse menino.

- Meu amo e senhor - respondeu o pescador (e Shasta adivinhou que o pai fazia no momento uma cara ambiciosa) -, que preço poderia convencer este seu servo a vender-lhe o seu único filho? Por que preço tornar escravo quem é carne da minha própria carne? É como diz um dos grandes poetas:

“O sentimento vale mais do que a sopa, e um filho é mais precioso que o diamante.”

- É verdade - respondeu o hóspede com secura - mas um outro poeta também disse: “Quem tenta enganar o sábio, já está tirando a camisa para receber chicotadas.” Não encha essa boca murcha de mentiras. É evidente que esse menino não é seu filho, pois o seu rosto é escuro como o meu, e o rapazinho é claro e bonito como os malditos mas belos selvagens que habitam as distantes terras do Norte.

- Como é certo o ditado - respondeu o pescador - que diz que “espada não entra em escudo, mas contra o olho da sabedoria não há defesa!” Saiba então, meu sublime senhor, que devo à minha extrema pobreza não ter tido nem mulher nem filho. Contudo, no mesmo ano em que o Tisroc - que ele viva para sempre! - iniciou o seu augusto e generoso reinado, numa noite de lua cheia, os deuses fizeram a graça de roubar-me o sono. Levantei-me da enxerga e fui tomar o ar fresco da praia e contemplar o luar sobre as águas. Foi quando percebi um ruído de remos na minha direção e ouvi um choro miúdo. Pouco depois, a maré trazia à praia uma canoa, onde estavam apenas um homem vergado de fome e sede e que parecia ter morrido havia poucos instantes - pois ainda estava quente -, um cantil vazio... e uma criança, que ainda vivia. Sem dúvida, pensei, esses desgraçados conseguiram salvar-se dum naufrágio; por graça dos deuses, o homem matou-se de fome e sede para manter a criança viva, perecendo à vista da terra. Assim, certo de que os deuses nunca deixam de recompensar aqueles que socorrem os infelizes, tocado de piedade, pois este seu servo é homem de coração...

- Pare com esses elogios em causa própria - interrompeu o tarcaã. - Basta saber que você pegou a criança, e já recebeu com o trabalho do menino dez vezes mais do que o pão que lhe deu a cada dia. Isto é evidente. O que interessa é o seguinte: quanto quer pelo menino? Estou cheio do seu palavrório.

Arriche respondeu:

- Muito bem o disse, meu senhor: o trabalho do menino tem sido para mim de inestimável valor. É importante levar isso em conta ao ajustarmos o preço. Pois, é claro, se vender o menino, serei obrigado a comprar ou alugar um outro, capaz de fazer os mesmos trabalhos.

- Dou quinze crescentes por ele - disse o tarcaã.

- Quinze! - bradou Arriche, com uma voz que ficava entre o ganido e o vagido. - Quinze crescentes!? Pelo arrimo da minha velhice!? Pela consolação dos meus olhos!? Não zombe das minhas barbas grisalhas, mesmo sendo o senhor um tarcaã! Meu preço é setenta.

Nessa altura Shasta saiu na ponta dos pés. Tinha ouvido o suficiente; de experiência própria, na vila, sabia bem o que é uma conversa de barganha. Chegava a adivinhar que, no fim das contas, Arriche o venderia por muito mais do que quinze crescentes e muito menos do que setenta. Mas levariam horas para chegar a essa conclusão.

Não vá pensar que Shasta sentiu o que você sentiria, caso ouvisse o seu pai negociando a sua venda como escravo. Primeiro: a vida dele já era bem parecida com a de um escravo e provavelmente o tarcaã o trataria melhor do que Arriche. Depois, aquela história de ter sido encontrado numa canoa dava-lhe novo ânimo e certo alívio. Freqüentemente tinha remorsos por não sentir afeto pelo pescador, pois sabia que um filho deve amar o pai. Não tendo parentesco com Arriche, tirava um peso da consciência, chegando até a imaginar: “Quem sabe não serei filho de algum tarcaã... ou filho até do Tisroc - que ele viva para sempre! -, ou filho de um deus?”

Devaneava assim, sentado na relva à beira da cabana. Duas estrelas já tinham surgido no céu, embora restos do pôr-do-sol ainda clareassem o ocidente. A uma certa distância pastava o cavalo do estrangeiro, amarrado ao anel de ferro da co-cheira do burro. Como se vagueasse, Shasta caminhou até ele e acariciou-lhe o pescoço. O animal continuou arrancando ervas, sem tomar conhecimento.

Uma outra idéia passou pela cabeça do menino: “Seria formidável se esse tarcaã fosse um bom sujeito. Em casa dos grandes senhores há certos escravos que quase não fazem nada. Usam roupas bonitas e comem carne todos os dias. Quem sabe ele me levasse para a guerra e eu tivesse de salvar a vida dele numa batalha; aí ele me daria a liberdade e me adotaria como filho... Aí eu ia ganhar um palácio, uma carruagem e uma armadura... Mas, e se ele for um homem terrível e cruel? Pode ser que me mande trabalhar no campo, acorrentado. Ah, se eu soubesse! Aposto que o cavalo sabe. Pena que não saiba falar.”

O cavalo levantou a cabeça. Shasta tocou-lhe o focinho acetinado, dizendo:

- Seria tão bom se você falasse, companheiro! Por um instante pensou que estava sonhando, pois, com a maior clareza, embora em voz baixa, o cavalo disse:

- Eu falo.

Os olhos de Shasta ficaram quase do tamanho dos olhos do cavalo.

- Mas como é que você aprendeu a falar?

- Psiu! Mais baixo! Aprendi na minha terra, onde quase todos os cavalos sabem falar.

- Onde fica a sua terra?

- Minha terra é Nárnia... Nárnia, a terra feliz das montanhas, dos rios, dos vales floridos, das grutas cheias de musgo, das florestas que vibram com as marteladas dos anões. Oh, como é leve o ar de Nárnia! Uma hora lá vale mais do que mil anos na Calormânia.

A descrição de Nárnia acabou num relincho que mais parecia um suspiro de pesar.

- Como você veio para cá?

- Seqüestro! - respondeu o cavalo. - Roubado, capturado, como você achar melhor. Não passava de um potro. Minha mãe sempre me dizia para nunca ir às encostas do Sul, à Arquelândia. Mas não lhe dei ouvidos. Pela juba do Leão! Estou pagando pela minha loucura. Fiquei escravo dos homens esse tempo todo, ocultando a minha verdadeira natureza, fingindo que sou mudo e estúpido como os cavalos *deles.*

- Por que não lhes contou quem você é?

- Não faria essa loucura! Se descobrissem que sei falar, seria exibido nas feiras. Passaria a ser mais vigiado do que nunca e perderia qualquer esperança de escapar.

- Mas...

- Escute: não vamos perder tempo em conversa fiada. Você quer saber a respeito do meu dono, que se chama Anradin. É um sujeito ruim. Não para mim, pois um bom cavalo custa um bom dinheiro. Mas, quanto a você, seria mais feliz morto hoje à noite do que escravo dele amanhã.

- Ah, então vou fugir! - exclamou Shasta, empalidecendo.

- É o que tem a fazer - replicou o cavalo. - Por que não foge comigo?

- Você também está pensando em fugir?

- Se você vier comigo... É a *nossa* oportunidade, entende? Se fujo sem um cavaleiro, vão pensar que sou um cavalo perdido e me pegam. Com alguém em cima, há uma chance. É aí que você entra. Quanto a você, com essas perninhas (são incríveis essas pernas humanas!) não iria longe. Comigo, porém, não há cavalo neste país que nos apanhe. É aí que eu entro. A propósito, acho que você deve saber montar...

- Mas é claro - respondeu Shasta. - Pelo menos já montei o burro.

- Montou o *quê}* - fungou o cavalo com enorme desprezo. (Nem mesmo chegou a falar, pois os cavalos falantes ficam com o sotaque ainda mais cavalar quando sentem raiva.) E continuou: - Em outras palavras, você sabe montar coisa nenhuma. Isso é ponto contra. Tenho de ensinar-lhe pelo caminho. Já que não sabe montar, pelo menos sabe cair?

- Bem, todo mundo sabe cair.

- Estou dizendo o seguinte: sabe cair e montar de novo, sem chorar, e cair de novo e montar de
novo, sem ficar com medo de voltar a cair?

- Vou tentar, posso tentar - respondeu Shasta.

- Coitado do bichinho! - falou o cavalo num tom mais bondoso. - Esqueci que você é ainda um potro. Vamos fazer de você um excelente cavaleiro. Preste atenção: como só partiremos depois que aqueles dois pegarem no sono, vamos aproveitar o tempo para traçar nossos planos. Meu tarcaã está de viagem para o Norte, para a própria Tashbaan, a grande cidade onde fica a corte do Tisroc...

- Por favor - interrompeu Shasta -, por que você não disse “que ele viva para sempre”?

- E por quê!? - replicou o cavalo. - Fique sabendo que sou um narniano livre! Por que iria usar linguagem de escravo? Não quero que ele viva, e muito menos para sempre. E está na cara que você é um homem livre do Norte. Vamos acabar com esse palavreado sulista! Como ia dizendo, o meu humano está de viagem para Tashbaan, no Norte.

- Isso significa que é melhor a gente ir para o Sul?

- Não acho - respondeu o cavalo. - Ele pensa que sou mudo e burro como os outros cavalos. Se eu fosse mesmo, no momento em que ficasse solto iria correndo para o meu estábulo, para o meu pasto, lá no palácio dele, no Sul, a dois dias de viagem daqui. É onde ele irá me procurar. Mas nunca passará pela cabeça dele que fui sozinho para o Norte. Ele pode imaginar também que alguém nos seguiu até aqui e me roubou.

- Fabuloso! - exclamou Shasta. - Vamos para o Norte. É para o Norte que eu sempre quis ir a
vida inteira.

- Sem dúvida - comentou o cavalo. - É a voz do sangue. Você para mim só pode ser nortista.
Fale baixo... Já devem estar quase dormindo.

- Acho que vou dar uma olhada - sugeriu Shasta.

- Boa idéia, mas tome muito cuidado.
Estava escuro e quieto; o barulho das ondas

Shasta nem notava, depois de ouvi-lo a vida toda, dia e noite. Não havia luz acesa na cabana. Nem ouviu ruído na frente. Na única janela escutou o ronco de sempre do velho pescador. “Engraçado”, pensou, “se tudo correr bem, é a última vez que escuto esse guincho”. Prendendo a respiração, sentindo um pouco de pena (uma pena que não era nada, perto da alegria), Shasta deslizou pela relva até a cocheira do burro, foi tateando até o lugar onde estava escondida a chave, abriu a porta e achou o arreio e as rédeas do cavalo. Beijou o focinho do burro: “Desculpe por não poder levá-lo.”

- Até que enfim - disse o cavalo, quando Shasta voltou. - Já estava meio preocupado.

- Fui buscar suas coisas na cocheira. Como é
que a gente coloca isto?

Por alguns minutos Shasta agiu cautelosamente, evitando tinidos, enquanto o cavalo ia dizendo: “Aperte um pouco mais a barrigueira.” “Tem uma fivela aí mais embaixo.” “Encurte um pouco mais os estribos.” Por fim disse:

- Você vai usar rédeas, mas só para manter as aparências. Enrole a ponta na sela, bem frouxa, para que eu possa mexer à vontade com a

cabeça. Escute: não toque nunca nestas rédeas!

- Mas, então, para que serve isso?

- Em geral, para que me dirijam. Mas, como quem vai dirigir esta viagem sou eu, por favor não mexa nisso aí. Aliás, mais um aviso: não se agarre na minha crina.

- Mas espere aí: se não posso segurar nem nas rédeas nem na crina, onde vou me agarrar?

- Em seus joelhos: é o segredo de quem sabe montar. Pode apertar o meu corpo como quiser; sente-se bem aprumado, cotovelos para dentro. Aliás, o que você fez com as esporas?

- Coloquei nos pés, é claro. Isso eu sei.

- Pois então tire essas esporas dos pés e guarde na sacola. Talvez possa vendê-las em Tashbaan. Pronto? Acho que já pode subir.

- Puxa! Você é muito alto - reclamou Shasta, depois da primeira tentativa de montar.

- Sou um cavalo, só isso - foi a resposta. - Pelo jeito que você monta, diriam que sou um monte de capim. Isso, melhorou. Agüente firme e não se esqueça dos joelhos. Engraçado! Pensar que eu, que conduzi cargas de cavalaria e venci tantas corridas, levo agora na sela uma espécie de saco de batatas! Deixe pra lá e vamos em frente.

Com grande precaução, foram inicialmente na direção oposta, por trás da cabana, onde passava um riacho a caminho do mar, tendo o cuidado de deixar na lama pegadas que apontavam para o Sul. Depois pegaram um trecho da margem coberto de seixos e seguiram para o lado do Norte. A passo, voltaram pelo caminho da cabana, passaram pela árvore e pelo estábulo do burro, deixaram o riacho e sumiram na noite quente.

Tomaram a direção das colinas e chegaram à crista que marcava o fim do mundo conhecido por Shasta; este nada via à frente, a não ser uma relva que parecia não ter fim, um campo aberto sem casa alguma.

- Que beleza de lugar para um galope! - sugeriu o cavalo.

- Não, por favor, ainda não. Por favor, cavalo. Ei, ainda não sei o seu nome.

- Meu nome é Brirri-rini-brini-ruri-rá.

- Não vou aprender isso nunca. Posso chamá-lo de Bri?

- Bem, se não consegue dizer mais do que isso... E o seu nome?

- Shasta.

- Opa! Nomezinho complicado! Mas vamos ao galope. É bem mais fácil do que o trote, pois você não tem de subir e descer. Aperte os joelhos, olho firme entre as minhas orelhas. Não olhe para o chão. Se achar que vai cair, aperte mais os joelhos, empine-se mais. Pronto? Já! Para Nárnia e para o Norte!

2

UMA AVENTURA NA NOITE

Era quase meio-dia quando Shasta acordou, na manhã seguinte, com uma coisa cálida e macia mexendo no seu rosto. Ao abrir os olhos deu com a cara comprida de um cavalo. Lembrou-se dos acontecimentos emocionantes da véspera e sentou-se. Sentou-se e gemeu.

- Ai! Bri, estou todo dolorido. Nem dá para mexer o corpo.

- Bom dia, baixinho. Achei mesmo que você podia estar meio emperrado. Não pode ser dos tombos: caiu somente umas dez vezes, e muito bem, em cima de relvas tão macias que até dava gosto. Você está sentindo é a própria cavalgada. Que tal se comesse alguma coisa? Por mim, já estou satisfeito.

- Comer coisa nenhuma, deixe isso pra lá, deixe tudo pra lá. Mal posso me mexer!

Mas o cavalo continuou a cutucá-lo bem de leve com o focinho e o casco; o jeito foi levantar-se. Shasta olhou em volta: atrás deles havia um pequeno bosque; à frente, a relva pintada de flores alvas descia até a beira de um penhasco. Lá de baixo, bem longe, chegava amortecido o barulho das ondas. Shasta nunca tinha visto o mar de tão alto e nem havia imaginado que ele pudesse ter tantas cores. A costa estendia-se de cada lado, um cabo depois do outro, e nas pontas via-se a espumarada explodir contra os rochedos, sem barulho, por causa da distância.

Gaivotas revoavam. O dia era ardente. Mas a maior diferença para Shasta estava no ar. Faltava qualquer coisa no ar. Acabou descobrindo o que era: faltava cheiro de peixe. Esse ar novo era tão delicioso, que fez de repente com que toda a sua vida passada ficasse distante. Chegou a esquecer por um momento os machucados e os músculos doloridos.

- Bri, você falou algo sobre comida?

- Falei. Deve haver alguma coisa nas sacolas que você pendurou naquela árvore, quando chegamos.

Examinaram as sacolas e o resultado foi animador: um pastel de carne, só que um pouquinho rançoso, figos secos, um pedaço de queijo, um frasco de vinho, e dinheiro - quarenta crescentes ao todo, mais do que Shasta já havia visto a vida inteira.

Enquanto o menino sentou-se com todo o cuidado, recostando-se numa árvore para comer o pastel, Bri deu algumas bocanhadas na relva, só para fazer-lhe companhia.

- Não será roubo gastar esse dinheiro? - perguntou Shasta.

- É verdade - respondeu o cavalo, com a boca cheia de capim. - Nem pensei nisso. Um cavalo livre, um cavalo falante, não rouba... Mas não vejo mal algum, francamente. Éramos prisioneiros num país inimigo. O dinheiro é a nossa presa de guerra. Além disso, de que jeito vamos arranjar comida sem dinheiro? Você é humano e não vai querer comida natural, como capim e aveia, não é?

- Capim e aveia não dá pé, Bri.

- Já experimentou?

- Já. Não desce, de jeito nenhum.

- São tão esquisitões os humanos!

Quando Shasta terminou a refeição (a melhor que já tivera), Bri disse que iria dar uma boa rolada na relva. E assim o fez, colocando-se de pernas para o ar:

- E uma delícia, uma delícia! Devia fazer o mesmo, Shasta. Refresca que é uma beleza.

Shasta caiu na risada, dizendo:

- Você fica tão engraçado de pernas para o ar!

- Engraçado coisa nenhuma - protestou Bri. E levantou-se de repente, erguendo a cabeça e fungando um pouco. - E mesmo engraçado, Shasta?

- Muito. Isso tem alguma importância?

- Você acha que um cavalo falante faz isso? Será que aprendi isso com os cavalos mudos? Vai ser muito desagradável se descobrirem em Nárnia que adquiri maus hábitos. Que acha? Pode falar com toda a franqueza. Acha que os verdadeiros cavalos, os falantes, rolam na relva?

- Como é que posso saber? Eu é que não ia ligar para isso, se fosse você. Temos primeiro é de chegar lá. Sabe o caminho?

- Sei o caminho para Tashbaan. Depois é o deserto. Mas não se assuste, a gente dá um jeito no deserto. Lá teremos a visão das montanhas do Norte. Ninguém nos segura. Imagine só! Para Nárnia e para o Norte! Mas bem que gostaria de já ter passado por Tashbaan. Nosso problema são as cidades.

- Podemos evitar Tashbaan?

- Só se percorrêssemos um longo caminho por dentro, que passa por terras cultivadas e boas estradas, mas não sei o caminho. Não, devemos ir ao longo da costa. Aqui em cima só encontraremos carneiros, coelhos, gaivotas e alguns pastores. Aliás, que tal se a gente fosse indo?

As pernas de Shasta doíam muito, mas colocou os arreios e montou. Bondosamente, Bri marchou com delicadeza a tarde inteira. Quando baixou o crepúsculo, chegaram por veredas íngremes a um vale onde havia um vilarejo. Shasta apeou e entrou na vila para comprar pão, cebola e rabanete. O cavalo deu a volta pelo campo, indo encontrar o menino do outro lado. Passaram a proceder desse modo, uma noite sim, outra não.

Eram grandes dias para Shasta, hoje melhor do que ontem, à medida que seus músculos se enrijeciam e as quedas eram menos freqüentes. Mesmo assim Bri costumava falar que ele parecia um saco de farinha em cima da sela. E ainda dizia:

- Mesmo que não tivesse perigo algum, confesso que teria vergonha de ser visto com você.

Apesar das palavras duras, Bri era um instrutor paciente. Ninguém ensina equitação melhor do que um cavalo. Shasta aprendeu a trotar, a galopar, a saltar e a manter-se na sela, mesmo quando Bri sofreava o passo subitamente ou negaceava para a esquerda ou para a direita; coisas, dizia, que são necessárias numa batalha.

Naturalmente, Shasta pedia-lhe que contasse as guerras de que havia participado com o tarcaã. Bri falava de marchas forçadas, de caudalosos rios vadeados, de embates de cavalarias inimigas, quando os cavalos guerreiam tanto quanto os homens, sendo todos eles impetuosos garanhões, treinados para morder e escoicear. Mas nem sempre queria falar de guerra.

- Não toque neste assunto, rapaz. Eram guerras do Tisroc e nelas entrei como escravo, como um cavalo mudo. Espere para me ver nas guerras de Nárnia, onde combaterei como um cavalo livre entre o meu próprio povo! Aí, sim, teremos guerras que merecem ser contadas. Para Nárnia! Para o Norte! Brá-rá-rá! Bru-ru!

Shasta logo aprendeu a preparar-se para um galope quando ouvia Bri bradar desse jeito.

Depois de viajar semanas e semanas, passando por baías e enseadas, rios e vilas, numa noite de luar cruzaram uma planície com uma floresta à esquerda. O mar, oculto por dunas, ficava à direita, à mesma distância. De repente Bri estacou.

- Algum problema?

- Psiu! - respondeu Bri, esticando o pescoço e contraindo as orelhas. - Está ouvindo? Preste atenção.

- Parece barulho de outro cavalo, correndo entre nós e a mata.

- *E* outro cavalo. E isso não me agrada.

- Quem sabe é um fazendeiro chegando mais tarde?

- Qual nada! Não é um fazendeiro. Nem é cavalo de fazendeiro. Não percebe pelo som? Tem classe. E está sendo montado por alguém que sabe mesmo montar. Vou lhe dizer o que é, Shasta: há um tarcaã na orla da mata. Não está montado em seu cavalo de guerra... é muito ligeiro para isso. É uma égua de raça, é o que lhe digo.

- Agora parou, seja lá o que for.

- Certo, Shasta. E por que ele pára quando paramos? Meu amigo, alguém está nos seguindo, tenho certeza.

- Que vamos fazer? - perguntou Shasta num sussurro. - Acha que ele está vendo e ouvindo a gente?

- Vamos ficar quietos. Há uma nuvem que se aproxima; vamos esperar que a lua fique encoberta. Depois ganharemos a praia no maior silêncio. Na pior das hipóteses, poderemos esconder-nos atrás das dunas.

Quando a nuvem ocultou a lua, saíram, primeiro a passo e depois num trote manso.

A nuvem era maior do que parecia, e a noite ficou bem escura. Quando Shasta julgou que já estavam perto das dunas, um longo rugido se fez ouvir na escuridão à frente, um rugido melancólico e selvagem, que quase fez o coração do menino sair-lhe pela boca. Na mesma hora Bri voltou a galopar para o lado da terra.

- Que é isso?

- Leões! - respondeu Bri, sem mudar a passada ou virar a cabeça. Depois de um estirão, chapinharam dentro de um riacho raso e Bri deu uma parada. Suava e tremia.

- A água deve ter confundido o faro da fera suspirou Bri ao recuperar um pouco o fôlego. - Podemos ir andando. Shasta, estou com vergonha de mim. Estou tão apavorado quanto um cavalo comum dos calormanos. Verdade mesmo. Não me sinto um cavalo falante. Não dou a menor importância para flechas e lanças, mas não suporto... aquelas criaturas. Acho que vou dar mais um trote.

Um minuto mais tarde galopava novamente, pois o rugido reaparecera, desta vez à esquerda, vindo da mata.

- São dois! - gemeu Bri.

Depois de galoparem alguns minutos sem que houvesse outros rugidos, Shasta falou:

- Aquele outro cavalo está galopando perto de nós.

- M... melhor - arquejou Bri. - Tarcaã nele... espada... pro... protege a gente.

- Mas Bri! A gente vai morrer também, se nos pegarem. Eu, pelo menos. Vão me enforcar como ladrão de cavalo.

Sentia menos medo de leão do que Bri, pois nunca havia encontrado um.

Bri apenas fungou, encostando-se mais para a direita. Estranhamente, o outro cavalo pareceu encostar para a esquerda; e assim, em poucos segundos, o espaço entre os dois tinha ficado bem maior. Foi quando ouviram mais dois rugidos de leão, um à direita, outro à esquerda. Os cavalos reaproximaram-se. Os rugidos eram terrivelmente próximos, e as feras pareciam acompanhar perfeitamente o galope dos cavalos. A nuvem

descobriu a lua e tudo se iluminou como se fosse dia claro. Os dois cavalos e os dois cavaleiros corriam quase de cabeças coladas, como se estivessem disputando uma corrida. Aliás (como disse Bri mais tarde), nunca se viu na Calormânia uma corrida tão sensacional.

Shasta já se dava por perdido e começava a pensar se os leões matam de uma vez ou se brincam com a vítima como faz o gato com o rato. Dói muito? Ao mesmo tempo (isso às vezes acontece nos piores momentos) observava tudo. Notou que o outro cavaleiro era uma pessoa pequena e delgada, vestindo uma cota de malha, na qual se refletia o luar. Montava maravilhosamente bem e não tinha barba.

Alguma coisa lisa e brilhante estendia-se diante deles. Antes que Shasta tivesse tempo de pensar, sua boca estava cheia de água salgada. A coisa brilhante era um comprido braço de mar. Ambos os cavalos nadavam, e Shasta sentia a água nos joelhos. Ao ouvir um rugido enraivecido, olhou para trás, e percebeu uma enorme figura peluda agachada à beira d'água - só uma. Achou que o outro leão desaparecera.

O leão parecia achar que as presas não valiam um banho: não fez a menor tentativa de continuar a perseguição. Os dois cavalos, lado a lado, estavam agora no meio do braço de mar, e a praia oposta podia ser vista com nitidez. O tarcaã nada dissera ainda. Shasta imaginava o que iria falar quando chegassem do outro lado. Precisava inventar uma história. De repente, duas vozes falaram a seu lado.

- Que cansaço! - disse uma voz.

- Bico calado, Huin! - disse a outra.

"Estou sonhando", pensou Shasta. "Sou capaz de jurar que aquele cavalo falou."

Daí a pouco os cavalos já andavam em terra sobre seixos, a água escorrendo de seus corpos. O tarcaã, para espanto de Shasta, não mostrou o menor desejo de fazer perguntas. Nem mesmo olhou para ele; só manifestava a firme intenção de manter o cavalo em frente. Bri, no entanto, chegou para perto do outro animal, dizendo:

- Bru-ru-rá! Pare aí. Não adianta fingir, madame. Ouvi você falar. E uma égua falante, uma égua de Nárnia.

- Que tem você com isso, se ela é de Nárnia? - disse o estranho cavaleiro com ferocidade, agarrando-se ao punho da espada. Mas a voz revelou a Shasta uma novidade.

- Ora, vejam! É uma menina, só uma menina!

- E o que tem você com isso, se sou só uma menina? Você é só um menino: um meninozinho maleducado... Na certa um escravo que roubou o cavalo do dono.

- Tem certeza? - disse Shasta.

- Não se trata de um ladrão, tarcaína - disse Bri. - Se houve roubo, quem roubou o menino fui eu. Quanto a *não ter nada com isso*, não deveria esperar que eu cruzasse por uma dama de minha própria pátria, em país estrangeiro, sem lhe dirigir a palavra. Nada mais natural, creio.

- Também acho isso muito natural - disse a égua.

- Acho que você deve é ficar calada, Huin - disse a menina. - Veja só que trapalhada já arranjou!

- Não sei de nenhuma trapalhada - disse Shasta. - Pode sumir a hora que quiser. Não vamos segurar ninguém.

- Claro que não.

- Como brigam esses humanos! - falou Bri para Huin. - São teimosos como uns burros. Vamos ver se nós dois podemos conversar direito. Será a sua história igual à minha? Apanhada na juventude... anos de escravidão entre os calormanos?

- É verdade - respondeu a égua com um relincho.

- E talvez agora... a fuga?

- Diga a esse sujeito, Huin, para não meter o nariz onde não é chamado - disse a menina.

- Eu não, Aravis - falou a égua, botando as orelhas para trás. - Esta fuga é minha também, não apenas sua. Além disso, tenho absoluta certeza de que um nobre guerreiro, como este cavalo, será incapaz de trair-nos. Estamos tentando fugir para Nárnia.

- Nós também - respondeu Bri. - Já devia ter imaginado isso. Um menino em farrapos, montando - ou tentando montar - um cavalo de guerra

na calada da noite, só poderia ser uma fuga. E uma tarcaína de alta linhagem, metida na armadura do irmão e louca para que ninguém se meta com ela, se isso não é meio suspeito podem me chamar de cavalo de circo.

- Pois, então, muito bem! - disse Aravis. - Adivinhou! Estamos fugindo. Estamos tentando chegar a Nárnia. E daí?

- Bem, nesse caso, o que nos impede de ir juntos? - disse Bri. - Estou certo, madame Huin, de que aceita a proteção que poderei oferecer-lhe durante a jornada...

- Quer parar de falar com a minha montaria e dirigir-se a mim? - protestou a menina.

- Queira desculpar, tarcaína - respondeu Bri, com um ligeiríssimo tremor de orelha -, mas isso é conversa de calormanos. Somos narnianos livres, Huin e eu; e acho que, se você está fugindo para Nárnia, também desejará o mesmo. Neste caso, Huin não é mais a sua montaria. Podemos até dizer que *você* é a *humana* de Huin.

A menina abriu a boca para responder mas desistiu. Evidentemente ainda não tinha visto a coisa sob esse aspecto.

- De qualquer modo - falou, depois de uma
pausa -, não vejo muita vantagem em irmos juntos. Será que assim não chamaremos mais a atenção?

- Menos - respondeu Bri.

- Ora, vamos juntos - disse a égua. - Vou-me sentir muito melhor. E, além disso, nem sequer estamos certas do caminho a seguir.

- Brí - interveio Shasta -, é melhor deixá-las. - Está se vendo que não desejam a nossa companhia.

- Pelo contrário - disse Huin.

- Escute aqui - disse a menina. - Não me importo de ir com você, Sr. Cavalo de Guerra... Mas, e o menino? Como vou saber se ele é ou não é um espião?

- Por que não diz logo que não sou digno da sua companhia? - perguntou Shasta.

- Calma, Shasta - disse Bri. - A dúvida da tarcaína é muito razoável. Respondo pelo menino, tarcaína. Tem sido fiel e amigo. Só pode ser de Nárnia ou da Arquelândia.

- Bem, vamos juntos. - Mas Aravis nada disse para Shasta; era óbvio que desejava somente a companhia de Bri.

- Magnífico! - exclamou Bri. - Agora, que a água nos defende daqueles pavorosos bichos, que tal se os dois humanos tirassem as nossas selas para um bom descanso? Precisamos conversar sobre as nossas histórias.

Livres das selas, os cavalos comeram um pouco de capim, enquanto Aravis retirava do seu

alforje maravilhosas coisas de comer. Mas Shasta, amuado, recusou: “Não, obrigado, não estou com fome.” Tentou manter uma pose importante e indiferente, mas choupana de pescador não é lugar muito adequado para uma criança aprender a fazer pose: o resultado foi um fiasco.

Quando percebeu que a sua encenação não estava fazendo o menor sucesso, ficou ainda mais amuado e sem jeito. Os cavalos, pelo contrário, estavam se dando às mil maravilhas. Relembravam os mesmos lugares de Nárnia - “os relvados do Dique dos Castores”- e acabaram descobrindo que eram meio aparentados. Isso agravou ainda mais a situação dos humanos, até que Bri acabou dizendo:

- Agora, tarcaína, conte-nos a sua história. E não tenha pressa... Estou me sentindo tão bem...

Aravis não fez cerimônia. Sentou-se quase imóvel e começou a falar, num tom de voz e num linguajar bem diferentes. Pois acontece o seguinte: na Calormânia, *aprende-se* a contar uma história (seja ela verdadeira ou inventada), assim como você aprende na escola a fazer redações. A diferença é que as pessoas gostam de ouvir histórias, mas nunca soube de alguém que gostasse de redações.

3
ÀS PORTAS DE TASHBAAN

Disse a menina:

- Meu nome é Aravis Tarcaína e sou a única filha de Kidrash Tarcaã, que é filho de Rishti Tarcaã, filho de Kidrash Tarcaã, filho de Ilsombreh Tisroc, filho de Ardeeb Tisroc, que descendia diretamente do deus Tash. Meu pai é o senhor da Província de Calavar, e lhe é concedido o direito de permanecer calçado quando está na presença do próprio Tisroc - que ele viva para sempre! Minha mãe - que chova sobre ela a bênção dos deuses - é falecida, e meu pai casou-se pela segunda vez. Um de meus irmãos pereceu num combate contra os rebeldes, e o outro é ainda uma criança. Sucede que a esposa do meu pai, minha madrasta, me odiava, e escuro era o sol a seus olhos enquanto morei na casa paterna. Assim posto, ela persuadiu o meu pai a prometer-me em casamento a Achosta Tarcaã. Acontece que esse Achosta é de origem plebéia, apesar de ter obtido, nestes últimos anos, o favor do Tisroc - que ele viva para sempre! -, por artes de lisonja e maus conselhos; só assim foi feito tarcaã e senhor de muitas cidades, e não é impossível que seja escolhido grão-vizir, quando morrer o atual. Além do mais, tem pelo menos uns sessenta anos de idade, é corcunda e parece um orangotango. Mesmo assim, meu pai, por força da fortuna e do poder desse Achosta, e persuadido pela mulher, enviou mensageiros que me ofertaram em casamento; a oferta foi aceita, e Achosta comprometeu-se a casar comigo ainda no verão deste ano.

“Quando as novas chegaram a meus ouvidos, escuro se fez o sol a meus olhos; recolhi-me ao leito e chorei durante um dia. No segundo dia, no entanto, levantei-me e lavei o rosto; mandei selar a minha égua Huin e saí sozinha a cavalgar, levando comigo a adaga afiada que meu irmão usara na guerra. Quando perdi de vista a mansão de meu pai e cheguei a um bosque relvado, sem moradia de homem, apeei e retirei a adaga. Abri as minhas vestes onde julgava ser o caminho mais certo ao coração e implorei

a todos os deuses que me conduzissem para junto de meu irmão, tão logo me fosse. Fechei os olhos, cerrei os dentes, preparando-me para enterrar a adaga no peito. Antes que o fizesse, esta égua falou, com a mesma voz das filhas dos homens. Falou e disse: “Minha ama, não se destrua, pois, se viver, ainda poderá alcançar o favor do destino; mas os mortos são iguais a todos os mortos.”

- Não falei tão bonito assim - murmurou a égua.

- Silêncio, madame, silêncio - interferiu Bri, que estava apreciando muito a história. - Ela está narrando no mais puro estilo calormano, e nenhum poeta oficial da corte do Tisroc o faria melhor. Rogo-lhe que prossiga, tarcaína.

- Quando ouvi a linguagem dos homens utilizada pela minha égua - continuou Aravis -, disse de mim para mim: “O pavor da morte desmantelou a minha razão e me faz presa de ilusões.” E cobri-me de vergonha, pois ninguém da minha linhagem deve temer a morte mais que à picada de um mosquito. Voltei-me, portanto, ao sacrifício; mas Huin aproximou-se, colocando a cabeça entre mim e a adaga, alentando-me com as razões mais excelentes, ralhando comigo como faz a mãe com o filho. Dessa feita meu espanto foi tão grande que esqueci de matar-me, e esqueci-me de Achosta, dizendo: “Onde aprendeu, bicho, a usar a linguagem das filhas dos homens?” E Huin contou-me o que é do conhecimento de toda esta assembléia, que em Nárnia há bichos que falam. E narrou ainda como foi roubada de lá, ainda no verdor dos anos. Falou-me também das águas de Nárnia, dos castelos, dos grandes navios, até que eu própria lhe disse: “Em nome de Tash, de Azaroth e de Zardena, Senhor e Senhora da Noite, sinto em mim grande aspiração de conhecer Nárnia.” Ela respondeu: “Minha ama, em Nárnia seria feliz, pois, nessa terra, jovem alguma é obrigada a casar-se contra a vontade.” E, depois de termos conversado durante logo tempo, a esperança retornou-me ao coração e alegrei-me de estar viva. Planejamos a nossa fuga, e assim o fizemos. Voltamos para a casa paterna e vesti as minhas roupas mais alegres; dancei e cantei diante do meu pai, fingindo-me encantada com o matrimônio. Disse-lhe ainda: “Pai-meu-e-deleite-dos-meus-olhos, conceda-me a permissão de ir aos bosques com uma donzela para que eu, durante três dias, possa fazer secretos sacrifícios a Zardena, como é o costume.” Ele respondeu: “Filha-mi-nha-e-deleite-dos-meus-olhos, que assim o faça.” Assim que me retirei, procurei

imediatamente o mais velho dos escravos do meu pai, escriba seu, que me pusera sobre os joelhos na tenra infância e me amava mais que ao ar e à luz. Sob juramento de segredo, pedi-lhe que me escrevesse uma carta. Ele chorou, implorando-me que mudasse de resolução, mas acabou dizendo: “Ouvir é obedecer.” E fez o que eu pedira. E selei a carta e escondi-a no seio.

- Que carta era essa? - perguntou Shasta.

- Fique calado, jovem - disse Bri -, ou você estraga a história. Ela fará referência a essa carta no momento adequado. Prossiga, tarcaína.

- Chamei a serva que deveria acompanhar-me ao bosque para o sacrifício e pedi-lhe que me despertasse bem cedo na manhã seguinte. Folgamos e dei-lhe vinho para beber, ao qual havia adicionado coisas que a fariam dormir uma noite e um dia. Assim que adormeceram todos os serviçais, levantei-me e vesti a armadura do meu irmão, conservada no meu quarto em sua memória. Coloquei no cinto todo o dinheiro de que dispunha e algumas jóias, abastecendo-me igualmente de alimentos. Eu mesma selei a égua e iniciei a cavalgada no segundo estágio da noite. Não me dirigi para os bosques, aonde meu pai acreditava que decerto eu iria, mas tomei o caminho do norte e do oriente, que leva a Tashbaan. Por três dias pelo menos meu pai não me buscaria, ludibriado pelas minhas palavras. No quarto dia chegamos à cidade de Azim Balda, que fica no cruzamento de muitas estradas. De lá o correio do Tisroc - que ele viva para sempre! - parte em velozes cavalos para todos os recantos do império. É privilégio dos mais altos tarcaãs utilizar esse correio. Procurei então o mensageiro-chefe, no Correio Imperial de Azim Balda, e disse-lhe: “Despachante de mensagens, eis aqui uma carta do meu tio Achosta Tarcaã para Kidrash Tarcaã, Senhor de Calavar. Tome cinco crescentes e que a mensagem chegue ao destinatário.” Respondeu o mensageiro: “Ouvir é obedecer.” Essa carta fora escrita como se fosse de Achosta, e o seu conteúdo era o seguinte: “De Achosta Tarcaã para Kidrash Tarcaã, com reverência e votos de paz. Em nome de Tash, o irresistível, o inexorável. Que seja do vosso conhecimento que, ao empreender minha jornada até a vossa mansão, a fim de satisfazer o contrato de matrimônio entre mim e a vossa filha, Aravis Tarcaína, foi da vontade do destino e dos deuses que eu deparasse com ela na floresta, já ao fim dos ritos e sacrifícios a Zardena, de acordo com o costume das donzelas. Ao saber quem era a jovem, transtornado por sua

beleza e compostura, incendiei-me nas labaredas do amor, e pareceu-me que o Sol ficaria escuro aos meus olhos, caso as nossas bodas não se realizassem naquele mesmo momento. Assim sendo, dispus os sacrifícios exigidos e casei-me com a vossa filha na hora mesma em que a encontrei. Com ela, pois, regressei ao meu lar. Ambos rogamos agora pela vossa urgente presença, a fim de que possamos desfrutar da graça do vosso rosto e da vossa palavra. E para que me oferteis igualmente o dote de vossa filha, o qual, em face de meus compromissos e de minhas grandes despesas, solicito sem delongas. E como somos, vós e eu, como dois irmãos, bem certo estou de que não provocará a vossa ira o intempestivo das minhas núpcias, ato pelo qual se responsabiliza inteiramente o amor que me moveu à vossa filha. Recomendo-vos à proteção de todos os deuses". Feito tudo isso, saí a galope de Azim Balda, sem temer qualquer perseguição, certa de que meu pai, ao receber aquela carta, enviaria mensagem a Achosta, ou iria pessoalmente; assim, quando a verdade fosse descoberta, estaria eu além de Tashbaan. Esta é a minha história até a noite em que fui perseguida pelos leões e me encontrei com vocês em um braço de mar.

- E que aconteceu com a moça... a moça do vinho com *coisas?* - perguntou Shasta.

- Deve ter sido espancada por ter dormido até tarde - disse Aravis, calmamente. - Tratava-se de uma espiã da minha madrasta. Se bateram nela, ótimo.

- *Muito bonito!*

- Fique sabendo que nada do que fiz tinha por objetivo agradar a *você* - falou Aravis.

- Mas há uma outra coisa que não entendo - replicou Shasta. - Você é muito nova para casar! Deve ser mais ou menos da minha idade! Como é que é essa história de *casar?*

Aravis não deu atenção, mas Bri interveio:

- Shasta, não demonstre a sua ignorância. É na idade de Aravis que as grandes famílias tarcaãs casam as moças.

Shasta ficou vermelhinho (mas ninguém notou, pois já estava bastante escuro) e encabulou-se.

Aravis pediu a Bri que contasse a sua história. Shasta achou que o cavalo exagerou um pouco no capítulo dos tombos e do cavaleiro aprendiz. Bri divertiu-se com isso, mas Aravis permaneceu séria. E foram todos dormir.

No dia seguinte prosseguiram a viagem. Shasta não estava satisfeito, pois agora Bri e Aravis é que trocavam idéias e recordações. Bri havia morado por muito tempo na Calormânia e sempre vivera entre tarcaãs e cavalos de tarcaãs, conhecendo muitas pessoas e lugares familiares a Aravis. Ela dizia o tempo todo coisas deste tipo: “Mas se você esteve na Batalha de Zalindreh deve ter visto o meu primo Alimash.” E Bri respondia: “É claro, Alimash; mas Alimash era apenas comandante das carruagens, entende, e eu não tinha muita relação com cavalos de carruagem. Cavalaria é outra coisa! Mas era um nobre cavaleiro. Encheu a minha sacola de açúcar depois da tomada de Tisbé.” Ou Bri dizia: “Passei aquele verão no lago de Bambulina.” E Aravis: “Ó, Bambulina! Tenho uma amiga lá, Lasaralina Tarcaína. Que beleza de lugar! Aqueles jardins! E o Vale dos Mil Perfumes!”

Bri não tinha o propósito de deixar Shasta *de fora,* mas este às vezes chegava a pensar isso. Pessoas que conhecem muito as mesmas coisas são quase incapazes de mudar de assunto, e quem não está *por dentro* se sente deixado de lado.

Huin, meio tímida na presença de um grande cavalo guerreiro, pouco falou. E Aravis não dirigiu a palavra a Shasta.

E já era hora de pensar em coisas mais importantes. Aproximaram-se de Tashbaan. Surgiam vilas maiores e mais pessoas nas estradas. Viajavam agora quase a noite toda e escondiam-se durante o dia. Sempre que paravam, falavam e discutiam sobre o que deveriam fazer ao chegar a Tashbaan. Tinham adiado o problema, mas agora não tinha mais jeito. Durante as discussões, Aravis foi ficando um pouquinho, só um pouquinho, mais amistosa com Shasta. Fazer planos em conjunto ajuda a melhorar as nossas relações com outras pessoas.

Para Bri, o principal agora era marcar um lugar para se encontrarem, caso, por azar, tivessem que se separar ao atravessar a cidade. O melhor lugar, a seu ver, era a orla do deserto, onde se erguiam as Tumbas dos Antigos Reis. Explicou:

- As tumbas são pedras enormes, parecendo colméias gigantescas; ninguém pode se enganar. E o melhor de tudo é que os calormanos não se aproximam do lugar, temendo os morcegos vampiros.

Aravis queria saber se de fato os vampiros existiam ou não. Bri respondeu que, sendo um narniano autêntico, não acreditava nessas baboseiras. Shasta afiançou que também ele não era um calormano e, por isso, não dava a mínima para tais lendas de vampiros. Não era bem verdade. Mas Aravis ficou bastante impressionada com isso (um pouco chateada também) e afirmou que pouco se importava com os morcegos, fossem quantos fossem.

Assim ficou decidido que as tumbas serviriam de lugar de encontro, do lado de lá de Tashbaan. Todos já achavam que estava tudo muito bem quando Huin, humildemente, sugeriu que o problema verdadeiro não era saber aonde iriam depois de passar por Tashbaan, mas *como* passariam por Tashbaan.

- Vamos deixar isto para amanhã, madame - falou Bri. - É hora de dormir um pouco.

Mas não foi fácil decidir. Aravis sugeriu inicialmente que cruzassem o rio a nado durante a noite, sem entrar na cidade. Bri tinha dois argumentos contra isso. Primeiro: o rio era largo demais para Huin cruzá-lo a nado, especialmente carregando uma pessoa. (Achava que era largo demais também para ele, mas sobre isto fez ligeiras referências.) Segundo: se houvesse um navio passando e alguém os visse, estaria tudo perdido.

Shasta opinou que cruzassem o rio além de Tashbaan, onde talvez fosse mais estreito. Bri teve de explicar que ali existiam parques e casas de veraneio, onde moravam tarcaãs e tarcaínas. Não poderia haver lugar melhor se a intenção fosse entregar Aravis aos bandidos.

- Precisamos usar um disfarce - disse Shasta. Huin disse que, no seu modesto entender, o

melhor seria atravessar a cidade de porta a porta, pois é mais fácil passar sem ser notado na multidão. Mas aprovava também a idéia do disfarce.

- Os dois humanos devem vestir-se de trapos, como camponeses ou escravos. A armadura de Aravis e as selas devem ser metidas em trouxas e

colocadas em cima de nós; assim todos pensarão que somos animais de carga.

- Minha boa Huin! - interveio Aravis, quase com desprezo. - Você acha que alguém tomaria Bri por um animal de carga? Não há disfarce possível, minha querida!

- Creio que sou da mesma opinião - disse Bri, fungando e repuxando a orelha um pouquinho para trás.

- É, sei que o meu plano não é tão bom assim - concordou Huin -, mas acredito que seja a nossa chance. Quanto a nós, eqüinos, já faz tanto tempo que não recebemos cuidados, que nem parecemos ser de tão alta linhagem; eu, pelo menos, sei que não. Se a gente se lambuzasse de lama e entrasse na cidade de cabeça baixa, quase sem levantar os cascos, talvez não fôssemos notados. Também nossas caudas têm de ser cortadas mais curtas: não certinhas, entendem, mas tudo esfiapado...

- Minha boa senhora - disse Bri -, já imaginou como seria desagradável chegar a Nárnia *nessas* condições?

- Bem - respondeu Huin com humildade (era uma égua muito sensata) -, o importante mesmo é chegar a Nárnia.

Apesar dos pesares, o plano de Huin acabou sendo adotado. Envolvia certos riscos. Uma fazenda ficou sem alguns sacos de linhagem; outra, sem um rolo de corda. Os andrajos masculinos de Aravis tiveram de ser comprados numa vila. Shasta os trouxe em triunfo no fim da tarde, enquanto os outros o aguardavam na mata de uma serra - a última, pois na outra vertente começava a descida para Tashbaan.

À noite galgaram a serra por uma trilha aberta na mata por algum lenhador. Do alto viram milhares de luzes lá no vale. Shasta assustou-se, pois não tinha a menor noção do que fosse uma grande cidade. Comeram alguma coisa e depois dormiram. Na manhã seguinte, bem cedinho, foram acordados pelos cavalos. Ainda luziam algumas estrelas, e o ar estava úmido e frio. Aravis deu um pulo até a mata e voltou de lá muito engraçada em seus andrajos, trazendo as outras roupas numa trouxa. Esta, mais a armadura, o escudo, a cimitarra, as selas e outros objetos foram colocados dentro dos sacos. Bri e Huin já estavam tão sujos e desalinhados quanto

possível; faltava apenas encurtar as caudas. A cimitarra era o único instrumento disponível. Não foi fácil e doeu um bocado.

- Palavra! - disse Bri. - Se não fosse um cavalo falante, daria um bom coice na cara de quem fez isso! Parece que vocês não cortaram, mas arrancaram a minha cauda!

Amarrados os sacos às costas dos cavalos e atadas as cordas (no lugar das rédeas), a jornada começou. Disse Bri:

- Lembrem-se: vamos fazer o possível para ficar juntos. Caso contrário nos encontramos nas Tumbas dos Antigos Reis; quem chegar primeiro deve esperar os outros.

- Lembrem-se também, Huin e Bri, de que vocês são cavalos e de que os cavalos por estas bandas não falam - foi a recomendação de Shasta.

4

SHASTA ENCONTRA OS NARNIANOS

A princípio Shasta só distinguiu no vale um vasto mar de névoa, com algumas cúpulas e pináculos erguendo-se a partir dele; à medida que clareava o dia e ia sumindo a névoa, pôde ver melhor. Um rio largo dividia-se em dois braços: na ilha entre eles ficava a cidade de Tashbaan, uma das maravilhas do mundo. Ao redor da ilha, erguiam-se altas muralhas, encimadas por tantas torres que Shasta logo desistiu de contá-las. Dentro das muralhas, a ilha erguia-se em uma colina, e por toda parte, desde o palácio do Tisroc até o grande templo de Tash, no alto, elevavam-se edifícios, terraços e mais terraços, ruas e ruas, estradas que ziguezagueavam, jardins suspensos, balcões, arcadas, ameias, minaretes, pináculos. Quando finalmente o sol nasceu no mar e a cúpula de prata do templo refletiu a luminosidade, Shasta ficou meio ofuscado.

- Em frente - repetia Bri.

As margens do rio eram a tal ponto cheias de jardins que mais pareciam florestas, até que, ao se aproximar, distinguiam-se entre as árvores as paredes de numerosas casas. Shasta sentiu um delicioso perfume de flores e frutos. Um quarto de hora mais tarde, pisavam uma estrada margeada de muros e árvores.

- Estou achando este lugar maravilhoso! - disse Shasta com assombro.

- Não se pode negar - disse Bri -, mas preferia que a gente já estivesse do outro lado da cidade.

Neste momento ouviu-se um ruído grave e late-jante, que aos poucos tornou-se mais e mais agudo, dando a impressão de que todo o vale vibrava. Era barulho de música, mas tão forte e solene que chegava a dar um pouco de medo.

- São trombetas ordenando que se abram os portões da cidade - explicou Bri. - Mais um instante e estaremos lá. Atenção, Aravis, curve um pouco os ombros e pise com mais força; *esconda* o máximo a sua princesa. Procure imaginar que passou a vida recebendo chutes e feios insultos.

- Se é assim - respondeu Aravis -, que tal se também curvasse um pouquinho mais a cabeça e o pescoço? *Esconda* o seu cavalo de guerra.

- Bico calado - disse Bri. - É agora. Haviam chegado à beira do rio e o caminho à frente entrava por uma ponte cheia de arcos. A água dançava, reluzindo ao sol. À direita vislumbraram mastros de navios. Vários outros viajores

caminhavam pela ponte, quase todos camponeses, conduzindo burros e mulas ou carregando cestos na cabeça. As crianças e os cavalos misturaram-se à multidão.

- Algum problema? - murmurou Shasta para Aravis, que tinha uma expressão estranha.

- Nenhum para *você* - resmungou Aravis. - O que você tem a ver com Tashbaan? Nada! Mas eu devia estar em cima de uma liteira, com soldados na frente e escravos atrás, talvez indo para uma grande festa no palácio do Tisroc - que ele viva para sempre! -, e não me escondendo como um rato. Para você é diferente.

Shasta achou isso tudo uma grande bobagem.

No extremo da ponte erguiam-se as muralhas da cidade, e os portões de bronze estavam abertos; as alamedas eram largas, mas pareciam estreitas lá no alto. Seis soldados, empunhando lanças, permaneciam de cada lado. Aravis não podia evitar um pensamento: “Se soubessem de quem sou filha, fariam continência para mim.” Os outros, porém, só pensavam em conseguir passar sem chamar a atenção dos soldados. E, por sorte, estes nada perguntaram. Mas um deles tirou uma cenoura do cesto de um camponês e jogou-a em Shasta, com uma risada:

- Ei, garotão! Você vai *ver* se o seu patrão descobre que o cavalo de sela dele virou cavalo de carga!

Isso não era nada bom: mostrava que Bri, aos olhos de qualquer entendido, só podia ser um cavalo de guerra.

- Pois são ordens do patrão! - respondeu Shasta. Teria sido melhor ficar de boca fechada, pois o soldado deu-lhe um tapa que quase o derrubou ao chão:

- Tome, seu porcaria, para aprender a falar com um homem livre.

Conseguiram entrar na cidade sem ser impedidos. Shasta pouco choramingou, já bastante acostumado a pancadas.

Cruzados os portões, Tashbaan não pareceu a princípio tão deslumbrante. A primeira rua era bem estreita, com poucas janelas de um lado e do outro. Tinha muito mais movimento do que Shasta poderia imaginar: camponeses que se dirigiam à feira, vendedores de água, vendedores de carne, carregadores, mendigos, soldados, crianças esfarrapadas, galinhas, cães vadios e escravos descalços. A primeira coisa que se notava era o mau cheiro, vindo de gente pouco limpa, de cachorros sujos, de essências, alho, cebola, e de montes de lixo espalhados por todos os lados.

Shasta fingia que estava abrindo caminho, mas de fato era Bri que dirigia os demais com ligeiros acenos de focinho. Começaram a subir uma colina à esquerda; era muito mais fresco e agradável, com a rua arborizada e casas somente do lado direito; do lado esquerdo, distinguiam os telhados de outras casas e trechos do rio. Fizeram uma voltinha e continuaram subindo, por um caminho sinuoso, em direção ao centro de Tashbaan. Imensas estátuas dos deuses e heróis dos calormanos -mais imponentes do que simpáticas - erguiam-se nos pedestais reluzentes. Palmeiras e colunatas faziam sombra no calçamento em fogo. Através das arcadas de muitos palácios, Shasta reparou nas ramagens verdes, nas fontes frescas, nos relvados macios. Devia ser uma delícia lá dentro.

Difícil era a caminhada entre a multidão, e por vezes eram até obrigados a parar. Isso acontecia quase sempre que surgia uma voz gritando: “Abram caminho! Caminho para o tarcaã!”, ou “Caminho para a tarcaína”, ou “Caminho para o décimo quinto vizir”, ou “Caminho para o embaixador”... A multidão toda se espremia de encontro aos muros, enquanto o grande senhor ou a grande dama seguia numa liteira carregada por quatro ou até seis gigantescos escravos. Pois em Tashbaan só existe uma lei de trânsito: quem é menos importante tem de abrir caminho para

quem é mais importante. A punição para o infrator é uma boa chicotada ou uma cacetada de cabo de lança.

Foi em uma rua magnífica, já pertinho do ponto mais alto da cidade (o palácio do Tisroc era a única coisa mais alta), que aconteceu a mais desastrosa dessas paradas no tráfego.

- “Caminho! Caminho!”, gritava a voz. “Caminho para o Bárbaro Rei Branco, convidado do Tisroc - que ele viva para sempre! Caminho para os senhores de Nárnia!”

Shasta tentou sair do caminho e fazer Bri recuar. Mas nenhum cavalo, nem mesmo um cavalo de Nárnia, anda com facilidade para trás. Uma mulher empurrou uma cesta contras as costas de Shasta, dizendo:

- Pare de empurrar!

Outra pessoa também o empurrou para o lado e, na confusão, ele perdeu por um instante a companhia de Bri. Aí a multidão foi ficando tão compacta que ele mal podia se mexer. Involuntariamente, viu-se na primeira fileira, com uma ótima visão do que ia acontecendo na rua.

Um único calormano vinha à frente, gritando: “Caminho! Caminho!” Não havia liteira; vinham todos a pé, uma meia dúzia de homens. Shasta nunca vira antes ninguém parecido com ele. Eram todos de pele branca, e a maioria deles tinha cabelos louros. E não se vestiam como os calormanos. Quase todos estavam com as pernas nuas até os joelhos. Trajavam túnicas de tecidos de cores vivas e reluzentes: verde, amarelo, azul. Em lugar de turbantes usavam capacetes de aço ou de prata, alguns adornados de jóias, e um com asinhas de cada lado. Alguns vinham de cabeça descoberta. As espadas que usavam eram retas, e não encurvadas como as cimitarras dos calormanos. Não eram graves e soturnos como a maioria dos calormanos: caminhavam descontraídos, conversando e rindo. Um deles assobiava. Via-se que eram homens dispostos a fazer amizade com pessoas amáveis e pouco se importavam com as que não o eram. Shasta nunca vira algo tão simpático em toda a sua vida.

Mas não teve muito tempo de aproveitar o desfile, pois logo aconteceu uma coisa realmente horrível. O chefe dos homens louros apontou de repente para Shasta, gritando:

- Aqui está ele, o fujão! - E foi logo agarrando Shasta pelo ombro. E deu um tapinha no menino, não para machucar, mas para mostrar que ele estava *frito,* acrescentando: - Que coisa feia, meu senhor! Que vergonha! A rainha Susana está com os olhos vermelhos de tanto chorar. Que coisa! Passar toda uma noite fugido! Onde esteve?

Shasta teria se embarafustado debaixo da barriga de Bri e sumido na multidão... se pudesse... mas estava cercado pelos homens louros, e bem seguro.

Seu primeiro impulso foi dizer que não passava do filho de um pobre pescador e que o ilustre estrangeiro cometera um engano. Mas, afinal, a última coisa que desejaria, no meio daquela multidão, era ter de explicar quem era e o que estava fazendo. Iriam logo perguntar onde havia apanhado aquele cavalo, e quem era Aravis... Seria dar adeus à última oportunidade de passar por Tashbaan. O segundo impulso foi olhar para Bri, pedindo socorro. Mas Bri não tinha a menor vontade de mostrar para aquela multidão que sabia falar e continuou olhando com a indiferença de um cavalo. Quanto a Aravis, Shasta nem chegou a ter coragem de olhar para ela, receando chamar a atenção. Não houve mais tempo de pensar, pois o líder dos narnianos foi logo dizendo:

- Pegue em uma das mãos do senhorzinho, Peridan, que eu pego na outra. Vamos. Nossa real irmãzinha vai sentir um grande alívio ao rever nosso fujão, são e salvo.

Assim, antes de terem passado pela metade de Tashbaan, Shasta se viu levado por estranhos, sem poder se despedir dos outros, nem imaginar o que iria suceder daí em diante. O rei de Nárnia - pelo modo como lhe falavam os outros, só podia ser o rei - continuou a fazer-lhe perguntas: Onde andara? Como havia saído? Que fizera de seus trajes? Não sabia que tinha procedido mal?

O menino nada respondeu, pois era impossível imaginar resposta que não fosse perigosa.

- Não vai dizer nada? - perguntou o rei. - Francamente, príncipe, este silêncio casa ainda pior com a sua nobreza do que a própria fuga. Vá lá que um garoto travesso fuja, mas o filho de um rei da Arquelândia deveria confessar a sua culpa, e não abaixar a cabeça como um escravo calormano.

Shasta sentia o tempo todo (o que tornava tudo ainda mais desagradável) que o jovem rei era uma excelente pessoa, a quem gostaria de causar uma boa impressão.

Os estranhos o levaram, de mãos bem firmes, por uma rua estreita, desceram por uma escadaria e entraram por um portal largo com dois ciprestes escuros. Shasta se viu num pátio que também era um jardim. Uma fonte jorrava num tanque. Laranjeiras erguiam-se da relva, e os quatro muros brancos que cercavam o pátio estavam alastrados de rosas trepadeiras. O tumulto da rua subitamente tornara-se distante. Atravessaram rapidamente o pátio, cruzaram um portão escuro, passando a um corredor calçado de pedras, que lhe refrescavam os pés, e subiram uma escadaria. Um instante depois, Shasta achava-se piscando os olhos numa grande sala de janelas abertas, todas dando para o norte. Nunca vira cores mais maravilhosas que as do tapete que se estendia sob seus pés; sentia como se afundasse em musgo espesso. divãs com lindas almofadas alongavam-se pelas paredes: a sala parecia cheia de gente; “algumas muito esquisitas”, pensou Shasta. Mal teve tempo de pensar nelas, pois a mais linda moça do mundo levantou-se e correu a abraçá-lo e beijá-lo, exclamando:

- Mas Corin, Corin, como pôde fazer uma coisa dessas? Desde que a sua mãe morreu, somos tão amigos, Corin! O que iria dizer ao seu real pai se voltasse sem você? Poderia até haver uma guerra, apesar da velha amizade entre Arquelândia e Nárnia. Admita, meu amigo, que foi muito levado.

Shasta disse para si mesmo: “Pelo jeito, estou sendo confundido com um príncipe da Arquelândia. Estes aí devem ser os narnianos. Mas onde andará o verdadeiro Corin?”

Faltava-lhe coragem para dizer qualquer coisa em voz alta!

- Onde andou, Corin? - as mãos da moça continuavam nos seus ombros.

- Eu... eu não sei...

- Está vendo, Susana? - disse o rei. - Não arranquei dele uma única palavra, de verdade ou de mentira.

Uma voz se fez ouvir:

- Rainha Susana! Rei Edmundo!

Shasta quase deu um pulo de espanto: quem tinha falado era uma daquelas criaturas esquisitas que ele havia notado com o rabo do olho ao entrar na sala. Era mais ou menos do tamanho do próprio Shasta. Da cintura para cima parecia um homem, mas as pernas eram cabeludas como pernas de bode, pareciam pernas de bode, com cascos de bode, e tinha cauda, pele quase vermelha, cabelos cacheados, uma barbicha pontuda e dois chifrinhos. Era na verdade um fauno, criatura da qual nunca ouvira falar. Quem leu o livro O *leão, a feiticeira e o guarda-roupa* deve estar informado de que se tratava do mesmo fauno, de nome Tumnus, que Lúcia, irmã da rainha Susana, encontrara no seu primeiro dia em Nárnia. Estava bem mais velho agora.

- Majestades - prosseguiu o fauno -, o pequeno príncipe sofreu qualquer coisa com o sol. Vejam só: está ofuscado. Nem sabe onde se encontra.

Pararam de ralhar e de fazer perguntas. Shasta foi levado para um sofá, almofadas assentadas sob a sua cabeça, e trouxeram-lhe um refresco gelado num copo de ouro. Disseram-lhe docemente que ficasse quietinho.

Nunca uma coisa assim tinha acontecido em sua vida. Nem chegara a sonhar com um divã tão gostoso ou com uma bebida tão deliciosa como aquele refresco. Ficou então imaginando o que teria acontecido aos outros e como poderia escapar para encontrá-los nas tumbas, e o que aconteceria quando o verdadeiro Corin reaparecesse. Estas aflições pareciam menores, agora que se sentia tão bem. E talvez mais tarde ainda surgissem coisas boas de comer!

Além do mais, o pessoal naquela sala era bem interessante. Além do fauno havia dois anões (criaturas que ele nunca tinha visto) e um corvo enorme. Os outros todos eram humanos, já crescidos, mas muito jovens, todos eles, homens e mulheres, com voz e feições mais simpáticas que as dos calormanos. Pouco depois já se sentia atraído pela conversa.

O rei falava para a rainha (a moça que beijara Shasta):

- Que me diz, Susana? Já faz três semanas que estamos nesta cidade. Está decidida a casar-se com o príncipe Rabadash ou não?

A rainha sacudiu a cabeça:

- Não, meu irmão, nem por todas as jóias de Tashbaan.

- “Ué!” - pensou Shasta - “ele é rei, ela é rainha, mas são irmãos, não marido e mulher!”

- Sinceramente, minha irmã, perderia o meu fraternal amor por você, caso fosse outra a sua resposta. Devo confessar-lhe: desde que os embaixadores do Tisroc chegaram a Nárnia para tratar do casamento, e que o príncipe Rabadash foi nosso hóspede em Cair Paravel, jamais consegui entender como você pôde prestar-lhe tantas atenções.

- Insensatez da minha parte - respondeu a rainha Susana -, pela qual peço a sua benevolência. Contudo, lembro que o príncipe se conduziu antes de maneira melhor que aqui em Tashbaan. Peço o seu testemunho sobre os grandes feitos que ele alcançou nos torneios que o Grande Rei, nosso irmão, lhe preparou; comportou-se com graça e cortesia durante os sete dias em que esteve conosco. Mas aqui, na própria cidade, tem mostrado a sua outra face.

- Pois é como diz o ditado - grasnou o corvo -: “E preciso ver o urso na toca para saber como ele é.”

- Pura verdade, Pisamanso - falou um dos anões. - E há também aquele outro: “Venha morar comigo para saber quem eu sou.”

- Sim - disse o rei -, já sabemos quem é ele: um tirano enfatuado, violento, ganancioso e desalmado.

- Assim sendo - replicou Susana -, vamos partir de Tashbaan hoje mesmo.

- Aí está o problema, minha irmã - exclamou Edmundo -, pois agora preciso desabafar o que se passa dentro de mim nestes últimos dias. Por obséquio, Peridan, veja se há alguém nos espionando. Tudo certo? Toda cautela é pouca a partir de agora.

Ficaram todos muito sérios. A rainha Susana correu para o lado do irmão:

- Edmundo! Há qualquer coisa tenebrosa no seu olhar...

5
O PRÍNCIPE CORIN

Disse o rei Edmundo:

- Minha querida irmã e rainha: chegou o momento de mostrar a sua bravura. Devo dizer-lhe sem rodeios que corremos sério perigo.

- Diga, Edmundo.

- Simplesmente isto: não creio que será fácil para nós sair de Tashbaan. Enquanto o príncipe mantiver a esperança de desposá-la, seremos hóspedes de honra. Mas, pela juba do Leão, assim que receber a sua recusa, não passaremos de prisioneiros.

Um dos anões desabafou num assobio. E disse o corvo:

- Bem que avisei a Vossas Majestades: “Entrar é fácil; sair é que são elas!”

- Estive com o príncipe hoje de manhã - prosseguiu Edmundo. - Não tem o hábito de ser contrariado. Anda muito agastado com a sua demora em responder e com suas palavras dúbias. Queria a todo custo saber a sua decisão. Disfarcei o que pude, ao mesmo tempo que buscava esfriar um pouco as suas esperanças, fazendo brincadeiras vulgares sobre os caprichos das mulheres, insinuando que a corte dele não era muito firme. Ficou enraivecido e perigoso. Cada palavra que pronunciava escondia ameaças, ainda que veladas
em afetações corteses.

Disse Tumnus:

- É isso mesmo. Quando ceei com o grão-vizir, na noite passada, foi a mesma coisa. Quis saber o que eu achava de Tashbaan. Como não podia dizer-lhe que detesto até as pedras da cidade, falei que agora, quando o verão começa a pegar fogo, estava sentindo saudade dos bosques frescos de

Nárnia. Foi sorrindo de cara feia que ele me disse: “Nada há que o impeça de dançar outra vez no seu bosque, seu pezinho de bode, *desde que vocês nos deixem em troca uma noiva para o príncipe.”*

- Quer dizer que ele pretende casar-se comigo à força?

- É o que eu penso, Susana - respondeu Edmundo.

- Mas terá coragem para isso? Achará o Tisroc que nosso irmão, o Grande Rei, suportará essa infâmia?

- Majestade - falou Peridan para o rei -, não serão loucos a esse ponto. Ignoram por acaso que há espadas e lanças em Nárnia?

Respondeu Edmundo:

- Minha impressão é que o Tisroc não tem muito medo de Nárnia. Somos um país pequeno, e os países pequenos fronteiriços a um grande império sempre foram odiados pelo grande império, que anseia por arrasá-los, por tragá-los. Ao permitir que o príncipe fosse a Cair Paravel como pretendente de minha irmã, talvez só estivesse buscando uma ocasião para abocanhar Nárnia e Arquelândia de uma só vez.

- Que tente fazer isso - falou o segundo anão. - No mar somos tão fortes quanto ele. E, se nos atacar por terra, terá de atravessar o deserto.

- É verdade, meus amigos - respondeu Edmundo. - Mas será mesmo o deserto uma proteção segura? Qual a opinião de Pisamanso?

- Conheço bem o deserto - disse o corvo. - Voei muito por lá na mocidade. *(Sbasta apurou os ouvidos, é claro.)* Uma coisa é certa: se o Tisroc for pelo grande oásis, jamais poderá levar um exército até Arquelândia. Pois, ainda que pudessem atingir o oásis num dia de marcha, a água não daria para matar a sede de todos os soldados e de todos os animais. Mas há um outro caminho. *(Shasta prestou mais atenção.)* Para chegar a ele é preciso tomar como ponto de partida as Tumbas dos Antigos Reis e seguir no rumo noroeste, mantendo sempre em linha reta o cume duplo do Monte Piro. Sendo assim, num dia a cavalo ou um pouco mais, pode-se atingir a garganta de um vale de pedra; ela é tão estreita que se pode passar lá por perto mil vezes sem se perceber que a garganta e o vale existem. Não se vê relva ou água ou qualquer coisa de bom. Mas se alguém entrar pela garganta e caminhar pelo vale chegará a um rio e, através deste, poderá cavalgar até Arquelândia.

- E os calormanos conhecem este caminho? - perguntou a rainha.

O rei interveio:

- Meus amigos, por favor, de que adianta tudo isso? Não estamos querendo saber se os calormanos ganhariam ou não uma guerra conosco. Nosso problema é saber como salvar a honra da rainha e as nossas vidas, saindo desta diabólica cidade. Ainda que meu irmão, o Grande Rei Pedro, derrotasse o Tisroc uma dúzia de vezes, muito antes disso nossos pescoços já teriam sido cortados... E a rainha seria a mulher ou, mais acertadamente, a escrava de Rabadash.

- Temos as nossas armas - disse o primeiro anão.

- Sem dúvida: eles teriam de passar sobre os
nossos cadáveres para chegar à rainha.

Susana caiu em prantos:

- Como me arrependo de ter saído de Cair Paravel! Nossa felicidade acabou quando lá chegaram os embaixadores dos calormanos. As toupeiras estavam plantando um pomar para nós... ó... ó...

Tapando o rosto com as mãos, a rainha soluçava.

- Coragem, Su, coragem, irmãzinha... Mas que diabo é isso, Mestre Tumnus?!

O fauno agarrava os dois chifres com as mãos como se quisesse manter a cabeça no lugar, retorcendo-se todo como se sentisse dores.

- Não fale comigo agora, não fale comigo agora. Estou pensando. Estou pensando tanto que nem posso respirar. Espere, espere um momento.

Depois de um embaraçoso silêncio, o fauno deu uma boa respirada, esfregou a testa e disse:

- A única dificuldade é chegar ao nosso navio... com um pouco de carregamento... sem sermos vistos.

- Exatamente - disse sarcástico um dos anões. - A única dificuldade que impede um mendigo de andar a cavalo é não ter o cavalo.

- Um momento, um momento - replicou o Sr. Tumnus, com impaciência. - Só precisamos de uma coisinha: um pretexto para ir até o navio hoje e levar alguma carga para lá.

- Sim - resmungou o rei com hesitação.

- Que tal - disse o fauno - se Vossas Majestades convidassem o príncipe para um grande banquete a bordo do nosso galeão, o *Esplendor Hialino,* amanhã à noite? O convite deve ser feito de modo que dê esperanças ao príncipe, sem ferir o honor da rainha.

- Excelente idéia, Majestade - crocitou Pisamanso.

Tumnus, animado, prosseguiu:

- Assim todos acharão natural que passemos o dia indo ao navio, organizando a festa. Alguns de nós podem ir às lojas de doces e frutas e de vinhos, como se fôssemos mesmo dar um grande banquete. E diremos aos mágicos, aos saltimbancos, às dançarinas e aos músicos que estejam todos a bordo amanhã à noite.

- Já estou vendo, já estou vendo - exclamou o rei Edmundo esfregando as mãos. - Tumnus continuou:

- Estaremos portanto todos a bordo hoje. Logo que cair a noite...

- A todo o pano! - bradou o rei.

- Nariz para o norte - gritou o primeiro anão.

- A caminho de Nárnia! - disse o outro.

- E imaginem só o príncipe ao acordar e ver que os passarinhos fugiram! - exclamou Peridan, batendo palmas.

A rainha, emocionada, pegou as mãos do fauno, que começara a dançar:

- Ó Mestre Tumnus, meu querido, você salvou a vida de todos nós!

- O príncipe nos perseguirá - falou outro cavalheiro, cujo nome Shasta não ouvira.

- Isso pouco me assusta - replicou Edmundo. - Vi os navios que possuem: nem grandes, nem rápidos. Até gostaria que nos seguissem. O *Esplendor Hialino* pode pôr a pique tudo o que o príncipe mandar em nosso encalço...

Se é que conseguiriam alcançar-nos. Disse o corvo:

- Majestade, seria impossível ouvir melhor plano do que esse, mesmo que ficássemos reunidos durante uma semana. E agora, como dizemos nós, as aves, primeiro os ninhos, depois os ovos. Quer dizer, vamos comer e depois tratar dos nossos interesses.

As portas foram abertas e, com os nobres e as criaturas postados de cada lado, o rei e a rainha saíram. Shasta matutava no que faria, quando o Sr. Tumnus lhe disse:

- Fique aí deitado, Alteza, que lhe trarei um banquetezinho em alguns instantes. Não precisa se incomodar até a hora do embarque.

Jogando a cabeça de novo contra as almofadas, Shasta ficou pensando na encrenca em que se metera. Jamais lhe ocorria contar para os narnianos a verdade toda e pedir auxílio. Tendo sido criado por um homem duro, enraizara-se no hábito de nunca dizer nada espontaneamente para as pessoas adultas: achava que estas sempre atrapalhavam o que estava desejando. E pensava que mesmo que o rei de Nárnia tratasse bem os cavalos, por serem cavalos falantes de Nárnia, teria ódio de Aravis, que era uma calormana; poderia vendê-la como escrava ou enviá-la de volta aos pais. Quanto a ele, jamais teria agora a coragem de confessar-lhes a verdade: “Ouvi todos os planos. Se soubessem que não sou um deles, não me deixariam sair vivo desta casa. Teriam medo da minha traição. É claro que me matariam. E é o que vai acontecer se o verdadeiro Corin reaparecer.” Shasta ignorava como as pessoas nobres e livres procedem. “Que vou fazer?” E percebeu que o homenzinho-bode vinha de volta.

O fauno entrou, meio dançando, com uma bandeja quase do tamanho dele. Depositou-a numa mesinha ao lado do divã, sentando-se no chão atapetado com as pernas de bode cruzadas.

- Agora, coma direitinho. Será a sua última refeição em Tashbaan.

Era uma boa comida à maneira calormana. Não sei se você teria ou não gostado, mas Shasta gostou. Havia lagosta, salada, uma ave chamada narceja toda recheada de amêndoas e trufas, e um prato muito complicado feito de fígado de galinha, arroz, passas, nozes, além de melão cru, frutas silvestres e tudo de bom que se pode fazer com o gelo. E havia até um pouquinho do vinho que se chama “branco”, apesar de ser de fato amarelado.

O fauno gentil, pensando que Shasta ainda sentia os efeitos da insolação, passou a falar sobre as aventuras que os esperavam nas terras do Norte; sobre o seu velho pai, o rei Luna de Arquelândia, que morava num pequeno castelo sobre as colinas do Sul.

- Você sabe que lhe prometeram a primeira armadura e o primeiro cavalo de guerra para o seu próximo aniversário. Terá de aprender a lutar em torneio e manejar a lança. Se sair-se bem, em pouco tempo será feito Cavaleiro de Armas, em Cair Paravel, conforme prometeu a seu pai o próprio rei Pedro. Antes disso é pensar nas idas e vindas entre Nárnia e Arquelândia, passando pelas grimpas das cordilheiras. Não vá esquecer que prometeu passar comigo toda a semana do Festival de Verão... com fogueiras e faunos e dríades dançando até nascer o sol, lá no meio da floresta e... quem sabe?... Quem sabe a gente possa ver o próprio Aslam?!

Terminada a refeição, o fauno recomendou a Shasta que ficasse quietinho:

- Uma soneca lhe fará bem. Virei buscá-lo com tempo de sobra para embarcar. E aí, Nárnia! Norte!

Shasta gostou tanto do jantar e das delícias contadas por Tumnus que, ao ficar sozinho, seus pensamentos já não eram bem os mesmos. Sua grande esperança agora era que o príncipe Corin chegasse tarde demais, e que ele assim fosse de navio para Nárnia. Sinto dizer que ele não pensava no que poderia acontecer ao verdadeiro Corin, perdido em Tashbaan. Só estava um pouquinho preocupado com Aravis e Bri esperando-o nas tumbas. “Mas que posso fazer? Já que Aravis pensa que está muito acima de mim, pode muito bem ir sozinha.” E achou que, afinal de contas, era muito melhor ir até Nárnia de navio do que capengando pelo deserto.

Então aconteceu o inevitável: qualquer um, depois de ter acordado muito cedo e enfrentado uma longa caminhada e muitas emoções, ao se deitar num divã, sem calor, sem o menor barulho, a não ser o de uma abelhinha que entra pela janela aberta, qualquer um nessas condições só pode fazer uma coisa: dormir.

Shasta acordou com um grande tinido. Saltou do divã de olhos arregalados. Viu logo, pela luz diferente da sala, que dormira durante muito tempo. Viu também de onde viera o tinido: um rico vaso de porcelana, que antes estava no peitoril da janela, jazia no chão partido em trinta pedaços.

Mas não chegou a reparar nisso por mais de um instante. Reparou mesmo foi nas mãos que se agarravam com força à janela, pelo lado de fora. Por fim a janela emoldurou uma cabeça. Um momento depois um menino da idade de Shasta sentava-se no parapeito, já com uma perna para dentro do quarto.

Shasta jamais tinha visto o próprio rosto em um espelho. Mesmo que o tivesse visto, não poderia ter imaginado que, em condições normais, o outro menino era quase igualzinho a ele. Naquele instante, porém, o menino não se parecia especialmente com ninguém, pois tinha uma mancha preta de dar medo em torno de um olho, faltava-lhe um dente, e suas roupas - que deviam ter sido uma beleza quando foram vestidas - estavam esfrangalhadas e imundas, sem falar no sangue e na lama sobre as faces do garoto, que apenas murmurou:

- Quem é você?

- Será você o príncipe Corin?

- É claro. Quero saber quem é *você.*

- Ninguém em especial. O rei Edmundo me pegou na rua, pensando que eu fosse você. Devemos ser parecidos, acho. Dá para sair por onde você entrou?

- Dá, se você for bom de muro. Por que tanta pressa? Quem sabe a gente pode fazer uma boa brincadeira com a confusão deles?

- Não, não dá. Melhor a gente trocar de lugar imediatamente. Seria de doer se o Sr. Tumnus nos encontrasse aqui. Fingi que era você. Esta noite partirão daqui, em segredo... Onde você andou durante esse tempo todo?

- Um garoto da rua fez uma piada de mau gosto sobre a rainha Susana; meti-lhe o braço. Saiu berrando e o irmão dele veio. Meti o braço no irmão. Aí saiu um bando correndo atrás de mim até que apareceram três guardas de lanças. Briguei com os guardas, e aí eles me meteram o braço. Já estava anoitecendo. Um guarda me agarrou; ia me prender num lugar qualquer. Perguntei se eles não queriam tomar uma jarra de vinho. Fomos para uma taverna. Sentaram e beberam até dormir. Saí de fininho e aí encontrei o primeiro garoto - o que começou toda a confusão - ainda querendo briga. Tive de meter-lhe o braço de novo. Subi a uma caixa-d’água no telhado

duma casa e lá esperei deitado até hoje de manhã. O resto do tempo passei procurando o caminho de volta. Será que não tem nada para matar a sede?

- Bebi o que tinha - disse Shasta. - Agora, mostre-me como faço para sair daqui. Melhor você deitar no divã, fingindo... Ora bolas! Não vai adiantar nada com esse olho preto e esses machucados... O mais seguro é contar a verdade para eles... depois que eu estiver bem longe.

- E o que você acha que eu iria dizer a eles? - perguntou o príncipe, com um olho meio zangado. - Quem é *você?*

- É, não dá... Acho que sou um narniano; devo ser mais ou menos nortista. Mas fui criado como calormano. Estava fugindo pelo deserto. Com um cavalo falante chamado Bri. E chega! Como é que eu dou o fora?

- Olhe aqui: escorregue da janela para o telhado da varanda. Na ponta dos pés, siga pela esquerda e suba para o alto daquele muro, se é que você é mesmo bom de muro. Ande até o fim do muro. Pule então no monte de lixo. É isso aí.

- Muito obrigado - disse Shasta, já cavalgando a janela.

Os dois garotos entreolharam-se e descobriram de repente que eram amigos.

- Adeus. E boa sorte. Estou torcendo por você.

- Adeus. Você andou em grandes aventuras...

- Nada que se compare às suas... - respondeu Corin. - Devagar... - e ainda sussurrou, enquanto Shasta chegava à varanda: - Espero encontrá-lo em Arquelândia. Procure o rei Luna, meu pai, e diga que você é meu amigo. Cuidado! Vem alguém aí...

6
SHASTA NAS TUMBAS

Shasta correu ligeiro pelo telhado, na ponta dos pés. Estava descalço e seus pés queimavam. Em alguns segundos chegou ao muro, escalou-o e andou até o fim dele. Olhou para baixo e viu

uma ruazinha estreita e malcheirosa. Lá havia, de fato, um monte de lixo, exatamente conforme Corin havia dito. Antes de pular no monte de lixo Shasta deu uma olhada ao redor. Pela aparência, devia estar no alto da ilha-colina de Tashbaan. À sua frente, era um declive depois do outro, telhados abaixo de telhados, descendo na direção das torres e construções do muro norte da cidade. Além, o rio, e além do rio uma encosta cheia de jardins. Mais adiante estendia-se algo desconhecido: uma coisa cinza-amarela-da, plana como o mar calmo, prolongando-se por quilômetros. Ao longo erguiam-se enormes coisas azuladas, maciças, mas de recortes denteados, algumas com topos brancos. “O deserto! As montanhas!” - disse Shasta consigo mesmo.

Pulou no monte de lixo e começou a correr pela colina, chegando a uma rua mais larga. Ninguém se dava ao trabalho de olhar para um menino esfarrapado e de pés descalços. Mas continuou aflito até dobrar uma esquina e dar com o portão da cidade. Empurrado pela multidão que também saía, chegou à ponte, onde o povo caminhava num silêncio surdo, como se estivesse em fila. Com a água correndo dos dois lados, aquilo era uma delícia, depois do odor e do calor de Tashbaan.

Ao chegar ao fim da ponte, a multidão se desfazia, para a esquerda e para a direita das margens do rio. O menino seguiu em frente por uma estrada pouco percorrida, ladeada de jardins. Mais alguns passos e achou-se só, chegando daí a pouco no alto da elevação. Parou e olhou. Era como se tivesse chegado ao fim do mundo: ali começava o areai, uma grossa camada de areia, ainda mais áspera do que a da praia. As montanhas, parecendo

mais distantes do que antes, assomavam à frente. Para seu alivio, depois de cinco minutos de marcha, viu à esquerda as tumbas, como Bri as descrevera: grandes blocos de pedra com o formato de gigantescas colméias alongadas. O sol se punha atrás delas.

De frente para o sol, que o impedia de ver qualquer coisa, Shasta mesmo assim seguia de olhos fixos, buscando um indício dos amigos. “Devem estar atrás do túmulo mais distante, e não do lado de cá, para não serem vistos da cidade.”

Eram cerca de doze túmulos, cada um com uma entrada arqueada dando para as trevas. Não havia nenhuma ordem na sua distribuição, e assim levava tempo para se dar a volta em todos. Foi o que Shasta teve de fazer. Não encontrou ninguém.

Havia um grande silêncio ali, nas portas do deserto. E o sol desapareceu.

De repente, de trás do menino, chegou um ruído assustador. Shasta teve de morder a língua para não dar um berro. Percebeu do que se tratava: eram as trombetas de Tashbaan comandando o fechamento dos portões.

- “Não banque o covarde” - falou Shasta para si mesmo. - “É o mesmo barulho que ouvi hoje de manhã.”

Mas não era o mesmo: um barulho ouvido de manhã, entre amigos, é uma coisa, e um barulho ouvido sozinho, à noite, é outra. Agora, que os portões se fechavam, os amigos não poderiam mais encontrar-se com ele. “Ou ficaram presos em Tashbaan ou partiram sem mim. Deve ter sido idéia de Aravis. Bri não faria isso nunca. Será que faria?”

Mais uma vez, Shasta estava errado a respeito de Aravis. Esta podia ser orgulhosa e bastante áspera, mas era de uma lealdade de ferro e jamais teria abandonado um companheiro, gostasse dele ou não.

Agora que tinha de passar a noite sozinho, à medida que ia escurecendo gostava ainda menos do lugar. Algo muito inquietante pairava sobre aquelas silenciosas formas de pedra. Já conseguira de si mesmo o máximo para não pensar em morcegos, mas não agüentava mais.

- Ai! Ai! Socorro! - berrou de repente, ao sentir que algo tocava na sua perna. (Não condeno ninguém por berrar nas mesmas circunstâncias.) Shasta estava tão amedrontado que nem podia correr. Qualquer coisa, aliás,

seria melhor do que ser caçado pelo cemitério dos Antigos Reis por algo que ele nem tinha coragem de olhar. Fez então o que de mais sensato poderia fazer. Deu uma espiada e quase explodiu de tanto alívio.

Era um gato.

A noite já estava muito escura para ter uma idéia completa daquele gato: viu só que era um gatão muito solene. Estava ali como se tivesse passado anos entre os túmulos, sozinho. Seus olhos pareciam encerrar grandes segredos.

- Bichano, bichano... Não vai me dizer que
você também é um gato falante...

O gato olhou para ele com dureza e começou a caminhar, seguido por Shasta, naturalmente. Andaram para os lados do deserto. Depois o gato sentou-se com o rabo enrolado, virado para o deserto, para Nárnia, para o Norte, como se espreitasse um inimigo. Shasta estendeu-se ao lado, dando as costas para o gato e de olho nos túmulos, pois, quando se está com medo, o melhor é olhar para o perigo e ter por trás algo firme em que se possa confiar. Você não teria achado a areia confortável, mas Shasta estava mais do que acostumado a dormir no chão. Não custou a pegar no sono, embora até em sonhos continuasse querendo saber o que teria acontecido a Bri, Aravis e Huin.

Foi despertado por um ruído diferente de tudo que já ouvira. “Deve ter sido um pesadelo”, pensou. Percebeu que o gato infelizmente desaparecera. Continuou, entretanto, quieto, sem abrir os olhos, pois o medo seria ainda maior se avistasse e sentisse em torno a solidão. O ruído chegou de novo, áspero e penetrante, vindo do deserto. Desta vez abriu os olhos e sentou-se.

A lua brilhava. Os túmulos, que pareciam mais vastos e mais próximos, avultavam cinzentos ao luar. Pareciam mesmo horrendos, como pessoas enormes vestidas de pardo com os rostos encobertos. Não eram companhias nada simpáticas numa noite de solidão. Mesmo não gostando muito, Shasta virou as costas para eles e olhou na direção do areai. Mais uma vez ouviu o ruído.

“Chega de leões!” - pensou. Mas não parecia com o rugido dos leões que ouvira naquela outra noite. De fato, era um chacal. É claro que Shasta

não podia saber que se tratava de um chacal, e não ficaria contente se soubesse.

Os uivos aumentavam. “Deve ser um bando, seja lá o que for. E está cada vez mais perto.”

Se fosse um rapaz bem ajuizado, teria voltado para perto do rio, onde estavam as casas, tornando mais improvável a aproximação de feras. Mas teria de passar pelos túmulos, onde se encontravam (ele pensava) os morcegos vampiros. Pode parecer idiotice, mas preferiu correr o risco das feras. À medida, porém, que os uivos se aproximavam, mudou de idéia.

Estava para sair em disparada quando um enorme animal surgiu na sua frente. Com a luz da lua nos olhos de Shasta, o bicho parecia muito escuro, mostrando apenas ter quatro pernas e uma cabeça peluda. Não parecia ter notado o menino; parou de repente, virou a cabeça para o deserto e deu um rugido que ecoou pelos túmulos e pareceu agitar as areias. Os uivos das outras criaturas pararam imediatamente, e Shasta pensou ouvir pés a fugir atropeladamente. Então a grande fera virou-se para ele.

“É um leão, sei que é um leão” - ele pensava.

- “Estou perdido! Deve doer muito. Antes já tivesse acabado. Não sei se acontece alguma coisa depois que a gente morre. Ó, ó, está chegando!”. Fechou os olhos e cerrou os dentes.

Não sentiu dentes, nem garras, apenas uma coisa cálida pousada a seus pés. Ao abrir os olhos, pensou: “Ora, não é tão grande assim! É a metade. Menos da metade. Menos da metade da metade. Tenho de confessar que é um gato! Sonhei, só posso ter sonhado com um bicho do tamanho de um cavalo.”

Tendo sonhado ou não, o que estava a seus pés, fixando-o com grandes olhos verdes, era o gato; talvez o maior gato do mundo, mas um gato.

- Bichano - disse Shasta, ofegante. - Que bom vê-lo de novo! Tive sonhos horrorosos! - Deitou-se outra vez, encostando as costas no gato. Sentiu um calor percorrer-lhe o corpo e começou a falar:

- Nunca mais vou maltratar um gato. Já fiz, já atirei pedra num gatinho doente quase morrendo de fome. Ei! Pare com isso! - O gato dera-lhe uma unhada. - Parece que está entendendo o que digo. - E caiu no sono.

Ao acordar de manhã, o gato sumira; a areia já estava quente. Com uma sede horrível, Shasta sentou-se e esfregou os olhos. O deserto reluzia em silêncio, embora se ouvisse o murmúrio de vozes da cidade. Olhando para as montanhas distantes, recortadas com nitidez, notou uma elevação que, no alto, dividia-se em dois cumes; concluiu que era o Monte Piro. “É a nossa direção, a julgar pelo que disse o corvo. Vamos adiantar o trabalho.” Com o pé, fez um sulco em linha reta, apontando exatamente para o Monte Piro.

Agora era arranjar alguma coisa para comer e matar a sede. Andou ligeiro até as tumbas (que pareciam agora túmulos comuns, incapazes de assustar alguém), indo até uma terra cultivada perto do rio. Algumas pessoas andavam por ali, mas não muitas, pois as multidões já haviam passado. Não foi muito difícil fazer o que Bri chamava de “incursão”. Pulou um muro de pomar, e o resultado foram três laranjas, um melão, dois figos e uma romã. No rio, mas não muito perto da ponte, matou a sede. A água estava tão gostosa que ele tirou a roupa e deu um mergulho: aprendera a nadar logo depois de aprender a andar. Estendeu-se na relva, olhando para o esplendor e a glória de Tashbaan. Achando que os outros poderiam ter chegado aos túmulos enquanto nadava, vestiu-se às carreiras e tão depressa percorreu a distância, que o bem-estar do banho passou e sentiu sede novamente.

Quando se espera sozinho, o dia parece ter cem horas. Tinha muito em que pensar, é claro, mas pensar sozinho não faz o tempo andar mais depressa. Pensou principalmente nos narnianos e em Corin. Que teria acontecido ao descobrirem que o menino deitado no divã, ouvindo todos os planos, não era Corin coisa nenhuma? E não gostava da idéia de que aquela boa gente pensasse que ele fosse um traidor.

Mas, à medida que o sol foi subindo, subindo, e depois descendo, descendo para o poente, sem que ninguém chegasse ou algo acontecesse, começou a ficar mais aflito. Só então lembrou que ninguém disse por quanto tempo esperar quando combinaram o encontro nos velhos túmulos. Podia ficar esperando para o resto da vida! Em breve seria noite de novo, uma noite parecida com a anterior. Mais de dez planos passaram por sua cabeça, todos eles desconjuntados. Acabou finalmente escolhendo o pior. Resolveu esperar até escurecer, depois retornar ao rio para roubar todos os melões que conseguisse carregar e pôr-se em marcha para o Monte Piro,

sozinho, confiando na linha que traçara na areia. Uma idéia maluca. Mas nunca lera um livro a respeito de viagens no deserto. Nem qualquer outro livro.

Mas algo aconteceu antes que o sol sumisse. Estava sentado à sombra de um túmulo quando viu dois cavalos vindo em sua direção. Seu coração deu um pulo: eram Bri e Huin. Mas logo em seguida o coração foi parar-lhe nos joelhos. Não havia sinal de Aravis. Os cavalos estavam sendo conduzidos por um estranho, um homem armado, vestido com a elegância de um escravo de estimação de família importante. Bri e Huin não vinham mais como animais de carga, mas traziam rédeas e selas. “Uma armadilha! Alguém torturou Aravis e ela contou tudo. Estão esperando que eu vá correndo falar com Bri para me pegarem. Mas se não for perco a última chance de encontrar os outros. Ah, se pudesse saber o que aconteceu!”

Escondeu-se atrás do túmulo, espreitando e tentando imaginar se haveria algo menos perigoso a fazer.

7

ARAVIS EM TASHBANN

Acontecera o seguinte: depois que Shasta foi levado pelos narnianos, Aravis se viu só, com os dois cavalos que, sabiamente, não disseram uma palavra. Mesmo assim, nem por um segundo perdeu o sangue-frio, embora o seu coração batesse descompassadamente. Tentou ir embora, mas outro arauto vinha gritando: “Abram caminho! Caminho para a tarcaína Lasaralina!” Seguiam o arauto quatro escravos armados e logo atrás quatro homens, que carregavam uma liteira a esvoaçar com suas cortinas de seda e a tilintar com seus sininhos de prata, perfumando a rua com essências e aromas de flores. Atrás da liteira, escravas com lindos vestidos, pajens, escudeiros e o resto do cortejo. Foi aí que Aravis cometeu o seu primeiro erro.

Conhecia Lasaralina muito bem, quase como se tivessem sido colegas de escola, pois haviam freqüentado as mesmas casas e as mesmas festas. Aravis não resistiu à curiosidade de saber como estava a amiga, agora que se casara e se tornara de fato muito importante. Aproximou-se.

Fatal: os olhares das duas jovens se encontraram. Lasaralina ergueu-se de seus coxins e gritou a plenos pulmões:

- Aravis! Que anda fazendo por aqui, menina? Seu pai...

Não havia um momento a perder. Sem pestanejar, Aravis largou os cavalos, subiu na liteira e sussurrou com fúria ao ouvido de Lasaralina:

- Boca calada, sua doida! Caladinha! Ninguém pode saber... Diga a seu pessoal...

- Mas, querida, que é isso... - ia falando Lasaralina, ainda em voz alta. (Pouco lhe importava chamar a atenção, até pelo contrário.)

- Faça o que eu lhe digo ou nunca mais falo com você. Depressa, por favor, Las: diga a seu pessoal para levar aqueles dois cavalos. Abaixe as

cortinas e me leve para um lugar onde não me achem. *Depressa!*

- Está bem, querida - disse Lasaralina com sua voz preguiçosa. - Venham aqui dois escravos: levem os cavalos da tarcaína. E agora, para casa! - ordenou a jovem. - Francamente, querida, acha que precisamos mesmo seguir com as cortinas abaixadas? Num dia como este?

Mas Aravis já fechara as cortinas, encerrando-se com a amiga numa espécie de tenda ambulante e perfumada.

- Não posso ser vista. Meu pai não sabe que estou aqui. Estou fugindo.

- Minha filha, que coisa emocionante! Estou louca para saber de tudo. Querida, você está em cima do meu vestido novinho em folha. Gosta? Comprei...

- O, Las, fale sério! Onde anda o meu pai?

- Ora, você não sabe? Está aqui, naturalmente. Chegou ontem e anda feito um doido atrás de você. Nós duas aqui juntas, e ele sem saber de coisa nenhuma! Nunca vi nada tão engraçado em minha vida!

E não parava de dar risadinhas esfuziantes. Fora sempre a campeã dos risinhos esfuziantes, lembrou-se Aravis.

- Não tem nada de engraçado. É pateticamente sério. Onde você pode me esconder?

- Muito simples, minha querida. Levo você para casa, só isso. Meu marido está fora e ninguém a verá. Puxa! Não é nada divertido com as cortinas fechadas. Quero ver gente. Não vale a pena comprar um vestido novo e sair numa liteira com as cortinas abaixadas.

- Só espero que ninguém a tenha ouvido berrar o meu nome.

- Claro que não, queridinha - replicou Lasaralina distraída. - Mas você ainda não disse nada sobre o meu vestido novo.

- Outra coisa: diga a seu pessoal para tratar aqueles cavalos com o máximo respeito. Isso faz parte do segredo: são cavalos falantes de Nárnia.

- Que engraçado! Sensacional! Ah, querida, você viu a bárbara da rainha de Nárnia? Anda agora por aqui em Tashbaan. Andam dizendo que o príncipe Rabadash está alucinado por ela. Há duas semanas que só temos

festas maravilhosas. Por mim, minha filha, não acho que ela seja tão maravilhosa assim. Mas alguns dos *homens* de Nárnia são simplesmente lindos. Ainda anteontem fui a uma festa à beira-rio, usando um vestido...

- Como vamos impedir o seu pessoal de espalhar que você tem uma visita, vestida como uma mendigazinha... e na sua casa? Vai fatalmente cair nos ouvidos do meu pai.

- Pare com essas bobagens, querida. Chegamos. Daqui a pouquinho você estará uma jóia.

A liteira foi abaixada. Achavam-se num pátio ajardinado, muito parecido com aquele para o qual Shasta acabara de ser levado. Lasaralina queria entrar imediatamente, mas Aravis pediu-lhe em sussurros que recomendasse silêncio aos escravos.

- Ah, perdão, querida, já havia me esquecido. Todos aqui! O porteiro também. Ninguém hoje tem licença de botar o pé fora de casa. E, se ouvir alguém falando qualquer coisa a respeito desta moça, será espancado até cair morto, ou queimado vivo, ou então ficará a pão e água por seis semanas. É tudo.

Embora Lasaralina dissesse que estava louca para ouvir a história de Aravis, não mostrou o menor sinal disso. Evidentemente, gostava muito mais de falar que de ouvir. Insistiu para que Aravis tomasse um banho suntuoso (os banhos calormanos são famosos) e depois deu-lhe lindas roupas para vestir. O alvoroço que fez na hora de escolher as roupas quase estourou a cabeça de Aravis. Lasaralina era a mesma, interessada apenas em roupas, festas e intriguinhas, enquanto ela, Aravis, sempre preferia arcos e flechas, cães e cavalos, e natação. Cada uma devia achar a outra uma boba.

Depois de uma refeição, dessas de cremes, geléias e frutas, feita numa sala cercada de colunas, e que Aravis teria apreciado melhor sem o macaquinho travesso da amiga, Lasaralina perguntou afinal pela história. E, depois de ouvi-la, falou:

- Mas, minha querida, por que você não se casa com Achosta Tarcaã? São todas doidas por ele. Meu marido sempre diz que Achosta está ficando um dos grandes homens deste país. Ainda há pouco foi feito grão-vizir, depois que morreu o velho Axarta. Vai dizer que não sabia?

- Isso não me interessa. Não agüento nem a cara dele.

- Mas pense uma coisa, querida! Três palácios! Um deles é aquele maravilhoso que dá para o lago de Ilkin. E uma fábula em pérolas, já me contaram. Banhos de leite de jumenta. E a gente ia se ver tantas vezes!

- Ele pode fazer o que quiser com os palácios e as jumentas dele; pouco me interessa.

- Você sempre foi muito estranha, Aravis. Que mais pretende na vida?

Aravis acabou conseguindo que a amiga acreditasse que ela não estava brincando. E puderam então discutir planos sérios. Não seria difícil levar os cavalos pelo portão do norte até os túmulos. Ninguém interromperia um escudeiro bem vestido conduzindo um cavalo selado até o rio. O problema era saber o que fazer com a própria Aravis. Sugeriu ser conduzida de liteira com as cortinas abaixadas. Impossível: as liteiras só eram usadas dentro da cidade; se uma transpusesse os portões, causaria suspeitas.

Conversaram por um tempo interminável, pois era difícil segurar Lasaralina dentro do assunto. Por fim a amiga bateu palmas de contentamento:

- Uma idéia genial! Há um jeito de sair da cidade sem usar qualquer um dos portões. O jardim do Tisroc - que ele viva para sempre! - desce até a muralha do rio, e no lugar existe uma pequena porta. Só para uso da gente do palácio, naturalmente... Mas, sabe, querida (aqui Lasaralina teve de dar um risinho), nós quase somos gente do palácio. Palavra, foi sorte sua ter se encontrado comigo. O caro Tisroc - que ele viva para sempre! - é tão bom! Somos convidados ao palácio quase todos os dias... É como se fosse um segundo lar. Gosto tanto dos príncipes todos, das princesas e, para falar sinceramente, adoro o príncipe Rabadash. Posso procurar as damas de honra a qualquer hora do dia ou da noite. Será fácil sairmos escondidas, depois de escurecer. Você escapa pela porta da muralha, pegando uma canoa. E se formos apanhadas...

- Tudo está perdido...

- Não fique nervosa, queridinha. Eu ia dizer o seguinte: mesmo que sejamos apanhadas, todo mundo iria dizer que foi mais uma das minhas brincadeiras. Já estou ficando famosa por causa delas.

Ainda outro dia... foi de morrer de rir...

- E eu só ia dizer o seguinte: tudo estará perdido para mim.

- Ah, já entendi o que você quer dizer... Sabe de outro plano melhor, querida?

Aravis não sabia:

- Correremos o risco do jardim e da porta da muralha. Quando começamos?

- Ah, não hoje à noite. Hoje à noite, não, francamente. Há uma grande festa... Ih! Preciso fazer o meu cabelo daqui a pouquinho!... E vai ficar tudo claro como se fosse dia. E assim de gente! Tem de ser amanhã à noite.

Más notícias para Aravis; que se haveria de fazer? O resto da tarde foi de horas morosas, e Aravis sentiu grande alívio quando Lasaralina saiu para a festa. Já estava cansada de risadinhas esfuziantes e vestidos e festas maravilhosas e casamentos e noivados e escândalos. Foi dormir cedo, e disso gostou muito: era uma delícia ter de novo uma cama com lençóis e travesseiros.

Mais lento ainda foi o dia seguinte. Lasaralina quis voltar atrás em tudo que fora assentado, insistindo em dizer que Nárnia era uma terra de neve eterna, habitada por demônios e feiticeiras. Era simplesmente uma loucura ir para lá. - “Ainda por cima na companhia de um pescador; francamente! Pense melhor, querida. Não é nada elegante.”

Aravis havia pensado muito nisso, mas já estava tão cansada das tolices de Lasaralina que, pela primeira vez, começou a achar que a companhia de Shasta era bem mais divertida do que a vida elegante em Tashbaan. Apenas respondeu:

- Você se esquece de uma coisa: eu também não serei *ninguém*, chegando a Nárnia. E, além do mais, prometi.

Lasaralina, quase chorando, replicou:

- E pensar que, se você tivesse juízo, seria a esposa de um grão-vizir!

Aravis saiu para uma conversa particular com os cavalos.

- Podem ir com o escudeiro antes do pôr-do-sol. Não precisam mais daqueles sacos. Irão de sela e rédea. Mas levarão comida e água nos alforjes. O homem recebeu ordens para que vocês matem a sede do outro lado da ponte.

- Para Nárnia! Para o Norte! - murmurou Bri. - Mas... e se Shasta não estiver lá nos túmulos?

- Esperem por ele, é claro. Passaram bem a noite?

- Nunca estive num estábulo melhor na minha vida - respondeu Bri. - Mas tem uma coisa: se o marido daquela sua amiga das risadinhas está pagando o primeiro escudeiro para comprar aveia de primeira, tenho a impressão de que ele anda enganando o patrão.

Aravis e Lasaralina cearam na Sala das Colunas. Duas horas mais tarde, estavam prontas para partir. Aravis vestiu-se como uma escrava de estimação de uma casa importante, cobrindo o rosto com um véu. Se houvesse perguntas, Lasaralina responderia que estava levando uma escrava de presente para uma das princesas.

Saíram com todo o cuidado, e poucos minutos depois estavam às portas do palácio. O oficial da guarda conhecia Lasaralina; os soldados, a seu mando, prestaram-lhe continência. Passaram à Sala de Mármore Negro. Serviçais e escravos andavam de um lado para outro, e isso facilitava mais as coisas. Da Sala das Colunas passaram à Sala das Estátuas e, depois da colunata, cruzaram os grandes portões de cobre trabalhado das salas do trono. Era de um luxo indescritível tudo o que se podia ver sob a luz mortiça do lampadário.

Chegaram por fim ao jardim, que descia até o rio em numerosos terraços. No fim erguia-se o Velho Palácio, escurecido pelo tempo. Já era quase noite, e as duas passaram por um labirinto de corredores iluminados apenas por alguns tocheiros fixados nas paredes. Lasaralina parou num lugar onde se podia ir para a esquerda ou para a direita.

- Vamos, vamos - murmurou Aravis, com o coração batendo acelerado, ainda com a impressão de que o pai podia aparecer a qualquer momento.

- Só estou pensando um pouco... Não tenho muita certeza se é para cá ou para lá... Acho que é para lá. É, tenho quase certeza. Que engraçado tudo isso aqui!

Pegaram à esquerda, atravessaram uma passagem quase escura de todo, chegaram a uma descida feita em degraus.

- Está certo - disse Lasaralina. - Lembro-me destes degraus.

Nesse momento uma luz oscilou lá na frente. Um segundo após, num canto distante, surgiram os vultos de dois homens que caminhavam de costas empunhando grandes velas. Só diante de realezas é que aparecem pessoas andando de costas. Aravis sentiu Lasaralina agarrando-lhe o braço quase como se fosse um beliscão, aquele beliscão que significa o seguinte: estou morrendo de medo. Achou estranho que Lasaralina sentisse tanto pavor do Tisroc, tão amigo, tão bom. Mas não havia muito tempo para pensar. Lasaralina já a empurrava para trás, degraus acima, na ponta dos pés, roçando pelas paredes.

- Uma porta; entre depressa!

Fecharam de novo a porta com todo o cuidado. Escuro total. Pela respiração, podia-se perceber que Lasaralina estava aterrorizada.

- Que Tash nos proteja! Que vamos fazer, Aravis, se ele entrar aqui?

Pisando um tapete fofo, saíram tateando e tropeçaram num sofá.

- Vamos nos esconder aqui atrás - murmurou Lasaralina. - Ó, que idéia idiota ter vindo aqui!

As duas moças agacharam-se no diminuto espaço entre o sofá e a parede acortinada.

Lasaralina deu um jeito de arranjar a melhor posição, ficando completamente escondida. A parte superior do rosto de Aravis aparecia do lado do sofá; seria vista se alguém projetasse uma luz naquela direção. Talvez, se isso acontecesse, o véu ajudasse a disfarçar que se tratava de um rosto humano. Tentou obter algum espaço de Lasaralina, que, mais egoísta no seu terror, resistiu e beliscou-lhe os pés. Desistiram e ficaram quietas, arquejando um pouco. Faziam muito ruído ao respirar, mas não havia nenhum outro barulho.

- Estamos salvas? - perguntou Aravis, no mais baixo dos mais baixos suspiros.

- Acho... acho que sim... mas, ó, meus nervos estão...

O barulho que então ouviram não poderia ser mais aterrador: uma porta se abriu. Depois, a luz. Como Aravis não podia esconder a cabeça atrás do sofá, viu tudo.

Primeiro entraram os dois escravos (surdos e mudos, como Aravis imaginou, usados nas reuniões secretas), andando de costas e empunhando as velas. Cada um se colocou a um lado do sofá. Por sorte um escravo ficou na frente de Aravis, que passou a enxergar a cena através dos calcanhares dele. Entrou em seguida um velho, gordíssimo, usando um engraçado gorro pontudo, pelo qual Aravis imediatamente reconheceu o Tisroc. A menorzinha das jóias que usava valia mais do que todas as indumentárias e armas dos senhores de Nárnia. Mas Aravis passou a preferir a moda de Nárnia àquela massa enfeitada de babados, pregueados, laçarotes, botões, borlas e talismãs. Depois entrou um jovem alto com turbante cheio de plumas e jóias e uma cimitarra embainhada em marfim. Parecia emocionado. Seus olhos e dentes reluziam no brilho das velas. Por fim entrou um corcunda mirrado, no qual ela reconheceu com um calafrio o grão-vizir, seu prometido esposo, o próprio Achosta Tarcaã.

O Tisroc estirou-se no divã com um suspiro de satisfação; o jovem tomou o seu lugar, de pé diante dele; o grão-vizir agachou-se sobre os joelhos e os cotovelos, achatando a cara no tapete.

8
NA CASA DO TISROC

O jovem tomou a palavra:

- Pai-meu-e-deleite-dos-meus-olhos! - falava depressa e num tom emburrado sem convencer a ninguém que o Tisroc fosse o deleite de seus olhos. - Louvado seja o seu nome para sempre! O senhor me destruiu completamente. Se tivesse me dado a mais rápida de suas galeras ao nascer do sol, quando percebi que o navio dos malditos bárbaros se afastava, talvez eu os tivesse alcançado. Persuadiu-me porém o senhor a verificar se acaso não estariam eles buscando melhor ancoradouro. Perdemos todo o dia. E já se foram... já se puseram fora do meu alcance! Aquela falsa jóia, aquela...

E aqui o jovem começou a referir-se à rainha Susana com palavras que não fica bem registrar no papel. Pois, sem dúvida, tratava-se do príncipe Rabadash; a *falsa jóia* só podia ser Susana de Nárnia.

- Olha a compostura, filho meu - disse o Tisroc. - A partida de um hóspede faz uma ferida que se cura mais depressa no coração do sensato.

- Mas eu *quero* a moça - bradou o príncipe. - Eu preciso da moça! Vou morrer sem... sem aquela falsa, soberba, aquela traiçoeira filha de um cão sarnento! Já não posso mais dormir, o melhor alimento não me apetece, os meus olhos estão ofuscados pela beleza daquela bárbara. Preciso da rainha bárbara.

- Como disse tão bem o divino poeta - observou o vizir, erguendo o rosto um tanto empoeirado -, “uns bons goles na fonte da razão ajudam a apagar o fogo do coração”.

Esse verso irritou ainda mais o príncipe.

- Seu cachorro! - gritou ele, aplicando chutes certeiros no traseiro do grão-vizir. - Não ouse levantar poetas contra mim. Estou cheio de versos e máximas!

É possível que Aravis não tenha sentido a menor pena do vizir.

O Tisroc parecia mergulhado em devaneios, mas, ao notar o que acontecia, falou tranqüilamente:

- Filho meu, pare de dar pontapés no venerável e esclarecido vizir: pois, assim como uma gema conserva o seu valor mesmo num monte de estéreo, deve a velhice ser respeitada, mesmo na mais vil das pessoas. Pare, pois, e diga-nos o que deseja e propõe.

- Desejo e proponho, pai meu, que o senhor convoque imediatamente seu invencível exército a fim de invadir a três vezes maldita terra de Nárnia, para arrasá-la com a espada e o fogo, anexando-a ao nosso ilimitado império, matando o Grande Rei e todos os de seu sangue, com exceção da rainha Susana. Pois a esta eu quero por mulher, quando ela tiver aprendido sua lição.

- Compreenda, filho meu, que nenhuma das palavras que proferisse poderá levar-me a uma guerra aberta com Nárnia.

- Não fosse o senhor o meu pai, ó sempiterno Tisroc - disse o príncipe rangendo os dentes -, diria que são palavras de um covarde.

- E não fosse você meu filho, ó fogoso Rabadash, sua vida agora seria curta e demorado o seu fim.

A voz plácida e fria com que disse essas palavras gelou o sangue de Aravis.

- Mas, pai meu - replicou o príncipe, num tom bem mais respeitoso -, por que pensar duas vezes em punir Nárnia? É como se enforcássemos um escravo preguiçoso ou déssemos um cavalo velho para os cachorros comerem. Nárnia não chega a ser a quarta parte da menor de suas províncias. Mil lanças podem subjugá-la em cinco semanas. Não passa de uma nódoa aos pés do seu império.

- Sem dúvida - falou Tisroc. - Esses pequenos países bárbaros que se proclamam *livres* (vale dizer, indolentes, caóticos, inúteis) são odiosos aos deuses e a todas as pessoas de discernimento.

- Assim sendo, por que haveremos de sofrer a afronta de uma Nárnia insubmissa? - prosseguiu o príncipe.

- Saiba, ó sábio príncipe - interveio o grão-vizir -, que, até o ano em que o seu altivo pai começou o seu salutar e sempiterno reinado, a terra de Nárnia vivia coberta de neve e gelo e era governada por uma poderosa feiticeira.

- Sei de tudo isso muito bem, ó loquaz vizir - replicou o príncipe. - Mas também sei que a feiticeira morreu. E que o gelo e a neve derreteram. E que Nárnia agora é um país frutífero.

- E essa mudança, cultíssimo príncipe, sem sombra de dúvida, é devida aos encantamentos dessas criaturas perversas que agora se intitulam reis e rainhas de Nárnia.

- Sou de opinião - disse Rabadash - que isso aconteceu pela força das causas naturais.

- Isto é assunto para os sábios. - falou o Tisroc. - Jamais poderei acreditar que uma tal mudança possa ser feita sem a intervenção de poderosa magia. Tantas coisas ali sucedem, que a terra é principalmente habitada por demônios na forma de bichos que falam como homens e de monstros que são metade homem e metade animal. É geralmente aceito que o Grande Rei de Nárnia -que os deuses o amaldiçoem! - é sustentado por um demônio de aspecto hediondo e de imbatível poder maléfico, que aparece sob a forma de um leão. Daí ser o ataque a Nárnia uma empresa duvidosa. Estou decidido a não meter a mão em saco de onde não possa retirá-la.

- Venturosos os calormanos - disse o vizir, revirando mais uma vez a cabeça -, em cujo chefe os deuses houveram por bem derramar a prudência e a circunspecção! Como diz o sábio e irrefutável Tisroc, seria penoso meter as mãos em um saco tão opulento quanto Nárnia. Divino foi o poeta que disse...

A esta altura Achosta percebeu um movimento impaciente do pé do príncipe e calou-se.

- É muito penoso - concordou o Tisroc na sua voz profunda e mansa. - O sol é escuro aos meus olhos, e à noite meu sono é menos reparador, por lembrar-me que Nárnia é ainda uma terra livre.

- Pai meu - disse Rabadash -, e se lhe mostrasse uma maneira pela qual poderia estender a sua mão para agarrar Nárnia, podendo retirá-la incólume,

caso fracassasse a tentativa?

- Caso me mostre isso, Rabadash, será o melhor dos filhos.

- Escute, pois, meu pai. Nesta mesma noite, conduzirei apenas duzentos cavalos e homens pelo deserto. Parecerá a todos que o senhor nada sabe de minha expedição. Na segunda manhã estarei nos portões do castelo do rei Luna, na Arquelândia, em Anvar. Estão em paz conosco e desprevenidos: tomarei Anvar antes que se mexam. Depois cavalgarei pelo desfiladeiro do alto de Anvar, seguindo por Nárnia até Cair Paravel. O Grande Rei não se encontra lá; quando o deixei, prepara
va uma expedição contra os gigantes da fronteira do norte. Entrarei facilmente em Cair Paravel. Serei cauteloso, cortês e mesureiro como um narniano. E depois, então? É esperar sentado até a chegada do *Esplendor Hialino*, com a rainha Susana a bordo, agarrar o meu passarinho fujão assim que ele pousar, colocá-lo na sela e cavalgar, cavalgar até Anvar.

- Mas não é provável, filho meu, que, ao arrebatar a mulher, um dos dois, você ou o rei Edmundo, perca a vida?

- São poucos: dez dos meus homens podem desarmá-lo e amarrá-lo. Sofrearei minha veemente sede de sangue para que não prevaleça um motivo de guerra entre o senhor e o Grande Rei.

- E se o *Esplendor Hialino* chegar a Cair Paravel antes de você?

- Não com estes ventos, pai meu.

- Por fim, imaginoso filho meu, está bem claro de que maneira obterá a mulher bárbara, mas de modo algum está claro como poderei subjugar Nárnia.

- Pai meu, por acaso lhe escapou que, enquanto eu e meus cavaleiros cruzamos Nárnia de lado a lado como uma flecha, Anvar já será nossa para sempre? De posse de Anvar, estamos sentados às portas de Nárnia, e sua guarnição aí pode ser acrescida pouco a pouco, até transformar-se em legião imensa.

- Falou com discernimento e espírito de previsão. Mas como vou retirar a minha mão se tudo for por água abaixo?

- É só dizer que fiz esse gesto sem o seu conhecimento, contra o seu coração, impelido pela violência do meu amor e pelo ardor da juventude.

- Certo. Mas se o rei pedir que lhe mandemos de volta a mulher bárbara, irmã dele?

- Pai meu, pode estar certo de que isso não acontecerá. Embora essa mulher, por mero capricho, tenha recusado o casamento, o Grande Rei Pedro é homem prudente e judicioso. De modo algum vai querer perder a alta honraria e grande vantagem de ser aliado da nossa casa e de ver o seu sobrinho e o seu sobrinho-neto no trono dos calormanos.

- Ele não verá isso se eu viver para sempre, como é sem dúvida o seu desejo, filho meu - disse o Tisroc, com uma voz ainda mais seca do que habitualmente.

Depois de um instante de embaraçoso silêncio, falou o príncipe:

- Além disso, pai-meu-e-deleite-dos-meus-olhos, forjaremos cartas da rainha, afirmando que me ama e que não sente o menor desejo de regressar a Nárnia. Pois todo mundo sabe que as mulheres mudam mais que catavento. E, mesmo que não acreditem nas cartas, não ousarão entrar com armas em Tashbaan para buscá-la.

- Esclarecido vizir - disse o Tisroc -, queira esparzir sobre nós o seu sábio conselho a propósito desta estranha proposta.

- Sempiterno Tisroc: a força da afeição paternal não me é estranha e com freqüência vejo que, aos olhos do pai, filhos são mais preciosos que diamantes. Assim, como poderei ousar desvendar-lhe todo o meu pensamento, em matéria que pode colocar em perigo a vida deste decantado príncipe?

- É claro que você vai ousar - respondeu o Tisroc. - Se não ousar, correrá pelo menos um perigo igual.

- Ouvir é obedecer - gemeu o desgraçado. - Saiba então, ó iluminado Tisroc, em primeiro lugar, que o príncipe não corre um perigo tão grande quanto pode parecer. Pois os deuses negaram aos bárbaros a luz da discrição: assim a poesia deles não é, como a nossa, cheia de máximas e ditos úteis, mas é uma poesia de amor e de guerra. Portanto, nada lhes parecerá mais nobre e admirável do que a insensata empreitada a qual este... ai!

Na palavra “insensata”, o príncipe dera-lhe um chute.

- Pare com isso, filho meu. E você, estimável vizir, quer ele pare ou não, de maneira alguma permita que a torrente de seu eloqüente verbo seja interrompida. Pois nada assenta melhor a pessoas de gravidade e compostura do que suportar os males menores com resignação.

- Ouvir é obedecer - falou o vizir, revirando-se um pouco para o lado, a fim de colocar o traseiro fora do alcance do pé de Rabadash: - Nada lhe parecerá mais desculpável, se não estimável, ao príncipe, do que esta... hum... arriscada tentativa, especialmente por ser inspirada pelo amor da mulher. Portanto, se por desgraça o príncipe cair nas mãos deles, certamente não irão matá-lo. Mais

ainda: pode ser mesmo que, embora não seqüestre a rainha, à vista de sua grande bravura e da sua extrema paixão, os corações deles acabem por favorecê-lo.

- Está aí um bom ponto de vista, velho tagarela - falou Rabadash. - Muito bom, apesar de ter saído de seu bestunto.

- O louvor do meu amo é a luz do meu coração - replicou Achosta. - Em segundo lugar, ó Tisroc, cujo reinado deve ser e será sempiterno, creio que, com o auxílio dos deuses, é muito provável que Anvar caia nas mãos do príncipe. Se assim for, agarramos Nárnia pelo pescoço.

Fez-se uma longa pausa. A sala ficou tão silenciosa que as duas moças mal tinham coragem de respirar. Falou o Tisroc, afinal:

- Vá, filho meu. Faça como disse. Mas não espere de mim ajuda ou conivência. Não o vingarei se morrer, e não irei libertá-lo se o meterem numa prisão. E, caso fracasse ou triunfe, se verter uma gota a mais do nobre sangue narniano, e disso advenha a guerra, meu favor lhe será negado para sempre, e o seu irmão ocupará o seu lugar entre os calormanos. Agora vá. Seja rápido, discreto, e que a sorte o favoreça. Que o poderio de Tash, o inexorável, o irresistível, dirija a sua lança e a sua espada.

- Ouvir é obedecer - bradou Rabadash, que, depois de ajoelhar-se um segundo para beijar as mãos do pai, deixou rapidamente a sala. Para grande desgosto de Aravis, que sentia câimbras horríveis, o Tisroc e o vizir permaneceram.

- Vizir, será certo que nenhuma outra alma sabe da reunião que os três aqui mantivemos?

- Senhor meu, não é possível que mais alguém o saiba. Por esta mesma razão propus, e a sua infalível sabedoria concordou, que era aqui, no Velho Palácio, que deveríamos nos encontrar, onde reunião alguma jamais foi feita e nenhum dos familiares tem ocasião de entrar.

- Muito bem. Se alguém soubesse, estaria morto em menos de uma hora. E também você, meu prudente vizir, esqueça tudo o que se passou aqui. Limparei do meu próprio coração e do seu também toda a lembrança em relação aos planos do príncipe. Ele partiu sem o meu conhecimento e sem o meu consentimento, não sei para onde, por motivo de sua violência, precipitação e rebeldia juvenis. Ninguém ficará mais surpreso do que nós, eu e você, ao saber que Anvar está nas mãos dele.

- Ouvir é obedecer.

- Por isto mesmo, você jamais pensará, lá no fundo do seu coração, que eu sou o mais duro de todos os pais, capaz de enviar o primogênito numa missão que lhe possa causar a morte. Por mais que isto lhe agrade, a você, que não ama muito o príncipe, como bem vejo no fundo da sua alma.

- Impecável Tisroc, se o comparo com o amor ao meu senhor, eu de fato não amo o príncipe, nem a minha própria vida, nem a água, nem o pão, nem a luz do sol.

- São elevados e certos os seus sentimentos. Também não amo nada dessas coisas, se as comparo com o poder e a glória do meu trono. Se o príncipe triunfar, teremos Arquelândia e talvez, depois, Nárnia. Se falhar... se falhar tenho mais dezoito filhos... e Rabadash, ao estilo dos filhos mais velhos dos reis, estava começando a ficar perigoso. Mais de cinco tisrocs em Tashbaan morreram antes da hora porque seus filhos mais velhos, esclarecidos príncipes, acabaram se cansando de esperar pelo trono. Melhor que ele esfrie o sangue no estrangeiro do que o afervente aqui na inação. E agora, meu excelente vizir, o excesso de minha aflição paterna está me levando para a cama. Mande os músicos para os meus aposentos. Mas, antes de deitar-se, revogue o perdão que assinamos para o terceiro cozinheiro. Estou sentindo dentro de mim prognósticos evidentes de indigestão.

- Ouvir é obedecer.

O grão-vizir engatinhou pela sala, levantou-se, abriu a porta, fez a reverência e saiu. O Tisroc permaneceu sentado e quieto no divã Aravis chegou a temer que tivesse caído no sono. Por fim, com grandes chiados e suspiros, ele alçou o enorme corpanzil, fez sinal para que os escravos o precedessem com as velas, e saiu. Fechou-se a porta. A sala estava novamente imersa em escuridão. As duas moças podiam afinal respirar de verdade.

9
ATRAVÉS DO DESERTO

- Que horror! Que horror! - gemeu Lasaralina. - Estou apavorada, querida. Estou tremendo da cabeça aos pés. Veja só.

- Vamos - disse Aravis, que também tremia. - Já foram para o palácio novo. Estaremos salvas lá fora. Como demoraram! Leve-me logo para a porta da muralha, depressa.

- Mas você tem coragem, querida? Olhe o meu estado de nervos! Não, por favor: vamos descansar um pouco e voltar para casa. No momento, nem consigo dar um passo. Que nervosismo, querida! Quero voltar para casa.

-Voltar?!

- Você não entende, não é? Você é tão pouco compreensiva! - falou a amiga, começando a chorar.

"Não é hora para compaixão", pensou Aravis.

- Olhe uma coisa! - e deu umas boas sacudidelas em Lasaralina. - Se disser outra vez a palavra *voltar,* e se não me levar imediatamente para a porta do rio... sabe o que vou fazer? Vou lá fora e dou um berro... e pegam a gente.

- E nós duas então iremos mo... morrer! Você não acabou de ouvir o que disse o Tisroc - que ele viva para sempre!

- Ouvi, mas prefiro morrer a me casar com Achosta. *Logo,* em frente!

- Você está sendo má, Aravis. Veja só o meu estado de nervos.

Mas Lasaralina acabou entregando os pontos. Voltaram, seguiram por um comprido corredor e chegaram por fim ao ar livre.

Estavam agora no jardim do palácio com aqueles terraços em tabuleiros, cercados pelas muralhas da cidade. A lua brilhava. Uma desvantagem das aventuras é esta: quando chegamos aos lugares mais

belos, estamos em geral tão aflitos e apressados que não somos capazes de apreciá-los. Por isso Aravis (apesar de lembrar-se anos depois) teve apenas uma vaga impressão de relvados cinzentos, fontes murmurantes, sombras esguias de ciprestes.

Quando chegaram ao fim da rampa, e a muralha lhes barrou o caminho, Lasaralina tremia tanto que não foi capaz de abrir o portão. Aravis passou à frente e o fez. Lá estava o rio, espelhando o luar, com um pequeno cais de amarração e simpáticas canoas.

- Adeus - disse Aravis - e muito obrigada. Perdoe se fiz jogo sujo, mas pense um pouquinho de quem estou escapando.

- Querida, não quer desistir? Agora já viu que Achosta é um grande homem!

- Grande homem! Um escravo repugnante e rastejante que a chutes no traseiro responde com lisonjas, mas vai guardando tudo, e acaba levando o Tisroc a aceitar um plano que causará a morte do próprio filho!

- Aravis! Aravis! Como você pode dizer uma coisa destas? E sobre o Tisroc - que ele viva para sempre! - também! Se ele fez aquilo, é porque está certo!

- Adeus e... achei lindos os seus vestidos. E sua casa também é linda. E você vai ter uma vida linda... Só que não é a minha vida. Feche a porta devagar.

Escapou dos ternos beijos da amiga, pulou para dentro de uma canoa e daí a pouco estava em pleno rio, com duas luas, uma no céu, outra no fundo das águas. Como era boa a brisa!

Quando se aproximava da outra margem ouviu o pio de uma coruja. “Muito mais agradável!” Vivera sempre no campo e detestara todos os minutos passados em Tashbaan.

Ao pisar em terra, viu-se cercada pela escuridão, pois a elevação do terreno e as árvores impediam a passagem do luar. Mesmo assim conseguiu descobrir o caminho trilhado por Shasta, divisando por fim os túmulos escuros. E, por mais valente que fosse nesse momento, o seu coração estremeceu. E se os outros não estivessem lá? E se, no lugar deles, estivessem os morcegos? Mas ergueu a cabeça e caminhou firme para os túmulos.

Ainda não os alcançara quando deu com Bri, Huin e o escudeiro.

- Pode voltar para a casa de sua senhora - disse Aravis, esquecendo-se de que o escudeiro só poderia voltar no dia seguinte, quando os portões da cidade se abrissem. - Tome um dinheiro pelo trabalho.

- Ouvir é obedecer - disse o escudeiro, partindo com uma pressa inesperada na direção da cidade. Também a cabeça dele estava cheia de morcegos.

Aravis viu-se acariciando Huin e Bri como se fossem animais comuns.

- Aí vem Shasta! Graças ao Leão! - disse Bri. Shasta de fato apareceu, agora que o escudeiro se fora.

- Não há um momento a perder! - E em rápidas palavras Aravis falou sobre a expedição de Rabadash.

- Cães traiçoeiros! - bradou Bri, sacudindo a crina e batendo com o casco. - Um ataque em tempo de paz, sem declaração de guerra! Pois vamos lhes colocar sal na ração. Chegaremos antes deles.

- Chegaremos? - duvidou Aravis, pulando para a sela de Huin. - Shasta sentiu um pouco de inveja daquele pulo perfeito.

- Bru-ru! - bufou Bri. - Firme, Shasta? Vamos dar uma boa largada!

- O príncipe também vai largar imediatamente - falou Aravis.

- Conversa de gente humana - respondeu Bri.

- Impossível organizar um esquadrão de duzentos cavalos e duzentos cavaleiros, com água, comida e armamentos, e largar imediatamente. Bem, qual a nossa direção? Norte?

- Um momento - interveio Shasta. - Deixe isso comigo. Tracei uma linha. Depois eu explico. Vocês, cavalos, cheguem um pouco mais para a esquerda. Aí... exatamente.

- Agora tem uma coisa - disse Bri. - Isso de galopar durante um dia e uma noite só existe nas histórias. Tem de ser no passo e no trote. Quando formos a passo, vocês aí, humanos, podem descer e ir a passo também. Pronta, Huin? Vamos! Para Nárnia! Para o Norte!

A princípio foi uma beleza. Com a noite alta, a areia perdera o calor acumulado durante o dia e a temperatura era agradável. Por todos os lados a

areia resplandecia como água ou como uma grande bandeja de prata. Fora o barulho dos cascos, o silêncio era completo. Shasta seria capaz de dormir, caso não tivesse de desmontar para caminhar de vez em quando.

Parecia uma cavalgada sem fim. Sumiu o luar e tiveram a impressão de avançar nas trevas por horas e horas. Quando Shasta percebeu que distinguia o pescoço e a cabeça de Bri com mais nitidez, lenta, lentamente, a grande planura cinzenta começou a surgir. Parecia um mundo morto. Terrivelmente cansado, Shasta notou que fazia frio e que os seus lábios estavam secos. E o tempo todo o ranger do couro, o tinir dos cabrestos e o ruído dos cascos, não o *proctiproc* de um caminho duro, mas um *pructupruc* sobre a areia ressequida.

Por fim, muito longe, do lado direito, surgiu no horizonte um longo risco cinza, mais pálido. Depois um clarão avermelhado. Era enfim o amanhecer, a manhã que nem um só passarinho festejava. E, como estava ficando mais frio, Shasta começou a gostar das caminhadas a pé.

Com o sol, tudo mudou num instante. A areia cinzenta ficou amarela e cintilava como que salpicada de diamantes. As sombras de Shasta, Huin, Bri e Aravis alongavam-se à esquerda. Na lonjura em frente o topo duplo do Monte Piro refulgia, e Shasta achou que se haviam afastado um pouco da linha reta.

- Um pouquinho mais à esquerda, um pouquinho mais - comandou.

O melhor de tudo era olhar para trás e ver Tashbaan diminuindo de tamanho na distância. Os túmulos ficaram quase invisíveis, engolidos pela vasta corcova maciça que era a cidade do Tisroc. Todos se sentiram melhor.

Mas não por muito tempo. Tashbaan, muito longe quando olharam pela primeira vez, parecia permanecer no mesmo lugar enquanto avançavam.

Shasta parou de olhar para trás, para não ter a impressão de estar sempre no mesmo lugar. O sol passou a ser um incômodo, pois o fulgor da areia doía-lhe nos olhos. O jeito era esfregá-los e continuar fixando o Monte Piro e comandando a rota.

Notou que o calor havia chegado quando, ao apear, sentiu um bafo quente na face como se tivesse aberto um forno. E, quando ia desmontar mais uma vez, deu um berro de dor, um pé descalço na areia ardente e outro no estribo.

- Sinto muito, Bri, mas não agüento mais andar. Meus pés estão pegando fogo.

- É claro! Eu devia ter-me lembrado disso. Fique na sela. Não há outro jeito.

- Você não tem problema - disse Shasta para Aravis, que caminhava ao lado de Huin. - Você tem sapato.

Aravis nada respondeu. Estava com um ar superior. E infelizmente esse ar superior era propositado.

A trote, a passo, *rã-rã-rã* dos couros, *tlim-tlim-tlim* dos cabrestos, cheiro de cavalo, cheiro de si mesmo, calor, ofuscamento, dor de cabeça - eis o que era, e sempre a mesma coisa, quilômetro após quilômetro. E Tashbaan sempre lá, no mesmo lugar, nunca mais longe, e as montanhas à frente sempre no mesmo lugar, nunca mais perto. Não acabava mais, *rã-rã-rã, tlim-tlim-tlim,* cheiro de cavalo, cheiro de gente.

Experimentaram todos os passatempos, mas o tempo não passava. E era preciso fazer uma força monstruosa para não ficar pensando em refrescos gelados num palácio de Tashbaan, água clara batendo na pedra, leite fresco e cremoso, mas não cremoso demais... E, por mais que a gente não queira pensar, mais a gente pensa.

Entretanto, acabou surgindo uma coisa diferente: um bloco de pedra fincado na areia, com uns dez metros de altura. Com o sol já muito alto, a sombra do bloco de pedra era pouca. Foi para esse pouquinho de sombra que correram e aí se amontoaram. Comeram e beberam um gole de água. Não é fácil dar água a um cavalo com um cantil, mas Bri e Huin souberam usar os beiços com habilidade.

Ninguém chegou a ficar satisfeito. Ninguém falou nada. Os cavalos espumavam e respiravam ruidosamente. As crianças estavam pálidas.

Após um ligeiro descanso, partiram novamente. Os mesmos ruídos, os mesmos odores, os mesmos fulgores, até que as sombras dos quatro passaram para o lado direito e foram ficando cada vez mais compridas, como se quisessem alcançar a extremidade oriental do mundo. Com o sol posto, felizmente teve fim a reverberação das areias; mas o bafo quente do chão era cada vez pior. Quatro pares de olhos procuravam excitadamente um dos sinais referidos pelo corvo. Mas só havia areia. Já iam surgindo as

estrelas, e as quatro criaturas se sentiam infelizes, sedentas e exaustas. Mal se erguia a lua quando Shasta -com a voz estranha de quem está de boca seca -gritou:

- Lá está!

Não havia erro. Lá estava uma inclinação do terreno, um declive com massas de pedra dos lados. Os cavalos, cansados demais para falar, picaram o passo e, em dois minutos, entraram na garganta. A princípio foi ainda pior que no areai aberto; respirava-se com dificuldade entre as paredes de pedra, e o luar mal penetrava. A inclinação prosseguia, e as rochas de lado a lado pareciam altos penhascos. Encontraram vegetação, plantas como cactos espinhosos e um capim que picava a pele. Os cascos dos cavalos pisoteavam seixos e pedras grandes. Por todas as curvas iam buscando ansiosamente qualquer sinal de água. Os cavalos quase não podiam mais, extenuados; Huin, aos tropeções, ia ficando para trás. Já quase desesperados, depararam com um fiozinho de água correndo por um capinzal menos áspero. O fiozinho virou um arroio, o arroio virou um riacho e o riacho acabou virando um rio de verdade. De repente, Shasta, meio zonzo, percebeu que Bri havia parado e que ele caíra da sela. Diante deles estava uma cachoeira formando uma piscina de água fresca. Os cavalos começaram a beber, a beber, a beber. Shasta entrou com a água pelos joelhos e foi meter a cabeça debaixo da cachoeira. Talvez tenha sido o melhor momento da sua vida.

Só dez minutos mais tarde os quatro começaram a observar os arredores. A lua já subira o bastante para espreitar o vale. Relva macia alongava-se pelas margens do rio; além, moitas e árvores. Flores escondidas na sombra perfumavam o ar. Vindo do escuro da mata chegou um som que Shasta jamais ouvira: um rouxinol.

Fatigados demais para falar ou comer, os cavalos deitaram-se como estavam. O mesmo fizeram Aravis e Shasta.

Cerca de dez minutos após, a prudente Huin abriu a boca:

- Não devemos dormir; temos de chegar na frente daquele Rabadash.

- Ninguém vai dormir - disse Bri com vagareza. - Só descansar um pouquinho...

Shasta percebeu que iriam todos pegar no sono se ele não se levantasse e fizesse alguma coisa. Resolveu levantar-se para convencê-los a prosseguir. Mas não agora... daqui a pouco...

E logo a lua brilhava e o rouxinol cantava acima de dois cavalos e duas crianças - todos os quatro a ressonar.

Aravis foi a primeira a acordar. O sol já ia alto, e as horas matinais mais frescas estavam perdidas. “Minha culpa” - disse para si mesma com *raiva*, dando um pulo e começando a despertar os outros. “Não se pode esperar que cavalos continuem acordados depois de uma canseira como essa, mesmo que falem. E o rapaz também, pois não tem o hábito. Mas eu, sim, eu devia saber.”

Os outros estavam tontos de sono.

- Bru-ru! - disse Bri. - Dormindo de sela, eu! Nunca mais, que coisa desagradável!

- Depressa, vamos, já perdemos metade da manhã.

- Antes temos de comer um capinzinho - disse Bri.

- Não podemos esperar.

- Por que essa pressa? - perguntou Bri. -Já atravessamos ou não o deserto?

- Mas ainda não estamos em Arquelândia; temos de chegar lá antes de Rabadash.

- Ó, mas devemos estar muito à frente dele - respondeu Bri. - Esse corvo, amigo de Shasta, não disse que este era o caminho mais curto?

- Ele não disse nada sobre *mais curto* - respondeu Shasta. - Disse apenas *melhor*, por causa do rio. Pode ser o mais comprido.

- Bem, não posso ir sem comer qualquer coisinha - disse Bri. - Tire minhas rédeas, Shasta.

- Por favor - falou por sua vez Huin, muito encabulada. - Também sinto como Bri que não posso mais. Mas quando cavalos levam humanos nas costas não são muitas vezes obrigados a continuar, mesmo não agüentando mais? E não descobrem no fim que ainda eram capazes de

suportar mais um pouco? Pois então, será que não podemos fazer uma forcinha, agora que estamos livres? Tudo em nome de Nárnia.

- Acho, madame - falou Bri esmagadoramente - que conheço um pouquinho mais do que a senhora a respeito de expedições e marchas forçadas ou da resistência de um cavalo!

Huin ficou quietinha; era tão sensível, tão gentil, tão cordata! Mas, na verdade, estava com a razão: se Bri estivesse carregando nas costas um tarcaã, este teria achado que ele poderia continuar por muitas horas. Mas justamente uma das piores conseqüências da escravidão é esta: quando uma criatura não é mais forçada a fazer as coisas, quase já perdeu de todo o poder de forçar a si mesma.

Esperaram que Bri comesse um pouco e bebes-se água. Huin e as crianças, naturalmente, também comeram e beberam.

Deviam ser umas onze horas quando partiram. Mesmo assim Bri não se mostrava com a mesma disposição da véspera. Foi Huin, embora a mais fraca e mais cansada dos dois, que abriu a cavalgada.

O vale era tão bonito, com as águas frescas, relvados e flores silvestres, que dava a tentação de ir vagarosamente.

10
UM EREMITA NO CAMINHO

Depois de várias horas de jornada, o vale se alargou; o rio que seguiam afluía a um rio mais largo e turbulento, que descia da esquerda para a direita, na direção do poente. Bela paisagem desvendava-se, com cerros baixos, um após o outro, no sentido das próprias montanhas do Norte. Alteavam-se à direita cumes rochosos, dois deles riscados de neve nas arestas. À esquerda, colinas de pinheiros, gargantas estreitas, picos azulados que se reproduziam até onde a vista podia alcançar. A cordilheira na frente abaixava-se para o que decerto deveria ser o desfiladeiro que levava de Arquelândia a Nárnia.

- Bru-ru-ru, o Norte, o verde Norte! - relinchou Bri.

De fato, as colinas mais baixas pareciam a Shasta e Aravis muito mais verdes e vivas do que o normal, já que os seus olhos eram acostumados à paisagem do Sul. O entusiasmo cresceu quando chegaram em algazarra ao ponto de encontro dos dois rios.

O rio que rolava das montanhas mais altas era por demais veloz e encachoeirado para que lhes ocorresse a idéia de cruzá-lo a nado. Mas, depois de investigar rio acima e rio abaixo, acabaram achando um lugar que poderia ser vadeado. O ronco das águas, o ar frio, as libélulas, tudo aumentava a estranha emoção de Shasta.

- Meus amigos, estamos em Arquelândia! - disse Bri, com orgulho, a chapinhar na direção da margem norte. Acho que este é o rio que chamam de Flecha Sinuosa.

- Só espero que cheguemos a tempo - murmurou Huin.

Depois começaram a subir, lentamente, ziguezagueando quase sempre. Nem estradas, nem casas à vista. Ao invés de agrupadas no que se poderia chamar de uma floresta, as árvores se dispersavam por todos os lados. Shasta, que passara toda a vida em campos de poucas árvores, jamais vira

tantas e tão diferentes. Coelhos debandavam à aproximação deles, e um bando de gazelas saiu de repente correndo pela mata.

- Não é mesmo uma maravilha?! - exclamou Aravis.

Shasta virou-se na sela e olhou para trás: nem o menor sinal de Tashbaan; só o deserto, sempre o mesmo, exceto a garganta verde pela qual haviam passado, estendendo-se até o horizonte.

- Ei, o que é aquilo? - disse ele de repente.

- Aquilo o quê? - perguntou Bri, virando-se. Huin e Aravis fizeram o mesmo.

- Aquilo. Parece fumaça. Será um incêndio?

- Tempestade de areia, acho - replicou Bri.

- O vento não está tão forte assim para levantar tanta areia - disse Aravis.

- Vejam! - exclamou Huin. - Umas coisas brilhando. São elmos... e armaduras. E estão andando... andando para cá.

- Por Tash! - exclamou Aravis. - É o exército. É Rabadas.

- Sem dúvida - concordou Huin. - É o que eu temia. Depressa! Temos de chegar a Anvar antes deles - e, sem outra palavra, pôs-se a galopar. Bri levantou a cabeça e fez o mesmo.

- Vamos, Bri, vamos! - incentivava Aravis. Foi uma árdua corrida para os cavalos. A cada crista de serra sucedia um vale, depois outra crista, depois outro vale; embora soubessem que seguiam mais ou menos a direção certa, ninguém tinha idéia da distância que os separava de Anvar. Do alto de uma serra, Shasta olhou novamente para trás: em vez de uma nuvem de pó, viu um bando escuro movendo-se na margem do rio. Pareciam formigas procurando uma passagem.

- Rápido! - gritou Aravis. - Era melhor não ter vindo, se fosse para não chegar a Anvar antes deles. Galope, Bri, galope! Afinal, você é um guerreiro!

Shasta ficou calado, pensando: “O coitado já está dando o máximo!” Bri alcançara Huin e ambos corriam lado a lado sobre a relva. Parecia impossível que Huin pudesse resistir por muito mais tempo.

De repente, um barulho atrás deles deixou-os completamente atônitos. Não era como esperavam, o barulho de cascos e tinidos de armaduras, mesclados talvez com gritos de guerra calormanos.

Shasta percebeu logo do que se tratava: era o mesmo rugido que ouvira na noite do encontro com Aravis e Huin. Bri também percebeu. Seus olhos reluziram, vermelhos, e suas orelhas deitaram-se para trás. Só então descobriu que não ia tão veloz quanto podia. Shasta imediatamente notou a mudança de velocidade. Em poucos segundos ultrapassaram Huin. “Não é justo!”, pensou Shasta, “achei que aqui estaríamos a salvo de leões.”

Tornou a olhar para trás. Tudo nítido: uma criatura imensa e fulva estava atrás deles, com o corpo roçando no chão, como um gato que se prepara para saltar a uma árvore quando um cachorro estranho entra no quintal. E se aproximava cada vez mais.

Ao olhar de novo para a frente, outra surpresa: o caminho estava impedido por um muro verde de uns três metros de altura. No centro do muro havia um portão aberto. Bem no meio da entrada do portão estava um homem alto, vestido com um manto alaranjado, apoiando-se numa bengala. A barba quase lhe batia nos joelhos.

Shasta viu tudo de relance e virou-se novamente para trás. O leão já roçava com as garras as pernas traseiras de Huin, que não tinha mais esperança nos olhos esbugalhados.

- Vamos socorrer Huin - gritou Shasta na orelha de Bri.

Bri mais tarde garantiu não ter ouvido nada, ou não ter entendido; como foi, em geral, cavalo de palavra, devemos acatar o que disse.

Shasta puxou os pés dos estribos, virou as pernas para o lado esquerdo, hesitou durante um pavoroso centésimo de segundo e pulou. Doeu horrivelmente mas, antes de ter consciência disso, já ia cambaleando para ajudar Aravis. Jamais tinha feito uma coisa dessas em toda a vida e mal sabia por que estava fazendo isso naquele instante.

Um dos mais terríveis ruídos do mundo, um berro de cavalo, partiu dos beiços de Huin. Aravis debruçava-se sobre o pescoço dela, tentando puxar a espada. E já os três - Aravis, Huin e o leão - estavam quase em cima de Shasta. O leão ergueu-se nas patas traseiras, imenso, e estendeu as terríveis garras da pata direita para Aravis, que deu um grito e rodopiou sobre a sela.

O leão atingiu os ombros dela. Transtornado pelo terror, Shasta conseguiu aproximar-se da fera, sem um porrete, sem uma pedra na mão. Gritou, bobamente, como se o leão fosse um cachorro: “Vai para casa! Já para casa!” Por uma fração de segundo viu-se cara a cara com o leão, a um palmo da bocarra escancarada. Aí, para seu absoluto espanto, o leão, ainda sobre as patas traseiras, refreando-se de súbito, virou-se e saiu em disparada para trás.

Shasta correu para o portão do muro verde. Huin, tropeçando e quase caindo, transpunha naquele instante o portão. Aravis ainda se mantinha na montaria, com as costas banhadas de sangue.

- Entre, minha filha, entre - dizia o homem de longas barbas. - Entre, meu filho. - E Shasta entrou ofegante.

O portão fechou-se e o estranho barbudo já ajudava Aravis a desmontar.

Estavam num largo pátio circular, cercado por uma sebe alta. Também via-se ali um tanque cheio de água absolutamente tranqüila. A árvore mais bonita que Shasta vira na vida sombreava o tanque e, além deste, ficava uma casinha de pedra coberta de folhas de palmeira. Ouviam-se balidos, e a um canto vagavam umas cabras. O chão era recamado de relva.

- O senhor... o senhor... é o rei Luna de Arquelândia? - disse Shasta, sem fôlego.

O velho fez que não:

- Sou o eremita. Não perca tempo com perguntas, meu filho. Obedeça. Esta senhorita está ferida. Seus cavalos estão extenuados. Neste momento Rabadash está encontrando um vau no Flecha Sinuosa. Se correr agora, sem parar para descansar, chegará a tempo de advertir o rei Luna.

O coração de Shasta quase parou ao ouvir essas palavras, pois já não lhe restavam reservas de força. Por dentro rebelava-se contra o que lhe parecia a crueldade da missão. Ainda não aprendera que a recompensa de uma boa ação é geralmente ter de fazer uma outra boa ação, mais difícil e melhor. Mas apenas perguntou:

- Onde está o rei?

O eremita apontou com o bastão:

- Olhe. Do outro lado do portão por onde você entrou, há um outro portão. Abra-o e siga em frente, sempre em frente, por terreno plano ou escarpado, macio ou duro, seco ou úmido. Eu lhe garanto que encontrará o rei Luna, sempre à frente. Mas corra, corra, corra sempre!

Shasta assentiu com a cabeça e desapareceu no portão, correndo. O eremita ajudou Aravis a entrar na casa. Depois de bastante tempo regressou ao pátio, dizendo para os cavalos:

- E a vez de vocês, meus primos.

Tirou as rédeas e as selas de ambos e os escovou melhor do que o faria o cocheiro de um rei.

- Não pensem mais em problemas, meus primos, e repousem. Aqui têm água e capim. Depois que eu ordenhar minhas primas, as cabras, vocês poderão comer uma papa de farelo.

- Senhor - interveio Huin, só agora recuperando a voz -, a tarcaína vai se salvar?

- Eu, que sei muitas coisas do presente - replicou o eremita com um sorriso -, pouco sei das coisas futuras. Por isso não sei se qualquer homem ou mulher ou animal, em todo o mundo, estará ainda vivo quando anoitecer hoje. Mas incline-se à esperança. A moça provavelmente viverá.

Ao voltar a si, Aravis viu-se deitada de bruços numa cama rente ao chão, mas extremamente macia, em um quarto de paredes de pedra. Sem se lembrar do que acontecera, tentou mudar de posição, mas sentiu terríveis dores nas costas. Então lembrou-se de tudo.

O eremita entrou, carregando uma vasilha de madeira.

- Como está, minha filha?

- Minhas costas doem muito, mas estou bem. Ajoelhado, ele colocou a mão na testa de Aravis e tomou-lhe o pulso.

- Não tem febre. Ficará boa. Poderá levantar-se amanhã. Beba isto.

Levou a vasilha aos lábios da moça, que fez uma careta, pois o gosto do leite de cabra assusta um pouco quem o toma pela primeira vez. Mas Aravis bebeu tudo e sentiu-se melhor.

- Pode dormir quanto quiser, filha. Seus ferimentos estão bem tratados; ardem mas não são graves. Deve ser um leão estranho: em vez de arrancá-la da sela e meter-lhe os dentes, apenas lanhou as suas costas. Dez lanhos: dolorosos, mas nada profundos nem perigosos.

- Tive sorte.

- Minha filha: já vivi cento e nove invernos e jamais encontrei uma coisa chamada sorte. Há algo de misterioso no que está acontecendo mas, esteja certa, se precisamos saber o que é, saberemos.

- E quanto a Rabadash e os seus duzentos cavalos?

- Acho que não passarão por aqui. Devem ter encontrado um vau no rio e seguido para leste. De lá tentarão cavalgar em linha reta para Anvar.

- Coitado de Shasta! Tem de ir muito longe? Chegará primeiro?

- Há muita esperança. Aravis deitou-se de lado:

- Dormi durante muito tempo? Parece que está ficando escuro.

O eremita olhou pela única janela que dava para o norte.

- Esta escuridão não é a da noite. As nuvens estão vindo do Pico da Tempestade. O mau tempo aqui sempre chega de lá. Haverá forte cerração hoje à noite.

No dia seguinte, tirando a dor nas costas, Aravis sentia-se tão bem que, depois de comer mingau e tomar leite, levantou-se da cama, autorizada pelo eremita. Foi imediatamente conversar com os cavalos. O tempo mudara, e o pátio, como uma grande taça verde, transbordava de luz.

Huin deu um trote até Aravis e deu-lhe um beijo eqüino.

- Onde anda Bri? - falou Aravis, depois das perguntas recíprocas de “como está se sentindo?”, “dormiu bem?”.

- Está ali - respondeu Huin, apontando com o focinho para um canto do pátio. - Gostaria que você conversasse com ele. Não consegui arrancar-lhe uma palavra.

Foram encontrar Bri virado para a sebe; apesar de ter ouvido o ruído dos passos, não se voltou para recebê-las.

- Bom dia, Bri - cumprimentou Aravis. - Como está passando?

Bri resmungou qualquer coisa que ninguém entendeu. Aravis continuou:

- O eremita diz que provavelmente Shasta chegará a tempo; acho que assim acabam os nossos problemas. É Nárnia, enfim, Bri!

- Nunca mais verei Nárnia! - disse Bri, baixinho.

- Não está se sentindo bem, meu caro? - perguntou a moça.

Só então Bri virou-se para ela, com uma cara de tristeza que só os cavalos têm.

- Vou voltar para a Calormânia - disse.

- O quê!? Vai voltar para a escravidão?!

- Vou. Só sirvo para ser escravo. Com que cara vou chegar a Nárnia? Deixei uma égua, uma moça e um rapazinho entregues aos leões e saí em disparada para salvar a minha mísera carcaça!

- Todos nós saímos em disparada - disse Huin.

- Shasta, não! - fungou Bri. - Pelo menos correu na direção certa: para *trás*. E é isto de que ainda mais me envergonho. Eu, que me proclamo um cavalo de guerra e me vanglorio de mais de cem batalhas, ser batido por um rapazinho humano: uma criança, um mero potrinho que jamais empunhou uma espada, e que jamais teve bons exemplos em sua vida!

- Entendo - disse Aravis. - Estou sentindo a mesma coisa. Shasta foi maravilhoso. Também eu sou ruim, Bri. Desde que nos encontramos, trato Shasta com superioridade... E é ele, afinal, que está acima de todos nós. Mas creio que é melhor ficar e pedir-lhe desculpas do que voltar para a Calormânia.

- No seu caso, estou de acordo - respondeu Bri. - Você não está desgraçada, mas eu perdi tudo.

- Meu bom cavalo - disse o eremita, que se aproximara sem ser notado, pois seus pés descalços nem chegavam a fazer barulho sobre o relvado. - Meu bom cavalo, você não perdeu nada, a não ser a sua auto-estima. Que é isso, meu primo? Não afaste de mim as orelhas. Se você de fato é tão humilde como falava há um minuto, tem de saber ouvir. Você não é propriamente o grande cavalo que pensava ser, por estar vivendo entre infelizes cavalos mudos. E claro que era mais valente e mais inteligente do

que os outros. Mas você não podia ser de outra forma. Isso não significa que será alguém especial em Nárnia. Mas, enquanto souber que não é ninguém em especial, será um cavalo muito honrado. E agora, se você e minha prima quadrúpede me acompanharem até a porta da cozinha, iremos providenciar-lhes mais um pouco de mingau de farelo.

11
UM VIAJOR SEM AS BOAS VINDAS

Quando Shasta transpôs o portão, viu à sua frente um declive coberto de grama e de pequenas urzes, que ia dar numas árvores. Naquele momento não conseguia pensar em nada, não dava para fazer planos: o importante era correr. Às vezes tropeçava e por pouco não torceu o tornozelo nas pedras soltas. As matas tornavam-se mais fechadas e o sol se fora, mas nem por isso o calor diminuíra. Era um desses dias em que os mosquitos parecem multiplicar-se. Cobriam a cara de Shasta, que nem se dava ao trabalho de espantá-los.

Tataratatá!

O menino ouviu de repente um som alegre de trompas. Daí a pouco já se achava numa grande clareira, no meio de uma multidão. Para ele, pelo menos, pareceu uma multidão. Eram só quinze ou vinte cavalheiros em trajes de caça, com suas montarias. No centro, alguém segurava o estribo para que outro montasse. E este outro era um rei, o rei mais jovial, mais gordinho, mais cara-de-maçã, mais pisca-pisca que se pode imaginar.

O rei desistiu logo de montar quando Shasta apareceu. Estendeu os braços para o menino e o seu rosto se iluminou, ao gritar, com uma profunda voz de baixo:

- Corin! Meu filho! Descalço... e em farrapos! O que...

- Príncipe Corin, não - disse Shasta ofegante. - Pareço... sei... com ele... encontrei Sua Alteza em Tashbaan... manda lembranças...

O rei contemplava Shasta com uma expressão de extraordinário espanto.

- É o rei Luna? - Não esperou resposta: - Senhor rei... vá voando para Anvar... feche as portas da cidade... inimigos... Rabadash com duzentos cavalos.

- Tem certeza disso, rapaz? - perguntou um outro cavalheiro.

- Vi com os meus próprios olhos. Vim correndo na frente desde Tashbaan.

- A pé? - perguntou o cavalheiro, enrugando um pouco a testa.

- Cavalos... com o eremita - respondeu Shasta.

- Chega de perguntas, Darin - disse o rei Luna. - Vejo pela carinha dele que está falando a verdade. Vamos montar. Arranjem um cavalo para o rapaz. Sabe galopar, meu amigo?

Em resposta, Shasta meteu o pé no estribo, logo que lhe trouxeram o cavalo, e pulou para a sela. Fizera isso com Bri umas cem vezes nas últimas semanas. Já não parecia um saco de feno.

Ficou contente ao ouvir o lorde Darin falar para o rei:

- O rapaz tem a postura de um verdadeiro cavaleiro, Majestade. Garanto que tem sangue nobre.

- O sangue dele, aí é que está a questão - respondeu o rei, fixando os olhos em Shasta, com aquela curiosa e ansiosa expressão.

- Movimentaram-se todos. Se a postura de Shasta era correta, o freio o atrapalhava, pois jamais usara aquilo quando no dorso de Bri. Com o rabo do olho viu o que os outros faziam (como a gente faz num banquete, quando não sabe qual faca ou garfo deve usar). Mas nem mesmo ousava dirigir o cavalo; sabia que este seguiria os outros. Embora não fosse um cavalo falante, o animal tinha bastante inteligência para perceber que o garoto não usava chicote nem esporas e que não era de todo senhor da situação. Shasta acabou fechando a fila.

Respirando bem, sem mosquitos, missão cumprida, pela primeira vez (desde a chegada a Tash-baan, há tanto tempo!) começava a divertir-se.

Estranhou por não ver no alto os picos das montanhas, pois nunca estivera numa região montanhosa. “São nuvens, já sei. Aqui nas montanhas estamos no céu. Quero saber como é dentro de uma nuvem. Que gozado!” O sol estava quase sumindo à esquerda.

Seguiam por uma estrada áspera, em boa velocidade. A certa altura, entraram no nevoeiro, ou o nevoeiro veio para cima deles. Ficou tudo cinzento. O cinzento foi virando pardo com alarmante rapidez.

À frente da coluna, de quando em quando, soava a trompa, e a cada vez o som parecia vir de mais longe. Shasta por um instante não viu os outros, esperando que, ao fazer a curva, os descobrisse. Pois fez a curva e não viu nada. O cavalo ia a passo. “Vamos, cavalinho, vamos!” Ouviu então a trompa, muito fraca. Tinha a impressão de que alguma coisa horrorosa aconteceria se cutucasse um cavalo com os calcanhares. Mas parecia o momento de tentar.

- Escute uma coisa, cavalinho: se você não correr, meto meus calcanhares na sua barriga!

O cavalo não tomou conhecimento da ameaça. Shasta firmou-se na sela, agarrou-se com os joelhos, cerrou os dentes e tacou os calcanhares no cavalo com toda a força.

Resultado: o cavalo troteou, ou coisa parecida, cinco ou seis passos, e voltou à boa vida. Já estava escuro. “Teriam esquecido de tocar a trompa?, pensou. “Bem, de qualquer forma, mesmo a passo devemos chegar a algum lugar. Só espero que nesse lugar não esteja Rabadash com a sua gente.”

Começou a sentir raiva daquele cavalo; e também começou a sentir fome. Estava chegando a um ponto em que a estrada fazia uma bifurcação. Qual seria o caminho de Anvar? Foi quando ouviu um barulho pelas costas, um ruído de cavalos a trote. “É Rabadash!”, pensou. “Que estrada devo pegar? Se eu tomar uma, ele pode pegar a outra; mas, se fico aqui na encruzilhada, eu é que vou ser pego.” Apeou e conduziu o cavalo pelo caminho da direita.

Aproximava-se o som da cavalhada. Já deviam estar na encruzilhada. Com a respiração presa, ficou aguardando. Que caminho tomariam?

Ouviu um brado: “Alto!” Depois, ruídos cavalares, ventas assoprando, cascos golpeando, tapinhas em pescoços. E uma voz falou:

- Atenção! Já estamos perto do castelo. Lembrem-se das instruções. Devemos chegar a Nárnia ao nascer do sol; matem o menos possível. Nesta incursão, um litro de sangue narniano é mais precioso que três litros do seu próprio sangue. *Nesta incursão,* eu disse! Os deuses hão de propiciar-nos uma hora mais feliz, aí vocês não deixarão nada vivo entre Cair Paravel e o Deserto do Oeste. Mas ainda não chegamos a Nárnia. É diferente aqui em Arquelândia. Só a rapidez importa no assalto ao castelo do rei Luna. Será

meu, dentro de uma hora. Mostrem o seu valor. O castelo será de vocês. Nada quero da pilhagem. Executem todos os machos bárbaros dentro das muralhas, até mesmo os recém-nascidos, e o resto será de vocês: mulheres, ouro, jóias, armas e vinho. O homem que hesitar ao cruzar as portas do castelo será queimado vivo. Em nome de Tash, o irresistível, o inexorável - em frente!

Com grande estrépito, a coluna adiantou-se e Shasta pôde respirar: tinham tomado o outro caminho. Levaram um tempo enorme para passar, pelo menos era o que parecia, e só então Shasta realmente compreendeu o que significavam “duzentos cavalos”. Quando o estrépito desapareceu, só ficou o doce barulho das ramagens.

Sabia o caminho para Anvar, mas não podia ir para lá. Seria correr para os braços armados dos homens de Rabadash. “Que diabo de coisa posso fazer?” Não tendo resposta para si mesmo, montou de novo e seguiu pela estrada que havia escolhido, na vaga esperança de encontrar uma cabana na qual pudesse pedir abrigo e comida. Lembrou-se, é claro, de retornar à casa do eremita, mas já não tinha a menor idéia da direção. A estrada deveria ir para algum lugar.

Sim, mas isso depende do que chamamos de algum lugar. A estrada no caso seguia entre as matas mais espessas, sempre mais frias. Ventos gelados continuavam a impelir blocos de névoa sobre Shasta sem parar. Não estando acostumado aos lugares montanhosos, ignorava que estava a uma grande altitude, talvez já no alto da picada.

“Devo ser o cara mais desgraçado de todo o mundo”, pensou. “Tudo dá certo com os outros, comigo nunca. Os nobres e as damas de Nárnia conseguiram fugir de Tashbaan; eu fiquei lá. Aravis, Bri e Huin estão no bem-bom com o velho eremita; fui o único a ter de sair. O rei Luna e sua gente estão a salvo no castelo, com os portões bem fechados, mas eu fiquei de fora.”

Teve tanta pena de si mesmo que as lágrimas começaram a deslizar por seu rosto.

Um susto interrompeu os seus tristes pensamentos. Alguém ou alguma coisa caminhava a seu lado. Nas trevas não podia ver nada. E a *coisa* (ou pessoa) ia tão silenciosamente que ele mal podia ouvir suas pisadas. Ouvia,

sim, uma respiração: o invisível companheiro de fato respirava com vontade; devia ser uma criatura enorme. Foi um grande choque.

Relampejou na sua cabeça uma lembrança: ouvira dizer que existiam gigantes nos países do Norte. Mordeu os lábios, apavorado. Mas, agora que tinha um motivo real para chorar, parou de chorar.

A *coisa* (se é que não era uma pessoa) ia tão silenciosa que talvez fosse mera imaginação. Já estava certo disso, quando ouviu ao seu lado um suspiro grande e profundo. Não era imaginação! O fato é que sentiu o hálito quente desse longo suspiro na mão direita.

Se o cavalo fosse mesmo bom - ou se ele soubesse como fazer o cavalo tornar-se bom - teria arriscado tudo numa corrida desabalada. Como isso não era possível, seguiu a passo, com o companheiro invisível caminhando e respirando a seu lado. Acabou não agüentando mais:

- Quem é você? - murmurou baixinho.

- Alguém que esperava por sua voz - respondeu a *coisa.* O tom não era alto, mas amplo e profundo.

- Você é... um gigante?

- Pode me chamar de gigante - disse a grande voz. - Mas não me pareço com as criaturas que você chama de gigantes.

- Não consigo vê-lo - falou Shasta, depois de muito tentar. Uma coisa terrível lhe passou pela cabeça. Com a voz quase trêmula de choro, perguntou:

- Você não é... não é uma coisa morta... é? Vá embora, por favor. Nunca lhe fiz mal. Ó, sou o sujeito mais desgraçado do mundo!

Sentiu novamente o hálito quente da *coisa* no rosto e na mão.

- Morto não respira assim. Pode me contar as suas tristezas, rapaz.

O hálito deu a Shasta um pouco mais de confiança. Contou então que jamais conhecera pai e mãe, que fora criado por um pescador muito severo. Contou sobre como fugira, sobre os leões que os perseguiram, os perigos em Tashbaan, a noite entre os túmulos, as feras que uivavam no deserto, o calor e a sede durante a caminhada, e o outro leão que surgiu quando estavam quase chegando, Aravis ferida... Contou, por fim, que estava com fome, pois não comia nada havia muito tempo.

- Não acho que seja um desgraçado - disse a grande voz.

- Mas não foi falta de sorte ter encontrado tantos leões?

- Só há um leão - respondeu a voz.

- Não estou entendendo nada. Havia pelo menos dois naquela noite...

- Só há um leão, mas tem o pé ligeiro.

- Como sabe disso?

- *Eu* sou o leão.

Shasta escancarou a boca e não disse nada. A voz continuou:

- Fui eu o leão que o forçou a encontrar-se com Aravis. Fui eu o gato que o consolou na casa dos mortos. Fui eu o leão que espantou os chacais para que você dormisse. Fui eu o leão que assustou os cavalos a fim de que chegassem a tempo de avisar o rei Luna. E fui eu o leão que empurrou para a praia a canoa em que você dormia, uma criança quase morta, para que um homem, acordado à meia-noite, o acolhesse.

- Então foi você que machucou Aravis?

- Fui eu.

- Mas por quê?!

- Filho! Estou contando a *sua* história, não a dela. A cada um só conto a história que lhe pertence.

- Quem é você?

- Eu mesmo - respondeu a voz, com uma entonação tão profunda que a terra estremeceu. E de novo: - Eu mesmo - com um murmúrio tão suave que mal se podia perceber, e parecia, no entanto, que esse murmúrio agitava toda a folhagem à volta.

Shasta já não temia que a voz pertencesse a alguma coisa que o devorasse; nem temia que fosse a voz de um fantasma. Uma coisa nova aconteceu, um tremor que lhe deu certa alegria.

A névoa passou do pardo para cinza e do cinza para branco. Devia ter começado pouco antes, enquanto ele estava absorvido conversando com a *coisa*.

A brancura ao redor já começava a fulgir. Passarinhos cantavam em algum lugar. A noite estava por um fio. Já enxergava bastante bem a crina e as orelhas do cavalo. Uma luz dourada surgiu à esquerda, e Shasta pensou que fosse o sol.

Caminhando a seu lado, maior do que o cavalo, estava um Leão. O cavalo não parecia ter medo, ou talvez não o visse. Era dele que vinha a luz dourada. Ninguém jamais viu algo tão belo e terrível.

Felizmente o menino vivera toda a sua vida no Sul, e não havia escutado os casos, cochichados em Tashbaan, sobre um tétrico demônio de Nárnia que costumava aparecer na forma de leão. E, naturalmente, também tudo ignorava sobre as verdadeiras histórias de Aslam, o Grande Leão, o filho do Imperador-dos-Mares, o Rei dos Grandes Reis de Nárnia. Mas, depois de espiar mais uma vez o Leão, pulou do cavalo. Não conseguia dizer nada, mas também não queria dizer nada, e sabia que nada precisava dizer.

O Grande Rei encaminhou-se para ele. A juba e um perfume estranho e solene, que nela pairava, cercaram o menino. O Leão tocou a fronte de Shasta com a língua. Os olhos de ambos encontraram-se. Depois, instantaneamente, a brancura da névoa misturou-se com o brilho ardente do Leão, num redemoinho de glória, e os dois sumiram. Shasta se viu só, com o cavalo, na relva de uma colina, sob um céu azul. Todas as aves do mundo cantavam.

12
SHASTA EM NÁRNIA

“Foi tudo um sonho?”, indagava Shasta para si mesmo. Mas não podia ter sido um sonho, pois via na relva a grande e penetrante marca da pata direita do Leão. Que peso devia ter! O mais espantoso, porém, veio depois: a depressão começou a encher-se de água e transbordou, formando uma correnteza que começou a descer pela relva.

Shasta matou a sede com um bom gole, molhou o rosto e a cabeça. Era uma água fria e clara como o cristal. Sacudindo a cabeça molhada, começou a observar o que se passava em redor.

Parecia ser ainda muito cedo. A paisagem era completamente nova a seus olhos, um vale verde, respingado de árvores, através das quais pôde ver o reflexo de um rio que seguia para o noroeste. Serras rochosas alteavam-se na distância. Virando-se, viu que a elevação na qual se encontrava pertencia a um bloco montanhoso bem mais alto.

- Estou entendendo: aquelas são as montanhas entre Arquelândia e Nárnia. Eu estava do lado de lá, ontem. Devo ter passado pelo desfiladeiro durante a noite. Que sorte! Sorte coisa nenhuma, foi *Ele*. E agora estou em Nárnia.

Tirou a sela e o freio do cavalo, dizendo: “Eta cavalinho ruim!” Sem tomar conhecimento, o animal começou a pastar; ele também não tinha uma boa opinião sobre Shasta.

- Ah, se eu gostasse de grama! Bem, não adianta nada voltar a Anvar, toda sitiada. É melhor procurar alguma coisa para comer lá embaixo no vale.

Sentindo o orvalho gelado nos pés descalços, chegou a uma mata. Passou a seguir uma espécie de trilha sob as árvores e logo depois ouviu uma vozinha:

- Bom dia, vizinho.

Tentou localizar quem falara e acabou descobrindo uma criatura toda espinhenta que acabava de enfiar a carinha escura entre as árvores. Era um porco-espinho. Shasta respondeu:

- Bom dia, mas não sou vizinho. Sou um forasteiro por estas bandas.

- Hum? - fez o porco-espinho, inquisidor.

- Vim pelas montanhas... lá de Arquelândia, sabe?

- Uma boa caminhada! Nunca fui lá.

- E acho que alguém deve saber que um exército de ferozes calormanos está atacando Anvar neste instante.

- Não diga! Que coisa! E contam que os calormanos habitam a centenas ou milhares de quilômetros daqui, lá no fim do mundo, depois de um marzão de areia!

- Não é tão longe quanto você pensa. Alguma coisa precisa ser feita. O seu Grande Rei precisa saber...

- É claro, é preciso fazer alguma coisa. Acontece que estou indo para a cama tirar uma soneca. Alô, vizinho.

As últimas palavras foram endereçadas a um coelho cor-de-sorvete-de-nata, cuja cabeça acabara de apontar ao lado do caminho. Pelo porco-espinho, o coelho ficou a par da situação. Concordou também que eram notícias graves e que alguém tinha de procurar alguém para que alguma coisa fosse feita.

E assim foi. A cada instante novas criaturas surgiam, algumas dos galhos das árvores, outras de debaixo da terra, até que a reunião ficou integrada por cinco coelhos, um esquilo, duas gralhas, um fauno e um camundongo. Todos falavam ao mesmo tempo e todos estavam de acordo com o porco-espinho.

A verdade era esta: naquela era de ouro e paz, quando a feiticeira e o inverno não reinavam mais, e o Grande Rei Pedro governava em Cair Paravel, os serezinhos dos bosques de Nárnia se sentiam tão felizes e seguros que acabaram se tornando descuidados.

Mas naquele momento duas pessoas mais práticas chegaram à mata. Uma era um anão vermelho cujo nome parecia ser Dufles. A outra era um cervo, uma bela e senhorial criatura de olhos límpidos, com flancos e pernas tão esguios que pareciam poder quebrar-se à força de dois dedos.

- Salve o Leão! - exclamou Dufles, ao inteirar-se das notícias. - O que estamos fazendo aqui parados, batendo boca? Inimigos em Anvar! A notícia tem de ser enviada imediatamente a Cair Paravel. O exército deve ser convocado. Nárnia deve levantar-se para socorrer o rei Luna.

- Ah! - exclamou o porco-espinho. - Mas você não vai achar o Grande Rei em Cair. Foi para o Norte, dar uma tunda naqueles gigantes. Aliás, por falar em gigantes...

- Quem levará a nossa mensagem? - interrompeu o anão. - Existe alguém aqui mais veloz do que eu?

- Eu sou veloz - respondeu o cervo. - Qual é a mensagem? Quantos calormanos?

- Duzentos, chefiados por Rabadash. Além disso...

Mas o cervo já estava longe, batendo de uma só vez no chão com as quatro patas.

- Não sei para onde ele vai - disse o coelho -, pois não encontrará o rei em Cair Paravel.

- Encontrará a rainha Lúcia - disse Dufles. - E... o que está havendo com o humano? Está verdinho. Está desmaiando e deve ser de fome. Quando você comeu pela última vez, jovem?

- Ontem de manhã - respondeu Shasta, fracamente.

- Venha comigo - falou o anão, passando o seu bracinho pela cintura de Shasta a fim de ampará-lo. - Vizinhos, que vergonha!

Murmurando acusações a si mesmo, o anão conduziu Shasta para dentro da mata. As pernas do menino tremiam quando chegaram a uma casinha com chaminé e fumaça. Entraram pela porta aberta e Dufles gritou:

- Alô, irmãos, temos uma visita para o café. Um cheiro simplesmente delicioso chegou até

Shasta. Era a primeira vez que sentia o aroma de ovos com lombo defumado e cogumelos a estalar na frigideira.

- Cuidado com a cabeça - disse Dufles. Mas já era tarde, pois Shasta acabava de meter a testa na verga da porta. - Sente-se agora, rapaz. A mesa é um pouco baixa para você, mas o banquinho também é baixo. Perfeito. E aqui está o mingau... e aqui uma jarra de creme de leite... e aqui uma colher.

Shasta já havia terminado o mingau quando os dois irmãos do anão - Rogin e Deduro - serviram o prato de lombo com ovos e cogumelos. E mais ainda: café, leite e torradas.

Era um paladar novo e delicioso para Shasta. Era a primeira vez que via torradas. Também pela primeira vez via aquela coisa macia e amarela que passavam na torrada, pois os calormanos usam, quase sempre, óleo em vez de manteiga. E a própria casa era muito diferente da choupana escura e cheirando a peixe de Arriche, como também era diferente dos salões atapetados dos palácios de Tashbaan. O teto era baixinho e tudo era feito de madeira. Havia um relógio-cuco, uma toalha de mesa com quadradinhos vermelhos e brancos, uma jarra de flores silvestres e cortinas alvas nas janelas. O que atrapalhava um pouco era ter de usar os talheres e as xícaras dos anões. Mas o seu pratinho estava sempre cheio, e a todo instante os anões diziam “manteiga, por favor”, ou “uma outra xícara de café”, ou “um pouco mais de cogumelo”, ou “que tal se a gente fritasse mais uns ovinhos”...

Depois de comerem até não poder mais, os anões tiraram a sorte para saber quem lavaria os pratos. Rogin deu azar.

Dufles e Deduro levaram Shasta para um banco rente à parede externa; espicharam todos as pernas, com grandes suspiros de satisfação; os anões acenderam seus cachimbos. O sol estava quente e o orvalho desaparecera da relva: chegaria a ser quente demais se não soprasse uma leve viração.

- Agora, forasteiro - disse Dufles -, vou mostrar-lhe a terra. Daqui se pode ver praticamente todo o sul de Nárnia, e temos certo orgulho da nossa paisagem. Ali à esquerda, depois daquelas serras, você pode apreciar as montanhas do Oeste. Aquela colina arredondada à direita é a Colina da Mesa de Pedra. Logo ali...

E aí foi interrompido por um ronco de Shasta, morto de sono pela viagem noturna e pela excelente refeição. Os anões fizeram sinais um para o outro para não despertá-lo. E cochicharam tanto, e tantos gestos fizeram enquanto se retiravam, que Shasta teria despertado, se não estivesse exausto.

O menino dormiu o dia inteiro e só acordou para cear. As camas eram pequenas demais para ele, mas os anões arranjaram-lhe uma cama de urze no chão. Shasta nem sequer se virou no leito, nem tampouco sonhou durante toda a noite. Na manhã seguinte, haviam acabado de tomar café quando ouviram um barulho empolgante:

- Trompas! - disseram os anões. Saíram todos correndo para fora.

As trompas soaram de novo: não tão solenes como as de Tashbaan, não tão alegres quanto as do rei Luna - claras, agudas, empolgantes. O ruído, vindo das matas do oriente, logo se misturou ao barulho de cascos de cavalos. Logo depois surgiu à frente deles um batalhão.

Vinha em primeiro lugar o Senhor de Peridan, montando um cavalo baio, empunhando o grande pavilhão de Nárnia: um leão vermelho em campo verde. Shasta o reconheceu imediatamente. Depois, três cavaleiros, dois em cavalos de batalha e um sobre um pônei. Os dois primeiros eram o rei Edmundo e uma dama de cabelos louros, com um rosto muito jovial, usando elmo e malha de ferro, levando além disso um arco cruzado nos ombros e um carcás cheio de flechas. (“A rainha Lúcia”, murmurou Dufles.) O do pônei era Corin. Seguia-se o principal corpo do exército; homens em cavalos comuns, homens em cavalos falantes (que não se incomodavam de ser montados em ocasiões especiais), centauros, ursos, grandes cães falantes e, por fim, seis gigantes. Pois há gigantes bons em Nárnia. Apesar disso, Shasta mal teve coragem de olhar para eles; leva muito tempo para a gente se acostumar com certas coisas.

Assim que o rei e a rainha chegaram à cabana, os anões começaram a fazer profundas reverências, e Edmundo tomou a palavra:

- Alto! Aqui, amigos, vamos ter um pequeno descanso.

Foi uma algazarra: gente descendo dos cavalos, conversas, mochilas sendo abertas... Corin veio correndo e agarrou Shasta pelas mãos.

- Não é possível! Você por aqui! Que alegria! Mas a coisa está feia. Mal tínhamos chegado a Cair Paravel, ontem pela manhã, quando encontramos o cervo com as novas de um ataque a Anvar. Você não imagina...

- Quem é o amigo? - perguntou o rei Edmundo ao apear.

- Não está vendo, senhor? É o meu sósia: o rapaz que foi confundido comigo em Tashbaan.

- Olhe só! - exclamou a rainha Lúcia. - Parecem gêmeos. Que coisa mais fantástica!

- Majestade, por favor - disse Shasta para o rei Edmundo. - Não fui um traidor, não mesmo. Tive que ouvir os planos. Mas jamais passou pela minha cabeça contar para os inimigos o que ouvi...

- Estou vendo agora que você não é um traidor, rapaz - disse o rei Edmundo, colocando a mão sobre a cabeça de Shasta. - Mas, se não quiser passar por traidor, da próxima vez não ouça o que não é para os seus ouvidos. Mas está tudo bem.

Eram tantas ordens e indas e vindas que, por uns minutos, Shasta perdeu Corin de vista. Depois ouviu o rei Edmundo dizer bem alto:

- Pela juba do Leão, príncipe, já é demais! Será que Vossa Alteza jamais tomará jeito? Você dá mais trabalho do que todo um exército!

Shasta embarafustou-se pela multidão e viu que o rei Edmundo parecia de fato muito zangado. Corin, por sua vez, mostrava-se um pouco envergonhado; e havia um estranho anão sentado no chão, fazendo caretas, enquanto dois faunos o ajudavam a livrar-se da armadura.

- Se tivesse trazido meu tônico - disse a rainha Lúcia -, daria um jeito nisso. Mas o Grande Rei não quer que eu o leve às guerras comuns; devo guardá-lo para os casos de extrema necessidade.

Acontecera o seguinte: depois de falar com Shasta, Corin fora puxado pelo cotovelo por um anão-soldado que se chamava Espinhei.

- Que há, Espinhei? - Corin perguntou. O anão respondeu:

- Alteza, nossa marcha de hoje nos levará ao desfiladeiro à direita do castelo de seu pai. Podemos estar lutando antes do anoitecer.

- Sei disso - respondeu Corin. - Sensacional!

- Sensacional ou não - retornou Espinhei -, tenho ordens estritas do rei Edmundo para impedi-lo de entrar na luta. Mas você poderá assistir à batalha, e isso já é o suficiente para a sua idade.

- Que besteirada! - explodiu Corin. - É claro que vou entrar na luta. Até a rainha Lúcia vai formar com os arqueiros.

- A rainha pode fazer como ela quiser - respondeu Espinhei. - Vossa Alteza é que está sob a minha guarda. E tem de jurar solenemente que ficará ao meu lado, até que lhe dê autorização para partir. Do contrário - é a palavra de Sua Majestade - teremos de seguir com os punhos amarrados como dois prisioneiros.

- Eu lhe sento a mão na cara se tentar me amarrar - disse Corin.

- Gostaria de ver Vossa Alteza fazer isso.

Era o suficiente para um rapazinho como Corin. Em um segundo ele e Espinhei estavam embolados no chão. Teria sido uma boa luta: Corin era mais alto e de mais envergadura, mas Espinhei era mais velho e mais forte. Mas não houve luta: por pura falta de sorte, Espinhei pisou numa pedra solta e tacou o nariz no chão. Quando tentou levantar-se, viu que havia torcido o tornozelo, uma torção que o impediria de andar ou cavalgar durante umas duas semanas.

- Veja o que fez - disse o rei Edmundo. - Privou-nos de um guerreiro experimentado na hora da luta!

- Eu tomo o lugar dele, Majestade - disse Corin.

- Escute! - falou Edmundo. - Ninguém duvida da sua coragem. Mas um rapazinho numa batalha só é um perigo para o seu próprio lado.

O rei foi chamado para decidir outra coisa, e Corin, após desculpar-se cavalheirescamente com o anão, correu até Shasta e murmurou:

- Depressa! Há um cavalo sobrando e a armadura do anão. Meta-se nela antes que alguém veja.

- Para quê?

- Ora bolas! Para que possamos entrar na batalha! Não vai querer?

- Oh, ah... é... claro... quero - Shasta não contava com essa e começou a sentir um calafrio na espinha.

- Ótimo - disse Corin. - Levante a cabeça. Agora, o cinto da espada. Devemos ir no fim da fila e mais quietos do que camundongo. Depois que a batalha começar, não terão tempo de se lembrar de nós.

13
A BATALHA EM ANVAR

Lá pelas onze horas todo o exército estava em pé de guerra, marchando para oeste, com as montanhas à esquerda. Corin e Shasta iam na retaguarda, logo depois dos gigantes. Lúcia, Edmundo e Peridan estavam entretidos com os planos da batalha. Assim, quando Lúcia perguntou: “Mas onde está aquele principezinho levado da breca?”, Edmundo simplesmente respondeu: “Na vanguarda é que não está, e isso já é uma boa notícia. Deixe pra lá”.

Shasta contou a Corin suas aventuras, explicando que aprendera a montar com um cavalo e que não sabia usar o freio. Corin deu-lhe instruções, relatando ainda tudo sobre a viagem por mar, quando fugiram de Tashbaan.

- Por onde anda a rainha Susana?

- Em Cair Paravel. Ela não é como Lúcia, que briga feito um homem, ou pelo menos como um rapazinho. A rainha Susana parece mais uma dama. Não freqüenta guerras, apesar de ser muito boa no arco e flecha.

Com o caminho ficando mais estreito e escarpado, passaram a desfilar em fila indiana ao longo da borda do precipício. Shasta estremeceu ao pensar que passara pelo mesmo lugar na noite anterior, e viu que não correra perigo porque o Leão permanecera a seu lado.

Duas águias giravam lá em cima no azul.

- Sentem o cheiro da batalha - disse Corin. - Sabem que estamos preparando comida para elas.

Shasta não gostou.

Ao atingirem o fim do desfiladeiro, o panorama abriu-se um pouco mais e Shasta pôde descortinar toda a Arquelândia, nevoenta e azul.

O exército fez alto e abriu-se em linha, executando novos arranjos de formação. Só então Shasta se deu conta do impressionante destacamento de

feras falantes (leopardos, panteras, etc.) que foram postar-se à esquerda. Os gigantes foram enviados para a direita mas, antes de assumirem suas posições, sentaram-se para calçar as enormes botas com ponteiras que vinham carregando nas costas e que lhes chegavam aos joelhos. Puseram então seus pesados cajados nos ombros e formaram para o combate. Os arqueiros, com a rainha Lúcia, caíram para a esquerda, e Shasta os viu - *tiiim... tiiim...* - experimentar as cordas dos arcos. Por toda a parte era a mesma coisa: gente colocando elmos, puxando espadas, cingindo cintos, quase sem dizer palavra. Era tudo muito solene e dava medo.

"Agora não tenho saída" - pensou Shasta -, "agora estou aqui."

De longe chegava o som de gritos e um surdo *tontom.*

- Golpes de aríete - murmurou Corin. - Estão forçando as portas. - E acrescentou, com uma expressão agora muito séria: - Por que o rei Edmundo não parte para cima deles? Não agüento essa demora. É de morte!

Shasta concordou com a cabeça, esperando não aparentar todo o medo que sentia.

Por fim, a trompa! O pavilhão desfraldou-se no vento, com o trote dos cavalos. Todo o cenário abriu-se de repente: um pequeno castelo de muitos torreões, com o portão à frente deles. Não tinha fosso, infelizmente. Sobre as muralhas viam-se os defensores. Embaixo, cerca de cinqüenta calormanos, desmontados, forçavam os portões com um vasto tronco de árvore. Mas bem depressa a cena mudou. O grosso dos homens de Rabadash estava a pé, pronto para invadir os portões. E tinham acabado de perceber os narnianos que desciam da serra.

Sem dúvida alguma, os calormanos eram muito bem exercitados. Em um segundo, toda uma linha do inimigo estava novamente a cavalo, rodopiando para enfrentá-los, saltando de encontro a eles.

E um galope agora. O espaço entre os dois exércitos diminuía de momento a momento. Rápido, mais rápido. Espadas nuas, escudos à altura do nariz, orações feitas, dentes cerrados.

Shasta estava morrendo de medo. Mas de repente pensou que ter medo naquele momento era sentir medo em todas as outras lutas de sua vida. "Agora ou nunca!"

Quando as duas formações se encontraram ele teve uma idéia muito pálida do que estava acontecendo. Foi uma confusão assustadora, um estrépito de enlouquecer. A espada não demorou a ser derrubada de suas mãos. Embaraçaram-se suas rédeas, e viu-se escorregando do cavalo. Aí uma lança veio na sua direção e, enquanto ele se agachava para evitá-la...

Mas de nada vale descrever o combate do ponto de vista de Shasta, que pouco entendia da luta em geral e mesmo da sua pequena guerra particular. Para contar o que realmente acontecia, levarei você para bem longe dali, para onde o eremita se postava a olhar para a água do tanque, sob a árvore frondosa, com Bri, Huin e Aravis a seu lado.

Pois era para dentro desse tanque que o eremita olhava quando queria saber o que se passava no mundo, além dos muros verdes do eremitério. Como num espelho, conseguia ver no tanque cidades mais longínquas que Tashbaan, navios que deixavam os portos e até assaltantes e feras que perambulavam pelas grandes florestas entre o Ermo do Lampião e Teimar. Naquele dia pouco deixou o tanque, nem mesmo para comer ou matar a sede, pois sabia que grandes eventos estavam acontecendo em Arquelândia. Aravis e os cavalos também olhavam para o interior do poço. Em vez do céu e dos ramos refletidos, viam confusas formas coloridas que se moviam. Mas não viam com nitidez. Era o eremita que lhes dizia de vez em quando o que ia vendo claramente. Um pouco antes de Shasta ter seguido para a sua primeira batalha, ele começou a falar assim:

- Estou vendo uma... duas... três águias girando acima do Pico da Tempestade. Uma é a mais velha de todas as águias. Não estaria lá se uma batalha não estivesse para explodir. Ah... Agora vejo o motivo pelo qual Rabadash e seus homens andaram tão ocupados o dia todo. Derrubaram uma grande árvore e fizeram do tronco um aríete. Aprenderam alguma coisa com o fracasso do assalto da noite passada. Procederia ele com mais inteligência se mandasse os homens fazerem escadas. Mas levaria mais tempo, e ele é impaciente. Tresloucado! Ele deveria ter retornado para Tashbaan logo depois de fracassado o primeiro ataque, pois todo o seu plano dependia da surpresa e da rapidez. Estão colocando o aríete em posição. Os homens do rei Luna atiram de cima das muralhas. Caíram cinco calormanos; mas muitos restarão, mantendo os escudos acima das cabeças. Rabadash agora está transmitindo novas ordens. Estão com ele os senhores de mais confiança, os cruéis tarcaãs das províncias do Oriente. Vejo até os

seus rostos. Ali vai Coradin do Castelo de Tormunt, e Chlamash, e Ilgamute, o do lábio torcido, e um alto tarcaã com uma barba escarlate...

- Pela juba! É o meu antigo amo Anradin! - exclamou Bri.

- Psiu! - disse Aravis.

- O aríete agora começa a funcionar. São terríveis pancadas, mas não posso ouvi-las. Não há porta ou portão que agüente. Um momento! Alguma coisa no Pico da Tempestade assustou as aves. Estão vindo em massa. Um momento! Ainda não posso ver... Ah! Já vejo. A encosta leste está negra de cavaleiros. Já vi o pavilhão. Nárnia! Nárnia! É o Leão vermelho! Desabalaram serra abaixo. Estou vendo o rei Edmundo. Há uma dama entre os arqueiros. Ó!

- Que foi? - perguntou Huin, ofegante.

- Todos os gatos se lançam pela esquerda da linha.

- Gatos? - estranhou Aravis.

- Gatões, bichos como leopardos - explicou o eremita, com impaciência. - Estou entendendo: os gatos estão cercando os cavalos dos homens desmontados. Os cavalos dos calormanos já estão loucos de pavor. Os gatos já estão entre eles. Rabadash refez o seu exército e conta com cem homens a cavalo. Vão bater-se com os narnianos. Cem metros os separam. Cinqüenta. Estou vendo o rei Edmundo e lorde Peridan. Há duas crianças na linha de Nárnia. Como o rei foi deixar que entrassem na batalha? Só dez metros... as duas frentes se encontraram. Os gigantes à direita de Nárnia estão operando prodígios... mas um acabou de cair... ferido no olho, suponho. A confusão é geral. De novo os dois meninos. Pelo Leão! Um deles é Corin! O outro é parecidíssimo com ele. Ah, é o pequeno Shasta, Corin luta feito um homem. Matou um calormano. Quase que Rabadash e Edmundo se encontram...

- E Shasta? - perguntou Aravis.

- Ó! Que maluco! - resmungou o eremita. - Que rapazinho maluco e valente! Não sabe nada de guerra. Nem sabe usar o escudo. Está completamente exposto. Não tem a menor idéia do que fazer com a sua espada. Ah, agora se lembrou... começou a rodar a espada... quase cortou a cabeça do seu cavalo, e acabará cortando se não tomar mais cuidado. Mas a

espada caiu-lhe da mão. É um crime mandar uma criança para uma batalha; não dura mais do que cinco minutos. Que maluquinho... Ó, caiu!...

- Morto? - perguntaram os três.

- Como vou saber? Os gatos trabalharam bem. Todos os cavalos sem cavaleiros estão mortos ou fugiram. Não há muita possibilidade para os calormanos. Os gatos agora se dirigem para a zona mais quente da batalha. Estão saltando sobre os homens do aríete. Um caiu no chão. Ó, bom, muito bom! Os portões se abriram pelo lado de dentro; vão enfrentá-los peito a peito. O rei Luna está entre os primeiros que saem; os outros são os irmãos Dar e Darin. Chegam atrás Tran, Shar e Col com o seu irmão Colin. São dez.... vinte... quase trinta agora. Os calormanos estão imprensados. O rei Edmundo está fazendo lances magníficos. Acabou de decepar com grande precisão a cabeça de Coradin. Muitos calormanos jogam suas armas no chão e correm para as matas. Os outros não correm porque estão encurralados. Os gigantes apertam pela direita... os gatos pela esquerda... o rei Luna pela retaguarda. Os calormanos se agrupam, lutando. Seu tarcaã já era, Bri. Luna e Ilgamute estão combatendo corpo a corpo. Parece que o rei vai ganhar... Ele está indo muito bem... O rei ganhou! Ilgamute no chão. O rei Edmundo caiu, não... não... levantou-se outra vez. Está frente a frente com Rabadash. Estão lutando bem na frente do portão do castelo. Vários calormanos se entregam. Não sei o que aconteceu a Rabadash. Acho que morreu, tombado sob o muro do castelo, mas não sei. Chlamash e o rei Edmundo continuam a lutar, mas a batalha já terminou por todos os lados. Chlamash se entrega. Acabou-se a luta! Os calormanos foram inexoravelmente batidos.

Ao cair do cavalo, Shasta se deu por perdido. Mas os cavalos, mesmo numa batalha, pisoteiam os seres humanos muito menos do que se pode supor. Depois de uns dez minutos, reparou que não havia cavalos revolteando por perto e que os ruídos que ouvia não eram de combate. Olhou em torno. Compreendeu que os arqueiros e os narnianos haviam vencido. Os únicos calormanos vivos ao alcance da vista estavam aprisionados, e os portões do castelo estavam abertos; o rei Luna e o rei Edmundo apertavam-se as mãos sobre o aríete. Os lordes e guerreiros conversavam animadamente. E de repente tudo se uniu numa tremenda gargalhada.

Shasta correu para saber qual era o motivo de tanto riso. E deu com uma cena muito engraçada. O infeliz Rabadash estava suspenso no ar, em algum ponto da muralha do castelo. Seus pés, meio metro acima do solo, davam chutes violentos. Sua malha de ferro estava presa a uma saliência qualquer, apertando-lhe as axilas e cobrindo metade do seu rosto. Um homem surpreendido no momento de vestir uma camisa apertada demais - era esta a imagem de Rabadash.

Acontecera mais ou menos o seguinte: logo no início da batalha, um dos gigantes procurou acertar Rabadash com a sua bota pontuda; não conseguiu, mas o ferrão rasgou a malha. Ao encontrar-se com Edmundo às portas do castelo, Rabadash tinha um rasgão nas costas de sua malha. Acuado por Edmundo de encontro à muralha, pulou para um lugar mais elevado, tentando defender-se de cima. Desconfiando que a sua posição, acima da cabeça de todos, o tornava um alvo fácil para as flechas narnianas, resolveu voltar para o nível do chão. Grandioso e assustador, deu um pulo e um grito: “O raio de Tash cai do alto!” Mas pulou um pouco para o lado, pois na frente estava um monte de guerreiros. Foi aí, com uma precisão admirável, que o rasgão em sua malha foi pescado por um gancho preso na pedra do muro. (Antigamente esse gancho prendia um aro que servia para amarrar as rédeas dos cavalos.) E lá ficou ele, como uma peça de roupa posta a secar, e todo o mundo dando gargalhadas.

- Deixe-me descer daqui, Edmundo - rosnou Rabadash. - Desça-me e vamos lutar como reis e machos; mas, se for covarde demais para isso, mate-me de uma vez.

- Com o maior prazer... - disse Edmundo, que foi interrompido pelo rei Luna:

- Nada disso, Majestade. - E o rei Luna dirigiu-se a Rabadash:

- Se Vossa Alteza tivesse feito esse desafio há uma semana, não haveria ninguém nos domínios do rei Edmundo, do Grande Rei ao menor dos camundongos falantes, que o teria recusado. Mas, por ter atacado o castelo de Anvar em tempo de paz e sem declaração de guerra, mostrou que não é um cavalheiro, e sim um traidor, mais digno do relho do carrasco do que de uma luta singular com uma pessoa honrada. Tirem-no daí; levem-no amarrado para o castelo, até que a nossa satisfação se torne conhecida de todos.

Mãos fortes arrancaram a espada de Rabadash, que foi arrastado para o castelo entre gritos, ameaças e maldições, e até lágrimas. Pois, embora capaz de enfrentar a tortura, não suportava passar por ridículo. Sempre fora levado a sério em Tashbaan.

Nesse instante Corin foi correndo até Shasta, pegou-lhe a mão e puxou o amigo para perto do rei Luna.

- Aqui está ele, pai, aqui está ele - gritou Corin.

- E também aqui está *você,* finalmente - disse o rei com uma voz muito ríspida. - Entrou na batalha contrariando ordens! Um filho mata um pai! Na sua idade, uma varada no traseiro vai melhor do que uma espada na mão, hã!

Todos notaram, no entanto, que o rei se sentia orgulhoso do filho.

- Não se zangue mais com ele, Majestade, por favor - disse Darin. - Sua Alteza não seria filho de quem é se não tivesse herdado a sua bravura. Mais afligiria Sua Majestade se ele fosse digno de reprimenda pela falta contrária.

- Bem, bem - resmungou o rei. - Desta vez, passaremos por cima, mas da próxima... E agora...

O que aconteceu em seguida foi a maior surpresa que Shasta já teve em toda a sua vida: de repente se viu apertado nos braços de urso do rei Luna, que o beijava nas duas bochechas. E, quando ele se encontrou de novo no chão, o rei falou:

- Fiquem aqui juntos, rapazes, para que todos possam vê-los. Levantem a cabeça! Senhores, olhem para ambos. Alguém pode ter alguma dúvida?

Shasta ainda não podia entender por que motivo todos fixavam os olhos nele e em Corin, nem por que tanta alegria.

14
LIÇÃO DE SABEDORIA PARA BRI

Olhando para o tanque, o eremita pôde contar para Aravis e os cavalos que Shasta não fora morto nem ferido, e de que maneira afetuosa fora recebido pelo rei Luna. Mas como só podia ver a distância, e o tanque não reproduzia sons, ignorava as palavras pronunciadas. Já não valia a pena olhar para as imagens do tanque, agora que a luta terminara.

Na manhã seguinte, enquanto o eremita permanecia dentro de casa, os três discutiam o que deveriam fazer.

- Para mim já chega - disse Huin. - O eremita tem sido muito bom para nós, e sou-lhe muito grata, mas estou ficando gorda como uma potranquinha de estimação, comendo o dia inteiro sem fazer exercícios. Devemos seguir para Nárnia.

- Hoje não, madame - disse Bri. - Não gosto de sair às pressas. Não acha que a gente devia ficar mais um pouco?

- Antes de tudo precisamos encontrar Shasta para dizer adeus... e pedir desculpas - disse Aravis.

- Isso mesmo! - falou Bri, com grande entusiasmo. - Era o que eu ia dizer.

- É claro - concordou Huin. - Espero que ele continue em Anvar. Damos uma passada lá e nos despedimos dele. Fica no caminho. Só não entendo por que não partimos imediatamente. Afinal, acho que a intenção de todos nós é chegar a Nárnia...

- Acho que sim - disse Aravis. Ao começar a imaginar o que faria exatamente quando chegasse a Nárnia, a menina sentiu-se um pouco sozinha.

- Naturalmente - foi logo dizendo Bri. - Mas não há necessidade de sair às carreiras, se é que estão me entendendo.

- Pois não estou entendendo - replicou Huin. - Por que não quer ir?

- Bru-ru - murmurou Bri. - Bem, não está vendo, madame... trata-se de uma ocasião importante... é a nossa volta à pátria... a entrada na sociedade... a melhor sociedade... é imprescindível que
causemos uma boa impressão... o que talvez seja
difícil com a nossa aparência atual...

Huin deu uma risada eqüina.

- É a sua cauda, Bri! Já vi tudo! Você está querendo esperar que a sua cauda cresça novamente. E nem sabemos se em Nárnia estão usando caudas compridas. Francamente, Bri, você é tão vaidoso quanto aquela tarcaína de Tashbaan.

- Que besteira, Bri - falou Aravis.

- Pela juba do Leão, tarcaína, não sou desse tipo - respondeu Bri, indignado. - Apenas guardo respeito por mim mesmo e pelos cavalos da minha espécie, nada mais.

- Bri - retornou Aravis, que não estava muito interessada no corte da cauda -, há muito tempo que desejo fazer-lhe uma pergunta: por que vive jurando *pelo Leão* ou *pela juba do Leão?* Pensava que tinha horror de leão.

- E tenho. Mas quando falo *do Leão* estou me referindo a Aslam, grande redentor de Nárnia, que nos livrou do inverno e da feiticeira. Todos os narnianos juram por ele!

- Mas ele é um leão?

- É claro que não é um leão - respondeu Bri, bastante chocado.

- Pelas histórias que contam em Tashbaan, ele é um leão - replicou Aravis. - Se não é um leão, por que o chamam de leão?

- Não pode entender isso na sua idade - respondeu Bri. - E mesmo eu, que não passava de um potrinho quando saí de lá, também não entendo muito bem.

(Bri estava virado de costas para a sebe ao dizer isso, e as outras duas o encaravam. Falava com uma certa superioridade, com os olhos semi-cerrados. Por isso não notou a mudança de expressão de Aravis e Huin. Estas tinham bons motivos para abrir a boca e arregalar os olhos, pois um enorme leão havia pulado sobre o muro verde; um leão com o amarelo mais

brilhante, um leão mais belo, mais assustador e maior do que todos os outros leões. Saltou para dentro do pátio e caminhou para Bri, sem fazer ruído. Huin e Aravis, como se estivessem congeladas, também não faziam o menor ruído.) Bri continuou:

- Sem dúvida, quando falam dele como sendo um leão, estão querendo dizer que é forte como um leão. Mas é falta de respeito. Se ele fosse um leão, seria um animal como qualquer um de nós. Ora essa! (E Bri começou a rir.) Se fosse um leão, teria de ter quatro patas, uma cauda, e *suíças!... Rá, ru, ru.* Socorro!

Pois quando acabara de falar *suíças* fora tocado por uma delas na orelha. Bri disparou como flecha para o lado oposto do pátio e então virou-se; o muro era alto demais, e ele não tinha por onde fugir. Aravis e Huin correram atrás. Houve um segundo de intenso silêncio.

Huin, embora tremesse da cabeça aos pés, deu um relincho esquisito, e foi para perto do leão:

- Por favor, você é tão bonito. Pode me comer, se quiser. Melhor ser devorada por você do que por um outro qualquer.

- Filha querida - respondeu Aslam, beijando-lhe o focinho aveludado -, sabia que você bem cedo chegaria até mim. Que a alegria a ilumine.

Ergueu a cabeça e falou mais alto:

- Bri, meu pobre, meu orgulhoso e assustado cavalo, chegue perto de mim. Mais perto, filho. Não ouse não ousar. Toque-me. Aqui estão as minhas patas, aqui está a minha cauda, aqui estão as minhas suíças. Sou um verdadeiro animal.

- Aslam - disse Bri, com a voz estremecida -, acho que sou um estúpido.

- Feliz o cavalo que sabe disso ainda na juventude. Ou o humano. Chegue mais perto, Aravis,

minha filha. Veja! Minhas patas são de veludo. Não precisa temer agora.

- Agora, senhor? - disse Aravis.

- Agora! Sou o único Leão que você encontrou
em todos os seus caminhos. Sabe por que a feri?

- Não, senhor.

- As arranhaduras nas suas costas, uma por uma, dor por dor, sangue por sangue, são iguais aos lanhos feitos nas costas da escrava de sua madrasta, em razão da droga que a fez dormir. Você precisava saber o que é isso.

- Senhor...

- Pode falar, minha filha.

- Ela ainda pode ser punida por minha causa?

- Criança, estou lhe contando a sua história, não a dela. A ninguém será contada a história do outro. - Sacudiu a cabeça e falou ainda mais alto:

- Divirtam-se, meus pequeninos. Breve nos encontraremos outra vez. Mas antes disso receberão uma visita.

De um salto pulou por cima do muro e desapareceu.

Estranhamente, não sentiram a menor vontade de conversar sobre ele; cada um saiu por um lado, caminhando para cá e para lá na relva quieta, falando consigo mesmo.

Uma hora depois os cavalos estavam comendo alguma coisa boa que o eremita lhes preparara. Aravis, ainda caminhando, pensativa, foi surpreendida por um som agudo de trompa do lado de fora.

- Quem é?

- Sua Alteza, o príncipe Cor, da Arquelândia - respondeu uma voz.

Aravis abriu o portão, cedendo passagem aos estrangeiros. Dois soldados entraram em primeiro lugar, postando-se com alabardas nos dois cantos. Entraram em seguida um arauto e o trompetista.

- Sua Alteza Real, o príncipe Cor da Arquelândia, solicita uma audiência com a dama Aravis - disse o arauto. E aí fizeram reverência ao príncipe que entrava. Toda a comitiva retirou-se, fechando o portão.

O príncipe fez uma reverência, bastante desajeitada para um príncipe. Aravis respondeu à maneira dos calormanos e o fez com capricho, pois aprendera isso na escola. Só então reparou no príncipe.

Um simples rapazinho. Sem chapéu, tinha os cabelos louros envolvidos num aro de ouro. Sua primeira túnica era de finíssima cambraia, e a de baixo era de um vermelho-reluzente. Trazia a mão esquerda enfaixada.

Aravis olhou duas vezes antes de falar, espantada:

- Não é possível! É Shasta!

Shasta ficou logo muito vermelho e começou a falar rapidamente:

- Olhe aqui, Aravis, espero que não pense que essa coisa toda foi feita para impressioná-la; ou que fiquei diferente ou *besta* a esse ponto. Queria vir com minhas roupas de sempre, mas botaram fogo nelas e meu pai me disse...

- Seu pai? - estranhou Aravis.

- Pelo jeito, o rei Luna é meu pai. Dava para pensar... Corin é a minha cara. Somos gêmeos, entende? E meu nome não é Shasta, é Cor.

- Cor é um nome mais bonito do que Shasta - disse Aravis.

- Nomes de irmãos são sempre assim na Arquelândia. Como Dar e Darin.

- Shasta... quero dizer Cor - falou Aravis. - Quero lhe dizer uma coisa, e tem de ser agora. Desculpe por ter sido pedante. Mas pode acreditar que fiquei arrependida *antes* de saber que você era um príncipe. Honestamente! Foi quando você enfrentou o Leão.

- Aquele Leão não tinha a intenção de matá-la - disse Cor.

- Já sei disso.

Por um momento os dois ficaram calados e sérios, certos de que já sabiam tudo sobre Aslam. Aravis lembrou-se da mão enfaixada do amigo:

- Você participou de uma batalha? Isso aí é um ferimento de guerra?

- Só um arranhão - respondeu Cor, usando pela primeira vez um certo tom senhorial. Mas daí a pouco caiu na risada: - Se quer mesmo saber a verdade não é um ferimento de guerra coisa nenhuma; tive um pouco de pele arrancada; isso acontece a qualquer um, mesmo que não chegue perto de uma batalha.

- De qualquer forma você entrou na batalha. Deve ter sido formidável.

- Não é o que você pensa - replicou Cor.

- Mas Sha... Cor, você ainda não me disse nada sobre o rei Luna, e como ele descobriu quem você é.

- Melhor a gente sentar-se - disse Cor. - É uma história meio comprida. Para começo de conversa: papai é um ótimo sujeito. Mesmo que não fosse o rei. Mesmo que eu tenha de passar agora por essa coisa horrível que se chama educação, foi muito bom ter encontrado meu pai. Vamos à história. Corin e eu somos gêmeos. Uma semana depois de nascermos, nós dois fomos levados a um sábio centauro de Nárnia, para receber uma bênção ou coisa parecida. O tal centauro era um profeta muito bom, como muitos outros centauros. Você talvez ainda não tenha visto um centauro. Havia alguns na batalha de ontem. Gente fabulosa, mas ainda não me acostumei de todo com eles. Aravis, pode estar certa de uma coisa: a gente ainda vai ter que se acostumar com uma porção de coisas nestas terras do Norte.

- É, sem dúvida. Mas conte a história.

- Bem, logo que chegamos, o tal centauro olhou para mim e disse: “Um dia chegará em que este menino salvará a Arquelândia do maior perigo que ela já enfrentou.” Minha mãe e meu pai ficaram muito contentes. Mas havia alguém presente que não gostou. Era um sujeito chamado lorde Bar, que foi chanceler do meu pai. Ao que parece, ele tinha feito alguma coisa errada... *peculato* ou uma palavra parecida... Não entendi muito bem esta parte da história... Papai teve de demitir o tal lorde. Mas não fez mais nada contra ele, e o sujeito continuou vivendo por lá. Mais tarde ficaram sabendo que ele recebia dinheiro do Tisroc e já tinha fornecido uma porção de informações secretas para Tashbaan. Sabendo que eu ia salvar o país de um grande perigo, resolveu me tirar do caminho. Fui seqüestrado, não sei bem como. Estava tudo preparado: um navio, tripulado com gente dele, estava à nossa espera, pronto para zarpar. Papai, quando soube, já um pouco tarde, começou a persegui-lo, mas quando chegou à praia lorde Bar já estava em alto-mar. Então, meu pai embarcou num navio de guerra. Durante seis dias perseguiu o galeão do bandido; no sétimo houve a batalha. Uma grande batalha, desde as dez horas da manhã até o sol sumir. Nossa gente aprisionou o galeão. Eu não estava lá! O lorde Bar morreu na batalha, mas antes dera ordens para que um oficial me levasse numa das canoas do navio.

E essa canoa nunca mais foi vista. Mas só pode ter sido a mesma que Aslam (ele parece estar por trás de todas as histórias) empurrou para a praia para que Arriche me apanhasse. Gostaria de saber o nome desse oficial, pois deve ter morrido de fome para que eu vivesse.

- Acho que Aslam aqui diria: “Isso é história do outro.” - Foi o primeiro comentário de Aravis.

- Não me lembrava disso - falou Cor.

- Só estou imaginando como vai se realizar a profecia - disse Aravis - e de qual grande perigo você irá livrar a Arquelândia.

- Bem - disse Cor, um tanto encabulado - eles acham, pelo jeito, que eu já fiz isto.

Aravis bateu palmas:

- É claro! Como sou burra! Que coisa maravilhosa: a Arquelândia jamais passará por outro perigo maior do que Rabadash. Não está orgulhoso?

- Acho que estou meio assustado - respondeu Cor.

- E agora você vai viver em Anvar - disse Aravis, um tanto ansiosa.

- Ó, até me esqueci da minha missão: papai quer que você venha viver conosco. Disse que não há mais uma só dama na corte (eles chamam de corte, sei lá por quê!) desde que mamãe morreu. Venha, Aravis. Você vai gostar de papai e de Corin. Ele não se parece comigo: foi bem educado. Não precisa ter medo...

- Pare com isso ou vamos mesmo brigar - replicou Aravis. - É claro que irei.

O encontro de Bri e Cor foi dos mais alegres. E Bri, que ainda estava numa disposição de espírito bem submissa, concordou que partissem imediatamente para Anvar: ele e Huin atravessariam a fronteira de Nárnia no dia seguinte. Despediram-se afetuosamente do eremita e partiram. Os cavalos esperavam que Aravis e Cor fossem montados, mas o príncipe explicou que, a não ser em guerra, quando cada um deve fazer o que souber de melhor, ninguém em Nárnia ou na Arquelândia teria a menor idéia de montar num cavalo falante.

A observação fez o coitado do Bri relembrar mais uma vez a sua vasta ignorância sobre os costumes de Nárnia, e a sua grande possibilidade de futuros equívocos. Assim, enquanto Huin se deixava embalar em sonhos, Bri foi ficando mais nervoso e mais consciente de todos os seus passos.

- Coragem, Bri! - disse Cor. - É ainda muito pior para mim do que para você; você não tem de ser *educado*. Tenho de aprender a ler e escrever, heráldica, dança, história, música... enquanto você vai correr e rolar pelas colinas de Nárnia na maior felicidade.

- Mas aí é que está - replicou Bri. - Cavalos falantes rolam na relva? E se não rolarem? Nem posso pensar uma coisa dessas. Você, o que acha, Huin?

- Eu, por mim, vou rolar de qualquer maneira. E acho que ninguém vai dar a mínima pra isso.

- Estamos perto do castelo? - perguntou Bri a Cor.

- Depois da primeira curva.

- Bem, vou dar uma boa rolada agora. Pode ser a última. Um minutinho só.

Levou cinco minutos. Ergueu-se bufando, coberto de talos de avenca.

- Estou pronto - disse com a voz sombria. -Vá em frente, príncipe Cor. Para Nárnia! Para o Norte!

Parecia mais um cavalo a seguir um enterro do que um cativo voltando à liberdade depois de muito tempo.

15
RABADASH, O RIDÍCULO

Uma curva na estrada colocou-os em campo aberto; lá, do outro lado de planuras verdes, abrigado dos ventos do norte por uma alta serra coberta de matas, estava o castelo de Anvar. Muito antigo, fora construído de pedras pardo-avermelhadas.

Antes de chegarem ao portão, viram o rei Luna, que lhes vinha ao encontro, nada parecido com o rei imaginado por Aravis: usava roupas muito velhas, pois acabava de chegar de uma visita aos canis, na companhia de seus caçadores. Mas a reverência com que saudou Aravis ao segurar-lhe a mão era digna de um imperador.

- Minha gentil senhorita, de todo o coração nós lhe damos as boas-vindas. Minha mulher, se estivesse viva, a receberia com mais carinho, mas não o faria de maior boa vontade. Sinto que lhe hajam sobrevindo infortúnios que a levaram para longe da casa paterna, o que lhe deve decerto magoar. Meu filho Cor contou-me sobre as aventuras por que passaram juntos e me falou de sua bravura.

- Tudo se deve a ele, senhor - respondeu Aravis. - Pois foi ele quem correu para o Leão e me salvou.

- Hem? Que história é esta? - perguntou o rei Luna com os olhos brilhantes. - Não conheço esta parte da história.

Ficou sabendo por intermédio de Aravis. Cor, desejoso que a história fosse divulgada, mas sentindo que não cabia a ele mesmo contá-la, gostou dela muito menos do que esperava, chegando a achá-la um pouco sem graça. Mas o pai é que se deliciou, recontando-a várias vezes durante algumas semanas; a tal ponto que Cor desejou que o episódio nunca tivesse acontecido.

O rei mostrou-se igualmente cortês com Huin e Bri, fazendo-lhes uma porção de perguntas sobre suas famílias e onde viviam em Nárnia antes de

serem capturados. Os cavalos conservaram-se um tanto calados, pois não estavam habituados a ser

tratados como iguais por humanos adultos. Com Aravis e Cor era diferente.

Naquele momento a rainha Lúcia saiu do castelo e aproximou-se do grupo. Disse o rei Luna a Aravis:

- Minha querida, apresento-lhe uma boa amiga de nossa casa, e ela própria estava providenciando para que os aposentos fossem condignamente preparados.

- Quer vê-los? - perguntou Lúcia, dando um beijo em Aravis. Foi amizade à primeira vista; e se foram, conversando sobre quartos e roupas, coisas sobre as quais as moças trocam idéias nessas ocasiões.

Depois do almoço no terraço (aves frias, pastelão frio, vinho, pão e queijo), o rei Luna franziu a sobrancelha, suspirando:

- Chii! Ainda temos em nossas mãos aquele lamentável Rabadash; temos de decidir o que fazer com ele.

Lúcia estava sentada à direita do rei e Aravis à esquerda. O rei Edmundo numa cabeceira e o lorde Darin na outra. Dar, Peridan, Cor e Corin estavam no mesmo lado que o rei.

- Vossa Majestade tem todo o direito de decepar- lhe a cabeça - opinou Peridan. - Um assalto como este colocou Rabadash no nível dos assassinos.

- Pura verdade - disse Edmundo. - Mas até um traidor pode corrigir-se. Conheço um. - E assumiu um ar pensativo.

- Matar esse Rabadash é quase o mesmo que fazer guerra com o Tisroc - falou Darin.

- Às favas com o Tisroc! - disse o rei Luna. - Sua força está nos números, e números não atravessam o deserto. O que não tenho é estômago para matar homens (mesmo traidores) a sangue- frio. Cortar o pescoço dele em combate teria sido um prazer. Mas a coisa agora é diferente.

- A meu ver - interveio Lúcia -, Vossa Majestade deveria conceder a ele uma outra chance. Deixe-o partir livremente, sob a promessa rigorosa de agir com decência no futuro. Pode ser que cumpra a palavra.

- Talvez os *macacos* acabem honrados - disse Edmundo. - Mas, pelo Leão, se ele quebrar a promessa, que lhe cortemos logo a cabeça em combate limpo.

- Vamos tentar - disse o rei, virando-se para um serviçal: - Traga o prisioneiro.

Rabadash foi trazido preso a suas correntes. Quem o visse era capaz de imaginar que passara a noite em horrível calabouço, sem água nem comida. Na verdade, ele estivera encerrado num quarto bem confortável, e fora servido com uma ceia excelente. Mas, muito azedo para tocar na ceia, passara a noite sapateando, uivando e amaldiçoando, e não podia mesmo estar na sua melhor aparência.

- Não preciso informar a Vossa Alteza - disse o rei - que, pelas leis das nações como também por todas as razões de uma política sensata, temos todo o direito à sua cabeça. Apesar de tudo, levando em consideração a sua juventude e a sua má-criação, à qual faltam ainda gentileza e cortesia, estamos dispostos a enviá-lo em liberdade, desarmado, sob as seguintes condições: primeiro...

- Maldito cão sarnento! - cuspiu Rabadash. - Acha que aos menos ouvirei as suas condições? Eu!? Fala de educação e não-sei-o-que-mais! Muito fácil, com um homem acorrentado! Arranque de mim estas correntes vis, me dê uma espada, e quem ousar que venha bater-se comigo.

Quase todos os senhores puseram-se de pé. Gritou Corin:

- Pai! Posso dar um soco na cara dele? Por favor!

- Paz! Majestades! Senhores! - disse o rei Luna. - Será que não temos a educação necessária para ouvir com tranqüilidade os insultos de um trapalhão? Sente-se, Corin, ou saia da mesa. Peço mais uma vez a Vossa Alteza que escute as nossas condições.

- Não escuto condições de bárbaros e bruxos - respondeu Rabadash. - Ninguém ouse tocar num fio do meu cabelo. Cada insulto que me lançam será vingado com oceanos de sangue. Terrível será a vingança do Tisroc; não perdem por esperar. Matem-me, no entanto, e as fogueiras e torturas das terras calormanas ainda farão o mundo tremer daqui a mil anos. Cautela! Cautela! O raio de Tash cai de cima!

- E às vezes fica preso no caminho por um gancho! - disse Corin.

- Pare com isso, Corin - disse o rei. - Só insulte um homem mais forte do que você. Assim, Alteza, por favor.

- Que idiota este Rabadash! - suspirou Lúcia.

E logo Cor pôs-se a imaginar por que todos tinham se levantado e ficado muito quietos. Também fez o mesmo, mas só depois entendeu o motivo: Aslam estava entre eles, embora ninguém tivesse percebido a sua chegada. Rabadash estremeceu quando o vasto vulto do Leão desfilou entre ele e seus acusadores. E o Leão falou:

- Rabadash, cuidado! Seu destino anda próximo, mas talvez ainda possa evitá-lo. Esqueça o seu orgulho (do que você pode orgulhar-se?) e a sua ira (quem lhe fez mal?) e aceite a compaixão destes bondosos reis.

Rabadash então revirou os olhos e espichou a boca numa horrível careta, como um tubarão, e abanou as orelhas para cima e para baixo (não é difícil aprender a fazê-lo). Sempre achara isso muito eficiente entre os calormanos. Os mais bravos tremiam quando ele fazia essas caras; os mais simples caíam no chão; e os mais sensíveis geralmente desmaiavam. Rabadash só esquecera uma coisa: muito fácil é apavorar quem se pode mandar cozinhar vivo com uma palavra. Na Arquelândia, porém, as caretas não produziam o menor efeito. Lúcia chegou até a pensar que ele estava passando mal e ia ficar pior.

- Diabo! Diabo! Diabo! - guinchava o príncipe. - Sei quem você é. Você é o espírito mau de Nárnia. O inimigo dos deuses. Sabe com quem está falando? Sabe, fantasma? Descendo de Tash, o inexorável, o irresistível. Caia sobre você a maldição de Tash! Raios em forma de escorpião chovam sobre você. As montanhas de Nárnia serão reduzidas a cinzas. O...

- Calma, Rabadash - disse Aslam, com placi-

dez. - O destino está próximo. Está à porta. Já levantou o trinco.

- Caiam os céus! - guinchou Rabadash. - Escancare-se a terra! Sangue e fogo entupam o mundo! Pois fiquem sabendo que nem assim descansarei, até arrastar para o meu palácio, pelos cabelos, essa rainha bárbara, filha de cachorros, a...

- Chegou a hora - disse Aslam.

Para seu horror supremo, Rabadash viu que todos estavam às gargalhadas.

Não era possível fazer outra coisa, a não ser dar risadas. Rabadash estivera abanando as orelhas o tempo todo, e, assim que Aslam disse “Chegou a hora!”, suas orelhas começaram a ficar mais compridas e mais pontudas e acabaram cobertas de pêlo cinzento. E, enquanto todos se indagavam onde já tinham visto orelhas como aquelas, também a cara de Rabadash começou a mudar. Mais comprida... mais larga... mais olhuda... Nariz afundado na cara (ou era uma cara se inchando toda e virando um narigão?). Tudo peludo. Os braços foram ficando compridos, compridos, até que as mãos tocaram no chão. Só que não eram mãos: eram cascos. Quatro cascos. Sumiram as roupas, debaixo de gargalhadas e de aplausos (que fazer?), pois agora Rabadash era simplesmente, inequivocamente, um burro. O terrível é que a sua fala humana durou um momento além da figura humana, e, assim, quando percebeu a transformação, berrou:

- Ó, burro não! Piedade! Burro não! Até cavalo serve... cavalo ainda aceito... Burro não! *rem... rê... rô... ri... rá...* E assim as palavras se perderam num vasto zurro de burro.

- Agora me ouça, Rabadash - falou Aslam. - A justiça é mesclada de compaixão. Você não será um asno para sempre.

O burro espichou naturalmente as orelhas... o que também foi tão engraçado que todos caíram outra vez na gargalhada. Tentavam ficar quietos, mas não era possível.

- Você pediu o auxílio de Tash - prosseguiu Aslam - e no templo de Tash será curado. Suba ao altar de Tash em Tashbaan, no Festival de Outono, este ano, e lá, à frente de todos, perderá sua forma de asno, e todos saberão que o asno é na verdade o príncipe Rabadash. Mas, enquanto viver, se uma só vez afastar-se mais de dez quilômetros do templo de Tashbaan, voltará a ser como é agora. E de uma recaída jamais ficará bom.

Fez-se um curto silêncio. Depois todos se agitaram e olharam uns para os outros, como se estivessem acordando. Aslam havia partido. Só restava um lampejo no ar e na relva, e júbilo nos corações, o que lhes dava a certeza de que não fora um sonho. Além do mais, o burro estava lá na frente deles.

O rei Luna, o maior coração entre todos os homens, ao ver o inimigo nessas lamentáveis condições, esqueceu toda a sua ira.

- Alteza - disse - estou sinceramente sentido que as coisas tenham chegado a este extremo. Não dependeu de nós, e Vossa Alteza sabe disso. Teremos o maior prazer em providenciar o seu embarque para Tashbaan para... para aviar a receita prescrita por Aslam. Terá na viagem todo o conforto que permitir a sua atual situação: o melhor barco de transporte de gado... as cenouras mais frescas e...

Mas um zurro ensurdecedor e um coice na perna de um guarda demonstraram claramente que essas gentis ofertas foram recebidas com ingratidão.

E aqui, para tirá-lo do caminho, é melhor aca-

bar com a história de Rabadash. Enviado de volta, compareceu ao Festival de Outono, tornando-se novamente homem. Umas quatro ou cinco mil pessoas viram a transformação, e o caso não pôde ser silenciado. Depois da morte do velho Tisroc, quando Rabadash se fez tisroc dos calormanos, tornou-se o mais pacífico tisroc da história do país. Não ousando afastar-se mais de dez quilômetros, jamais podia ir à guerra, e não desejava que seus tarcaãs conquistassem fama guerreira às suas custas, pois é assim que os tisrocs são destronados. Apesar do egoísmo dos seus motivos, foi bem mais cômodo para os pequenos países vizinhos.

Seu próprio povo jamais se esqueceu de que ele havia sido um burro. Durante o seu reinado foi cognominado Rabadash, o Pacificador, mas, depois da sua morte, passou a ser Rabadash, o Ridículo. Ainda hoje, nas escolas calormanas, se alguém faz alguma coisa bastante idiota, é chamado de *Rabadash.*

Em Anvar todo mundo estava contente por ocasião de um grande acontecimento: uma festa na esplanada do castelo, com dezenas de lanternas juntando-se à luz do luar. O vinho jorrava, contavam-se histórias, faziam-se gracejos; então fez-se silêncio, e o poeta do rei, acompanhado por dois tocadores de rabeca, foi para o centro do picadeiro. Aravis e Cor prepararam-se para uma chatice, pois só conheciam a poesia dos calormanos, e agora você já sabe de que tipo ela é. Mas, ao primeiro trinado das rabecas, foi como se um foguete lhes passasse pela cabeça. O poeta cantou a grande balada do Belo Olvin e como, vencendo o gigante Piro, conseguiu

transformá-lo em pedra (daí a origem do Monte Piro, pois se tratava de um gigante de duas cabeças), para casar-se com a dama Liln. Quando acabou, desejavam que a balada recomeçasse.

Não sabendo cantar, Bri contou a história da Batalha de Zalindreh. Lúcia contou mais uma vez (só Aravis e Cor não a conheciam) a história d'O *leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, na qual se narra como Edmundo, Susana, Pedro e ela chegaram a Nárnia.

Depois chegou o momento em que o rei Luna disse que as crianças deviam ir para a cama, devido ao adiantado da hora. E acrescentou ainda:

- Amanhã, Cor, você percorrerá comigo todo o palácio, examinando os seus pontos fortes e fracos, pois a você caberá guardá-lo quando eu me for.

- Mas Corin é que será o rei, pai - protestou Cor.

- Nada disso, rapaz - replicou o rei Luna. - Você será o meu herdeiro. Cabe a você a coroa.

- Mas não quero a coroa - disse Cor. - Prefiro muito mais...

- Não interessa, Cor, o que você prefere. É a lei.

- Mas, se somos gêmeos, somos da mesma
idade!

- Nada disso - respondeu o rei, rindo-se. - Um tem de vir primeiro. Você é mais velho do que Corin vinte minutos. E mais ajuizado também, espero. - Olhou para Corin, piscando.

- Mas, pai, o senhor não pode escolher quem quiser para rei?

- Não. O rei obedece às leis, pois as leis o fizeram rei.

- Puxa vida! - disse Cor. - Não quero a coroa de jeito nenhum. Olhe aqui, Corin... a culpa não é minha. Nunca pensei que acabaria passando a perna no seu reinado.

- Viva! Salve! - gritou Corin. - Não tenho de ser rei! Não tenho de ser rei! Vou ser príncipe a vida toda. Os príncipes é que se divertem!

- É ainda mais verdade do que ele pensa, Cor - falou o rei Luna. - Pois ser rei é isto: ser o primeiro em todos os combates e o último em todas as retiradas. Quando houver fome no país (o que às vezes acontece nos anos

piores), o rei deve alimentar-se frugalmente, e rir mais alto do que ninguém diante de uma refeição parca.

Na escada, a caminho do quarto de dormir, Cor ainda perguntou a Corin se era possível fazer alguma coisa. E a resposta foi a seguinte:

- Se você disser mais uma palavra sobre isso, eu lhe meto o braço.

Seria simpático terminar a história dizendo que, depois disso, os dois irmãos nunca discordaram a respeito de mais nada; mas sinto dizer que não foi bem assim. Na verdade, eles discutiam e brigavam como todos os outros irmãos. As brigas sempre terminavam com Cor derrubado no chão. Pois, embora mais tarde Cor se revelasse mais perigoso na guerra, com a espada, ninguém nas terras do Norte jamais boxeou melhor do que Corin. Foi assim que ganhou o apelido de *Mão de Ferro.* Conta-se, ainda hoje, a grande façanha que realizou contra o Urso Relapso do Pico da Tempestade, que era na verdade um animal falante que retornara à selvajaria. Num dia de inverno, Corin escalou a montanha pelo lado de Nárnia e lutou aos socos com o urso por trinta e três assaltos. Por fim, esmurrado nos olhos, e já sem poder enxergar mais nada, o urso acabou regenerando-se.

Aravis também teve muitas discussões (e, creio, até brigas) com Cor, mas os dois sempre passavam por cima. Anos mais tarde, já estavam tão acostumados a brigar e fazer as pazes, que se casaram, salvando assim as aparências.

Depois da morte do rei Luna, tornaram-se rei e rainha de Arquelândia. Áries, o Grande, o mais famoso de todos os reis do país, era filho deles.

Bri e Huin viveram felizes até uma idade avançada e também se casaram, mas não um com o outro. E não passavam muitos meses sem que viessem a trote (juntos ou separados) para uma visita aos amigos de Anvar.

Fim

C. S. LEWIS

Príncipe Caspian

Tradução
Paulo Mendes Campos

Para Mary Clare Havard

1
A ILHA

Era uma vez quatro crianças – Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia – que se meteram numa aventura extraordinária, já contada num livro que se chama *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. Ao abrirem a porta de um guarda-roupa encantado, viram-se num mundo totalmente diferente do nosso, e nesse mundo, um país chamado Nárnia, tornaram-se reis e rainhas. Durante a permanência deles em Nárnia acharam que tinham reinado anos e anos; mas, ao regressarem pela porta do guarda-roupa à Inglaterra, parecia que a aventura não tinha levado quase tempo algum. Pelo menos ninguém notara a sua ausência, e eles nunca contaram nada a ninguém, a não ser a um adulto muito sábio.

Tudo isso tinha acontecido havia um ano. Os quatro encontravam-se, no momento em que vamos iniciar esta história, sentados numa estação de trem, rodeados por pilhas de malas. Estavam de volta ao colégio. Tinham viajado juntos até aquela estação, que era um entroncamento; dentro de alguns minutos devia chegar o trem das meninas e, daí a meia hora, o trem dos meninos.

A primeira parte da viagem fora como se ainda fizesse parte das férias; mas, agora que se aproximavam as despedidas, todos sentiam que as férias tinham acabado e que começavam outra vez as preocupações do ano letivo. Reinava grande melancolia, e ninguém sabia o que dizer. Lúcia ia para um internato, pela primeira vez.

Era uma estação rural e vazia: além deles, não havia mais ninguém na plataforma. De repente, Lúcia deu um grito agudo e rápido, como se tivesse sido mordida por um marimbondo.

– O que foi, Lúcia? – perguntou Edmundo, mas logo parou soltando um ruído parecido com *hã*!

– Mas que coisa... – começou Pedro, que logo também interrompeu a frase, dizendo, em vez disso: – Pare, Susana! Para onde você está me

puxando?

– Nem toquei em você! – respondeu Susana. – Tem alguém me puxando. Oh, oh, oh, pare com isso!

Todos notaram que os rostos dos outros tinham ficado muito pálidos.

– Senti a mesma coisa – declarou Edmundo, quase sem fôlego. – Parecia que alguém estava me arrastando. Um puxão horrível! Epa! Lá vem de novo!

– Também estou sentindo – gritou Lúcia. – Que coisa desagradável!

– Cuidado! – exclamou Edmundo. – Vamos ficar de mãos dadas. Tenho certeza que isso é magia.

– Isso mesmo, de mãos dadas – disse Susana. – Será que isso não vai parar?

Mais um instante, e a bagagem, a estação, tudo havia desaparecido, sem deixar um sinal. As quatro crianças, agarradas umas às outras, ofegantes, viram então que se encontravam num lugar cheio de árvores, tão cheio de árvores que mal havia espaço para se mexerem. Esfregaram os olhos e respiraram fundo. Lúcia indagou:

– Pedro, você acha possível que tenhamos voltado para Nárnia?

– Pode ser um lugar qualquer. Com estas árvores tão cerradas, não se vê um palmo adiante do nariz. Vamos ver se encontramos um lugar aberto, se é que existe isso por aqui.

Com certa dificuldade, e levando arranhões dos espinhos, conseguiram desembaraçar-se dos arbustos. E foi outra surpresa. Tudo se tornou mais brilhante. Após andarem alguns passos, encontraram-se à beira da mata, olhando de cima para uma praia arenosa. A distância de alguns metros, um mar incrivelmente sereno avançava sobre a areia em vagas tão minúsculas que quase não se ouvia nenhum som. Terra à vista não havia, nem nuvens no céu. O sol estava onde devia estar às dez horas da manhã, e o mar era de um azul deslumbrante.

Pararam, cheirando a maresia.

– Como é bom! — disse Pedro.

Daí a cinco minutos, estavam todos descalços, patinhando na água fria e transparente.

– Muito melhor do que estar dentro de um trem abafado, de volta ao latim, ao francês e à álgebra! – disse Edmundo. E durante algum tempo só se ouviu o barulho da água.

– De qualquer modo – disse então Susana – , suponho que tenhamos de fazer alguns planos. A fome não deve demorar.

– Temos os sanduíches que a mãe nos deu para a viagem – lembrou Edmundo. – Eu, pelo menos, estou com os meus.

– Eu, não – disse Lúcia. – Deixei os meus na maleta.

– Eu também – disse Susana.

– Os meus estão no bolso do casaco, ali na praia – declarou Pedro. – São assim dois almoços para quatro. Não é lá grande coisa.

– Neste momento – disse Lúcia – , quero mais beber água do que comer.

Todos estavam com sede, como é natural acontecer quando se brinca na água salgada, sob o sol ardente.

– É como se a gente tivesse sofrido um naufrágio – observou Edmundo. – Nos livros, sempre se encontra na ilha uma fonte de água fresca e cristalina. É melhor a gente procurá-la.

– Vai ser preciso voltar para aquela mata fechada? – perguntou Susana.

– De jeito nenhum – disse Pedro. – Se há fontes aqui, elas têm de vir para o mar; assim, se formos andando pela praia, deveremos achá-las.

Foram caminhando, primeiro sobre a areia úmida e mole, depois sobre a areia grossa que se agarra aos dedos dos pés. Edmundo e Lúcia queriam seguir descalços e deixar os sapatos ali, mas Susana advertiu-os de que isso não seria bom:

– Podemos não os encontrar depois, e talvez precisemos deles se ainda estivermos aqui ao anoitecer, quando começar a esfriar.

Então pararam e começaram a calçar as meias e os sapatos.

Depois de novamente calçados, iniciaram a caminhada ao longo da praia, com o mar à esquerda e a mata à direita. Fora uma ou outra gaivota, era um lugar de todo tranqüilo. A mata era tão densa e emaranhada que quase não se podia olhar para dentro dela, e nada lá dentro dava sinal de vida, nem um pássaro, nem sequer um inseto.

Conchas, algas e anêmonas, ou pequenos caranguejos nas poças das rochas, tudo isso é muito bonito; mas, quando se está com sede, fica-se logo cansado de tudo. Os quatro sentiam os pés pesados e quentes. Susana e Lúcia tinham as capas de chuva para carregar. Edmundo, um momento antes de ser apanhado pela magia, deixara o casaco num banco da estação; assim, revezava-se com Pedro a levar o pesado sobretudo do irmão.

Daí a pouco a terra começou a encurvar-se para a direita. Cerca de um quarto de hora mais tarde, depois de atravessarem uma crista pontuda, o terreno descrevia uma curva bastante fechada. Estavam de costas para a parte do mar que haviam encontrado ao saírem da mata. Olhando para a frente, avistaram além da água outra região densamente arborizada.

– Será que é uma ilha? – perguntou Lúcia.

– Sei lá – disse Pedro. E continuaram em silêncio. O terreno em que pisavam se aproximava cada vez mais do terreno oposto, e eles esperavam encontrar a qualquer momento um lugar em que os dois se juntassem. Mas era sempre uma decepção. Chegaram a alguns rochedos que tiveram de escalar e do topo puderam ver bastante longe.

– Ora bolas! Não adianta – disse Edmundo. – Não vamos chegar nunca à outra mata. Estamos numa ilha!

Era verdade. Nesse ponto, o canal que os separava da outra costa não tinha mais de trinta ou quarenta metros. Mas era o seu ponto mais estreito.

– Olhem! – disse Lúcia de repente. – Que é aquilo? – e apontou para uma coisa sinuosa, comprida e prateada que se via na praia.

– Um riacho! Um riacho! – gritaram todos e, mesmo cansados, não perderam um segundo para descer os rochedos e correr para a água fresca. Como sabiam que bem mais acima, longe da praia, a água seria melhor para beber, dirigiram-se logo para o lugar em que o riacho saía da mata. O arvoredo ainda era denso, mas o riacho transformara-se num fundo curso d’água, deslizando entre altas margens musgosas, de modo que uma pessoa

inclinada podia segui-lo por uma espécie de túnel vegetal. Ajoelhando-se junto da primeira poça borbulhante, beberam até ficar saciados, mergulhando o rosto na água, e depois os braços até os cotovelos.

– Bem... – disse Edmundo. – E aqueles sanduíches?

– Não seria melhor economizá-los? – atalhou Susana. – Pode ser que mais tarde precisemos ainda mais deles.

– Seria ótimo – observou Lúcia – se pudéssemos prosseguir sem ligar para a fome, como quando a gente *estava* com sede.

– É... mas e os sanduíches? – repetiu Edmundo. – Não vale a pena economizá-los, pois podem estragar. Aqui faz muito mais calor do que na Inglaterra, e eles estão em nossos bolsos já há algumas horas.

Assim, dividiram os dois sanduíches por quatro. Ninguém matou a fome, mas era melhor do que nada. Depois, começaram a imaginar o que seria a refeição seguinte. Lúcia queria voltar ao mar e apanhar camarões, mas desistiu quando alguém observou que ninguém tinha uma rede. Edmundo sugeriu que apanhassem nos rochedos ovos de gaivota, mas, pensando melhor, ninguém se lembrava de já ter visto um ovo de gaivota. Mesmo que encontrassem algum, não saberiam cozinhá-lo. Pedro não teve coragem de dizer que os ovos, mesmo crus, valeriam a pena. Susana ainda achava que não deviam ter comido os sanduíches tão cedo. Finalmente Edmundo disse:

– Só há uma coisa a fazer: temos de explorar a mata. Ermitões e cavaleiros andantes, e outra gente parecida, sempre conseguiram viver, de uma ou de outra forma, dentro de uma floresta. Encontravam raízes, sementes, sei lá o que mais...

– Que tipo de raízes? – indagou Susana.

– Acho que raízes de árvores – disse Lúcia.

– Vamos embora – disse Pedro. Edmundo tem razão. Temos de tentar qualquer coisa.

Começaram a andar ao longo do riacho. Não foi nada fácil. Quando não eram obrigados a se abaixar sob os ramos, tinham de passar por cima deles. Andaram aos trambolhões entre moitas de flores, rasgando as roupas, molhando os pés no riacho. E, em torno, apenas um grande silêncio.

– Olhem! Olhem! – exclamou Lúcia. – Parece uma macieira.

E era. Subiram arquejantes pela encosta, abrindo caminho pelo mato, e acabaram encontrando uma grande árvore carregada de maçãs douradas, rijas, sumarentas. Não podia ser melhor.

– E esta árvore não é a única – disse Edmundo, de boca cheia. – Olhe ali uma outra, outra lá...

– Há dezenas, não há dúvida – disse Susana, deitando fora a semente da primeira maçã e tirando outra da árvore. – Isto aqui deve ter sido um pomar, muito tempo atrás, antes que o mato crescesse.

– Houve então um tempo em que esta ilha foi habitada – disse Pedro.

– E o que é aquilo? – perguntou Lúcia, apontando para a frente.

– É um muro, um velho muro de pedra – disse Pedro.

Abrindo caminho entre os ramos carregados, alcançaram o muro. Era muito antigo, arruinado aqui e ali, cheio de musgos e trepadeiras, mais alto do que quase todas as árvores. Ao chegarem mais perto, encontraram um grande arco, que deveria ter tido antes um portão, mas agora estava quase totalmente ocupado pela mais frondosa de todas as macieiras. Tiveram de quebrar alguns ramos para poder passar. Quando atravessaram, começaram a piscar, pois a luz do dia se tornara de repente muito mais intensa. Achavam-se num amplo espaço aberto, cercado de muros. Sem árvores: só mato rasteiro, malmequeres, hera e paredes cinzentas. Mas o lugar era claro e sereno, pairando ali uma certa melancolia. Os quatro dirigiram-se para o centro dele, satisfeitos porque agora podiam esticar braços e pernas.

2
A CASA DO TESOURO

– Isto aqui não era um jardim! – disse Susana momentos depois. – Aqui havia um castelo, e este deve ter sido o pátio.

– É isso mesmo – concordou Pedro. – Aquilo ali, não há dúvida, é a ruína de uma torre. Aquilo lá deve ter sido um lanço de escada que levava para o alto da muralha. Olhem aqueles degraus naquela porta: deve ter sido a entrada do salão nobre.

– Pela aparência, isso foi há séculos – disse Edmundo.

– É, há séculos – falou Pedro. – Gostaria de saber quem viveu neste palácio e há quanto tempo!

– Tudo isso me causa uma sensação estranha – observou Lúcia.

– Verdade, Lu? – perguntou Pedro, olhando fixamente para a irmã. – Porque comigo está acontecendo a mesma coisa... A coisa mais estranha que nos aconteceu neste dia tão estranho. Pergunto a mim mesmo onde estaremos... o que pode significar tudo isso...

Enquanto falavam, atravessaram o pátio e transpuseram a porta do antigo salão, agora muito semelhante ao pátio, pois o telhado desaparecera, e havia muito o salão não passava de um enorme relvado salpicado de malmequeres, embora mais estreito e curto do que o pátio e com as paredes mais altas. Do outro lado, cerca de metro e meio mais alto que tudo, destacava-se uma espécie de terraço.

– Vocês acham que isto seria realmente um salão? – perguntou Susana. – Sendo assim, que vem a ser aquele terraço?

– Boboca! – replicou Pedro (que, de repente, ficara bastante excitado). – Não está vendo? Aquilo era o estrado da mesa real, ao redor da qual se sentavam o rei e os grandes senhores. Parece até que você se

esqueceu de que nós mesmos fomos reis e rainhas e tivemos um estrado igual no nosso salão nobre.

– No castelo de Cair Paravel – continuou Susana, numa voz cantante e sonhadora – , na foz do grande rio de Nárnia. Como poderia me esquecer?

– Parece que estou vendo o nosso castelo! – disse Lúcia. – Este salão deve ter sido muito parecido com o grande salão onde demos tantos banquetes. Podíamos fazer de conta que estamos de novo em Cair Paravel.

– Infelizmente sem banquete... – comentou Edmundo. – Está anoitecendo. Vejam como as sombras estão compridas. E já repararam como está frio?

– Se temos de passar a noite aqui, o melhor é fazer uma fogueira – propôs Pedro. – Eu tenho fósforos. Vamos procurar lenha seca.

A proposta era sensata. Durante meia hora trabalharam a valer. O pomar que tinham atravessado não era grande coisa para uma fogueira. Experimentaram o outro lado do castelo. Passando por uma porta lateral, encontraram-se num labirinto de corredores e velhas salas, que não passavam agora de um emaranhado de espinheiros e rosas-bravas. Descobriram uma brecha na muralha e, penetrando num maciço de árvores mais antigas e frondosas, acharam muitos ramos caídos, madeira meio apodrecida, lenha fina e folhas secas. Juntaram uma boa pilha de lenha sobre o estrado. Junto à parede do lado de fora, acabaram descobrindo o poço, todo coberto de ervas. Quando as afastaram, viram que a água corria lá embaixo, fresca e cristalina. A volta do poço, de um dos lados, havia vestígios de um pavimento de pedra. As meninas foram colher mais maçãs, e os meninos acenderam o fogo sobre o estrado, bem no cantinho entre as duas paredes, que lhes parecia o lugar mais quente e abrigado. Foi difícil fazer pegar o fogo, mas por fim conseguiram. Sentaram-se os quatro de costas para a parede, voltados para a fogueira. Tentaram assar maçãs espetadas em pedaços de pau, mas maçãs assadas só são boas com açúcar. – Além disso, ficam tão quentes que não podem ser tocadas com a mão, e quando esfriam já não vale a pena comê-las. Tiveram, portanto, de se satisfazer com maçãs cruas, o que levou Edmundo a afirmar que, afinal, a comida do colégio não era tão ruim assim.

– Não ia achar ruim se tivesse aqui agora um bom pedaço de pão com manteiga – acrescentou ele.

Mas o espírito de aventura já acordara neles, e nenhum dos quatro, na realidade, preferia estar no colégio.

Depois de comer a última maçã, Susana levantou-se e foi ao poço beber água. Voltou com alguma coisa na mão.

– Olhem! Vejam o que encontrei. – Entregou a Pedro o que trazia e sentou-se.

Pelo jeito e pela voz, parecia que Susana ia chorar. Edmundo e Lúcia, ansiosos por ver o que Pedro tinha na mão, inclinaram-se para a frente... para um objeto pequeno e brilhante, que refletia a luz da fogueira.

– Confesso que não estou entendendo – disse Pedro, com a voz embargada, passando aos outros o objeto.

Era uma pequena peça de xadrez, de tamanho comum, mas extraordinariamente pesada, por ser de ouro maciço. Tratava-se de um cavalo cujos olhos eram dois rubis minúsculos, ou melhor... um deles, porque o outro se perdera.

– Nossa! – disse Lúcia. – É exatamente igual a um daqueles cavalos de ouro com que costumávamos jogar em Cair Paravel... quando éramos reis e rainhas.

– Nada de tristeza! – disse Pedro a Susana.

– Não posso evitar – falou Susana. – Estou-me lembrando daqueles bons tempos. Costumava jogar xadrez com faunos e gigantes simpáticos. Fiquei me lembrando das sereias que cantavam... do meu lindo cavalo... e... e...

– Bem – interrompeu Pedro, num tom de voz bastante diferente. – Vamos deixar de fantasias e pensar a sério.

– Em quê? – perguntou Edmundo.

– Será que ninguém adivinhou onde estamos?

– Fale logo – disse Lúcia. – Estou sentindo que há um mistério neste lugar.

– Vamos, Pedro, estamos ouvindo – disse Edmundo.

– Muito bem: estamos nas ruínas de Cair Paravel.

– Ora! – exclamou Edmundo. – Como é que você sabe? Estas ruínas têm séculos. Repare naquelas árvores. Olhe para aquelas pedras. Há centenas de anos que não vive ninguém aqui.

– Certo – concordou Pedro. – Aí é que está o problema. Mas vamos deixar isso para depois. Consideremos as coisas uma por uma. Primeiro: este salão é exatamente igual ao de Cair Paravel, na forma e no tamanho. Imaginando um telhado e um chão colorido, em vez da relva, e tapeçarias nas paredes, temos o salão nobre dos banquetes.

Todos ficaram calados.

– Em segundo lugar – continuou Pedro – , o poço é exatamente no local do nosso. E também é igualzinho em forma e tamanho.

Ninguém o interrompeu.

– Em terceiro lugar: Susana acaba de encontrar uma das nossas peças de xadrez... ou uma peça igualzinha às nossas. Em quarto lugar: não se lembram de que, na véspera da chegada dos embaixadores do rei dos calormanos, plantamos um pomar logo depois do portão norte? O mais poderoso espírito das árvores, a própria Pomona, veio abençoá-lo. E foram aqueles animaizinhos simpáticos, as toupeiras, que cavaram tudo. Será possível que tenham se esquecido da engraçada dona Alvipata, a toupeira-chefe, encostada na enxada, dizendo: "Acredite, Real Senhor, um dia ainda há de ficar contente por ter plantado estas árvores frutíferas." E ela estava com a razão!...

– Eu me lembro e muito bem – disse Lúcia batendo palmas.

– Mas repare, Pedro – disse Edmundo – , tudo isso que você está dizendo deve ser bobagem. Para começar, o pomar que plantamos não chegava até os portões! Não seríamos tão bobos para fazer uma coisa dessas.

– É claro que não: foi o próprio pomar que avançou até aqui – explicou Pedro.

– Além disso – continuou Edmundo – , Cair Paravel nunca foi uma ilha.

– Já pensei nisso também. Mas era... como é mesmo que se diz... uma península. Quase uma ilha. Você não acha que pode ter virado uma ilha? É

possível que alguém tenha aberto um canal.

– Espere aí... – disse Edmundo. – Faz somente um ano que deixamos Nárnia. E quer me convencer de que, em um ano, os castelos caíram, as florestas cresceram, as árvores que plantamos se alastraram... e sei lá mais o quê? Tudo isso é impossível!

– Tenho uma idéia – disse Lúcia. – Se isto é realmente Cair Paravel, deve haver uma porta junto ao estrado. Devemos estar de costas para ela. Vocês se lembram... era a porta que dava para a sala do tesouro.

– Parece que não há porta nenhuma – disse Pedro, levantando-se.

A parede por detrás deles estava coberta de hera.

– É fácil verificar – declarou Edmundo, agarrando um pedaço de lenha. E começou a golpear a parede revestida de hera.

Tum-tum, batia a madeira contra a pedra, tum-tum... De repente, bum, um barulho muito diferente, um som oco de pancada na madeira.

– Opa! Acertamos em cheio! – exclamou Edmundo.

– Seria melhor arrancar esta hera toda – propôs Pedro.

– Deixem isso pra lá! – protestou Susana. – Amanhã teremos muito tempo. Se temos de passar a noite aqui, não acho a menor graça uma porta atrás de mim e um buraco escuro, de onde pode sair sei lá o que, fora a umidade e as correntes de ar. E não demora a ficar escuro.

– Que idéia é essa, Susana?! – disse Lúcia, lançando um olhar de reprovação. Mas os dois meninos já estavam tão entusiasmados que não deram ouvidos ao conselho de Susana. Arrancavam a hera com as mãos e com o canivete de Pedro, até que este se partiu. Pegaram então o canivete de Edmundo e continuaram. Não demorou para que o lugar onde estavam sentados ficasse coberto de hera. Mas, finalmente, a porta apareceu.

– Fechada, como era de esperar – comunicou Pedro.

– Mas a madeira está podre – disse Edmundo. – É fácil arrancá-la aos pedaços, e a gente até arranja mais lenha para a fogueira. Ajudem aqui!

Não foi tão fácil quanto supunham. Antes de terem terminado, o salão nobre estava envolto em penumbra e as primeiras estrelas brilhavam. Susana não foi a única a sentir um ligeiro calafrio quando os meninos, de pé

sobre um monte de madeira, esfregaram as mãos e olharam para o buraco frio e escuro que acabavam de abrir.

– Precisamos de uma lâmpada – disse Pedro.

– Para quê? – perguntou Susana. – Como disse Edmundo...

– Disse, mas já não digo! É verdade que não estou entendendo muito bem, mas logo veremos. Suponho, Pedro, que você vai descer.

– Não tem outro jeito! Vamos, Susana! Coragem! Não vamos bancar as crianças, agora que voltamos para Nárnia. Aqui, você é rainha. E bem sabe que ninguém pode dormir descansado com um mistério destes por desvendar.

Tentaram fazer archotes de varas compridas, mas não deu certo. Se voltavam a ponta acesa para cima, a chama se apagava; se a voltavam para baixo, ficavam com as mãos chamuscadas e os olhos ardendo. Por fim, decidiram usar a lanterna que Edmundo ganhara como presente de aniversário, menos de uma semana atrás. Edmundo, com a luz, entrou primeiro; depois Lúcia, Susana e Pedro, fechando o cortejo.

– Estou no alto de uma escada – anunciou Edmundo.

– Conte os degraus – sugeriu Pedro.

– Um, dois, três – foi contando Edmundo, descendo com cuidado, até chegar a dezesseis. – Pronto, cheguei ao fim!

– Estamos em Cair Paravel! – exclamou Lúcia. – Eram exatamente dezesseis degraus. – E ninguém mais falou, até que todos se juntaram no fundo da escada. Foi então que Edmundo começou, lentamente, a descrever um círculo com a lanterna.

– O-o-o-oh! – disseram as crianças ao mesmo tempo.

Pois todos se convenceram de que era na verdade a velha sala de Cair Paravel, onde tinham reinado como reis e rainhas de Nárnia. Ao centro havia uma espécie de corredor e, de cada um dos lados, a pequena distância umas das outras, erguiam-se ricas armaduras, como cavaleiros guardando um tesouro. Entre as armaduras havia prateleiras cheias de coisas preciosas: colares, pulseiras, anéis, vasos de ouro, grandes dentes de marfim, diademas e correntes de ouro, e muitas pedras preciosas amontoadas ao acaso, como se fossem batatas – diamantes, rubis, esmeraldas, topázios e ametistas.

Debaixo das prateleiras enfileiravam-se grandes arcas de carvalho, reforçadas com barras de ferro, muito bem acolchoadas por dentro. Fazia um frio horrível, e o silêncio era tal que podiam ouvir a própria respiração. Os tesouros estavam cobertos de poeira. A sala, abandonada havia tanto tempo, entristecia-os e assustava-os um pouco. Foi por isso que, nos primeiros instantes, ninguém conseguiu falar.

Depois, começaram a andar de um lado para o outro, a pegar as coisas, examinando-as bem. Era como se encontrassem velhos amigos. Se você estivesse lá, teria escutado exclamações como estas:

– Olhem! Os anéis da nossa coroação! Lembram?...

– Aquela não é a armadura que você usou no grande torneio das Ilhas Solitárias?

– Lembram que o anão fez isto para mim?

– E quando eu bebi naquela taça enorme?

– Lembram... Vocês lembram?... E, de repente, Edmundo disse:

– Não podemos gastar as pilhas desta maneira. Sei lá quantas vezes vamos precisar da lanterna. O melhor é cada um pegar o que lhe interessa e irmos lá para fora.

– Temos de levar os presentes – disse Pedro. Pois, há muito tempo, num Natal passado em

Nárnia, Susana, Lúcia e Pedro tinham recebido alguns presentes que, para eles, valiam mais do que todo o reino. Edmundo nada recebera porque não estava com eles. (A culpa tinha sido só dele: se quiserem saber como foi, podem ler no livro *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*.)

Todos concordaram com Pedro e avançaram pelo corredor, em direção à porta mais afastada da sala do tesouro, onde encontraram os presentes. O de Lúcia era o menor: só um frasquinho. Mas o frasquinho não era de vidro, era de diamante, e estava ainda cheio do elixir mágico que podia curar quase todos os ferimentos e doenças. Lúcia não disse nada e pareceu muito solene ao retirar o frasco do lugar onde estava e guardá-lo consigo. O presente de Susana tinha sido um arco e flechas e uma trompa. O arco ainda estava lá, bem como a aljava de marfim cheia de setas emplumadas, mas...

– Susana, onde está a trompa? – perguntou Lúcia.

– Puxa vida! – disse Susana, depois de pensar um pouco. – Agora é que me lembro: eu estava com ela no último dia, quando fomos caçar o Veado Branco. Devo ter perdido a trompa, quando voltávamos para... para o nosso mundo.

Edmundo assoviou. Perda irreparável, na verdade, porque a trompa era mágica: era tocar e nunca faltava o auxílio necessário.

– Justamente o que mais poderia nos ajudar agora – disse Edmundo.

– Não faz mal – disse Susana – , ainda tenho o arco.

– Será que a corda ainda está boa, Su? – perguntou Pedro.

Fosse pela magia na atmosfera da sala do tesouro ou por qualquer outra coisa, a verdade é que tudo estava funcionando bem. Havia duas coisas que Susana fazia realmente bem: manejar o arco e nadar. Agarrou o arco e deu um puxão na corda, que começou a vibrar. Um som agudo encheu a sala. E aquele som despertou nas crianças, mais que tudo, a lembrança dos velhos tempos, as batalhas, as caçadas, as festas...

Depois que Susana colocou a aljava ao ombro, Pedro foi buscar o seu presente: o escudo com o grande leão vermelho e a espada real. Bateu com os dois no chão para sacudir o pó. Colocou depois o escudo no braço e prendeu a espada na cintura. A princípio receou que esta estivesse enferrujada e não saísse da bainha. Engano. Com um movimento rápido, ergueu a espada bem alto, iluminando-a à luz da lanterna.

- É a minha espada Rindon: aquela com que matei o lobo!

Sua voz tinha uma nova vibração: todos sentiram que se tratava outra vez de Pedro, o Grande Rei. E em seguida se lembraram de que tinham de poupar as pilhas.

Subiram a escada, atiçaram a fogueira e deitaram-se juntinhos para não desperdiçar o calor. O chão era duro e incômodo, mas acabaram adormecendo.

3
O ANÃO

Dormir ao ar livre tem um grande inconveniente: a gente acorda cedo demais. E logo que acorda não há remédio senão levantar-se, porque o chão é duro e incômodo. A situação ainda piora se para a primeira refeição só houver maçãs, e se o jantar da véspera tiver consistido justamente em maçãs. Depois de Lúcia ter dito – com toda a razão – que fazia uma magnífica manhã, ninguém encontrou mais nada agradável para dizer. Edmundo exprimiu o que todos sentiam:

– Temos de deixar a ilha!

Após beberem água do poço e lavarem o rosto,

seguiram o riacho até a praia e começaram a olhar o canal que os separava do continente.

– Vamos ter de atravessar a nado – falou Edmundo.

– É fácil para Su – disse Pedro. (Susana ganhara prêmios de natação no colégio.) – Para os outros, não sei, não.

Por “outros” ele queria dizer Edmundo, que mal conseguia dar duas braçadas, e Lúcia, que mal se agüentava à tona.

– Seja como for – observou Susana – , é muito possível que haja correntes aqui. Papai vive dizendo que a gente não deve nadar em lugares desconhecidos.

– Escute, Pedro – disse Lúcia – , sei que pareço um prego nadando, no colégio; mas não se lembra de que todos nós nadávamos muito bem há muito tempo... se é que foi há muito tempo... quando éramos reis e rainhas em Nárnia? Também montávamos muito bem e fazíamos uma porção de coisas. Você não acha que...

– Ora – replicou Pedro – , naquele tempo éramos pessoas grandes. Reinamos durante anos e anos e aprendemos a fazer tudo. Mas agora estamos com a nossa verdadeira idade.

– Oh! – exclamou Edmundo, num tom de voz que obrigou todos a prestarem atenção. – Já entendi tudo!

– Entendeu o quê? – perguntou Pedro.

– Tudo! Ontem à noite estávamos intrigados porque saímos de Nárnia há apenas um ano, mas Cair Paravel parece desabitado há séculos. Não se lembra? Embora tenhamos passado muito tempo em Nárnia, quando retornamos pelo guarda-roupa parecia que não havia passado tempo algum. É ou não é?

– Continue – disse Susana – , acho que estou começando a compreender.

– Isso quer dizer – prosseguiu Edmundo – que quando se está fora de Nárnia a gente perde toda a noção de como o tempo passa aqui. Por que então havemos de achar impossível que em Nárnia tenham passado centenas de anos, enquanto para nós passou apenas um?

– Puxa vida! – exclamou Pedro. – Acho que você tem razão. Vendo as coisas desse jeito, já se passaram mesmo séculos desde que reinamos em Cair Paravel! Agora, voltamos a Nárnia como se fôssemos cruzados, ou anglo-saxões, ou antigos bretões, ou alguém de regresso à Inglaterra dos tempos modernos!

– Todos vão ficar emocionados ao nos ver... – começou Lúcia, quando foi interrompida por alguém:

– Silêncio! Olhem ali!

Estava acontecendo alguma coisa.

Na terra firme, um pouco à direita, havia uma floresta; todos tinham certeza de que a foz do rio ficava além dela. Agora, torneando aquela ponta, surgira um barco. Passou, deu meia-volta e começou a avançar ao longo do canal na direção deles. Um homem remava e um outro estava sentado no leme com um embrulho na mão, um embrulho que se torcia e contorcia como se estivesse vivo.

Os homens pareciam soldados. Usavam capacetes de aço e leves cotas de malha. Ambos tinham barba e a expressão severa. As crianças fugiram da praia e se esconderam no mato, onde ficaram imóveis, à espreita.

– Aqui está bom! – disse o soldado do leme, quando o barco parou em frente deles.

– Não seria bom amarrar uma pedra nos pés dele, cabo? – sugeriu o outro, descansando os remos.

– Besteira! – grunhiu o primeiro. – Além disso, não trouxemos pedra. De qualquer jeito, com pedra ou sem pedra, ele vai se afogar, pois as cordas estão bem amarradas.

Levantou-se e ergueu o fardo. Pedro percebeu que era mesmo uma coisa viva: um anão, de pés e mãos amarrados, que tentava com toda a força libertar-se. Ouviu-se qualquer coisa sibilando. O soldado levantou os braços, deixando o anão cair no fundo do barco, e tombou dentro da água. Então, nadou desesperadamente para a margem oposta: a seta de Susana acertara-lhe o elmo. Pedro voltou-se e viu Susana muito pálida, mas senhora de si, preparando uma segunda seta, que não chegou a atirar. Porque, assim que o outro soldado viu cair o companheiro, soltou um grito e atirou-se na água, e desajeitadamente chegou ao outro lado, desaparecendo entre os arbustos.

– Depressa! Antes que ele seja arrastado pela corrente! – gritou Pedro.

Susana e ele, tal qual estavam, mergulharam e, antes que a água lhes chegasse aos ombros, agarraram o barco. Em pouco tempo, tinham arrastado o anão para a margem, e Edmundo pôs-se ativamente a cortar as cordas com o canivete. Quando por fim o anão se viu livre, sentou-se, esfregou os braços e as pernas e exclamou:

– Digam o que disserem, vocês não parecem fantasmas!

Como quase todos os anões, era muito atarracado e peitudo. De pé, devia ter cerca de um metro de altura; usava uma barba imensa e suíças de cabelos ruivos e rebeldes, que lhe encobriam quase todo o rosto, deixando apenas à vista um nariz que mais parecia um bico e os negros olhinhos cintilantes.

– Seja como for – continuou ele – , fantasmas ou não, vocês me salvaram a vida. Muito obrigado.

– E por que haveríamos de ser fantasmas? – perguntou Lúcia.

– A vida toda me disseram que nestes bosques ao longo da costa havia mais fantasmas do que árvores. É o que reza a lenda. Por isso, sempre que desejam eliminar alguém, é para cá que o trazem, como fizeram comigo. Queriam entregar-me aos fantasmas. Por mim, sempre pensei que iriam me cortar o pescoço ou afogar-me. Nunca acreditei muito em fantasmas. Mas aqueles valentões que vocês alvejaram acreditavam. Tinham mais medo do que eu.

– Ah! – exclamou Susana. – Foi por isso então que fugiram!

– O quê?! – disse o anão.

– Fugiram – confirmou Edmundo – , fugiram para a terra.

– Não atirei para matar – falou Susana.

Ela não queria que pensassem que pudesse errar o alvo a uma distância tão pequena. O anão resmungou:

– Hum! Isso é mau. Pode trazer futuras complicações. A não ser que eles fiquem de bico calado para salvarem a pele.

– Por que queriam afogá-lo? – perguntou Pedro.

-Porque sou um terrível criminoso, sem dúvida alguma – disse o anão, alegremente. – Mas isso é uma história comprida. Neste instante só estou pensando se vocês me convidariam para comer alguma coisa. Não fazem idéia do apetite que dá ser condenado à morte.

– Só temos maçãs – lamentou-se Lúcia.

– E melhor do que nada, mas peixe fresco é ainda melhor – disse o anão. – No fim, parece que vocês é que serão meus convidados. Vi no barco caniços de pesca. Aliás, o barco tem de ser levado para o outro lado da ilha: não convém que as pessoas do continente apareçam por aqui e dêem com ele.

– Eu já devia ter pensado nisso! – falou Pedro. Acompanhadas pelo anão, as quatro crianças entraram no barco. O anão assumiu imediatamente o comando das operações. Como os remos eram grandes demais para ele,

Pedro remou, e o anão foi conduzindo o barco para o norte, ao longo do canal, virando depois para leste e contornando o extremo da ilha. Daí via-se todo o curso do rio, todas as baías e cabos da costa. Pareceu-lhes que alguns lugares não lhes eram estranhos, mas a floresta, que crescera muito, dava a tudo um ar diferente. Quando chegaram ao mar alto, o anão começou a pescar. Apanharam uma grande quantidade de trutas coloridas, um peixe muito bonito, que se lembravam de já terem comido em Cair Paravel.

Depois, levaram o barco para uma angra, onde o amarraram. O anão, que era muito eficiente (existem anões maus, é verdade, mas não conheço nenhum que seja bobo), abriu os peixes, limpou-os e disse:

– Só nos falta a lenha.

– Temos alguma no castelo – falou Edmundo. O anão pôs-se a assoviar baixinho.

– Com trinta diabos! Quer dizer que existe mesmo um castelo?

– Só as ruínas – informou Lúcia.

O anão olhou para todos os lados com uma expressão esquisita.

– E quem é que... – mas não terminou a frase, dizendo: – Não interessa. Vamos primeiro à comida. Só quero que me digam uma coisa: vocês juram mesmo que ainda estou vivo? Têm certeza de que não morri afogado? Sabem mesmo se não somos todos fantasmas?

Depois de o terem tranqüilizado, o problema era saber qual a melhor maneira de levar o peixe. Não tinham cesto nem corda para o prenderem. Acabaram utilizando o chapéu de Edmundo, pois só ele tinha chapéu. Claro que Edmundo teria ficado uma fera se não estivesse caindo de fome.

O anão, a princípio, não se sentiu muito bem

no castelo. Olhava para todos os cantos, fungava e dizia:

– Hum! Tem um ar esquisito. E cheira a fantasma.

Mas, quando chegou a vez de acender o fogo e de mostrar como se assam trutas frescas, animou-se. Comer peixe tirado da brasa com um canivete, para cinco pessoas, não é mole; por isso, quando a refeição acabou, não é de admirar que houvesse alguns dedos queimados. Mas, como eram nove horas e estavam acordados desde as cinco, ninguém ligou muito para as queimaduras. Depois de arrematarem com um gole de água

do poço e uma maçã, o anão tirou do bolso um cachimbo do tamanho do seu braço, encheu-o com cuidado e, soprando uma grande baforada de fumo aromático, disse apenas:

– Muito bem!

– Conte-nos primeiro a sua história – propôs Pedro. – Depois lhe contaremos a nossa.

– Como foram vocês que me salvaram a vida, é justo que lhes faça a vontade. Mas nem sei por onde começar. Antes de tudo, tenho de confessar que sou um mensageiro do rei Caspian.

– De quem? – perguntaram os quatro ao mesmo tempo.

– De Caspian X, rei de Nárnia (longo seja o seu reinado!). Isto é, ele é que devia ser rei de Nárnia, e esperamos que ainda venha a ser um dia. Por enquanto, é apenas o nosso rei, o rei dos antigos narnianos...

– Por favor – disse Lúcia – quem são os antigos narnianos?

– Somos nós, é claro – respondeu o anão. – Somos uma espécie de rebeldes.

– Já estou começando a entender – falou Pedro. – Então Caspian é o chefe dos antigos narnianos?

– Sim, de certa forma – respondeu o anão, cocando a cabeça, meio atrapalhado. – Se bem que ele seja, na verdade, um dos novos narnianos, um telmarino, não sei se me compreendem.

– Não entendo patavina! – disse Edmundo.

– Isto é mais complicado que a história da Inglaterra – declarou Lúcia.

– Que espeto! – exclamou o anão. – Eu é que não soube me explicar direito. Prestem atenção. Acho que, no fim das contas, é melhor recuar até o princípio da história para contar-lhes como Caspian cresceu na corte do tio e como agora passou para o nosso lado. Mas é uma longa história.

– Melhor! – gritou Lúcia. – Adoramos histórias! Foi assim que o anão se ajeitou para contar a sua história. Não irei contá-la para você com as palavras dele, nem com as perguntas das crianças, porque seria uma confusão danada, e sem fim. Mas o principal da história é o seguinte...

4

O ANÃO CONTA A HISTÓRIA DO PRÍNCIPE CASPIAN

O príncipe Caspian vivia num grande castelo no centro de Nárnia, com seu tio Miraz, rei de Nárnia, e sua tia, que tinha cabelo ruivo e se chamava Prunaprismia. Seu pai e sua mãe tinham morrido, e não havia ninguém que Caspian estimasse tanto quanto a sua velha ama. Embora fosse príncipe e tivesse belíssimos brinquedos, o seu momento preferido era aquele em que, depois de arrumados os brinquedos, a ama começava a contar-lhe histórias.

Caspian não gostava dos tios, mas, uma ou duas vezes por semana, o tio mandava chamá-lo e os dois passeavam durante meia hora, no terraço do castelo. Um dia, enquanto passeavam, o rei lhe disse:

– Já é tempo de você aprender a montar e a manejar a espada. Sabe que sua tia e eu não temos filhos, de modo que, quando eu me for, você provavelmente será rei. Não gostaria disso?

– Não sei, titio – respondeu Caspian,

– Não sabe como? O que você podia querer de melhor?

– Bem... é que eu gostaria...

– Gostaria de quê?!

– Gostaria... gostaria de ter vivido nos velhos tempos – disse Caspian, que ainda não passava de um garotinho.

Até aí, o Rei Miraz tinha falado naquele tom de voz indiferente que certos adultos costumam usar e que mostra que não têm o mínimo interesse no que lhe estão dizendo. Mas nesse instante, de repente, fitou Caspian com muita atenção.

– O quê?! De que velhos tempos está falando?

– Titio não sabe? Dos tempos em que tudo era diferente. Em que os animais falavam, em que as fontes e as árvores eram habitadas por bonitas criaturas, chamadas náiades e dríades. E havia também anões, e os bosques estavam povoados de pequeninos faunos, que tinham patas iguais às dos bodes, e...

– Conversa! – interrompeu o tio. – Conversa para tapear criança. Você já está grande demais para isso. Na sua idade, devia estar pensando em batalhas e aventuras, e não em contos da carochinha.

– Mas naquele tempo também havia batalhas e aventuras. Maravilhosas aventuras! Houve até uma Feiticeira Branca, que pretendia ser rainha de Nárnia. Era tão má que, enquanto ela reinou, foi sempre inverno. Vieram então, não sei de onde, dois meninos e duas meninas, que mataram a feiticeira e foram coroados reis e rainhas. Eram Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia. Reinaram durante muito tempo, e todos foram muito felizes... e tudo isso foi por causa de Aslam...

– Quem é esse Aslam? – indagou Miraz.

Se Caspian fosse um pouco mais experiente, teria percebido, pelo tom de voz do tio, que o melhor era calar-se. Mas continuou:

– Não sabe? Aslam é o Grande Leão, que vem de além-mar.

– Quem andou botando essas bobagens na sua cabeça? – a voz do rei era ameaçadora. Caspian teve medo e não respondeu.

– Nobre príncipe – insistiu Miraz, largando a mão de Caspian – , exijo que me responda. Olhe nos meus olhos e diga-me quem tem lhe contado essas refinadas mentiras.

– Foi... foi a ama – gaguejou Caspian, desandando a chorar.

– Acabe imediatamente com isso! – ordenou o tio, agarrando-o pelos ombros e sacudindo-o com força. – Já falei! E não me venha de novo com essas tolices. Esses reis e rainhas nunca existiram. Onde é que você já viu dois reis ao mesmo tempo? Aslam é pura invencionice. Não há leão nenhum, fique sabendo! E os animais nunca falaram! Compreendeu?

– Compreendi – soluçou Caspian.

– E, agora, ponto final nesta conversa.

O rei chamou um lacaio e ordenou friamente:

– Leve Sua Alteza aos seus aposentos e diga à ama que compareça aqui imediatamente!

Só no dia seguinte Caspian percebeu o que tinha feito, ao descobrir que a ama fora despedida sem poder sequer dizer-lhe adeus. Foi informado, então, que iria ter um preceptor.

Sentiu muita falta da ama e derramou muitas lágrimas de saudade. Muito infeliz, voltou a pensar nas velhas histórias de Nárnia, ainda mais do que antes. Todas as noites sonhava com anões e dríades, e tentava desesperadamente fazer com que os gatos e cães do castelo falassem com ele. Mas só conseguia que os gatos rosnassem e que os cães sacudissem a cauda.

Caspian tinha certeza de que ia detestar o preceptor; mas quando este apareceu, passada uma semana, viu que era uma dessas pessoas a quem é impossível querer mal. Nunca tinha visto um homem tão baixo e tão gordo. Usava uma barba pontuda e prateada, que lhe descia até a cintura; o rosto, moreno e enrugado, era muito feio, mas ao mesmo tempo muito bondoso e inteligente. Sua voz era grave, mas ele tinha olhos tão alegres que só quem o conhecesse bem podia dizer quando ele estava brincando ou falando a sério. Seu nome era doutor Cornelius.

De todas as aulas que tinha com o doutor Cornelius, aquela de que Caspian mais gostava era

História. Tirando as histórias que a ama lhe contara, nada sabia até então da história de Nárnia. Foi assim com grande espanto que aprendeu que só recentemente a família real se instalara no país.

– Foi um antepassado de Vossa Alteza, Caspian I, que conquistou Nárnia e fez dela o seu reino – disse o doutor Cornelius. – Foi ele quem trouxe a sua gente para cá. Porque vocês não são narnianos de origem, mas telmarinos. Vieram todos de Teimar, para lá das Montanhas Ocidentais. Por isso, Caspian I é chamado de Caspian, o Conquistador.

– Mas, doutor Cornelius, quem vivia em Nárnia antes que viéssemos de Teimar?

– Antes da conquista dos telmarinos não havia homens em Nárnia... ou melhor, havia poucos.

– O que, então, o meu antepassado venceu?

– O que não, Alteza, quem – corrigiu o preceptor. – Acho que está na hora de deixarmos a História e passarmos à gramática.

– Ainda não, por favor. Só queria saber se houve alguma batalha, e por que é que chamam Caspian de Conquistador, se não havia ninguém com quem lutar?

– Eu falei que havia poucos “homens” em Nárnia – disse o doutor Cornelius, olhando de um modo muito estranho para o jovem príncipe.

Durante um momento, Caspian não percebeu nada, mas de repente teve um sobressalto.

– Quer dizer que havia outras coisas? – perguntou, ansiosamente. – Quer dizer que era mesmo como nas histórias? Havia...?

– Psiu! Nem mais uma palavra! – interrompeu-o doutor Cornelius. – Já esqueceu que a ama foi despedida por falar da antiga Nárnia? O rei não gosta dessa conversa. Se me apanha revelando-lhe segredos, dá-lhe uma surra de chicote e corta a minha cabeça.

– Mas por quê?! – indagou Caspian.

– Vamos à gramática – disse o doutor Cornelius, voltando a falar alto. – Queira Vossa Alteza abrir na página 4 do seu *Jardim gramatical ou Árvore morfológica aprazivelmente ao alcance de talentos jovens*.

A partir desse momento, só falaram de verbos e substantivos até a hora do almoço; mas acho que Caspian não aprendeu muito. Estava muito nervoso. Tinha certeza de que o doutor Cornelius não lhe teria dito tanta coisa, caso não tivesse a intenção de dizer-lhe outras, mais cedo ou mais tarde.

Não se enganou. Dias depois, o preceptor disse-lhe:

– Esta noite vou dar-lhe uma lição de astronomia. Tarde da noite, dois nobres planetas, Tarva e Alambil, vão cruzar-se a menos de um grau um do outro. Há mais de dois séculos que não se observa essa conjunção, e Vossa Alteza não viverá para vê-la novamente. É melhor que vá deitar-se um pouco mais cedo; quando se aproximar o momento, irei acordá-lo.

Isso não tinha nada a ver com a antiga Nárnia, que era o que interessava a Caspian, mas, de qualquer forma, levantar-se no meio da noite

é sempre uma aventura, e ele ficou contente.

Quando sentiu que o sacudiam de leve, achou que tinha dormido apenas alguns minutos. Sentou-se na cama e viu que o luar invadia o quarto. Doutor Cornelius, envolto num manto com capuz e segurando uma lamparina, estava ao pé da cama. Caspian lembrou-se logo do que tinham combinado. Levantou-se e vestiu-se. Embora fosse verão, a noite estava mais fria do que esperava. Mais satisfeito ficou quando o preceptor o envolveu numa capa igual à sua e lhe entregou um par de chinelos quentes e macios.

Assim vestidos, dificilmente seriam reconhecidos nos corredores escuros. Sem fazer barulho, aluno e mestre saíram do quarto.

Passaram por muitos corredores, subiram várias escadas, até que, entrando por uma portinha que dava para um torreão, chegaram ao ar livre. Lá embaixo, cheios de sombra ou reflexos, estendiam-se os jardins do castelo, enquanto no alto brilhavam a lua e as estrelas. Chegaram enfim à porta que dava para a grande torre central. Caspian estava cada vez mais excitado, pois nunca lhe fora permitido subir aquela escada. Era íngreme e comprida, mas, quando chegou ao terraço da torre, recobrou o alento. Valera a pena. À direita, muito ao longe, divisavam-se as Montanhas Ocidentais. À esquerda, rebrilhava o Grande Rio. Tudo estava tão calmo, que se ouvia o rugir da água no Dique dos Castores, a um quilômetro de distância. Não tiveram dificuldade em localizar as duas estrelas. Estavam muito baixas na linha do horizonte, ao sul, pertinho uma da outra, e brilhavam como duas luzinhas.

– Vão bater? – perguntou Caspian, receoso.

– Não, meu príncipe – disse o doutor, baixinho. – Os grandes senhores do céu superior conhecem muito bem os passos de sua dança. Olhe bem para elas. Seu encontro é auspicioso e indica que um grande bem vai acontecer ao triste reino de Nárnia. Tarva, o Senhor da Vitória, saúda Alambil, a senhora da Paz. Estão chegando ao ponto máximo de aproximação.

– Que pena aquela árvore estar na frente! – disse Caspian. – Veríamos muito melhor da torre ocidental, embora não seja tão alta.

Por uns momentos, o doutor Cornelius, de olhos fixos em Tarva e Alambil, ficou em silêncio. Respirou fundo e voltou-se para Caspian:

– Acaba de ver o que nenhum homem hoje vivo jamais viu ou verá. Tem razão: teríamos visto ainda melhor da outra torre. Mas tive um motivo para trazê-lo aqui.

O aluno levantou os olhos, mas o mestre tinha o rosto quase todo encoberto pelo capuz. O doutor continuou:

– A vantagem desta torre é que temos seis salas vazias abaixo de nós e uma longa escada; além do mais, a porta ao fundo está fechada à chave. Ninguém poderá ouvir-nos.

– Vai então dizer-me o que não quis dizer outro dia? – perguntou Caspian.

– Vou, mas não se esqueça de uma coisa: só aqui, no alto da Grande Torre, poderemos falar desse assunto. Promete?

– Prometo – disse Caspian. – Mas, por favor, continue.

– Preste atenção: tudo o que lhe disseram sobre a antiga Nárnia é verdade. Nárnia não é a terra dos homens. É a terra de Aslam, das árvores despertas, das náiades visíveis, dos faunos, dos sátiros, dos anões e dos gigantes, dos centauros e dos animais falantes. Foi contra eles que lutou Caspian I. Foram vocês, os telmarinos, que calaram os animais, as árvores e as fontes; que mataram e expulsaram os anões e os faunos; são vocês que pretendem agora desfazer até a lembrança do que existiu. O rei não consente sequer que se fale deles.

– Desejaria que não tivéssemos feito nada disso! – disse Caspian. – Mas estou muito feliz por saber que tudo é verdade, ainda que tudo tenha acabado.

– Muitos de sua raça desejam a mesma coisa, em segredo.

– Mas, doutor, por que me diz a sua raça? Você não é também um telmarino?

– Pareço um telmarino?

– De qualquer modo, você é um homem.

– Acha que sou? – insistiu o doutor, numa voz mais grave, ao mesmo tempo que deixava cair o capuz, descobrindo o rosto iluminado pelo luar.

Caspian compreendeu de súbito a verdade, espantado de não ter descoberto isso mais cedo. O doutor Cornelius era tão baixinho, tão gordo, e tinha uma barba tão comprida! Dois pensamentos lhe acudiram. Um de medo: “Não é um homem, é um anão e trouxe-me até aqui para me matar.” O outro foi de grande contentamento: “Afinal, ainda há anões, e vi um deles com os meus próprios olhos.”

– Adivinhou – disse o doutor. – Ou quase. Não sou um anão puro, pois parte do meu sangue é humano. Muitos anões escaparam, depois das grandes batalhas, e continuaram a viver, cortando a barba, usando sapatos de tacão alto, fazendo-se passar por homens. A raça misturou-se com a dos telmarinos. Sou um desses meio-anões; se algum dos meus parentes, algum anão verdadeiro, ainda vivesse em qualquer parte do mundo, iria desprezar-me como traidor. No entanto, ao longo de todos estes anos, nunca esquecemos a nossa gente, nem qualquer das outras felizes criaturas de Nárnia, nem os tempos de liberdade há muito perdidos.

– Sinto muito, doutor – disse Caspian – , sabe que não foi minha culpa...

– Não estou dizendo essas coisas para censurá-lo, estimado príncipe. Há de perguntar por que as digo. Pois muito bem! Por dois motivos. Primeiro: porque o meu velho coração está cansado de guardar esses segredos. Segundo: para que um dia, quando o meu príncipe for rei, possa ajudar-nos, pois sei que, embora telmarino, tem amor às coisas do passado.

– E é verdade – assentiu Caspian. – Mas como poderei ajudá-los?

– Você pode ser bom para aqueles que, como eu, ainda restam da raça dos anões. Pode reunir à sua volta sábios e magos e procurar os meios de reanimar as árvores. Pode vasculhar todos os esconderijos e lugares inóspitos, onde talvez ainda vivam faunos e animais falantes.

– Acha que ainda existem alguns? – perguntou Caspian ansiosamente.

– Não sei... não sei – disse o doutor, com um suspiro fundo. – Às vezes chego a recear que não haja mais nenhum. Passei a vida procurando os vestígios deles. Já me aconteceu julgar ouvir um batuque de anões nas montanhas. Por vezes, nos bosques, pareceu-me vislumbrar faunos e sátiros

dançando. Mas, sempre que chegava ao local onde julgava tê-los visto, não encontrava nada. Muitas vezes perdi a esperança, mas sempre acontece algo que nos faz ter esperança de novo. Não sei... Mas você pode, pelo menos, procurar ser um rei como o Grande Rei Pedro dos tempos antigos, em vez de seguir o exemplo de seu tio.

– Quer dizer que é verdade o que dizem dos reis e rainhas e da Feiticeira Branca?

– Claro que é. O seu reinado foi a Idade de Ouro de Nárnia, e o país nunca o esqueceu.

– Eles viveram neste castelo, doutor?

– Não, meu caro príncipe. Este castelo é recente. Foi o seu bisavô que mandou construí-lo. Quando os dois filhos de Adão e as duas filhas de Eva foram coroados, pelo próprio Aslam, reis e rainhas de Nárnia, viveram no castelo de Cair Paravel. Nenhum ser vivo jamais contemplou esse lugar abençoado, e é possível que as próprias ruínas tenham desaparecido. Parece que ficava muito longe daqui, na foz do Grande Rio, à beira-mar.

– Ufa! – exclamou Caspian, com um arrepio. – Nos Bosques Negros? Onde... onde vivem os fantasmas?

– O príncipe fala de acordo com o que lhe ensinaram. Mas tudo isso é mentira. Não há fantasmas lá; isso é invenção dos telmarinos. Os monarcas de sua raça têm pavor do mar, porque não podem esquecer que, em todas as histórias, Aslam veio de além-mar. Não se aproximam dele, nem querem que ninguém se aproxime. Por isso deixam crescer as florestas que os separam da costa. E porque brigaram com as árvores têm medo dos bosques. E, porque têm medo dos bosques, acham que estes são povoados de fantasmas. E são os próprios reis que, odiando o mar, acreditam em parte nessas histórias e levam os outros a acreditar. Sentem-se mais seguros sabendo que ninguém em Nárnia ousa aproximar-se da costa e olhar o mar... olhar para o país de Aslam, para o nascente...

Houve um silêncio profundo. Então, doutor Cornelius disse:

– Vamos. Já ficamos aqui muito tempo. É hora de voltar a dormir.

– Já?! – protestou Caspian. – Podia ficar horas e horas falando dessas coisas.

– Podem começar a procurar-nos... – explicou o doutor.

5

AS AVENTURAS DE CASPIAN NAS MONTANHAS

Caspian e o preceptor conversaram muitas vezes a sós no alto da Grande Torre, e o primeiro foi aprendendo muitas coisas acerca da antiga Nárnia. Ocupava quase todas as suas horas livres (que não eram muitas) sonhando com os velhos tempos, desejando que eles voltassem. Sua educação agora começara a sério. Aprendeu esgrima e natação, a montar, a atirar, a tocar flauta, a caçar veados e esquartejá-los para aproveitar-lhes a carne, além de estudar cosmografia, direito, física, alquimia e astronomia. Das artes mágicas aprendeu apenas a teoria porque, segundo o doutor Cornelius, a prática não era estudo próprio para um príncipe.

– Eu mesmo – disse-lhe certa vez o doutor – sei muito pouco de magia; as experiências que faço não têm a menor importância.

De navegação (uma nobre e heróica arte, dizia o doutor) não aprendeu nada, porque o rei Miraz não gostava do mar e odiava os navios.

Caspian também aprendeu muito por si mesmo, a partir do que via e ouvia. Quando pequenino, não sabia explicar por que não gostava da tia, a rainha Prunaprismia. Agora compreendia: é que também ela não gostava dele. Ele também começou a ver que Nárnia era um país triste, com impostos excessivamente pesados, leis muito severas e um rei cruel.

Passado algum tempo, a rainha adoeceu, e houve grande movimento no castelo. Os médicos iam e vinham, e os cortesãos falavam em voz baixa. Foi no começo do verão. Uma noite, no meio de toda essa agitação, Caspian, que se deitara havia poucas horas, foi de repente acordado pelo doutor Cornelius.

– Astronomia, doutor? – perguntou ele.

– Psiu! Confie em mim e faça exatamente o que lhe disser: agasalhe-se bem, pois tem uma longa viagem à sua frente.

Caspian ficou muito surpreso, mas aprendera a ter confiança em seu preceptor e obedeceu sem demora. Quando acabou de se vestir, o doutor lhe disse:

– Trouxe-lhe um saco. Vamos colocar nele toda a comida que pudermos encontrar sobre a mesa.

– Mas os camareiros estão na sala!

– Dormem a sono solto e não acordarão tão cedo. Sou um mago sem grandes poderes, mas os que tenho ainda chegam para provocar um sono encantado.

De fato, os camareiros ressonavam alto, estendidos nas cadeiras. Sem perda de tempo, o doutor Cornelius cortou o que sobrara do frango, pegou algumas fatias de carne de veado, pão, maçã e uma garrafinha de vinho bom, colocando tudo dentro do saco, que entregou a Caspian.

– Trouxe a sua espada? – perguntou o doutor.

– Trouxe – respondeu Caspian.

– Vista este manto e cubra também com ele o saco e a espada. Isso! Agora vamos à Grande Torre, pois precisamos conversar.

Quando chegaram ao alto da torre (era uma noite enevoada), o doutor Cornelius lhe disse:

– Nobre príncipe, tem de abandonar imediatamente o castelo e tentar a sorte por este vasto mundo. Sua vida aqui corre perigo.

– Por quê? – indagou Caspian.

– Porque você é o verdadeiro rei de Nárnia: Caspian X, filho e herdeiro de Caspian IX. Vida longa para o rei! – E, de repente, para grande espanto de Caspian, o preceptor ajoelhou-se e beijou-lhe a mão.

– O que é isso? Não estou entendendo nada...

– O que me espanta – disse o doutor – é você nunca ter perguntado por que, sendo filho do rei Caspian, não era você mesmo o rei. Todos, menos você, sabem que Miraz é um usurpador. Quando começou a governar, não teve a coragem de apresentar-se como rei: intitulou-se apenas

príncipe regente. Mas então sua mãe faleceu, ela que fora tão boa rainha, a única telmarina que me tratou bem. Um após outro, todos os nobres que tinham conhecido o seu pai foram morrendo e desaparecendo. Belisar e Uvilas foram atingidos por setas durante uma caçada: mero acidente, como se divulgou. A grande família dos Passáridas foi para o Norte lutar com os gigantes e por lá desapareceu. Arlian e Erimon foram condenados por alta traição, sem sequer serem julgados. Os dois irmãos do Dique dos Castores foram trancafiados como loucos. E, para terminar, Miraz convenceu sete nobres de que, entre todos os telmarinos, eram os únicos que não temiam o mar, e deviam partir para o Oceano Oriental, em busca de novas terras. Nunca mais voltaram, é claro. Quando já não havia quem pudesse defender o meu príncipe, os bajuladores pediram-lhe que se deixasse coroar rei: e ele concordou, naturalmente.

– E ele quer me matar também? – perguntou Caspian.

– Sem dúvida alguma.

– Mas por quê?... Por que não me matou há mais tempo? Que mal eu fiz?

– Míraz mudou de opinião a seu respeito, em virtude do que aconteceu há apenas duas horas. A rainha acaba de dar à luz um filho.

– O que uma coisa tem a ver com a outra?

– Não entendeu?! Então, que proveito tirou das minhas lições de história e de política? Ouça: enquanto o rei não tinha filhos, estava disposto a deixar que você fosse rei quando ele morresse. Mesmo sem ter por você grande amizade, preferia que o trono fosse seu, e não de um estranho. Mas agora, que tem um filho, quer fazer dele o herdeiro. Você passou a ser um empecilho, e ele fará tudo para afastá-lo do caminho.

– Ele é tão ruim assim? Será mesmo capaz de me matar?

– Matou também o seu pai – disse doutor Cornelius.

Caspian sentiu-se mal e calou-se.

– Um dia poderei contar-lhe essa história – continuou o doutor – , mas não agora. Não temos tempo a perder. Você tem de fugir imediatamente.

– Vem comigo? – perguntou Caspian.

– Não. Seria muito arriscado. É mais fácil seguir dois do que um, caro príncipe. Nobre rei Caspian, chegou a hora da coragem. Você tem de partir só e imediatamente. Veja se consegue atravessar a fronteira do Sul para chegar à corte de Naim, rei da Arquelândia. Ele poderá ajudá-lo.

– Nunca mais nos veremos? – perguntou Caspian, com a voz trêmula.

– Espero que sim, nobre rei – respondeu o doutor. – Pois não é você o único amigo com que posso contar? Tenho as minhas artes mágicas... Mas, por ora, o importante é ganhar tempo. Aqui estão dois presentes. Esta bolsinha de ouro... bem pouco, é certo, quando todos os tesouros do castelo pertencem a você, de direito. E aqui está outra coisa mais valiosa.

Passou às mãos de Caspian um objeto que ele mal distinguiu, mas que, pelo tato, percebeu que era uma trompa.

– É o mais sagrado tesouro de Nárnia – disse doutor Cornelius. – Quando era jovem, passei por muita coisa e proferi muitas palavras mágicas, na esperança de encontrar a trompa que pertenceu à rainha Susana. Ficou aqui quando ela desapareceu de Nárnia, ao findar a Idade de Ouro. Quem quer que a toque, receberá um estranho, um misterioso auxílio – que ninguém sabe dizer. Pode ser que tenha o poder de trazer do passado a rainha Lúcia e o rei Edmundo, a rainha Susana e o Grande Rei Pedro, para restaurar a ordem natural das coisas. Pode ser que tenha o poder de invocar o próprio Aslam. Fique com ela... mas só a utilize quando estiver em grande dificuldade. Depressa! A portinha que dá para o jardim está aberta. É lá que nos separamos.

– Posso levar Destro, meu cavalo?

– Já está selado, à sua espera, no alto do pomar.

Enquanto desciam a longa escada em caracol, o doutor Cornelius, muito baixinho, foi dando instruções e conselhos. Caspian sentiu que lhe faltava a coragem, mas procurou não esquecer nada. Uma rajada de ar fresco no jardim, um caloroso aperto de mão do doutor, o relinchar alegre de Destro – e assim Caspian X deixou o palácio de seus pais.

Ao olhar para trás, viu os fogos de artifício com que se festejava o nascimento do novo príncipe.

Cavalgou à toda para o Sul, atravessando a floresta por veredas e atalhos enquanto ainda se encontrava em terreno conhecido. Preferiu depois

a estrada principal. A viagem inesperada excitara tanto o cavalo quanto o dono. Caspian, que se despedira do doutor com lágrimas nos olhos, sentia-se agora cheio de coragem e, até certo ponto, feliz, ao pensar que era o rei correndo rumo à aventura, espada à cinta, levando consigo a trompa mágica da rainha Susana. Quando, porém, o dia começou a clarear, acompanhado de chuviscos, e ele olhou em torno e viu apenas bosques desconhecidos, regiões áridas e montanhas azuis, o mundo pareceu-lhe imenso e misterioso, e ele sentiu-se pequenino e assustado.

Assim que o dia clareou de todo, deixou a estrada e encontrou uma clareira relvada, onde podia descansar. Tirou a sela de Destro para que este pastasse à vontade, comeu um pouco de frango, bebeu um pouco de vinho e adormeceu. A tarde já ia alta quando acordou. Comeu mais um pouco e recomeçou a viagem. Ao anoitecer, a chuva caía em bátegas. Os trovões enchiam o ar, e Destro começou a ficar nervoso. Entraram por um imenso pinhal, e Caspian lembrou-se das muitas histórias que ouvira sobre as árvores, inimigas do homem. Afinal (pensou) ele era um telmarino, pertencia à raça que derruba árvores e estava em guerra aberta com todas as coisas selvagens. Ainda que fosse diferente dos outros telmarinos, as árvores não podiam saber de nada.

E não sabiam mesmo. O vento virou tempestade, e as árvores rugiam e estalavam no caminho. Houve então um grande estrondo, e uma árvore caiu atravessando a estrada assim que eles passaram.

– Calma, Destro, calma! – repetia Caspian, acariciando a cabeça do cavalo. Mas ele mesmo estava trêmulo, sabendo que escapara à morte por um triz. Os relâmpagos faiscavam, e o ribombar dos trovões parecia despedaçar o céu. Destro corria em disparada; Caspian, ainda que bom cavaleiro, não tinha força para dominá-lo. A custo conseguia manter-se na sela, certo de que sua vida estava presa por um fio naquela louca cavalgada. Eis que, de súbito, quase sem ter tempo para sentir a dor, alguma coisa lhe bateu na fronte e ele perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, Caspian estava deitado perto de uma fogueira, sentindo uma horrível dor de cabeça. Ouviu falar baixinho:

– Temos de resolver o que vamos fazer com ele, antes que acorde.

– Matá-lo! – disse outra voz. – Não podemos deixá-lo vivo: iria trair-nos.

– Deveríamos ter feito isso na hora, ou então deixado ele sozinho – atalhou uma terceira voz.

– Não podemos matá-lo agora; não depois de termos tratado seus ferimentos. Seria o mesmo que assassinar um hóspede.

– Senhores – disse Caspian, numa voz que era quase um murmúrio – , decidam o que quiserem a meu respeito, mas peço-lhes que tratem bem do meu cavalo.

– Seu cavalo fugiu muito antes de o encontrarmos – disse uma voz roufenha, que parecia vir da terra.

– Não se deixem iludir com palavrinhas doces – falou a segunda voz. – Por mim, insisto em...

– Calma aí! – exclamou a terceira voz. – É claro que não vamos matá-lo. Você devia ter vergonha, Nikabrik. O que acha você, Caça-trufas? Que vamos fazer com ele?

– Vou dar-lhe de beber – disse a primeira voz, provavelmente a de Caça-trufas. Uma sombra escura aproximou-se. Caspian sentiu que um braço lhe amparava cuidadosamente as costas – se é que era mesmo um braço. O rosto que se inclinou era também um tanto esquisito: pareceu-lhe que estava coberto de pêlos e que tinha um enorme nariz, com umas engraçadas manchas brancas dos lados. “Deve ser máscara”, pensou Caspian, “ou então estou delirando.”

Uma taça de um líquido quente e adocicado tocou seus lábios, e ele bebeu. Nesse instante, um dos outros atiçou o fogo, fazendo levantar uma labareda. Caspian quase gritou de susto, ao ver o rosto que o fitava. Não era um homem, mas um texugo! No entanto, o rosto deste era maior, mais amistoso e mais inteligente do que o dos texugos aos quais estava habituado. Fora ele que falara, sem dúvida. Viu também que estava deitado numa gruta, sobre uma cama de urzes. Ao pé do fogo encontravam-se dois homenzinhos barbudos, muito mais gordos, baixos e peludos que o doutor Cornelius. Caspian percebeu logo que eram anões verdadeiros, dos antigos, em cujas veias não corria uma só gota de sangue humano. Havia encontrado enfim os antigos narnianos. Sua cabeça começou a rodar de novo.

Nos dias seguintes, aprendeu a conhecê-los pelo nome. O texugo chamava-se Caça-trufas. Era o mais velho e o mais bondoso dos três. O

anão que desejara matá-lo era um anão negro (isto é, tinha o cabelo e a barba negros, ásperos e duros como crina de cavalo): seu nome era Nikabrik. O outro era um anão vermelho, com cabelo da cor dos pêlos de uma raposa: chamava-se Trumpkin. Na primeira tarde em que Caspian teve forças para sentar-se e falar, Nikabrik disse o seguinte:

– Agora temos de resolver o que fazer com o humano. Vocês acham que lhe fizeram um grande favor, impedindo que eu o eliminasse. Agora, acho que a solução é conservá-lo prisioneiro pelo resto da vida. Porque não estou nada disposto a deixá-lo solto por aí... para que um belo dia encontre os outros de sua raça e nos denuncie.

– Com mil diabos, Nikabrik! – protestou Trumpkin. – É preciso ser tão descortês? No fim das contas, o pobre coitado não teve culpa de bater com a cabeça numa árvore aqui na frente da nossa caverna. E, por mim, acho que ele não tem cara de traidor.

– Mas – disse Caspian – vocês ainda não sabem se eu quero voltar para junto dos meus. Para ser franco, não quero. Preferia ficar por aqui mesmo... se me deixassem. Tenho procurado por vocês a vida toda!...

– Esta é boa! – rosnou Nikabrik. – Você é ou não é um telmarino e um humano? Como não quer voltar?

– Mesmo que quisesse, não podia – respondeu Caspian. – Quando caí do cavalo, estava fugindo para salvar a minha vida. O rei quer me matar. Se tivessem me matado, teriam feito a vontade dele.

– O quê?! – exclamou Caça-trufas.

– Que conversa é essa? – perguntou Trumpkin. – Com a sua idade, que fez você para cair no desagrado de Miraz?

– Miraz é meu tio – começou a dizer Caspian, e nesse instante Nikabrik levantou de um salto e agarrou o punhal.

– Não disse?! – gritou ele. – Não só é telmarino, mas parente e herdeiro do nosso maior inimigo. Vocês estão malucos?! Querem mesmo deixar viver esta criatura?! – Teria apunhalado Caspian ali mesmo, se Trumpkin e o texugo não se tivessem metido no meio, impedindo-lhe o avanço.

– De uma vez por todas, Nikabrik – disse Trumpkin – ou você se controla ou Caça-trufas e eu nos sentamos em cima de sua cabeça...

Nikabrik, mal-humorado, prometeu ter mais calma, e os outros dois pediram a Caspian que contasse a sua história. Quando acabou, houve um momento de silêncio.

– É o caso mais estranho que conheço! – disse Trumpkin.

– Não acho graça nenhuma! – rosnou Nikabrik. – Não sabia que os humanos se divertem falando de nós. Quanto menos souberem de nós, melhor. Foi então a velha ama? Era melhor que ela tivesse ficado de bico calado. E, ainda por cima, esse preceptor, um anão renegado. Odeio eles! São piores que os humanos! Ouçam o que eu digo: tudo isso só vai nos trazer aborrecimentos!

– Não diga besteira, Nikabrik! – disse Caça-trufas. – Vocês, anões, são tão esquecidos e inconstantes quanto os humanos. Eu, não, sou um bicho; mais que isso, sou um texugo, e os texugos sabem o que querem. Não andam por aí sempre a mudar de idéia. E eu digo que um grande bem está por vir. Temos conosco o verdadeiro rei de Nárnia: um verdadeiro rei, que volta à verdadeira Nárnia. E nós, os bichos, estamos lembrados (mesmo que os anões tenham esquecido) que Nárnia só foi feliz quando teve no trono um filho de Adão.

– Espere aí, Caça-trufas – falou Trumpkin – , não vá dizer que pretende entregar nosso país aos humanos?

– Quem disse isso? – replicou o texugo. – Nárnia não é terra dos homens (quem vai me ensinar isso?), mas é uma terra que deve ser governada por um Homem. Nós, os texugos, temos razões de sobra para acreditar nisso. Pois o Grande Rei Pedro também não era um Homem?

– Você acredita nessa história? – perguntou Trumpkin.

– Já disse! Nós não mudamos de opinião todos os dias. Não esquecemos facilmente. Acredito no rei Pedro e nos outros que reinaram em Cair Pa-ravel, com a mesma certeza que acredito no próprio Aslam.

– Com a mesma certeza? Mas quem é que ainda acredita em Aslam? – indagou Trumpkin.

– Eu acredito – disse Caspian. – E, mesmo que não acreditasse antes, acreditaria agora. Entre os humanos, os que se riem de Aslam também zombariam se eu lhes dissesse que existem anões e animais falantes. Já cheguei a perguntar a mim mesmo se Aslam de fato existiria, mas a verdade é que também muitas vezes duvidei da existência de gente como vocês. E vocês não estão aí?

– Tem razão, rei Caspian – disse Caça-trufas. – Enquanto for fiel à antiga Nárnia você será o meu rei, haja o que houver. Vida longa ao rei!

– Você me faz perder a cabeça, texugo! – resmungou Nikabrik. – O Grande Rei Pedro e os outros talvez tenham sido Homens, mas eram com certeza de uma raça diferente. Este não, este é um dos malditos telmarinos. Aposto que já andou caçando para se divertir! Diga que não, diga! – acrescentou, voltando-se bruscamente para Caspian.

– Sim, é verdade – concordou Caspian. – Mas nunca na minha vida cacei animais falantes.

– Dá tudo na mesma! – resmungou Nikabrik.

– Ah, isso não! – falou Caça-trufas. – E você bem sabe disso! Sabe muito bem que os animais que hoje se encontram em Nárnia não são como os de antigamente. São até menores do que antes! Entre eles e nós há uma diferença muito maior do que entre vocês e os meio-anões.

Houve ainda muita discussão, mas acabaram todos concordando que Caspian ficaria. Prometeram até que, logo que estivesse bom, seria apresentado ao que Trumpkin chamava “os Outros”. Pois, ao que parece, naquelas regiões selvagens viviam ainda, escondidas, inúmeras criaturas sobreviventes da antiga Nárnia.

6

O ESCONDERIJO DOS ANTIGOS NARNIANOS

Começara o tempo mais feliz da vida de Caspian. Numa bela manhã de verão, em que a relva estava coberta de orvalho, ele partiu com o texugo e os dois anões, através da floresta, rumo ao alto de um monte, descendo depois a encosta inundada de sol, de onde se avistavam os campos verdejantes de Arquelândia.

– Vamos visitar primeiro os três Ursos Barrigudos – disse Trumpkin.

Avançando por uma clareira, chegaram a um velho carvalho oco e revestido de musgo, em cujo tronco Caça-trufas deu três pancadinhas com a pata, sem que obtivesse resposta. Bateu de novo e lá de dentro uma voz rouca protestou: – Vá embora. Ainda não está na hora de acordar.

Mas, quando o texugo bateu pela terceira vez, ouviu-se um ruído como de tremor de terra, abriu-se uma porta e apareceram três enormes ursos castanhos, muito barrigudos mesmo, a piscar os olhinhos. Depois que terminaram de lhes contar tudo o que passava (o que demorou muito tempo, pois estavam caindo de sono), eles concordaram com Caça-trufas: um filho de Adão devia ser o rei de Nárnia – e todos beijaram Caspian, com uns beijos molhados e barulhentos. E o rei foi logo convidado para comer mel. Caspian não gostava muito de mel, sem pão, àquela hora da manhã, mas por delicadeza achou que deveria aceitar. Só depois de muito tempo deixou de sentir as mãos meladas. Continuaram depois a andar e chegaram perto de umas faias muito altas. Aí, Caça-trufas gritou:

– Farfalhante!

Quase imediatamente, saltando de ramo em ramo, apareceu acima da cabeça dos visitantes um magnífico esquilo vermelho. Era muito maior que os esquilos mudos que Caspian encontrava às vezes no jardim do castelo; na verdade, era quase do tamanho de um cachorro. Bastava olhar para ele para

se ver que falava. O problema era justamente fazê-lo calar, pois, como todos os esquilos, era um grande falastrão. Deu as boas-vindas a Caspian e ofereceu-lhe uma noz. Caspian agradeceu e aceitou. Mas, quando Farfalhante se afastou para ir buscá-la, Caça-trufas disse-lhe baixinho:

– Não fique olhando. É falta de educação entre os esquilos seguir alguém que vai à despensa... ou olhar como se quisesse saber onde ele guarda as coisas.

Farfalhante voltou com a noz, que Caspian comeu. O esquilo perguntou se poderia ser útil, levando algum recado a outros amigos.

– Posso ir a quase todo lugar sem botar o pé no chão.

Caça-trufas e os anões acharam que era uma excelente idéia e pediram a Farfalhante que levasse recados a muita gente de nomes esquisitos, convidando a todos para uma reunião no Gramado da Dança, à meia-noite, dali a três dias.

– É bom avisar também os três Ursos Barrigudos – acrescentou Trumpkin. – Esquecemos de lhes dizer.

A visita seguinte foi aos sete irmãos do Bosque Trêmulo. Era um lugar solene, entre rochedos e altas árvores. Avançaram com cuidado. Trumpkin chegou junto a uma pedra achatada, do tamanho da tampa de uma talha de água, e bateu nela com o pé. Depois de demorado silêncio, alguém arredou a pedra. Apareceu então um buraco redondo e escuro, do qual saíam baforadas de fumaça e calor, e de onde emergiu a cabeça de um anão, muito parecido com Trumpkin. Conversaram durante muito tempo. Embora o anão parecesse mais desconfiado do que o esquilo ou os ursos, acabou convidando todos para entrar. Caspian desceu por uma escada escura, que levava a uma caverna iluminada. Estavam numa forja, e o clarão vinha da fornalha. A um canto passava um riacho subterrâneo. Dois anões trabalhavam no fole, um terceiro, com um par de tenazes, segurava na bigorna um pedaço de metal em brasa, que um quarto anão batia. Outros dois, limpando as pequenas mãos calosas num pano engordurado, foram ao encontro dos visitantes. Não foi fácil convencê-los de que Caspian era amigo, mas, uma vez convencidos, gritaram: “Viva o rei!”

Seus presentes eram preciosos: cotas de malha, elmos e espadas para Caspian, Trumpkin e Nikabrik. Também quiseram dar o mesmo ao texugo,

mas este disse que era bicho, e bicho que não soubesse defender-se com as patas e os dentes não tinha o direito de viver. Caspian jamais vira armas tão perfeitas, e foi com grande alegria que aceitou a espada feita pelos anões, em troca da sua que, comparada com aquela, parecia frágil e tosca. Os sete irmãos (todos eles anões vermelhos) prometeram não faltar ao encontro no Gramado da Dança.

Um pouco adiante, numa ravina seca e rochosa, ficava a caverna dos cinco anões negros. Olharam desconfiados para Caspian, até que o mais velho disse:

– Se ele é contra Miraz, será o nosso rei. Outro propôs:

– Gostaria de ir ao despenhadeiro, onde ainda vivem dois ogres e uma feiticeira?

– Não! – disse Caspian.

– Também acho que não – concordou Caça-trufas. – Não queremos essa gente conosco.

Nikabrik era de opinião contrária, mas Trumpkin e o texugo conseguiram fazê-lo calar.

Caspian sentiu um calafrio ao saber que também as criaturas más das histórias antigas tinham deixado descendência em Nárnia.

– Perderíamos a amizade de Aslam, se nos aliássemos a essa ralé horrorosa – disse Caça-trufas, quando saíram da caverna dos anões negros.

– Aslam? – indagou Trumpkin, falando alegremente e em tom de ligeiro desprezo. – Muito mais do que isso: vocês perderiam a minha amizade!

– Você acredita em Aslam? – perguntou Caspian a Nikabrik.

– Acredito em qualquer um, ou em qualquer coisa que possa reduzir a pó os bárbaros telmarinos ou expulsá-los de Nárnia. Seja lá quem for, Aslam ou a Feiticeira Branca. Está entendendo?

– Cale-se! – ordenou Caça-trufas. – Você não sabe o que está dizendo. Ela foi muito pior do que Miraz e toda a sua raça.

– Para os anões, não – insistiu Nikabrik.

A visita seguinte foi mais agradável. As montanhas deram passo a um vale arborizado, atravessado por um rio caudaloso. As margens do rio estavam atapetadas de papoulas e rosas; no ar pairava o zumbido das abelhas. Caça-trufas gritou:

– Ciclone!

Passado um instante, ouviu-se o ressoar de cascos, cada vez mais alto e mais próximo, até que o vale inteiro tremeu. Por fim, pisando e esmagando flores, apareceu o grande centauro Ciclone e seus três filhos, as mais imponentes criaturas que Caspian vira em toda a vida. Os flancos do centauro eram de um castanho escuro e brilhante; a barba, que lhe cobria o peito, era vermelho-dourada. Profeta e vidente, o centauro não precisou perguntar ao que vinham.

– Viva o rei! – gritou. – Os meus filhos e eu estamos prontos para a guerra. Quando se trava a batalha?

Até aquele momento, nem Caspian nem os outros tinham pensado em guerra. Nutriam a vaga idéia de uma ou outra incursão nas terras de algum humano, ou talvez de um ataque a um grupo de caçadores, caso estes se aventurassem a penetrar nas regiões selvagens do Sul. No mais, porém, pensavam apenas em viver isolados nos bosques e cavernas, tentando reconstruir qualquer coisa parecida com a antiga Nárnia.

– Você fala de uma guerra de verdade para expulsar Miraz? – perguntou Caspian.

– E o que mais poderia ser? – indagou o centauro. – Que outro motivo teria Vossa Alteza para andar de cota de malha e espada à cinta?

– Será possível, Ciclone? – perguntou o texugo.

– É o momento oportuno – respondeu ele. – Eu observo os céus, texugo, porque compete a mim vigiar, como a você compete não esquecer. Tarva e Alambil encontraram-se nos salões do firma-mento, e na terra voltou a surgir um filho de Adão para governar e dar nome às criaturas. A hora do combate soou. O nosso encontro no Gramado da Dança deve ser um *conselho de guerra*.

Falou de tal maneira que nem por um momento alguém duvidou. Caspian e os outros achavam agora perfeitamente possível ganhar uma batalha. Estavam certos de que, fosse como fosse, deveriam ir em frente.

Como já passasse do meio-dia, descansaram junto dos centauros e comeram o que estes tinham a oferecer: bolos de aveia, maçãs, salada, vinho e queijo.

Era perto o lugar que pretendiam visitar, mas tiveram de dar uma grande volta, evitando uma região habitada pelos homens. A tarde já ia adiantada quando se acharam em terreno plano. Num buraco em uma valeta verdejante, Caça-trufas chamou alguém, e de lá saiu a última coisa que Caspian poderia esperar: um rato falante.

Claro que era maior que um rato comum – mais de trinta centímetros, quando ficava em pé sobre as patas traseiras – , e suas orelhas eram quase tão compridas quanto as de um coelho, só que mais largas. Chamava-se Ripchip e tinha um ar marcial e alegre. Da cinta pendia-lhe um minúsculo florete, e retorcia os longos pêlos do focinho como se fossem bigodes.

– Somos doze, Real Senhor – disse, com rápida e graciosa vênia – , e todos os recursos do meu povo estão incondicionalmente à sua disposição.

Caspian teve de fazer um enorme esforço para não rir, pois não pôde evitar o pensamento de que Ripchip e todo o seu exército podiam facilmente ser carregados às costas, dentro de um cesto de roupa.

Tomaria um tempo enorme enumerar todos os animais que Caspian conheceu nesse dia: Escava-terra, a toupeira, os três Trincadores (texugos como Caça-trufas), Camilo, a lebre, além de Barbaças, o ouriço. Descansaram finalmente junto de um poço à beira de uma campina relvada, à volta da qual cresciam choupos altos cuja sombra, ao poente, se alongava sobre o campo. As margaridas começavam a fechar as pétalas, e os pássaros buscavam os ninhos. Depois de cearem o que tinham trazido, Trumpkin acendeu o cachimbo (Nikabrik não fumava).

O texugo disse:

– Se pudéssemos despertar o espírito destas árvores e deste poço, poderíamos hoje nos dar por satisfeitos.

– E por que não? – perguntou Caspian.

– Não temos poder sobre eles. Desde que os humanos invadiram o país, derrubando as árvores e secando as fontes, as dríades e as náiades mergulharam num sono profundo. Quem sabe se algum dia voltarão a acordar? Essa é a nossa grande perda. Os telmarinos têm horror aos

bosques, e bastaria que as árvores avançassem para eles em fúria, para que os nossos inimigos ficassem loucos de medo e fugissem de Nárnia a toda a velocidade.

– Que imaginação têm os animais! – troçou Trumpkin, que não acreditava nessas coisas. — E por que só as árvores e as fontes? Não seria ainda mais engraçado se as próprias pedras começassem a atirar-se contra o velho Miraz?

O texugo limitou-se a resmungar, e fez-se um silêncio tão longo que Caspian estava prestes a adormecer, quando lhe pareceu ouvir uma música suave, vinda do meio dos bosques. Achou que estava sonhando e voltou-se para o outro lado. Mas, ao encostar o ouvido à terra, sentiu ou ouviu o rufar longínquo de um tambor. Ergueu-se. O rufar do tambor tornou-se mais fraco, mas a música voltou, mais nítida agora. Pareciam flautas. Viu que Caça-trufas se sentara, olhando a floresta. O luar estava claro, e Caspian percebeu que dormira mais do que imaginara. A música estava cada vez mais nítida, uma melodia alegre e romântica, acompanhada pelo ruído de muitos pés ligeiros. Passando do bosque para a campina inundada de luar, surgiram por fim vultos bailando, aqueles com que Caspian sonhara a vida toda. Pouco mais altos que os anões, eram muito mais esguios e graciosos. Nas cabeças encaracoladas tinham pequenos chifres, e seu tronco nu brilhava à luz do luar; as pernas e os pés eram de bode.

– Faunos! – exclamou Caspian, pondo-se de pé num salto. Imediatamente todos o rodearam. Não tardou para que a situação fosse explicada aos faunos e estes logo aceitassem Caspian. E, antes mesmo que pudesse dar-se conta, Caspian se viu dançando. O mesmo aconteceu a Trumpkin, que acompanhava os outros com movimentos pesados e desajeitados. Caça-trufas ia correndo e pulando de qualquer jeito. Só Nikabrik continuou no mesmo lugar, olhando em silêncio. Os faunos rodopiavam à volta de Caspian ao som alegre das flautas de bambu. Tinham uma expressão estranha, a um tempo alegre e triste. Eram dezenas e

dezenas de faunos: entre eles estavam Mentius, Obentinus, Dumnus, Voluns, Voltinus, Girbius, Nimienus, Nausus e Oscuns. Farfalhante não se esquecera de nenhum.

Quando Caspian acordou na manhã seguinte, teve a impressão de que tudo não passara de um sonho. Mas a relva estava toda coberta pelos

pequeninos sinais dos cascos…

7
A ANTIGA NÁRNIA EM PERIGO

A campina onde se encontraram com os faunos era o próprio Gramado da Dança. Caspian e seus amigos ficaram lá até a noite do grande Conselho. Dormir ao ar livre, beber apenas água, alimentar-se quase exclusivamente de nozes e frutos do mato foi uma experiência completamente nova para quem, como Caspian, estava habituado a deitar em lençóis de linho no quarto atapetado de um palácio, a ter as refeições servidas numa antecâmara, em baixelas de prata e ouro, com muitos criados prestimosos. Nunca Caspian fora tão feliz. Nunca o sono o deixara tão descansado, nem a comida lhe parecera tão saborosa: assim, começou a ficar maduro de espírito, e seu rosto adquiriu uma expressão regia.

Quando a grande noite chegou, e os seus estranhos súditos começaram a entrar no gramado, Caspian teve um estremecimento de alegria, ao verificar que formavam uma multidão. Era quase lua cheia e estavam presentes todos aqueles com os quais falara antes: os Ursos Barrigudos, os anões vermelhos, os anões negros, as toupeiras, os texugos, as lebres, os ouriços, e mais, muitos que ainda não conhecia: os cinco sátiros de pêlo vermelho, todo o contingente dos ratos falantes, armados até os dentes e marchando ao som de uma trompa esganiçada, algumas corujas e o velho corvo da Brenha do Corvo. Por fim, deixando Caspian de boca aberta, veio com os centauros um jovem mas autêntico gigante: Verruma, da Colina do Morto. Trazia às costas um cesto cheio de anões muito enjoados, que tinham aceitado a carona e lamentavam agora não ter feito a viagem a pé.

Os ursos eram de opinião que se fizesse a festa primeiro e se deixasse o Conselho para mais tarde... talvez até para o dia seguinte. Ripchip e os ratos achavam que tanto a festa quanto o Conselho podiam esperar, e propunham que se atacasse o castelo de Miraz naquela mesma noite. Farfalhante e outros esquilos afirmavam que se podia comer e falar ao

mesmo tempo. Queriam era começar logo. As toupeiras estavam dispostas, antes de tudo, a cavar trincheiras em torno do gramado. Os faunos achavam que se devia começar por um bailado cerimonial. O velho corvo pediu que lhe permitissem dirigir algumas palavras a toda a assistência. Porém, Caspian, os anões e os centauros puseram de lado todas essas idéias e resolveram reunir imediatamente um verdadeiro Conselho de Guerra.

Quando finalmente os bichos concordaram em sentar-se, em silêncio, num grande círculo, e depois de se ter conseguido (com a maior dificuldade) que Farfalhante deixasse de correr de um lado para outro e de gritar: – Silêncio! Silêncio! O rei vai falar! – Caspian, um pouco nervoso, levantou-se.

– Narnianos! – começou, mas não chegou a dizer mais nada, porque, nesse mesmo instante, Camilo, a lebre, gritou:

– Alto! Tem um Homem escondido por aí!

Eram todos criaturas do mato, habituadas a serem perseguidas; portanto, ficaram logo imóveis como estátuas. Os animais limitaram-se a voltar a cabeça na direção que Camilo indicara.

– Cheira a Homem, mas ao mesmo tempo não parece bem Homem – disse Caça-trufas, num sussurro.

– Está chegando mais perto – disse Camilo.

– Dois texugos e três anões, avancem devagarinho – ordenou Caspian.

– Vamos acabar com ele! – declarou um anão negro, ameaçador, preparando uma flecha.

– Se vier só, não disparem; tragam o Homem vivo – disse Caspian.

– Por quê? – perguntou um dos anões.

– Faça o que lhe ordenaram – disse o centauro. Todos guardaram silêncio, enquanto os três anões e os dois texugos se esgueiravam na direção das árvores, a noroeste do gramado. Ouviu-se de repente a voz aguda de um anão:

– Alto! Quem vem lá? – e logo em seguida um salto rápido. Instantes depois, uma voz bem conhecida de Caspian dizia:

– Pronto! Estou desarmado. Se quiserem, podem algemar-me, nobres texugos. Quero falar com o rei.

– Doutor Cornelius! – exclamou Caspian, louco de alegria, precipitando-se ao encontro do velho preceptor. Todos se aproximaram.

– Hum! – exclamou Nikabrik. – Um anão renegado! Quase não tem sangue de anão. Que tal se eu lhe enfiasse a espada?

– Quieto, Nikabrik – disse Trumpkin. – O pobre não tem culpa de sua ascendência.

– Este é o meu maior amigo, a quem devo a vida. Se existe alguém aqui que não goste da companhia dele, pode abandonar imediatamente minhas fileiras. Caro doutor, não calcula como estou feliz de vê-lo outra vez. Como conseguiu chegar aqui?

– Um truquezinho muito simples – respondeu o doutor, ainda ofegante da corrida. – Mas agora não há tempo para explicações. Temos de fugir daqui. Alguém traiu o meu Real Senhor e Miraz está a caminho. Amanhã, antes do meio-dia, estarão todos cercados.

– Traídos?! – exclamou Caspian. – Mas por quem?

– Por quem havia de ser? Algum anão renegado, é claro – disse Nikabrik.

– Foi Destro, o seu cavalo – disse o doutor Cornelius. – O pobre animal, não sabendo o que fazer depois da queda, simplesmente voltou para a cavalariça do castelo. Fugi, para não ser interrogado na câmara de tortura de Miraz. Por meio de minha bola de cristal, sabia muito bem onde podia encontrá-lo. Mas durante o dia todo – isso foi há três dias – os homens de Miraz percorreram os bosques. Ontem soube que o exército está a caminho. Parece que alguns dos seus... dos seus anões de puro-sangue... não têm o menor sentido de orientação. Deixaram pegadas por toda a parte. Grave descuido. Seja como for, alguma coisa avisou Miraz de que a antiga Nárnia não está extinta, como ele julgava, e por isso ele entrou em ação.

– Oba! – ouviu-se uma vozinha muito estridente, junto dos pés do doutor. – Podem vir! Só peço que o rei me coloque, a mim e aos meus, na linha de frente.

– Que negócio é esse? – perguntou o doutor. – Há gafanhotos... ou mosquitos incorporados ao exército? – Depois, inclinando-se e olhando atentamente através dos óculos, desatou a rir, exclamando: – Pela juba do Leão! É um rato. Senhor Rato, tenho grande prazer em conhecê-lo. É uma honra encontrar um bicho tão valente.

– Pode contar com a minha amizade, sábio doutor – guinchou Ripchip. – Qualquer anão... ou gigante... que se atreva a falar-lhe sem respeito terá de enfrentar esta espada.

– Ainda há tempo para essas palhaçadas? – perguntou Nikabrik. – Quais são, afinal, os seus planos? Lutar ou fugir?

– Lutar, se for necessário – declarou Trumpkin. – Mas acho que não estamos preparados para uma guerra, e aqui temos pouca defesa.

– Não me agrada fugir – disse Caspian.

– Atenção! Ouçam o que ele diz – gritaram os ursos. – Haja o que houver, nada de fugir. E nunca antes da ceia. Nem logo a seguir, é claro.

– Os que fogem primeiro nem sempre são os que haverão de fugir no final – disse o centauro. – E por que havemos de deixar que o inimigo escolha posições, em vez de as escolhermos nós? Proponho que se procure uma praça forte.

– O plano é sensato, muito sensato – disse Caça-trufas.

– Mas para onde iremos? – perguntaram muitas vozes.

– Real Senhor – começou o doutor Cornelius – e todas vocês, criaturas, ouçam-me. Julgo que seria aconselhável fugir para oeste e, descendo o rio, penetrar na floresta. Os telmarinos odeiam aquela região. Sempre tiveram medo do mar e do que possa vir de além-mar. Por isso plantaram as florestas. Se a lenda é verdadeira, o velho castelo de Cair Paravel fica junto à foz do rio. Toda aquela zona nos é propícia; ao inimigo é fatídica. Vamos para o Monte de Aslam.

– Monte de Aslam? Que é isso?

– Fica além do Grande Bosque: é um enorme baluarte que os narnianos construíram há muito tempo, num lugar de grande poder mágico, onde estava – e talvez esteja ainda – uma pedra de grande magia. O Monte foi todo escavado por dentro em galerias e cavernas, e a Mesa de Pedra está

na caverna central. Lá temos lugar para guardar provisões e, além disso, todos os que precisam de um teto, ou os que estão habituados a viver debaixo da terra, podem ficar acomodados nas cavernas. Em caso de necessidade, todos nós (com exceção do nosso digno gigante) poderemos refugiar-nos no Monte, onde estaremos ao abrigo de todos os perigos, menos da fome.

– É uma vantagem enorme ter conosco um homem instruído – disse Caça-trufas. Mas Trumpkin resmungou em voz baixa:

– Ora bolas! Seria muito melhor se os nossos chefes deixassem de lado essas histórias da carochinha e se preocupassem mais com armas e víveres.

Mas a proposta de Cornelius foi aceita, e meia hora mais tarde estavam a caminho. Antes do romper do dia chegaram ao Monte de Aslam.

O lugar era, na verdade, de assustar: um morro redondo e verde no cimo de outro morro, havia muito encoberto de árvores, com apenas um pequeno e baixo portal como entrada. Lá dentro, os túneis formavam um verdadeiro labirinto, e as paredes e o teto eram revestidos de pedras lisas, nas quais Caspian, olhando com atenção, viu caracteres estranhos e desenhos sinuosos e muitas imagens em que se repetia várias vezes a forma de um Leão. Tudo aquilo parecia pertencer a uma Nárnia ainda mais antiga do que a Nárnia de que ouvira falar.

Foi depois de instalados, dentro e fora do Monte, que as coisas começaram a correr mal. Os espiões do rei Miraz deram com o rasto deles, e não tardou que o rei e o seu exército aparecessem no extremo do bosque. Como acontece tantas vezes, verificou-se que o inimigo era muito mais forte do que se supunha. Caspian sentiu-se desfalecer ao ver chegar um batalhão atrás do outro. Se bem que os soldados tivessem medo de entrar na floresta, tinham ainda muito mais medo de Miraz; com este comandando-os, entravam fundo na batalha, chegando por vezes às proximidades do Monte. Claro que Caspian e os seus capitães fizeram também repetidas incursões no campo aberto. Quase não se passava um dia sem luta, e muitas vezes guerreavam de noite também. Mas, quase sempre, era o exército de Caspian que levava a pior.

Chegou por fim uma noite em que as coisas não podiam ter sido piores. A chuva, que caíra pesada durante todo o dia, só parou à tardinha,

para dar lugar a um frio mortal. Para o amanhecer, Caspian planejara o grande ataque, no qual todos punham as suas esperanças. Caspian, com a grande maioria dos anões, deveria atacar de madrugada a ala direita do exército real. Quando estivessem no mais aceso da batalha, o gigante Verruma, acompanhado pelos centauros e pelos animais mais fortes, deveriam atacar em outro ponto, a fim de cortar a ala direita de Miraz do resto do exército. Mas o plano falhou. A verdade é que ninguém avisara Caspian (porque ninguém em Nárnia se lembrara disso) de que os gigantes não costumam brilhar pela inteligência. Ora, o pobre Verruma, se bem que corajoso como poucos, era neste aspecto um autêntico gigante. Atacara, pois, onde não devia, em momento pouco oportuno, causando graves perdas aos batalhões de Caspian e ao seu próprio, e quase sem causar danos às forças inimigas. O maior dos ursos ficara ferido, um centauro mais ainda, e era difícil encontrar no grupo de Caspian quem não tivesse derramado sangue. Nessa noite, foi uma multidão deprimida que se juntou debaixo das árvores gotejantes para comer uma ceia frugal. O mais triste de todos era o gigante. Sabia que a culpa era toda dele. Sentado em silêncio, derramou enormes lágrimas, que se juntaram na ponta de seu nariz para caírem depois, em cascata, sobre o grupo dos ratos, que nesse momento começava a se aquecer e a pegar no sono. Levantaram-se de um pulo, sacudindo a água que lhes entrara pelas orelhas, torcendo os minúsculos cobertores com que se cobriam, perguntando ao gigante, em voz esganiçada mas imperiosa, se achava que eles ainda não estavam suficientemente encharcados, mesmo sem aquela choradeira toda. Outros acordaram também irritados, lembrando aos ratos que tinham sido incorporados ao exército como sentinelas e não como banda de música. O infeliz Verruma afastou-se na ponta dos pés, à procura de um lugar onde pudesse chorar à vontade. Mas, por cúmulo do azar, pisou logo numa cauda e o dono desta (a raposa, como depois se verificou) tacou-lhe uma dentada. Nada havia a fazer. Estavam todos muito mal dispostos naquela noite.

Na caverna mágica no centro do Monte, o rei Caspian reunia um Conselho de Guerra, com Cornelius, o texugo, Nikabrik e Trumpkin. Velhas colunas maciças sustentavam o telhado; ao centro, a Mesa de Pedra, fendida de lado a lado, coberta com o que deviam ter sido caracteres de alguma escrita antiga. Anos e anos de chuva, vento e neve tinham apagado quase por completo os relevos da pedra, antes mesmo que o Monte fosse erguido sobre ela. O Conselho não se reunira à volta da Mesa, nem estava fazendo

uso desta – o seu caráter sagrado tornava-a imprópria para fins vulgares. Os membros do Conselho tinham se sentado em troncos, junto de uma tosca mesa de madeira sobre a qual ardia uma lamparina de barro, iluminando-lhes o rosto e projetando nas paredes sombras imensas.

– Se o rei tenciona algum dia fazer uso da trompa, acho que chegou a hora – disse Caça-trufas.

– Sem dúvida, estamos numa situação desesperadora – concordou Caspian. – Mas quem poderá dizer-nos se as coisas não vão piorar? E se chegarmos a uma situação ainda mais desesperadora depois de termos tocado a trompa?

– Raciocinando desse jeito, a trompa só será tocada quando for tarde demais – objetou Nikabrik.

– É verdade – disse o doutor.

– Que acha, Trumpkin? – perguntou Caspian.

– Ora, quanto a mim, o rei sabe bem o que penso da Trompa... e desta pedra rachada... e do Grande Rei Pedro... e do seu Aslam. Tudo isso é cascata – declarou o anão, que seguira a conversa com a mais completa indiferença. – Tanto faz que se toque a trompa agora, como em qualquer outra hora. Só peço que não se fale disso com os soldados. Não vale a pena alimentar esperanças em auxílios mágicos, que (na minha opinião) sempre fracassam.

– Então, em nome de Aslam, farei soar a trompa da rainha Susana – disse Caspian.

– Temos de pensar ainda numa coisa – disse o doutor. – Não sabemos sob que forma nos chegará o auxílio. Pode ser que o próprio Aslam venha de além-mar, mas me parece mais provável que, saídos do passado, venham até nós o Grande Rei Pedro e os seus bravos companheiros. Num caso ou no outro, nada nos garante que o auxílio se manifeste aqui...

– Perfeito! – interrompeu Trumpkin.

– É possível – prosseguiu o sábio – que eles ou ele voltem a alguns dos velhos lugares de Nárnia. Este, onde nos encontramos agora, é o mais antigo e mais sagrado de todos, pelo que me parece provável que a resposta ao nosso apelo se concretize aqui. Mas não devemos esquecer dois outros.

Um é o Ermo do Lampião perto da nascente do rio, a leste do Dique dos Castores. Segundo reza a lenda, foi aí que as crianças reais entraram em Nárnia. O outro é junto à foz desse mesmo rio, no local onde outrora se ergueu Cair Paravel. Se o próprio Aslam vier ao nosso encontro, será esse o local mais adequado para recebê-lo, pois em todas as lendas ele é filho do grande Imperador-de-Além-Mar. Quando vier, sem dúvida surgirá do mar. Seria bom que enviássemos mensageiros a esses dois lugares, para recebê-lo... ou recebê-los. – Já esperava por isso! – resmungou Trumpkin. – O resultado de toda essa tolice será perder dois soldados, em vez de obter auxílio.

– Os esquilos são ideais para cruzar o território inimigo – disse o texugo.

– Todos os nossos esquilos (e não são tantos assim!) são assustadiços – disse Nikabrik. – Farfalhante é o único no qual se pode confiar.

– Pois que se mande Farfalhante – decidiu Caspian. – E quem será o outro? Sei que você estaria pronto para partir, Caça-trufas, mas é muito lento. E o doutor também.

– Eu é que não entro nessa! – declarou Nikabrik. – Com todos esses humanos e animais por aqui, tenho de ficar para ver se os anões são bem tratados.

– Cale a boca! – gritou Trumpkin, colérico. – É assim que se fala ao rei? Se quer que eu seja o mensageiro, Real Senhor, estou pronto para partir.

– Mas, Trumpkin, pensei que você não acreditava na trompa... – disse Caspian.

– E não acredito mesmo! Mas o que uma coisa tem a ver com a outra? Sei quando se trata de dar um conselho ou de receber uma ordem.

– Nunca me esquecerei de sua nobre atitude, Trumpkin. Chamem Farfalhante aqui imediatamente. Quando devo tocar a trompa?

– Aconselho que espere o nascer do sol – disse o doutor Cornelius. – A madrugada costuma ser favorável às operações de magia branca.

Passados alguns instantes chegava Farfalhante, a quem explicaram o que tinha a fazer. Como à maior parte dos esquilos, não lhe faltava nem coragem, nem entusiasmo, nem energia, nem espírito de aventura (para não

falar em vaidade); mal fora informado de sua tarefa, ficou louco para partir. Resolveu-se que iria para o Ermo do Lampião, enquanto Trumpkin faria o percurso mais curto até a foz do rio. Partiram com os votos de boa sorte do rei, do texugo e do doutor.

8
A PARTIDA DA ILHA

Trumpkin continuou... Você já percebeu que era ele quem, sentado na relva do salão em ruínas de Cair Paravel, estava contando a história para as quatro crianças:

– E assim meti no bolso um naco de pão e, só com o meu punhal, parti de madrugada na direção dos bosques. Já caminhava havia horas, quando ouvi um som diferente de tudo quanto ouvira até ali. E nunca mais me esqueci! Um som vibrante, forte como o estrondo do trovão, mas muito mais prolongado; melodioso e doce como a música sobre a água, mas com intensidade bastante para estremecer os bosques. Ao ouvi-lo, disse para mim mesmo: “Macacos me mordam, se isto não é a trompa!” E fiquei imaginando por que Caspian não a teria tocado mais cedo...

– A que horas foi isso? – perguntou Edmundo.

– Entre nove e dez.

– Exatamente a essa hora estávamos nós na estação – disseram as crianças, entreolhando-se com os olhos brilhantes de excitação.

– Por favor, continue – pediu Lúcia ao anão.

– Bem, como ia dizendo, fiquei pensando mas fui em frente, o mais depressa que podia. Andei a noite toda e, hoje de manhãzinha, quando começava a clarear, comportando-me como um gigante imbecil, resolvi encurtar caminho. Para evitar uma curva enorme do rio, meti-me a campo descoberto. Foi aí que me pegaram. Não caí prisioneiro do exército, mas de um idiota metido a besta, que toma conta de um pequeno castelo perto da costa, último reduto de Miraz. Não preciso dizer que não arrancaram de mim uma única palavra, mas eu era um anão, e isso bastava. Mas, com trinta diabos, foi uma sorte o oficial ser um bestalhão cheio de prosa. Outro qualquer teria acabado comigo ali mesmo. Ele, porém, só se contentaria

com uma execução grandiosa: entregar-me aos fantasmas, com toda a pompa. Mas esta jovem (fez com a cabeça um sinal indicando Susana) recorreu à arte do arqueiro – que bela pontaria, parabéns! – e aqui estamos todos, sãos e salvos. No meio disso tudo, só perdi a armadura. Tendo chegado ao fim, o anão sacudiu o cachimbo e tornou a enchê-lo cuidadosamente.

– Fabuloso! – exclamou Pedro. – Então foi a trompa... a sua trompa, Su.. que ontem de manhã nos arrancou do banco da estação! É difícil acreditar nisso, mas a verdade é que tudo se encaixa...

– Não sei por que é difícil de acreditar, se você acredita em magia – disse Lúcia. – Não há tantos casos em que por magia as pessoas são chamadas a sair de um lugar... até a passar de um mundo para outro? Nas Mil e uma noites, quando o mago conjura o gênio, ele tem de aparecer. Foi mais ou menos o que aconteceu conosco.

– Exato – concordou Pedro. – Mas o que faz isso parecer tão estranho é que, nas histórias, é sempre alguém do nosso mundo que faz o chamado... E ninguém realmente pára pra pensar de onde vem o gênio.

– E agora podemos compreender como o gênio se sente – disse Edmundo, com uma gargalhada. – Caramba! Não é muito agradável saber que podemos estar à mercê de um assovio. Ainda é pior do que ser escravo do telefone, como papai se queixa tanto.

– Mas não estamos aqui de má vontade, desde que seja esta a vontade de Aslam – disse Lúcia.

– E agora? Que vamos fazer? – perguntou o anão. – Acho que o melhor seria dizer ao rei Caspian que afinal o auxílio não veio...

– Não veio, o quê! Essa é boa! Veio sim senhor, e aqui estamos nós!

– Bem... que estão aí, estão... Mas acho que... – gaguejou o anão, cujo cachimbo parecia estar entupido (pelo menos ele fingia estar muito ocupado limpando-o). – Mas... bem... quer dizer...

– Mas ainda não percebeu quem somos nós? – gritou Lúcia. – Que anão mais bobo!

– Devem ser as quatro crianças da lenda – disse Trumpkin. – Tenho muito prazer em conhecê-los, é claro. Não há dúvida de que este encontro é

muito interessante... Mas, sem querer ofender... – e voltou a ficar hesitante.

– Vá em frente e diga o que tem a dizer – falou Edmundo, impaciente.

– Bem, não fiquem ofendidos... Mas, como já disse, o rei, Caça-trufas e o doutor Cornelius esperavam por auxílio. Não sei se estão me entendendo... Para falar mais claro: eles imaginavam vocês como grandes guerreiros. Não sendo assim... bem, nós adoramos crianças, mas a esta altura... em plena guerra... acho que vocês estão entendendo...

– Ah, você pensa que não agüentamos uma gata pelo rabo, não é? – disse Edmundo, corando muito.

– Por favor, não fique zangado! – interrompeu o anão. – Asseguro-lhes, caros amiguinhos...

– E ainda trata a gente por amiguinhos?! É demais! – protestou Edmundo, levantando-se de um pulo. – Não acredita então que fomos nós que ganhamos a batalha do Beruna? Bem, de mim pode dizer o que quiser, mas a verdade...

– Não vale a pena discutir – disse Pedro. Vamos à sala do tesouro arranjar uma armadura nova para ele e armas para nós. Depois conversamos.

– Isso não adianta... – começou Edmundo. Lúcia disse-lhe baixinho:

– Melhor fazer o que Pedro está dizendo. Ele é o Grande Rei e tem decerto uma idéia.

Edmundo concordou e, à luz da lanterna, todos (inclusive Trumpkin) desceram as escadas e penetraram na escuridão gelada, ao encontro das riquezas empilhadas na sala do tesouro.

Os olhos do anão brilharam ao ver prateleiras e prateleiras cheias de tesouros (embora tivesse de andar na ponta dos pés para ver alguma coisa) e disse para si mesmo: “Nunca Nikabrik ouviu falar de tanta riqueza, nunca!”

Não foi difícil encontrar uma cota de malha para o anão, elmo e escudo, arco e aljava, tudo do tamanho dele. O elmo era de cobre, incrustado de rubis; o punho da espada era de ouro. Trumpkin jamais vira coisas tão ricas, nem tampouco sonhara usá-las um dia. As crianças também vestiram cotas de malha e puseram elmos. Escolheram depois uma espada e

um escudo para Edmundo e um arco para Lúcia... Pedro e Susana não precisavam, porque tinham os presentes. Quando subiram as escadas, ouvindo o tilintar das armaduras e sentindo-se mais narnianos do que meninos de colégio, os rapazes ficaram para trás, combinando qualquer coisa. Lúcia ouviu Edmundo dizer:

– Não, deixe comigo!

– Está bem, Ed – concordou Pedro. Quando chegaram lá fora, Edmundo voltou-se delicadamente para o anão:

– Tenho uma proposta a fazer. Não é todo dia que meninos da minha idade encontram um grande guerreiro como você. Quer fazer um pouco de esgrima? Acho que não há nada de mal...

– Mas, garoto, estas espadas estão afiadas...

– Sei disso! Mas não tenho a intenção de me aproximar, e você saberá como me desarmar sem me ferir.

– É uma brincadeira perigosa – objetou Trumpkin – mas, já que insiste, vamos lá!

Num abrir e fechar de olhos, desembainharam as espadas, enquanto os outros três pulavam do estrado, para ver o que aconteceria. E valia a pena. Porque não era um daqueles ridículos combates à espada, que a gente vê no cinema. Nem mesmo uma daquelas lutas de florete, que costumam ser um pouco melhores. Não, era um verdadeiro combate à espada. O principal num encontro desses é atacar as pernas e os pés do inimigo, visto serem as únicas partes do corpo sem armadura. E, quando o outro faz o mesmo, o jeito é pular, para que os golpes passem por baixo. Para o anão isso foi uma vantagem, pois Edmundo, sendo muito mais alto, tinha de abaixar-se a todo momento. E não acho que Edmundo teria tido alguma chance de ganhar, caso tivesse enfrentado Trumpkin vinte e quatro horas antes. Mas, desde que tinham chegado à ilha, a atmosfera de Nárnia estava atuando sobre ele; o entusiasmo dos antigos combates invadiu-o nos braços e nos dedos, e voltou a sentir a antiga destreza. Era outra vez o rei Edmundo! Os golpes seguiam-se, obrigando os combatentes a se moverem em círculo, e Susana, que nunca conseguira habituar-se a esse gênero de coisas, gritava:

– Cuidado! Cui-da-do!

A certa altura, num movimento tão rápido que ninguém conseguiu ver bem o lance (a não ser Pedro, que já sabia o que ia acontecer), Edmundo, dando um jeito especial à espada, desarmou o anão, deixando Trumpkin a esfregar a mão vazia, como a gente faz depois de ser picado por uma abelha.

– Espero que não tenha se machucado, amigo! – disse Edmundo, ainda um pouco ofegante, ao guardar a espada na bainha.

– Agora estou entendendo. – disse Trumpkin, secamente. – Você sabe um truque que eu não sei.

– É pura verdade – apressou-se a concordar Pedro. – O melhor espadachim do mundo não resiste a um golpe desconhecido. Por isso, acho justo que se dê a Trumpkin uma oportunidade, em qualquer outra coisa. E se fosse tiro ao alvo, ali com a minha irmã? Não pode haver truque!

– Estou vendo que vocês gostam de se divertir. Como se eu não conhecesse a pontaria dela depois do que aconteceu hoje de manhã! Mas, vá lá! Quero ver.

Falou como quem está mal-humorado, mas seus olhos brilhavam, porque, entre os seus, era atirador famoso.

Foram os cinco para o pátio.

– Qual é o alvo? – perguntou Pedro.

– Pode ser aquela maçã naquele ramo em cima do muro – propôs Susana.

– Perfeitamente! – concordou o anão. – E aquela amarelinha no meio do arco, não é?

– Não, aquela não! – replicou Susana. A outra, a vermelha, lá em cima, sobre as ameias.

O entusiasmo do anão sumiu.

– Parece mais uma cereja! – resmungou consigo mesmo, sem coragem para falar alto.

Jogaram cara ou coroa, para grande admiração do anão, que nunca tinha visto aquilo. Susana perdeu. O lugar escolhido para atirar foi o alto

das escadas que conduziam do salão para o pátio. Pelo jeito de o anão tomar posição e preparar o arco, via-se logo que ele sabia o que estava fazendo.

Ziiim! – a corda vibrou. Foi um golpe esplêndido. A maçã estremeceu, quando a flecha roçou por ela e uma folha saiu voando. Susana foi para o alto das escadas e segurou o arco. Não estava tão à vontade como Edmundo na competição anterior. Não que sentisse medo de errar, mas era tão boa que lhe custava derrotar alguém que já tinha sido derrotado. Enquanto erguia o arco à altura do rosto, o anão não tirou os olhos dela. Um instante depois, com um barulhinho seco, perfeitamente audível, a maçã trespassada pela flecha tombava na relva.

– Sensacional, Su! – gritaram as crianças.

– Não é que a minha pontaria seja melhor do que a sua – disse Susana para o anão. – É que havia uma brisa soprando quando você atirou.

– Não havia brisa coisa nenhuma! – disse Trumpkin. – Não precisa se desculpar. Sei muito bem quando sou derrotado com lealdade. Logo que eu ficar bom do braço, nem vou me lembrar mais do ferimento...

– O quê! Está ferido? – perguntou Lúcia. – Mostre-me.

– Não é espetáculo para menininhas – começou Trumpkin, mas calou-se logo. – Já estou dizendo bobagens outra vez. Afinal, quem me garante que você não é uma excelente enfermeira, assim como seu irmão é um grande espadachim e sua irmã uma fabulosa arqueira?

Sentou-se num degrau, tirou a cota de malha, arregaçou a manga da camisa, mostrando um braço peludo e musculoso como o de um marinheiro em miniatura. Lúcia começou a tirar a ligadura que desajeitadamente envolvia o ombro do anão. O ferimento tinha um mau aspecto, e o braço estava muito inchado.

– Pobre Trumpkin! – exclamou ela. – Isto está muito ruim.

Com cuidado, deixou cair sobre a ferida uma gota do precioso elixir do frasco.

– Ei, o que é isso?! – perguntou Trumpkin, que, por mais que voltasse a cabeça e revirasse os olhos e sacudisse a barba, não conseguia ver o ombro. Sentia-se agora perfeitamente bem, conseguindo fazer com os

braços e com os dedos movimentos difíceis, como se sentisse cócegas num lugar inatingível. Por fim gritou:

– Com trinta mil demônios! Parece novinho em folha! – E desandou a rir, dizendo: – Nunca um anão fez um papel tão imbecil quanto eu hoje. Apresento minhas humildes homenagens a Vossas Majestades. Agradeço-lhes terem salvo a minha vida, tratado do meu braço, o almoço, e agradeço também a lição que me deram.

Não havia nada a agradecer, disseram as crianças.

– Se agora está disposto a acreditar em nós... – disse Pedro.

– Claro que estou! – falou o anão.

– Então sabemos o que temos de fazer – continuou Pedro. – Devemos ir logo ao encontro do rei.

– Quanto mais depressa, melhor! – concordou o anão. – A minha burrice já nos fez perder uma hora.

– Se formos pelo caminho por onde você veio, serão uns dois dias de viagem – disse Pedro. – Para nós, é claro, pois não conseguimos andar dia e noite como os anões. – E voltando-se para os outros acrescentou: – O que Trumpkin chama de Monte de Aslam é, sem dúvida, a Mesa de Pedra. A gente andava uma manhã toda, talvez um pouco menos, para ir dali às margens do Beruna... Lembram-se?

– Ponte do Beruna – interrompeu o anão.

– No nosso tempo não havia ponte. E do Beruna até aqui era mais de um dia. Andando a passo normal, a gente costumava chegar no segundo dia, mais ou menos na hora do lanche. Com um pouco de esforço, talvez possamos fazer o caminho em um dia e meio.

– Não se esqueçam: agora é tudo floresta – disse Trumpkin – , e temos de evitar o inimigo.

– Mas será que precisamos seguir o caminho por onde veio o nosso caro amiguinho? – perguntou Edmundo.

– Pare com isso, Majestade, se me quer bem – implorou o anão.

– Pois não – concordou Edmundo. – Posso então chamá-lo de N.C.A.?

– Está bem, menino... quero dizer, Majestade – disse Trumpkin, com uma gargalhada. – E, a partir daí, muitas vezes o trataram por N.C.A., até quase se esquecerem do que significava.

– Mas, como ia dizendo – continuou Edmundo – , acho que podemos ir por outro caminho. Por que não vamos de barco em direção à baía do Espelho d'Água e seguimos depois lá por cima? Sairíamos por trás da colina da Mesa de Pedra e, ao menos enquanto estivéssemos no mar, estaríamos seguros. Se partirmos imediatamente, poderemos chegar ao Espelho d'Água antes do anoitecer, descansar ali um pouco e estar com Caspian amanhã de manhã.

– Não há nada como conhecer a costa – disse Trumpkin. – Nunca tinha ouvido falar do Espelho d'Água.

– E quanto à comida? – perguntou Susana.

– Teremos de nos contentar com maçãs – disse Lúcia. – Mas vamos embora! Há quase dois dias que estamos aqui e ainda não fizemos nada.

– Mas fiquem sabendo desde já que meu chapéu não servirá mais de cesto para peixe. Arranjem-se como quiserem! – declarou Edmundo.

Com uma capa de chuva fizeram uma espécie de saco, que encheram de maçãs. Depois, foram beber água no poço, porque só no Espelho d'Água voltariam a encontrar água doce. E seguiram para o barco. As crianças tiveram pena de deixar Cair Paravel, porque, mesmo em ruínas, sentiam-se bem lá.

– É melhor que N.C.A. fique no leme – sugeriu Pedro. – Ed e eu tomaremos conta dos remos. Um momento... Será melhor tirarmos as armaduras, senão daqui a pouco estaremos suando. As meninas vão na proa, para darem indicações ao N.C.A., pois ele não conhece a costa. Melhor pegar o mar alto até termos passado a ilha.

Daí a pouco, a costa arborizada e verdejante foi ficando para trás. As pequenas baías e cabos pareciam cada vez menores, e o barco vagava acompanhando a suave ondulação. O mar começou a alargar, e, se a distância a água parecia agora mais azul, perto era verde e borbulhante. Tudo cheirava a sal, e só se ouvia o chapinhar dos remos e o deslizar da água, que batia – clope-clope – contra os lados do barco. O sol começou a ficar quente.

Lúcia e Susana, na proa, se deliciavam brincando, tentando em vão enfiar as mãos dentro d'água. Embaixo via-se a areia branca, colorida às vezes de algas vermelhas.

– Tudo como antigamente! Você lembra quando fomos a Terebíntia... e a Galma... e às Ilhas Solitárias... e às Sete Ilhas...?

– Se me lembro! E me lembro também do nosso barco, o Esplendor Hialino, com a cabeça de cisne na proa e as longas asas entalhadas que chegavam quase ao meio do barco...

– Lembra das velas de seda? E dos grandes lampiões da popa?

– E das festas no convés? E dos músicos?

– E daquela vez em que os músicos foram tocar flauta no alto dos mastros e a música parecia vir do céu?

Passado algum tempo, Susana tomou o lugar de Edmundo no remo, e este foi sentar-se perto de Lúcia. Tinham passado a ilha e aproximavam-se agora da costa arborizada e deserta. Se não se lembrassem do tempo em que era aberta ao mar e

sempre cheia de amigos, é possível que a tivessem achado muito bonita.

– Puxa! Isso acaba com um homem! – disse Pedro.

– Posso remar um pouquinho? – perguntou Lúcia.

– Os remos são grandes demais para você – foi só o que Pedro disse, não porque estivesse aborrecido, mas porque não podia gastar energia falando.

9
O QUE LÚCIA VIU

Susana e os dois meninos estavam exaustos quando dobraram o último cabo, iniciando a etapa final rumo ao Espelho d'Água. Os reflexos na água e as longas horas ao sol tinham provocado em Lúcia uma tremenda dor de cabeça. Até Trumpkin estava ansioso pelo fim da viagem. O banco em que ia sentado junto ao leme fora feito para homens, e não para anões, de modo que não chegava com os pés ao chão. E todo mundo sabe como é incômodo ficar dez minutos sentado com os pés no ar. Quanto mais cansados, mais desanimados ficavam. Até esse momento, só tinham pensado em como alcançar Caspian. Agora já imaginavam o que haveriam de fazer quando o encontrassem e como é que anões e criaturas dos bosques poderiam derrotar um exército de humanos.

Enquanto contornavam lentamente as baías do Espelho d'Água, o crepúsculo ia descendo – crepúsculo que se adensava à medida que as margens se aproximavam e as copas das árvores se tocavam. O murmúrio do mar morria à distância, e reinava uma calma tão perfeita que se ouvia o deslizar dos fios de água que, vindos da floresta, se lançavam no Espelho d'Água.

Finalmente pularam para terra, tão cansados que nem pensaram em acender uma fogueira. Uma ceia de maçãs (embora não quisessem mais ver maçãs na sua frente) parecia-lhes melhor do que caçar ou pescar. Comeram em silêncio e deitaram-se sobre o musgo e as folhas secas, entre quatro grandes árvores.

Não tardou que adormecessem todos, menos Lúcia. Como não estava tão cansada quanto os outros, não conseguiu arranjar uma posição cômoda. Além disso, tinha-se esquecido de que todos os anões roncam. Sabia que para adormecer não há nada como deixar de se esforçar para isso; assim, abriu os olhos. Por entre os ramos avistava apenas uma mancha de água e o céu em cima. Então, numa vibração de memória, voltou a ver, depois de

tantos anos, as estrelas cintilantes de Nárnia. Conhecera-as antigamente, melhor do que as estrelas do nosso mundo, porque, como rainha de Nárnia, costumava deitar-se muito mais tarde do que como criança na Inglaterra. E lá estavam elas agora. Distinguia pelo menos três constelações de verão: o Navio, o Martelo e o Leopardo.

– Querido Leopardo! – murmurou, feliz.

Mas, em vez de adormecer, estava cada vez mais desperta... desperta daquela forma estranha e sonhadora, como se está às vezes em plena noite. E o Espelho d'Água brilhava cada vez mais. Embora não visse a lua, sabia que se refletia nele. Lúcia começou a sentir que, com ela, toda a floresta despertava. Quase sem saber o que fazia, levantou-se rapidamente e afastou-se um pouco.

– Que lindo!

O ar estava fresco, e no ar pairavam aromas deliciosos. Ali pertinho, um rouxinol começou a cantar, parou, recomeçou. Um pouco adiante estava mais claro. Lúcia avançou para a luz e chegou a um lugar onde havia poucas árvores, mas muitas manchas de luar. O luar e as sombras penetravam-se de tal modo que se tornava difícil dizer onde estava uma coisa ou a outra. Nesse mesmo instante, o rouxinol, satisfeito com o ambiente, rompeu em pleno canto.

Lúcia foi-se habituando à luz e via agora quase distintamente as árvores mais próximas. Invadiu-a enorme saudade dos tempos em que as árvores de Nárnia falavam. Sabia exatamente como é que cada uma daquelas árvores falaria, se ela tivesse o poder de despertá-las, e que forma humana assumiria. Olhou para uma bétula prateada: teria uma voz doce e cascateante e seria uma mocinha esbelta, com longos cabelos esvoaçando à volta do rosto, e que gostava de dançar. Olhou depois para o carvalho: velhote, alegre, de cabelo grisalho e barba frisada, rosto e mãos cheios de verrugas donde brotavam pêlos. Depois olhou para a faia, debaixo da qual parará, e pensou que seria ela a mais bela de todas – uma deusa graciosa, suave e imponente, a senhora dos bosques.

– Oh, árvores! – exclamou Lúcia (embora sua intenção não fosse falar). – Vamos acordar, árvores! Não se lembram mais? Será possível que não se lembram mais de mim? Dríades e hamadríades, acordem para falar comigo!

Não soprava a mais leve aragem, mas as árvores estremeceram, e o sussurrar das folhas era como um murmúrio de palavras. O rouxinol calou-se.

Lúcia sentiu que de um momento para outro seria capaz de compreender a linguagem das árvores. Mas esse momento não veio, e o murmúrio foi-se desvanecendo. O rouxinol recomeçou o canto. Embora inundado de luar, o bosque perdera o encanto. Lúcia teve a sensação (tão freqüente, quando se tem um nome ou uma data na ponta da língua e que não se consegue lembrar) de ter perdido alguma coisa por um triz: como se, por uma fração de segundo, tivesse dirigido o seu apelo às árvores cedo ou tarde demais, ou como se tivesse proferido todas as palavras certas, menos uma, ou tivesse acrescentado uma palavra errada.

De repente, começou a sentir-se cansada. Voltou ao lugar onde tinham acampado, aninhou-se entre Susana e Pedro e, dentro em pouco, dormia a sono solto.

Na manhã seguinte o despertar foi triste e desconfortável. O sol ainda não nascera e, na luz cinzenta da madrugada, os bosques surgiam, úmidos e sujos.

– Viva a maçã! – gritou Trumpkin com um trejeito gaiato. – Tenho de concordar que os reis e as rainhas de antigamente não estragam os cortesãos com agradinhos!

Levantaram-se, sacudiram-se e olharam em torno. O bosque era espesso. Para onde quer que olhassem, não conseguiam ver mais do que uns metros adiante do nariz.

– Suponho que Vossas Majestades conheçam bem o caminho – disse o anão.

– Eu não! – exclamou Susana. – Nunca vi esses bosques na minha vida. Sempre achei que deveríamos ter ido pelo rio.

– Devia ter falado isso na hora – disse Pedro, com perdoável impaciência.

– Ora, não ligue para o que ele está dizendo! – interrompeu Edmundo. – Susana não tem o menor sentido de orientação. Está com a bússola aí, Pedro? Ora, vejam. Estamos certinhos. É só continuar para

noroeste... atravessar aquele riozinho... como é mesmo?... O Veloz, não é isso?

– É, o Veloz – concordou Pedro. – Aquele afluente do Grande Rio.

– Isso. Atravessa-se o rio, sobe-se a encosta, e lá pelas oito ou nove horas estamos na Mesa de Pedra, isto é, no Monte de Aslam. Espero que o rei Caspian nos ofereça um bom almoço!

– Se Deus quiser! – disse Susana. – A verdade é que não me lembro nada disso aqui.

– Mulher é assim – disse Edmundo, voltando-se para Pedro e para o anão – , nunca consegue guardar um mapa na cabeça.

– É porque já temos a cabeça cheia de outras coisas – replicou Lúcia.

A princípio tudo correu muito bem. Julgaram a certa altura ter encontrado um velho atalho. Se você entende alguma coisa de floresta, sabe que a todo momento a gente julga ter descoberto um atalho imaginário. Passados cinco minutos, o tal atalho desaparece, mas logo a seguir vem outro (que a gente espera que não seja outro, mas uma continuação do primeiro), volta a desaparecer, e, só quando já estamos de todo desnorteados, compreendemos que afinal não eram atalhos coisa nenhuma. Os rapazes e o anão, porém, muito acostumados à floresta, só por momentos se deixavam iludir.

Caminhavam havia cerca de meia hora (e três deles ainda tinham o corpo dolorido de remar), quando Trumpkin, de repente, disse baixinho:

– Parem! – todos pararam. – Estamos sendo seguidos – continuou, sempre em voz baixa. – Ou melhor, há alguém que nos acompanha ali do lado esquerdo.

Ficaram imóveis, esforçando-se para ouvir ou ver qualquer coisa.

– É melhor prepararmos as flechas – disse Susana ao anão. Trumpkin fez com a cabeça um sinal de assentimento e, quando os dois estavam prontos, a caravana voltou a marchar.

Muito atentos, avançaram uns metros por uma parte da floresta em que as árvores cresciam afastadas. Assim chegaram a um lugar coberto de arbustos espessos. Ao passarem por um maciço, alguma coisa rosnou, precipitando-se depois como um raio por entre os ramos partidos. Lúcia

recebeu um esbarrão e foi derrubada. No momento em que caía, ouviu vibrar uma seta. Quando se recuperou do susto, viu um enorme urso cinzento, de terrível aspecto, trespassado no dorso pela seta de Trumpkin.

– Desta vez, Su, o N.C.A. saiu vencedor! – disse Pedro, com um sorriso amarelo. Porque até ele ficara um tanto abalado com a aventura.

– Atirei tarde demais – justificou-se Susana muito embaraçada. – Tive medo que fosse um daqueles ursos... sabe?... um daqueles que falam.

A verdade é que ela tinha horror a matar, fosse o que fosse.

– Pois aí é que está o problema! – concordou Trumpkin. Os animais, na sua maioria, ficaram mudos e tornaram-se inimigos. Nunca se sabe de que gênero são; se a gente espera, pode ser tarde demais.

– Coitado do urso! – murmurou Susana. – Acha que ele era dos maus?

– Claro que sim! – disse o anão. – Vi bem o focinho dele e ouvi seu rosnado. O que ele queria era uma garotinha para o café da manhã. E, a propósito, não quis desanimar Vossas Majestades, quando disseram há pouco que esperavam que Caspian lhes desse um bom almoço. Mas agora devo dizer que, no acampamento, a carne não costuma ser muito farta. E carne de urso não é nada má! Seria uma vergonha deixar aí a carcaça sem levar um pedaço; isso pode levar no máximo meia hora. Espero que os dois rapazes, quero dizer, reis... saibam como tirar pele de urso...

– Melhor a gente ficar longe – disse Susana para Lúcia. – Já estou imaginando que horrível espetáculo vai ser isso.

Lúcia concordou, toda arrepiada, e quando se sentaram disse:

– Sabe, Su, acaba de me ocorrer uma idéia terrível.

– O que foi?

– Não seria medonho se um dia, no nosso mundo, os homens se transformassem por dentro em animais ferozes, como os daqui, e continuassem por fora parecendo homens, e a gente assim nunca soubesse distinguir uns dos outros?

– Já temos preocupações que cheguem aqui em Nárnia – disse Susana, sempre muito prática. – Para que inventar ainda outros problemas?

Quando foram encontrar com os outros, estes já tinham cortado toda a carne que podiam carregar. Não é lá nada agradável encher os bolsos de carne crua, mas eles se arranjaram como puderam, embrulhando os nacos em folhas verdes. Sabiam já todos por experiência própria que, depois de uma boa caminhada e caindo de fome, seriam capazes de olhar com olhos gordos para aqueles embrulhos moles e repugnantes.

Continuaram a andar até o sol nascer. Os pássaros começaram a cantar e as moscas (mais do que seria de desejar) a zumbir entre as avencas. Pararam junto do primeiro regato que encontraram para lavar três pares de mãos, que precisavam mesmo ser lavadas. À medida que o cansaço desaparecia, voltava a boa disposição. Quando o sol começou a esquentar, tiraram os elmos da cabeça.

– Acho que estamos no caminho certo, não é?

– perguntou Edmundo, quase uma hora depois.

– Desde que não nos desviemos muito para a esquerda, acho que não haverá erro – declarou Pedro. – E, se formos demais para a direita, o máximo que pode acontecer é encontrarmos o Grande Rio mais abaixo.

Voltaram a avançar, num silêncio quebrado pelos passos e pelo tilintar das cotas de malha.

– Afinal onde se meteu esse maldito Veloz? – perguntou Edmundo, depois de grande silêncio.

– Já esperava que tivesse aparecido – confessou Pedro. – Mas agora não há remédio: é ir em frente.

– Ambos sabiam que o anão estava aflito, embora nada dissesse.

Daí a pouco, começaram a achar que as cotas de malha eram pesadas e aumentavam o calor. Pedro exclamou de repente:

– Que é isso aqui?!

Quase sem perceberem, tinham chegado a um pequeno precipício que se elevava sobre um desfiladeiro, no fundo do qual corria um rio. Do outro lado os rochedos eram imensos. Tirando Edmundo (e talvez Trumpkin), nenhum deles era grande alpinista.

– Desculpem! – disse Pedro. – Foi por minha culpa que viemos por aqui. Perdemos o caminho. Não faço idéia do lugar onde estamos.

O anão começou a assoviar baixinho entre os dentes. Susana disse, impaciente:

– O melhor é voltar e ir pelo outro lado. Sabia que a gente acabaria se perdendo neste mato!

– Susana! – exclamou Lúcia em tom de censura.

– Não vá implicar com Pedro. É feio e, além disso, é injusto. Ele fez o que podia.

– E você não implique com a Su! – interrompeu Edmundo. – Ela tem toda a razão.

– Com seiscentos milhões de macacos! – exclamou Trumpkin. – Se a gente se perdeu vindo, quem vai garantir que a gente não se perca indo? Se temos de voltar à ilha e começar pelo princípio... supondo que sejamos capazes, vou logo dizendo que o melhor é desistir já. De um jeito ou de outro, antes de chegarmos lá, Miraz já terá liquidado Caspian.

– Acha então que devemos continuar? – perguntou Lúcia.

– Não estou convencido de que o Grande Rei se tenha enganado – disse Trumpkin. – Afinal, por que aquele rio não pode ser o Veloz?

– Porque o Veloz não corre num desfiladeiro! Só por isso! – declarou Pedro, fazendo um esforço para não se mostrar irritado.

– Vossa Majestade diz “corre”, mas não seria mais certo dizer “corria”? Conheceu este país há centenas... talvez milhares de anos. Pode muito bem ter mudado. Um desabamento de terra pode ter arrastado parte daquela encosta, deixando a rocha a descoberto e dando origem aos precipícios do outro lado do desfiladeiro. E depois, durante anos e anos, o Veloz foi escavando o leito, até que deste lado se formaram estes pequenos precipícios. Também pode ter havido um tremor de terra ou qualquer coisa parecida.

– Não tinha pensado nisso – disse Pedro.

– De qualquer modo, mesmo que este não seja o Veloz, a verdade é que corre para o Norte e certamente vai desaguar no Grande Rio. Acho que, ao vir, passei por lá. Se formos para a direita, seguindo a corrente, chegaremos ao Grande Rio. Talvez não precisamente no ponto que

pretendíamos, mas não será pior do que se tivéssemos vindo por onde eu dizia.

– Bem bolado, Trumpkin – disse Pedro. – Vamos embora! Por aqui, por este lado do desfiladeiro.

– Olhem, olhem! – gritou Lúcia.

– O quê? Onde? – disseram todos.

– O Leão! – disse Lúcia. – Aslam! Vocês não viram? – Estava transfigurada, com os olhos em fogo.

– Você acha mesmo que...? – começou a dizer Pedro.

– Onde você pensa que o viu? – indagou Susana.

– Por favor, não falem como pessoas grandes! – disse Lúcia batendo o pé. – Não penso que vi! Vi mesmo!

– Mas onde, Lu? – perguntou Pedro.

– Lá em cima, entre aquelas roseiras do mato. Não, deste lado do precipício. Lá em cima, não embaixo. Do lado contrário ao que vocês querem ir. Aslam queria que fôssemos por onde ele estava... lá em cima.

– Como é que sabe o que ele queria? – perguntou Edmundo.

– Bem... ele... pela cara dele!

Perplexos, os outros entreolharam-se em silêncio.

– Pode ser muito bem, Real Senhora, que tenha visto um leão – disse Trumpkin. – Dizem que há leões nestas florestas. Mas quanto a ser um leão amigo, daqueles que falam, sei lá: pode ser como o urso...

– Que besteira! – exclamou Lúcia. – Acha que não sou capaz de reconhecer Aslam se o vir?

– Se é um conhecido de outros tempos, deve estar bastante velho! – replicou Trumpkin. – E, ainda que seja o mesmo, quem é que nos garante que não se tenha tornado feroz como tantos outros?

Lúcia ficou vermelha de raiva. Se Pedro não a segurasse pelo braço, teria caído em cima do anão.

– O N.C.A. não entende. E como haveria de entender? Você tem de partir de um princípio, Trumpkin: nós realmente conhecemos Aslam... um

pouco, é claro. E não deve mais falar dele desse jeito. Em primeiro lugar, não é coisa que lhe dê boa sorte. Além disso, é asneira grossa. O problema é saber se Aslam estava de fato lá em cima.

– Mas eu tenho certeza! – gritou Lúcia, com os olhos cheios de lágrimas.

– Ora, Lúcia, você tem certeza, mas nós não temos! – disse Pedro.

– O melhor é pôr em votação – propôs Edmundo.

– Apoiado! – concordou Pedro. – O N.C.A. é o mais velho. Seu voto: vamos por cima ou por baixo?

– Por baixo. Não entendo nada de Aslam. Mas sei que, se voltarmos à esquerda e formos lá por cima, poderemos andar um dia inteiro sem conseguir passar para o outro lado. Mas, se cortarmos pela direita e seguirmos por baixo, em poucas horas estaremos no Grande Rio. Além disso, se há mesmo leões, acho que é mais interessante fugir do que ir ao encontro deles.

– Qual a sua opinião, Susana?

– Não fique zangada, Lu, mas acho que realmente é melhor ir por baixo... Estou muito cansada, e o que me interessa é sair quanto antes desta mata horrível. E, para dizer a verdade, só você, ninguém mais, viu alguma coisa!

– Você, Edmundo?

– Bem, há uma coisa a considerar – disse Edmundo, falando depressa, muito corado. – Quando descobrimos Nárnia, há um ano... ou há mil, sei lá... foi justamente Lúcia quem descobriu primeiro, e nós não quisemos acreditar nela. Eu fui o pior, sei disso. Ora, ela tinha razão. Não seria justo que desta vez acreditássemos? Por mim, proponho que se vá por cima.

– Oh, Ed! – exclamou Lúcia, agarrando-lhe as mãos.

– É sua vez, Pedro – disse Susana – e espero que...

– Cale a boca... deixe-me pensar! Prefiro não votar.

– Você é o Grande Rei – censurou Trumpkin.

– Vamos por baixo – disse Pedro, depois de longo silêncio. – Pode ser que Lúcia tenha razão, mas não tenho certeza. Mas temos de decidir uma

coisa ou outra.

Assim puseram-se a caminho, seguindo a corrente do rio pela margem direita. Lúcia ia atrás de todos, chorando amargamente.

10
O RETORNO DO LEÃO

Seguir à beira do precipício não era tão fácil como parecia. Mal tinham andado alguns metros, encontraram pela frente abetos novos. Depois de terem gasto uns bons dez minutos a querer avançar de rastos, compreenderam que, naquele passo, levariam uma hora para cobrir pouco mais de meio quilômetro. Voltaram atrás e resolveram contornar o pinhal. Foram sair muito para a direita, num lugar de onde não avistavam os penhascos nem ouviam o rio, e receavam tê-lo perdido de todo. Ninguém sabia que horas eram, mas o calor estava no auge.

Quando conseguiram por fim chegar à beira do desfiladeiro (cerca de quilômetro e meio abaixo do ponto de partida), viram que os rochedos ali eram muito menores e mais recortados. Não tardou que encontrassem um caminho, que os levou ao fundo do desfiladeiro, continuando depois pela margem do rio. Antes pararam para descansar e beber água. Já ninguém falava na possibilidade de almoçar ou mesmo jantar com Caspian.

Fora acertada talvez a decisão de seguirem o Veloz, em vez de irem lá por cima. Assim tinham a certeza do rumo; desde que se tinham perdido no pinhal, o que mais receavam era afastarem-se do caminho e se perderem na floresta. Era uma velha floresta, sem caminhos, onde não se podia pensar em seguir em linha reta. A todo o momento, maciços de arbustos, árvores caídas, charcos pantanosos e uma densa vegetação rasteira cortavam o avanço. Mas o desfiladeiro também não era convidativo para viajantes, isto é, nada agradável para gente apressada. Para um passeio ou um piquenique seria maravilhoso. Nada faltava ali das coisas que dão encanto a um momento desses: cascatas prateadas, profundos lagos nacarados, penedos musgosos, avencas de todos os tipos, insetos coloridos; de vez em quando, um falcão voando alto e até (pelo menos foi o que pensaram Pedro e Trumpkin) uma águia. E claro que agora queriam encontrar o mais depressa possível o Grande Rio, o Beruna e o caminho para o Monte de Aslam.

À medida que avançavam, o Veloz se fazia mais caudaloso. A viagem perdeu o ar de passeio e começou a parecer cada vez mais uma escalada, bem perigosa aqui e ali, pois tinham de passar sobre rochas escorregadias, que ameaçavam precipitá-los em abismos tenebrosos, do fundo dos quais se elevava o rugido furioso do rio.

Você não calcula com que ansiedade observavam os rochedos à esquerda, à procura de um caminho por onde pudessem subir; mas os rochedos permaneciam fechados, sem piedade.

Era de enlouquecer, tanto mais porque sabiam que, se saíssem do desfiladeiro, teriam à esquerda uma encosta suave, e pouco precisariam andar para se juntar a Caspian.

O anão e os meninos achavam que era hora de parar para acender uma fogueira e assar um pouco de carne. Susana se opunha. Só pensava em "ir em frente e acabar logo com tudo aquilo, saindo daquelas malditas matas!" Lúcia estava tão cansada e deprimida que nem chegava a ter opinião. Aliás, como ali não havia lenha seca, pouco valia a opinião de cada um. Esfomeados, os jovens chegaram a perguntar se a carne crua seria mesmo tão repugnante como se diz. O anão garantiu-lhes que sim.

– Finalmente! – exclamou Susana.

– Oba! – exclamou Pedro.

O rio acabava de fazer uma curva, e se desenrolava diante deles um vasto panorama. Rasgava-se a seus pés o campo descoberto, que alcançava a própria linha do horizonte, e a separá-los dele a larga fita prateada do Grande Rio. Reconheceram o sítio largo e baixo a que outrora chamavam de Passo do Beruna e por sobre o qual se elevava agora uma grande ponte com muitos arcos. Do outro lado da ponte via-se uma pequena cidade.

– Ora, viva! – exclamou Edmundo. – Foi ali que travamos a batalha do Beruna.

Essa idéia, mais do que outra qualquer, animou o grupo. Pois ninguém pode deixar de sentir-se mais forte em face do lugar onde, séculos antes, teve uma vitória retumbante, para não se falar de um reino. Passado um pouco, Pedro e Edmundo estavam de tal modo entusiasmados a discutir a batalha que se esqueceram dos pés doloridos e do peso incômodo das cotas de malha. O entusiasmo contagiara o anão.

O caminho parecia-lhes agora mais suave, e avançavam todos com o passo mais rápido. Ainda que à esquerda continuassem a ver somente penhascos, à direita o terreno ia ficando cada vez menos acidentado. Não tardou que o desfiladeiro se transformasse num vale. Depois desapareceram as quedas-d'água e voltaram a penetrar em floresta fechada.

Aí... de repente... *zzzt*! E logo em seguida um ruído que parecia coisa de pica-pau. As crianças, espantadas, se perguntavam onde é que (havia anos e anos) tinham ouvido um som parecido, e por que este lhes desagradava tanto, quando Trumpkim gritou:

– Todo mundo no chão!

No mesmo instante o anão obrigou Lúcia (era quem estava mais perto) a deitar-se sobre as avencas. Pedro, que estivera olhando para todos os lados, para ver se descobria um esquilo, viu do que se tratava: uma longa seta, passando-lhe por cima da cabeça, fora cravar-se no tronco de uma árvore. No momento em que obrigava Susana a deitar-se e se atirava ele próprio ao chão, outra seta raspou-lhe o ombro e cravou-se na terra.

– Depressa! Vamos fugir de rastos! – repetia Trumpkin, ofegante.

Voltaram-se e, ocultando-se nas avencas, rastejaram colina acima, perseguidos por verdadeira nuvem de moscardos, que zumbiam sinistramente. As setas cruzavam-se em torno. Com uma vibração metálica, uma foi bater no elmo de Susana, fazendo ricochete. Rastejaram mais depressa, encharcados de suor. Levantaram-se e, quase dobrados em dois, começaram a correr.

Era de matar... ter de subir outra vez a encosta toda, pelo mesmo caminho que tinham percorrido. Quando sentiram que mesmo para salvar a vida não conseguiriam dar nem mais um passo, deixaram-se cair ofegantes no musgo úmido, perto de uma cascata, detrás de um penedo. Ficaram admirados com a distância que tinham conseguido subir.

Nenhum som denunciava que estivessem sendo perseguidos.

– Parece que estamos salvos! – disse Trumpkin, respirando fundo. – Devem ser sentinelas. Agora já sabemos que Miraz tem aqui um posto avançado. Com trinta mil diabos! A coisa está feia!

– Eu merecia ser esfolado vivo por ter trazido vocês por este caminho – disse Pedro.

– De modo algum, Real Senhor – contrariou o

anão. – Até porque foi o seu Real Irmão quem primeiro sugeriu que viéssemos pelo Espelho d'Água.

– O N.C.A. tem razão – concordou Edmundo, que se esquecera completamente disso quando as coisas começaram a correr mal.

– Além disso – continuou Trumpkin – , se tivéssemos ido por onde eu dizia, o mais certo era cairmos direitinho neste novo posto. Ou pelo menos teríamos encontrado a mesma dificuldade em evitá-lo. Pensando bem, este caminho parece o mais seguro.

– Pode ser até uma bênção disfarçada – falou Susana.

– Muito bem disfarçada! – exclamou Edmundo.

– O jeito agora é voltar e subir o desfiladeiro – disse Lúcia.

– Muito bem, Lúcia! – falou Pedro. – Não há maneira mais delicada de dizer: "Eu não falei?". Vamos.

– E quando chegarmos à floresta, digam lá o que disserem, acendo uma fogueira e faço o jantar – declarou Trumpkin. – Mas temos é de cair fora daqui. Quanto antes!

Nem vale a pena contar o que lhes custou subir o desfiladeiro. Mas, por estranho que pareça, todos se sentiam mais animados. A palavra "jantar" tinha produzido neles um efeito mágico.

Era ainda dia quando chegaram ao pinhal que tantas complicações lhes trouxera e acamparam numa cavidade que ficava por cima. Juntar lenha para a fogueira foi uma tarefa enjoada; mas depois foi esplêndido, quando as labaredas começaram a subir e todos tiraram da bolsa os embrulhos úmidos e engordurados da carne de urso, que teriam parecido repugnantes a quem tivesse passado o dia em casa. O anão era muito bom de culinária. Tinham ainda algumas maçãs: cada uma foi envolvida numa fatia de urso, como se fosse uma torta de maçã – só que, em vez de massa, era uma camada grossa de carne – espetada num pau, para ser assada. O sumo da maçã penetrou na carne, como acontece com a carne de porco com molho de maçã. Quando o urso se alimenta principalmente de outros animais, não é lá muito saboroso, mas quando come muita fruta e mel é pra lá de bom; por feliz coincidência, aquele urso era exatamente desses. Foi uma refeição

de lamber os beiços. E no fim nem sequer havia louças para lavar... Deitaram-se, estenderam as pernas e ficaram conversando, observando o fumo que se elevava do cachimbo de Trumpkin. Estavam todos cheios de esperança de encontrar Caspian no dia seguinte; e tinham também a esperança de derrotar Miraz dentro de poucos dias. Claro que toda essa boa disposição não era muito lógica, mas a verdade é que se sentiam felizes.

Não demorou que adormecessem.

Lúcia acordou de um sono profundo, com a sensação de que uma voz (a que mais queria no mundo) a estava chamando. Pensou que talvez fosse a voz do pai, mas não tinha certeza disso. Pensou depois que fosse a de Pedro, mas logo viu que também não podia ser. Não tinha vontade de se levantar, não porque ainda estivesse cansada (pelo contrário, sentia-se extraordinariamente repousada e as dores do corpo tinham desaparecido por completo), mas porque se sentia bem e extremamente feliz. Olhava a lua de Nárnia, que é maior do que a nossa, e o grande céu estrelado, pois tinham acampado num lugar descoberto.

– Lúcia! – ouviu chamar, outra vez, uma voz que não era nem do pai nem de Pedro.

Sentou-se, tremendo de excitação, mas sem medo. O luar brilhava tanto que a paisagem florestal em redor tinha a claridade do dia, embora de aspecto mais fantástico. Por detrás dela ficava o pinhal; à direita, um pouco longe, o desfiladeiro terminava em penedos escarpados; em frente estendia-se um relvado que terminava ao alcance de uma flechada, dando lugar a uma clareira, onde cresciam algumas árvores.

– Parece que estão mexendo! – falou para si mesma. – Estão andando!

Com o coração batendo descompassadamente, levantou-se e avançou para lá. Pairava na clareira um certo murmúrio, como o que faz a ventania na copa das árvores, ainda que não corresse nem a mais leve aragem. Mas também não era o sussurro costumeiro da folhagem. Lúcia sentiu que naquele murmúrio havia uma certa melodia, que todavia não conseguia captar, assim como na véspera não fora capaz de entender as palavras, quando as árvores pareciam falar-lhe. Mas já não podia haver dúvida de que as árvores estavam andando., passando umas pelas outras e cruzando-se como se executassem uma complicada dança campestre.

Já estava quase entre as árvores. A primeira para a qual olhou pareceu-lhe ser não uma árvore, mas um homem enorme, de barba desgrenhada e grandes tufos cabeludos. Isso para ela já não era novidade, e não se assustou. Mas, quando voltou a olhar, a árvore, se bem que continuasse a mexer-se, era apenas uma árvore. O que não percebia bem era se tinha raízes ou pés, pois quando as árvores se deslocam não andam na superfície da terra: deslizam por dentro dela, como fazemos nós na água. O mesmo aconteceu com todas as outras árvores. Num momento pareciam encantadores gigantes, forma que assumem quando qualquer poder mágico amigo as chama plenamente à vida. Logo em seguida, voltavam a ser simplesmente árvores. O engraçado é que, como árvores, eram árvores estranhamente humanas, e, como pessoas, eram estranhamente folhosas e ramalhudas... e o tempo todo aquele ruído alegre, nascente, rumorejante.

– Estão quase despertando! – disse, sentindo-se ela própria mais acordada do que nunca.

Meteu-se pelo meio, muito confiante, dançando e saltando para um lado e para o outro, temerosa apenas de que algum daqueles gigantescos dançarinos esbarrasse nela. Mas isso só a preocupava um pouco, pois seu desejo era ir além das árvores, ao encontro de alguma outra coisa, porque fora de lá que chamara a voz querida.

Não demorou a atingir o outro lado, perguntando a si mesma se tivera de afastar os ramos com as mãos ou se fora levada pelos gigantescos dançarinos. Finalmente saiu da mobilidade confusa dos maravilhosos contrastes de sombra e luz.

Em redor de um macio relvado, árvores negras bailavam. E então... que alegria! No meio delas, o Grande Leão, branco de luar, projetava uma enorme sombra escura.

Se não fosse o movimento da cauda, poderia ser tomado por uma estátua. Lúcia nem sequer pensou nessa hipótese. Nem um instante duvidou... Correu para ele. Não podia perder um só momento. Envolveu-lhe o pescoço com os braços, beijando-o, enterrando a cabeça no sedoso pêlo de sua juba.

– Aslam! Querido Aslam! – soluçou. – Até que enfim!

O grande animal deitou-se de lado, de modo que Lúcia caiu, ficando meio sentada e meio deitada entre as suas patas dianteiras. Ele inclinou-se e com a língua tocou o nariz da menina, que se sentiu envolvida pelo seu bafo quente. Ela levantou os olhos e fixou-os no grande rosto sério.

– Foi bom ter vindo – disse ele.

– Aslam, como você está grande!

– É porque você está mais crescida, meu bem.

– E você, não?

– Eu, não. Mas, à medida que você for crescendo, eu parecerei maior a seus olhos.

Lúcia sentia-se tão feliz que nem queria falar. Aslam quebrou o silêncio.

– Lúcia, não podemos nos demorar muito aqui. Vocês têm uma tarefa a cumprir e hoje já perderam muito tempo.

– Que vergonha, não acha? Tinha certeza de que era você. Mas eles não quiseram acreditar... São todos uns...

Lá muito de dentro, das próprias entranhas de Aslam, veio qualquer coisa que, vagamente, sugeria um rosnar de impaciência.

– Desculpe! – disse Lúcia, ao entender tudo. – Não queria pôr a culpa nos outros. Mas a verdade é que a culpa não foi minha.

O Leão fitou-a bem nos olhos.

– Oh, Aslam, acha que eu errei? Como é que eu... podia deixar os outros e vir sozinha encontrar-me com você? Não olhe para mim desse jeito... bem... de fato... talvez eu pudesse. Sei que com você não estaria sozinha. Mas ia adiantar alguma coisa?

Aslam não respondeu.

– Mesmo assim teria sido melhor? – perguntou Lúcia, com a voz sumida. – Mas como? Aslam, por favor, diga-me.

– Dizer o que teria acontecido? Não, a ninguém jamais se diz isso.

– Oh, que pena! – exclamou Lúcia.

– Mas todos podem descobrir o que vai acontecer – continuou Aslam. – Se voltar agora e acordar os outros para contar-lhes outra vez o que viu, e disser que eles se levantem imediatamente e me sigam... que acontecerá? Só há um modo de saber...

– É o que quer que eu faça?

– É, minha criança – respondeu Aslam.

– E os outros também vão ver... você.

– A princípio, não. Talvez mais tarde.

– Mas aí eles não vão acreditar!

– Não faz mal.

– Ora essa, ora essa! E eu que estava tão feliz por tê-lo encontrado de novo. Pensei que ficaria a seu lado. Pensei que você viria rugindo e que os inimigos fugiriam de medo... como da outra vez. Afinal, vai ser horrível.

– Será difícil para você, querida, mas as coisas nunca acontecem duas vezes da mesma maneira. Todos nós já passamos momentos difíceis em Nárnia.

Lúcia escondeu o rosto na juba. Mas devia haver nela algum poder mágico, pois ela se sentiu invadida pela força do Leão. Sentando-se de repente, disse:

– Desculpe, Aslam. Estou pronta.

– Agora você é uma leoa – disse ele. – Nárnia inteira será renovada. Venha, não temos tempo a perder.

Levantou-se e sem ruído dirigiu-se majestosamente para o círculo das árvores dançarinas. Lúcia pousava na juba sua mão trêmula. As árvores afastavam-se para deixá-los passar, assumindo nesse instante a plena forma humana. Num relance, Lúcia viu deuses e deusas da floresta, altos e graciosos, curvando-se perante o Leão. Daí a pouco, eram outra vez árvores, mas curvando-se ainda, com movimentos tão graciosos dos ramos e troncos, que a própria reverência era uma espécie de dança.

– Espero por você aqui – disse Aslam, depois de terem ultrapassado as árvores. – Vá acordar os outros: eles devem segui-la. Se não quiserem vir, você pelo menos terá de acompanhar-me.

É desagradável ter de acordar quatro pessoas mais velhas, ainda por cima cansadas, para dizer-lhes uma coisa em que provavelmente não irão acreditar, e para convencê-las a fazer aquilo que não querem. Lúcia disse para si mesma: “É melhor nem pensar! Tenho é de ir em frente e aceitar o desafio!”

Sacudiu Pedro, chamando baixinho:

– Pedro! Depressa, Aslam está aqui. Mandou que a gente vá atrás dele imediatamente.

– É claro, Lu! Como quiser – concordou Pedro, para o espanto dela. A resposta fora animadora, mas logo Pedro virou-se para o outro lado e continuou a dormir.

Voltou-se para Susana, que acordou mesmo, mas apenas para dizer, com o ar aborrecido de um adulto:

– Vá dormir, Lúcia. Você deve estar sonhando.

Resolveu tentar com Edmundo. Não foi fácil acordá-lo, mas, quando de fato acordou, sentou-se logo:

– Hein?! – disse, numa voz cheia de sono. – Que é que você está dizendo?

Ela repetiu tudo do princípio, e esta era a parte pior da missão, porque, cada vez que falava, a coisa lhe parecia menos convincente.

– Aslam! – exclamou Edmundo, dando um pulo.

– Puxa vida! Onde está ele?

Lúcia voltou-se para onde o Leão a esperava, com os olhos meigos fixos nela. Apontou: – Ali.

– Onde?

– Ali. Não está vendo? Perto daquela árvore. Edmundo olhou atentamente e disse:

– Está ali coisa nenhuma! Foi o luar que pôs você meio pateta! Isso acontece! Também achei que vi alguma coisa, mas foi uma daquelas coisas óticas... como é mesmo?...

– Mas eu estou vendo Aslam! – insistiu Lúcia.

– E ele está olhando para nós!

– Então, diga-me uma coisa: por que não vejo Aslam?!

– Ele disse... que talvez... você não pudesse vê-lo.

– Ora essa! Por quê?

– Não sei. Foi ele que disse.

– Mas que chateação! Seria melhor que você deixasse de ter visões. Enfim, de qualquer modo, vamos acordar os outros.

11
O LEÃO RUGE

Quando finalmente todos estavam acordados, Lúcia contou a história pela quarta vez. Nada podia ser mais desanimador do que o silêncio que se seguiu.

– Não consigo ver nada – declarou Pedro, depois de ter olhado tão fixamente que os olhos lhe doíam. – Está vendo alguma coisa, Su?

– Claro que não! – disse Susana, mal-humorada. – Pois se não há nada para ver! Ela anda é sonhando. É melhor você dormir, Lúcia.

– Só queria que vocês viessem comigo – disse Lúcia, com voz trêmula. – Porque... porque, se não quiserem, terei de ir sozinha.

– Não diga tolice – resmungou Susana. – Você sabe muito bem que não pode ir sozinha.

– Se ela tiver mesmo de ir, eu vou com ela – disse Edmundo. – Da outra vez quem tinha razão era ela.

– Sei disso – replicou Pedro – , e pode até ser que ela estivesse certa também hoje de manhã. A verdade é que aquela idéia do desfiladeiro foi um passo em falso. Mas... a esta hora da noite... E por que Aslam iria ficar invisível para nós? Nunca esteve!... Não é coisa dele! Que diz você, N.C.A.?

– Não digo nada – respondeu o anão. – Se todos forem, também vou. Se se dividirem, fico com o Grande Rei. Só assim poderei cumprir o meu dever para com ele e para com o rei Caspian. Mas, se querem o parecer de um anão ignorante, acho que não há grandes possibilidades de encontrarmos o caminho à noite, uma vez que nem de dia demos com ele. E não gosto nada desses leões milagrosos, que sabem falar mas não falam, que são bons mas não mostram isso, e que, ainda por cima, são enormes e

aparecem de repente, e não há quem consiga vê-los. Para mim, isso tudo é lorota – na minha modesta opinião.

– Está batendo com a pata no chão para andarmos depressa – disse Lúcia. – Tenho de ir logo... pelo menos eu vou!

– Você não tem o direito de impor a sua vontade. Afinal, somos três contra um – declarou Susana – e você é a caçula.

– Vamos embora! – disse Edmundo, impaciente. – É claro que temos de ir; enquanto não formos, não ficaremos sossegados.

Estava firmemente decidido a apoiar Lúcia, mas a idéia de perder a noite lhe era incômoda; vingava-se então fazendo tudo com má vontade.

– Então, a caminho! – disse Pedro, com um ar cansado, passando o braço pela correia do escudo e colocando o elmo. Em outra circunstância, não deixaria de dizer a Lúcia uma palavra amável, mesmo porque era sua irmã favorita, e sabia também que ela não tinha culpa do que estava acontecendo. Mas, ao mesmo tempo, não podia deixar de sentir-se um tanto aborrecido com ela. Susana foi a pior.

– E imaginem se agora eu começasse a fazer a mesma coisa que Lúcia! Podia ameaçar de ficar aqui, mesmo que todos fossem embora. Acho até que vou fazer isso.

– Obedeça ao Grande Rei, Real Senhora, e vamos partir – disse Trumpkin. – Já que não me deixam dormir, tanto faz caminhar como ficar aqui conversando.

Puseram-se a caminho. Lúcia ia à frente, mordendo os lábios, dominando-se para não dizer a Susana tudo o que pensava dela. Mas, logo que encontrou o olhar de Aslam, foi-se a irritação. Ele avançava uns trinta metros à frente deles. Os outros tinham de guiar-se apenas pelas indicações de Lúcia, porque não ouviam nem viam Aslam. Suas grandes patas aveludadas pousavam na relva sem o menor barulho.

Aslam levou-os direitinho às árvores dançantes (se dançavam naquele momento é que ninguém sabe, pois Lúcia não tirava os olhos do Leão, e os outros não tiravam os olhos dela) e seguiu em direção ao desfiladeiro.

– Com mil bombas! – resmungou Trumpkin. – Espero que essa brincadeira toda não vá acabar numa escalada ao luar, com pernas e braços

quebrados.

Durante muito tempo, Aslam manteve-se no cimo do desfiladeiro, mas, quando apareceu um tufo de árvores à direita, virou para lá e desapareceu entre elas. Lúcia teve um sobressalto, pois lhe pareceu que ele sumira no abismo. Não teve muito tempo para pensar. Apressou o passo e desapareceu também no arvoredo. Podia ver agora uma vereda íngreme que se contorcia entre penhascos, conduzindo ao desfiladeiro. Aslam avançava por lá. Lúcia bateu palmas de alegria e começou a descer atrás dele. Ouviu os outros gritarem:

– Lúcia! Pare! Espere, pelo amor de Deus! Você está na beirada do abismo! Volte!

Daí a pouco era Edmundo que dizia:

– Oh, ela tem razão! Está tudo bem. Há um caminho.

Quando Edmundo conseguiu alcançá-la, perguntou, excitado:

– Olhe, ali, uma sombra mexendo!...

– É a sombra dele – respondeu Lúcia.

– Acho que você tem razão, Lu. Como é que não vi Aslam antes? Mas onde ele está?

– Ao pé da sombra, evidente! Não está vendo?

– Bem... por um instante acho que vi qualquer coisa. Está uma luz tão esquisita.

– Para a frente, rei Edmundo – veio lá de trás e lá de cima a voz de Trumpkin.

E ainda mais atrás e mais acima Pedro dizia:

– Vamos, Susana, dê a mão. Deixe de enjoamento. Qualquer criança seria capaz de descer por aqui.

Passados alguns minutos, estavam no fundo do desfiladeiro, com a água rugindo-lhes ao ouvido. Avançando cautelosamente, como se fosse um gato, Aslam atravessou o rio, saltando de pedra em pedra. No meio da corrente parou, baixou-se para beber e, ao levantar a cabeça, sacudiu a juba orvalhada, virando-se para eles. Dessa vez Edmundo pôde vê-lo.

– Oh, Aslam! – gritou, precipitando-se a seu encontro. Mas o Leão deu meia-volta e começou a subir a encosta do outro lado do Veloz.

– Pedro, Pedro! – gritou Edmundo. – Você o viu?

– Vi, vi qualquer coisa. Mas está tudo tão confuso com este luar. Vamos em frente, e três vivas para Lúcia. Já nem me sinto tão cansado.

Sem hesitar, Aslam foi subindo à esquerda. Tudo naquela caminhada era estranho, como se acontecesse em sonho: o rio bramindo, a relva úmida, os penhascos cintilantes... Mais extraordinário que tudo, a marcha silenciosa do grande animal. Agora, todos o viam, menos Susana e o anão.

Outro atalho, tão íngreme como o primeiro, ziguezagueava por novos precipícios, muito mais altos do que os anteriores. Longa e difícil foi a subida. Felizmente a lua brilhava bem sobre a garganta, de modo que nenhum dos lados estava na sombra.

Lúcia estava quase desfalecendo quando a cauda e as patas traseiras de Aslam desapareceram no alto. Com um esforço final, arrastou-se atrás dele e encontrou-se, ofegante e trêmula, no cimo da colina que tinham tentado alcançar desde a partida do Espelho d'Água. Uma vasta encosta alongava-se suavemente por cerca de um quilômetro, coberta de espinheiros e relva e, de quando em quando, salpicada de grandes rochedos, brancos ao luar, desaparecendo depois numa confusão de árvores. Era a colina da Mesa de Pedra, que Lúcia conhecia bem. Com um tilintar de cotas de malha, os outros subiram atrás dela, continuando depois atrás de Aslam.

– Lúcia! – chamou Susana, baixinho.

– Que é?

– Agora estou vendo Aslam. Desculpe-me.

– Não tem importância.

– Mas sou muito pior do que você pensa. Acreditei que era ele... acreditei ontem mesmo... quando ele não queria que fôssemos pelo pinhal. E acreditei também hoje, quando você nos acordou. Isto é... no fundo acreditei... Ou podia ter acreditado, se quisesse... Mas estava com tanta pressa de sair da floresta... e... não sei como vou explicar. O que vou dizer a ele agora?

– Talvez não precise dizer mais nada.

Não tardou que se encontrassem junto das árvores e vissem através delas o Monte de Aslam, construído sobre a Mesa de Pedra, já tempos depois do tempo deles.

– A guarda não está no posto – resmungou Trumpkin. – Já deviam ter barrado a nossa marcha...

– Psiu! – fizeram os outros quatro, porque Aslam parará e, tendo-se voltado, olhava para eles com um aspecto tão majestoso que todos ficaram contentes, tão contentes quanto é possível a pessoas que sentem medo, e tão cheios de medo quanto é possível a pessoas que se sentem contentes. Os rapazes avançaram. Lúcia afastou-se para lhes dar passagem. Susana e o anão recuaram.

– Aslam! – exclamou Pedro, pondo um joelho em terra e levantando a pesada pata do Leão até tocar com ela no rosto. – Estou tão contente... e tão triste! Desde que partimos que os tenho trazido por caminho errado, e ontem foi pior do que nunca.

– Meu filho! – disse Aslam.

Depois voltou-se para Edmundo e deu-lhe as boas-vindas:

– Muito bem! – foram as suas palavras. – Depois de um silêncio terrível, disse com voz grave: – Susana! – Susana não respondeu e pareceu aos outros que estava chorando. – Você deixou que o medo a dominasse. Venha, deixe que sopre sobre você. Esqueça seus receios. Está melhor agora?

– Um pouco, Aslam – disse Susana.

– Pois bem! – continuou Aslam, em voz tão forte que quase parecia um rugido, fustigando os flancos com a cauda. – Onde está aquele anãozinho, esse famoso espadachim e arqueiro, que não acredita em leões? Aproxime-se, filho da Terra, venha aqui\ – A última palavra já não parecia um rugido, era quase um rugido de verdade.

– Com mil demônios! – murmurou Trumpkin, com a voz sumida.

As crianças, que conheciam Aslam o suficiente para perceber que ele gostava muito do anão, não ficaram impressionadas. Mas com Trumpkin, que nunca tinha visto um leão, e muito menos aquele, o caso foi diferente.

Fez a única coisa sensata que poderia fazer naquele momento. Em vez de fugir, cambaleou na direção de Aslam, que se lançou sobre ele.

Você já viu alguma vez uma gata com o filhote entre os dentes? Pois foi muito parecido. O anão,

encolhido num feixe miserável, pendia entre os dentes de Aslam, que o sacudia. A pequenina armadura tilintou como se fosse um guizo e em seguida... zztl... o anão foi atirado para o ar. Se estivesse na cama não estaria mais seguro, mas ele não se sentia assim. Ao cair, as enormes patas aveludadas envolveram-no como se fossem braços de mãe e depuseram-no no chão (com a cabeça para cima e os pés para baixo).

– Filho da Terra, seremos amigos? – perguntou Aslam.

– S... S... Sim! – respondeu o anão, ainda ofegante.

– Bem, não tarda que a Lua fique encoberta. Vejam como a aurora está rompendo. Não temos tempo a perder. Depressa, para o Monte! – disse Aslam.

O anão ainda não conseguia dizer uma palavra, e ninguém se atreveu a perguntar se Aslam iria com eles. Desembainharam as espadas, saudaram o Leão e, voltando-se com um tinir de armaduras, desapareceram na luz indecisa da manhã. Lúcia reparou que a expressão de cansaço lhes desaparecera do rosto, e tanto o Grande Rei como o rei Edmundo pareciam agora mais homens do que meninos.

As meninas, junto de Aslam, ficaram olhando até eles se perderem de vista. O dia estava clareando. No oriente, perto da linha do horizonte, Aravir, a estrela da manhã de Nárnia, brilhava como um pequeno sol. Aslam, que parecia muito maior, levantou a cabeça, sacudiu a juba e rugiu.

O som, a princípio grave e vibrante como o de um órgão que se começa a tocar em nota baixa, foi-se elevando e tornando mais forte, até fazer vibrar a terra e o ar. Partindo da colina, espalhou-se pelo país todo. No acampamento de Miraz, os homens acordaram, entreolharam-se assustados e precipitaram-se para as armas. Lá embaixo, no Grande Rio, onde o frio era intenso naquela hora, as cabeças e os ombros das ninfas e a grande cabeça barbuda e coroada de junco do deus do rio emergiram da água. Mais longe, em todos os campos e nos bosques, as orelhas atentas dos coelhos saíram das tocas, as aves sonolentas retiraram as cabeças de debaixo das

asas, as corujas piaram, as raposas ganiram, os porcos-espinhos grunhiram, as árvores estremeceram. Nas cidades e aldeias, as mães, com olhos rasgados de espanto, apertaram os filhinhos ao peito, os cães latiram, os homens levantaram-se às pressas em busca de uma luz. Muito ao longe, na fronteira norte, os gigantes da montanha espreitaram pelos portões sombrios de seus castelos.

O que Lúcia e Susana viram foi uma coisa indefinida e escura que avançava para elas dos quatro pontos cardeais. Pareceu-lhes a princípio um nevoeiro negro e rastejante, depois ondas enormes de um mar negro crescendo, até que por fim compreenderam que era a floresta em marcha. Todas as árvores do mundo pareciam precipitar-se para Aslam. Mal se aproximavam, no entanto, já não eram árvores. Quando se juntaram ao redor dele, fazendo mesuras e reverências e acenando com seus braços longos e finos, o que Lúcia viu foi uma multidão de formas humanas. Pálidas bétulas-meninas balançavam a cabeça; salgueiros-mulheres afastavam os cabelos do rosto ensimesmado para olharem Aslam; faias majestosas adoravam-no imóveis; e havia carvalhos felpudos, olmos esguios e melancólicos, azevinhos desgrenhados (eles próprios escuros, mas suas mulheres lindas, enfeitadas com frutinhas), e as alegres sorveiras. Todos se inclinavam e se erguiam de novo aos gritos de “Aslam, Aslam”, nas suas vozes variadas: roucas, rangentes ou ondulantes.

A multidão era tão densa e o bailado tão rápido (porque de novo as árvores começaram a bailar), que Lúcia ficou tonta. E nunca chegou a perceber de onde vieram os bailarinos, que em breve cabriolavam por entre as árvores. Um deles era um jovem, vestido com uma pele de corça e trazendo uma coroa de parreira nos cabelos encara-colados. Se não fosse a expressão selvagem que o animava, o rosto teria sido quase belo demais para um rapaz. Na presença dele, sentia-se, como disse Edmundo dias mais tarde, ao vê-lo:

– Aí está um sujeito capaz de fazer qualquer coisa!...

Parecia ser conhecido por muitos nomes, dentre os quais Bromios, Bassareus e Áries. Acompanhava-o um grupo de moças, tão estouvadas quanto ele. E, coisa estranha, por fim apareceu até alguém montado num burro. Todos se puseram a rir e gritar:

– Euan, euan, ê-oooi!

– Isto é uma brincadeira, Aslam? – perguntou o jovem.

E bem podia ser. Mas cada um parecia ter uma idéia diferente sobre do que estavam brincando. Era muito semelhante a cabra-cega, só que se comportavam como se todos tivessem os olhos vendados. Lembrava o jogo do chicote-queimado, mas nunca ninguém encontrava o chicote. E ficou impossível definir a brincadeira quando o homem velho e imensamente gordo, montado no burro, de repente começou a gritar: “Bebidas! Hora das bebidas!,” e pulou do burro. Os outros voltaram a colocá-lo em cima do animal, enquanto este, julgando-se num circo, fazia exibições sobre as patas traseiras. Ramos de videira iam aparecendo em profusão cada vez maior. Eram videiras mesmo, que se enroscavam pelas pernas do povo da floresta. Lúcia levou a mão à cabeça para puxar os cabelos para trás e verificou que puxava um ramo de videira. O burro também estava envolto em vides e tinha a cauda toda emaranhada. De suas orelhas pendia alguma coisa escura. Lúcia olhou atentamente e viu que era um cacho de uvas. E, logo em seguida, quase nada restava do burro: só havia cachos, da cabeça aos pés.

– Bebidas! Bebidas! – gritava o velho.

Todos se puseram a comer, e tenho certeza de que você nunca provou uvas tão boas: firmes e rijas por fora, mas que explodiam numa fresca doçura quando postas na boca. Eram daquelas uvas que Susana e Lúcia nunca se cansavam de comer e que raramente tinham comido antes. Havia uvas aos montes, mais do que se poderia desejar, e absolutamente nada de boas-maneiras. Ecoavam gritos e gargalhadas, até que de repente sentiram que a brincadeira (fosse ela qual fosse) e a festa tinham chegado ao fim. Sentaram-se cansados, voltados para Aslam, à espera de ouvir o que ele ia dizer. Nesse momento, o sol começou a despontar. Lembrando-se de algo, Lúcia disse para Susana:

– Já sei quem eles são!

– Eles, quem?

– O rapaz de expressão selvagem é Baco; o velho é Sileno. Não se lembra de que o Sr. Tumnus nos falou deles... há muitos anos?

– É mesmo, é verdade, mas, Lu...

– Mas o quê?

– Se Aslam não estivesse aqui, não me teria sentido lá muito segura com Baco e suas estouvadas companheiras.

– Nem eu!

12
MAGIA NEGRA E REPENTINA VINGANÇA

Enquanto isso, Trumpkin e os dois meninos chegaram ao escuro arco de pedra que levava ao interior do Monte, e os dois texugos que estavam de sentinela (Edmundo só conseguiu distinguir as duas manchas brancas da cara) saltaram sobre eles, de dentes arreganhados, grunhindo:

– Quem vem lá?

– Trumpkin! – respondeu o anão. – Trago comigo o Grande Rei de Nárnia, vindo do passado.

Os texugos tocaram com os focinhos nas mãos dos meninos.

– Até que enfim! Até que enfim!

– Quer dar-nos uma tocha, amigo? – pediu Trumpkin.

Os texugos acenderam uma tocha, entregando-a ao anão.

– É melhor o N.C.A. ir na frente – disse Pedro – , já que não sabemos o caminho.

Trumpkin empunhou a tocha e avançou pelo túnel escuro. Era um lugar frio, cheio de teias de aranha; de vez em quando, um morcego esvoaçava em redor da luz. Os meninos, que tinham vivido quase sempre ao ar livre desde que deixaram a estação, tiveram a sensação de entrar numa masmorra ou de cair numa armadilha.

– Pedro, repare naquelas coisas gravadas na parede – disse Edmundo baixinho. – Parecem muito velhas e, apesar disso, somos muito mais velhos do que elas. Ainda não existiam quando aqui estivemos.

O anão continuou a andar, virou à direita, depois à esquerda, desceu alguns degraus e voltou a virar para a esquerda. Por fim avistaram luz à

frente, por baixo de uma porta. Tinham chegado à entrada do subterrâneo central e, pela primeira vez, ouviram vozes. Vozes exaltadas, aliás. Alguém falava tão alto que a chegada do anão e dos meninos passou despercebida.

– Hum!... Isto não está me agradando! – segredou Trumpkin para Pedro. – Vamos escutar um pouco.

Ficaram imóveis do lado de fora da porta.

– Você sabe muito bem por que motivo não toquei a trompa naquela madrugada — disse uma voz. (“É o rei”, segredou Trumpkin.) – Já se esqueceu que, mal Trumpkin partiu, Miraz caiu em cima de nós e durante mais de três horas lutamos com todas as nossas forças para salvar a pele? Toquei a trompa logo que pude.

– Claro que não me esqueci – respondeu uma voz irritada. – Como ia me esquecer, se foram os meus anões que suportaram o ataque e se vários deles morreram no campo de batalha?

– É Nikabrik – informou Trumpkin.

– Você devia ter vergonha, anão – censurou uma voz grossa. (“Este é o Caça-trufas!” explicou Trumpkin.) – Todos lutaram tanto quanto os anões, e ninguém mais do que o rei.

– Não faz a menor diferença! – respondeu Nikabrik. – O fato é que ou se tocou a trompa tarde demais, ou ela não possui poder mágico coisa nenhuma. Não veio nem auxílio, nem meio auxílio. Você, seu feiticeiro, seu sabe-tudo, ainda acha que devemos ter esperança em Aslam, no rei Pedro... nessa cambada toda?

– Bem... devo confessar que... não nego que... estou bastante desapontado – foi o que se ouviu.

– É o doutor Cornelius – informou Trumpkin.

– Para falar às claras – declarou Nikabrik – , sua sacola está vazia, seus ovos estão estragados e suas promessas não se cumpriram... Seu peixe papou a isca e se foi! Agora o jeito é você ficar de fora e deixar os outros trabalharem. É por isso que...

– O auxílio ainda vem! – disse Caça-trufas. – Continuo a confiar em Aslam. Por que vocês não são persistentes como nós, os animais? O auxílio há de vir! Pode ser até que já esteja à nossa porta.

– Pois é – rosnou Nikabrik – , se dependesse de vocês, texugos, ficaríamos esperando que o céu viesse abaixo e a terra se abrisse. Já se foi o tempo de esperar! A comida é pouca, a cada embate sofremos mais baixas do que podemos suportar, e os nossos soldados começam a nos deixar.

– E por quê? – perguntou Caça-trufas. – Se você não sabe, eu digo. Porque se espalharam rumores de que invocamos em nosso auxílio os reis dos velhos tempos e eles não responderam. Lembrem-se de que as últimas palavras de Trumpkin antes de partir (quem sabe se ao encontro da morte?) foram estas: “Não deixem o exército saber por que estão tocando a trompa, se tiverem de tocá-la!” Pois na mesma tarde não havia um soldado que não soubesse de tudo!

– Com que direito está insinuando que fui eu que espalhei a informação? Por que não vai enfiar seu focinho numa colméia de abelhas bravas?! — vociferou Nikabrik. – Retire imediatamente o que acabou de dizer... ou...

– Acabem com isso! – pediu o rei Caspian. – Gostaria de saber o que Nikabrik sugere que façamos. Mas, antes de mais nada, quero saber quem são aqueles dois forasteiros, que estão ali parados, ouvindo o que se passa, sem dizer uma palavra.

– São amigos meus – declarou Nikabrik. – Por que razão você próprio está aqui, a não ser pelo fato de ser amigo de Trumpkin e do texugo? E por que está aqui aquele velho bobo, vestido de preto, senão por ser seu amigo? Por que só eu não poderia convidar os meus amigos?

– Você está falando com o rei, a quem jurou fidelidade! – disse Caça-trufas com voz severa.

– Mesuras da corte! – debochou Nikabrik. – Aqui neste buraco, cada um pode dizer o que pensa. Todo mundo sabe que este rapaz telmarino nunca será rei de coisa alguma e de ninguém, a não ser que o ajudemos a sair da embrulhada em que se meteu.

– Talvez os seus novos amigos prefiram falar por eles mesmos – sugeriu o doutor Cornelius. – Vocês aí, digam quem são e o que pretendem.

– Digno doutor e mestre — ouviu-se uma vozinha fina e lamurienta – , sou apenas uma velha, que, com sua licença, está muito grata a este digno anão. Sua Alteza, abençoado seja tão formoso jovem, nada tem a recear de

uma velhinha quase entrevada pelo reumatismo e que nem mesmo tem lenha para acender o fogo. Conheço algumas artes mágicas... nada que se compare com as suas, digno mestre... pequenos feitiços e sortilégios, que poderia usar contra os seus inimigos, se todos estiverem de acordo. Porque detesto a todos eles. Mais do que ninguém.

– Hum! Tudo isso é muito interessante... Muito curioso! – disse o doutor Cornelius. – Creio que já sei quem é a senhora. E agora, Nikabrik, talvez o seu outro amigo também queira falar.

Um calafrio percorreu Caspian, quando uma voz cinzenta e pesada respondeu:

– Sou a fome e a sede. Aquilo que eu mordo, guardo-o comigo até morrer, e, mesmo depois da morte, têm de cortar do meu inimigo aquilo que eu mordi e enterrá-lo comigo. Posso dormir cem noites sobre o gelo, sem gelar. Sou capaz de beber um rio de sangue sem estourar. Mostrem-me os seus inimigos.

– É na presença desses dois amigos que você propõe expor o seu plano? – perguntou Caspian.

– É – respondeu Nikabrik. – E é com a ajuda deles que penso executá-lo.

Durante alguns minutos, Trumpkin e os meninos ouviram Caspian falar em voz baixa com os seus dois amigos, sem perceberem o que diziam. Por fim Caspian disse em voz alta:

– Pois bem, Nikabrik, ouviremos o seu plano. A pausa que se seguiu foi tão prolongada que os

rapazes chegaram a duvidar que Nikabrik iria mesmo falar. Por fim começou num tom muito baixo, como se ele mesmo não estivesse gostando do que dizia.

– Para ir direto ao assunto – murmurou – , nenhum de nós sabe a verdade sobre a antiga Nárnia. Trumpkin nunca acreditou em nenhuma dessas histórias. Quanto a mim, acho que, antes de acreditar, deveríamos colocá-las à prova. Já experimentamos a trompa e ela falhou. Se algum dia existiu um Grande Rei Pedro e uma rainha Susana, um rei Edmundo e uma rainha Lúcia, então eles não nos ouviram ou não têm o poder de aparecer... ou são nossos inimigos.

– Ou estão a caminho – acrescentou Caça-trufas.

– Você pode insistir nisso até que Miraz faça de nós ração para seus cães. Mas, como ia dizendo, experimentamos um dos pontos das velhas lendas e não adiantou nada. Pois bem! As lendas falam de outros poderes, além desses reis e rainhas do passado. Não seria bom invocá-los?

– Se está falando de Aslam, tanto faz invocá-lo ou invocar os reis – disse Caça-trufas. – Pois os reis são súditos dele. Se não manda os seus súditos (e eu não tenho dúvidas de que o fará), acha provável que ele próprio venha?

– Claro que não. Neste ponto estamos de acordo – replicou Nikabrik. – Os reis e Aslam são aliados. Portanto, ou Aslam morreu ou está contra nós. Ou então... algum poder maior do que ele não deixa que ele venha. E ainda que ele viesse... quem nos garante que ficará do nosso lado? A julgar pelo que tenho ouvido, nem sempre foi muito bom para os anões. Nem mesmo para todos os animais. Perguntem aos lobos. Seja como for, só esteve uma vez em Nárnia, pelo que me consta, e não se demorou muito aqui. O melhor, portanto, é a gente não contar com Aslam. Não era dele que eu falava.

Ninguém replicou, e por um momento o silêncio foi tão completo que Edmundo pôde ouvir distintamente a respiração ruidosa do texugo.

– Então, do que está falando? – perguntou Caspian.

– Falo de um poder muito maior do que o de Aslam e que, se a lenda diz a verdade, dominou Nárnia durante anos e anos.

– A Feiticeira Branca?! – exclamaram três vozes ao mesmo tempo. Pelo barulho que se ouviu, Pedro teve a certeza de que três pessoas tinham-se levantado de um salto.

– Sim! – disse Nikabrik, falando distinta e pausadamente. – Falo da Feiticeira Branca! Precisamos de uma força, de uma força que se ponha ao nosso lado. E não diz a lenda que a feiticeira derrotou Aslam e o algemou e o matou sobre aquela mesa que está lá perto daquela luz?

– A lenda diz também que ele ressuscitou – acrescentou o texugo com voz cortante.

– Sim, há quem diga isso... – respondeu Nikabrik. – Mas não se esqueça de que pouco se conta do que ele fez depois. Desapareceu logo da história. Se de fato ressuscitou, como se explica isso? Não acha muito mais natural que tenha continuado morto e que a lenda não fale mais dele pela simples razão de que não há nada mais a falar?

– Foi ele quem coroou os reis e as rainhas – disse Caspian.

– Um rei que alcança uma grande vitória pode muito bem coroar-se a si próprio, sem precisar da ajuda de um leão de circo – retrucou Nikabrik.

Nessa altura ouviu-se um rosnar irritado, muito provavelmente de Caça-trufas.

– Seja como for – continuou Nikabrik – , que aconteceu a esses reis e ao seu reinado? Desapareceram também! Com a Feiticeira Branca a coisa é diferente! Dizem que reinou cem anos... cem anos de inverno sem parar. A isso é que eu chamo poder. Isso tem sentido prático.

– Ora essa! — exclamou o rei. – Pois sabemos todos que ela foi o pior inimigo de Nárnia! Não foi uma tirana dez vezes pior do que Miraz?

– Talvez. Talvez ela tenha sido inimiga dos humanos, se é que havia alguns nesse tempo. Talvez tenha sido má para alguns animais. Parece que foi ela que exterminou os castores: pelo menos não há vestígios deles. Mas foi sempre leal com os anões, e eu, que sou anão, tenho de defender o meu povo. Afirmo uma coisa: nós, os anões, não temos medo da Feiticeira Branca.

– Mas vocês são nossos aliados! – observou Caça-trufas.

– E temos lucrado imensamente com isso, sem dúvida! – ironizou Nikabrik. – Quem é que vocês mandam para as incursões perigosas? Os anões! Quando falta mantimento, cortam a ração de quem?! Dos anões! Quem...?

– Mentira! Tudo isso é mentira! – gritou o texugo.

– E é por isso que, se não são capazes de ajudar o meu povo, procurarei alguém que o ajude!

Nesse momento Nikabrik já gritava.

– Trata-se, portanto, de traição, Nikabrik? – perguntou o rei.

– Meta a espada na bainha, Caspian – disse Nikabrik. – É esse o seu jogo, assassinar-me em pleno Conselho? Não se atreva. Acha que tenho medo de você? São três do seu lado e três do meu: estamos iguais.

– Pois então, vamos! – rosnou Caça-trufas. Mas imediatamente uma voz o interrompeu.

– Parem com isso! – gritou o doutor Cornelius. – Estão indo depressa demais! A feiticeira está morta. Todas as lendas são unânimes nesse ponto. O que, pois, Nikabrik quer dizer com invocá-la?

A voz cinzenta e pesada, que até agora falara apenas uma vez, voltou a ouvir-se:

– Ah, sim. Está morta?...

E logo a voz estridente e lamurienta continuou:

– Oh! O meu querido principezinho não deve preocupar-se com o fato de que a Dama Branca (é assim que costumamos chamá-la) esteja morta. Eminentíssimo doutor, está apenas querendo brincar com uma pobre velha como eu, ao dizer isso. Amável doutor, sapientíssimo doutor, onde é que já se viu uma feiticeira morrer? É sempre possível invocar uma feiticeira!

– Invoque – ordenou a voz cinzenta. – Estamos todos prontos. Trace o círculo e prepare o fogo azul.

A voz de Caspian elevou-se sobre o rosnar cada vez mais forte do texugo e a exclamação irritada de Cornelius.

– Com que então é esse o seu plano, Nikabrik? Você quer recorrer à magia negra e invocar um espírito maldito? Já vejo agora quem são os seus amigos: uma megera e um lobisomem!

Seguiu-se grande confusão. Os animais rosnavam e ouvia-se o tinir do metal. Trumpkin e os meninos entraram correndo, e Pedro, de relance, viu uma criatura cinzenta, horrivelmente descarnada, meio homem e meio lobo, atirar-se a um jovem, que devia ter a idade dele. Ao mesmo tempo, Edmundo viu um anão e um texugo agarrados um ao outro, como se fossem dois gatos enfurecidos. Trumpkin encontrou-se frente a frente com a megera, cujo nariz e queixo se projetavam como se fossem um quebra-nozes, e seus cabelos cinzentos e imundos caíam-lhe sobre o rosto. Agarrara o pescoço do doutor. Com um só golpe de espada, Trumpkin fez-lhe saltar a

cabeça. A luz apagou-se e durante algum tempo só se ouviu o ruído de espadas, dentes, garras, punhos e pés.

– Você está bem, Ed?

– Acho que sim – respondeu ele, ofegante. – Peguei o bruto desse Nikabrik, mas ele continua vivo.

– Com trinta diabos! – exclamou uma voz zangada. – Você está é em cima de mim! Parece um leão!

– Desculpe, N.C.A. – disse Edmundo. – Está melhor agora?

– Não! – rugiu Trumpkin. – Você está com os pés na minha cabeça. Quer tirá-los?

– Onde está o rei Caspian? – perguntou Pedro.

– Estou aqui – respondeu uma voz sumida. — Se é que ainda sou eu!

Alguém riscou um fósforo. Foi Edmundo. A pequena chama iluminou-lhe o rosto pálido e sujo. Às apalpadelas ele conseguiu encontrar uma vela (o azeite da lamparina tinha acabado) e colocá-la acesa em cima da mesa. Várias pessoas se levantaram com esforço, e seis rostos se fitaram na luz indecisa.

– Parece que acabamos com os nossos inimigos – disse Pedro. A megera está ali, morta – e rapidamente desviou os olhos dela. – Nikabrik está morto também. Acho que isto aqui é um lobisomem. Há tempos que não via um bicho desses! Tem corpo de homem e cabeça de lobo, o que significa que o matamos no momento em que passava de homem para lobo. Você, acho, é o rei Caspian...

– Sim, mas não faço a menor idéia de quem seja você.

– E o Grande Rei Pedro! – declarou Trumpkin.

– Bem-vindo, Real Senhor! – disse Caspian.

– Bem-vindo igualmente, Majestade. Não vim para tomar o seu lugar, mas para que ele lhe seja restituído.

– Majestade – ouviu-se uma voz à altura do ombro de Pedro. Este voltou-se e deu de cara com o texugo. Pedro inclinou-se, envolvendo-o com os braços, e beijou-lhe a cabeça peluda: não por sentimentalismo, mas por ser o Grande Rei.

– Valente texugo! Em nenhum momento duvidou de nós!

– Isso é de família, Real Senhor! – disse Caça-trufas. – Sou bicho, e os bichos não mudam assim de uma hora para outra. Além do mais, sou texugo, e os texugos são fiéis.

– Tenho pena de Nikabrik – falou Caspian – , ainda que me tenha odiado desde o momento em que nos conhecemos. De tanto sofrer e odiar ficou azedo por dentro. Se tivéssemos conseguido uma vitória fácil, é possível que em tempo de paz acabasse um bom anão. A única coisa que me consola é não saber quem de nós o matou.

– Você está perdendo sangue! – disse Pedro.

– Foi uma dentada – respondeu Caspian. – Daquela., daquela espécie de lobo.

Levou tempo a desinfetar e a limpar a ferida. Depois Trumpkin disse:

– Pois muito bem! Antes de qualquer coisa, vamos almoçar.

– Aqui, não! – disse Pedro.

– Oh, não! – concordou Caspian com um calafrio. – Temos de mandar retirar os corpos imediatamente.

– Que esses canalhas sejam atirados a um poço! – disse Pedro. – Quanto ao anão, proponho que seja entregue ao seu povo, para que o enterrem à maneira deles.

Almoçaram em outro dos escuros subterrâneos do Monte. Não foi um almoço ideal: Caspian e Cornelius teriam preferido pastéis folheados de faisão; Pedro e Edmundo gostariam de ovos mexidos e café bem quentinho. E, afinal, o que coube a cada um deles foi um pedaço da carne de urso fria (que os meninos traziam no bolso), um pedaço de queijo duro, uma cebola e uma caneca de água. Mas, julgando pela maneira com que se atiraram à comida, qualquer um de nós teria imaginado que saboreavam um petisco delicioso.

13

O GRANDE REI ASSUME O COMANDO

Quando todos acabaram de comer, Pedro disse:

– Aslam e as meninas (refiro-me às rainhas Susana e Lúcia) estão perto. Não sabemos quando Aslam intervirá; será quando ele achar melhor. Entretanto, sem dúvida, o seu desejo é que façamos antes o que pudermos. Dizia você, Caspian, que não podemos enfrentar Miraz em batalha campal...

– Receio que não, Grande Rei – disse Caspian, que sentia grande simpatia por Pedro, mas se encontrava um pouco atrapalhado. Era muito mais estranho para ele encontrar-se com os grandes reis das velhas lendas do que era para estes o encontrar.

– Pois bem – disse Pedro – , sendo assim, desafiarei Miraz para se bater comigo em duelo.

Ninguém tinha pensado nessa hipótese.

– Mas não poderia ser eu? – perguntou Caspian. – Sempre desejei vingar a morte de meu pai.

– Você está ferido – respondeu Pedro. – E, seja como for, é bem possível que não levasse a sério um desafio seu. Sabemos que você é um guerreiro, mas para ele é um garoto.

– Mas aceitará um desafio, mesmo seu? – perguntou o texugo, que não tirava os olhos de Pedro.

– Miraz sabe perfeitamente que o exército dele é mais forte do que o nosso.

– Provavelmente não, mas não custa nada tentar. E, ainda que recuse, levaremos grande parte do dia enviando emissários de parte a parte. Nesse

meio-tempo, pode ser que Aslam faça alguma coisa e, pelo menos, também terei tempo de passar em revista o exército e fortalecer nossa posição. Vou escrever imediatamente o desafio. Tem aí papel e tinta, doutor?

– Um estudioso tem sempre à mão papel e tinta, Real Senhor.

– Então, eu dito – disse Pedro. E enquanto o doutor desenrolava o pergaminho, abria o tinteiro de chifre e afiava a pena Pedro recostou-se e, de olhos semicerrados, tentou relembrar os termos em que, havia muito tempo, na Idade de Ouro de Nárnia, costumava redigir tais mensagens.

– Bem! – exclamou, enfim. – Está pronto, doutor? O doutor Cornelius molhou a pena e esperou.

Pedro ditou o seguinte:

"Pedro, por graça de Aslam, por eleição, por direito e por conquista, Grande Rei, poderoso sobre todos os reis de Nárnia, Imperador das Ilhas Solitárias e Senhor de Cair Paravel, Cavaleiro da Mui Nobre Ordem do Leão, a Miraz, Filho de Caspian VIII, outrora Príncipe Regente de Nárnia e que arroga o título de Rei de Nárnia, saudações."

– Pronto?

– ... vírgula, saudações – repetiu o doutor. Pronto, meu senhor.

– Então, parágrafo – disse Pedro.

Para evitar derramamento de sangue, bem como os demais inconvenientes, que é natural decorrerem das guerras que se travam em nosso reino de Nárnia, apraz-nos arriscar a nossa real pessoa em prol do mui fiel e bem-amado Caspian, propondo-lhe provar em combate real com Vossa Excelência que o já mencionado Caspian é, por dom nosso e segundo a lei dos telmarinos, legítimo Rei de Nárnia e que Vossa Excelência é réu de dupla traição quer por ter subtraído o domínio de Nárnia ao dito Caspian, quer por ter levado a cabo o abominável – não se esqueça do acento, doutor – , sanguinário e desumano assassínio de seu mui amável senhor e irmão, o Rei Caspian IX. Pelo que, de bom grado, provocamos e desafiamos Vossa Excelência para o dito combate, enviando estas cartas pelo nosso mui estimado e real irmão Edmundo, outrora Rei de Nárnia, sob a nossa jurisdição, Duque do Ermo do Lampião e Conde do Marco

Ocidental, Cavaleiro da Nobre Ordem da Mesa, a quem foram conferidos plenos poderes para determinar, de acordo com Vossa Excelência, as condições do combate. Lavrado na morada nossa do Monte de Aslam, no décimo segundo dia do mês dos Prados Floridos, no primeiro ano do reinado de Caspian X de Nárnia.

– Creio que assim está bom – disse Pedro, respirando fundo. – Agora temos de escolher duas pessoas para acompanhar o rei Edmundo. O gigante pode ser uma delas.

– Bem... quer dizer... ele não é lá muito esperto – objetou Caspian.

– Sei disso – falou Pedro. – Mas qualquer gigante impressiona, desde que não abra a boca. E sempre o animará um pouquinho. Mas quem há de ser o outro?

– Se querem algum capaz de fuzilar só com os olhos, mandem Ripchip – propôs Trumpkin.

– É mesmo, ele não é de brincadeira – disse Pedro com uma gargalhada. – É pena ser tão pequenininho.

– Então mandem Ciclone – sugeriu Caça-trufas.

– Nunca ninguém riu de um centauro.

Uma hora mais tarde, dois grandes senhores do exército de Miraz, lorde Glozelle e lorde Sopespian, que passeavam ao longo das tropas alinhadas palitando os dentes depois do almoço, levantaram os olhos e viram que da floresta saíam o centauro e o gigante Verruma, a quem já tinham visto em combate, e, no meio deles, um vulto que não conseguiam identificar. Nem mesmo os colegas de Edmundo o teriam reconhecido, se o vissem. Porque Aslam soprara sobre ele, e uma grandeza qualquer o envolvia.

– Que será isto? Um ataque?

– Trazem ramos verdes. Querem parlamentar – disse o outro. – Devem estar dispostos a render-se.

– Aquele que vem entre o centauro e o gigante não tem ar de quem vai se render – objetou Glozelle. – Quem será ele? Não é o jovem Caspian.

– Não, não é. Mas é um guerreiro temível, seja lá quem for. Aqui pra nós, tem um ar bem mais majestoso do que Miraz. E que magnífica cota de

malha! Nunca nas nossas forjas se fez uma coisa parecida!

– Aposto o meu cavalo como vem para desafiar – disse Glozelle.

– Bem, temos o inimigo na mão. Miraz não seria maluco de arriscar nossa superioridade para aventurar-se em duelo.

– Podemos dar um jeito de levá-lo a isso – sugeriu Glozelle, em voz baixa.

– Cuidado! – disse Sopespian. – Mais para cá, uma sentinela pode ouvir-nos. Aqui não há perigo. Entendi bem o que você disse?

– Se o rei aceitasse o desafio, um ou outro morreria...

– Certo – concordou Sopespian.

– Se ele vencesse, a luta estaria ganha.

– Claro. E do contrário?

– Do contrário, as probabilidades de que vençamos a guerra seriam as mesmas, com o rei ou sem ele. Toda a gente sabe que Miraz não é um grande guerreiro. Nós alcançaríamos a vitória, com a vantagem de ficarmos sem rei.

– Está sugerindo que nós dois poderíamos tomar conta do reino?

Glozelle franziu a testa, dizendo:

– Não devemos esquecer que fomos nós que o colocamos no trono. E afinal, durante todos estes anos de reinado, o que lucramos? Alguma vez ele mostrou gratidão por isto?

– Basta por ora – disse Sopespian. – Olhe, estão nos chamando à tenda do rei.

Quando lá chegaram viram que Edmundo e os seus dois companheiros, sentados do lado de fora da tenda, eram recebidos com doces e vinho. Entregue o desafio, tinham-se retirado, esperando que o rei tomasse uma decisão. Ao verem os três assim de perto, os dois lordes telmarinos acharam que tinham um ar temível.

Lá dentro, Miraz, desarmado, acabava de almoçar. Estava muito vermelho e parecia irritado.

– Vejam isto! – rosnou, atirando-lhes o pergaminho por cima da mesa. – Vejam só a infantilidade e a prosápia do meu sobrinho!

– Se me permite, Majestade – começou Glozelle.

– Se o jovem guerreiro que está lá fora é o rei Edmundo de que se fala aqui, isso não me parece nem um pouco uma brincadeira de crianças. Parece um cavaleiro perigoso.

– Ora, o rei Edmundo! – escarneceu Miraz. – Então acredita nessas lendas de Pedro e Edmundo e essa cambada toda?

– Acredito no que os meus olhos vêem, senhor

– respondeu Glozelle.

– Passemos adiante. No que respeita ao desafio, parece-me que não pode haver duas opiniões entre nós.

– Certamente, Real Senhor – concordou Glozelle.

– O que acha que se deve fazer? – perguntou o rei.

– Recusar, sem dúvida – disse Glozelle. – Nunca fui um covarde, mas tenho de confessar que me faltaria coragem para enfrentar aquele jovem em combate corpo a corpo. Se, como é muito provável, o irmão, o Grande Rei, é ainda mais perigoso do que ele... suplico que o meu senhor não queria nada com ele.

– Aos diabos! – exclamou Miraz. – Não foi essa a opinião que pedi. Não perguntei se devia ou não ter medo de enfrentar Pedro (se é que essa criatura existe!). Acha que tenho medo dele? Queria apenas saber a sua opinião sobre o aspecto político da questão. Estando a vantagem toda do nosso lado, devemos arriscar a vitória num combate individual?

– A minha resposta é que, por todos os motivos, o desafio deve ser recusado – declarou Glozelle. – Há no rosto daquele estranho cavaleiro uma ameaça de morte.

– Estamos voltando para a mesma coisa! – disse Miraz, zangado. – Acham que sou covarde como vocês?

– Vossa Majestade pode pensar o que quiser – replicou Glozelle, mal-humorado.

– Você está falando como uma velha maluca – disse o rei. – Que acha, Sopespian?

– Não se arrisque, Real Senhor – foi a resposta. – O aspecto político da questão vem mesmo a calhar, oferecendo-lhe excelente motivo para uma recusa, sem deixar que se ponham em dúvida a sua honra e a sua coragem.

– Chega! – exclamou Miraz, levantando-se de repente.

A conversa seguia exatamente o rumo que os dois lordes desejavam, e por isso nada disseram.

– Compreendo! – prosseguiu Miraz, depois de fitá-los com os olhos esbugalhados. – Vocês são uns coelhos medrosos e têm a ousadia de achar que sou também um covarde! Vocês são soldados? São telmarinos? São homens? Se eu recusar (como aconselham as razões de chefia e política militar) iriam pensar e levar os outros a pensar que o fiz por medo. É ou não é?

– Nenhum soldado sensato se atreveria a chamar de covarde um homem da sua idade, apenas por não querer bater-se com um grande guerreiro na flor da juventude – disse Glozelle.

– Ah, quer dizer que não só sou covarde, mas sou também um velho com um pé na cova?! Pois então, senhores, fiquem sabendo de uma coisa: seus conselhos de maricás (que sempre se afastaram do ponto essencial, que é a política) conseguiram justamente o contrário do que vocês queriam. A minha intenção era recusar. Mas agora aceitarei o desafio! Não vou cobrir-me de vergonha só porque a traição ou algumas artes mágicas (sei lá o quê!) gelaram o seu sangue!

– Majestade, suplico... – começou Glozelle. Mas Miraz já se precipitara para fora da tenda e os dois lordes ouviram-no gritando para Edmundo que aceitava o desafio.

Entreolharam-se e sorriram.

– Tinha a certeza de que, bem manejado, acabaria por aceitar – disse Glozelle. – Mas não esquecerei que me chamou de covarde. Há de pagar por isso!

No Monte de Aslam, houve grande agitação quando a notícia chegou e foi transmitida às várias criaturas. Edmundo e um dos capitães de Miraz já

tinham escolhido o local para o combate, que foi cercado com cordas e estacas. Em dois dos cantos e no meio de um dos lados deviam ficar três teimarmos, como árbitros da peleja. Três outros seriam escolhidos pelo Grande Rei. Pedro estava justamente explicando para Caspian que ele não podia ser um dos árbitros, visto que estava em jogo o seu direito ao trono, quando uma voz grossa e sonolenta disse:

– Por favor, Majestade! – Pedro voltou-se e viu o mais velho dos Ursos Barrigudos. – Por favor, Majestade – repetiu. – Eu... eu sou um urso!

– Sem dúvida nenhuma, e um bom urso – disse Pedro.

– Bem, é um velho direito nosso que um dos árbitros da peleja seja um urso.

– Não deve permitir – segredou Trumpkin a Pedro. – É um bom urso, mas iria envergonhar a nós todos. Está sempre dormindo ou chupando os dedos. Será uma vergonha em frente do inimigo.

– Não posso opor-me – disse Pedro. – Ele tem razão. Ê um privilégio dos ursos. Não compreendo como é que, numa época em que tantas coisas foram esquecidas, esse privilégio foi mantido.

– Por favor – insistiu o urso.

– Você será um dos árbitros – declarou Pedro. – Mas prometa-me uma coisa: não vai chupar os dedos.

– Prometo, é claro – disse o urso, meio envergonhado.

– Mas se já começou a chupar desde agora! – gritou Trumpkin.

O urso tirou a mão da boca e fez de conta que não tinha ouvido.

– Real Senhor! – ouviu-se uma vozinha esganiçada, vinda do chão.

– Ah... Ripchip! – disse Pedro, depois de ter olhado para todos os lados, para cima, para baixo e em torno, como sempre acontecia quando o rato se dirigia a alguém.

– Real Senhor! A minha vida está inteiramente a seu dispor, mas tenho de defender a minha honra. O único trompeteiro do seu exército é um dos meus. Julguei por isso que nos enviariam para acompanhar os emissários que levaram a Miraz o seu desafio. O meu povo está magoado,

senhor. Se fosse o seu desejo designar-me árbitro, talvez isso satisfizesse o meu povo.

Nesse momento o gigante Verruma desatou a rir, com aquelas gargalhadas pouco inteligentes a que são propensos mesmo os gigantes mais simpáticos. O riso lembrava o ribombar do trovão. Quando Ripchip descobriu de onde vinha o barulho, o gigante conteve-se imediatamente e ficou sério e vermelho como um rabanete.

– Acho que será impossível – disse Pedro, falando com grande seriedade. – Há humanos que têm medo dos ratos...

– Já notei isso, meu senhor.

– Assim sendo, não seria leal para com Miraz colocá-lo na presença de qualquer coisa que possa fazer-lhe perder o ânimo.

– Vossa Majestade é a própria encarnação da honra – declarou o rato, fazendo uma das suas mais rasgadas reverências. – Nesse ponto, não há motivo para discórdia... Mas, ainda há pouco, parece que ouvi alguém rindo... Se há alguém aqui que pretenda rir-se às minhas custas, estou à sua disposição... quando quiser... com a minha espada!

Essa observação foi seguida por um terrível silêncio, que Pedro quebrou, dizendo:

– O gigante Verruma, o urso e o centauro serão os nossos árbitros. O combate terá lugar às duas horas da tarde, e o almoço será ao meio-dia em ponto.

– Bom – disse Edmundo, quando os outros se afastavam – , acho que está tudo em ordem. Creio que você será capaz de vencê-lo, não é?

– Veremos! – disse Pedro.

14
CONFUSÃO GERAL

Um pouco antes das duas horas, Trumpkin e o texugo estavam já sentados com todas as outras criaturas na orla do bosque, olhando para a linha dos homens de Miraz, à distância de duas flechadas. Entre uns e outros, um relvado quadrado fora marcado para a luta. Nos dois cantos mais afastados postavam-se Glozelle e Sopespian, de espada desembainhada: nos dois mais próximos estavam o gigante Verruma e o Urso Barrigudo, que, apesar de todas as recomendações, tinha os dedos na boca e, para dizer a verdade, estava fazendo uma figura muito ridícula. Em contrapartida, Ciclone, o centauro, à direita, absolutamente imóvel, a não ser quando escarvava a relva com um dos cascos, tinha um ar bem mais imponente do que o barão telmarino que, à esquerda, estava voltado para ele. Pedro acabara de apertar a mão de Edmundo e do doutor e dirigia-se para o combate. Reinava uma grande tensão, como a que precede o sinal de partida numa corrida importante, com a diferença de ser bem maior.

– Quem me dera que Aslam tivesse aparecido antes que as coisas chegassem a este ponto! – disse Trumpkin.

– Quem dera! – concordou Caça-trufas. – Mas... olhe!

– Com trinta diabos! – exclamou o anão. – Quem é esta gente? Criaturas enormes... bonitas... parecem deuses e gigantes e deusas. Centenas... milhares! Quem serão?

– São hamadríades, dríades e silvanos – respondeu Caça-Trufas. – Aslam os despertou.

– Hum! – murmurou o anão. — Não há dúvida de que nos serão muito úteis, caso o inimigo tente atraiçoar-nos. Mas não há ajuda que valha ao Grande Rei, se Miraz se mostrar mais hábil do que ele no manejo da espada.

O texugo não respondeu, porque nesse momento Pedro e Miraz, de cotas de malha, elmos e escudos, entravam a pé na arena, vindos de lados opostos. Cruzaram-se numa saudação e pareceram trocar algumas palavras, que ninguém conseguiu entender. Logo depois, as espadas flamejavam ao sol. Apenas por um instante se ouviu o tinir do metal, logo abafado pelos partidários de ambos os lados, que gritavam como se estivessem numa partida de futebol.

– Muito bem, Pedro! – gritou Edmundo, quando Miraz foi obrigado a recuar quase dois passos. – Agora! Vamos!

Pedro atacou e, por uma fração de segundo, chegou a parecer que o combate estava ganho. Mas

Miraz recompôs-se e começou a tirar partido de sua altura e de seu peso.

– Miraz! Miraz! Viva o rei! – gritavam os telmarinos. Caspian e Edmundo ficaram brancos feito papel.

– Pedro está sofrendo golpes terríveis – disse Edmundo.

– E agora? O que aconteceu? – perguntou Caspian.

– Afastaram-se; acho que estão cansados. Mas estão recomeçando e agora com mais técnica. Cada um está experimentando a defesa do outro.

– Este Miraz parece ser bom com a espada – murmurou o doutor. Mal tinha pronunciado essas palavras, um barulho ensurdecedor de relinchos e palmas e bater de cascos elevou-se entre os antigos narnianos.

– O que está havendo? – perguntou o doutor. – Meus olhos cansados já não ajudam.

– O Grande Rei atingiu Miraz debaixo do braço – exclamou Caspian, ainda aplaudindo. – A ponta da espada entrou pela cava da cota de malha. É o primeiro sangue derramado.

– É... mas as coisas não vão bem – comentou Edmundo. – Pedro não está segurando o escudo como devia... Deve estar ferido no braço esquerdo.

Era verdade. Todos notaram que o escudo lhe pendia do braço, e os gritos dos telmarinos redobravam.

– Você, que está mais habituado a combater, acha que temos esperança? – perguntou Caspian.

– Muito pouca – respondeu Edmundo. – Com sorte, talvez Pedro ainda consiga vencer.

– Oh! Por que fomos permitir este combate? – lamentou-se Caspian.

De repente os gritos esmoreceram. Edmundo ficou perplexo por um instante e disse:

– Estou entendendo. Resolveram descansar um pouco. Vamos, doutor. Talvez possamos ajudar o Grande Rei.

Correram para a arena e Pedro saiu ao encontro deles, encharcado de suor, muito vermelho, respirando com esforço.

– Está com o braço ferido? – perguntou Edmundo.

– Não é bem um ferimento. Tive de agüentar o peso dele sobre o escudo... como se fosse uma carroça de tijolos... e a borda do escudo fincou-me no pulso. Se atarem o meu pulso bem apertado, acho que posso agüentar-me.

Enquanto fazia isso, Edmundo perguntou, ansioso:

– Que tal é ele, Pedro?

– Difícil, muito difícil mesmo. Talvez haja uma esperança, se conseguir agüentá-lo até que a falta de fôlego e o próprio peso o cansem... o peso e este sol de rachar. Para falar com franqueza, é com o que posso contar. Se acontecer alguma coisa, Ed, dê lembranças minhas a todos, lá em casa... Miraz está voltando. Adeus, meu velho. Adeus, doutor. Ed, não se esqueça de dizer a Trumpkin que me lembrei dele. Tem sido um amigão.

Edmundo não encontrou palavras para responder. Com uma horrível sensação de mal-estar, voltou com o doutor para junto dos seus.

O segundo encontro correu bem. Pedro parecia manejar o escudo com mais facilidade e não parava um instante. Quase que brincava de esconder com Miraz; mudava constantemente de posição, mantendo-se fora do alcance do inimigo e obrigando-o a mexer-se.

– Covarde! – gritaram os telmarinos. – Por que não luta de frente? Está com medo, hein? Aqui não é lugar de dançar, palhaço!

– Tomara que ele não se importe com o que dizem! – exclamou Caspian.

– Ele?! Você não conhece o Pedro, Caspian. Opa!

Miraz acabara de vibrar um golpe no elmo de Pedro. Este escorregou e caiu sobre um joelho. A gritaria dos telmarinos elevou-se como o rugido do mar.

– Vamos, Miraz! Mate ele logo!

Mas o usurpador não precisava que o incitassem. Já dominava Pedro. Edmundo mordeu os lábios até tirar sangue quando a espada baixou sobre o irmão. Teve a impressão de que a cabeça deste ia saltar. Mas (Deus seja louvado!) a lâmina atingiu apenas o ombro direito. A cota de malha, fabricada pelos anões, era resistente e não cedeu.

– Formidável! – exclamou Edmundo. – Está de pé outra vez. Coragem, Pedro!

– Não consegui ver o que aconteceu – disse o doutor. – Como é que ele se levantou?

– Agarrou-se ao braço de Miraz quando caiu – explicou Trumpkin, pulando de alegria. – Puxa! Como ele é valente! Usa o braço do inimigo como se fosse uma escada. Viva o Grande Rei! Viva a antiga Nárnia!

– Atenção! – disse Caça-trufas. – Miraz está furioso. A coisa vai indo muito bem.

Miraz e Pedro atiravam-se um ao outro como tigres irados. Os golpes se cruzavam tão rápidos que parecia impossível que algum deles viesse a escapar. A medida que a excitação crescia, os gritos diminuíam. Os espectadores seguravam a respiração. A luta era terrível e magnífica.

De súbito, levantou-se um clamor entre os antigos narnianos. Miraz estava no chão... não derrubado por Pedro, mas simplesmente caído, com a cara na terra, depois de ter tropeçado num tufo de relva. Pedro recuou, esperando que se levantasse.

– Ora bolas! Ora bolas! – repetiu Edmundo para consigo mesmo. – Que idéia é essa de ser tão delicado? Bem, vá lá! Trata-se de um cavaleiro e ainda por cima de um Grande Rei! Certamente que Aslam aprova a sua atitude. Mas não tarda que aquele bruto se levante e então...

Aquele bruto, no entanto, não chegou a levantar-se. Lorde Glozelle e lorde Sopespian tinham lá os seus planos. Logo que viram o rei caído, saltaram para a arena, gritando:

– Traição! Traição! O traidor de Nárnia apunhalou o rei pelas costas quando ele estava indefeso. Às armas! Às armas, Teimar!

Pedro mal teve tempo de compreender o que se passava. Dois homens enormes avançavam para ele, de espada em punho. Um outro saltou para a arena vindo da esquerda. Aí Pedro gritou:

– Às armas, Nárnia! Traição!

Se os três tivessem logo se atirado sobre Pedro, teriam acabado com ele. Glozelle, porém, deteve-se ainda para apunhalar o próprio rei, caído por terra.

– Tome! E em paga do insulto desta manhã – disse baixinho, ao cravar-lhe a espada.

Pedro voltou-se para enfrentar Sopespian, vibrou-lhe um golpe nas pernas e, invertendo imediatamente o movimento, fez-lhe saltar a cabeça. Nesse momento, Edmundo já estava junto dele, gritando:

– Nárnia! Pelo Leão!

O exército telmarino avançava em peso para eles. Mas o gigante começou a avançar também, baixando-se para um e para outro lado e fazendo vibrar sua clava. Os centauros iniciaram o ataque. Pam, pam, ouvia-se lá atrás. Por sobre as cabeças... zim, zim... zuniam as flechas dos anões. À esquerda lutava Trumpkin. Era a plena batalha.

– Vá-se embora, Ripchip, seu palerma! – gritou Pedro. – Isto não é lugar para ratos. Você vai acabar sendo morto.

Mas os ridículos animaizinhos continuaram a saltar de um lado para outro, espada na mão, entre os pés dos combatentes. Nesse dia, muitos telmarinos

julgaram ter assentado o pé de repente numa dúzia de espetos, tentaram equilibrar-se numa perna só, amaldiçoando a dor, e muitas vezes acabaram por cair. Se caíam, os ratos acabavam com eles; se não caíam, alguém aparecia para resolver o caso.

Ainda os narnianos não tinham propriamente organizado o ataque, quando verificaram que o inimigo cedia. Guerreiros terríveis ficaram de repente brancos feito cal e, de olhos esbugalhados, fixavam não os antigos narnianos, mas alguma coisa que estava por detrás deles. Deixaram cair as armas e gritaram:

– O bosque! O bosque! É o fim do mundo!

Não demorou que seus gritos e o tinir das armas fossem abafados pelo rugir oceânico das árvores despertas, que se infiltravam pelas fileiras de Pedro e continuavam em perseguição aos telmarinos.

Você já viu algum dia uma grande floresta atacada por um vento furioso? Imagine o rugir do vento. Imagine também que a floresta não está imóvel, mas se precipita para você, e que já não é feita de árvores, mas de gente. Homens enormes, mas semelhantes a árvores, porque os braços que agitam parecem ramos, e, sacudindo a cabeça, deixam cair à volta uma chuva de folhas.

Foi a sensação que tiveram os telmarinos. A verdade é que o espetáculo era um tanto alarmante, mesmo para os narnianos. Dentro de instantes, todos os homens de Miraz fugiam em direção ao Grande Rio, na esperança de atravessarem a ponte para a cidade de Beruna e aí se defenderem, ao abrigo de barricadas e portões fechados.

Chegaram de fato ao rio, mas não encontraram a ponte, que tinha desaparecido na véspera. Tomados de pânico, todos se renderam.

Mas o que acontecera à ponte?

Naquela manhã, bem cedinho, as meninas, ao despertar, ouviram Aslam dizer:

– Hoje é dia de festa!

Esfregaram os olhos e olharam em redor. As árvores ainda podiam ser vistas ao longe, avançando para o Monte de Aslam, em mancha escura e maciça. Baco, as mênades (suas loucas e estouvadas companheiras) e Sileno tinham ficado. Lúcia, já refeita, levantou-se. Todos estavam acordados e riam ao som das flautas e timbales. De todos os lados apareciam animais, mas não falantes.

– Que aconteceu, Aslam? – perguntou Lúcia, com os olhos a bailar e os pés desejosos de fazer o mesmo.

– Vamos, minhas filhas – disse ele. – Hoje vão andar outra vez nas minhas costas.

– Que bom! – gritou Lúcia.

E as duas meninas subiram para o dorso quente e fulvo, como tinham feito sabe-se lá há quantos anos. Todo o grupo se pôs em movimento. Aslam à frente, seguido de Baco e das mênades – que corriam e saltavam e davam cambalhotas – , depois os animais cabriolando e finalmente Sileno, montado no seu burro.

Cortaram à direita, lançaram-se por uma encosta a pique e foram sair no Passo do Beruna. Da água emergiu uma cabeça coroada de juncos, maior

que a de um homem e com a barba a pingar. Olhou para Aslam e disse, numa voz grave:

– Salve, senhor! Liberte-me dos meus grilhões.

– Quem é? – perguntou Susana num murmúrio.

– Psiu! – disse Lúcia. – Deve ser o deus do rio.

– Baco, liberte-o das cadeias! – ordenou Aslam. “Deve estar falando da ponte” – pensou Lúcia. E era, de fato. Baco e sua gente avançaram chapinhando pela água pouco profunda; um instante depois, aconteciam as coisas mais estranhas. Troncos grossos e fortes enrolavam-se pelos pilares da ponte e, alastrando-se como o fogo, envolviam as pedras, separando-as, fazendo-as estalar. As grades da ponte transformaram-se por um momento em bonitas sebes de espinheiro branco. De repente, toda a construção desabou com estrondo e foi engolida pelas águas. Entre nuvens de salpicos e gritos de riso, parte do alegre grupo atravessou o rio a vau, enquanto outros o atravessaram a nado ou a bailar, saltando para a outra margem. Entraram todos na cidade.

– Viva! É outra vez o Passo do Beruna! – gritaram as meninas.

Ao vê-los, toda a gente da cidade desatou a correr.

A primeira casa que encontraram foi uma escola, uma escola de meninas, onde uma porção de alunas de Nárnia, com o cabelo muito

esticado e golas muito apertadas e feias, e usando meias muito grossas, assistia a uma aula de História.

A História que se aprendia em Nárnia durante o reinado de Miraz era mais insípida do que a história mais verdadeira que se possa imaginar e muito menos verdadeira do que o mais apaixonante conto de aventuras.

– Goendolina, se continuar olhando para fora e não prestar atenção, dou-lhe um castigo! – disse a professora.

– Por favor... – disse Goendolina.

– Ouviu ou não ouviu o que eu disse?

– Mas, professora – insistiu Goendolina – lá fora tem um *leão*!

– Em vez de um, vou lhe dar dois castigos, para você não dizer bobagens. E agora...

Um rugido cortou-lhe a palavra. E a hera começou a crescer e a enroscar-se pelas janelas da sala de aula. As paredes ficaram atapetadas de um verde cintilante e o teto cobriu-se de folhas. De repente, a professora percebeu que estava na floresta, numa clareira relvada. Quis agarrar-se à carteira para apoiar-se e viu que esta se transformava numa roseira. Gente selvagem, como ela nunca imaginara que pudesse existir, comprimia-se ao redor. Ao ver o Leão, começou a gritar e a fugir, e com ela toda a classe, formada na maior parte por meninas rechonchudas e de pernas roliças. Goendolina hesitou:

– Quer ficar conosco, querida? – perguntou Aslam.

– Posso? Mesmo? Muito obrigada.

E imediatamente deu a mão a duas mênades, que a fizeram rodopiar numa dança frenética e a ajudaram a despir parte da roupa desnecessária e incômoda que trazia.

Por todos os lados por onde passavam, a cena se repetia. A maioria das pessoas fugia e umas poucas juntavam-se a eles. Quando saíram da cidade formavam um grupo muito maior e mais animado.

Correram pelos campos planos da margem esquerda do rio. De todas as quintas saíam animais que vinham ter com eles. Burros velhos e tristes, que nunca tinham conhecido uma hora de alegria, rejuvenesciam de um momento para outro; cães que estavam presos quebravam as correntes; os

cavalos escoiceavam até deixar as carroças em frangalhos e acompanhavam o bando a galope – *clope*, *clope*, *clope* – , relinchando e sacudindo a lama dos cascos.

Junto de um poço, num pátio, um homem espancava um rapaz. O chicote transformou-se numa flor. O homem tentou soltá-la, mas estava agarrada à sua mão. Seu braço transformou-se num ramo, o corpo num tronco, os pés criaram raízes. O rapaz, que há pouco chorava, desatou a rir e foi com eles.

Numa cidadezinha, a meio caminho do Dique dos Castores, encontraram outra escola, onde uma mocinha com ar cansado ensinava Aritmética a uns meninos muito parecidos com porquinhos. A mocinha olhou pela janela e viu o grupo brincalhão. Tremeu de alegria. Aslam parou debaixo da janela e olhou para ela.

– Oh, não! Queria muito, mas não posso. Tenho de trabalhar. As crianças morreriam de susto se vissem você.

– Morrer de susto? – disse um menino que, mais do que qualquer outro, parecia um leitão. – Com quem está falando? Temos de dizer ao diretor que ela fica conversando com as pessoas à janela quando a obrigação dela é dar aula.

– Só quero ver quem é! – disse outro menino, e todos se levantaram.

Mas no momento em que as carinhas bobocas assomaram à janela Baco soltou o seu euan-euan-eoooi, e os meninos começaram a gritar assustados e atropelaram-se para sair pela porta ou saltar pela janela. Diz-se que esses meninos nunca mais foram vistos, mas que nessa região apareceu uma raça muito apurada de porquinhos que até então nunca havia existido.

– Venha, minha cara – disse Aslam à senhorita. E ela foi.

No Dique dos Castores voltaram a atravessar o rio e chegaram a uma casinha onde uma menina chorava.

– Por que chora, meu bem? – perguntou Aslam. A criança, que nunca vira um leão, nem mesmo desenhado, não se assustou.

– Minha tia está muito doente e vai morrer.

Aslam quis entrar pela porta, mas era pequena demais para ele. Enfiou a cabeça, fez força com os ombros (nessa altura, Lúcia e Susana

escorregaram e caíram) e, levantando toda a casa, colocou–a abaixo.

Na cama, agora ao ar livre, via–se deitada uma velhinha franzina, que parecia ter sangue de anão. Estava às portas da morte, mas, quando abriu os olhos e viu a juba brilhante do Leão, não gritou nem desfaleceu. Exclamou apenas:

– Oh, Aslam! Sabia que era verdade. Esperei a vida toda por este momento. Veio para me levar?

– Sim, minha querida – disse Aslam. – Mas ainda não para a viagem final.

E, enquanto falava, como o rubor que se insinua nas nuvens ao nascer do sol, a cor voltou–lhe ao rosto pálido, os olhos readquiriram brilho e, sentando–se, ela disse:

– Estou muito melhor. Acho que seria capaz de comer alguma coisa.

– Aqui, titia – disse Baco, enchendo uma bilha no poço.

Mas a bilha, em vez de água, continha o mais perfumado dos vinhos, vermelho como geléia de groselha, suave como o azeite, forte como um bom bife, reconfortante como o chá, geladinho como o orvalho.

– Oh! – exclamou a velha. – O poço mudou, sem dúvida. Está muito melhor assim! – E saltou da cama.

– Suba às minhas costas – disse Aslam, e, para as duas meninas: – Vocês terão de ir a pé.

– Adoramos correr. – E partiram imediatamente.

Foi assim que, entre saltos, danças, cantos e ruídos de animais, o bando chegou finalmente ao lugar onde o exército de Miraz se alinhava, de espadas no chão e mãos para o ar, e onde os homens de Pedro, com uma expressão severa mas alegre, e ainda de armas nas mãos, cercavam, ofegantes, os vencidos. Então, a velha desceu das costas de Aslam e correu para Caspian... e caíram nos braços um do outro. Porque era, nem mais nem menos, a velha ama do príncipe.

15
ASLAM ABRE UMA PORTA NO AR

Ao ver Aslam, os soldados telmarinos ficaram lívidos, seus joelhos começaram a bater, e muitos caíram de cara no chão. Nunca tinham acreditado em leões, e a descrença aumentava ainda mais seu terror. Os próprios anões vermelhos, que sabiam que vinha como amigo, ficaram boquiabertos e mudos. Alguns dos anões negros, que tinham tomado o partido de Nikabrik, correram a esconder–se. Os animais falantes, porém, reuniram–se todos à volta do Leão. Alegres, rosnavam, guinchavam, relinchavam, ora acariciando o Leão, roçando–se nele, farejando–o delicadamente, ora andando de um lado para outro, por entre suas pernas. Se alguma vez você já viu um gatinho fazendo festas a um cachorro grande, no qual confia, poderá imaginar o que foi aquilo. Então Pedro, acompanhado de Caspian, abriu caminho por entre a bicharada.

– Permita que me apresente, Senhor! – disse Caspian, ajoelhando e beijando a pata do Leão.

– Bem–vindo seja, príncipe – disse Aslam. Sente–se bastante forte para reinar em Nárnia?

– Bem, não sei – respondeu Caspian. – Não passo de um garoto.

– Muito bem! – replicou Aslam. – Se dissesse que tinha a certeza, seria prova de que não estava apto a reinar. Por isso, abaixo de mim e do Grande Rei, será rei de Nárnia, Senhor de Cair Paravel e Imperador das Ilhas Solitárias. Você e os seus descendentes, enquanto durar a sua raça. A sua coroação... Mas o que vem a ser isso?

Nesse momento, um estranho cortejo aproximava–se: onze ratos, seis dos quais transportavam alguma coisa numa liteira feita de ramos. Nunca ninguém viu ratos mais tristes do que aqueles. Cobertos de lama (alguns também de sangue), as orelhas e os bigodes caídos, arrastavam a cauda pela relva. O que abria o cortejo tocava numa flauta uma melodia triste. O que

jazia na maça parecia um monte de pêlo úmido: era tudo o que restava de Ripchip. Respirava ainda, mas estava já mais morto do que vivo, muito ferido, com uma pata esmagada; e onde antigamente era a cauda havia agora só um coto de rabo muito curtinho.

– É a sua vez, Lúcia! – disse Aslam.

Num abrir e fechar de olhos, Lúcia pegou seu frasco de diamante. Ainda que bastasse uma gota em cada ferimento, Ripchip tinha tantos que se fez um longo e pesado silêncio, até que ela finalmente acabou e o Senhor Rato saltou da maça. Levou imediatamente a mão ao punho da espada, enquanto com a outra torcia os bigodes. Fez uma reverência.

– Salve, Aslam! – disse, na sua vozinha aguda. –Tenho a honra de... – Mas parou de repente.

A verdade é que continuava sem cauda, ou porque Lúcia se esquecera desse pormenor ou porque o bálsamo, capaz de curar as feridas, não tinha o dom de fazer crescer as coisas outra vez. Foi quando fazia a reverência que Ripchip tomou consciência de sua perda. Talvez porque a falta de cauda lhe alterasse o equilíbrio. Olhou por cima do ombro direito. Não vendo a cauda, esticou o pescoço até conseguir voltar os ombros e depois todo o tronco. Mas nessa altura também as pernas se voltaram e nada viu. Estendeu de novo o pescoço sem resultado. Só depois de ter dado três voltas completas se apercebeu da amarga verdade.

– Estou perplexo! — declarou, dirigindo–se a Aslam. – Estou absolutamente fora de mim. Peço a sua indulgência pelo fato de apresentar–me de maneira tão imprópria.

– Pelo contrário, até lhe fica muito bem, pequenino – disse Aslam.

– Mesmo assim, se se pudesse fazer alguma coisa... talvez Vossa Majestade... – acrescentou, curvando–se para Lúcia.

– Mas para que você quer uma cauda? – perguntou Aslam.

– Senhor – replicou o rato –, é verdade que, sem ela, posso comer e dormir e dar a vida pelo meu rei. Mas a cauda sempre foi a honra e a glória de um rato.

– Parece que às vezes você se preocupa demais com a sua honra – disse Aslam.

– Rei poderoso sobre todos os Grandes Reis –respondeu Ripchip –, permita recordar–lhe que a nós, os ratos, foi dado um tamanho muito pequeno, de modo que, a não ser que conservemos a nossa dignidade, alguns dos que medem as pessoas aos palmos seriam bem capazes de se permitir brincadeiras de mau gosto às nossas custas. Por isso é que não perco a oportunidade de afirmar que todo aquele que não quiser sentir esta espada bem perto do coração deve evitar, na minha presença, toda referência a ratoeiras e queijo frito. Não admito, Senhor... nem ao mais alto idiota de Nárnia.

Nesse momento, olhou furioso para Verruma; mas o gigante, sempre atrasado, ainda não tinha conseguido descobrir o que se discutia lá embaixo, de modo que não entendeu o comentário.

– Por que todos os seus seguidores estão de espada na mão? – perguntou Aslam.

– Com licença de Vossa Majestade – disse o segundo rato, que se chamava Pipcik. – Estamos todos prontos a cortar a cauda se o nosso chefe ficar sem a dele. Não queremos ostentar uma honra que é negada ao Grande Rato.

– Ah! – rugiu Aslam. Vocês venceram! São muito corajosos. Não pela sua dignidade, Ripchip, mas pelo amor que o liga ao seu povo e, mais ainda, pela bondade que o seu povo mostrou para comigo, há muitos anos, quando roeu as cordas que me prendiam à Mesa de Pedra (se bem que tenham esquecido, foi nessa ocasião que começaram a falar), você terá de novo a sua cauda.

Mal Aslam acabara de pronunciar estas palavras e já a cauda estava em seu lugar. Então, seguindo as instruções de Aslam, Pedro conferiu a Caspian a dignidade de Cavaleiro da Ordem do Leão, e Caspian, uma vez armado cavaleiro, conferiu a honra a Caça–trufas, Trumpkin e Ripchip, declarando o doutor Cornelius seu Supremo Magistrado e confirmando ao Urso Barrigudo o direito hereditário de Arbitro. Tudo isto no meio de grandes aplausos.

Os soldados telmarinos foram então conduzidos, firmemente, mas sem insultos nem pancada, para a outra margem do Beruna, e ficaram prisioneiros na cidade, recebendo aí carne e bebida. Fizeram grande berreiro quando atravessaram o rio a vau, porque detestavam a água corrente, tanto

quanto detestavam e temiam os bosques e animais. Por fim, também essa balbúrdia acabou e começou a parte mais agradável daquele longo dia.

Lúcia, sentada junto de Aslam e sentindo–se divinamente feliz, perguntava a si própria o que é que as árvores estariam fazendo. A princípio achou que estivessem simplesmente dançando, pois moviam–se lentamente em dois círculos, um que girava da esquerda para a direita, outro que ia da direita para o meio dos círculos. Parecia às vezes que cortavam longas mechas de cabelos. Outras, porém, davam a idéia de que arrancavam pedaços dos dedos... mas, se assim era, deviam ter dedos para dar e vender e (parecia) não sentiam nem um pouquinho de dor. Fosse o que fosse que atirassem, ao tocar o chão se transformava em lenha seca. Três ou quatro anões vieram e atearam fogo à lenha, que começou a estalar e a fazer labaredas, até que crepitou como uma grande fogueira em noite de São ,’ João. Fizeram um círculo em redor.

Então Baco, Sileno e as mênades deram início a uma dança muito mais animada do que a das árvores. Não era apenas uma dança de divertimento e beleza, mas também uma dança mágica de abundância, porque, onde quer que as suas mãos ou os seus pés tocassem, surgia um verdadeiro banquete: nacos de carne assada, que enchiam o bosque com o seu delicioso aroma; bolos de aveia e trigo; mel e doces de muitas cores; creme de leite espesso, pêssegos, ameixas, romãs, pêras, uvas, morangos... verdadeiras cataratas de frutas. Depois foi a vez dos vinhos em taças de madeira e vasos entrelaçados com hera. Vinhos escuros e espessos como licor de amoras, outros de um vermelho–vivo como geléia rubra e derretida, e ainda outros amarelos e verdes, e outros amarelo–esverdeados e verde–amarelados.

Para as árvores a comida era diferente. Quando Lúcia viu que Escava–terra e suas toupeiras revolviam a terra em lugares que Baco lhes indicava, compreendeu que as árvores iriam comer terra e sentiu um arrepio. Mas, quando viu as terras que lhes eram oferecidas, mudou de opinião. Começaram a comer um esplêndido torrão castanho, que quase não se distinguia do chocolate, tão parecido que Edmundo provou um pouquinho, mas não achou nada bom. Depois de terem acalmado a fome com o torrão, as árvores voltaram–se para uma terra quase cor–de–rosa, da qual diziam ser leve e doce. Na hora do queijo, comeram uma porção de solo calcário, seguindo–se depois petiscos delicados, preparados com as

areias mais finas e polvilhados com areia prateada. Beberam muito pouco vinho, mas mesmo assim as quaresmeiras ficaram muito falantes; quase sempre matavam a sede com longos goles de mistura de chuva e orvalho, aromatizada com flores campestres e perfumada com a suave fragrância das nuvens mais transparentes. Assim Aslam ofereceu aos narnianos um banquete, que durou até muito depois do pôr–do–sol e do despertar das primeiras estrelas. E a grande fogueira, agora mais rubra e menos crepitante, brilhava como um farol no meio dos bosques escuros. Ao vê–la, lá longe, os telmarinos, aterrados, perguntaram–se o que seria aquilo. O melhor da festa foi que ela não acabou, nem as pessoas foram embora. Simplesmente, à medida que a conversa se espaçava e perdia a animação, um e outro, sentindo a cabeça pesada, adormecia entre os amigos, de pés voltados para a fogueira. Até que finalmente caiu o silêncio e se ouviu de novo o parolar da água que saltitava de pedra em pedra no Passo do Beruna. Durante toda a noite, Aslam e a Lua contemplaram–se com imensa alegria.

No dia seguinte, despacharam–se mensageiros (principalmente esquilos e pássaros) por todo o país, com uma comunicação aos telmarinos dispersos, sem esquecer os que estavam presos em Beruna. Foi–lhes anunciado que Caspian era agora o rei e que, a partir daquele momento, Nárnia pertencia não só aos humanos como aos animais falantes, aos anões, às dríades, aos faunos e a todas as outras criaturas. Quem quisesse aceitar as novas condições poderia ficar; para aqueles que não estivessem satisfeitos, Aslam arranjaria outro país. Os interessados em mudar–se, deveriam apresentar–se a Aslam e aos reis dali a cinco dias, ao meio–dia em ponto, no Passo do Beruna.

Você pode imaginar a indecisão que isto causou entre os telmarinos. Muitos deles, principalmente os mais novos, como acontecera a Caspian, tinham ouvido histórias dos velhos tempos e ficaram encantados com a idéia de esses tempos voltarem. Já tinham até começado a fazer amigos entre as outras criaturas e resolveram ficar em Nárnia. Mas grande parte dos mais velhos, sobretudo os que tinham ocupado cargos importantes durante o reinado de Miraz, estavam irritados e não queriam viver num país onde não pudessem mandar.

– Era só o que faltava! Ficar vivendo aqui com um bando de animais de circo! E ainda por cima com fantasmas! – acrescentavam outros,

tremendo de medo. – É, porque essas dríades são fantasmas, não passam disso! Seria uma loucura!

E também estavam desconfiados.

– Não confio neles – diziam. – De mais a mais, com aquele Leão medonho! Tenham certeza de que ele vai usar as suas garras, vocês vão ver!

Por outro lado, desconfiavam igualmente da tal proposta de um novo país.

– Vai é levar a gente para um covil e devorar um por um!

E, quanto mais discutiam entre si, mais irritados e desconfiados ficavam. No dia marcado, porém, mais da metade apareceu.

Num dos extremos da clareira, Aslam mandara espetar duas estacas, mais altas do que um homem e afastadas cerca de um metro. Outra estaca mais leve foi posta horizontalmente em cima das duas primeiras, reunindo–as de modo que parecessem uma porta, que vinha não se sabe de onde e dava não se sabe para onde. Em frente da porta postou–se Aslam, com Pedro à direita e Caspian à esquerda. Em torno, reuniram–se Susana, Lúcia, Trumpkin, Caça–trufas, doutor Cornelius, Ciclone, Ripchip e os outros. As crianças e os anões tinham aproveitado bem o guarda–roupa do antigo castelo de Miraz, que era agora de Caspian. Com sedas, brocados e linhos alvos, armaduras de prata e espadas incrustadas de pedras preciosas, elmos dourados e chapéus de plumas, ofereciam um espetáculo tão deslumbrante que feria a vista. Até os animais traziam ao pescoço colares preciosos. Mas ninguém reparava neles ou nas crianças. O ouro da juba de Aslam excedia a tudo. Os outros antigos narnianos estavam de pé, de ambos os lados da clareira; no outro extremo, os telmarinos. O sol brilhava intensamente, as bandeiras ondulavam ao vento.

– Homens de Teimar – começou Aslam. – Vocês, que procuram nova pátria, ouçam–me. Mandá–los–ei para a sua terra, que eu conheço e vocês não!

– Não nos lembramos mais de Teimar. Não sabemos onde fica nem como é – murmuraram os telmarinos.

– Vocês vieram de Teimar para Nárnia – disse Aslam. – Mas chegaram a Teimar provenientes de outro lugar. Não pertencem a este

mundo. Chegaram aqui há algumas gerações, vindos do mesmo mundo a que pertence o Grande Rei Pedro.

Ao ouvirem isto, alguns dos telmarinos começaram a resmungar.

– Não falei? Vai liquidar a gente. Vai mandar a gente para o outro lado do mundo.

Outros começaram, empertigados, a dar pancadinhas nas costas uns dos outros, dizendo:

– Agora entendemos tudo. Não era tão difícil adivinhar que não pertencíamos ao mundo desta gente esquisita e detestável. Corre em nossas veias sangue real.

Até Caspian, Cornelius e as crianças se voltaram para Aslam, com ar de espanto.

– Silêncio! – disse Aslam, num tom de voz baixo que mais se aproximava do seu rugido normal. A terra pareceu estremecer um pouco, e todos os seres vivos ficaram imóveis como estátuas.

– Você, Caspian – disse Aslam –, bem podia ter adivinhado que não poderia ser o verdadeiro rei de Nárnia se não fosse, como os antigos reis, filho de Adão, vindo do mundo dos filhos de Adão. É o que você é. Há muitos anos aconteceu que, nesse outro mundo, em um lugar chamado Mar do Sul, um barco de piratas foi arrastado para uma ilha por uma tempestade. Os piratas fizeram o que costumam fazer: mataram os indígenas, tomaram as mulheres por esposas, dormiram à sombra das palmeiras, acordaram, discutiram, matando–se de vez em quando uns aos outros. Numa dessas refregas, seis deles, obrigados a fugir, foram com as mulheres para o centro da ilha; subiram depois a montanha e se esconderam numa caverna. Acontece que a caverna era um lugar mágico, uma das fendas abertas entre aquele mundo e este. E foi assim que caíram ou rolaram pela tal passagem e se encontraram de repente neste mundo, na terra de Teimar, que era então desabitada. Por que era desabitada é uma longa história, que não contarei agora. Os seus descendentes viveram em Teimar e formaram um povo arrogante e temido; passadas muitas gerações, houve em Teimar uma grande fome e por isso invadiram Nárnia, onde reinava então uma certa desordem (outra longa história), e conquistaram–na e submeteram–na. Está compreendendo, rei Caspian?

– Compreendo, Senhor. Estava pensando que gostaria de ter tido uma ascendência mais honrosa.

– Descende de Adão e Eva – tornou Aslam. – É honra suficientemente grande para que o mendigo mais miserável possa andar de cabeça erguida, e também vergonha suficientemente grande para fazer vergar os ombros do maior imperador da Terra. Dê–se assim por satisfeito.

Caspian baixou a cabeça.

– E agora, homens e mulheres de Teimar, querem vocês voltar para essa ilha no mundo dos homens, de onde vieram os seus pais? A raça de piratas que ali desembarcou já se extinguiu, e a ilha está desabitada. Há fontes de água fresca, solo fértil, madeira para construções, e as lagoas são muito ricas em peixes. Os outros homens desse outro mundo ainda não descobriram a ilha. A passagem está aberta para o regresso de vocês. Logo que estiverem do outro lado, ela se fechará para sempre.

Durante alguns segundos, fez–se silêncio. Depois, um dos soldados telmarinos, um sujeito forte e simpático, avançou e disse:

– Pois bem! Aceito a proposta.

– Aprovo a sua escolha – disse Aslam. – E, porque foi o primeiro a decidir–se, um poder mágico se exercerá sobre você. Será feliz nesse outro mundo. Em frente!

O homem, agora um pouco pálido, avançou. Aslam e os outros afastaram–se, deixando–lhe livre acesso à porta feita de estacas.

– Atravesse–a, meu filho – disse Aslam, inclinando–se e tocando o nariz do homem com o seu próprio nariz.

No momento em que sentiu o bafo do Leão, os seus olhos adquiriram uma expressão nova (um pouco de surpresa, mas não de tristeza), como se ele quisesse lembrar–se de alguma coisa. Endireitou–se e entrou pela porta.

Todos os olhares estavam cravados nele. Todos viam as três estacas de madeira e, através delas, do outro lado, as árvores, a relva e o céu de Nárnia. Viram o homem entre os dois postes; depois, de repente, desapareceu.

Do outro extremo da clareira ouviu–se o pranto dos telmarinos:

– Ai! Que terá acontecido? Quer matar a todos nós? Não iremos para lá.

Então um dos telmarinos mais inteligentes disse:

– Não vemos nenhum outro mundo além daqueles postes. Se quer que acreditemos no que diz, por que um dos seus não atravessa a porta? Os seus amigos mantêm–se bem afastados dela.

Logo Ripchip avançou e fez uma reverência.

– Se meu exemplo pode servir de alguma coisa, Aslam, a uma ordem sua passarei com onze ratos por debaixo daquele arco... sem a menor hesitação!

– Não, meu filho – disse Aslam, pousando de leve a pata sobre a cabeça de Ripchip. – Fariam coisas terríveis com vocês naquele mundo: seriam exibidos nas feiras. São outros que têm de passar.

– Vamos! – disse Pedro de repente, voltando–se para Edmundo e Lúcia. – Chegou a nossa hora.

– Que quer dizer com isso? – perguntou Edmundo.

– Por aqui – disse Susana, que parecia estar a par de tudo. – Temos de voltar à floresta, para mudar...

– Mudar o quê? – perguntou Lúcia.

– A roupa, naturalmente! – declarou Susana. – Bonita figura iríamos fazer na estação da estrada de ferro com estas roupas.

– Mas as nossas estão no castelo de Caspian –objetou Edmundo.

– Não! – disse Pedro, continuando no rumo da floresta mais cerrada. – Estão aqui. Vieram esta manhã. Está tudo em ordem.

– Era disso que Aslam falava com você e Susana esta manhã? – perguntou Lúcia.

– Era disso e de outras coisas – disse Pedro, com um ar muito solene. – Não posso contar–lhes tudo. Há coisas que ele queria dizer a Su e a mim, porque não voltaremos a Nárnia.

– Nunca mais?! – exclamaram Edmundo e Lúcia, consternados.

– Vocês hão de voltar – explicou Pedro. – Pelo menos, pelo que ele disse, fiquei convencido de que ele deseja a volta de vocês um dia. Su e eu é que não. Aslam diz que já estamos muito grandes.

– Mas, Pedro, que azar! – exclamou Lúcia.

– Acho que já estou conformado – replicou Pedro. – É tudo muito diferente do que eu pensava. Compreenderá quando chegar a sua vez. Agora vamos arrumar as coisas.

Foi uma sensação esquisita e não muito agradável despir os trajes reais e voltar a aparecer com os uniformes de colégio, já um tanto usados. Um ou dois dos telmarinos esboçaram uns risinhos de troça. Mas as outras criaturas levantaram–se e aclamaram o Grande Rei Pedro, a rainha Susana, da trompa mágica, o rei Edmundo e a rainha Lúcia. As crianças despediram–se afetuosamente dos velhos amigos, e Lúcia até chegou a chorar.

Os animais beijaram as crianças, os Ursos Barrigudos deram–lhes tapinhas amáveis, Trumpkin apertou–lhes a mão e, para terminar, não faltou um abraço bem apertado de Caça–trufas, que lhes fez cócegas com o bigode. É claro que Caspian voltou a oferecer a trompa a Susana, e é claro que esta lhe disse que a guardasse. Depois, magnífica e terrível, seguiu–se a despedida de Aslam. Pedro tomou então o seu lugar, com Susana atrás, pousando–lhe as mãos nos ombros, e as mãos de Edmundo nos ombros dela, e as do primeiro telmarino nos de Lúcia. E assim, numa longa fila, avançaram para a porta. Seguiu–se um momento indescritível, durante o qual as crianças viram três coisas ao mesmo tempo. Viram a boca de uma caverna, descobrindo o verde e o azul brilhantes de uma ilha do Pacífico – a ilha em que os telmarinos iriam encontrar–se no momento em que transpusessem a porta. Viram uma clareira em Nárnia e os rostos dos anões e dos animais e os olhos profundos de Aslam e as manchinhas brancas do focinho do texugo. A terceira visão, porém, foi aquela que rapidamente dominou as outras duas: uma plataforma cinzenta e arenosa de uma estação de estrada de ferro provinciana, um banco com malas ao lado, eles sentados no banco, como se nunca tivessem saído de lá... O espetáculo por um instante lhes pareceu um pouco monótono, depois de tudo o que tinham vivido, mas, inexplicavelmente, tinha também o seu encanto, com o cheiro característico e familiar das estações ferroviárias, e o céu da terra natal e as perspectivas do primeiro período de aulas.

– Bem – disse Pedro – foi uma esplêndida aventura!

– Ora bolas! – exclamou Edmundo. – Deixei minha lanterna nova em Nárnia...

Fim

C. S. LEWIS

A Viagem do Peregrino da Alvorada

Tradução
Paulo Mendes Campos

Para Geoffrey Barfield

1
O QUADRO

Era uma vez um garoto chamado Eustáquio Clarêncio Mísero, e na verdade bem merecia esse nome. Os pais diziam Eustáquio Clarêncio, e os professores, apenas Mísero. Não posso dizer como era chamado pelos amigos, pois não tinha amigos. Não tratava o pai e a mãe por papai e mamãe, mas por Arnaldo e Alberta. Os pais eram gente moderna, de idéias abertas. Vegetarianos, não fumavam nem bebiam, e usavam roupa de baixo de fabricação especial. Havia muito pouca mobília em sua casa, pouquíssima roupa de cama e mantinham sempre as janelas escancaradas.

Eustáquio gostava de animais, especialmente de besouros quando estavam mortos e espetados num cartão. Também gostava de livros instrutivos, com gravuras em que se podiam ver armazéns para guardar cereais ou robustas crianças estrangeiras fazendo ginástica em escolas-modelo.

Eustáquio não gostava nada mesmo era dos primos, os quatro Pevensie: Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia. Mas ficou contentíssimo quando soube que Edmundo e Lúcia vinham passar uns tempos com ele, pois lá no fundo adorava bancar o mandão e chatear os outros. Apesar de ser um molengão, que na hora da briga não conseguia nem enfrentar Lúcia, e muito menos Edmundo, sabia que há muitas maneiras de aborrecer os outros, quando a casa é da gente e eles são nossos hóspedes.

Edmundo e Lúcia também não sentiam a menor vontade de ir para a casa do tio Arnaldo e da tia Alberta, mas não tinham outro remédio. Naquele verão, o pai arranjara uma vaga como professor nos Estados Unidos, durante quatro meses, e a mãe resolvera ir com ele.

Pedro, que tinha de preparar-se com todo o afinco para o exame, passaria as férias recebendo aulas do velho professor Kirke, em cuja casa as

quatro crianças tinham tido aventuras maravilhosas, já havia muitos anos, na época da guerra. Se o professor ainda morasse na mesma casa, os garotos teriam ido para lá; mas, depois daquela época, ele perdera tudo o que tinha e vivia agora num chalé, com apenas um quarto vago.

Como ficaria muito caro levar os filhos todos para os Estados Unidos, somente Susana tinha partido com os pais. A gente grande achava Susana a mais bonita da família. Como era bem desenvolvida para a sua idade e não tinha grande queda para os estudos, a mãe dissera que “ela aproveitaria mais a viagem do que os outros mais novos”. Edmundo e Lúcia fizeram o impossível para não sentir inveja de Susana, mas era de fato horrível ter de passar as férias na casa da tia.

– Para mim ainda é muito pior – dizia Edmundo –, porque você terá um quarto separado, enquanto eu terei de dividir o meu com aquele nojento do Eustáquio.

A nossa história começa numa tarde em que Edmundo e Lúcia aproveitavam juntos alguns minutos preciosos. Como é óbvio, falavam de Nárnia, nome do país secreto deles. Acho que quase todos nós temos um país secreto, que, para a maioria, é apenas um país imaginário. Edmundo e Lúcia eram bem mais felizes: o país secreto deles era verdadeiro. Já tinham até visitado Nárnia duas vezes, de verdade, não sonhando, nem brincando. É claro que tinham conseguido chegar lá por Magia, que é a única maneira de atingir Nárnia. E tinham prometido que lá voltariam algum dia. Assim, você pode imaginar como eles falavam de Nárnia, sempre que podiam.

Naquela tarde, estavam sentados na beira da cama no quarto de Lúcia, olhando para um quadro pendurado na parede – o único quadro de que gostavam em toda a casa. Tia Alberta detestava o quadro, mas não podia jogá-lo fora, pois fora presente de casamento de uma pessoa a quem não queria ofender. Representava um barco navegando em nossa direção. A proa era dourada e tinha o formato de uma cabeça de dragão de boca escancarada. Tinha apenas um mastro e uma grande vela quadrada de um vivo tom de púrpura. As laterais do barco, só visíveis onde terminavam as asas do dragão, eram verdes. Estava exatamente na crista de uma grande onda azul, e o côncavo da vaga mais próxima, franjada de espumas e salpicos, parecia vir para cima da gente. Via-se que corria ligeiro, impelido por um vento forte, inclinando-se um pouco para bombordo. (A propósito, se você está mesmo resolvido a ler esta história, acho melhor ter em mente

que a esquerda de um barco, quando se olha de frente, é bombordo, e a direita é estibordo.) A luz do sol incidia sobre o lado inclinado do barco e a água estava cheia de tons verdes e roxos. Do outro lado, o mar era azul-escuro, devido à sombra do barco.

– Ficar olhando para um navio de Nárnia sem poder chegar lá é pior ainda! – disse Edmundo.

– Olhar é sempre melhor do que nada – respondeu Lúcia. – E esse aí é um verdadeiro navio de Nárnia.

– Ainda brincam como antes? – perguntou Eustáquio, que andara escutando atrás da porta e agora arreganhava os dentes.

No ano anterior, quando estivera em casa dos Pevensie, conseguira flagrar os primos conversando sobre Nárnia e adorava aborrecê-los por causa disso. Achava que eles estavam imaginando aquilo tudo e, como era bestalhão demais para imaginar seja lá o que fosse, não via a menor graça.

– Ora, vá andando, não queremos você aqui – disse Edmundo secamente.

– Estou vendo se me recordo de uns versinhos – disse Eustáquio –, qualquer coisa mais ou menos assim:

Uns meninos que brincavam de Nárnia Foram ficando cada vez mais birutas...

– Pra começo de conversa, Nárnia e birutas não rimam – disse Lúcia.

– É uma rima toante – disse Eustáquio.

– Não pergunte para ele o que é isso! Está doido para que você pergunte! Não fale nada, talvez assim ele se mande.

Com uma recepção dessas, qualquer garoto teria ido embora, mas Eustáquio era diferente. Continuou a rondar de um lado para outro, arreganhando os dentes, e de repente voltou a falar:

– Você gosta deste quadro?

– Pelo amor de Deus, não deixe ele começar a falar de arte e outras coisas – interrompeu Edmundo depressa. Mas Lúcia, que era de muito boa-fé, já havia dito:

– Adoro!

– É uma porcaria de pintura – disse Eustáquio.

– Caia fora daqui, que você não vê mais a porcaria – respondeu Edmundo.

– Por que você gosta dele? – perguntou Eustáquio a Lúcia.

– Por um motivo especial – respondeu Lúcia. – Porque o navio parece que está andando, a água parece mesmo molhada, e as ondas sobem e descem.

Eustáquio podia dar-lhe meia dúzia de respostas, mas dessa vez nada disse. Naquele mesmo instante, ao olhar para as ondas, viu que realmente elas pareciam em movimento. Só havia andado de barco uma vez (uma pequena distância), mas tinha enjoado pra valer. Ao ver as ondas do quadro, ficou de novo enjoado. Já estava quase verde, mas tentou olhar mais uma vez. E aí as três crianças ficaram estupefatas e boquiabertas.

O que viram naquele momento é difícil de acreditar, mesmo nos livros; mas é muito mais difícil de acreditar quando acontece na vida real. Tudo no quadro estava em movimento. Não era como no cinema, não: as cores eram muito mais reais e vivas, como ao ar livre. A proa do navio afundava e tornava a subir nas ondas com uma grande franja de espuma. Quando uma onda ergueu o navio atrás, viu-se pela primeira vez a popa e o convés, que desapareceram logo no bojo da onda seguinte. Nesse mesmo instante, um caderno, que estava caído sobre a cama de Edmundo, começou a virar as folhas e foi levado pelo ar, batendo na parede; o cabelo de Lúcia enrolou-se em torno do rosto, como num dia de vento. Era um dia de vento, mas o vento soprava do quadro. De súbito, com o vento, vieram os barulhos... o marulhar das ondas, o bater da água de encontro ao costado do navio e, mais alto que tudo, o estrépito do vento e da água. Foi o cheiro (agreste, salgado) que convenceu Lúcia de que ela não estava sonhando.

– Acabem logo com isso! – disse Eustáquio, com uma voz rouca de medo e raiva. – Que brincadeira mais estúpida vocês arranjaram! Acabem com isso! Vou falar com Alberta... Oh!

Os outros dois já estavam bastante acostumados com essas aventuras, mas, no exato momento em que Eustáquio disse oh, também eles disseram oh. Pois uma grande rajada de água fria e salgada saltara do quadro, deixando-os sem respiração e completamente encharcados.

– Vou arrebentar essa porcaria de quadro! – gritou Eustáquio. Mas foi logo acontecendo uma porção de coisas.

Eustáquio correu para o quadro. Edmundo, que sabia alguma coisa de magia, saltou atrás, dizendo que ele não fizesse uma besteira. Lúcia quis agarrá-lo, mas foi arrastada para a frente. E, nesse mesmo instante, ou os garotos diminuíram de tamanho ou o quadro ficou maior.

Eustáquio deu um pulo para ver se retirava o quadro da parede, mas ficou encravado na moldura; na sua frente não havia vidro, mas um mar verdadeiro, com ventos e ondas batendo no caixilho, como se fosse de encontro a uma rocha. Perdeu a cabeça e se agarrou aos outros dois que já tinham pulado para perto dele. Houve um instante de confusão e gritaria; quando achavam que tinham recuperado o equilíbrio, surgiu uma grande onda azul que os fez rodopiar, atirando-os ao mar.

O grito desesperado de Eustáquio apagou-se quando a água lhe entrou pela boca. Lúcia havia praticado muita natação nas férias, o que foi a sua sorte. Talvez até se agüentasse melhor se desse braçadas mais lentas e se a água não estivesse muito mais fria do que parecia no quadro. Mas não perdeu a serenidade, chegando a tirar os sapatos – coisa que a gente sempre deve fazer quando cai vestida dentro de água funda. Fechou bem a boca e conservou os olhos abertos. Estavam muito perto do navio e a menina via o costado verde, erguendo-se lá no alto, e várias pessoas olhando do convés.

Então, como era de esperar, Eustáquio agarrou-se a ela, cheio de pavor, e os dois foram para o fundo. Quando voltaram à superfície, a menina viu uma figura vestida de branco mergulhando do costado do navio. Edmundo estava agora junto dela, bracejando e segurando os braços de Eustáquio, que não parava de gritar. De repente alguém cujo rosto lhe era vagamente familiar passou-lhe o braço por debaixo do corpo. Do navio gritavam o tempo todo; na amurada apinhavam-se cabeças e de bordo lançavam cordas. Lúcia sentiu que Edmundo e o desconhecido lhe atavam cordas ao corpo.

Seguiu-se o que lhe pareceu uma longa espera, durante a qual ficara com o rosto arroxeado e batendo queixo. Mas na verdade a espera não foi de fato grande; só estavam aguardando pelo momento em que poderiam içá-la para bordo, sem ir de encontro ao costado do navio. Mesmo com todas essas precauções, quando finalmente alcançou o convés, toda encharcada e

tremendo de frio, tinha um joelho machucado. Puxaram depois Edmundo e o infeliz Eustáquio. Por fim, subiu o desconhecido – um rapaz de cabelos dourados, alguns anos mais velho do que a menina.

– Ca... Ca... Caspian – gaguejou Lúcia, logo que tomou fôlego. Porque era mesmo Caspian, o jovem rei de Nárnia, a quem haviam ajudado a subir ao trono quando visitaram aquele país pela última vez.

Edmundo também o reconheceu. Cumprimentaram-se os três, dando tapinhas nas costas uns dos outros, com grande alegria.

– Quem é o amigo de vocês? – perguntou logo Caspian, voltando-se para Eustáquio, com semblante risonho e acolhedor.

Mas Eustáquio, que chorava de maneira inacreditável para um rapaz da sua idade que não sofrerá mais do que uma simples molhadela, apenas gritou:

– Quero ir embora! Não gosto disto!

– Embora para onde? – perguntou Caspian.

Eustáquio correu para a amurada do navio

como se esperasse ver a moldura do quadro sobre o mar e, quem sabe, até mesmo um pedacinho do quarto de Lúcia. Mas só viu ondas azuis e o céu, de um azul mais claro, estendendo-se até a linha do horizonte. É compreensível que tenha ficado em pânico, e logo começou a enjoar.

– Chegue aqui, Rinelfo – disse Caspian para um dos marinheiros. – Busque vinho aromático para Suas Majestades. Precisam de calor depois desse

mergulho.

Tratava Edmundo e Lúcia por majestades, porque estes, como Pedro e Susana, haviam sido, muito tempo atrás, reis e rainhas em Nárnia. O tempo em Nárnia não corre como em nosso mundo. Mesmo que passemos cem anos em Nárnia, voltamos ao nosso mundo exatamente no mesmo dia e na mesma hora em que partimos. Mas, se quisermos voltar a Nárnia depois de termos passado uma semana aqui, podem já ter se passado mil anos em Nárnia, ou um dia só, ou até não ter passado tempo algum. Só quando se chega lá é que se sabe quanto tempo se passou. Assim, quando os Pevensie haviam estado em Nárnia pela última vez, na segunda visita, era para os

habitantes de Nárnia como se o rei Artur tivesse voltado à Grã-Bretanha, como se diz que há de voltar. E eu digo que o quanto antes melhor!

Rinelfo apareceu com o vinho aromático, fumegando num jarro, e quatro taças de prata. Era justamente disso que precisavam. À medida que Lúcia e Edmundo iam bebendo, sentiam o calor percorrer-lhes todo o corpo. Eustáquio é que começou a fazer caretas e engasgar-se, lançando tudo fora e ficando ainda mais enjoado. Recomeçou a chorar e a pedir que lhe dessem um chá feito com água potável. Ou que o desembarcassem no porto mais próximo.

– Que companheiro de viagem mais gozado você nos trouxe! – murmurou Caspian para Edmundo, rindo-se disfarçadamente.

Porém, Eustáquio irrompeu de novo:

– Opa, Hã... Que troço é aquele? Tirem daqui essa coisa horrorosa!

Aí ele tinha certa razão de mostrar espanto: da cabine da popa saíra um ser muito curioso, que se aproximava deles devagar. Podia-se dizer que era um rato, e era realmente. Mas um rato com cerca de sessenta centímetros de altura, caminhando apoiado nas patas traseiras. Atada à cabeça, por baixo de uma orelha e por cima de outra, exibia uma fina fita dourada na qual se prendia uma pena vermelha. Como a pele do rato era muito escura, quase negra, o efeito era impressionante. Apoiava a pata esquerda no punho de uma espada quase tão comprida quanto sua cauda. Seu equilíbrio, ao caminhar solenemente ao longo do convés que balançava, era perfeito, e seus modos revelavam que estava habituado à corte. Lúcia e Edmundo viram logo quem era. Era Ripchip, o mais valente de todos os animais falantes de Nárnia, o rato-chefe, que ganhara glória imorredoura na segunda batalha de Beruna. Lúcia sentiu uma vontade enorme, como sempre lhe acontecia, de pegar Ripchip no colo e acariciá-lo. Mas sabia muito bem que nunca poderia satisfazer essa vontade, pois ele ficaria profundamente ofendido. Em vez disso, ajoelhou-se para conversar com ele.

Ripchip avançou a perna esquerda, afastou para trás a direita, fez uma reverência, beijou-lhe a mão, endireitou-se, torceu os bigodes e disse na sua voz aguda e chiante:

– Sou vosso humilde servo, assim como do rei Edmundo. (Fez outra reverência.) A esta maravilhosa aventura faltava apenas a presença de

Vossas Majestades.

– Ai, ai, ai! Tirem-me daqui! – gemeu Eustáquio. – Tenho horror a rato. Não agüento ver bicho fazendo palhaçada. São uns idiotas que gostam de bancar os espertalhões.

– Devo compreender – disse Ripchip a Lúcia, de pois de olhar demoradamente para Eustáquio – que essa criatura singularmente descortês está sob a proteção de Vossa Majestade. Porque se não for assim...

Lúcia e Edmundo espirraram ao mesmo tempo.

– Mas onde estou com a cabeça! Deixei vocês aqui com a roupa molhada! – exclamou Caspian. – Vamos descer para mudar de roupa. Como é natural, Lúcia, cedo-lhe o meu camarote, mas o que não tenho é vestimenta feminina de acordo. Ripchip, mostre-lhes o caminho como um bom sujeito.

– Para servir a uma senhora, mesmo uma questão de honra pode esperar, pelo menos por agora... – e Ripchip olhou severamente para Eustáquio.

Mas Caspian os empurrou e logo Lúcia entrou por uma portinha para a cabine da popa. Ficou encantada. Na salinha abriam-se três janelas quadradas para o mar revolto; bancos baixos e almo-fadados cercavam os três lados da mesa; uma lâmpada de prata balançava sobre suas cabeças (viu logo que era trabalho de anões, pela delicada perfeição) e, na parede em frente, a efígie de ouro de Aslam, o Leão, pendurada acima da porta. Viu tudo isso num relance, pois Caspian imediatamente abriu uma porta a bombordo e disse:

– Este agora vai ser o seu quarto, Lúcia. Só vou tirar daqui umas peças de roupa para mim – e enquanto falava remexia as gavetas – e depois deixo você à vontade. Ponha sua roupa lá fora; mandarei que a levem para secar.

Lúcia sentia-se tão à vontade no camarote como se o ocupasse havia semanas. O movimento do navio não a incomodava nem um pouco, pois nos velhos tempos em que fora rainha em Nárnia tinha viajado muito. O camarote era pequeno, mas muito alegre, com painéis pintados (aves, outros bichos, dragões vermelhos e trepadeiras), e estava imaculadamente limpo. As roupas de Caspian eram demasiado grandes, mas ela conseguiu dar um

jeito. Os sapatos, as sandálias e as galochas é que eram impossíveis de calçar, por causa do tamanho, mas Lúcia não se importava de andar descalça a bordo. Quando acabou de se vestir, olhou pela janela a água que ia ficando para trás, em torvelinho, e suspirou profundamente. Tinha a certeza de que passaria uma temporada maravilhosa.

2

A BORDO DO PEREGRINO DA ALVORADA

– Ah, aí vem Lúcia! – disse Caspian. – Estávamos à sua espera. Este é o meu capitão, lorde Drinian.

Um homem de cabelos escuros pôs um joelho em terra e beijou a mão de Lúcia. Os outros presentes eram só Ripchip e Edmundo.

– Onde está Eustáquio? – perguntou Lúcia.

– Na cama – respondeu Edmundo. – Acho que não podemos fazer nada por ele. Fica ainda pior quando tentamos ajudá-lo.

– Precisamos conversar – disse Caspian.

– É claro – concordou Edmundo. – Antes de tudo, acerca do tempo. Para nós passou um ano desde que o deixamos, antes de sua coroação. Quanto tempo passou em Nárnia?

– Três anos precisamente – respondeu Caspian.

– Vai tudo bem por lá? – quis saber Edmundo.

– Iria eu deixar o meu reino e viajar se alguma coisa não estivesse bem? – respondeu o rei. – As coisas não podem ir melhor. Não há agora nenhum problema entre os telmarinos, os anões, os bichos falantes, os faunos e todos os outros. E no verão passado demos uma lição tão grande naqueles turbulentos gigantes da fronteira, que agora já me pagam imposto. Deixei como regente, durante minha ausência, uma pessoa excelente, Trumpkin, o Anão. Lembra-se dele?

– O meu querido Trumpkin! – exclamou Lúcia.

– Claro que me lembro. Não podia ter feito melhor escolha.

– Leal como um texugo e valente como... um rato – disse Drinian. Estivera para dizer “como um leão”, mas notara os olhos de Ripchip fixos nele.

– Para onde se dirigem vocês? – perguntou Edmundo.

– Ah – respondeu Caspian –, isso é uma longa história. Talvez ainda se lembrem de que, quando eu era criança, meu tio Miraz usurpou o trono e livrou-se de sete amigos de meu pai (para que não ficassem do meu lado), mandando-os explorar os Mares Orientais além das Ilhas Solitárias.

– Sim – disse Lúcia. – E nenhum deles voltou.

– Isso mesmo. Pois bem, no dia da minha coroação, com a aprovação de Aslam, jurei que se um dia estabelecesse a paz em Nárnia navegaria durante um ano para encontrar os amigos de meu pai, ou ter a certeza da morte deles e vingá-los caso pudesse. Seus nomes eram lorde Revilian, lorde Bern, lorde Argos, lorde Mavramorn, lorde Octasiano, lorde Restimar e... oh!... há mais um...

como é mesmo?...

– Lorde Rupe, senhor – acrescentou Drinian.

– Exatamente, lorde Rupe – disse Caspian. – Esta é a minha intenção principal. Mas o Ripchip aqui tem mais altas esperanças. – Todos os olhos se viraram para o rato.

– Tão altas quanto o meu espírito. Ainda que, talvez, tão pequenas quanto a minha estatura. Por que não haveríamos de chegar ao extremo oriental do mundo? Que poderíamos encontrar lá? Espero encontrar o próprio país de Aslam! É sempre do Oriente, através do mar, que o Grande Leão vem encontrar-se conosco.

– É uma idéia – comentou Edmundo, em tom muito respeitoso.

– Mas acha – perguntou Lúcia – que o país de Aslam é desse jeito, quero dizer, do tipo que se pode navegar até ele?

– Não sei, minha senhora. Mas repare bem: estava eu ainda no berço, e uma dríade do bosque cantou assim:

Onde o céu e o mar se encontram,

Onde as ondas se adoçam,

Não duvide, Ripchip,

Que no Leste absoluto está

Tudo o que procura encontrar.

– Não sei o que isto significa, mas esse sortilégio me perseguiu a vida toda.

– E onde estamos agora, Caspian? – perguntou Lúcia, depois de ligeiro silêncio.

– O capitão poderá informá-la melhor do que eu. – Drinian puxou o mapa e estendeu-o sobre a mesa.

– Nossa posição é esta – disse, apontando com o dedo. – Ou, pelo menos, era, hoje ao meio-dia. Tivemos um vento magnífico desde Cair Paravel e paramos um pouco ao norte de Galma, aonde chegamos no dia seguinte. Estivemos no porto durante uma semana, pois o duque de Galma tinha organizado um grande torneio em honra de Sua Majestade, que desmontou muitos cavaleiros...

– E levei também umas tremendas quedas, Drinian – observou Caspian. – Ainda tenho as marcas...

– ... e desmontou muitos cavaleiros – repetiu Drinian, com um trejeito. – Pareceu-nos que o duque teria ficado muito contente se o rei tivesse casado com a filha dele, mas isso não aconteceu...

– Tem olhos tortos e sardas – disse Caspian.

– Coitadinha! – exclamou Lúcia.

– Saímos de Galma – continuou Drinian – e por dois dias pegamos uma grande calmaria que nos obrigou a remar, mas o vento voltou e levamos quatro dias para chegar a Terebíntia. Aí, o rei nos mandou um recado para que não desembarcássemos, pois havia peste no país. Assim, dobramos o cabo, ancoramos numa pequena enseada longe da cidade e recolhemos água. Tivemos de ficar ancorados três dias nesse lugar, antes que apanhássemos um vento sudoeste para seguir a caminho das Sete Ilhas. No fim do terceiro dia, um navio pirata (de Terebíntia, pela aparência) alcançou-nos, mas quando nos viu bem armados afastou-se, de pois de rápida troca de flechas...

– Devíamos ter ido atrás deles e liquidado todos aqueles piolhos – disse Ripchip.

– Cinco dias mais tarde estávamos à vista de Muil, que, como sabem, é a mais ocidental das Sete Ilhas. Remamos através dos estreitos e, perto do anoitecer, chegamos a Porto Vermelho, na ilha de Brena, onde nos receberam festivamente, e onde nos abastecemos à vontade de víveres e água. Deixamos Porto Vermelho há seis dias e temos navegado com tanta rapidez que esperamos ver as Ilhas Solitárias depois de amanhã. Em resumo, estamos no mar há uns trinta dias e já navegamos mais de quatrocentas léguas desde Nárnia.

– E além das Ilhas Solitárias? – perguntou Lúcia.

– Ninguém sabe, real senhora. A não ser que os próprios habitantes das ilhas saibam nos informar.

– Não sabiam na nossa época – respondeu Edmundo.

– Por isso – disse Ripchip –, é depois das Ilhas Solitárias que a aventura é pra valer!

Caspian sugeriu que talvez gostassem de ver o navio antes da ceia, mas a consciência de Lúcia a afligia muito.

– Acho que vou dar uma olhada em Eustáquio. Como sabem, o enjôo é uma coisa terrível. Se tivesse comigo o meu antigo elixir, poderia curá-lo.

– Pois está aqui – disse Caspian. – Tinha-me esquecido completamente. Como o deixou ao partir, achei que podia ser guardado como patrimônio do tesouro real e o trouxe. Se acha que deve ser desperdiçado em uma coisa como enjôo...

– Só vou gastar uma gota – garantiu Lúcia.

Caspian abriu uma gaveta e tirou o frasquinho de diamante de que Lúcia se lembrava tão bem.

– Restituo-lhe o que é seu.

Depois voltaram para a luz do sol. Havia no convés duas grandes escotilhas, sempre abertas quando o tempo estava bom, uma de cada lado do mastro, para deixar passar a luz e o ar para o interior do navio. Caspian conduziu-os por uma escada que levava à escotilha da frente. Acharam-se

em um compartimento onde se enfileiravam lado a lado bancos para remadores; a luz, entrando pelo orifício dos remos, dançava no teto.

Claro que o navio de Caspian não se parecia nada com uma galera movida a remo por escravos. Só eram usados os remos quando não havia vento ou para entrar ou sair de algum porto. Todos, menos Ripchip, que tinha as pernas curtas demais, remavam muitas vezes. De cada lado do barco, debaixo dos bancos, havia um espaço para os pés dos remadores, e, bem no centro de tudo, uma espécie de poço que descia até a quilha, cheio de vasos das mais variadas coisas: sacos de farinha, tonéis de cerveja e água, barris com carne de porco, jarros de mel, odres de vinho, maçãs, nozes, queijos, biscoitos, nabos, fatias de toucinho. Do teto – isto é, da parte de baixo do convés – pendiam presuntos e braçadas de cebolas e, deitados nas suas redes, os vigias que estavam de serviço.

Depois foram para a popa, chegando a uma parede de madeira com uma porta, que Caspian abriu. Entraram numa cabine que ocupava a parte de baixo da popa e dos camarotes do convés. Não era tão bonita quanto a outra. O teto era muito baixo, e as paredes tinham uma inclinação muito acentuada. Embora de vidro grosso, as janelas não podiam ser abertas, pois ficavam quase debaixo do nível da água. Conforme o navio mergulhava, pareciam alternadamente douradas, com a luz do sol, ou verde-escuras, com o mar.

– Eu e você, Edmundo, vamos ficar alojados aqui – disse Caspian. – Cederemos ao seu parente o beliche e dormiremos nas redes.

– Rogo a Vossa Majestade... – disse Drinian.

– Não, meu amigo – replicou o rei –, já discutimos isso. Você e Rince (Rince era o ajudante) dirigem o navio e terão muito trabalho todas as noites, enquanto nós ficaremos a cantar ou a contar histórias. Por isso, vocês ficam no camarote superior. O rei Edmundo e eu ficaremos embaixo comodamente instalados. Como vai indo o estrangeiro?

Eustáquio, muito esverdeado, fechou a cara e quis saber se havia indícios de a tempestade acalmar.

– Que tempestade? – perguntou Caspian. E Drinian caiu na gargalhada, dizendo:

– Tempestade, meu jovem?! Não se pode pedir um tempo melhor!

– Quem é esse cidadão? – perguntou Eustáquio, irritado. – Mandem que ele se retire. A voz dele me dá nos nervos.

– Trouxe uma coisa que vai fazer-lhe bem, Eustáquio – disse Lúcia.

– Ora, deixem-me em paz! – resmungou Eustáquio. Mas tomou uma gota do frasco. Apesar de dizer que era uma droga horrenda (o cheiro que se espalhou pela cabine era delicioso), seu rosto retomou a cor natural, segundos depois de ter bebido.

Devia sentir-se melhor, pois, em vez de queixar-se da tempestade e da cabeça, começou a pedir que o desembarcassem e a garantir que haveria de "apresentar queixa" contra todos eles ao cônsul britânico, no primeiro porto a que chegassem.

Quando Ripchip perguntou que *queixa* era essa e como se *apresentava* (Ripchip achava que era uma nova maneira de arranjar um duelo), Eustáquio apenas pôde responder:

– Vejam só! Não sabe nem isso!

Por fim conseguiram convencê-lo de que estavam navegando o mais depressa possível para a terra mais próxima que conheciam, e que ir para a Inglaterra ou para a Lua seria a mesma coisa – *impossível*!

Acabou consentindo, de cara feia, em vestir outra roupa e subir para o convés.

Caspian acompanhou-os na visita ao barco, ainda que já o tivessem visto quase todo. Subiram ao castelo da proa e viram os vigias num pequeno compartimento dentro do pescoço dourado do dragão, olhando pela boca aberta. Dentro do castelo da proa estava a galé (ou cozinha do navio) e os alojamentos do contramestre, do carpinteiro, do cozinheiro e do arqueiro-mor.

Se você acha estranho que a cozinha esteja na parte da frente, pensando que o fumo da chaminé se espalha para trás, por todo o navio, é porque está imaginando um navio a vapor, onde há sempre vento de frente. Numa embarcação a vela o vento vem de trás, e qualquer coisa que deite cheiro é colocada bem na frente.

Subiram à torre de combate, onde, à primeira vista, era aflitivo olhar lá embaixo o convés, tão pequeno e tão longe. Quem caísse dali, tanto podia

cair dentro, no navio, como no mar. Depois foram levados à popa, onde Rince e outro homem estavam de serviço na grande roda do leme, detrás da qual o dragão erguia a cauda de ouro, formando um pequeno compartimento com um pequeno banco.

O navio chamava-se *Peregrino da Alvorada*. Era uma coisinha à-toa se comparado aos nossos navios, e até mesmo às galeras que havia em Nárnia na época em que Lúcia e Edmundo ali reinaram, pois quase toda a navegação havia cessado com os antecessores de Caspian. Quando seu tio, o usurpador Miraz, mandou os sete fidalgos para o mar, teve de comprar um navio galmiano. Mas, agora, Caspian começara a ensinar aos narnianos a ser de novo gente do mar, e o *Peregrino* era o mais bonito dos barcos que mandara construir, mas tão pequeno que quase não tinha convés entre o mastro principal e a escotilha, de um lado, e o galinheiro, do outro (Lúcia deu de comer às galinhas). Em seu gênero, era uma beleza, como diziam os marinheiros, de linhas perfeitas, cores puras, todos os pormenores feitos com amor.

Não agradava nada a Eustáquio, que não parava de contar vantagens sobre os transatlânticos, barcos a vapor, aviões, submarinos ("Como se entendesse qualquer coisa disso" – murmurou Edmundo). Mas os outros dois estavam encantados com o *Peregrino*. Quando voltaram ao camarote para cear e viram o céu todo iluminado com um imenso pôr-do-sol, e sentiram o navio estremecer sob os pés, e o gosto de sal nos lábios, tudo isso aliado à perspectiva de terras desconhecidas, tiveram tão grande sensação de felicidade, que Lúcia não conseguiu dizer uma palavra.

Quanto ao pensamento de Eustáquio, é melhor sabermos por intermédio de suas próprias palavras; pois quando lhe devolveram sua roupa seca, na manhã seguinte, tirou do bolso um caderninho de capa preta e um lápis e começou a escrever um diário. Costumava apontar nesse caderno inseparável suas notas de colégio. Não se interessava de fato por nenhuma das matérias, mas adorava tirar boas notas e vivia perguntando a todos: "Quanto você tirou em Geografia? Eu tirei nove!" Como não era provável que lhe dessem boas notas no *Peregrino*, resolveu iniciar o diário. Eis o começo:

"7 de agosto. Se isso não é um sonho, já estou 24 horas neste barco abaixo da crítica. Durante todo esse período tem feito um mau tempo insuportável (ainda bem que não costumo enjoar a bordo). Ondas imensas

avançam constantemente sobre a parte da frente do barco, e já o vi em perigo de ir ao fundo inúmeras vezes. Os outros fingem que não notam, ou por fanfarronice, ou por fecharem covardemente os olhos aos fatos (como Arnaldo afirma que fazem as pessoas medíocres). E uma autêntica loucura vir para o mar em uma miserável casquinha como esta. Não é mais espaçosa que um salva-vidas. O interior, claro, é de todo primitivo. Não tem um salão, nem rádio, nem banheiros, nem poltronas. Ontem à noite levaram-me quase de rastos para ver o barco todo, e era de morrer de rir ouvir Caspian gabar o seu barquinho como se fosse o *Queen Mary*. Ainda tentei explicar-lhe como eram os barcos de verdade, mas é burro demais. E. e L. não estão de acordo comigo. Acho que L. ainda não tem consciência do perigo, e E. vive botando azeitonas na empada de C, como fazem todos aqui. É chamado de rei. Disse-lhe que eu era republicano, e perguntou-me o que vinha a ser isso!!! Acho que não entende nada de nada. É desnecessário dizer que me puseram no pior camarote, um verdadeiro calabouço. À Lúcia deram um camarote no convés, só para ela. Se o compararmos com o resto do barco, dir-se-ia que é quase belo. C. diz que é por se tratar de uma moça. Tentei explicar-lhe o que Alberta sempre diz, que esse tipo de coisa inferioriza as moças, mas não conseguiu entender. Porém, podia bem compreender que vou adoecer se continuar por mais tempo neste covil. E. diz que não devemos queixar-nos porque o próprio C. divide o quarto conosco, cedendo o seu a L. Como se assim não ficássemos mais apertados e numa situação ainda pior. Quase me esquecia de dizer que há também aqui uma espécie de rato, que trata a todos com a mais incrível arrogância. Os outros que o suportem, se quiserem; quanto a mim, dou-lhe um bom nó na cauda na primeira em que se meter comigo. A comida também é detestável.”

A questão entre Eustáquio e Ripchip estourou mais cedo do que se esperava. No dia seguinte, antes do almoço, quando os outros já estavam sentados à mesa esperando (o mar dá um apetite excelente), Eustáquio entrou correndo, apertando uma das mãos e gritando:

– Aquele animal quase me matou! Exijo que seja posto sob vigilância. Eu podia intentar uma ação contra você, Caspian. Podia até exigir que executasse o rato!

Ripchip apareceu, espada desembainhada, bigodes eriçados, mas cortês como sempre. Edmundo perguntou o que se passava.

– Peço perdão a todos, e especialmente a Vossa Majestade (referindo-se aqui a Lúcia). Se soubesse que ele se refugiara neste recinto, teria esperado melhor ocasião para castigá-lo.

Acontecera o seguinte: Ripchip, que nunca achava que o barco ia rápido o bastante, gostava de sentar-se na amurada, na cabeça do dragão, olhando o horizonte para as bandas do oriente e cantando na sua vozinha chiante a canção que a dría-de lhe dedicara. Nunca se agarrava a nada e, embora o navio pulasse, conservava facilmente o equilíbrio. Sua cauda, que se estendia pelo convés, devia contribuir para essa estabilidade. Todos a bordo conheciam esse hábito, e os marinheiros gostavam disso, pois é sempre bom ter alguém para conversar quando se está de vigia. A verdadeira razão que levou Eustáquio a ir escorregando, cambaleando, tropeçando por todo o caminho até o castelo da proa (ainda não se acostumara com os balanços do navio) é que eu nunca soube. Talvez esperasse ver terra, talvez tenha ido rondar a cozinha do navio para ver se abiscoitava alguma coisa. De qualquer modo, assim que viu aquela cauda estendida – realmente devia ser uma tentação – pensou que seria genial fazer Ripchip rodopiar preso pela cauda, uma ou duas vezes, para baixo e para cima, e sair depois correndo em grandes risadas. A princípio tudo parecia ir muito bem. O rato era pouco mais pesado que um gato grande. Eustáquio o fez girar umas três vezes e achou muito engraçado ver Ripchip com as patinhas afastadas e a boca aberta.

Mas, infelizmente, Rip lutara muitas vezes para defender a vida e não perdeu a cabeça um só instante. Nem a agilidade. Não é muito fácil desembainhar uma espada quando se está rodando no ar, preso pela cauda, mas ele conseguiu.

Dois dolorosos golpes na mão obrigaram Eustáquio a soltar imediatamente a cauda do rato. Endireitando-se logo, este saltou para o convés como uma bola e enfrentou o rapaz; manejava para a frente e para trás uma coisa comprida, brilhante, afiada como um espeto, apenas à distância de cinco centímetros da barriga do adversário.

– Pare com isso! – berrou Eustáquio. – Vá embora! Vou contar tudo para Caspian! Aposto que irão amordaçá-lo!

– Por que não tira a sua espada, covardão? – chiou o rato. – Tire-a e lute, ou lhe baterei tanto com a espada que vou deixá-lo roxo.

– Nunca usei uma espada – disse Eustáquio. – Sou um pacifista. Não me meto em brigas.

– Quer dizer – disse Ripchip, afastando a espada e falando com grande severidade – que não pretende conceder-me uma reparação?

– Não entendo o que quer dizer – disse Eustáquio, esfregando a mão. – Se você é incapaz de entender uma brincadeira, não vou perder meu tempo.

– Então, tome esta – disse Ripchip – e mais esta, e esta, para aprender a ter modos e a respeitar um Cavaleiro do Reino e a cauda de um rato. – E, a cada palavra, castigava Eustáquio com um golpe lateral de sua pequena espada, que era fina, de aço forjado por anões, e tão flexível e eficiente quanto um chicote.

Eustáquio, é claro, estudava em uma escola em que não havia castigos corporais: a sensação era completamente nova para ele. Assim, mesmo não tendo pernas de homem do mar, levou menos de um minuto para chegar ao castelo da proa, cobrindo toda a extensão do convés como um relâmpago e irrompendo pela porta do camarote ainda perseguido por Ripchip.

Não houve grande dificuldade em resolver a questão. Ao perceber que todos aderiram, muito a sério, à idéia de um duelo (ouviu Caspian oferecer-lhe sua espada, enquanto Drinian e Edmundo discutiam as condições que lhe deveriam impor, visto ser muito mais alto do que Ripchip), Eustáquio desculpou-se, emburrado. Depois retirou-se com Lúcia, para que esta tratasse do seu ferimento. Quando foi dormir, teve o cuidado de deitar-se de lado.

3
As ILHAS SOLITÁRIAS

– Terra à vista! – gritou o homem da proa.

Lúcia, que conversava com Rince na popa, correu escada abaixo e, no caminho, encontrou Edmundo. Quando chegaram ao castelo da proa, Caspian, Ripchip e Drinian já estavam lá.

A manhã era fria, com o céu muito pálido e o mar azul-escuro com pequenas cristas brancas de espuma. Longe, avistava-se a mais próxima das Ilhas Solitárias, Felimate, como montanha verde no meio do mar, e, mais longe ainda, as vertentes cinzentas de sua irmã Durne.

– Sempre a mesma Felimate! Sempre a mesma Durne! – exclamou Lúcia, batendo palmas. – Oh, Edmundo, faz tanto tempo que estivemos aqui!

– Nunca entendi por que pertencem a Nárnia – disse Caspian. – Foram conquistadas pelo Grande Rei Pedro?

– Não! – respondeu Edmundo. – Já pertenciam a Nárnia antes disso, desde o tempo da Feiticeira Branca.

De minha parte, nunca soube por que essas ilhas afastadas passaram a pertencer à coroa de Nárnia; se algum dia souber e se a história tiver realmente interesse, hei de narrá-la em outro livro.

– Vamos lançar âncora aqui? – perguntou Drinian.

– Acho que não vale a pena desembarcar em Felimate – disse Edmundo. – Era quase desabitada no nosso tempo e acho que não mudou. O povo vivia principalmente em Durne e um pouco em Avra, a terceira ilha, que não se vê daqui.

– Então teremos de dobrar aquele cabo – disse Drinian – e desembarcar em Durne. Isso quer dizer que precisamos remar.

– É uma pena que não vamos desembarcar em Felimate – disse Lúcia. – Gostaria de dar uma voltinha por lá. Era tudo tão solitário... Uma solidão linda. Tudo relva, trevo e ar puro do mar.

– Também gostaria de mexer as pernas – disse Caspian. – Tenho uma idéia: iremos de bote, e depois o enviamos de volta; atravessamos Felimate a pé e pegamos o *Peregrino* do outro lado da ilha.

Se Caspian já fosse tão experiente como veio a ser mais tarde naquela mesma viagem, não teria feito essa sugestão, que, de momento, lhe parecia excelente.

– Ótimo! – gritou Lúcia.

– Quer vir também? – indagou Caspian a Eustáquio, que tinha subido ao convés com a mão enfaixada.

– Qualquer coisa é melhor do que a droga deste navio!

– Droga! Que quer dizer com isso? – perguntou Drinian.

– Num país civilizado, como aquele de onde vim, os navios são tão grandes que, quando se entra neles, nem se chega a perceber que andou no mar.

– Nesse caso podiam ficar sempre em terra. – disse Caspian. – Drinian, pode mandar descer o bote.

O rei, o rato, os dois Pevensie e Eustáquio entraram no bote e foram levados à praia de Feli-mate. Quando o bote os deixou e voltou, olharam em torno: ficaram surpresos ao ver como o *Peregrino* parecia pequenino.

Claro que Lúcia continuava descalça, pois havia tirado os sapatos para nadar, mas não achava nada difícil caminhar sobre a relva macia. Era formidável pisar novamente no chão, sentir o cheiro da terra e da relva, ainda que a princípio o terreno parecesse balançar como no barco, o que acontece normalmente durante algum tempo, depois de uma viagem por mar. Era mais quente ali do que a bordo, e Lúcia gostou de pisar na areia. Uma cotovia cantava.

Subiram a um monte bastante escarpado, ainda que baixo. No alto, como é natural, olharam para trás e lá estava o *Peregrino* brilhando como um grande inseto reluzente, movendo-se lentamente para noroeste com os seus remos. Dobraram a crista do monte e não mais o viram.

Durne estava na frente, separada de Felimate por um canal com menos de dois quilômetros; à esquerda ficava Avra.

Via-se nitidamente a cidadezinha branca de Porto Estreito, em Durne.

– O que é aquilo? – perguntou Edmundo.

No vale verde, para o qual desciam, estavam sentados, à sombra de uma árvore, seis ou sete homens de má aparência, todos armados.

– Não lhes digam quem somos – falou Caspian.

– Pode-se saber por quê, Majestade? – perguntou Ripchip, que concordara em ser transportado no ombro de Lúcia.

– Ocorreu-me agora que talvez ninguém aqui ouça falar de Nárnia há muito tempo. É bem possível que já não reconheçam a nossa soberania.

De qualquer forma, não é muito seguro ser conhecido como rei.

– Temos as nossas espadas – disse Ripchip.

– Sim, é claro, mas se tivermos de reconquistar as três ilhas prefiro voltar aqui com um exército maior.

Já estavam muito perto dos homens, quando um deles, um homenzarrão de cabelo escuro, gritou:

– Bom dia!

– Bom dia! – disse Caspian. – Ainda há um governador nas Ilhas Solitárias?

– Claro que há – respondeu o homem –, o governador Gumpas. Sua Excelência está em Porto Estreito. Sentem-se e bebam conosco.

Caspian agradeceu, e, ainda que nem ele nem os outros gostassem da aparência dos novos conhecidos, sentaram-se todos. Mal tinham levado o copo aos lábios, já o homem de cabelo escuro fazia sinal aos companheiros, e num relâmpago os cinco visitantes viram-se agarrados por braços fortes. A luta foi rápida, e logo estavam todos desarmados e com as mãos amarradas às costas, com exceção de Ripchip, que se revirava nas mãos de seu captor e o mordia furiosamente.

– Cuidado com esse animal, Taco – disse o chefe. – Não o machuque. Vai alcançar o melhor preço de todo o lote. Quem haveria de dizer!

– Covarde! Poltrão! – guinchava Ripchip. – Passe a minha espada e liberte-me, se for homem!

– Puxa! – exclamou o mercador de escravos, pois era essa sua profissão. – Ele fala! Nunca pensei!

Quero ser mico de circo se não fizer com ele duzentos crescentes. (O crescente dos calormanos, que é a principal moeda da região, vale cerca de duzentos reais.)

– Então o seu trabalho é esse? – falou Caspian.

– Raptor de crianças e vendedor de escravos! Deve sentir-se muito orgulhoso...

– Ora, não comece com besteiras – interrompeu o mercador. – Quanto mais bonzinhos ficarem, melhor será para todos. Não faço isso por gosto. Tenho de ganhar a vida como todo o mundo.

– Para onde está nos levando? – perguntou Lúcia, pronunciando as palavras com dificuldade.

– Para Porto Estreito – respondeu o mercador.

– Amanhã é dia de feira.

– Existe lá um cônsul britânico? – perguntou Eustáquio.

– Existe o quê?! – estranhou o homem.

Mas, antes que Eustáquio se cansasse de explicar, o mercador disse apenas:

– Chega de conversa fiada. O rato é uma boa mercadoria, mas este aqui fala pelos cotovelos. Vamos andando, pessoal.

Os quatro prisioneiros foram amarrados juntos, não de maneira cruel, mas de modo que ficassem seguros. Tiveram de caminhar até a praia. Ripchip era transportado no colo. Tinha parado de morder, sob a ameaça de lhe amordaçarem, mas desforrava-se protestando. Lúcia estava boba de ver como o mercador agüentava as coisas que o rato lhe dizia. – Continue! – dizia ele, sem se irritar, sempre que Ripchip parava para tomar fôlego; e acrescentava de vez em quando: – Isto é melhor do que ir ao teatro de marionetes; chego a pensar que sabe o que está dizendo! Quem o ensinou a falar?

Isso enfureceu tanto Ripchip que ele acabou sufocado (com tanta coisa para falar ao mesmo tempo) e calou a boca.

Quando chegaram à praia, que ficava em frente de Durne, encontraram uma aldeiazinha e, um pouco mais longe, um barco comprido, que parecia sujo de lama.

– Agora, jovens – disse o mercador –, nada de confusões, para não terem o que lamentar. Todos a bordo.

Nesse mesmo instante, um homem barbado, de boa aparência, saiu de uma casa (uma estalagem, acho) e disse:

– Olá, Pug. Mais um pouco de sua mercadoria de sempre?

O mercador fez uma profunda reverência e disse num tom mesureiro:

– Pois é. Vossa Senhoria quer alguma?

– Quanto está pedindo por aquele rapaz? – perguntou o outro, apontando para Caspian.

– Ah, Vossa Senhoria sempre escolhe o melhor. Não se deixa enganar com coisa de segunda classe.

Aquele rapaz, ora essa, é também o meu preferido. Sinto simpatia por ele. Tenho um coração sensível, não devia ter entrado numa profissão como esta. No entanto, para um cliente como Vossa Senhoria...

– Diga-me o preço dele, seu verme – disse o senhor, severamente. – Acha que quero ouvir essa conversa mole?

– Trezentos crescentes, meu senhor, para a Vossa honrada Senhoria, mas para qualquer outro...

– Dou cento e cinqüenta.

– Oh, por favor, por favor! – interrompeu Lúcia.

– Seja como for, não nos separe. Não sabe que... – Mas calou-se logo, pois viu que Caspian, nem mesmo naquela situação, queria ser reconhecido.

– Cento e cinqüenta! – repetiu o senhor. – Quanto a você, menina, tenho muita pena, mas não posso comprar todos. Solte o rapaz, Pug. E trate bem os outros enquanto estiverem nas suas mãos; do contrário, será pior para você.

– Essa é boa! – exclamou Pug. – Quem já ouviu falar de um cavalheiro, nesse meu ramo de negócio, que tratasse a mercadoria melhor do que eu?!

Trato deles como se fossem meus filhos.

– E bem provável que sim – disse o outro, de modo sombrio.

O momento terrível chegara. Caspian foi desatado e o seu novo amo lhe disse:

– Por aqui, moço.

Lúcia desandou a chorar, e Edmundo ficou muito pálido. Caspian, no entanto, olhou por cima do ombro, dizendo:

– Coragem! Tenho certeza de que no fim dará tudo certo. Até mais ver.

– Vamos, menina – disse Pug –, não fique assim que estraga a sua aparência. Tem de ser vendida amanhã. Comporte-se, nada de choro. Entendeu?

Foram levados em um bote a remo para o barco de escravos e metidos num largo compartimento, bastante escuro e nada limpo, onde já se encontravam outros infelizes prisioneiros. Pug, sem dúvida alguma, era um pirata e havia naquela ocasião regressado de uma incursão pela ilha, onde apanhara tudo o que pudera. As crianças não encontraram nenhum conhecido; a maior parte dos prisioneiros era de Galma ou de Terebíntia. Sentaram-se na palha, imaginando o que estaria acontecendo com Caspian. E tentando calar Eustáquio, que queria culpar a todos, menos a si próprio, pelo acontecido.

Do lado de Caspian, as coisas eram mais interessantes. O homem o levou por um atalho até um campo atrás da aldeia.

– Não precisa ter medo de mim – disse. – Vou tratá-lo muito bem. Comprei-o por causa de sua fisionomia. Você me lembra alguém.

– Posso saber quem, meu senhor? – perguntou Caspian.

– O meu amo, o rei Caspian de Nárnia.

Caspian resolveu então arriscar tudo de uma vez:

– Meu senhor, eu sou Caspian, rei de Nárnia.

– Assim é muito fácil. – disse o outro – Como posso saber se é verdade?

– Em primeiro lugar, vê-se pela minha cara. Em segundo lugar, porque sou capaz de dizer quem é você entre seis outros. Você é um dos sete fidalgos que meu tio Miraz mandou para o mar: Argos, Bern, Octasiano, Restimar, Mavramorn, e... e... me esqueci dos outros. Se me der uma espada provarei, em combate leal, que sou Caspian, filho de Caspian, legítimo rei de Nárnia, Senhor de Cair Paravel e Imperador das Ilhas Solitárias.

-Justos céus! – exclamou o homem. – É exatamente a mesma voz e a mesma maneira de falar do pai. Meu senhor e meu rei!

Ajoelhou-se e beijou a mão de Caspian, que lhe disse:

– O dinheiro que desembolsou será restituído pelo nosso tesouro.

– Já não deve estar na bolsa de Pug, senhor – disse lorde Bern, pois era ele – e, segundo penso, nunca estará. Já disse centenas de vezes ao governador para acabar com esse infame comércio de seres humanos.

– Caro lorde Bern, temos muito o que falar sobre o que se passa nestas ilhas, mas quero ouvir primeiro a sua história.

– É muito curta, senhor. Vim dar aqui com os meus seis companheiros, gostei de uma moça destas ilhas e cheguei à conclusão de que havia andado muito tempo pelo mar. Enquanto seu tio estivesse no governo não seria possível voltar a Nárnia; assim, casei-me e aqui tenho vivido desde então.

– Como é esse Gumpas, o governador? Ainda reconhece o rei de Nárnia como soberano?

– Aparentemente sim. Tudo é feito em nome do rei. Mas ele não vai ficar nada satisfeito ao ver o rei de Nárnia, real e vivo, a pedir-lhe contas do que fez. Se Vossa Majestade aparecesse na frente dele sozinho e desarmado, bem... não negaria vassalagem, mas fingiria não acreditar.

– O meu navio está agora virando o cabo. Se for preciso combater, somos trinta espadas. Posso cair sobre Pug com o meu navio e libertar meus amigos, que ele tem cativos.

– Não o aconselho a fazer isso – disse Bern. – Logo que começasse o combate, sairiam de Porto Estreito dois ou três navios em socorro de Pug. Vossa Majestade tem de agir fazendo alarde de um poderio que na realidade não tem e debaixo do terror produzido pelo nome do rei. Não deve ir em combate. Gumpas não agüenta uma galinha pelo rabo e acovarda-se facilmente.

Falaram mais algum tempo e desceram até a costa, desviando-se para oeste da aldeia; aí, Caspian fez soar a trompa (não era a trompa mágica da rainha Susana, que ficara em Nárnia com o regente Trumpkin, para o caso de alguma urgência).

Drinian, que estava de vigia à espera de um sinal, reconheceu logo a trompa real, e o *Peregrino* começou a aproximar-se da praia. O bote foi de novo arriado, e em poucos momentos Caspian e lorde Bern encontravam-se no convés explicando para Drinian a situação.

Este, como Caspian, teria preferido acostar o navio de escravos e fazer uma abordagem, mas Bern apresentou a objeção anterior.

– Navegue reto pelo canal, capitão – disse Bern.

– Vire depois para Avra, onde tenho os meus domínios. Hasteie o pavilhão azul, suspenda todos os escudos, mande para a ponte de combate o maior número possível de homens. Cerca de cinco tiros de flechas daqui, quando chegar à entrada do porto, faça alguns sinais.

– Sinais? Para quem? – perguntou Drinian.

– Para os navios que não trouxemos, mas que é preciso que Gumpas julgue que trouxemos.

– Estou entendendo – respondeu Drinian, esfregando as mãos. – E eles irão ler os nossos sinais.

Que vamos dizer? *Que a Armada vire ao sul de Avra e se reúna...*

– *No domínio de Bern* – completou lorde Bern.

– Perfeito. Se existissem alguns navios, toda a travessia se faria fora das vistas de Porto Estreito.

Caspian sentia pena dos amigos, que definhavam no barco de escravos, mas não pôde deixar de achar o resto do dia muito agradável. Já

muito tarde, entraram em um belo porto da costa sul de Avra, onde as ricas terras de Bern desciam até o mar.

Os habitantes de Bern, muitos dos quais trabalhavam no campo, eram todos livres; o domínio era feliz e próspero. Foram regiamente recebidos em uma casa baixa, sustentada por colunas, da qual se via toda a baía. Bern, sua simpática esposa e suas encantadoras filhas acolheram os visitantes com alegria.

Depois de anoitecer, Bern enviou um mensageiro de bote a Durne, para organizar alguns preparativos (não disse exatamente quais) para o dia seguinte.

4
UMA VITÓRIA DE CASPIAN

Na manhã seguinte, lorde Bern chamou os hóspedes bem cedo e pediu a Caspian que mandasse seus homens vestirem armadura completa.

– E especialmente – acrescentou – que tudo esteja tão limpo e reluzente como na manhã de um grande combate entre nobres reis, com um grande público assistindo.

Assim fizeram; Caspian com a sua gente e Bern com alguns de seus homens embarcaram em três botes com destino a Porto Estreito.

No cais, Caspian encontrou grande multidão a recebê-lo.

– Foi isto que mandei preparar na noite passa da – disse Bern. – São todos meus amigos e gente de bem.

Logo que Caspian desembarcou, a multidão rebentou em hurras e gritos: “Nárnia! Nárnia! Viva o Rei!”

No mesmo instante – também devido ao mensageiro de Bern –, começaram a tocar os sinos em vários lugares da cidade. Caspian mandou avançar seu pavilhão, ordenou que o corneteiro tocasse, que todos desembainhassem as espadas e que tivessem no rosto uma expressão de alegre serenidade. Marcharam de tal modo que toda a rua estremecia, e as armaduras brilhavam tanto ao sol da manhã que era impossível olhá-las fixamente.

A princípio, as únicas pessoas que davam vivas eram as que tinham sido avisadas pelo mensageiro de Bern, que sabiam o que se passava e gostavam disso; mas depois vieram as crianças, porque estas adoravam os desfiles e tinham visto ainda muito poucos. Em seguida, foram os garotos de escola, que também gostavam de desfiles e achavam que quanto mais barulho houvesse menor seria a probabilidade de irem à escola naquela

manhã. E depois as velhas começaram a esticar o pescoço para fora das portas e janelas e a tagarelar... Um rei ia passar, e o que é um governador comparado com um rei? Vieram depois as moças, pela mesma razão, e também porque Caspian, Drinian e os outros eram muito simpáticos. E depois os rapazes vieram para ficar perto das moças. Já era quase a cidade toda aclamando quando alcançaram os portões do castelo. Sentado à sua mesa, remexendo contas, regulamentos e leis, Gumpas ouviu o barulho.

À entrada do castelo, o corneteiro tocou, gritando em seguida:

– Abram para o Rei de Nárnia, que vem em visita ao seu fiel servo, o governador das Ilhas Solitárias.

Naquela época, tudo quanto se fazia nas ilhas era com desleixo e de maneira descuidada. Abriu-se apenas uma portinhola do castelo e apareceu um homenzinho com um chapéu sujo na cabeça, em vez de elmo, e um chuço velho e enferrujado na mão. Pestanejou quando viu as figuras brilhando na sua frente e, falando de um jeito que mal se podia entender, disse:

– Não podem ver Sua Excelência. Não se concede audiência sem hora marcada, exceto das nove às dez nos segundos sábados de cada mês.

– Tire o chapéu perante Nárnia, cão! – trovejou Bern, dando-lhe tal pancada com sua mão imensa que o chapéu saltou-lhe da cabeça.

– Que é isto? – começou o porteiro, mas ninguém lhe deu importância. Dois dos homens de Caspian entraram pela portinhola e, depois de alguma luta com as trancas e ferrolhos (estava tudo enferrujado), escancararam as duas partes do grande portão.

O rei e seu séquito entraram no pátio, onde cochilavam alguns guardas, e muitos outros saíram aos tombos de várias portas, ainda limpando a boca. Apesar de terem as armas em péssimas condições, aqueles homens poderiam lutar se fossem levados a isso ou entendessem o que estava se passando. O momento era na verdade perigoso, mas Caspian não lhes deu tempo para pensar.

– Onde está o capitão? – perguntou.

– De certo modo sou eu, se é que está me entendendo – disse um jovem de aspecto lânguido, sem armadura.

– É nossa intenção – disse Caspian – tornar a nossa visita um motivo de alegria e não de terror para todos os nossos leais súditos das Ilhas Solitárias. Se assim não fosse, teríamos muito que falar sobre o estado das armas e das armaduras de seus homens. Por esta vez estão perdoados. Mande abrir um tonel de vinho para que bebam todos à nossa saúde. Mas, amanhã, ao meio-dia, quero vê-los neste pátio como gente de armas e não como vagabundos. Providencie para que se cumpra como ordenamos, sob pena do nosso real desagrado.

O capitão ficou boquiaberto, mas Bern gritou logo:

– Três vivas ao Rei! – E os soldados, que tinham ouvido qualquer coisa acerca de um tonel de vinho, mesmo sem terem entendido nada mais, juntaram-se a eles.

Caspian ordenou que a maior parte de seus homens ficasse no pátio. Ele, Bern, Drinian e mais quatro outros entraram no salão. O governador das Ilhas Solitárias sentava-se a uma mesa no extremo da sala, rodeado de vários secretários. Era um homem de aspecto doentio, com uma cabeleira que outrora fora ruiva, mas que estava agora toda grisalha. Ergueu os olhos quando os desconhecidos entraram e depois, olhando para os seus papéis, foi dizendo automaticamente:

– Não há audiência sem hora marcada, exceto das nove às dez nos segundos sábados de cada mês.

Caspian fez um sinal a Bern e afastou-se para o lado. Bern e Drinian avançaram, e cada um deles pegou de um lado da mesa. Ergueram-na, atirando-a de encontro à parede de um dos lados do salão, espalhando uma cachoeira de cartas, pastas, tinteiros, canetas, carimbos e documentos. Depois, delicadamente, mas firmes, como se as mãos fossem pinças de aço, arrancaram Gumpas da cadeira e o colocaram no chão, um metro mais longe. Caspian sentou-se imediatamente na cadeira e descansou a espada desembainhada sobre os joelhos. Olhando fixamente para Gumpas, disse:

– Meu senhor, não tivemos de sua parte a acolhida que esperávamos. Sou o rei de Nárnia.

– Na correspondência não vejo nada acerca de sua vinda – disse o governador. – Nem nas minutas. Não fomos notificados. Tudo isso é muito ir regular. Gostaria de considerar o assunto com mais vagar.

– Estou aqui para inquirir do desempenho de suas funções. E há especialmente dois pontos que exijo que me sejam explicados. Em primeiro lugar, não há qualquer registro que indique ter sido pago algum tributo por estas ilhas à Coroa... há cerca de cento e cinqüenta anos.

– Isto é uma questão para ser tratada em conselho no próximo mês. Se for necessário, formarei uma comissão de inquérito para apreciar o panorama financeiro destas ilhas, na próxima assembléia do ano que vem, e só então...

– E também vejo escrito muito claramente nas nossas leis – continuou Caspian – que, se o tributo não for entregue, todo o débito terá de ser pago pelo governador das ilhas de sua bolsa particular.

Aí Gumpas começou a tomar interesse verdadeiro pelo assunto.

– Oh, mas isso é inadmissível. É financeiramente impossível. Vossa Majestade deve estar brincando.

Lá no fundo, estava imaginando de que modo poderia ver-se livre daqueles visitantes indesejáveis. Se soubesse que Caspian só tinha um navio, teria pronunciado naquela ocasião palavras muito melífluas, esperando que a noite caísse para cercá-los e matá-los todos. Mas tinha visto um navio de guerra atravessar o estreito no dia anterior, fazendo sinais, conforme supunha, para outros navios. Não havia reconhecido o navio do rei, pois não havia vento suficiente para desenrolar a bandeira e tornar visível o leão de ouro, e assim esperara pelos acontecimentos. Julgava agora que Caspian tinha uma armada completa no domínio de Bern. Gumpas nunca seria capaz de supor que alguém entrasse em Porto Estreito para tomar as ilhas com menos de trinta homens; não era de modo algum uma coisa que ele mesmo tivesse coragem de fazer...

– Em segundo lugar – disse Caspian –, gostaria de saber por que permitiu que se desenvolvesse aqui esse ignominioso tráfico de escravos, contrariando antigos usos e costumes de nossos domínios.

– Não foi possível ser de outro modo – respondeu Sua Excelência. – Posso assegurar-lhe que é uma parte essencial do desenvolvimento econômico das ilhas. O nosso presente estado de prosperidade depende disso.

– Mas que necessidade tem dos escravos?

– Para exportação, Majestade. São vendidos especialmente para a Calormânia. E temos outros mercados. Somos um grande centro comercial.

– Em outras palavras, não precisa deles. Tem outra finalidade além de encher os bolsos de um tal de Pug?

– Os verdes anos de Vossa Majestade – disse Gumpas com um sorriso que pretendia ser paternal – impedem-no de compreender o problema econômico daí resultante. Mas eu tenho estatísticas, gráficos, tenho...

– Por mais verde que seja a minha idade, acho que entendo tanto de comércio de escravos quanto Vossa Excelência. O tráfico não traz para a ilha carne, pão, cerveja, vinho, madeira, couve, livros, instrumentos musicais, armaduras ou qualquer outra coisa. Mas, mesmo que trouxesse, não pode ria continuar.

– Isso seria o mesmo que impedir o relógio de marcar o tempo – articulou a custo o governador.

– Não faz idéia do que seja o desenvolvimento, o progresso?

-Já vi essas duas coisas num saco só. Em Nárnia chamamos a isso *ir de mal a pior*. Esse negócio tem de acabar.

– Não assumo a responsabilidade por essa medida – disse Gumpas.

– Então, muito bem! Está desobrigado de seu encargo. Lorde Bern, venha cá. – E, antes que Gumpas compreendesse o que ia acontecer, Bern ajoelhava-se como governador das Ilhas Solitárias, segundo os antigos costumes de Nárnia. E Caspian disse:

– Acho que já tivemos governadores demais – e assim concedeu a lorde Bern o título de duque, Duque das Ilhas Solitárias.

– Quanto ao senhor – falou Caspian para Gumpas –, está perdoado pela dívida do tributo. Mas, antes do meio-dia, o senhor e os seus homens todos têm de sair do castelo, que é agora residência do duque.

– Um momentinho – disse um dos secretários de Gumpas –, tudo isto está muito divertido, mas que tal se os senhores acabassem com a brincadeira e começássemos a tratar de negócios?... A questão que temos realmente perante nós é que...

– A questão é saber – disse o duque – se você e o resto da canalhada vão embora com açoites ou sem açoites! Podem escolher.

Quando tudo ficou satisfatoriamente resolvido, Caspian mandou buscar cavalos (havia, mas muito maltratados) e partiu com Drinian, Bern e alguns outros para a cidade, dirigindo-se ao mercado de escravos. Era um prédio baixo e comprido perto do porto. O espetáculo lá dentro era muito parecido com o de qualquer outro leilão: uma grande multidão e Pug no estrado, bradando com voz rouca:

– Agora, meus senhores, lote 23. Um belo agricultor de Terebíntia, próprio para minas e galés.

Menos de vinte e três anos. Bons dentes. Um rapaz sadio e forte. Tire a camisa dele, Taco, para que estes senhores possam ver melhor! Aqui os senhores têm músculos para servi-los! Olhem para este peito! Dez crescentes para aquele senhor ali do canto. Está brincando, cavalheiro? Quinze! Dezoito! Arremata-se o lote 23 por dezoito? Vinte e um. Muito obrigado. Arrematado por vinte e um crescentes.

De repente Pug calou-se e ficou de boca aberta ao ver as figuras vestidas de cota de malha que subiam ao estrado.

– Todos de joelhos perante o Rei de Nárnia! – clamou o duque.

Ouvia-se lá fora o relinchar de cavalos, e muitos que ali estavam já tinham ouvido rumores sobre o desembarque e os acontecimentos no castelo. A maioria obedeceu. Os que não obedeciam eram empurrados pelos vizinhos. Alguns davam vivas.

– A sua vida me pertence, Pug, por ter ousado ontem pôr as mãos na minha real pessoa – disse Caspian. – Mas perdôo sua ignorância. O comércio de escravos foi abolido em nossos domínios há quinze minutos. Declaro livres todos os escravos deste mercado.

Levantou a mão para deter as aclamações dos escravos e perguntou:

– Onde estão os meus amigos?

– A graciosa mocinha e o bonito rapaz? – perguntou Pug, com um sorriso bajulador. – Ah, já foram levados...

– Estamos aqui, estamos aqui, Caspian – gritaram Lúcia e Edmundo ao mesmo tempo. – E às suas ordens, Majestade – chiou Ripchip do outro lado.

Tinham sido todos vendidos, mas os seus “proprietários” continuavam a dar lances. A multidão afastou-se para deixar passar os três, e houve grandes apertos de mão e saudações entre eles e Caspian.

Dois comerciantes da Calormânia aproximaram-se imediatamente. Os calormanos têm rostos escuros e longas barbas. Usam vestes amplas e turbantes cor-de-laranja e são um povo sábio, rico, cortês, cruel e antigo. Inclinaram-se polidamente perante Caspian e endereçaram-lhe grandes saudações, falando em fontes da prosperidade que irrigam o jardim da prudência e da virtude – e outras coisas desse tipo –, mas o que pretendiam na verdade era o dinheiro que haviam pago pelos escravos.

– É absolutamente justo, senhores – disse Caspian. – Todos os que compraram escravos, hoje, têm de receber de volta o dinheiro. Pug, entregue a eles tudo o que ganhou.

– Vossa Majestade quer levar-me a pedir esmolas na rua da amargura? – gemeu Pug.

– Você viveu a vida toda à custa de corações despedaçados. Ainda que peça esmola na rua da amargura, sempre é melhor do que ser escravo.

Mas onde está meu outro amigo?

– Oh, *aquele*! Leve-o e faça bom proveito. Ainda bem que me livro dessa droga! Nunca vi nada pior. Já estava pedindo por ele só cinco crescentes e mesmo assim ninguém queria... Entrou como gratificação em outros lotes e nem assim... Nem olhavam para ele. Taco, traga aqui o Resmungão.

Trouxeram Eustáquio, que tinha de fato um ar taciturno, pois, ainda que ninguém goste de ser vendido como escravo, mais doloroso ainda é não encontrar comprador. Caminhou ao encontro de Caspian para dizer:

– Estou vendo que, como de costume, você andou por aí se divertindo, enquanto estávamos prisioneiros. Acho que ainda nem procurou o cônsul britânico, é claro!

Naquela noite houve uma grande festa no castelo.

– Amanhã vão recomeçar realmente as nossas aventuras! – disse Ripchip, ao despedir-se de todos para ir deitar-se. Mas não seria no dia seguinte que partiriam.

O *Peregrino da Alvorada* foi descarregado e puxado para terra, sobre rodas, por oito cavalos. Cada pedacinho do navio foi examinado pelos mais hábeis construtores navais. Depois, lançado de novo ao mar, foi abastecido de mantimentos e água – o que dava para trinta dias. Mesmo assim, conforme notou Edmundo desapontado, só lhes permitia navegar durante quinze dias para oeste; depois teriam de abandonar a busca.

Enquanto se tratava de tudo isso, Caspian interrogava os capitães mais velhos para saber se tinham conhecimento ou tinham ouvido falar de terras mais afastadas para os lados do oeste. Despejou muitos jarros de cerveja do castelo para homens sedentos, de barbas grisalhas e olhos azuis, ouvindo em troca muitas histórias incríveis. Os mais dignos de confiança não conheciam terra para além das Ilhas Solitárias. Muitos pensavam que, se navegassem demasiado para oeste, chegariam às ondas de um mar sem terras que rodava perpetuamente em torno da crosta do mundo.

– E foi lá, acho, que os amigos de Vossa Majestade afundaram.

Os restantes só contavam histórias de terras habitadas por homens sem cabeça, ilhas flutuantes, trombas marítimas e um fogo que ardia em cima das águas. Para alegria de Ripchip, pelo menos um disse:

– E mais para longe fica o país de Aslam. Mas está além do fim do mundo, e lá não podem chegar.

Contudo, quando insistiram com ele, apenas soube dizer que ouvira seu pai contar a história.

Bern só podia informá-los de que vira os seus companheiros navegarem para oeste e que nada mais soubera deles. Dissera isso numa ocasião em que se encontrava com Caspian no ponto mais alto de Avra, olhando lá embaixo para o oceano oriental.

– Venho aqui muitas vezes pela manhã – disse o duque – ver o sol sair do mar. Penso nos meus amigos e no que existe realmente além daquele horizonte. O mais provável é que não exista nada, mas sempre fiquei envergonhado de ter ficado para trás. Preferia que Vossa Majestade não partisse. Podemos precisar de sua ajuda aqui. O fechamento do mercado de escravos pode criar novos casos. Desconfio que vamos ter guerra com os calormanos. Pense bem, meu soberano.

– Fiz um juramento, meu duque – disse Caspian. – Além disso, que iria eu dizer a Ripchip?

5
A TEMPESTADE

Três semanas após o desembarque, saía o *Peregrino da Alvorada* de Porto Estreito. As despedidas foram solenes; juntou-se grande multidão. Houve aclamações e lágrimas quando Caspian dirigiu-se pela última vez aos ilhéus e ao despedir-se do duque e sua família. Quando o barco se afastou, todos ficaram silenciosos, vendo a vela purpurina tremular e ouvindo a trompa de Caspian. A vela inflou, e sob o *Peregrino da Alvorada* rolou a primeira onda das grandes, dando-lhe de novo vida. Os homens que estavam de folga desceram, e Drinian fez a primeira inspeção à popa, enquanto o navio virava para leste, contornando o sul de Avra.

Seguiram-se dias deliciosos. Lúcia sentia-se a garota mais feliz do mundo quando acordava e via os reflexos do sol dançando no teto do camarote e olhava as lindas coisas que trouxera das Ilhas Solitárias – galochas, botas altas, capas, xales. Subia depois ao convés e olhava do castelo da proa para o mar, de um azul cada vez mais brilhante, e aspirava o ar cada dia mais quente. Depois chegava o café da manhã, e era aquele apetite que só se tem nas viagens por mar.

Lúcia passava um tempão na popa jogando xadrez com Ripchip. Era engraçado vê-lo pegar com as duas patas as peças muito grandes para ele e esticar-se na ponta dos dedos quando tinha de fazer jogadas no centro do tabuleiro. Era um bom jogador e, quando prestava atenção ao que estava fazendo, era certo e sabido que ganhava. Às vezes, porém, Lúcia ganhava, pois o rato fazia coisas incríveis, pondo um cavaleiro em perigo por causa de uma dama ou de um castelo. De repente, esquecia-se de que estava jogando xadrez, julgando-se em um combate real, obrigando o cavaleiro a proceder como ele faria se estivesse no seu lugar. Pois tinha o espírito cheio de arrebatamentos de outros tempos, de missões de morte ou glória, de decisões heróicas.

Não durou muito essa felicidade. Uma tarde em que Lúcia olhava sonhadoramente para o sulco ou esteira, viu amontoar-se com grande rapidez uma enorme massa de nuvens para os lados do oeste. As nuvens rasgaram-se num buraco e nele apareceu o sol, derramando os últimos raios amarelos do poente. As ondas atrás do navio tomavam formas nunca vistas, e o mar estava com uma cor castanha ou amarelada, como se estivesse sujo. O ar ficou mais frio. O navio parecia mover-se com dificuldade, como se sentisse o perigo perseguindo-o. A vela esticava-se toda e ficava lisa durante um minuto, para no minuto seguinte enfunar-se bruscamente. A menina reparava em tudo isso, perplexa com a sinistra mudança que se havia operado, quando Drinian gritou, dominando o barulho do vento:

– Todos ao convés!

Num instante começaram todos a trabalhar freneticamente. Fecharam-se as escotilhas, apagou-se o fogo da cozinha, e homens subiram lá no alto para recolher a vela. Antes de acabarem, caiu sobre eles a tempestade. Lúcia teve a impressão de que se cavara enorme vale atrás da proa e que se precipitavam num abismo incrível. Uma grande montanha de água, muito maior do que o mastro, arrojou-se sobre eles; a morte parecia certa, mas foram impelidos para cima da onda. Nessa altura o navio começou a rodopiar. No convés derramava-se uma catarata de água; a popa e o castelo da proa pareciam duas ilhas separadas por um mar tempestuoso. Os marinheiros esticavam-se lá no alto, tentando dominar a vela. Uma corda arrebentada estalava com o vento, dura e rija como um cabo de ferro.

-Já para baixo, minha senhora! – bradava Drinian, e Lúcia, sabendo que a gente da terra é um estorvo para a tripulação, tentava obedecer, mas não era nada fácil.

O *Peregrino* inclinava-se terrivelmente para estibordo, e o convés parecia o declive do telhado de uma casa. Ela teve de subir agarrada ao corrimão, esperar um pouco, para deixar dois homens subirem, e depois descer do melhor jeito que pôde. Foi uma sorte continuar firmemente agarrada, pois, ao chegar ao fim da escada, atingiu-a uma onda que a deixou ensopada. Sentindo frio, atirou-se de encontro à porta do camarote e fechou-se lá dentro, tentando esquecer a cena do convés, a velocidade com que corriam para a escuridão. Só não podia deixar de ouvir aquela horrível confusão de estalos, lamentos, pancadas, bramidos e estampidos, ainda mais alarmantes ali do que na popa.

A tempestade durou o dia todo, e o dia seguinte e mais outros. Demorou tanto a passar que já nem se lembravam do que acontecera antes. Havia sempre três marujos agarrados ao leme, vendo se descobriam uma rota. Trabalhavam nas bombas sem parar. Quase não havia descanso para ninguém. Não se podia cozinhar, nem secar roupa, um homem caíra no mar, e o sol sumira completamente. Quando por fim veio a bonança, Eustáquio escreveu em seu diário:

"3 de setembro. É o primeiro dia, desde há muito, em que posso escrever. Fomos arrastados por um furacão treze dias e treze noites. Sei que são treze porque os contei bem, embora os outros digam que foram só doze.

Que ótimo fazer uma viagem assim perigosa com gente que nem sabe contar! Passei um tempo horroroso: ondas enormes, para baixo e para cima, horas a fio, sempre molhado até os ossos, sem nunca se darem ao trabalho de fornecer refeições decentes. Como não temos rádio, nem foguetões, é impossível pedir socorro. Tudo isso prova o que estou sempre proclamando, que é a maior loucura viajar numa porcaria de banheira como esta. Já seria detestável com gente normal, o que se dirá com demônios em forma de gente. Caspian e Edmundo são uns brutos comigo. Na noite em que perdemos o mastro (agora só temos um toco), apesar de eu não me sentir nada bem, obrigaram-me a subir ao convés e a trabalhar como um escravo. Lúcia puxava pelo remo e dizia que Ripchip tinha muita vontade de remar, mas que não podia por ser muito pequeno. Será que ela não percebe que tudo o que esse animal faz é só para impressionar? Na idade dela já se deve ter mais bom senso. Hoje este navio diabólico está finalmente direito e discutimos todos o que temos de fazer. Há comida que chega para dezesseis dias, mas é quase tudo intragável (a criação caiu toda no mar, mas mesmo que não caísse a tempestade teria impedido que as galinhas pusessem ovos). O pior é a água. Arrombaram-se dois barris, que ficaram vazios (mais uma vez se põe à prova a eficiência de Nárnia). Ainda temos água para doze dias, distribuindo rações de meia caneca a cada pessoa. (Há ainda muito vinho, mas até eles, que não sabem nada, compreendem que, se bebessem, ficariam ainda com mais sede.)

O mais sensato seria virarmos para leste, se fosse possível, e voltarmos às Ilhas Solitárias. Mas levamos dezoito dias para chegar aqui, correndo como uns loucos, impelidos por um furacão. Mesmo que apanhássemos vento leste, demoraríamos muito tempo para regressar. Neste

momento não há qualquer sinal de vento leste... Para dizer a verdade, não há vento nenhum. Não podemos voltar a remo, pois ainda levaria mais tempo, e Caspian diz que os homens não podem remar com uma ração de meia caneca de água por dia. Tentei explicar-lhe que a transpiração refresca os corpos e que os homens não necessitariam de tanta água se trabalhassem. Não deu a menor importância – que é a sua maneira de proceder quando não sabe o que responder. Todos os outros votaram para que se vá em frente, na esperança de encontrar terra. Era meu dever chamar-lhes a atenção para o fato de não sabermos se existe terra mais adiante e tentar fazê-los compreender os perigos da sua precipitação. Em vez de elaborar um plano melhor, tiveram a cara de me perguntar o que eu sugeria. Expliquei-lhes, com a minha habitual calma e firmeza, que havia sido raptado e trazido à força para esta viagem estúpida, não sendo portanto minha obrigação tirá-los dos apertos.

"4 de setembro. O tempo continua calmo. Rações muito pequenas para todos e para mim menos do que para os outros. Caspian é muito esperto ao servir-se, mas julga que eu não o vejo! Lúcia, não sei por que razão, quis reconciliar-se comigo e ofereceu-me da ração dela, mas o intrometido do Edmundo não deixou. O sol está quentíssimo. Tive uma sede horrível a tarde toda.

"6 de setembro. Dia pavoroso. Acordei de noite sentindo-me febril e tive de beber um copo de água. Qualquer médico teria me receitado isso. Sabe Deus que eu seria a última pessoa a tentar prejudicar os outros, mas nunca imaginei que o racionamento de água atingisse também um doente. De fato eu devia era ter acordado alguém para pedir-lhe água, mas não quis ser egoísta. Por isso levantei-me na ponta dos pés, peguei o meu copo e saí deste buraco escuro, tendo o máximo cuidado de não incomodar Caspian e Edmundo, pois dormem mal desde que o calor e a escassez de água se fizeram sentir. Tenho grande consideração pelos outros, sejam ou não amáveis comigo. Fui direto à sala grande, se é que se pode chamar aquilo de sala, onde estão os bancos dos remadores e as bagagens. A água está no lado de cá. Corria tudo às mil maravilhas, mas antes que conseguisse encher um copinho de água... quem haveria de me apanhar senão o espião do Rip! Quis explicar-lhe que viera tomar um pouco de ar no convés (a questão da água não era da conta dele), mas me perguntou por que estava de copo na mão. Fez tanto barulho que o navio todo se levantou. Trataram-me

escandalosamente. Perguntei, como qualquer um faria, por que o Ripchip andava farejando em volta do barril de água em plena noite. Disse que era tão pequeno que não tinha qualquer serventia no convés, e que tomava conta da água todas as noites para que assim mais um homem pudesse dormir. E agora torna-se óbvia a tremenda má vontade: todos acreditaram nele. Como se pode lutar contra isso?!

“Tive de pedir desculpa para que o monstrozinho não caísse de espada em cima de mim. E então Caspian revelou toda a sua faceta de tirano, dizendo alto, para todos ouvirem, que quem fosse

apanhado “roubando” água, dali em diante, levaria “duas dúzias”. Eu não sabia o que isso queria dizer, mas Edmundo me explicou. Aparece nos livros que esse tolos vivem lendo.

“Depois desta covarde ameaça, Caspian mudou de tom, começando a tomar uns ares protetores. Disse que tinha muita pena de mim, mas que todos se sentiam tão febris quanto eu, que tínhamos de agüentar da melhor maneira possível a situação, etc. Requintado pedante! Fiquei hoje na cama o dia todo!

“7 de setembro. Hoje houve um pouco de vento, mas ainda de oeste. Fizemos algumas milhas para leste só com uma parte da vela, colocada em um mastro improvisado que Drinian chama de guindola – o gumpés é posto na vertical e amarrado ao toco do verdadeiro mastro. Continuo morrendo de sede.

“8 de setembro. Continuamos navegando para leste. Passo agora o dia todo no meu buraco e não vejo ninguém, a não ser Lúcia, até que os dois diabos vão dormir. Lúcia deu-me um pouco da sua ração de água. Disse que as meninas não sentem tanta sede quanto os meninos. Já sabia disso, mas os outros a bordo também deviam saber.

“9 de setembro. Terra à vista: uma montanha muito alta, lá longe a sudoeste.

“20 de setembro. A montanha está maior e mais nítida, mas ainda muito longe. Pela primeira vez, já não sei há quanto tempo, hoje vimos gaivotas.

“2 2 de setembro. Pegamos uns peixes, comidos no jantar. Lançamos âncora às sete da noite numa baía desta ilha montanhosa. O idiota do Caspian não nos deixou ir a terra porque já estava escurecendo e tinha medo de selvagens e animais ferozes. Tivemos esta noite uma ração extra de água.”

O que iria acontecer na ilha dizia mais respeito a Eustáquio do que a qualquer outro, mas não podemos sabê-lo por suas palavras, pois a partir de 11 de setembro não escreveu mais no diário.

Certa manhã, muito quente, com um céu pesado e cinzento, os aventureiros se achavam em uma baía rodeada de rochas e penedos, lembrando um fiorde norueguês. Em frente da baía elevava-se um terreno cheio de árvores frondosas, parecendo cedros, no centro das quais se precipitava uma impetuosa corrente.

O bosque estendia-se por uma ladeira íngreme, indo terminar numa cordilheira denteada, através da qual se vislumbrava ao longe a indecisa escuridão de montanhas, cujos cimos desapareciam no meio de nuvens baças. As rochas mais próximas estavam riscadas aqui e ali de fitas brancas, que todos sabiam ser quedas-d’água, mas que, àquela distância, pareciam imóveis, sem fazer qualquer ruído. A água lisa como vidro refletia o perfil das rochas. Numa pintura a paisagem poderia ser bonita, mas na vida real era opressiva. Aquela terra não acolhia os visitantes de braços abertos.

A tripulação desembarcou toda em dois botes, indo lavar-se e beber, deliciada, a água do rio. Depois comeram e descansaram, tendo Caspian mandado para bordo quatro homens para guardarem o navio. Só então começaram os trabalhos do dia. Tinham de trazer os barris para terra, consertá-los, se possível, e tornar a enchê-los de água. Era preciso derrubar uma árvore, de preferência um pinheiro, para fazer um mastro novo, e as velas precisavam ser remendadas.

Um grupo partiu à procura de qualquer caça que a terra pudesse oferecer. Havia roupa para lavar e coser, e um sem-número de reparações a serem feitas a bordo. O próprio *Peregrino* não era mais o mesmo navio elegante que partira de Porto Estreito. Parecia um casco velho e desconjuntado, um resto de barco. Os oficiais e a tripulação não tinham melhor aspecto – desfigurados, pálidos, esfarrapados, com os olhos avermelhados devido às noites em claro.

Quando Eustáquio, deitado sob uma árvore, ouviu os planos, seu sangue gelou. Não iriam então dar uma boa descansada? O dia de repouso em terra, tão desejado, iria ser tão cansativo como os dias no mar. Então ocorreu-lhe uma idéia genial. Ninguém estava olhando. Falavam todos sobre o navio, como se gostassem mesmo daquela coisinha. Por que não haveria de dar uma fugida? Dar um passeio pelo interior da ilha, tirar uma soneca num lugarzinho sombreado, voltando só depois de terminado o trabalho dos outros... Bela idéia! Só teria de ter cuidado para não perder de vista a baía e o navio, podendo assim achar o caminho de volta! Não seria nada divertido ficar ali sozinho.

Pôs imediatamente seu plano em ação. Levantou-se com muita calma e caminhou por entre as árvores, de um modo natural e lento: se alguém o visse, pensaria que ele estava só dando uma voltinha. Ficou admirado ao ver que o barulho da conversa morria atrás dele e o bosque se tornava logo escuro, silencioso e quente. Daí a pouco achou que já podia andar mais depressa, deixando em breve o bosque. O terreno começava a ficar íngreme. Com as mãos agarrava-se à relva seca e escorregadia. Apesar de gemer e ter de limpar o suor da testa, ia conseguindo avançar. De certo modo, isso demonstrava que a sua nova vida lhe fazia bem, pois o antigo Eustáquio de Arnaldo e Alberta teria desistido dez minutos depois de ter começado a subir. Parando muitas vezes para descansar, atingiu a crista do monte. Ali esperava ver o interior da ilha, mas as nuvens tinham descido mais e estavam mais próximas, misturando-se com ondas de nevoeiro. Sentou-se e olhou para baixo.

Tinha alcançado um ponto tão alto que a baía, lá embaixo, parecia bem pequena, e viam-se milhas e mais milhas de mar em torno. O nevoeiro fechou-se em volta dele, denso, mas não frio. Deitou-se, virando-se para um lado e para o outro, procurando uma posição confortável para descansar. Mas não por muito tempo, pois, pela primeira vez na sua vida, começou a sentir solidão. A princípio a solidão foi aumentando aos poucos, mas, de repente, ele começou a preocupar-se com as horas. Não se ouvia nada. Quem sabe já estaria deitado havia várias horas? Talvez, até, os outros já tivessem partido! Talvez tivessem feito aquilo de propósito, para que ficasse na ilha! Deu um pulo, cheio de pânico, e começou a descer. Com a pressa, escorregou e caiu quase de um metro de altura. Notou que a queda o levara para a esquerda, pois, quando subira, vira precipícios daquele lado.

Subiu de novo, quase até o cimo, e recomeçou a descida, desviando-se agora para a direita. As coisas pareciam correr melhor. Ia cautelosamente, pois não via um palmo adiante do nariz. O silêncio era completo. Mas era difícil andar com tanta cautela quando uma voz lá dentro gritava sem parar: *Depressa*! *Rápido*! *Corre*!

Se conhecesse bem Caspian e os primos, teria a certeza de que eles não fariam uma coisa daquelas, mas estava convencido de que eram como demônios.

– Até que enfim! – exclamou depois de ter descido por uma ladeira de pedras soltas (seixos é o nome que lhes dão) e ao achar-se em terreno plano. – Mas onde estão as árvores que eu vi? Há algo escuro ali na frente. Parece que o nevoeiro está sumindo.

E estava mesmo. A claridade aumentava a cada passo, fazendo com que ele piscasse os olhos. O nevoeiro desaparecera. Estava num vale desconhecido, e não se via o mar em parte alguma.

6
AS AVENTURAS DE EUSTÁQUIO

Naquele mesmo instante os outros lavavam o rosto e as mãos no rio, preparando-se para comer e descansar. Os três melhores arqueiros tinham subido a montanha na parte norte da baía e voltaram com duas cabras selvagens, que agora estavam sendo assadas no fogo. Caspian mandou buscar um tonel de vinho, vinho forte, que tinha de ser misturado com água, e assim daria para todos. O trabalho ia em bom andamento e a refeição decorria animada. Só depois de servir-se de carne pela segunda vez, Edmundo perguntou por Eustáquio.

Enquanto isso, Eustáquio olhava ao redor, no vale desconhecido. Era tão estreito e profundo, e os precipícios em volta tão a pique, que mais parecia uma fossa enorme. O chão era relvado, apesar de semeado de pedras. Aqui e ali viam-se trechos de terreno negro e queimado, como se costuma ver em verões muito quentes nos vaiados de estradas de ferro. Cerca de quinze metros mais longe havia uma lagoazinha de águas claras e mansas. A princípio nada mais havia no vale, nem um animal, nem mesmo um inseto. O sol descia, projetando na orla do vale as sombras de picos medonhos.

Eustáquio viu logo que, com o nevoeiro, tinha descido o desfiladeiro pelo lado errado, por isso voltou-se imediatamente para ver como havia de sair dali. Mas, ao olhar, estremeceu. Ao que parecia, tivera uma sorte espantosa ao descer pelo único caminho existente – uma comprida língua de terra, muito íngreme e estreita, com precipícios dos dois lados. Não havia nenhum outro caminho para voltar. Como subir, no entanto, agora que sabia como era o caminho? Ficava zonzo só de pensar nele.

Voltou-se de novo, achando que de qualquer modo era melhor beber primeiro um bom gole de água da lagoa. Mal se voltou, antes de dar o primeiro passo, ouviu um barulho. Era um ruído leve, mas soou muito alto naquele silêncio enorme. Durante um segundo ficou feito um morto, frio e paralisado. Depois virou a cabeça e olhou.

Na base do rochedo, havia um buraco baixo e escuro – talvez a entrada de uma caverna. Lá de dentro saíam duas finas colunas de fumaça. As pedras soltas à entrada do buraco moviam-se (era o tal barulho) como se alguma coisa rastejasse no escuro atrás delas.

Algo rastejava – ou, pior ainda, saía do buraco.

Edmundo e Lúcia (e você também) teriam percebido logo o que era, mas Eustáquio não tinha lido os livros que lhe convinham.

O ser que saía da caverna era algo que ele nunca imaginara existir – focinho comprido cor-de-chumbo, olhos vermelhos e tristes, sem penas, nem pêlo, corpo longo e flexível que se arrastava pelo chão, pernas com as articulações mais altas que as costas (feito aranha), unhas ferozes, asas de morcego raspando pelas pedras, metros de cauda. As duas linhas de fumo saíam das narinas. Eustáquio nunca dissera com os seus botões a palavra dragão, mas, se tivesse dito, não haveria de melhorar a situação. No entanto, se soubesse alguma coisa acerca de dragões, teria ficado um tanto admirado com o comportamento daquele.

Não se sentava, agitando as asas, nem lançava torrentes de chamas pela boca. O fumo que lhe saía das narinas era o de um fogo que está quase apagado. Nem parecia ter reparado em Eustáquio. Andava muito devagar para a lagoa, parando muitas vezes. Apesar de todo o medo, Eustáquio notou que se tratava de um animal velho e triste. O menino perguntava a si mesmo se não era a hora de sair correndo escarpa acima. Mas, se fizesse qualquer barulho, o animal poderia virar-se. Podia ser até que estivesse fingindo. Além disso, valia a pena sair correndo de um animal que também voava?

O bicho chegara à lagoa e estendia a queixada escamosa sobre o cascalho para beber, mas, antes que pudesse fazê-lo, soltou um grito e, depois de algumas contrações e reviravoltas, caiu de lado e ficou completamente imóvel, com as garras viradas para cima. Da boca

escancarada saía-lhe um fio de sangue escuro. O fumo das narinas ficou negro um instante e desapareceu no ar. E não mais saiu.

Durante muito tempo Eustáquio não teve coragem de mexer-se. Talvez fosse um truque do animal. Mas não podia esperar eternamente. Aproximou-se dois passos, depois mais dois, parou de novo. O dragão continuou imóvel, e o rapaz reparou que o fogo vermelho desaparecera de seus olhos. Chegou perto. Tinha quase certeza de que estava morto. Com um arrepio chegou a tocar-lhe, e nada aconteceu.

O alívio foi tão grande que Eustáquio quase riu alto. Começou a ter a sensação de haver lutado com o dragão, de ter matado o dragão. Passou por cima dele e foi beber água na lagoa, sentindo um calor insuportável. Não ficou surpreso ao ouvir o barulho do trovão. O sol desapareceu daí a pouco e, antes que tivesse acabado de beber, caíram grandes gotas de chuva.

O clima da ilha era muito desagradável. Em menos de um minuto ele estava molhado até os ossos e meio cego com a chuvarada. Enquanto durasse a chuva, não poderia sair do vale. Correu para o único abrigo à vista, a caverna do dragão. Lá dentro deitou-se e tentou acalmar a respiração.

Quase todos nós já sabemos o que se pode encontrar numa toca de dragão, mas, como eu já disse, Eustáquio só lera livros que não servem para nada. Falavam de exportações e importações, de governos e de canos de esgoto, mas eram muito fracos em questão de dragões. Assim, achou esquisito o chão em que estava deitado. Em certos lugares era demasiado espinhoso para ser de pedra, e em outros sentia uma porção de coisas redondas e lisas, que chocalhavam quando ele se mexia. A luz que entrava pela porta da caverna era suficiente para ver de que se tratava. Qualquer um de nós teria pensado muito antes que ele acabara de descobrir um tesouro. Coroas (era o que picava), moedas, braceletes, barras de ouro, taças, pratas, pedrarias.

Eustáquio, ao contrário dos outros meninos, nunca tinha pensado muito em tesouros, mas começou logo a imaginar que vantagem poderia tirar daquele mundo no qual caíra tão estupidamente, por causa do quadro do quarto de Lúcia, lá longe, na Inglaterra.

– Aqui, ao menos, não cobram impostos; não temos de dar nada ao Estado. Com uma parte dessa mercadoria, passo uma boa temporada –

talvez no país dos calormanos. Acho que é o melhor por aqui. Mas quanto poderei levar? Este bracelete aqui – as pedras nele devem ser diamantes, pensou – ponho logo no pulso. É grande demais, mas acima do cotovelo dá bem. Encho agora os bolsos com diamantes: são mais fáceis de transportar que ouro.

Não faço idéia de quando vai passar esta chuva!

Ajeitou-se em uma parte do tesouro que lhe parecia mais confortável e ficou à espera. Mas, quando se leva um grande susto, sobretudo um susto daqueles, fica-se horrivelmente cansado. E Eustáquio logo adormeceu. Enquanto ressonava profundamente, acabavam os outros de almoçar, já seriamente alarmados com a sua ausência. Gritavam:

– Eustáquio! Eustáquio!

Quando ficaram roucos, Caspian fez soar a trompa.

– Se estivesse perto, já teria ouvido – disse Lúcia, branca como cera.

– Que sujeito idiota! – exclamou Edmundo. – Por que foi tão longe?

– Temos de fazer alguma coisa – falou Lúcia. – Pode ter-se perdido, ou caído num barranco, ou ter sido apanhado por selvagens.

– Ou devorado por animais ferozes – disse Drinian.

– Até que não era má idéia – murmurou Rince.

– Senhor Rince – retrucou Ripchip –, jamais em sua vida falou outras palavras que tanto o inferiorizassem. A pessoa em questão não é das minhas relações amigáveis, mas, sendo do mesmo sangue da rainha, e pertencendo ao nosso grupo, é nosso dever de honra encontrá-lo para vingar a sua morte, se tiver morrido.

– Claro que temos de encontrá-lo (se pudermos) – falou Caspian, aborrecido. – Aí é que está a chateação. Temos de destacar um grupo de homens para procurá-lo e enfrentar uma infinidade de complicações. Mas que sujeito inoportuno, esse Eustáquio.

Eustáquio dormia, dormia e tornava a dormir. Só acordou por causa de uma dor no braço. A lua brilhava na boca da caverna, e a cama feita no tesouro parecia muito mais confortável; nem mesmo a sentia.

Primeiro ficou intrigado com a dor no braço, mas depois se lembrou do bracelete, que agora estava estranhamente apertado. O braço devia ter inchado enquanto ele dormia (era o braço esquerdo).

Começou a mexer o braço direito para ver se sentia o mesmo que no esquerdo, mas estacou, mordendo os lábios de terror, antes de movê-lo um centímetro. Na sua frente, um pouco à direita, num ponto em que o luar batia em cheio no chão da caverna, viu uma forma hedionda. Era uma garra de dragão. Tinha-se movido quando ele mexera a mão e ficara quieta quando ele parará.

“Fui um completo maluco!”, pensou Eustáquio. “O animal tinha um companheiro, que está deitado aos meus pés.”

Durante alguns minutos não ousou mexer um só músculo, e via as duas tênues colunas de fumaça, elevando-se escuras, contra a luz da lua, na frente de seus olhos – o mesmo fumo que saíra do focinho do outro dragão, ao morrer. Era tão aflitivo que suspendeu a respiração. As duas colunas de fumo desapareceram, mas, quando respirou de novo, o fumo reapareceu numa torrente. Nem mesmo assim compreendeu o que se passava. Resolveu virar-se muito sorrateiramente para a esquerda e rastejar para fora da caverna. Talvez o monstro estivesse adormecido. Fosse como fosse, era a única solução. Mas, antes de caminhar para a esquerda, olhou para aquele mesmo lado, e... oh! cúmulo dos horrores! Lá estava uma outra garra de dragão! Não se pode condenar Eustáquio por ter começado a chorar naquele momento.

Ficou bobo com o tamanho de suas lágrimas, quando as viu cair sobre o tesouro à sua frente. Pareciam estranhamente quentes e soltavam vapor.

Mas chorar não resolvia coisa alguma. Tinha era de tentar passar entre os dois dragões. Começou a estender o braço direito. A pata da frente do dragão, à sua direita, fez exatamente o mesmo movimento.

Resolveu experimentar com o braço esquerdo, mas a pata do dragão que estava daquele lado também se moveu. Dois dragões, um de cada lado, imitando tudo o que ele fazia! Seus nervos não agüentaram mais! E ele se jogou com tudo para fora.

Houve um barulho tal, estrondos tais, tinidos tais e um tal esmagar de pedras, quando saltou da caverna, que julgou que ambos o perseguiam.

Nem ousou olhar para trás. Correu para a lagoa. A forma contorcida do dragão morto, à luz da lua, seria o bastante para aterrorizar qualquer pessoa, mas ele nem reparou. Sua idéia era meter-se dentro da água.

Ao chegar à beira da lagoa duas coisas aconteceram. Primeiro: reparou que tinha corrido de gatinhas... Por que diabo agora andava assim? Segundo: ao debruçar-se sobre a água, julgou ver outro dragão que o olhava da lagoa. De repente, apercebeu-se de toda a verdade.

A cara de dragão na lagoa era o seu próprio reflexo. Sem dúvida. Mexia-se quando ele se mexia, abria e fechava a boca quando ele abria e fechava a dele.

Tinha se transformado num dragão enquanto dormia. Ao dormir sobre o tesouro de um dragão, com pensamentos gananciosos, típicos de um dragão, ele próprio acabara se transformando em dragão.

Tudo estava explicado. Nunca haviam estado junto dele dois dragões na caverna. As garras à sua direita e à sua esquerda eram a sua pata direita e a sua pata esquerda; as duas colunas de fumo haviam saído de seu próprio nariz. Quanto à dor que sentia no braço esquerdo (ou no que havia sido o braço esquerdo), podia ver o que acontecera virando o olho esquerdo. O bracelete, que servira tão bem no braço do rapazinho, era agora demasiado pequeno para a gorda pata dianteira do dragão. Enterrava-se profundamente na carne escamosa, que tinha agora um inchaço de cada lado da jóia. Mordeu com os seus dentes de dragão, mas não conseguiu tirar o bracelete.

Apesar da dor, sua primeira sensação foi de alívio. Não precisava ter medo de mais nada. Ele próprio era agora uma coisa que metia medo. Nada neste mundo, exceto um cavaleiro (e nem todos!), ousaria atacá-lo. Podia mesmo fazer frente a Caspian e Edmundo...

Ao pensar nisso, viu que não tinha vontade de fazê-lo; preferia ser amigo dos dois. Desejava voltar para junto dos humanos, falar, rir e compartilhar com eles todas as suas coisas. Chegou à conclusão de que era um monstro, separado do resto da humanidade. Caiu sobre ele uma tristeza tremenda: via agora que os outros não eram tão maus como imaginara. E começou a pensar se ele próprio teria sido realmente aquela excelente pessoa

que sempre julgara ser. Tinha saudades de ouvir o som das suas vozes. Agradeceria agora uma palavra amável, mesmo de Ripchip.

Pensando assim, o dragão (que tinha sido Eustáquio) começou a chorar alto. Um poderoso dragão debulhando-se em lágrimas ao luar, num vale deserto, é uma cena rara de ver e ouvir.

Por fim resolveu voltar à praia. Compreendia agora que Caspian jamais partiria sem ele. E tinha a certeza de que, de uma forma ou de outra, havia de dar-lhe a entender quem era.

Bebeu demoradamente e depois (parece chocante, mas se você pensar bem verá que não) comeu quase todo o dragão morto. Já tinha comido mais da metade quando reparou no que estava fazendo, pois o entendimento era de Eustáquio, mas o gosto e o aparelho digestivo pertenciam ao dragão. E não há nada de que um dragão goste mais do que dragão fresco. É por essa razão que raramente se encontra mais de um dragão na mesma área.

Depois começou a subir o vale. Quando quis saltar, viu que voava. Tinha-se esquecido completamente de que possuía asas, e foi uma grande surpresa – a primeira surpresa agradável em muito tempo. Elevou-se no ar e viu uma infinidade de picos de montanha, estendendo-se lá embaixo à luz da lua. Avistou a baía como uma lousa de prata, o *Peregrino da Alvorada* ancorado, a fogueira do acampamento ardendo no bosque perto da praia. Com um simples impulso lançou-se lá do alto na direção da fogueira.

Lúcia dormia profundamente, pois ficara esperando a volta do grupo de busca, na esperança de receber boas novas de Eustáquio. O grupo, chefiado pelo rei, tinha regressado muito tarde e extremamente cansado. Tinham encontrado um dragão morto no vale, mas nem sinal de Eustáquio. Tentaram encarar a situação da melhor maneira possível e asseguravam uns aos outros que era muito improvável existirem outros dragões por ali, e o que morrera naquela tarde, mais ou menos às três horas (quando o tinham encontrado), dificilmente teria matado alguém poucas horas antes.

– A menos que tenha comido o rapazinho e morrido por causa disso. Veneno não lhe faltava – disse Rince, mas entre os dentes, e ninguém o ouviu.

Naquela mesma noite, mais tarde, Lúcia foi acordada suavemente por Caspian; estavam todos reunidos em torno da fogueira cochilando.

– Que há? – perguntou ela.

– Temos de ter muita coragem – respondeu Caspian. – Agora mesmo um dragão voou sobre as árvores e foi pousar na praia. Temo que esteja entre nós e o navio. As setas nada valem contra dragões, e eles não têm o menor medo do fogo.

– Se Vossa Majestade me permite... – começou Ripchip.

– Não, Rip – disse o rei com firmeza. – Você não vai travar combate com ele. E, se não prometer solenemente obedecer-me, terei de mandar amarrá-lo. Temos de ficar vigilantes e, mal nasça o dia, vamos atacá-lo na praia. Eu assumo o comando. O rei Edmundo fica à minha direita e Drinian à esquerda. Daqui a uma hora comemos alguma coisa e bebemos o que resta do vinho. E que tudo se faça no maior silêncio.

– Talvez ele vá embora – disse Lúcia.

– Seria ainda pior – respondeu Edmundo – por que não saberíamos mais onde está. Quando um marimbondo entra no meu quarto, gosto de saber onde ele está.

O resto da noite foi horrível. Na hora de comer, a maioria não teve apetite. As horas pareceram intermináveis, até que a escuridão diminuiu e os passarinhos começaram a chilrear e a saltar nos ramos. O ar ficou mais frio e úmido. Caspian disse:

– Vamos a ele, amigos!

Levantaram-se todos com as espadas desembainhadas e formaram uma massa compacta, com Lúcia no centro, levando Ripchip ao ombro. Era preferível lutar a ficar esperando. Sentiam-se todos mais amigos uns dos outros do que em circunstâncias normais.

Já estava mais claro quando chegaram à orla da floresta. Deitado na areia, enorme, pavoroso e corcunda, lá estava o dragão como um gigantesco crocodilo flexível ou uma serpente com pernas.

Mas quando os viu, em vez de se levantar e lançar chamas e fumo, recuou (quase que se poderia dizer cambaleando) em direção às águas pouco profundas da baía.

– Para que ele está abanando a cabeça? – perguntou Edmundo.

– E agora está fazendo sinais – disse Caspian.

– Tem uma coisa saindo dos olhos dele – disse Drinian.

– Não está vendo? – disse Lúcia. – São lágrimas. Está chorando.

– Não se fie nisso, minha senhora. Os crocodilos também choram para apanhar os incautos – observou Drinian.

– Abanou a cabeça quando você disse isso – notou Edmundo. – Como se quisesse dizer não. Olhe, fez de novo.

– Acho que ele entende o que dizemos – falou Lúcia.

O dragão acenou energicamente com a cabeça. Ripchip saltou do ombro de Lúcia e lançou-se à frente.

– Dragão! – fez a voz chiante. – Entende o que falamos?

O dragão acenou que sim.

– Sabe falar?

Ele abanou a cabeça negativamente.

– Então é perda de tempo perguntar o que lhe aconteceu – continuou Ripchip. – Mas, se quiser fazer um pacto de amizade, levante a pata esquerda sobre a cabeça.

O dragão assim fez, mas desajeitadamente, pois estava com a pata esquerda dolorida e inchada por causa do bracelete.

– Olhe só! – exclamou Lúcia. – Está com alguma coisa na pata. Pobre bichinho! Vai ver que é por isso que estava chorando. Quem sabe quer que a gente faça com ele como Androcles fez com o leão...

– Cuidado, Lúcia – disse Caspian. – É um dragão muito inteligente, mas pode ser um mentiroso.

Mas Lúcia já se adiantara, seguida por Ripchip, e atrás deles, é claro, os outros.

– Mostre-me a pata – disse Lúcia. – Talvez possa curá-lo.

O dragão-que-fora-Eustáquio ergueu a pata doente, todo satisfeito, lembrando-se de como o elixir de Lúcia havia curado o seu enjôo. Mas ficou desapontado. O líquido mágico reduziu o inchaço e diminuiu um pouco a dor, mas não dissolveu o ouro.

Estavam todos em torno para observar o tratamento, quando Caspian, subitamente, reparou no bracelete:

– Olhem!

7

COMO TERMINOU A AVENTURA

– O quê? – perguntou Edmundo.

– Reparem no brasão gravado no ouro – disse

Caspian. – Um pequeno malho com um diamante por cima, como uma estrela.

– Ei, já vi isto em algum lugar! – exclamou Drinian.

– Claro que já viu – respondeu Caspian. – E a insígnia da grande Casa de Nárnia. Este bracelete era do lorde Octasiano.

– Canalha! – gritou Ripchip para o dragão. – Você devorou um fidalgo de Nárnia.

Mas o dragão abanou a cabeça com energia.

– Quem sabe – aconselhou Lúcia – se ele é o próprio lorde Octasiano transformado em dragão por encantamento.

– Nada disso – disse Edmundo. – Todos os dragões gostam de armazenar ouro. Mas acho que não estou muito longe da verdade se disser que Octasiano não passou desta ilha.

– Você é o lorde Octasiano? – perguntou Lúcia ao dragão. Ao vê-lo abanar a cabeça tristemente, acrescentou: – É alguém encantado, isto é, alguém

humano?

O dragão abanou a cabeça com toda a força. Aí alguém perguntou – mais tarde se discutiu quem, se Edmundo ou Lúcia:

– Você... você não é... por acaso, você não é o Eustáquio, é?

Eustáquio acenou com a cabeça de dragão e bateu com a cauda na água; todos tiveram de dar um salto para trás (alguns marinheiros exclamaram coisas que eu não escreverei aqui) para evitar as lágrimas enormes e ferventes que lhe caíram dos olhos.

Lúcia fez tudo para consolá-lo e chegou a beijar a face escamosa para levantar-lhe o ânimo. Quase todos diziam “Que azar!”, e muitos asseguravam a Eustáquio que ficariam junto dele e haveriam de achar um jeito para desencantá-lo. Dentro de um dia ou dois ele ficaria bem...

Claro, estavam todos ansiosos para ouvir a sua história, mas ele não podia falar. Nos dias seguintes tentou escrever na areia, sem consegui-lo. Antes de tudo, Eustáquio (como nunca tinha lido livros adequados) não sabia contar uma história direito. Por outro lado, os músculos e os nervos das patas de dragão, que teria de usar, nunca tinham aprendido a escrever, nem eram feitos para escrever. Assim, antes mesmo que chegasse ao fim, a maré vinha e lavava toda a escrita, exceto os pedaços que ele já tinha pisado ou que haviam sido apagados acidentalmente com a cauda. E tudo quanto conseguiram ler foi o seguinte (os pontos indicam os espaços apagados):

EU DORM... CAVERNA DORAG... QUERO DIZER DRAGÕES... ESTAVA MORTO E CHOR... ACORDEI... TIRAR MEU BRAÇO... DOÍA...

Todos perceberam que o temperamento de Eustáquio havia melhorado muito pelo fato de ter-se transformado em dragão. Estava ansioso por ajudar. Voou sobre toda a ilha e descobriu que era formada só por montanhas e habitada por cabras selvagens e manadas de porcos bravos. Trouxe muitos deles para a provisão do navio. Era um matador bondoso, pois liquidava o animal só com uma pancada da cauda, de modo que este não sabia (e provavelmente ainda não sabe) que tinha morrido. Claro que também comia alguma coisa, mas sempre sozinho. Como dragão, apreciava comida crua e não gostava que os outros assistissem às suas refeições nojentas. Um dia, voando devagar e com dificuldade, mas em grande triunfo, trouxe para o acampamento um grande pinheiro que tinha arrancado pela raiz num vale distante e que podia servir de mastro.

Se a noite estava úmida, o que acontecia sempre depois de chuvas fortes, era um conforto para todos. Sentavam-se encostados ao seu dorso

quente e ficavam logo aquecidos e secos; uma assopradela de sua respiração ardente bastava para acender o fogo mais renitente.

Por vezes, levava um pequeno grupo para voar nas suas costas, e então podiam ver as encostas verdes desenrolando-se lá embaixo, os picos rochosos, os vales estreitos como poços e, mais longe, no mar, para os lados do oeste, um ponto azul mais escuro no azul do horizonte, que bem podia ser terra.

O prazer (absolutamente inédito) de gostarem dele e, ainda mais, de ele gostar dos outros impedia que caísse no desespero. Porque era horrível ser dragão. Estremecia sempre que, ao voar, se via refletido num lago. Odiava as enormes asas de morcego, o dorso denteado e as ferozes garras recurvadas. Tinha quase medo de ficar sozinho e, ao mesmo tempo, envergonhava-se de estar acompanhado. A noite, quando não servia de saco de água quente, escapava do acampamento e deitava-se como uma serpente entre o bosque e a água.

Em tais ocasiões, para sua maior surpresa, era Ripchip o seu companheiro mais fiel. O nobre rato esgueirava-se do círculo animado que se reunia em volta da fogueira do acampamento e sentava-se junto da cabeça do dragão, a favor do vento, para não receber a respiração fumegante. Então explicava a Eustáquio que o que lhe acontecera era um exemplo notável do girar da Roda da Fortuna; que, se Eustáquio estivesse em sua casa em Nárnia (de fato, era um buraco e não uma casa, no qual nem a cabeça do dragão caberia), poderia mostrar-lhe mais de cem casos parecidos, em que reis, duques, cavaleiros, poetas, apaixonados, astrônomos, filósofos e mágicos haviam caído da prosperidade para as mais desgraçadas situações, tendo muitos deles recobrado a posição anterior e vivido muito felizes dali em diante. No momento, não era muito consolador, mas, como a intenção era boa, Eustáquio nunca se esqueceu disso.

Mas o que pesava sobre todos como uma nuvem escura era o que haveriam de fazer com o dragão, quando tivessem de partir. Tentavam não falar no assunto quando ele estava por perto, mas, sem querer, ouvia frases como estas: “Caberá num lado do barco? Temos de pôr toda a carga do outro para contrabalançar”, ou “Poderíamos levá-lo a reboque?”, ou “Poderá acompanhar-nos voando?”, e “Como haveremos de alimentá-lo?”

E o pobre Eustáquio compreendia cada vez mais que, desde que entrara no navio, havia sido um empecilho constante, e agora era um empecilho maior. Isto lhe doía no espírito como o bracelete cravado na pata dianteira. Sabia que ainda era pior roê-lo com os dentes enormes, mas de vez em quando lá estava a roê-lo, especialmente nas noites muito quentes.

Certa manhã, Edmundo acordou muito cedo. Estava ainda escuro; só se viam os troncos de árvores na direção da baía, e nada se enxergava em qualquer outra direção. Ao acordar julgou ouvir uma coisa movendo-se; levantou-se apoiando-se num braço e olhou ao redor: parecia que uma figura escura andava na parte do bosque que dava para o mar. Ocorreu-lhe então uma idéia: "Será mesmo que não existem habitantes nesta ilha?" Depois pensou que fosse Caspian (era quase da mesma estatura), mas não podia ser, pois Caspian tinha adormecido ao pé dele e ainda não se mexera do lugar. Certificou-se de que tinha a espada e levantou-se para investigar.

Desceu sem fazer ruído até a orla do bosque, e a figura escura continuava no mesmo lugar. Via-se agora que era muito pequena para ser de Caspian e muito grande para ser de Lúcia. Não fugiu ao vê-lo. Edmundo puxou a espada e já estava prestes a atacar o estranho, quando este perguntou em voz baixa:

– É você, Edmundo?

– Sou eu, e quem é você?

– Não está me conhecendo? Sou eu, o Eustáquio.

– Caramba! É mesmo você, meu caro?...

– Silêncio! – respondeu Eustáquio, cambaleando como se fosse cair.

– Opa! Que tem você? Sente-se mal?

Eustáquio ficou tanto tempo em silêncio que Edmundo achou que tivesse desmaiado. Mas disse por fim:

– Foi horrível. Você não pode imaginar, mas agora já me sinto bem. Podemos conversar um pouco por aí? Não quero, por enquanto, encontrar-me com os outros.

– Naturalmente, onde você quiser. Vamos até aquelas rochas lá embaixo. Estou muito contente de vê-lo de novo. Você deve ter passado por maus lençóis.

Caminharam para as rochas e sentaram-se para olhar a baía, enquanto o céu se tornava mais pálido e as estrelas iam desaparecendo, com exceção de uma, muito brilhante e muito perto da linha do horizonte.

– Não vou contar como virei dragão, pois tenho também de contar para os outros para acabar de uma vez para sempre com isso tudo. Aliás, só soube que era dragão quando ouvi você usar essa palavra medonha naquela manhã em que voltei.

Mas vou lhe dizer como deixei de ser dragão.

– Vá em frente – disse Edmundo.

– Bem, na noite passada eu estava mais infeliz do que nunca. Este bracelete horrível me machucava como o quê...

– Não machuca mais?

Eustáquio sorriu – um sorriso diferente daquele que Edmundo conhecia – e facilmente deslizou o bracelete para fora do braço.

– Aqui está – disse Eustáquio. – Se alguém quiser, que fique com ele. Mas, como ia dizendo, estava ali deitado, pensando na minha vida, quando de repente... Mas, pense bem, isso pode ter sido um sonho. Não sei...

– Continue – disse Edmundo, com uma paciência espantosa.

– Bem, seja lá como for... Olhei e vi a última coisa que esperava ver: um enorme leão avançando para mim. E era estranho porque, apesar de não haver lua, por onde o leão passava havia luar.

Foi chegando, chegando. E eu, apavorado. Você talvez pense que eu, sendo um dragão, poderia derrubar a fera com a maior facilidade. Mas não era esse tipo de medo. Não temia que me comesse, mas tinha medo dele... não sei se está entendendo o que quero dizer... Chegou pertinho de mim e me olhou nos olhos. Fechei os meus, mas não adiantou nada, porque ele me disse que o seguisse...

– Falava?

– Agora que você está me perguntando, não sei mais. Mas, de qualquer maneira, dizia coisas. E eu sabia que tinha de fazer o que me dizia, porque me levantei e o segui. Levou-me por um caminho muito comprido, para o interior das montanhas. E o halo sempre lá envolvendo-o. Finalmente chegamos ao alto de uma montanha que eu nunca vira antes, no cimo da

qual havia um jardim. No meio do jardim havia uma nascente de água. Vi que era uma nascente porque a água brotava do fundo, mas era muito maior do que a maioria das nascentes – parecia uma grande piscina redonda, para a qual se descia em degraus de mármore. Nunca tinha visto água tão clara e achei que se me banhasse ali talvez passasse a dor na pata. Mas o leão me disse para tirar a roupa primeiro. Para dizer a verdade, não sei se falou em voz alta ou não. Ia responder que não tinha roupa, quando me lembrei que os dragões são, de certo modo, parecidos com as serpentes, e estas largam a pele. “Sem dúvida alguma é o que ele quer”, pensei.

Assim, comecei a esfregar-me, e as escamas começaram a cair de todos os lados. Raspei ainda mais fundo e, em vez de caírem as escamas, começou a cair a pele toda, inteirinha, como depois de uma doença ou como a casca de uma banana. Num minuto, ou dois, fiquei sem pele. Estava lá no chão, meio repugnante. Era uma sensação maravilhosa. Comecei a descer à fonte para o banho. Quando ia enfiando os pés na água, vi que estavam rugosos e cheios de escamas como antes. “Está bem”, pensei, “estou vendo que tenho outra camada debaixo da primeira e também tenho de tirá-la”. Esfreguei-me de novo no chão e mais uma vez a pele se descolou e saiu; deixei-a então ao lado da outra e desci de novo para o banho. E aí aconteceu exatamente a mesma coisa. Pensava: “Deus do céu! Quantas peles terei de despir?” Como estava louco para molhar a pata, esfreguei-me pela terceira vez e tirei uma terceira pele. Mas ao olhar-me na água vi que estava na mesma. Então o leão disse (mas não sei se falou): “Eu tiro a sua pele”. Tinha muito medo daquelas garras, mas, ao mesmo tempo, estava louco para ver-me livre daquilo. Por isso me deitei de costas e deixei que ele tirasse a minha pele. A primeira unhada que me deu foi tão funda que julguei ter me atingido o coração. E quando começou a tirar-me a pele senti a pior dor da minha vida. A única coisa que me fazia agüentar era o prazer de sentir que me tirava a pele. É como quem tira um espinho de um lugar dolorido. Dói pra valer, mas é bom ver o espinho sair.

– Estou entendendo – disse Edmundo.

– Tirou-me aquela coisa horrível, como eu achava que tinha feito das outras vezes, e lá estava ela sobre a relva, muito mais dura e escura do que as outras. E ali estava eu também, macio e delicado como um frango depenado e muito menor do que antes. Nessa altura agarrou-me – não gostei muito, pois estava todo sensível sem a pele – e atirou-me dentro da água. A

princípio ardeu muito, mas em seguida foi uma delícia. Quando comecei a nadar, reparei que a dor do braço havia desaparecido completamente. Compreendi a razão. Tinha voltado a ser gente. Você vai me achar um cretino se disser o que senti quando vi os meus braços. Não são mais musculosos do que os de Caspian, eu sei que não são muito musculosos, nem se podem comparar com os de Caspian, mas morri de alegria ao vê-los. Depois de certo tempo, o leão me tirou da água e vestiu-me.

– Como?... Com as patas?

– Não me lembro muito bem. Sei lá, mas me vestiu com uma roupa nova, esta aqui. É por isso que eu digo: acho que foi um sonho.

– Não, não foi sonho, não – disse Edmundo.

– Por quê?

– Primeiro: a roupa nova serve de prova. Segundo: você deixou de ser dragão... Acho que você viu Aslam.

– Aslam! – exclamou Eustáquio. -Já ouvi falar nesse nome uma porção de vezes, desde que estou no *Peregrino*. Tinha a impressão – não sei por quê – de que o odiava. Mas eu odiava tudo. Aliás, quero pedir-lhe desculpas. Acho que me comportei muito mal.

– Não tem a menor importância. Cá para nós, você foi menos chato do que eu na minha primeira viagem a Nárnia. Você apenas foi um pouco boboca, mas eu banquei o traidor.

– Bem, então não se fala mais nisso. Mas... quem é Aslam? Você o conhece?

– Ele, pelo menos, me conhece. É o grande Leão, filho do Imperador de Além-mar. Salvou a mim e a Nárnia. Nós todos o vimos. Lúcia sempre o vê. Pode ser que tenhamos chegado ao país de Aslam.

Nenhum dos dois falou durante algum tempo. Desaparecera a última estrela. Não viam o sol, mas sabiam que este surgia, pois tanto o céu quanto a baía em frente se tingiam de cor-de-rosa.

Uma ave da família dos papagaios gritou no bosque que ficava atrás; começaram a ouvir barulho entre as árvores e, por fim, o toque da trompa de Caspian. O acampamento acordara.

Houve júbilo geral quando Edmundo e Eustáquio, este na sua forma primitiva, chegaram ao círculo dos que tomavam a primeira refeição junto da fogueira.

Claro que todos ouviram a primeira parte da história. Imaginava-se se o dragão havia matado lorde Octasiano alguns anos atrás ou se o dragão velho havia sido o próprio Octasiano. As jóias com que Eustáquio atulhara os bolsos na caverna haviam desaparecido com as roupas que vestira, mas ninguém sentia vontade de buscar o tesouro.

Em poucos dias, o *Peregrino*, com mastro novo, bem sortido de provisões, estava pronto para partir. Antes de embarcarem, Caspian mandou inscrever numa rocha macia, virada para o mar, estas palavras:

ILHA DO DRAGÃO

DESCOBERTA POR CASPIAN X,

REI DE NÁRNIA,

NO QUARTO ANO DE SEU REINADO. AQUI, SEGUNDO PARECE,

LORDE OCTASIANO

ENCONTROU A MORTE.

Seria bonito e muito próximo da verdade dizer que, dali por diante, Eustáquio mudou completamente. Para ser rigorosamente exato, começou a mudar. Às vezes tinha recaídas. Em certos dias era ainda um chato. Mas a cura havia começado.

O bracelete de lorde Octasiano teve um curioso destino. Eustáquio não o quis, oferecendo-o a Caspian, que por sua vez o deu a Lúcia. Mas também esta não tinha grande interesse em conservá-lo.

– Muito bem, então é de quem pegar – disse Caspian, atirando a jóia para o alto. Isso se deu no momento em que estavam todos contemplando a inscrição na pedra.

O bracelete volteou no ar, brilhando à luz do sol, e, caindo, foi ficar pendurado, como uma ar-gola atirada de propósito, numa saliência na rocha. Não se podia subir para tirá-lo, nem era possível apanhá-lo pelo lado de cima.

Assim, lá ficou pendurado e, tanto quanto eu sei, lá ficará até que o mundo deixe de ser mundo.

8
DOIS SÉRIOS PERIGOS

Todos estavam contentes quando o *Peregrino da Alvorada* saiu da Ilha do Dragão. Tiveram logo vento favorável e no dia seguinte, muito cedo, chegaram à terra desconhecida, que alguns já tinham visto ao voar sobre as montanhas nas costas do dragão.

A ilha era baixa e verde, habitada apenas por coelhos e cabras, mas calcularam já ter vivido gente lá, não muito tempo atrás, pelas ruínas das cabanas de pedra e pelos lugares enegrecidos onde tinham ardido fogueiras. Havia também ossos e armas partidas.

– Coisa de piratas – disse Caspian.

– Ou de dragões – disse Edmundo.

A única coisa que encontraram foi um barquinho de couro encalhado na areia. Era muito pequeno, com cerca de um metro de comprimento, e o remo tinha um tamanho adequado às dimensões do barco. Segundo lhes parecia, ou o barco fora feito para uma criança ou aquela terra era habitada por anões.

Ripchip levou o bote para bordo, pois era do tamanho que lhe convinha. Chamaram à terra Ilha Queimada e partiram antes do anoitecer. Durante cinco dias foram empurrados por um vento sul, sem verem terra, nem peixes, nem gaivotas. Houve um dia em que choveu forte até a tarde. Eustáquio perdeu duas partidas de xadrez para Ripchip e começou a lembrar de novo o antigo e enjoado menino que fora. Edmundo disse que teria preferido ir aos Estados Unidos com Susana. Lúcia olhou pela janelinha do camarote e disse:

– Parece que a chuva parou. Mas o que é aquilo?

Correram todos para a popa e viram que a chuva tinha cessado; Drjnian, que estava de vigia, olhava atentamente para uma coisa do lado da popa. Ou melhor, para várias coisas. Pareciam pequenas rochas lisas, uma porção delas, separadas umas das outras cerca de quinze metros.

– Não podem ser rochas – disse Drinian. – Não estavam lá há cinco minutos.

– Agora mesmo desapareceu uma – exclamou Lúcia.

– Vem outra subindo – disse Edmundo.

– E mais perto – observou Eustáquio.

– E estão se movendo nesta direção – disse Caspian.

– E andam mais depressa do que nós. Daqui a um minuto baterão no navio – acrescentou Drinian.

Prenderam a respiração, pois não é nada agradável ser perseguido em terra ou no mar por um ser desconhecido. Mas o que estava para acontecer era muito pior do que suspeitavam.

Subitamente, quase junto a bombordo, ergueu-se do mar uma cabeça horrível. Toda verde e vermelha, com manchas purpurinas, exceto nos lugares a que se agarravam mariscos, e tinha o feitio da cabeça de um cavalo, mas sem orelhas. Os olhos eram enormes, feitos para enxergar nas profundezas escuras do oceano, e na boca escancarada alinhava-se uma dupla fileira de dentes, afiados como os dos peixes. A princípio, pareceu-lhes que a cabeça se apoiava num comprido pescoço, mas, à medida que emergia das águas, compreenderam todos que não era o pescoço, mas o próprio corpo... Viam finalmente agora o que tanta gente anseia por ver: a grande Serpente do Mar. As curvas da sua gigantesca cauda estendiam-se a uma grande distância, elevando-se, com intervalos, da superfície do mar. E sua cabeça agora erguera-se acima do mastro.

Correram todos para as espadas, mas nada podiam fazer, pois o monstro estava fora do alcance.

– Atirar, atirar! – disse o arqueiro-mor; alguns homens obedeceram, mas as flechas bateram no corpo da serpente como se este fosse de aço. Durante um angustiante minuto, ficaram todos em silêncio, olhando aterrados aqueles olhos e aquela boca, tentando imaginar a que parte do

navio ela se lançaria. Mas não se lançou. Arremessou a cabeça para a frente cruzando o barco ao nível da verga do mastro. Sua cabeça estava agora bem ao lado da torre de combate. Estendeu-se ainda mais, até ficar com a cabeça por cima dos costados de estibordo. Depois começou a baixar, não para o convés apinhado de gente, mas para a água, de modo que todo o navio ficou debaixo do arco de

seu corpo. A seguir, o arco começou a diminuir; do lado de estibordo, a Serpente do Mar estava quase tocando o costado do *Peregrino*.

Eustáquio (que realmente estivera tentando portar-se bem, até que a chuva e o xadrez o fizeram recair) praticou o primeiro ato corajoso de sua vida. Tinha uma espada que Caspian lhe emprestara. Logo que o corpo da serpente ficou suficientemente perto do lado de estibordo, saltou para o costado e começou a golpeá-lo com toda a vontade. Na verdade nada conseguiu, a não ser partir em pedaços a melhor espada de Caspian, mas para um novato foi um feito notável. Ripchip impediu que os outros atacassem:

– Não lutem! Empurrem!

Não era hábito do rato aconselhar alguém a não lutar e, mesmo naquele momento terrível, todos os olhos se voltaram para ele. Quando saltou para o costado do barco, do lado de lá da serpente, e encostou o dorso felpudo à enorme espinha e ao corpo escorregadio e começou a empurrar, quase todos compreenderam a sua intenção e correram para fazer o mesmo.

Momentos depois, a cabeça da serpente apareceu de novo, desta vez a bombordo, com o dorso voltado para eles, e aí então não houve quem não entendesse a idéia do rato. O animal havia-se enrolado em volta do *Peregrino* e começava a apertar o laço com o seu próprio corpo. Uma vez bem apertado, só haveria pedaços de madeira no lugar do navio, e a serpente apanharia um por um os passageiros. A única salvação era empurrar o laço para trás, até que deslizasse sob o costado do barco, ou então (dizendo a mesma coisa mas de outro modo) impelir o navio para fora do laço.

Para Ripchip, fazer isso sozinho, era o mesmo que erguer uma catedral, mas quase se matou tentando, antes que os outros o empurrassem para o lado. Toda a tripulação, exceto Lúcia e o rato (que tinha desmaiado), formava dois longos cordões, cada homem com o peito apoiado nas costas

do que estava na frente, de modo que todo o peso da fila vinha concentrar-se no último homem. Era questão de vida ou morte. Durante alguns penosos segundos, nada aconteceu. Ossos estalavam, o suor caía, a respiração era arquejante e rouca. Então sentiram que o navio se movia e que o laço da serpente estava mais afastado do mastro do que antes, mas também mais apertado. O verdadeiro perigo estava iminente. Haveria tempo de arrojá-lo pela popa? Ou já era tarde?

O corpo do animal já se apoiava nas amuradas da popa. Para lá saltaram logo dez ou mais homens. Era bem melhor. O corpo estava tão baixo que eles podiam formar um só cordão pela popa e empurrar uns ao lado dos outros. A esperança reinou de novo até se lembrarem da parte alta da ré, a cauda do dragão que o *Peregrino* imitava. Era completamente impossível fazer o animal transpor aquela parte do navio.

– Um machado! – gritou Caspian, com voz rouca. – E continuem empurrando.

Lúcia, que sabia onde estava tudo, foi correndo lá embaixo e apanhou um machado. Ao atingir o alto da escada da popa, ouviu-se um estrondo, como de uma árvore que tomba. O navio estremeceu todo e pulou para a frente. Naquele mesmo momento, a serpente fora empurrada com muita força, ou ela mesma resolvera estupidamente apertar o laço, e esmagou a ré do navio, libertando-o completamente.

Os outros estavam demasiado exaustos para ver o que Lúcia viu: a poucos metros, a argola formada pelo corpo da serpente tornava-se menor e desaparecia num espadanar de água. Lúcia sempre disse (pode ter sido imaginação dela, pois estava muito excitada) que vira na serpente uma expressão de contentamento imbecil.

O animal era mesmo muito estúpido, pois em vez de perseguir o navio virou a cabeça e começou a procurar ao longo do corpo com o focinho, julgando talvez encontrar os destroços do *Peregrino*. Mas este já seguia seu caminho, impelido por um vento suave. A tripulação espalhava-se pelo convés, uns deitados, outros sentados, gemendo e queixando-se. Breve, já comentavam o caso e até riam.

Enquanto se distribuía vinho e alimento, todos começaram a dar vivas e a elogiar a valentia de Eustáquio (embora nada tivesse feito de decisivo) e de Ripchip.

Depois desse incidente navegaram três dias entre céu e mar. No quarto dia o vento virou para o norte e o mar começou a agitar-se. À tarde, já era quase um furacão. Foi quando viram terra a bom-bordo.

– Se Vossa Majestade me permitir – disse Drinian –, vamos remar para a costa para ficar a sotavento, ancorados até isto passar.

Caspian concordou, mas só chegaram ao ancoradouro perto da noite, pois tiveram que remar uma grande distância contra a maré.

Ao lusco-fusco entraram num porto natural e ancoraram, mas naquela noite ninguém desembarcou. Viram de manhã que estavam numa baía verde, uma terra bravia e solitária que se elevava até um maciço rochoso. As nuvens desciam em torrente do alto maciço, impelidas pelo vento norte que soprava detrás dele. Baixaram o bote e encheram-no com alguns barris vazios.

– Onde vamos buscar água? – perguntou Caspian, ao sentar-se na popa. – Vêm desaguar dois riachos na baía.

– Tanto faz – respondeu Drinian. – Acho que a estibordo fica o riacho mais próximo.

– Vai chover! – avisou Lúcia.

– Já está chovendo! – exclamou Edmundo, pois já caíam mesmo grandes pingos de chuva. – Acho melhor irmos para aquele riacho. Vejo árvores onde

podemos ficar abrigados.

– Então, vamos – concordou Eustáquio. – A gente não precisa se molhar mais do que o necessário.

Mas Drinian insistia em continuar para estibordo, como as pessoas que teimam em dirigir a cem quilômetros por hora, apesar de avisadas de que se enganaram de estrada.

– Eles estão certos, Drinian – falou Caspian.

– Por que não vira o navio e segue para outro riacho?

– Como Vossa Majestade quiser – disse Drinian, um tanto secamente. O dia anterior fora extrema mente fatigante por causa do mau tempo e, além

disso, ele não gostava de conselhos de gente de terra. Contudo, mudou de rumo, verificando-se mais tarde ter sido uma boa resolução.

Quando acabaram de recolher água, tinha cessado a chuva. Caspian, com Eustáquio, os Pevensie e Ripchip resolveram ir ao cimo do monte para ver o que podiam avistar de lá. Foi uma subida difícil pela relva áspera e espinhenta. Não encontraram nem animais nem gente, apenas gaivotas. Quando atingiram o cume, viram que se tratava de uma pequena ilha de poucos quilômetros. Lá do alto, o mar parecia maior e mais desolado do que visto do convés ou da torre do *Peregrino*.

– É uma completa loucura – disse Eustáquio a Lúcia, em voz baixa, olhando o horizonte para os lados do oriente – continuar a navegar nisso sem

saber aonde vamos parar!

Estava frio demais para continuarem lá no alto.

– Não vamos voltar pelo mesmo caminho – sugeriu Lúcia. – Continuamos mais um pouco e de pois descemos pelo outro riacho, aonde Drinian queria ir.

Todos concordaram e, cerca de quinze minutos mais tarde, encontravam-se na nascente do segundo rio.

O lugar era mais interessante do que haviam imaginado; um pequeno lago de montanha rodeado de penedos, exceto do lado de onde saía um canal estreito que levava a água para o mar.

Ali, abrigados do vento, sentaram-se todos no capim para descansar. Mas Edmundo levantou-se logo, de um salto.

– Esta ilha é feita de pedras pontudas? Ah, peguei... Ei, não é pedra, é um punho de espada.

Que nada, é uma espada inteira, o que a ferrugem deixou. Deve estar aqui há um tempo enorme.

– Pelo aspecto, parece de Nárnia – disse Caspian, quando se juntaram todos para ver.

– Também me sentei em cima de alguma coisa – disse Lúcia. – Uma coisa dura! – Eram os restos de uma armadura. Já todos estavam de gatinhas, apalpando o capim em todos os sentidos.

Aos poucos, a busca revelou um elmo, uma adaga e várias moedas. Não eram crescentes da Calormânia, mas autênticos “leões” e “árvores” de Nárnia.

– Acho que é tudo que resta de um dos nossos sete fidalgos – disse Edmundo.

– Estava pensando justamente nisso – falou Caspian. – Resta saber qual deles. Não há nada na adaga que o indique. Nem faço idéia de como morreu.

– Nem de como haveremos de vingá-lo – acrescentou Ripchip.

Edmundo, o único do grupo que lera histórias policiais, pôs-se a pensar no caso.

– Olhem aí: há qualquer coisa de estranho nisso. Não pode ter sido morto em combate.

– E por que não? – perguntou Caspian.

– Não há aqui nenhum osso – respondeu Edmundo. – Um inimigo teria levado a armadura e deixado o corpo. Alguém já ouviu falar de um sujeito que depois de ganhar um combate leve o corpo e deixe a armadura?

– Talvez tenha sido comido por um animal selvagem – observou Lúcia.

– Tinha de ser um animal muito inteligente – respondeu Edmundo – para tirar a armadura de um homem.

– Talvez um dragão – disse Caspian.

– Nem por sombra! – exclamou Eustáquio. -

Um dragão seria incapaz de fazer isso. De dragão eu entendo!

– Se vocês estiverem de acordo – propôs Caspian, levantando-se – acho que não vale a pena levar nada daqui.

Contornaram o lago e desceram até a abertura por onde saía a água. Se o dia estivesse quente, alguns deles teriam tomado um banho. Eustáquio inclinou-se sobre a água para beber na concha das mãos, mas antes que pudesse fazê-lo foi interrompido pelo grito simultâneo de Lúcia e Ripchip: - Olhem! – Eustáquio deteve-se e olhou.

O fundo do poço era feito de grandes pedras azul-acinzentadas, a água era completamente transparente, e no fundo jazia uma figura de homem, que parecia feita de ouro. Tinha o rosto virado para baixo e os braços estendidos acima da cabeça. Enquanto observavam, as nuvens afastaram-se, deixando brilhar o sol, que iluminou a figura de ouro por completo. Lúcia pensou que nunca vira estátua tão bela.

– Puxa! – exclamou Caspian. – Vale a pena ver isto. Poderemos retirá-la de lá?

– Podemos mergulhar, senhor – disse Ripchip.

– Não pode ser – falou Edmundo. – Se for realmente de ouro, de ouro puro, é muito pesada para ser puxada. E o poço tem pelo menos uns três metros de profundidade. Esperem um pouco. Ainda bem que trouxe minha lança. Vamos ver a profundidade disso. Segure minha mão, Caspian, enquanto me debruço.

Caspian agarrou-lhe a mão e Edmundo, inclinando-se para a frente, começou a mergulhar a lança na água.

– Acho que não é de ouro – disse Lúcia. – A luz é que faz aquilo. A lança está da mesma cor da estátua.

– O que aconteceu? – perguntaram várias vozes ao mesmo tempo, pois Edmundo deixara cair a lança de sua mão.

– Não consegui segurá-la – articulou Edmundo. – Ficou tão pesada...

-Já está no fundo – disse Caspian. – Lúcia tem razão. Parece da mesma cor da estátua.

Mas Edmundo, parecendo ter qualquer problema com suas botas, pois estava inclinado a espiá-las, endireitou-se de súbito e gritou com aquela voz cortante que ninguém ousa desobedecer:

– Saiam da água! Todos! Já!

Todos se afastaram e ficaram olhando para ele, admirados.

– Olhem as minhas botas – gritou ainda Edmundo.

– Estão muito amarelas – ia dizendo Eustáquio.

– São de ouro, de ouro puro – interrompeu Edmundo. – Olhem bem. Peguem. Pesam mais do que chumbo.

– Por Aslam! – exclamou Caspian. – Você não está querendo dizer...

– Estou querendo, sim. Esta água transforma tudo em ouro. Transformou a lança e por isso ela ficou tão pesada. Os meus pés estavam quase lá dentro (ainda bem que não estou descalço!), e a parte da frente das botas também virou ouro. E aquele coitado lá no fundo... bem, vocês estão vendo.

– Então não é uma estátua – disse Lúcia, com a voz sumida.

– Não. Agora está tudo claro. Ele veio aqui num dia quente. Tirou a roupa no alto da rocha, onde estamos sentados. As roupas devem ter apodrecido, ou foram levadas pelas aves para fazer ninhos.

A armadura ainda está ali. Mergulhou e...

– Não fale mais nada – exclamou Lúcia. – Que coisa medonha!

– Escapamos por um triz! – disse Edmundo.

– Por um triz! – concordou Ripchip. – Mais um pouco e a gente enfiava o pé na água, ou os bigodes, até mesmo a cauda...

– Vamos tirar a prova – falou Caspian.

Arrancou um galho e, com muito cuidado, ajoelhou-se junto do poço mergulhando a haste. Foi vegetal o que mergulhou, mas o que tirou da água era um perfeito modelo de ramo feito de ouro, pesado e maciço como o chumbo.

– O rei que possuísse esta ilha – disse Caspian vagarosamente, e ao falar seu rosto se iluminou – seria em pouco tempo o rei mais rico do mundo.

Declaro esta ilha possessão de Nárnia para sempre! Será chamada Ilha das Águas de Ouro. Exijo que todos guardem segredo. Nem mesmo Drinian deve saber. E isto sob pena de morte, entenderam?

– Mas com quem está falando? – indagou Edmundo. – Não sou seu súdito. Só se for o contrário. Sou um dos mais antigos soberanos de Nárnia, e você jurou fidelidade ao Grande Rei, meu irmão.

– Ah, é assim, rei Edmundo? – perguntou Caspian, apoiando a mão no punho da espada.

– Parem com isso – interveio Lúcia. – E o que dá a gente andar com rapazes. Vocês são uns valentões bobocas. Oh!... – e a voz morreu-lhe num espasmo.

E todos viram o que ela havia visto.

Lá no alto, na falda cinzenta do monte, caminhava em passo lento, sem ruído, sem olhar para eles, e brilhando como se estivesse à luz do sol e não no crepúsculo, o maior leão que olhos humanos jamais viram.

Mais tarde, Lúcia, ao descrever a cena, diria “do tamanho de um elefante”, ainda que em outrás ocasiões dissesse apenas “do tamanho de um cavalo de circo”.

Mas não era o tamanho que interessava. Todos sabiam que era Aslam. E nunca ninguém soube como viera nem para onde ia. Olhavam uns para os outros, como se tivessem acordado de um sonho.

– De que estávamos falando? – perguntou Caspian. – Agi como um imbecil.

– Senhor! – disse Ripchip. – Este lugar está amaldiçoado. Voltemos para bordo imediatamente. Se me permitisse dar um nome a esta ilha, eu a chamaria de Água da Morte.

– Parece um nome adequado, Rip – respondeu Caspian. – Ainda que, pensando bem, nem mesmo eu saiba por quê. O tempo parece ter melhorado, e

tenho a impressão de que Drinian deve estar louco para partir. Quanta coisa teremos para contar!

Mas afinal não lhe contaram grande coisa, pois os acontecimentos daquela última hora haviam-se tornado um tanto confusos em suas mentes.

– Suas Majestades pareciam enfeitiçadas quando voltaram – disse Drinian a Rince algumas horas depois, quando o *Peregrino* já navegava e a Ilha da Água da Morte desaparecia no horizonte.

– Algo aconteceu a eles naquela terra. A única coisa que entendi foi que parece terem encontra do o corpo de um dos fidalgos.

– Não me diga! – exclamou Rince. – Então já são três. Só faltam quatro. Nesse ritmo, estaremos em casa depois do Ano Novo. Ótimo! Boa noite, senhor!

9
A ILHA DAS VOZES

O vento começou a soprar do leste, e todas as manhãs, quando a luz surgia, a proa recurva do *Peregrino* elevava-se na direção do sol.

E navegaram, navegaram, impelidos por uma brisa suave, mas contínua, e não viram peixe, nem gaivota, nem barco, nem praia. As provisões começaram a escassear outra vez, e entrou no espírito de todos a idéia de que talvez estivessem navegando por um mar sem fim. Mas, quando amanheceu o último dia que tinham fixado para continuar a leste, avistaram entre o navio e o sol nascente uma terra baixa e esfumada como uma nuvem.

Ao meio da tarde aportaram em uma grande baía e desembarcaram. Era um lugar muito diferente de todos os que já haviam visto, pois, ao atravessarem a praia arenosa, depararam com um silêncio e um vazio totais, como se fosse uma terra desabitada. Contudo, à frente estendiam-se campos com relva tão macia e aparada como a que se costuma encontrar nas grandes casas inglesas onde trabalham dez jardineiros. As árvores, em grande quantidade, estavam bem separadas umas das outras, e não havia no chão nem ramos partidos nem folhas caídas. Só se ouvia o arrulhar de pombos. Tomaram um caminho arenoso, extenso e reto, todo ladeado de árvores, onde não crescia uma só erva. Na outra extremidade, vislumbraram uma grande casa acinzentada, muito sossegada ao sol da tarde.

Lúcia reparou que tinha uma pedrinha no sapato. Numa terra desconhecida como aquela, teria sido mais ajuizado pedir que os outros esperassem por ela. Mas deixou-se ficar para trás e sentou-se para tirar o sapato. O cordão tinha um nó. Antes que tivesse desatado o nó, eles já estavam a uma distância razoável. Quando tirou a pedra e amarrava o

sapato, já não os ouvia. Quase ao mesmo tempo ouviu uma outra coisa, mas o som não vinha do lado da casa.

Era um ruído de batidas, como se dúzias de robustos trabalhadores estivessem golpeando o chão com toda a força com grandes pilões de madeira. E aproximavam-se rapidamente. Ainda estava sentada e encostada à árvore, mas como não sabia subir, só lhe restava continuar assim, muito quieta, comprimindo-se de encontro à árvore, esperando que não a vissem.

Tump... Tump... Tump... – fosse o que fosse, estava muito perto, pois ela sentia o chão tremer. Mas nada via.

A coisa – ou coisas – devia estar bem atrás dela. De repente ouviu um estrondo no caminho, bem na sua frente. Compreendeu que era naquele lugar, não só por causa do som, como também porque viu a areia espalhando-se no ar como se tivesse sofrido uma forte pancada. Depois, todos os estampidos se reuniram a uns cinco metros de distância, cessando subitamente. Depois veio a Voz. Era horrível, porque ainda não tinha conseguido ver ninguém. Toda aquela região, que mais lembrava um parque, parecia tão sossegada e vazia como quando haviam desembarcado. No entanto, a poucos metros de distância, uma voz falou:

– Camaradas, eis a nossa oportunidade!

Imediatamente respondeu-lhe um coro de vozes:

– Ouçam, ouçam. Eis a nossa oportunidade!

Muito bem, chefe. Nunca falou tanta verdade.

A primeira voz continuou:

– O que eu acho é que devemos ir para a praia e ficar entre eles e o navio; e que cada um cuide de suas armas. Vamos apanhá-los quando tentarem embarcar.

– É a melhor maneira, sem dúvida alguma – gritaram as outras vozes todas. – Nunca alguém fez um plano tão bom, chefe. Nunca se poderá imaginar um plano melhor do que esse.

– Então, coragem, camaradas, coragem; vamos a eles – disse a primeira voz.

– Está outra vez cheio e repleto de razão, chefe – disseram os outros. – É a melhor ordem que nos podia dar. Exatamente o que estávamos

querendo dizer. Vamos a eles!

O barulho começou forte, a princípio, e depois cada vez mais fraco, até morrer na direção do mar.

Lúcia sabia que não era o momento de ficar ali sentada matutando sobre quem seriam as criaturas invisíveis. Cessado o barulho, levantou-se e correu pela alameda atrás dos outros. Tinham de ser avisados o quanto antes.

Os outros tinham chegado à casa. Era um edifício baixo – só de dois andares – feito de bonita pedra esverdeada, com muitas janelas e parcialmente coberto de hera. Estava tudo tão silencioso que Eustáquio disse:

– Acho que não vive ninguém aqui! – Caspian apontou-lhe silenciosamente uma coluna de fumo que saía da chaminé. Entraram por um grande portão aberto que dava para um pátio pavimentado. E foi ali que tiveram o primeiro indício de que havia qualquer coisa de estranho naquela ilha.

No meio do pátio havia uma bomba d'água e, debaixo desta, um balde. Nada havia de estranho nisso, mas o braço da bomba movia-se para baixo e para cima, embora parecesse que ninguém o acionava.

– Tem magia por aqui – disse Caspian.

– Da mecânica, isto sim! – exclamou Eustáquio.

– Acho que finalmente chegamos a um país civilizado.

Nesse momento, Lúcia, vermelha e ofegante, irrompeu pelo pátio. Em voz baixa tentou explicar-lhes o que ouvira. E, quando compreenderam parte do que se passava, nem o mais valente ficou satisfeito.

– Inimigos invisíveis! – murmurou Caspian. – E cortam-nos a retirada para o barco. Vai ser duro descalçar esta bota!

– Você tem alguma idéia de que tipo de criaturas se trata, Lu? – perguntou Edmundo.

– Como poderia saber, se não os vi?

– Parecia barulho de ser humano ao andar?

– Não ouvi nenhum barulho de pé, só vozes e aquele horrível bater, incessante, como um martelão.

– Estou pensando se não se tornarão visíveis se lhes espetarmos uma espada na barriga – disse Ripchip.

– Acho que temos de experimentar – falou Caspian. – Mas vamos sair deste pátio; ali está um deles trabalhando na bomba e ouvindo tudo o que estamos conversando.

Voltaram ao prado, onde as árvores poderiam escondê-los melhor.

– Isto não adianta nada – falou Eustáquio –, querer se esconder de gente que não se vê. Podem estar todos aqui em volta.

– Escute, Drinian – disse Caspian. – Que tal se deixássemos o bote e fizéssemos sinal ao Peregri no para que nos recolhesse no fundo da baía?

– Não tem profundidade bastante – respondeu Drinian.

– Iríamos a nado – disse Lúcia.

– Ouçam, Altezas – chiou Ripchip. – É uma loucura fugir de um inimigo invisível com subterfúgios e artimanhas. Se essas criaturas estão resolvidas a dar-nos combate, pode ter a certeza de que o farão. Prefiro combatê-las frente a frente a ser agarrado pelas canelas.

– Creio que desta vez Rip tem razão – disse Lúcia. – Se Rince e os outros do *Peregrino* nos vissem combatendo na praia, haveriam de fazer alguma coisa.

– Não iriam nos ver combatendo, porque não veriam o inimigo – disse Eustáquio desconsoladamente. – Julgariam que estamos brandindo as espadas no ar, de brincadeira.

Foi um silêncio penoso.

– Bem – disse, por fim, Caspian –, temos de enfrentá-los. Apertem as mãos. Flechas nos arcos!

Espada desembainhada! Vamos em frente. Talvez queiram parlamentar.

Era estranho ver os prados e as grandes árvores tão serenas enquanto marchavam para a praia. E quando ali chegaram e viram o bote, a areia

macia e deserta, mais de um duvidou se Lúcia não teria imaginado tudo aquilo que contara. Mas, antes de chegarem à areia, a voz falou do ar:

– Não avancem mais, cavalheiros, não avancem mais. Temos que falar primeiro. Somos aqui uns cinqüenta de armas na mão.

– Escutem o que ele diz, escutem o que ele diz – fez o coro. – É o chefe. Vocês dependem do que ele vai dizer. E ele nunca diz uma mentira, uma só.

– Não vejo esses cinqüenta guerreiros – observou Ripchip.

– Lá isso é verdade, lá isso é verdade – disse a voz do chefe. – Vocês não podem nos ver, porque somos invisíveis.

– Isso mesmo, chefe, isso mesmo – disseram as outras vozes. – Fala como um livro aberto. Nunca jamais poderia ter melhor resposta do que esta.

– Calma, Rip – murmurou Caspian; depois acrescentou em voz mais alta: – Gente invisível, que querem de nós? Que fizemos para merecer sua inimizade?

– Queremos uma coisa que essa mocinha pode fazer – falou a voz do chefe. E as outras vozes repetiram a mesma coisa.

– Mocinha! – exclamou Ripchip. – Esta senhora é uma rainha!

– Não entendemos de rainhas – disse a voz do chefe. (“Nem nós, nem nós!”, disseram as outras vozes.) Mas queremos uma coisa que ela pode fazer.

– O que é? – perguntou Lúcia.

– Se é algo contra a honra ou a segurança de Vossa Majestade – acrescentou Ripchip –, hão de ver quantos matamos antes de morrer.

– Olhem aqui, isto é, escutem aqui: a história é muito comprida. Que tal se nos sentássemos todos?

A proposta foi acaloradamente aprovada pelas outras vozes, mas os de Nárnia continuaram de pé.

– Bem – disse a voz do chefe –, o negócio é o seguinte: esta ilha pertence a um mágico há uma infinidade de tempo. Nós todos somos, ou talvez seja mais exato dizer, fomos servos dele. Para resumir um pouco,

esse mágico, de que eu estava falando, disse-nos para fazer uma coisa de que não gostávamos. Por quê? Porque não queríamos.

Pois bem, então o tal mágico ficou louco de raiva.

Era o dono da ilha e não estava habituado a ser desobedecido. Era um homem muito rude! Esperem um pouquinho... O que eu estava dizendo?

Ah, sim, pois esse mágico foi lá para cima (ele guardava tudo o que era de magia em cima, e nós vivíamos embaixo). Então ele subiu e nos colocou um encantamento. Pois é, como eu ia dizendo... um encantamento que nos deixou feios, terrivelmente feios! Se nos vissem agora, acho que agradeceriam a seus deuses por não nos verem; não acreditariam como éramos antes do encantamento. Nem acreditariam que fôssemos os mesmos.

Ficamos tão feios que nem podemos olhar uns para os outros. Vou contar o que fizemos: quando chegou a noite, esperamos até que o mágico adormecesse, rastejamos pela escada e, com uma ousadia fora do comum, fomos até o livro mágico, para ver se era possível dar um jeito naquela feiúra. Não minto: tremíamos e suávamos dos pés à cabeça. Acreditem ou não, não encontramos nenhum sortilégio que curasse a feiúra. O tempo passando! E nós com um medo enorme que o homem acordasse de um momento para outro: eu estava coberto de suores frios, confesso, não minto; bem, para resumir a história, não sei se fizemos bem ou mal, mas demos por fim com um feitiço que tornava as pessoas invisíveis. E achamos que era preferível sermos invisíveis a sermos tão feios. Por quê? Questão de gosto. Então, a minha garotinha, que tem mais ou menos a idade da sua, e que era uma doce criança antes de ficar horrorosa, se bem que agora... quanto menos se falar nisso, melhor... Como ia dizendo, a minha menina pronunciou as palavras do encantamento, pois têm de ser ditas por uma garota ou pelo próprio mágico para produzirem efeito, entendem? Assim, a minha Clípsia disse as palavras mágicas. Já devia ter dito que ela lê muito bem, e ficamos todos invisíveis, como vocês agora podem ver, ou não ver. Juro que foi um alívio não ver mais as caras uns dos outros. Pelo menos a princípio. Mas acontece agora que já não agüentamos mais ser invisíveis. E há outra coisa. Nunca soubemos se o mágico, aquele do qual eu falava há pouco, também ficou invisível. Nunca mais o vimos. Não sabemos se está vivo ou morto, ou se foi embora, se está lá em cima, sentado e invisível, ou se desceu e está aqui agora, também invisível. Não há jeito de ouvi-lo, pois

ele anda sempre descalço, mais silencioso do que um gato. Com franqueza, cavalheiros, os nossos nervos já não agüentam mais!

Foi essa a história do chefe, mas muito resumida, porque não incluí o que as outras vozes disseram. O chefe, de fato, não dizia mais de seis ou sete palavras sem ser interrompido por manifestações de aprovação ou encorajamento das outras vozes, o que levou a turma de Nárnia quase a perder a paciência. Quando terminou, foi um grande silêncio.

– Mas o que temos com isso? Não estou entendendo! – disse Lúcia, finalmente.

– Que diabo, que diabo! No fim das contas me esqueci do principal – disse a voz do chefe.

– Esqueceu mesmo, esqueceu mesmo! – grita ram as outras vozes, com entusiasmo. – Só o senhor seria capaz de se esquecer tão completamente de uma coisa tão importante. Muito bem, chefe!

– Bem – continuou o chefe, acho que não preciso contar tudo de novo, desde o princípio...

– Não, não mesmo! – disseram Caspian e Edmundo.

– Para resumir – recomeçou a voz do chefe –, há muito que esperávamos uma linda menina, de um país estrangeiro, para ir lá em cima, no livro mágico, procurar palavras que possam tornar a gente de novo visível. Ela terá de pronunciá-las, depois que encontrá-las. Juramos que os primeiros estrangeiros que aportassem a esta ilha, trazendo uma linda menina – pois, se não trouxessem, o caso seria outro –, não sairiam daqui vivos sem nos prestar o serviço. Por essa mesma razão, seremos obrigados a cortar-lhes o pescoço se a menina não for lá em cima procurar no livro a fórmula mágica. Como estão vendo, é uma questão à-toa. Espero que não se ofendam.

– Não vejo as suas armas – disse Ripchip. – Também são invisíveis?

Mal tinha acabado de pronunciar estas palavras, quando ouviram um zunido; numa das árvores cravou-se, vibrando, uma lança.

– É uma lança, é uma lança – disse a voz do chefe.

– É, chefe, é, pois é! – disseram os outros. – Não poderia nunca falar tão bem.

– E fui eu quem atirei! – continuou a voz do chefe. – Ficam visíveis quando saem da nossa mão.

– Mas por que desejam que eu faça isso? – perguntou Lúcia. – Por que não fazem vocês? Não há moças entre vocês?

– Não somos capazes, não somos capazes – disseram as vozes todas. – Não iremos lá em cima de novo.

– Em outras palavras – disse Caspian –, estão pedindo que a moça enfrente um perigo que não ousam pedir às suas irmãs ou suas filhas?

– Isso mesmo, isso mesmo – disseram as vozes, entusiasticamente. – Não poderia ter falado melhor. O senhor tem cultura, tem. Vê-se.

– É o mais ultrajante... – começou a dizer Edmundo, mas foi interrompido por Lúcia:

– Tenho que ir lá em cima de dia ou de noite?

– Claro que de dia, de dia! – respondeu a voz do chefe. – Não, de noite não. Ninguém iria exigir uma coisa dessas. Ir lá em cima de noite? Nem pensar.

– Muito bem, então vou lá – afirmou Lúcia. – Não! – disse, virando-se para os outros. – Não tentem impedir-me. Não percebem que não vale a pena? Estão aqui dezenas deles. Não podemos vencê-los. Assim, sempre teremos uma possibilidade.

– Mas... e o mágico!? – exclamou Caspian.

– Sei, o mágico! – disse Lúcia. – Mas não deve ser tão mau como o pintam. Vocês já devem ter percebido que esses invisíveis não são lá muito

valentes...

– Nem muito inteligentes – disse Eustáquio.

– Espere aí, Lu – disse Edmundo –, francamente, não podemos permitir que faça uma coisa dessas. Pergunte ao Rip.

– Mas é para salvar a minha vida também, não só a de vocês – disse Lúcia. – Não quero, tanto quanto vocês, ser cortada em pedacinhos por espadas invisíveis.

– A rainha tem razão – disse Ripchip. – Se tivéssemos qualquer condição de salvá-la em combate, o nosso dever seria óbvio. Mas acho que não temos. E o serviço que se lhe exige não é contrário à honra de Sua Majestade; é, sim, um nobre e heróico ato. Se é da vontade da rainha correr o risco com o mágico, não me pronunciarei em contrário.

Como ninguém jamais tinha visto Rip ter medo do que fosse, podia falar assim sem passar por covarde. Mas os rapazinhos, que já tinham sentido medo muitas vezes, ficaram vermelhos de vergonha. Mesmo assim era tão óbvio que tiveram de ceder.

Os invisíveis rebentaram em grandes aclamações quando a decisão foi anunciada, e a voz do chefe, acaloradamente secundada pelas outras, convidou os narnianos para jantar e passar ali a noite.

Eustáquio não queria aceitar, mas Lúcia disse:

– Tenho a certeza de que não são traidores. Não são dessa laia – e todos concordaram.

Acompanhados por enorme barulheira de pancadas, que se tornaram mais fortes ao atingirem o pátio, onde faziam eco, voltaram todos para a casa.

10
O LIVRO MÁGICO

O povo invisível acolheu regiamente seus convidados. Era muito engraçado ver as travessas e os pratos virem para a mesa sem ninguém trazê-los. Já seria engraçado se se deslocassem mantendo o mesmo nível em relação ao solo, como seria de esperar que acontecesse, sendo trazidos por mãos invisíveis. Mas não era assim. Avançavam pela sala de jantar aos saltos. No ponto mais alto de cada salto o prato distava do chão uns três metros, depois descia e parava subitamente a um metro de distância do chão. Se o prato continha qualquer coisa como sopa ou molho, o resultado era desastroso. Eustáquio murmurou para Edmundo:

– Estou ficando muito intrigado com essa gente. Acha que são humanos? Penso que são gafanhotos gigantescos ou imensas rãs.

– Parecem mesmo algo assim, mas não meta essa idéia de gafanhoto na cabeça de Lúcia. Ela não suporta insetos, especialmente enormes desse jeito.

A refeição poderia ter sido mais agradável se não fosse toda aquela sujeira, e também se a conversa não tivesse consistido inteiramente em aprovações. A gente invisível concordava com tudo. Aliás, era mesmo difícil discordar da maioria de suas afirmações:

– É o que eu vivo dizendo: quando uma pessoa tem fome, gosta de comer. – Ou: Está ficando escuro; de noite é sempre assim – Ou então: Vocês vieram pela água; é muito molhada, não é?

Lúcia não podia deixar de olhar para a bocarra escura da entrada, na base da escada, e punha-se a imaginar o que iria acontecer quando subisse na manhã seguinte.

De qualquer modo, foi uma boa refeição, com sopa de cogumelos, galinha cozida, fiambre, groselhas, passas, requeijão, manteiga, leite e hi-

dromel. Todos gostaram de hidromel, mas Eustáquio, mais tarde, arrependeu-se de ter bebido.

Lúcia acordou no dia seguinte como se fosse manhã de prova ou de dentista. As abelhas zumbiam, entrando e saindo pela janela aberta, e o campo lá fora lembrava a Inglaterra. Levantou-se, vestiu-se e tentou falar e comer com naturalidade durante o café da manhã.

Depois de ter sido instruída pela voz do chefe sobre o que não tinha de fazer lá em cima, despediu-se dos outros, não disse mais nada, caminhou para o fundo da escada e começou a subir sem olhar para trás. Felizmente a luz era boa. No primeiro lance de escada havia uma janela. Enquanto subia, ouvia o tique-taque de um relógio antigo, ali embaixo, na entrada. Chegou ao patamar e virou para a esquerda para subir o lance seguinte, e não ouviu mais o relógio. Finalmente chegou ao alto, vendo um longo corredor com uma janela no fim. Devia correr por todo o comprimento da casa. Era todo decorado com entalhes, painéis e tapetes, e de cada lado havia muitas portas.

Ficou um instante parada e não ouviu nem o chiar de um camundongo, nem o zumbir de uma mosca, nem o abanar de um cortinado, nada mesmo – a não ser o bater de seu coração.

“A última à esquerda”, disse para si mesma. Achava uma crueldade ser logo na última porta. Tinha de passar por todos os quartos. Em qualquer um deles poderia estar o mágico: adormecido, acordado, invisível ou até morto. Até morto! Mas não valia a pena pensar nisso. Começou a caminhar. O tapete era tão espesso que abafava o ruído.

“Por enquanto não há nada que meta medo”, pensou Lúcia. Parecia mesmo um corredor tranqüilo, banhado de sol, talvez um pouco tranqüilo demais. Seria mais bonito se não fossem aqueles estranhos sinais pintados em vermelho nas portas: rabiscos complicados e retorcidos, que tinham obviamente um significado – significado que não deveria ser lá muito simpático.

E mais bonito ainda seria se não existissem aquelas máscaras dependuradas nas paredes. Não que fossem propriamente feias – ou pelo menos muito feias –, mas os buracos vazios das órbitas eram esquisitos, e não seria difícil imaginar que, mal virasse as costas, as máscaras começariam a se mexer.

Depois de passar a sexta porta, Lúcia levou grande susto. Teve quase a certeza de que uma cara espertinha, com uma barbicha, saltara da parede e lhe fazia caretas. Obrigou-se a parar e a olhar para ela. Descobriu que afinal não era uma cara, mas um pequeno espelho com o tamanho e o formato de seu próprio rosto, com cabelo no alto e barbicha pendente, de modo que, ao se olhar no espelho, o rosto dela ficou ali circunscrito, parecendo que a barba e o cabelo lhe pertenciam.

“Foi só o reflexo do meu rosto ao passar”, disse Lúcia a si mesma. “Não é nada. Não há nada a temer.”

Mas não gostou de ver a sua própria face com aquela barba e aquele cabelo. Continuou andando. “Eu é que não sei para que seria o espelho com barba e cabelo, pois não sou mágico.”

Antes de chegar à última porta, Lúcia começou a imaginar se o corredor não teria aumentado de tamanho desde que começara a percorrê-lo e se aquilo não seria uma parte do encantamento da casa. Por fim chegou lá. A porta estava aberta.

Era uma sala enorme, com três grandes janelas, cheia de livros do chão ao teto. Lúcia nunca vira tantos livros, tantos livros – livros fininhos, grossões, livros maiores do que qualquer Bíblia de igreja, todos encadernados em couro e cheirando a velhice, sabedoria e magia. Mas já sabia, pelas instruções fornecidas, que não devia preocupar-se com qualquer um deles, pois o livro, o livro mágico, estava numa estante de leitura, bem no centro da sala.

Viu logo que tinha de ler o livro em pé (não havia cadeiras) e com as costas voltadas para a porta. Foi logo fechar a porta. Mas a porta não se fechou.

Algumas pessoas podem discordar de Lúcia neste ponto, mas acho que ela tinha razão. Era de fato desagradável estar num lugar como aquele com uma porta aberta às costas. Eu sentiria o mesmo. Mas nada se podia fazer.

O que mais a preocupava era o tamanho do livro. A voz do chefe não soubera dizer-lhe em que parte do livro se encontrava a fórmula mágica para tornar as pessoas visíveis. Ficara até muito surpreso quando ela o indagara. Lúcia devia começar pelo princípio e continuar até achar. Claro

que ela nunca pensara haver outro modo de encontrar uma coisa em um livro.

“Mas posso ficar nisso dias e até semanas!”, disse Lúcia, ao olhar para o imenso volume. “Tenho a sensação de que já estou neste lugar há séculos!”

Dirigiu-se para a estante de leitura e pôs as mãos no livro; seus dedos estremeceram como se o livro estivesse carregado de eletricidade.

A princípio não foi capaz de abri-lo, pois estava preso por dois fechos de bronze; abriu-se facilmente depois. Que livro, puxa!

Não era impresso. Estava escrito à mão numa letra clara e nítida, com as hastes das letras muito carregadas e as pernas escritas de leve; uma letra muito maior e muito mais fácil de ler do que a do jornal e tão bonita que Lúcia ficou algum tempo encantada, só a olhar, esquecida de ler. Do papel macio emanava um bom aroma. Nas margens e em redor das grandes letras com que começavam os encantamentos, havia desenhos.

Não tinha página de títulos, nem índice. Os encantamentos iam logo começando; nos primeiros nada havia de importante. Eram curas para ver-rugas (lavar as mãos numa bacia de prata ao luar), para dores de dentes, para convulsões, para se ver livre de um enxame de abelhas... A gravura que representava um homem com dor de dente era tão viva e real que os dentes começariam a doer se se olhasse muito tempo para ela. As abelhas douradas que salpicavam o princípio do terceiro

encantamento pareciam de repente que voavam mesmo.

Lúcia custou a passar da primeira página; quando a virou, viu que a seguinte era tão interessante quanto a primeira. “Tenho de continuar”, afirmou para si mesma. E assim continuou durante mais de trinta páginas. Se pudesse decorá-las, teria aprendido a achar um tesouro enterrado, a lembrar coisas esquecidas, a esquecer coisas aborrecidas, a adivinhar se os outros dizem a verdade, a evitar e chamar o vento, o nevoeiro, a neve, a geada, a mergulhar as pessoas no sono (como aconteceu ao pobre Príncipe das Orelhas de Burro). Quanto mais lia, mais reais e maravilhosas eram as gravuras. Por fim, chegou a uma página na qual havia tantas gravuras que quase não se viam os dizeres. Mal se distinguiam. Mas Lúcia viu logo as primeiras palavras:

UM FEITIÇO INFALÍVEL
PARA TORNAR MAIS BELA
DO QUE TODOS OS MORTAIS
AQUELA QUE O PRONUNCIAR.

Lúcia observou as gravuras com a face colada à página e, ainda que antes lhe tivessem parecido confusas e embaralhadas, eram agora nítidas.

A primeira representava uma garota lendo numa estante de leitura um livro enorme. A garota estava vestida exatamente como Lúcia. Na gravura seguinte, Lúcia (pois a garota da gravura era a própria Lúcia) estava em pé, de boca aberta, contando ou recitando qualquer coisa, com uma expressão bastante esquisita. Na terceira gravura, havia atingido uma tal beleza que passava os limites dos mortais. Era estranho, considerando que a gravura lhe parecera pequena a princípio, que a Lúcia da gravura parecesse agora tão grande como a verdadeira Lúcia. Olharam-se nos olhos, e a Lúcia real teve de desviar os seus, de tal modo ficou ofuscada pela beleza da outra Lúcia, ainda que visse uma espécie de semelhança consigo mesma naquela face deslumbrante.

O número de gravuras que lhe diziam respeito começou a aumentar, mais depressa e em maior profusão. Via-se num alto trono, num grande torneio em Calormânia, e todos os reis do mundo lutando por causa de sua beleza. Os torneios viravam guerras, e toda a Nárnia, a Arquelândia, Teimar e Calormânia, Galma e Terebíntia eram devastadas pela fúria dos reis e dos grandes fidalgos que lutavam em seu favor.

Depois mudou, e Lúcia, ainda mais bela do que todos os mortais, estava de volta à Inglaterra, e Susana, que sempre fora a beleza da família, voltava dos Estados Unidos.

A Susana da gravura parecia exatamente com a Susana verdadeira, apenas menos bonita e com uma expressão menos simpática. Susana invejava o esplendor da beleza de Lúcia, mas isso não interessava o mínimo, pois ninguém se importava agora com Susana.

– Vou dizer as palavras mágicas. Pouco me importo. Vou dizer! – Dizia que não se importava por que sentia que seu procedimento estava errado.

Mas ao olhar para as palavras iniciais do encantamento viu bem no meio da parte escrita, onde tinha a certeza de que não existia antes nenhuma gravura, uma grande cabeça de leão, o Leão, o próprio Aslam, olhando fixamente para ela. Estava pintado com um ouro tão brilhante que parecia saltar da página e vir ao encontro dela.

Nunca chegou a ter certeza, mais tarde, de que a gravura não se mexera um pouco. Conhecia muito bem aquela expressão. O leão rugia e mostrava os dentes. Ela ficou horrorizada e virou logo a página. Deu com um feitiço que permitia saber o que nossos amigos pensam de nós.

Ela desejara ardentemente experimentar o outro, o que tornava as pessoas mais bonitas que os outros mortais, e agora achava que podia usar este, já que renunciara ao primeiro. Depressa, com medo de mudar de idéia, disse as palavras que nada me obrigará a revelar. E esperou, vendo o que acontecia. Como não aconteceu nada, começou a olhar para as gravuras.

Viu de repente a última coisa que esperava ver: uma gravura representando um vagão de terceira classe de um trem, com duas garotas de escola sentadas lá dentro. Reconheceu-as logo: Margarida e Ana. Mas agora era muito mais do que uma gravura. Estava viva. Via os postes telegráficos passando pela janela e as duas garotas rindo e falando. Pouco a pouco, ela começou a ouvir o que diziam.

– Será que vou vê-la este ano? – perguntou Ana. – Ou você vai *continuar grudada* na Lúcia?

– Não sei o que você quer dizer com continuar grudada – disse Margarida.

– Sabe, sim! No ano passado você estava doida por ela.

– Estava coisa nenhuma. Não sou nenhuma boba, Ana. Lúcia não é má menina, mas antes do fim do ano eu já estava cheia dela.

– Pois quero ver este ano! Você vai ver! – gritou Lúcia. – Sua falsa!

O próprio som de sua voz lembrou-lhe que estava apenas falando com uma gravura e que a verdadeira Margarida estava muito longe, em outro mundo. Lúcia disse para si mesma: “Achei que ela fosse melhor. No ano passado eu a ajudei tanto! Ninguém faria o que eu fiz! E ela sabe muito bem disso! E logo com a Ana! Será que as minhas amigas todas são assim? Há mais gravuras aqui. Não quero vê-las, não quero, não quero!”

Com grande esforço, virou a página, não sem uma grande lágrima de raiva.

Na página seguinte, vinha um feitiço para “refrescar o espírito”. As gravuras eram em menor número, mas muito bonitas. Lúcia se pegou lendo qualquer coisa que mais parecia uma história do que um encantamento.

Antes de chegar ao fim da última página (eram três), esquecera-se completamente do que estava lendo. Vivia a história como se fosse real, e também as gravuras pareciam verdadeiras. Quando chegou ao fim, disse:

– É a história mais maravilhosa que já li ou ainda lerei em minha vida. Gostaria de continuar lendo isso durante dez anos inteiros! Ou pelo menos ler de novo!

Aqui entrou em cena um pouco da magia do livro. Não se podia voltar para trás. As páginas da direita podiam ser viradas, mas não as da esquerda.

– Que pena! Gostaria tanto de ler a história novamente. Bem. Lembrar dela pelo menos eu posso. Vamos ver: tratava de... de... Oh, não! Está sumindo tudo. A última página também está ficando branca. Que livro mais esquisito! Como é que eu fui esquecer? Falava de uma taça, de uma espada, de uma árvore, uma colina verde... disso me lembro bem. Mas não me lembro do resto. Que hei de fazer?

Nunca mais foi capaz de lembrar, mas, desde então, quando Lúcia acha que uma história é boa, é porque lhe lembra a história esquecida do livro mágico. Foi virando as folhas e, para sua surpresa, encontrou uma página sem gravuras, cujas primeiras palavras eram:

FEITIÇO PARA

TORNAR VISÍVEIS COISAS OCULTAS

Leu com a máxima atenção para ter certeza de todas as palavras essenciais, e depois disse-as em voz alta. Viu logo que dava resultado: à medida que ia falando as palavras, as cores se convertiam em letras grandes no alto da página e apareciam gravuras nas margens. Era como aproximar do fogo alguma coisa escrita com tinta invisível; as letras foram aparecendo aos poucos, só que, em vez da cor desbotada do sumo de limão (a tinta invisível mais fácil de empregar), estas eram douradas, azuis e escarlates.

As gravuras eram estranhas, com numerosas figuras de que Lúcia não gostou muito. E pensou: “Parece que tornei tudo visível, não só os barulhentos. Num lugar como este, deve haver uma quantidade imensa de seres invisíveis por toda parte. Não sei se tenho vontade de ver todos eles.”

Nesse instante ouviu atrás de si passos suaves, mas firmes, caminhando ao longo do corredor, e logo se lembrou do que ouvira acerca do mágico e do seu costume de andar descalço, silencioso como um gato.

É preferível a gente se virar quando sente alguma coisa caminhando atrás: foi o que Lúcia fez. E ficou com o rosto iluminado, quase tão bonita quanto a Lúcia da gravura. Correu com um gritinho de alegria e os braços abertos.

À porta estava o próprio Aslam, o Leão, o Supremo Rei de todos os Grandes Reis. Concreto, real e quente, deixando que ela o beijasse e se escondesse na sua juba fulgurante. Pelo som cavo e trovejante que ele emitia, Lúcia ousou pensar que ronronava.

– Que bom ter vindo, Aslam!

– Estive sempre aqui. Mas você acabou me tornando visível.

– Aslam! – exclamou Lúcia, quase com reprovação. – Não brinque comigo! Como se eu fosse capaz de fazê-lo visível!

– Pois fez. Acha que eu não obedeço às minhas próprias leis? – Depois de pequena pausa falou de novo: — Minha criança, acho que você anda escutando atrás das portas.

– Escutando atrás das portas?

– Ouviu o que as suas colegas disseram de você.

– Ah, isso? Não pensei que fosse a mesma coisa que escutar atrás das portas. Não era magia?

– Espiar as outras pessoas por meio de magia é o mesmo que espreitá-las pelo buraco da fechadura. Você julgou mal a sua amiga. Ela é fraca, mas gosta de você. Tinha medo da outra mais velha e a acatou dizendo o que não queria.

– Acho que não esqueço mais o que ouvi.

– Pois é.

– Oh, não! – exclamou Lúcia. – Acabei com tudo? Quer dizer que poderíamos ter continuado amigas, e talvez pela vida toda! E agora acabou!

– Minha filha, já não lhe expliquei uma vez que ninguém sabe *o que teria acontecido*?

– Sim, Aslam, explicou. Por favor, me desculpe... Mas...

– Pode falar.

– Poderei ler aquela história outra vez, aquela de que não me lembro? Conte a história para mim, Aslam! Conte, conte.

– Conto, sim. Levarei anos a contá-la. Vamos agora. Temos de encontrar o dono da casa.

11
OS ANÕEZINHOS DO MÁGICO

Lúcia seguiu o Leão pelo corredor e viu de repente, vindo na direção deles, um homem idoso, descalço e de túnica vermelha.

Coroava-lhe o cabelo branco uma grinalda de folhas de carvalho, a barba chegava-lhe à cintura, e ele apoiava-se num bastão todo trabalhado.

Fez uma reverência profunda ao ver Aslam e disse:

– Bem-vindo à mais humilde das casas, senhor.

– Está aborrecido, Coriakin, por ter de governar uns súditos tão apalermados como os que lhe dei?

– Não – respondeu o mágico. – São de fato muito estúpidos, mas não são perigosos. Já estou até gostando deles. Algumas vezes perco um pouco a paciência, esperando o dia em que poderão ser governados pela sabedoria e não por esta magia rudimentar.

– Tudo a seu tempo, Coriakin – disse Aslam.

– Vai aparecer para eles? – perguntou o ancião.

– Não – disse o Leão com um meio rugido, que queria dizer (pensou Lúcia) o mesmo que uma risada. – Ficariam assustados demais. Muitas estrelas envelhecerão e virão descansar nas ilhas antes que o seu povo esteja amadurecido para isso.

Amanhã tenho de visitar Trumpkin, o anão, lá no castelo de Cair Paravel, onde conta os dias até o regresso do seu chefe Caspian. Contarei a ele tudo o que está acontecendo, Lúcia. E não fique triste assim. Breve nos encontraremos novamente.

– Aslam, o que chama de *breve*? – indagou Lúcia.

– Para mim, todo o tempo é *breve* – respondeu Aslam; e ao dizer isso desapareceu, deixando Lúcia sozinha com o mágico.

– Lá se foi! – disse este. – É sempre assim, não conseguimos detê-lo; não é como um leão *domesticado*. Gostou do meu livro?

– De algumas coisas, gostei muito mesmo – respondeu Lúcia. – Sabia que eu estava aqui?

– Bem, ao permitir que os Tontos ficassem invisíveis, eu sabia que você apareceria um dia para libertá-los do encantamento. Não sabia era o dia certo. E esta manhã, por acaso, nem estava tomando conta. Eles também me tornaram invisível, e ficar invisível põe a gente meio sonolento. Oh... já estou bocejando outra vez. Está com fome?

– Um pouco, acho – respondeu Lúcia. – Nem faço idéia da hora.

– Venha. Para Aslam todo tempo é breve, mas na minha casa a hora da fome é à uma hora.

Conduziu-a pelo corredor e abriu uma porta. Lúcia achou-se numa sala agradável, cheia de luz e de flores.

A mesa estava vazia quando entraram, mas, como era uma mesa encantada, a uma palavra do velho mágico a toalha cobriu-se de talheres, pratos, copos e comida.

– Espero que goste. Tentei oferecer-lhe uma comida mais parecida com a da sua terra do que a que tem comido nos últimos tempos.

– E ótima – disse Lúcia, e era realmente: omelete quente, cordeiro com ervilhas, sorvete de morango, limonada, um copo de chocolate. Mas o mágico bebeu apenas vinho e comeu pão. Seu aspecto não era nada inquietante; em pouco tempo os dois batiam papo como velhos amigos.

– Quando o desencanto começa a agir? – perguntou Lúcia. – Os Tontos vão ficar visíveis outra vez?

– Já ficaram, mas ainda devem estar dormindo. Sempre fazem a sesta.

– E agora que já estão visíveis vai deixar que continuem tão feios? Não vão ficar como antes?

– Bem, isso é uma questão muito delicada. Eles é que se julgavam bonitos antes. Dizem que ficaram feios, mas esta não é a minha opinião. Muita gente diria que mudaram para melhor.

– São assim tão pretensiosos?

– São. Pelo menos o chefe é, e ensina os outros a mesma coisa. Acreditam em tudo que ele diz.

-Já notei isso.

– De certo modo, as coisas seriam melhores sem ele. Claro que eu podia transformá-lo em qualquer coisa; ou fazer com que não acreditassem em mais nada do que ele diz. Mas não quero fazer isso. Prefiro que eles o admirem a não admirarem ninguém.

– Não admiram o senhor?

– Admiram nada! Nunca me admirariam.

– Foi por isso que os pôs assim feios, quero dizer, o que eles chamam de feios?

– O caso é que não quiseram fazer o que lhes disse. O trabalho deles é tratar do jardim e cultivar alimento, não para mim, como imaginam, mas para eles próprios. Não fariam isso se eu não os obrigasse. Para tratar um jardim é preciso água. Há uma bela nascente a cerca de meio quilômetro daqui. Dessa nascente vem um riacho que passa pelo meu jardim. Só disse para eles que tirassem a água do riacho, em vez de subirem até a nascente com baldes, duas ou três vezes por dia, cansando-se e entornando metade da água pelo caminho. Mas não quiseram compreender. Por fim, recusaram-se terminantemente a fazer o que lhes dizia.

– São estúpidos a esse ponto?

O mágico suspirou:

– Você nem pode imaginar que problemas tenho tido com eles! Há uns meses estavam lavando pratos e facas antes do almoço, porque, segundo diziam, isso economizava tempo depois. Outra vez estavam plantando batatas cozidas para não terem de cozinhá-las quando as colhessem. Um dia o gato meteu-se na leiteira, e vinte deles começaram a tirar o leite, em vez de pensar em tirar o gato. Vamos dar uma olhadela nos Tontos, agora que você terminou de comer.

Foram para um outro aposento, cheio de instrumentos polidos e difíceis de entender – tais como astrolábios, cronoscópios, teodolito –, e chegaram à janela:

– Lá estão eles, os meus Tontos.

– Não estou vendo ninguém – protestou Lúcia. – Que são aquelas coisas parecidas com cogumelos?

As coisas que a menina apontava estavam todas espalhadas pela relva. Eram mesmo muito parecidas com cogumelos, mas muito maiores. As hastes tinham cerca de um metro de altura, e os chapéus eram quase do mesmo tamanho, de ponta a ponta. Ao olhá-los com atenção, reparou que as hastes não se ligavam ao chapéu pelo meio, mas por um dos lados, o que lhes dava um aspecto de desequilíbrio. E havia alguma coisa – algo parecido com pequenas trouxas – junto da base de cada haste. Na realidade, quanto mais os olhava, menos lhe pareciam cogumelos. A parte do chapéu não era realmente redonda como pensara antes. Era mais comprida que larga, mas arredondava-se numa das extremidades. Estavam ali muitos, cinqüenta, talvez mais.

O relógio deu três horas. E aconteceu uma coisa extraordinária. Os “cogumelos” de repente viraram-se para cima. As trouxinhas que estavam no fundo das hastes eram cabeças e corpos, e as hastes eram as pernas. Não duas para cada corpo. Cada corpo tinha uma única perna grossa no meio (não de lado, como a perna de um coxo) e, na extremidade da perna, um pé enorme, com grandes dedos recurvados, como uma canoa. Lúcia os vira deitados com as costas no chão, de perna levantada para o ar e o pé enorme tapando todo o corpo. Soube depois que era assim que eles descansavam, pois o pé os protegia da chuva e do sol. Era como se estivessem debaixo de uma barraca.

– Que gozado, que gozado! – gritou ela, estourando de rir. – Foi nisso que os transformou?

– Foi. Transformei os Tontos em Monópodes – disse o mágico. Ria-se tanto também que as lágrimas lhe corriam pela face. – Mas repare.

Valia a pena reparar. Aqueles anõezinhos de um pé só não corriam nem andavam como nós; andavam aos saltos, como as pulgas e as rãs. E que saltos! Como se cada pé imenso daqueles fosse um punhado de molas.

E com que força quicavam quando desciam ao chão! Era o que produzia aquelas pancadas que intrigaram tanto Lúcia no dia anterior. Saltavam agora em todas as direções e gritavam uns para os outros.

– Oi, camaradas, já somos visíveis outra vez – disse um de barrete vermelho com borlas, que era sem dúvida o chefe. – Quer dizer, estou dizendo que, quando somos visíveis, podemos ver uns aos outros.

– Genial, isso mesmo, chefe – gritaram todos. – Ninguém pode ser mais genial. Nunca jamais poderia falar melhor.

– A mocinha apanhou o velhote dormindo – disse o chefe. – Ganhamos dele dessa vez.

– É o que a gente ia dizer — retrucou o coro. – Está mais inteligente do que nunca, chefe! Continue assim, continue assim.

– Mas como ousam falar assim do senhor? – perguntou Lúcia. – Pareciam ter tanto medo ontem. Não sabem que o senhor pode ouvi-los?

– Essa é uma das coisas engraçadas com relação aos Tontos. Num minuto falam como se eu mandasse em tudo, ouvisse tudo e fosse muito perigoso.

Um minuto depois, julgam que me apanham em armadilhas nas quais nem uma criancinha cairia.

– Têm mesmo de voltar à forma antiga? Não acho que seja maldade deixá-los assim como estão. Parecem tão felizes! Olhe o salto daquele!

Como eram antes?

– Anõezinhos vulgares. Não tão bonitos como os de Nárnia.

– É uma pena fazê-los voltar ao que eram antes. São tão engraçados, são até bonitinhos! Vale a pena dizer isso a eles?

– Vale, vale, se conseguir com que eles entendam.

– Vamos experimentar.

– Não, não; acho que é mais fácil ir sem mim.

– Muito obrigada pelo almoço – disse Lúcia, afastando-se rapidamente. Correu pela mesma escada e foi esbarrar lá embaixo com Edmundo.

Os outros também estavam à espera. Lúcia sentiu a consciência doer ao ver aquelas expressões ansiosas.

– Correu tudo muito bem! – gritou. – Tudo às mil

maravilhas! O mágico é formidável, e vi Aslam.

Disse isso e passou por eles correndo como o vento, entrando no parque. O chão tremia com os pulos, e o ar agitava-se com os gritos dos Monópodes.

– Aí vem ela, aí vem ela! – gritaram. – Três vivas para a mocinha! Tapeou o velhote completamente!

– É muito doloroso – disse o chefe dos Tontos – não podermos dar-lhe o prazer de ver-nos como éramos antes de ficarmos feios. Nem acreditaria na diferença. Sabemos que agora estamos feios de morrer. Você vê que eu não menti.

– Estamos horrorosos, chefe, horrorosos – fizeram os outros em coro, saltando como balões. – E como diz, exatamente como diz.

– Pois eu não acho – disse Lúcia, gritando para ser ouvida. – Acho vocês até bem bonitos.

– Escutem o que ela está dizendo, escutem. A menina está certa. Estamos muito bonitos. Não há raça mais bonita.

Disseram isso com a maior naturalidade, sem mesmo notar que tinham mudado de opinião.

– Ela está falando – disse o chefe – que éramos bonitos antes de ficarmos feios.

– Isso mesmo, chefe, isso mesmo. Ouvimos o que ela disse.

– Mas eu não disse isso – gritou Lúcia. – Disse que estão bonitos *agora.*

– Foi o que ela disse, foi – continuou o chefe. – Que éramos muito bonitos antes.

– Escutem o que os dois estão dizendo – clamaram os Monópodes. – Aí estão duas pessoas para lá de inteligentes. Têm sempre razão. Não podiam ter falado melhor.

– Mas estou dizendo justamente o contrário – berrou Lúcia, batendo o pé com impaciência.

– Pois é, pois é – responderam os Monópodes.

– Não há nada como o contrário. Continuem os dois assim.

– Vocês enlouquecem qualquer pessoa – disse Lúcia, desistindo de convencê-los. Mas os Monópodes pareciam tão contentes que ela se convenceu de que, no final das contas, a conversa tinha sido um êxito.

Naquela noite, antes de irem para a cama, aconteceu algo que os deixou ainda mais satisfeitos com a sua condição de seres de uma perna só. Caspian e todos os narnianos regressaram à costa, logo que lhes foi possível, para darem notícias a Rince e aos outros a bordo do *Peregrino*, que já estavam tremendamente inquietos.

Como é natural, os Monópodes acompanharam-nos, saltando como bolas de futebol, concordando uns com os outros aos gritos, até que Eustáquio disse:

– Seria preferível que o mágico tivesse tornado os Tontos inaudíveis, em vez de invisíveis. – Arrependeu-se logo depois de ter falado, pois teve de explicar que uma coisa inaudível é uma coisa que não se ouve. Apesar de a explicação ter sido uma *obra-prima*, nunca ficou muito seguro de que o tivessem compreendido. Pelo contrário, ficou muito aborrecido ao ouvi-los dizer:

– Não sabe explicar as coisas como o nosso chefe. Mas você acaba aprendendo, rapaz. Escute só quando ele fala. Como explica bem as coisas! Aquilo é que é orador!

Quando atingiram a baía, Ripchip teve uma idéia brilhante. Baixou o seu bote e começou a remar por ali, até que os Monópodes começaram a ficar profundamente interessados. Ergueu-se lá de dentro e disse:

– Nobres e inteligentes Monópodes: vocês não precisam de barcos. Cada um tem um pé que é uma lancha. Saltem bem devagar para a água e vejam o que acontece.

O chefe dos Tontos recuou e avisou aos outros que iam achar a água muito molhada, mas um ou dois dos mais novos experimentaram logo; outros seguiram o exemplo e, por fim, o grupo todo fez o mesmo. Era

perfeito. O único pé dos Monópodes funcionava como flutuador ou barco natural. Depois de Ripchip ensinar-lhes a fazer uns remos toscos, começaram a remar pela baía em torno do *Peregrino*, parecendo uma flotilha de pequenas canoas com um anão gordo sentado na popa de cada uma.

Fizeram competições, e de bordo desciam garrafas de vinho que lhes eram oferecidas como prêmio. Os marinheiros debruçavam-se por todo o barco, rindo a bandeiras despregadas. Os Tontos estavam também muito encantados com o seu novo nome, Monópodes, que lhes parecia pomposo, apesar de não serem capazes de pronunciá-lo direito.

– Nós somos – diziam na sua voz rouca – os Tontópoles pomonodes, podemonos. Já quase sabíamos isso, que o nosso nome era esse.

Finalmente decidiram tomar o nome de Tontópodes, como provavelmente serão chamados por muito séculos.

Naquela noite juntaram-se todos lá em cima com o mágico, e Lúcia reparou como lhe parecia diferente o andar superior, agora que já não sentia medo. Os misteriosos sinais nas portas continuavam a ser misteriosos, mas davam a impressão de que tinham um significado alegre e simpático. Até mesmo o espelho com barbicha e cabelo parecia mais engraçado que tenebroso. Ao jantar, tiveram todos, por meio de magia, aquilo de que mais gostavam.

Depois do jantar, o mágico executou um trabalho de magia ao mesmo tempo muito útil e interessante. Colocou duas folhas de pergaminho sobre a mesa e pediu a Drinian que lhe desse uma descrição pormenorizada da sua viagem até aquela data. À medida que Drinian falava, tudo quanto dizia ia aparecendo no pergaminho em linhas seguras e nítidas, até que, por fim, cada folha era um esplêndido mapa do Oceano Oriental, com Galma, Terebíntia, as Sete Ilhas, as Ilhas Solitárias, a Ilha do Dragão, a Ilha Queimada, a Ilha da Água da Morte e a própria ilha dos Tontos, todas colocadas exatamente nos lugares próprios e nas devidas posições.

Eram os primeiros mapas daqueles mares e muito melhores do que os outros que se fizeram depois sem auxílio de magia. Aqueles, que à primeira vista pareciam mapas vulgares, quando observados por uma lente mágica que o mágico emprestou, revelavam imagenzinhas perfeitas de coisas reais, de modo que podiam ver o próprio castelo e o mercado de escravos e as

ruas de Porto Estreito, perfeitamente nítidos, ainda que um pouco distantes, como objetos observados pelo lado contrário de um binóculo. A única imperfeição era a de ser incompleta a linha da costa da maior parte das ilhas, pois o mapa mostrava somente o que os olhos de Drinian haviam visto. Quando acabou, o mágico guardou um dos mapas e presenteou Caspian com o outro, que ainda hoje existe na Câmara dos Instrumentos em Cair Paravel. No entanto, o mágico nada lhes pôde dizer de mares ou terras existentes para lá dos lados do Oeste.

Mesmo assim, disse que cerca de sete anos atrás havia entrado naquelas águas um navio de Nárnia, trazendo a bordo os fidalgos Revilian, Argos, Mavramorn e Rupe. Daí os de Nárnia deduziram que o homem de ouro devia ser lorde Restimar.

No dia seguinte, o mágico consertou magica-mente a proa do *Peregrino*, danificada pela Serpente do Mar, e encheu tudo de presentes úteis. A despedida foi extraordinariamente amigável. Quando o barco partiu, pelas duas da tarde, todos os Tontópodes o acompanharam remando até a entrada do porto, gritando até que nada mais se ouviu.

12
A ILHA NEGRA

Depois dessa aventura, navegaram para o sul e um pouco para oeste, durante doze dias. O vento era suave, o céu quase sempre claro e o ar quente. Não viam ave ou peixe, mas uma vez avistaram muito longe o esguicho de baleias. Lúcia e Ripchip jogaram muito xadrez. No décimo terceiro dia, Edmundo avistou a bombordo da torre de combate uma grande montanha negra, erguendo-se no mar.

Alteraram a rota e dirigiram-se para aquela terra, quase sempre a remo, pois o vento não ajudava a navegação para noroeste. Quando escureceu, ainda estavam muito distantes da terra e tiveram de remar toda a noite. No dia seguinte o tempo estava bom, mas a calmaria era absoluta.

A massa negra estava na frente, mais próxima e maior, mas ainda muito obscurecida, de modo que alguns julgaram estar ainda muito longe, enquanto outros eram de opinião que se haviam metido no meio do nevoeiro.

Cerca de nove da manhã, repentinamente, ficou tão perto que puderam ver que não era terra, nem mesmo, no sentido comum, nevoeiro. Era a Escuridão. É um tanto difícil de descrever, mas vocês compreenderão como era, se se lembrarem da entrada de um túnel – um túnel tão comprido e dando tantas voltas que não se vê a luz no fim. Durante alguns metros ainda se vê a linha, depois chega-se a um ponto em que já é penumbra e, subitamente, mas sem linha divisória definida, desaparece tudo numa escuridão macia e densa. Foi o que aconteceu. Durante alguns metros ainda viam na frente da proa o ondear da água brilhante. Mais para além, já viam a água apagada e cinzenta como ao cair da noite. Mais longe ainda, era a escuridão completa, o limiar de uma noite sem lua e sem estrelas.

Caspian gritou ao contramestre para fazer o barco parar, e todos, com exceção dos remadores, correram para a frente e foram olhar da proa. Nada se via. Atrás deles, o mar e o sol; em frente, a escuridão.

– Vamos entrar ali? – perguntou, enfim, Caspian.

– A meu conselho, não – respondeu Drinian.

– O capitão tem razão – concordaram vários marinheiros.

– Também acho – disse Edmundo.

Lúcia e Eustáquio nada disseram, contentes em ver o rumo que as coisas tomavam. Mas a voz clara de Ripchip irrompeu no meio do silêncio:

– Por que não? Alguém quer me explicar por que não continuamos?

Como ninguém estava muito desejoso de explicar, Ripchip prosseguiu:

– Poderia supor que é covardia, mas espero que nunca se venha a dizer em Nárnia que um grupo de pessoas nobres e de linhagem real, na flor da idade, pôs o rabo entre as pernas porque tinha medo do escuro.

– Mas qual é a vantagem de nos metermos naquela escuridão? – perguntou Drinian.

– Vantagem? – replicou Ripchip. – Vantagem, capitão? Se vantagem é encher a bolsa e a barriga, confesso que não vejo vantagem nisso. Tanto quanto sei, não nos fizemos ao mar para procurar coisas vantajosas, mas para ganharmos honras e aventuras. Aí está a maior aventura de que já ouvi falar; se virarmos as costas, nossa honra ficará manchada.

Alguns marinheiros disseram, entre os dentes, coisas como “deixe a honra de lado”, mas Caspian disse:

– Que bobagem, Ripchip. Era quase melhor ter deixado você em casa. Pois bem. Já que coloca as coisas desta maneira, o melhor é ir em frente. A menos que Lúcia não queira...

Lúcia não queria mesmo, mas pegou-se a dizer em voz alta:

– Estou com vocês.

– Vossa Majestade quer que se acendam as luzes?

– Sem dúvida. Trate disso, capitão.

Três lanternas foram acesas: na popa, na proa e no mastro principal. E Drinian mandou pôr duas tochas no meio do navio. Mandaram para o convés todos os homens, fortemente armados, para ocuparem suas posições de combate, com as espadas desembainhadas, menos os que estavam nos remos. Lúcia e dois arqueiros foram postar-se na torre de combate com os arcos preparados e as flechas prontas a partir. Rinelfo estava na proa, com o prumo pronto para medir a profundidade. Acompanhavam-no Ripchip, Edmundo, Eustáquio, Caspian, com as armaduras reluzindo. Drinian tomou o leme.

– Em nome de Aslam! Para a frente! – bradou Caspian. – Remadas espaçadas e certas. Que ninguém fale e mantenham-se todos atentos às ordens.

Com estalos e rangidos de todo o cavername, o *Peregrino* lançou-se para a frente quando os homens começaram a remar. Lúcia, na torre de combate, teve a noção exata do momento em que entraram na escuridão. A proa já havia desaparecido nas trevas e a luz do sol ainda brilhava na popa. Viu-a sumir. Num instante a popa dourada, o mar azul e o céu estavam todos iluminados pela luz do dia; no instante seguinte, o mar e o céu desapareceram, e a única coisa que indicava onde terminava o navio era a lanterna da popa. Na frente da lanterna, via-se a silhueta de Drinian ao leme. Abaixo de Lúcia, duas tochas iluminavam um pequeno espaço do convés e refletiam-se nas espadas e nos elmos. Mais adiante, no castelo da proa, havia outra ilha de luz. Iluminada pela luz do mastro principal (que estava exatamente acima de Lúcia), a torre de combate parecia um pequeno mundo luminoso flutuando sozinho na escuridão. As próprias luzes, como acontece sempre que temos de acendê-las a uma hora triste, pareciam lúgubres e estranhas. Lúcia notou também que fazia frio.

Ninguém soube quanto tempo demorou a travessia nas trevas. Só os ruídos dos remos indicavam que o navio estava andando. Edmundo, olhando da proa, só via o reflexo da lanterna na água. O reflexo parecia oleoso, e as ondas provocadas pelo avançar da proa pareciam pesadas, pequenas e sem vida. À medida que o tempo ia passando, todos começaram a sentir frio, com exceção dos remadores.

Súbito, sem se saber de onde, veio um grito não humano. Ou de alguém em tal extremo de terror que havia perdido a humanidade. Caspian

tentou falar, mas tinha a boca demasiado seca, quando se ouviu a voz chiante de Ripchip, mais alta que normalmente, no meio do silêncio.

– Quem chama? Se é um fantasma, não temos medo de fantasmas; se é amigo, os seus inimigos aprenderão a ter medo de nós.

– Piedade! – gritou a voz. – Piedade! Mesmo que vocês sejam um sonho, piedade! Recolham-me. Levem-me a bordo, mesmo que seja para me matar! Mas não desapareçam, pelo amor de Deus, não me deixem nesta terra horrível!

– Onde está? – gritou Caspian. – Suba a bordo.

Ouviu-se outro grito, de alegria ou de medo, e então perceberam que alguém nadava na direção do navio.

– Preparem-se para içá-lo – disse Caspian.

Segurando cordas, vários marinheiros juntaram-se na amurada; um deles, debruçando-se, empunhava uma tocha. Na escuridão da água apareceu uma cara branca. Após algumas reviravoltas e puxões, doze mãos amigas içaram o estranho para bordo.

Edmundo nunca vira homem de aparência tão selvagem. Embora não parecesse muito velho, tinha uma touceira de cabelos brancos, a face escaveirada, e apenas alguns farrapos dependurados no corpo. Mas o que mais impressionava eram os olhos, tão abertos que pareciam não ter pálpebras, e com uma expressão angustiada de terror. Mal tocou os pés no convés, gritou:

– Fujam! Virem o navio e fujam! Remem para longe desta maldita terra! Salvem suas vidas!

– Acalme-se – disse Ripchip – e diga-nos qual é o perigo. Não temos o hábito de fugir.

O estranho estremeceu terrivelmente ao ouvir a voz do rato, no qual ainda não havia reparado.

– Seja como for, têm de fugir – arquejou. – Esta é a ilha onde os Sonhos se tornam realidade.

– É a ilha que eu procuro há muito tempo – disse um dos marinheiros. – Se tivesse desembarcado aqui, já estaria casado com Alice.

– E eu teria encontrado Tomás vivo – disse o outro.

– Loucos! – vociferou o homem, batendo com os pés no chão num acesso de raiva. – Por causa de disparates como esses vim parar aqui, e seria melhor ter morrido afogado ou nunca ter nascido.

Ouvem bem o que digo? Aqui os sonhos tornam-se vivos e reais. Não os devaneios; os sonhos.

Houve um minuto de silêncio. Depois, com um grande chocalhar de armaduras, toda a tripulação correu pelas escadas e se atirou aos remos com toda a energia.

Drinian fez rodopiar o leme, e o contramestre aumentou o ritmo das remadas. Tinham levado meio minuto lembrando certos sonhos que haviam tido, sonhos que nos fazem ter medo de dormir outra vez... e imaginando o que seria estar num país onde esses sonhos se tornassem realidade. Só Ripchip ficou imóvel.

– Majestade, majestade! – clamou. – Vai permitir esse motim? Essa covardia? Isso é pânico! Uma perfeita rebelião!

– Continuem a remar – bradou Caspian. – Remem por suas vidas. Sempre em linha reta, Drinian. Pode dizer o que você quiser, Rip. Há coisas que um homem não pode enfrentar.

– Então agradeço ao destino por não ser um homem! – replicou Ripchip, empertigando-se todo.

Lúcia ouviu tudo lá do alto. No momento, um dos sonhos que tentara intensamente esquecer viera-lhe à lembrança, tão nítido como se tivesse acabado de acordar. Era então aquilo que estava à espera deles, naquela ilha mergulhada na escuridão? Desejou descer ao convés e ficar junto de Edmundo e Caspian, mas de que valia isso? Se era verdade que os sonhos se tornavam realidade, Edmundo e Caspian podiam transformar-se em qualquer coisa pavorosa antes que ela chegasse perto deles. Agarrou-se ao parapeito da torre e tentou acalmar-se. Agora remavam para a luz com força total. Tudo estaria bem dentro de alguns segundos. Que bom seria se tudo estivesse bem agora!

Ainda que as remadas fizessem bastante barulho, não conseguiam quebrar o silêncio absoluto que rodeava o navio. Sabiam todos que era

melhor não dar ouvidos aos sons que vinham da escuridão. Mas ouvir tinham de ouvir e, daí a pouco, todos ouviam, cada um de modo diferente.

– Estão ouvindo um ruído como... como uma tesoura enorme a abrir, a fechar... ali? – perguntou Eustáquio.

– Quieto! – disse Rinelfo. – Estou ouvindo alguma coisa subindo pelo costado.

– Foi para o mastro! – disse Caspian.

– Ai! – gritou um marinheiro. – Já começam os sinos! Sabia que isto ia acontecer!

Caspian, que tentava não olhar para nenhum ponto (especialmente não olhar para trás), dirigiu-se a Drinian, em voz baixa:

– Quanto tempo remamos até chegar ao lugar onde apanhamos o homem?

– Talvez cinco minutos – ciciou Drinian. – Por quê?

– Porque já levamos mais tempo do que isso voltando.

Pelo rosto de Drinian corriam bagas de suor. Ocorria a todos a mesma idéia.

– Nunca mais sairemos daqui! Nunca mais! – gemiam os remadores. – Não conseguimos ir para a frente. Andamos em círculo. Nunca mais sairemos daqui!

O estranho, que jazia enrodilhado no convés, sentou-se e estourou numa gargalhada horrenda.

– Nunca mais sairemos daqui! – gritou. – Isso mesmo. Nunca mais! Fui um louco pensando que eles me deixariam partir assim tão facilmente. Não, não, nunca mais sairemos daqui!

Lúcia apoiou a cabeça no beirai da torre e murmurou:

– Aslam, Aslam, se é verdade que alguma vez nos amou, ajude-nos agora.

A escuridão não diminuiu, mas Lúcia começou a sentir-se um pouquinho melhor. “Apesar de tudo, ainda não nos aconteceu nada”, pensou.

– Olhem! – gritou da proa a voz de Rinelfo.

Havia uma tênue luz na frente. Enquanto olhavam, caiu sobre o navio um largo facho de luz, proveniente daquele lugar. Não alterou a escuridão que os rodeava, mas todo o navio ficou iluminado como por um holofote.

Caspian pestanejou, olhou em torno e viu os rostos tensos e ansiosos dos companheiros. Olhavam todos na mesma direção, e detrás de cada um projetava-se sua sombra escura e irregular. Lúcia viu alguma coisa no facho de luz. Primeiro parecia uma cruz, depois um avião, depois um papagaio e, finalmente, quando passou sobre suas cabeças, ruflando as asas, viram que era um albatroz. Deu três voltas em torno do mastro e depois pousou um instante no dragão dourado da proa.

Numa voz alta, forte e doce, pronunciou algumas palavras, que ninguém entendeu. Abriu as asas de novo e recomeçou a voar lentamente à frente do navio. Drinian seguiu a ave, vendo nela um bom guia.

Só Lúcia soube que ao revolutear em torno do mastro o albatroz murmurara: “Coragem, querida!”. Era a voz de Aslam, e o seu hálito suave roçou-lhe a face.

Dali a momentos, a escuridão dera lugar, lá adiante, a um nevoeiro acinzentado e, logo depois, antes mesmo que começassem a ter esperança, surgiram à luz do sol e sentiram novamente o mundo cálido e azul. Compreenderam então que já não tinham nada a temer e que nunca haviam corrido perigo real. A claridade fazia-os pestane-jar. Olhavam admirados. O brilho do navio aturdia-os. Tinham chegado a pensar que a escuridão aderiria aos brancos, dourados e verdes do navio, sob a forma de espuma suja. Primeiro um, depois outro, todos desataram a rir.

– Bancamos os tolos – disse Rinelfo.

Lúcia imediatamente desceu ao convés, onde encontrou todos reunidos em torno do recém-chegado.

Durante algum tempo este nada falou, de tão feliz que estava, limitando-se a olhar para o mar e o sol e a tocar nas amuradas e nas cordas, como para certificar-se de que estava realmente acordado, enquanto as lágrimas lhe rolavam pelas faces.

– Muito obrigado – disse por fim. – Salvaram-me de... não quero mais falar no assunto. Deixem que me apresente. Sou um telmarino de

Nárnia; no tempo em que valia alguma coisa, chamava-me lorde Rupe.

– Sou Caspian, rei de Nárnia. Estou no mar para encontrar você e os outros, que eram amigos de meu pai.

Lorde Rupe caiu de joelhos e beijou a mão do rei.

– O senhor é o homem que mais desejaria ver em todo o mundo. Conceda-me uma graça.

– Diga.

– Não venha mais aqui – respondeu Rupe, apontando para trás. Olharam todos, mas viram apenas o céu e o mar, azuis e brilhantes. A Ilha Negra e a escuridão haviam desaparecido para sempre.

– Como foi isto? – gritou lorde Rupe. – Vocês a destruíram?

– Acho que não fomos nós – disse Lúcia.

– Senhor – disse Drinian –, este vento é bom para seguirmos para sudoeste. Posso mandar cá para cima aqueles pobres rapazes dos remos e sol tar as velas? Acho que devem descansar.

– Perfeito. Mande distribuir vinho para todos.

Acho que sou capaz de dormir o dia inteiro!

Com grande contentamento, navegaram a tarde toda para sudoeste, com vento favorável, mas ninguém reparou quando desaparecera o albatroz.

13
OS TRÊS DORMINHOCOS

O vento cada dia se tornava mais leve, a ponto de as ondas não serem mais que ligeiros frisos. O barco parecia deslizar num lago. À noite surgiam constelações que ninguém vira em Nárnia e que talvez, pensou Lúcia com alegria e temor, nenhum olhar humano ainda vira. As novas estrelas eram brilhantes e as noites, quentes. Dormiam quase todos no convés e entretinham-se a conversar ou debruçados na amurada, vendo a dança luminosa da espuma. Numa tarde de espantosa beleza, com um pôr-do-sol vermelho e purpurino, avistaram terra a estibordo. Foi-se aproximando lentamente. A luz produzia a sensação de que os cabos e os cumes da nova terra estavam pegando fogo.

Em pouco navegavam ao longo da costa, cuja ponta mais oriental se elevava do lado da popa, escura e afiada, recortada no céu vermelho, como feita de papelão. A terra não tinha montanhas, apenas muitas colinas suaves, ondulando como almofadas. Lançava um cheiro aliciante – que Lúcia classificou de “aroma confuso e lilás” e que Edmundo disse (e Rince pensou) ser bobagem, ao que Caspian respondeu:

– Entendo o que você quer dizer.

Navegaram durante bastante tempo, passando cabos e promontórios, na esperança de encontrar um abrigo fundo, contentando-se afinal com uma ampla baía de águas pouco profundas. Havia uma forte rebentação junto da praia, não sendo possível por isso trazer o *Peregrino* para tão perto da terra quanto gostariam. Lançaram âncora bastante longe da praia, e o desembarque de bote foi muito movimentado, deixando todos molhados. Lorde Rupe ficou a bordo: não estava nada interessado em ilhas. Durante

todo o tempo que ficaram naquele lugar, o barulho do quebrar das ondas não lhes saiu dos ouvidos.

Deixaram dois homens de guarda no bote, e Caspian dirigiu-se com os outros para a ilha, não se afastando muito, pois já era tarde para uma exploração.

Não foi preciso ir longe para encontrar uma aventura. No vale além da baía não havia sinal que indicasse ser a ilha habitada, pois não se via caminho nem atalho.

A relva era viçosa e salpicada pelo que Edmundo e Lúcia pensaram ser urzes. Eustáquio, que sabia de fato um pouco de botânica, disse que não (e provavelmente ele tinha razão); mas era alguma planta da mesma espécie.

Haviam andado menos do que um tiro de flecha da praia, quando Drinian perguntou:

– Que é aquilo?

Pararam todos.

– Arvores grandes – disse Caspian.

– Acho que são torres – disse Eustáquio.

– Podem ser gigantes – murmurou Edmundo.

– A melhor maneira de saber é ir ao encontro deles – disse Ripchip, puxando a espada e passando à frente de todos.

– Acho que são ruínas – disse Lúcia, quando se aproximaram um pouco mais.

A suposição da menina era a mais acertada. Viam agora um grande espaço, lajeado com pedras macias, rodeado de colunas cinzentas, mas sem telhado. Dos dois lados havia cadeiras de pedra ricamente esculpidas, com almofadas de seda nos assentos. Na mesa estava um banquete como nunca se viu, nem mesmo quando Pedro, o Grande Rei, tinha corte em Cair Paravel.

Faisões, gansos, pavões, cabeças de javali, carne de veado, empadas com forma de barco ou de dragões e elefantes, lagostas lustrosas, pudins

gelados, salmão resplandecente, nozes e uvas, ananases, pêssegos, romãs, melões e tomates.

Havia jarros de prata e ouro, curiosamente trabalhados, e o perfume da fruta e do vinho caía sobre eles como uma promessa de felicidade.

– Puxa vida! – exclamou Lúcia.

Aproximaram-se mais, devagarinho.

– E os comensais? – perguntou Eustáquio.

– Podemos providenciar isto, senhor – falou Rince.

– Olhem! – disse Edmundo, abruptamente. Estavam agora dentro das colunas, sobre o pavimento de pedra.

As cadeiras não estavam vazias, pelo menos nem todas. Na cabeceira e nos dois lugares seguintes havia qualquer coisa – ou, mais exatamente, três coisas.

– Que é aquilo? – perguntou Lúcia, num sussurro. – Parecem três castores sentados.

– Ou um ninho enorme – disse Edmundo.

– Parece mais um monte de ferro velho – opinou Caspian.

Ripchip correu para a frente, saltou para uma cadeira e desta para a mesa e, com a elegância de um dançarino, percorreu-a entre taças cravejadas de pedras, pirâmides de frutas e saleiros de marfim. Foi direto à misteriosa forma cinzenta lá na cabeceira; espreitou, tocou e por fim gritou:

– Estes, creio eu, não lutam mais!

Os outros chegaram e viram que nas três cadeiras se sentavam três homens, ainda que só fosse possível reconhecê-los como tal observando-os muito de perto. Os cabelos grisalhos tinham crescido tanto que lhes encobriam os olhos e quase lhes ocultavam o rosto; as barbas caíam sobre a mesa, subindo e enrolando-se em pratos e jarros, como espinheiros numa cerca, e toda aquela mata de pêlos descia da mesa e tocava o chão. O cabelo pendia-lhes das cabeças sobre as costas das cadeiras, que estavam totalmente ocultas. Eram quase só cabelos.

– Mortos? – perguntou Caspian.

– Acho que não, majestade – respondeu Ripchip, tomando com as patas uma das mãos, encontrada no matagal de cabelos. – Está quente e o pulso bate.

– Também este – disse Drinian.

– Estão apenas adormecidos – disse Eustáquio.

– Então já dormem há muito tempo – observou Edmundo –, para o cabelo ter crescido tanto.

– Deve ser um sono encantado – disse Lúcia. – Senti logo ao chegar aqui que a terra está cheia de magia. Será que viemos aqui para quebrar o encanto?

– Podemos experimentar – disse Caspian, chacoalhando um dos dorminhocos.

Por um momento, todos julgaram que iria ser bem-sucedido, pois o homem respirou pesadamente e murmurou:

– Não vamos mais para o Oriente. Fora com os remos de Nárnia! – Mas caiu de novo, quase repentinamente, num sono ainda mais profundo.

A cabeça pesada descaiu alguns centímetros na direção da mesa, e foram vãos todos os esforços para levantá-lo outra vez. Com o segundo aconteceu o mesmo.

– Não nascemos para viver como animais. Sigam para o oeste enquanto é possível. Terras atrás do sol – e tombou a cabeça.

O terceiro disse apenas:

– A mostarda, por favor – e adormeceu profundamente.

– Fora com os remos de Nárnia? – disse Drinian. – Acho que chegamos ao fim da busca. Olhem para aqueles anéis. Não há dúvida de que são seus brasões. Este é lorde Revilian, este lorde Argos e este lorde Mavramorn.

– Não podemos despertá-los. Que fazer agora?

– perguntou Lúcia.

– Com o perdão de Vossa Majestade – disse Rince –, por que não atacamos imediatamente o que está em cima da mesa, enquanto discutimos

o problema? Não se vê jantar como este todos os dias.

– Nem pense nisso! – exclamou Caspian.

– Tem razão – concordaram alguns marinheiros. – Há muita magia aqui. Quanto mais cedo voltarmos, melhor.

– Creio que é por causa dessa comida que estes fidalgos estão ferrados no sono há sete anos – falou Ripchip.

– Não toco nisso nem para salvar minha vida!

– disse Drinian.

– Está escurecendo mais depressa do que o normal – notou Rinelfo. – Melhor voltar, melhor voltar.

– Também acho – disse Edmundo. – Resolveremos amanhã o que fazer com esses três dorminhocos. Não parece conveniente ficar aqui durante a noite. Este lugar transpira perigo e magia por todos os lados.

– Estou inteiramente com o rei Edmundo – disse Ripchip – no que diz respeito à tripulação, mas, quanto a mim, vou sentar-me aqui até o sol nascer.

– Por quê? – perguntou Eustáquio.

– Porque esta é uma aventura extraordinária, e para mim não há perigo maior do que regressar a Nárnia sabendo que, de medo, deixei de desvendar um mistério.

– Ficarei com você, Rip – disse Edmundo.

– Também eu – concordou Caspian.

– E eu – disse Lúcia. Eustáquio ofereceu-se também. Era uma grande valentia, pois nunca tinha lido dessas coisas, nem ouvido falar delas, até entrar no *Peregrino*, de modo que para ele era pior do que para os outros.

– Suplico a Vossa Majestade... – começou a dizer Drinian.

– Não, meu senhor: o seu lugar é no navio; teve um dia cheio de trabalho enquanto nós passeávamos. – Apesar de todos os argumentos de lorde Drinian, Caspian fez valer sua vontade. Ao verem a tripulação caminhar para a praia no lusco-fus-co, nenhum deles pôde evitar uma estranha sensação no estômago.

Levaram algum tempo escolhendo os lugares na perigosa mesa. Provavelmente tinham todos o mesmo motivo, mas ninguém o disse em voz alta. Era uma escolha terrível, pois não seria fácil passar a noite inteira ao lado daqueles medonhos cabeludos, que, se não estavam mortos, tampouco estavam vivos, no sentido comum.

Por outro lado, se se sentassem na outra ponta da mesa, deixariam de ver os dorminhocos, à medida que escurecesse, e não poderiam saber se se mexiam. Não! Nem pensar nisso! Andavam de um lado para o outro, dizendo:

– Que tal aqui?

– Talvez um pouco mais para lá.

– Aqui não é melhor?

Por fim instalaram-se mais ou menos no centro, a igual distância dos dorminhocos e da ponta da mesa.

As estranhas constelações brilhavam no oeste. Lúcia teria preferido que fossem Leopardo e Barco e outros velhos amigos do céu de Nárnia.

Enrolaram-se nos agasalhos de bordo e sentaram-se quietinhos à espera. A princípio ainda tentaram conversar, mas logo silenciaram. Ficaram sentados por muito tempo, ouvindo as ondas na praia. Depois de algumas horas compridas, viram que tinham adormecido um pouco e acordado de repente.

As estrelas encontravam-se em posições completamente diferentes das que haviam ocupado quando as tinham visto da última vez. O céu estava negro, exceto no leste, onde havia uma tenuís-sima mancha cinza. Tinham frio, estavam enrijecidos e sentiam sede. Ninguém falou, porque todos sabiam que se passava alguma coisa.

Além das colunas erguia-se a vertente de uma pequena colina. Na base desta, abriu-se uma porta, e uma luz surgiu no limiar. Lá de dentro saiu uma figura, e a porta fechou-se atrás dela. A figura trazia uma luz, e era a única coisa que se via distintamente. Foi-se aproximando devagar, até que ficou em pé, perto deles.

Era uma moça alta, com uma vestimenta azul-clara que lhe deixava os braços nus. Os cabelos louros caíam-lhe soltos pelas costas, e só quando

a viram compreenderam o que era a verdadeira beleza.

Trazia acesa uma grande vela posta num candelabro de prata, que ela pousou sobre a mesa. A chama da vela elevava-se tão serena como se estivesse dentro de uma casa com as janelas todas fechadas. A prata e o ouro em cima da mesa refulgiam com a luz.

Lúcia reparou num objeto pousado sobre a mesa, que não notara antes. Era uma faca de pedra, afiada como se fosse de aço, parecendo muito antiga e muito perigosa. Ninguém dissera nada. Ripchip e Caspian levantaram-se, pois viram logo que se tratava de uma grande senhora. Disse a moça:

– Viajantes que vieram de tão longe para a mesa de Aslam, por que não comem e bebem?

– Minha senhora – respondeu Caspian –, tivemos receio de comer porque julgamos que foram as iguarias que lançaram nossos amigos neste sono encantado.

– Eles nunca provaram destes pratos – disse a moça.

– Então, o que aconteceu a eles? – perguntou Lúcia.

– Há sete anos aportaram aqui num barco, com as velas todas rasgadas e as madeiras em péssimo estado. Outros vinham com eles e, mal chegaram a esta mesa, disse um: “Que lugar maravilhoso!

Vamos parar com esta vida maluca de vela e remo.

Vamos viver aqui para sempre, em paz.” Mas disse o outro: “Não, vamos embarcar outra vez para Nárnia; pode ser que Miraz já tenha morrido.”

Mas o terceiro, um homem muito altivo, saltou e disse: “Somos homens e telmarinos, não somos uns brutos. Só temos uma coisa a fazer: correr atrás de aventuras. Já não temos muito tempo de vida; utilizemos o que nos resta procurando as terras despovoadas que estão além do sol nascente.” No meio da discussão, pegou a Faca de Pedra que está aqui na mesa e quis lançar-se com ela sobre os companheiros. Mal os dedos tocaram o cabo, caiu adormecido, assim como os outros dois. E até que se desfaça o encantamento nunca mais acordarão.

– Que Faca de Pedra é essa? – indagou Eustáquio.

– Ninguém sabe? – perguntou a moça.

– Acho – disse Lúcia – que já vi algo parecido antes. Foi com uma faca assim que a Feiticeira Branca matou Aslam, já há muito tempo, na Mesa de Pedra.

– É esta mesma – disse a jovem. – Está aqui para ser preservada enquanto o mundo existir.

Edmundo, que se sentia muito pouco à vontade nos últimos minutos, falou por fim:

– Espero que não me julgue um covarde, por não comer desta comida, quer dizer, não quero ser indelicado, mas já passamos por uma série de aventuras estranhas, e as coisas nem sempre são o que parecem. Quando olho para a senhora, não posso deixar de acreditar no que diz, mas o mesmo pode acontecer com uma bruxa. Como podemos saber se é realmente nossa amiga?

– Realmente não podem – respondeu ela. – Têm de acreditar ou não.

Ouviu-se a voz de Ripchip:

– Rei Caspian, queira ter a amabilidade de encher-me a taça com o vinho deste jarro; é pesado para mim. Quero beber à saúde desta senhora.

Caspian obedeceu, e o rato, em pé sobre a mesa, ergueu a taça de ouro entre as patinhas e disse:

– Minha gentil senhora, levanto esta taça em sua honra.

Atirou-se em seguida ao pavão frio. Todos lhe seguiram o exemplo, esfomeados como estavam. Foi uma ceia excelente.

– Por que disse que esta é a Mesa de Aslam? – perguntou Lúcia.

– Foi ele que a mandou para cá, para todos aqueles que vêm parar nesta terra tão longínqua.

– Como se conserva esta comida? – perguntou Eustáquio, com seu modo prático de ver as coisas.

– Todos os dias se come e se torna a pôr a mesa – disse a moça –, como terão ocasião de presenciar.

– Que faremos com os dorminhocos? – perguntou Caspian. – No mundo de onde os meus amigos vieram existe a história de um príncipe, ou de um rei, que chega a um castelo onde toda a gente está adormecida num sono encantado: o encanta mento só se desfaz depois que ele beija a princesa.

– Mas aqui é diferente – falou a moça. – Só se beija a princesa depois de desfeito o encanto.

– Então – replicou Caspian –, em nome de Aslam, diga-me o que tenho de fazer.

– Meu pai irá dizer – informou ela.

– Seu pai! – exclamaram. – Quem é ele? Onde está?

– Olhem! – disse a jovem, virando-se e apontando para a base da colina. Já se via mais facilmente, pois não havia mais estrelas, e grandes clarões de luz branca surgiam no oriente.

14
O PRINCÍPIO DO FIM DO MUNDO

A porta abriu-se e saiu uma figura tão alta e ereta quanto a jovem, mas não tão esguia. Não trazia luz, mas parecia irradiar luz. Era um homem idoso. A barba prateada caía-lhe até os pés descalços, o cabelo prateado até os tornozelos, e usava uma túnica que parecia feita de lã de carneiros de prata. Era uma figura tão suave e digna, que mais uma vez todos se levantaram, em silêncio.

O velho passou pelos viajantes sem falar e foi postar-se na outra extremidade da mesa, diante da filha. Ambos ergueram os braços ao alto e viraram a face para o Oriente. Nessa posição começaram a cantar. Gostaria de transcrever aqui a música da canção, mas nenhum dos presentes foi capaz de se lembrar dela, mais tarde. Lúcia disse que era uma melodia alta e aguda, mas muito bonita, “uma canção fria para ser cantada bem cedo”. Enquanto cantavam, as nuvens cinzentas se afastavam e os clarões ficavam cada vez maiores, até tudo ficar branco e o mar começar a refulgir como prata. Muito mais tarde (os dois continuavam sempre cantando), o Oriente começou a avermelhar-se e, por fim, sem nuvens, o sol surgiu no mar, fazendo incidir seus raios na mesa, no ouro, na prata, na Faca de Pedra.

Já várias vezes haviam pensando que o sol, ao nascer naquelas paragens, era maior do que em Nárnia, mas agora tinham a certeza disso. A claridade que se refletia no orvalho e na mesa era muito mais intensa do que em qualquer outra manhã. Como Edmundo disse mais tarde: “Apesar de nos terem acontecido muitas coisas sensacionais, aquele foi o momento mais perturbador.” Sabiam agora que tinham chegado ao princípio do Fim do Mundo.

Do centro do sol saiu algo que veio voando na direção deles, mas que não podiam identificar, pois não conseguiam olhar fixamente. O ar estava cheio de vozes – vozes que entoavam a mesma canção de pai e filha, mas de um modo mais suave, numa linguagem desconhecida. Em pouco tempo apareceram os donos das vozes. Centenas e centenas de grandes pássaros brancos pousavam por todos os lados: na relva, na mesa, nos ombros das pessoas, nas mãos, nas cabeças, até que se teve a impressão de que caíra uma grande nevasca. Lúcia, olhando por entre as asas que a cobriam, viu uma ave voar na direção do velho, transportando alguma coisa no bico, um fruto ou um carvão aceso, demasiado brilhante para se olhar.

As aves se calaram de repente e começaram a esvoaçar em torno da mesa. Quando a deixaram, desaparecera tudo quanto houvera para comer e beber. Levantaram vôo, levando todos os restos, ossos, cascas e conchas. Voavam novamente em direção ao sol mas, agora que não cantavam, o ar agitava-se com o ruflar das asas. A mesa estava limpa e vazia. Os três senhores dormiam. Só então o velho virou-se para os viajantes e lhes desejou boas-vindas.

– Senhor – disse Caspian –, poderia dizer-nos como se desfaz o encantamento destes três fidalgos de Nárnia?

– Com o maior prazer, meu filho. Para quebrar o encantamento, vocês têm de navegar até o Fim do Mundo, ou o mais próximo possível dele, e regressar depois, deixando lá pelo menos um de vocês.

– Mas que acontecerá a esse que ficar? – perguntou Ripchip.

– Terá de continuar até a parte mais oriental que existe e nunca mais voltar a este mundo.

– É tudo quanto desejo – suspirou Ripchip.

– E estamos já bem perto do Fim do Mundo, senhor? – perguntou Caspian. – Sabe alguma coisa dos mares e das terras que existem mais para leste?

– Há muito que as vi – respondeu o velho. – Mas de uma grande altura. Não posso lhes contar nada que tenha valor para os navegantes.

– Quer dizer que voou? – interrompeu Eustáquio.

– Estive muito acima do ar, meu filho. Sou Ramandu. Mas vejo que se entreolham admirados e percebo que nunca ouviram este nome. Não é para menos, pois quando deixei de ser estrela vocês ainda não existiam, e depois disso todas as constelações mudaram.

– Caramba! – disse Edmundo entre os dentes. – É uma estrela aposentada.

– Não é mais uma estrela? – perguntou Lúcia.

– Sou uma estrela em repouso, minha filha. Quando era uma estrela velha e decrépita, a tal ponto que vocês nem podem imaginar, trouxeram-me para esta ilha. Agora não sou tão velho quanto antes. Todas as manhãs uma ave traz para mim um fruto de fogo dos vales do Sol, e cada um desses frutos tira um pouco da minha idade. Quando estiver jovem feito uma criança que tivesse nascido ontem, subirei de novo e, uma vez mais, entrarei na grande dança do espaço.

– No nosso mundo – disse o judicioso Eustáquio – uma estrela é uma enorme bola de gás inflamável.

– No nosso também, meu filho, mas isso é de que uma estrela é feita, não o que ela é. Neste mundo vocês encontraram uma estrela, pois, creio, já estiveram com Coriakin.

– Ele também é uma estrela aposentada? – perguntou Lúcia.

– Bem, não exatamente – respondeu Ramandu.

– Não foi para descansar que lhe deram o governo dos Tontos. Pode-se até dizer que foi por castigo. Poderia ter brilhado mais milhares de anos se as coisas tivessem corrido bem.

– Que foi que ele fez, senhor? – perguntou Caspian.

– Meu filho, não é permitido, a um filho de Adão, tomar conhecimento das faltas cometidas por uma estrela. Mas estamos perdendo tempo.

Estão decididos? Querem navegar mais para leste e voltar deixando lá um dos seus, e assim quebrar o encanto? Ou preferem o oeste?

– Não há a menor dúvida, senhor – disse Ripi-chip. – Não há o que discutir! Faz parte fundamental da nossa missão libertar esses três fidalgos.

– Também acho o mesmo – falou Caspian. – E, mesmo que não fosse por isso, eu ficaria muito triste de não ir com o *Peregrino* até o Fim do Mundo. Mas tenho de pensar na tripulação. Foi contratada para encontrar os três fidalgos, não para chegar ao fim da Terra. Se partimos daqui na direção leste, vamos ao encontro do ponto mais oriental que existe. E não sabemos quanto tempo levaremos para chegar. São valentes, mas alguns deles já estão desejosos de embicar a proa no caminho de Nárnia. Não me parece que possa levá-los mais longe sem consultá-los. Além disso, temos o pobre lorde Rupe. Está tão fraco!

Ramandu interveio:

– Meu filho! Mesmo que quisesse, não poderia navegar para leste com homens levados de má vontade ou ludibriados. Não é assim que conseguimos desfazer os grandes encantamentos. Têm de saber para onde vão e por quê. Mas quem é o homem doente?

Caspian contou a história de Rupe. Ramandu disse:

– Posso dar a ele aquilo de que mais precisa.

Nesta ilha há um sono sem limite, e quem o dormir não terá a mais leve sombra de um sonho. É só ele sentar-se com os outros três e ficar no esquecimento até a volta de vocês.

Lúcia achou ótima a idéia.

Drinian e o resto da tripulação aproximaram-se. Pararam surpresos quando avistaram Ramandu e a jovem, mas tiraram logo os chapéus, adivinhando grandes personalidades. Alguns marinheiros olharam com desgosto os pratos e jarros vazios.

– Queira mandar dois homens ao *Peregrino* com uma mensagem para lorde Rupe – disse o rei a Drinian. – Diga-lhe que os seus últimos companheiros estão aqui adormecidos num sono sem sonhos, do qual ele poderá participar.

Cumprida essa missão, Caspian pediu a todos que se sentassem e expôs a situação. Quando acabou de falar, houve grande silêncio; depois, conversas em voz baixa; por fim o arqueiro-mor se levantou e disse:

– Já há muito tempo estávamos para perguntar a Sua Majestade como havemos de voltar, daqui ou de outro lugar qualquer. Temos tido sempre vento oeste e noroeste, tirando algumas calmarias ocasionais. Se isto não mudar, gostaria de saber que esperança temos de voltar para Nárnia. Acho que as provisões não chegarão para navegarmos este tempo todo.

– Conversa de homem de terra! – resmungou Drinian. – Ora, nestes mares há sempre vento oeste durante todo o fim do verão, mas muda sempre depois do Ano-Novo. Havemos de ter muito vento para navegar para o Ocidente, talvez mais do que precisaremos.

– Isso é verdade – disse um velho marujo, natural de Gala. – Em janeiro e fevereiro já sopra um terrível vento de leste. Com a sua licença, se eu estivesse no comando do navio ficaria aqui o inverno todo e só retomaria a viagem em março.

– E iriam comer o quê? – perguntou Eustáquio.

– Esta mesa – respondeu Ramandu – enche-se todos os dias, ao entardecer, com um banquete digno de um rei.

– Agora sim a conversa está ficando boa! – exclamaram alguns marinheiros.

– Majestades, meus senhores e minhas senhoras – começou Rinelfo –, gostaria apenas de lembrar uma coisa: ninguém veio obrigado a esta viagem. Viemos todos por livre e espontânea vontade. Muitos, que estão agora olhando para esta mesa como doidos, proclamavam em voz bem alta, no dia da partida, em Cair Paravel, que haveriam de correr as mais fantásticas aventuras e juravam não voltar sem ter chegado ao Fim do Mundo. No cais ficaram muitos que tudo dariam para vir conosco.

Não sei se entendem o que quero dizer. Mas, na minha opinião, aquele que desistir agora, depois de tantas aventuras por estes mares, será mais estúpido do que os Tontos. Ora, chegar ao princípio do Fim do Mundo e não ter a coragem de prosseguir!

Alguns marinheiros aplaudiram, mas outros não gostaram nada.

– Isto não vai ser brincadeira – murmurou Edmundo para Caspian. – Que iremos fazer se estes caras não quiserem ir?

– Calma: ainda tenho um trunfo!

– Você não diz nada, Ripchip? – sussurrou Lúcia.

– Não. Por que acha Vossa Majestade que devo falar? – respondeu o rato, numa voz que quase todos ouviram. – Os meus planos estão traçados.

Enquanto puder, navegarei para o oriente no *Peregrino*. Quando o perder, remarei no meu bote.

Quando o bote for ao fundo, nadarei com as minhas patas. E, quando não puder nadar mais, se ainda não tiver chegado ao país de Aslam, ou atingido a extremidade do mundo, afundarei com o nariz voltado para o leste, e outro será o líder dos ratos falantes de Nárnia.

– Eu digo o mesmo – gritou um marinheiro –, exceto quanto ao bote, que a mim não me serviria de nada. – E acrescentou em voz baixa: – Não posso ser humilhado por um rato.

– Amigos – falou Caspian, dando um salto –, ainda não entenderam a nossa intenção. Falam como se estivéssemos chegando até vocês de chapéu na mão, implorando tripulantes. Nada disso.

Nós, nossos reais irmãos e fidalgos, e Ripchip, leal cavaleiro, e lorde Drinian, demandamos o fim do mundo. Somos nós que escolhemos os que devem ir, os que são dignos de ir! Nunca dissemos que iria quem pedisse. Por isso, ordenamos a lorde Drinian e a mestre Rince que forneçam uma lista com os nomes dos homens mais fortes, dos marinheiros mais hábeis, daqueles de sangue mais valente, dos mais leais à nossa pessoa e os de costumes e vida mais limpos.

Fez uma pausa e continuou em voz mais rápida:

– Pela juba de Aslam! Acham que o privilégio de ver as *últimas coisas* é assim tão fácil de conquistar? Cada homem que nos acompanhar receberá o título de *Peregrino* da Alvorada, para si e seus descendentes, e terá, ao desembarcar em Cair Paravel, ouro e terras suficientes para o resto da vida. Dispersem-se agora e dêem uma volta pela ilha. Daqui a pouco examinarei os nomes que lorde Drinian achar por bem trazer-me.

Houve um silêncio parecido ao rumor de um rebanho; a tripulação espalhou-se em pequenos bandos, conversando.

– E agora vamos tratar do caso de Rupe – disse Caspian; ao virar a cabeça, viu que Rupe havia chegado e estava sentado ao lado de lorde Argos.

A filha de Ramandu, junto dele, parecia tê-lo ajudado a sentar-se, e o velho mágico, em pé, estendia as mãos sobre a cabeça grisalha de Rupe. Mesmo com a claridade do dia, via-se uma tênue luz prateada irradiando das mãos da estrela. Na face convulsionada de Rupe abriu-se um sorriso. Estendeu as mãos para Lúcia e Caspian e, por um momento, pareceu que ia dizer alguma coisa. O sorriso ficou mais brilhante, como se provasse uma deliciosa sensação; deu um longo suspiro de contentamento, a cabeça caiu-lhe para a frente e adormeceu.

– Pobre Rupe! – falou Lúcia. – Estou feliz! Deve ter passado coisas horríveis!

O discurso de Caspian produzira o efeito desejado. Muitos marujos, antes ansiosos para não continuar a viagem, estavam agora pensando justamente o contrário. Cada vez que um marinheiro anunciava que ia pedir permissão para acompanhar o navio, os outros sentiam-se cada vez mais como minoria e mais sem jeito ficavam.

Iam ficando em menor número os desertores. Daí a meia hora, quase todos estavam agradando Drinian e Rince, para que estes dessem boas informações a respeito deles. Restavam agora três que não queriam ir. Esses três tentavam convencer os outros a ficar com eles. Pouco depois, só restava um. Por fim, este mesmo começou a ter medo de ficar sozinho e mudou de opinião. E foram em massa até a Mesa de Aslam. Caspian aceitou todos os homens, menos o que mudara de opinião no último momento. Chamava-se Manteiga Rançosa e ficou na Ilha da Estrela durante o tempo todo que os outros levaram para alcançar o Fim do Mundo. Porém, desejaria muito ter ido, pois não era o tipo de pessoa que sabia apreciar uma conversa com Ramandu e sua filha.

Além disso, choveu o tempo todo e, ainda que tivesse havido todas as noites o espetacular banquete, o marinheiro chegou a perder o apetite.

Dizia que lhe dava arrepios sentar-se sozinho com os quatro fidalgos adormecidos. Tinha certa razão.

Quando os outros voltaram, sentiu-se tão separado de toda aquela aventura que desertou, na viagem de regresso, e foi viver na Calormânia, contando histórias tais acerca de suas façanhas no Fim do Mundo que, por fim, até ele próprio acreditava nelas. De certo modo, foi feliz dali em diante, mas passou a ter horror a ratos.

Naquela noite comeram todos na mesa entre as colunas, onde o banquete magicamente se renovava. No dia seguinte, o *Peregrino* largou mais uma vez, exatamente na hora em que as grandes aves vinham fazer a visita matinal.

– Senhora – disse Caspian –, espero voltar a falar-lhe depois de quebrado o encanto.

A filha de Ramandu sorriu.

15

AS MARAVILHAS DO MAR DERRADEIRO

Pouco depois de deixarem as terras de Ramandu, começaram a sentir que já navegavam para fora do mundo.

Era tudo diferente. Quase não precisavam dormir, nem comer, nem falar, a não ser em voz baixa. Outra coisa era a luz. Havia luz em demasia. Quando o sol se erguia parecia duas ou três vezes maior que o seu tamanho normal. E todas as manhãs (era a sensação mais estranha para Lúcia) apareciam lá no alto as imensas aves brancas, cantando a sua canção com vozes humanas, numa língua que ninguém sabia, desaparecendo depois em direção à Mesa de Aslam. Pouco depois, voavam de regresso e sumiam no Oriente.

– Como a água é transparente! – exclamou Lúcia para si mesma, encostando-se na amurada na tarde do segundo dia.

A primeira coisa em que reparou foi num pequeno objeto escuro, quase do tamanho de um sapato, movendo-se com a mesma velocidade do barco. Durante certo tempo, julgou que se tratava de algo flutuando, mas a certa altura a coisa passou por um pedaço de pão que o cozinheiro atirara da cozinha. Parecia que ia esbarrar no pedaço de pão, mas não; passou por cima dele, e Lúcia viu que o objeto escuro não podia estar na superfície. Logo depois tornou-se muito maior, voltando momentos depois ao tamanho de antes. Lúcia já vira algo semelhante em algum lugar, mas não se recordava onde.

No esforço de lembrar-se, levou as mãos à cabeça, franziu o rosto e pôs a língua de fora. Acabou conseguindo. Claro! Era como um vagão de

trem num dia cheio de sol. A sombra escura do vagão corre pelos campos na mesma velocidade que o vagão. Quando se chega a um barranco a sombra se aproxima mais de nós e fica maior, correndo pela relva do barranco. Depois passa aquele barranco e pronto: a sombra fica outra vez do tamanho normal, correndo de novo pelos campos.

– É a nossa sombra, a sombra do *Peregrino*l -disse Lúcia. – A nossa sombra correndo no fundo do mar. Quando se torna maior é quando passa por cima de uma colina. Então é porque a água é mais clara do que eu pensava. Puxa! Estou vendo o fundo do mar, lá embaixo!

Compreendeu que toda aquela extensão prateada que vira (sem reparar) durante algum tempo era a areia do fundo do mar, e que todas aquelas manchas, ora escuras, ora brilhantes, não eram luzes, nem sombras na superfície, mas coisas reais lá no fundo. Naquele momento, por exemplo, passavam sobre uma sedosa massa de verde com reflexos avermelhados e uma larga faixa, cinza-claro, serpenteando no meio. Agora que sabia, reparava melhor. As coisas escuras eram muito mais altas do que as outras e se agitavam suavemente. Como árvores batidas pelo vento. Isso mesmo: uma floresta submarina.

Passaram sobre ela, e à faixa clara veio juntar-se uma outra. Pensou: “Se estivesse lá embaixo, aquela faixa haveria de parecer um caminho pela floresta. E o lugar em que se juntaram os dois seria uma encruzilhada. Quem me dera estar lá! A floresta está acabando. Afinal, a faixa branca é mesmo um caminho. Até se vê a continuação pela areia. Tem uma cor diferente. E está marcada com qualquer coisa dos lados; parecem linhas pontilhadas. Talvez sejam pedras. Agora está mais larga”. Mas não era verdade: a faixa estava era mais perto. Percebeu isso pela velocidade com que a sombra do navio aproximou-se dela. E o caminho – tinha certeza de que era um caminho – começou a ziguezaguear. Era claro que subia uma colina acidentada.

Quando olhou para trás, foi como se olhasse do alto de um monte para um caminho cheio de curvas. Viu até mesmo os raios do sol atravessarem a profundidade da água e banharem o vale arborizado. A uma grande distância, tudo se desvanecia numa neblina verde. Os lugares batidos de sol, no entanto, eram azuis, de um azul ultra-marinho.

Não podia perder tempo olhando para trás: o que lhe surgia na frente era também perturbador. O caminho agora parecia ter atingido o alto da elevação, correndo em linha reta, sempre em frente. Moviam-se nele, de um lado para outro, pequenas manchas.

De repente avistou algo maravilhoso, completamente iluminado pelo sol. Algo de contornos denteados e nodosos, cor-de-pérola ou marfim. Como Lúcia passava nesse momento por cima, não pôde distinguir muito bem o que era, mas, ao ver a sombra, compreendeu logo do que se tratava.

A luz do sol incidia nos ombros da garota, e a sombra dos objetos projetava-se na areia atrás deles. Pelas formas, viu nitidamente que era uma floresta de pináculos, minaretes e cúpulas.

– Epa! É uma cidade ou um castelo enorme! Gostaria de saber por que a construíram naquela montanha tão alta.

Muito tempo depois, já na Inglaterra, ao falar com Edmundo encontraram uma razão, e acho que é a verdadeira: no mar, quanto mais fundo se desce, mais escuro e frio se torna tudo. É ali no fundo, na escuridão e no frio, que vivem os seres perigosos – o Calamar, a Serpente do Mar e o Monstro Marinho das lendas. No mar, os vales são lugares selvagens. Os habitantes do mar sentem nos vales o que nós sentimos nos montes, e pensam dos seus montes o que pensamos dos nossos vales. É nas alturas que há calor e paz. Os caçadores destemidos e os cavaleiros valentes do mar descem às profundezas em busca de aventuras, mas voltam a seus lares nos montes para o descanso em sossego.

Passaram a cidade, e o fundo do mar continuava a subir. Estava a uns dois mil metros. O caminho sumira. Navegavam sobre uma região aberta e ampla como um parque, salpicada de maciços de vegetação de colorido brilhante.

Então, de repente – Lúcia quase gritou de exultação –, ela viu gente: cerca de quinze ou vinte criaturas montadas em cavalos-marinhos, não os pequenos, como os do aquário, mas bem maiores que as criaturas que os montavam. “Deve ser gente de alta estirpe”, pensou Lúcia, pois vislumbrava reflexos de ouro na cabeça de alguns, e serpentinas de esmeraldas e outras pedras cor-de-laran-ja flutuavam dos seus ombros na corrente.

– Que peixes chatinhos! – exclamou ela. Entre Lúcia e o Povo do Mar viera interpor-se um cardume de peixes gorduchos, nadando muito perto da superfície. No entanto, apesar de lhe terem tapado a visão, ofereceram-lhe um espetáculo do maior interesse. E, de súbito, um peixinho de ar atrevido, de espécie nunca vista, veio à superfície e voltou a mergulhar, levando na boca um peixe gorducho.

O Povo do Mar presenciou a cena rindo e conversando. Antes que o peixe caçador chegasse junto deles com a presa, já soltavam outro da mesma espécie.

– É uma caçada! – concluiu Lúcia. – É uma caçada com falcões. Cavalgam com aqueles peixes bravos nos pulsos como fazíamos em Cair Parável com os nossos falcões. Depois deixam que eles voem, ou melhor, que nadem para caçar os outros. Como...

Parou porque a cena agora era diferente. O Povo do Mar notara o *Peregrino*. O cardume de peixes se espalhava em todas as direções. Os cavaleiros dirigiam-se agora para a superfície para saber o que era aquela coisa escura e grande que se metera entre eles e o sol. Estavam tão perto da superfície que, se estivessem no ar, Lúcia poderia ter falado com eles. Usavam todos coroas, talvez de ouro, e muitos tinham colares de pérolas. Não usavam roupas. Os corpos eram da cor de marfim antigo, e o cabelo de um tom púrpura bastante escuro. O rei (só podia ser o rei) olhava orgulhosa e altivamente para Lúcia, agitando um tridente que tinha na mão. Os cavaleiros fizeram o mesmo com as lanças. Os rostos das mulheres mostravam espanto. Lúcia tinha a certeza de que não haviam visto antes um navio, nem um ser humano. E como poderiam ter visto, se aqueles mares ficavam para lá do Fim do Mundo?

– Para onde está olhando, Lu? – perguntou uma voz, atrás dela.

Ela estava tão absorvida que se sobressaltou, notando ao virar-se que tinha o braço dormente, por ter ficado tanto tempo encostada na amurada. Drinian e Edmundo estavam junto dela.

– Olhem só! – disse.

Olharam ambos, mas Drinian disse em voz baixa:

– Virem-se imediatamente, Altezas, com as costas viradas para o mar. E não dêem a impressão de que conversam algum assunto importante.

– Por quê? Que história é essa? – disse Lúcia, obedecendo.

– Os marinheiros não devem ver aquilo – respondeu Drinian. – Ficariam apaixonados pelas mulheres do mar e pulariam lá dentro. Já ouvi falar de casos como este. Dá azar ver aquela gente.

– Mas nós os conhecemos – disse Lúcia. – Nos tempos de Cair Paravel, quando meu irmão era o Grande Rei, vieram à superfície e cantaram em nossa coroação.

– Deviam ser de uma raça diferente, Lu – disse Edmundo. – Viviam tanto no ar quanto na água. Estes não devem viver no ar. Se pudessem, já teriam vindo à superfície atacar-nos. Parecem ferozes.

– De qualquer modo... – começou Driniam, sendo interrompido pelo ruído de um choque na água e um grito na torre de combate: – Homem ao mar!

Todos entraram em ação. Alguns marinheiros subiram ao mastro para colher a vela, enquanto outros corriam para os remos. Rince, às voltas com a roda do leme, procurava chegar ao homem que tombara. Nessa altura, porém, todos já sabiam que não era propriamente um homem, mas Ripchip.

– Diabos levem esse rato! – praguejou Drinian.

– Dá mais trabalho do que todo o resto da tripulação. Se há qualquer encrenca, ele está no meio.

Devia ser posto a ferros, atado na quilha, largado numa ilha deserta, ou ter os bigodes cortados!

Alguém está vendo o engraçadinho?

Na verdade, Drinian gostava de Ripchip. Por isso estava tão aflito, e, quando ficava aflito, enchia-se de mau humor. Sua mãe também se zangaria mais com você do que com um estranho, se você pulasse na frente de um carro. Ninguém tinha medo que Ripchip se afogasse, pois era excelente nadador, mas as três pessoas a bordo que sabiam o que se passava dentro da água temiam as lanças cruéis nas mãos do Povo do Mar.

O *Peregrino* deu uma volta e eles viram uma trouxinha escura na água: era Ripchip. Falava com grande excitação, mas como estava com a boca cheia d’água ninguém entendia o que dizia.

– Vai botar a boca no mundo, se não o fizer

mos calar – disse Drinian.

Para evitar isso, correu para o lado e baixou ele mesmo uma corda, gritando para os marinheiros:

– Tudo bem, todos nos seus lugares. Posso puxar um rato sem precisar de ajuda. – E quando Ripchip começou a subir pela corda, não muito agilmente porque o pêlo molhado o fazia mais pesado, Drinian inclinou-se e sussurrou-lhe:

– Nem uma palavra!

Mas ao chegar ao convés todo encharcado o rato não parecia nem um pouco interessado no Povo do Mar.

– Doce – guinchou –, doce, doce!

– Doce, o quê? – perguntou Drinian, desconfiado. – E não precisa sacudir-se em cima de mim.

– Estou dizendo que a água é doce. Não tem sal.

Por um momento ninguém atentou para a importância disso. Rip então repetiu a velha profecia: *onde o céu e o mar se encontram, onde as ondas se adoçam*.

– Um balde, Rinelfo – gritou Drinian.

O balde foi descido até a água e puxado de novo. A água brilhava lá dentro como vidro.

– Talvez Sua Majestade queira ser o primeiro a provar – disse Drinian a Caspian.

O rei tomou o balde nas duas mãos, bebeu profundamente e levantou a cabeça com o rosto transformado. Todo ele parecia mais brilhante.

– É doce. Esta é a verdadeira água. Tenho certeza de que não mata, mas escolheria a morte se soubesse que matava.

– O que você quer dizer? – espantou-se Edmundo.

– É mais transparente do que tudo que existe – disse Caspian.

– Perfeito! – disse Ripchip. – Água potável. Devemos estar muito próximos do Fim do Mundo agora.

Houve um instante de silêncio. Depois Lúcia ajoelhou-se no convés e bebeu do balde.

– E a água mais sensacional que já bebi na vida

– disse, com um suspiro. – Mata a sede e tira a fome. Não precisaremos comer mais nada.

E todos a bordo beberam. Sentiram-se tão bem e tão fortes que quase não agüentavam a sensação. E então começaram a sentir um outro efeito.

Desde que tinham deixado a ilha de Ramandu, sempre houvera luz em demasia, como já disse. O sol era enorme (mas não muito quente); o mar, incrivelmente brilhante; o ar, de uma resplandecência que ofuscava. A luz não diminuíra -até aumentara, se possível –, mas eles conseguiam suportá-la. Olhavam de cara para o sol, sem pes-tanejar. O convés, a vela, suas próprias faces e corpos, tudo resplandecia. Até as cordas iam ficando mais brilhantes. Na manhã seguinte, quando o sol nasceu, cinco ou seis vezes maior, olharam-no fixamente e distinguiram até as penas das aves que saíam dele voando.

Durante o dia, quase ninguém falou. Só na hora do jantar (que ninguém quis, pois a água bastava como alimento) Drinian disse:

– Não estou entendendo. Não há um sopro de vento, e a vela está caída como morta. O mar está liso como um lago. No entanto, navegamos tão depressa como se estivéssemos dentro de um furacão.

– Também notei isso – falou Caspian. – Pelo jeito fomos apanhados por uma forte corrente.

– Hum! – fez Edmundo. – Não é lá muito agradável saber que o mundo tem uma orla e que estamos chegando perto dela.

– Você quer dizer – perguntou Caspian – que corremos o risco de ser jogados para fora?

– É, é – gritou Rip, batendo as patas uma na outra. – Exatamente como imaginei: o mundo é uma grande mesa redonda, e as águas de todos os oceanos vão caindo da borda da mesa. O navio ficará suspenso um momento na orla da Terra e, depois, sempre para baixo, para baixo, a queda, a velocidade...

– E o que você acha que estará esperando por nós lá no fundo? – indagou Drinian.

– O País de Aslam, talvez – disse Rip com olhos brilhantes. – Ou talvez nem tenha fundo. Talvez se caia eternamente. Mas, seja lá o que for, vale a pena a gente olhar da beiradinha do mundo, mesmo que por um só instante.

– Isto é uma grande besteira – falou Eustáquio.

– O mundo é redondo, redondo como uma bola, não como uma mesa.

– O nosso mundo – disse Edmundo. – Mas este também será uma bola?

– Ah, é?! – exclamou Caspian. – Quer dizer que vocês vieram de um mundo redondo feito uma bola e nunca me disseram nada! Fizeram muito mal. Temos em nosso país histórias maravilhosas que falam de mundos redondos. Nunca acreditei que fossem verdadeiras, mas gostaria que fossem, e adoraria viver num mundo redondo. Faria tudo para isso. Por que vocês podem vir para o nosso mundo e nós não podemos ir para o de vocês?

Deve ser fabuloso viver em cima de uma bola! Já estiveram nos lugares onde as pessoas andam de cabeça para baixo?

Edmundo abanou a cabeça:

– Não é como você pensa. Não há nada de fabuloso em viver num mundo redondo.

16
O FIM DO MUNDO

Ripchip era a única pessoa a bordo, além de Lúcia, Edmundo e Drinian, que notara o Povo do Mar. Mergulhou mal vira o rei agitar o tridente, pois lhe parecera uma espécie de ameaça ou desafio, e quisera tirar o caso a limpo. Com a excitação de descobrir que a água não era salgada, esquecera-se do que ia fazer e, antes de lembrar-se do Povo do Mar, Drinian e Lúcia tinham pedido a ele que não contasse nada do que vira.

Navegaram a manhã toda em águas baixas, com o fundo do mar coberto de capim. Perto do meio-dia, Lúcia viu um grande cardume volteando por entre a erva. Comiam com vontade e moviam-se na mesma direção. “Como um rebanho de ovelhas”, pensou Lúcia. De repente viu, entre os peixes, uma donzela do mar, mais ou menos da sua idade, calma e solitária, com uma espécie de cajado na mão. Lúcia teve a certeza de que era uma pastora – uma pastora de peixes – e que o cardume era um rebanho pastando. Estavam perto da superfície. No instante em que a menina se elevava na água pouco funda, Lúcia inclinou-se na beira do navio. A menina olhou para cima e fixou atentamente o rosto de Lúcia. A pastora mergulhou depois e Lúcia nunca mais a viu. Não parecia assustada, nem zangada, como os outros habitantes do mar. Lúcia simpatizara com ela, e a simpatia parecera recíproca. Tinham ficado amigas num minuto. Seria difícil um novo encontro, mas se isto acontecesse correriam uma para outra de braços abertos.

O *Peregrino* ia sendo levado para o Oriente por um mar sem ondas, sem sombra de vento ou de espuma na quilha. A luz era cada vez mais brilhante. Ninguém dormia ou comia, mas tiravam do mar baldes de água brilhante, mais forte do que o vinho e mais úmida e líquida do que a água comum, bebendo-a em grandes goles, em silêncio.

Dois marinheiros, que começaram a viagem já com certa idade, iam ficando cada vez mais novos. Todos a bordo estavam muito alegres e animados, mas uma animação silenciosa. Falavam às vezes, mas apenas por murmúrios. Apossara-se deles a placidez daquele mar derradeiro.

Um dia Caspian perguntou a Drinian:

– O que está vendo aí em frente?

– Tudo branco.

– É também o que vejo. Não faço idéia do que seja.

– Se estivéssemos numa latitude alta, diria que era gelo. Mas aqui não pode ser. Em todo o caso, acho melhor pôr os homens ao remo e agüentar o barco contra a corrente. Não podemos ir contra aquilo com esta velocidade.

Começaram a navegar lentamente. A brancura não desvendou seu mistério quando se aproximaram. Se era uma terra, devia ser uma terra muito estranha, pois parecia tão macia quanto a água e no mesmo nível desta.

Perto, Drinian virou o navio para o sul, de modo que ficasse com ele atravessado na corrente, e remou um pouco ao longo da orla branca de espuma. Descobriram que a corrente tinha apenas uns vinte metros de largura e que o resto do mar estava tão calmo quanto um lago. A tripulação alegrou-se imensamente com isso, pois todos pensavam que seria bem difícil a viagem de regresso ao país de Ramandu, remando contra a corrente durante o caminho todo.

Isso explicava por que a pastora desaparecera tão rapidamente. Não estava na corrente; se estivesse, teria se deslocado para leste com a mesma velocidade do navio. Mas ninguém conseguira ainda compreender o que era a coisa branca. Baixaram o bote e resolveram investigar. Os que ficaram a bordo do *Peregrino* viram o bote cortar pelo meio da brancura e ouviram as vozes dos tripulantes na água em calmaria. Houve uma pausa, enquanto Rinelfo, na proa do bote, lançava o prumo. Depois regressaram.

Apinharam-se todos na amurada, curiosos:

– São lírios! – gritou Rinelfo. – Como num tanque de jardim.

Lúcia ergueu os braços úmidos, cheios de pétalas brancas e de largas folhas espalmadas.

– Qual é a profundidade, Rinelfo? – perguntou Drinian.

– Aí é que está, capitão. Ainda é muito fundo.

– Não podem ser lírios, pelo menos não aquilo que chamamos de lírios – resmungou Eustáquio.

Provavelmente não eram, mas pareciam. Conferenciaram e lançaram o *Peregrino* na corrente, começando a deslizar para leste, pelo Lago dos Lírios ou Mar de Prata, e aí começou a parte mais estranha da viagem. O oceano largo que haviam deixado nada mais era do que uma estreita fita azul perdendo-se no horizonte.

O mar parecia o Ártico e, se os olhos não tivessem se tornado tão agudos como os das águias, seria impossível suportar a visão daquela brancura, especialmente de manhã cedo. E a brancura, às tardes, fazia durar mais a luz do dia. Os lírios pareciam não ter fim. Dias e dias, elevava-se daquelas léguas de flores um odor que Lúcia achava quase impossível descrever: doce, sim, mas não estonteante, nem extremamente perfumado, um odor fresco, selvagem, solitário. Parecia entrar no cérebro e dar a sensação de que se pode galgar montanhas ou brigar com elefantes. Dizia:

– Sinto que não posso mais agüentar isso e, no entanto, não quero que acabe.

Fizeram muitas sondagens, mas só alguns dias mais tarde a água se tornou menos funda. A profundidade foi então diminuindo. Até que um dia tiveram de sair da corrente e avançar a passo de caracol para sondarem o caminho por onde seguiam. Tornou-se claro que o *Peregrino* não podia navegar mais para o Oriente, e só devido a manobras hábeis conseguiram evitar que encalhasse.

– Desçam o bote – gritou Caspian. – Depois chamem os homens cá para cima.

– Que vai fazer? – perguntou Eustáquio a Edmundo em voz baixa. – Ele está com uma expressão esquisita.

– Acho que estamos todos com a mesma expressão – respondeu Edmundo.

Juntaram-se a Caspian na popa, e toda a tripulação reuniu-se na base da escada para ouvir a palavra do rei.

– Amigos – disse Caspian. – Chegamos ao fim da nossa missão. Encontramos os sete fidalgos e, como Sir Ripchip jurou não voltar, sem dúvida que acharão acordados os fidalgos da ilha de Ramandu. Entrego-lhe, lorde Drinian, este navio, com a recomendação de navegarem com a maior velocidade possível para Nárnia e de não pararem na Ilha da Água da Morte. Recomende a Trumpkin, meu regente, que dê a todos os meus companheiros de viagem as recompensas que lhes prometi. São bem merecidas. Se eu nunca mais voltar, é meu desejo que o regente, o Mestre Cornelius, Caça-trufas, o Texugo, e o lorde Drinian escolham um rei para Nárnia.

– Senhor – interrompeu Drinian –, vai abdicar?

– Vou com Ripchip ver o Fim do Mundo.

Um murmúrio abafado de desagrado brotou entre os marinheiros.

– Levaremos o bote – disse Caspian. – Não precisam dele nestes mares tão calmos e podem fazer outro na terra de Ramandu.

– Caspian – disse Edmundo, rápida e gravemente –, não pode fazer isso!

– Não pode, senhor, não pode! – confirmou Drinian.

– Não posso? – disse Caspian, com dureza, parecendo por um instante seu tio Miraz.

– Perdão, Majestade – disse Rinelfo, lá embaixo no convés –, mas se algum de nós fizesse o mesmo isto se chamaria desertar.

– Você está abusando demais dos seus grandes serviços, Rinelfo – disse Caspian.

– Senhor, ele tem razão – disse Drinian.

– Pela juba de Aslam! Achava que eram todos meus súditos e não meus chefes!

– Não sou seu súdito – falou Edmundo. – E também sou de opinião de que não pode fazer isso.

– Outra vez *não pode*! – exclamou Caspian. – Afinal, o que querem dizer com não pode?

– Se me permite, Majestade – interveio Ripchip, curvando-se numa profunda reverência –, queremos dizer que *não fará*. Não pode lançar-se em aventuras como qualquer um. Se Vossa Majestade não nos atender, os homens mais fiéis ver-se-ão obrigados a desarmá-lo e prendê-lo, até que recobre o bom senso.

– De acordo – disse Edmundo. – Como Ulisses quando quis chegar perto das sereias.

A mão de Caspian já segurava a espada quando Lúcia disse:

– Prometeu à filha de Ramandu que voltaria... Caspian deteve-se. Depois gritou para todo o navio:

– Ganharam! A questão está encerrada. Voltaremos todos. Puxem outra vez o bote.

– Senhor – disse Ripchip –, não voltaremos *todos*. Como já expliquei antes...

– Silêncio! – trovejou Caspian. -Já recebi minhas lições. Não há ninguém que faça calar esse rato?

– Vossa Majestade prometeu ser um bom rei para todos os Animais Falantes de Nárnia – disse Ripchip.

– Para os Animais Falantes, sim. Não para os animais que falam o tempo todo.

Precipitou-se pela escada enraivecido, batendo com a porta do camarote. Mais tarde, deram com ele completamente mudado. Estava pálido e tinha lágrimas nos olhos.

– Não valeu a pena ter-me irritado tanto. Aslam falou comigo. Não quero dizer que esteve aqui, nem caberia no meu camarote. Mas aquela cabeça de leão ali na parede tomou vida e falou comigo. Foi terrível com aqueles olhos. Não estava muito zangado, apenas a princípio um pouco severo. Foi horrível de qualquer modo. Disse... Oh! Não podia ter dito coisa que doesse mais! Vocês vão continuar: Rip, Edmundo, Lúcia, Eustáquio. Tenho de voltar, sozinho. Haverá coisa pior do que isso?

– Meu bom Caspian – disse Lúcia –, você sabia que mais cedo ou mais tarde teríamos de voltar para o nosso mundo...

– Mas nunca pensei que fosse tão cedo – suspirou Caspian.

– Vai sentir-se melhor quando estiver na terra de Ramandu – disse a garota.

Caspian animou-se um pouco mais, porém a separação era dura para ambas as partes e não insisto em descrevê-la.

Cerca de duas horas mais tarde, bem aprovisionados (apesar de acharem que não precisariam comer ou beber), e levando a bordo o bote de Ripchip, o bote maior afastou-se do *Peregrino* pelo tapete de lírios.

O *Peregrino* desfraldou todas as suas bandeiras e dependurou todos os escudos, em honra à partida dos amigos. Antes de perdê-lo de vista, viram-no voltar-se e dirigir-se lentamente para o Ocidente.

Lúcia derramou algumas lágrimas, mas não sentiu tanto quanto você pode pensar. A luz, o silêncio, o odor inebriante do Mar de Prata, a própria solidão eram muito emocionantes.

Não precisavam remar, pois a corrente os impelia continuamente. Nenhum deles comeu ou bebeu. Durante toda aquela noite e no dia seguinte foram arrastados para o Oriente. Na manhã do terceiro dia – aquela claridade seria insuportável para nós, mesmo com óculos escuros – viram a maravilha. Era como se entre eles e o céu se erguesse uma parede cinzento-esverdeada, tremente, vaporosa.

Depois nasceu o sol, e seus primeiros raios, vistos através da parede, transformaram-se num deslumbrante arco-íris. Compreenderam que a parede era de fato uma enorme onda caindo sem cessar, sempre no mesmo lugar, e produzindo a mesma sensação de quando se olha da beira de uma cachoeira. Parecia ter seiscentos metros de altura, e a corrente os fazia deslizar rapidamente na direção dela.

Fortalecidos pelas águas do Mar Derradeiro, agora podiam fitar o sol nascente e distinguir coisas além dele. A oriente, além do sol, viam uma cadeia de montanhas, tão altas que seus cumes não eram visíveis. Deviam normalmente estar cobertas de gelo, mas eram verdes e quentes, com cascatas e florestas.

De súbito soprou uma brisa, franjando de espuma o alto da onda e enrugando a quietude das águas. Durou um segundo só, mas nenhuma das crianças jamais se esqueceu. Trouxe-lhes ao mesmo tempo um aroma e um

som musical. Edmundo e Eustáquio nunca mais quiseram tocar no assunto. Lúcia apenas podia articular:

– Era de cortar o coração.

– Por quê? – perguntei eu. – Era assim tão triste?

– Triste nada!

Nenhum dos que se encontravam no bote duvidava de estar vendo, além do Fim do Mundo, a terra de Aslam.

No mesmo momento, com um ruído cavo, o bote encalhou. Não havia fundura suficiente.

– Daqui em diante – falou Ripchip – continuo sozinho.

Nem sequer tentaram impedi-lo, pois sentiam que parecia estar tudo destinado de antemão ou que já acontecera anteriormente. Ajudaram-no a descer o bote pequenino. Então, puxou a espada:

– Não preciso mais dela! – E lançou-a para o mar de lírios. Ao cair, ficou virada para cima, com o punho aparecendo sobre a água. Despediu-se deles, tentando parecer triste, mas estremecia de felicidade. Lúcia, pela primeira e última vez, fez o que sempre desejou fazer: tomou Rip nos braços e o acariciou. Depois, depressa, o rato pulou para o botezinho e saiu remando, ajudado pela corrente, muito escuro entre o branco dos lírios. O bote foi andando cada vez mais rápido, até que entrou triunfalmente por uma onda. Durante um escasso segundo viram Ripchip no topo da onda, depois desapareceu. Desde então ninguém mais ouviu nada sobre Ripchip, o Rato. Acredito que tenha chegado são e salvo ao país de Aslam e que lá vive até hoje.

Quando o sol nasceu, desvaneceu-se a visão das montanhas. As crianças saíram do bote e começaram a patinhar para o sul, com a parede de água à esquerda. Não sabiam por que fizeram assim; era o destino. Apesar de a bordo do *Peregrino* se sentirem muito crescidos, agora tinham a sensação contrária e davam-se as mãos entre os lírios.

Nunca se sentiram tão cansados. A água estava morna e era cada vez menos funda. Por fim, caminhavam na areia e depois na relva – por uma extensa planície de relva rasteira e bela, que se estendia em todas as direções, quase no mesmo nível do Mar de Prata.

Como sempre acontece em uma planura sem árvores, parecia que o céu se juntava com a relva, lá longe. Quando avançaram mais, tiveram a estranha sensação de que, pelo menos ali, o céu descia de fato e unia-se à terra – em uma parede muito azul, muito brilhante, mas real e concreta, parecendo vidro. Depois tiveram a certeza total. Estavam agora muito perto. Entre eles e a base do céu havia algo tão branco que, até mesmo com seus olhos de águia, dificilmente poderiam fitar. Continuaram e viram que era um cordeiro.

– Venham almoçar – disse o Cordeiro na sua voz doce e meiga.

Notaram que ardia sobre a relva uma fogueira, na qual se fritava peixe. Sentaram-se e comeram, sentindo fome pela primeira vez desde muitos dias. E aquela comida era a melhor de todas as que haviam provado.

– Por favor, Cordeiro – disse Lúcia –, é este o caminho para o país de Aslam?

– Para vocês, não – respondeu o Cordeiro. – Para vocês, o caminho de Aslam está no seu próprio mundo.

– No nosso mundo também há uma entrada para o país de Aslam? – perguntou Edmundo.

– Em todos os mundos há um caminho para o meu país – falou o Cordeiro. E, enquanto ele falava, sua brancura de neve transformou-se em ouro quente, modificando-se também sua forma. E ali estava o próprio Aslam, erguendo-se acima deles e irradiando luz de sua juba.

– Aslam! – exclamou Lúcia. – Ensine para nós como poderemos entrar no seu país partindo do nosso mundo.

– Irei ensinando pouco a pouco. Não direi se é longe ou perto. Só direi que fica do lado de lá de um rio. Mas nada temam, pois sou eu o grande Construtor da Ponte. Venham. Vou abrir uma porta no céu para enviá-los ao mundo de vocês.

– Por favor, Aslam – disse Lúcia –, antes de partirmos, pode dizer-nos quando voltaremos a Nárnia? Por favor, gostaria que não demorasse...

– Minha querida – respondeu Aslam muito docemente –, você e seu irmão não voltarão mais a Nárnia.

– Aslam! – exclamaram ambos, entristecidos.

– Já são muito crescidos. Têm de chegar mais perto do próprio mundo em que vivem.

– Nosso mundo é Nárnia – soluçou Lúcia. – Como poderemos viver sem vê-lo?

– Você há de encontrar-me, querida – disse Aslam.

– Está também em nosso mundo? – perguntou Edmundo.

– Estou. Mas tenho outro nome. Têm de aprender a conhecer-me por esse nome. Foi por isso que os levei a Nárnia, para que, conhecendo-me um pouco, venham a conhecer-me melhor.

– E Eustáquio voltará lá? – indagou Lúcia.

– Criança! – disse Aslam. – Para que deseja saber mais? Venha, vou abrir a porta no céu.

No mesmo instante, abriu-se uma fenda na parede azul, como se uma cortina fosse rasgada, e uma luz impressionante brotou do lado de lá do céu, e sentiram a juba e um beijo de Aslam na testa. E encontraram-se no quarto dos fundos da casa da tia Alberta.

Só falta falar de duas coisas. Uma: Caspian e os seus homens chegaram a salvo à Ilha da Estrela, onde os quatro fidalgos já tinham acordado. Foram todos para Nárnia, e Caspian casou-se com a filha de Ramandu, que se tornou uma grande rainha, mãe e avó de grandes reis. Outra: de volta ao nosso mundo, toda gente começou a dizer que Eustáquio estava melhorando muito e que não parecia o mesmo rapaz. Todos gostaram disso, menos a tia Alberta. Ela achava que Eustáquio se tornara um garoto muito comum e enfadonho, talvez devido à influência dos primos.

Fim

C. S. LEWIS

A Cadeira de Prata

Tradução
Paulo Mendes Campos

Para Nicholas Hardie

1
ATRÁS DO GINÁSIO

Era um dia tristonho de outono e Jill Pole estava chorando atrás do ginásio de esportes.

Chorava porque alguém andara mexendo com ela. Como não vou contar uma história de escola, tratarei de falar o mais depressa possível sobre o colégio de Jill, assunto que não é nada simpático.

Era um “colégio experimental” para meninos e meninas. Os diretores achavam que as crianças podiam fazer o que desejassem. Infelizmente, porém, havia uns dez ou quinze da turma que só queriam atormentar os outros. Lá acontecia de tudo: coisas horríveis que, numa escola comum, seriam descobertas e punidas. Mas ali, não. Mesmo que se descobrisse quem as havia feito, o responsável não era expulso nem castigado. O diretor achava que se tratava de “interessantes casos psicológicos” e passava horas conversando com tais alunos. E estes, se encontrassem uma resposta adequada para dizer ao diretor, acabavam se tornando privilegiados.

Por isso Jill estava chorando naquele dia tristonho de outono, na alameda úmida que vai do fundo do ginásio de esportes à mata de arbustos. Ainda não tinha acabado de chorar quando, asso-viando, um menino surgiu do canto do ginásio, mãos nos bolsos, quase dando um tropeção nela.

– Está cego? – perguntou Jill.

– Opa, desculpe... também não precisava... – e aí notou a cara da menina. – Ei, Jill, o que há com você?

Jill só fez uma careta, a careta que a gente faz quando quer dizer alguma coisa, mas sente que vai acabar chorando se falar.

– Só podem ser *eles*, como sempre – disse o menino, carrancudo, afundando ainda mais as mãos nos bolsos.

Jill concordou com a cabeça. Não era preciso falar mais nada. Já sabiam de tudo.

– Olhe aqui – disse o menino –, de nada adianta que nós...

Falava como quem começa um sermão. Jill irrompeu numa crise de nervos (o que é comum acontecer às pessoas quando são interrompidas durante um acesso de choro).

– Deixe-me em paz e cuide da sua vida. Ninguém lhe pediu para meter o bico. Você é mesmo muito bacana para me ensinar o que eu devo fazer. Vai dizer, na certa, que a gente deve chaleirar *eles,* fazer o que eles quiserem, como você faz.

– Caramba, Jill! – disse o menino, sentando-se na relva espessa e pulando logo, pois a relva estava toda molhada. Seu nome infelizmente era Eustáquio Mísero; mas não era um mau sujeito.

– Jill, você está sendo injusta. Por acaso eu fiz alguma coisa ruim este ano? Não fiquei do lado do Daniel no caso do coelho? E não guardei segredo no caso da Gabriela... mesmo debaixo de torturas? E não fiquei...

– Não sei, nem quero saber! – soluçou Jill. Eustáquio, vendo que ela ainda não estava bem, ofereceu-lhe uma pastilha de hortelã e começou a chupar outra. Jill já enxergava tudo com mais clareza.

– Desculpe, Eustáquio. Confesso que só falei aquilo de maldade. Você foi muito bonzinho... este ano.

– Então, esqueça o ano passado. Admito que já fui um sujeito muito diferente. Puxa vida! Como eu era chato!

– Para ser franca, era *mesmo.*

– Acha que eu mudei?

– Acho, e não sou só eu que acho. Todo mundo diz o mesmo. Ainda ontem no quarto, Eleonor ouviu Adélia dizer que você está mudado e que iam *pegá-lo* no ano que vem.

Eustáquio sentiu um tremor. Todos no Colégio Experimental sabiam o que era ser pego pela *turma da pesada.*

– Por que você era tão diferente no ano passado?

– Aconteceram comigo coisas estranhíssimas – disse Eustáquio, misterioso.

– Como assim?

Ele ficou calado durante um tempão.

– Escute, Jill, tenho ódio deste lugar, mais do que uma pessoa pode ter ódio de qualquer coisa. Você também, não é?

– Ora, se tenho!

– Assim sendo, acho que posso ter toda confiança em você.

– Quanta gentileza!

– Pois é, mas acontece que é um segredo para lá de assustador. Jill, você é boa de acreditar em coisas... quer dizer... nas coisas que fariam os outros aqui cair na gargalhada?

– Nunca me aconteceu... mas acho que sou.

– Iria acreditar em mim, se eu dissesse que já estive fora deste mundo?

– Não estou entendendo bulhufas.

– Bem, vamos esquecer os mundos. Suponha que eu dissesse que já estive num lugar onde os animais sabem falar e onde há... hum... encantamentos, dragões... bem, essas coisas que aparecem nos livros de fadas.

Eustáquio sentia-se como um novelo embaraçado, um novelo vermelho.

– Como você chegou lá? – perguntou Jill, também um pouco encabulada.

– Da única maneira possível: magia. Eu estava com dois primos meus. Fomos simplesmente levados, assim. Eles já tinham estado lá antes.

Como tinham passado a cochichar, era mais fácil acreditar, mas, repentinamente, Jill foi apanhada por uma tremenda suspeita (tão violenta que, por um instante, virou uma onça):

– Se eu descobrir que está querendo me fazer de boba, nunca mais falo com você durante toda a minha vida! Nunca, nunca, nunca!

– Juro que não estou! Juro por tudo que é sagrado!

– Está bem, eu acredito.

– E promete não contar para *ninguém*!

– Quem é que você está pensando que eu sou?

Estavam muito nervosos. Mas, quando Jill olhou em torno e reparou o céu tristonho de outono, com as folhas gotejando, e lembrou-se de que não havia esperança no Colégio Experimental (faltavam ainda onze semanas para as férias), disse:

– Mas, afinal de contas, de que adianta? Não estamos lá: estamos aqui. E não há nenhum jeito de ir para lá. Ou há?

– É por isso mesmo que estamos aqui conversando. Quando voltei do tal lugar, alguém disse que os meus dois primos nunca mais iriam lá. Era a terceira vez que iam, entende? Mas esse alguém não disse que *eu* não ia voltar. Se não disse é porque achava que *eu* ia voltar. Não me sai da cabeça a idéia de que nós... poderíamos...

– Dar um jeito para que a magia aconteça de novo?

Eustáquio fez que sim.

– Quer dizer que a gente podia desenhar um círculo no chão, escrever umas letras dentro... e recitar umas fórmulas mágicas?

Eustáquio ficou atento por um instante:

– Estava pensando em coisa parecida. Mas agora estou vendo que esse negócio de círculo e de fórmulas não dá certo. Só há uma coisa a fazer: temos de pedir a *ele*.

– Quem é *ele*?

– Lá naquele lugar *ele* é chamado de Aslam. Mas vamos em frente. Ficamos um ao lado do outro, assim, e estendemos os braços para a frente com as palmas das mãos viradas para baixo, como fizeram na ilha de Ramandu...

– Ilha de quê?

– Depois eu conto. Acho que *ele* gostaria que olhássemos para o oriente. Onde é o oriente?

– Sei lá.

– Gozado, as mulheres não sabem nada de pontos cardeais

– Você também não sabe – replicou Jill indignada.

– Sei, sei e muito bem. É só você não me interromper. Já vi tudo. Lá é o oriente, onde estão aquelas árvores. Agora você tem de repetir minhas palavras.

– Que palavras?

– As palavras que eu vou dizer, é claro. Agora... Aslam, Aslam, Aslam!

– Aslam, Aslam, Aslam – repetiu Jill.

– Por favor, deixe que nós dois...

Nesse momento uma voz do outro lado do ginásio gritou:

– Jill ? Eu sei onde ela está. Só pode estar choramingando atrás do ginásio. Vou pegar *ela.*

Jill e Eustáquio entreolharam-se, mergulharam debaixo das árvores e começaram a escalar a encosta íngreme da mata de arbustos a uma velocidade de campeões. (Devido aos curiosos métodos de ensino do Colégio Experimental, lá não se aprendia muito Matemática ou Latim, mas todos sabiam desaparecer rapidamente e sem ruído, quando *eles* estavam atrás de alguém.)

Depois de um minuto de correria, detiveram-se para ouvir e concluíram que continuavam sendo perseguidos.

– Se ao menos a porta estivesse aberta! – suspirou Eustáquio, e Jill concordou com a cabeça.

No fim da mata de arbustos havia um alto muro de pedra, com uma porta que dava para um terreno relvado. Essa porta quase sempre estava trancada, mas já fora encontrada aberta uma ou outra vez. Ou só uma vez, quem sabe. Mas sempre havia uma grande esperança de que não estivesse trancada. Seria a oportunidade maravilhosa para que os alunos, sem ser percebidos, escapassem dos domínios do colégio.

Jill e Eustáquio, fatigados e desarrumados, pois tinham corrido quase de gatinhas por debaixo das árvores, chegaram ofegantes ao muro. A porta,

fechada, como de hábito.

– Não vai adiantar nada – disse Eustáquio, com a mão na maçaneta, para suspirar em seguida: – O-o-oh!

A porta abriu-se. E eles, que não desejavam outra coisa, agora ficaram apalermados, pois deram com uma paisagem muito diferente da que esperavam.

Esperavam encontrar uma encosta cinzenta indo juntar-se ao céu tristonho do outono. Em vez disso feriu-lhes os olhos o clarão do sol, que entrava pelo portal como a luz do verão quando se abre a porta da garagem. As gotas deslizavam como contas pela relva. Via-se melhor o rosto de Jill lambuzado de lágrimas. A luz do sol parecia chegar de um mundo diferente. Mais macia era a relva. Umas coisas reluziam no céu azul como jóias ou borboletas gigantescas.

Apesar de esperar por alguma coisa parecida, Jill sentiu-se amedrontada. Eustáquio demonstrava o mesmo dizendo com dificuldade:

– Vamos, Jill.

Será que podemos voltar? Não há perigo? Uma voz gritou lá de trás, cheia de maldade e escárnio:

– Já sei que você está aí, Jill. Não adianta se esconder.

Era a voz de Edite, que não pertencia à *turma da pesada*, mas era subserviente e delatora.

– Depressa! – exclamou Eustáquio. – Segure minha mão.

Antes que ela soubesse bem o que estava acontecendo, foi puxada para fora dos domínios do colégio, dos domínios do seu país, dos domínios do mundo.

A voz de Edite sumiu de repente como se apaga a voz de um rádio que se desliga. Outro som dominou os ares. Vinha das coisas que reluziam no alto: pássaros, para dizer a verdade. Faziam um barulho de algazarra, que, no entanto, parecia música, música de vanguarda, de que a gente não gosta logo. Contudo, apesar da cantoria, havia, envolvendo tudo, uma espécie de silêncio profundo. Este, combinado à leveza do ar, levou Jill a imaginar se não estariam no cume de uma alta montanha.

Segurando a mão da menina, Eustáquio avançava. Arregalavam os olhos para todos os lados. Arvores imensas, mais altas do que cedros, erguiam-se à direita e à esquerda, deixando abertas algumas brechas para a visão. Sempre a mesma paisagem: relva lisa, pássaros de cor amarela, com azulados de libélulas, ou plumagem de arco-íris e sombreados azuis... e o vazio. Era uma floresta solitária.

Na frente não havia árvores, só o céu azul. Caminharam sem falar até que Jill ouviu a voz de Eustáquio:

– Cuidado! – E viu-se empurrada para trás. Estavam à beira de um precipício.

Jill era uma dessas meninas felizes que possuem a cabeça boa para grandes alturas. Podia parar sem tremer à beira de um abismo. Não gostou, portanto, do puxão de Eustáquio (“como se eu fosse uma criança”), e soltou a mão do companheiro. Notando que ele ficou branco, chegou a sentir desprezo:

– Que é que há? – E, para mostrar que não tinha medo, parou na beirinha do precipício (uns palmos além da própria coragem) e olhou para baixo.

Só então percebeu que Eustáquio tinha razão de ficar branco, pois não há em nosso mundo um penhasco como aquele. Imagine-se à beira do precipício mais alto que você conheça. Imagine-se olhando lá para baixo. Pense agora o seguinte: o abismo não acaba onde devia acabar, mas continua, mais fundo, mais fundo, vinte vezes mais fundo. E lá embaixo você nota umas coisinhas brancas; à primeira vista parecem carneiros; olhando melhor, descobre que são nuvens, nuvens imensas e gordas. Enfiando o olhar entre as nuvens, você consegue afinal ver um pouquinho do fundo do abismo, mas é tão distante que se torna impossível afirmar se é feito de relva, de árvores, de terra ou de água.

Jill ficou olhando de boca aberta. Não deu um passo para trás por medo do que Eustáquio iria pensar. Mas – decidiu logo – “que me importa o que ele vai pensar?” O jeito era afastar-se daquele abismo e nunca mais zombar de quem tem medo de altura. Tentou, mas não conseguiu sair do lugar. As pernas pareciam feitas de massa. Estava tudo dançando diante de seus olhos.

– Que está fazendo, Jill ? Caia fora daí, sua boboca! – gritou Eustáquio. Mas a voz parecia vir de muito longe. Sentiu que ele procurava agarrá-la. Jill, no entanto, não tinha mais o domínio dos braços e das pernas.

Houve um instante de agonia na ponta do penhasco. O medo e a tontura impediam que ela soubesse de fato o que estava fazendo, mas de duas coisas se lembraria a vida toda, e sonharia com elas: uma, de que se libertara, com um safanão, das mãos de Eustáquio; outra, de que Eustáquio, no mesmo instante, tinha perdido o equilíbrio, precipitando-se, com um grito de terror, em pleno abismo.

Felizmente não teve tempo de pensar no que havia feito. Um imenso animal de cores brilhantes apareceu à beira do precipício. Estava deitado e (coisa estranha) soprando. Não estava rugindo ou bufando: simplesmente soprando com a boca escancarada, como se fosse um aspirador de pó trabalhando para fora. Jill estava tão perto da criatura que podia sentir as vibrações no próprio corpo. Por pouco não desmaiou. E até queria desmaiar, mas o desmaio não depende da nossa vontade. Por fim, lá embaixo, viu um pontinho escuro afastando-se do penhasco, flutuando ligeiramente para cima. A medida que subia, mais se afastava, movendo-se a grande velocidade, até que Jill acabou por perdê-lo de vista. Parecia que a criatura ao lado soprava o pontinho para longe.

Virou-se e olhou. A criatura era um Leão.

2
A MISSÃO DE JILL

Sem olhar para Jill, o Leão levantou-se e deu uma última soprada. Depois, satisfeito com seu trabalho, voltou-se e entrou lentamente na floresta.

– Só pode ser um sonho, tem de ser um sonho – disse Jill para si mesma. – Vou acordar agorinha mesmo. – Mas não era sonho. – A gente nunca devia ter atravessado o portão. Duvido que Eustáquio conheça melhor este lugar do que eu. E, se conhecia, não tinha nada que me trazer para cá sem me dizer antes como era. A culpa não é minha se ele caiu no abismo. Se tivesse me deixado em paz, não teria acontecido nada. – Lembrou-se novamente do berro de Eustáquio ao cair e debulhou-se em lágrimas.

Chorar funciona mais ou menos enquanto dura. Porém, mais cedo ou mais tarde, é preciso parar de chorar e tomar uma decisão. Ao parar, Jill sentiu uma sede enorme. Havia chorado de cara contra o chão, mas agora estava sentada. As aves não cantavam mais. O silêncio seria total, não fosse um barulhinho insistente que parecia vir de longe. Ouviu com atenção e teve quase certeza de que se tratava de água corrente.

Levantou-se e olhou em torno, atenta. Nenhum sinal do Leão, mas, com tantas árvores por ali, podia ser que ele estivesse por perto. A sede era intolerável e ela juntou coragem para localizar a água. Na ponta dos pés, escondendo-se de árvore em árvore, espreitando por todos os cantos, avançou. A floresta estava tão quieta que não era difícil descobrir de onde vinha o ruído. Numa clareira corria o riacho, brilhante como um espelho. Apesar da visão da água multiplicar sua sede, não correu logo para beber. Ficou paradinha, como se fosse de pedra, boquiaberta. Motivo: o Leão estava postado exatamente à beira do riacho, cabeça erguida, patas dianteiras esticadas. Não havia dúvida de que a vira, pois olhou dentro dos

olhos dela por um instante e virou-se para o lado, como se a conhecesse há muito tempo e não precisasse dar-lhe muita atenção.

Ela pensou: “Se eu correr, ele me pega; se eu ficar, ele me come.”

De qualquer forma, mesmo que tivesse tentado, não teria saído do lugar. Não tirava os olhos de cima do Leão. Quanto tempo durou isso não saberia dizer. Pareciam horas. A sede era tão forte que chegou a pensar que pouco se importaria em ser comida pelo animal, desde que desse tempo de beber um bom gole.

– Se está com sede, beba.

Eram as primeiras palavras que ouvia desde que Eustáquio falara com ela à beira do abismo. Por um segundo procurou descobrir quem falara. A voz voltou:

– Se está com sede, venha e beba.

Lembrou-se naturalmente do que dissera Eustáquio sobre os animais falantes daquele outro mundo e percebeu que era a voz do Leão. Não se parecia com a voz humana: era mais profunda, mais selvagem, mais forte. Não ficou mais amedrontada do que antes, mas ficou amedrontada de um modo diferente.

– Não está com sede? – perguntou o Leão.

– Estou morrendo de sede.

– Então, beba.

– Será que eu posso... você podia... podia arredar um pouquinho para lá enquanto eu mato a sede?

A resposta do Leão não passou de um olhar e um rosnado baixo. Era (Jill se deu conta disso ao defrontar o corpanzil) como pedir a uma montanha que saísse do seu caminho.

O delicioso murmúrio do riacho era de enlouquecer.

– Você promete não fazer... nada comigo... se eu for?

– Não prometo nada – respondeu o Leão.

A sede era tão cruel que Jill deu um passo sem querer.

– Você come meninas? – perguntou ela.

– Já devorei meninos e meninas, homens e mulheres, reis e imperadores, cidades e reinos – respondeu o Leão, sem orgulho, sem remorso, sem raiva, com a maior naturalidade.

– Perdi a coragem – suspirou Jill.

– Então vai morrer de sede.

– Oh, que coisa mais horrível! – disse Jill dando um passo à frente. – Acho que vou ver se encontro outro riacho.

– Não há outro – disse o Leão.

Jamais passou pela cabeça de Jill duvidar do Leão; bastava olhar para a gravidade de sua expressão. De repente, tomou uma resolução. Foi a coisa mais difícil que fez na vida, mas caminhou até o riacho, ajoelhou-se e começou a apanhar água na concha da mão. A água mais fresca e pura que já havia bebido. E não era preciso beber muito para matar a sede. Antes de beber, havia imaginado sair em disparada logo depois de saciada. Percebia agora que seria a coisa mais perigosa. Ergueu-se de lábios ainda molhados.

– Venha cá – disse o Leão.

E ela foi. Estava agora quase entre as patas dianteiras do Leão, olhando-o diretamente nos olhos.

Mas não agüentou isso por muito tempo e desviou o olhar.

– Criança humana – disse o Leão –, onde está o menino?

– Caiu no abismo – respondeu Jill, acrescentando: –...Senhor. – Não sabia como tratá-lo e seria uma desfeita não lhe dar tratamento algum.

– Como foi isso?

– Ele estava querendo me segurar, para eu não cair.

– Por que você chegou tão perto do abismo, criança humana?

– Eu queria fazer bonito, senhor.

– Gostei da resposta, criança. Não faça mais isso. – Pela primeira vez a face do Leão mostrou-se um pouco menos severa. – O menino está bem. Foi soprado para Nárnia. A sua missão é que ficou mais difícil.

– Qual missão, por favor?

– A missão que me fez chamá-los aqui, fora do mundo de vocês.

Jill ficou intrigadíssima, achando que o Leão a tomava por outra pessoa. Não tinha coragem de revelar isso, apesar de sentir que podia dar numa confusão medonha.

– Diga o que está pensando, criança.

– Eu estava imaginando... quer dizer... não está havendo um engano? Acontece que ninguém chamou a gente aqui. Nós é que pedimos para vir. Eustáquio disse que devíamos chamar... alguém... não me lembro do nome... e que esse alguém talvez nos deixasse entrar. Foi o que fizemos, e então encontramos a porta aberta.

– Não teriam chamado por mim se eu não houvesse chamado por vocês.

– Então o senhor é o Alguém? – perguntou Jill.

– Sim. Mas ouça qual é a sua missão. Longe daqui é o reino de Nárnia. Ali vive um velho rei, que anda em aflição por não deixar um filho, um príncipe de seu próprio sangue, que venha a ser rei depois dele. Não tem herdeiro, pois seu único filho foi seqüestrado há muitos anos. Ninguém em Nárnia sabe onde está esse príncipe ou mesmo se continua vivo. Mas está vivo. Ordeno que vocês procurem o príncipe até encontrá-lo, para trazê-lo de volta, ou até morrerem, ou até voltarem a seu próprio mundo.

– Mas *como*? – perguntou Jill.

– Vou lhe dizer. Estes são os sinais pelos quais hei de guiá-la na sua busca. Primeiro: logo que Eustáquio colocar os pés em Nárnia, encontrará um velho e grande amigo. Deve cumprimentar logo esse amigo; se o fizer, vocês dois terão uma grande ajuda. Segundo: vocês devem viajar para longe de Nárnia, para o Norte, até encontrarem a cidade em ruínas dos gigantes. Terceiro: encontrarão uma inscrição numa pedra da cidade em ruínas, devendo proceder como ordena a inscrição. Quarto: reconhecerão o príncipe perdido (caso o encontrem), pois será a primeira pessoa em toda a viagem a pedir alguma coisa em meu nome, em nome de Aslam.

O Leão parecia ter acabado de falar. Jill achou que devia dizer alguma coisa:

– Certo, muito obrigada.

– Criança – disse o Leão, com a voz mais amável do que antes –, talvez não esteja tão certo quanto você imagina. Seu primeiro cuidado é lembrar-se de tudo. Repita para mim, pela ordem, os quatro sinais.

Jill não se saiu muito bem. O Leão a corrigiu e fez com que repetisse outra vez, e mais outra, e mais outra, até que a menina decorou tudo direitinho. Mostrava-se pacientíssimo, e Jill teve a coragem de perguntar:

– Por favor, como é que eu vou para Nárnia?

– De sopro. Vou soprá-la para o Oeste, como soprei Eustáquio.

– Será que eu chego a tempo de contar-lhe o primeiro sinal? Aliás, acho que isso não tem importância. Se ele encontrar um velho amigo, fatalmente irá falar com ele... é ou não é?

– Você não tem tempo a perder. Tem de ir imediatamente. Venha. Caminhe até a beira do abismo.

Se não havia tempo a perder, a culpa era de Jill, e ela sabia disso. “Se eu não tivesse bancado a boba, Eustáquio e eu teríamos ido juntos, e ele também teria ouvido as instruções todas.”

Era assustador chegar à beira do abismo, principalmente porque o Leão não ia na frente, mas ao lado dela – e sem fazer o menor ruído com as patas.

Já perto do precipício, ouviu uma voz atrás de si:

– Fique quieta. Daqui a pouco soprarei. Antes de tudo, lembre-se dos sinais! Repita-os ao amanhecer, antes de dormir e, caso acordar, durante a noite. Por mais estranhos que sejam os acontecimentos, de maneira alguma deixe de obedecer aos sinais. Em segundo lugar, aviso-a de que falei, aqui na montanha, com a maior clareza: não o farei sempre em Nárnia. O ar aqui na montanha é limpo, e aqui o seu espírito também é limpo; em Nárnia, o ar será mais pesado. Cuidado para que o ar pesado não confunda seu espírito. Os sinais que aprendeu aqui surgirão sob formas bem diferentes ao deparálos lá. É importantíssimo conhecê-los de cor e desconfiar das aparências. Lembre-se dos sinais, acredite nos sinais. Nada mais importa. Agora, Filha de Eva, adeus...

A voz tornara-se mais branda ao fim da fala e agora sumira de todo. Jill olhou em torno. Para seu espanto viu o penhasco mais de cem metros lá

atrás; o Leão era um pontinho dourado. Ela havia cerrado os dentes e fechado os punhos, esperando uma terrível lufada; mas o sopro do Leão foi tão delicado que ela nem chegou a notar o momento em que deixou a terra. Sentiu medo só por um instante de medo. Era tão longe o mundo lá embaixo, que não podia ter com ele a menor relação. Flutuar na respiração do Leão era uma delícia. Podia deslizar de frente ou de costas, revirar-se à vontade, como se fosse dentro d'água. Não havia vento e o ar era cálido. Sem barulho e sem turbulência, era uma sensação bem diferente do que a de viajar de avião. Parecia mais com uma viagem de balão, até melhor, mas Jill nunca entrara num balão.

Ao olhar para trás pôde avaliar a altura da montanha onde estivera. Perguntava a si mesma como uma montanha tão colossal não estava coberta de neve e gelo. Essas coisas deviam ser diferentes naquele mundo. Olhando para baixo, não podia distinguir se estava flutuando sobre o mar ou sobre a terra, tão alto estava.

– Nossa! Os sinais! – disse subitamente. – Melhor repeti-los.

Passou por um estado de pânico durante dois segundos, mas ainda era capaz de dizer os sinais com perfeição. Estava tudo bem, pensou, recostando-se no ar como se fosse um sofá e dando um suspiro de satisfação.

– Bem – disse Jill para si mesma algumas horas mais tarde –, devo confessar que dormi. Dormi no ar, veja só! Será que isso já aconteceu a alguém no mundo? Acho que não. Ora bolas, vai ver que o Eustáquio também dormiu! Nessa mesma rota, só um pouquinho antes de mim. Vou dar uma espiada lá embaixo.

Parecia uma vasta planície azul-escura. Não se percebiam montes, mas havia coisas esbranquiçadas que se moviam devagar. "Devem ser nuvens", pensou, "mas muito maiores que as do abismo; são maiores porque estão mais perto: devo estar indo para baixo. Que sol chato!"

O sol, que estava lá no alto no começo da viagem, feria-lhe os olhos, baixando à sua frente. Eustáquio tinha razão quando disse que Jill (não sei se as meninas em geral) não era muito entendida em pontos cardeais. Se o fosse, ao sentir o sol nos olhos deveria saber que viajava na direção oeste.

Olhando a planície azul lá embaixo, notou que existiam aqui e ali uns pontos bem brilhantes, mais pálidos. “É o mar”, pensou, “os pontos devem ser ilhas.” E eram. Teria sentido inveja se soubesse que Eustáquio já havia apreciado aquelas ilhas de um navio, e até percorrido uma ou outra. Mais tarde, começou a observar pequenas rugas na planura azul; rugas que deveriam ser ondas imensas se estivesse entre elas. Juntando-se ao horizonte, estendia-se uma linha cada vez mais espessa e acentuada. Era o primeiro sinal da grande velocidade em que viajava. A linha que se acentuava, ela sabia, só podia ser a terra.

Súbito, da esquerda (pois o vento era sul), uma grande nuvem branca veio a seu encontro, na mesma altura em que ela se achava. Antes de saber onde se encontrava, mergulhou naquele nevoeiro frio e úmido. Por um instante nem conseguiu respirar. Foi piscando que encontrou, do outro lado, a luz do sol.

Suas roupas estavam molhadas: vestia um casaco esporte, suéter, saia-calça, meias e bonitos sapatos. Foi descendo, descendo, e notou com surpresa alguma coisa pela qual já devia estar esperando: ruídos. Até aquele instante viajara em absoluto silêncio. Agora, pela primeira vez, ouvia o marulhar das ondas e o grito das gaivotas. Sentia também o cheiro do mar. A terra estava cada vez mais próxima, com montanhas à frente e à esquerda. Eram baías e cabos, campos, matas e praias. O espraiar das ondas, cada vez mais intenso, abafava os demais alaridos do mar.

A terra surgiu bem à frente – estava chegando à desembocadura de um rio. Voava a poucos metros da água. A crista de uma onda golpeou-lhe os pés e a espuma molhou seu corpo. Já perdia velocidade. Deslizava na direção da margem esquerda do rio.

Havia tanta coisa para ver que era impossível observar tudo: um lindo relvado, um navio tão brilhante que parecia uma jóia imensa, torres e ameias, bandeiras agitando-se ao vento, uma multidão, roupas festivas, armaduras, ouro, espadas, música. Mas viu tudo embaralhado. A primeira coisa que percebeu com nitidez foi que estava em pé, sob ramos de árvores, à beira do rio; a poucos metros, achava-se Eustáquio.

Seu primeiro pensamento foi: “Como Eustáquio está sujo e desarrumado!” Depois: “Como estou molhada!”

3
A VIAGEM DO REI

O que fazia Eustáquio parecer tão encardido e desalinhado (e Jill também, caso se visse no espelho) era o esplendor do ambiente.

De uma brecha da montanha, a luz do sol poente jorrava sobre a relva lisa. Do outro lado da relva, com seus cata-ventos cintilando, erguia-se um castelo de numerosas torres, o mais belo que Jill já havia visto. Perto ficava um cais de mármore branco; amarrado a este, um navio alto, com o castelo de proa e a popa empinados, todo dourado e carmesim, com uma grande bandeira no mastro central e flâmulas no tombadilho; escudos prateados enfileiravam-se no cais. A prancha de embarque fora colocada e um velho preparava-se para subir a bordo. Usava luxuoso manto escarlate, deixando entrever a malha de prata. Tinha na cabeça uma pequena coroa de ouro. A barba cor de lã quase batia-lhe na cintura. Mantinha-se firme, apoiando a mão no ombro de um senhor ricamente vestido, mais novo que ele. Muito velho e frágil, parecia que uma lufada de vento poderia carregá-lo, e trazia os olhos marejados.

Na frente do rei – que se virará para falar ao povo antes de embarcar –, havia uma poltrona sobre rodas, atrelada a um burrinho pouco maior que um cachorro. Sentado na poltrona estava um anãozinho gordo, vestido com o mesmo luxo do rei. Por ser muito gordinho e estar refestelado entre almofadas, parecia uma trouxa de peles, de seda e veludo. Era tão velho quanto o rei, porém mais saudável e animado, de olhos espertos. A cabeça, sem um fio de cabelo, lembrava uma grande bola de bilhar banhada pelo crepúsculo.

Mais atrás, os nobres postavam-se num semi-círculo, com roupagens e armaduras dignas de se ver. Lembravam mais um canteiro de flores do que gente. Mas o que fez Jill abrir mesmo a boca e arregalar os olhos foi o próprio povo, se é que povo é a palavra certa. Pois só um em cinco era

gente humana. Os outros eram criaturas que não vemos em nosso mundo: faunos, sátiros, centauros. Jill havia visto aquelas figuras em livros. E havia também anões, e uma porção de animais que ela conhecia bem: ursos, castores, toupeiras, leopardos, camundongos, numerosos pássaros. Pareciam, entretanto, algo diferentes dos animais que conhecemos por esses nomes. Alguns eram bem maiores; os camundongos, por exemplo, erguiam-se nas patinhas traseiras e mediam meio metro de altura. Mas não só por isso pareciam diferentes. Pela expressão de suas caras, via-se que sabiam falar e pensar como nós.

"Que coisa!", pensou Jill. "Quer dizer que é tudo verdade! Mas... será que são amigos?" Acabara de observar nos arredores uns dois gigantes e outras criaturas que não sabia o que eram.

Foi quando se lembrou de Aslam e dos sinais.

– Eustáquio! – cochichou, agarrando-lhe o braço. – Eustáquio, rápido! Está vendo algum conhecido seu por aí?

– Ah, você de novo? – disse Eustáquio, com desagrado (tinha certa razão para isso). – Será que não pode ficar quieta? Quero escutar.

– Deixe de ser pateta, Eustáquio. Não há tempo a perder. Não está reconhecendo aqui algum velho amigo? Porque você tem de ir e falar com ele *imediatamente*!

– Não estou entendendo nada.

– Foi Aslam... o Leão... que mandou – disse Jill, aflita. – Estive com ele.

– Ah, esteve com ele? Que é que ele disse?

– Disse que a primeira pessoa que você ia ver em Nárnia era um velho amigo, e devia falar com ele *imediatamente.*

– Acontece que não há nenhum conhecido meu aqui; aliás, nem sei ainda se isto aqui é Nárnia.

– Pensei que você já tinha estado aqui antes.

– Então pensou errado.

– Pois fique sabendo que você me disse...

– Pelo amor de Deus, vamos ouvir o que eles estão dizendo.

O rei falava com o anão, mas Jill não podia ouvir o que dizia. Pelo jeito, o anão não respondeu, apesar de sacudir a cabeça várias vezes. O rei ergueu a voz e dirigiu-se a toda a multidão; mas sua voz era tão velha e trêmula que ela entendeu pouquíssimo – e ainda por cima ele falava de pessoas e lugares desconhecidos. Terminado o discurso, o rei inclinou-se e beijou o anão nas duas faces, reergueu-se, levantou a mão direita como se abençoasse o povo, e subiu para o navio com passadas incertas. Os nobres demonstravam grande emoção. Agitavam-se lenços e ouviam-se soluços por todos os lados. A prancha foi recolhida, trombetas soaram na popa, e o navio afastou-se do cais. (Estava sendo rebocado por um barco de remos, mas Jill não o viu.)

– Bem, agora... – disse Eustáquio, mas não prosseguiu, pois naquele instante uma coisa branca – Jill imaginou que fosse um papagaio de papel – veio planando e pousou aos pés do menino. Era uma coruja branca, enorme, da altura de um anão de bom tamanho.

A coruja piscou os olhos, espreitando como se fosse míope, a cabeça meio de lado. A voz era como um pio suave:

– Turru, turru! Quem são vocês?

– Meu nome é Eustáquio, esta é Jill. Poderia ter a gentileza de dizer onde estamos?

– No reino de Nárnia, no castelo real de Cair Paravel.

– Foi o rei que embarcou agora mesmo?

– Turru, turru! – confirmou a coruja, balançando a cabeça com tristeza. – Mas quem são vocês? Há alguma coisa meio encantada em vocês. Eu os vi chegando: *voando.* Estavam todos tão entretidos com a partida do rei que ninguém viu. Só eu. Eu vi.

– Fomos enviados por Aslam – falou Eustáquio, em voz baixa.

– Turru, turru! – exclamou a coruja, ruflando as penas. – Isso é demais para mim, e tão cedo! Minha cabeça não é muito boa antes do anoitecer.

– Fomos enviados para procurar o príncipe perdido – informou Jill, que já se achava ansiosa para entrar na conversa.

– Só estou sabendo disso agora – falou Eustáquio. – Que príncipe?

– É melhor que vocês venham logo falar com o lorde regente – disse a coruja. – É aquele lá, sentado na carruagem com o burrinho; é Trumpkin, o anão.

A ave abriu caminho, murmurando para si mesma: “Turru, turru! Não consigo pensar com clareza. É cedo demais!”

– Qual é o nome do rei? – perguntou Eustáquio.

– Caspian X – respondeu a coruja.

Jill não entendeu por que Eustáquio levou um grande susto e ficou como se se sentisse mal. Não houve tempo de fazer perguntas; já estavam perto do anão, que recolhia as rédeas, pronto para retornar ao castelo. Os nobres, dispersos, seguiam em grupos na mesma direção, como depois de um jogo de futebol.

– Turru! Alô! Lorde regente! – chamou a coruja, abaixando-se um pouco e levando o bico para perto do ouvido do anão.

– Ei? Que é que há? – perguntou o anão.

– Dois estrangeiros, senhor – respondeu a coruja.

– Escoteiros!? Que história é essa? – estranhou o anão. – Só estou vendo dois filhotes humanos. Que desejam?

– Meu nome é Jill – disse a menina, adiantando-se, doida para explicar a importante missão que os trazia.

– O nome da menina é Jill – disse a coruja, na voz mais alta possível.

– Que história é essa? Ardil? Quem fez o ardil?

– Não, meu senhor, não há nenhum ardil. É uma menina... O nome dela é Jill.

– Fale alto – disse o anão. – Não fique aí zumbindo no meu ouvido. Quem fez o ardil?

– NINGUÉM – berrou a coruja.

– Calma, calma; não é preciso berrar. Não sou tão surdo assim. Mas por que você vem me dizer que ninguém fez um ardil?

– Melhor dizer para ele que o meu nome é Eustáquio – disse o menino.

– Este, senhor, é Eustáquio.

– Batráquio? – perguntou o anão, irritado. – E isso é motivo para trazê-lo aqui? Hein?

– Não é batráquio – disse a coruja –, é EUSTÁQUIO.

– É eu ou é ele? Não estou entendendo coisa nenhuma. Vou dizer-lhe uma coisa, Plumalume... – era o nome da coruja. – Quando eu era moço, aqui neste país os animais falantes sabiam falar de verdade. Não era esse blá-blá-blá confuso. Isso não era permitido, entendeu? Urnus, traga minha corneta acústica.

O pequeno fauno, que permanecera o tempo todo quietinho ao lado do anão, estendeu-lhe uma corneta de prata. Parecia aquele instrumento musical chamado serpentão, pois o tubo tinha de ser enrolado no pescoço do anão. A coruja, ou Plumalume, cochichou para as crianças:

– Minha cabeça agora está ficando melhor. Não digam nada a respeito do príncipe desaparecido. Explicarei para ele depois. Agora ia dar tudo errado, tudo, tudo, turru, turru!

– Bem – disse o anão –, se tem alguma coisa razoável para falar, Plumalume, pode começar. Respire fundo e procure não falar depressa demais.

Com o auxílio das crianças, e a despeito de um acesso de tosse do anão, Plumalume explicou que os estrangeiros haviam sido enviados por Aslam, em visita ao reino de Nárnia. O anão logo olhou para eles com uma nova expressão.

– Enviados pelo próprio Leão? – disse ele. – E vieram... hum... daquele Outro Lugar... além do Fim do Mundo... não é?

– Exatamente, meu senhor – berrou Eustáquio na corneta.

– Filho de Adão e Filha de Eva, é ou não é?

Mas como no Colégio Experimental não se falava em Adão e Eva, Jill e Eustáquio não souberam o que responder. O anão, entretanto, não parecia ter notado o pormenor. Segurando as mãos de ambos, disse:

– Muito bem, meus caros: é uma alegria tê-los aqui. Se o meu bom rei, bom e infeliz, não tivesse acabado de partir para as Sete Ilhas, seria dele a satisfação em recebê-los. A presença de vocês teria devolvido a mocidade

ao meu senhor... pelo menos por um instante, um pequeno instante. Bem, já está passando da hora do jantar. Vocês me dirão o que desejam na reunião do Conselho amanhã de manhã. Plumalume, providencie aposentos e roupas próprias e mais o que for preciso para os nossos convidados de honra. Além disso, Plumalume, chegue aqui...

O anão colocou a boca perto do ouvido da coruja, pretendendo falar em segredo; mas, como acontece com certos surdos, não dominava o volume de sua voz, e as crianças ouviram o que disse:

– Providencie também um banho caprichado para eles.

Depois disso, o anão tocou o burrinho na direção do castelo; também muito gordo, o animal partiu numa pisada que ficava entre o trote e o bamboleio. O fauno, a coruja e as crianças seguiram um pouco mais devagar. O sol escondera-se e o ar começava a ficar frio.

Atravessaram a relva e um pomar na direção do portão norte de Cair Paravel, que estava aberto. Dentro estendia-se um pátio gramado. Viam-se luzes das janelas do grande salão à direita e de outras salas à frente. Uma jovem muito simpática foi chamada para cuidar de Jill. Não era muito mais alta do que ela própria e bem mais magra, embora fosse totalmente desenvolvida. Conduziu a menina para um quarto redondo numa das torres, onde havia uma banheira embutida no chão, madeiras perfumadas queimando na lareira e um candeeiro pendurado da abóbada do teto por uma corrente de prata. A janela dava para oeste do estranho reino de Nárnia, e Jill ainda viu reflexos do sol poente fulgindo atrás de montanhas distantes. Ansiava por novas aventuras, sentindo que mal tinha começado.

Depois de tomar banho, pentear os cabelos e vestir as roupas que lhe foram separadas (que além de bonitas eram perfumadas e faziam barulhinhos gostosos quando ela se movimentava), Jill teria voltado à janela deslumbrante, mas foi interrompida por uma pancada na porta.

– Entre. – E quem entrou foi Eustáquio, muito bem lavado e magnificamente vestido com os trajes de Nárnia (dos quais, aliás, parecia não gostar muito).

Jogando-se numa cadeira, disse, meio zangado:

– Até que enfim! Estou há um tempão procurando você.

– Bem, agora já me achou. Não é formidável, Eustáquio? Nem dá para falar! – Por um instante ela havia esquecido os sinais e o príncipe desaparecido.

– Ah, acha isso? Pois acho que o melhor era a gente não ter vindo – replicou o menino.

– Mas por quê?

– Não agüento ver o rei Caspian assim velho e decrépito. É... é apavorante.

– Mas por que você sofre com isso?

– Você não pode entender. Não pode, é claro. Esqueci de contar-lhe que este mundo tem um tempo diferente do nosso.

– Troque isso em miúdos.

– O tempo que a gente passa aqui não leva tempo em nosso mundo. Entendeu? Vou explicar melhor: mesmo que fiquemos aqui durante muito tempo, quando voltarmos para o colégio será o mesmo momento em que saímos de lá...

– Que falta de graça!

– Não amole. E quando você estiver em casa... em nosso mundo... não saberá quanto tempo está passando aqui. Pode ser uma pá de anos em Nárnia e só um ano na Inglaterra. Os meus primos explicaram tudo para mim, mas banquei o bobo e me esqueci. Parece que passaram setenta anos em Nárnia depois que saí daqui. Está entendendo agora? É pavoroso voltar e descobrir que Caspian é um velhinho.

– Ah, quer dizer que o rei *era* amigo seu! – disse Jill, fulminada por um pensamento horrível.

– Devo confessar que era – respondeu Eustáquio, infeliz. – Amigo até demais. Da última vez, ele era só um pouquinho mais velho do que eu. Agora encontro aquele velhinho de barba branca e não me sai da cabeça a manhã em que capturamos as Ilhas Solitárias. Ou a luta com a Serpente do Mar. Oh, é de doer! É pior do que se ele estivesse morto.

– Chega! É ainda muito pior do que você imagina! – Jill mostrava toda a sua impaciência. – O caso é que já perdemos o primeiro sinal.

Eustáquio naturalmente não podia entender. Então Jill contou-lhe toda a conversa com Aslam, os quatro sinais, a missão de procurar o príncipe. E concluiu:

– Agora está entendendo? Você viu um velho amigo, exatamente como Aslam disse; devia ter ido falar com ele imediatamente. Ora, como não foi, tudo está dando errado, desde o início.

– Mas como eu podia saber?

– Muito simples: se tivesse prestado atenção quando tentei falar, estaria tudo certinho.

– Ah, é claro! E se você não tivesse bancado a idiota na beira do abismo, quase me assassinando... É isso mesmo, assassinando!... também teria dado tudo certinho...

– Foi ele a primeira pessoa que você viu, não foi? Deve ter chegado horas antes de mim. Não viu ninguém antes?

– Cheguei apenas um minuto antes de você. Ele deve tê-la soprado com mais força. Para tirar o atraso, o *seu* atraso.

– Deixe de ser bobão, Eustáquio... Ei, o que é isso?

Era o sino do castelo tocando para o jantar. A briga, que prometia ser das boas, foi logo interrompida, felizmente. Estavam os dois com excelente apetite.

Jamais haviam visto uma coisa tão deslumbrante. O próprio Eustáquio, que já estivera em Nárnia, passara todo aquele tempo no mar, e não chegara a conhecer o esplendor e a hospitalidade dos narnianos em seu próprio reino. As flâmulas pendiam do teto e as iguarias entravam com o som de trombetas e tímpanos. As sopas eram de dar água na boca, sem falar nos peixes fabulosos, nas finas caças, nas aves raras, nos pastéis, sorvetes, geléias, frutas, nozes, vinhos e refrescos. O próprio Eustáquio animou-se admitindo que era um banquete “pra lá de legal”.

Terminada a imensa refeição, um poeta cego contou uma história chamada O *cavalo e seu menino,* que se passava em Nárnia e no reino dos calormanos, na Idade de Ouro, quando Pedro era o Grande Rei em Cair Paravel. (Não tenho tempo de contá-la no momento, mas é uma história que vale a pena ouvir.)

Quando subiram para os quartos, bocejando, Jill falou:

– Aposto que a gente vai dormir feito uma pedra.

Isso mostra que jamais temos idéia do que poderá acontecer-nos daqui a pouco.

4
UMA REUNIÃO DE CORUJAS

É engraçado: quanto mais uma pessoa está com sono, mais tempo leva para cair na cama, especialmente se existe no quarto o conforto de uma lareira. Jill pensou que, se não se sentasse um tempinho diante do fogo, seria incapaz até de tirar a roupa. Sentou-se e não teve mais vontade de levantar-se, apesar de repetir para si mesma: “Vá para a cama, menina!” Foi quando se sobressaltou com um barulhinho na janela.

Ergueu-se, correu as cortinas, vendo a princípio só a escuridão lá fora. Depois deu um salto para trás: uma coisa grande lançava-se contra a janela, golpeando a vidraça. Passou-lhe pela cabeça uma idéia muito desagradável: “Imagine só se existem mariposas gigantes neste país! Ai!” Mas a coisa voltou e ela teve quase a certeza de ter visto um bico, e era este bico que golpeava a vidraça. “E um passarão”, pensou. “Será uma águia?” Não estava para visitas, nem mesmo de uma águia, mas abriu a janela e olhou. No mesmo momento, com um ruído farfalhante, a criatura pousou no peitoril, enchendo todo o vão da janela. Era a coruja.

– Quietinha! Turru, turru! Sem barulho – disse a coruja. – Agora diga-me: é verdade aquilo que disse?

– Sobre o príncipe? É, é pra valer. – Pois lembrava-se agora da cara do Leão, do qual quase se esquecera durante o banquete e a história de *O cavalo e seu menino.*

– Ótimo! – disse a coruja. – Então não podemos perder tempo. Tem de sair logo. Vou acordar o outro humano. Volto aqui em seguida. Melhor trocar essas roupas elegantes e vestir coisa simples para viajar. Não demoro nada. Turru, turru! – E, sem esperar resposta, partiu.

Jill, pouco habituada a aventuras, nem pensou em desconfiar da coruja: a idéia excitante de uma fuga à meia-noite fez com que esquecesse o

sono. Vestiu o suéter e a saia-calça – havia no cinto um canivete que poderia ser útil –, escolhendo também algumas coisas que havia no quarto. Pegou uma capa, que lhe batia nos joelhos, um capuz (“pode chover”, pensou), alguns lenços e um pente. Sentou-se e ficou à espera. Já estava sentindo sono de novo, quando a coruja voltou para dizer:

– Estamos prontos.

– Melhor você ir na frente – disse Jill. – Ainda não conheço todas as passagens aqui.

– Turru! Está pensando que vamos por dentro do castelo? Nada disso. Tem de montar em mim. Vamos voando.

– Oh! – exclamou Jill, de boca aberta, não gostando nada da idéia. – Sou muito pesada para você.

– Turru, turru! Não seja boba. Já carreguei o outro. Vamos. Mas primeiro apague essa luz.

Apagada a luz, a noite ficou menos escura, meio cinzenta. A coruja postou-se no peitoril, de bico para fora, e abriu as asas. Jill teve de ajeitar-se sobre o corpo curto e grosso, apertando os joelhos sob as asas da ave. As penas eram quentinhas e macias, mas não havia nada em que se agarrar. Pensou: “Será que Eustáquio gostou do vôo?”

Com um assustador mergulho no vazio, ambas deixaram a janela. As asas abanavam perto das orelhas de Jill, e o ar da noite, meio frio e úmido, batia-lhe no rosto.

O céu estava encoberto, mas um fulgor prateado mostrava as nuvens que tapavam a lua. Os campos embaixo eram cinzentos; as árvores pareciam negras. O ar abafado era sinal de chuva.

A coruja deu uma volta e o castelo surgiu na frente dela. Havia poucas janelas iluminadas. Passaram por cima e cruzaram o rio. O ar ficava mais frio. Jill pensou ter visto o reflexo branco da coruja na água. Logo voavam sobre a floresta.

A coruja abocanhou qualquer coisa que Jill não podia ver.

– Por favor! Pare de sacudir desse jeito! Quase caí.

– Mil perdões. Agarrei um morcego. Não há nada mais alimentício do que um morceguinho rechonchudo. Quer que eu pegue um para você?

– Muito obrigada – respondeu Jill com um arrepio.

Voavam agora mais baixo e uma coisa escura avultava-se diante delas. Jill só teve tempo de ver que era uma torre, em parte arruinada e coberta de hera, pois logo em seguida teve de abaixar a cabeça para não bater no arco de uma janela cheia de teias de aranha. Estavam num lugar escuro e bolorento no alto da torre. No momento em que deslizou de cima da coruja, adivinhou (como às vezes acontece) que o local estava repleto. Vozes começaram a falar de todos os cantos: “Turru! Turru!” Repleto, portanto, de corujas. Foi um certo alívio quando uma voz muito diferente disse: – É você, Jill ?

– É você, Eustáquio?

– Acho que já estamos todos aqui – disse Plumalume. – Vamos dar início à sessão.

– Turru, turru! Quem está certo és tu! Aqui não tem urubu! – disseram várias vozes ao mesmo tempo.

– Peço a palavra – disse Eustáquio. – Antes de mais nada quero dizer uma coisa.

– Turru! Quem está certo és tu! – disseram as corujas.

E Jill para ele:

– Manda brasa. – Acho que os companheiros todos aqui... as corujas todas aqui não ignoram que Caspian X, no tempo da mocidade, navegou para o Extremo Oriente. Bem, tive a honra de acompanhá-lo nessa viagem, na companhia ainda de Ripchip, o rato, do fidalgo Drinian e muitos outros. Sei que parece difícil de acreditar, mas as criaturas não envelhecem em nosso mundo no mesmo ritmo que no seu mundo. O que pretendo dizer é o seguinte: sou fiel ao rei, e se esta reunião de corujas tiver qualquer caráter subversivo, minha presença aqui é um equívoco.

– Turru, turru! Somos todas fiéis ao rei, como tu!

– Então, por que motivo estamos aqui? – indagou Eustáquio.

– Muito simples – respondeu Plumalume. – Dá-se o seguinte: se o lorde regente, o anão Trumpkin, souber que vocês pretendem procurar o príncipe desaparecido, não os deixará partir. E há de mantê-los confinados, sob vigilância.

– Essa não! – exclamou Eustáquio. – Não vai dizer que Trumpkin é um traidor? Ouvi muito sobre ele, nos velhos tempos. Caspian... o rei, digo... tinha nele uma confiança absoluta.

– Mas não é isso – disse uma voz. – Trumpkin não é um traidor. O que se passa é o seguinte: mais de trinta dos nossos melhores guerreiros – centauros, bons gigantes e tantos outros – já empreenderam várias viagens em busca do príncipe. Nem um só voltou! O rei disse, por fim, que não permitiria que os mais valentes narnianos fossem aniquilados por causa de seu filho. Ninguém mais pode ir: é uma proibição real.

– Tenho certeza de que nos deixará partir – disse Eustáquio – se souber quem eu fui e quem me enviou.

– Quem *nos* enviou – acrescentou Jill.

– Acredito que sim – ponderou Plumalume. – Mas o rei está ausente; Trumpkin observará a letra da lei. Trata-se de um anão verdadeiro como a verdade, mas é surdo como uma porta e... uma pimentinha. Não conseguirá convencê-lo de que agora é o tempo adequado para abrir uma exceção na lei.

– Não se esqueça – observou alguém – de que ele prestaria atenção ao que disséssemos, pois somos corujas, e todos sabem como as corujas são sábias.

– É, mas agora ele está tão velho que simplesmente dirá: “Você não passa de um pinto. Eu me lembro de quando você era ainda um ovo. Não venha com lições para cima de mim. Ora bolas!”

A coruja que disse isso imitou tão bem a voz de Trumpkin, que foi uma gargalhada geral. As crianças começaram a perceber que os narnianos olhavam para Trumpkin como alunos olham para um professor rabugento, do qual todos sentem medo, mas de quem no fundo todos gostam.

– Quanto tempo o rei passará fora? – perguntou Eustáquio.

– Ah, se eu soubesse! – respondeu Plumalume. – Há rumores de que o próprio Aslam foi visto nas ilhas (em Terebíntia, acho). O rei disse que fará tudo para vê-lo antes de morrer, a fim de aconselhar-se sobre seu sucessor ao trono. Mas receamos que ele não encontre Aslam em Terebíntia e continue a viagem até as Sete Ilhas e as Ilhas Solitárias... e siga em frente. Ele nunca se refere ao assunto, mas sabemos todos que jamais se esqueceu

da viagem ao fim do mundo. No fundo do coração, deseja ir até lá outra vez.

– Assim sendo, é inútil esperar a volta do rei – disse Jill.

– Inútil! – concordou a coruja. – Oh, o que fazer? Se ao menos vocês tivessem falado com ele! Teria arranjado tudo... talvez mandaria um exército acompanhá-los.

Jill ficou calada, esperando que Eustáquio tivesse a gentileza de não contar para as corujas por que motivo isso não acontecera. Ele andou perto de contar, resmungando em voz baixa: “Culpa minha é que não foi.” Mas disse em voz alta:

– Muito bem. Temos de dar um jeito. Mas há uma coisa que desejo saber: se esta reunião é leal e acima de qualquer suspeita, por que tem de ser tão secreta, numa torre em escombros, na calada da noite?

– Turru, turru! – piaram diversas corujas. – E onde haveríamos de fazer a reunião? E não é só na calada da noite que as pessoas se encontram?

Plumalume interveio:

– Acontece que a maioria das criaturas aqui em Nárnia têm hábitos pouco naturais. Fazem coisas durante o dia, em plena luz do sol (oh!), quando todos deviam estar dormindo. Resultado: à noite ficam tão cegas e estúpidas que não se arranca delas uma só palavra. E por isso que as corujas têm o bom senso de fazer suas reuniões nas horas noturnas.

– Já vi tudo – disse Eustáquio. – Está bem, vamos continuar. Conte-nos tudo sobre o príncipe desaparecido.

Uma velha coruja, e não Plumalume, foi quem narrou a história.

Há cerca de dez anos, ao que parece, quando Rilian, filho de Caspian, era muito jovem, numa manhã de primavera, foi com a mãe a cavalo para o norte de Nárnia. Levaram consigo numerosos escudeiros e damas de companhia. Não levaram cães, pois não iam caçar, mas festejar a primavera. À tarde chegaram a uma clareira onde jorrava a água pura de uma fonte; aí descansaram, comeram, beberam e riram. Como a rainha sentisse sono, estenderam-lhe mantos na relva; o príncipe Rilian e os outros afastaram-se a fim de não despertá-la com suas risadas e conversas. Uma grande serpente surgiu da densa floresta e picou a rainha na mão. Ao ouvir o grito de dor,

todos correram até ela. Rilian, espada em punho, partiu no encalço do animal, que era grande, reluzente e verde como veneno. Mas a serpente deslizou para dentro das moitas espessas e desapareceu. Ele voltou para perto da mãe, encontrando todos aflitos em torno dela. Era tarde demais.

Rilian, ao vê-la, compreendeu que nenhum médico do mundo poderia fazer qualquer coisa. Enquanto lhe restava ainda um pequeno hausto de vida, a rainha tentou dizer-lhe algo. Mas, incapaz de articular com clareza, morreu sem transmitir sua última mensagem. Tudo não durou mais que dez minutos.

A rainha morta foi transportada para Cair Pa-ravel e pranteada dolorosamente pelo filho, pelo rei e por todo o reino de Nárnia. Fora uma grande dama, cheia de sabedoria, de graça e alegria. O rei Caspian trouxera a noiva do Extremo Oriente. Diziam que corria em suas veias o sangue da estrelas.

O príncipe sofreu terrivelmente e, a partir de então, estava sempre a percorrer a cavalo as fronteiras do Norte, à caça da venenosa serpente. Ninguém dava grande atenção a isso, apesar de o príncipe voltar extenuado e agitado de suas peregrinações. Um mês depois da morte de sua mãe, entretanto, alguns passaram a notar certa mudança nele. Trazia nos olhos uma expressão de quem tivera visões; e, embora passasse todo o dia fora, seu cavalo não demonstrava se ressentir das duras caminhadas.

Seu maior amigo, entre os velhos fidalgos, era Drinian, que fora capitão do navio de seu pai na grande viagem para o Oriente.

Uma noite Drinian disse para o príncipe:

– Vossa Alteza deve cessar de caçar a serpente. Não há vingança em destruir um bruto irracional. É desperdício de energia.

O príncipe respondeu:

– Drinian, nesta última semana quase me esqueci por completo da serpente.

Drinian quis saber qual era, então, o motivo que continuava a atrair o príncipe às matas do Norte. E ele respondeu:

– Vi nas matas do Norte a criatura mais bela que jamais existiu.

– Meu bom príncipe – replicou Drinian –, permita que amanhã eu o acompanhe, para que também possa ver a bela criatura.

– Com grande prazer – concordou Rilian.

No dia seguinte, selaram os cavalos e partiram a galope para as matas, apeando na mesma clareira na qual a rainha encontrara a morte. Drinian estranhou que, dentre todos os lugares, o príncipe escolhesse aquele. Ali ficaram até o meio-dia, quando Drinian viu a mais bela criatura que jamais existiu. Estava ao pé da fonte e nada disse, mas fez um sinal para o príncipe, como se pedisse que se aproximasse. Era alta, viçosa, coberta por uma veste verde como veneno. O príncipe olhava para ela como se estivesse fora de si. Subitamente, no entanto, a dama desapareceu, sem que Drinian soubesse como. Ambos voltaram para Cair Paravel.

Drinian estava convencido de que aquela mulher fulgurante era maléfica. Pensou muito se devia ou não contar a aventura para o rei, pois não queria bancar o intrigante. Mais tarde arrependeu-se muito de ter silenciado o episódio, porque, no dia seguinte, o príncipe Rilian partiu sozinho e não voltou. Nunca mais foi visto em Nárnia, nem nas terras vizinhas. O cavalo e o manto também não foram encontrados. Penando na sua amargura, Drinian procurou o rei e disse-lhe: “Senhor, mate-me logo como grande traidor; pelo meu silêncio, causei a destruição de seu filho.” E contou-lhe tudo. Com um machete de guerra, Caspian precipitou-se sobre ele para matá-lo; Drinian esperou impassível o golpe mortal. Subitamente, porém, o rei lançou fora o machete e bradou: “Já perdi minha rainha e meu filho; devo também perder o meu amigo?” Caiu nos braços de Drinian e ambos derramaram lágrimas de dor e verdadeira amizade.

E essa a história de Rilian. E quando a coruja terminou de contá-la, Jill foi logo dizendo:

– Aposto que a serpente e a mulher eram a mesma pessoa.

– Turru, turru! – concordaram as corujas.

– Mas não acreditamos que haja assassinado o príncipe – disse Plumalume –, pois não se encontraram ossos...

– Sei disso – falou Eustáquio –, pois Aslam contou para Jill que ele está vivo em algum lugar.

– Isso é até pior – disse a mais velha das corujas. – Significa que ela dispõe do príncipe e trama algum plano terrível contra Nárnia. Há muito, muito tempo, no princípio de tudo, uma feiticeira branca, vinda do Norte, condenou nosso reino à neve e ao gelo durante cem anos. Essa outra deve ser da mesma laia.

– Muito bem – disse Eustáquio. – Jill e eu temos de encontrar o príncipe. Conto com a ajuda de vocês?

– E vocês sabem por onde começar?

– Sabemos que temos de tomar a direção norte. E sabemos que devemos atingir a cidade em ruínas dos gigantes.

Foi um turru-turru-turru por todos os cantos. As corujas começaram a falar ao mesmo tempo. Sentiam muito, mas não podiam acompanhar as crianças: “Vocês viajam de dia e nós viajamos de noite. Não dá pé, não dá pé.”

Uma coruja chegou a dizer que, mesmo ali na torre, já não estava tão escuro como no princípio. A reunião prolongara-se por muito tempo. Ao que parece, a mera menção de uma viagem à cidade em ruínas dos gigantes havia arrefecido o entusiasmo das aves. Mas Plumalume interveio:

– Se eles querem ir nessa direção... pela charneca de Ettin... devemos levá-los até um paulama. São as únicas criaturas que poderão ajudá-los de fato.

– Turru, turru! Quem está certo és tu!

– Então, vamos – disse Plumalume. – Eu levo um. Quem leva o outro? Tem de ser hoje à noite.

– Eu levo: até a terra dos paulamas! – falou outra coruja.

– Está pronta? – perguntou Plumalume para Jill.

– Acho que Jill caiu no sono – disse Eustáquio.

5
BREJEIRO

Jill estava mesmo dormindo, depois de ter bocejado o tempo todo durante a reunião. Não gostou nem um pouco de ser acordada e de se ver num campanário empoeirado e escuro, cheio de corujas. Gostou ainda menos quando ouviu que deviam partir para algum lugar que não parecia ser a cama – nas costas da coruja.

– Ora, vamos, Jill – disse Eustáquio. – É mais uma aventura, afinal de contas.

– Já estou cheia de aventuras – respondeu a menina, zangada.

Mas acabou subindo em Plumalume, e o vento frio da noite deixou-a totalmente desperta (por algum tempo). A lua sumira e não havia estrelas. Muito atrás, Jill conseguiu distinguir uma janela acesa, sem dúvida de uma das torres de Cair Paravel. Isso lhe deu saudades daquele quarto maravilhoso. Colocou as mãos sob a capa, aconchegando-se. Eustáquio, a uma certa distância, conversava com a sua coruja. “Nem parece cansado”, pensou Jill, sem saber que o clima de Nárnia devolvia ao menino a força que adquirira quando navegara com o rei Caspian pelos mares orientais.

Jill tinha de dar beliscões em si mesma para manter-se acordada, temendo escorregar e cair do dorso de Plumalume. Quando as corujas chegaram ao fim da viagem, ela pulou para o chão firme. Soprava um vento danado de frio. Não se via uma árvore.

– Turru! Turru! – chamava Plumalume. – Acorde, Brejeiro, rápido. É da parte do Leão.

Por um longo tempo não houve resposta. Depois, ao longe, surgiu uma luzinha, que começou a aproximar-se. E uma voz:

– Olá, corujas! O que há? Morreu o rei? Há inimigo em Nárnia? Enchente? Ou dragões?

A luz vinha de uma lanterna, mas Jill podia distinguir muito pouco da pessoa que a segurava. Parecia alguém feito só de pernas e braços. As corujas conversavam com ele, mas Jill estava cansada demais para prestar atenção. Tentou reanimar-se um pouquinho quando percebeu que se despediam dela. Nem mesmo mais tarde conseguiu se lembrar do que acontecera: sabia apenas que entrara com Eustáquio por uma portinha e (oh, até que enfim!) pôde estender-se sobre alguma coisa macia e quente. E de uma voz que dizia:

– Aí ficam vocês. O melhor que podemos dar. Chão frio e duro. E até úmido, é de se esperar. Não dá para tirar uma pestana, é claro, mesmo que não caia uma tempestade daquelas ou que a cabana não venha abaixo. Ajeitem-se como puderem...

Mas Jill caiu no sono antes que a voz terminasse...

Quando as crianças acordaram no dia seguinte perceberam que tinham dormido num lugar seco e quente, em camas de palha. A claridade entrava por uma abertura triangular.

– Estamos em terra? – perguntou Jill.

– Na cabana de um paulama – respondeu Eustáquio.

– Na cabana de quem?

– Um paulama. Não me pergunte o que é isso. Não consegui vê-lo ontem à noite. Vamos procurá-lo.

– Como é chato acordar hoje com a roupa de ontem – disse Jill, sentando-se.

– Engraçado: eu estava pensando como é bom a gente não ter de se vestir.

– Nem de se lavar, na certa – replicou Jill, com ar de pouco caso.

Mas Eustáquio já estava de pé, bocejando e espreguiçando-se, e logo caiu fora da cabana. Jill fez o mesmo. O que encontraram lá fora era bem diferente do pedacinho de Nárnia visto na véspera. Estavam num terreno muito plano, cheio de inumeráveis ilhazinhas, cortadas por incontáveis canais. As ilhas eram cobertas de capim e cercadas de juncos. Nuvens de aves pousavam e revoavam dos juncos: marrecos, narcejas, galinholas e garças. Viam-se por ali muitas cabanas iguais àquela em que passaram a

noite, mas separadas a uma boa distância umas das outras, pois os paulamas apreciam muito a privacidade. A não ser a floresta, a muitos quilômetros de distância, não se via uma só árvore. Para o leste, o alagadiço estendia-se na direção de pequenas colinas arenosas. Ao norte ficavam outras colinas esmaecidas. O resto era alagadiço plano. Um lugar de dar tristeza numa tarde de chuva. Visto ao sol matinal, com um vento refrescante, o ar repleto com os pios das aves, era ainda um lugar solitário, mas tinha seus encantos.

As crianças ficaram mais animadas. Jill perguntou:

– Onde andará esse tal de *paralama*!

– Paulama – respondeu Eustáquio, orgulhoso de saber o nome certo. – Acho... olhe lá, só pode ser ele.

Viram logo o paulama, sentado de costas para eles, a uns cinqüenta metros, pescando. Não era fácil distingui-lo, assim tão quietinho e por ser quase da mesma cor do alagadiço. Disse Jill :

– Acho que o melhor é bater um papo com ele.

Sentiam-se um pouco nervosos, mas Eustáquio concordou. A medida que se aproximavam, a figurinha virou a cabeça, mostrando um rosto magro e comprido, sem barba, bochechas encovadas, boca apertada e nariz pontudo. Usava chapéu alto, pontudo como uma torre de igreja, de abas enormes. O cabelo, se é que se pode chamar de cabelo, caído sobre as grandes orelhas, tinha uma tonalidade cinza-esverdeada, e os tufos lisos lembravam juncos miúdos. A expressão era solene: via-se logo que levava a vida a sério.

– Bom dia, meus hóspedes. É verdade que quando eu digo *bom dia* não estou querendo dizer que não vá chover... ou nevar... ou trovejar. Aposto que vocês não conseguiram dormir nem um pouco.

– Pois dormimos muito bem – respondeu Jill. – Passamos uma noite maravilhosa.

– Ah! – replicou o paulama, sacudindo a cabeça. – Sei que você está querendo bancar a durona. Faz muito bem. Aprendeu a sorrir na desventura.

– Qual é o seu nome, por favor? — perguntou Eustáquio.

– Brejeiro. Mas não tem a menor importância se esquecerem. Não me custa nada continuar dizendo que meu nome é Brejeiro.

As crianças sentaram-se a seu lado, percebendo então que as pernas e os braços dele eram compridíssimos; apesar de o tronco não ser muito maior que o de um anão, ele devia ser, em pé, mais alto que a maioria dos homens altos. Seus dedos das mãos eram ligados por uma membrana, como os dedos de um sapo, e do mesmo jeito eram seus pés descalços, que ele balançava dentro da água lodosa. Usava roupas da cor da terra, que eram muito folgadas para ele.

– Estou tentando pegar umas enguias para fazer um cozido, mas acho que não vou pegar coisa alguma. E, mesmo que pegasse, vocês não iam gostar de enguias.

– Por que não? – perguntou Eustáquio.

– Ora, como é que vocês poderiam gostar da nossa comida? De qualquer maneira, enquanto fico aqui tentando, os dois podiam tentar acender o fogo; não custa nada tentar! Tem lenha detrás da cabana. Deve estar danada de úmida. Podem acender o fogo dentro da cabana e chorar com a fumaceira, ou podem acender o fogo do lado de fora, e aí a chuva chega e apaga tudo. Aqui está a minha binga; suponho que não saibam mexer com isso?

Mas Eustáquio aprendera essas coisas em sua aventura anterior. As crianças apanharam a madeira (que estava sequinha) e fizeram fogo mais depressa do que se costuma. Enquanto Eustáquio atiçava as chamas, Jill foi passar uma água no rosto no canal mais próximo. Depois foi a vez do menino. Sentiam-se muito melhor, mas com uma fome daquelas.

O paulama juntou-se a eles. Apesar do pessimismo, trouxe uma dúzia de enguias, já limpas. Pôs uma panela grande no fogo e acendeu um cachimbo. Os paulamas fumam um tabaco muito forte e esquisito (misturado com lama, dizem), e as crianças notaram que a fumaça não subia, pelo contrário, espalhava-se pelo chão como um nevoeiro. A fumaça escura fez Eustáquio tossir.

– Bem – disse Brejeiro –, essas enguias vão levar um tempo enorme para cozinhar; vocês são capazes de desmaiar de fome. Conheci uma menina... mas é melhor não contar essa história. Coisa que eu não gosto é de deprimir os outros. Para disfarçar a fome, podemos também falar dos nossos planos. Querem?

– Queremos! – gritou Jill. – Você pode ajudar-nos a encontrar o príncipe Rilian?

O paulama fez uma careta, encovando ainda mais as bochechas:

– Bem, não sei se vocês chamam isso de *ajuda*. Acho que ninguém é capaz de *ajudar* propriamente. O lógico é a gente não ir muito longe numa viagem para o Norte logo nesta época do ano, com o inverno na porta, e outras coisas mais... Mas não devem desanimar por causa disso: com tantos inimigos, e montanhas imensas, e rios caudalosos, e a dificuldade de achar o caminho certo, e a falta de comida, ora, com tanta coisa desagradável, nem vamos dar atenção ao frio de matar. Afinal de contas, se a gente não chegar muito longe, também não vai precisar voltar correndo.

As crianças notaram que ele falava “nós” e não “vocês”. Perguntaram então ao mesmo tempo:

– Você vem com a gente?

– Oh, vou, naturalmente, é preciso. Acho que jamais veremos o rei de novo em Nárnia, agora que partiu para o exterior. E estava tossindo muito. E depois tem o Trumpkin, que já está bastante decadente. E vocês hão de ver: após este verão de fogo, a colheita só poderá ser muito ruim. E para mim não será nenhuma surpresa se um inimigo nos atacar. Podem escrever o que digo.

– E como a gente começa? – perguntou Eustáquio.

A resposta veio com muita lentidão:

– Bem... todos os outros que procuraram o príncipe Rilian começaram pela mesma fonte onde lorde Drinian viu a dama. Quase todos foram para o Norte. Ora, como nenhum deles voltou, não podemos saber o que se passou.

– Devemos começar – falou Jill – encontrando uma cidade de gigantes, em ruínas. Foi o que disse Aslam.

– Começar *encontrando*, não é? – perguntou Brejeiro. – Será que não é permitido começar *procurando* a cidade?

– Foi exatamente o que eu quis dizer. Depois de achada a cidade...

– Ah, *depois*! – exclamou Brejeiro com secura.

– Ninguém sabe onde fica a cidade? – perguntou Eustáquio.

– Eu não sei de ninguém. Mas não vou dizer que nunca ouvi falar dela. Não precisam partir da fonte; vão pela charneca de Ettin. É onde fica a cidade em ruínas, se é que fica em algum lugar. Mas já fui bem longe nessa direção, como quase todo mundo, e nunca topei com ruína alguma.

– Onde fica a charneca de Ettin? – perguntou Eustáquio.

– Lá para as bandas do Norte – respondeu Brejeiro, apontando com o cachimbo. – Estão vendo aqueles montes e aquelas lascas de penedos? Pois lá é o começo de Ettin. Mas daqui para lá há um rio no meio, o rio Ruidoso. Não há pontes, é claro.

– Espero que a gente consiga vadeá-lo – falou o menino.

– Bem, já foi vadeado – admitiu o paulama.

– E talvez encontremos em Ettin quem possa ensinar-nos o caminho – disse Jill.

– Perfeito! *Quem possa*!...

– Que espécie de gente vive lá? – indagou Jill.

– Não cabe a mim afirmar que eles não estão certos, ao modo deles – respondeu Brejeiro.

– Mas o que são eles? – insistiu Jill. – Há tanta gente esquisita neste país! Estou perguntando se são animais, passarinhos, anões ou sei lá o quê.

O paulama deu um longo assovio:

– Fiu! Você não sabe? Pensei que as corujas tinham contado... São gigantes.

Jill estremeceu. Jamais se dera bem com gigantes, mesmo nos livros, e já se encontrara com um durante um pesadelo. Notando depois a cara de Eustáquio bastante esverdeada, achou que ele estava pior do que ela (o que a fez sentir-se mais corajosa).

– O rei há muito me disse – falou Eustáquio –, quando andei com ele pelos mares, que derrotara esses gigantes e os forçara à submissão.

– Verdade – confirmou Brejeiro. – Não estão mais em guerra conosco. Desde que fiquemos do lado de cá do rio Ruidoso, não tocarão em

nós. Mas do lado de lá... Sempre pode haver um jeito. Se não chegarmos muito perto deles, se algum deles não perder a cabeça, se não formos vistos, poderemos caminhar um bom pedaço.

– Olhe aqui – disse Eustáquio, perdendo o controle, como costuma acontecer com as pessoas amedrontadas. – Não acredito na metade do que está falando; as camas da cabana também não eram tão duras nem a lenha estava molhada. Aslam não nos teria enviado se o risco fosse tão grande.

Esperou que o paulama lhe respondesse enraivecido, mas não:

– É isso aí, Eustáquio. E assim que se fala. É ver a coisa pelo lado melhor. Só que devemos ter muito cuidado com os nervos, já que teremos de atravessar tantas dificuldades juntos. Não adianta brigar, pelo menos não desde já. Sei que as expedições desse tipo *acabam* em geral desse modo: um esfolando o outro antes da hora. Quanto mais tempo a gente suportar...

– Bem, se é tão pouca sua esperança – interrompeu o menino –, é melhor ficar. Jill e eu podemos ir sozinhos...

– Não banque o burro, Eustáquio – atalhou a menina, apavorada com a idéia de que o paulama pudesse tomar as palavras dele ao pé da letra.

– Não tenha receio – falou Brejeiro. – E claro que eu vou. Não posso perder essa oportunidade. Só irá me fazer bem. Eles sempre dizem... os outros paulamas dizem... que eu sou muito volúvel; que não levo a vida muito a sério. Já disseram milhões de vezes: “Brejeiro, você é todo empáfia e fanfarronada, um brincalhão. Precisa aprender que a vida não é só rã e enguia na barriga, e mais nada. Precisa achar algo que lhe sofreie um pouco. Estamos falando pelo seu próprio bem, Brejeiro.” É o que dizem sempre. Pois aí está a minha sorte: uma jornada para o Norte, na hora em que o inverno está começando! À procura de um príncipe que provavelmente não se encontra lá! Passando por uma cidade em ruínas que ninguém nunca viu!... Não podia ser melhor! Se uma aventura dessas não consertar um sujeito, é porque não tem mesmo conserto.

E esfregou as mãos de sapo como se estivesse falando em ir a uma festa ou ao circo.

– E agora – acrescentou –, vamos ver como estão aquelas enguias.

Pois foi uma refeição gostosíssima. No começo o paulama não acreditou que eles poderiam gostar; quando comeram tanto que não podia

haver mais dúvida, começou a achar que aquilo poderia não lhes cair bem.

– Comida de paulama, veneno para gente humana. Está na cara.

Depois tomaram chá em latas, como os operários bebem café na estrada, e Brejeiro deu umas boas goladas numa garrafa preta e quadrada. Perguntou se as crianças queriam provar, mas a coisa parecia repugnante.

O resto do dia foi empregado em preparativos para a partida na manhã seguinte, cedinho. Brejeiro, sendo de longe o mais alto, carregaria três cobertores, com um bom pedaço de toucinho enrolado dentro. Jill devia levar as sobras das enguias, uns biscoitos e a binga. Eustáquio carregaria duas capas, a dele e a dela, quando não precisassem vesti-las. Eustáquio (que aprendera a atirar um pouco na viagem ao Oriente) levou o arco número dois de Brejeiro, que ficou com o melhor, dizendo que mesmo assim (com aquele vento, com as cordas úmidas, na luz de inverno, os dedos gelados) a possibilidade de acertarem em alguma coisa era uma em cem.

Ele e Eustáquio levavam espadas. Eustáquio trouxera a que deixaram para ele no quarto em Cair Paravel. Jill teve de contentar-se com um canivete. Ia saindo briga por causa disso, mas o paulama, esfregando as mãos, foi logo dizendo:

– Já sabia disso; é o que acontece em geral quando as aventuras começam.

Calaram-se logo. E foram dormir cedo na cabana. Dessa vez a noite para as crianças não foi de fato excelente. Pois Brejeiro, depois de dizer “acho que ninguém vai fechar o olho esta noite”, começou na mesma hora a roncar alto e sem parar. Quando Jill conseguiu por fim adormecer, sonhou o resto da noite com perfuratrizes de asfalto, cachoeiras e trens expressos atravessando túneis.

6

AS TERRAS AGRESTES DO NORTE

Na manhã seguinte, às nove horas, três figuras solitárias podiam ser vistas procurando o caminho através do rio Ruidoso sobre pedras e baixios. Era um riacho raso e barulhento; nem mesmo Jill chegou a molhar mais do que o joelho quando atingiram a outra margem. Uns cinqüenta metros além, começava uma elevação de terra pedregosa e penhascos.

– Acho que é *este* o nosso caminho – disse Eustáquio. E apontou para a esquerda, para onde um regato descia por um desfiladeiro raso.

O paulama balançou a cabeça:

– É na encosta desse desfiladeiro que os gigantes costumam viver. Para eles, o desfiladeiro é como uma rua. Melhor seguirmos em frente, apesar de ser um pouco íngreme.

Acharam um lugar por onde podiam subir agarrando-se às pedras e, em dez minutos, chegaram ofegantes lá em cima. Deitaram um olhar saudoso para o vale de Nárnia e viraram-se para o Norte. A vasta e solitária charneca estendia-se em todas as direções. À esquerda o terreno era mais rochoso. Puseram-se a caminho.

Era uma terra boa para caminhar ao sol mortiço do inverno. A medida que adentravam na charneca, a solidão crescia: ouviam-se pios de pássaros e via-se um ou outro falcão. Na metade da manhã, pararam para descansar perto de um riacho, e Jill começou a imaginar que, afinal de contas, as aventuras podiam ser divertidas. E disse isso.

– Ainda não tivemos aventura alguma! – falou o paulama.

Caminhadas depois do primeiro descanso – assim como as manhãs na escola depois do recreio ou as viagens de trem depois da baldeação – nunca são como eram antes. Quando se puseram outra vez a caminho, Jill observou que a borda rochosa do desfiladeiro estava mais próxima. E as

pedras eram menos achatadas, mais verticais, como se fossem pequenas torres. E tinham formas muito engraçadas!

"Acho", pensou ela, "que essa história sobre os gigantes começou com essas rochas engraçadas. Se a gente chegasse aqui ao escurecer, seria facílimo tomar aquelas pedras por gigantes. Olhem aquela ali! Não custa imaginar que aquele bola de pedra em cima é uma cabeça. Uma cabeça grande demais para o corpo, mas que não ficaria de todo mal num gigante horroroso. E aquelas moitas desgrenhadas – devem ser ninhos de pássaros – passariam por cabelos e barba. E aquelas coisas penduradas de cada lado parecem mesmo orelhas. Orelhas monstruosamente grandes, mas gigante deve ter mesmo orelhas de elefante. E... ooooh!"

Ficou gelada. A coisa se mexia.

Era de fato um gigante. Não havia mais dúvida: tinha virado a cabeça. Jill chegara a perceber a cara estúpida e bochechuda. Eram gigantes, não eram rochas, aquelas coisas. Uns quarenta ou cinqüenta, enfileirados. Tinham os pés pousados no fundo do desfiladeiro e os cotovelos apoiados na borda, como fazem os preguiçosos na beirada de um muro depois do almoço.

– Em frente! – cochichou Brejeiro, que também os notara. – Não olhem para eles! Aconteça o que acontecer, não corram! Cairão em cima de nós como um raio.

E assim continuaram, fingindo que não tinham visto os gigantes. Era como atravessar o portão de uma casa onde houvesse um cachorro feroz, só que muito pior. Os gigantes não demonstravam raiva... nem bondade... nem o menor interesse. Nem davam sinal de que tinham notado os viajantes.

Aí – *zim, zim, zim* –, um pesado objeto veio zunindo e um grande calhau explodiu uns vinte passos na frente deles. Depois – *pimba*! – caiu um outro, cinco metros atrás.

– Estão apontando para nós? – perguntou Eustáquio.

– Não – respondeu Brejeiro –, e estaríamos mais seguros se estivessem. Estão tentando acertar *ali*, naquele monte de pedras à direita. Não vão acertar nunca. Têm uma pontaria desgraçada. Passam a manhã quase toda brincando de pontaria. É a única brincadeira que são capazes de entender.

Foi um mau pedaço. A fila de gigantes parecia não acabar nunca, e não paravam de dar pedradas. E, além do perigo real, as caras e os vozeirões já eram suficientes para apavorar qualquer um. Jill fez tudo para não olhar.

Depois de quase meia hora, os gigantes, pelo jeito, começaram a brigar. Foi o fim do concurso de pontaria, mas não é nada agradável estar a um quilômetro de gigantes brigando. Agridem e escarnecem uns dos outros com palavras sem sentido, de vinte sílabas cada uma. Berram, espumam e saltam enfurecidos, fazendo a terra estremecer. Ferem-se uns aos outros na cabeça com martelões de pedra. As cabeças são tão duras que os martelos saltam, e os monstros deixam cair o martelo e uivam de dor com os dedos machucados. Mas são tão estúpidos que voltam a repetir a mesma coisa um minuto depois.

De qualquer forma foi bom, pois depois de uma hora os gigantes estavam tão machucados que se sentaram e começaram a chorar. Sentados, ficaram com a cabeça abaixo da borda do desfiladeiro, e assim não foram mais vistos. Mas, mesmo um quilômetro à frente, Jill continuava a ouvi-los uivar e abrir o berreiro, como se fossem bebês enormes.

Acamparam naquela noite em plena charneca. Brejeiro ensinou às crianças como fazer o melhor uso dos cobertores, dormindo uma de costas para a outra. (De costas, uma aquece a outra, e podem-se jogar os dois cobertores por cima.) Mas estava gelado mesmo assim, e o chão era duro e encaroçado. Disse-lhes o paulama que, para se sentirem melhor, bastaria lembrar que seria ainda muito mais frio quando se aproximassem mais do Norte. Mas isso não serviu de consolo.

Caminharam através de Ettin por muitos dias, poupando o toucinho e alimentando-se principalmente de aves (não eram, naturalmente, aves falantes) que Eustáquio e o paulama derrubavam. Jill chegava a invejar a habilidade de Eustáquio. Como havia riachos sem conta pelo caminho, água é que não faltava. Jill lembrou-se de que nos livros, quando as pessoas se alimentam de caça, nunca se faz referência ao trabalho malcheiroso, demorado e sujo que é depenar e limpar uma ave abatida. O melhor é que não tinham encontrado mais gigantes. Um deles os viu, mas deu uma gargalhada gigantesca e continuou a tratar da vida.

Por volta do décimo dia, chegaram a um lugar no qual a paisagem mudava. Tinham atingido a borda norte da charneca, que dava para um território mais íngreme e penoso. No fundo de uma encosta havia penhas: além destas, uma terra de montanhas altas, negros precipícios, vales pedregosos, abismos tão fundos e estreitos que ficavam escuros, e rios que jorravam de gargantas ressoantes para o fundo de sinistros despenhadeiros. Não é preciso dizer que foi Brejeiro quem apontou para um punhado de neve nas encostas mais distantes.

– Mas haverá mais neve para o Norte, sem dúvida – acrescentou.

Levaram algum tempo para atingir o sopé da encosta. Olharam então do alto dos penhascos para um rio que corria embaixo, de oeste para leste. Ladeado de precipícios, era verde e sombrio, pontilhado de rápidos rios e cachoeiras. O rugido das águas estremecia a terra.

– O melhor de tudo – disse Brejeiro – é que, se quebrarmos o pescoço ao descer do penhasco, estaremos salvos de morrer afogados no rio.

– E aquilo ali? – disse Eustáquio de repente, apontando rio acima, à esquerda. Todos olharam e viram o que menos esperavam – uma ponte. E que ponte! Era um vasto e único arco transpondo o abismo e firmado no topo de dois penhascos. O ponto culminante do arco elevava-se acima dos topos à mesma altura que está da rua a abóbada de uma catedral.

– Puxa! Só pode ser uma ponte de gigantes! – exclamou Jill.

– Ou de feiticeiras, é mais provável – replicou Brejeiro. – Precisamos estar atentos aos feitiços num lugar como este. Parece uma armadilha. Aquilo pode virar névoa e sumir quando estivermos no meio da travessia.

– Oh, francamente, deixe de bancar o pé-frio – falou Eustáquio. – Por que diabo aquilo não pode ser uma ponte de verdade?

– E você acha que algum dos gigantes que vimos até agora teria cabeça para construir uma ponte como aquela? – perguntou Brejeiro.

– E não poderia ter sido construída por outros gigantes? – perguntou Jill. – Quer dizer: por gigantes que existiram há séculos e tinham muito mais cabeça que os modernos? Só podem ser os mesmos que construíram a cidade gigantesca que andamos procurando. Se é assim, devemos estar no caminho certo: a velha ponte leva à cidade velha!

– Grande idéia, Jill – disse Eustáquio. – Só pode ser isso. Vamos.

Quando chegaram em cima, verificaram que a ponte era sólida. As pedras eram enormes e deviam ter sido talhadas por bons pedreiros, embora o tempo as tivesse rachado e desconjuntado. A balaustrada já devia ter sido coberta de entalhes, dos quais restavam alguns traços: gigantes, minotauros, lulas, centopéias e divindades medonhas. Brejeiro, apesar de continuar desconfiado, decidiu atravessá-la com as crianças.

A subida até o ponto mais alto do arco era longa e penosa. Em muitos lugares as grandes pedras tinham caído, abrindo buracos apavorantes pelos quais se via, lá embaixo, o rio a espumejar. Uma águia passou voando sob os pés deles. Quanto mais subiam, mais frio sentiam, e o vento era tão forte que dificultava a caminhada. Parecia sacudir a ponte.

Do alto viram na encosta à frente os restos de uma estrada que se dirigia para o coração das montanhas. Diversas pedras do pavimento tinham desaparecido; tufos de capim cresciam entre as que ficaram. E na direção deles, a cavalo, vinham pela velha estrada duas figuras do tamanho de um adulto humano.

– Continuemos – disse Brejeiro. – Num lugar como este todo mundo deve ser inimigo, mas não devemos dar demonstração de medo.

Quando chegaram ao fim da ponte e pisaram na relva, as duas figuras estranhas estavam bem próximas. Uma era um cavaleiro com armadura completa e a viseira abaixada. A armadura e o cavalo eram negros; não havia emblema no escudo, nem flâmula na lança. A outra era uma dama montada num cavalo branco, um cavalo tão bonito que dava logo vontade de beijar-lhe o focinho e oferecer-lhe um torrão de açúcar. Mas a dama, que montava de lado e usava um comprido e esvoaçante vestido verde, era ainda mais bonita.

– Bom dia, estr-r-angeiros – murmurou a dama numa voz mais doce que o canto dos pássaros, trilando os “erres” gostosamente. – Alguns de vocês são peregrinos nesta terra agreste?

– Pode ser, madame – respondeu Brejeiro, muito empertigado, em posição defensiva.

– Estamos procurando a cidade arruinada dos gigantes – declarou Jill.

– A cidade ar-r-ruinada? – fez a dama. – Que idéia! Que pretende fazer, se encontrá-la?

– Precisamos encontrá-la... – começou Jill, logo interrompida por Brejeiro.

– Com o seu perdão, madame. Acontece, porém, que não a conhecemos, nem a senhora, nem o seu companheiro... sujeito calado, hein... e a senhora também não nos conhece. Assim, melhor não confiar a estranhos nossos negócios. Parece que vai chover, não é mesmo?

A dama riu o riso mais comunicativo, mais musical que se pode imaginar:

– Muito bem, meus filhos, parabéns pelo guia sábio e solene que possuem. Não lhes quero mal por fechar seu coração, mas eu abrirei o meu para vocês. Já ouvi muitas vezes referências à gigantesca cidade arruinada, mas jamais encontrei quem me ensinasse o caminho para lá. Esta estrada conduz ao burgo do castelo de Harfang, onde vivem gigantes amáveis. São tão bonzinhos, educados e sensatos como os de Ettin são bobos, perversos, selvagens e dados a bestialidades. Em Harfang talvez vocês possam saber qualquer coisa sobre a cidade arruinada, talvez não; de qualquer forma, lá encontrarão bons alojamentos e anfitriões amáveis. Seria mais sensato passar aí todo o inverno ou, pelo menos, permanecer alguns dias para que descansem e se recuperem. Lá encontrarão banhos de vapor, caminhas macias, grandes lareiras; e o que há de bom, assado ou cozido, doce ou salgado, estará na mesa quatro vezes por dia.

– Que beleza! – exclamou Eustáquio. – Só de pensar em dormir de novo numa cama!

– Pois é... e banho quente?! – acrescentou Jill. – Será que eles nos convidam? Nós nem os conhecemos...

– É simples – respondeu a dama. – Diga-lhes que Ela, a Dama do Vestido Verde, manda lembranças e duas crianças do Sul para a Festa do Outono.

Jill e Eustáquio ficaram comovidos:

– Muito obrigado, muito obrigado... quanta gentileza...

– De nada, meus anjos. Mas tomem um cuidado: não cheguem tarde demais em Harfang; eles fecham os portões poucas horas depois do meio-dia e não abrem para ninguém.

As crianças agradeceram mais uma vez, com os olhos a luzir, e a dama acenou-lhes adeus. O pau-lama tirou o chapéu pontudo e fez uma reverência, muito empertigado. O cavaleiro calado e a dama conduziram os cavalos para a entrada da ponte com um grande tropel de cascos.

– Pois muito bem! – falou Brejeiro. – Daria um saco de rãs para saber de onde ela vem e para onde vai. Não é o tipo que a gente espera encontrar nas vastidões dos gigantes, não é? Não pode ser boa coisa!

– Besteira! – disse Eustáquio. – Mulher fabulosa. Pense numa comida quentinha... quartos aquecidos. Só espero que Harfang não esteja muito longe.

– Também acho – disse Jíll. – E que vestido esplêndido! E o cavalo!

– E daí? – fez Brejeiro. – Se a gente soubesse um pouquinho mais sobre ela não seria nada mau.

– Pois eu ia perguntar! – disse Jill. – Mas como é que eu poderia fazer isso se você não quis contar-lhe nada a nosso respeito?

– Isso mesmo – concordou Eustáquio. – Você ficou aí feito um pedaço de pau, bancando o antipático! Não gostou deles?

– Deles? Eles quem? – estranhou o paulama. – Só vi uma pessoa.

– Vai dizer que não viu o cavaleiro? – perguntou Jill.

– Vi uma armadura. Se era *ele,* por que não abriu a boca?

– Deve ser tímido – explicou Jill. – Pode ser também que ele fique satisfeito só de olhar para ela, só de ficar ouvindo aquela voz linda de morrer. Eu faria o mesmo se fosse ele.

– Pois eu – replicou Brejeiro – estou só imaginando o que a gente veria levantando a viseira do elmo e olhando lá dentro.

– Deixe disso – atalhou Eustáquio. – Não viu a forma da armadura? Só podia ter uma coisa lá dentro: um homem.

– E não poderia ser um esqueleto? – perguntou o paulama, com uma entonação lúgubre. – Ou talvez, nada. Nada que fosse visível. Um alguém

invisível.

– Francamente, Brejeiro – falou Jill num sobressalto. – Você tem cada idéia.

– Deixe-o para lá – disse Eustáquio. – Ele está sempre esperando o pior, e está sempre errado.

Vamos pensar nos gigantes amáveis e chegar em Harfang o mais cedo possível. Gostaria de saber a distância que nos separa do castelo.

E quase acabaram caindo numa daquelas brigas previstas por Brejeiro: Jill e Eustáquio já tinham estado às turras antes, mas agora o desentendimento era de fato sério. Brejeiro não queria ir para Harfang de maneira nenhuma. Não sabia (disse) o que significava ser “amável” na cabeçorra de um gigante. Além disso, segundo os sinais de Aslam, nada havia a respeito de hospedar-se com gigantes, amáveis ou desagradáveis. Por sua vez, as crianças (cansadas de ventanias, de chuvaradas, de aves assadas nos acampamentos, do chão duro) estavam indiscutivelmente decididas a uma visita aos gigantes amáveis. Por fim, Brejeiro acabou concordando, mas sob uma condição: os dois tinham de prometer de pedra e cal que, a não ser que a proibição fosse levantada, jamais revelariam aos gigantes de onde vinham e que estavam à procura do príncipe Rilian. A promessa foi feita e eles prosseguiram.

Depois da conversa com a dama, as coisas pioraram de duas maneiras: o caminho era muito mais áspero e cruzava vales estreitos, onde o vento norte os castigava; nada se encontrava que pudesse ser usado como lenha e não havia bons lugares para passar a noite; o terreno era todo pedregoso, causando dores nos pés durante o dia e dores no corpo todo durante a noite.

Em segundo lugar, fosse qual fosse a intenção da dama ao referir-se às delícias de Harfang, o efeito sobre as crianças não foi nada bom. Não pensavam em outra coisa, só em camas quentes, banhos, jantares, aconchego. Já nem falavam mais em Aslam ou no príncipe perdido. Jill deixou de repetir os sinais todas as noites e manhãs. A princípio, dizia para si que estava cansada demais; depois, simplesmente se esqueceu de tudo. A idéia de passar uma boa vida em Harfang, em vez de mantê-los mais felizes e animados, produziu o efeito contrário: aumentou-lhes a insatisfação, tornando-os mais impacientes e irritados.

Uma tarde chegaram finalmente a um lugar onde o desfiladeiro abria-se e escuros abetos erguiam-se de cada lado. Tinham atravessado as montanhas. Diante deles estendia-se uma planície deserta e pedregosa; além, montanhas distantes, cobertas de neve. E entre eles e as montanhas longínquas elevava-se uma pequena colina com uma chapada irregular.

– Olhem! Olhem! – gritou Jill, apontando para além da planície.

Lá, na penumbra do crepúsculo, todos viram luzes. Luzes! Não a luz da lua, nem a luz de fogueiras, mas uma acolhedora fileira de janelas iluminadas. Quem nunca atravessou dias e noites numa terra deserta, dificilmente poderá saber o que eles sentiram.

– Harfang! – bradou Eustáquio, triunfante.

– Harfang! – gritou Jill, excitada.

– Harfang – repetiu Brejeiro numa entonação sombria e aborrecida. – Mas acrescentou logo: – Oba! Gansos selvagens!

Puxou o arco do ombro num segundo e derrubou um ganso gordo. Era tarde demais para ter a esperança de alcançar Harfang naquele dia. Assim, comeram carne quente ao pé do fogo e entraram na noite mais animados. Quando o fogo se extinguiu, a noite ficou fria de doer; ao despertarem na manhã seguinte, os cobertores estavam endurecidos pela geada.

– Não se preocupem – disse Jill, batendo os pés. – Hoje à noite tem banho quente.

7

A COLINA DOS FOSSOS ESTRANHOS

É inegável que foi um dia pavoroso. No alto, um céu sem sol, abafado por nuvens pesadas de neve; embaixo, uma geada escura, e um vento que soprava como se fosse arrancar-lhes a pele. Ao chegarem à planície, perceberam que esse trecho da velha estrada estava em condições muito piores. Tinham de achar passagem entre grandes blocos partidos, entre calhaus e pedregulhos. Dura caminhada para pés doloridos. E, por mais cansados que ficassem, o frio era demais para um descanso.

Lá pelas dez horas os primeiros flocos miúdos começaram a cair nos braços de Jill. Dez minutos mais tarde caíam com mais intensidade. Mais vinte minutos e o chão ficara branco. No fim de meia hora, uma boa tempestade de neve fustigava-os, ofuscando-lhes a visão e prometendo durar o dia todo.

Para que se entenda bem o que se segue, é preciso lembrar que eles não enxergavam quase nada. E não tinham nenhuma visão panorâmica da colina que os separava do lugar onde as janelas iluminadas haviam aparecido. Tudo o que conseguiam enxergar eram uns passos adiante, e assim mesmo arregalando os olhos. Desnecessário dizer que seguiam em silêncio.

Quando atingiram o sopé da colina, perceberam qualquer coisa como rochas de ambos os lados. Se tivessem olhado atentamente, o que ninguém fez, teriam notado que se tratava de pedras quadradas. Estavam todos atentos a um rebordo que lhes barrava o caminho. Devia ter mais de um metro. O paulama, com suas pernas compridas, não teve dificuldades de subir o obstáculo, ajudando depois os outros – um problema para estes, pois a neve acumulava-se sobre o ressalto. Avançaram com dificuldade – Jill

caiu uma vez – por uma extensão de uns cem metros, chegando a um segundo rebordo. Havia quatro deles a intervalos bastante irregulares.

Quando se esforçavam para transpor o quarto, não tiveram dúvida de que haviam alcançado a chapada da colina. Até ali a própria encosta servia-lhes de certa proteção; agora pegavam de cara o vento furioso. Pois a colina, por estranho que possa parecer, era mesmo tão plana quanto parecera ao longe: como se fosse uma mesa enorme açoitada à vontade pelo temporal. Em muitos lugares o gelo ainda não estava bem assentado, e o vento atirava-lhes punhados de neve no rosto. Piorando tudo, a superfície era cruzada e entrecruzada de valas, que precisavam ser transpostas.

Lutando valentemente, capuz na cabeça abaixada, mãos enfiadas no capote, Jill percebia outras coisas estranhas no alto da colina – coisas à direita e à esquerda, que lembravam vagamente chaminés de fábricas e penhascos mais eretos do que os penhascos devem ser. Mas não estava nem um pouco interessada e não deu a isso a menor atenção. Só pensava nas próprias mãos enregeladas (no nariz, nas orelhas, no queixo) e em banhos quentes e camas em Harfang.

De repente escorregou, deslizando, horrorizada, por uma fenda escura e estreita. Menos de um segundo depois, havia chegado ao fundo de uma espécie de trincheira ou fosso de um metro de largura. Apesar de estremecida pela queda, uma das primeiras coisas que sentiu foi alívio, pois livrara-se da ventania, protegida pelas paredes do fosso. Notou em seguida, é claro, as expressões aflitas de Eustáquio e Brejeiro, com os olhos arregalados lá em cima.

– Está machucada, Jill ? – gritou Eustáquio.

– No mínimo com as duas pernas quebradas – berrou Brejeiro.

Jill se pôs em pé e explicou que estava bem, mas teriam de dar-lhe um puxão para sair do buraco.

– Onde você caiu? – perguntou Eustáquio.

– Numa espécie de fosso, talvez numa espécie de corredor ou coisa parecida.

– E a coisa vai para o norte – falou Eustáquio.

– Será um caminho? Se for, a gente se livra deste vento maldito. Há muita neve aí no fundo?

– Muito pouca.

– O que existe mais na frente?

– Um segundinho. Vou dar uma espiada – disse Jill, avançando ao longo do fosso. A passagem virava-se bruscamente para a direita.

– Aonde vai dar essa curva?

Mas Jill não sentia a menor vontade de percorrer escuros labirintos subterrâneos, sobretudo depois de ouvir a voz de Brejeiro:

– Cuidado, Jill. Este lugar está com cara de caverna de dragão. Além disso, em terra de gigantes devem existir minhocas gigantescas ou gigantescas baratas.

– Acho que isso aqui não vai muito longe, não – falou Jill, voltando apressada.

– Tenho de dar uma olhada – disse Eustáquio. – O que você quer dizer com *não vai muito longe*?

Ele sentou-se à borda do fosso (já estavam todos muito molhados, assim não fazia a menor diferença ficar um pouco mais) e saltou lá para dentro. Empurrou Jill para trás e, embora não dissesse nada, percebeu que ela estava apavorada. Ela acompanhou Eustáquio, tendo o cuidado de não lhe passar à frente.

O esforço acabou em decepção. Dobraram o cotovelo e avançaram uns passos. Aqui havia uma alternativa: seguir ainda em frente ou virar à direita.

– Não adianta – falou Eustáquio, examinando a entrada para a direita. – Esse caminho nos levará em sentido contrário.

E seguiu em frente, encontrando logo depois um segundo caminho para a direita. A essa altura já não havia como escolher: o fosso não tinha saída.

Jill não perdeu tempo, recuando logo. O paulama, com seus braços compridos, não teve a menor dificuldade em alçá-los para fora. Mas era horrível estar lá em cima de novo. Lá embaixo, as orelhas de ambos já

começavam a descongelar e por um instante puderam enxergar direito, respirar com facilidade, falar sem ser aos gritos. Era uma desgraça retornar ao frio devastador. Brejeiro escolheu justamente esse momento para dizer:

– Você ainda sabe de cor aqueles sinais, Jill? O que devemos procurar agora?

– Ora, faça-me o favor. Os sinais que se danem – protestou a menina. – Creio que é qualquer coisa sobre alguém mencionando o nome de Aslam. Mas não estou nem um pouco disposta a dar um recital de declamação aqui.

Como se vê, ela invertera a ordem dos sinais, pois deixara de repeti-los todas as noites. Se fizesse um esforço, ainda seria capaz de dizê-los: só não sabia mais a lição na ponta da língua, a ponto de ir falando os sinais sem pestanejar. A pergunta de Brejeiro aborreceu-a, pois, no fundo, já estava aborrecida consigo mesma por não saber a lição do Leão tão bem quanto deveria.

– Você deve estar embaralhando os sinais – insistiu Brejeiro. – Bem, acho que vale a pena dar uma olhada nesta colina...

– Não! – retorquiu Eustáquio. – Esta não é uma boa hora para se olhar a paisagem! Vamos em frente, caramba!

– Oh! Olhem, olhem, olhem! – gritou Jill.

Na direção norte, bem acima do lugar onde estavam, via-se uma fileira de luzes. Não havia mais dúvidas; tratava-se de janelas, janelinhas que os faziam pensar nas delícias de um quarto, e janelonas que os faziam pensar em espaçosos salões com lareiras crepitantes, sopa quente e lombos fumegantes.

– Harfang! – exclamou Eustáquio.

– Perfeito! – comentou Brejeiro. – Mas eu estava dizendo...

– Oh, cale a boca! – replicou Jill, zangada. – Não temos um minuto a perder. Não se lembra do que disse a dama? Temos de chegar cedo, temos e temos. Vai ser de morte, *mesmo*, se ficarmos do lado de fora numa noite como esta.

– Ainda não é bem noite... – iniciou Brejeiro. Mas as duas crianças começaram a seguir aos

trambolhões, tão depressa quanto possível. O paulama ia atrás, falando sempre, embora não fosse mais possível entender o que dizia. E nem queriam. Pensavam em banhos, camas e bebidas quentes. A idéia de um atraso era insuportável.

Apesar da pressa, levaram longo tempo para cruzar o topo da colina. Depois tiveram de descer para o outro lado. Só então tiveram a oportunidade de ver o que era Harfang.

Harfang ficava no alto de um elevado rochedo. Apesar de possuir muitas torres, parecia mais uma casa enorme que um castelo. Era evidente que os gigantes amáveis não receavam um ataque. Havia janelas no paredão externo quase rentes ao chão – coisa que não encontramos em fortalezas sérias. Havia até umas bizarras portinhas, aqui e ali, que permitiam entrar no castelo sem ter de atravessar o pátio. Isso melhorou o moral de Jill e Eustáquio. O lugar parecia mais amistoso e menos proibitivo.

A princípio, o rochedo alto e íngreme os assustara, mas reparavam agora que existia um caminho mais suave à esquerda. Foi uma escalada penosa depois da longa jornada, e Jill quase chegou a desistir; Eustáquio e Brejeiro tiveram de ajudá-la nos últimos cem metros. Finalmente pararam diante do portão do castelo. A porta levadiça estava erguida e a entrada era franca.

Por mais cansados que estejamos, é preciso ter nervos de aço para entrar na morada de um gigante. E, apesar de todas as suas advertências anteriores sobre Harfang, foi Brejeiro quem demonstrou mais coragem.

– Agora, agüentem a mão. Não mostrem sinal de medo, de jeito nenhum. Já fizemos a coisa mais imbecil do mundo vindo até aqui. Mas... já que aqui estamos, temos de fazer cara de valentes.

Com essas palavras o paulama parou debaixo do arco do portão, onde o eco poderia dar uma ajuda a sua voz, e gritou com o resto de suas energias:

– Ei! Porteiro! Gente buscando pousada!

Enquanto esperava que alguma coisa acontecesse, tirou o chapéu, sacudindo da aba uma grossa camada de neve. Eustáquio cochichou para Jill :

– Ele pode ser um pé-frio... mas não há dúvida de que é ousado.

Abriu-se a porta, deixando passar um delicioso brilho de fogo, e o porteiro apareceu. Jill mordeu os lábios para não dar um berro. Não era um gigante propriamente enorme, quer dizer, era mais alto do que uma macieira, mas menor do que um poste. Cabelos vermelhos, eriçados, uma túnica de couro com aplicações de metal, joelhos de fora (muito cabeludos) e coisas parecidas com perneiras. Inclinando-se, esbugalhou os olhos para Brejeiro:

– E que tipo de criatura é essa?

Jill tomou coragem, gritando para o gigante:

– A Dama do Vestido Verde saúda o rei dos gigantes amáveis: aqui manda duas crianças do Sul e este paulama (o nome dele é Brejeiro) para a Festa do Outono. Caso não haja, é claro, alguma inconveniência...

– Oooh! – respondeu o porteiro. – Agora é outra história. Entrem, pequeninos, entrem, por favor. Fiquem na portaria enquanto mando um recado para Sua Majestade.

E olhou para as crianças com curiosidade, acrescentando:

– Caras azuis... Não sabia que existiam caras dessa cor.

– Nossa cara está azul assim é de frio – disse Jill. – Essa não é a nossa cor de verdade.

– Então entrem e se aqueçam. Entrem, camarõezinhos.

A porta fechou-se atrás, e isso não foi nada agradável; mas tudo esqueceram ao depararem com o que mais desejavam ver desde a ceia da noite anterior – uma lareira! E que lareira! Era como se quatro ou cinco árvores inteiras ardessem lá dentro, tão quente que não foi possível dar mais do que uns passos. Deixaram-se cair pesadamente no chão de tijolos, dando grandes suspiros de alívio.

– Garoto! – disse o porteiro para um gigante que estava sentado no fundo da sala com os olhos a saltar das órbitas. – Leve correndo esta mensagem ao aposento real. – E repetiu as palavras de Jill.

O jovem gigante, depois de dar uma olhada final nas crianças e soltar uma grande risada, saiu correndo. O porteiro dirigiu-se ao paulama:

– Cá para nós, seu Sapo, acho que você está querendo algo quentinho. — E apareceu com uma garrafa preta muito parecida com a do

próprio Brejeiro, só que vinte vezes maior. – Espere aí, espere aí. Se eu lhe der um cálice você vai morrer afogado. Espere aí. Este pequeno saleiro vai resolver. Mas não comente isso lá dentro.

O saleiro não se parecia muito com os nossos e serviu bem como cálice, ao ser colocado no chão do lado de Brejeiro. As crianças achavam que este ia recusar, tal era sua falta de confiança nos gigantes amáveis. Porém ele murmurou:

– É tarde demais para tomar precauções, agora que estamos presos aqui dentro. – E cheirou a bebida. – Não cheira mal. Mas isso não quer dizer nada. Melhor provar. – Deu uma golada. – Bom. Mas pode ser só o primeiro golpe. – Deu uma golada maior. – Ah! Será a mesma coisa até o fim? – Outra golada. – Lá no fundo deve ser horrível, é claro. – E bebeu o resto. Lambeu os beiços e observou para as crianças: – Isso é um teste, estão entendendo? Se eu ficar torto, ou estourar, ou virar lagartixa, ou qualquer coisa parecida, aí vocês não devem aceitar nada aqui dentro.

O gigante, que estava muito em cima para ouvir os cochichos de Brejeiro, deu uma gargalhada gigantesca e disse:

– Boa, seu Sapo, bebeu feito um homem!

– Homem coisa nenhuma! Paulama! – respondeu Brejeiro numa voz meio sumida. – E nem sapo! Paulama!

A porta abriu-se e o jovem gigante entrou:

– Eles devem ir imediatamente para a sala do trono.

As crianças puseram-se de pé, mas Brejeiro permaneceu sentado, a resmungar:

– Paulama. Paulama. Um paulama de respeito. Um paulespeito.

– Mostre a eles o caminho, garoto – disse o porteiro. – É melhor carregar o seu Sapo. Ele bebeu um pouco mais do que podia.

– Bebi coisa nenhuma! Estou bem – protestou Brejeiro. – Sapo coisa nenhuma! Paulespeito.

Mas o jovem gigante o agarrou pela cintura e fez sinal para que as crianças o seguissem. Assim, sem muita dignidade, cruzaram o pátio. Brejeiro, preso na mão do gigante, dando uns vagos chutes no ar, parecia mesmo um sapo.

Entraram no portal do castelo principal com o coração a pular. Depois de vários corredores, percorridos em acelerado, a fim de acompanhar as

passadas gigantescas, entraram piscando na luminosidade de uma sala enorme, onde lâmpadas cintilavam e o fogo crepitava na lareira, refletindo-se tudo no teto dourado.

Gigantes, que não era possível contar no momento, estavam em pé, à direita e à esquerda, todos suntuosamente vestidos. No fim da sala, em dois tronos, estavam sentadas duas coisas imensas, que deviam ser o rei e a rainha.

A uns cinco metros do trono, pararam. Eustáquio e Jill fizeram reverências desajeitadíssimas; o jovem gigante, cuidadosamente, colocou Brejeiro no chão, onde o paulama ficou mais amontoado do que sentado. Com suas pernas e braços muito compridos, parecia, para dizer a verdade, uma enorme aranha.

8
A CASA DE HARFANG

– Vá em frente, Jill, e faça o que é preciso – murmurou Eustáquio.

Ela estava com a boca tão seca que não pôde articular uma palavra. Acenou rispidamente com a cabeça apontando para Eustáquio.

Achando que jamais a perdoaria, Eustáquio passou a língua nos lábios e gritou para o rei gigante:

– Com licença de Vossa Majestade, a Dama do Vestido Verde, por intermédio de nós, manda saudações e diz que Vossa Majestade apreciaria a nossa participação na Festa do Outono.

O rei e a rainha olharam um para o outro com um ar de inteligência e sorriram de um jeito que não foi do total agrado de Jill. Estava gostando mais do rei que da rainha. Ele usava uma bela barba encaracolada, tinha um nariz de águia e, para um gigante, sua aparência até que era boa. A rainha era horrendamente gorda, tinha um queixo gordo e duplo e uma cara gorda toda empoada – o que normalmente já não é bonito, ficando dez vezes pior numa pessoa dez vezes maior. O rei botou a língua de fora e lambeu os beiços. Todo mundo faz isso: acontece porém que a língua dele era tão grande e vermelha, e pulou para fora tão inesperadamente, que a pobre Jill levou um susto.

– Oh, que *boas* crianças! – disse a rainha. “Vai ver, ela é que é simpática”, pensou Jill.

– Verdade, verdade! – replicou o rei. – Excelentes, excelentes crianças! São bem-vindas à minha corte. Apertem a minha mão.

Estendeu a mãozona, muito limpa e cheia de anéis, mostrando, no entanto, umas unhas pontudas. Não foi possível um aperto de mão.

– E que coisa é esta? – perguntou o rei, mostrando Brejeiro.

– Res..pei..to..la..ma – protestou Brejeiro.

– Oh! – gritou a rainha, juntando a saia até os tornozelos. – Que coisa mais horrível! Está viva!

– É uma pessoa de bem, Majestade, dou-lhe a minha palavra – interveio Eustáquio, afobado. – Gostará mais dele quando o conhecer melhor. Tenho certeza.

Espero que você não fique desapontado com Jill se eu lhe disser que, nesse momento, ela começou a chorar! Tinha seus motivos, coitada: seus pés, mãos, orelhas e nariz estavam começando a degelar; neve derretida encharcava suas roupas; não tinha comido praticamente nada durante aquele dia; e as pernas doíam tanto que ela mal se agüentava em pé. De qualquer modo, parece que foi o melhor que poderia ter feito naquele momento, pois a rainha interveio:

– Ah, coitadinha! Senhor meu rei, é uma maldade o que estamos fazendo com nossos hóspedes, deixando-os aqui em pé. Servos! Levem-nos. Precisam de comida, de vinho e de banho. Consolem a menininha com pirulitos e bonecas, tudo o que for bom – morangos com creme, bombons, passas, cantigas de ninar, brinquedos. Não chore, meu benzinho, você assim vai ficar feia para a Festa do Outono.

Jill ficou indignada com aquela referência aos brinquedos. E, embora bombons e morangos com creme não fossem nada maus, torceu para que alguma coisa mais substanciosa fosse servida. Mas a intervenção gaiata da rainha deu excelentes resultados, pois Brejeiro e Eustáquio foram imediatamente erguidos por serviçais; coube a Jill uma gigantesca dama de honra. Foram carregados para os quartos.

O de Jill era mais ou menos do tamanho de uma igreja e seria mesmo um pouco sombrio se não dispusesse de uma crepitante lareira e de um grosso tapete escarlate. Coisas deliciosas começaram a acontecer. Foi entregue aos cuidados da velha ama da rainha, que, do ponto de vista dos gigantes, era só uma mulherzinha vergada pelo tempo; do ponto de vista humano, era uma giganta que não chegava a bater com a cabeça no teto. Eficiente era, e muito. Jill só ficou desejando que ela parasse de falar coisas assim: “Que bebê mais lindo!” – “Levante o bracinho.” – “Mais um instantinho só, minha bonequinha adorada.”

Ajudou a colocar Jill na banheira. Felizmente a menina sabia nadar e aproveitou ao máximo o banho tépido. Quanto às toalhas gigantescas, por um pouquinho ásperas que sejam, também valem a pena, pois são metros e metros de pano. Nem é necessário enxugar-se nelas: basta enrolar-se e ir aproveitar as delícias da lareira. As roupas que ela vestiu, limpas, quentinhas e lindas, eram meio grandes, mas, sem dúvida nenhuma, tinham sido talhadas para gente humana e não para gigantes. O que fez Jill pensar: "Se a Dama do Vestido Verde freqüenta o palácio, eles devem estar acostumados com hóspedes do nosso tamanho."

Viu pouco depois que estava certa a esse respeito, pois mesa e cadeira de dimensões normais para uma criatura humana adulta foram trazidas para ela; garfos, facas e colheres eram igualmente da medida humana.

Que maravilha sentar-se, sentindo-se agasalhada e limpa! De pés ainda descalços, era uma delícia andar pelo tapete gigante. Mergulhou nele até os tornozelos e não podia existir coisa melhor para pés doloridos. A refeição – que talvez deva ser chamada de jantar – consistiu em caldo, carne de peru, pastelão, castanhas assadas e frutas, à vontade.

Só houve uma coisa aborrecida: a ama entrava e saía a todo momento, trazendo de cada vez um gigantesco brinquedo, bonecas imensas (maiores do que a própria Jill), um cavalo de pau sobre rodas (do tamanho de um elefante), um tambor (que parecia uma caixa-d'água), um carneiro de lã... Eram grosseiros, muito malfeitos e tingidos de cores berrantes. Jill, que os detestava, disse inúmeras vezes que não os queria. Mas a ama respondia:

– *Tuc-tuc-tuc.* Meu benzinho vai gostar de brincar quando estiver descansadinha. Sei disso, sei disso. *Tic-tic-tuc.* Agora caminha, bonequinha linda.

Não era uma cama gigante, apenas uma dessas camas esquisitas que ainda podem ser vistas nos hotéis fora de moda. Parecia minúscula no enorme aposento. Jill pulou alegremente para cima dela, perguntando:

– Ainda está nevando?

– Não, minha graça. Agora está chovendo. A chuva vai acabar com essa neve horrorosa. Amanhã a bonequinha vai poder brincar lá fora. – A ama ajeitou as cobertas de Jill e deu boa-noite.

Não há nada pior do que ser beijada por uma giganta, ficou pensando Jill, mas não por muito tempo, pois logo adormeceu.

A chuva caiu durante a noite toda, chicoteando as janelas do castelo. A menina não ouviu nada, dormindo profundamente até meia-noite. Quando chegou essa hora morta e só os camundongos faziam um pouco de barulho na casa dos gigantes, teve um sonho. Sonhou que tinha acordado naquele mesmo quarto, com o clarão da lareira iluminando o enorme cavalo de pau. E, por conta própria, o cavalo veio rodando em cima do tapete, parando perto de seu rosto. E já não era mais um cavalo, mas um leão tão grande quanto o cavalo. Depois não era mais um leão de brinquedo, mas um leão de verdade, o Leão de Verdade, tal qual o vira na montanha além do fim do mundo. Um cheiro bom encheu o quarto. Mas Jill estava confusa, embora não soubesse por quê, e lágrimas correram por seu rosto, molhando o travesseiro. O Leão disse-lhe que repetisse os sinais, mas ela os esquecera completamente. Foi tomada de horror. Aslam agarrou-a com as mandíbulas (ela sentia seus lábios e sua respiração, mas não os dentes) e levou-a até a janela. A lua brilhava. Em letras grandes, estampadas no mundo ou no céu (não sabia dizer ao certo), estavam estas palavras: DEBAIXO DE MIM. Aí, o sonho desapareceu. Acordou bem tarde na manhã seguinte e já não se lembrava mais do que sonhara.

Já havia tomado a primeira refeição quando a ama abriu a porta e anunciou:

– Aqui estão os amiguinhos para brincar com a bonequinha.

Entraram Eustáquio e o paulama.

– Bom dia — disse Jill. — Dormi umas quinze horas. Estou me sentindo muito melhor, e vocês?

– Eu também – respondeu Eustáquio –, mas Brejeiro queixou-se de dor de cabeça. Ei, sua janela tem um banco para olhar a vista... Se subirmos nele poderemos dar uma olhada lá fora.

E foi o que fizeram. Ao deparar com aquela visão, Jill exclamou:

– Ai, que coisa assustadora!

O sol brilhava e a neve tinha sido quase completamente lavada pela chuva. Embaixo, estendida feito um mapa, estava a chapada que tinham percorrido com tanta dificuldade na véspera. Vista do castelo, não podia

haver dúvida de que se tratava das ruínas de uma cidade gigantesca. Parecera lisa porque ainda conservava um pouco da velha pavimentação. As bordas laterais eram o que sobrava das paredes de imensos edifícios, certamente palácios e templos no passado. Um pedaço de parede, com mais de cento e cinqüenta metros de altura, ainda permanecia em pé; era o que tinham tomado por um penhasco. O que parecera chaminés de fábricas eram colunas enormes, partidas em diferentes alturas; os fragmentos jaziam perto das bases como monstruosas árvores tombadas. Os rebordos que tinham galgado no lado norte da colina eram os restos dos degraus de uma escada de gigantes. Para completar, em letras grandes e escuras ao longo da pavimentação, estavam escritas estas palavras: DEBAIXO DE MIM.

Os três entreolharam-se desapontados. Depois de dar um assovio curto, Eustáquio disse o que todos estavam pensando:

– Segundo e terceiro sinais pifados.

Foi então que, de repente, Jill se lembrou do sonho. E disse, desesperada:

– A culpa é minha... Parei de repetir os sinais na hora de dormir. Se tivesse prestado atenção a eles, teria visto logo que isso aí era uma cidade, mesmo com aquela neve toda.

– Pois eu sou pior ainda – disse Brejeiro. – Eu vi que era... ou quase... Parecia mesmo uma cidade em ruínas.

– Você é o único que não tem culpa alguma – disse Eustáquio. – Tentou fazer com que a gente parasse.

– Não tentei com bastante força – replicou o paulama. – Devia ter feito isso, ora essa! Como se não fosse fácil segurar vocês!

– A verdade é a seguinte – disse Eustáquio: – A gente estava tão ansioso para chegar aqui, que não demos bola para mais nada. Eu, pelo menos. Desde o momento em que encontramos aquela mulher com o cavaleiro que não dizia bulhufas, não pensamos mais em coisa nenhuma. E quase esquecemos o príncipe Rilian.

– Para mim – comentou Brejeiro –, era isso o que a mulher estava querendo.

– O que não entendo direito – disse Jill – é a gente não ter visto o letreiro. Será que ele só apareceu depois? Será que Aslam não o colocou aí durante a noite? Tive um sonho tão esquisito!

E contou a eles o sonho. Eustáquio exclamou:

– Sua boboca! Nós vimos o letreiro! Nós *andamos* no letreiro. Entramos na letra E de DEBAIXO lá onde você caiu. Andamos no fundo do E, viramos primeiro à direita, a primeira perninha, depois viramos outra vez para a direita, a perninha do meio, depois fomos até o fim do E e voltamos. Como somos idiotas!

Eustáquio deu um chute e continuou:

– Nada feito, Jill. Sei o que você estava pensando porque eu estava pensando a mesma coisa. Você estava pensando como seria bom se Aslam só tivesse colocado as instruções nas pedras da cidade em ruínas depois que a gente tivesse passado. Assim, a culpa seria dele, e não nossa. Ótimo, não é? Nada disso. Temos de aceitar as coisas como elas são. A gente tinha somente quatro sinais para seguir e já falhamos nos três primeiros.

– Está querendo dizer que *eu* falhei! – replicou Jill. – E é a pura verdade. Estou estragando tudo desde que você me trouxe para cá. Desculpe, desculpe, desculpe, mas, de qualquer jeito, quais *são* as instruções? DEBAIXO DE MIM não faz muito sentido.

O paulama interveio:

– Faz! O sentido é este: devíamos ter procurado o príncipe debaixo da cidade.

– Mas como fazer isso? – perguntou Jill.

– Aí é que está – respondeu Brejeiro, esfregando as mãos de sapo. – Como fazer isso agora? Se a gente estivesse com a cabeça no lugar ao passar pela cidade em ruínas, teríamos achado um jeito, uma portinha, uma gruta ou um túnel; teríamos encontrado alguém que nos ajudasse. Pode ser que até o próprio Aslam, quem sabe. O fato é que a gente teria entrado de qualquer maneira debaixo daquelas pedras. As instruções de Aslam sempre funcionam: nunca houve uma exceção. Como fazer isso *agora*, é um caso completamente diferente.

Jill falou:

– Bem, já que é assim, acho que temos de voltar...

– *Facílimo!* – ironizou Brejeiro. – Para começar, é só tentar abrir aquela porta...

Olharam todos para a porta e viram logo que nenhum deles poderia alcançar a maçaneta. E, mesmo que pudesse, não iria ter força suficiente para virá-la.

– Quem sabe eles nos deixam sair... se pedirmos? – disse Jill.

Ninguém respondeu nada, mas todos pensaram: “E se não deixarem?”

Não era uma idéia simpática. Brejeiro tinha verdadeira repulsa por qualquer idéia que os levasse a contar aos gigantes o verdadeiro motivo da sua visita. Sem contar, não teriam decerto permissão para ir lá fora. Contar não podiam, por causa da promessa. E todos concordavam que não haveria jeito de escapar do castelo durante a noite. Com as portas dos quartos fechadas, seriam prisioneiros até o amanhecer. Poderiam, é claro, pedir que deixassem a porta aberta, mas isso iria despertar suspeitas.

– Nossa única chance – disse Eustáquio – é tentar cair fora durante o dia. Será que os gigantes não gostam de tirar uma soneca durante a tarde? Será que na cozinha não existe uma portinha aberta?

– Isso não é bem o que eu chamo de uma *chance* – replicou o paulama. – Mas é a única que temos.

Na verdade, o plano de Eustáquio não era tão despropositado quanto se pode pensar. Se a gente pretende sair de uma casa sem ser visto, durante a tarde é de certo modo melhor do que durante a noite. É mais provável encontrar janelas e portas abertas. Se você for apanhado, sempre pode fingir que não pretende ir longe e que está aí à toa. Mas é muito difícil fazer um gigante ou uma pessoa» grande acreditar nisso, se você for apanhado em cima da janela depois da meia-noite.

– Temos primeiro de desfazer as desconfianças

– falou Eustáquio. – Devemos fingir que adoramos estar aqui e que estamos ansiosos pela Festa do Outono.

– A festa é amanhã à noite – informou Brejeiro.

– Ouvi um deles dizendo isso.

– Já vi tudo! – exclamou Jill. – Devemos fingir que não pensamos noutra coisa. É ficar perguntando sobre a festa o tempo todo, *encher* de perguntar. Eles vão pensar que somos mesmo crianças, e assim ficará mais fácil.

O paulama suspirou:

– Alegres! É isso: devemos bancar os alegrões! Como se não tivéssemos a menor preocupação. Os brincalhões. Vocês dois nem sempre estão de bom humor. Já notei. Eu mostro como é ser alegre. Assim, ó... – E fez uma cara sinistra de enterro. – Se prestarem atenção em mim, não custarão a aprender. Aliás, eles já me acham muito divertido, é ou não é? Também vocês, aposto que me acharam um tiquinho bêbado ontem... Pois dou minha palavra que eu estava... bem, em grande parte... representando. Senti que isso de algum modo poderia ter utilidade.

As crianças, ao se referirem mais tarde a essas aventuras, nunca tiveram certeza de que a afirmação de Brejeiro fora realmente sincera. Mas estavam certas de uma coisa: na hora, Brejeiro estava crente de que dizia a verdade.

– Perfeitamente: *alegria* é a palavra de ordem – arrematou Eustáquio. – No momento, o problema é encontrar alguém que abra aquela porta. Enquanto estivermos representando e bancando os inocentes, devemos descobrir tudo o que for possível.

Nesse exato instante a porta se abriu. A ama entrou toda espalhafatosa:

– Então, meus bonecos, que tal ir ver o rei e sua corte partirem para a caça? É uma beleza!

Não perderam tempo: deixando a ama no quarto, desceram a primeira escada que apareceu. Pelo barulho dos cães de caça, das trompas e das vozes gigantescas, acharam logo o caminho do pátio. Os gigantes estavam a pé, pois não há cavalos gigantes naquelas bandas do mundo. Os cães eram do tamanho comum. Jill, não encontrando cavalos, ficou a princípio muito decepcionada, pois sabia que a rainha gordalhona de maneira alguma participaria de uma caçada a pé, e não seria nada promissor tê-la em casa o dia todo. Mas, em seguida, viu a rainha recostada numa espécie de liteira sobre os ombros de seis jovens gigantes.

Vinte ou trinta gigantes, inclusive o rei, estavam reunidos, prontos para a caça, falando e rindo numa algazarra de ensurdecer. A altura de Jill, mexendo os rabinhos, latindo, fungando, estavam os cachorros.

Brejeiro estava para assumir uma daquelas poses que só ele mesmo achava irresistivelmente alegres e descontraídas (o que poderia ter entornado o caldo), quando Jill “ligou” o seu mais adorável sorriso infantil e correu para a liteira da rainha, berrando:

– A senhora não vai embora, não é?... A senhora vai voltar?

– Claro, querida, volto logo à noitinha – respondeu a rainha.

– Oh, que bom! – gritou Jill. – E nós também iremos à festa amanhã, não é? Mal posso esperar. Que bonito aqui! rainha, enquanto a senhora estiver passeando, a gente pode correr aí pelo castelo? Por favor!

A rainha disse “pode”, mas a gargalhada dos nobres quase abafou sua voz majestosa.

9

UMA DESCOBERTA QUE VALEU A PENA

Os outros concordaram mais tarde que Jill tinha sido mesmo maravilhosa naquele dia. Assim que o rei e os outros caçadores partiram, ela começou a fazer uma visita “turística” pelo castelo, indagando tudo, mas de um jeito tão inocente e criançola que ninguém poderia suspeitar de uma intenção secreta. Apesar de falar sem parar, não se deve afirmar que conversava: tagarelava e ria infantilmente. Fez agradinhos a todo mundo: lacaios, porteiros, mucamas, damas de honra, velhos lordes gigantes que já não caçavam mais. Agüentou os beijos e os agarros de várias gigantas, muitas das quais, parecendo sentir pena dela, suspiravam “coitadinha”, sem no entanto explicar o porquê. Ficou especialmente amiga do mestre-cuca e descobriu o fato importantíssimo de que havia uma porta dando da copa para fora do castelo; não era preciso atravessar o pátio ou passar pelo grande portão de entrada.

Na cozinha bancou a gulosa, comendo todos os beliscos e raspas que o cuca e os ajudantes lhe ofereciam com satisfação. Lá em cima, entre as damas, perguntava sobre que roupa usar na grande festa, até que hora poderia ficar, se devia dançar com algum gigante pequenininho. Depois (ficava vermelhinha quando se lembrava disso mais tarde), inclinava a cabeça para um lado, toda boboca (os adultos, gigantes ou não, acham isso muito engraçadinho), e, enrolando os cachinhos e fazendo um trejeito, perguntava: “Ah, eu queria tanto que a festa fosse amanhã mesmo; você não? Vai demorar muito para chegar?” E as gigantas todas achavam isso um amor; algumas tapavam os olhos com o lenço como se fossem chorar.

– Eles são uma gracinha, nessa idade – disse uma giganta para outra. – Chega a ser uma pena...

Eustáquio e Brejeiro também se esforçaram muito, mas a verdade é que as meninas fazem esse tipo de representação muito melhor que os meninos. E os meninos ainda fazem melhor que os paulamas.

Na hora do almoço aconteceu uma coisa que os deixou ainda mais ansiosos para dar o fora. Almoçaram no grande salão numa mesinha especial, perto da lareira. Numa mesa enorme, um pouco adiante, comiam também uns seis gigantes. A conversa deles era tão barulhenta que as crianças deixaram de prestar atenção ao que diziam, do mesmo modo que a gente se "desliga" da barulhada do tráfego na rua. Estavam comendo carne fria, uma caça que Jill nunca tinha provado antes, mas estava gostando.

De repente Brejeiro virou-se para os dois, e a cara dele estava tão pálida que era possível enxergar a palidez sob o aspecto enlameado de sua fisionomia.

– Parem de comer – disse ele –, nem mais uma garfada!

– Que está acontecendo? – perguntaram.

– Não estão ouvindo o que os gigantes estão dizendo?"Que bom pernil macio", disse um. "Então aquele cervo era um mentiroso", disse o outro. "Por quê?", perguntou o primeiro. "Ué, quando foi agarrado, ele implorou: 'Não me matem, minha carne é muito dura, vocês vão detestar'."

Jill só entendeu tudo quando Eustáquio arregalou os olhos e exclamou:

– Epa! Estamos comendo um cervo *falante*!

A descoberta não produziu sobre os três um efeito idêntico. Jill, que era novata naquele mundo, sentiu pena do pobre cervo e pensou horrores dos gigantes que o haviam matado. Eustáquio, que lá estivera antes e que fizera pelo menos uma grande amizade com um bicho falante, ficou indignado com aquele crime a sangue-frio. Mas Brejeiro, narniano de nascença, sentiu-se muito mal, como se sentiria um ser humano que tivesse almoçado um bebê.

– Provocamos a ira de Aslam – disse ele. – É o que acontece quando não obedecemos aos sinais. Pesa sobre nós uma maldição. O melhor que poderíamos fazer era cravar estas facas em nossos corações – se isso nos fosse concedido.

Pouco a pouco, até Jill passou a aceitar esse ponto de vista. Uma coisa foi certa: ninguém quis comer mais.

Estava chegando a hora decisiva da qual dependeria a esperança de fugir. Todos se encontravam nervosos. Postaram-se na passagem e esperaram. Os gigantes ficaram ainda um bom tempo no salão, depois de terminado o almoço. O careca contava um caso. Ao final, os três, como quem não quer nada, foram caminhando devagarzinho para a cozinha. Ainda havia uma pá de gigantes na copa, lavando e arrumando as coisas. Foi de morte esperar que terminassem o trabalho. Por fim lavaram as mãos e se foram, um atrás do outro. Só ficou na cozinha uma velha giganta, que mexia numa coisa, mexia em outra, até que os três compreenderam, horrorizados, que ela não tinha a intenção de sair.

– Bem, meus amorecos – disse ela –, façam-me um favorzinho: vejam se a porta da copa está aberta.

– Está – respondeu Eustáquio.

– Ótimo. Assim o gatinho pode entrar e sair quando quiser.

A giganta sentou-se numa cadeira, pôs os pés sobre uma banqueta, dizendo:

– Acho que vou dar um cochilo. Se a droga daquela caçada não acabar cedo demais...

As crianças se animaram quando ela se referiu ao cochilo, mas ao ouvi-la mencionar a volta dos caçadores quase desfaleceram.

– A que horas eles costumam voltar? – perguntou Jill.

– Ninguém sabe. Mas fiquem quietinhos, só um pouco, meus amorecos.

Os três foram para o fundo da cozinha, de onde teriam deslizado para a copa se a giganta não abrisse os olhos para espantar uma mosca.

– Só depois que ela estiver dormindo mesmo! – murmurou Eustáquio.

Agrupados num canto, ficaram observando. A idéia de que os gigantes poderiam chegar a qualquer momento era de arrepiar. E a giganta se revirava sem parar!

“Não agüento mais isso”, pensou Jill, procurando com os olhos alguma coisa que a distraísse. Bem em frente, estava uma mesa limpa com duas travessas e um livro aberto em cima. Travessas gigantescas, é claro. Jill achou que uma delas daria uma boa cama. Subiu no banco ao lado da mesa e deu uma espiada no livro. Leu o seguinte:

PATO ASSADO – Esta ave realmente deliciosa pode ser feita de várias maneiras.

“Um livro de receitas”, refletiu Jill sem maior interesse e espiou por cima do ombro. Os olhos da gigante permaneciam fechados, mas não demonstravam que ela estivesse de fato dormindo. Jill deu outra espiada no livro, que era escrito em ordem alfabética. Acima de *pato assado*, estava uma receita que fez seu coração ficar gelado.

PASTELÃO HUMANO – Este elegante bipedezinho há séculos é apreciado pela delicadeza de seu paladar. Constitui uma tradição da Festa do Outono e é servido entre o peixe e o assado. Para temperar pastelão humano...

Não conseguiu ir adiante. Virou-se. A giganta sofria um acesso de tosse. Jill deu uma cotovelada nos outros dois e apontou o livro. Ambos subiram no banco e curvaram-se sobre as páginas imensas. Eustáquio estava ainda lendo como fazer de um homem um delicioso pastelão, quando Brejeiro mostrou o que vinha logo abaixo:

PAULAMA SUPERCOZIDO – Grandes mestres da culinária não recomendam este animal para o consumo dos gigantes, por causa de sua consistência fibrosa e do sabor de lama. No entanto, esse sabor pode ser reduzido...

Jill fez aos dois um sinal. A boca da giganta estava meio aberta e de seu nariz saía um barulho que, naquele momento, era mais doce do que a música mais linda: ela roncava.

A questão agora era andar na ponta dos pés, não se afobar, respirar leve, passar pela copa (copa de gigante cheira muito mal) e ganhar a luz fraquinha de uma tarde de inverno.

Chegaram ao alto de um caminho agreste que descambava numa ladeira. Do lado direito do castelo, felizmente, podia-se ver a cidade em ruínas. Em poucos minutos encontravam-se de novo na estrada larga e

íngreme que descia do portão principal do castelo. Podiam ter uma vista completa das janelas daquele lado. Se fossem umas poucas janelas teriam alguma chance de não serem vistos, mas o caso é que eram umas cinqüenta. Também percebiam agora que a estrada e toda aquela extensão do terreno entre eles e a cidade em ruínas não poderiam servir de proteção nem a uma raposa; era tudo pedra e capim. Para piorar, usavam as roupas arranjadas pelos gigantes – menos Brejeiro, para quem nada servira. Jill usava uma veste verde, de tonalidade viva, com um manto escarlate debruado de pelica branca. Eustáquio ia de calção escarlate, túnica e manto azuis, uma espada de punho– dourado e um gorro emplumado.

– Que cores mais lindas! – resmungou Brejeiro. – O pior arqueiro do universo não erraria os dois. Por falar nisso, vamos sentir falta dos nossos arcos muito em breve. Meio leves também estas roupas, não?

– Levíssimas, estou tiritando de frio – respondeu Jill.

Poucos minutos antes, lá na cozinha, ela achava que, se conseguissem escapar do castelo, estaria tudo resolvido. Agora compreendia que estava apenas no começo da parte mais perigosa da aventura.

– Ânimo firme! – falou Brejeiro. – Não olhem para trás. Sem pressa. Aconteça o que acontecer, não corram. Vamos fingir que só estamos dando uma voltinha; se encontrarmos um gigante, não é de todo impossível que ele não desconfie de nada. Mas, se parecer que estamos fugindo, estaremos fritos.

A distância até a cidade em ruínas parecia maior. Ouviram um barulho. Jill perguntou o que era.

– Trompas de caça – cochichou Eustáquio.

– Nada de correr! – falou Brejeiro. – Só quando eu mandar.

Jill não resistiu à vontade de dar uma olhadela para trás. A menos de um quilômetro, os caçadores retornavam, à esquerda.

Continuaram a passo. De repente ouviu-se um grande clamor de vozes e gritos. Brejeiro bradou:

– Já nos viram: corram!

Jill juntou as saias compridas – “Que coisa mais chata fugir desse jeito!” – e correu. Não havia engano possível. Já podia distinguir a melodia das trompas. Ouvia a voz do rei, berrando: “Peguem, peguem, não deixem fugir meus pastelões.”

Era a última na corrida, atrapalhada com o vestido, escorregando em pedras soltas, os cabelos entrando na boca, o peito doendo. E as trompas cada vez mais próximas. Tinha agora de subir a colina, galgando a encosta pedregosa que conduzia ao primeiro degrau da escada dos gigantes. Não sabia o que poderiam fazer chegando lá, mas não adiantava pensar nisso. Sentia-se uma caça: com a cachorrada atrás dela, tinha de correr até não poder mais.

O paulama ia na frente. Chegando ao primeiro degrau, deu uma parada, olhou à direita, e entrou velozmente por uma fenda; as compridíssimas pernas, quando desapareceram, fizeram lembrar outra vez uma aranha. Eustáquio, depois de certa hesitação, sumiu atrás dele. Jill, cambaleando e ofegante, chegou ao local um minuto depois. A fenda nada tinha de convidativa: aberta entre a terra e a pedra, tinha menos de um metro de comprimento e pouco mais de trinta centímetros de altura. Era preciso raspar o chão para entrar. Levava algum tempo. Jill tinha a certeza de que seu calcanhar seria agarrado por um cachorro antes de chegar lá dentro.

– Rápido. Pedras. Tampem a saída.

Era a voz de Brejeiro no escuro, a seu lado. Só chegava ao buraco a luz cinzenta que coava pela fenda. Jill ainda conseguia ver as pequenas mãos de Eustáquio e as grandes mãos de sapo de Brejeiro a empilhar grandes pedras com a rapidez do desespero. Entendeu logo a importância daquilo e começou a ajudar. Antes que os cães começassem a latir e ganir, a boca da fenda estava tampada. Agora, naturalmente, a luz se fora.

– Mais adiante, depressa – comandou a voz de Brejeiro.

– De mãos dadas – gritou Jill.

– Boa idéia – falou Eustáquio, mas não foi muito fácil encontrar as mãos no escuro.

Os cães já fungavam lá fora.

– Vamos ver se podemos ficar em pé – sugeriu Eustáquio.

Podiam. Brejeiro estendeu a mão para trás a Eustáquio, este estendeu a mão para Jill, que teria preferido mil vezes ser a do meio, e não a última. Começaram a avançar experimentando o chão com os pés e tropeçando para a frente na escuridão. Brejeiro deu com uma parede de rocha. Viraram-se um pouco para a direita e prosseguiram. Existiam outras curvas e voltinhas. Jill não tinha o menor senso de direção, ignorando por completo onde ficara a boca da caverna. Ouviu-se a voz de Brejeiro:

– O problema é saber o que seria melhor: voltar (se for possível) e proporcionar um grande prazer aos gigantes; ou enfrentar os dragões que devem existir neste buraco. De minha parte...

Tudo aconteceu num átimo. Ouviu-se um grito selvagem, um ruído de pedras despencando, e Jill viu-se a escorregar, escorregar, escorregar sem esperança, cada vez mais velozmente, por uma descida cada vez mais íngreme. E não era uma descida macia e firme, mas feita de pedrinhas e detritos. Ia escorregando mais deitada do que em pé. E quanto mais os três deslizavam para baixo, mais coisas se desconjuntavam, mais barulhento, mais empoeirado, mais precipitado ficava aquele escorregar sem fim. Jill pensou que as pedras que ela ia descolando ao passar deviam estar machucando horrivelmente Eustáquio e Brejeiro. Deslizando a uma velocidade espantosa, estava certa de que se partiria em pedacinhos quando chegasse ao fundo.

Nem tanto. Ela tinha ferimentos por todo o corpo, é verdade, e a coisa espessa e úmida em seu rosto parecia sangue. Havia tanta terra, tanta pedra e tanta coisa ao redor dela, e até em cima, que não conseguiu levantar-se. A escuridão era tanta que dava no mesmo abrir ou fechar os olhos. Silêncio absoluto.

Foi o pior momento da vida de Jill, que se pôs a imaginar se estaria ali sozinha... se os outros...

Percebeu movimentos perto. Os três começaram, com a voz trêmula, a verificar se alguém tinha quebrado algum osso.

– A gente não vai ficar em pé nunca mais – disse a voz de Eustáquio.

– Já notaram como está quentinho aqui? – Era a voz de Brejeiro. – Devemos ter escorregado um bocado, um quilômetro, por aí.

Depois de um silêncio, voltou a voz de Brejeiro:

– Minha binga sumiu.

Nova longa pausa. A voz de Jill :

– Estou com uma sede danada.

Nenhuma sugestão. Não havia nada a fazer: isso era óbvio. Por enquanto, não se sentiam tão horrorizados quanto seria de se esperar: é porque se encontravam exaustos.

Muito tempo depois, sem o menor aviso, ouviu-se uma voz completamente estranha. Sentiram logo que não era a única voz no mundo pela qual secretamente esperavam: a voz de Aslam. Era uma voz escura, monótona e cavernosa, que perguntou:

– Que fazem aqui, criaturas do Mundo de Cima?

10
VIAGEM SEM SOL

– Quem está aí? – bradaram os três.

– Sou o guardião do Submundo e comigo estão armados cem terrícolas – foi a resposta. – Digam logo: quem são vocês e qual a missão que os traz ao Reino Profundo?

– Caímos aqui sem querer – disse Brejeiro, com toda a sinceridade.

– Muitos caem e poucos retornam às terras ensolaradas – replicou a voz. – Preparem-se: irão comigo à rainha do Reino Profundo.

– Ela deseja alguma coisa de nós? – perguntou Eustáquio, cauteloso.

– Não sei – respondeu a voz. – A ela não fazemos perguntas: obedecemos.

Enquanto dizia essas palavras, ouviu-se o barulho de uma pequena explosão, e uma luz fria, cinzenta e um tanto azulada invadiu a caverna. A esperança de que o porta-voz estivesse só contando vantagem a respeito dos cem homens armados morreu no momento. Jill viu-se de olhos pregados numa multidão compacta. Eram de todos os tamanhos, desde pequenos gnomos que mal chegavam a trinta centímetros de altura a figuras imponentes, mais altas que um homem. Todos carregavam forcados e eram horrendamente pálidos e imóveis quais estátuas. Afora isso eram todos diferentes: alguns tinham rabo, outros não; alguns usavam grandes barbas; outros tinham o rosto redondo e liso, grande como uma abóbora. Havia narizes compridos e pontudos, narizes moles e compridos como pequenas trombas e narigões embolotados. Vários deles tinham um chifre no meio da testa. Mas, sob um aspecto, eram todos parecidos: ninguém seria capaz de imaginar expressões tão tristes. Eram tão tristes que, depois do primeiro susto, Jill quase se esqueceu de ter medo deles. Sentia até certa vontade ou obrigação de animá-los um pouco.

– Bem! – interveio Brejeiro, esfregando as mãos. – É disso que estou precisando. Se esses caras não me ensinarem a levar a vida a sério, não sei quem seria capaz disso. Olhem só aquele ali com bigode de foca... ou aquele outro...

– Sentido! – comandou o chefe dos terrícolas. Não havia mais nada a fazer. Os três viajantes perfilaram-se e tocaram-se nas mãos. Precisamos encontrar uma mão amiga num momento como esse. Os terrícolas cercaram-nos, pisando com pés grandes e moles; alguns pés tinham dez dedos, outros doze, outros nenhum.

– Marchem – comandou o guardião. E eles marcharam.

A luz fria vinha de uma grande bola na ponta de um varapau, conduzido à frente do batalhão pelo mais alto dos gnomos. Sob essa luz nada estimulante, puderam reparar que se encontravam numa gruta natural, cujas paredes e teto se retorciam em mil formas fantásticas.

O chão pedrento ia descendo à medida que avançavam.

Era pior para Jill que para os outros: ela tinha horror a escuridão e a grutas. Então, quando a caverna ficou mais baixa e mais estreita, e o porta-luz colocou-se de lado, enquanto os anões agachavam-se (todos, menos os menorzinhos) e desapareciam numa pequena fenda escura, ela sentiu que não ia agüentar mais.

– Não posso entrar aí! Não posso! Não posso! Não entro! – gritou.

Os terrícolas nada disseram, só apontaram as lanças para ela.

– Agüente firme, Jill – falou o paulama. – Esses caras maiores não iam entrar nesse buraco se ele não se alargasse mais adiante. E há uma vantagem nessa coisa de subterrâneo: chuva não teremos.

– Oh, você não entende; eu não posso.

– Lembre-se do que eu senti naquele penhasco, Jill – falou Eustáquio. – Você vai na frente, Brejeiro, e eu vou atrás dela.

– Perfeito – respondeu o paulama, pondo-se de joelhos e mãos no chão. – Você toca em meus calcanhares, Jill, e Eustáquio toca nos seus. Assim nos sentiremos mais seguros.

– Seguros! – exclamou Jill entrando afinal na fenda.

Que lugar mais repugnante! Foi preciso quase arrastar o rosto no chão por um tempo que pareceu meia hora, embora não tivesse sido de fato mais do que cinco minutos. E como era quente ali; Jill sentiu-se sufocada. Por fim uma luzinha apareceu à frente; o túnel foi ficando mais largo e mais alto e eles chegaram, sujos e avermelhados, a uma caverna tão vasta que nem parecia uma caverna.

Era banhada por uma luminosidade vaga e modorrenta; já não precisavam da estranha lanterna dos terrícolas. O chão, com uma espécie de musgo, era macio, e dele cresciam muitas formas estranhas, altas e cheias de ramos como as árvores, mas com a consistência de cogumelos. A luz, cinza-esverdeada, parecia irradiar dessas formas e do musgo, e não dava para iluminar o teto da gruta, que devia estar muito lá no alto. Seguiam agora por esse lugar macio e sonolento. E muito triste, mas de uma tristeza que traz quietude, como certas músicas suaves.

Passaram por dezenas de animais esquisitos estendidos sobre a relva, mortos ou adormecidos. Muitos lembravam dragões e morcegos, mas Brejeiro não sabia distingui-los.

– Esses bichos são daqui mesmo? – Eustáquio perguntou ao guardião. Este mostrou-se muito surpreso por lhe terem dirigido a palavra, mas respondeu:

– Não. São bichos que chegaram aqui através de abismos e grutas, vindos do Mundo de Cima para o Reino Profundo. Muitos descem até cá, mas poucos retornam às terras ensolaradas. Dizem que todos despertarão ao final do mundo.

Ao dizer isso, sua boca selou-se; no grande silêncio da gruta, as crianças sentiram que não teriam a audácia de falar outra vez. Os pé descalços dos anões, palmilhando o musgo espesso, não faziam o menor ruído. Os estranhos animais não produziam o menor som ao respirar.

Depois de terem andado vários quilômetros, chegaram a uma parede de pedra com um arco que dava para uma outra gruta. Mas era bem melhor do que a última entrada. Penetraram numa caverna menor, comprida e estreita, com a mesma forma e o mesmo tamanho de uma catedral. Aí, tomando quase todo o espaço, estava um homem imenso a dormir profundamente. Era muito maior do que qualquer um dos gigantes, mas o rosto não era igual ao dos gigantes: era nobre e belo. Seu peito arfava um

pouco sob a barba de neve que o cobria até a cintura. Uma luz prateada (ninguém viu de onde vinha) caía sobre ele.

– Quem é este? – perguntou Brejeiro. Havia tanto tempo que ninguém dizia uma palavra, que Jill ficou a imaginar como ele tivera coragem.

– Este é o velho Pai Tempo, que já foi rei do Mundo de Cima – respondeu o guardião. – Agora está mergulhado aqui no Reino Profundo, sonhando com as coisas que são feitas no mundo superior. Muitos caem aqui, mas poucos retornam às terras ensolaradas. Dizem que despertará no fim do mundo.

Passaram em seguida a uma outra gruta, depois a uma outra, e outra, tantas que Jill perdeu a conta, mas sempre descendo. E cada gruta era mais baixa que a precedente, até que só de pensarem no peso e na profundidade da terra acima deles sentiam-se sufocados.

Chegaram finalmente a um lugar no qual o guardião ordenou que o varapau de luz fosse de novo aceso. Entraram numa gruta tão larga e escura que nada podiam enxergar, a não ser, à direita, uma pálida faixa de areia cercando uma água parada. Perto de um pequeno caís estava um barco sem mastro e sem velas, mas cheio de remos. Foram obrigados a embarcar na proa, num espaço vago à frente dos bancos dos remadores.

– Uma coisa eu gostaria de saber... – observou Brejeiro. – Se alguém de nosso mundo... lá de cima, quero dizer... já fez esta viagem.

– Muitos já tomaram o barco das praias pálidas – replicou o guardião – e...

– Já sei – interrompeu Brejeiro –, *poucos retornaram às terras ensolaradas.* Não precisa mais dizer isso. Você é um sujeito de idéia fixa, não?

As crianças chegaram-se para mais perto de Brejeiro, uma de cada lado: tinham dito lá em cima que se tratava de um pé-frio, mas ali embaixo ele era o seu único conforto.

A lanterna pálida foi pendurada no meio da embarcação; os terrícolas pegaram os remos e o barco começou a deslizar. A lanterna pouco adiantava: nada avistavam à frente; só água, lisa e escura, a desmaiar na escuridão total.

– Que será de nós? – perguntou Jill, agoniada.

– Não se deixe abater agora, Jill – disse o pau-lama. – Há uma coisa da qual você deve sempre se lembrar: estamos de novo seguindo o texto. Devíamos ir por baixo da cidade em ruínas, e cá estamos. Estamos novamente de acordo com as instruções.

Serviram-lhes então comida – uma espécie de bolacha que não tinha gosto de nada. Depois um a um pegaram no sono. Quando acordaram, tudo continuava na mesma: os anões remando, o barco deslizando, a escuridão. Quantas vezes acordaram e dormiram, e comeram e dormiram de novo, nenhum deles seria capaz de dizer. E o pior era isto: parecia agora que tinham passado a vida inteira naquele barco, naquela escuridão, sem saber se o sol, o céu azul, o vento e os pássaros não passavam de um sonho.

Já estavam quase desistindo de ter esperança ou medo de qualquer coisa, quando viram luzes à frente: luzes sinistras como aquela da lanterna. Uma luz de repente aproximou-se e perceberam que estavam cruzando um outro barco. Encontraram vários outros. Depois, arregalando os olhos até doer, viam que algumas luzes iluminavam o que parecia um conjunto de cais, muros, torres e gente a caminhar. Ainda assim, quase nada se ouvia.

– Caramba! – exclamou Eustáquio. – Uma cidade!

Uma estranha cidade. Tão poucas as luzes e tão distanciadas umas das outras, que mal dariam para iluminar umas poucas casas em nosso mundo. Os pequenos trechos iluminados lembravam lampejos de um grande porto marítimo. Num lugar, havia vários barcos sendo carregados ou descarregados; em outro, fardos de mercadorias e armazéns; num terceiro, paredes e colunas que sugeriam grandes palácios e templos. E, onde caísse a luz, viam-se centenas de terrícolas acotovelando-se em silêncio através de ruas estreitas, praças largas, ou galgando lanços de escada. O movimento contínuo produzia uma espécie de ruído macio à medida que o barco se aproximava. Música nenhuma. Nem som de sino. Nem o ruído de uma roda. A cidade era tão quieta e quase tão escura quanto o interior de um formigueiro.

Depois que o barco parou à beira do cais, os três foram levados para terra e conduzidos à cidade. Multidões de terrícolas (não existiam dois iguais) roçavam por eles nas ruas, exibindo caras tristes e grotescas. Nenhum deles demonstrou o menor interesse pelos estrangeiros. Os anões

pareciam tão ocupados quanto tristes, embora Jill não conseguisse entender o que faziam. Mas a movimentação continuava, com pressa, com empurrões, com o macio ruído – *pá-pá-pá* – das passadas.

Chegaram finalmente ao que parecia um grande castelo, embora poucas luzes estivessem acesas. Cruzaram um pátio e subiram por numerosas escadarias, chegando a uma sala sombriamente iluminada. Mas a um canto – que alegria! – havia uma arcada com uma luz bem diferente: a luz cálida, amarelada e honesta das lâmpadas usadas pelos homens. A luz mostrava o patamar de uma escada que subia em caracol entre paredes de pedra, e parecia vir do alto. Dois terrícolas postavam-se nos dois lados do arco como sentinelas ou lacaios.

O guardião caminhou até os dois e falou, como se fosse uma senha:

– Muitos mergulham no Subterrâneo.

Os dois responderam em coro a contra-senha:

– E poucos retornam às terras ensolaradas. Depois conversaram até que um dos anões de guarda disse:

– Já lhe afirmei que a rainha saiu daqui em sua grande missão. Melhor conservar esses viajantes na prisão até que ela volte. Poucos retornam às terras ensolaradas.

Nesse momento a conversa foi interrompida pelo que pareceu a Jill o mais maravilhoso ruído do mundo. Vinha de cima, do alto da escadaria, e era uma clara e ressoante voz humana, a voz de um homem jovem.

– Que confusão você está fazendo aí embaixo, Mulungu? Ah! Mundanos de Cima! Que venham aqui imediatamente!

– Queira Vossa Alteza ter a fineza de recordar – começou a dizer Mulungu, mas foi bruscamente interrompido.

– Minha Alteza gosta antes de tudo de ser obedecido, seu velho resmungão. Traga-os imediatamente.

Mulungu balançou a cabeça, fez um sinal para que os três o seguissem, e começaram a subir. A cada degrau a intensidade da luz aumentava, mostrando reflexos dourados através de delicadas cortinas no alto da escada. Os terrícolas abriram as cortinas e se colocaram dos lados. Os três entraram. Acharam-se numa bela sala, ricamente atapetada, com

uma lareira crepitante e uma mesa onde reluziam uma garrafa de vinho vermelho e cristais. Um jovem de cabelos louros levantou-se para cumprimentá-los. Era de bonita aparência e parecia ao mesmo tempo destemido e bom, embora algo em sua expressão revelasse que havia alguma coisa errada. Vestia-se de preto.

– Bem-vindos! – bradou. – Mas esperem um momentinho! Perdão! Já vi vocês, as duas crianças, e este outro aí, antes. Não eram vocês que estavam na ponte de Ettin quando passei a cavalo com a minha dama?

– Oh... você era o cavaleiro negro que não falava nada! – exclamou Jill.

– E era aquela dama a rainha do Subterrâneo? – perguntou Brejeiro, em tom não muito amistoso.

Eustáquio, que estava pensando a mesma coisa, explodiu:

– Nesse caso, foi uma sujeira da parte dela ter mandado a gente para um castelo de gigantes que pretendiam colocar-nos no cardápio. Que mal fizemos a ela, era o que eu desejava saber...

– Como? – disse o cavaleiro negro, franzindo a testa. – Se você não fosse um guerreiro tão jovem, rapaz, íamos decidir esta afronta num duelo de morte. Não tolero uma só palavra contra a honra da minha dama. Mas de uma coisa pode estar seguro: ela jamais diria uma palavra com má intenção. Você não a conhece. É um poço de virtudes, de verdade, de clemência, de constância, de coragem, de bondade, de tudo. Digo aquilo que sei. Só a bondade dela para comigo, que jamais poderei retribuir-lhe, daria uma linda história. Mas vocês aprenderão a conhecê-la e a amá-la. Agora lhes pergunto: que missão os traz às Terras Profundas?

Antes que Brejeiro a impedisse, Jill soltou o verbo:

– Por favor, estamos procurando o príncipe Rilian, de Nárnia. – E só então se deu conta do quanto se arriscara. Mas o cavaleiro não se mostrou interessado, dizendo vagamente:

– Rilian? Nárnia? Que país é este? Nunca ouvi falar neste nome. Deve estar a milhares de quilômetros das partes do Mundo de Cima que eu conheço. Mas que idéia estranha a de procurar, como é mesmo o nome?... o príncipe Bilian? Trilian?... no reino da minha dama. Tanto quanto eu saiba, esse homem não está por aqui. – E deu uma risada alta ao dizer isso.

Jill disse para si mesma: “Acho que é isso que está errado na cara dele! Será que ele é meio maluco?”

– Disseram-nos para procurar uma mensagem nas pedras da cidade em ruínas – informou Eustáquio. – E lá encontramos as palavras DEBAIXO DE MIM.

O cavaleiro riu-se ainda com mais vontade.

– Pois estão completamente errados. Essas palavras não significam nada para a busca de vocês. Se tivessem perguntado à dama, ela lhes teria aconselhado melhor. Pois essas palavras são o que resta de um texto mais longo, que, nos velhos tempos, como ela bem se lembra, consistia nestes versos:

Sob a Terra agora destronado estou,
Embora tenha tido, quando vivo,
A Terra inteira debaixo de mim.

– Conclui-se claramente – continuou o cavaleiro – que algum grande rei dos antigos gigantes, que ali jaz enterrado, ordenou que esse epitáfio fosse talhado na pedra; com o tempo, sobraram apenas três palavras. Engraçado é terem acreditado que essas palavras pudessem ter sido escritas para vocês.

Foi como jogar água fria em Eustáquio e Jill, pois parecia-lhes agora muito improvável que as palavras tivessem alguma coisa a ver com a sua peregrinação; tudo não passava de um acaso.

– Não liguem para ele – disse Brejeiro. – Não existem acasos. Nosso guia é Aslam; e ele estava presente quando o rei ordenou que as letras fossem gravadas; e já sabia todas as coisas que viriam, inclusive *esta*.

– Esse guia de vocês deve ter vivido um bocado, meu amigo – disse o cavaleiro com mais uma das suas risadas, que Jill já começava a achar um pouco irritantes.

– Pois me parece, Alteza – observou Brejeiro –, que a sua dama também deve ter vivido um bocado, já que se lembra dos versos como foram gravados.

– Muito perspicaz, Cara de Sapo! – disse o cavaleiro, dando um tapinha no ombro de Brejeiro e caindo outra vez na risada. – E a verdade é que acertou no alvo. Ela é de raça divina, acima da velhice e da morte. Por

isso mesmo ainda sou mais reconhecido a ela, ao conceder a um miserável mortal como eu a sua infinita bondade. Pois saibam que sou um homem atormentado por estranhas aflições, e ninguém, a não ser a rainha, teria paciência comigo. Prometeu-me um grande reino no Mundo de Cima, e, quando eu for rei, ela me dará a mão em casamento. Mas é uma história longa demais para ser ouvida em pé e em jejum. Ei, servos! Tragam vinho e comidas de Cima para os meus convidados. Sentem-se, por obséquio. Sente-se nesta cadeira, gentil senhorita. Vocês saberão de tudo.

11
NO CASTELO ESCURO

Quando a refeição foi servida (pombo, presunto, salada e doces), e todos começaram a comer, o cavaleiro negro prosseguiu:

– Vocês antes de tudo precisam saber, meus amigos, que nada sei sobre quem fui desde que cheguei a este Mundo Escuro. Não me lembro de qualquer outro tempo no qual não estivesse morando, como agora, na corte desta celestial rainha; tenho a impressão de que ela me salvou de algum feitiço e para cá me trouxe em virtude de sua inexcedível bondade. (Meu amigo Pé-de-Sapo, sua taça está vazia. Permita, por favor, que eu lhe sirva.) Isso me parece muito provável, pois até o momento sou vítima de um encantamento, do qual só a minha dama tem o poder de livrar-me. Há uma hora, todas as noites, na qual o meu espírito transforma-se horrivelmente e, logo depois, o meu corpo. Pelo espírito, passo por uma crise de fúria, que me faria precipitar-me sobre o melhor amigo para matá-lo, caso não me amarrassem. Depois, tomo a forma de uma grande serpente, esfomeada, venenosa, mortal. (Por favor, jovem cavalheiro, queira servir-se um pouco de pombo.) Assim me dizem, e deve ser verdade, pois a minha dama diz a mesma coisa. Quanto a mim mesmo, não sei de nada, pois, passada a hora, desperto esquecido de meu vil acesso, em perfeitas condições físicas e espirituais... apenas um tanto ou quanto fatigado. (Senhorita, prove um desses bolos de mel que vieram de uma terra bárbara do extremo sul do mundo.) A rainha sabe, por virtude de sua arte sobrenatural, que me libertarei do encantamento quando ela mesma me fizer rei de uma terra do Mundo de Cima. Essa terra já está praticamente escolhida, assim também como o lugar da nossa ultra-passagem para Cima. Os terrícolas trabalham dia e noite cavando o acesso, e tão adiantados estão que os habitantes superiores estão pisando poucos metros acima do Mundo Escuro. A hora e vez desses habitantes superiores está próxima. Ela própria visita a escavação esta noite, e só aguardo um recado para ir encontrá-la. O delgado

teto de terra que me separa do meu reino será rompido; com ela servindo-me de guia e mil homens à minha retaguarda, avançarei no meu cavalo para cair de chofre sobre os meus inimigos; eliminarei os principais cabeças, dominarei as praças fortes e, sem dúvida, serei coroado rei em vinte e quatro horas.

– Que sorte a deles! – exclamou Eustáquio.

– Ah, que perspicácia tem este rapaz! – exclamou por sua vez o cavaleiro. – Palavra de honra, nunca tinha pensado nisso antes. Estou entendendo o que você quer dizer. – Por um momento o cavaleiro pareceu levemente, muito levemente, perturbado; mas seu rosto logo se desanuviou e rompeu numa daquelas sonoras risadas: – Que coisa mais cômica e ridícula pensar que eles continuam na vidinha deles, sem lhes passar pela cabeça que debaixo de seus campos tranqüilos, ali pertinho, está um grande exército pronto a irromper da terra como água de uma fonte! Nunca suspeitaram de nada! Mas, logo que passar a dor da derrota, eles próprios acabarão achando graça no que aconteceu.

– Pois eu não vejo a graça – disse Jill. – Para mim você será apenas um cruel tirano.

– Hein? – fez o cavaleiro, rindo-se ainda e dando palmadinhas nervosas na cabeça da menina. – A senhorita por acaso dedica-se à política? Nada receie, minha graça. Governarei essa terra sob a constante orientação da minha dama, que será aliás a minha rainha. Sua palavra será a minha lei, assim como a minha palavra será a lei do povo por nós conquistado.

– No lugar de onde eu venho – disse Jill, cada vez gostando menos dele –, não é grande coisa a reputação dos homens mandados pelas mulheres.

– Pois vai pensar diferente quando tiver o seu homem – disse o cavaleiro, achando isso engraçadíssimo. – Com a minha dama é diferente. Ficarei contente de obedecer a quem me salvou de milhares de perigos. Mãe alguma no mundo fez para o filho o que ela fez para mim. Vejam só: apesar de todas as suas obrigações e trabalhos, várias vezes percorreu comigo o Mundo de Cima, para habituar meus olhos à luz do Sol. Vou na minha armadura, com a viseira abaixada, a fim de que homem algum veja o meu rosto e eu não fale com ninguém. Por arte mágica ela descobriu que isso

criaria dificuldades à conjuração do sortilégio que pesa sobre mim. Assim, pois, não se trata de uma dama digna do culto fanático de um homem?

– Parece mesmo uma dama fora de série – falou Brejeiro, com uma inflexão que significava exatamente o oposto.

Já estavam cheios daquela conversa antes que o prato de sopa esvaziasse. Brejeiro pensava: “Gostaria de saber qual a jogada que essa feiticeira está tramando com esse jovem tolo.” Eustáquio pensava: “Que criação, francamente; amarrado à roda da saia daquela mulher, o bobão.” E Jill pensava: “Esse aí é o sujeito mais bobo, mais metido a besta, mais egoísta que vi nos últimos anos!”

Mas quando terminou a refeição, os modos do cavaleiro negro haviam mudado. A risada desaparecera.

– Meus amigos – falou ele –, minha hora está próxima. Apesar do meu horror de ficar sozinho, tenho vergonha de que me vejam agora. Eles vão entrar e amarrar meus pés e minhas mãos naquela cadeira. Que se há de fazer? Pois em meu acesso (dizem), eu destruiria tudo o que estivesse ao meu alcance.

– Entendo – falou Eustáquio – e sinto muito pela sua maldição, é claro, mas o que esses caras farão conosco quando chegarem para amarrá-lo? Falavam em trancar a gente na cadeia. E não apreciamos muito aquelas escuridões. Preferimos muito mais ficar aqui até que você... se sinta melhor... se for possível...

– Bem pensado – respondeu o cavaleiro. – O costume é ninguém ficar comigo durante a minha hora, a não ser a rainha. Não admitiria que outros ouvissem as palavras que pronuncio durante o acesso. O problema é convencer os gnomos. Acho que já estão subindo a escada. Entrem por aquela porta e se escondam. Fiquem lá até que voltem e me desamarrem; ou, se quiserem, voltem para cá e assistam ao meu delírio.

Os três aceitaram a sugestão. A porta, felizmente, dava para um corredor iluminado. Experimentaram várias portas e encontraram (o que lhes fazia muita falta) água corrente e até um espelho. Disse Jill :

– Ele nem para nos oferecer uma pia antes da ceia. Egoísta sujo!

– Quero saber uma coisa – disse Eustáquio. – Vamos ficar aqui ou vamos assistir ao encantamento?

– Acho melhor ficar aqui – disse Jill, sem dominar, no entanto, a própria curiosidade.

– Nada disso: iremos para lá – falou Brejeiro. – Podemos obter uma informação qualquer. Não ponho a mão no fogo por aquela rainha; só pode ser uma bruxa, uma inimiga. Aqueles terrícolas não vão demorar a nos dar uma paulada na cabeça. Há um cheiro forte de perigo e de mentira, de mágica e de traição nesta terra; um cheiro que nunca senti em minha vida. Olho vivo, orelha em pé!

Voltaram ao corredor e empurraram levemente a porta.

– Tudo bem – disse Eustáquio, querendo dizer que os terrícolas não estavam mais por lá.

Voltaram todos assim para a sala onde tinham ceado.

A porta principal agora estava fechada, escondendo a cortina pela qual tinham entrado. O cavaleiro negro estava sentado numa estranha cadeira de prata, à qual se achava amarrado pelos tornozelos, joelhos, cotovelos, pulsos e cintura. Com a testa gotejada de suor, mostrava um rosto angustiado.

– Entrem, meus amigos – disse ele, erguendo depressa os olhos. – Ainda não chegou o acesso. Não façam barulho, pois falei para o fofoqueiro do camareiro que vocês estavam dormindo. Agora... estou começando a sentir. Depressa! Escutem enquanto sou dono de mim. Durante o acesso, pode ser que eu lhes implore, que os ameace para que me desamarrem. Dizem que faço isso. Posso pedir em nome do que há de mais sagrado e do que há de mais horrível. Mas não me obedeçam. Fechem o coração e os ouvidos. Enquanto eu estiver amarrado, estarão salvos. Mas se eu me livrar desta cadeira, terei primeiro um ataque de fúria e depois – ele estremeceu – serei transformado em monstruosa serpente.

– De nossa parte pode ficar tranqüilo – disse Brejeiro –, ninguém irá soltá-lo. Não estamos com a menor vontade de enfrentar um homem selvagem e muito menos uma serpente.

– Isso mesmo – disseram Eustáquio e Jill ao mesmo tempo.

– De qualquer jeito – acrescentou Brejeiro num cochicho –, é melhor não ficarmos tão confiantes. Já estragamos outras coisas. Ele vai ficar astuto quando a coisa começar, podem crer. Podemos confiar uns nos outros?

Vamos prometer todos que, aconteça o que acontecer, não tocaremos nessas cordas. Prestem atenção: aconteça o que acontecer, diga ele o que disser!

– Claro! – disse Eustáquio. E Jill :

– Não existe neste mundo nada que ele diga que me faça mudar de opinião.

– Silêncio. Está acontecendo alguma coisa – disse Brejeiro.

O cavaleiro começava a gemer. Seu rosto estava pálido como cal. O corpo se contorcia nas amarras. Por compaixão dele ou por outro motivo qualquer, Jill o achava agora melhor pessoa do que antes.

– Ah – gemeu o cavaleiro – o encantamento... as teias geladas, duras e viscosas da magia negra. Arrastado pelas profundezas da terra, pela negra escuridão... há quantos anos? Há quanto tempo estou na fossa? Há dez anos? Há mil anos? Estas larvas humanas que me rodeiam por todos os lados! Oh, piedade! Quero sair, quero voltar. Quero sentir de novo o vento e contemplar o céu... Havia um poço. Quando eu olhava lá dentro via as árvores de cabeça para baixo, tão verdes, e mais abaixo, no fundo profundo, o céu azul.

Falava em voz baixa, mas ergueu a testa e fixou os olhos neles, dizendo com voz clara:

– Depressa! Estou bem agora. Todas as noites é assim. Se pudesse livrar-me desta cadeira, continuaria bem para sempre. Seria outra vez um homem. Todas as noites eles me amarram, e todas as noites a minha esperança se desfaz. Mas vocês não são inimigos. Não sou prisioneiro de vocês. Depressa! Cortem as amarras.

– Não se mexam! – comandou Brejeiro.

– Imploro que me ouçam – disse o cavaleiro, esforçando-se para falar com serenidade. – Disseram que se eu me libertar da cadeira iria matá-los e virar uma serpente? Pela expressão de vocês, foi o que disseram. É mentira! Agora, neste momento, é que estou em minhas condições normais: durante o resto do tempo vivo enfeitiçado. Vocês não são terrícolas, nem a menina é uma feiticeira. Vão ficar do lado deles? Cortem as amarras, por obséquio.

– Não se mexam! Não se mexam! – disseram os três.

– Corações de pedra – disse o cavaleiro. – Acreditem em mim: contemplam um desgraçado que já sofreu mais do que um mortal poderia suportar. Que mal lhes fiz? Por que ajudam o inimigo a manter-me nesta infelicidade? Os minutos correm. Agora poderão salvar-me. Terminada a hora, ficarei novamente sem juízo... voltarei a ser o brinquedo, o cachorrinho, o instrumento de uma diabólica feiticeira que planeja a desgraça dos humanos. E logo hoje, que ela não está, vocês me privam de uma chance que poderá jamais reaparecer!

– Isso é de matar! Teria sido melhor se a gente tivesse ficado lá dentro até que terminasse o acesso – disse Jill.

O prisioneiro começou a esganiçar.

– Soltem-me! Quero a minha espada! Minha espada! Durante mil anos os terrícolas se lembrarão da minha vingança!

– O delírio está começando – disse Eustáquio. – Espero que estes nós agüentem o repuxo.

– Pois é – disse Brejeiro. – Vai ficar com a força duplicada. E eu não sou muito bom na espada. Ele vai nos liquidar primeiro e Jill ficará para enfrentar a serpente.

O prisioneiro estava tão tenso que as amarras lhe cortavam os pulsos e tornozelos.

– Cuidado! – disse ele. – Cuidado! Uma noite parti as amarras. Mas a feiticeira estava aqui. Livrem-me agora, e serei seu amigo. Do contrário, serei um inimigo mortal.

– Esperto, hein? – falou Brejeiro.

– De uma vez por todas – bradou o prisioneiro –, peço que me libertem. Em nome de todos os terrores, em nome de todos os amores, em nome dos céus luminosos do Mundo de Cima, em nome do grande Leão, do próprio Aslam, eu ordeno...

– Oh! – gritaram os três como se doesse.

– É o sinal – disse Brejeiro.

– A *palavra* anunciada pelo sinal – replicou Eustáquio, mais cauteloso.

– E agora? – clamou Jill.

Terrível problema. De que valia ter prometido jamais libertar o cavaleiro, se o fizessem agora? Por outro lado, de que valia ter aprendido o valor dos sinais caso não obedecessem a eles? Aslam desejaria que eles soltassem qualquer um... mesmo um doido varrido... que pedisse em seu nome? Ou poderia ser uma coincidência? E se a rainha do Submundo, sabendo a respeito dos sinais, tivesse ensinado ao cavaleiro o nome de Aslam para atraí-los à armadilha? Mas, supondo que fosse de fato o sinal... Já tinham falhado em três; seria demais deixar fugir o quarto.

– Se a gente pelo menos soubesse! – suspirou Jill.

– Acho que sabemos – disse Brejeiro.

– Acha que dará tudo certo se o desamarrarmos? – perguntou Eustáquio.

– Não, isso eu não sei – respondeu Brejeiro. – Vejam: Aslam não contou para Jill o que aconteceria. Disse apenas o que fazer. Esse sujeito vai ser a nossa morte, não tenho a menor dúvida. Mas, mesmo assim, não podemos deixar de obedecer aos sinais.

Miraram-se com os olhos luzindo e assim ficaram durante aqueles detestáveis instantes.

– Pronto! – gritou Jill subitamente. – Vamos logo. Adeus, pessoal! – Despediram-se, enquanto o cavaleiro começava a berrar e a botar espuma pela boca.

– Vamos, Eustáquio – disse Brejeiro. Puxaram as espadas e caminharam até o cativo.

– Em nome de Aslam – disseram, passando imediatamente a cortar as amarras.

Ao ver-se livre, o cavaleiro negro cruzou a sala decidido e empunhou a própria espada (que estava sobre a mesa).

– Você em primeiro lugar! – bradou, atacando a cadeira de prata.

Devia ser uma excelente espada. A prata cedeu a seu gume, e num momento só uns fragmentos brilhantes da cadeira restavam no chão. Mas, ao ser destroçada, a cadeira soltou um clarão, trovejando; um cheiro nauseabundo percorreu a sala.

– Fique aí, imundo instrumento de feitiçaria — disse ele –, para que jamais sirva ao tormento de outra vítima.

Observou então seus salvadores; o que havia de errado na sua expressão, fosse o que fosse, desaparecera.

– Não me diga! – bradou, ao dar com Brejeiro. – Será que estou vendo na minha frente um paula-ma... um paulama de verdade, um narniano?

– Ah, enfim já ouviu falar de Nárnia?! – disse Jill.

– Tinha me esquecido quando enfeitiçado. Bem, agora esta e outras artes do diabo chegaram ao fim. Conheço bem Nárnia, estejam bem certos, pois sou Rilian, príncipe de Nárnia, filho de Caspian, o Grande.

– Real Alteza – murmurou Brejeiro, vergando um joelho (e as crianças o imitaram) –, aqui viemos apenas para buscá-lo.

– E quem são os outros dois libertadores? – perguntou o príncipe, voltando-se para Eustáquio e Jill.

– Fomos enviados por Aslam de além do fim do mundo para que o encontrássemos, Alteza – respondeu Eustáquio. – Meu nome é Eustáquio. Viajei com seu pai até a Ilha de Ramandu.

– Tenho para com os três uma dívida que jamais poderei pagar – disse o príncipe. – Mas... meu pai... ainda está vivo?

– Viajou para o Oriente antes que deixássemos Nárnia, meu senhor – informou Brejeiro. – Mas Vossa Alteza deve considerar que o rei está muito idoso. Tem uma possibilidade em dez de sobreviver à viagem.

– Está velho, diz você. Por quanto tempo então estive sob o poder da bruxa?

– Há mais de dez anos que Vossa Alteza se perdeu na floresta ao norte de Nárnia.

– Dez anos! – exclamou o príncipe, levando a mão ao rosto como se quisesse limpar-se do tempo. – Acredito. Pois agora que sou eu mesmo posso me lembrar de minha existência encantada, embora não pudesse saber quem eu era quando vivia sob a maldição. E agora, meus amigos... um momento! Ouço as passadas deles nos degraus. Não é de enlouquecer essa pisada de novelo de lã? Feche a porta, rapaz. Não, espere. Tenho uma idéia

melhor. Vou tapear esses terrícolas, se Aslam me ajudar. Representem de acordo com o que eu fizer.

Caminhou resolutamente e escancarou a porta.

12
A RAINHA DO SUBMUNDO

Dois terrícolas surgiram, mas não entraram na sala; postaram-se nos lados da porta e fizeram uma grande reverência. Foram seguidos logo pela última pessoa que os quatro esperavam ou desejavam ver: a Dama do Vestido Verde. A rainha do Submundo estacou imobilizada no portal. Podiam ver seus olhos se movimentando enquanto ela se inteirava de toda a situação: os três estranhos, a cadeira de prata em frangalhos, o príncipe solto, de espada em punho.

Ficou branquíssima, de um branco (pensou Jill) que sobe à face de certas pessoas, não quando estão com medo, mas quando estão furiosas. Por um instante fixou os olhos no príncipe, olhos de quem vai matar. Depois pareceu mudar de idéia.

– Saiam – ordenou aos terrícolas. – Não quero ser perturbada até que eu chame, sob pena de morte.

Os gnomos saíram com suas passadas fofas e a rainha-bruxa trancou a porta.

– Como está, meu príncipe? Seu acesso noturno ainda não veio, ou será que passou depressa? Por que está aí desamarrado? Quem são estes estrangeiros? Foram eles que destruíram sua cadeira, a sua única salvação?

O príncipe Rilian estremeceu. E não é de se admirar, pois não é fácil libertar-se em meia hora de um sortilégio que nos escravizou durante dez anos. Falando com grande esforço, disse ele:

– Senhora, não há mais necessidade desta cadeira. E a senhora, que me falou cem vezes sobre a compaixão que sentia por mim, vítima de horrendas feitiçarias, saberá com alegria que estas acabaram para sempre. Houve, parece, certo erro na sua maneira de tratá-las. Estes, meus amigos sinceros, libertaram-me. Agora, em perfeitas condições de juízo, há duas

coisas que gostaria de dizer-lhe. Primeiro: quanto ao seu desejo de enviar-me à frente de um exército para submeter o Mundo de Cima pelas armas e coroar-me rei de uma nação que jamais me fez o menor mal, assassinando seus chefes e derrocando o trono como um tirano sanguinário, agora que sou eu mesmo, devo declarar que me repugna completamente tal vilania. Segundo: sou filho do rei de Nárnia, Rilian, o filho único de Caspian X, e que alguns chamam de Caspian, o Navegador. Assim sendo, senhora, é meu dever partir imediatamente da corte de Vossa Majestade, seguindo para minha pátria. Queira conceder salvo-conduto a mim e a meus amigos, e alguém que nos guie em seu reino de sombras.

A bruxa nada disse, mas andou vagarosamente pela sala, conservando os olhos fixos no príncipe. Ao chegar a uma arca não longe da lareira, abriu-a, apanhando lá dentro um punhado de pó verde, que atirou ao fogo. Não fez o fogo arder muito, mas um aroma muito doce e inebriante encheu a sala. Durante a conversa que se seguiu o cheiro foi ficando mais intenso, dificultando o ato de pensar. Em seguida, ela pegou um instrumento meio parecido com um bandolim e começou a tocar um repenicado monótono que se fez despercebido depois de poucos minutos. Também isso atrapalhava o raciocínio. Depois de ter tocado por algum tempo, com o aroma doce cada vez mais forte, começou a dizer numa voz macia:

– Nárnia? Nárnia? Ouvi Vossa Alteza pronunciar esse nome durante os delírios. Querido príncipe, você está muito doente. Não há nenhuma terra chamada Nárnia.

– Há sim, madame – interrompeu Brejeiro. – Eu mesmo passei lá minha vida inteira.

– Que interessante! – disse a bruxa. – Mas diga-me por favor uma coisa: onde é essa terra?

– Lá em cima – respondeu Brejeiro, decidido, apontando para o teto. – Mas onde fica exatamente, não sei.

– Como assim? – perguntou a rainha, com uma risadinha musical. – Existe então um país lá em cima, no meio das pedras e do reboco do teto?

– Não – respondeu Brejeiro, respirando com certa dificuldade. – O país fica por cima. É o Mundo de Cima.

– E onde fica... como é o nome... esse Mundo de Cima?

– Oh, deixe de bancar a boba – disse Eustáquio, que lutava contra o encantamento produzido pelo doce aroma e o repenicar do bandolim. – Como se não estivesse cansada de saber! É lá em cima, lá onde você pode ver o céu, o Sol e as estrelas. Esta é boa! Você já esteve lá! Nós nos encontramos lá!

– Peço seu perdão, irmãozinho – riu-se a bruxa, uma delícia de riso. – Não me lembro desse encontro. Quando sonhamos é que costumamos encontrar os nossos amigos em lugares estranhos. Mas, a não ser que sonhemos o mesmo sonho, não é razoável pedir que se lembrem.

– Senhora – disse o príncipe gravemente –, já lhe disse que sou filho do rei de Nárnia.

– E será, meu amigo – disse a rainha numa voz ciciante, como se estivesse acalmando uma criança –, será rei de muitas terras imaginárias.

– Também estivemos lá – falou Jill com impertinência. Estava furiosa por perceber que o feitiço ia tomando conta dela.

– E você também é rainha de Nárnia, não é, minha belezinha? – disse a feiticeira, na mesma voz insinuante, mas meio zombeteira.

– Negativo – respondeu Jill, batendo com o pé. – *Nós* somos de outro mundo.

– Ah, que maravilha! Diga-me, senhorita, onde fica esse outro mundo? Quais os navios e carruagens que fazem o transporte de lá para cá?

Uma cachoeira de lembranças caiu sobre Jill : o Colégio Experimental, sua casa, aparelhos de rádio, automóveis, aviões, engarrafamento, filas. Mas pareciam imagens apagadas e distantes. *(Drum-drim-drim,* repenicava o bandolim.) Jill não conseguia lembrar-se das coisas de nosso mundo. E dessa vez não lhe ocorreu que estava sendo enfeitiçada, pois a magia atingira o auge. Surpreendeu-se dizendo (e era um alívio dizê-lo) o seguinte:

– Acho que o outro mundo deve ser um sonho.

– Claro. O outro mundo *é* um sonho – disse a bruxa, sempre repenicando.

– Um sonho – repetiu Jill.

– Nunca existiu esse mundo – disse a feiticeira. Jill e Eustáquio falaram ao mesmo tempo:

– Nunca existiu esse mundo.

– Só existe um mundo – continuou a bruxa –, o meu.

– Só existe o seu mundo – disseram eles. Brejeiro ainda tentava resistir:

– Não sei direito o que você entende por um mundo – disse, como alguém que não respira ar suficiente. – Mas pode tocar essa rabeca até que seus dedos caiam no chão; mesmo assim nunca vou me esquecer de Nárnia. E nem do Mundo de Cima. Imagino que nunca mais o veremos, pois é bem provável que o tenha obscurecido como fez a este mundo. Mas vou saber sempre que estive lá. Já vi o céu cheio de estrelas. Já vi o Sol nascendo no mar e sumindo atrás das montanhas ao cair da noite. E vi também o Sol ao meio-dia, cujo brilho nos fere a vista.

As palavras de Brejeiro tiveram um efeito estimulante. Os outros três respiraram de novo e se olharam como pessoas que despertam.

– Que Aslam abençoe o nosso bom paulama – disse o príncipe. – Estivemos sonhando. Como iríamos esquecer? Todos nós já vimos o Sol.

– É claro que sim! – gritou Eustáquio. – Muito bem, Brejeiro. Você é o único aqui que não perdeu o juízo.

E mais uma vez se ouviu a voz da feiticeira arrulhando como uma pomba-rola no alto da árvore de um velho quintal, às três horas de uma sonolenta tarde de verão:

– De que *sol* vocês estão falando? Essa palavra significa alguma coisa?

– Significa muito! – respondeu Eustáquio.

– Poderiam contar-me como é o *sol*? *(Drum-drim-drum.)*

– Por obséquio, Majestade – disse o príncipe, com fria polidez. – Vê aquela lâmpada redonda e amarela iluminando a sala? O que chamamos Sol é parecido, só que é muito maior e muito mais brilhante e ilumina todo o Mundo de Cima. E em vez de estar preso no teto, está solto no céu.

– Solto onde? – E enquanto pensavam na resposta, ela prosseguiu, com uma de suas risadinhas melodiosas: – Estão vendo? Quando vocês procuram saber o que deve ser realmente o tal de *sol*, não conseguem. Só sabem dizer que parece uma lâmpada. O *sol* de vocês é um sonho, e não há nesse sonho nada que não tenha sido copiado de uma lâmpada. A lâmpada é real; o *sol* não passa de uma invenção, uma história para crianças.

– Ah, sim, é verdade – disse Jill com uma voz pesada e sem esperança. – Deve ser isso mesmo. – E acreditava que estava sendo muito sensata.

Lenta, gravemente, a feiticeira repetia: "Não há Sol." E eles nada mais diziam. "Não há Sol" – ela repetia, com a voz mais branda e profunda. Depois de uma pausa e de um conflito em seus espíritos, todos os quatro disseram: "Certo. Não há Sol." Era um alívio desistir e reconhecer que o Sol nunca existira.

Nos últimos minutinhos Jill sentira que havia alguma coisa da qual, a todo custo, tinha de se lembrar. E agora conseguia. Era entretanto tremendamente difícil dizê-la. Sentia como se enormes fardos pesassem em sua boca. Por fim, com um esforço que pareceu exauri-la, disse:

– Aslam existe.

– Aslam? – disse a feiticeira, apressando ligeiramente o repenicado de seu instrumento. – Que lindo nome! Que significa Aslam?

– Aslam é o grande Leão que nos chamou de nosso mundo – disse Eustáquio – e aqui nos enviou em busca do príncipe Rilian.

– *Leão*, o que é um *leão?* – perguntou a bruxa.

– Ora, não amole – respondeu Eustáquio. – Não sabe? Como é que eu vou descrever um leão? Já viu um gato?

– Claro, adoro gatos – respondeu a feiticeira.

– Bem, um leão é um pouquinho... só um pouquinho, hein... parecido com um gato enorme com uma juba. E é amarelo. E é incrivelmente forte.

A feiticeira balançou a cabeça:

– Acho que o *leão* de vocês vale tanto quanto o *sol.* Viram lâmpadas, e acabaram imaginando uma lâmpada maior e melhor, a que deram o nome de *sol.* Viram gatos, e agora querem um gato maior e melhor, chamado *leão.*

É puro faz-de-conta, mas, francamente, já estão meio crescidos demais para isso. Já repararam que esse faz-de-conta é copiado do mundo real, do meu mundo, que é o único mundo? Já estão grandes demais para isso, jovens. Quanto ao meu príncipe, um homem feito, que vergonha! Brincando depois de grande! Venham. Esqueçam essas fantasias infantis. Tenho trabalho para vocês no mundo real. Não há Nárnia, não há Mundo de Cima, não há céu, nem Sol, nem Aslam. Agora, cama. E vamos começar vida nova amanhã. Primeiro, cama. Dormir. Dormir bem, um travesseirinho macio, um sono sem sonhos bobos.

O príncipe e as duas crianças estavam de cabeça caída, as faces coradas, os olhos semicerrados; fugira-lhes toda a energia, o sortilégio era quase total. Mas Brejeiro, juntando desesperadamente o resto de suas forças, caminhou até a lareira. E praticou então uma proeza de rara coragem. Sabia que não doeria tanto quanto em um ser humano, pois seus pés (sempre nus) eram membranosos, duros e frios como pés de pato. Mas sabia que iria doer bastante; mesmo assim o fez: espezinhou as brasas, apagando um pouco o fogo. Três coisas aconteceram.

Primeiro: o doce e pesado aroma diminuiu muito. O cheiro de paulama assado, que não é inebriante, predominou na sala. O cérebro de todos ficou mais limpo. O príncipe e as crianças ergueram as cabeças e abriram os olhos.

Segundo: a feiticeira, num tom terrível, completamente diferente da voz doce que havia usado até então, deu um berro:

– O que está fazendo? Se ousar tocar no meu fogo outra vez, porcalhão imundo, vou transformar em fogo o sangue de suas veias!

Terceiro: a própria dor esclareceu completamente a cabeça de Brejeiro, pois não há nada como um impacto doloroso para desfazer certas espécies de magia.

– Uma palavrinha, dona – disse ele, mancando de dor –, uma palavrinha: tudo o que disse é verdade. Sou um sujeito que gosta logo de saber tudo para enfrentar o pior com a melhor cara possível. Não vou negar nada do que a senhora disse. Mas mesmo assim uma coisa ainda não foi falada. Vamos supor que nós sonhamos, ou inventamos, aquilo tudo – árvores, relva, sol, lua, estrelas e até Aslam. Vamos supor que sonhamos: ora, nesse caso, as coisas inventadas parecem um bocado mais importantes

do que as coisas reais. Vamos supor então que esta fossa, este seu reino, seja o único mundo existente. Pois, para mim, o seu mundo não basta. E vale muito pouco. E o que estou dizendo é engraçado, se a gente pensar bem. Somos apenas uns bebezinhos brincando, se é que a senhora tem razão, dona. Mas quatro crianças brincando podem construir um mundo de brinquedo que dá de dez a zero no seu mundo real. Por isso é que prefiro o mundo de brinquedo. Estou do lado de Aslam, mesmo que não haja Aslam. Quero viver como um narniano, mesmo que Nárnia não exista. Assim, agradecendo sensibilizado a sua ceia, se estes dois cavalheiros e a jovem dama estão prontos, estamos de saída para os caminhos da escuridão, onde passaremos nossas vidas procurando o Mundo de Cima. Não que as nossas vidas devam ser muito longas, certo; mas o prejuízo é pequeno se o mundo existente é um lugar tão chato como a senhora diz.

– Boa! Viva! Cem por cento, Brejeiro! – gritaram Eustáquio e Jill.

Mas ouviu-se de súbito a voz do príncipe:

– Vejam! A feiticeira!

Quase ficaram de cabelos em pé.

O instrumento caíra-lhe das mãos. Os braços pareciam ter entrado para dentro do corpo. As pernas estavam entrelaçadas. Os pés tinham desaparecido. A cauda do vestido foi-se engrossando e acabou sólida, juntando-se com a coluna de suas pernas entrelaçadas. E essa coluna era mole, revirando-se, como se não possuísse articulações. Sua cabeça era empurrada para trás, enquanto o nariz ia ficando mais comprido, mais comprido; as outras partes do rosto foram sumindo, menos os olhos, agora uns olhos imensos e chamejantes, sem sobrancelhas nem cílios. Tudo isso exige tempo para ser escrito, mas aconteceu tão depressa que só houve tempo de ver. Antes que se pudesse fazer qualquer coisa, a transformação estava completa: a grande serpente, verde como o veneno, grossa como a cintura de Jill, já enrolara três anéis de seu repulsivo corpo nas pernas do príncipe. Rápida como um relâmpago, deu um outro bote, tentando agarrar o braço que segurava a espada. Mas Rilian ergueu os braços, safando-se; o nó vivo apertou seu peito, pronto para partir-lhe as costelas.

O príncipe agarrou o pescoço da criatura com sua mão esquerda, tentando apertá-lo até sufocá-la. A cara da feiticeira (se é que se pode chamar de cara) estava então a um palmo do rosto dele. A língua bifurcada

tremelicava horrivelmente para dentro e para fora, sem poder atingi-lo. Com a mão direita, Rilian puxou a espada e golpeou com toda a força. Eustáquio e Brejeiro também puxaram das armas e correram em auxílio. Os três golpes foram desferidos simultaneamente: o de Eustáquio (nem chegou a ferir as escamas) no corpo da serpente, abaixo da mão do príncipe; os golpes deste e de Brejeiro, no entanto, atingiram o pescoço. Não foi suficiente para matar, mas a coisa começou a soltar as pernas e o peito de Rilian. Golpes repetidos deceparam-lhe a cabeça. A medonha coisa continuou a enroscar-se e a mover-se muito tempo depois de morta. O chão ficou uma imundície.

O príncipe, quando pôde respirar, agradeceu a cooperação dos amigos. Os três vencedores ficaram olhando um para o outro, arfantes, durante longo tempo, sem uma palavra. Jill, com muita sabedoria, sentou-se a um canto e ficou quieta, pensando apenas: “Espero não desmaiar... não choramingar... nem fazer qualquer outra coisa idiota.”

– Minha mãe está vingada – disse Rilian por fim. – Sem dúvida nenhuma, era este o mesmo verme que persegui em vão perto da fonte da floresta de Nárnia, há muitos anos. Durante todo este tempo fui o escravo da assassina de minha mãe. De qualquer modo, alegra-me que a feiticeira tenha tomado a forma de uma serpente. Não ficaria bem ao meu coração e à minha dignidade matar uma mulher. Mas vamos ver a nossa dama.

Referia-se a Jill.

– Senhorita – disse o príncipe, inclinando-se –, louvo a sua grande coragem. Deve correr sangue nobre em suas veias. Venham, meus amigos. Temos ainda um pouco de vinho. Vamos a um brinde e a uma pausa antes de estabelecer nossos planos.

– Excelente idéia, Alteza – disse Eustáquio.

13
O SUBMUNDO SEM RAINHA

Naquele momento, todos sentiam merecer o que Eustáquio chamou de uma “pausa para um descanso”. A feiticeira trancara a porta, dizendo aos terrícolas que não a perturbassem; não havia assim, por enquanto, perigo de interrupção. O primeiro problema era naturalmente o pé queimado de Brejeiro. Duas camisas apanhadas no quarto do príncipe, desfeitas em tiras e untadas com manteiga e óleo de cozinha, serviram de curativo.

Depois sentaram-se para espairecer um pouco e discutir os planos de fuga.

Rilian explicou que havia muitas saídas para a superfície; já havia passado por quase todas em diversas ocasiões. Mas jamais fora sozinho, somente com a feiticeira; e sempre alcançara tais saídas depois de uma viagem de barco através do Mar sem Sol.

O que os terrícolas diriam se ele fosse até o cais sem a feiticeira, na companhia de três estrangeiros, e, sem mais nem menos, pedisse um barco, ninguém podia imaginar. O mais provável é que fizessem perguntas embaraçosas. A nova saída, destinada à invasão do Mundo de Cima, era do lado de cá do mar, a uns poucos quilômetros. Estava quase terminada, com pouquíssimos metros de terra a separá-la do céu aberto. Talvez até estivesse terminada. Era possível que a feiticeira tivesse voltado para informar-lhe isso e preparar o ataque. E, ainda que a obra não estivesse pronta, eles próprios poderiam acabá-la em poucas horas, desde que conseguissem atingi-la sem serem detidos... e desde que não houvesse guardas no túnel.

– Se querem a minha opinião – começou a dizer Brejeiro, imediatamente interrompido por Eustáquio.

– Que barulho é esse?

– É o que estou me perguntando já há algum tempo – falou Jill.

Todos de fato já estavam ouvindo o ruído, mas este começara e aumentara tão gradativamente que não sabiam quando o perceberam. Durante algum tempo fora apenas como o farfalhar de brisas ou como o barulho do trânsito ao longe. Depois era como se fosse o mar se espraiando. Então vieram estrépitos e roncos. Agora parecia haver vozes e também um bramido que não era de vozes.

– Pelo Leão – disse o príncipe Rilian –, parece que esta terra silenciosa aprendeu finalmente a falar. – Foi à janela e afastou as cortinas. Os outros juntaram-se em torno.

Um grande clarão vermelho foi a primeira coisa que notaram. O reflexo produziu uma mancha rubra no teto do Submundo a centenas de metros acima deles, e assim puderam ver um teto rochoso que talvez estivesse oculto nas trevas desde que o mundo fora criado. O clarão vinha do lado mais distante da cidade, de modo que muitos prédios, imponentes e sinistros, estampavam-se sombrios. Mas o clarão também iluminava muitas ruas que se dirigiam para o castelo. Nessas ruas algo de muito estranho se passava. As multidões compactas de terrícolas tinham sumido. No lugar delas, figuras disparavam de um lado para outro, sós ou em grupos de duas ou três. Comportavam-se como pessoas que não desejavam ser vistas: emboscando-se na sombra de colunas ou portais e lançando-se depois, rapidamente, em novos esconderijos. O mais estranho de tudo, para quem conhece os gnomos, era o barulho. Gritos vinham de todas as direções. Do cais chegava um bramido surdo que foi crescendo a ponto de quase fazer estremecer toda a cidade.

– O que está acontecendo? – perguntou Eustáquio. – Estão mesmo berrando?

– Não creio – respondeu o príncipe. – Nunca ouvi nenhum desses salafrários ao menos erguer um pouco a voz em todos esses anos de cativeiro. Alguma novidade diabólica, não pode haver dúvida.

– E aquela luz vermelha lá em cima? – perguntou Jill. – Será que alguma coisa está pegando fogo?

– Se você me perguntasse – interveio Brejeiro – eu diria que é o fogo central da terra irrompendo para produzir um novo vulcão. Estaremos bem na boca, é claro.

– Vejam aquele barco! – disse Eustáquio. – Por que vem tão depressa? E não tem remador!

– Olhem, olhem! – bradou o príncipe. – O barco está em cima da rua! Olhem lá! Todos os barcos estão entrando pela cidade. O mar está subindo. Este castelo, louvado seja Aslam, está bem no alto, mas as águas estão subindo terrivelmente depressa.

– Que diabo pode estar acontecendo? – perguntou Jill. – Fogo e água e aquela gente esquivando-se pelas ruas.

– Vou dizer-lhes o que se passa – disse Brejeiro.

– A feiticeira lançou eflúvios mágicos para que o seu reino fosse destroçado depois de sua morte. Não se importava muito de morrer, desde que também morresse queimado, ou enterrado, ou afogado, aquele que a matasse.

– Acertou no alvo, meu amigo – disse o príncipe. – Quando nossas espadas deceparam a cabeça da feiticeira, os golpes puseram fim ao seu poder de magia: as Terras Profundas estão se arrastando. Estamos assistindo ao fim do Submundo.

– Exatamente, Alteza – falou Brejeiro. – A não ser que seja o fim de todos os mundos.

– Espere aí, gente: vamos ficar aqui... aguardando? – perguntou Jill.

– Não por mim – respondeu o príncipe. – Vou salvar meu cavalo e o da feiticeira (um nobre animal, que merecia um dono melhor); estão no está-bulo do pátio. Depois vamos procurar uma terra mais alta e torcer para encontrar uma saída. Cada cavalo poderá levar dois; creio que conseguirão atravessar a correnteza.

– Por que Vossa Alteza não coloca a armadura? – perguntou Brejeiro. – Não gosto do jeito daqueles ali – e apontou para a rua. Dezenas de criaturas (percebiam agora que se tratava de terrícolas) vinham do caís. Mas não caminhavam como uma multidão sem objetivo. Agiam como soldados de uma tropa de assalto, ocultando-se depois de cada corrida, procurando não ser vistos das janelas do castelo.

– Não tenho coragem de meter-me outra vez dentro daquela armadura – disse o príncipe. – Cavalguei naquilo como se estivesse dentro

de um calabouço ambulante; aquilo cheira mal, a magia e escravidão. Mas pegarei o meu escudo.

Deixou a sala e voltou com um estranho brilho nos olhos:

– Vejam só, meus amigos – e exibiu o escudo para eles. – Há uma hora este escudo era negro e não tinha emblema. Vejam agora. – Brilhava como prata e, mais rubra do que uma cereja, estampava-se nele a figura do Leão. – Sem dúvida – continuou o príncipe – isso quer dizer que Aslam será nosso guia, quer nos reserve a morte ou a vida. Ajoelhemos primeiramente para beijar sua imagem; depois apertemos as mãos uns dos outros, como sinceros amigos que em breve se despedem. Desceremos em seguida à cidade e aceitaremos o nosso destino.

O príncipe abriu a porta, e desceram as escadas: os três com as espadas em punho e Jill com seu canivete. Os serviçais tinham desaparecido e a sala estava vazia. As luzes cinzentas e lúgubres ainda ardiam, não sendo assim difícil vencer uma galeria depois de outra e descer as numerosas escadas. Os ruídos do lado de fora do castelo já não eram tão perceptíveis como antes. Tudo continuava quieto e abandonado. Só quando dobraram um corredor que dava para o salão nobre é que encontraram o primeiro terrícola – uma criatura gorda e esbranquiçada, com uma cara de leitão, e que estava a deglutir vorazmente os restos de comida deixados sobre as mesas. Guinchou (e esse guincho também lembrava a voz dos porcos), sumiu para debaixo de um banco, sacudindo a cauda, e antes que Brejeiro o atingisse, disparou na direção da porta sem que pudesse ser perseguido.

Do salão passaram ao pátio. Jill, que freqüentara uma escola de equitação aos domingos, sentiu o cheiro de estábulo (um cheiro simpático e familiar quando aspirado num lugar como o Submundo).

– Caramba! – disse Eustáquio – Olhem ali! Um belo foguete subia de alguma parte e estourava em lágrimas verdes.

– Fogos de artifício! – exclamou Jill, intrigada.

– Certo – disse Eustáquio –, mas não vá pensar que esses terrícolas estão se divertindo. Deve ser um sinal.

– Um sinal vermelho para nós, apesar de verde – disse Brejeiro.

– Amigos – disse o príncipe –, quando um homem se lança numa aventura como esta, deve dar adeus à esperança e ao medo; do contrário,

tanto a morte quanto a libertação podem não chegar a tempo de salvar-lhe a honra e a razão. Alô, belezas! – com esta frase, abriu o estábulo. – Quieto, Carvão! Calma, Floco de Neve!

Os cavalos estavam assustados com as luzes estranhas e com o barulho. Jill, que se sentira tão acovardada ao caminhar por um buraco escuro, aproximou-se sem medo dos bichos inquietos, ajudando o príncipe a colocar arreios e rédeas. Estavam lindos ao cruzar o pátio, meneando a cabeça. Jill montava Floco de Neve com Brejeiro à garupa. Com um ecoar de cascos, atravessaram o portão principal e ganharam a rua.

– Bem, não corremos o risco de morrer queimados – observou Brejeiro, apontando à direita. – Gosto de olhar sempre o lado bom das coisas. – A água batia ruidosamente contra as paredes das casas.

– Coragem! – disse o príncipe. – Esta rua é uma boa ladeira. A água subiu apenas até a metade da colina mais alta. Deve subir muito na próxima meia hora e pouco nas próximas duas horas. Tenho mais medo daquilo... – e apontou com a espada para um comprido terrícola com focinho de javali, seguido de mais uns seis de formas sortidas, que tinham deslizado de uma esquina e se ocultado na sombra.

O príncipe os conduzia, sempre na direção do clarão avermelhado, um pouquinho mais para a esquerda. Seu plano era contornar o fogo (caso fosse fogo) e subir às terras altas, na esperança de encontrar o caminho do túnel novo. Ao contrário dos outros três, parecia bem satisfeito. Assoviava e às vezes cantarolava uma velha balada sobre o lendário Corin Punhos de Ferro, da Arquelândia.

A verdade é que estava tão feliz por ter-se libertado da magia negra, que os perigos do presente não passavam de uma brincadeira. Para os outros, é claro, a cavalgada era tenebrosa.

Atrás deles ouvia-se o ruído de barcos abalroados ou de prédios que desabavam. Acima via-se a grande mancha de luz lúgubre. À frente, o misterioso clarão. Da mesma direção chegava um continuado alarido de gritos, choros, assovios, risos, guinchos, bramidos. Fogos de artifício riscavam o ar. Ninguém era capaz de imaginar o que significavam. Nas cercanias, a cidade era em parte iluminada pelo clarão e pelas diferentes luzes dos sinistros lampiões dos gnomos. Mas existiam muitos lugares sem luz alguma, mergulhados em treva. Desses lugares ou para eles é que saíam

ou entravam correndo os terrícolas, sempre de olhos pregados nos quatro, sempre aflitos em busca de esconderijos. Havia carinhas e carões, olhões de peixe e olhinhos de urso. Havia alguns emplumados, outros peludos, outros com chifres e trombas, alguns com nariz em tira, outros de queixo tão comprido que batia no peito. Às vezes um grupo chegava bem perto. O príncipe brandia a espada e fingia atacá-los. E as criaturas, com todos os tipos de pios, guinchos e cacarejos, mergulhavam nas sombras.

Quando já tinham subido várias ladeiras e se achavam longe da inundação, quase fora da cidade, a coisa começou a ficar mais séria. Estavam próximos do clarão vermelho, embora ainda não soubessem o que fosse. Os inimigos, entretanto, podiam ser vistos com mais nitidez. Centenas – talvez milhares – de gnomos vinham na direção deles. Mas aproximavam-se em investidas curtas; quando paravam, encaravam os quatro cavaleiros.

– Se Sua Alteza me perguntasse – disse Brejeiro –, eu ia dizer que aqueles caras pretendem cortar a nossa frente.

– É o que eu também acho. E não poderemos romper uma coluna tão numerosa. Vamos levar os cavalos para bem perto daquela casa. Chegando lá, apeie e corra para a sombra. A senhorita e eu iremos uns passos adiante. É claro que algum desses capetas irá nos seguir; então você, que tem os braços compridos, pegue um deles vivo (se conseguir). Podemos arrancar alguma verdade dele ou saber o que têm contra nós.

– Mas os outros todos não vão cair sobre nós para salvar o companheiro? – perguntou Jill, esforçando-se para que sua voz não saísse trêmula.

– Se acontecer isso, minha dama, morreremos em combate para protegê-la; encomende-se pois à proteção do Leão. Agora, Brejeiro!

O paulama deslizou para a sombra como um gato. Os outros continuaram. De repente, ouviram-se gritos de gelar o coração, misturados à voz de Brejeiro: “Quieto! Assim você acaba se machucando. Puxa! Parece um porco entrando na faca.”

– Boa caçada – exclamou o príncipe, voltando à sombra da casa. – Eustáquio, por favor, segure as rédeas de Carvão.

Apeou. Os três se olharam em silêncio quando Brejeiro trouxe a presa para a luz. Era um pobre gnominho com menos de um metro. Tinha uma espécie de crista de galo no alto da cabeça, olhinhos rosados, a boca e o queixo tão grandes que parecia um mini-hipopótamo. Se não estivessem numa situação tão difícil, teriam caído na gargalhada.

– Bem, terrícola – disse o príncipe, mantendo a espada pertinho do pescoço do prisioneiro. – Agora você vai falar como um gnomo de bem, para conquistar a liberdade. Banque o patife conosco e será um terrícola morto... – e voltando-se para Brejeiro: – Meu caro, como é que o gnomo poderá falar se você está lhe tapando a boca?

– E também não poderá morder – disse Brejeiro. – Se eu tivesse a mão fraca e mole que vocês humanos têm (com todo o respeito a Vossa Alteza). Agora já estaria sangrando. Nem mesmo um paulama agüenta ser tão mastigado.

– Meu velho – o Príncipe disse para o gnomo –, uma mordida e você morre. Deixe que ele abra a boca, Brejeiro.

– *Oo-ee-ee* – guinchou o terrícola. – Solte-me! Solte-me! Não fui eu. Não fui eu que fiz isso.

– Não fez o quê? – perguntou Brejeiro.

– O que Vossas Senhorias estão dizendo que eu *fiz* – respondeu a criatura.

– Diga-me como se chama – disse o Príncipe – e o que vocês terrícolas estão tramando hoje.

– Ah, por favor, gentis cavalheiros – choramingou o gnomo. – Prometam que não contarão à reverendíssima Rainha nada do que vou contar.

– A reverendíssima Rainha, como você a chama – disse o Príncipe, muito sério –, está morta. Fui eu que a matei.

– O quê? – exclamou o gnomo, escancarando sua boca ridícula, espantado. – Morta? A feiticeira morreu? E pelas mãos de Vossa Senhoria?

Ele deu um profundo suspiro de alívio e acrescentou:

– Bem, então Vossa Senhoria é um amigo!

O príncipe puxou a espada um centímetro ou dois. Brejeiro deixou a criatura ficar de pé. O gnomo olhou para os quatro viajantes, piscando seus olhos vermelhos, deu uma ou duas risadinhas e começou.

14
O FUNDO DO MUNDO

– Meu nome é Golgo – disse o gnomo. – Vou dizer tudo o que sei. Há cerca de uma hora, estávamos todos indo para o trabalho – o trabalho dela, quero dizer – quietos e tristes como sempre. De súbito aconteceu um grande estrondo. E cada um de nós pensou: “Ei, o que é isso? Há anos e anos que não canto, não danço, nem solto um buscapé! Eu devia estar encantado. Ora, não vou carregar mais este peso, dane-se.” E nós todos atiramos no chão sacos, pacotes, ferramentas. E aí todos vimos aquele grande clarão vermelho. Todo mundo pensou: “O que será isso? Qualquer coisa deve ter-se arrebentado e um belo clarão entrou aqui vindo da Terra Realmente Profunda, milhares de metros lá embaixo.”

– Caramba! – exclamou Eustáquio. – Ainda existem outros lugares embaixo deste?

– Oh, existem! – respondeu Golgo. – Lindos lugares; é o que chamamos de Bismo. Este país, o país da feiticeira, é o que nós chamamos de Terras Rasas. São muito próximas da superfície. Puxa! Horrível! É quase como se a gente estivesse vivendo lá fora. Somos apenas pobres gnomos de Bismo, trazidos aqui por força dos chamados mágicos da feiticeira. Ela precisava de mão-de-obra. Tínhamos esquecido de tudo até que o estrondo quebrou o encantamento. A gente não sabia mais quem era e de onde era. Só pensava o que ela punha dentro das nossas cabeças. Durante estes anos todos só tivemos pensamentos sombrios e tristes. Cheguei quase a esquecer como contar uma piada ou dançar. Mas no instante em que o estrondo aconteceu, e uma brecha se abriu, e o mar começou a subir, eu me lembrei de tudo. É claro que buscamos logo o caminho da brecha para voltar à pátria. Vocês podem ver os meus companheiros lá em cima soltando fogos de artifício. Ficarei muito agradecido se me soltarem logo.

– Que coisa maravilhosa – exclamou Jill. – Que bom a gente ter libertado também os gnomos ao decepar a cabeça da serpente. Que bom saber que eles não são de fato sinistros, como o príncipe também não era... bem, aquilo que ele parecia ser.

– Tudo muito certinho, Jill – disse, cauteloso, Brejeiro. – Mas para mim estes gnomos não estão apenas fugindo. Parecem mais uma expedição militar. Olhe bem nos meus olhos, Sr. Golgo: vocês estão ou não estão se preparando para uma batalha?

– É claro que estamos – respondeu Golgo. – Ninguém sabia que a feiticeira estava morta. A gente acreditava que ela estivesse espiando do castelo. Estávamos tentando cair fora sem ser vistos. Quando vocês apareceram a cavalo com as espadas, todo mundo pensou: "É agora." Não sabíamos que vocês não eram a favor da feiticeira. E estávamos dispostos a lutar até o fim, mas não desistir da esperança de voltar para Bismo.

– Juro que aqui está um gnomo honesto – disse o príncipe. – Pode soltá-lo, Brejeiro. Fique sabendo, meu bom Golgo, que também estive encantado como você e seus amigos, e só há pouco me recuperei. Mais uma perguntinha: sabe o caminho para as escavações do túnel novo, aquele por onde a bruxa queria conduzir o exército?

– Riiii – ganiu Golgo. – Claro; conheço esse caminho horroroso. Vou lhe mostrar onde começa. Mas não me peça para ir com vocês: prefiro a morte.

– Por quê? – perguntou Eustáquio, aflito. – Que há de tão terrível?

– Perto demais do Sol – disse Golgo, com um arrepio. – Foi a pior coisa que a feiticeira nos fez. íamos ser levados para o *aberto*... para o lado de fora do mundo. Dizem que lá não existe teto: só um vasto vazio chamado céu. E as escavações andam tão adiantadas que mais umas picaretadas furam o resto do teto. Não quero nem chegar perto.

– Oba, oba! – exclamou Eustáquio. – Agora sim você está falando bonito!

E Jill acrescentou:

– Mas o lugar não é horrível como você pensa. Gostamos de lá. Moramos lá.

– Sei disso. Mas pensava que só moravam lá porque não sabiam o caminho para cá. Só não acredito que gostem mesmo de lá... de viver como moscas no topo do mundo!

– Que tal se nos mostrasse logo o caminho? – perguntou Brejeiro.

– Boa idéia – disse o príncipe.

Partiram todos. O príncipe e Brejeiro subiram no cavalo; Golgo abria o cortejo. À medida que avançava, ia gritando a boa nova: a feiticeira estava morta e os quatro cavaleiros do Mundo de Cima não eram perigosos. Os que ouviam iam gritando a sensacional notícia para os outros e, em poucos minutos, todo o Submundo estava em festa com gritos e vivas; aos milhares, os gnomos vinham saltando, dando cambalhotas, plantando bananeiras, rodeando Carvão e Floco de Neve. O príncipe teve de contar a história do encantamento e da libertação pelo menos umas dez vezes.

Foi assim que acabaram chegando à beira da fenda. Tinha mais de trezentos metros de comprimento e uns duzentos de largura. Desceram dos cavalos e foram olhar da beira da fenda. Um calor forte bateu-lhes no rosto, misturado a um cheiro bem diferente de todos os outros conhecidos: intenso, agudo, excitante, e provocava espirros. O fundo da brecha era tão brilhante que a princípio os deslumbrou; nada puderam ver. Quando se acostumaram puderam distinguir um rio de fogo e, nas margens deste, campos e bosques de um fulgor quente e insuportável – embora fosse fosco, comparado ao rio. Azuis e vermelhos, verdes e brancos, tudo se misturava. Pelas laterais ásperas da brecha, como pontos escuros contra a luz de fogo, centenas de terrícolas desciam.

– Meus senhores – disse Golgo (e quando se viraram para ele nada viram durante alguns segundos) –, meus senhores, por que não fazem uma visita a Bismo? Seriam mais felizes lá do que naquela terra nua e desprotegida lá de cima. Não precisam demorar, se não quiserem.

Jill estava certa de que ninguém daria atenção ao convite. Mas, horrorizada, ouviu o príncipe dizer:

– Está aí, Golgo amigo, já estou meio inclinado a ir com você. Não devemos perder uma aventura maravilhosa como esta; talvez nenhum homem mortal tenha visitado Bismo. E eu não saberia, à medida que os anos fossem passando, como agüentar o arrependimento de não ter

experimentado o que estava ao meu alcance: conhecer as profundezas da Terra. Mas pode um homem viver lá? Vocês não moram no próprio rio de fogo?

– Oh, não! Nós, não! Só as salamandras vivem no próprio fogo.

– Que espécie de salamandra? – perguntou o príncipe.

– Difícil dizer de que espécie. Doem na vista. Parecem uns pequenos dragões. Falam conosco lá do fogo. São incrivelmente inteligentes, muito engraçadas e talentosas.

Jill deu uma olhada para Eustáquio. Tinha certeza de que ele gostaria ainda menos do que ela da idéia de descer por aquela brecha. Seu coração gelou quando viu que a expressão dele mudara. Parecia-se muito mais com o príncipe do que com Eustáquio do Colégio Experimental. Pois todas as aventuras que viveu em sua viagem com o rei Caspian estavam outra vez a excitá-lo.

– Alteza – disse ele –, se aqui estivesse meu velho amigo Ripchip, ele diria que recusar as aventuras de Bismo seria desacreditar a nossa honra.

– Lá embaixo – disse Golgo – posso mostrar-lhes ouro de verdade, prata de verdade, diamantes de verdade.

– Besteira! – disse Jill grosseiramente. – Como se a gente, mesmo aqui, não estivesse por baixo das minas mais fundas do mundo...

– Já ouvi falar – disse Golgo – que na crosta da Terra há uns fiapinhos de metal que vocês chamam de minas. Mas lá encontraram somente ouro morto, prata morta, diamante morto. Em Bismo eles são vivos e crescem. Lá poderão comer um galho de rubis ou tomar um suco de diamante. É outra coisa.

– Meu pai foi até o fim do mundo – disse Rilian pensativo. – Seria uma coisa formidável se o seu filho fosse até o fundo do mundo.

– Se Vossa Alteza ainda quer apanhar seu pai vivo – disse Brejeiro –, e acho que ele gostaria disso, já é tempo de tomar o caminho do túnel novo.

– Eu, por mim, não vou para aquele buraco de jeito nenhum – acrescentou Jill.

– Bem, se querem mesmo voltar para o Mundo de Cima – disse Golgo –, há um trecho de estrada um pouquinho melhor.

– Oh, vamos logo, vamos! – implorou Jill.

– Que se há de fazer? – suspirou o príncipe. – Mas deixo um pedaço de meu coração em Bismo.

– Por favor! – insistiu Jill.

– O caminho é todo iluminado – disse Golgo. – Vossa Alteza pode ver o princípio da estrada do outro lado da brecha.

– Por quanto tempo ainda duram as luzes? – perguntou Brejeiro.

Nesse instante uma voz cortante e sibilante como a voz do próprio fogo (ficaram a imaginar mais tarde se não seria a voz de uma salamandra) assoviou das profundezas de Bismo:

– Rápido! Rápido! Para o fosso, para o fosso! A fenda está fechando! Rápido! Rápido!

Imediatamente, com estrépito, as rochas estremeceram. A brecha ficara mais estreita. De todos os lados gnomos atrasados corriam para ela. Nem esperavam para descer pela rocha; pulavam de cabeça – ou porque um bafo de ar quente soprava do fundo, ou por outra razão qualquer, o fato é que desciam planando como folhas. Eram tantos que quase ofuscaram o rio de fogo e os bosques de gemas vivas.

– Adeus para todos, já vou indo – gritou Golgo, mergulhando.

A brecha agora era da largura de um riacho e logo depois da largura de uma rachadura na parede. Por fim, como milhares de trens batendo em milhares de molas, a boca de pedra fechou-se. O cheiro quente desapareceu. Estavam sozinhos num Submundo que agora parecia mais escuro do que antes. As lâmpadas, pálidas e lúgubres, assinalavam a direção da estrada.

– Aposto dez contra um – disse Brejeiro – que já é tarde demais, mas não custa tentar. Aposto também que essas lâmpadas não vão agüentar mais do que cinco minutos.

Puseram os cavalos a galope e seguiram em bonito estilo pela estrada em penumbra. Mas o caminho começou a descer, e teriam pensado que Golgo lhes ensinara errado, caso não avistassem, do outro lado do vale, a fileira de luzes estendendo-se para cima. Mas no fundo do vale as luzes brilhavam sobre a água em movimento.

– Rápido – bradou o príncipe.

Galoparam pela encosta. A maré invadia o vale aos borbotões. Se tivessem de nadar, dificilmente os cavalos o conseguiriam. Mas a água subira somente um meio metro, e puderam chegar salvos ao outro lado.

Começou aí a lenta e cansativa marcha colina acima, sem outra coisa à vista a não ser as luzes que subiam até se perderem na distância. Atrás, a água se espalhava, transformando em ilhas as colinas do Submundo. A cada instante sumia mais uma lâmpada, coberta pelas águas. Em breve a escuridão era total, menos na estrada que percorriam.

Embora tivessem excelentes razões para galopar, os cavalos não agüentariam sem um descanso. Pararam. Ouviam no silêncio o bater ruidoso da água.

– Acho que ele... como é mesmo o nome?... o Pai Tempo... foi coberto pelas águas – disse Jill. – E aqueles animais sonolentos.

– Acho que não – disse Eustáquio. – Não se lembra de quanto tivemos de descer para chegar ao Mar sem Sol? Acho que a água não chegou à caverna do Pai Tempo.

– Talvez, talvez – comentou Brejeiro. – Estou mais interessado nas lâmpadas. Parecem um pouco fraquinhas, não é mesmo?

– Sempre foram assim – disse Jill.

– Não, agora estão mais verdes – disse Brejeiro.

– Você não quer dizer que elas vão se apagar, não é? – perguntou Eustáquio.

– Bem, não se pode esperar que elas durem a vida inteira – replicou o paulama. – Mas não se deixem abater por isso. Estou também de olho na água, e creio que ela não está subindo tanto quanto antes.

– Grande consolo, meu amigo – disse o príncipe –, se a gente não achar a saída. Peço perdão a todos. A culpa é minha; por presunção e romantismo atrasei a viagem. Vamos em frente.

Durante algum tempo, Jill ora admitiu que Brejeiro pudesse estar certo em relação às lâmpadas, ora que fosse mera imaginação.

O teto do Mundo de Cima estava tão próximo que, mesmo com aquela luz mortiça, podia ser avistado. As vastas e enrugadas paredes do Mundo de Cima já eram visíveis. A estrada os conduzia de fato para um

túnel íngreme. Passavam por picaretas, pás, carrinhos de mão e outros sinais de trabalhos recentes. Se tivessem a certeza de estar saindo do buraco, tudo isso era muito animador, mas a hipótese de seguir por um túnel cada vez mais estreito, mais difícil no caso de um retorno, era extremamente desagradável.

O teto já estava tão baixo que Brejeiro e o príncipe lhe batiam com a cabeça. Desceram e começaram a puxar os cavalos. A estrada ficara irregular e tinham de pisar com cuidado. Jill notou a escuridão crescente. Não havia mais dúvida. Os rostos dos outros pareciam estranhos e lívidos no palor esverdeado. De repente Jill deu um gritinho. Uma luz, a primeira em frente, apagara-se. A de trás também. Estavam na escuridão total.

– Coragem, meus amigos – ouviu-se a voz do príncipe Rilian. – Vivos ou mortos, Aslam será nosso guia.

– Perfeitamente, Alteza – era a voz de – Brejeiro. E sempre se pode lembrar que há uma vantagem em morrer aqui: não se gasta dinheiro com enterro.

Jill mordeu a língua. (Quem não quer mostrar o medo que está sentindo, deve ficar em silêncio; é a voz que nos denuncia.)

Brejeiro e Eustáquio seguiram na frente de braços estendidos, com receio de um encontrão indesejável; Jill e o príncipe vinham atrás, puxando os cavalos.

Bem mais tarde ouviu-se a voz de Eustáquio:

– Ou os meus olhos estão ficando meio esquisitos ou estou vendo luz lá em cima. Que acham?

Antes que alguém tivesse tempo de responder, Brejeiro bradou:

– Parem. Cheguei a um lugar que não vai mais para frente. E é terra, não é pedra. Que estava dizendo, Eustáquio?

– Pelo Leão – disse o príncipe –, Eustáquio está certo. Há uma espécie de...

– Mas não é a luz do dia – falou Jill. – Só uma luz azul e fria.

– Melhor do que nada – replicou Eustáquio. – Podemos subir até lá?

– Não dá – disse Brejeiro. – Jill, que tal se você subisse nos meus ombros e tentasse chegar até lá?

15
O DESAPARECIMENTO DE JILL

Os outros apenas podiam ouvir, mas não viam o esforço feito por Jill para subir aos ombros do paulama:

– Tire o dedo do meu olho... Olhe o pé na minha boca... Aí... Agora seguro suas pernas... Firme-se com as mãos na terra...

A sombra de Jill desenhava-se contra a luz.

– Como é? – gritaram todos ansiosos.

– É um buraco – gritou Jill. – Espere um pouco, Brejeiro: é melhor eu ficar em pé nos seus ombros, em vez de sentada.

A figura recortou-se mais contra a luz, pondo-se de pé.

– Parece... – começou a dizer Jill, mas de repente ouviu-se um grito, não um grito agudo, mas como se sua boca estivesse sendo abafada. Depois ela começou a gritar alto, mas não conseguiam entender o que dizia. O foco de luz por um segundo sumiu; ouviram ao mesmo tempo um ruído de coisa arrastada e a voz do paulama:

– Depressa! Agarrem as pernas dela! Alguém está puxando Jill para cima! Já! Não, aqui! É tarde demais!

A abertura ficou novamente clara. Jill sumira.

– Jill! Jill! – berraram sem resposta.

– Que droga! Por que você não agarrou os pés dela? – perguntou Eustáquio.

– Não sei – gemeu Brejeiro. – Já nasci fracassado. É o destino. Estava escrito que eu seria a causa da morte de Jill, como estava escrito que eu tinha de comer carne de Cervo Falante. Minha culpa, minha culpa!

– Não poderia ter acontecido nada mais triste e vergonhoso – disse o príncipe. – Entregamos uma valente senhorita às mãos do inimigo, e aqui ficamos nós em segurança.

– Será que eu consigo passar por aquele buraco? – perguntou Eustáquio.

Havia sucedido a Jill o seguinte: assim que pôs a cabeça para fora, percebeu que estava olhando como se fosse do alto de uma janela, e não como se fosse de um alçapão no teto. Permanecera tanto tempo no escuro que seus olhos não puderam distinguir logo o que viam, a não ser que não estava diante do mundo ensolarado que esperava. O ar parecia mortalmente gelado e a luz era azul e pálida. Havia ainda muito barulho e uma porção de objetos brancos voando. Foi nesse momento que ela pediu para subir aos ombros de Brejeiro.

Feito isso, pôde ver e ouvir muito mais. Havia dois tipos de ruído: a batida rítmica de vários pés e a música de quatro rabecas, três flautas e um tantã. Percebeu também qual era a sua posição. Olhava de um buraco para um terreno em declive. Tudo era muito branco, e muitas pessoas se agitavam de um lado para outro. Aí começou a arquejar. As pessoas eram elegantes faunos e dríades com os cabelos coroados de folhas a flutuar. Agitavam-se. Não, dançavam – uma dança de figuras e passos tão complicados que era preciso algum tempo para entendê-la. Súbito ocorreu-lhe que a pálida luz azulada vinha do luar, e que a matéria branca no chão era neve. E, naturalmente, as estrelas luziam no céu escuro. As coisas altas e escuras, além dos dançarinos, eram árvores. Não tinham chegado a um lugar qualquer no Mundo de Cima, mas ao coração de Nárnia. Jill achou que ia desmaiar de prazer. E a música – uma música agreste e muito suave, mas também meio fantástica e impregnada de magia como o repenicado da feiticeira – aumentava o deslumbramento.

Leva-se tempo para contar, mas curto foi o tempo de ver tudo isso. Virou-se logo para transmitir aos outros a mensagem, gritando: “Parece que está tudo ótimo. Estamos em casa.” Não passou do “parece”, e o motivo é o seguinte: rodeando sem parar os dançarinos, havia um bando de anões, todos festivamente vestidos, quase todos de escarlate, com capuzes debruados de peles, borlas douradas e grandes botas peludas. Enquanto giravam iam atirando bolas de neve (eram as coisas brancas que Jill tinha visto a voar). Não as atiravam nos dançarinos. Atiravam-nas nos espaços

vazios, com uma precisão perfeita. Era a chamada Grande Dança da Neve, que se realizava em Nárnia na primeira noite de neve com luar. Era ao mesmo tempo uma dança e uma brincadeira, pois o dançarino que errasse um pouquinho recebia uma bolada de neve na cara, e todos davam risadas. Nas noites mais bonitas, com o luar, o pio das corujas, o *tantan* do tambor, a festa costumava prolongar-se até o raiar do dia.

Jill calou-se depois do “parece” porque uma bola de neve acertara-lhe em cheio na boca. Não deu a mínima importância; só que não podia falar, por mais feliz que se sentisse. Depois de recuperar a fala, chegou a esquecer-se de que os outros ainda não sabiam sobre aquelas grandes novidades: simplesmente inclinou-se para fora do buraco e gritou para os dançarinos:

– Socorro! Socorro! Estamos enterrados na colina!

Os narnianos, que ainda não tinham notado o buraco, olharam em várias direções, muito surpresos. Logo que deram com a figura de Jill vieram correndo e umas dez mãos se estenderam para ela. Jill pulou para fora e deu uns passos, para depois dizer:

– Há mais três lá dentro; e um deles é o príncipe Rilian; cavem, por favor.

Já estava cercada pela multidão quando disse isso, pois outras criaturas que assistiam à dança chegaram correndo. Esquilos choveram das árvores, e também corujas. Ouriços apareceram correndo, tão depressa quanto lhes permitiam as curtas perninhas. Uma grande pantera, remexendo a cauda com inquietação, foi a última a juntar-se ao grupo.

Logo que entenderam o que Jill estava dizendo, entraram em atividade.

– Picaretas e pás, pessoal, pás e picaretas! – disseram os anões, disparando para os bosques.

– Acordem as toupeiras. São ótimas para cavar, tão boas quanto os anões – disse uma voz.

– Que foi que ela disse sobre o príncipe Rilian? – perguntou outra voz.

– Calma! – comandou a pantera. – A pobre criança está enlouquecida, depois de tanto tempo perdida dentro da colina. Não sabe o que diz, é claro.

– Isso mesmo – falou um velho urso. – Disse que o príncipe Rilian era um cavalo!

– Disse coisa nenhuma! – protestou um esquilo atrevido.

– Disse sim! – falou outro esquilo, ainda mais atrevido.

– É v-v-verdade! Não b-b-banque o b-b-bobo! – disse Jill, falando desse jeito porque seu queixo batia de frio.

Uma das dríades enrolou-lhe um manto de pele que um anão deixara cair ao passar correndo em busca de ferramentas. Um fauno obsequioso foi até uma gruta no bosque buscar-lhe uma bebida quentinha. Antes que ele voltasse, os anões reapareceram com as ferramentas e atacaram a colina. Então Jill ouviu-os gritar: “Ei, o que você está fazendo?” – “Abaixe essa espada, rapaz!” – “Nada disso, menino!” Eustáquio era um pouco mais pesado e bem mais desajeitado que Jill e assim, quando olhou para fora, bateu a cabeça contra o lado da abertura, causando uma pequena avalancha de neve que caiu na sua cabeça, tapando-lhe os olhos. Por isso, quando conseguiu se safar da neve e viu dezenas de pessoas correndo rapidamente para o seu lado, tentou se defender.

Jill correu para o local e não sabia se chorava ou se ria ao dar com a cara de Eustáquio, muito pálida e suja; com a mão direita, ele brandia a espada, ameaçando quem tentasse aproximar-se.

E claro: ele experimentara nos últimos minutos sensações bem diferentes. Ouvira o grito que antecedeu o desaparecimento da menina. Pensou, com o príncipe e Brejeiro, que ela só podia ter sido agarrada por inimigos. Lá embaixo não podia saber que a pálida luz azulada era o luar. Achou que o buraco dava passagem a uma outra gruta, iluminada por uma fosforescência fantasmagórica e repleta sabe-se lá de que criaturas maléficas do Submundo.

Assim, quando colocou a cabeça de fora, ajudado por Brejeiro, e brandiu a espada, estava cometendo um ato de bravura. Os outros também o teriam feito, caso coubessem na abertura.

– Pare com isso, Eustáquio – gritou Jill. – São amigos, não está vendo? Estamos em Nárnia. Tudo bem!

Só então ele percebeu o que se passava e pediu desculpas aos anões.

– Não há de quê! – responderam os anões, estendendo as mãozinhas cabeludas para ajudá-lo.

Então Jill enfiou a cabeça na pequena abertura e gritou as boas-novas para os prisioneiros. Quando retirava a cabeça, ouviu Brejeiro resmungar:

– Coitada da Jill! Foi demais para ela: está começando a ver coisas.

Jill e Eustáquio deram-se as mãos, as duas, e respiraram profundamente o ar livre da meia-noite. Um manto foi colocado sobre Eustáquio e bebidas quentes foram trazidas. Os anões quase já haviam retirado a neve e o capim que rodeavam o buraco: picaretas e pás dançavam agora no chão como os pés de faunos e dríades. Dez minutos apenas! Mas para Jill e Eustáquio já era como se os perigos passados nas trevas do labirinto fossem um sonho. Lá fora, no frio, com a lua e as estrelas no alto (as estrelas de Nárnia, mais próximas do que as estrelas em nosso mundo, parecem maiores), e rodeados de tantas carinhas alegres, era difícil acreditar no Submundo.

Antes que tivessem acabado de beber, umas dez toupeiras, recém-acordadas e não muito satisfeitas, vinham chegando. Logo que souberam do que se tratava, mudaram de disposição. Até os faunos ajudaram, carregando a terra em carrinhos. Os esquilos pulavam e dançavam com grande animação. Ursos e corujas limitavam-se a dar conselhos e a perguntar se as crianças não gostariam de comer alguma coisa no calor da gruta. Mas os dois faziam questão de esperar os amigos.

Não há quem faça esse tipo de trabalho melhor do que anões e toupeiras. Para estes aquilo nem é trabalho, pois adoram cavar. Não demoraram, portanto, a abrir na colina uma grande brecha. O primeiro a emergir do escuro para a luz da lua foi o paulama; depois, puxando os cavalos, Rilian, o príncipe em pessoa.

Quando saiu Brejeiro, brados surgiram de todos os lados:

– Ei, um paulama... Não é o velho Brejeiro? Aquele Brejeiro da outra banda... Que aconteceu, Brejeiro?... Estão buscando você por toda a parte... Trumpkin espalhou por aí avisos, prometendo uma recompensa...

Mas ficou tudo em absoluto silêncio de repente – como acontece no dormitório do colégio quando o chefe de disciplina abre a porta. Pois tinham visto o príncipe.

Não duvidaram de quem era ele nem por um momento.

Muitos bichos, muitas dríades e muitos faunos ainda se lembravam dele nos velhos tempos. Os mais velhos até se recordavam de que seu pai, o rei Caspian, quando jovem, era a cara do filho.

Apesar de pálido, depois do longo cativeiro nas Terras Profundas, vestido de preto, empoeirado e cansado, havia no seu rosto alguma coisa que não enganaria ninguém. Essa coisa existia no rosto de todos os verdadeiros reis de Nárnia, que governam em nome de Aslam, coroados em Cair Paravel, no mesmo trono de Pedro, o Grande Rei.

Todas as cabeças se descobriram, todos os joelhos se curvaram. Logo depois, vieram os vivas, e os gritos, e pulos de alegria, e apertos de mão, e abraços, e beijos. Lágrimas emocionadas correram dos olhos de Jill. A peregrinação, apesar de suas durezas e perigos, valera a pena.

– Por favor, Alteza, há uma ceia preparada naquela caverna para depois da dança...

– Com muito prazer – disse o príncipe; e na verdade os quatro amigos tinham um apetite imbatível naquela noite.

A multidão começou a caminhar para a caverna sob as árvores. Jill conseguiu ouvir Brejeiro dizer para os que o rodeavam:

– Não, não, a minha história pode esperar. Não há o menor interesse no que aconteceu comigo. Eu, sim, quero saber de notícias. E de uma vez! O navio do rei naufragou? Há guerra com os calormanos? Apareceram os dragões? – Todos caíram na risada, comentando:

– É ainda o mesmo Brejeiro! Não mudou nem um pouco!

As crianças estavam caindo de fome e cansaço, mas reviveram com o calor da gruta, com a beleza do clarão da lareira, que iluminava as paredes, o guarda-louças, as xícaras, os pires, os pratos e o chão de pedra lisa.

Mesmo assim, caíram no sono enquanto a ceia estava sendo preparada. Enquanto dormiam, o príncipe Rilian contou a aventura para os bichos e anões mais velhos e sábios. Souberam então que uma feiticeira

perversa (sem dúvida uma do mesmo tipo da feiticeira Branca, que trouxera para Nárnia há muitos anos um inverno sem fim) havia matado a mãe do príncipe e encantado o próprio Rilian. Souberam também que ela invadira Nárnia pelo caminho subterrâneo, planejando subjugar o país por intermédio do próprio Rilian – que jamais sonhou que o país onde seria rei (rei só no nome, mas na verdade escravo da feiticeira) era seu próprio país. Souberam também que a feiticeira era aliada dos perigosos gigantes de Harfang.

– A lição de tudo, Alteza – concluiu o anão mais velho –, é que essas feiticeiras do Norte sempre miram o mesmo objetivo: em cada época da História, mudam apenas de tática.

16
REMATE DE MALES

Ao acordar no dia seguinte numa gruta, Jill passou por um momento horrível, pensando que estava novamente no Submundo. Ao perceber que se achava deitada num leito de relva coberta por um manto de pele, ao dar com o fogo crepitante (recentemente aceso) numa lareira de pedra, e vendo mais adiante a luz da manhã entrando pela boca da gruta, recordou-se da venturosa verdade.

Fora deliciosa a ceia, apesar de todo o sono que sentira antes que ela terminasse. Tinha a vaga impressão de anões defronte do fogo com frigideiras quase maiores do que eles, do chiado e do aroma delicioso de salsichas, e mais salsichas, e mais salsichas. Não salsichas mixurucas, com um pedacinho de pão e molho de soja, mas salsichas *legais,* suculentas, temperadas, estourando de gordas, só ligeiramente tostadas. E canecões de chocolate espumoso, batatas e castanhas assadas, maçãs de forno recheadas com passas; e, depois de tudo, os sorvetes que refrescavam.

Sentou-se e olhou em torno. Brejeiro e Eustáquio estavam deitados a pouca distância, ambos a dormir profundamente.

– Vocês dois aí! – gritou a menina. – Vão ficar dormindo o resto do dia?

– Psiu! Psiu! – murmurou uma voz de algum lugar em cima dela. – Hora de dormir. Tire uma soneca. Não vai fazer turru. Turru!

– Só pode ser – disse Jill, distinguindo um monte de penas brancas e fofinhas em cima de um velho relógio –, só pode ser Plumalume!

– Turru, turru! — concordou a coruja, espichando a cabeça para fora da asa e abrindo um olho. – Trouxe uma mensagem para o príncipe. Os esquilos nos levaram a grande notícia. Mensagem para o príncipe. Ele já

partiu. Vocês também devem partir. Bom dia... – e a cabeça da coruja desapareceu.

Como, pelo jeito, não seria possível arrancar qualquer informação da coruja, Jill levantou-se e começou a procurar um modo de lavar o rosto e comer alguma coisa. Quase no mesmo instante um pequeno fauno entrou trotando na caverna, fazendo clique-claque com seus cascos de bode no chão de pedra.

– Ah! Acordou finalmente, Filha de Eva! – disse o fauno. – Acho que é melhor acordar o Filho de Adão. Dois centauros se ofereceram para levá-los até Cair Paravel. – E acrescentou com a voz mais baixa: – Você deve saber que montar um centauro é uma honraria especialíssima. Não sei de mais ninguém que possa dizer o mesmo. Assim, não ficaria bem fazê-los esperar.

– Onde está o príncipe? – foi a primeira pergunta de Eustáquio e Brejeiro.

– Foi encontrar-se com o rei, seu pai, em Cair Paravel – respondeu o Fauno que se chamava Orruns. – O navio de Sua Majestade está sendo esperado no porto a qualquer momento. Parece que o rei teve um encontro com Aslam... não posso afirmar se em visão ou se com o próprio Leão... antes que se afastasse no mar. Aslam disse-lhe que encontraria o filho perdido a esperá-lo em Nárnia.

Eustáquio já estava de pé, e Jill começou a ajudar o fauno a fazer o café. Um centauro, chamado Mão de Nuvem, famoso curandeiro, viria tratar de Brejeiro, que permaneceu deitado a resmungar:

– Já sei, vai cortar minha perna pelo menos à altura do joelho. Aposto. – Mas era bom continuar na cama.

O café da manhã consistiu em ovos mexidos e torradas; e nem parecia que Eustáquio devorara uma lauta ceia durante a noite.

O fauno, olhando para as valentes garfadas do menino, observou:

– Não precisa se apressar *tanto,* Filho de Adão. Acho que os centauros ainda não terminaram a primeira refeição.

– Então esses centauros levantam muito tarde – disse Eustáquio. – Lá pelas dez...

– Nada disso – respondeu Orruns –, acordam antes de raiar o dia.

– Ai, ai, ai! Então eles esperam alguém para fazer a primeira refeição.

– Não, nada disso. Começam a comer no instante em que acordam.

– Caramba! Então a refeição deles deve ser enorme.

– Não está entendendo, Filho de Adão? Um centauro tem um estômago humano e um estômago de cavalo. E, é claro, os dois estômagos precisam de alimento. Assim, primeiro de tudo, eles comem presunto, omeletes, torradas, geléias, frutas, mingau, café e cerveja. Depois é que cuidam da parte cavalar, pastando durante uma hora e arrematando tudo com farinha de malte, aveia e um pacote de açúcar. Por isso é que se trata de uma coisa muito séria convidar um centauro para passar o fim de semana com a gente.

Ouviu-se nesse momento um barulho de cascos a ressoar nas pedras. As crianças olharam. Os dois centauros (um de barba negra, outro de barba dourada) estavam a esperá-los na boca da gruta. Muito educadamente, as crianças terminaram depressa a refeição.

Um centauro não é nada engraçado quando à nossa frente. É solene, majestoso, deixando transparecer toda a sabedoria antiga que aprendeu das estrelas. Não se alegra nem se irrita facilmente. Mas, quando se enfurece, sua raiva é tão terrível quanto um maremoto.

– Adeus, querido Brejeiro – disse Jill, aproximando-se da cama do paulama. – Desculpe-me por tê-lo chamado de pé-frio.

– Eu também peço desculpas – falou Eustáquio. – Você foi o maior amigo do mundo.

– Espero encontrá-lo de novo um dia – acrescentou Jill.

– Não creio muito nisso – replicou Brejeiro. – Acho que nem mesmo a minha cabana vou encontrar de novo. E o príncipe – um ótimo sujeito, mas vocês acham que ele vai resistir? Viver debaixo da terra estraga a melhor saúde. Claro. O príncipe não pode durar muito.

– Brejeiro! – disse Jill –, você no fundo é um conversa-fiada. Apesar dessa cara de enterro, tenho certeza de que se sente maravilhosamente bem. Além do mais, fala como se tivesse medo de tudo, mas na verdade é valente como... como um leão.

– Por falar em cara de enterro... – começou a dizer Brejeiro, mas Jill, para surpresa dele, deu-lhe um beijo na face cor-de-barro, enquanto Eustáquio apertou-lhe a mão.

Em seguida, as crianças correram para os centauros, e o paulama afundou-se de novo na cama, dizendo para si mesmo: “Nunca poderia imaginar que ela me desse um beijo. Por mais simpático que eu seja.”

Montar um centauro é mesmo uma grande honra (concedida provavelmente só aos dois desde que o mundo é mundo), mas não é nada confortável. Pois ninguém com amor à vida iria insinuar que um arreio tornaria a coisa melhor; e montar em pêlo não é fácil, especialmente (como no caso de Eustáquio) quando a pessoa nunca aprendeu a montar.

Os centauros foram muito gentis, apesar de graves; enquanto trotavam pelas terras de Nárnia, conversaram com as crianças, sem voltar as cabeças, discorrendo sobre as propriedades de ervas e raízes, sobre a influência dos astros, sobre os nove nomes de Aslam e seus significados, e outras coisas desse gênero. Apesar de sacolejados e doloridos, Jill e Eustáquio dariam tudo para que a jornada não terminasse. Que beleza! As colinas e as clareiras reluzindo com a neve da véspera! Encontrar coelhos, esquilos e passarinhos que diziam bom-dia! Respirar o ar de Nárnia! Ouvir as vozes das árvores de Nárnia!

Chegaram finalmente ao rio – que à luz do sol de inverno fluía azul e brilhante – bem mais abaixo da última ponte (que fica numa cidadezinha de telhados vermelhos chamada Beruna). Ali foram transportados numa barcaça para o outro lado, sob os cuidados de alguns paulamas, que quase sempre se encarregam, em Nárnia, dos assuntos aquáticos.

Quando atingiram a outra margem, cavalgaram de novo os centauros e logo estavam em Cair Paravel, onde distinguiram imediatamente aquele mesmo navio reluzente que viram ao pisar em Nárnia pela primeira vez. Parecia um grande pássaro deslizando pelo rio. Toda a corte, a fim de saudar o rei, estava outra vez reunida no relvado entre o castelo e o cais. Rilian, que havia trocado sua roupagem negra por um manto escarlate sobre uma blusa de malha prateada, estava à beira do cais, sem chapéu, à espera do pai. O anão Trumpkin sentava-se a seu lado, na cadeirinha puxada pelo burro.

Viram logo as crianças que não haveria chance de alcançar o príncipe, cercado pela multidão. Além disso, sentiam-se agora meio tímidos. Perguntaram então aos centauros se poderiam ficar montados um pouco mais de tempo, do contrário nada veriam. Os centauros não fizeram objeção.

Uma fanfarra de trompas prateadas veio do convés do navio; os marinheiros lançaram uma corda; ratos (ratos falantes, naturalmente) e paulamas puxaram logo o navio, que se encostou ao cais. Músicos, ocultos pela multidão, começaram a tocar uma marcha solene e triunfal. Os ratos estenderam, pressurosos, o portaló.

Jill esperava ver o velho rei descer os degraus, mas alguma coisa devia estar acontecendo. Um nobre de rosto pálido desceu ao cais e ajoelhou-se diante do príncipe e de Trumpkin. Os três conversaram alguns minutos com as cabeças quase coladas; nada se ouvia do que diziam. A música continuava, mas era evidente que todos se sentiam um pouco inquietos. Quatro nobres, carregando algo muito lentamente, surgiram no convés. Quando chegaram ao portaló já era possível distinguir o que conduziam: o velho rei estendido sobre uma cama, muito pálido e inerte. A cama foi deposta no chão. O príncipe ajoelhou-se e abraçou o pai. O rei Caspian ergueu a mão direita e deu a bênção ao filho. Todos ergueram vivas, mas não eram ovações muito animadas, pois sabiam que alguma coisa ia mal. Subitamente a cabeça do rei baqueou nos travesseiros; os músicos pararam de tocar; o silêncio era de morte. O príncipe, ajoelhado ao pé da cama, começou a chorar.

Houve murmúrios e agitações. Todos de cabeça coberta foram tirando os chapéus, os gorros, os elmos e os capuzes – inclusive Eustáquio. Ouviu-se em seguida um farfalhar acima do castelo: o pavilhão narniano, com o Leão em ouro, estava sendo hasteado a meio-pau. Lentamente, implacavelmente, com gemidos de cordas e doloridas queixas de trompas, a música recomeçou: uma ária de cortar o coração.

As duas crianças escorregaram dos centauros (que nem chegaram a notar).

– Preferia estar em casa – falou Jill. Eustáquio concordou com a cabeça, sem dizer nada.

– Aqui estou – disse uma voz profunda atrás deles.

Era o próprio Leão, tão luminoso, real e forte, que tudo o mais começou a parecer pálido, embaçado. Antes que pudesse respirar fundo, Jill se esqueceu do rei morto de Nárnia e se lembrou apenas de como causara a queda de Eustáquio no penhasco, dos sinais esquecidos, das brigas e impertinências acontecidas. Queria dizer “sinto muito” mas não conseguia falar. O Leão, com os olhos, puxou as crianças para perto dele e tocou-lhes os rostos pálidos com a língua. E falou:

– Não pensem mais nisso. Não me zango o tempo todo. Vocês cumpriram a missão que lhes foi confiada.

– Por favor, Aslam – disse Jill –, podemos ir para casa agora?

– Podem. Vim para levá-los.

Aslam abriu a boca e soprou. Dessa vez não tiveram a impressão de voar: em vez disso, era como se estivessem firmes no chão, e o hálito de Aslam soprasse para longe o navio, o rei morto, o castelo, a neve, o céu de inverno. Todas essas coisas flutuavam no ar como anéis de fumaça. Viram, de súbito, que estavam envolvidos por uma brilhante luminosidade de verão, em cima de um gramado, entre árvores grossas, à margem de um riacho límpido. Perceberam que se encontravam de novo na Montanha de Aslam, muito acima e muito além da terra de Nárnia. Estranho é que a marcha fúnebre do rei Caspian prosseguia, sem que se pudesse dizer de onde vinha. Caminhavam à beira do riacho com o Leão à frente: ele estava tão belo e a música era tão angustiante, que Jill não sabia de onde lhe subiam as lágrimas.

Aslam parou e as crianças olharam para o riacho. Lá dentro, nos seixos dourados do leito do rio, estava o rei Caspian, morto, com a água deslizando por ele como se fosse um cristal líquido. As longas barbas brancas balouçavam como plantas aquáticas. Todos os três choraram. Até o Leão chorou: enormes lágrimas de leão, e cada lágrima era mais preciosa que toda a Terra, ainda que esta fosse um imenso diamante. E Jill observou que Eustáquio não parecia um menino chorão, mas um homem ferido de dor adulta. Ali, naquela montanha, as pessoas não pareciam ter uma idade determinada.

– Filho de Adão – disse Aslam –, vá até aquele matagal e traga para mim o espinho que por lá encontrar.

Eustáquio obedeceu. O espinho tinha três palmos de comprimento e espetava como um punhal.

– Enfie este espinho em minha pata, Filho de Adão – disse Aslam, estendendo uma pata dianteira para Eustáquio.

– Devo mesmo fazer isso? – perguntou o menino.

– Sim – respondeu Aslam.

Eustáquio apertou os dentes e enfiou o espinho na pata do Leão, de onde correu uma grande gota de sangue, mais vermelha do que se possa imaginar. E a gota correu e espalhou-se no riacho sobre o corpo do rei. E este começou a transformar-se: a barba branca ficou cinzenta, depois amarela, depois mais curta e desapareceu; as faces encovadas tomaram cores e formas; as rugas alisaram-se; os olhos abriram-se; olhos e lábios sorriram; de repente, o rei ergueu-se, ficando em pé perto deles. Era um homem muito jovem, talvez um rapaz. (Não se podia dizer com certeza, pois as pessoas não têm uma idade precisa no país de Aslam.) O rei passou os braços em torno do pescoço de Aslam, dando-lhe beijos viris de rei, respondidos com beijos agrestes de leão.

Por fim Caspian voltou-se para os outros, rindo-se com espantada alegria:

– Eustáquio! Eustáquio! Quer dizer que você conseguiu alcançar o fim do mundo! Que aconteceu com a minha espada que você quebrou na Serpente do Mar?

Eustáquio deu uns passos na direção dele, as duas mãos estendidas, recuando logo com uma expressão perturbada.

– Olhe aqui – gaguejou o menino. – Está tudo muito bem, mas... é você mesmo? Quero dizer...

– Não seja tolo – falou Caspian.

– Mas – prosseguiu Eustáquio, olhando para Aslam – ele afinal não... morreu?

– Morreu – respondeu o Leão tranqüilamente, quase como se estivesse satisfeito (foi o que Jill achou). – Ele morreu. Isso acontece muito, como você deve saber. Até eu morri. Há muitos poucos que não morreram.

– Ah – disse Caspian –, estou entendendo: você está pensando que eu sou um fantasma ou outro absurdo qualquer. Mas pense melhor: eu seria um fantasma em Nárnia, pois de Nárnia não sou mais. Mas ninguém é fantasma em sua própria terra. No seu mundo eu seria um fantasma. Será? Já que estão aqui, talvez aquele mundo também não seja mais de vocês.

Uma grande esperança alvoroçou o coração das crianças. Mas Aslam balançou a cabeça felpuda.

– Não, meus queridos. Quando me encontrarem aqui outra vez, então ficarão. Agora, não. Precisam voltar ao mundo de vocês por algum tempo.

– Senhor – disse Caspian –, sempre quis dar uma espiada naquele mundo. Estarei errado?

– Você não pode mais querer nada de errado, agora que morreu, meu filho – foi a resposta de Aslam. – Poderá espiar o mundo deles durante cinco minutos – cinco minutos do tempo deles.

Aslam então explicou a Caspian que Jill e Eustáquio iriam de volta para o Colégio Experimental, que ele parecia conhecer tão bem quanto eles.

– Minha filha – disse Aslam para Jill –, apanhe um galho daquela moita.

Na mão de Jill a vara transformou-se logo num bonito chicotinho. Aslam prosseguiu.

– Agora, Filhos de Adão, saquem as espadas, mas não usem as pontas, pois eu os envio para a companhia de crianças e covardes, não para enfrentar guerreiros.

– Vem com a gente? – perguntou Jill a Aslam.

– Eles me verão apenas de costas – respondeu o Leão.

Foram conduzidos pelo bosque e, pouco depois, encontravam-se diante do muro do Colégio Experimental. Aslam rugiu fazendo com que o sol tremesse no céu; um pedaço de muro caiu, abrindo uma brecha. Podiam ver a alameda da escola e o telhado do ginásio, sempre sob o mesmo sol tristonho de outono.

Aslam virou-se para Jill e Eustáquio, soprou-lhes no rosto e passou-lhes a língua na testa. Depois deitou-se na brecha que havia feito no muro, dando as costas para a Inglaterra e dirigindo o olhar senhoril no sentido de

sua própria terra. No mesmo instante Jill percebeu as carinhas (que já estava cansada de conhecer) correndo sob as árvores na direção deles.

De repente pararam todos e mudaram de cara: a mesquinharia, a pretensão, a crueldade, a baixeza, tudo isso desapareceu quase completamente das expressões deles, dando lugar a uma única expressão: de terror. Pois tinham visto um leão do tamanho de um filhote de elefante deitado na brecha do muro; e três figuras armadas, vestidas com roupas rutilantes, partiam para cima deles. Com a força propiciada por Aslam, Jill tacou o chicotinho nas meninas, enquanto Caspian e Eustáquio castigavam os meninos com as espadas; em dois minutos os fanfarrões já estavam correndo feito doidos, aos gritos.

– Assassinos! Comunistas! Leões! Assim não vale!

O diretor do colégio (aliás, era uma diretora) chegou correndo para ver o que se passava. Ao ver o Leão e o buraco no muro, e Caspian, Jill e Eustáquio (que ela não reconheceu), teve um ataque histérico. Voltou ao gabinete para informar à polícia, pelo telefone, que um leão devia ter fugido de um circo, que baderneiros arrebentaram o muro armados de espadas, que... No meio da confusão, Jill e Eustáquio entraram calmamente e vestiram roupas comuns, enquanto Caspian voltava para o outro mundo. O muro, por graça de Aslam, foi recomposto. Quando a polícia chegou, não encontrou leão nenhum, nem brecha no muro, nem baderneiros. Ali havia somente uma diretora que se comportava como uma louca. Um inquérito foi aberto. Nesse inquérito surgiram cobras e lagartos a respeito do Colégio Experimental; dez pessoas acabaram expulsas. Depois disso, os amigos da diretora perceberam que ela não prestava para diretora, e nomearam-na inspetora-geral. Quando viram que ela não era também grande coisa como inspetora-geral, conseguiram elegê-la para a Câmara dos Deputados, onde ela viveu para sempre feliz.

Eustáquio enterrou suas bonitas roupagens, durante a noite, no campo do colégio; Jill preferiu carregar as suas para casa, pensando numa festa especial.

A partir daquele dia, as coisas melhoraram no Colégio Experimental, que acabou virando uma escola bastante boa. Jill e Eustáquio ficaram amigos para sempre.

Lá longe, em Nárnia, o rei Rilian fez os funerais do pai, Caspian, o Navegador, o décimo com aquele nome. Rilian governou muito bem uma terra feliz, apesar de Brejeiro (cujo pé ficou bom em três semanas) estar sempre dizendo que tempo bom é sinal de tempestade. A abertura na colina foi mantida aberta; às vezes, nos dias quentes, os narnianos costumavam ir lá com barcos iluminados, e entoavam seus cantos e se divertiam no escuro mar subterrâneo. E contavam histórias de cidades que ficavam ainda muito mais abaixo...

Fim

C. S. LEWIS

A Última Batalha

Tradução
Paulo Mendes Campos

1
NO LAGO DO CALDEIRÃO

Nos últimos dias de Nárnia, lá para as bandas do Ocidente, depois do Ermo do Lampião e bem pertinho da grande cachoeira, vivia um macaco. Ele era tão velho que ninguém se lembrava quando foi que aparecera por aquelas bandas. E era o macaco mais enrugado, feio e astuto que se pode imaginar. Ele morava numa casinha de madeira coberta de folhas, empoleirada num dos galhos mais altos de uma grande árvore. Seu nome era Manhoso.

Naquele recanto da floresta havia bem poucos animais falantes, homens, anões ou qualquer tipo de gente. Apesar disso, Manhoso tinha um vizinho, que era também seu amigo, um jumento chamado Confuso. Pelo menos eles se diziam amigos. Na verdade, porém, Confuso era mais um empregado que amigo de Manhoso. Era ele quem fazia todo o serviço. Quando iam juntos para o rio, Manhoso enchia os alforjes de água, mas quem os carregava até em casa era Confuso. Quando precisavam de alguma coisa das cidades, que ficavam bem longe, rio abaixo, era Confuso quem descia com os paneiros vazios às costas e voltava depois com eles, pesados de tão cheios. E tudo que ele trazia de melhor e mais gostoso quem comia era Manhoso, pois, como este costumava dizer: “Você bem sabe, Confuso, que eu não posso comer capim e forragem como você. Por isso é claro que eu preciso compensar de outras formas...” E o jumento respondia: “Claro, Manhoso, claro. Eu sei disso.” Confuso nunca reclamava, pois sabia que Manhoso era muito mais sabido que ele, e até achava que, afinal de contas, era muito gentil da parte dele ser seu amigo. E se, por acaso, Confuso tentava discutir com ele sobre alguma coisa, Manhoso sempre dizia: “Ora, vamos, Confuso, eu sei muito melhor do que você o que precisa ser feito. Você sabe muito bem que não é nada inteligente, não é mesmo?” E Confuso concordava: “É verdade, Manhoso. Você tem toda a razão. Eu não sou sabido mesmo.” E acabavam fazendo sempre o que Manhoso queria.

Uma manhã, no comecinho do ano, os dois andavam passeando à margem do Lago do Caldeirão. O Lago do Caldeirão é o grande lago que fica logo abaixo dos penhascos na extremidade oeste de Nárnia. A enorme cachoeira precipita-se dentro dele com estrondo, como se fosse um eterno trovão, e o rio de Nárnia brota pelo outro lado. Por causa da cascata as águas do lago estão sempre dançando, agitadas, borbulhando e fazendo círculos como se estivessem continuamente fervendo. Por isso é que se chama Lago do Caldeirão. É no comecinho da primavera que ele fica mais agitado, porque as águas da cachoeira crescem muito mais com a neve que derrete nas montanhas do lado de lá de Nárnia, na floresta ocidental, onde nasce o rio.

Eles estavam olhando para o Lago do Caldeirão quando, de repente, Manhoso apontou com seu dedo escuro e fininho, dizendo:

– Olhe! O que é aquilo?

– Aquilo o quê? – perguntou Confuso.

– Aquela coisa amarela que vem descendo pela cachoeira. Olhe! Lá está ela de novo, flutuando na água. Precisamos descobrir o que é aquilo!

– Precisamos...? – disse Confuso.

– E claro que sim – respondeu Manhoso. – Pode ser alguma coisa útil. Vamos, seja camarada. Pule no lago e pegue aquilo lá, para a gente dar uma olhada.

– Saltar no lago? – resmungou Confuso, repuxando as orelhas compridas.

– Bem... Como é que vamos pegá-lo se você não pular? – disse o macaco.

– Mas... Mas... Não seria melhor que *você* entrasse no lago? Afinal de contas, quem quer saber o que é aquilo é *você*, e não eu... E você tem mãos, não é mesmo? Quando se trata de pegar alguma coisa, você é tão bom quanto qualquer homem ou anão. Eu só tenho cascos...

– Puxa, Confuso! – exclamou Manhoso. – Nunca pensei ouvir uma coisa dessas. Nunca esperei isso de você!

– Por quê? O que foi que eu disse de errado? – indagou o jumento, numa vozinha muito humilde, pois percebera que o amigo estava muito

ofendido. – Eu só quis dizer...

– Querendo que *eu* entre na água... – queixou-se o macaco. – Como se não soubesse perfeitamente quanto são fracos os pulmões dos macacos e quão facilmente eles se resfriam. Tudo bem, eu vou. Já estou mesmo tremendo de frio por causa deste vento terrível. Mas vou assim mesmo. Pode até ser que eu morra. E aí você vai se arrepender! (E aqui a voz de Manhoso soou como se ele estivesse prestes a chorar.)

– Não, por favor, não vá! Por favor, não! – disse Confuso, meio zurrando, meio falando. – Eu não quis dizer isso, Manhoso, juro! Você bem sabe o quanto sou idiota e que não consigo pensar em duas coisas ao mesmo tempo. Eu esqueci que você tem o peito fraco. É claro que eu vou. Nem pense mais nisso. Prometa que não vai, Manhoso!

Então o macaco prometeu, e Confuso saiu trotando em volta da margem rochosa do lago, procurando um lugar de onde pudesse pular. Não era brincadeira saltar dentro daquela água agitada e espumejante – e isso para não falar do frio! Confuso ficou um tempão parado, tremendo, tentando criar coragem.

Mas aí Manhoso gritou lá de trás:

– Talvez seja melhor *eu* ir, Confuso!

Ao ouvir isso, o jumento apressou-se:

– Não, não! Você prometeu! Já estou indo! – E pulou.

Um monte de espuma espirrou-lhe na cara, enchendo-lhe a boca de água e cegando-lhe os olhos. Durante alguns minutos ficou submerso, e quando voltou à tona encontrava-se num ponto totalmente diferente do lago. Então o redemoinho o pegou, e foi rodopiando cada vez mais rápido, carregando-o para mais e mais longe, até deixá-lo exatamente debaixo da queda-d’água. E a força da água arrastava-o cada vez mais para o fundo, de tal forma que ele pensou que não conseguiria reter o fôlego... Até que começou a subir novamente. Quando voltou à superfície e afinal conseguiu chegar perto da coisa que estava tentando alcançar, esta saiu boiando para longe dele e foi cair bem embaixo da queda-d’água, que a fez afundar também. Quando a coisa voltou à tona, estava muito mais longe do que nunca. Finalmente, quando já estava quase morto de cansaço, todo doído e dormente de frio, conseguiu agarrá-la com os dentes. E lá veio ele pelo

lago, carregando à frente aquela coisa enroscada nas patas dianteiras, pois era um pelego enorme, muito pesado, frio e cheio de lodo.

Confuso atirou a coisa aos pés de Manhoso e ali ficou, todo encharcado, tiritando de frio e tentando recuperar o fôlego. O macaco, porém, nem sequer olhou para ele ou perguntou como se sentia. Manhoso estava muito ocupado dando voltas e mais voltas ao redor da coisa. Esticava, alisava, cheirava... E de repente seus olhos brilharam com um sorriso malicioso e ele exclamou:

– É uma pele de leão!

– Eh... ha... ha... é... mesmo? – ofegou Confuso.

– Eu só queria saber... o que será... será que... – dizia Manhoso consigo mesmo, pensando profundamente.

– Quem será que matou o pobre do leão? – perguntou Confuso depois de alguns instantes. – Ele precisa ser enterrado. Vamos fazer um funeral.

– Ora, não era um leão falante – replicou Manhoso. – Nem precisa se preocupar com isso. Não existem mais animais falantes do lado de lá das cascatas, para as bandas da floresta ocidental. Esta pele deve ter pertencido a um leão mudo e selvagem.

A propósito, era isso mesmo. Um caçador matara o leão e arrancara-lhe a pele em alguma parte da floresta ocidental, já havia vários meses. Isso, porém, nada tem a ver com a nossa história.

– Tanto faz, Manhoso – disse Confuso. – Mesmo que seja a pele de um leão mudo e selvagem, por que não devemos dar-lhe um funeral decente? Quer dizer, quando a gente conhece Ele, todos os leões são dignos de respeito, você não acha?

– Não comece a meter minhocas na cabeça, Confuso – retrucou Manhoso. – Você bem sabe que pensar não é o seu ponto forte. Vamos pegar esta pele e fazer uma capa bem quentinha para você usar no inverno.

– Ah, não! Nem pense nisso! – objetou o jumento.

– Ia parecer... quer dizer, os outros animais poderiam pensar... isto é, eu não iria sentir-me...

– Do que você está falando? – interrompeu Manhoso, coçando-se como costumam fazer os macacos.

– Eu acho que seria uma falta de respeito para com o Grande Leão, para com o próprio Aslam, se um asno como eu andasse por aí metido numa pele de leão – explicou Confuso.

– Não me venha agora com argumentos, por favor – disse Manhoso. – O que é que um burro como você entende dessas coisas? Você bem sabe que não é um bom pensador, Confuso. Por que não me deixa pensar por você? Por que não me trata como eu o trato? Eu não acho que sou capaz de fazer tudo. Sei que há certas coisas que você faz muito melhor do que eu. É por isso que o deixei entrar no lago: sabia que você faria isso melhor do que eu. Mas por que *eu* não posso ter uma chance quando se trata de fazer algo que posso fazer e você não? Por que será que nunca posso fazer nada? Seja justo e me dê uma chance, vá...

– Está bem... se é assim que você pensa...

– Sabe de uma coisa? – disse Manhoso. – Por que você não dá um pulinho até Cavacópolis para ver se encontra algumas laranjas e bananas para nós?

– Mas, Manhoso, estou tão cansado! – implorou Confuso.

– Isso é verdade. Mas também está molhado e com muito frio – disse o macaco. – Você precisa de alguma coisa que o aqueça, e uma corridinha vem bem a calhar. Além do mais, hoje é dia de feira em Cavacópolis.

Nem é preciso dizer que Confuso acabou concordando. Assim que se viu sozinho, Manhoso saiu gingando, ora sobre duas patas, ora sobre as quatro, até chegar à árvore onde morava.

Então começou a pular de galho em galho, tagarelando e arreganhando os dentes o tempo todo, e finalmente entrou na casinha. Lá dentro pegou agulha, linha e uma enorme tesoura (inteligente como era, havia aprendido a costurar com os anões). Enfiou o novelo de linha na boca (era uma linha muito grossa, que mais parecia corda), de forma que as bochechas ficaram estufadas como se ele estivesse chupando um caramelo bem grandão. Com a agulha entre os beiços e segurando a tesoura com a mão esquerda, desceu da árvore e saiu bamboleando até a pele de leão. Então, acocorado, pôs-se a trabalhar.

Manhoso logo percebeu que o corpo da pele de leão era grande demais para Confuso e que o pescoço era muito curto. Portanto, cortou um

bom pedaço do corpo e emendou-o na parte do pescoço, fazendo uma gola comprida como o pescoço do jumento. Depois arrancou a cabeça, costurando a gola entre esta e os ombros. Colocou umas tiras em ambos os lados da pele de leão, a fim de amarrá-las por baixo do peito e do ventre de Confuso. De vez em quando um passarinho passava voando e Manhoso parava de trabalhar, olhando ansiosamente para cima; não queria que ninguém visse o que estava fazendo. Mas como nenhum dos passarinhos que viu era uma ave falante, não havia com que se preocupar.

Quando Confuso voltou já era bem tarde. Ele não vinha trotando, mas caminhando lentamente, como fazem os jumentos.

– Não achei laranja nenhuma e banana também não. Estou é morto de cansado! – disse, atirando-se ao chão.

– Venha cá. Experimente a sua linda capa nova, de pele de leão – chamou o macaco.

– Essa pele velha que se dane! – disse Confuso. –Amanhã eu experimento. Hoje estou cansado demais.

– Puxa, Confuso, como você é indelicado! – reclamou Manhoso. – Se *você* está cansado, imagine *eu*! Fiquei o dia inteiro aqui dando duro para lhe fazer uma capa, enquanto você trotava tranqüilamente pelo vale. Minhas mãos estão tão cansadas que mal consigo segurar a tesoura. E agora você nem me diz obrigado... E nem sequer olha para a capa... Nem dá bola...

– Manhoso, meu querido – disse Confuso, erguendo-se de um salto. – Sinto muito. Como fui estúpido! É claro que eu adoraria experimentar a capa. Como é bonita! Vou prová-la agora mesmo. Coloque-a em mim, por favor!

– Bem, então fique quieto – disse o macaco. A pele era muito pesada para Manhoso erguê-la sozinho. Mas até que enfim, depois de muito puxar, empurrar, soprar, bufar, conseguiu colocá-la no jumento. Amarrou-a por baixo do corpo de Confuso e atou as pernas e o rabo da pele nas pernas e no rabo do jumento. Por dentro da boca aberta da cabeça de leão ainda dava para ver uma boa parte do focinho e da cara cinzenta de Confuso. Quem já tivesse visto um leão de verdade jamais se enganaria ao vê-lo. Mas alguém que nunca vira um leão antes, ao ver Confuso metido naquela pele, poderia muito bem tomá-lo por um leão, desde que ele não se aproximasse muito e

que a luz não fosse muito boa, e, é claro, desde que ele não soltasse um zurro nem fizesse nenhum barulho com os cascos.

– Confuso, você está maravilhoso! Ma-ra-vi-lho-so! – disse o macaco. – Se alguém o visse agora pensaria que você é o próprio Aslam, o Grande Leão!

– Oh, não! Isto seria terrível!

– Nem tanto – disse Manhoso. – Todo mundo iria fazer qualquer coisa que você mandasse.

– Mas não quero mandar ninguém fazer nada!

– Imagine só quanta coisa boa a gente poderia fazer – disse Manhoso. – Eu seria o seu conselheiro, é claro. Bolaria umas ordens bem sensatas para você dar. E todo mundo obedeceria a nós – inclusive o próprio rei. Aí a gente ia dar um jeito em Nárnia, botar tudo nos eixos.

– Mas já não está tudo nos eixos? – estranhou Confuso.

– Que nada! – respondeu Manhoso. – Tudo nos eixos? Quando nem laranja ou banana se encontra?

– Bem, você sabe... nem todos... aliás, acho que ninguém mais além de você gosta dessas coisas.

– E açúcar? – insinuou Manhoso.

– Hmmm! Até que seria bom se houvesse mais açúcar...

– Então, está combinado – disse o macaco. – Você vai fazer de conta que é Aslam, e eu lhe digo o que dizer.

– Não, não, não! – protestou Confuso. – Pare com essa história horrível, Manhoso. Vai sair tudo errado. Posso não ser muito inteligente, mas isso eu sei muito bem. O que seria de nós se o verdadeiro Aslam aparecesse?

– Acho que ele ia ficar muito satisfeito – respondeu Manhoso. – Quem sabe até foi ele quem nos enviou de propósito a pele de leão, a fim de que déssemos um jeito em Nárnia? E depois, ele nunca aparece mesmo, você bem sabe. Pelo menos, não hoje em dia.

Naquele momento um enorme trovão ribombou bem acima da cabeça deles e um ligeiro terremoto fez tremer o chão. Os dois animais perderam o

equilíbrio e se estatelaram de cara no chão.

– Viu? ! – gaguejou Confuso, assim que recuperou o fôlego. – E um sinal, um aviso. Eu sabia que a gente estava fazendo uma coisa terrivelmente perigosa. Tire logo de uma vez essa pele ordinária de cima de mim.

– Não, não – disse o macaco, cuja cabeça trabalhava muito depressa. – É um outro tipo de sinal. Eu ia justamente dizer que se o verdadeiro Aslam, como você o chama, quisesse que levássemos esta idéia avante, mandaria uma trovoada e um tremor de terra. Já estava na pontinha da língua, só que o sinal veio antes que as palavras saíssem da minha boca. Agora você *tem* de fazer. E, por favor, não vamos mais discutir. Você bem sabe que não entende muito dessas coisas. O que é que um burro como você entende de sinais?

2
A PRECIPITAÇÃO DO REI

Umas três semanas mais tarde, o último rei de Nárnia estava sentado debaixo de um grande carvalho que crescia à entrada do seu alojamento de caça, onde ele costumava passar uns dez dias durante a primavera. O alojamento era uma construção baixa, coberta de sapé, não muito distante do lado oriental do Ermo do Lampião e um pouco acima do encontro dos dois rios. O rei adorava aquela vida tranqüila e relaxada, longe das preocupações e das pompas de Cair Paravel, a cidade real. Chamava-se Tirian e tinha entre vinte e vinte e cinco anos. Seus ombros eram largos e fortes e os membros rijos e musculosos, mas a barba era ainda bem rala. Tinha olhos azuis e uma expressão honesta e corajosa.

Não havia ninguém com ele naquela manhã de primavera, exceto seu amigo mais íntimo, o unicórnio Precioso. Os dois amavam-se como irmãos e, em guerras anteriores, ambos já haviam salvo a vida um do outro. O nobre animal estava bem pertinho do rei e, com o pescoço encurvado, ocupava-se em lustrar o belo corno azul, esfregando-o contra a brancura cremosa do próprio flanco.

– Hoje não tenho a mínima disposição para trabalhar ou praticar esporte, Precioso – disse o rei. –Não consigo pensar em outra coisa a não ser nessa maravilhosa notícia. Você acha que ainda hoje ouviremos algo mais sobre isso?

– São as novas mais maravilhosas que já ouvimos em nossos dias, ou mesmo nos dias dos nossos pais e dos nossos avós, senhor – respondeu Precioso. – Se é que são verdadeiras.

– E como poderiam não ser verdadeiras? Já faz mais de uma semana que os primeiros passarinhos chegaram voando e nos disseram que Aslam está aqui, que Aslam está de volta a Nárnia. Depois disso foram os esquilos. Não o avistaram, mas disseram que era certo que ele estava na floresta. E aí chegou o cervo e disse que o vira com seus próprios olhos, bem de longe,

ao luar, no Ermo do Lampião. Depois veio aquele moreno barbudo, o mercador da Calormânia. Os calormanos não ligam muito para Aslam como nós, mas a maneira como o homem falou não deixa dúvida alguma. E na noite passada foi o texugo, que também viu Aslam.

– De fato, senhor – disse Precioso –, eu acredito. Se parece que não acredito é porque a minha alegria é tão grande que não consigo acreditar em mim mesmo. É quase bonito demais para ser verdade.

– Pois é – disse o rei com um grande suspiro, quase um estremecimento de prazer. – É muito além do que eu poderia imaginar em toda a minha vida.

– Ouça! – exclamou Precioso, voltando a cabeça para um lado e empinando as orelhas.

– O que é isso? – perguntou o rei.

– Cascos, senhor – respondeu Precioso. – Um cavalo a galope. Deve ser um dos centauros. Veja, lá está ele.

Um grande centauro de barbas douradas, com suor de homem na testa e suor de cavalo nos flancos, precipitou-se em direção ao rei, parou e inclinou-se numa reverência. “Salve, Majestade!”, exclamou, numa voz profunda como a de um touro.

– Ei, vocês! – disse o rei, olhando por cima dos ombros na direção da porta do alojamento de caça.

– Uma taça de vinho aqui para o nobre centauro. Bem-vindo, Passofirme. Recupere o fôlego primeiro e depois transmita-nos a sua mensagem.

Um pajem saiu da casa trazendo uma grande taça de madeira curiosamente entalhada e entregou-a ao centauro. Este ergueu a taça, dizendo:

– Bebo a Aslam e à verdade em primeiro lugar, senhor, e depois à saúde de Vossa Majestade!

Bebeu o vinho de um trago (a quantidade era suficiente para seis homens fortes), devolvendo ao pajem a taça vazia.

– E agora, Passofirme – disse o rei. – Será que nos traz alguma notícia de Aslam?

O centauro fitou-o muito sério, franzindo um pouco as sobrancelhas.

– Senhor – disse ele –, bem sabeis há quanto tempo venho estudando as estrelas, pois nós, os centauros, vivemos mais do que vós, homens, e ainda mais do que vós, unicórnios. Jamais, em toda a minha vida, vi coisas tão terríveis escritas nos céus quanto as que vêm aparecendo a cada noite, desde o início deste ano. As estrelas nada dizem sobre a vinda de Aslam, nem sobre paz ou alegria. Pelos meus conhecimentos, sei bem que, nestes quinhentos anos, jamais ocorreu tão desastrosa conjunção de planetas. Já estava pensando em vir prevenir Vossa Majestade de que algum grande mal está por abater-se sobre Nárnia. Mas na noite passada ouvi rumores de que Aslam encontra-se em Nárnia. Senhor, não acrediteis nessa história. Não pode ser. As estrelas nunca mentem, mas os homens e os animais, sim. Se Aslam estivesse realmente vindo para Nárnia, os céus o teriam predito. Se ele estivesse mesmo por vir, todas as estrelas mais formosas estariam reunidas em sua homenagem. É tudo mentira!

– Mentira! — explodiu o rei. — Que criatura, em Nárnia ou no mundo inteiro, ousaria inventar uma mentira dessas? – E, sem nem pensar no que estava fazendo, levou a mão à bainha da espada.

– Isso eu não sei, meu senhor – disse o centauro. – Só sei que na terra existem mentirosos; nenhum, porém, entre as estrelas.

– Eu me pergunto – interveio Precioso – se Aslam não poderia vir de qualquer forma, mesmo sem ter sido previsto pelas estrelas. Ele não é escravo das estrelas, mas, sim, o criador delas. Não é o que se diz em todas as narrativas antigas, que ele não é um leão domesticado?

– Isso mesmo, Precioso, isso mesmo! – exclamou o rei. – São exatamente estas as palavras: *ele não é um leão domesticado.* Isso aparece em inúmeras histórias.

Passofirme ergueu a mão e ia fazendo uma reverência para dizer ao rei algo muito grave, quando de repente os três se voltaram, pois acabavam de ouvir um som de lamentação que se aproximava cada vez mais rápido. Do lado direito de onde eles estavam, a mata era tão espessa que ainda não dava para enxergar quem vinha vindo. Logo, porém, distinguiram as palavras.

– Ai, ai, ai! – gemia a voz. – Ai de meus irmãos e minhas irmãs! Ai das árvores sagradas! As matas estão arrasadas. O machado voltou-se contra nós. Estamos sendo derrubadas. Árvores enormes estão caindo, caindo, caindo...

E, junto com o último “caindo”, apareceu o dono da voz. Parecia uma mulher, mas era tão alta que sua cabeça ficava no mesmo nível da do centauro. E ela própria parecia uma árvore. Para quem nunca viu uma dríade é difícil explicar. Mas quem já viu uma não se engana, pois há algo diferente nela, na cor, na voz, no cabelo... O rei Tirian logo percebeu que se tratava da ninfa de uma faia.

– Misericórdia, senhor rei! – chorava ela. – Venha em nosso auxílio! Proteja nosso povo! Estão nos derrubando no Ermo do Lampião. Quarenta árvores grandes dentre as minhas irmãs já estão por terra.

– O quê? ! Derrubando o bosque do Lampião? Assassinando as árvores falantes? ! – exclamou o rei, dando um salto e sacando a espada. – Como ousam? Quem se atreve a fazer isso? Pela Juba do Leão, vou...

– Ah-h-h! – ofegou a dríade, estremecendo como se sentisse dores. E de instante em instante estremecia novamente, como se estivesse recebendo golpes contínuos. Então, de súbito, caiu de lado, tão de repente como se alguém lhe tivesse arrancado de um golpe ambos os pés debaixo do corpo. Durante alguns segundos eles a viram ali, estirada na grama, morta; depois ela se desvaneceu. Sabiam o que havia acontecido: a árvore dela, a quilômetros de distância, tinha sido derrubada.

O rei ficou tão furioso que, por algum tempo, nem conseguiu falar. Por fim disse:

– Venham, meus amigos. Vamos subir o rio e descobrir quem são os vilões que estão fazendo isso, o mais depressa possível. Não deixaremos nem um deles vivo!

– Sim, senhor, com todo o prazer! – concordou Precioso.

Mas Passofirme retrucou:

– Senhor, cuidado com a vossa justa ira. Coisas muito estranhas andam acontecendo. Se existirem rebeldes armados lá para as bandas do Ermo do Lampião, nós três somos muito poucos para enfrentá-los. Caso vos dignásseis a esperar um pouco, enquanto...

– Não vou esperar nem um décimo de segundo! – interrompeu o rei. – Mas enquanto eu e Precioso seguimos, galope o mais rápido que puder até Cair Paravel. Tome aqui o meu anel como garantia. Arranje-me um batalhão de homens armados, todos bem montados, e também um batalhão de cães falantes, dez anões (todos eles excelentes arqueiros!), um leopardo ou coisa parecida e ainda o gigante Pé-de-Pedra. Leve todos eles ao nosso encontro o mais depressa possível.

– Com todo o prazer, senhor – disse Passofirme, voltando-se de uma vez para o Oriente. E disparou a galope na direção do vale.

O rei afastou-se a passos largos, ora falando sozinho, ora cerrando os punhos. Precioso seguia ao seu lado, sem dizer nada; entre os dois não se ouvia som algum, a não ser o leve tilintar de uma rica corrente de ouro que o unicórnio trazia ao pescoço e o barulho de dois pés e quatro patas.

Logo alcançaram o rio e começaram a subir por uma estrada coberta de grama. Agora tinham a água à sua esquerda e a floresta à direita. Pouco depois chegaram a um lugar onde o terreno era ainda mais irregular e uma mata espessa descia até a beira da água. A estrada – aliás, o que restava dela – seguia agora pela margem sul e eles tiveram de vadear o rio para alcançá-la. A água dava quase nos ombros de Tirian. Precioso, que por ter quatro pernas tinha muito mais estabilidade, colocou-se à sua direita a fim de quebrar a força da corrente. Com seus braços fortes Tirian agarrou-se ao potente pescoço do unicórnio e assim os dois chegaram a salvo do outro lado. O rei ainda estava com tanta raiva que mal se deu conta do frio da água. Mesmo assim, logo que chegaram à outra margem, ele enxugou cuidadosamente a espada na manga da capa, que era a única parte seca em todo o seu corpo.

Agora avançavam para o Oeste, tendo à direita o rio e, bem à sua frente, o Ermo do Lampião. Ainda não haviam caminhado um quilômetro quando ambos pararam, falando ao mesmo tempo:

– O que é isso? – perguntou o rei, enquanto Precioso exclamava:

– Olhe!

– É uma balsa – disse Tirian.

E era mesmo. Uma meia dúzia de troncos de árvores, todos recém-cortados e cujos galhos acabavam de ser podados, tinham sido amarrados

um ao outro formando uma balsa e vinham deslizando velozmente rio abaixo. Na frente ia um rato-d'água, dirigindo-a com um varapau.

– Ei, rato-d'água! O que está fazendo? – gritou o rei.

– Levando estes troncos rio abaixo para vender aos calormanos, senhor – respondeu o rato, fazendo uma continência e tocando na orelha como quem toca no chapéu.

– Calormanos? ! — vociferou Tirian. – O que você quer dizer com isso? Quem deu ordem para derrubar essas árvores?

O rio corre tão rapidamente nessa época do ano que a balsa já tinha passado pelo rei e por Precioso. Mas o rato-d'água olhou para trás e gritou por cima dos ombros:

– Ordens do Leão, senhor. Do próprio Aslam! –Ele ainda disse mais alguma coisa, mas eles não conseguiram entender.

O rei e o unicórnio se entreolharam. Nunca, em nenhuma batalha, pareceram tão assustados quanto agora.

– Aslam – disse finalmente o rei, numa voz quase inaudível. – Aslam. Será verdade? Será possível que Ele esteja derrubando as árvores sagradas e matando as dríades?

– A não ser que todas as dríades tenham feito algo terrivelmente errado... – murmurou Precioso.

– Mas vendê-las para os calormanos? ! – pasmou o rei. – Será possível?

– Não sei... – disse Precioso, desolado. – Ele não é um leão *domesticado...*

– Bem – suspirou o rei, depois de alguns instantes. –Vamos em frente e vejamos que aventura nos espera.

– É a única coisa que nos resta fazer, senhor –disse o unicórnio.

Naquele momento, nem ele nem o rei se deram conta da loucura que estavam fazendo, indo avante só os dois. Sua precipitação, no entanto, acabaria por trazer muitos males.

De repente, o rei inclinou-se, encostando-se no pescoço do amigo, e disse, abanando a cabeça:

– Precioso, o que será de nós? Pensamentos horríveis começam a me perturbar. Ah, se tivéssemos morrido antes de hoje! Teria sido melhor para nós.

– Sim – disse Precioso. – Acho que vivemos demais. Não poderia ter nos acontecido coisa pior.

Ficaram ali parados durante uns dois minutos e depois seguiram em frente. De longe podiam ouvir o barulho dos machados devastando a floresta, embora ainda não conseguissem ver nada, pois o terreno elevava-se logo à frente deles. Quando alcançaram o topo, avistaram o Ermo do Lampião; o rosto do rei ficou branco como cera.

Bem no meio daquela antiga floresta – a mesma floresta onde, muitos anos atrás, cresciam árvores de ouro e de prata e onde certa vez uma criança do nosso mundo plantara a Arvore da Proteção — já fora aberta uma vasta clareira. Era uma faixa horrorosa, parecendo uma ferida aberta na terra, cheia de sulcos barrentos por onde as árvores derrubadas eram arrastadas para o rio. Havia uma porção de gente trabalhando em meio ao estalar de chicotes; cavalos resfolegavam e bufavam arrastando as toras de madeira. A primeira coisa que o rei e o unicórnio notaram foi que pelo menos metade dos trabalhadores eram homens e não animais falantes. Depois perceberam que aqueles homens não eram os louros narnianos, mas, sim, barbudos e morenos homens da Calormânia, o país grande e cruel que fica para lá da Arquelândia, ao sul do deserto. Não existia, é claro, razão alguma para não haver calormanos em Nárnia, fossem eles mercadores ou embaixadores, pois naqueles dias havia paz entre Nárnia e Calormânia. O que Tirian não conseguia entender era por que havia tantos deles ali, nem por que razão estavam abatendo as florestas narnianas. Apertou ainda mais o punho da espada, enrolando a capa sobre o braço esquerdo, e em questão de segundos já se encontravam no meio daqueles homens.

Dois calormanos montavam um cavalo ao qual haviam atrelado um tronco. O rei os alcançou justo no momento em que o tronco atolara numa poça de lama.

– Vamos, filho de uma lesma! Puxa, seu porco preguiçoso! – gritaram os calormanos, estalando os chicotes. O cavalo já se esforçara ao máximo; seus olhos estavam vermelhos e o corpo coberto de espuma.

– Trabalhe, sua besta molenga! – berrou um dos calormanos, açoitando selvagemente o cavalo com o chicote.

Aí então uma coisa terrível aconteceu.

Até aquele momento Tirian imaginara que os calormanos estivessem usando seus próprios cavalos: animais mudos e irracionais como os cavalos do nosso mundo. E, embora detestasse ver qualquer cavalo, mesmo mudo, sendo maltratado, naquele momento estava mais preocupado com o assassinato das árvores. Nunca lhe passara pela cabeça que alguém teria a ousadia de atrelar um dos livres cavalos falantes de Nárnia, e muito menos de chicoteá-lo. O cavalo, porém, ao ser atingido por aquele golpe selvagem, empinou-se e soltou um grito estridente:

– Seu tirano idiota! Não vê que estou me esforçando ao máximo? !

Ao verem que o cavalo era um dos seus próprios narnianos, tanto Tirian quanto Precioso foram tomados de tamanha fúria que perderam totalmente a noção do que estavam fazendo. A espada do rei subiu e o corno do unicórnio desceu. Os dois avançaram de uma vez. Em questão de segundos os dois calormanos jaziam mortos no chão, um decepado pela espada de Tirian e o outro com o coração traspassado pelo corno de Precioso.

3

SUA MAJESTADE, O MACACO

– Mestre cavalo! Mestre cavalo! — exclamou Tirian, cortando-lhe apressadamente os arreios. – Como é que esses estranhos o escravizaram? Houve porventura alguma batalha em Nárnia? Alguém a conquistou?

– Não, senhor – respondeu o cavalo ofegante. –Aslam está aqui. É tudo por ordem dele. Foi ele quem mandou...

– Cuidado, senhor rei! – gritou Precioso. – Tirian levantou os olhos e viu que, de todas as direções, começaram a aparecer calormanos e, junto com eles, alguns animais falantes. Como os dois homens tinham morrido sem dar um único grito, algum tempo se passou antes que os outros percebessem o que havia acontecido. Mas agora já sabiam. A maioria deles já vinha com a cimitarra desembainhada.

– Rápido! Em minhas costas! – gritou Precioso.

O rei montou de um salto o velho amigo, que se virou e partiu a galope. Assim que se viram fora das vistas dos inimigos, mudaram de direção umas duas ou três vezes. Depois de atravessarem um riacho, Precioso gritou, sem diminuir a velocidade:

– E agora, senhor, para onde vamos? Para Cair Paravel?

– Agüente firme aí, amigo, que vou descer –disse Tirian, escorregando do lombo do unicórnio e colocando-se frente a frente com ele.

– Precioso – disse o rei –, o que fizemos foi terrível!

– Fomos cruelmente provocados, senhor – replicou o unicórnio.

– Mas atacá-los desprevenidos... Sem desafiá-los... E, ainda por cima, desarmados... Que vergonha! Somos dois assassinos, Precioso. Estou desonrado para sempre.

Precioso baixou a cabeça. Ele também estava envergonhado.

– E o cavalo disse que eram ordens de Aslam – continuou o rei. – E o rato disse a mesma coisa. Todo mundo diz que Aslam está por aqui. E se for verdade?

– Mas, senhor, como é que *Aslam* iria dar ordens tão terríveis?

– Ele não é um leão *domesticado* – retrucou Tirian. – Como poderíamos saber o que ele pretende? Logo nós, uns assassinos. Precioso, vou voltar. Vou entregar minha espada, render-me àqueles calormanos e pedir-lhes que me levem à presença de Aslam. Que Ele mesmo me faça justiça.

– Mas assim estará caminhando para a morte!

– E você acha que eu me importo se Aslam me condenar à morte? Isso ainda seria pouco, muito pouco. Melhor morrer do que viver com esse terrível temor de que Aslam voltou e não é nada parecido com o Aslam em quem sempre acreditamos e por quem tanto esperamos. É como se de repente a gente acordasse e visse o sol nascer escuro...

– Eu sei – disse Precioso. – Ou como se a gente bebesse um copo d'água e esta fosse seca. Tem razão, senhor. É o fim de tudo. Vamos voltar e entregar-nos.

– Não é preciso irmos os dois, Precioso.

– Pelo amor que sempre nos uniu, Tirian, deixe-me ir com você agora – implorou o unicórnio. – Se você morrer, e se Aslam não for mesmo Aslam, de que me adianta continuar vivendo?

Os dois retomaram o caminho de volta, chorando amargamente. Quando chegaram ao lugar onde os homens estavam trabalhando, ouviu-se uma gritaria e os calormanos avançaram para cima deles de armas na mão. O rei, porém, ergueu sua espada com o punho voltado contra eles, dizendo:

– Eu, que era o rei de Nárnia e sou agora um cavaleiro desonrado, rendo-me à justiça de Aslam. Levem-me à presença dele.

– Eu também me rendo – disse Precioso.

Viram-se, então, cercados por uma enorme multidão de homens escuros, cheirando a alho e cebola, os olhos brancos faiscando terrivelmente nos rostos morenos. Passaram uma corda em volta do pescoço de Precioso. Tomaram a espada do rei e amarraram-lhe as mãos às costas. Um dos

calormanos, que usava um elmo em lugar de turbante e que parecia estar no comando, arrancou o diadema de ouro da cabeça de Tirian, fazendo-o desaparecer sutilmente por entre suas roupas. Depois os prisioneiros foram conduzidos colina acima, até chegarem a uma clareira. E eis o que os dois viram.

No centro da clareira, que era também o ponto mais alto da colina, havia uma pequena cabana coberta de palha. A porta estava fechada. Na frente desta, sentado na grama, encontrava-se um macaco. Tirian e Precioso, que esperavam ver Aslam e nunca tinham ouvido coisa alguma a respeito de tal macaco, ficaram completamente desnorteados ao verem aquela cena.

Nem é preciso dizer que o macaco era o próprio Manhoso. Só que agora ele parecia dez vezes mais feio do que quando vivia no Lago do Caldeirão, pois estava trajado a rigor. Vestia uma jaqueta escarlate que não lhe assentava muito bem, pois fora feita para um anão. Nas patas traseiras ele enfiara umas sandálias cheias de jóias que o deixavam ainda mais ridículo, porque, como todo mundo sabe, as patas traseiras de um macaco mais parecem mãos. Na cabeça colocara algo parecido com uma coroa de papel. Havia ao seu lado um montão de nozes, e ele ficava o tempo todo quebrando-as com os dentes e cuspindo as cascas no chão. E toda hora levantava a jaqueta escarlate para se cocar. De pé, voltados para ele, havia uma porção de animais falantes, e praticamente cada rosto naquela multidão trazia uma expressão aturdida e preocupada. Assim que viram quem eram os prisioneiros, começaram a gemer e a soluçar.

– O, grande Manhoso, porta-voz de Aslam –disse o chefe calormano. – Trazemos prisioneiros. Graças à nossa coragem e habilidade e com a permissão do grande deus Tash, capturamos vivos estes dois perigosos assassinos.

– Dêem-me a espada daquele homem – ordenou o macaco.

Eles pegaram a espada do rei e a entregaram, com tiracolo e tudo, para o macaco, que a pendurou em seu próprio pescoço, o que o fez parecer ainda mais ridículo.

– Sobre esse dois conversaremos mais tarde – resmungou o macaco, cuspindo uma casca de noz na direção dos prisioneiros. – Tenho outros assuntos a tratar primeiro. Esses aí podem esperar. Agora ouçam-me todos

vocês. A primeira coisa que quero dizer é sobre as nozes. Onde está o esquilo-chefe?

– Aqui, senhor – disse um esquilo vermelho, adiantando-se nervosamente e fazendo uma ligeira reverência.

– Ah! Aí está você. Pois bem – falou o macaco com um olhar de desdém –, quero... isto é, Aslam deseja... mais nozes. Essas que você me trouxe não dão nem para o cheiro. Você tem que trazer mais, ouviu bem? Duas vezes mais! E elas têm de estar aqui amanhã, antes do pôr-do-sol. E cuide para que não haja entre elas uma única noz pequena ou estragada.

Ouviu-se entre os esquilos um murmúrio de desânimo, e o esquilo-chefe muniu-se de toda a coragem para dizer:

– Por favor, será que o próprio Aslam não poderia conversar conosco sobre isso? Se ao menos nos fosse permitido vê-lo...

– Bem, isso não vai dar – respondeu o macaco. – Mas pode ser que ele, num ato de muita generosidade, resolva sair um pouquinho hoje à noite, embora isso seja muito mais do que a maioria de vocês merece. Aí todos poderão dar uma espiadinha nele. Mas nada de aglomerações ao redor dele ou de incomodá-lo com perguntinhas tolas. Tudo o que quiserem dizer-lhe terá de ser por meu intermédio – isso se eu achar que é algo que valha a pena. Enquanto isso, esquilos, é melhor vocês irem se virando para arranjar as nozes. E dêem um jeito de trazê-las aqui até amanhã à noite, senão vão se arrepender!

Os pobres esquilos saíram todos em disparada, como que perseguidos por um cão de caça. Aquela nova ordem era o fim para todos eles: as nozes que haviam armazenado cuidadosamente para o inverno já tinham sido quase todas comidas; e do pouco que ainda lhes restava já haviam dado ao macaco muito mais do que podiam dispensar.

Subitamente, do outro lado da multidão, ouviu-se uma voz muito profunda. Era um grande javali peludo e de presas enormes.

– Mas por que *nós* não podemos ver Aslam e falar com ele? – perguntou o javali. – Quando ele aparecia em Nárnia, antigamente, qualquer pessoa podia vê-lo face a face e conversar com ele.

– Isso é pura conversa! – disse o macaco. – E mesmo que fosse verdade, os tempos mudaram. Aslam disse que tem sido generoso demais

com vocês, mas que agora não vai mais ser tão mole. Desta vez vai colocá-los todos nos eixos. Vai ensiná-los a não pensar mais que ele é um leão domesticado e bonzinho.

Ouviu-se entre os animais um murmúrio surdo, entremeado de suspiros, e a seguir houve um silêncio de morte, ainda mais terrível.

– E tem mais uma coisa que acho bom vocês saberem – continuou o macaco. – Ouvi dizer que andam falando por aí que sou um macaco. Pois bem, não sou, não. Sou um *homem.* Se pareço com macaco é só porque já vivi demais: tenho centenas e centenas de anos nas costas. E justamente por ser tão velho é que sou tão sábio. E é porque sou muito sábio que sou o único com quem Aslam sempre vai falar. Ele não pode dar-se ao incômodo de andar por aí falando com um monte de animais bobocas. Ele me dirá o que vocês têm de fazer e eu o transmitirei a todos. E acho bom escutarem meu conselho e agirem duas vezes mais rápido, pois Aslam não está para brincadeira.

O silêncio era mortal, a não ser pelo barulho de um pequenino texugo que chorava e da mãe tentando acalmá-lo.

– E agora tem mais uma coisa – continuou o macaco, enfiando uma noz fresquinha na boca. – Alguns cavalos andam dizendo por aí: “Vamos nos apressar e acabar de carregar essa madeira o mais rápido possível, e assim ficaremos livres de novo.” Pois bem, é melhor tirarem essa idéia da cabeça de uma vez. E não só os cavalos. Daqui para a frente, todo mundo que tem condições de trabalhar vai ter o que fazer. Aslam já acertou tudo com o rei da Calormânia, o Tisroc, como é chamado pelos nossos amigos calormanos. Todos vocês – cavalos, touros e burros – serão enviados à Calormânia para trabalhar pelo resto da vida... puxando carroças e transportando coisas, igual aos outros animais de carga do mundo inteiro. E quanto a vocês, toupeiras, coelhos e os outros bichos que cavam buracos, irão todos juntos com os anões para trabalhar nas minas do Tisroc. E também...

– Não! Não! Pare! – interromperam os animais. – Não pode ser verdade! Aslam nunca nos venderia como escravos para o rei da Calormânia!

– Esperem aí! – rosnou asperamente o macaco. – Para que essa barulheira toda? Quem falou em escravidão? Vocês não vão ser escravos

coisa nenhuma. Serão pagos, aliás, muito bem pagos. Quer dizer, o salário de vocês irá para o tesouro de Aslam e ele utilizará tudo para o bem de todos.

Então olhou de soslaio e deu uma piscadela para o chefe calormano, que fez uma reverência e replicou, à pomposa maneira dos calormanos:

– Ó, sapientíssimo porta-voz de Aslam! O Tisroc (que ele viva para sempre!) está perfeitamente de acordo com Sua Excelência no que diz respeito a esse sábio plano.

– Viram só? – disse o macaco. – Está tudo acertado. E é tudo para o bem de vocês. Com todo esse dinheiro que irão ganhar poderemos fazer de Nárnia um país digno de se viver. Haverá laranjas e bananas à vontade... Haverá estradas, cidades grandes, escolas, escritórios, como também autoridades e armas, e selas, e cadeias, canis, prisões... Tudo, tudo!

– Mas não queremos nada disso! – bradou um velho urso. – Queremos ser livres. E queremos que o próprio Aslam fale com a gente.

– Não comecem a discutir agora, pois não vou tolerar isso – esbravejou o macaco. – Sou um homem e você não passa de um urso velho, gordo e bobo. E o que é que você entende de liberdade? Pensa que liberdade significa fazer o que a gente bem entende? Pois está muito enganado. Isso não é a verdadeira liberdade. Liberdade de verdade significa fazer aquilo que eu lhes digo.

– Rrrrrr! — grunhiu o urso, cocando a cabeça. Para ele essas coisas eram muito difíceis de entender.

– Por favor! Por favor! – exclamou uma ovelhinha felpuda, tão novinha que todos se admiraram de que ela tivesse coragem de dizer alguma coisa.

– E agora, o que se passa? – estranhou o macaco. – Seja rápida!

– Por favor – disse a ovelha. – Eu não compreendo. O que temos nós a ver com os calormanos? Nós pertencemos a Aslam; eles pertencem a Tash. Têm um deus chamado Tash. Dizem que ele tem quatro braços e cabeça de abutre, e que humanos são mortos em seu altar. Não acredito que esse tal de Tash exista, mas, se existe, como é que Aslam pode ser amigo dele?

Todos os animais se voltaram e todos os pares de olhos chamejaram na direção do macaco. Todos sabiam que aquela era a melhor pergunta que alguém ali já fizera.

O macaco deu um salto e cuspiu na ovelha.

– Sua fedelha! Bebezinho chorão! Por que não vai para casa mamar? ! O que é que você entende dessas coisas? Agora, vocês todos, escutem aqui. Tash é apenas um outro nome de Aslam. Toda aquela velha história de que nós estamos certos e os calormanos errados é pura bobagem. Agora já sabemos melhor das coisas. Embora os calormanos falem uma outra linguagem, querem dizer a mesma coisa. Tash e Aslam, são apenas dois nomes diferentes, vocês bem sabem de quem... Por isso é que nunca pode haver qualquer discórdia entre eles. Metam isso na cabeça de uma vez por todas, seus brutos idiotas: Tash é Aslam, e Aslam é Tash.

Quem tem um cachorrinho sabe muito bem como ele pode ficar com a carinha triste de vez em quando.

Agora pensem nisso e depois imaginem como ficou a cara de cada um dos animais falantes, naquela hora. Imaginem todos aqueles pássaros, ursos, texugos, coelhos, toupeiras e ratos, tão leais e humildes, agora desconcertados e mais tristes do que nunca. Todos os rabinhos estavam caídos e todas as orelhas, murchas. Só de olhar cortava o coração. De todos eles, apenas um parecia não estar triste. Era um gato ruivo – um bichano enorme, no vigor dos anos – que se postara todo empinado, com a cauda enrolada em volta dos pés, entre os animais que estavam na fileira da frente. Ficara o tempo todo ali, encarando firmemente o macaco e o chefe calormano, sem piscar uma única vez.

– Queira me desculpar – disse o gato com polidez –, mas isto realmente me interessa. Será que o seu amigo calormano também pensa a mesma coisa?

– Certamente – disse o calormano. – O iluminado macaco... quero dizer, homem... está absolutamente certo. *Aslam* significa nada mais, nada menos que *Tash.*

– E, principalmente, Aslam significa *nada mais* que Tash, não é? – insinuou o gato.

– Mais, não... De forma alguma! – protestou o calormano, encarando firmemente o gato.

– Está satisfeito, Ruivo? – perguntou o macaco.

– Oh, certamente – respondeu Ruivo com frieza. – Muito obrigado. Eu só queria que as coisas ficassem bem claras. Acho que estou começando a entender.

Até aquele momento, nem Tirian nem Precioso haviam dito coisa alguma. Estavam esperando que o macaco lhes desse permissão para falar, pois achavam que não era polido interromper uma conversa. Agora, porém, olhando ao redor e vendo as feições desesperadas dos narnianos, e ao perceber que todos iam acabar acreditando que Aslam e Tash eram uma e a mesma pessoa, o rei não pôde mais se conter.

– Macaco! – gritou bem alto. – Você está mentindo! Mentindo terrivelmente. Mentindo como um calormano. Mentindo como um macaco.

Ele pretendia ir adiante e perguntar como o terrível deus Tash, que se alimentava do sangue do seu povo, podia ser a mesma pessoa que o bom Leão, que dera o próprio sangue para salvar Nárnia inteira. Se lhe tivesse sido permitido falar, o domínio do macaco teria acabado naquele mesmo dia, pois os animais teriam percebido a verdade. Antes, porém, que pudesse dizer uma palavra mais, dois calormanos taparam-lhe a boca com toda a força, e um terceiro veio por trás e deu-lhe um chute nas pernas, derrubando-o bruscamente. Ao vê-lo cair, o macaco começou a guinchar, furioso e aterrorizado.

– Tirem *ele* daqui! Levem-no embora! Carreguem-no para onde ninguém possa ouvi-lo e nem ele a nós! Amarrem-no a uma árvore! Eu vou... isto é, Aslam vai... fazer-lhe justiça mais tarde.

4

O QUE ACONTECEU NAQUELA NOITE

O rei ficou tão tonto com as pancadas que recebeu, que só percebeu o que estava acontecendo quando os calormanos lhe desamarraram os pulsos e abaixaram-lhe os braços, esticando-os firmemente de cada lado do corpo. Depois colocaram-no de costas contra o tronco de uma árvore e passaram-lhe cordas em volta dos tornozelos, dos joelhos, da cintura e do peito. E foram embora.

O que mais o incomodava naquele momento (pois geralmente as coisinhas pequenas são as mais difíceis de suportar), era que seu lábio estava sangrando e ele não conseguia limpar o filete de sangue que escorria, fazendo-lhe cócegas.

De onde ele estava ainda dava para ver o macaco sentado na frente do pequeno estábulo, lá no topo da colina. Podia ouvi-lo falando ainda e, de vez em quando, uma ou outra resposta da multidão, mas não conseguia discernir o que diziam.

– Só queria saber o que fizeram com Precioso – pensou o rei.

De repente, a multidão dispersou e os animais começaram a se mover em várias direções. Alguns deles passaram pertinho de Tirian, olhando para ele como se estivessem assustados e, ao mesmo tempo, penalizados por vê-lo amarrado, mas ninguém disse nada. Logo todos tinham ido embora e a floresta ficou em silêncio.

Muitas horas se passaram, e Tirian começou a sentir sede e depois fome. Quando chegou o final da tarde e a noite se aproximou, começou a sentir frio também. Suas costas doíam muito. Finalmente, o Sol se pôs e o crepúsculo desceu.

Já estava quase escuro quando Tirian ouviu um leve tamborilar de pés miúdos e viu umas criaturinhas se aproximando. Os três da esquerda eram ratos e no meio vinha um coelho; à direita estavam duas toupeiras. Estas traziam às costas uns sacos pequenos, o que lhes dava uma aparência curiosa na escuridão (tanto que, no primeiro instante, ele ficou imaginando que bichos seriam aqueles). Então, num dado momento, todos se levantaram sobre as patas traseiras e, pousando as patas dianteiras nos seus joelhos, começaram a dar-lhe beijinhos de animal. (Podiam alcançar-lhe os joelhos porque os animaizinhos falantes de Nárnia são maiores do que os animais mudos do nosso mundo.)

– Senhor rei! Querido senhor rei! – exclamaram. – Sentimos muito pelo senhor. Não ousamos desamarrá-lo porque Aslam poderia ficar zangado conosco. Mas lhe trouxemos algo para comer.

Em questão de segundos o primeiro rato já estava lá em cima, empoleirado na corda que atava o peito de Tirian e franzindo o focinho áspero bem na frente do rosto do rei. Em seguida subiu o segundo rato, dependurando-se bem debaixo do primeiro. Então os outros animais se ergueram no chão e começaram a passar as coisas para cima.

– Beba, senhor, e assim terá condições de comer – disse o rato de cima. Então Tirian viu que este segurava bem à frente de seus lábios uma pequenina taça de madeira. Era uma tacinha do tamanho de um ovo; portanto, mal ele conseguira provar o vinho, já a havia esvaziado. Mas o rato passou-a para baixo e os outros a encheram novamente, passando-a de mão em mão até chegar lá em cima de novo, onde Tirian a esvaziou pela segunda vez. E assim foi, até que ele havia bebido o suficiente – e desse modo foi muito melhor, pois beber em doses pequenas mata muito mais a sede do que tomar um longo trago.

– Agora é queijo, senhor – disse o rato. – Mas não muito, pois não queremos que fique com sede.

Depois do queijo deram-lhe bolinhos de aveia com manteiga fresquinha e, então, um pouco mais de vinho.

– Agora me passem a água para eu lavar o rosto do rei, que está sujo de sangue – disse o primeiro rato.

Tirian sentiu no rosto uma espécie de esponja muito pequena, que lhe trouxe uma sensação muito agradável.

– Meus amiguinhos – disse Tirian –, como poderei agradecer-lhes por tudo isso?

– Não precisa, não precisa – responderam as vozinhas. – O que mais quer que façamos? Não queremos outro rei. Somos o seu povo. Se fossem apenas os calormanos e aquele macaco que estivessem contra o senhor, teríamos lutado até virar picadinho para não deixar que o amarrassem desse jeito. Teríamos mesmo. Mas não podemos ir contra Aslam...

– Vocês acham que é mesmo Aslam? – perguntou o rei.

– É, sim! É, sim! – disse o coelho. – Ele saiu do estábulo ontem à noite. Todos nós o vimos.

– E como era ele? – quis saber Tirian.

– Como um Leão grande e terrível, pode crer – respondeu um dos ratos.

– E vocês acham que é realmente Aslam quem está matando as ninfas da floresta e fazendo de vocês escravos do rei da Calormânia?

– Ah! Isso é ruim, não é? – disse o segundo rato.

– Preferia ter morrido antes disso tudo começar. Mas não há dúvida alguma. Todo mundo diz que são ordens de Aslam. E nós mesmos o vimos. Puxa! Queríamos tanto que Aslam voltasse para Nárnia! Não imaginávamos que ele fosse assim!

– Parece que, desta vez, ele voltou muito bravo – disse o primeiro rato. – Acho que, sem saber, todos nós andamos fazendo algo realmente terrível. Ele só pode estar nos castigando por alguma coisa. Mas acho que ele pelo menos poderia nos dizer do que se trata!

– Suponho que o que estamos fazendo *agora* deve estar errado – disse o coelho.

– E daí? – replicou uma das toupeiras. – Para mim, tanto faz. Se for preciso, faço outra vez.

Nesse momento alguém disse: “Cuidado, pessoal!”; e outro acrescentou: “Vamos, rápido!” Então todos falaram: “Sentimos muito,

querido rei, mas temos de ir agora. Se nos pegam aqui...”

– Deixem-me de uma vez, amigos – disse Tirian.

– Não quero, por nada neste mundo, colocá-los em dificuldades.

– Boa noite! Boa noite! – disseram os animais, roçando cada um o focinho em seus joelhos. – Voltaremos, se pudermos.

Depois que todos se foram, a floresta pareceu muito mais escura, fria e solitária do que antes. As estrelas surgiram no céu e o tempo foi passando, lenta e vagarosamente, enquanto o último rei de Nárnia permanecia ali, o corpo todo dolorido e rigidamente imprensado contra a árvore à qual o haviam amarrado.

Finalmente, porém, alguma coisa aconteceu. Lá longe surgiu uma luzinha avermelhada, que desapareceu por um instante para logo voltar, maior e mais forte. Então ele avistou vultos se movimentando do lado de cá da luz, carregando uns embrulhos que atiravam ao chão. Por fim conseguiu ver do que se tratava: era uma fogueira recém-acesa, na qual atiravam feixes de lenha. De repente, a labareda subiu e Tirian viu que a fogueira ficava bem no alto da colina. Agora podia enxergar perfeitamente o estábulo por detrás da fogueira, todo iluminado pelo clarão, e, entre este e o lugar onde se encontrava, uma grande multidão de homens e animais. O pequeno vulto agachado ao lado do fogo devia ser o macaco. Estava dizendo alguma coisa para a multidão, mas Tirian não conseguia ouvir. Depois o macaco foi até a porta da cabana e inclinou-se três vezes até o chão; em seguida levantou-se e abriu a porta. Então alguma coisa saiu lá de dentro – algo que se movia rigidamente sobre quatro pernas – e postou-se de frente para a multidão.

Ergueu-se no ar um grande murmúrio (ou seriam bramidos?), tão alto que Tirian pôde até ouvir algumas palavras:

– Aslam! Aslam! Aslam! – suplicavam os animais. – Fale conosco! Conforte-nos! Não fique mais zangado conosco!

De onde Tirian estava não dava para ver muito bem que bicho era aquele; via apenas que era amarelo e peludo. Ele nunca tinha encontrado o Grande Leão. Para dizer a verdade, nunca sequer vira um leão comum. Por isso não tinha certeza se aquilo era mesmo Aslam. Jamais esperara que Aslam pudesse se parecer com aquela coisa tesa que estava ali, parada, sem

dizer uma palavra. Mas como é que alguém poderia saber ao certo? Durante alguns instantes, pensamentos horríveis passaram-lhe pela mente. Lembrou-se então do absurdo que ouvira sobre Tash e Aslam serem um só, e concluiu que tudo aquilo só podia ser trapaça.

O macaco chegou bem pertinho da *coisa* amarela, encostando sua cabeça na dela como que tentando escutar algo que lhe fosse cochichado ao ouvido. Então virou-se e falou para a multidão, que começou a lamentar-se novamente. Depois a *coisa* amarela voltou-se desajeitadamente e saiu andando (talvez fosse melhor dizer gingando) para o estábulo de novo, e o macaco fechou a porta às suas costas.

Depois disso parece que alguém apagou a fogueira, pois a luz se extinguiu subitamente. Tirian ficou mais uma vez sozinho com o frio e a escuridão. À sua mente vieram, então, os outros reis que tinham vivido e morrido em Nárnia nos tempos antigos. Nunca nenhum deles, pensou Tirian, fora tão infeliz. Lembrou-se do rei Rilian, bisavô de seu bisavô, que, ainda bem jovem, fora raptado por uma feiticeira que o conservara escondido, durante anos e anos, nas escuras cavernas dos subterrâneos da terra dos gigantes do norte. Mas no final tudo acabara bem, pois duas misteriosas crianças apareceram de repente, vindas das terras de Além-Mundo, e o libertaram; e depois que ele regressou a Nárnia teve um longo e próspero reinado. “Comigo não acontece nada disso”, disse Tirian consigo mesmo. Então ele foi ainda mais longe e pensou no pai de Rilian, Caspian, o Navegador, cujo perverso tio, o rei Miraz, tentara assassiná-lo, e em como Caspian conseguira escapar para as matas e viver entre os anões. Mas essa história também acabara bem, pois Caspian igualmente fora ajudado por crianças – só que dessa vez eram quatro, vindas de algum lugar para lá do fim do mundo e que, numa grande batalha, lutaram até conseguir recolocá-lo no trono de seu pai. “Mas isso foi há muito tempo”, pensou Tirian. “Hoje em dia essas coisas não acontecem mais.” E aí ele lembrou (pois, quando menino, sempre fora muito bom em História) que essas mesmas crianças que ajudaram Caspian já tinham estado em Nárnia, anteriormente, havia milhares e milhares de anos, e que fora naquela época que tinham realizado os feitos mais notáveis. Haviam derrotado a temível Feiticeira Branca, pondo fim ao Inverno dos Cem Anos. Depois disso reinaram, os quatro de uma vez, em Cair Paravel, até que não eram mais crianças e, sim, poderosos reis e adoráveis rainhas; e seu reinado fora o período áureo de Nárnia. E,

naquela história, Aslam aparecera uma porção de vezes. Aliás, nas outras histórias ele também aparecera muitas vezes, lembrava agora Tirian. “Aslam... e crianças de um outro mundo”, pensou. “Sempre que as coisas estavam na pior, eles apareciam. Ah, se ao menos pudessem vir agora!”

Então exclamou em voz bem alta: “Aslam! Aslam! Venha ajudar-nos agora!” Mas a escuridão, o frio e a quietude continuaram do mesmo jeito.

– Que *eu* seja morto! – gritou o rei. – Nada peço para mim. Mas, por favor, venha salvar Nárnia!

A noite e a floresta continuaram do mesmo jeito. Dentro de Tirian, porém, alguma coisa começou a mudar. Sem saber por que, viu nascer dentro de si uma pontinha de esperança e sentiu-se um pouco mais forte. “Oh, Aslam! Aslam!”, suspirou. “Se não vier pessoalmente, mande-me pelo menos os ajudantes de Além-Mundo!” E então, quase sem se dar conta do que estava fazendo, subitamente gritou bem alto:

– Crianças! Crianças! Amigos de Nárnia! Venham, rápido! Eu vos chamo através dos mundos! Eu, Tirian, rei de Nárnia, senhor de Cair Paravel e imperador das Ilhas Solitárias!

E no mesmo instante mergulhou em um sonho (se é que aquilo era um sonho) mais vivido do que qualquer outro que já tivera em toda a sua vida.

Pareceu-lhe estar em pé numa sala iluminada onde havia sete pessoas sentadas em volta de uma mesa. Pelo jeito, tinham acabado de comer naquele instante. Duas delas eram bem idosas – um senhor de barbas brancas e uma senhora de olhos inteligentes, brilhantes e joviais. O rapaz sentado à direita do velho mal acabara de sair da adolescência e era certamente ainda mais jovem que o próprio Tirian, mas já trazia no rosto a expressão de um rei e guerreiro. E quase se poderia dizer o mesmo quanto ao outro jovem que se sentava à direita da senhora. Bem à frente de Tirian, no outro lado da mesa, sentava-se uma moça loura, ainda mais jovem que os outros dois, e de cada lado dela um menino e uma menina ainda mais novos. Tirian pensou consigo mesmo que nunca vira roupas mais esquisitas do que aquelas que eles trajavam.

Mas nem teve tempo de deter-se nesses detalhes, pois de repente o menino mais novo e as duas meninas levantaram-se de um pulo e uma delas

deu um gritinho. A senhora ergueu-se de súbito, prendendo firmemente a respiração. O velho também deve ter feito algum movimento brusco, pois o copo de vinho que tinha na mão direita saiu voando da mesa. (Tirian até escutou o barulho do vidro estilhaçando no chão.)

Só então Tirian deu-se conta de que aquelas pessoas podiam vê-lo; e o fitavam estarrecidas, como se vissem um fantasma. Notou, porém, que o jovem com aparência de rei sentado à direita do velho não fez um único movimento (embora tivesse empalidecido), a não ser cerrar o punho com força. Em seguida, disse:

– Fale, se é que você não é um fantasma ou uma visão. Existe em você algo que lembra Nárnia. E nós somos os sete amigos de Nárnia.

Tirian quis falar, e tentou gritar em alta voz que ele era Tirian de Nárnia e que necessitava muito de ajuda. Mas descobriu (como muitas vezes nos acontece em sonhos) que sua voz não fazia o menor ruído.

Aquele que já lhe falara uma vez ergueu-se e falou, encarando-o firmemente:

– Espectro ou espírito ou seja lá o que for! Se você é de Nárnia, ordeno-lhe em nome de Aslam que fale comigo. Eu sou Pedro, o Grande Rei.

A sala começou a tremer diante dos olhos de Tirian. Ele escutava as vozes dos sete, todas falando ao mesmo tempo e ficando cada vez mais fracas: “Vejam! Está desaparecendo!”, “Está sumindo!”, “Está...”

No momento seguinte, achou-se completamente acordado, ainda amarrado à árvore, mais frio e enrijecido do que nunca. A mata estava repleta da luz pálida e monótona que antecede o nascer-do-sol, e ele estava todo ensopado de orvalho. Já era quase manhã.

Aquele despertar foi talvez o pior momento que já tivera em toda a sua vida.

5
CHEGA AUXÍLIO PARA O REI

Seu sofrimento, porém, não durou muito. Quase no mesmo instante ouviu um baque surdo, e depois mais um, e à sua frente surgiram duas crianças. Momentos antes, a mata diante dele estava completamente vazia, e ele sabia que elas não tinham saído de trás da árvore, pois as teria escutado. Elas simplesmente haviam aparecido de lugar nenhum. Logo notou que usavam os mesmos trajes esquisitos e desbotados que as pessoas do sonho, e imediatamente percebeu que eram o menino e a menina mais novos daqueles sete.

– Caramba! – disse o menino. – Isso deixa qualquer um sem fôlego! Eu pensei...

– Rápido! Vamos desamarrá-lo – disse a menina. – Depois a gente conversa. E, voltando-se para Tirian, acrescentou: – Sinto muito pela demora. Viemos assim que pudemos.

Enquanto ela falava, o menino tirou uma faca do bolso e rapidamente cortou as cordas que prendiam o rei. E cortou até rápido demais, pois o rei estava com o corpo tão duro e entorpecido que, quando a última amarra se soltou, caiu para a frente sobre as mãos e os joelhos. E só conseguiu levantar-se novamente depois de uma boa massagem nas pernas dormentes.

– Ah! – disse a menina. – Foi *você* que nos apareceu naquela noite, quando estávamos todos jantando, há cerca de uma semana, não foi?

– Uma semana, gentil senhorita? ! – exclamou Tirian. – Mas... meu sonho me levou ao seu mundo há menos de dez minutos!

– É aquela costumeira confusão dos tempos, Jill – disse o menino.

– Ah, agora me lembro – disse Tirian. – Isso ocorre também nas histórias antigas. O tempo no estranho mundo de vocês é diferente do

nosso. Mas por falar em tempo, acho bom irmos embora daqui. Meus inimigos estão bem pertinho. Vocês vêm comigo?

– É claro que sim – respondeu a menina. – Viemos aqui para ajudá-lo.

Tirian pôs-se de pé e os conduziu rapidamente colina abaixo, afastando-se do estábulo rumo ao Sul. Ele sabia muito bem para onde ir; entretanto, seu primeiro objetivo era alcançar as regiões rochosas onde não deixariam pista alguma. O segundo era encontrar alguma água que pudessem atravessar sem deixar rastro. Isso lhes custou cerca de uma hora, escalando e vadeando. Enquanto isso, ninguém tinha fôlego para conversar. Assim mesmo, de vez em quando Tirian olhava de soslaio para os seus companheiros. O fato de estar andando lado a lado com criaturas de um outro mundo deixava-o meio tonto; mas também fazia com que todas as antigas histórias parecessem muito mais reais do que nunca. Qualquer coisa podia acontecer agora.

– Estamos livres daqueles vilões por algum tempo, e podemos caminhar com mais facilidade –disse Tirian quando chegaram ao topo de um pequeno vale que descia à frente deles, entre pequenas moitas de bétulas. O sol já havia nascido e gotas de orvalho brilhavam em cada galho. Os pássaros cantavam alegremente.

– Que tal “bater uma bóia”? Quer dizer, o senhor, pois nós dois já tomamos nosso café – disse o menino.

Tirian ficou um tempão imaginando o que seria “bater uma bóia”. Mas quando o menino abriu a bojuda mochila que trazia às costas e tirou lá de dentro um pacote mole e gorduroso, então ele entendeu. Tirian estava morto de fome, se bem que até aquele momento ainda não pensara nisso. Havia dois sanduíches de ovos cozidos, dois sanduíches de queijo e ainda dois outros com uma espécie de patê. Se não estivesse com tanta fome, Tirian nem teria ligado muito para aquele patê, pois é o tipo de coisa que ninguém come em Nárnia. Quando acabou de comer os seis sanduíches, já estavam chegando ao fundo do vale, onde encontraram um penhasco cheio de musgo de onde brotava uma pequena fonte. Os três pararam, beberam e lavaram o rosto.

– E agora – disse a menina, ajuntando os cabelos molhados na testa e atirando-os para trás –, não vai nos contar quem é você, por que estava

amarrado e tudo o mais?

– Com todo o prazer, minha donzela – respondeu Tirian. – Mas acho melhor continuarmos andando.

Assim, à medida que caminhavam, ele lhes contou quem era e tudo o que lhe havia acontecido.

– E agora – disse, por fim – estamos indo para uma certa torre, uma das três que foram construídas na época dos meus ancestrais para proteger o Ermo do Lampião contra certos marginais perigosos que viviam por ali naquele tempo. Por graça de Aslam não me roubaram as chaves. Nessa torre encontraremos suprimentos de armas e cotas de malha e também mantimentos (embora nada mais que biscoitos secos). Também lá estaremos a salvo enquanto traçamos nossos planos. E, agora, por que não me dizem quem são? Gostaria de saber a sua história.

– Eu sou Eustáquio e esta é Jill – disse o menino. – Já estivemos aqui uma vez, séculos e séculos atrás, e há mais de um ano, segundo o nosso tempo. Tinha um sujeito chamado príncipe Rilian, que estava preso no mundo subterrâneo, e aí Brejeiro...

– Ah! – exclamou Tirian. – Então vocês são o Eustáquio e a Jill que libertaram o rei Rilian do seu longo encantamento? !

– É, somos nós mesmos – disse Jill. – Quer dizer, então, que ele agora é o *rei* Rilian, hein? É claro, tinha que ser... Eu ia me esquecendo...

– Bem – disse Tirian –, eu sou o último na sua descendência. Ele morreu há mais de duzentos anos.

Jill fez uma careta, dizendo:

– Bolas! Isso é que é chato quando se volta a Nárnia! – Eustáquio, porém, continuou:

– Bem, senhor, agora já sabe quem somos nós. E foi assim que aconteceu: o professor Digory e tia Polly tinham reunido todos nós, os amigos de Nárnia.

– Esses nomes eu não conheço – disse Tirian.

– São os dois que vieram a Nárnia bem no comecinho, no dia em que todos os bichos aprenderam a falar.

– Pela Juba do Leão! – exclamou Tirian. – Aqueles dois! Lorde Digory e Lady Polly! Pela madrugada! E ainda vivos, no mesmo lugar? ! Maravilha das maravilhas! Mas me contem, me contem!

– Para dizer a verdade, ela não é *bem* nossa tia – disse Eustáquio. – O nome dela é senhorita Plummer, mas nós a chamamos de tia Polly. Pois bem: os dois reuniram todos nós, em parte para nos divertirmos um pouco, para a gente bater um bom papo a respeito de Nárnia (pois, como sabe, não tem ninguém mais com quem a gente possa conversar sobre essas coisas). Mas também porque o professor tinha a impressão de que, de alguma forma, alguém estava precisando de nós por aqui. E foi então que você apareceu lá feito um fantasma, ou sei lá o quê, e quase nos matou de susto, e depois se evaporou sem dizer uma palavra. Depois disso, já sabíamos por certo que alguma coisa errada andava acontecendo. A questão agora era como chegar até aqui. A gente não pode vir *assim,* só por querer. Depois de muita discussão, o professor chegou à conclusão de que o único jeito era usar os anéis mágicos. Foi através desses anéis que ele e tia Polly chegaram aqui, muito tempo atrás, quando ainda eram crianças. Mas os anéis haviam sido enterrados no quintal de uma casa em Londres (Londres é a nossa grande cidade, senhor), e a casa tinha sido vendida. O problema agora era como consegui-los. Você nem imagina o que acabamos fazendo! Pedro e Edmundo (isto é, Pedro, o Grande Rei, aquele que falou com você) foram a Londres, planejando entrar no quintal pelos fundos, de manhã bem cedinho, antes que o pessoal da casa acordasse. Vestiram-se de trabalhadores, porque se alguém os visse pensaria que tinham ido fazer algum reparo nos esgotos. Gostaria de ter estado ali com eles. Deve ter sido divertido pra valer. E acho que deu tudo certo, pois no dia seguinte Pedro nos mandou um telegrama (é um tipo de recado, senhor; qualquer hora dessas eu lhe explico), dizendo que havia conseguido os anéis. No dia seguinte, Jill e eu teríamos de voltar para a escola; do grupo todo, somos os únicos que ainda estudam, e estamos na mesma escola. Ficou combinado que Pedro e Edmundo nos encontrariam num determinado lugar a caminho da escola, para nos entregar os anéis. Tinha de ser nós dois, pois os mais velhos já não podiam mais vir a Nárnia. Assim, embarcamos no trem (uma coisa que as pessoas usam para viajar em nosso mundo: uma porção de vagões engatados um no outro). O professor, tia Polly e Lúcia vieram conosco, pois queríamos ficar todos juntos, o máximo de tempo possível. Pois bem, lá estávamos nós no trem. Ao chegarmos à estação onde os outros deveriam nos encontrar, pus-me a olhar

pela janela para ver se conseguia avistá-los, quando, de repente, veio um tremendo solavanco e um barulhão. E aí nos achamos em Nárnia e vimos Sua Majestade amarrado àquela árvore.

– Quer dizer que vocês nem usaram os anéis?

– Não – disse Eustáquio. – Nem sequer os vimos. Aslam fez tudo por nós à sua própria maneira, sem anel algum.

– Mas o rei Pedro deve estar com os anéis –disse Tirian.

– Sim – respondeu Jill. – Mas não creio que possa utilizá-los. Quando os outros dois (quer dizer, o rei Edmundo e a rainha Lúcia) estiveram aqui a última vez, Aslam lhes disse que eles nunca mais voltariam a Nárnia. E disse a mesma coisa ao Grande Rei, só que há muito mais tempo. Eu lhe garanto que, se Aslam deixasse, ele viria que nem uma bala!

– Caramba! – queixou-se Eustáquio. – Este sol está ficando quente. Já estamos chegando, senhor?

– Vejam! – disse Tirian, apontando à frente. Não muito adiante deles erguiam-se umas muralhas cinzentas acima do topo das árvores. Depois de andarem alguns minutos deram com uma clareira toda coberta de grama, onde corria um pequeno riacho. No extremo deste, via-se uma torre baixa e quadrada, com umas poucas janelas estreitas e, na parede de frente, uma porta que parecia bem pesada.

Tirian olhou cuidadosamente para um lado e para o outro, certificando-se de que não havia nenhum inimigo à vista. Então dirigiu-se para a torre e ficou uns minutos parado, tentando pegar um molho de chaves que usava por baixo do traje de caça, preso a uma correntinha de prata que ele trazia ao pescoço. Era um belo molho de chaves: duas eram de ouro e havia várias outras ricamente enfeitadas. Via-se logo que eram chaves feitas para abrir salas solenes e secretas de algum palácio, ou gavetas e cofres de madeira perfumada contendo tesouros reais. No entanto, a chave que ele meteu na fechadura da porta era uma chave comum, grande e rústica. A fechadura estava emperrada e por um momento Tirian chegou a temer que a chave não girasse; finalmente, porém, conseguiu movê-la, e a porta se abriu com um rangido.

– Bem-vindos, amigos – disse ele. – Temo que, no momento, seja este o melhor palácio que o rei de Nárnia pode oferecer aos seus

convidados.

Tirian ficou contente ao notar que os dois hóspedes eram bem-educados. Ambos disseram que não falasse assim, que tinham certeza de que aquele era um ótimo lugar. Mas, para falar a verdade, não era *tão* bom assim. Era muito escuro e tinha um terrível cheiro de umidade. Havia apenas um compartimento, que ia dar direto no telhado de pedra. Uma escadaria de madeira em um canto dava para um alçapão por onde se podia chegar às muralhas. Para dormir, havia alguns beliches bem rústicos encravados na parede. Um monte de baús trancados e uma infinidade de embrulhos espalhavam-se pelo chão. Havia também uma lareira que, pelo jeito, não via fogo há anos e anos.

– Acho melhor a gente sair e ajuntar alguma lenha primeiro – observou Jill.

– Ainda não, minha amiga – disse Tirian. Ele não queria correr o risco de serem pegos desarmados. Por isso começou a remexer nos baús, lembrando com gratidão que sempre tivera o cuidado de mandar inspecionar aquelas torres de guarnição pelo menos uma vez por ano, para garantir que elas se mantivessem devidamente estocadas com todo o necessário. Ali estavam os arcos com as cordas sedosas e cuidadosamente lustradas com óleo; as espadas e as lanças estavam untadas para não enferrujar, e as armaduras brilhavam dentro das caixas. Havia uma coisa, porém, que era ainda melhor.

– Olhem aqui – disse Tirian, tirando uma comprida cota de malha de um modelo muito curioso e fazendo-a brilhar ante os olhos das crianças.

– Que malha mais engraçada, senhor! – disse Eustáquio.

– De fato, meu jovem – concordou Tirian. – Ela não foi feita por nenhum anão narniano. E uma malha da Calormânia, porcaria estrangeira. Sempre conservei algumas dessas vestimentas em prontidão, pois nunca se sabe quando será preciso passar pelas terras do Tisroc sem ser visto. E vejam só esta garrafa de pedra. Aqui dentro tem um líquido que, esfregado no rosto e nas mãos, faz a gente ficar moreno como os calormanos.

– Oba! – exclamou Jill. – Um disfarce! Adoro disfarces!

Tirian mostrou-lhes como pingar um pouquinho do líquido na palma da mão e depois esfregar no rosto e no pescoço, descendo para os ombros,

fazendo depois o mesmo nas mãos e cotovelos. Ele mesmo se besuntou também.

– Depois que isto seca na pele – explicou ele –, pode-se até lavar que a cor não muda. Só com óleo e cinza se fica branco de novo. E agora, Jill querida, vamos ver como fica esta malha em você. É um pouco comprida, mas não tanto quanto eu pensei. Sem dúvida, pertenceu a algum pajem do séquito de um dos tarcaãs calormanos.

Depois de vestir as cotas de malha, colocaram uns elmos calormanos, pequenos e redondos, que encaixam bem na cabeça e têm uma ponta no alto. Em seguida, Tirian tirou do baú uns rolos compridos de uma coisa branca e foi enrolando por cima dos elmos até que estes viraram turbantes; mesmo assim, a pontinha do elmo ainda aparecia. Ele e Eustáquio armaram-se com espadas curvas calormanas e escudos pequenos e redondos. Como não havia uma espada que fosse leve o bastante para Jill, o rei deu-lhe uma faca de caça comprida e reta; em caso de emergência, esta lhe serviria de espada.

– Sabe manejar o arco, senhorita? – perguntou o rei.

– Não muito bem – respondeu a menina, corando. – Eustáquio é que é bom nisso.

– Conversa dela, senhor – disse Eustáquio. – Nós dois praticamos arco e flecha desde que voltamos de Nárnia a última vez, e ela é quase tão boa quanto eu. Não que a gente seja tão bom, mas...

Então Tirian entregou a Jill um arco e uma aljava cheia de flechas. Agora era tratar de acender um fogo, pois, por dentro, aquela torre mais parecia uma caverna do que uma casa, e dava até calafrios. Mas só de juntar lenha eles já se aqueceram (agora o sol já estava a pino); e quando as labaredas começaram a crepitar chaminé acima o lugar ficou até agradável. O almoço, no entanto, foi uma comida muito sem graça, pois o máximo que conseguiram fazer foi picar umas bolachas duras, que acharam num dos baús, e colocá-las para ferver com água e sal, fazendo uma espécie de mingau. Para beber, é óbvio, nada além de água.

– Ah, se eu tivesse trazido uns saquinhos de chá! – suspirou Jill.

– Ou uma lata de chocolate em pó – acrescentou Eustáquio.

– Até que não seria mau se a gente achasse um barril de vinho nessas torres – disse Tirian.

6
UM BOM TRABALHO NOTURNO

Só umas quatro horas mais tarde Tirian atirou-se num dos beliches para tirar uma soneca. As duas crianças já estavam roncando: ele as fizera ir para a cama mais cedo porque teriam de ficar acordadas a maior parte da noite, e Tirian sabia que, sem dormir, crianças daquela idade não agüentariam. Além disso, deixara os dois cansados demais. Primeiro tinha treinado arco e flecha com Jill e descobrira que, embora não atingisse os padrões narnianos, ela de fato não era tão ruim assim. Na verdade, conseguira acertar um coelho (não um coelho falante, é claro; naquela região de Nárnia existem muitos coelhos comuns), que já estava sem o couro, limpo e dependurado. Tirian descobrira que as duas crianças sabiam tudo sobre esse trabalho deprimente e malcheiroso, que haviam aprendido na sua grande viagem pela terra dos gigantes, nos dias do príncipe Rilian. Em seguida, tentara ensinar Eustáquio a usar a espada e o escudo. O menino já aprendera bastante sobre o uso da espada lutando nas suas primeiras aventuras, mas ele só conhecia a espada reta narniana. Nunca havia manejado uma cimitarra calormana, e não foi nada fácil, pois muitos dos golpes são completamente diferentes, e alguns hábitos que ele adquirira usando a espada comprida tinham de ser aprendidos de novo. Tirian percebeu, no entanto, que ele tinha bom olho e era muito rápido com os pés. Ficou surpreso com a força das duas crianças: na verdade, ambas pareciam agora muito mais fortes, maiores e mais maduras do que quando as encontrara pela primeira vez, poucas horas atrás. Esse é um dos efeitos que a atmosfera de Nárnia produz nos visitantes do nosso mundo.

Os três concordaram que a primeira coisa a fazer era voltar à Colina do Estábulo e tentar libertar Precioso, o unicórnio. Depois, se fossem bem-sucedidos, fugiriam para o leste, ao encontro do pequeno exército que Passofirme, o centauro, estaria trazendo de Cair Paravel.

Um guerreiro e caçador experiente como Tirian jamais tem dificuldade de despertar à hora que deseja. Assim, depois de ter dito a si

mesmo que acordaria às nove horas da noite, deixou todas as preocupações de lado e adormeceu no mesmo instante. Quando despertou, teve a impressão de que haviam transcorrido não mais que alguns minutos, mas sabia, pela luminosidade e pelo próprio aspecto das coisas, que dormira exatamente o tempo que havia determinado. Levantou-se, colocou o elmo-turbante (ele dormira com a cota de malha) e então sacudiu as crianças para acordá-las. A bem da verdade, elas pareciam muito desoladas e abatidas quando saltaram dos beliches onde dormiam, bocejando muito.

– Bem – disse Tirian –, daqui vamos para o Norte. Por sorte, a noite está estrelada, e nossa jornada agora será bem mais curta, pois esta manhã nos desviamos muito, ao passo que agora iremos direto. Se formos interpelados, mantenham a calma; farei o possível para falar como um detestável, cruel e orgulhoso lorde calormano. Se eu puxar a espada, Eustáquio, faça o mesmo; e você, Jill, coloque-se atrás e fique com o arco a postos. Mas se eu gritar "Para casa", então fujam para a torre. E, quando eu tiver dado o sinal de retirada, não tentem lutar – nem um golpe sequer –, pois esse tipo de falsa bravura em guerras já arruinou muitos planos excelentes. E agora sigamos, amigos, em nome de Aslam.

Então saíram na noite fria. Todas as grandes estrelas setentrionais flamejavam acima do topo das árvores. A estrela polar em Nárnia é chamada de Ponta da Lança e brilha mais do que a nossa.

Por algum tempo seguiram em linha reta, na direção da Ponta da Lança, mas então, tendo chegado a uma mata espessa, tiveram de desviar-se de seu curso para contorná-la. Depois disso ficou difícil retomar o curso, pois os galhos ainda atrapalhavam sua visão. Foi Jill que os levou de volta ao caminho correto: na Inglaterra ela fora uma excelente bandeirante. E, obviamente, conhecia muito bem as estrelas de Nárnia, pois viajara muito pelas terras desérticas do Norte e podia encontrar a direção das outras estrelas, mesmo quando a Ponta da Lança estava oculta. Ao perceber que ela era o melhor rastreador dos três, Tirian colocou-a à frente. E ficou espantado ao ver quão silenciosamente ela deslizava na frente deles, quase como se fosse invisível.

– Pela Juba do Leão! – murmurou, dirigindo-se a Eustáquio. – Essa garota é uma extraordinária dama dos bosques. Se tivesse sangue de dríade nas veias, dificilmente faria isso melhor.

– O que ajuda é que ela é pequena – sussurrou Eustáquio de volta. Jill, à frente, apenas disse:

– Psiu! Não façam barulho.

Ao redor deles, a floresta estava muito quieta. Na verdade, quieta demais. Numa noite comum, ali em Nárnia, estariam ouvindo ruídos – de quando em quando, um cordial “boa noite” de um ouriço, o grito de uma coruja vindo do alto, talvez o som de uma flauta à distância a dizer que os faunos dançavam, ou o barulho latejante das marteladas dos anões embaixo da terra. Mas tudo estava em silêncio: escuridão e medo reinavam em Nárnia.

Após algum tempo, iniciaram a íngreme caminhada colina acima; as árvores cresciam cada vez mais afastadas umas das outras. Ainda que indistintamente, Tirian já podia divisar o topo da colina e o estábulo. Jill seguia agora com mais cautela, e o tempo todo fazia sinais com a mão para que os outros fizessem o mesmo. Então parou, totalmente imóvel, e Tirian viu-a afundar-se na grama e desaparecer sem o menor ruído.

Daí a alguns instantes ela estava de volta e, chegando a boca bem pertinho do ouvido de Tirian, sussurrou o mais baixo possível: “Abaixe-se! Dá para ver melhor!”

Tirian abaixou-se rápido, quase tão silencioso quanto Jill, mas não tanto, pois era mais velho e mais pesado.

Daquela posição, deitado no chão, avistou dois vultos negros recortados contra o céu coberto de estrelas: um era o estábulo e o outro, poucos metros adiante, um sentinela calormano. O homem montava uma péssima guarda: não estava andando, nem sequer de pé, mas sentado, com a lança recostada ao ombro e o queixo afundado no peito. “Ótimo!”, disse Tirian a Jill. Ela lhe mostrara exatamente o que ele precisava saber.

Então eles se levantaram e Tirian retomou a liderança. Com muito cuidado, mal ousando respirar, encaminharam-se lentamente para um pequeno amontoado de árvores que ficava a uns poucos metros de onde estava o sentinela.

– Esperem aqui até eu voltar – sussurrou ele para os dois. Se eu fracassar, fujam.

Então saiu caminhando decididamente, a plena vista do inimigo. Ao vê-lo, o homem estremeceu e já ia dar um pulo para ficar de pé, pensando que era um dos seus próprios oficiais e que ele estava em apuros por encontrar-se sentado. Antes, porém, que conseguisse pôr-se de pé, Tirian já havia se ajoelhado sobre uma perna, ao seu lado, dizendo:

– És um guerreiro do Tisroc (que ele viva para sempre)? Meu coração alegra-se por encontrar-te aqui entre todos esses animais e demônios de Nárnia. Dá-me tua mão, amigo.

Antes que pudesse dar-se conta do que estava acontecendo, o guarda calormano sentiu sua mão direita dominada por um poderoso aperto de mão. E, logo a seguir, alguém ajoelhou-se sobre as suas pernas, e ele sentiu a pressão de uma adaga contra o pescoço:

– Um ruído e você está morto – disse-lhe Tirian ao ouvido. – Diga-me onde está unicórnio, se quiser continuar vivo.

– A-a-trás do estábulo, gr-grande m-mestre –gaguejou o infeliz.

– Ótimo. Levante-se e leve-me até lá.

O homem ergueu-se, sempre com a ponta da adaga encostada ao pescoço. Esta só se moveu (fria e fazendo cócegas) quando Tirian passou para trás dele, colocando-a num ponto estratégico, abaixo da orelha. Tremendo de medo, ele deu a volta e dirigiu-se para trás do estábulo.

Embora estivesse *escuro, Tirian logo enxergou* o vulto branco de Precioso.

– Silêncio! – disse ele. – Não relinche! Sim, Precioso, sou eu mesmo. Como é que o prenderam?

– Pearam-me as quatro patas e puseram-me umas rédeas amarradas a uma campainha na parede do estábulo – ouviu-se a voz de Precioso.

– Sentinela, fique aqui, com as costas contra a parede. Assim. Agora, Precioso, encoste a ponta do seu chifre contra o peito desse calormano.

– Com todo o prazer, senhor – disse o unicórnio.

– Se ele se mexer, espete-lhe o coração.

Em poucos minutos, Tirian cortou as cordas. Com o que conseguiu aproveitar delas amarrou o sentinela, atando-lhe as mãos aos pés.

Finalmente, fez o homem abrir a boca, entulhou-a de capim e, em seguida, amordaçou-o de tal forma que lhe seria impossível fazer qualquer ruído; depois colocou-o sentado no chão, de costas contra a parede.

– Fui um pouco indelicado com você, soldado – disse Tirian. – Mas eu precisava fazer isso. Caso nos encontremos de novo, espero poder tratá-lo um pouco melhor. E agora, Precioso, vamos sair daqui, com cuidado.

Tirian passou o braço esquerdo em volta do pescoço do animal, inclinou-se e beijou-lhe o focinho; estavam ambos muito felizes. Tão silenciosamente quanto possível, voltaram para o lugar onde Tirian havia deixado as crianças. Embaixo das árvores estava muito mais escuro, e ele quase esbarrou em Eustáquio antes de enxergá-lo.

– Tudo bem – sussurrou. – Um bom trabalho noturno. Agora, para casa.

Viraram-se e já haviam dado alguns passos quando Eustáquio chamou:

– Jill, onde está você? – Ninguém respondeu. –Senhor, por acaso Jill está do seu lado? – perguntou.

– O quê? ! – disse Tirian. – Pensei que ela estivesse do *seu* lado!

Foi um momento terrível. Não ousaram gritar, mas sussurravam o nome dela o mais alto possível. Ninguém respondia.

– Ela saiu de perto de você enquanto eu estava fora? – perguntou Tirian.

– Não vi nem escutei nada – respondeu Eustáquio. – Mas ela pode muito bem ter saído sem eu perceber. Ela é silenciosa como um gato; você mesmo viu.

Naquele momento eles escutaram um longínquo rufar de tambores. Precioso inclinou as orelhas para a frente.

– Anões – disse ele.

– E são anões traiçoeiros, inimigos, muito provavelmente – murmurou Tirian.

– E aí vem algum bicho de cascos, muito mais perto – disse Precioso.

Os dois humanos e o unicórnio ficaram imóveis como defuntos. Agora havia tantas coisas com que se preocupar que nem sabiam o que fazer. O barulho dos cascos foi chegando mais perto. Então, bem pertinho deles, uma voz sussurrou:

– Ei, vocês! Estão todos aí? Que alívio! Era Jill.

– Em que buraco você se meteu? – estourou Eustáquio, num furioso cochicho, pois ficara morto de medo.

– No estábulo – ofegou Jill, com uma voz que parecia a de alguém que está se segurando para não dar uma gargalhada.

– Ah, é? ! – resmungou Eustáquio, indignado. –E você ainda acha engraçado, hein? Pois só quero dizer que...

– Conseguiu libertar Precioso, senhor? – perguntou Jill ao rei.

– Sim. Ele está aqui. E que animal é esse que está com você?

– É *ele* – respondeu Jill. – Mas vamos embora antes que alguém desperte. – E ouviram-se novamente pequenas explosões de riso.

Os outros obedeceram imediatamente, pois já haviam demorado demais naquele lugar perigoso, e os tambores dos anões pareciam estar cada vez mais perto. Só depois de andarem um bom tempo rumo ao Sul é que Eustáquio falou:

– Você trouxe ele? Que história é essa?

– O falso Aslam – disse Jill.

– O quê? ! – exclamou Tirian. – Onde você estava? O que você fez?

– Bem, senhor – respondeu Jill. – Assim que eu vi que o sentinela estava fora de combate, pensei que seria bom dar uma olhadinha no estábulo para ver o *que* realmente havia lá. Naturalmente, estava muito escuro ali dentro e cheirava a estábulo como qualquer outro. Então acendi um fósforo e... adivinhem o que vi? Nada mais, nada menos que este velho jumento, com uma pele de leão amarrada às costas! Aí peguei a minha faca e disse-lhe que ele tinha de vir comigo. Para falar a verdade, eu nem precisava tê-lo ameaçado com a faca. Ele estava *cheio* do estábulo e prontinho para me acompanhar – não é, Confuso?

– Papagaios! – exclamou Eustáquio. – Devo estar biruta. Ainda agorinha estava louco da vida com você, e ainda acho que foi sujeira sua sumir daqui sem a gente. Mas devo admitir... quer dizer... bem, o que você fez foi realmente incrível. Se ela fosse um menino merecia ser armada cavaleiro, não acha, senhor?

– Se ela fosse um menino – respondeu Tirian –, ia é levar uma bronca por ter desobedecido às minhas ordens. – Naquela escuridão, não dava para ver se ele dissera aquilo com uma carranca ou um sorriso. Logo a seguir ouviu-se um ruído de metal sendo amolado.

– O que está fazendo, senhor? – perguntou Precioso, desconfiado.

– Amolando a minha espada para decepar a cabeça desse asno maldito – respondeu Tirian, com uma voz terrível. – Saia daí, garota!

– Oh, não! Por favor, não! – exclamou Jill. – Não pode fazer isso. Não foi culpa dele. Foi tudo invenção daquele macaco. Ele não sabia de nada e sente muito pelo que aconteceu. Ele é um jumento muito bom. O nome dele é Confuso. E eu já estou abraçada ao pescoço dele. E...

– Jill – disse Tirian –, você é a mais corajosa e a mais entendida em florestas dentre todos os meus súditos. Mas é também a mais atrevida e desobediente. Pois bem: que o asno fique vivo. O que tem a dizer em seu favor, asno?

– Eu, senhor? – ouviu-se a voz do jumento. – Só sei que sinto muito mesmo se fiz alguma coisa errada. O macaco me disse que Aslam queria que eu me vestisse daquele jeito. E eu achava que ele é que devia saber. Não sou inteligente como ele. Fiz apenas o que me mandaram. Não teve graça nenhuma para mim ficar o tempo todo dentro daquele estábulo. E nem mesmo sei o que anda acontecendo aqui fora. Ele nem me deixava sair, a não ser por um ou dois minutos, à noite. Tinha dias que até se esqueciam de me dar água...

– Senhor – disse Precioso –, aqueles anões estão chegando cada vez mais perto. Vamos deixar que nos alcancem?

Tirian pensou um pouco e de repente soltou uma enorme gargalhada. Então falou, agora sem cochichar, mas em voz bem alta.

– Pela Juba do Leão! – exclamou. – Devo estar ficando retardado. Encontrá-los? Mas é claro que vamos encontrá-los! Agora podemos

encontrar qualquer pessoa. Temos conosco este asno para lhes mostrar. Eles precisam ver a *coisa* que tanto temeram e a quem reverenciaram. Podemos contar-lhes a verdade sobre a vil trapaça do macaco. Descobrimos o segredo dele. Agora as coisas mudaram. Amanhã mesmo vamos pendurar aquele macaco na árvore mais alta de Nárnia. Chega de cochichos, covardia e disfarces. Onde estão esses simpáticos anões? Temos boas-novas para eles!

Quando a gente passa horas e horas cochichando, o simples fato de alguém falar em voz alta tem um efeito incrivelmente animador. A turma inteira começou a conversar e a rir; até Confuso ergueu a cabeça e soltou um comprido zurro, coisa que o macaco não lhe permitira fazer havia muito tempo. Então seguiram na direção dos tambores. O barulho foi ficando cada vez mais forte e logo enxergaram também luzes de tochas. Foram dar numa dessas estradas esburacadas (se fosse na Inglaterra, dificilmente se chamaria aquilo de estrada) que levam ao Ermo do Lampião. E ali, marchando pesadamente caminho afora, vinham cerca de trinta anões, todos carregando no ombro suas enxadinhas e picaretas. Dois calormanos armados comandavam a fila e dois outros guardavam a retaguarda.

– Parem! – bradou Tirian, ao sair na estrada. – Parem, soldados! Para onde estão levando esses anões narnianos, e por ordem de quem?

7
VIVAM OS ANÕES!

Ao ver o que eles pensaram ser um tarcaã ou um grande lorde acompanhado de dois pajens armados, os dois soldados calormanos que comandavam o grupo pararam e ergueram as lanças, com uma reverência.

– Salve, mestre – disse um deles. – Estamos levando esses anões para a Calormânia, a fim de trabalharem nas minas do Tisroc (que ele viva para sempre!).

– Pelo grande deus Tash! Como são obedientes! – disse Tirian. E de repente voltou-se para os próprios anões. De cada seis deles, um carregava uma tocha; e por aquela luz bruxuleante viam-se seus rostos barbudos, todos olhando para ele com expressão dura e obstinada.

– Terá o Tisroc porventura empreendido uma grande batalha, conquistando a terra de vocês, anões? – perguntou. – Por que caminham assim tão passivos para a morte nas minas de sal de Pugrahan?

Os dois soldados fitaram-no, surpresos; mas todos os anões responderam:

– Ordens de Aslam, senhor, ordens de Aslam. Ele nos vendeu. O que podemos fazer contra ele?

– Grande porcaria, o Tisroc! – resmungou um deles, com uma cusparada. – Ele que se atrevesse para ver!

– Cala a boca, seu cachorro! – berrou o soldado-chefe.

– Olhem aqui – disse Tirian, empurrando Confuso na direção da luz. – É tudo trapaça! Aslam não esteve em Nárnia coisíssima nenhuma. Vocês foram todos tapeados por aquele macaco. Era *isto aqui* que ele tirava do estábulo para mostrar a vocês. Olhem bem!

O que os anões viram, agora bem de perto, foi o suficiente: como era possível terem sido enganados daquele jeito? Depois de todo aquele tempo preso dentro do estábulo, a pele de leão já tinha se soltado toda do corpo de Confuso e, com a caminhada pela mata escura, estava toda torta e desajeitada. A maior parte encontrava-se embolada por cima de um de seus ombros. A cabeça, além de caída para um lado, estava tão afastada para trás que qualquer um podia ver por trás dela a cara ingênua, tola e bondosa do jumento. Num canto da boca havia uma porção de capim, pois, durante a caminhada, ele aproveitara para dar umas mordiscadas na grama.

– Não tive culpa de nada... Não sou muito esperto. Nunca disse que eu era *ele*... – resmungava baixinho o jumento.

Os anões fitaram Confuso por um instante, de olhos arregalados e boca escancarada. De repente, um dos soldados disse, rispidamente:

– Estás louco, meu mestre? ! O que estás fazendo com os escravos?

– Quem és tu? – perguntou o outro.

Nenhuma das lanças agora erguia-se em saudação; ambas estavam abaixadas e prontas para a ação.

– Qual é a senha? – disse o soldado-chefe.

– Esta é a minha senha – exclamou o rei, sacando a espada. – *Dissipem-se as trevas da mentira e brilhe a luz da verdade!* Agora, canalha, em guarda, pois sou Tirian de Nárnia!

O rei partiu como um raio para cima do soldado-chefe. Eustáquio, que já havia sacado a espada, ao ver Tirian fazer o mesmo, avançou contra o outro soldado: seu rosto estava pálido como o de um defunto e com toda a razão. Mas ele teve a sorte que muitas vezes têm os principiantes: esquecendo-se de tudo que Tirian lhe havia ensinado naquela tarde, saiu golpeando selvagemente (para dizer a verdade, acho até que ele estava de olhos fechados) e, de repente, para sua própria surpresa, descobriu que o calormano jazia morto aos seus pés. Se, por um lado, isso lhe trouxe um grande alívio, naquele momento, porém, foi muito mais assustador. A luta do rei durou um ou dois segundos mais e logo também ele havia matado seu adversário, gritando para Eustáquio: “Cuidado com os outros dois!” Mas os anões já haviam dado um jeito nos dois calormanos restantes. Não havia mais inimigos.

– Bela luta, Eustáquio! – exclamou o rei, dando-lhe um tapinha nas costas. – Agora, anões, vocês estão livres. Amanhã eu os comandarei para libertarmos Nárnia inteira. Três vivas para Aslam!

O que aconteceu a seguir, porém, foi a maior decepção. Houve uma leve tentativa por parte de alguns anões (talvez uns cinco), mas que de repente se desvaneceu totalmente. Outros soltaram apenas um rosnado mal-humorado. Muitos deles não disseram absolutamente nada.

– Será que não entenderam? – estranhou Jill, impaciente. – O que é que há de errado com vocês, anões? Não ouviram o que o rei disse? Está tudo acabado. O macaco não vai mais governar Nárnia. Todo mundo pode voltar à sua vida de sempre. Podem divertir-se à vontade de novo. Não estão contentes com isso?

Após um breve silêncio, ouviu-se a voz não muito agradável de um anão de barba e cabelos pretos cheios de fuligem:

– Posso saber quem é a senhorita?

– Sou Jill – respondeu ela. – A mesma Jill que libertou o rei Rilian do encantamento. E este aqui é Eustáquio, que estava comigo também. Estamos voltando do nosso mundo após centenas de anos, e viemos a mando de Aslam.

Todos os anões se entreolharam com um sorriso – não um sorriso de alegria, mas de malícia e zombaria.

– Escutem aqui, meus chapas – disse o anão negro, cujo nome era Grifo –, não sei quanto a vocês, mas já estou *cheio* dessa história de Aslam. Já escutei sobre ele mais do que gostaria de ouvir para o resto da vida.

– Isso mesmo, isso mesmo! – rosnaram os outros anões. – Tudo não passa de trapaça, uma maldita trapaça!

– O que querem dizer com isso? – exclamou Tirian. Durante toda a luta ele não empalidecera uma única vez; agora, porém, seu rosto estava lívido. Imaginara que aquele seria um momento lindo. Em vez disso, começava a parecer um pesadelo.

– Vocês devem estar pensando que somos fracos da bola, isso, sim – disse Grifo. –Já fomos enrolados uma vez e agora querem nos enganar de

novo. Não queremos mais saber de conversa sobre Aslam. Vejam só! Olhem para ele! Um burro velho de orelhas compridas!

– Pela madrugada! Vocês estão me deixando maluco! – disse Tirian. – Quem foi que disse que *isto* é Aslam? Isto é apenas a imitação que o macaco fez de Aslam. Será que não compreendem?

– E, pelo jeito, você conseguiu uma imitação ainda melhor! – retrucou Grifo. – Não, muito obrigado. Já nos fizeram de bobos uma vez e ninguém vai nos enganar de novo.

– Não enganei ninguém! – explodiu Tirian, com raiva. – Eu sirvo ao verdadeiro Aslam!

– E onde está ele? Quem é ele? Queremos vê-lo! – gritaram vários anões.

– Vocês acham que eu o tenho guardado no bolso, seus idiotas? ! – disse Tirian. – Quem sou eu para fazer Aslam aparecer *assim*, com uma simples ordem minha? Ele não é um leão domesticado!

Ao dizer isso, Tirian percebeu que cometera um erro. No mesmo instante, os anões começaram a repetir em coro, em tom de chacota:

– Não é domesticado! Não é domesticado!

– Era isso mesmo que aquele outro vivia dizendo! – acrescentou um deles.

– Quer dizer, então, que não acreditam no verdadeiro Aslam? – disse Jill. – Mas eu já o vi! Foi ele quem nos enviou para cá, vindos de um mundo diferente deste.

– Mas é claro! – disse Grifo com um largo sorriso de mofa. – Isso é o que *você* diz. Eles lhe ensinaram direitinho toda essa baboseira. Está repetindo a lição, não é, queridinha?

– Seu estúpido! – exclamou Tirian. – Ousa chamar uma senhorita de mentirosa, assim na frente dela?

– Acho bom falar com mais jeito, senhor! – replicou o anão. – Aliás, acho que não queremos mais rei nenhum – se é que você é Tirian, o que eu duvido muito. E não queremos mais saber de Aslans nem de coisa alguma. Daqui para a frente vamos é tratar de nossa própria vida, sem prestar reverência a ninguém. Não é mesmo, pessoal?

– É isso mesmo! – responderam os outros anões.

– Vamos viver por nossa própria conta. Chega de Aslam, chega de reis e de conversas fiadas sobre outros mundos. Vivam os anões!

Então começaram a formar fila novamente, aprontando-se para marchar de volta para o lugar (sabe-se lá onde) do qual tinham vindo.

– Criaturinhas abomináveis – berrou Eustáquio.

– Não vão nem agradecer por terem sido salvos de ir para as minas de sal?

– Ora, já entendemos tudo! – resmungou Grifo por cima dos ombros. – Vocês só queriam nos usar, por isso nos libertaram. Nós é que não vamos entrar no seu jogo. Vamos embora, companheiros!

Agora o grupo inteiro seguia em silêncio. Confuso continuava muito infeliz e ainda não conseguia entender absolutamente nada do que estava acontecendo. Jill, apesar de decepcionada com os anões, estava muito impressionada com a vitória de Eustáquio sobre o calormano, mas também um pouco assustada. Quanto a Eustáquio, seu coração ainda batia descompassadamente. Tirian e Precioso, muito tristes, vinham bem atrás, caminhando lado a lado. O rei passara o braço pelo pescoço do unicórnio, e este de vez em quando acariciava o rosto do amigo com o focinho macio. Ninguém tentava consolar um ao outro com palavras. Naquele momento, não era nada fácil pensar em algo confortador para dizer. Tirian nunca imaginara que o fato de um macaco inventar um falso Aslam pudesse levar as pessoas a deixar de acreditar no verdadeiro Aslam. No momento em que contara aos anões que haviam sido ludibriados, quase tivera a certeza de que eles tomariam o seu partido. Seu plano era levá-los, na noite seguinte, até a Colina do Estábulo e mostrar Confuso para todas as criaturas; aí todos se voltariam contra o macaco e, provavelmente depois de uma boa luta com os calormanos, tudo chegaria ao fim. Agora, porém, pelo que tudo indicava, já não podia contar com nada mais. Quantos outros narnianos acabariam seguindo o exemplo dos anões?

– Acho que tem alguém nos seguindo – disse Confuso, de repente.

Pararam para escutar. Agora tinham certeza de terem ouvido uns passinhos miúdos atrás deles.

– Quem vem aí? – gritou o rei.

– Sou eu, senhor – ouviu-se uma voz. – Apenas eu, o anão Poggin. Acabo de me safar dos outros. Estou do seu lado, senhor, e também do lado de Aslam. Se houver por aí uma espada de anão que eu possa usar, terei todo o prazer em distribuir uns bons golpes por aí, antes que tudo se acabe.

Todo mundo se reuniu ao redor dele, dando-lhe boas-vindas, elogiando-o e dando-lhe tapinhas nas costas. É claro que um anão a mais não iria fazer muita diferença, mas bem que era animador contar com pelo menos um deles. O grupo inteiro se iluminou de novo. Mas a alegria de Jill e Eustáquio não durou muito, pois logo começaram a bocejar e cochilar: estavam tão cansados que não conseguiam pensar em outra coisa a não ser na cama.

Foi na hora mais fria da noite, justamente antes do alvorecer, que alcançaram a torre novamente. Bem que gostariam de ter encontrado uma refeição prontinha à sua espera. Agora, porém, nem queriam pensar no trabalho e no tempo que gastariam preparando algo para comer. Após beberem água da fonte e lavarem o rosto, atiraram-se nos beliches: todos, menos Confuso e Precioso, que disseram sentir-se mais à vontade lá fora. E acho que foi bem melhor assim, pois um unicórnio e um jumento gordo e grandão dentro de casa sempre fazem o lugar parecer cheio demais.

Os anões narnianos, embora não tenham mais que um metro de altura, são, considerando-se o seu tamanho, as criaturas mais fortes e resistentes que existem; tanto assim que Poggin, apesar de ter tido um dia duríssimo e haver dormido tarde, foi o primeiro a despertar, totalmente recuperado. Sem hesitar, pegou o arco de Jill, saiu e caçou uma porção de patos selvagens. Depois foi sentar-se ao pé da escada e ficou batendo papo com Confuso e Precioso, enquanto depenava os patos. Confuso parecia sentir-se consideravelmente melhor naquela manhã. Sendo um unicórnio e, portanto, um animal muito nobre e gentil, Precioso fora muito amável com ele, conversando sobre coisas de que ambos entendiam, como capim, torrões de açúcar ou como cuidar dos cascos. Quando, por volta das dez e meia, Jill e Eustáquio saíram da torre, ainda bocejando e esfregando os olhos, o anão mostrou-lhes onde poderiam colher punhados de uma erva narniana chamada frésia-silvestre, que mais se parece com a nossa azedinha mas é muito mais gostosa quando cozida. (Para ficar mesmo deliciosa é preciso um pouco de manteiga e pimenta, mas isso eles não tinham no momento.) Assim, pegando uma coisinha aqui, outra ali, acabaram juntando

os ingredientes para fazer um bom cozido para o café ou almoço, ou seja lá o que se quisesse chamar àquela hora do dia. Tirian avançou um pouco mais floresta adentro e voltou com galhos secos para fazer lenha. Enquanto a comida cozinhava (o que lhes pareceu um tempo enorme, especialmente quando o cheiro começou a se alastrar, cada vez mais delicioso), o rei foi providenciar um traje completo para Poggin: cota de malha, elmo, escudo, espada, cinto e uma adaga. Depois foi dar uma olhada na espada de Eustáquio e descobriu que este a colocara de volta na bainha toda lambuzada de sangue do calormano. O rei o repreendeu e o fez limpar e polir a espada de novo.

Enquanto isso, Jill caminhava de um lado para outro, ora mexendo a panela, ora olhando com inveja para o unicórnio e o jumento, que pastavam, felizes da vida. “Ah, se eu também pudesse comer capim!”, pensou ela inúmeras vezes naquela manhã.

Mas quando chegou a hora da refeição todo mundo achou que valera a pena esperar, e todos se serviram mais de uma vez. Depois de comerem até se fartar, os três humanos e o anão foram sentar-se nos degraus; os quadrúpedes deitaram-se no chão, de frente para eles. O anão (com permissão de Tirian e Jill) acendeu seu cachimbo.

– Agora, Poggin – disse o rei –, conte-nos tudo o que sabe sobre o inimigo. Em primeiro lugar, como é que explicaram a minha fuga?

– Inventaram a história mais absurda que se poderia imaginar, senhor – disse Poggin. – Quem contou foi o gato Ruivo, e garanto que foi ele mesmo quem inventou tudo. Nunca vi gato mais velhaco do que esse tal de Ruivo. Pois ele disse que ia passando pela árvore à qual o haviam amarrado, senhor, e que Vossa Majestade estava resmungando, praguejando e amaldiçoando Aslam. “Numa linguagem que eu não ouso repetir”, foram as palavras que ele usou, todo empertigado e cheio de si... Vossa Alteza bem sabe como um gato pode ser metido a importante quando quer. E então, contou Ruivo, o próprio Aslam apareceu de repente, num clarão de luz, e devorou Vossa Majestade. Só de ouvir essa história, todos os animais estremeceram e houve até quem desmaiasse na mesma hora. E o macaco, é óbvio, aproveitou-se direitinho da situação, advertindo: “Viram só o que Aslam faz com quem não o respeita? Que isto sirva de aviso para todos vocês.” As pobres criaturas se lamentaram e choraram, mas aquiesceram. Como vê, senhor, sua fuga não os levou a pensar que ainda existem amigos

leais que podem ajudá-los; ao contrário, deixou-os muito mais apavorados e obedientes ao macaco.

– Que astúcia infernal! – disse Tirian. – E esse Ruivo, então, ajustou-se direitinho às idéias do macaco. Os dois são a tampa e a panela.

– Do jeito que vão as coisas, senhor, a questão agora é saber se o macaco se ajusta às idéias *dele* – replicou o anão.

– O macaco deu para beber, sabe? Creio que a trama, agora, é muito mais coisa do ruivo e de Rishda, o capitão calormano. E tenho a impressão de que algumas coisas que o gato andou espalhando por aí entre os anões são a principal causa do troco que lhe deram hoje. E já lhe digo por quê. Anteontem, logo depois de acabar uma daquelas odiosas reuniões da meia-noite, eu já ia a meio caminho de volta para casa quando percebi que havia esquecido meu cachimbo. Como era um cachimbo realmente bom e um velho preferido meu, decidi voltar para procurá-lo. Antes, porém, que chegasse ao lugar onde estivera sentado (estava escuro como breu), ouvi uma voz de gato dizer: “Miau!”, e uma voz de calormano responder: “Estou aqui... Fale baixo!” No mesmo instante fiquei parado como uma estátua e vi que os dois eram Ruivo e Rishda Tarcaã, como o chamam por aí. “Nobre tarcaã,” disse o gato naquela sua vozinha macia, “só queria saber exatamente o que ambos quisemos dizer hoje quanto a ser Aslam *nada mais* do que Tash.” “Sem dúvida alguma, ó mais sagaz de todos os gatos!”, respondeu o outro. “Tu entendeste muito bem o que eu quis dizer com isso.” “Você quis dizer que não existe nenhum dos dois”, disse o gato. “Qualquer ser inteligente sabe disso”, observou o tarcaã. “Então nós dois podemos nos entender”, ronronou o gato. “Por acaso você não está *cheio* desse macaco?” “Ele não passa de um bobalhão ganancioso”, respondeu o outro, “mas no momento precisamos dele. Tu e eu podemos arranjar tudo às escondidas e manejar o macaco para fazer o que quisermos.” E Ruivo disse: “Você não acha que seria melhor pôr alguns dos narnianos mais espertos a par dos nossos planos? Um por um, à medida que os considerarmos aptos. Porque os animais que realmente acreditam em Aslam podem mudar de idéia a qualquer momento; e o farão se, por insensatez, o macaco trair seu segredo. Aqueles, porém, para quem tanto faz Tash ou Aslam, desde que as coisas revertam em seu próprio benefício, e que visam também à recompensa que lhes dará o Tisroc quando Nárnia se tornar uma província calormana, estes

ficarão firmes.” “Excelente, gato!”, disse o capitão. “Mas tenha muito cuidado ao fazer a escolha.”

Enquanto o anão falava, o dia parecia mudar. Quando eles se sentaram, o sol estava brilhando. Agora, porém, Confuso sentia calafrios. Precioso virava a cabeça de um lado para outro, inquieto. Jill olhou para cima.

– Está fechando o tempo – disse ela.

– E está tão frio! – disse Confuso.

– Frio até demais, pelo Leão! – completou Tirian, soprando nas mãos. – Cruzes! Que cheiro nojento é esse?

– Credo! – ofegou Eustáquio. – Parece cheiro de coisa podre. Tem algum passarinho morto por aí? Mas... como é que a gente não notou isso antes?

Subitamente, Precioso deu um pulo, sobressaltado, e apontou com o chifre.

– Olhem! – exclamou. – Vejam só aquilo! Olhem, olhem!

E então todos os seis viram e todos empalideceram na mesma hora, tomados de profundo temor.

8

AS NOVAS QUE A ÁGUIA TROUXE

À sombra das árvores, no lado mais distante da clareira, alguma coisa se movia. Vinha vindo vagarosamente rumo ao Norte. À primeira vista, quem a visse a confundiria com fumaça, pois era acinzentada e meio transparente. Mas o cheiro era de morte e não de fumaça... Além disso, a coisa tinha uma forma constante, em vez de se revolver e espalhar como fumaça. Lembrava ligeiramente a forma de um homem, mas a cabeça era de pássaro – parecia uma ave de rapina, com um bico curvo e cruel. Tinha quatro braços, que trazia erguidos acima da cabeça, esticados em direção ao Norte, como se quisesse abarcar Nárnia inteira com suas garras. E os dedos, todos os vinte, eram curvos como o bico, e no lugar de unhas havia umas garras compridas e pontudas como as de uma águia. Em vez de caminhar, a coisa flutuava sobre a grama, que parecia murchar à medida que ela passava.

Ao ver aquilo, Confuso deu um zurro estridente e disparou para dentro da torre. Jill (que não era nada covarde, como vocês sabem) escondeu o rosto entre as mãos, tentando apagar aquela visão horrível. Os outros, estarrecidos, fitaram a coisa durante cerca de um minuto, até que ela desapareceu entre as árvores mais espessas, do lado direito da floresta. Então o sol voltou a brilhar e ouviu-se novamente o canto dos pássaros.

Um a um, eles começaram a respirar e a se mexer de novo. Todos haviam ficado imóveis como defuntos enquanto aquela coisa se movia.

– O que era aquilo? – perguntou Eustáquio, num sussurro.

– Eu já vi isso uma vez, antes – disse Tirian. – Mas estava gravado numa pedra e revestido de ouro, e tinha olhos de diamante. Naquela época eu era da idade de vocês e tinha ido a Tashbaan a convite do Tisroc. Ele me levou ao grande templo de Tash, e foi lá que eu o vi, esculpido acima do altar.

– Quer dizer que aquilo... aquela coisa... era Tash? – ofegou Eustáquio.

Mas em vez de responder-lhe, Tirian passou o braço pelos ombros de Jill, perguntando-lhe:

– Como se sente, senhorita?

– T-t-tudo b-bem... – respondeu ela, tirando as mãos do rosto e tentando sorrir. – Agora estou bem. Só fiquei um pouquinho tonta por uns instantes.

– É, pelo visto, o tal de Tash existe mesmo –disse o unicórnio.

– É – disse o anão. – E aquele tolo do macaco, que não acreditava em Tash, vai ter bem mais do que ele imaginava. Chamou o demônio, aí está ele!

– Para onde terá ido ele... aquilo... a *coisa*? – gaguejou Jill.

– Para o Norte, para o centro de Nárnia – respondeu Tirian. – Ele veio para ficar. Chamaram-no e ele veio mesmo.

– Bem feito! – disse o anão, dando uma risadinha e esfregando as mãos peludas. – O macaco vai ter uma bela surpresa. Ninguém deve chamar o demônio sem saber o que está fazendo.

– Será que Tash vai se tornar visível para o macaco? – indagou Precioso.

– Para onde foi Confuso? – perguntou Eustáquio. Todo mundo começou a gritar por ele e Jill saiu caminhando em volta da torre para ver se o encontrava do outro lado. Já estavam cansados de procurá-lo quando viram sua cabeçorra cinzenta aparecer cuidadosamente para fora da porta, dizendo:

– Cadê *ele*? Já foi embora?

Quando finalmente conseguiram convencê-lo a sair, ele tremia como vara verde.

– Agora percebo como fui um jumento ruim –disse Confuso. – Nunca deveria ter dado ouvidos a Manhoso. Jamais pensei que essas coisas pudessem acontecer.

– Se você tivesse passado menos tempo dizendo que não era esperto e mais tempo tentando *ser* esperto... – começou Eustáquio, mas Jill o interrompeu:

– Deixe o pobre Confuso em paz! Foi tudo um engano, não foi, Confuso? – E beijou-lhe o focinho.

Apesar de muito abalados pelo que tinham acabado de ver, todos sentaram-se novamente e reiniciaram a conversa.

Precioso tinha muito pouco a lhes contar. Enquanto prisioneiro, passara quase todo o tempo amarrado nos fundos do estábulo e, naturalmente, nada ouvira dos planos do inimigo. Tinha recebido chutes e pancadas (e, é claro, dado uns bons coices também) e fora ameaçado de morte, caso não dissesse que acreditava ser Aslam quem tinha sido apresentado aos animais naquela noite, à luz da fogueira. Na verdade, teria sido executado naquela manhã mesmo, se não tivesse sido libertado. E não tinha a mínima idéia do que acontecera à ovelha.

A questão agora era decidir se voltariam à Colina do Estábulo naquela noite, para mostrar Confuso aos narnianos e tentar convencê-los de que haviam sido enganados, ou se era melhor seguir para Leste ao encontro do centauro Passo-firme, que vinha trazendo ajuda de Cair Paravel, e assim ir ao encalço do macaco e seus calormanos já com reforços. Tirian preferia a primeira opção, pois detestava a idéia de deixar o macaco ludibriar o seu povo por um momento mais que fosse. Por outro lado, o comportamento dos anões na noite passada fora uma advertência. Pelo visto, ninguém podia prever como o povo iria reagir, mesmo depois de ver Confuso. Depois ainda havia os soldados calormanos. Pelos cálculos de Poggin, havia pelo menos trinta. Tirian tinha certeza de que, se os narnianos ficassem do seu lado, ele, Precioso, Poggin e as crianças (com Confuso não dava mesmo para contar) teriam uma boa chance de vencer. Mas, e se a metade dos narnianos, inclusive todos os anões, resolvessem apenas sentar e ficar assistindo? Ou, o que era pior, lutassem contra eles? O risco era grande demais. Além do mais, havia agora o fantasma de Tash. O que fazer?

Poggin ponderou que não havia mal algum em deixar o macaco lidar com seus próprios problemas por um ou dois dias. Agora ele já não tinha Confuso para tirar do estábulo e expor aos narnianos. Sabe Deus que mentira ele – ou Ruivo –inventaria agora para explicar o ocorrido. Todas as

noites os animais imploravam para ver Aslam, e se este não aparecesse com certeza até o mais ingênuo deles iria desconfiar.

Finalmente, todos chegaram à conclusão de que a melhor coisa era partir ao encontro de Passofirme. Foi impressionante como todos se animaram assim que a decisão foi tomada. Sinceramente, não creio que isso tenha acontecido porque algum deles estivesse com medo de uma luta (com exceção, talvez, de Jill e Eustáquio).

Mas tenho para mim que, no fundo, cada um deles estava contente por não precisar chegar perto (pelo menos não ainda) daquela pavorosa coisa com cabeça de pássaro que, visível ou invisível, já deveria estar rondando a Colina do Estábulo. De qualquer forma, a gente se sente bem melhor depois de tomar uma decisão.

Tirian disse que era melhor tirar os disfarces, para não serem confundidos com os calormanos, evitando assim a possibilidade de que algum narniano leal os atacasse pelo caminho. O anão pegou um pouco da graxa que usava para esfregar nas espadas e nas lanças e misturou-a com uma porção de cinzas de lareira, fazendo uma mistura de aparência repugnante. Então eles tiraram as armaduras calormanas e desceram para o riacho. A mistura nojenta fazia espuma como um sabonete: era até divertido ver Tirian e as duas crianças ajoelhados à beira da água, esfregando a nuca, ofegando e bufando, no esforço de enxaguar o pescoço. Quando voltaram para a torre, tinham o rosto vermelho e brilhante, como quem acaba de tomar um bom banho antes de ir a uma festa. Equiparam-se, novamente, desta vez ao verdadeiro estilo narniano, com espadas retas e triangulares.

– Agora, sim – disse Tirian. – Assim é bem melhor. Sinto-me de novo um homem de verdade.

Confuso implorou que lhe tirassem a pele de leão, dizendo que esta era quente demais e, embolada como estava em suas costas, muito desconfortável; além disso, ele se sentia um bobalhão com aquilo. Mas os outros disseram que ele teria de agüentar um pouquinho mais, pois queriam mostrá-lo naqueles trajes para os outros bichos, embora tivessem de ir primeiro ao encontro de Passofirme.

O que restara da carne de pato e de coelho não valia a pena levar, mas eles pegaram alguns biscoitos. Tirian trancou a porta da torre e assim acabou-se a estada deles naquele lugar.

Passava um pouco das duas horas da tarde quando saíram. Aquele era o primeiro dia realmente quente da primavera. As folhinhas verdes pareciam muito mais vistosas do que no dia anterior: já não havia mais qualquer sinal de neve e viam-se, aqui e acolá, quantidades de margaridas silvestres. Os raios de sol filtravam-se através das árvores, os pássaros cantavam e ouvia-se sempre (embora geralmente fora de vista) o barulho de água corrente. Era difícil pensar em coisas ruins, como Tash, por exemplo. As crianças suspiravam: “Finalmente! Isto, sim, é a verdadeira Nárnia!” Também Tirian tinha o coração um pouco mais leve e caminhava à frente deles, cantarolando uma velha marchinha narniana, cujo refrão era assim:

Bate o tambor: Pã-rã-rã! Pram! Pram!
Bate e rebate: Pã-rã! Pram! Prrram!

Atrás do rei seguiam Eustáquio e o anão Poggin, que ia dizendo para o companheiro os nomes de todos os pássaros, árvores e plantas narnianas que ele ainda não conhecia. Às vezes, era Eustáquio quem lhe falava sobre as coisas da Inglaterra.

Mais atrás vinha Confuso, seguido de Jill e Precioso, que caminhavam bem pertinho um do outro. Jill estava, por assim dizer, completamente apaixonada pelo unicórnio. Ela achava (e não estava totalmente enganada) que ele era o animal mais brilhante, gentil e elegante que já havia conhecido. E seu jeito de falar era tão suave e agradável, que mal dava para acreditar que pudesse ser tão terrível e violento numa batalha.

– Ah, que maravilha! – disse Jill. – Ficar andando por aí, à toa... Bem que eu gostaria de viver mais aventuras *deste* tipo. Pena que esteja sempre acontecendo tanta coisa em Nárnia!

Mas o unicórnio explicou-lhe que ela estava enganada. Disse-lhe que os Filhos e Filhas de Adão e Eva só eram trazidos de seu estranho mundo para Nárnia quando havia agitação e problemas, mas que Nárnia não era sempre daquele jeito. Entre uma e outra de suas visitas, transcorriam-se centenas e milhares de anos em que reis pacíficos sucediam uns aos outros – eram tantos que mal dava para recordar o nome de todos eles ou contar quantos eram, sendo até muito difícil citá-los todos nos livros de História. E falou-lhe de velhas rainhas e heróis de quem ela nunca ouvira falar antes. Contou-lhe da rainha Cisne Branco, que vivera muito antes de aparecer a Feiticeira Branca e o Grande Inverno. Era tão linda, disse ele, que, quando

se mirava em qualquer lago da floresta, o reflexo de seu rosto passava um ano e um dia resplandecendo nas águas como uma estrela à noite. Contou-lhe de Bosque de Luar, uma lebre de ouvidos tão aguçados que, se estivesse lá no Lago do Caldeirão, era capaz de escutar, mesmo sob o estrondoso barulho da grande queda-d'água, qualquer homem que estivesse cochichando em Cair Paravel. Depois contou-lhe como o rei Furacão, o nono na descendência do rei Franco (o primeiro de todos os reis de Nárnia), saíra velejando pelos mares do Oriente, onde libertara as Ilhas Solitárias de um dragão, recebendo como recompensa as próprias ilhas, que se tornaram parte das terras leais a Nárnia para sempre. Falou-lhe de séculos inteiros em que Nárnia fora tão feliz, que sensacionais festas e danças, no máximo torneios, eram a única coisa de que podiam lembrar-se, e cada dia e cada semana era sempre melhor que o anterior. À medida que ia falando, a imagem de todos aqueles anos felizes, milhares e milhares deles, ia-se acumulando na mente de Jill, como se ela estivesse olhando do alto de uma montanha e enxergasse lá embaixo uma agradável planície cheia de florestas, campos e rios, que se estendiam cada vez mais para longe até perder-se de vista. Então ela disse:

– Oh! Tomara que a gente consiga logo dar um jeito naquele macaco e voltar à calma daqueles bons tempos! E, aí, espero que estes durem para sempre, eternamente. O *nosso* mundo eu sei que vai acabar um dia. Mas quem sabe *este* aqui não tenha o mesmo destino. Oh, Precioso! Não seria maravilhoso se Nárnia nunca acabasse e fosse para sempre como a Nárnia que você acaba de descrever?

– Não, irmãzinha – respondeu Precioso. – Todos os mundos caminham para um fim, exceto a própria terra de Aslam.

– Bem, pelo menos – disse Jill –, espero que o fim *deste* mundo ainda esteja a milhões de milhões de milhões de anos... Opa! Por que é que estamos parando?

O rei, Eustáquio e o anão olhavam pasmados para o céu. Jill arrepiou-se toda, lembrando-se das coisas horrorosas que já tinham visto. Mas desta vez não era nada disso. Era uma coisa pequena e escura que se recortava contra o céu azul.

– Pelo vôo, posso até jurar que é uma ave falante – disse o unicórnio.

– Também acho – disse o rei. – Mas será amigo ou espião do macaco?

– Para mim, senhor – disse o anão –, parece ser a águia Sagaz.

– Não será melhor a gente se esconder entre as árvores? – perguntou Eustáquio.

– Nada disso – disse Tirian. – O melhor é ficarmos parados como estátuas. Se nos mexermos, é certo que nos verá.

– Vejam! – exclamou Precioso. – Está voando em círculos. Agora já nos viu e está vindo para cá.

– Apronte a flecha, senhorita – ordenou Tirian a Jill – Mas não atire em hipótese alguma, a não ser que eu ordene. Pode ser um amigo.

Se soubessem o que iria acontecer, teriam desfrutado de um espetáculo belíssimo: a enorme ave planava, suavemente, com extrema graça e beleza, descendo ao seu encontro. Pousou num rochedo a uns poucos metros de Tirían, fez uma reverência com a cabeça emplumada e depois falou, na sua estranha voz de águia:

– Salve, ó rei!

– Salve, Sagaz! – respondeu Tirian. – Já que me chama de rei, devo acreditar que não é um dos seguidores do macaco e de seu falso Aslam. Estou realmente contente com a sua vinda.

– Senhor – disse a águia –, depois de ouvir o que tenho a dizer, ficará mais triste com a minha vinda do que com a maior calamidade que já lhe sobreveio.

Ao ouvir essas palavras, Tirian sentiu como se o seu coração parasse de bater. Tentou, porém, manter a calma:

– Vamos, fale! – disse ele.

– Duas coisas eu acabo de ver – falou Sagaz. –A primeira foi Cair Paravel cheia de narnianos mortos e de calormanos vivos. O estandarte do Tisroc avançou contra as suas reais muralhas, senhor, e vi os seus súditos fugindo da cidade para todos os lados, rumo às florestas. Cair Paravel foi tomada pelo mar. Vinte grandes navios calormanos ali aportaram na escuridão da noite, dois dias atrás.

Ninguém disse uma palavra.

– E a outra visão, umas cinco léguas para cá de Cair Paravel, foi o centauro Passofirme atirado ao chão, morto, traspassado por uma flecha calormana. Estive com ele no seu derradeiro momento e ele mandou esta mensagem para Vossa Majestade: “Lembre-se de que todos os mundos chegam ao fim. E uma morte nobre é um tesouro que ninguém é pobre demais para comprar.”

– Quer dizer, então – disse o rei, após um longo silêncio –, que Nárnia já não existe.

9

A GRANDE REUNIÃO NA COLINA DO ESTÁBULO

Durante um bom tempo ninguém conseguiu dizer uma palavra nem derramar uma lágrima. Então o unicórnio bateu com o casco no chão, sacudiu a crina e começou a falar:

– Senhor, agora já não há mais necessidade de um Conselho. Vemos que os planos do Macaco foram muito além do que imaginávamos. Não há dúvida de que ele já vinha tramando a coisa secretamente com o Tisroc há muito tempo e, assim que achou a pele de leão, mandou avisá-lo que preparasse uma armada para tomar Cair Paravel e Nárnia inteira. Agora nada mais nos resta a fazer a não ser voltar à Colina do Estábulo; vamos contar a verdade aos narnianos e enfrentar a aventura para a qual Aslam nos enviou. E se, por um grande milagre, nós sete conseguirmos derrotar os trinta calormanos que estão com o macaco, devemos voltar novamente e morrer lutando contra o grande exército deles, que logo marchará de Cair Paravel.

Tirian assentiu com a cabeça. Voltando-se para as crianças, disse:

– Agora, amigos, chegou a hora de regressarem ao seu próprio mundo. Sem dúvida alguma, já cumpriram a missão para a qual foram enviados.

– M... mas... mas não fizemos nada! – disse Jill, que tremia toda, não propriamente de medo, mas porque aquilo tudo lhe parecia terrível demais.

– É claro que sim – disse o rei. – Soltaram-me daquela árvore. Você rastejou que nem uma cobra à minha frente ontem à noite e trouxe Confuso. E você, Eustáquio, matou o seu calormano. Contudo, são jovens demais para participar de um fim tão sangrento como este que nos espera hoje à noite ou, quem sabe, daqui a três dias. Eu lhes imploro – não, eu *ordeno!* –

que regressem ao seu lugar. Para mim seria uma vergonha deixar guerreiros assim tão jovens tombar em batalha ao meu lado.

– Não, não e não!!! – disse Jill (de muito pálida que estava ao começar a falar, ficou subitamente muito vermelha e depois empalideceu de novo). – Não vamos embora, não importa o que você diga. Vamos grudar em você, aconteça o que acontecer. Não é, Eustáquio?

– É, sim. E não adianta criar caso por isso – respondeu Eustáquio, que tinha enfiado as mãos nos bolsos, sem se dar conta do quanto isso fica esquisito quando se está usando uma cota de malha. – Pois, como vê, não temos alternativa. Não adianta falar em nos mandar de volta. De que jeito? Não temos nenhuma mágica para fazer isso!

Ele tinha toda a razão, mas Jill detestou-o por ter falado assim. Eustáquio tinha essa mania de ser terrivelmente prático quando os outros ficavam exaltados.

Ao perceber que os dois estranhos não podiam voltar para casa (a não ser que Aslam os fizesse subitamente desaparecer dali), a primeira atitude de Tirian foi tentar convencê-los a atravessar as Montanhas do Sul rumo à Arquelândia, onde provavelmente estariam a salvo. Mas eles não sabiam o caminho e não havia ninguém que pudesse ir com eles. E depois, como ponderou Poggin, uma vez conquistada Nárnia, os calormanos com certeza tomariam Arquelândia logo a seguir: o Tisroc sempre desejara as terras do Norte. No final das contas, Jill e Eustáquio tanto suplicaram que Tirian acabou concordando que eles o acompanhassem e assumissem seu risco – ou, como disse ele, com muito mais sensibilidade, “que enfrentassem a aventura para a qual Aslam os enviava”.

A idéia do rei era que só deveriam regressar à Colina do Estábulo (só de pensar nesse nome eles já se sentiam mal) depois que escurecesse. Mas o anão lhes disse que, se chegassem lá à luz do dia, provavelmente encontrariam o lugar deserto, a não ser talvez por um sentinela calormano. Os bichos estavam tão apavorados com o que o macaco (e agora também o Ruivo) lhes havia contado sobre esse novo Aslam furioso (ou Tashlam), que não tinham coragem de se aproximar dele, a não ser quando eram convocados para aquelas terríveis reuniões à meia-noite. Além do mais, os calormanos nunca foram bons em andar no mato. Poggin achava que, mesmo à luz do dia, eles facilmente conseguiriam atingir a parte de trás do

estábulo sem ser vistos. Isso seria muito mais difícil depois que anoitecesse, quando o macaco tivesse convocado a bicharada, e os calormanos já estivessem de guarda. Assim, depois de iniciada a reunião, levariam Confuso para trás do estábulo, completamente despercebidos, até o momento de exibi-lo. Isso realmente seria o melhor, pois a única chance que tinham era pegar os narnianos de surpresa.

Todos concordaram, e assim o grupo inteiro partiu numa outra direção (norte-leste), rumo à detestada Colina. A águia de vez em quando sobrevoava o grupo de um lado para outro e, às vezes, pousava nas costas de Confuso. Nenhum deles (nem mesmo o próprio rei, exceto em caso de extrema necessidade) sequer sonharia cavalgar um unicórnio.

Eustáquio e Jill caminhavam juntos. No momento em que imploraram a Tirian que lhes permitisse ir com os outros, haviam sido muito corajosos. Agora, porém, não sentiam o mínimo de coragem.

– Jill – murmurou Eustáquio –, devo confessar-lhe que estou morrendo de medo.

– Para *você*, tudo bem, meu caro – respondeu Jill. – Você pode lutar. Mas, *e eu*? Estou tremendo como vara verde, se é que você quer saber.

– Ora, tremer não é nada – disse Eustáquio. – Já estou quase vomitando.

– Pelo amor de Deus, nem me fale nisso – disse Jill.

Permaneceram calados por uns dois minutos.

– Jill – disse Eustáquio, de repente.

– O que é?

– E se a gente morrer aqui, como é que vai ser?

– Ficamos mortos, suponho.

– Não... quero dizer... o que vai acontecer no *nosso* mundo? Será que a gente vai despertar e se encontrar de novo naquele trem? Ou será que vamos simplesmente sumir, e pronto, nunca mais se ouve falar de nós? Ou será que vamos aparecer mortos na Inglaterra?

– Papagaios! Nunca pensei nisso!

– Já pensou que esquisito se Pedro e os outros me vissem acenando pela janela, e aí, quando o trem parasse, não encontrassem a gente em parte alguma? Ou então se nos achassem mortos, lá na Inglaterra?

– Nossa! Que idéia horrível! – exclamou Jill, com uma careta.

– Para nós, até que não seria tão terrível assim –disse Eustáquio. – Não iríamos estar lá, mesmo...

– Eu quase gostaria... Não, não gostaria. Esqueça.

– O que é que você ia dizer?

– Eu *ia* dizer que gostaria de nunca ter vindo. Mas não, não e não! Mesmo que a gente morra. Prefiro morrer lutando por Nárnia a crescer e ficar uma velha caduca em casa, quem sabe até andando por aí numa cadeira de rodas, e depois acabar morrendo do mesmo jeito.

– Ou então ser esmagado nos trilhos da estrada de ferro...

– Por que você diz isso?

– Porque... Bem, quando deu aquele terrível solavanco (aquele que nos atirou aqui para Nárnia), pensei que fosse um acidente de trem que estava acontecendo. Por isso fiquei muito contente ao descobrir que estávamos voltando a Nárnia.

Enquanto Jill e Eustáquio conversavam sobre essas coisas, os outros discutiam seus planos. Isso os fazia sentir-se menos infelizes, pois enquanto planejavam o que fazer naquela mesma noite, a idéia do que acontecera a Nárnia (de que todas as suas glórias e alegrias tinham chegado ao fim) ficava em segundo plano. No momento em que parassem de conversar, ficariam tristes de novo – assim, continuavam falando. O anão estava muito animado com o trabalho que teriam de fazer à noite. Tinha certeza de que o javali e o urso, e provavelmente todos os cães, tomariam o partido do rei. E não acreditava que todos os anões ficassem do lado de Grifo. Lutar à luz da fogueira e sob as árvores seria vantajoso para o lado mais fraco. Portanto, caso conseguissem vencer naquela noite, que necessidade haveria de desperdiçar suas vidas num encontro com todo o exército calormano, alguns dias mais tarde? Por que não se esconderem nas matas ou mesmo lá para as bandas do Bosque Ocidental, além da grande cachoeira, e ali viverem como fora-da-lei? Então, se fortaleceriam pouco a pouco, pois a cada dia novos animais falantes e habitantes da Arquelândia se juntariam a eles. Finalmente

sairiam do seu esconderijo e varreriam do país os calormanos (que, àquela altura, já andariam meio descuidados), e

Nárnia voltaria à vida. Afinal, algo muito parecido acontecera nos dias do rei Miraz.

Tirian escutava tudo, pensando: “Mas, e Tash?” E, lá no fundo do coração, sentia que nada disso iria acontecer. Mas não falou nada.

Ao se aproximarem da Colina do Estábulo, todos foram ficando calados. Aí é que começou mesmo o trabalho na floresta. Desde o primeiro instante em que avistaram a colina, até o momento em que todos chegaram aos fundos do estábulo, passaram-se mais de duas horas. É o tipo de coisa que não dá para descrever com precisão, a não ser que se escrevam páginas e páginas sobre o assunto. Cada corrida de um cantinho escondido para outro era uma aventura isolada, para não falar nas longas esperas entre cada uma e nos vários alarmes falsos. Se você é um bom escoteiro ou uma boa bandeirante, então já deve ter uma idéia de como deve ter sido. O sol já estava se pondo quando todos conseguiram chegar a salvo e esconder-se numa moita de azevinhos a uns quinze metros dos fundos do estábulo. Depois de mastigarem alguns biscoitos, deitaram-se.

Aí é que veio o pior: a espera. Felizmente para as crianças, puderam dormir algumas horas. Acordaram com o frio da noite e, o que era pior, sedentos, mas não havia a menor chance de conseguir algo para beber. Confuso, de pé e sem dizer uma palavra, tremia de nervosismo.

Tirian, porém, com a cabeça recostada contra o flanco de Precioso, dormia a sono solto, roncando como se estivesse no seu leito real em Cair Paravel, até que o barulho de um gongo o despertou. O rei sentou-se e, vendo a fogueira acesa do lado de lá do estábulo, percebeu que havia chegado a hora.

– Precioso, dê-me um beijo – disse ele. – Esta é, com certeza, a nossa última noite aqui na terra. E se alguma vez eu o ofendi de alguma maneira, perdoe-me agora.

– Querido rei – disse o unicórnio –, quase desejaria que isso já houvesse acontecido a fim de poder perdoá-lo agora. Adeus. Já vivemos muitas alegrias juntos. Se Aslam me desse uma chance de escolher, não

escolheria outra vida além da que eu tive, nem morte diferente da que vamos ter agora.

Então acordaram Sagaz, que dormia com a cabeça enfiada debaixo da asa, e saíram rastejando na direção do estábulo. Deixaram Confuso logo atrás deste (não sem antes lhe dirigirem algumas palavras de carinho, pois ninguém estava zangado com ele agora), dizendo-lhe que não saísse dali até que alguém viesse buscá-lo. Depois postaram-se de um dos lados do estábulo.

A fogueira, que ficava a apenas alguns metros de onde se encontravam, fora acesa há bem pouco tempo e as labaredas começavam a subir. Havia, do lado de lá, uma grande multidão de narnianos, mas a princípio Tirian não conseguiu enxergá-los muito bem, embora visse dezenas de pares de olhos brilhando ao reflexo do fogo, tal e qual acontece com os olhos dos gatos e dos coelhos quando se focaliza neles a luz de um carro. Tirian acabara de encontrar um lugar para ficar, quando o gongo parou de bater e três figuras surgiram de algum lugar à sua esquerda. Um era Rishda Tarcaã, o capitão calormano. O segundo era o macaco, que vinha de mãos dadas com o tarcaã e resmungava a cada instante: “Devagar! Não ande tão depressa, que não estou nada bem.

Ai, a minha pobre cabeça! Estas reuniões à meia-noite estão ficando pesadas demais para mim. Macaco não foi feito para ficar acordado à noite. Não sou nenhum rato ou morcego... Ai, minha cabeça!” Do outro lado do macaco, num passo muito macio e imponente e com a cauda graciosamente erguida no ar, vinha o gato Ruivo. Os três dirigiam-se para a fogueira, parando tão perto de Tirian que, se algum deles tivesse olhado bem na sua direção, com certeza o teria visto. Felizmente isto não aconteceu. Mas Tirian escutou Rishda dizer a Ruivo, baixinho:

– Agora, gato, para o teu posto. Vê se representas direitinho o teu papel.

– Miau! Miau! Conte comigo! – disse Ruivo. Em seguida, passou pela fogueira e foi sentar-se na primeira fila com os outros bichos: na platéia, como se diria.

Pois, na verdade, aquilo tudo mais parecia um teatro. A multidão de narnianos seria o povo sentado nas poltronas; o pequeno gramado à frente do estábulo, onde se acendia a fogueira e onde o macaco e o capitão

postavam-se em pé para falar à multidão, parecia o palco; e o estábulo propriamente dito seria o cenário aos fundos do palco. Para completar, Tirian e seus amigos seriam os “penetras”, que espiavam por detrás do cenário. Era uma excelente posição. Se, por acaso, algum deles desse pelo menos um passo na direção do clarão da fogueira, no mesmo instante todos os olhos se fixariam nele. Por outro lado, enquanto permanecessem quietos à sombra da parede do estábulo, a possibilidade de serem vistos era quase nula.

Rishda Tarcaã empurrou o macaco para mais perto do fogo. Os dois encararam a multidão (o que significava, obviamente, que agora estavam de costas para Tirian e seus amigos).

– Agora, Mico – disse Rishda, bem baixinho –, transmite as palavras que mentes mais sábias colocaram na tua boca. E levanta a cabeça! – Dito isso, aplicou-lhe um pequeno chute ou cutucão por trás, com a ponta do dedão do pé.

– Deixe-me em paz! – resmungou Manhoso. Depois empertigou-se e começou a falar, agora em voz alta. – Agora, escutem bem, todos vocês. Aconteceu uma coisa terrível. Uma desgraça! A coisa mais desprezível que já se fez em Nárnia. Aslam...

– Tashlam, seu idiota! – sussurrou Rishda. –... quero dizer, Tashlam, naturalmente – emendou o macaco –, está muito zangado por isso.

Um pesado silêncio caiu sobre os narnianos enquanto esperavam para ouvir que nova desgraça lhes estava reservada. Até o grupinho escondido atrás da parede prendeu a respiração. O que viria agora?

– Sim – disse o macaco. – Neste exato momento, em que o Temível Ser encontra-se entre nós (ali mesmo no estábulo, bem atrás de mim), algum animal miserável resolveu fazer o que ninguém sequer imaginaria que alguém fosse capaz de fazer, mesmo que *ele* estivesse a milhas e milhas daqui. O dito animal vestiu uma pele de leão e anda vagando por essas matas, fingindo ser Aslam.

Jill, por um momento, pensou que o macaco tivesse enlouquecido. Será que ele ia contar toda a verdade? Um urro de horror e de fúria partiu dos animais. “Grrrr!”, rosnaram, indignados. “Quem é ele? Onde está? Ah, se eu ponho os dentes nele!”

– Ele foi visto a noite passada – continuou o macaco –, mas desapareceu. É um jumento. Um simples e miserável asno! Se algum de vocês vir aquele...

– Grrrr! – urravam os animais. – Vamos encontrá-lo, ora se vamos! É melhor que ele suma da nossa frente!

Jill voltou-se para o rei: ele tinha a boca aberta e seu rosto estampava profundo terror. Só aí ela compreendeu a diabólica astúcia do plano inimigo: misturando um pouquinho de verdade à mentira anterior, eles a haviam levado muito mais longe. E agora, de que adiantaria contar aos bichos que alguém tinha fantasiado um jumento com uma pele de leão para enganá-los? O macaco iria dizer apenas: “Foi justamente o que eu disse!” De que valia agora mostrar-lhes Confuso vestido com a pele de leão? Eles iriam deixá-lo em frangalhos. “Furaram o nosso balão!”, cochichou Eustáquio. “Puxaram o tapete sob os nossos pés!”, disse Tirian. “Que maquinação maldita!”, disse Poggin. “Posso até jurar que esta nova mentira é coisa do Ruivo.”

10
QUEM ENTRARÁ NO ESTÁBULO?

Jill sentiu alguma coisa roçando de leve em sua orelha. Era Precioso, sussurrando algo para ela com um enorme cochicho de cavalo. Assim que entendeu o que ele estava dizendo, acenou com a cabeça e saiu na ponta dos pés até onde estava Confuso. Rápida e silenciosamente, cortou as últimas cordas que atavam a ele a pele de leão. Imaginem se alguém o pegasse com *aquilo*, depois do que o macaco acabara de dizer! Bem que ela gostaria de esconder a pele em algum canto bem longe dali, mas era pesada demais. O máximo que conseguiu fazer foi chutá-la para debaixo das moitas mais espessas. Depois fez sinal a Confuso para que a seguisse, e os dois reuniram-se aos demais.

O macaco voltara a falar:

–...e depois de uma coisa tão terrível, Aslam – digo, Tashlam – está mais enfurecido do que nunca. Ele disse que tem sido complacente demais com vocês, aparecendo todas as noites. Pois bem, agora não aparecerá mais!

Uivos, miados, grunhidos e guinchos foram a resposta dos animais àquelas palavras. Mas, de repente, uma voz completamente diferente rompeu numa estrondosa gargalhada.

– Escutem só o que o macaco está dizendo – falava, rindo à solta. – Querem saber *mesmo* por que ele não nos mostra o seu precioso Aslam? Pois eu lhes digo: é porque ele não tem leão algum! A única coisa que havia lá dentro o tempo todo era um jumento velho com uma pele de leão nas costas. E agora, que este desapareceu, ele não sabe o que fazer.

Tirian não conseguia enxergar muito bem os rostos do outro lado da fogueira, mas logo imaginou que quem estava falando só podia ser Grifo, o chefe dos anões. E já estava quase certo disso quando, logo a seguir, todos os anões ergueram as vozes em coro:

– Não sabe o que fazer! Não sabe, não sabe, não sabe o que fazer!

– Silêncio! – trovejou Rishda Tarcaã. – Calai a boca, imundos! E vós, os outros narnianos, prestai atenção, antes que eu ordene aos meus guerreiros que partam para cima de vós com o fio da espada. Lorde Manhoso já contou-vos sobre aquele asno maldito. Por acaso pensais que o verdadeiro Tashlam não está dentro daquele estábulo? Pois cuidado, cuidado!

– Que nada! Que nada! — zombava a maioria dos animais.

– Está bem, moreninho, é claro que ele está lá! – disseram os anões. – Vá lá, Mico, mostre-nos o que está dentro do estábulo. Queremos ver para crer!

Depois de um momento de silêncio, o macaco falou:

– Vocês, anões, acham que são muito espertos, não é? Mas vamos com calma. Eu nunca lhes disse que não poderiam ver Tashlam. Qualquer um que queira pode vê-lo.

O auditório inteiro ficou em silêncio. Depois, passado cerca de um minuto, ouviu-se a voz pausada e arrastada de um urso:

– Agora mesmo é que eu não entendo mais nada! Pensei que você tinha dito...

– Você *pensou!* – interrompeu-o o macaco. – Como se se pudesse chamar de pensamento o que vai nesta sua cabeça! Escutem aqui, vocês todos. Qualquer um pode ver Tashlam. Mas ele não vai sair do estábulo. Quem quiser vê-lo terá de ir lá dentro.

– Oh, obrigado! Muito obrigado! – exclamaram centenas de vozes. – Era isso o que estávamos esperando. Podemos entrar e vê-lo face a face. Agora ele vai ser bondoso e tudo voltará ao que era antes!

Os pássaros começaram a gorjear e os cães latiram excitados. De repente, ouviu-se um grande rebuliço de criaturas se mexendo, erguendo-se sobre as patas e, em questão de segundos, havia uma verdadeira avalanche de bichos correndo e se amontoando na porta do estábulo. Mas o macaco berrou:

– Para trás! Calma! Para que tanta pressa?

Os bichos pararam, muitos deles ainda com uma pata no ar, outros abanando a cauda e todos com a cabeça voltada para o lado.

– Pensei que você tinha dito... – começou o urso, mas foi interrompido por Manhoso.

– Qualquer um pode entrar — disse ele. – Mas tem de ser um de cada vez. Quem vai ser o primeiro? Aliás, *ele* disse que não está de bom humor hoje. Desde que devorou aquele maldito rei, na noite passada, vive lambendo os beiços. Hoje de manhã não parava de urrar. Eu mesmo não gostaria muito de entrar nesse estábulo hoje à noite. Mas vocês é que sabem. Vamos lá, quem vai entrar primeiro? Ninguém me culpe se ele devorar alguém de uma vez, ou se o reduzir a cinzas com um simples olhar. Problema de vocês. E agora, vamos ao primeiro? Quem será? Que tal um de vocês, anões?

– Venham, seus bobos, para a boca do lobo! – cantarolou Grifo, em tom de mofa. — Como é que vamos saber o que vocês esconderam lá dentro?

– Hã-hã! – fez o macaco. – Então vocês estão começando a acreditar que existe *alguma coisa* lá dentro, hem? Pois bem, um minuto atrás estavam todos fazendo o maior alarido. E agora, perderam a fala? Vamos, quem será o primeiro?

Os bichos, porém, limitaram-se a olhar uns para os outros e, aos poucos, foram se afastando do estábulo. Agora já quase não se viam mais caudas abanando. O macaco gingava de um lado para outro, dando gargalhadas e escarnecendo deles:

– Ah, ah, ah! Pensei que estavam doidinhos para ver Tashlam face a face! Mudaram de idéia, é?

Tirian abaixou a cabeça para escutar o que Jill tentava cochichar-lhe ao ouvido. “O que você acha que há realmente lá dentro?”, perguntou ela. “Quem sabe? Talvez dois calormanos com as espadas desembainhadas, um de cada lado da porta, provavelmente”, respondeu ele. “Não acha que poderia ser... você sabe o quê... aquela coisa horrorosa que nós vimos?”, gaguejou a menina. “O próprio Tash? Ê muito provável... Mas, coragem, minha amiga: todos nós estamos nas patas do verdadeiro Aslam.”

Foi aí que aconteceu o mais inesperado. Numa voz calma e fria, sem demonstrar a mínima excitação, o gato Ruivo disse:

– Eu vou, se vocês quiserem...

Todas as criaturas voltaram-se para o gato, encarando-o fixamente. “Pode contar por certo, senhor”, disse Poggin ao rei. “Esse gato desgraçado faz parte da trama! O que quer que esteja lá dentro, não lhe fará mal algum, eu garanto. Então Ruivo sairá novamente dizendo que viu algo excepcional.”

Mas Tirian nem teve tempo de responder, pois o macaco estava chamando o gato para a frente.

– Ora, essa é muito boa! Quer dizer que você, seu bichano atrevido, quer vê-lo face a face?! Pois venha, eu lhe abro a porta. Não me culpe se ele lhe arrancar os bigodes da cara. O problema é seu.

O gato levantou-se e saiu do meio da multidão, caminhando todo empertigado e afetado, com a cauda bem empinada, sem arrepiar sequer um fio do seu pêlo macio e lustroso. Passou pela fogueira e parou tão perto de Tirian que este, do lugar onde estava, com o ombro encostado na parede de fora do estábulo, conseguiu enxergar direitinho a cara dele. Seus grandes olhos verdes nem sequer piscavam. (“Que frieza”, murmurou Eustáquio. “Isso é porque ele sabe que não há nada a temer.”) O macaco, mofando e fazendo caretas, saiu arrastando as patas ao lado do gato; ergueu a mão, levantou a tranca e abriu a porta. Tirian teve a impressão de ouvir o gato ronronar enquanto passava pela porta escura.

– Miiiaaaauuuuuu!

O pavoroso miado fez todo mundo pular. Você já deve ter acordado no meio da noite com o barulho de gatos brigando ou fazendo amor no telhado, e bem sabe a gritaria que eles fazem. Pois dessa vez foi muito pior. O gato escapuliu do estábulo numa velocidade tão grande que se chocou violentamente contra o macaco, fazendo-o virar uma enorme cambalhota. Quem não soubesse que era um gato, pensaria que se tratava de um relâmpago avermelhado. Ruivo estatelou-se no chão, no meio da multidão, lá atrás. Ninguém quer topar com um gato numa hora dessas. Era bicho correndo para todo lado. Ruivo precipitou-se contra uma árvore, rodopiou e tombou a cabeça. A cauda se eriçou toda, até ficar quase tão grossa quanto o seu próprio corpo. Os olhos pareciam duas bolas de fogo verde, e cada pêlo das suas costas estava totalmente arrepiado.

– Eu daria tudo para saber se esse bruto está só fingindo ou se realmente encontrou algo lá dentro que o apavorasse tanto – disse Poggin.

– Silêncio, meu amigo – disse Tirian, pois queria escutar o que o capitão e o macaco estavam cochichando. A única coisa que conseguiu ouvir, porém, foi o macaco choramingando de novo: “Ai, minha cabeça! Minha cabeça!” Mas teve a impressão de que aqueles dois estavam tão desconcertados quanto ele com o comportamento do gato.

– Agora, Ruivo, chega de barulho – disse o capitão. – Conta a eles o que viste lá dentro.

– Ah, ah, ahu! Aaaaiiiiu! – guinchava o gato.

– És ou não és um gato falante? – perguntou o capitão. – Então pára com essa barulheira e fala de uma vez.

Foi então que algo terrível aconteceu. Tirian tinha quase certeza (e os outros também) de que o gato estava tentando dizer alguma coisa, mas nada saía de sua boca, a não ser o barulho comum e feio que emitiria qualquer bichano bravo ou assustado no fundo de qualquer quintal. E quanto mais ele miava, menos se parecia com um animal falante. Os outros animais romperam em apreensivos lamentos e guinchinhos agudos.

– Vejam! Vejam! — ouviu-se a voz do urso. — Ele não consegue falar! Esqueceu como é que se fala! Voltou a ser um animal mudo. Vejam a cara dele!

Todo mundo viu que era verdade. Então um profundo pavor apoderou-se de todos aqueles narnianos. Todos haviam aprendido desde pequeninos que, no começo do mundo, Aslam transformara os bichos de Nárnia em animais falantes, advertindo-os de que, caso se portassem mal algum dia, voltariam a ser como antes, iguais aos animais irracionais de qualquer outro mundo. “E agora está acontecendo conosco”, lamentavam-se.

– Misericórdia! Misericórdia! – imploraram eles. – Lorde Manhoso, tenha piedade de nós! Seja o mediador entre nós e Aslam e fale-lhe sempre em nosso favor. Nós não ousamos!

Ruivo desapareceu entre as árvores e nunca mais foi visto por ninguém.

Tirian continuava com a mão no punho da espada e de cabeça baixa. Estava estupefato com os horrores que vira naquela noite. Às vezes, pensava que o melhor seria sacar a espada de uma vez e avançar contra os

calormanos. Mas, em seguida, ponderava que seria mais prudente esperar para ver o que mais poderia acontecer. E, de fato, algo novo ocorreu logo depois.

– Meu pai – falou alguém numa voz clara e ressonante, vinda do lado esquerdo da multidão. Tirian viu logo que quem falava era um calormano, pois no exército do Tisroc os soldados comuns chamam os oficiais de “meu mestre”, e os oficiais chamam os seus superiores de “meu pai”. Jill e Eustáquio não sabiam disso mas, depois de olhar para um lado e para outro, conseguiram ver quem estava falando, pois naturalmente era bem mais fácil enxergar quem estava dos lados do que quem estava no meio, onde o brilho da fogueira fazia com que todos parecessem mais escuros. Era um homem jovem, alto, esbelto e até bonito para os padrões calormanos.

– Meu pai – disse ele ao capitão. – Eu também quero entrar no estábulo.

– Fica quieto, Emeth – respondeu o capitão. –Quem te chamou aqui? Como é que um fedelho como tu ousa falar?

– Meu pai – disse o jovem –, é bem verdade que eu sou mais jovem do que tu. Tenho, no entanto, sangue de tarcaã, assim como tu, e sou igualmente servo de Tash. Portanto...

– Silêncio! – berrou Rishda Tarcaã. – Não sou eu porventura o capitão? Tu nada tens a ver com este estábulo. Ele é para os narnianos.

– Nada disso, meu pai – replicou Emeth. – Tu disseste que o Aslam deles e o nosso Tash são um só. E, se isso é verdade, então é o próprio Tash quem está ali dentro. Portanto, por que dizes que nada tenho a ver com ele? Eu, prazerosamente, morreria mil mortes só para poder ver uma única vez a face de Tash.

– És um grande tolo e nada entendes – disse Rishda Tarcaã. – Isso é uma coisa muito séria.

O rosto de Emeth tornou-se ainda mais grave.

– Então não é verdade que Tash e Aslam são um só? Quer dizer que o macaco mentiu para nós?

– É claro que os dois são um só! – interveio o macaco.

– Jura, macaco – falou Emeth.

– Oh, céus! – soluçou Manhoso. – Por que é que vocês não param de me importunar? Estou morrendo de dor de cabeça! Está bem, eu juro, eu juro.

– Neste caso, meu pai – disse Emeth –, estou definitivamente decidido a entrar.

– Idiota... – começou a dizer Rishda, mas foi interrompido pelos anões, que começaram a berrar de uma vez:

– Vamos lá, moreno! Por que não deixa *ele* entrar?

Por que os narnianos podem entrar e a sua gente tem de ficar de fora? O que é que tem lá dentro que você não quer que seus próprios homens encontrem?

Tirian e seus amigos só conseguiam ver as costas de Rishda, por isso não tinham a menor idéia de qual era a expressão do seu rosto quando sacudiu os ombros, dizendo: “Sejam todos testemunhas de que não sou culpado do sangue deste jovem tolo. Vá lá, menino imprudente, entra. E depressa!”

Então, da mesma forma que Ruivo, Emeth saiu andando em direção ao gramado que separava a fogueira do estábulo. Tinha os olhos brilhantes, o rosto solene, a mão pousada no punho da espada e a cabeça erguida. Jill quase chorou ao olhar para o rosto dele. Precioso sussurrou ao ouvido do rei:

– Pela Juba do Leão! Eu quase chego a amar este jovem guerreiro calormano. Ele é digno de um deus melhor do que Tash.

– Eu realmente gostaria de saber o que existe lá dentro – disse Eustáquio.

Emeth abriu a porta e penetrou na boca negra do estábulo, fechando a porta atrás de si. Passaram-se apenas alguns minutos (mas pareceu muito mais) antes que a porta se abrisse novamente. Uma figura trajada com armadura calormana cambaleou para fora, caindo pesadamente ao chão; a porta fechou-se às suas costas. O capitão correu até ele e abaixou-se para ver-lhe o rosto. Fez um gesto de surpresa e, recuperando-se do susto, voltou-se para a multidão, exclamando:

– Este jovem precipitado ganhou o que queria. Olhou para Tash e agora está morto. Que isto sirva de aviso para todos vocês.

– Está bem, está bem! – disseram os pobres bichos.

Tirian e seus amigos, porém, olharam estarrecidos para o calormano morto e depois um para o outro. Já que estavam tão perto, podiam ver o que a multidão, de muito longe e do lado de lá do fogo, não podia enxergar: o homem que ali jazia morto não era Emeth. Era um homem completamente diferente: mais velho, mais corpulento, não tão alto e com uma barba enorme.

– Eh, eh, eh! – cacarejava Manhoso. – Alguém mais? Quem mais deseja entrar? Bem, já que são tão tímidos, vou escolher o próximo. Ah, já sei! Você, javali. Venha cá. Calormanos, tragam-no aqui. *Ele* vai ver Tashlam face a face.

– Grrrunfu! – grunhiu o javali, erguendo-se pesadamente. – Venham, se é que têm coragem! Venham sentir o gostinho das minhas presas!

Ao ver o corajoso animal aprontando-se para lutar em defesa de sua vida, e os soldados calormanos aproximando-se dele com as cimitarras desembainhadas, sem que ninguém viesse em seu auxílio, alguma coisa ferveu dentro de Tirian. Já não lhe importava mais se esse era ou não o momento apropriado para intervir.

– Sacar a espada! – sussurrou baixinho para os outros. – Aprontar o arco! Avançar!

Logo a seguir os atônitos narnianos viram sete figuras saltarem para a frente do estábulo, quatro delas com armaduras brilhantes. A espada do rei lampejou à luz da fogueira quando ele a brandiu acima da cabeça, exclamando em alta voz:

– Aqui estou eu, Tirian de Nárnia, em nome de Aslam, a fim de provar com o meu próprio corpo que Tash é um espírito imundo, o macaco um grande traidor e esses calormanos dignos de morte! Quem for narniano de verdade que fique do meu lado. Ou vão esperar até que os seus novos senhores os matem todos, um por um?

11
ACELERA-SE O PASSO

Rápido como um relâmpago, Rishda Tarcaã deu um pulo para trás, colocando-se fora do alcance da espada do rei. Ele não era um covarde e poderia até lutar com uma só mão contra Tirian e o anão, se preciso fosse. Mas enfrentar também a águia e o unicórnio era demais para ele. Rishda sabia muito bem que as águias podem voar contra o rosto das pessoas, dando-lhes bicadas nos olhos e cegando-as com as asas. E seu próprio pai (que já enfrentara os narnianos em batalha) lhe dissera que homem nenhum é capaz de resistir a um unicórnio, a não ser com flechas ou uma lança bem comprida, pois este se empina sobre as patas traseiras e se atira de corpo inteiro para cima da gente, de tal forma que é preciso lidar com os cascos, o chifre e os dentes ao mesmo tempo. Assim, o capitão precipitou-se para a multidão, berrando:

– Segui-me, guerreiros do Tisroc (que ele viva para sempre!)! Segui-me, todos os narnianos leais, ou a ira de Tashlam cairá sobre todos vós!

Enquanto isso, duas outras coisas aconteciam. O macaco não se dera conta, tão rápido quanto o tarcaã, do perigo que corria. Durante cerca de um minuto permaneceu agachado ao lado da fogueira, olhando estupefato para os recém-chegados. Então Tirian lançou-se em direção à criatura, agarrou-a pela nuca e partiu como um raio para o estábulo, gritando: “Abram a porta!” Poggin obedeceu.

– Vá lá e beba do seu próprio remédio, Manhoso! – disse Tirian, arremessando o macaco contra a escuridão.

Assim que o anão fechou a porta de novo, uma ofuscante luz azul-esverdeada resplandeceu do lado de dentro do estábulo, a terra tremeu e ouviu-se um estranho ruído – um cacarejar estridente como se fosse a voz rouca de algum pássaro monstruoso. Os bichos começaram a soluçar e uivar, implorando em alta voz: “Tashlam! Por favor, escondam-nos!”

Muitos caíram no chão e outros esconderam a cara entre as asas ou as patas. Ninguém, a não ser a águia Sagaz, cuja visão é melhor que a de qualquer outra criatura, viu o rosto de Rishda Tarcaã naquele momento. E, pelo que viu, a águia percebeu na hora que Rishda estava tão surpreso e quase tão apavorado quanto qualquer um deles. “Eis aí alguém que invocou deuses em que não crê”, pensou a águia. “E agora, se eles vierem mesmo, o que ele vai fazer?”

A terceira coisa (que também aconteceu ao mesmo tempo) foi a única realmente bonita daquela noite. Todos os cães falantes que estavam no meio da multidão (havia uns quinze deles) vieram saltando e latindo alegremente para o lado do rei. A maioria deles eram cães enormes, corpulentos e de mandíbulas ferozes. Sua chegada foi como o rebentar de uma grande onda na beira da praia: quase derruba a gente no chão. Pois, embora falantes, todos eram tão “cães” como qualquer outro: levantaram-se, colocando as patas dianteiras nos ombros dos humanos, e lamberam-lhes os rostos. E disseram, todos ao mesmo tempo: “Bem-vindos, pessoal-al-al! Contem conosco, já, já, já! Digam: qual é o nosso trabalho? Qual, qual, qual?”

Foi uma cena tão emocionante que dava vontade de chorar. Finalmente alguma coisa saía como eles queriam. Quando, pouco depois, vários animaizinhos (ratos, toupeiras, esquilos e outros) se aproximaram com seus passinhos miúdos, tagarelando alegremente e dizendo: “Aqui! Aqui! Tem mais gente aqui!”, e quando, depois disso, chegaram também o urso e o javali, Eustáquio começou a acreditar que, afinal de contas, tudo poderia acabar dando certo. Tirian, porém, deu uma olhadela ao redor e constatou que, do grupo inteiro, eram realmente bem poucos os animais que haviam atendido ao seu apelo.

– Venham! Venham comigo! – chamou de novo. –Será que, depois que deixei de ser o seu rei, vocês todos ficaram covardes?

– Não temos coragem! — soluçavam dezenas de vozes. – Tashlam pode enfurecer-se conosco. Livre-nos da ira de Tashlam!

– Onde estão todos os cavalos falantes? – perguntou Tirian ao javali.

– Nós sabemos! Nós sabemos! – guincharam os ratos. – O macaco colocou-os para trabalhar. Estão todos presos, lá no fundo do vale.

– Então, meus amigos miudinhos, escutem aqui: todo mundo que sabe mordiscar, os comedores de nozes e todos os roedores, corram o mais rápido que puderem até onde estão os cavalos e perguntem se estão do nosso lado. Se disserem que sim, metam os dentes nas cordas e roam até libertá-los, e tragam-nos imediatamente para cá.

– Com todo o prazer, senhor – disseram as vozinhas. E, num abrir e fechar de olhos, lá se foram aqueles bichinhos de olhos aguçados e dentes afiados. Tirian sorriu, amoroso, ao ver sumir num instante aquele monte de rabinhos empinados. Agora, porém, era preciso pensar em outras coisas. Rishda Tarcaã já estava dando suas ordens.

– Vamos! – dizia ele. – Peguem todos (vivos, se possível) e atirem-nos dentro do estábulo... Ou então encurralem todos para lá. Quando estiverem lá dentro, vamos atiçar fogo no estábulo e oferecê-los em sacrifício ao grande deus Tash!

– Ah! – disse Sagaz consigo mesmo. – Então é assim que ele espera ganhar o perdão de Tash pela sua descrença? !

A linha inimiga (cerca de metade das forças de Rishda) já começava a avançar, e Tirian mal tivera tempo de dar suas ordens.

– Jill, vá para a esquerda e tente atingir todos quantos puder antes que nos ataquem. Você, urso, e você, javali, fiquem perto dela. Poggin, fique aqui à minha esquerda, e você, Eustáquio, à minha direita. Precioso, guarde a ala da direita. Fique ao lado dele, Confuso, e use os cascos. E você, Sagaz, fique planando e ataque por cima. Cães, fiquem atrás de nós e, assim que começar o jogo das espadas, entrem no meio deles e ataquem para valer. Que Aslam nos ajude!

O coração de Eustáquio só faltava sair pela boca; ele torcia para que, na hora H, não lhe faltasse coragem. Embora já tivesse visto um dragão e uma serpente do mar, nunca nada lhe dera tanto frio na barriga quanto aquela fileira de homens de rosto escuro e olhos brilhantes. Havia uns quinze calormanos, além de um touro falante de Nárnia, a raposa Ladina e o sátiro Brigão. De repente ele escutou um zunido à sua esquerda e um calormano caiu no chão. Logo a seguir, um novo zunido, e desta vez foi o sátiro quem tombou.

– Muito bem, irmãzinha! Bravo! – gritou Tirian. E então o inimigo avançou contra eles.

Eustáquio nunca soube dizer o que se passou nos dois minutos seguintes. Foi tudo como um pesadelo (daqueles que a gente tem quando está queimando de febre), até que ele escutou a voz de Rishda Tarcaã gritando lá longe:

– Recuem! Voltem aqui e formem fila de novo! Aos poucos, Eustáquio foi recuperando os sentidos e viu os calormanos disparando de volta para perto dos companheiros. Mas nem todos. Dois deles estavam mortos, um traspassado pelo corno de Precioso e o outro pela espada de Tirian. A raposa jazia morta aos pés de Eustáquio, sem que este soubesse dizer ao certo se fora ele ou não quem a matara. O touro também estava morto, com uma flecha de Jill espetada num olho e um lado estraçalhado pelas presas do javali.

Do lado de cá, no entanto, também havia perdas. Três cães estavam mortos e um quarto vinha mais atrás, ganindo e manquejando sobre três pernas. O urso jazia no chão, mal conseguindo se mover. Na sua voz rouca, murmurou aturdido diante do fim: “Eu... eu não... compreendo...”; pousou a enorme cabeça sobre a grama, tão suavemente quanto uma criança que adormece, e nunca mais se mexeu.

De fato, o primeiro ataque havia falhado. Eustáquio nem parecia alegrar-se com isso, pois estava com uma sede terrível e seu braço doía muito.

À medida que os calormanos derrotados voltavam para perto do seu comandante, os anões começaram a zombar deles:

– E então, morenos, estão satisfeitos? – debochavam, em coro. – Não gostaram, não é? Por que é que o seu poderoso tarcaã não vem lutar ele mesmo, em vez de empurrar vocês para a morte? Pobres morenos!

– Anões! – esbravejou Tirian. – Venham para cá e usem as espadas em vez da língua! Ainda é tempo! Anões de Nárnia, sei que vocês sabem lutar muito bem! Onde está a sua lealdade?

– Bah! – escarneciam os anões. – Nem pense nisso! Vocês são tão embusteiros quanto essa outra cambada! Não queremos rei nenhum. Vivam os anões! Buuuuuu!

Nesse instante, os tambores começaram: não o tamborilar típico dos anões, mas um grande e surdo rufar de tambores calormanos, que as crianças detestaram logo de saída: *bum! bum! bum-bum-bum!!!* E o teriam detestado muito mais se soubessem o seu significado. Tirian sabia. Significava que, em algum lugar nos arredores, havia outras tropas calormanas e que Rishda Tarcaã as chamava em seu auxílio. Tirian e Precioso se entreolharam, desanimados. Já tinham alguma esperança de sair vencedores naquela noite. Agora, porém, se chegassem reforços para o inimigo, seria o seu fim.

O rei olhou à sua volta, desesperado. Vários narnianos estavam do lado dos calormanos, fosse por traição ou por terem realmente medo de Tashlam. Outros limitavam-se a observar quietos, pasmos, sem se decidir por nenhum dos lados. Os animais, entretanto, já eram bem menos: o grupo era muito menor. Muitos, aliás, haviam escapulido de mansinho durante o combate.

Bum! bum! bum-bum-bum!!!, ouvia-se o apavorante rufar dos tambores. De repente, um barulho diferente começou a misturar-se ao dos tambores.

– Escutem! – disse Precioso, e logo acrescentou: – Vejam!

Um minuto mais tarde já não havia mais dúvidas quanto ao que se passava. Com um estrondo de cascos, as cabeças altivamente atiradas para trás, as ventas dilatadas e as crinas agitadas ao vento, um verdadeiro batalhão de cavalos falantes de Nárnia disparava colina acima. Os roedores haviam cumprido sua missão.

Poggin e as crianças abriram a boca para saudá-los, mas a saudação nem lhes chegou aos lábios. De repente o ar se encheu do som de arcos zunindo e de flechas sibilando. Eram os anões que atiravam – e (no primeiro instante, Jill mal podia acreditar nos próprios olhos), o que é pior, atiravam contra os cavalos. Os anões são arqueiros mortais. Um após outro, os cavalos foram rolando ao chão. Nem um sequer daqueles nobres animais chegou a alcançar o rei.

– Porquinhos miseráveis! – estourou Eustáquio, tremendo de raiva. – Gentinha imunda, nojenta, brutinhos traidores!

– Senhor, quer que eu corra atrás daqueles anões e espete uns dez de cada vez com o meu chifre? – disse Precioso, fora de si.

O rei, porém, cujo rosto estava rígido como uma rocha, respondeu:

– Calma, Precioso! E você, minha querida (referia-se a Jill), se vai mesmo chorar, vire o rosto para o lado e cuide para não molhar a corda do arco. Você, Eustáquio, controle-se e não fique aí xingando feito um moleque de rua! Um guerreiro nunca diz palavrões. Palavras corteses e golpes duros são sua única linguagem.

Entrementes, os anões começaram a debochar de Eustáquio:

– Pegamos você de surpresa, não foi, garotinho? Pensava que estávamos do seu lado, hein? Nem se iluda! Não queremos saber de cavalos falantes! Para nós tanto faz ganharem vocês ou a outra corja. Vocês não nos enganam! Vivam os anões!

Rishda Tarcaã continuava parado, conversando com seus homens, provavelmente combinando tudo para o próximo ataque e, quem sabe, lamentando não ter mandado a tropa inteira logo da primeira vez. Os tambores continuavam a rufar. Então, para o seu desespero, Tirian e os amigos escutaram, bem fraquinho, como se viesse de muito longe, um rufar de tambores em resposta. Uma outra turma de calormanos captara o pedido de socorro de Rishda e estava vindo em seu auxílio. O rosto de Tirian, porém, não deixava entrever o mínimo sinal de que houvesse perdido as esperanças.

– Escutem – disse ele, com uma voz de quem não está muito preocupado –, é melhor atacarmos agora, antes que esses canalhas recebam reforços de seus amigos.

– Senhor – disse Poggin –, é bom levarmos em consideração que, aqui, temos às nossas costas a parede do estábulo. Não acha que, se avançarmos, eles tentarão nos rodear, separando-nos uns dos outros com as suas lanças?

– Concordo, anão – respondeu Tirian. – Mas não acha que é justamente isso que eles querem, encurralar-nos para entrarmos no estábulo? Quanto mais longe ficarmos daquela porta maldita, melhor.

– O rei tem razão – disse Sagaz. – Para longe desse maldito estábulo e seja lá o que for que está lá dentro... E a todo custo!

– Isso mesmo – disse Eustáquio. – Só de olhar para ele, já fico com raiva.

– Bom – falou Tirian. – Agora olhem lá adiante, à nossa esquerda. Estão vendo aquele rochedo bem grande que, à luz da fogueira, parece branco como mármore? Pois bem. Em primeiro lugar vamos cair em cima daqueles calormanos. Você, senhorita, fique sempre à nossa esquerda e atire o mais rápido que puder contra as fileiras inimigas. Você, Sagaz, voe direto contra os rostos deles, pela direita. Enquanto isso, atacaremos. Quando estivermos tão perto deles que não der mais para você atirar, Jill, pelo risco de nos atingir, volte correndo para o rochedo branco e espere lá. Quanto aos outros, mantenham-se alertas, mesmo enquanto estiverem lutando. Temos de dar um jeito neles em poucos minutos ou então nada feito, pois somos bem menos. Assim que eu gritar “Recuar!”, corram ao encontro de Jill no rochedo branco. Assim teremos proteção à nossa retaguarda e poderemos respirar um pouco. Agora, Jill, vá!

Sentindo-se terrivelmente só, a menina saiu correndo, afastou-se uns seis metros e colocou a perna direita para trás e a esquerda para a frente, ajustando uma flecha no arco. Bem que ela gostaria que suas mãos não tremessem tanto... “Lá se vai um tiro perdido!”, pensou ela, quando a primeira flecha passou raspando sobre as cabeças dos inimigos. Em um segundo, porém, já havia outra flecha no arco: ela sabia muito bem que, naquele momento, o importante era a rapidez. Avistou alguma coisa grande e preta arremetendo contra os rostos dos calormanos: era Sagaz. Primeiro um homem, depois mais um, deixou cair a espada, levantando as mãos para defender os olhos. Então uma das flechas de Jill atingiu um deles e uma outra atingiu um lobo narniano que, ao que parecia, juntara-se ao inimigo. Contudo, apenas alguns minutos após ter começado a disparar, ela teve de parar. Com um flamejar de espadas e o brilho das presas do javali e do corno de Precioso, e entre o ruidoso latido dos cães, Tirian e sua turma avançaram contra o inimigo, como se fossem corredores disputando uma corrida de cem metros.

Jill surpreendeu-se com a falta de preparo demonstrada pelos calormanos. Nem se deu conta de que isso era fruto do trabalho feito por ela e pela águia. Não é nada fácil continuar olhando atentamente para a frente quando se está sendo atacado por flechas no rosto, de um lado, e por bicadas de uma águia, do outro.

– Isso! Bem feito! Bem feito! – gritava Jill.

A turma do rei avançava direto para o meio do campo inimigo. O unicórnio atirava homens para todo lado, como quem atira feno com um forcado. Até mesmo Eustáquio (pensava Jill, que, para dizer a verdade, não entendia lá muito bem de esgrima) parecia estar lutando de maneira brilhante. Os cães investiam contra a garganta dos calormanos. Estava dando tudo certo! Finalmente, estavam vencendo.

Com um profundo calafrio, Jill percebeu algo estranho: embora a cada golpe de espada dos narnianos tombassem novos calormanos, parecia que estes nunca diminuíam. De fato, agora já havia muito mais calormanos do que no início da batalha. E a cada segundo apareciam mais. Estes surgiam de todas as direções: eram novos calormanos, desta vez portando lanças. Havia tantos que ela mal conseguia enxergar seus próprios amigos. Foi então que ouviu Tirian gritar:

– Recuem! Corram para o rochedo!

O inimigo recebera reforços. Os tambores haviam cumprido sua missão.

12
PELA PORTA DO ESTÁBULO

Já era para Jill ter-se escondido atrás do rochedo branco. No entanto, com a excitação de assistir ao combate, esquecera completamente esse detalhe das instruções recebidas. De repente ela se lembrou. Deu meia-volta e desatou a correr, chegando ao rochedo apenas uns segundos antes dos outros. Então, por uma questão de instantes, aconteceu de todos eles estarem de costas para o inimigo. E, ao atingirem o rochedo, todos voltaram-se de uma vez, ainda a tempo de assistir a uma cena terrível e inesperada.

Um calormano ia correndo na direção do estábulo, carregando alguma coisa que chutava e se debatia desesperadamente. Quando passou entre eles e a fogueira, conseguiram divisar claramente a forma do homem e o que ele carregava: era Eustáquio!

Tirian e o unicórnio saíram em disparada a fim de libertá-lo. O calormano, porém, já estava mais perto da porta do que eles. Assim, antes que recobrassem metade da distância, o soldado já havia atirado Eustáquio lá dentro, batendo a porta às suas costas. Atrás dele já vinham correndo uns seis outros calormanos, que formaram uma barreira no espaço aberto na frente do estábulo. Agora não havia mais chance de chegar lá.

Mesmo naquela hora, Jill lembrou-se de manter o rosto voltado para o lado, bem afastado do arco. “Ainda que eu não consiga parar de chorar, *não vou* molhar o arco!”, disse ela.

– Cuidado com as flechas! – gritou subitamente Poggin.

Todos abaixaram rapidamente a cabeça, puxando bem o elmo sobre o nariz. Os cães saíram rastejando na direção de onde vinham as flechas. Entretanto, embora algumas tivessem passando raspando por eles, logo perceberam que o alvo era outro. Grifo e sua turma entravam novamente em ação; só que, desta vez, atiravam friamente contra os calormanos.

– Vamos lá, garotos! – gritava Grifo. – Todo mundo junto! E com cuidado! Chega de morenos por aqui! Abaixo os macacos, os reis e os leões! Vivam os anões!

Pode-se dizer o que quiser sobre os anões, mas não que são covardes. Eles bem que poderiam ter-se safado para algum lugar seguro. No entanto, preferiram ficar e matar quantos pudessem dos dois lados, exceto quando ambos eram amáveis o suficiente para matar uns aos outros, poupando-lhes trabalho. Os anões queriam Nárnia só para eles.

O que eles provavelmente não levaram em consideração era que os calormanos estavam protegidos por cotas de malha, enquanto os cavalos não tinham proteção alguma. Além disso, os calormanos tinham um líder. A voz de Rishda Tarcaã ressoou do lado de lá:

– Trinta de vocês fiquem de olho naqueles tolos lá perto do rochedo branco. Os outros venham comigo, que eu quero ensinar uma lição a esses vermezinhos!

Tirian e seus amigos, ainda arquejando da luta e gratos por aqueles poucos minutos de descanso, ficaram parados, olhando, enquanto o tarcaã e seus comandados investiam contra os anões.

A cena era um tanto estranha. A fogueira, quase apagada, pouco iluminava, produzindo apenas um clarão avermelhado. Até onde se podia ver, a clareira das reuniões estava agora vazia, à exceção dos anões e dos calormanos. Com aquela luz, quase não dava para ver o que se passava. Pelo barulho, parecia que os anões estavam empenhados numa boa luta. Tirian conseguia distinguir a voz de Grifo soltando palavrões e, de vez em quando, a do tarcaã gritando: “Peguem todos quantos puderem, *vivos*! Quero eles *vivos*!” Mas a luta não durou muito tempo. Todos os ruídos desvaneceram. Então Jill viu o tarcaã voltar para o estábulo, seguido de onze homens arrastando onze anões amarrados. (Se os outros haviam sido mortos ou se alguns conseguiram fugir, nunca se soube.)

– Joguem-nos no santuário de Tash! – ordenou Rishda.

Os onze anões, um após o outro, foram atirados porta adentro no meio da escuridão, aos chutes e pontapés. Após fechar novamente a porta, o tarcaã fez uma reverência na direção do estábulo, dizendo:

– Ó grande Tash! Estes também são para ser queimados em vossa homenagem!

E todos os calormanos, fazendo um grande barulho com suas espadas, gritaram exclamando: “Tash! Tash! Grande Tash! Inexorável Tash!” (Agora já não havia mais nenhum sentido em falar em Tashlam.)

O grupinho do rochedo branco assistia a tudo aquilo entre cochichos. Eles haviam encontrado um filete de água que descia pela rocha e todos beberam sofregamente: Jill, Poggin e o rei beberam com as mãos, ao passo que os animais lamberam da poça que se formava ao pé da pedra. Estavam com tanta sede que aquela lhes pareceu a bebida mais deliciosa de toda a sua vida. E beberam com tanta alegria que não conseguiam pensar em mais nada naquele momento.

– Tenho a forte impressão de que, antes do amanhecer, todos nós passaremos por aquela porta, um a um – disse Poggin. – E pela minha cabeça passam mil tipos de mortes que eu preferiria a essa...

– De fato, é uma porta repugnante – observou Tirian. – Parece até uma boca.

– Oh! – disse Jill, com voz trêmula. – Não há nada que a gente possa fazer para evitar isso?

– Não, minha querida – respondeu Precioso, acariciando-a gentilmente com o focinho. – Para nós, aquela porta pode muito bem ser a passagem para a terra de Aslam. E quem sabe até possamos cear à mesa dele hoje à noite...

Rishda Tarcaã voltou as costas para o estábulo, encaminhando-se lentamente para um ponto em frente ao rochedo branco.

– Prestai atenção – disse ele. – Se o javali, os cães e o unicórnio vierem até aqui e se renderem à minha misericórdia, suas vidas serão poupadas. O javali irá para uma jaula nos jardins do Tisroc. Os cães irão para os canis de Tashbaan. E o unicórnio, depois que eu lhe arrancar o chifre, puxará uma carroça. Agora, a águia, as crianças e aquele que foi um dia o rei de Nárnia, estes serão oferecidos a Tash hoje à noite.

A única resposta foram uns grunhidos.

– Avante, guerreiros – ordenou então o tarcaã. – Matai os animais; os humanos, porém, eu quero vivos.

Foi aí, então, que se iniciou a última batalha do último rei de Nárnia.

O que lhe tirava a esperança, sem falar no número desigual de combatentes, eram as lanças. Os calormanos que haviam estado com Manhoso quase desde o comecinho não possuíam lanças, pois tinham vindo para Nárnia sozinhos ou em duplas, fingindo ser pacíficos mercadores; por isso, naturalmente, não poderiam trazer lanças, pois uma lança não se pode esconder tão facilmente. Esses outros deveriam ter vindo mais tarde, depois que o macaco já se havia fortalecido, e por isso podiam marchar abertamente. A diferença estava toda nas lanças. Com uma lança comprida pode-se matar um javali antes que se esteja ao alcance de suas presas, ou matar um unicórnio antes que ele nos atinja com o chifre – isso se a pessoa for muito ágil e atenta. Agora aquelas lanças afiadas vinham se aproximando de Tirian e de seus últimos amigos. Em questão de segundos já estavam lutando para defender suas vidas.

Num certo sentido, até que não foi tão ruim como se poderia imaginar. Quando se está dando o máximo de cada músculo – ora se esquivando por baixo da ponta de uma lança, ora saltando por cima, arremetendo daqui, desviando-se de lá, dando guinadas e rasteiras –, não se tem muito tempo para sentir tristeza ou cansaço. Tirian sabia que, agora, nada podia fazer pelos outros: estavam todos igualmente condenados. Viu vagamente o javali tombar ao seu lado e Precioso lutando furiosamente do outro lado. Por um canto do olho viu, de relance, um enorme calormano arrastando Jill pelos cabelos para algum canto. Agora, porém, mal dava para pensar nisso: seu único pensamento era vender a própria vida o mais caro possível. O pior de tudo era que não estava conseguindo manter a posição na qual iniciara, por detrás do rochedo branco. Quando um homem está enfrentando uma dúzia de inimigos ao mesmo tempo, deve aproveitar as mínimas chances: tem de golpear onde quer que aviste um peito ou um pescoço inimigo desprotegido. Às vezes são necessários apenas alguns golpes para nos afastar do ponto inicial. Tirian logo descobriu que estava desviando-se cada vez mais para a direita, aproximando-se do estábulo. Alguma coisa lhe dizia que havia uma boa razão para manter-se longe daquele lugar. Mas, no momento, não podia lembrar *que razão* era essa. E, de qualquer forma, nem dava mais para evitar.

De repente, tudo se tornou completamente claro. Deu-se conta de que estava lutando contra o próprio tarcaã. A fogueira (aliás, o que restava dela) estava bem à sua frente. De fato, encontrava-se bem na entrada do estábulo, pois este fora aberto e dois calormanos seguravam a porta, prontinhos para batê-la às costas de Tirian assim que ele estivesse lá dentro. Agora se lembrava de tudo; e aí percebeu que, desde o começo da luta, o inimigo vinha tentando encurralá-lo para dentro do estábulo. Tudo isso ele pensava enquanto lutava contra o tarcaã, com todas as forças possíveis.

Então ocorreu-lhe uma nova idéia. Deixando cair a espada, atirou-se para a frente com uma guinada, evitando assim o golpe da cimitarra do tarcaã, e atracou-se à cintura do inimigo com as duas mãos; depois deu um pulo para dentro do estábulo, gritando:

– Vamos! Venha você mesmo ao encontro de Tash!

Ouviu-se um barulho ensurdecedor. Assim como quando o macaco fora atirado lá para dentro, a terra estremeceu e uma luz ofuscante brilhou.

Os soldados calormanos que estavam de guarda guincharam: “Tash! Tash!”, e bateram a porta. Se Tash queria o seu capitão, ele que o tivesse agora. Eles é que não queriam nem conversa com Tash.

Tirian ficou um instante sem saber direito onde estava, nem tampouco quem ele era. Então, passados alguns segundos, se recompôs: endireitou-se, piscou os olhos e olhou ao redor. Dentro do estábulo não era escuro como imaginava. Ao contrário, havia uma luz fortíssima: por isso é que estava piscando os olhos. Voltou-se, tentando olhar para Rishda Tarcaã; mas Rishda não estava olhando para ele. O capitão deu um longo gemido, apontando para alguma coisa; depois cobriu o rosto com as mãos e caiu pesadamente no chão. Tirian olhou na direção que ele havia apontado e então compreendeu.

Uma figura terrível vinha vindo na direção deles. Era muito menor do que a coisa que tinham visto da torre, embora fosse ainda muito mais alta que um homem. Mas era a mesma criatura. Tinha uma cabeça de abutre e quatro braços. O bico estava aberto e os olhos fumegavam. Um grasnado rouco saiu-lhe do bico:

– Rishda Tarcaã, tu me chamaste para Nárnia. Aqui estou. O que tens a dizer?

O tarcaã, porém, nem sequer ergueu o rosto do chão ou soltou uma palavra. Tremia como uma vara verde. Numa batalha ele era corajoso de verdade. Contudo, metade da sua coragem havia sumido bem mais cedo naquela noite, desde que começara a suspeitar de que poderia realmente existir um Tash de verdade. Agora, o restinho da coragem tinha ido embora.

Com um movimento brusco (igual a uma galinha quando estaca de repente para catar uma minhoca), Tash agarrou o pobre Rishda, enfiando-o entre os dois braços direitos. Depois virou a cabeça para o lado fixando Tirian com um dos seus pavorosos olhos: pois, naturalmente, como tinha cabeça de ave, não podia olhar direto para ninguém.

No mesmo instante, porém, forte e tranquila como um mar de verão, ouviu-se uma voz soar por detrás dele:

– Suma daqui, monstro! Volte para o seu lugar e carregue o que por direito lhe pertence! Em nome de Aslam e do Grande Pai de Aslam, o Imperador-de-Além-Mar!

A horrenda criatura evaporou, ainda com o tarcaã debaixo do braço. Tirian voltou-se para ver quem havia falado. E o que viu fez seu coração disparar e bater como nunca havia batido em qualquer batalha.

Sete reis e rainhas estavam parados à sua frente, todos eles com coroas na cabeça e vestes resplandecentes; os reis, porém, usavam também finas cotas de malha e empunhavam espadas. Tirian inclinou-se, numa reverência, e já ia falando quando a mais jovem das rainhas desatou a rir. Ele a encarou firmemente e, de súbito, prendeu a respiração, atônito, pois a conhecia. Era Jill! Não como ele a vira pela última vez, com o rosto todo sujo e manchado de lágrimas, usando um velho vestido de brim com um ombro meio de fora. Agora parecia calma e bem-disposta, limpa e fresca como quem acaba de tomar um banho. E primeiro achou que ela parecia mais velha, mas depois achou que não – e nunca conseguiu chegar a uma conclusão quanto a isso. Depois viu que o rei mais jovem era Eustáquio: mas este também estava diferente, assim como Jill.

Subitamente Tirian sentiu-se embaraçado por encontrar-se ali, no meio daquelas pessoas, ainda todo empoeirado, suado e sujo de sangue da batalha. Naquele momento, porém, notou que já não se encontrava mais naquele estado. Estava fresco, limpo, bem-disposto e trajado como se fosse para ir a uma grande festa em Cair Paravel. (A propósito, em Nárnia, as

roupas boas não eram desconfortáveis como muitas que a gente usa. Os narnianos sabiam fazer roupas que eram bonitas e, ao mesmo tempo, deixavam a gente bem à vontade: nada de tecido engomado, sapatos apertados e ternos fechados, com gravatas e essas coisas.)

– Senhor – disse Jill, adiantando-se e fazendo uma bela cortesia –, deixe-me apresentá-lo a Pedro, o Grande Rei sobre todos os reis de Nárnia.

Tirian nem precisou perguntar qual deles era Pedro, pois lembrava-se bem do rosto que vira em seu sonho (se bem que, agora, parecesse muito mais nobre). Deu um passo à frente, dobrou-se sobre um dos joelhos e beijou a mão de Pedro.

– Majestade – disse ele. – Seja muito bem-vindo. E Sua Majestade fê-lo levantar-se e beijou-lhe as faces, como convinha a um grande rei. Depois conduziu-o até a mais velha das rainhas (que, mesmo assim, não parecia velha, pois não tinha cabelos brancos na cabeça nem rugas na face), dizendo:

– Senhor, esta é Lady Polly, que veio a Nárnia no Primeiro Dia, quando Aslam fez as árvores crescerem e os animais falarem. – Em seguida conduziu-o para perto de um homem cuja barba dourada descia-lhe pelo peito e cuja expressão era cheia de sabedoria.

– Este aqui – disse – é Lorde Digory, que estava com ela naquele dia. E este é o meu irmão, rei Edmundo. E esta é minha irmã, rainha Lúcia.

– Senhor – disse Tirian, após saudar a todos –, a não ser que eu tenha entendido mal as crônicas, deve haver mais alguém. Vossa Majestade não tem duas irmãs? Onde está a rainha Susana?

– Minha irmã Susana – respondeu Pedro, breve e gravemente – já não é mais amiga de Nárnia.

– É verdade – completou Eustáquio. – E cada vez que se tenta conversar com ela sobre Nárnia ou fazer qualquer coisa que se refira a Nárnia, ela diz: “Mas que memória extraordinária vocês têm! Continuam no mundo da fantasia, pensando nessas brincadeiras tolas que a gente fazia quando era criança!”

– Essa Susana! – disse Jill. – Agora só pensa em *lingeries*, maquilagens e compromissos sociais. Aliás, ela sempre foi louquinha para ser gente grande.

– Gente grande, pois sim! – disse Lady Polly. –Gostaria que ela crescesse de verdade. Quando estava na escola, passava o tempo todo desejando ter a idade que tem agora, e agora vai passar o resto da vida tentando *ficar* nessa idade. Tudo em que ela pensa é correr para atingir a idade mais boba da vida o mais depressa possível e depois parar aí o máximo que puder.

– Está bem, não vamos mais falar sobre isso agora – interveio Pedro. – Vejam! Ali há umas árvores com frutas muito apetitosas. Por que não provamos algumas?

Então, pela primeira vez, Tirian olhou à sua volta e percebeu quão fantástica estava sendo essa sua aventura.

13
OS ANÕES NÃO SE DEIXAM TAPEAR

Tirian pensara – ou pelo menos teria pensado, se tivesse tido tempo para isso – que eles se encontravam dentro de uma pequena cabana de palha medindo uns quatro metros de comprimento por dois de largura. Na realidade, porém, estavam pisando na grama, tendo ao alto um profundo céu azul, e a brisa que soprava suavemente nas suas faces lembrava um dia de início de verão. Não muito longe deles erguia-se um bosque de árvores de folhas muito espessas, por baixo das quais se via o dourado ou o amarelo-pálido, o roxo ou o vermelho vivo de frutas nunca vistas neste nosso mundo. Ao avistar as frutas, Tirian teve a impressão de que já era outono. Mas havia alguma coisa no ar que lhe dizia que poderia ser, no máximo, o comecinho do verão. Todos começaram a caminhar na direção das árvores.

Cada um deles ergueu a mão para apanhar a fruta que mais lhe apetecia, e então todos pararam por um instante. As frutas eram tão lindas que todos tiveram o mesmo pensamento: “Estas frutas não são para mim... Certamente não podemos colhê-las!”

– Tudo bem – disse Pedro. – Eu sei o que todos estão pensando. Mas tenho certeza, absoluta certeza, de que não precisamos nos preocupar. Tenho a impressão de que nós chegamos àquele país onde tudo é permitido.

– Pois, então, mãos à obra! – disse Eustáquio. E todos começaram a comer.

E o gosto das frutas? Infelizmente, sabor não se descreve. Só posso dizer que, comparado àquelas frutas, o pêssego mais polpudo e fresquinho não teria gosto algum; a laranja mais suculenta pareceria seca; a pêra mais macia, daquelas de derreter na boca, ainda seria dura e fibrosa; e o abacaxi mais docinho e maduro seria azedo. E elas não tinham sementes, nem pedras, nem vespas. Depois de se provar uma fruta daquelas uma única vez, a sobremesa mais deliciosa do mundo inteiro teria gosto de remédio. Mas

não dá mesmo para descrever. O único jeito de se saber como elas são é ir até esse lugar e experimentá-las.

Depois de comerem até se fartar, Eustáquio disse ao rei Pedro:

– Você ainda não nos contou como chegaram até aqui. Quando estava começando a nos dizer, o rei Tirian apareceu.

– Não há muito o que contar – respondeu Pedro. – Edmundo e eu estávamos em pé na estação quando vimos o trem de vocês chegando. Lembro-me de ter achado que ele estava fazendo a curva rápido demais. Outra coisa de que me lembro é que pensei como seria divertido se por acaso todo o nosso pessoal estivesse no mesmo trem.

– *Seu pessoal,* Grande Rei? – estranhou Tirian.

– É, meu pai e minha mãe, de Lúcia e de Edmundo...

– E por que isso? – interrompeu Jill. – Não vai me dizer que eles sabem alguma coisa sobre Nárnia? !

– Oh, não! Isso nada tinha a ver com Nárnia. Eles estavam de viagem para Bristol. A única coisa que sabia é que iriam naquela manhã. Mas Edmundo disse que era bem provável que eles estivessem naquele trem. (Edmundo era o tipo de pessoa que entende de viagens de trem.)

– E daí, o que aconteceu? – perguntou Jill.

– Bem, não é assim tão fácil de descrever, não é, Edmundo?

– Não muito – respondeu Edmundo. – Não foi nada parecido com aquela vez em que fomos atirados para fora do nosso próprio mundo por mágica. Houve um pavoroso estrondo e alguma coisa me atingiu violentamente; mas não doeu. Acho que, mais do que assustado, eu fiquei... bem, fiquei excitado. E então aconteceu uma coisa fantástica. Eu estava com um joelho machucado, por causa de uma partida de futebol. De repente notei que a ferida tinha sumido. E daí eu me senti muito leve. E depois... Bem, aqui estamos nós.

– Foi exatamente isso o que aconteceu com a gente dentro do trem – disse Lorde Digory, limpando os últimos resíduos de fruta da sua barba dourada. – Só que eu acho que você e eu, Polly, sentimos principalmente que o nosso corpo foi rejuvenescido. Vocês, jovens, não compreendem isso. Mas deixamos de nos sentir velhos.

– Jovens, pois sim! – exclamou Jill. – Como se aqui vocês dois fossem muito mais velhos do que nós!

– Bem, pelo menos *éramos* – disse Lady Polly.

– E depois que chegaram aqui, o que aconteceu? – perguntou Eustáquio.

– Bem – respondeu Pedro. – Durante um bom tempo (pelo menos me pareceu muito tempo) nada aconteceu. Depois a porta se abriu...

– A porta? Que porta? – perguntou Tirian.

– A porta por onde você entrou... ou saiu, sei lá... Já se esqueceu?

– Mas, onde está ela?

– Veja! – disse Pedro, apontando.

Tirian olhou e viu a coisa mais estranha e ridícula que se possa imaginar. A apenas alguns metros de distância, completamente visível à luz do sol, erguia-se uma porta de madeira e, ao redor dela, o umbral – nada mais, nem paredes, nem telhado, nada. Atônito, Tirian encaminhou-se para lá, seguido pelos outros, que ficaram olhando para ver o que ele ia fazer. Tirian deu a volta para o outro lado da porta. Do lado de lá, era justamente a mesma coisa: ele ainda estava ao ar livre, em uma manhã de verão. A porta simplesmente erguia-se sozinha, como se tivesse crescido ali, igual a uma árvore.

– Meu caro senhor – disse ele ao Grande Rei –, isto é simplesmente espantoso!

– É a porta por onde você passou com aquele calormano há poucos minutos – disse Pedro, sorrindo.

– Mas eu passei da floresta para dentro do estábulo, não foi? Esta porta, no entanto, parece ir de nenhum lugar para lugar algum!

– É o que parece se você ficar aí a rodeá-la – disse Pedro. – Agora, dê uma espiadinha ali por aquela fresta que há entre as duas tábuas de madeira.

Tirian encostou o olho no buraco. A princípio, nada conseguiu ver além da escuridão. Mas, depois que seus olhos foram se acostumando ao escuro, ele divisou a luz fraca e avermelhada de uma fogueira que estava quase se apagando. Lá em cima via-se um céu negro coberto de estrelas.

Depois percebeu uns vultos que se moviam para lá e para cá, e havia outros em pé entre ele e a fogueira. Dava para ouvi-los conversando: pareciam vozes de calormanos. Então se deu conta de que estava olhando através da porta do estábulo, para fora, na escuridão do Ermo do Lampião, onde se dera sua última batalha. Os homens estavam discutindo se deveriam entrar no estábulo à procura de Rishda Tarcaã (nenhum deles, no entanto, estava disposto a fazer isso), ou se seria melhor atiçar fogo à cabana.

Tirian olhou à sua volta mais uma vez e mal pôde acreditar no que via. Acima de sua cabeça havia um céu muito azul; à sua frente um imenso gramado espalhava-se em todas as direções, até onde a vista alcançava; e, ao redor, seus novos amigos, todos sorrindo.

– Quer dizer, então – disse Tirian para si mesmo –, que o estábulo visto por dentro e o estábulo visto por fora são dois lugares completamente diferentes?

– É verdade – disse Lorde Digory. – Por dentro ele é maior do que por fora.

– Isso mesmo – disse a rainha Lúcia. – No nosso mundo também já aconteceu uma vez que, dentro de um certo estábulo, havia uma coisa que era muito maior que o nosso mundo inteiro.

Era a primeira vez que ela falava, e, pela vibração da sua voz, Tirian logo imaginou a razão. Ela estava muito mais embevecida com tudo aquilo do que qualquer um dos outros. Até aquele momento estivera feliz demais para falar. Tirian queria ouvir a voz dela de novo, por isso disse:

– Por gentileza, senhorita, conte-nos. Conte-me toda a sua aventura.

– Depois do choque e do estardalhaço – disse Lúcia –, nos encontramos aqui. E ficamos aturdidos com a porta, assim como você. Então ela se abriu pela primeira vez (e tudo o que vimos foi a escuridão), deixando passar um homenzarrão com uma espada desembainhada. Pelos braços dava para ver que era um calormano. Ele se postou ao lado da porta com a espada erguida, pousada sobre o ombro, pronto para decepar o primeiro que entrasse. Fomos ao seu encontro e falamos com ele, mas nem sequer pareceu notar a nossa presença. Não se voltou uma única vez para contemplar o céu, a luz do sol ou o gramado; até parecia que nem enxergava nada disso. Ficamos então esperando, durante um bom tempo. Até que

ouvimos a tranca abrir-se mais uma vez do outro lado da porta. Mas enquanto o homem não viu quem vinha vindo, não se dispôs a usar a espada. Por isso imaginamos que ele fora instruído para atacar uns e poupar outros. Porém, no momento em que a porta se abriu, nada mais, nada menos que o próprio Tash apareceu do lado de cá da porta, sem que nenhum de nós soubesse de onde ele surgira. E pela porta entrou um enorme gato. Assim que viu Tash, ele disparou para fora, tentando salvar a pele – e bem a tempo, pois Tash arremeteu-se contra ele e a porta bateu-lhe no bico, ao se fechar. Só então o guarda enxergou Tash. Imediatamente ficou muito pálido e prostrou-se aos pés do monstro, mas este se desvaneceu.

– Depois disso, esperamos de novo por mais algum tempo. Finalmente a porta abriu-se pela terceira vez e entrou um jovem calormano. Gostei dele. O homem que estava à porta ficou atônito, e pareceu muito surpreso ao vê-lo. Tenho a impressão de que esperava ver alguém completamente diferente...

– Agora entendi tudo! – disse Eustáquio (ele tinha a péssima mania de interromper quando alguém estava falando). – O gato era quem deveria entrar primeiro, e o sentinela tinha ordens para não lhe fazer mal algum. Depois o gato deveria sair e dizer que havia visto o abominável Tash, fingindo estar apavorado, a fim de assustar todos os animais. Mas o que Manhoso jamais poderia suspeitar é que o verdadeiro Tash acabasse aparecendo; e então Ruivo saiu *realmente* apavorado. Depois disso, Manhoso deve ter resolvido mandar entrar alguém de quem queria se ver livre, para que o sentinela o matasse. E depois...

– Meu amigo – disse Tirian, com brandura. – Você está atrapalhando a narração da senhorita.

– Bem – continuou Lúcia –, o sentinela ficou surpreso. Isso deu ao homem o tempo necessário para colocar-se em guarda. Os dois lutaram e o jovem matou o sentinela, atirando-o porta afora. Então encaminhou-se lentamente para onde estávamos. Ele conseguia ver a gente e tudo o mais à sua volta. Tentamos falar-lhe, mas ele parecia estar em transe. Ficava só dizendo: “Tash, Tash, onde está Tash? Quero ver Tash!” Então desistimos e ele saiu andando por aí, desaparecendo por aquelas bandas. Gostei dele! Depois disso... Argh! (E aqui Lúcia fez uma careta.)

– Então – disse Edmundo –, alguém arremessou um macaco porta adentro. E aí Tash apareceu de novo. Minha irmã tem o coração muito mole e por isso não quer contar que Tash devorou o macaco de uma só bicada.

– Bem feito para ele! – vibrou Eustáquio. – Para aprender a não brincar com Tash!

– Então – continuou Edmundo –, apareceram uns doze anões. E depois Jill, Eustáquio e, finalmente, você, Tirian.

– Tomara que Tash tenha devorado os anões também! – disse Eustáquio. – Aqueles porquinhos imundos!

– Não, não devorou – disse Lúcia. – E não seja tão repugnante! Eles ainda estão por aí. Na verdade, dá para vê-los daqui. Já fiz várias tentativas de fazer amizade com eles, mas não adianta.

– Fazer amizade com eles? ! – vociferou Eustáquio.

– Se você soubesse tudo que esses anões fizeram!

– Pare com isso, Eustáquio! – disse Lúcia. – Venha cá, vamos vê-los. Rei Tirian, quem sabe você consegue alguma coisa com eles.

– Bem, não ando lá muito amante de anões hoje – respondeu Tirian. – Mas a pedido seu, senhorita, faria muito mais do que isso.

Eles acompanharam Lúcia e logo todos avistaram os anões. O comportamento deles era muito estranho. Não estavam andando à toa ou se divertindo (embora as cordas com que haviam sido amarrados parecessem ter-se evaporado), nem mesmo deitados ou descansando. Pelo contrário, estavam sentados bem pertinho uns dos outros, formando um círculo apertado, um de cara para o outro. Nunca olhavam ao redor, nem sequer pareceram notar os humanos à sua volta, a não ser quando Lúcia e Tirian chegaram tão pertinho deles que dava para tocá-los. Então todos os anões sacudiram a cabeça como se não conseguissem ver ninguém, mas estivessem escutando atentamente e tentando adivinhar pelos ruídos o que se passava.

– Ei, cuidado! – disse um deles, numa voz azeda. – Por que não olham por onde andam? Não caminhem por cima da gente!

– Tá bom, tá bom! – disse Eustáquio, irritado.

– Não somos cegos. Nossos olhos funcionam muito bem.

– Pois devem ser mesmo muito bons para enxergar aqui dentro! – disse o mesmo anão, cujo nome era Ranzinza.

– Aqui onde? – perguntou Edmundo.

– Ora, seu tapado, *aqui dentro*, é claro! – respondeu Ranzinza. – Aqui neste buraco deste está-bulo fedorento, apertado e escuro como breu.

– Você está cego? – perguntou Edmundo.

– E quem não fica cego nesta escuridão? – resmungou Ranzinza.

– Mas aqui não está escuro coisa nenhuma, seus anõezinhos estúpidos! – disse Lúcia. – Será que não percebem? Vamos, levantem o rosto! Olhem ao seu redor! Será que não vêem o céu, as árvores e as flores? Vocês não estão *me* vendo?

– Ora, vá tapear outro! Como é que eu posso ver uma coisa que não existe? E como é que eu posso vê-la (ou você a mim) nesta escuridão de breu?

– Mas eu *estou* vendo você! – disse Lúcia. – Quer que eu prove? Você está com um cachimbo na boca.

– Qualquer um que conheça cheiro de tabaco poderia dizer isso – replicou Ranzinza.

– Pobrezinhos! Que coisa terrível! – exclamou Lúcia. Então ela teve uma idéia. Saiu e colheu algumas violetas silvestres.

– Escutem aqui, anões – disse ela. – Embora seus olhos estejam com algum problema, quem sabe o nariz esteja funcionando bem. Que cheiro é este?

Ela inclinou-se e aproximou do narigão de Ranzinza as flores frescas, ainda úmidas de orvalho. Entretanto, teve de dar um pulo para trás a fim de evitar um soco do punhozinho pesado do anão.

– Mas que ousadia! – berrou ele. – Onde já se viu me passar um monte de palha imunda na cara? ! E, ainda por cima, cheio de carrapicho! Parece a gororoba de vocês! Afinal, quem é você?

– Seu verme! – interveio Tirian. – Ela é a rainha Lúcia, enviada para cá por Aslam, vinda de um passado longínquo. E é só por amor a ela que

eu, Tirian, seu leal rei, não lhes arranco a cabeça dos ombros, seus traidores, provada e comprovada-mente traidores!

– Mas isso é o cúmulo! – exclamou Ranzinza. –Você ainda continua insistindo nessa baboseira toda? Seu maravilhoso Leão não veio lhe dar uma mãozinha, hein? Eu sabia! E, ainda assim, mesmo depois de ter sido derrotado e enfiado aqui neste buraco escuro, igualzinho a qualquer um de nós, você ainda insiste nesse velho jogo? ! E agora me aparece com uma nova mentira, não é? Tentando fazer a gente acreditar que ninguém aqui está trancado e que não está escuro, e sabe-se lá o que mais...

– Não existe buraco escuro coisa nenhuma, a não ser na sua própria cabeça, seu imbecil – berrou Tirian. – Saia daí, vamos! – E, inclinando-se para a frente, Tirian agarrou Ranzinza pelo cinto e o capuz, arrancando-o de perto dos outros anões e colocando-o bem longe. Mas, assim que tocou o chão, Ranzinza disparou de volta para o mesmo lugar no meio dos outros, esfregando o nariz e gritando:

– Ui! Ui! Por que você fez isso? Me atirou de cabeça contra a parede! Por pouco não me quebrou o nariz!

– Oh, não! – disse Lúcia. – O que vamos fazer com eles?

– Deixe-os para lá! – disse Eustáquio. Mas enquanto ele falava a terra estremeceu. A doce atmosfera tornou-se ainda mais doce e um clarão brilhou ao lado deles. Todos se voltaram. O último a se virar foi Tirian, porque estava com medo. Ali estava o anseio de seu coração, enorme e real: o Leão dourado, o próprio Aslam. Os outros já se encontravam ajoelhados em círculo em volta de suas patas dianteiras, com as mãos e o rosto enterrados na sua juba, enquanto ele abaixava a cabeçorra para afagá-los com a língua. Então fixou os olhos em Tirian, que se aproximou, tremendo, e atirou-se aos pés do Leão. Este o beijou, dizendo:

– Muito bem, último dos reis de Nárnia, que permaneceu firme até na hora mais escura!

– Aslam – disse Lúcia, entre lágrimas –, será que você não podia... por favor... faça algo por estes pobres anões...

– Minha querida – disse Aslam –, vou mostrar-lhe tanto o que eu posso quanto o que eu não posso fazer.

Aproximando-se dos anões, Aslam deu um leve rugido: leve, mas mesmo assim fez o ar vibrar. Os anões, porém, disseram uns aos outros:

– Escutaram só? Deve ser a turma do outro lado do estábulo. Estão tentando nos assustar. Devem ter feito esse barulho com algum tipo de máquina. Não vamos nem dar bola. Desta vez não nos enganam mais.

Aslam ergueu a cabeça e sacudiu a juba. No mesmo instante, um maravilhoso banquete apareceu aos pés dos anões: tortas, assados, aves, pavês, sorvetes e, na mão direita de cada um, uma taça de excelente vinho. Mas de nada adiantou. Eles começaram a comer e a beber com a maior sofreguidão, mas notava-se claramente que nem sabiam direito o que estavam degustando. Pensavam estar comendo e bebendo apenas coisas ordinárias, dessas que se encontram em qualquer estrebaria. Um deles disse que estava comendo capim; outro falou que tinha arranjado um pedaço de nabo velho; e um terceiro disse que havia achado uma folha de repolho cru. E levavam aos lábios taças douradas com rico vinho tinto, dizendo:

– Puáá́á! Muito bonito! Beber água suja, tirada do cocho de um jumento! Nunca pensei que chegássemos a tanto!

Mas logo cada anão começou a desconfiar de que o outro havia conseguido algo melhor que ele, e daí começaram a se agarrar e a discutir, e a briga foi ficando cada vez mais feia, até que, em poucos minutos, todos estavam engalfinhados numa verdadeira luta livre, e todas aquelas iguarias espalharam-se por seus rostos e roupas e esparramaram-se pelo chão. Mas quando finalmente se sentaram de novo, cada qual esfregando seu olho roxo ou o nariz sangrando, começaram a dizer:

– Bem, pelo menos aqui não há nenhuma trapaça. Não deixamos ninguém nos levar no bico. Vivam os anões!

– Viram só? – disse Aslam. – Eles não nos deixarão ajudá-los. Preferem a astúcia à crença. Embora a prisão deles esteja unicamente em suas próprias mentes, eles continuam lá. E têm tanto medo de serem ludibriados de novo que não conseguem livrar-se. Mas, venham comigo, meus filhos. Tenho um outro trabalho a fazer.

Aslam dirigiu-se para a porta, seguido de todo o grupo. Então levantou a cabeça e rosnou:

– O tempo é chegado. Agora! Tempo! – E depois rosnou mais alto. – Tempo! – E depois tão alto que até as estrelas estremeceram: – TEMPO!

Então a porta se abriu.

14
CAI A NOITE SOBRE NÁRNIA

Todos pararam em pé, à direita de Aslam, e olharam através da porta aberta.

A fogueira havia se apagado. Tudo na terra era completa escuridão: se não fosse pela escura silhueta das árvores sob o brilho das estrelas, nem dava para saber que ali havia uma floresta. Quando Aslam deu um novo rugido, uma outra mancha negra surgiu à esquerda deles. Quer dizer, uma outra sombra apareceu onde não havia estrelas, e foi subindo e ficando cada vez mais alta, até que assumiu a forma de um homem, o mais imenso dos gigantes. Todos conheciam Nárnia o bastante para imaginar onde ele deveria estar pisando: nos altos pântanos que se estendiam para o Norte, depois do rio Veloz. Então Jill e Eustáquio lembraram-se de que certa vez, muito tempo atrás, nos subterrâneos daqueles pântanos, tinham visto um enorme gigante adormecido; e alguém lhes contara, na ocasião, que o nome dele era Pai Tempo e que acordaria no dia em que o mundo acabasse.

– Sim – disse Aslam, embora nenhum deles tivesse falado qualquer coisa. – Enquanto ele dormia, seu nome era Tempo. Mas, agora que acordou, vai ganhar um novo nome.

Então o gigante levou à boca uma trombeta. Sabiam disso porque a silhueta dele contra as estrelas mudara de formato. Depois disso – mas só um pouquinho, já que o som se propaga mais devagar –, ouviram o som da trombeta, alto e terrível, se bem que de uma beleza estranha e fatal.

Imediatamente o céu ficou cheio de estrelas cadentes. Uma única estrela cadente já é algo lindo de se ver. Desta vez, porém, eram dúzias delas, e depois um monte, e depois centenas, até que mais parecia uma chuva de prata – e assim continuou, aumentando cada vez mais. Quando finalmente o espetáculo parou por um instante, alguém do grupo teve a impressão de que uma nova sombra aparecera no céu, assim como a do gigante. Agora, porém, era num lugar diferente, lá em cima, bem no “teto”

do céu, por assim dizer. “Talvez seja só uma nuvem”, pensou Edmundo. De qualquer forma, naquele ponto do céu não havia estrelas, só escuridão. Entrementes, em todo lugar à volta o espetáculo de estrelas continuava. Então a mancha sem estrelas começou a crescer, espalhando-se cada vez mais, a partir do centro do céu. Agora já um quarto de todo o céu estava escuro, e depois a metade, e finalmente só se via a chuva de estrelas cadentes, lá embaixo, na linha do horizonte.

Com um misto de espanto e terror, todos subitamente estremeceram ao se darem conta do que estava realmente acontecendo. A escuridão que se propagava não era nuvem coisa nenhuma: era simplesmente um vazio. A parte negra do céu era o lugar onde já não havia mais estrelas. Todas elas estavam caindo. Aslam as chamara de volta para casa.

Os derradeiros instantes que antecederam o fim da chuva de estrelas foram muito emocionantes. Estrelas começaram a cair ao redor deles. Naquele mundo, no entanto, as estrelas não são essas grandes bolas incandescentes do nosso mundo. Lá elas são pessoas (Edmundo e Lúcia já haviam encontrado uma, certa vez). Portanto, eles se viram rodeados de pessoas resplandecentes, todas elas com longos cabelos que pareciam prata em chama e com lanças como que de metal branco ardente, precipitando-se do céu negro na direção deles, mais velozes do que raios. Elas sibilavam ao bater no chão, queimando a grama. E todas aquelas estrelas que passavam voando por eles iam ficando de pé em algum lugar mais atrás, um pouco à direita.

Ainda bem, pois, do contrário, agora que já não havia mais uma única estrela brilhando no céu, tudo estaria completamente escuro e não daria mais para ver coisa alguma. E assim a multidão de estrelas atrás deles emitia uma fortíssima luz esbranquiçada, que refletia por cima de seus ombros. Eles podiam ver quilômetros e quilômetros de florestas narnianas estendidas à sua frente, como se fossem iluminadas por potentes holofotes. Cada moita e quase cada folhinha de grama deixava atrás de si uma sombra negra. Cada folha destacava-se tão afiada e com tanta nitidez, que se tinha a impressão de que se poderia cortar o dedo caso se tocasse nelas.

A própria sombra deles projetava-se na grama à sua frente. Mas impressionante mesmo era a sombra de Aslam. Esta espalhava-se à sua esquerda, enorme e assustadora. E tudo isso se passava sob um céu que, a partir de agora, nunca mais teria nenhuma estrela.

A luz que vinha de detrás deles (e um pouco para a direita) era tão forte que chegava a iluminar até mesmo as encostas dos pântanos do Norte. Lá, alguma coisa estava se movendo. Animais enormes vinham descendo em direção a Nárnia, rastejando ou deslizando vagarosamente: eram dragões imensos, lagartos gigantes, pássaros sem penas com asas de morcego. Desapareceram no meio da mata e, durante alguns minutos, só houve silêncio. Depois (a princípio muito distante) ouviram-se gemidos, e então, vindos de todas as direções, um roçar, um bater de patas e um farfalhar de asas. E vinham se aproximando cada vez mais. Logo tornou-se possível distinguir entre o ruído de pezinhos miúdos e o barulho surdo de grandes patas, entre o clac-clac de patinhas leves e o trovejar de cascos graúdos. Em seguida, milhares de pares de olhos brilharam na escuridão. Finalmente, saindo da sombra das árvores e correndo vertiginosamente colina acima para salvar a vida, aos milhares e aos milhões, surgiram criaturas de todos os tipos: animais falantes, anões, sátiros, faunos, gigantes, calormanos, homens da Arquelândia, monópodes e até estranhos seres sobrenaturais, vindos das Ilhas Solitárias ou das terras desconhecidas do Ocidente. Todos corriam em disparada rumo ao portal onde se encontrava Aslam.

De toda a aventura, essa foi a única parte que mais pareceu um sonho, naquele momento, e a mais difícil de ser lembrada mais tarde. Especialmente, ninguém podia dizer quanto tempo durara. Às vezes tinha-se a impressão de que durara apenas alguns minutos, mas outras vezes parecia que se haviam passado anos e anos. E óbvio que, a menos que a porta tivesse se tornado imensamente maior, ou que as criaturas subitamente tivessem diminuído ao tamanho de mosquitos, uma multidão daquelas jamais teria sequer tentado passar por ela. Naquele momento, porém, ninguém pensou nisso.

As criaturas precipitaram-se para a porta e, à medida que se aproximavam das estrelas ali paradas, seus olhos tornavam-se cada vez mais brilhantes. Ao chegarem perto de Aslam, no entanto, uma entre duas coisas se passava com cada uma delas. Todas olhavam direto para a face do Leão (aliás, acho que nem havia alternativa). Quando algumas olhavam, a expressão de seus rostos mudava terrivelmente, com uma mistura de temor e ódio, exceto na cara dos animais falantes: nestes, tanto temor quanto ódio duravam apenas uma fração de segundos, pois, na mesma hora, deixavam

de ser animais falantes, tornando-se simples animais comuns. E todas as criaturas que olhavam para Aslam daquele jeito desviavam-se para a direita (isto é, à esquerda dele), desaparecendo no meio da sua imensa sombra negra, que (como já lhes disse) se espraiava para a esquerda, do lado de fora do portal. As crianças nunca mais viram essas criaturas. Não sei o que se passou com elas. Outras, porém, olhavam para a face de Aslam e o amavam, embora algumas ficassem ao mesmo tempo muito assustadas. E todas essas criaturas entravam pela Porta, colocando-se ao lado direito de Aslam. Entre estas havia também alguns seres meio estranhos. Eustáquio até reconheceu um dos anões que haviam ajudado a atirar nos cavalos falantes. Mas ele nem teve tempo de pensar nisso (e, de qualquer forma, não era mesmo da sua conta), pois a grande alegria que o invadia impedia-o de pensar em qualquer coisa desse tipo. Entre as felizes criaturas que agora se reuniam ao redor de Tirian e de seus amigos, encontravam-se todos aqueles que ele julgara estarem mortos. Lá estavam o centauro Passofirme, o unicórnio Precioso, o bondoso javali, o querido urso, a águia Sagaz e os queridos cães e cavalos, sem contar o anão Poggin. – Avançar! Para a frente e para cima!

Quem gritou foi Passofirme, que disparou ruidosamente a galope rumo ao Ocidente. E embora ninguém o tivesse entendido, foi como se aquelas palavras fizessem tilintar tudo à volta deles. Ao escutá-las, o javali grunhiu alegremente. O urso já ia abrindo a boca para dizer que ainda não estava compreendendo nada, quando seus olhos bateram nas árvores frutíferas bem atrás deles. Saiu gingando para o pomar o mais depressa possível e lá, com certeza, encontrou algo de que ele entendia muito bem. Os cães, porém, continuaram ali, abanando as caudas, como também Poggin, que cumprimentava todo mundo com um enorme sorriso no rosto bondoso. Precioso recostou a cabeça alva como a neve no ombro do rei, que lhe cochichou alguma coisa ao ouvido. Então todos voltaram novamente para a Porta, para ver o que se passava do lado de lá.

Agora os dragões e os lagartos gigantes haviam se apoderado de Nárnia. Iam de um lado para outro, arrancando as árvores pelas raízes e devorando-as como se fossem moitas de capim. Em poucos minutos as florestas haviam desaparecido. A terra inteira ficou completamente exposta, deixando à mostra cada elevação, cada concavidade, cada buraquinho, na forma mais nua e grotesca que se poderia imaginar. A grama secou. Tirian

viu-se contemplando um mundo de rochas despidas e terra vazia. Mal se poderia acreditar que algum dia já existira vida ali. Os próprios monstros começaram a envelhecer e cair ao chão, mortos. Sua carne secou e os ossos apareceram. Logo não passavam de gigantescos esqueletos atirados aqui e acolá sobre pedras mortas, como se tivessem morrido há milhares de anos. Durante um longo tempo tudo ficou em silêncio.

Finalmente, alguma coisa branca – uma longa linha plana de brancura, que brilhava à luz das estrelas que ali estavam – começou a mover-se na direção deles, vindo do fim do mundo, do lado do Oriente. Um estranho ruído quebrou o silêncio: a princípio era um murmúrio, depois um trovejar distante e, por fim, um grande estardalhaço. E então eles viram que aquilo que se aproximava com tanta rapidez era uma coluna espumejante de água. O mar estava inundando a terra. Naquele mundo despido de árvores dava para ver muito bem. Todos os rios foram ficando cada vez mais largos e os lagos tornando-se maiores; os lagos separados juntaram-se num só, os vales transformaram-se em novos lagos, os montes viraram ilhas e estas também finalmente desapareceram. Os altos pântanos à esquerda deles e as montanhas mais altas, à direita, desintegraram-se com um barulho ensurdecedor no meio da água que se avolumava. A água veio jorrando aos borbotões até bem pertinho da entrada da Porta (mas sem nunca ultrapassá-la), tão perto que espirrava espuma nas patas dianteiras de Aslam. Agora, tudo era uma só extensão de água, desde onde eles se encontravam até o ponto onde a água encontrava o céu.

Então, lá longe, começou a clarear. Uma faixa de tênue alvorada espalhou-se ao longo do horizonte, e foi aumentando e brilhando cada vez mais, até que por fim mal se notava a luz das estrelas atrás deles. Afinal, o Sol apareceu. Ao vê-lo, Lorde Digory e Lady Polly se entreolharam significativamente: os dois já haviam visto, em um outro mundo, um sol moribundo; assim, na mesma hora compreenderam que aquele sol também estava morrendo. Era três vezes – vinte vezes – maior do que deveria ser e vermelho-escuro. Quando os seus raios tocaram o gigante Tempo, este também ficou vermelho; e, aos reflexos desse sol, toda aquela vastidão de águas sem praia parecia sangue.

Então a Lua apareceu, numa posição completamente errada, bem pertinho do Sol; e ela também estava vermelha. E, assim que ela surgiu, o Sol começou a lançar-lhe umas chamas enormes, como se fossem

serpentinas de fogo carmesim; parecia um polvo tentando puxá-la para perto de si com seus tentáculos. E talvez tenha sido isso mesmo o que aconteceu, pois a Lua se aproximou dele, a princípio devagar, depois mais rápido e cada vez mais depressa, até que afinal as compridas chamas a envolveram totalmente e os dois se fundiram, transformando-se numa bola de fogo colossal. E daquela enorme brasa ardente começaram a pingar pedaços de fogo, que caíam no oceano levantando nuvens de vapor. Então Aslam disse:

– Que agora haja um fim!

O gigante lançou ao mar sua trombeta. Depois esticou um braço (era negro e parecia ter milhares de quilômetros de comprimento) através do céu, até que sua mão alcançou o Sol. Ele o pegou e espremeu com a mão como quem espreme uma laranja. E, no mesmo instante, fez-se total escuridão.

Todos, com exceção de Aslam, deram um pulo para trás, ao sentir o impacto do frio gelado que começou a soprar através da Porta, a qual já estava ficando coberta de pingentes de gelo.

– Pedro, Grande Rei de Nárnia – disse Aslam. – Feche a porta.

Tiritando de frio, Pedro adiantou-se para a escuridão e empurrou a Porta. Esta se fechou ruidosamente, raspando o gelo que já avançava por baixo. Depois, um tanto desajeitado (pois no mesmo instante suas mãos tinham ficado roxas e dormentes de frio), Pedro pegou uma chave de ouro e trancou a Porta.

Eles já haviam visto bastantes coisas esquisitas através daquela Porta. O mais estranho de tudo, porém, foi quando olharam ao redor e se viram cercados pela calorosa luz do dia; acima o céu azul, flores aos seus pés e um sorriso nos olhos de Aslam. Este virou-se, rapidamente, abaixou-se ainda mais, deu uma rabanada e, estalando a cauda contra o próprio corpo, disparou zunindo como uma flecha dourada.

– Vamos! Continuem avançando! Continuem subindo! – gritou, por cima dos ombros. Mas quem poderia acompanhá-lo naquela velocidade? Eles começaram a caminhar rumo ao Ocidente, tentando acompanhá-lo.

– E assim – disse Pedro – cai a noite sobre Nárnia. O quê, Lúcia? ! Não me diga que está chorando! Com Aslam à nossa frente e todo mundo

aqui junto? !

– Não tente me impedir, Pedro – disse ela. – Aslam certamente não faria isso. Tenho certeza de que nada há de errado em chorar por causa de Nárnia. Pense só em quanta coisa está ali por trás daquela porta, tudo morto e congelado...

– É mesmo – disse Jill. – Eu bem que gostaria que aquilo tudo durasse para sempre. Eu sei que o nosso mundo não poderia durar, mas nunca imaginei que Nárnia pudesse acabar um dia.

– Eu vi quando Nárnia começou – disse Lorde Digory. – Mas nunca pensei que viveria o suficiente para vê-la morrer.

– Senhores – disse Tirian –, as senhoras fazem muito bem em lamentar. Eu mesmo estou chorando, vejam. Acabo de assistir à morte de minha própria mãe; pois que outro mundo, além de Nárnia, eu já conheci? Deixar de pranteá-la não seria virtude alguma, e, sim, descortesia.

Foram se afastando da Porta e também dos anões, que continuavam amontoados no seu está-bulo imaginário. E, à medida que caminhavam, relembravam antigas guerras, a paz dos velhos tempos, os reis da antiguidade e todas as glórias de Nárnia. Os cães continuavam com eles. Às vezes participavam da conversa, mas não tanto, pois estavam muito ocupados correndo para cá e para lá, cheirando a grama a cada instante e com tanta intensidade que acabavam espirrando. De repente, farejaram algo que os deixou muito excitados. Começaram todos a discutir: “É, sim!” – “Não é, não!” – “Foi isso que eu acabei de dizer! Qualquer um é capaz de identificar esse cheiro.” – “Tire essa fuça daí e deixe os outros farejarem também!”

– O que está acontecendo, primos? – perguntou Pedro.

– Um calormano, senhor – disseram vários cães ao mesmo tempo.

– Então, levem-nos até ele – disse Pedro. – Seja ele de paz ou de guerra, será bem-vindo.

Os cães saíram em disparada e pouco depois estavam de volta, correndo como se suas vidas dependessem disso e latindo bem alto para dizer que, de fato, tratava-se de um calormano. (Os cães falantes, como qualquer cão comum, comportam-se como se pensassem que o que estão fazendo no momento, seja lá o que for, é de suma importância.)

Os outros acompanharam os cães e encontraram um jovem calormano sentado debaixo de uma castanheira, ao lado de uma límpida fonte de água. Era Emeth, que se levantou de um salto e curvou-se em profunda referência.

– Senhor – disse, dirigindo-se a Pedro –, não sei se és meu amigo ou meu inimigo. De qualquer forma, é uma grande honra encontrá-lo. Como disse um poeta, “um inimigo nobre é a melhor dádiva depois de um amigo nobre”.

– Senhor – disse Pedro –, que eu saiba não há razão alguma para haver qualquer guerra entre nós.

– Diga-nos quem é você e o que lhe aconteceu –acrescentou Jill.

– Se vamos ouvir uma história, por que não tomamos um pouco de água e nos sentamos? – latiram os cães. – Estamos completamente exaustos.

– E claro que vocês ficarão exaustos se continuarem choramingando desse jeito – disse Eustáquio.

Assim os humanos sentaram-se na grama. E os cães, depois de beberem ruidosamente na fonte, sentaram-se todos empertigados, ofegando, com a língua de fora e a cabeça um pouco inclinada para um lado, prontos para escutar a história. Precioso, porém, ficou de pé, esfregando o chifre contra o flanco.

15
PARA CIMA E AVANTE!

– Ó reais guerreiros, e também vós, gentis senhoras, cuja beleza ilumina o universo! – começou o calormano. – Sabei que sou Emeth, o sétimo filho de Harpha Tarcaã, da cidade de Tashbaan, situada no Ocidente, além do deserto. Cheguei a Nárnia recentemente, junto com nove e mais outros vinte calormanos, comandados por Rishda Tarcaã. Assim que soube que deveríamos marchar contra Nárnia, enchi-me de regozijo, pois já ouvira falar muitas coisas sobre a vossa terra e grande era o meu desejo de encontrar-vos em batalha. Mas quando descobri que deveríamos ir disfarçados de mercadores (o que é um vergonhoso traje para um guerreiro e filho de tarcaã) e agir usando mentiras e artifícios, então todo o gozo me abandonou. O pior foi quando descobri que estaríamos a serviço de um macaco. E quando começaram a dizer que Tash e Aslam eram um só, então o mundo se escureceu aos meus olhos, pois desde criança eu servira a Tash, e meu grande desejo era saber mais sobre ele, se possível encontrá-lo face a face. O nome de Aslam, porém, era detestável aos meus ouvidos.

– Então, como vistes, noite após noite éramos todos convocados a reunir-nos do lado de fora daquela cabana de palha, e acendia-se a fogueira, e o macaco tirava da cabana uma coisa de quatro pernas que eu nunca conseguia ver direito. Aí todos, inclusive os animais, inclinavam-se e prestavam homenagem àquilo. Eu, porém, pensava: “O tarcaã está sendo ludibriado pelo macaco, pois aquela *coisa* que sai do estábulo não é Tash nem deus algum.” Mas quando, certa vez, olhei para o rosto do tarcaã, prestando atenção a cada palavra que ele dizia ao macaco, mudei de idéia, pois percebi claramente que nem ele próprio acreditava em tudo aquilo. Foi então que compreendi que ele não acreditava em Tash, pois, do contrário, como ousaria escarnecer dele?

– Quando me dei conta disso, fui tomado de uma fúria imensa e me perguntei por que o verdadeiro Tash não mandava cair fogo do céu para destruir tanto o macaco quanto o tarcaã. No entanto, escondi minha ira,

controlei minha língua e resolvi esperar para ver como tudo acabaria. Na noite passada, porém, como alguns de vós devem saber, o macaco, em vez de exibir aquela *coisa* amarela, disse que todos que quisessem ver Tashlam (pois, a essa altura, eles já haviam juntado os dois nomes para fingir que os dois eram um só) deveriam entrar um a um na palhoça. Então disse para mim mesmo: “Sem dúvida alguma, aí vem uma nova decepção.” Mas depois que o gato entrou na cabana e saiu apavorado, pensei: “Com certeza o verdadeiro Tash, a quem chamaram sem conhecer nem acreditar, veio para o meio de nós e agora vai se vingar.” Embora, dentro de mim, meu coração estivesse derretido de temor perante a grandeza de Tash, ainda assim o desejo de vê-lo era mais forte. Então, com um esforço tremendo para não deixar que meus joelhos tremessem ou que meus dentes batessem, decidi encarar Tash face a face, mesmo que ele me matasse. Assim, ofereci-me para entrar no estábulo. E o tarcaã, mesmo contra a vontade, me permitiu entrar.

– Assim que passei por aquela porta, minha primeira surpresa foi que me encontrei no meio dessa grande claridade, ainda que, visto do lado de fora, o interior da cabana parecesse completamente escuro. Nem tive tempo de maravilhar-me com isso, pois no mesmo instante me vi forçado a lutar contra um dos nossos próprios homens para defender a minha vida. Assim que o vi, percebi que o macaco e o tarcaã o haviam colocado ali para matar qualquer um que entrasse e que não estivesse a par de seus planos. Esse homem, portanto, devia ser um outro mentiroso, um trapaceiro, e não um verdadeiro servo de Tash. Por isso eu o enfrentei com o maior prazer. E, após matar o vilão, atirei-o para trás de mim, porta afora.

– Depois olhei à minha volta e vi o céu e toda esta amplidão e aspirei o aroma da terra. Então disse: “Por todos os deuses, que lugar agradável! Devo ter chegado ao país de Tash.” E comecei a percorrer esta estranha terra, procurando por ele.

– Passei por muita grama e muitas flores e encontrei saudáveis e deleitosas árvores de todos os tipos, até que, em um lugarzinho estreito entre dois rochedos, avistei vindo ao meu encontro um enorme Leão. Tinha a velocidade do avestruz e o tamanho do elefante; sua cabeleira era como ouro puro e o brilho de seu olhar como ouro quando arde na fornalha. Era mais temível que a Montanha Ardente de Lagur, e sua beleza superava tudo que há no mundo, mesmo a rosa em botão cuja beleza supera a areia do

deserto. Então prostrei-me aos seus pés, pensando: “Esta é certamente a hora da minha morte, pois o Leão (que é digno de toda a honra) bem saberá que, durante toda a minha vida, tenho servido a Tash e não a ele. No entanto, melhor é ver o Leão e depois morrer do que ser Tisroc do mundo inteiro e viver sem nunca havê-lo encontrado.” Porém, o glorioso ser inclinou a cabeça dourada e me tocou a testa com a língua, dizendo: “Filho, sê bem-vindo!” Mas eu repliquei: “Ai de mim, Senhor! Não sou filho teu, mas, sim, um servo de Tash!” “Criança”, continuou ele, “todo o serviço que tens prestado a Tash, eu o considero como serviço prestado a mim.” Então, tão grande era o meu anseio por sabedoria e conhecimento, que venci o temor e resolvi indagar o glorioso ser: “Senhor, é verdade, então, como disse o macaco, que tu e Tash sois um só?” O Leão deu um rugido tão forte que a terra tremeu (sua ira, porém, não era contra mim), dizendo: “É mentira! Não porque ele e eu sejamos um, mas por sermos o oposto um do outro é que tomo para mim os serviços que tens prestado a ele. Pois eu e ele somos tão diferentes, que nenhum serviço que seja vil pode ser prestado a mim, e nada que não seja vil pode ser feito para ele. Portanto, se qualquer homem jurar em nome de Tash e guardar o juramento por amor a sua palavra, na verdade jurou em meu nome, mesmo sem saber, e eu é que o recompensarei. E se algum homem cometer alguma crueldade em meu nome, então, embora tenha pronunciado o nome de Aslam, é a Tash que está servindo, e é Tash quem aceita suas obras. Compreendes isto, filho meu?” Eu respondi: “Senhor, tu sabes o quanto eu compreendo.” E, constrangido pela verdade, acrescentei: “Mesmo assim, tenho aspirado por Tash todos os dias da minha vida.” “Amado”, falou o glorioso ser, “não fora o teu anseio por mim, não terias aspirado tão intensamente, nem por tanto tempo. Pois todos encontram o que realmente procuram.”

– Depois ele soprou sobre mim e fez cessar todo o tremor do meu corpo, firmando-me outra vez sobre os meus pés. Após isso, não disse mais muita coisa, a não ser que voltaríamos a nos encontrar e que eu deveria seguir sempre para a frente e sempre para cima. Então voltou-se como uma tempestuosa rajada de ouro e subitamente desapareceu.

– E desde então, ó reis e damas, ando perambulando à procura dele, e minha felicidade é tão imensa que até me enfraquece como uma ferida. E a maravilha das maravilhas é ter ele me chamado de *amado* – a mim, que não passo de um cão...

– Epa! Que estória é essa? ! – exclamou um dos cães.

– Senhor – desculpou-se Emeth –, é apenas uma forma de dizer usada na Calormânia.

– Bem, para dizer a verdade, ela não me agrada nem um pouquinho – resmungou o cachorro.

– Ele não quis ofender ninguém – disse um cão mais idoso. – Afinal de contas, lá em casa chamamos nossos filhotes de *meninos* quando não se comportam direito...

– Nós também chamamos – disse o primeiro cachorro. – Ou de *meninas*...

– Psiu!!! – disse o velho cão. – Isso não é jeito de falar. Lembre-se de onde você está!

– Olhem! – disse Jill, de repente.

Alguém vinha vindo, meio timidamente, ao encontro deles. Era uma criatura graciosa, de quatro patas e cor cinza-prateada. Todos a fitaram, boquiabertos, durante alguns instantes, até que cinco ou seis vozes exclamaram ao mesmo tempo: “É o velho Confuso!” Eles nunca o haviam visto à luz do dia, sem a pele de leão, e isso fazia uma grande diferença. Agora era ele mesmo: um bonito jumento de pêlo tão cinzento e macio, e com uma expressão tão honesta e bondosa, que se você o tivesse visto teria feito exatamente o que Lúcia e Jill fizeram: saíram correndo ao encontro dele e lançaram os braços em volta de seu pescoço, beijando-lhe o focinho e afagando-lhe as orelhas.

Quando perguntaram por onde tinha andado, Confuso disse que havia entrado pela porta junto com todas as criaturas, mas que... Bem, para dizer a verdade, vinha evitando encontrá-los o máximo possível, e especialmente evitando encontrar Aslam. A visão do verdadeiro Aslam o deixara com tanta vergonha de toda aquela bobagem de se vestir com uma pele de leão, que ele nem sabia onde meter a cara. Mas, ao ver todos os seus amigos seguirem rumo ao Ocidente, pegou umas boas bocadas de capim (“Nunca provei capim tão gostoso em toda a minha vida!”, declarou Confuso), encheu-se de coragem e decidiu acompanhá-los.

– Agora, o que vou fazer se tiver mesmo que encontrar Aslam, isso eu garanto que não sei... – acrescentou.

– Quando o encontrar vai estar tudo bem, você vai ver – disse a rainha Lúcia.

Então seguiram todos juntos, sempre para o Oeste, pois esta parecia ser a direção indicada por Aslam quando ele gritou: “Continuem avançando! Continuem subindo!”

Havia muitas outras criaturas movendo-se na mesma direção. No entanto, como aquela terra era um imenso gramado, não havia aglomerações. Parecia ser ainda muito cedo e sentia-se no ar a frescura da manhã. De vez em quando paravam para olhar ao redor ou então para trás – em parte porque tudo era incrivelmente lindo, mas em parte também porque havia ali alguma coisa que não conseguiam compreender.

– Pedro – disse Lúcia –, que lugar é este? Você tem alguma idéia?

– Não sei – respondeu o Grande Rei. – Ele me faz lembrar alguma coisa, mas não consigo saber o quê. Não seria algum lugar onde estivemos de férias alguma vez, quando éramos bem pequenos?

– Se foi, deve ter sido um feriado muito agradável – disse Eustáquio. – Aposto que, no nosso mundo, não existe um lugar como este. Vejam só que cores! No nosso mundo não dá nem para imaginar um azul igual ao azul daquelas montanhas.

– Será que não é o “país de Aslam? – disse Tirian.

– Mas não é como o país de Aslam lá no topo daquela montanha, além do extremo oriental – disse Jill. – Lá eu já estive.

– Se querem saber – disse Edmundo –, isto aqui lembra algum lugar de Nárnia. Vejam aquelas montanhas ali na frente. E aquelas outras, enormes e cobertas de gelo, lá mais adiante. Não se parecem com as montanhas que se viam lá de Nárnia, aquelas que ficavam para o lado do Ocidente, depois da cachoeira?

– É, parecem mesmo – concordou Pedro. – Só que estas são maiores.

– Aquelas ali eu não acho parecidas com coisa alguma de Nárnia – disse Lúcia. – Mas olhem acolá! (Ela apontou para o Sul, à esquerda deles; todos pararam e viraram-se para olhar.) Aquelas colinas, lá, cobertas de florestas, e aquelas azuis, lá atrás... Não são iguaizinhas às da extremidade sul de Nárnia?

– I-guai-zi-nhas! – exclamou Edmundo, após um momento de silêncio. – Puxa, são exatamente iguais! Vejam! Lá está o Monte Piro, com seu cume bifurcado, e depois o desfiladeiro que vai dar na Arquelândia e tudo o mais.

– E ainda assim não é a mesma coisa – disse Lúcia. – É tudo diferente. Tudo é muito mais cheio de cores e parece muito mais longe do que eu recordava, e os montes são mais... mais... Oh! Não sei explicar!

– Muito mais reais – opinou Lorde Digory, baixinho.

De repente, Sagaz abriu as asas e saiu voando. Planou no ar a uns dez ou doze metros de altura, voou em círculos e depois pousou no chão novamente.

– Reis e rainhas – exclamou –, estávamos todos cegos! Estamos apenas começando a perceber onde nos encontramos. De lá de cima dá para enxergar tudo: o Espelho d'Água, o Dique dos Castores, o Grande Rio, e Cair Paravel ainda resplandecendo às margens do Mar Oriental. Nárnia não morreu. Isto aqui é Nárnia!

– Mas como? ! – disse Pedro. – Aslam disse que nós, os mais velhos, nunca mais regressaríamos a Nárnia; e aqui estamos nós!

– Isso mesmo – concordou Eustáquio. – E vimos tudo ser destruído e o sol se apagar.

– E tudo é tão diferente! – acrescentou Lúcia.

– A águia tem razão – disse Lorde Digory. – Ouça, Pedro. Quando Aslam disse que vocês nunca mais poderiam voltar a Nárnia, ele se referia à Nárnia em que vocês estavam pensando. Aquela, porém, não era a verdadeira Nárnia. Ela teve um começo e um fim. Era apenas uma sombra, uma cópia da verdadeira Nárnia que sempre existiu e sempre existirá aqui, da mesma forma que o nosso mundo é apenas uma sombra ou uma cópia de algo do verdadeiro mundo de Aslam. Lúcia, você não precisa prantear Nárnia. Todas as criaturas queridas, tudo o que importava da velha Nárnia foi trazido aqui para a verdadeira Nárnia, através daquela Porta. Tudo é diferente, sim; tão diferente quanto uma coisa real difere de sua sombra, ou como a vida real difere de um sonho.

Enquanto ele falava essas palavras, sua voz fez todo mundo estremecer, como ao som de uma trombeta. Mas quando ele acrescentou:

“Está tudo em Platão, tudo em Platão... Caramba! Gostaria de saber o que essas crianças aprendem na escola!”, os mais velhos desataram a rir. Era exatamente isso que ele costumava dizer muito tempo atrás, naquele outro mundo, onde sua barba era grisalha em vez de dourada. Ele sabia por que eles estavam rindo, por isso começou a rir também. Mas não tardaram a ficar sérios de novo, pois, como você sabe, existe um certo tipo de felicidade e assombro que faz a gente ficar séria. É bom demais para se estragar com piadinhas.

É tão difícil explicar a diferença entre essa terra ensolarada e a antiga Nárnia, quanto dizer que gosto tinham as frutas daquele país. Talvez você consiga ter alguma idéia se pensar no seguinte: faça de conta que está em uma sala cuja janela dá para uma bonita baía, ou para um vale verdinho que se perde de vista entre as montanhas. Na parede oposta à janela existe um grande espelho. Agora olhe pela janela. Ao se voltar, você se depara com a mesma vista do mar ou do vale no espelho. E, no espelho, o mar ou o vale são, num certo sentido, exatamente a mesma coisa que os reais. Ao mesmo tempo, porém, existe algo diferente: são mais vivos, mais maravilhosos, mais parecidos com os lugares de uma história que você, apesar de jamais ter ouvido, gostaria muitíssimo de escutar. Pois bem: a diferença entre a Nárnia antiga e a nova era algo assim. Os campos da nova Nárnia eram muito mais vivos: cada rocha, cada flor, cada folhinha de grama parecia ter um significado ainda maior. Não há como descrevê-la: se algum dia você chegar lá, então compreenderá o que quero dizer.

Foi o unicórnio quem resumiu o que todos estavam sentindo. Cravou a pata dianteira no chão, relinchando, e depois exclamou:

– Finalmente voltei para casa! Este, sim, é o meu verdadeiro lar! Aqui é o meu lugar. É esta a terra pela qual tenho aspirado a vida inteira, embora até agora não a conhecesse. A razão por que amávamos a antiga Nárnia é que ela, às vezes, se parecia um pouquinho com isto aqui. – E acrescentou, soltando um longo relincho: – Avancemos! Continuemos subindo!

Então sacudiu a crina e partiu a todo galope –um galope de unicórnio, que, se fosse em nosso mundo, o teria feito desaparecer em pouquíssimo tempo. Mas foi aí que aconteceu a coisa mais estranha. Todos os outros começaram a correr também e, para sua própria surpresa, descobriram que conseguiam acompanhá-lo – não somente os cães e os

humanos, mas também o gorducho Confuso e até o anão Poggin, com suas perninhas curtas. O vento golpeava-lhes o rosto como se estivessem viajando em alta velocidade em um carro sem pára-brisas. Os campos passavam voando como se fossem vistos das janelas de um trem-bala. E, embora corressem cada vez mais rápido, ninguém sentia calor, nem cansaço, nem ficava sem fôlego.

16
ADEUS ÀS TERRAS SOMBRIAS

Acho que, se a gente pudesse correr sem nunca se cansar, nunca mais iria querer parar. Mas às vezes existem razões muito especiais para se parar. E foi por um motivo especial que Eustáquio gritou, a certa altura:

– Cuidado, pessoal! Vejam para onde estamos indo!

E fez muito bem. Logo à frente deles estava o Lago do Caldeirão e, mais adiante, os altos, íngremes e inescaláveis penhascos, dos quais desabavam toneladas e toneladas de água a cada segundo: em alguns lugares, brilhando como diamantes; em outros, parecendo vidro verde. Era a grande cachoeira, cujo barulho ensurdecedor já lhes chegava aos ouvidos.

– Não parem! Continuem avançando! Não desanimem!

Mal se ouvia a voz do unicórnio, tal era o trovejar da água. E, no momento seguinte, todos o viram precipitar-se nas águas do lago. Logo atrás dele, esguichando água para todo lado, os outros fizeram o mesmo.

A água não estava fria de doer como todos (principalmente Confuso) esperavam: ao contrário, parecia uma espuma fresquinha e deliciosa. E logo todos perceberam que estavam nadando direto ao encontro da catarata.

– Isto é uma loucura total! – disse Eustáquio a Edmundo.

– Eu sei. Mesmo assim... – respondeu ele.

– Não é maravilhoso? – exclamou Lúcia. – Vocês já notaram que não dá para ficar com medo, mesmo que se queira? Experimentem!

– Caramba! É mesmo! – disse Eustáquio, depois de tentar.

O primeiro a chegar ao pé da cascata foi Precioso, seguido logo atrás por Tirian. A última foi Jill, por isso ela pôde ver tudo muito melhor que os outros. Avistou uma coisa branca movendo-se cachoeira acima. Era o unicórnio. Não dava para dizer se ele estava nadando ou escalando, mas continuava subindo, subindo, cada vez mais alto. A ponta de seu chifre

repartia a água acima de sua cabeça, fazendo-a jorrar como duas cataratas, refletindo as cores do arco-íris em volta de suas espáduas. Logo atrás dele vinha o rei Tirian, que movia os braços e as pernas como se estivesse nadando, mas seguindo direto para cima, como quem sobe nadando as paredes de uma casa.

Os mais engraçados eram os cães. Durante toda a corrida não haviam perdido o fôlego uma única vez. Agora, porém, à medida que ziguezagueavam cachoeira acima, só se ouviam espirros e era uma bulha tremenda à sua volta. Acontece que continuavam latindo, e cada vez que o faziam ficavam com a boca e o focinho cheios de água. Antes, porém, que Jill tivesse tempo de prestar muita atenção a esses detalhes, viu-se ela própria subindo pela cachoeira. Era o tipo de coisa que seria completamente impossível de acontecer no nosso mundo. Mesmo que não se afogasse, a gente acabaria toda estraçalhada lá embaixo, esmagada pelo peso terrível das águas contra os incontáveis entalhes dos penhascos. Mas naquele mundo, não. Você continuava subindo, subindo, com luzes de todo tipo refletindo sobre você e toda sorte de pedras coloridas resplandecendo através da água (como se você estivesse escalando a própria luz) – e isso cada vez mais para cima, até que a sensação de altura o deixasse apavorado (se isso fosse possível), e então era gloriosamente excitante.

Finalmente, chegaram à agradável e suave curva verde de onde a água despencava rochedo abaixo e descobriram que estavam sobre a superfície do rio, acima da cachoeira. A correnteza continuava às suas costas; eles, porém, como exímios nadadores, simplesmente seguiam nadando contra a correnteza. Em pouco tempo, todos estavam na margem, ensopados mas felizes.

Um imenso vale estendia-se à sua frente, e grandes montanhas nevadas, agora muito mais próximas, erguiam-se contra o céu.

– Continuem avançando! Mais para cima e mais para dentro! – exclamou Precioso. Num instante estavam todos a caminho novamente.

Encontravam-se agora fora de Nárnia, em pleno deserto ocidental, numa região que nem Tirian, nem Pedro, nem mesmo a águia jamais haviam visto antes. Lorde Digory e Lady Polly, porém, já haviam estado lá. “Você se lembra? Você se lembra?”, diziam de vez em quando um ao outro,

numa voz firme que não revelava o mínimo sinal de cansaço, embora o grupo inteiro estivesse agora correndo mais rápido que uma flecha.

– O quê, senhor? ! – disse Tirian. – Então é mesmo verdade, como dizem as lendas, que vocês dois estiveram aqui exatamente no dia em que o mundo foi criado?

– É verdade – respondeu Digory. – E para mim é como se tivesse sido ainda ontem.

– E isso num cavalo voador? – indagou Tirian.

– Isso também é verdade?

– Certamente – disse Lorde Digory.

Os cães, entretanto, começaram a latir: “Rápido! Rápido! Mais rápido!”

Assim, aceleraram o passo, cada vez mais depressa, a tal ponto que mais pareciam estar voando que correndo; nem mesmo a águia, que os sobrevoava, parecia estar indo mais rápido que eles. E passaram por vales sinuosos, um após o outro, escalaram encostas escarpadas de enormes precipícios e, cada vez mais velozes, desceram pelo outro lado, seguindo o rio e às vezes atravessando-o. Deslizaram por lagos sobre as montanhas como lanchas-voadoras, até que, finalmente, na extremidade mais distante de um lago cujas águas pareciam turquesa, chegaram a uma montanha verde e plana. Seus lados eram tão íngremes quanto os lados de uma pirâmide, e bem no topo, e ao redor dele, havia uma muralha verde. Acima da muralha, erguiam-se galhos de árvores cujas folhas pareciam de prata e os frutos, de ouro.

– Continuem avançando! Continuem subindo! – bradou mais uma vez o unicórnio.

Todos se precipitaram para o pé da montanha e então se viram disparando montanha acima, quase como as águas de uma onda que rebenta contra uma rocha na beira da praia. Embora o declive fosse tão íngreme quanto a parede de uma casa, e a grama tão lisa quanto uma pista de boliche, ninguém escorregava. Somente depois de atingir o topo da montanha é que diminuíram a velocidade – e isso só porque deram de cara com uns enormes portões de ouro. Por uns momentos, nenhum deles foi suficientemente corajoso para testar os portões e ver se abriam ou não.

Todos tinham a mesma sensação que haviam experimentado quanto às frutas: “Será que ousamos, ou não? É certo fazer isso? Será que podemos entrar?”

Mas enquanto hesitavam, em pé, ouviu-se o som de uma grande trombeta, maravilhosamente alto e doce, vindo de alguma parte lá de dentro do jardim cercado de muros. Então os portões se escancararam.

Tirian ficou parado, com a respiração presa, imaginando quem iria aparecer. E o que apareceu foi a coisa que ele menos esperava: um pequenino e lustroso rato falante, de olhos brilhantes, trazendo um diadema com pluma vermelha na cabeça e a pata esquerda levemente pousada sobre o punho de uma comprida espada. O rato inclinou-se, numa graciosa reverência, e disse na sua vozinha estridente:

– Bem-vindos, em nome do Leão! Continuem avançando! Continuem subindo!

Então Tirian viu o rei Pedro, o rei Edmundo e a rainha Lúcia colocarem-se imediatamente de joelhos e saudarem o rato, todos exclamando: “Ripchip!” A surpresa foi tamanha que o coração de Tirian disparou, quase sem poder respirar, pois ele se deu conta de que ali, à sua frente, estava um dos grandes heróis de Nárnia: Ripchip, o Rato, que lutara na grande Batalha do Beruna e que, depois disso, navegara até o fim do mundo em companhia do rei Caspian, o Navegador. Estava ainda meio atordoado, quando sentiu dois fortes braços rodearem seus ombros e um beijo com barba tocar-lhe a face; e ouviu uma voz da qual se lembrava muito bem:

– Puxa, rapaz! Estás muito mais robusto e mais alto do que quando te abracei a última vez!

Era seu próprio pai, o bom rei Erlian. Não, porém, como Tirian o vira pela última vez, quando fora trazido para casa pálido e ferido da sua luta com o gigante, nem mesmo como o recordava nos seus últimos anos, um velho guerreiro de cabelos grisalhos. Aquele ali era o seu pai; o jovem alegre e jovial de quando Tirian não passava ainda de um menininho e com o qual brincava nos jardins do castelo de Cair Paravel, nas noites de verão, antes de ir para a cama. O mesmo cheiro de pão com leite que costumavam comer ao jantar veio-lhe outra vez à memória. Precioso pensou consigo: “Vou deixá-los conversando um pouco e ver se encontro o bom rei Rilian

para cumprimentá-lo. Quantas maçãs suculentas ele me deu quando eu não passava de um potrinho!” Mas, no mesmo instante, mudou de idéia, pois à entrada do portão surgiu um cavalo tão imponente e nobre, que faria até mesmo um unicórnio sentir-se tímido na sua presença: era um enorme cavalo alado. Ele olhou um instante para Lorde Digory e Lady Polly e então relinchou:

– Priiimos! Vocês? ! – Os dois exclamaram:

– Pluma! Pluma, velho de guerra! – e saíram correndo ao seu encontro para beijá-lo.

Entrementes, o Rato estava novamente apressando-os a entrar. Assim, todos transpuseram os portões dourados e ingressaram no jardim, onde os envolveu um delicioso aroma. A luz do sol mesclava-se suavemente com a sombra das árvores, e eles caminhavam sobre um relvado primaveril salpicado de florzinhas brancas. A primeira coisa que chamou a atenção de todos foi que o lugar era muito maior do que parecia, visto do lado de fora. Ninguém, contudo, teve tempo de pensar nisso, pois de todas as direções começaram a aparecer pessoas para saudar os recém-chegados.

Todo mundo que se possa imaginar (isto é, quem conhece a história desses países) parecia estar ali: a coruja Plumalume e o paulama Brejeiro; o rei Rilian com seu pai, o rei Caspian, e sua mãe, a filha da Estrela; e, bem pertinho deles, Lorde Drinian e Lorde Bern, o anão Trumpkin e o Caça-trufas, o bom texugo, bem como o centauro Ciclone e centenas de outros heróis da grande guerra da libertação.

E então, de um outro canto, surgiu o rei Cor da Arquelândia junto com seu pai, o rei Luna, e sua esposa, a rainha Aravis; com eles estavam o príncipe Corin Mão-de-Ferro, o cavalo Bri e a égua Huin. Em seguida apareceram, de um passado ainda mais remoto, os dois bons castores e o fauno Tumnus – o que, aos olhos de Tirian, foi a maravilha das maravilhas. E só se ouviam cumprimentos, beijos, apertos de mãos e velhas brincadeiras (vocês nem imaginam como é bom contar de novo uma velha piada, depois de uns quinhentos ou seiscentos anos!). E o grupo inteiro foi se movendo lentamente para o centro do pomar, onde a fênix estava pousada no alto de uma árvore, contemplando-os. Ao pé daquela árvore havia dois tronos e, nestes, um rei e uma rainha tão majestosos e belos que todos se inclinaram

perante eles. E fizeram muito bem, pois aqueles dois eram o rei Franco e a rainha Helena, de quem descendiam todos os reis mais antigos de Nárnia e da Arquelândia. Tirian sentiu-se como você também se sentiria caso fosse trazido à presença de Adão e Eva em toda a sua glória.

Cerca de meia hora mais tarde (ou bem poderia ter sido uns cinqüenta anos mais tarde, pois o tempo ali não é como o tempo aqui), Lúcia encontrava-se ao lado do fauno Tumnus, o mais antigo de seus amigos narnianos. Juntos, contemplavam, por cima do muro do jardim, a terra inteira de Nárnia estendida lá embaixo. Ao olhar lá de cima, perceberam que aquela montanha era muito mais alta do que imaginavam: descia milhares de quilômetros de reluzentes precipícios abaixo deles, e as árvores naquele mundo lá embaixo mais pareciam grãozinhos de sal verde. Lúcia virou-se outra vez para dentro e, de costas para o muro, contemplou o jardim.

– Ah! – disse afinal, pensativa. – Agora estou percebendo. Este jardim é como o estábulo. É muito maior do lado de dentro do que parece visto de fora.

– Naturalmente, Filha de Eva – disse o fauno. – Quanto mais se sobe e mais se entra, maior tudo vai ficando. O interior é muito maior que o exterior.

Depois de olhar atentamente para o jardim, Lúcia percebeu que, na verdade, aquilo não era jardim coisa nenhuma. Era, isto sim, um verdadeiro mundo, com seus próprios rios, florestas, mares e montanhas. Estes, porém, não lhe eram estranhos: ela os conhecia todos.

– Agora estou entendendo – disse ela. – Isto aqui ainda é Nárnia, e muito mais real e formosa do que aquela Nárnia lá embaixo, da mesma forma que aquela parecia bem mais real e bonita do que a Nárnia que se via do lado de fora da porta do estábulo. Agora estou entendendo... Um mundo dentro de outro mundo, uma Nárnia dentro de uma outra Nárnia...

– Isso mesmo – concordou o fauno. – Igual a uma cebola, só que ao contrário: quanto mais para dentro, maior o anel.

Lúcia começou a olhar de um lado para outro e logo descobriu que algo novo e lindo lhe acontecera. Quando mirava alguma coisa, qualquer que fosse e por mais distante que estivesse, uma vez que fixasse firmemente

os olhos, esta tornava-se perfeitamente visível e tão próxima como se ela estivesse olhando através de um telescópio. Ela enxergava perfeitamente todo o Deserto do Sul e, mais adiante, a grande cidade de Tashbaan. Olhando para o Oriente dava para ver Cair Pa-ravel à beira do mar e até mesmo a janela do quarto que um dia havia sido seu. E lá longe, no mar, descobriu as ilhas, uma após outra, até chegar ao fim do mundo; e lá, depois do fim do mundo, a imensa montanha que costumavam chamar de País de Aslam. Agora, porém, percebia que esta fazia parte de uma grande cadeia de montanhas que formavam um anel à volta do mundo inteiro. A sua frente pareciam estar bem pertinho.

Depois ela desviou os olhos para a esquerda e viu o que lhe pareceu ser uma grande nuvem colorida, separada deles por um espaço vazio. Ao olhar com mais atenção, viu que não era nuvem alguma, e, sim, uma terra de verdade. E após fixar firmemente os olhos em um ponto específico daquela terra, exclamou, de repente:

– Pedro! Edmundo! Venham ver uma coisa! Depressa!

Eles vieram e olharam, pois seus olhos também haviam se tornado como os dela.

– Não pode ser! – exclamou Pedro. – É a Inglaterra! E olhem só a casa... a velha casa do professor, lá no campo, onde começaram todas as nossas aventuras!

– Eu pensei que aquela casa havia sido destruída – disse Edmundo.

– E foi – disse o senhor Tumnus. – Mas o que você está vendo agora é a Inglaterra dentro da Inglaterra, a verdadeira Inglaterra, do mesmo jeito que isto aqui é a verdadeira Nárnia. E naquela Inglaterra interior nada de bom pode ser destruído.

Subitamente, desviaram os olhos para outra direção, fixando-os num outro ponto. Então Pedro, Edmundo e Lúcia arregalaram os olhos, boquiabertos e perplexos, e começaram a gritar e acenar com as mãos, pois do lado de lá do grande e profundo vale avistaram seu pai e sua mãe acenando também para eles.

– Como é que vamos conseguir chegar lá? –perguntou Lúcia.

– Isso é fácil – disse o fauno. – Tanto esta terra quanto aquela (como todos os países *de verdade)* são apenas pontinhas salientes das grandes

montanhas de Aslam. Só precisamos caminhar ao longo da cordilheira, subindo e descendo até que as duas terras se encontrem. Escutem! É a trombeta do rei Franco. Está na hora de subirmos, todos nós.

Logo se viram caminhando (e atrás deles uma enorme e brilhante procissão), subindo rumo a montanhas mais altas do que jamais se poderia imaginar neste mundo, mesmo que existissem e pudessem ser vistas aqui. Naquelas montanhas, porém, não havia neve: só florestas, doces pomares, cachoeiras reluzentes, uma acima da outra, subindo para sempre. E à medida que subiam, a terra por onde passavam ia se tornando cada vez mais estreita, com um vale profundo de cada lado. E, do outro lado do vale, a terra que era a verdadeira Inglaterra ia ficando mais e mais perto.

A luz adiante foi ficando cada vez mais forte, e Lúcia notou que uma infinidade de penhascos multicoloridos erguia-se à frente deles, como uma escadaria gigante. Mas então ela esqueceu de tudo o mais, pois Aslam estava chegando, descendo, saltando de um rochedo para outro como uma cascata viva de beleza e poder.

E a primeira pessoa que Aslam chamou para perto de si foi o jumento Confuso. Nunca um jumento pareceu tão bobo e sem jeito quanto Confuso ao se dirigir ao encontro de Aslam. Ao lado deste, ele mais parecia um gatinho perto de um cão São Bernardo. O Leão abaixou a cabeça e sussurrou para o jumento algo que fez murcharem suas compridas orelhas. Mas, logo em seguida, Aslam lhe disse algo que fez suas orelhas se empinarem de novo. Os humanos não conseguiam escutar coisa alguma. Então Aslam voltou-se para eles, dizendo:

– Vocês ainda não parecem tão felizes como eu gostaria.

– É que estamos com medo de ser mandados embora, Aslam! Já fomos mandados de volta ao nosso próprio mundo muitas vezes.

– Não precisam ter medo – disse o Leão. – Vocês ainda não perceberam?

Sentiram o coração pulsar forte e uma leve esperança foi crescendo dentro deles.

– Aconteceu mesmo um acidente com o trem –explicou Aslam. – Seu pai, sua mãe e todos vocês estão mortos, como se costuma dizer nas Terras

Sombrias. Acabaram-se as aulas: chegaram as férias! Acabou-se o sonho: rompeu a manhã!

E, à medida que Ele falava, já não lhes parecia mais um leão. E as coisas que começaram a acontecer a partir daquele momento eram tão lindas e grandiosas que não consigo descrevê-las. Para nós, este é o fim de todas as histórias, e podemos dizer, com absoluta certeza, que todos viveram felizes para sempre. Para eles, porém, este foi apenas o começo da verdadeira história. Toda a vida deles neste mundo e todas as suas aventuras em Nárnia haviam sido apenas a capa e a primeira página do livro. Agora, finalmente, estavam começando o Capítulo Um da Grande História que ninguém na terra jamais leu: a história que continua eternamente e na qual cada capítulo é muito melhor do que o anterior.

Fim